PORTUGAL

ANTIGO E MODERNO

VOLUME NONO

PORTUGAL
ANTIGO E MODERNO

DICCIONARIO

**Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico
Archeologico,
Historico, Biographico e Etymologico**

DE TODAS AS CIDADES, VILLAS E FREGUEZIAS DE PORTUGAL

DE GRANDE NUMERO DE ALDEIAS

**Se estas são notaveis, por serem patria de homens celebres,
por batalhas ou outros factos importantes que n'ellas tiveram logar,
por serem solares de familias nobres,
ou por monumentos de qualquer natureza, alli existentes**

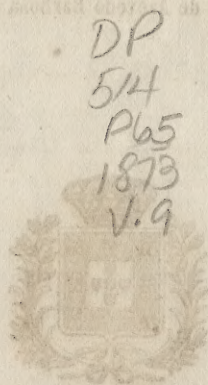
NOTICIA DE MUITAS CIDADES E OUTRAS POVOAÇÕES DA LUSITANIA

DE QUE APENAS RESTAM VESTIGIOS OU SÓMENTE A TRADIÇÃO

POR

Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho Leal

LISBOA
LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & COMPANHIA
67 — Praça de D. Pedro — 67
1880

A propriedade d'este DICCIONARIO pertence a Henrique d'Araujo Godinho Tavares, subdito brazileiro.

LISBOA
TYPOGRAPHIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & C.ª
67—Praça de D. Pedro—67
1880

AOS SENHORES ASSIGNANTES

Nos primeiros tres annos da publicação d'esta obra, sahiu ella com a maxima regularidade, recebendo os srs. assignantes um fasciculo impreterivelmente cada semana: desde junho de 1876, porém, uma doença tenaz, causada pelo excesso do trabalho, me tem affligido até hoje, obrigando-me a estar metade do tempo incapaz de poder trabalhar no *Diccionario*.

Debalde tenho procurado subtrahir-me aos padecimentos, sahindo de Lisboa, já para Peniche, já para Setubal, já para S. José de Riba-Mar, e agora para Lordello do Ouro; para toda a parte a doença me acompanha com a mais implacavel tenacidade, e se não fosse a generosidade do meu verdadeiro amigo e editor, o Ex.^mo^ Sr. João Baptista de Mattos Moreira, já ha muito teria morrido ao abandono em um hospital, que é a sorte de quasi todos os escriptores portuguezes que se dedicam a uma obra de interesse publico.

Eis a razão porque esta obra tem tido tantas interrupções, e porque, ha mais de um anno, não está concluida, dando causa ás queixas dos srs. assignantes e a gravissimos prejuizos da empreza.

Só quem se abalança a uma obra d'este folego póde avaliar as difficuldades, decepções e contrariedades, que ha a vencer, e só uma grande força de vontade póde dar coragem para taes emprehendimentos.

É tambem indispensavel uma grande abnegação para sacrificar os seus muitos ou poucos haveres ás despezas necessarias para obter informações, para andar de terra em terra, em procura de esclarecimentos, e para a impressão de grande numero de circulares, pedindo-os a quem julgamos que os póde dar.

Esta ultima despeza, porém (a das circulares), foi-me quasi inutil, porque **nem um só** administrador de concelho se dignou responder-me: das camaras municipaes, a actual de Villa Pouca de Aguiar teve o bom senso de me mandar valiosos apontamentos da sua terra; e a de Espozende algumas indicações. Dos reverendos parochos, só uns vinte e tantos satisfizeram ao

meu pedido, distinguindo-se entre todos o Sr. Dr. Pedro Augusto Ferreira, abbade de Miragaia, Porto — e os Rev.mos José dos Santos Moura, abbade de Caires, no concelho de Amares, — Manuel José Martins Capella, abbade da Carvalheira, concelho de Terras de Bouro — e Manuel Henriques da Silva Machado, abbade de Bornes, no concelho de Villa Pouca de Aguiar.[1]

Ainda em 1865 possuia a propriedade de uma mina de carvão fossil, com treze kilometros de comprido, no concelho de Castello de Paiva, que fui vendendo em secções por menos da quarta parte do seu valor (4:000$000 réis) para occorrer ás despezas que ficam referidas, sendo os ditos quatro contos de réis dispendidos até 1873.

Além de tudo isto, muitas vezes me tem acontecido estar a trabalhar seis horas por dia em uma posição constrangida (por causa das dôres) e só quando de todo em todo me é impossivel trabalhar é que deixo de o fazer.

Depois de tudo quanto fica dito, principiou em outubro de 1879 a imprimir-se na typographia do conhecido Baptista Tavares um diccionario, que é a copia quasi textual do meu (até no titulo!)[2] Tiveram, porém, os *escriptores* da nova obra o cuidado de não copiar da minha tudo que esta tem de religioso, substituindo-o por idéas de irreligião e descrença: e nem sequer souberam emendar os erros que escaparam no meu diccionario.

Dizem elles no seu prologo que gastaram tres annos em obter informações, quando o unico trabalho que tiveram foi copiar do *Portugal Antigo e Moderno*, que me tem custado quarenta annos de assiduos trabalhos e investigações. Assim qualquer pessoa póde fazer diccionarios historicos!

Por motivos ponderosissimos vejo-me obrigado a mudar de systema n'este 9.º volume. Até agora, quando obtinha noticias com respeito a povoações já descriptas, ou quando n'essas povoações occorria algum facto posterior digno de nota, servia-me do nome do orago para publicar essas noticias. Agora cessaram essas repetições, que irão todas por appendice no fim da obra, para não privar os srs. assignantes do seu conhecimento.

Peço desculpa aos illustrados cavalheiros que teem tido a bondade de me mandar valiosos apontamentos para localidades já descriptas, por as não inserir n'este volume, reservando-os para serem publicados no appendice.

[1] Devo aqui consignar um facto digno de nota. Depois de esperar mais de um anno pela resposta da circular que dirigi ao sr. prior de Villa Ruiva, no concelho de Cuba, pedi a um amigo meu e d'elle que lh'a fosse pedir: respondeu-lhe «que não estava para trabalhar de graça, e ainda por cima pagar as estampilhas do correio».

[2] Disse me o mesmo *Tavares* que um dos *auctores* estava preso no Limoeiro: se é verdade, não foi decerto por jejuar á sexta-feira.

PORTUGAL ANTIGO E MODERNO

S

SÃO BARNABÉ — Esta freguezia, vulgarmente chamada Cumeada, já fica descripta no 1.º vol. pag. 335, col. 1.ª Por decreto de 23 de maio de 1879, foi annexada a esta freguezia a de Santa Clara a Nova.

S. BARTHOLOMEU DOS GALLEGOS — Vide *Bartholomeu dos Gallegos* (S.)

S. BARTHOLOMEU — Vide *Beato Antonio* e *Xabregas.*

S. BARTHOLOMEU DA CHARNECA — Vide *Charneca.*

S. BARTHOLOMEU DE MESSINES — Vide *Messines.*

S. BARTHOLÓMEU DO MAR — Vide *Mar.*

S. BARTHOLOMEU DA SERRA — Vide *Bartholomeu da Serra* (S.)

S. BARTHOLOMEU — Vide *Bartholomeu* (S.)

S. BENTO — Vide *Bento* (S.)

S. BENTO — Vide *Ameixial, Cortiço, Varzea e Crujães,* e *Zambujal.*

S. BENTO DA CONTENDA — Vide *Bento da Contenda* (S.)

S. BENTO DO MATTO — Vide *Matto.*

S. BRAZ — Para todas as freguezias deste nome vide *Braz* (S.) — Vide tambem *Alportel* e *Regedoura.*

S. BRISSOS — Vide *Brissos* (S.)

S. CHRISTOVÃO — Para todas as freguezias d'esta denominação vide *Christovão* (S.) Vide tambem *Nogueira.*

S. CLAUDIO — Vide *Claudio* (S.)

S. CLEMENTE — Vide *Basto.*

S. COSMADO — Vide *Aldeias e Alrote,* e *Cosmado* (S.)

S. CYPRIANO — Vide *Cypriano* (S.)

Vide tambem *Portella,* do concelho de Vizeu.

S. CYPRIANO DE PARADA DO MONTE — Antiga freguezia, Douro, no extincto concelho de Fermedo, e que deixou de existir ha muitos annos. Ainda se conserva a capella-mór, reduzida a ermida e com a mesma invocação, fazendo-se ainda ao santo uma boa festa no ultimo domingo de setembro.

Ainda existem vestigios dos alicerces da antiga egreja.

Vide 4.º vol. pag. 252, col. 1.ª e 5.º vol. pag. 560, col. 2.ª

S. DOMINGOS — Vide *Domingos* (S.)

S. FACUNDO — Vide *Facundo* (S.)

S. FACUNDO DOS BAIRROS — Vide o 2.º *Bairros.* Esta freguezia está hoje annexa á de Vinhaes.

S. FELIX — Vide *Felix* (S.)

S. FINS — Vide *Fins* (S.) Vide 3.º vol pag. 198, col. 1.ª

Dá-se a esta freguezia o nome vulgar de *S. Fins das Friestas* (ou *Frestas*). O *Portugal Sacro e Profano* a denomina *Mosteiro de S. Fins.*

Para todas as mais freguezias d'esta denominação vide *Fins* (S.)

S. FRANCISCO DA SERRA — Vide *Francisco* (S.)

S. GEMIL ou SANJOMIL — Vide *Francemil.*

S. GENS — Vide *Gens* (S.)

S. GERALDO — Vide *Geraldo* (S.)

S. GIÃO — Vide *Gião* (S.)

S. GIL DE PERRE — Vide *Perre.*

S. GONÇALO — Vide *Gonçalo* (S.)

S. GREGORIO — freguezia, Alemtejo, concelho de Arraiolos, comarca de Montemor o Novo, arcebispado e districto administrativo d'Evora.— Vide *Gregorio* (S.)

S. JOANNES — Vide *Provezende.*

S. JOANNICO — Vide *Joannico* (S.)

S. JOANNINHO — Vide *Joanninho* (S.)

S. JOÃO — Todas as freguezias que tiverem esta denominação, e se não acharem aqui, vide *João* (S.)

S. JOÃO DA PESQUEIRA — Villa, Beira Alta, cabeça do concelho e comarca do mesmo nome, bispado e 36 kilometros de Lamego, districto administrativo de Viseu, 360 kilometros ao N. de Lisboa.

Orago S. João Baptista.

A villa tem hoje tres freguezias com 750 fogos, a saber:—S. João Baptista com 400 fogos, tinha 140 em 1768. O real padroado apresentava o abbade, que tinha 200$000 réis.

S. Pedro com 100 fogos—tinha 52 em 1768. O abbade era da mesma apresentação e tinha tambem 200$000 reis.

S. Thiago com 250 fogos—tinha 110 em 1768. O abbade era da mesma apresentação e tinha 300$000 réis.

Esta villa teve antigamente quatro freguezias, as 3 mencionadas e a de Nossa Senhora da Assumpção, cujo abbade era tambem apresentado pelo padroado real e tinha 200$000 réis. Esta freguezia foi supprimida.

O concelho comprehende 21 freguezias, que são: — Casaes, Castanheiro. Desejosa, Ervedosa, Espenhosa, Nagozéllo, Paredes, Pereiro, Pereiros, Riodades, Sarzedinho, Soutéllo, Trevões, Vallença, Valle de Figueira, Vallongo, Varzeas, Villarouca, e as tres da villa.

A sua comarca é composta de dois concelhos, o da villa com 3:200 fogos e o de Penedono com 1:700 — total 4:900.

O primeiro foral d'esta villa lhe foi dado por D. Affonso Henriques, sem data; o segundo, por D. Sancho I, em 6 de abril de 1198; o terceiro por D. Affonso III, datado da Guarda, no 1.º de setembro de 1256, confirmado por D. Fernando I, em 1376.— O rei D. Manuel lhe deu foral novo no 1.º de junho de 1510. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 16 v. col. 1.ª) [1]

Faz-se aqui uma feira no 1.º de setembro, que dura tres dias.

Esta villa, que fica a 3 kilometros da margem esquerda do Douro, está proxima do famoso sanctuario do *Salvador do Mundo*, de que já fallei.

Segundo Viterbo (*Elucidario*, tom. 2.º pag. 278, col. 2.ª) já D. Fernando, o Magno, bisavô de D. Affonso Henriques, havia dado foral a esta villa.

Diz Argote (*De antiquitatibus conventus braccaraugustani*, liv. 4.º, pag, 266) que já no tempo dos romanos existia esta povoação, e n'ella a familia patricia dos Sulpicios Rufinos, e que na capella do Salvador do Mundo se achou um cippo com esta inscripção:

L. SULP. RUFINO
VS. LIMICOS SIBIET
SUL. CIEAE. SUL. RUF.
SUL. RUFINAE ABIIS F.

(Lucio Sulpicio Rufino Limicense fez esta sepultura pára si e para os seus escravos fôrros, Cila, Rufino e Rufina, os quaes tambem concorreram para a obra.)

No 4.º vol. do *Santuario Marianno*, tit. 30, pag. 241, vem a lenda do Salvador do Mundo a que alli se dá o nome de S. Salvador da Pesqueira, e ao sitio onde está a ermida, denominam *Fragua*. Não a copio por muito extensa: remetto o leitor para a obra citada.

Ignora-se o antigo nome d'esta povoação, e apenas consta que no anno 900, achando-

[1] O padre Carvalho diz que o conde D. Henrique lhe deu foral com grandes privilegios, em 1110, mas Franklin não falla em similhante foral.

se abandonada, o rei D. Affonso III de Leão (D. Affonso Magno, de quem já fallei) a mandou povoar de christãos e lhe concedeu varios privilegios, que depois o conde D. Henrique e sua mulher D. Thereza confirmaram e augmentaram.

Teve um convento de frades terceiros franciscanos, fundado em 1571, por Belchior de Sousa, o qual para si apenas reservou o padroado da capella-mór.

Foi senhor d'esta villa Luiz Alvares de Tavora, ao qual o usurpador Philippe III fez primeiro conde da Pesqueira. Este Tavora era casado com D. Anna de Lorena, filha de D. Nuno Alvares Pereira e de D. Margarida de Lorena, duques do Cadaval.

O primeiro conde da Pesqueira era descendente de D. Ramiro II de Leão e de sua terceira mulher, a moura Zahara (que depois de baptisada se chamou Artida ou Artiga) irmã de Alboazar-Al-Bocadão, senhor mouro de Gaya. (Vide *Ancora*, rio, *Cabriz* e *Viseu.*)

Foi filho de Artida o infante D. Alboazar Ramires, casado com D. Helena Godins, paes de D. Hermigio Alboazar Ramires Noel, que casou com D. Dordia Osores, paes de D. Rauzendo Hermigues, casado com D. Urraca. Foram estes os primeiros senhores de Távora e paes do famoso D. Thedon, tronco dos Tavoras, e do qual tantas vezes se tem fallado n'esta obra, progenitores dos marquezes de Tavora.

Para o desgraçado fim da nobilissima familia dos Távoras, vide *Chão Salgado.*

(O primeiro marquez de Távora, foi o famoso D. Luiz Alvares de Távora, feito por D. Pedro II.)

—

Como já disse, fica a villa sobre a margem esquerda do Douro, sobranceira ao *ponto do Cachão.* (Vide *Pontos no Douro* e *Salvador do Mundo.*)

A sua posição é agradavel pelo seu vasto horisonte : o seu clima, ainda que frio, mesmo de verão, é muito saudavel, não havendo aqui molestias endemicas, nem consta que tenha havido epidemias.

O seu territorio é fertil em todos os generos agricolas do nosso paiz e cría bastante gado de toda a qualidade.

A villa tem bons edificios, e a egreja matriz é um bom templo.

—

Em 3 de julho de 1823, D. João VI fez primeiro visconde de S. João da Pesqueira a Luiz Maria de Sousa Vahia Rebello, que nasceu a 3 de janeiro de 1779: casou a 29 de junho de 1809 com D. Maria Emilia de Moraes Madureira Lobo, filha de Manuel de Moraes Madureira, coronel de infanteria de Chaves, e de sua prima D. Maria Joanna de Macedo Souto-Maior e Castro.

O primeiro visconde de S. João da Pesqueira, foi do conselho do rei D. João VI, commendador das ordens de Christo e da Torre Espada, condecorado com a cruz da campanha n.º 6 da guerra peninsular, com a medalha britannica e com a hespanhola de Albuera. Na guerra contra os francezes, serviu com distincção, como coronel do regimento de infanteria n.º 10, foi governador das armas das provincias da Beira, Minho e Traz-os-Montes, foi feito marechal de campo, por D. João VI, em 21 de março de 1821, e tenente general, graduado, pelo senhor D. Miguel I, em 22 de outubro de 1830.

Tendo seguido sempre a causa do senhor D. Miguel, desde 1828, em 16 de maio de 1834, sendo governador da praça de Abrantes dirigiu um officio ao ministro da guerra do senhor D. Pedro, fazendo a sua submissão, e dando ao senhor D. Miguel a denominação de *usurpador*: em 20 de maio officiou segunda vez ao mesmo ministro, dando-lhe parte de ter acclamado a senhora D. Maria II, na dita praça, n'aquelle dia. N'este officio dizia:— «Não se torna preciso que «outros corpos venham occupar Abrantes, «e se distraiam do principal fim, a *perse-«guição dos inimigos, e o seu total exterminio «e destruição.*»

Teve 9 filhos, que são (por ordem das edades:)

1.º D. Rosa Emilia, que casou com João Manuel Teixeira Pinto de Carvalho, senhor da casa da Boa-Vista, no Minho, e morreu em 1828, com 18 annos incompletos de edade, e sem geração.

2.º—Francisco, que foi alferes de infanteria, e casado com D. Maria Rosa Pinto Cardoso Sá Ferreira Pimentel, senhora dos morgados de S. Thiago de Mirandella e Santa Maria Magdalena de Thiozéllo.

3.º—D. Maria Emilia.

4.º—D. Sebastiana Emilia, casada com Antonio de Mello Vaz Sampaio, senhor da casa da Espinhosa.

5.º—Luiz, que foi alferes de infanteria.

6.º—Gonçalo.

7.º—D. Francisca Adelaide.

8.º—Antonio.

9.º—D. Izabel.

O visconde era filho de Francisco José de Sousa Rebello de Miranda, senhor dos morgados de Santo Antonio de Trevões e S. José de Soutéllo, capitão-mór de S. João da Pesqueira—e de sua primeira mulher D. Rosa Leonor d'Araujo Borges, filha de Antonio d'Araujo Borges, capitão-mór de Freixiel.

O pae do visconde casou segunda vez com D. Maria Gertrudes da Paixão, filha de Manoel Antonio da Paixão, coronel de infanteria e governador da praça de Castello Rodrigo. Teve d'estes dois matrimonios 9 filhos, sendo do primeiro:

1.º—Luiz, o que foi visconde.

2.º—Rodrigo, monge de S. Bernardo.

3.º—José Joaquim, bacharel em canones, freire d'Aviz.

4.º—Francisco, que foi tenente de infanteria do exercito portuguez, e passando-se para o francez, foi feito major por Napoleão, e o acompanhou na expedição da Russia, em 1812.

Do segundo matrimonio

5.º—D. Maria Candida, que casou com Luiz Pinto Cardoso, senhor da casa de Tões.

6.º—D. Philippe, frade cruzio.

7.º—D. Jayme, idem.

8.º—D. Emilia, recolhida no convento das Chagas, em Lamego.

9.º—Diogo.

—

S. JOÃO DA RIBEIRA—Vide as trez freguezias d'este nome, que estão a pag. 417 col. 1.ª do 3.º vol.; e a freguezia da *Ribeira* descripta no 8.º volume, pag 178, col. 1.ª

S. JOÃO DA SERRA—Vide *João da Serra* (S.)

S. JOÃO DAS LAMPAS—Vide *João das Lampas* (S.)

S. JOÃO DE FONTOURA—Vide a 2.ª *Fontoura.*

S. JOÃO DE LOURE—Vide *João de Loure* (S.)

S. JOÃO DE REI—Vide *João de Rei* (S.)

S. JOÃO DE TAROUCA—Vide *João de Tarouca* (S.)

S. JOÃO DE VEZ—Vide *João de Vez* (S.)

S. JOÃO DO CAMPO—É o nome actual da antiga freguezia de *Cióga do Campo.* (Vol. 2.º pag. 308, col. 1.ª).

Como a aldeia de S. João é a principal da freguezia, o povo d'esta requereu que ella tomasse a denominação de *Freguezia de São João do Campo*, o que lhe foi concedido, por decreto de 15 de março de 1880, publicado no *Diario do Governo*, n.º 58, do mesmo anno.

Foi no logar de S. João que existiu a primitiva matriz, cujo orago era antigamente S. João Evangelista.

S. JOMIL—Vide *Jomil (S.)*

S. JORDÃO—Vide *Jordão* (S.)

S. JORGE—Vide *Jorge* (S.)

S. JORGE—Vide *Caldas de S. Jorge, Jorge de Caldella* (S.) e *Sé.*

S. JORGE INTRAMUROS—Vide *Lisboa.*

S. JORGE EXTRAMUROS, *ou* **S. JORGE D'ARROIOS**—Vide *Jorge extramuros* (S.)—Vide tambem *Arroios, Lisboa* e *Olivaes.*

S. JULIÃO—Vide *Julião* (S.)—Vide tambem *Monte Negro.*

S. JOÃO DO PEREIRO—Vide *Cinco Villas* e a 16.ª freguezia do *Riba Côa*, a pag. 297, col. 2.ª do 8.º vol., e *Senhora do Pranto.*

O templo de S. Julião do Pereiro fica proximo do de Santa Maria do Pereiro, e ambos na freguezia de Cinco Villas (8.º vol., pag. 430, col. 1.ª).

É uma egreja antiquissima.

Em 1155, reinando em Leão D. Fernando II, e em Portugal, seu sogro, D. Affonso Henriques, um fidalgo de Salamanca, por

nome D. Soeiro, e outros cavalleiros, determinaram construir uma fortaleza na fronteira mourisca, para d'alli fazerem *entradas* nas terras dos infieis. Procuraram sitio apropriado, e apparecendo-lhe um eremitão que vivia em uma capella, junto ao rio Côa, [1] os induziu a edificar uma torre proximo á sua ermida. Começaram logo a obra, concorrendo para ella os christãos dos arredores com o seu trabalho e conducção dos precisos materiaes.

Construida a fortaleza, entraram logo os cavalleiros a fazer correrias nas terras dos arabes, saqueando-as e fazendo muitos captivos, o que atrahiu á fortaleza muitos outros cavalleiros, que, pouco tempo depois, formaram uma ordem militar, que denominaram de *S. Julião do Pereiro*, e que depois se chamou de Alcantara.

Morto D. Soeiro, lhe succedeu no governo da ordem, seu irmão D. Gomes.

Na batalha do Arganal (1176) em que D. Fernando II venceu seu sogro, D. Affonso Henriques, estes cavalleiros ajudaram muito ao rei leonez, porque n'esse tempo quasi todo o Riba-Côa pertencia ao reino de Leão, e só veiu para Portugal, em dote da rainha Santa Izabel, em 1282.

D. Fernando II, em recompensa dos serviços prestados por estes cavalleiros, na dita batalha, lhes deu os senhorios do Pereiro, Arreigada (ou Reigada), Villar-Turpim, Colmeal, Almendra, e Granja do Fonseca, além de outros muitos outros privilegios.

Esta ordem prestou grandes serviços ao christianismo, vencendo e derrotando os mouros em muitos combates e tomando-lhes as suas povoações, incluindo o castello de Almeida.

Tendo D. Affonso IX, de Leão, dado a estes cavalleiros a villa de Alcantara, para lá transferiram a séde da ordem, abandonando o Pereiro, e tomando a denominação de cavalleiros de Alcantara. Seguiam a regra de S. Bento.

S. LEONARDO — Vide *Leonardo* (*S.*)

S. LOURENÇO — Vide *Lourenço* (*S.*)

[1] Este eremitão tinha sido um valoroso soldado do conde D. Henrique.

S. LOURENÇO DOS FRANCOS — Vide 1.ª *Miragaya*, *Manporcão* e *Riba-Penhão.*

S. LOURENÇO DO BAIRRO — Vide *Bairro*, a pag. 308 do 1.º vol.

S. LOURENÇO DE RIBA-PENHÃO — Vide *Riba-Penhão.*

S. LOURENÇO DO DOURO — Vide *Lourenço do Douro* (*S.*)

S. LUIZ — Vide *Luiz* (*S.*)

S. MAMEDE — Vide *Coronado, Negrellos, Recezinhos, Riba-Tua* e *Sadão.*

S. MANÇOS — Vide *Manços* (*S.*)

S. MARCOS DA ABOBADA — Vide *Marcos da Abobada* (*S.*)

S. MARCOS DA ATABOEIRA — Vide *Marcos da Ataboeira* (*S.*)

S. MARCOS DA SERRA -- Vide *Marcos da Serra* (*S.*)

S. MARTINHO DE GALLÊGOS — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 12 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 180 fogos.—Orago S. Martinho, bispo; arcebispado e districto administrativo de Braga.

Em 1768 tinha 150 fogos.

A mitra, por concurso synodal, apresentava o reitor, que tinha 80$000 de rendimento.

É terra fertil.

S. MARTINHO DE GALLÊGOS — freguezia, Minho, comarca e concelho da Povoa de Lanhoso, 12 kilometros ao O. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 80 fogos, em 1768 tinha 64. Orago S. Martinho, bispo, arcebispado e districto administrativo de Braga.

Esta freguezia era antigamente curada por dois vigarios, collados, que parochiavam ás semanas alternativamente, com a matriz do Salvador de Fonte Arcada. O sacro collegio patriarchal apresentava os vigarios, que tinha cada um 100$000 réis.

É terra fertil.

S. MARTINHO — Para todas as freguezias d'esta denominação, vide *Martinho* (*S.*)

Vide tambem *Amoreiras, Bóugado, Campo, Chans e Moutas*, e *Recezinhos.*

S. MATHEUS — Vide *Matheus* (*S.*) Vide tembem *Monte-Mór-Novo.*

S. MIGUEL — Vide *Couto, Machêde, Matto, Outeiro, Rio-Tôrto*, e *Villa Bôa.*

Vide tambem a nota na palavra MUÇAMEDES.

S. MIGUEL D'ACHA — Vide *Miguel d'Acha (S.)*

S. NICOLAU — Vide *Fornos e S. Nicolau.*

S. PAIO — Para todas as freguezias d'esta denominação, vide *Paio (S.)* Vide tambem *Codêsso* e *Gouvêa.*

S. PAULO DE FRADES — Vide *Paulo de Frades (S.)*

S. PEDRO — Vide *Conlellas.*

S. PEDRO — Aldeia, Beira Alta, na freguezia da Cunha Alta. (Vol. 2.º, pag. 459, col. 1.ª)

Foi n'esta aldeia o assento da primitiva egreja matriz da freguezia, e por isso ainda conserva o nome do seu padroeiro, que foi sempre S. Pedro Apostolo.

É sitio espaçoso e agradavel, entre vinhas e pomares, passando-lhe perto a antiga estrada real que vae para Tavares, Almeida e outras povoações.

Junto ao logar está a capella de Nossa Senhora da Saude, cuja origem é a seguinte:

Pelos annos de 1670, veiu para o logar de Almeidinha, freguezia de S. Julião de Mangoalde, uma senhora algarvia, por nome D. Marianna: trazia uma imagem da Santissima Virgem, com a qual tinha grande devoção, e por sua morte a deixou a seu primo, o morgado Manoel Ozorio do Amaral, que, ajudado pelo povo da freguezia, construiu logo uma ermida para a referida imagem, que principiou a ser objecto de grande devoção para os povos d'estes sitios.

Tambem no logar da Cunha Alta, está a capella de Nossa Senhora da Assumpção, fundada pelo padre frei Jeronymo do Deserto, que foi o ultimo abbade perpetuo do mosteiro de Maceiradão.

S. PEDRO DA CADEIRA — Freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Torres Vedras, 45 kilometros ao O. N. O. de Lisboa, 750 fogos. Em 1768 tinha 330. Orago S. Pedro, apostolo. Patriarchado e districto de Lisboa.

Os beneficiados de S. Miguel, de Torres Vedras, apresentavam o cura, que tinha réis 120$000.

É terra fertil.

S. PEDRO — Vide *Agostem, Cóva, France, Pomares,* e *Rio Sêcco.*

S. PEDRO DE SOLLIS — Freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Almodovar, 120 kilometros ao O. de Evora, 180 ao S. E. de Lisboa, 240 fogos. Em 1768 tinha 183. Orago S. Pedro, Apostolo. Bispado e districto de Beja. (Em 25 de maio de 1877 passou para o concelho de Mertola.)

A mitra apresentava o cura, que tinha 50 alqueires de trigo e o pé d'altar.

S. PEDRO DAS AGUIAS — Vide *Aguias*, no 1.º vol., pag. 40, col. 2.ª

Vide tambem *Cabriz, Paradella, Salzêdas,* e *Távora.*

S. PEDRO DA CÓVA — Vide *Cóva (S. Pedro da).*

S. PEDRO DA TORRE — Freguezia, Minho, comarca, concelho e 4 kilometros ao O. da praça de Vallença do Minho, 55 ao N. O. de Braga, 388 ao N. de Lisboa, 310 fogos. Em 1768 tinha 215. Orago S. Pedro, apostolo. Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Os marquezes de Villa Real, apresentavam o abbade, que tinha 200$000 mil réis e o pé d'altar.

Sendo o marquez de Villa Real, seu filho (duque de Caminha) o conde d'Armamar e D. Agostinho Manoel de Vasconcellos, degolados na praça do Rocio de Lisboa, no dia 29 de agosto de 1641, por traidores á patria, passaram os seus bens a formar a casa do infantado, que desde então ficou apresentando esta egreja.

Ha mais de 200 annos que a esta freguezia está annexa a de Santa Eulalia de Cihamusinhos.

Tinha um beneficio simples, dado pelo papa e pelo arcebispo de Braga, alternativamente.

O logar da Torre, foi villa, com termo proprio, e é povoação muito antiga, pois em 1125, a rainha D. Thereza e seu filho D. Affonso Henriques, a deram (com o titulo de villa) a D. Affonso, bispo de Tuy, com todos os direitos reaes.

A freguezia é formosamente situada, em terreno quasi plano, sobre a margem es-

querda do rio Minho, que a rega e fertilisa, fornecendo-a de muito e optimo peixe, do rio e do mar, sendo o mais estimado, o salmão, a lampreia, o savel, o sôlho, e a truta marisca.

Durante a guerra dos 27 annos, D. Vicente Gonzaga, vice-rei da Galliza, se apossou traiçoeiramente d'estes sitios, e para os conservar, mandou fazer sobre a margem do Minho um forte de terra e *seixos rolados*, que denominou *de S. Luiz*. Nós tambem fizemos dous fortes, no sitio da Gandara, um denominado *de Belem*, outro *de S. Francisco*.

Com a paz feita com Castella, em 13 de fevereiro de 1668, todos estes fortes foram arrazados, e d'elles apenas restam vestigios, e uma propriedade contigua aos dous ultimos, chamada *Quinta do Forte*.

Estes sitios foram em tempos remotos muito mais povoados do que actualmente, e ainda se veem claros indicios de uma grande povoação pelo meio da qual passava a estrada real de Vallença para Villa Nova da Cerveira e Caminha. Era aqui o assento primitivo da villa da Torre, que tinha uns 1:400 metros de comprido. Ainda se distinguem as ruas e travessas que a formavam.

Tambem na margem do Minho, no sitio do Juncal, tem apparecido varios objectos de barro, alicerces de edificios, e madeiras carbonisadas, o que leva a acreditar que a povoação que aqui existiu foi incendiada e arrazada, em resultado das continuas guerras da edade media.

Segundo a tradição, em uns pantanos a E. do referido forte de S. Luiz, houve uma grande batalha, dada pelos portuguezes contra o tal D. Vicente Gonzaga, na qual os gallegos foram derrotados, sendo tanto o sangue que tingiu as aguas de um regato, confluente do ribeiro da Veiga de Mira, que lhe deu o nome de *Rio-Tinto*, que ainda conserva. Na boca d'este regato é onde estava a barca de passagem, na qual fugiu para a Galliza, o Gonzaga, com os poucos dos seus que sobreviveram.

—

Esta freguezia é fertilissima em todos os generos agricolas do nosso paiz, e muito saudavel. Alem do rio Minho, que a banha e rega pelo N., é atravessada pelos ribeiros da Ponte e Veiga de Mira, confluentes do Minho, que a regam e fertilisam.

Ha n'esta freguezia duas nascentes de aguas mineraes; uma d'ellas é sulphurea fria e se applica com bom resultado para a cura de molestias cutaneas: a outra, que nasce proxima áquella, diz-se que é muito digestiva. Nunca foram chimicamente analysadas e estão desprezadas pela camara e pelo povo da freguezia.

São dous charcos immundos, cheios de limos e rans, de maneira que se não póde fazer uso d'estas aguas, sem limpar os charcos, e que podiam, se fossem bem tratadas, dar um bom rendimento á camara e muito interesse á freguezia.

—

No dia 13 de outubro de 1874, pelas 7 horas da manhan, pairou sobre esta freguezia uma forte trovoada. Um raio foi cair no monte contiguo á povoação, outro veio sobre a torre da egreja, deitando por terra a grimpa, quebrando esta, que era de ferro, de 25 centimetros quadrados, e arrojando ao adro duas pyramides e parte das pedras do zimborio. Como encontrasse resistencia, dividiu-se em duas centelhas, das quaes, uma entrou pela porta travessa da egreja, na occasião em que estavam celebrando missa os reverendos Domingos Affonso Pereira e José Martins; deixou vestigios em muitas partes das paredes, quebrou alguns vidros das frestas, mas não fez mais estragos; a outra passou ao adro, furou a parede, deixando um buraco de quatro centimetros de diametro e atravessando a rua introduziu-se n'umá casa proxima, em distancia de cinco metros, e foi matar um boi de José Ferradeira, sem fazer mal ao outro e a um porco que estavam juntos. Cahiram mais dous raios, mas não causaram estragos. Os prejuizos foram calculados em 300$000 réis.

Um dos raios, como já disse, matou um boi de José Ferradeira, mas ha na freguezia uma associação de lavradores, que por escriptura publica se obrigaram a que, quando morra alguma rez dos associados, ser paga

por todos; pelo que o Ferradeira só perdeu a sua parte.

—

É a freguezia atravessada pela estrada real de 1.ª classe que de Lisboa vae ao Porto, Vianna, Caminha, Villa Nova da Cerveira, Vallença, Monção e Melgaço; e pelo caminho de ferro do Minho, sendo aqui a ante-penultima estação. (A penultima é em Segadães, e a ultima em Vallença.)

A ponte denominada *do Forte*, assim como a casa da estação, n'esta freguezia, são elegantes e solidamente construidas.

No dia 27 de julho de 1877, quando se andava trabalhando nos fundamentos da ponte da Veiga da Mira, n'esta freguezia, succedeu um facto que tem dado muito que fallar aos seus habitantes, por o não saberem explicar.

Depois de profundarem 17 metros, appareceu terra firme secca, porém pouco depois começou a nascer agua que, chegando casualmente a uma luz, incendiou-se. Isto causou grande admiração e chegando-se-lhe fosforos accesos repetia-se a mesma chamma.

Este phenomeno tem uma explicação muito natural. Ha n'aquelle logar enormes depositos pantanosos, constituidos por lodo e detrictos vegetaes de toda a especie, e nas condições em que, com o largo decurso dos annos, se forma o minerio combustivel denominado *turfa*. Ora n'estes depositos, e em virtude da decomposição vegetal, desenvolvem-se grandes quantidades de gaz hydrogenio carbonado, que é um gaz inflammavel, e outros productos da mesma natureza. Logo que se abriu a communicação com esses depositos, os gazes, affluindo em grande quantidade aos orificios, incendiar-se-hiam ao contacto de qualquer chamma, cessando porém o phenomeno, immediatamente que tivessem sahido as porções de gaz accumuladas.

—

No dia 22 de septembro de 1878 se ouviu pela primeira vez o silvo de uma locomotiva do caminho de ferro, n'aquella freguezia. Foi a machina *Neiva* que tinha sahido de Caminha ás 11 horas e um quarto da manhan, seguida de muitos vagons de serviço, todos embandeirados, e nos quaes vinham o sr. João Diogo de Barros, distincto chefe da 6.ª secção dos trabalhos do caminho de ferro do Minho, e muitas damas e cavalheiros das principaes familias de Vianna, Caminha e Villa Nova da Cerveira.

Á chegada do comboio á freguezia, subiram ao ar muitas girandolas de foguetes, e houve grande regosijo e muitos vivas, dados por grande multidão de povo. A musica de caçadores 7, tambem fez ouvir na estação varias peças do seu reportorio.

A inauguração definitiva d'este caminho de ferro, desde Caminha até S. Pedro da Torre, teve logar no dia 15 de janeiro de 1879.

—

No dia 8 de maio de 1879, falleceu, com 80 annos menos 9 dias, o padre José Rodrigues Martins, irmão de frei João de Santa Rosa Martins, [1] dous sacerdotes exemplarissimos, naturaes d'esta freguezia, e tios maternos do sr. dr. José Gomes Martins, conego da Sé de Braga, do qual adiante trato.

—

Foi muitos annos abbade d'esta freguezia, D. Bartholomeu de Nossa Senhora Menezes, conego regrante de Santo Agostinho (crusio) natural de S. Vicente de Louredo, na comarca e concelho d'Arouca, e da distincta familia dos Alves da Silva Menezes, da antiga casa de S. Vicente, da mesma freguezia. D. Bartholomeu foi o antecessor do actual reverendo abbade, e foi um clerigo exemplar e um verdadeiro portuguez.

—

O sr. José Gomes Martins, um dos presbyteros mais respeitaveis d'este seculo, não só pelos seus vastos conhecimentos em theologia, mas, e principalmente pela sua rara modestia e exemplarissimo comportamento, sobrinho de outros dous clerigos tambem muito virtuosos, dos quaes já fallei, é tambem natural d'esta freguezia. É filho legiti-

[1] Foi frade benedictino e professou no convento de Tibães. Era prior de Santo Thyrso, quando as ordens religiosas foram supprimidas em 1834.

mo de Manoel Affonso Gomes e D. Rosa Martins, os proprietarios mais ricos de S. Pedro da Torre, ambos fallecidos no mesmo dia, no segundo quartel d'este seculo.

Matriculou-se em theologia, na Universidade de Coimbra, no anno lectivo de 1851 a 1852 e concluiu a formatura no de 1856 a 1857, sendo-lhe conferido em todos os annos o primeiro premio, constando aliás o seu curso de estudantes distinctissimos, entre os quaes se contam os seguintes senhores:—D. Antonio Ayres de Gouvêa, hoje par do reino e bispo eleito do Algarve — D. José da Conceição Miranda, que tinha sido conego regrante de Santo Agostinho, e, depois de formado, foi conego e professor no seminario de Evora; Pedro Augusto Ferreira, abbade de Miragaia, ao qual tanto deve esta obra;— Julio Cesar d'Almeida Rainha, da opulenta casa dos *Rainhas*, de Gouvêa, e hoje deputado ás cortes; (o sr. Rainha depois da frequencia do 6.º anno, se licenceou, passando a formar-se tambem na faculdade de direito, na qual obteve todos os annos o primeiro premio);—Aristides Pinto Ferreira Basto, que falleceu abbade da freguezia de S. Paulo, em Lisboa;—Joaquim Antonio Correia da Natividade, da Companhia de Jesus, natural d'Alcochete e residente na cidade do Porto, varão dotado de rara memoria e muito estudioso;—José de Mattos Viegas, natural de Mollelinhos, no districto de Viseu, e outros.

O sr. doutor José Gomes Martins, recebeu as primeiras ordens em Coimbra, durante a formatura, e concluiu a sua ordenação em Braga, sendo logo nomeado professor do seminario diocesano, e pouco depois, conego, deixando o professorado em 1878, depois de 21 annos de exercicio em varias cadeiras.

Já em Coimbra era cognominado o *theologo*, em razão dos seus vastos conhecimentos na materia.

Foi sempre de costumes irreprehensiveis, e tão rigoroso comsigo mesmo, que nunca entrou em theatro. Sendo convidado para hir ao 6.º anno e tomar capéllo para ficar na universidade, preferiu ficar em Braga, como simples conego e professor do seminario de S. Pedro, em uma humilde cella, na qual residiu os 21 annos do seu professorado, apezar de ser um clerigo que dispõe de grandes meios de fortuna.

Ha porém a lamentar que, apezar de tantas habilitações, ainda não publicasse nem sequer duas linhas sobre as sciencias em que é tão distincto! Todas as suas distracções se reduzem a ler as melhores obras de que póde haver noticia.

—

A egreja matriz da freguezia é um templo decente e n'elle se festejam todos os annos, por obrigação, o padroeiro e o Santissimo Sacramento, e, desde 1874, Nossa Senhora das Dores, por devoção do Reverendo Diniz Ferraz d'Araujo, actual abbade, venerando ancião, com quasi 90 annos de edade e 65 de vida parochial.

Tambem — quasi todos os annos — se festejam o Coração de Maria, Nossa Senhora da Graça, Santo Antonio, e S. Sebastião.

Não ha na freguezia ermida alguma.

O sr. padre Diniz Ferraz d'Araujo, actual abbade, é natural de Villa Nova da Cerveira, onde nasceu a 6 de dezembro de 1790, e filho legitimo de Francisco José d'Araujo Mendonça, que foi muitos annos pharmaceutico do hospital militar da praça de Valença. Recebeu *prima tonsura*, do bispo de Tuy, em maio de 1807 — ordens menores, do arcebispo de Braga, em outubro de 1811 — subdiacono, em maio de 1812, diacono em junho de 1813 — e presbytero, em março de 1814.

Sendo ainda diacono, collou-se na reitoria de S. Thiago de Pias, em fevereiro de 1814, tomando posse a 5 de maio do mesmo anno. Foi transferido para a egreja de Santa Marinha de Rouças, no concelho de Melgaço (beneficio que rendia então 800$000 réis e que era apresentado por um fidalgo de Tuy) collando se no 1.º d'abril de 1826 e tomando posse no mesmo mez.

As mudanças politicas do nosso paiz o obrigaram a abandonar a sua egreja, em 1834. Foi perseguido e esteve homisiado, só regressando a Rouças, depois da concordata com a Santa Sé, em 1844.

Para viver mais perto da sua familia, que reside em Vallença, requereu a sua transfe-

rencia para S. Pedro da Torre, para onde veio em novembro de 1868, egreja que se achava vaga, pelo fallecimento do abbade. D. Bartholomeu de Nossa Senhora Menezes, do qual já fallei.

O sr. padre Diniz é um verdadeiro homem de bem, de trato ameno e muito caritativo, tanto que nada possue além do rendimento da sua egreja. Está cégo e decrepito, mas vive resignado — mesmo apparentemente satisfeito — dizendo alegremente que, por sua morte, não haverá demandas por causa da herança.

S. PEDRO DE AUFRAGIA — Templo antiquissimo d'architectura gothica, no concelho d'Arganil. Ignora-se a data da sua fundação e o nome do fundador.

Junto da egreja se veem as ruinas de uma grande povoação, que, segundo alguns, são os restos da antiga cidade romana *Aufragia*.

Braz Garcia Mascarenhas, no seu *Viriato Tragico*, diz:

> Alli *(Arganil)* junto do Alva cristalino
> Estava Aufragia, celebre e potente;
> E perto d'ella o monte Columbino,
> Hoje Pombeiro o mostra claramente;
> Donde orando Quiteria de contino,
> El-Rei d'Aufragia, bispos e outra gente
> Induziu ao martyrio que alcançaram,
> N'aquelle santo monte que illustraram.

O padre Pedro Henriques d'Abreu, reitor de Farinha Podre, diz: — «Vendo todas estas cousas, tenho para mim, que esta villa de Pombeiro foi a cidade de *Aufragia*, por tambem combinar com o nome do valle.»

O sr. doutor Antonio Luiz de Souza Henriques Sêcco, na sua *Memoria historico-chorographica dos diversos concelhos do districto administrativo de Coimbra*, referindo-se ao que dizem Braz Garcia Mascarenhas e o padre Pedro Henriques, diz: — «O valle é chamado por corrupção, segundo suppõe o mesmo auctor, *Valle de Adafroia*. É de notar, porém, que o poeta e o antiquario não se accordam precizamente sobre o local, mas a distancia é minima.»

Ha aqui uma grande embrulhada entre os nossos escriptores, causada pela identidade dos nomes de Pombeiro do Minho e Pombeiro do Douro. Veja-se o que digo no 1.º vol. pag. 255, na palavra *Aufragia*, e no 7.º vol., pag. 146, a palavra *Pombeiro*.

S. PEDRO DE PORTO DE MÓS — Freguezia na villa de Porto de Mós. — Extremadura, comarca e concelho da mesma villa.

Bispado e districto de Leiria. (Vide *Porto de Mós).*

A egreja matriz é muito antiga, pois já existia em 1275, do que ha documentos escriptos.

Foi reedificada em 1590. É um templo muito formoso, e o principal da villa. Foi collegiada, e teve uma irmandade de clerigos pobres.

A capella-mór é de abobada de pedra lavrada, e junto á porta travessa está uma capella tambem de abobada, dedicada a S. Sebastião, cuja imagem foi mandada fazer pelo bispo D. Antonio Pinheiro.

Pertencem a esta freguezia as ermidas de *Santa Luzia*, que está na varzea, junto á villa. Foi construida pelos annos 1500 — a de *Santo Antonio*, que é mesmo na villa, e foi feita com esmolas dos fieis — a de *S. Sebastião*, no logar das Pedreiras, feita em 1602, dotada por pessoa particular, em 1604, e n'este anno se disse n'ella a primeira missa, que foi em um domingo, 25 de janeiro — a de *Santo Antonio*, no logar do Tojal de Cima, feita e dotada por um particular, em 1615, dizendo-se n'ella a primeira missa, em 1616 — *Santo Amaro*, no logar da Carrasqueira, feita pelos moradores do mesmo logar, para d'ella se administrárem os sacramentos.

S. PEDRO DA COVA — Vide *Cova* (S. Pedro da).

S. PEDRO DA PESQUEIRA — Vide *S. João da Pesqueira*.

S. PEDRO DA SILVA — Vide *Silva*.

S. PEDRO DA VEIGA — Vide *Veiga de Lila*.

S. PEDRO DO SUL — Villa, Beira Alta, cabeça do concelho do seu nome, na comarca de Vouzella.

Bispado, districto administrativo e 18 kilometros ao NO. de Viseu, 285 ao N. de Lisboa, 700 fogos.

Em 1768 tinha 344.

Orago S. Pedro, apostolo.

A meza da consciencia e ordens apresentada o vigario, collado, que tinha 200$000 réis de rendimento annual.

O concelho de S. Pedro do Sul é composto das 20 freguezias seguintes: — Baiões, Bordonhos, Candal, Carvalhaes, Covas do Rio, Covêllo de Paivô, Figueiredo do Alva, Manhouce, Moutas, Pindello, Pinho, Santa Cruz da Trapa, S. Christovam, S. Felix, S. Pedro do Sul Serrazes, Sul, Valladares, Varzea, e Villa Maior: todas do bispado de Viseu, e com 4:100 fogos.

Não tem foral velho. D. Manoel lhe deu foral, em Lisboa, a 4 de abril de 1514. *(Livro de foraes novos da Beira*, fl. 72, col. 2.ª — e gaveta 20, maço 12, n.º 38, onde está o processo para o seu foral.

Para as aguas thermaes, chamadas vulgarmente de *S. Pedro do Sul*, vide *Banho.*

A villa é de fundação antiquissima, e anterior ao dominio dos romanos.

Cahindo em poder dos árabes, era senhor d'ella, em 1040, o mouro *Alafun* (ou *Alafoin*) em premio de ter entregado o castello de Viseu a D. Affonso I de Castella *(o Magro).*

Foi de Alafun que a actual comarca de Vouzella tomou o nome de *Alafões*. Ignora-se o seu nome primitivo, e o que tinha no tempo dos romanos.

Está a villa formosamente situada na confluente dos rios Sul e Vouga, (que se juntam no meio da villa, onde tem duas boas pontes) em um valle muito aprazivel, fertilissimo e salutifero, e cercada de formosas quintas e pomares, que a tornam uma das mais bellas e importantes villas da Beira Alta.

Os seus templos estão bem ornados, tem bonitos passeios e um bom cemiterio publico.

Tem bons predios particulares, alguns notaveis pela sua antiguidade.

Ficam-lhe proximas as famosas ermidas de *Nossa Senhora da Nazareth,* construida sobre uns rochedos escalvados imminentes ao rio Vouga; e a 3 kilometros, *Nossa Senhora da Guia* (Vide *Bayões.*)

Muitos dão a esta terra o cognome de *Cintra da Beira*, e o seu clima e a sua posição topographica justificam a cognominação.

Os povos d'estes sitios são em geral robustos, sòbrios, pacificos e amigos das artes.

Os romanos tinham as mulheres d'estes sitios pelas mais bellas da provincia, e ainda hoje conservam estes bons creditos.

Eu confesso que conheço mulheres d'alli, bonitas, soffriveis, e feias; e o que posso affirmar é que as vitellas de toda esta comarca, são de um gosto delicioso.

Com toda a certeza esta povoação e outras da formosa e fertilissima *Terra de Lafões,* já existiam no tempo dos romanos.

N'este concelho, ha minas de ferro, enxofre e estanho.

Em 28 de outubro de 1872, foi feito visconde de S. Pedro do Sul, o sr. Francisco de Mello Sousa da Cunha Abreu.

A villa tem Misericordia e Hospital.

A camara d'este concelho administra tambem o hospital das Caldas, ao qual o caridoso barão do Castello de Paiva doou em 1877 uma inscripção do valor nominal de um conto de réis, e com o numero 18:046.

Tenho ouvido por muitas vezes confundir *Sul* e *S. Pedro do Sul,* como se fosse uma e mesma freguezia: é engano — S. Pedro do Sul é villa e capital do concelho, cujo padroeiro — como vimos — é S. Pedro, e Sul é uma freguezia d'este concelho, cujo padroeiro é Santo Adrião.

Vide *Banho, Figueiredo das Donas, Lafões, Nespereira Alta, e Vouzella.*

S. PEDRO FINS — Freguezia, Douro, concelho da Maia, comarca, bispado e districto administrativo e 10 kilometros ao N. do Porto, 317 ao N. de Lisboa, 135 fogos.

Orago S. Pedro Fins, martyr.

Em 1768 tinha 106 fogos.

Para se distinguir das outras freguezias de egual nome, se dá a esta vulgarmente a denominação de *S. Pedro Fins da Maia.*

O nome mais antigo que se lhe conhece, é *S. Fins de Folgosa.*[1] Depois se chamou *S. Perofins.* (Ainda em 1623 tinha este nome, do que ha documentos escriptos.)

As religiosas do mosteiro de S. Bento da

[1] Folgosa é uma freguezia contigua a esta, cujo padroeiro é o Salvador. É tambem no concelho da Maia.

Ave-Maria, do Porto, apresentavam o cura que apenas tinha o pé d'altar.

É a freguezia atravessada por um ribeiro denominado *rio de Paredes*, nome que toma por passar pela aldeia de Paredes, onde serve de motor a alguns moinhos.

Tambem se chama *rio de S. Pedrofins.* Corre de N. a S., e morre no rio Leça, junto a Aguas-Santas.

Proximo da egreja matriz passa a via ferrea do Minho e Douro.

Pretendem alguns que o padroeiro d'esta freguezia é S. Pedro ad Vincula, mas é erro. S. Pedro ad Vincula é orago da freguezia de S. Pedro Fins de Tamel, na provincia do Minho, concelho de Barcellos, arcebispado e districto de Braga.

Parece que o verdadeiro nome de orago d'esta freguezia é *S. Pedro Felix.* O que é certissimo é que em um *Flos Sanctorum* antigo se vê o nome de S. Felix, que foi martyrisado em Gerona (Hespanha) no 1.º de agosto de 301. Ahi se declara que este santo é venerado em Portugal como nome de S. Perofins, ou S. Fins. O corpo d'este martyr está na egreja do mosteiro de Chellas, junto a Lisboa, onde se venera como padroeiro.

Note-se que a freguezia de S. Felix da Marinha, no concelho de Villa Nova de Gaia, em 1623 se denominava *S. Fins da Marinha.*

Tudo isto nos induz a crêr que S. Fins e S. Felix, são um e mesmo santo.

Segundo Luiz Marinho d'Azevedo *(Fundação, antiguidades e grandezas da mui insigne cidade de Lisboa* — Livro IV, capitulo IX, pag. 170) S. Perofins, ou S. Fins, é corrupção de Felix, e o verdadeiro nome d'este santo martyr, é *S. Felix Scyllitano.*

D. Luiza de Noronha, freira do mosteiro de Chellas, e grande fidalga, estando as reliquias de S. Felix e Santo Adrião, em dous cofres de madeira nos altáres lateraes, as mandou guardar em um cofre de prata.

Parece que a causa de se corromper o nome de Felix em Pedro Felix e depois em Pero (ou Pedro) Fins, é porque a sua festa coincide com a das *Cadeias de S. Pedro* (S. Pedro ad Vincula.)

Vide no artigo *Santos Portuguezes*, no fim do oitavo volume, a palavra *Felix.*

O terreno d'esta freguezia, como o de todos os arrabaldes do Porto, é feracissimo, e o seu clima temperado e saudavel.

S. PEDRO FINS DE FERREIRA — Freguezia, Douro, concelho de Paços de Ferreira, comarca de Louzada — Vide *Ferreira*, a 8.ª da 2.ª columna, da pagina 171 do 3.º volume. Alli disse que pertencia ao arcebispado de Braga, quando pertence ao bispado do Porto.

Como ha grande numero de freguezias com o nome de *S. Fins*, *S. Pedro Fins*, e *Samfins*, ha grande confusão nos diccionaristas. Recebi uma carta de um cavalheiro que não tenho a honra de conhecer, rectificando alguns erros que diz achar nas freguezias do nosso. Immediatamente escrevi a um amigo d'aquelles sitios, pedindo-lhe informações. Deu-m'as, porém, muito differentes das da primeira carta. Escrevi a outro amigo, sobre o mesmo objecto, que respondeu discordando dos outros dous!

Deixo pois tudo como está, e logo que possa jornadear, hirei a Paços de Ferreira investigar tudo, e no *Appendice* farei as devidas rectificações, se forem precisas.

As freguezias que se não acharem em *S. Fins*, devem procurar-se em *Fins (S.)* e *Sanfins.*

S. PEDRO VELHO — Freguezia de Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella (foi da mesma comarca, e do extincto concelho da Torre de Dona Chama) 80 kilometros de Miranda, 470 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1768 tinha 81.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Guide apresentava o cura, que tinha 8$000 de congrua e o pé d'altar.

Não me foi possivel obter mais informações com respeito a esta freguezia.

S. PRIZ — Vide *Priz.*

S. QUINTINO — Freguezia, Extremadura, concelho de Arruda dos Vinhos, comarca de Villa Franca de Xira. Vide *Quintino (S).*

S. ROMÃO — Para todas as freguezias d'este nome, vide *Romão (S.)* Veja-se tambem *Coronado* e *Sadão.*

S. SALVADOR DE GALLEGOS — Freguezia, Douro, comarca e concelho de Penafiel, 35 kilometros ao NE. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768 tinha 208.

Orago o Salvador, ou S. Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O papa, o bispo, e o Dom abbade do mosteiro de Paço de Souza, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento annual.

A esta freguezia está annexa a de S. Pedro da Boa Vista. Vide *Boa-Vista*, a 1.ª da columna 1.ª de pagina 404, do 1.º volume.

As mesmas producções da dita freguezia da *Boa-Vista*.

S. SALVADOR — Freguezia, Douro.—Está annexa ás da villa de Monte-Mór-o-Velho.

S. SALVADOR — Vide *Campo*.

S SEBASTIÃO DOS CARROS —Vide *Carros*

S. SEBASTIÃO DA FEIRA — Vide *Feira*.

S. SEBASTIÃO DE GAMELLAS — Freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho, bispado e 15 kilometros de Pinhel, 12 d'Almeida, 75 de Viseu, 360 ao E. de Lisboa.

Em 1768 tinha 60 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Districto da Guarda.

O reitor de S. Pedro, de Pinhel, apresentava o cura, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia foi annexada á do Santo Nome de Jesus, do Pereiro, no mesmo concelho.

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA —Vide *Pedreira*.

S. SILVESTRE — Vide *Duas Egrejas* — a 1.ª

S. SILVESTRE — Vide *Campo (S. Silvestre do)*.

S. SIMÃO — Vide *Pé da Serra*.

S. SIMÃO — Vide *Lobão*, do concelho de Tondella.

No logar de S. Simão, e junto á ermida do mesmo santo, ha um mercado, em todos os ultimos domingos de cada mez. O 1.º mercado teve logar em 29 de julho de 1837.

S. SIMÃO — Freguezia, Minho, concelho de Vieira, comarca da Povoa de Lanhoso. Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Esta freguezia está ha muitos annos annexa á de Ruivães.

S. THEOTONIO — Freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Odemira, 185 kilometros ao O. d'Evora, 180 ao S. de Lisboa, 820 fogos.

Em 1768, tinha 350.

Orago S. Theotonio.

Bispado e districto administrativo de Béja.

A mitra apresentava o cura, que tinha 240 alqueires de trigo de rendimento annual.

É terra fertil e uma das maiores freguezias da comarca.

S. THIAGO OU S. THIAGUINHO — Aldeia, Beira Alta, na freguezia de Penajoia. (Vide esta ultima palavra).

Situada em uma elevação, e, talvez, a mais antiga povoação da freguezia.

Segundo a tradição, houve aqui, em tempos remotos, uma ermida, que foi matriz, e deu o nome ao logar, e ainda em tempos mais remotos, uma cidade, por nome *Guedeia*, no sitio agora chamado *Guediche*. O que é certo é que junto a esta aldeia e no extenso baldio proximo (chamado *Monte do Pôio*) se veem claros vestigios de antigas edificações. Tambem o baldio que limita pelo S. esta freguezia, e que mede algumas leguas quadradas, desde Lamego até aos montes que ficam ao E. d'Arouca, ao O. de Castro d'Aire, e ao S. de Rezende.

Uma grande parte d'este vasto baldio é de boa terra de aluvião, e mostra em muitos logares ter sido cultivado em tempos antigos: hoje, nem sequer produzem arvores silvestres, mas apenas carqueija e urze.

O cabido e outras corporações de Lamego, teem prazos n'este terreno, e a cada passo se encontram ainda paredes divisorias e ruinas de casas.

Tudo isto apenas serve para pastagem de gado, principalmente caprino e lanigero, e para combustivel.

S. THIAGO — Freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Céa, 75 kilometros a E. de Coimbra, 285 ao ENE. de Lisboa, 265 fogos.

Em 1768 tinha 212.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado de Coimbra.

Districto administrativo e 50 kilometros da Guarda.

O reitor de Cêa apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Para a distinguir das outras freguezias da mesma denominação, é conhecida por *freguezia de S. Thiago* a *Par de Cêa.*

É uma bonita aldeia, separada da villa de Cêa por uma bella planicie de 2$500 metros de comprido, e nas faldas da Serra da Estrella.

Dá-se a esta planicie o nome de *Jagunda*, e é cortada por varios ribeiros que descem da serra, e reunidos aqui proximo, formam o *rio de Cêa*, que sae d'este valle por baixo de uma elegante ponte de tres arcos (que dá passagem á nova estrada) e desagúa no Mondego, entre as villas de Oliveira do Conde e Ervedal.

No centro da aldeia de S. Thiago, está a egreja matriz, e logo mais acima a ermida de Santo Amaro, no cume de um outeiro pyramidal, que se eleva no centro da povoação, a qual domina completamente, bem como as restantes d'esta freguezia, que são — Maceira, Folgosa (ou Felgosa) do Salvador, e Folgosa da Magdalena.

Do pequeno terreiro que está em frente da ermida, se gosa um vasto e bello panorama, tendo em frente a serra, toda cultivada d'este lado e semeada de povoações, entre estas, as villas de S. Romão, Cêa, e Santa Marinha, que lhe ficam na baze. Pela rectaguarda de S. Thiago, se vê uma extensa planicie, coberta de vasto olivêdo e algumas vinhas, e matisada de varias povoações, d'esta e d'outras freguezias.

Na aldeia de S. Thiago, ha dous edificios dignos de menção — um ao cimo, de construcção elevada e com uma grande fileira de janellas de sacada, tendo no meio as armas dos Amaraes, que foram os seus antigos possuidores,—familia hoje extincta,—e uma capella unida ás casas: em frente tem um bom terreiro, assombrado por frondosos carvalhos. Este bello edificio foi incendiado pelos francezes, em 1810, e só parte d'elle foi reedificado.

Ao fundo da aldeia, está outro edificio de boa architectura, tambem com sua capella, com o brazão de armas dos Ferrões de Castello Branco, que usou sempre a familia a que pertence, e que é de fidalgos da antiga linhagem, sendo uns cavalleiros de Malta, e outros commendadores de varias ordens.

Foi senhor d'esta casa, Antonio Ferreira Ferrão de Castello Branco, fidalgo da casa real, com exercicio no paço; o qual foi casado em primeiras nupcias, com sua prima D. Maria Augusta de Mello e Póvoas, irman do general realista, Alvaro Xavier da Fonseca Coutinho e Povoas, senhor das casas da Guarda e Vella; e em segundas nupcias, com D. Joanna Rita Barba de Lencastre, filha de Rodrigo Barba Alardo, guarda-mór dos pinhaes de Leiria, senhora de varios mórgados na Beira Baixa, em Santarem, Braga, e Ilha da Madeira. D'este segundo matrimonio nasceu o sr. João Antonio Ferrão Castello Branco, que vive em Lisboa.

S. THIAGO D'ARMAMAR — Freguezia, Beira Alta, comarca e concelho d'Armamar, 12 kilometros de Lamego, 360 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1768 tinha 48.

Bispado de Lamego.

Districto administrativo de Viseu.

Orago S. Thiago, apostolo.

O reitor de Armamar, apresentava o cura, que tinha 30$000 réis de congrua e o pé d'altar

O reitor d'Armamar, apresentava seis curas nas egrejas filiaes, todos pagos pela commenda—era este de S. Thiago, o da Aricera, de Coura, da Fulgosa, de Tões, e de Villa Secca. Tambem apresentava os capellães para quatro ermidas da freguezia, nos logares de Aldeia, S. Joaninho, Travanca, e Vacalar. Os moradores d'estas aldeias davam ao seu capellão 60 alqueires de pão, pelas missas dos domingos e dias santos.

Nasceu n'esta freguezia o sr. dr. Manoel Xavier Pinto Homem. Vide no artigo *Santarem,* vol. 8.º pag. 583, col. 1.ª

É tambem patria do sr. dr. Joaquim Cardoso d'Araujo, lente jubilado da Universidade, e hoje residente em Oliveira do Bairro —e de seu irmão, o padre José Cardoso de Araujo, que foi reitor d'esta freguezia e depois d'Armamar, onde falleceu em 1870. Foi arcipreste do districto, examinador synodal, professor particular de grammatica latina e logica. Foi um varão de costumes austeros e dos mais virtuosos do bispado, fallecendo de mais de 70 annos, com fama de santo.

É terra fertil.

S. PEDRO DE BÉSTEIROS — Vide *Bésteiros* (S. Thiago de) Vide tambem *Muna*.

S. THIAGO DA GUARDA — Freguezia, Estremadura, concelho d'Ancião, comarca do Pombal, 35 kilometros ao S. de Coimbra, 170 ao N. de Lisboa, 600 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado de Coimbra.

Districto administrativo de Leiria.

É terra fertil.

S. THIAGO DE CALDELLAS — Vide *Caldellas* (S. Thiago de).

S. THIAGO E MEÃOS — Vide *Mixto*, ou *Couto Mixto*.

Este *Couto mixto*, formava uma especie de republica, cujos habitantes conservavam o direito de serem julgados por tribunaes portuguezes ou hespanhoes, ficando por isso isentos da acção judicial do fisco.

Já disse na palavra *Mixto*, que, pelo *Tratado de limites*, entre Portugal e Hespanha, em 1864, ficou este couto mixto, pertencendo á Hespanha; mas pelo artigo 27.º do mesmo tratado, se determina que — *os que forem realmente portuguezes, conservem a sua nacionalidade, querendo.*

Os póvos de S. Thiago e de Rubias, aproveitando-se d'este artigo, declararam-se todos de nacionalidade portugueza.

S. THIAGO — Vide *Bougado, Cassurrães, Escoural, Fiães, e Litem.*

S. THIAGO DO CACEM — (ou *de Cacem*) —Villa, Extremadura, (mas ao S. do Tejo) cabeça do concelho e da comarca do seu nome. Foi do arcebispado d'Evora, d'onde dista 95 kilometros ao O., 405 ao SE. de Lisboa, 700 fogos.

Em 1768, tinha 384.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado de Béja.

Districto administrativo de Lisboa.

A mesa da consciencia e ordens, apresentava o prior, que tinha trez môios de trigo, o mesmo de cevada e 22$000 réis em dinheiro, de rendimento annual. (V. adiante).

—

O concelho de S. Thiago de Cacem, comprehende actualmente 11 freguezias, todas no bispado de Béja, menos a de Mellides que é do arcebispado d'Evora, são—Abella, Alvallade, Cercal, Mellides, Santa cruz, Santo André, S. Domingos, S. Thiago de Cacem, Serra (S. Bartholomeu), Serra (S. Francisco) e Sines, todas com 4:256 fogos.

Tinha antigamente só oito freguezias, que eram — Abella, Santa Cruz, Santo André, S. Domingos, S. Thiago do Cacem, S. Bartholomeu da Serra, S. Francisco da Serra e Sines. Depois (18 d'abril de 1871) se lhe juntou a freguezia d'Alvallade, que foi primeiro do concelho de Messejana e desde 1855 do de Aljustrel. Em dezembro de 1870 passou para este concelho a freguezia de Mellides, que d'elle tinha sahido para o da Grândola, em 24 de outubro de 1855.— E, finalmente, em 1875, se lhe reuniu a freguezia do Cercal, que era da comarca e concelho de Odemira.

—

Por decreto de 23 de dezembro de 1873, foi supprimido o julgado de S. Thiago de Cacem; mas, por decreto de 15 de dezembro de 1874, foi o concelho de S. Thiago de Cacem elevado á cathegoria de comarca; e pelo mesmo decreto foi a comarca dividida em cinco julgados — Mellides, Cercal, Sines, Alvallade, S. Domingos e S. Thiago de *Cacem.*

Cacem é palavra arabe, nome proprio de homem. Segundo Cardoso, *Cacem* significa *repartidor.* Vem do verbo *caçama*, repartir. (Vide a nota adiante).

—

Uma portaria do ministerio do reino, de 8 de novembro de 1847, recommenda ás camaras municipaes, que tenham um livro, com o titulo de ANNAES DO MUNICIPIO, no qual se consignassem, não só as tradições lo-

caes e successos notaveis, mas todos os factos importantes que fossem occorrendo no concelho.

Nem uma só camara d'este reino fez caso de semelhante recommendação, apezar de ser objecto importantissimo; apenas a de Setubal mandou d'ahi a 32 annos publicar á sua custa, uma MEMORIA SOBRE A HISTORIA E ADMINISTRAÇÃO DO MUNICIPIO DE SETUBAL, que viu a luz publica, em 1879.

—

Mas o que nenhuma camara fez, o emprehendeu e levou a effeito o benemerito e esclarecido prior d'Abella, o reverendissimo sr. Antonio de Macedo e Silva, natural da villa de S. Thiago do Cacem, que a impulsos de um louvavel patriotismo, se arrojou á improba tarefa de escrever e publicar os seus ANNAES DO MUNICIPIO DE SANT-YAGO DE CASSEM, [1] cuja primeira edição viu a luz publica em 1866, sem que a respectiva camarara concorresse directa nem indirectamente para esta publicação; apenas os srs. J. F. Arraes Falcão Beja, e A. P. Loureiro de Lacerda (dous particulares!) por um acto de generoso patriotismo, ficaram com os 300 exemplares de que constou a 1.ª edição.

Em 1869, publicou o mesmo sr. Antonio de Macedo e Silva, a 2.ª edição dos mesmos annaes, com as alterações e successos decorridos desde o anno de 1853 (em que escreveu a 1.ª edição) até áquelle anno de 1869.

É d'esta obra que me aproveitei para a construcção d'este artigo, bem como dos apontamentos que o sr. Macedo e Silva se dignou mandar-me, narrando os successos occorridos no concelho de S. Thiago de Cacem, desde a publicação da sua ultima edição, o que cordialmente lhe agradeço.

Tambem agradeço ao meu amigo e patricio, o esclarecido doutor em medicina (pela Universidade de Coimbra) Abel da Silva Ribeiro, hoje residente em Odemira, o inapreciavel obsequio de me dar a 1.ª edição dos referidos *Annaes*, que me não tinha sido possivel obter, nem á força de dinheiro, pela sua raridade, em vista da pequena tiragem, como já vimos.

Esta 1.ª edição é curiosissima, porque, além do texto, traz uma vista do castello de S. Thiago de Cacem, como elle estava no seculo XIII, o corte horisontal do mesmo, a vista do castello no estado actual, e o baixo-relevo que está na egreja matriz da villa, tudo perfeitamente desenhado pelo auctor dos *Annaes*.

—

Está a villa de S. Thiago de Cacem situada na vertente oriental de um outeiro, ramificação das serras da Grândola e S. Theotonio.

Até 1834, pertenceu á comarca de Ourique, cuja capital lhe fica a distancia de 45 kilometros.—Depois, passou a formar parte da comarca de Alcacer do Sal, até que, como já vimos, em 1874 passou a ser comarca independente, classificada na 3.ª classe, e pertencente ao districto judicial da relação de Lisboa, e á 1.ª divisão militar. Tem a praça de guerra de 2.ª classe, em Sines. Tem estação telegraphica municipal, e uma outra em Sines, onde ha tambem uma delegação de 1.ª classe, da alfandega de Lisboa.

Está a villla em 38° e 2′ de lat. N., e 18′ e 13″ de long. occid., contada pelo meridiano de Coimbra.

O rei D. Manuel lhe deu foral, em Santarem, a 20 de setembro de 1512. (*Livro de foraes novos do Alemtejo*, fl. 36 v., coll. 2).

Vejam-se certos artigos do seu foral, pas-

[1] O nome de *Yago* (como o sr. Macedo e Silva escreve) é escripto e pronunciado de diversos modos, segundo o dialecto das differentes nações do mundo. Na Biblia vemos escripto *Jacob*, que se lê *Jacó*—ao norte da Europa se escreve *Jak*—Na França *Jacques*—os turcos e os arabes dizem *Iacoub*—porem os portuguezes fizeram d'este nome nada menos de cinco nomes—*Yago, Jaco, Jacques, Iago*, e *Thiago*. Este ultimo é o mais vulgar e mais geralmente admittido.

Quanto á palavra *Cacem*, não concordo com a opinião do esclarecido auctor dos *Annaes do municipio de S. Thiago de Cacem*. Entendo que se deve escrever (e com effeito assim geralmente se escreve) *Cacem*, que, como já vimos, é nome proprio de homem: talvez que além de *repartidor*, signifique *medidor de terreno, avaliador*, ou *louvado*, a quem os nossos avós davam o nome de *homem bôo*: entretanto, a opinião do sr. Macedo e Silva lá vae no logar competente. Talvez que elle tenha mais razão do que eu.

sados por certidão, em S. Thiago de Cacem, a 20 de novembro de 1477, no maço 11 de foraes antigos, n.º 6—e a sentença do 1.º de agosto de 1500, no *Corpo chronologico*, parte 2.ª, maço 3, n.º 23.

Pertenceu esta villa á ordem militar de S. Thiago da Espada, até aos fins do seculo xv, passando então a ser propriedade particular do grão-mestre da ordem, D. Jorge de Lencastre, duque de Coimbra, filho bastardo de D. João II, tronco dos duques de Aveiro, que conservaram este senhorio e outros muitos em Setubal, Azeitão, Cezimbra e outras muitas terras, até 1759, em que o ultimo duque d'Aveiro, D. José Mascarenhas, com a vida no supplicio, perdeu todas as suas honras e haveres. (Vide *Chão Salgado*).

Pela extincção d'esta illustre familia, passaram todos os seus bens para a corôa.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 16.º

Tem por armas — escudo de prata, tendo no centro o apostolo S. Thiago, a cavallo, empunhando com a mão direita a espada, em acção de batalhar, e com a esquerda envergando um escudo em que se vê a cruz da ordem. Sobre o cavallo se vê o ceu com algumas nuvens, e no terreno aos pés do cavallo, jaz estendido um mouro.

—

Nas eleições municipaes, feitas em novembro de 1871, foram eleitos sete vereadores, em razão do augmento da população, por se terem encorporado no concelho as freguezias declaradas.

N'este mesmo anno de 1871 se deu principio á estrada de 3.ª classe, entre esta villa e S. Bartholomeu.

Em 1874 se concluiu esta estrada, entre S. Bartholomeu e a freguezia d'Abella.

Em 1878 se continuou esta estrada, de Abella ás Ermidas.

Em janeiro de 1873, se construiu, junto ao chafariz de S. Sebastião, uma praça de touros; monumento antes de selvajaria do que de illustração.

Em 1874 se ultimou a estrada de Sines á ribeira e caes. Foi feita pelo ministerio das obras publicas.

Em novembro de 1871 se collocaram os postes e arame electrico, entre Sines e Grândola, passando por S. Thiago de Cacem. Principiou o telegrapho a funccionar em fevereiro de 1872.

A villa principiou a ter illuminação publica, em dezembro de 1871.

Em setembro d'este anno de 1871, se fez a obra do chafariz de Nossa Senhora do Monte, pela repartição das obras publicas, dando a camara d'este concelho os materiaes. Concluiu-se a obra em março de 1872.

As lapides romanas que estavam em redor do largo do chafariz, foram então removidas e mutiladas. Estão agora embutidas no frontão do novo chafariz, mas privadas dos ornatos que tinham em volta das inscripções. (Foi *meio vandalismo*)

A estrada para Sines foi aberta á circulação em 1870.

Em 1878 se estabeleceu em S. Thiago de Cacem, uma fabrica de sabão.

A residencia parochial da freguezia de Abella, foi mandada fazer pelo actual prior, o reverendo sr. Antonio de Macedo e Silva, em 1866, á custa das confrarias. Importou em 436$000 réis.

Em julho de 1871, fez-se o cemiterio da freguezia de S. Domingos, á custa dos freguezes e da camara.

Em setembro do mesmo anno, se fez o cemiterio da freguezia de Santo André, á custa dos parochianos.

No mesmo mez e anno, se construiu o cemiterio d'Abella, á custa da camara. Custou 282$000 réis.

Em junho de 1880, foi entregue na repartição competente, o projecto para a nova casa da camara d'esta villa, tribunal, cadeia (com systema cellular) quartel para o destacamento militar e mais repartições publicas da comarca. O projecto foi feito pelo distincto engenheiro, Jorge Arthur Schiappa Monteiro.

—

A villa está situada, como já vimos, na vertente oriental de uma collina, occupando tambem o valle contiguo. No alto d'essa collina, está a egreja matriz, e junto d'ella, as ruinas do antigo castello.

Ao E. e ao S., corre uma serra, em cujos cabeços se veem enfileirados varios moinhos de vento; e ao O., um dilatado valle, de rica e variada cultura, e que vae terminar na praia do Atlantico, que fica a 12 kilometros de distancia. Ao N. da villa, principiam os primeiros degraus dos sêrros do Martinél, ramo da extensa cordilheira do Caldeirão.

—

Este concelho era antigamente mais dilatado, pois não só comprehendia a freguezia de Santa Catharina do Valle, que foi annexada ao concelho de Messejana em 1835, mas tambem as villas de Sines e Villa Nova de Mil Fontes, e seus respectivos termos.

Principiando na ponta da terra que se dirige á Comporta e a Froia, tem hoje este concelho 60 kilometros de N. a S., e 30 de E. a O.

Tem por limites —

Ao N., os concelhos de Grandola, e Alcacer do Sal.

Ao E., o supprimido concelho de Messejana, hoje, concelho d'Aljustrel, e o tambem supprimido do Cercal, hoje reunido a este de S. Thiago de Cacem.

Ao S., o extincto concelho de Sines, hoje tambem unido a este.

Ao O., o Oceano Atlantico.

Todo o concelho é situado em terreno montanhoso, tendo por base, rochas schistosas e silicosas, á excepção das duas freguezias de Santo André e Mellides, ao O. da villa, cujos terrenos, carregados de depositos arenosos, saibro e calhaus errantes, e de antigas turfeiras, parecem pertencer á serie neptuniana das antigas alluviões.

N'estas duas freguezias, o terreno é cortado a espaços, por grandes bréjos e paúes, alimentados pelas ribeiras e arroios que os atravessam, ou pelas lagoas situadas n'essas planicies; ao passo que nas freguezias que estanceiam ao E. da villa, os sêrros são litteralmente cobertos de sobreiros, azinheiras e mattas de estevas e urzes.

O clima do concelho é, no geral, temperado. Os ventos mais constantes são dos quadrantes do N. e O.

Nas freguezias de Santo André e Mellides, o clima é menos salubre, em razão das aguas estagnadas nos varios pantanos.

A freguezia de S. Thiago de Cacem, tem uns 14 kilometros de comprido, de E. a O., e 12 de largo, N. a S.

Ao O. da villa, está o fertilissimo valle de *Escatalar*, que produz grande variedade de fructos. Só a laranja dos pomares d'este valle, regula annualmente por 1:800 a 2:000 caixas inglezas de milheiro, que quasi toda vae para a Inglaterra.

A freguezia da villa, é abundante d'aguas potaveis e de irrigação. Das primeiras, ha na villa e suas immediações, quatro chafarizes publicos, e sete fontes de excellente agua, em propriedades particulares.

O valle de Escatalar, é abundantissimo d'aguas.

Tem esta freguezia

12 moinhos de vento.
6 ditos d'agua.
4 fórnos publicos para pão.
3 fórnos de cal.
3 ditos de têlha e tijôlo.

—

A egreja matriz, tem de comprido 46^m,50 e de largo 20^m, 50. É de trez naves, assentes sobre 10 columnas octogonas, de pedra.

A figura e disposição d'estas columnas; o estylo e ornatos dos seus capiteis e dos arcos que sobre elles se firmam; as imagens e symbolos esculpidos n'estes arcos, tudo induz a crer que foi um templo do paganismo.

O *portico do sol*, uma das entradas do templo, é formado de muitos arcos concentricos, em ogiva, sustentados por columnellos de marmore, em cujos capiteis se veem esculpidas diversas figuras de animaes.

Julga-se pois que este templo é de fundação anterior ao dominio romano, talvez construcção grega ou phenicia.

Parece que este edificio não foi logo depois da conquista pelos christãos, purificado e transformado em egreja catholica, porque junto do alcaçar, ainda se veem os restos de um edificio, que parece ter sido a primitiva capella dos cavalleiros de S. Thiago.

A egreja matriz, teve a sua entrada para o interior do castello, e era cercada pela mu-

ralha, o que demonstra ter pertencido aos cavalleiros.

Não se sabe quando esta egreja foi convertida em templo christão, e apenas consta que foi reedificada em 1530, sendo mestre da ordem, Alonso Peres Pantoja, como se via de uma lapide com a inscripção em caracteres dourados, que estava na parede do côro, que cahiu pelo terramoto do 1.º de novembro de 1755.

Foi outra vez reedificada em 1704, por provisão de D. Pedro II, á custa da commenda d'esta villa, a requerimento do provedor, Gaspar Lopes Machado, sendo commendador, o marquez de Fontes.

Tornou a ser reedificada pelo prior, Bonifacio Gomes de Carvalho e pelo beneficiado José Caetano da Fonseca, principiando esta obra em 1796 e concluindo-se em 1830, gastando-se n'ella mais de 16:000$000 réis. Foi tambem á custa da commenda da villa.

Foi sagrada no 1.º de setembro de 1800, pelo bispo de Béja, D. Frei Manuel do Cenaculo Villas-Boas.

A porta principal, era antes d'esta obra, no logar onde hoje está a capella-mór. Junto a esta porta, á direita, estava a capella de Santo Estevam, que é hoje a do Santissimo. Na dita capella estavam dous tumulos, um do conde da Calhêta, e outro do conde de Castello-Melhor. Na abobada estavam as armas dos Coutinhos.

Esta capella de Santo Estevam foi feita por Martim Viegas Vinagre e sua mulher, D. Urraca Martins, cujo epitaphio ainda hoje se póde ler, junto da porta do baptisterio. Vincularam um mórgado, com a pensão de meio annal de missas cantadas na dita capella, em 1380.

Por morte dos instituidores e extincta a linha de successão, tomou a corôa posse d'esta capella, em 1430, e em 1432 a deu D. João I, a Ruy Mendes de Vasconcellos, filho do mestre de S. Thiago, que a possuiu em sua vida. Em 1473, D. Affonso V a deu a D. Tristão, e depois (1477) a Braz Dias, capellão de D. João II (ainda infante). De Braz Dias, passou a D. Pedro Coutinho e depois a seu irmão, D. João Coutinho, e por fim a possuiram varios individuos. Em 1804 se achava em poder de José Rodrigues de Andrade, medico da camara, por mercê de D. Maria I, e pagando de renda annual, réis 120$000. N'esse tempo já se não cumpria a pensão das missas. A actual administradora d'esta capella, é a sr.ª D. Anna Ignacia d'Andrade, e seu immediato successor, seu filho, o sr. Luciano Thomaz de Faria Aguiar, de Lisboa.

No pavimento da egreja estavam muitas campas, das quaes apenas hoje existem quatro — a 1.ª é a de Martim Vinagre e de sua mulher, D. Urraca, dos quaes já aqui se fez menção — a 2.ª, junto d'esta, á porta do baptisterio, com esta inscripção: —

ANTONII FREIRE OSSA NOMENQUE
SERVO; OPERA ANIMAM.

a 3.ª, á porta principal, tem a seguinte inscripção, em letra gothica: —

ESTA SEPULTURA É DE
ALVARO MENDES DE BRITO,
CAVALLEIRO DE LINHAGEM,
E PARA TODOS SEUS HERDEIROS
A QUAL MANDOU FAZER
JOANNA MENDES BRITO,
SEU FILHO, E SEU NETO
ALVARO MENDES DE BRITO
AQUI POER.

a 4.ª, á porta do sul, com esta inscripção: —

SEPULTURA DO PADRE GOMES
TALAGRO VARGO E DE SEUS
DESCENDENTES. FALLECEU
A 26 DE JUNHO DE 1652.

Todas as mais campas, mandou Braz Ferreira Duarte, juiz da ordem, fazer em pedaços, para calçar o átrio da porta do sol.

A antiga torre dos sinos, era no baluarte do castello, que foi derrubado, e que estava onde hoje se vê a janella que dá luz ao côro.

Tinha a egreja uma collegiada, com prior e seis beneficiados, todos freires da ordem de S. Thiago, com obrigação de côro e curativo.

O prior tinha antigamente o rendimento dado no principio d'este artigo, porque tinha deixado perder, pouco a pouco, muitos

fóros que recebia, e que nos ultimos tempos se reduziram a 11 alqueires de trigo. A commenda lhe pagava mais 2:000 réis, por ensinar a doutrina christan aos rapazes. Teve depois, trez môios de trigo, trez de cevada e 60$000 réis em dinheiro. Em 1831, tinha quatro môios de trigo, quatro de cevada, e 100$000 réis em dinheiro.

Os beneficios eram todos primeiramente de dous môios e meio de trigo e 10$000 réis em dinheiro; mas os dous que eram curados, tinham mais noventa alqueires de cevada, de pensão. Depois tiveram mais, réis 30$000, e ultimamente (1831) tinham quatro moios de trigo, quatro de cevada e réis 50$000, tudo pago pela commenda.

Os seis beneficiados tinham, cada um, mais 30 alqueires de trigo, do producto de duas capellas; uma, instituida por Ignez Vaz Rapoza, outra, das missas de *tercia*, nos domingos e dias santos.

Ao priorado andava junto o juizado da ordem, da comarca, que comprehendia no seu districto, alem d'este termo, as villas de Sines, Villa Nova de Mil Fontes e Côllos, em que haviam 13 capellas, curadas por 23 freires da ordem. O juiz servia de almoxarife da commenda, de cujo emprego não recebia ordenado. Pertencia-lhe julgar sobre a arrecadação dos fructos e mais dependencias da commenda.

Ha n'esta freguezia as seguintes confrarias:

1.ª *SS. Sacramento* — Tem compromisso, confirmado por provisão da mesa da consciencia, de 18 de abril de 1632. Rende de 60$000 a 80$000 réis.

—

2.ª *Santo Lenho* — A reliquia do Santo Lenho foi depositada n'esta egreja, por D. Bataça [1], da qual adiante fallaremos. Está a reliquia fechada em um relicario de prata, e em uma columna de pedra que sustenta a mesa do altar.

Esta confraria tem compromisso, confirmado por provisão de 27 d'abril de 1765. O seu rendimento, que eram fóros de trigo, pela lei de 4 de julho de 1768, foi reduzido a dinheiro, e o seu cofre recebeu 200$000 réis. Os juros d'esta quantia e as esmolas, chegam para as despezas da confraria.

A reliquia está encerrada em um sacrario, fechado com trez chaves, guardadas pelo prior, pelo juiz da confraria e pelo vereador mais velho. Costuma sahir em procissão, a requerimento dos lavradores, por occasião de preces por falta de chuva.

—

3.ª *Nossa Senhora do Rosario* — É a mais antiga confraria d'esta egreja. O seu compromisso foi confirmado por provisão da mesa da consciençia, de 7 de novembro de 1589. Tem um pequeno rendimento, procedente da doação que lhe fizeram Fernão Sardinha, fidalgo da casa real, e sua mulher Brites Vaz Rapoza, em 1580.

—

4.ª *Nossa Senhora do Carmo*—Era capella propria da ordem terceira. Tinha um commissario, por patente do ministro provincial da ordem. Os seus rendimentos são as *conhecenças* dos irmãos.

Capellas

1.ª *N. Senhora da Conceição* — Na egreja matriz. Não tem confraria, mas só um pequeno rendimento que se applica para a esmola das missas dos sabbados, que eram cantadas pela collegiada, e o resto para a festa da Senhora. Hoje é o parocho que diz estas missas. Os bens d'esta cepella foram antigamente administrados pela camara, e hoje o são pela junta de parochia.

—

2.ª *Santo Antonio* — Na Rua Direita, fundada pela familia dos Britos, como se collige de um grande carneiro, com sua campa de marmore, collocado no meio da ermida, e n'ella primorosamente lavrado o escudo das armas dos Britos e Mouras, com esta inscripção:

AQUI JAZ JOÃO DE MOURA DE BRITO, CAVALLEIRO PROFESSO NA ORDEM DE CHRISTO. FALLECEU EM 6 DE MARÇO DE 1699.

O rendimento d'esta capella, é de réis 4$000.

[1] Ou Vetaça Lascaris. Para evitarmos repetições, os que desejarem saber quem era esta dama, e porque veio ter a Portugal e quando, veja-se o que disse no 2.º vol., pag. 319, col. 1.ª

3.ª *Almas* — Na rua antigamente chamada dos Mercadores e hoje das Almas. Foi fundada em 1630, pelo padre Sebastião de Mattos, freire de S. Thiago e parocho de Santo André.

Principiou a ter confraria em 1669, e o seu compromisso foi confirmado por provisão da mesa da consciencia e ordens, de 1671.

Na capella-mór está uma campa, e da sua inscripção consta estar alli sepultado o beneficiado Manoel d'Oliveira Bello, o qual deixou a esta confraria 400$000 réis, para se empregarem em bens de raiz, com a pensão de 20 missas annuaes por sua alma. Falleceu em 1742.

Tem ainda esta ermida mais as seguintes capellas de missas:

A de *Manoel Rodrigues* — Trinta missas, impostas nos Malhadaes.

A de *Luiz d'Albuquerque*—Dez missas, impostas na sua casa da rua das Almas, em 1756.

A de *Antonia Boina*—Cinco missas, impostas em 20 alqueires de trigo, de fôro, na herdade da *Casa Alta*, freguezia do Cercal.

A de *José Gonçalves e sua mulher*—Duas missas, impostas em umas casas e forno, á Carreira.

A de *Manuel Jorge*—Seis missas, impostas em um pomar, nos Chãos, vendido o qual, se compraram 6 alqueires de trigo de fôro.

A de *Anna Vagada*—Trez missas, impostas no fôro de umas casas.

A de *Marcos dos Santos*—Trez missas, impostas em um fôro de 15 alqueires de trigo, na herdade da Botinha.

A de *Sebastião Rodrigues*—Uma missa, imposta em umas casas, na rua das Almas.

A de *Catharina Maria*—Duas missas.

A de *Sebastião Cannaes*—Trez missas, impostas em um retro, na herdade da Balsa, de S. Bartholomeu.

A de *Antonia Boina*—Oito missas, impostas em um quinhão, na herdade de Atraz da Pedra, de S. Francisco.

N'esta ermida se dizem as missas d'alva, em todos os domingos e dias sanctificados. Rende ao seu capellão 60$000 réis.

Egreja da Misericordia

Não se sabe quando foi construida esta egreja, mas, provavelmente, foi pouco depois da de Lisboa (1499), visto que a sua primeira reedificação foi em 1678, sendo provedor Christovam de Brito Varella. O terramoto do 1.º de novembro de 1755 a arruinou, sendo logo no anno seguinte reedificada quasi desde os fundamentos. N'esta reconstrucção perdeu toda a sua fórma primittiva, mudando-se-lhe a porta principal para onde até então esteve a capella-mór, e accrescentando-se-lhe mais uma sachristia e côro.

O seu hospital, que lhe fica contiguo, foi feito em 1760, e reedificado em 1844.

N'esta egreja havia as seguintes capellas:

1.ª *S. Pedro*—Pertencente ao mórgado instituido pelo padre Sebastião Feio Guerreiro. Pagava annualmente á Santa Casa 10$000 réis pelo jazigo que a familia do instituidor aqui tinha. Teve trez capellães, com a pensão de dois annuaes de missas, e que recebiam de ordenado, cada um, dois moios de trigo e 10$000 réis em dinheiro. Tinha mais este mórgado a pensão de pagar trez dotes de 10$000 réis cada um, a trez orphãs pobres, naturaes d'esta villa, os quaes eram dados em quinta feira santa.

2.ª A de *Estevam Lourenço de Avellar*— Que era de 100$000 réis de juro real, em um padrão de 188$064 réis, pelo capital de 3:761$283 réis, que o dito Avellar deu a juros ao rei D. Sebastião, para a jornada da Africa e despezas de guerra. Este padrão foi lavrado por decreto de 10 de maio de 1578. Foram assentados no almoxarifado de Béja.

O referido Avellar falleceu em 6 d'agosto de 1591 e foi sepultado n'esta egreja. Sobre a sua sepultura e de sua mulher, Maria de Mariza, e de sua irman, Mecia d'Avellar, se vê escripta em uma lapide, toda a verba do seu testamento, em que dispõe a pensão da referida capella, que é de quatro missas cantadas, nos oitavarios do Natal, Paschoa, Pentecostes e Assumpção, e 30$000 réis para trez dotes a trez orphãs pobres.

3.ª A capella do mórgado instituido por D. Anna Maria de la Corôna, viuva de Christovam de Brito Varella. Tinha de pensão um

annual de missas, com uma livre em cada semana. Recebia o capellão trez moios de trigo e 20$000 réis em dinheiro. Esta capella foi abolida em 1852.

—

Os bens do hospital estão hoje confundidos com os da Misericordia. Não se sabe de outro algum legado senão o de Diogo de Vasconcellos, que está sepultado á porta da egreja do Espirito Santo. Na sua campa se lê, que havia feito uma enfermaria no hospital, ao qual deixára toda a sua fazenda. Não diz em que anno.

Muitas fazendas se alhearam, outras se perderam por desmazello dos empregados respectivos; entre estas, a maior foi a de Manuel Corveira, contador da ordem de S. Thiago, fallecido n'esta villa, a 22 de junho de 1578. No testamento que havia feito de mão commum com sua mulher Antonia de Lemos Mascarenhas, instituiram herdeiras de suas meiações as Misericordias d'esta villa e de Coimbra. Feito inventario de suas fazendas, se achou importarem na quantia de 400$000 réis. Nunca se fizeram as partilhas.

Egual fortuna teve a Santa Casa com o que lhe deixou a mulher de Antonio de Moura Coutinho, fallecida n'esta villa, em 30 de setembro de 1606.

A maior parte das familias illustres d'esta villa, tinham sepulturas na egreja da Misericordia, as quaes ficaram confundidas com a ultima reedificação.

A receita da Misericordia é actualmente de 277$480, e a despeza anda por 259$000 réis.

Egreja do Espirito Santo

Está na praça, e junto ao hospital. É mais antiga do que a Misericordia, e foi administrada por esta, até ser cedida aos irmãos terceiros de S. Francisco, por concordata feita em 1752. Os seus rendimentos se applicavam a um bôdo que se dava aos pobres no dia de Pentecostes e primeira oitava. Hoje estão reunidos aos da Misericordia.

O tal bôdo consistia em um prato de sôpa, outro de carne e couves, outro d'arroz, um pão, um quartilho de vinho, um farte e uma laranja, a cada pessoa que se apresentasse para o receber. Para isto se faziam duas compridas mezas na praça. As panellas eram conduzidas para as mezas, ao som de tambor, pifano e foguetes. O que restava do domingo e segunda feira era repartido na terça (em procissão e tambem com tambor e foguetes) pelas pessoas pobres que não tinham assistido aos jantares dos dias antecedentes.

Em 1833 deixou de haver bôdo, até 1846. Em 1847 alguns devotos o tornaram a fazer, e ainda em 1848, 1849 e 1850, mas já não era com o enthusiasmo antigo.

Hospicio dos terceiros de S. Francisco

Está em communicação com a egreja do Espirito Santo. Teve principio em 1752. Contem celleiro, cosinha, sala, quarto de cama, quintal e cavallariça.

Ermidas fóra da villa

1.ª *S. João Baptista*—na quinta do sr. J. Paes de Mattos, com a pensão de uma missa cantada, no dia do orago, imposta no vinculo instituido pelo sargento-mór João Falcão, em 1726.

2.ª *S. Braz*—ao E. da villa.

3.ª *S. Sebastião*—idem.

Nenhuma d'estas duas ermidas tem fabrica. Festejam-se annualmente os seus oragos, nos dias proprios, á custa das esmolas dos fieis, supprindo a fabrica da egreja matriz com o que falta.

4.ª *S. Pedro*—ao O. da villa. Tem a sua pequena fabrica, que são uns fóros impostos em umas courellas proximas, hoje pertencentes ao sr. conde d'Avilez.

Mosteiro de Nossa Senhora do Lorêto

Fica ao S. da villa e proximo á aldeia dos Chãos. Era de religiosos franciscanos da provincia do Algarve. Era pequeno, e n'elle apenas se podiam accommodar até 12 religiosos.

Está em um sitio solitario mas delicioso, com boas aguas e salubre. Era cercado de

uma espessa matta de sobreiros, pertença do mosteiro, comprada pelos frades, por 300$000 réis, em 1515. Ardeu, e poucas das suas arvores hoje restam.

Foi este mosteiro construido em uma ermida de Nossa Senhora do Lorêto. Segundo a *Monarchia Lusitana* em 1505—*A Chronica Seraphica*, diz que foi em 1454.

Foram seus fundadores, frei Francisco e frei Vicente, castelhanos, religiosos claustraes da ordem seraphica. Pediram esta fundação a D. Catharina, mulher de Pedro Pantoja, alcaide mór da villa, os quaes ficaram padroeiros. A doadora foi sepultada na capella mór da egreja do mosteiro.

Foi primeiro habitado por frades observantes da provincia de Portugal, os quaes depois o cederam á provincia do Algarve, na divisão que fizeram em 1532.

Aqui floresceram em virtudes, muitos religiosos, entre elles os chronistas da ordem, o padre frei Francisco Faraó (ou Farão) que n'elle professou e viveu muitos annos, indo morrer de peste a Peniche, em 1580.

Este religioso era algarvio, e da familia Arraes. (Vide 6.º vol., pag. 652, col. 2.ª)

A egreja, de uma só nave, tinha quatro capellas lateraes, ornadas de imagens de santos, de optima esculptura, que hoje estão na egreja matriz.

Tinha este convento 14 moios de trigo, de rendimento annual, mas em 1834 estava reduzido a 5 moios.

Depois de 1834 foi a cêrca vendida e é hoje propriedade dos srs. Sallemas, da villa. A egreja e o edificio do mosteiro estão reduzidos a um montão de entulho.

—

Não ha em todo este concelho, nascente alguma de aguas medicinaes, senão duas de aguas ferreas, na serra, a 2 kilometros ao N. da villa.

Na villa ha quatro chafarizes publicos, são:

1.º *Nossa Senhora do Monte*—com duas bicas e quatro tanques. No frontespicio d'este chafariz está a imagem de Nossa Senhora em azulejo, com esta inscripção em marmore:

SISTE VIATOR: AQUAM BIBE NUNC DE MONTE CADENTEM: FONS MARIAE EST HIC MONS HIC PIETATIS ADEST: FONS EST CULPARUM TORRENTEM QUI IRRIGAT: ERGO, QUI SITIUNT, VENIANT AD PIETATIS AQUAM.

2.º *S. Sebastião*—mais a E. do antecedente e pouco abaixo da ermida do santo que lhe dá o nome.

3.º *Chafariz do Fidalgo*—(por estar proximo a uma courella que foi do sr. de Murça.) É uma nascente abundantissima, pois podem correr quatro cannos d'agua. Correm porém só dous, por descuido das camaras em mandarem limpar a mãe d'agua.

4.º *Chafariz da Asneira* (!) [1]—que antigamente se chamava *Poço do Freixo*. Era a melhor agua da villa, mas hoje está estragada por causa dos muitos álamos que estão em volta, e cujas raizes se introduzem no canno. Depois d'esta, a melhor e mais pura é a do chafariz do Fidalgo.

Nos arrabaldes da villa, ha muitas fontes de optima agua potavel, sendo a melhor a do *Vinagre*, ao S. da villa; e depois d'esta a da quinta do Rio da Figueira.

Todo o concelho é muito abundante de caça, principalmente as freguezias d'Abella, S. Domingos, e Santo André. Na praça da villa custa um coelho 60 réis, uma perdiz 70 a 80 réis, uma lebre 80 a 90 réis. No inverno vem ao mercado muita caça da lagôa, gallinholas, tarâmbolas, e pombos trocazes, que abundam nos montados.

Em todas as freguezias da serra, apparecem muitas côrças e porcos montezes *(javardos)* que são objecto de divertidas montarias.

Nos montes e bosques do concelho ha os seguintes animaes damninhos: lobos, rapozas, gatos bravos, *libernes* (não sei que bixos

[1] Tambem nos arrabaldes de Setubal, e sobre a direita do Sado, ha a *quinta da Parvoice*, do sr. José Cordeiro Feio. Queria ser visconde, mas não da *Parvoice*, e então, em 31 de julho de 1865, foi feito visconde das Fontainhas, que é um sitio no fim de Setubal, a E., e proximo da tal quinta da Parvoice. Esta quinta é pequena e o seu maior rendimento consiste na agua que vende para fornecimento dos navios que sahem de Setubal.

são estes) dóninhas, furões bravos, e teixugos.

De aves de rapina ha o milhano, o peneireiro e o côrvo.

De aves nocturnas, apparecem: o buffo (grande e pequeno), o moxo (grande e pequeno), a coruja e o noitibó.

Nas ribeiras e na lagoa ha muitas lontras.

No verão, quasi todos os dias vem peixe de Sines: de inverno tambem algum vem, mas pouco. N'esta estação fica supprindo a lagoa. Do Algarve vem pescada e ameijoa.

No verão, ha nos talhos, vacca, carneiro e chibato (cabrito), e nos mezes de dezembro, janeiro e fevereiro ha carne de porco. No dia 21 de dezembro faz-se aqui uma feira de gado suino, e n'ella quasi todas as familias da villa compram o seu porco.

O concelho é fertil em fructas, legumes e hortaliças.

—

Os montados são o principal ramo do commercio d'este concelho, que sustentam mais de 20:000 porcos. Alem d'isso, dão um grande rendimento em cortiça (uns annos pelos outros, 30:000 arrobas. A melhor dá a 1$800 réis por arroba, e a inferior a 500 réis).

Apezar de haver nos montados do concelho mais de 500:000 sobreiros, azinheiras e outras arvores silvestres, a lenha é muito cara na villa, em razão dos pessimos caminhos que ha para esses montados. As pessoas mais abastadas queimam cêpa de urze e carvão. Os pobres queimam estevas, que vão buscar á charneca, ou compram cêpa aos burriqueiros, a 160 réis cada carga.

—

Antigamente alguns proprietarios vendiam os seus sobreiros, para carvão, sem se lembrarem que esta preciosa arvore precisa de muitos annos para chegar ao estado de ser util. A camara porem obstou a este vandalismo, com a publicação de uma postura que impõe uma pesada multa ao que cortar ou arrancar sobreiros; todavia não pôde prevenir os incendios nas mattas, que se dão annualmente, causando gravissimos prejuizos, nem castigar rigorosamente os incendiarios.

Em todo o concelho haverá uns 25:000 pinheiros, que tendem a diminuir, porque só se cuida em destruil-os e não em semeal-os.

—

A agricultura tem progredido muito nos ultimos tempos, e maior seria o seu desenvolvimento, se não houvesse muita falta de braços, apezar do grande numero de trabalhadores que para aqui vem, das provincias do norte.

Actualmente, a colheita do trigo n'este concelho, regula por 1:600 a 1:800 moios, quasi todo consumido aqui, hindo o resto para Lisboa, por Sines.

A do milho, regula por 150 moios, que todo se gasta no concelho.

A da cevada, anda por 280 moios, que não chega para o consumo.

A do centeio, regula por 120 moios, que todo aqui se gasta.

A do arroz, é de 1:500 moios, *em branco*, que quasi todo se exporta para Lisboa.

A do feijão é de uns 80 moios, exportando-se mais de metade.

A do vinho regula por 500 pipas, mas importa-se muito dos concelhos limitrophes.

A da laranja anda por 1:500 caixas de milheiro, que annualmente se exporta para a Inglaterra.

Ha pouco azeite; quando muito uns 300 alqueires. Importa-o dos concelhos visinhos.

—

Os rendimentos do municipio andam por 2:200$000 réis annuaes.

Lagôa

Tendo-se aqui fallado mais de uma vez na lagôa, cumpre dizer o que é.

Fica ao O. da villa, na freguezia de Santo André, e junto ao mar, do qual é separada por uma duna. Tem 6 kilometros de N. a S., e 2 de E. a O.—isto no verão; porque de inverno, a agua do mar e dos ribeiros que n'ella desagúam, a fazem espraiar pelas veigas circumvisinhas, que produzem muito arroz e feijão.

A lagôa é muito abundante de peixe, um n'ella creado, outro que no inverno lhe entra pelo mar.

Tambem cria e sustenta grande quanti-

dade de aves palustres, de que se fazem grandes e mui divertidas caçadas, em barcos e por terra.

Para evitarmos repetições, vide *André* (Santo), vol. 1.º, col. 2.ª, pag. 214.

Doenças endemicas

As freguezias do concelho que mais soffrem os effeitos deleterios dos pantanos, são Mellides, Santo André, Abella e S. Domingos. As duas ultimas estão situadas na visinhança de duas ribeiras, cujas aguas, em grande parte, ficam estagnadas no verão. Uma germinação potente se desenvolve com o calor do estio, depois, a evaporação deixa em sêcco estes viveiros, em que pululam differentes gerações de animalculos em decomposição, e cujas emanações pestiferas vão pouco a pouco, ao perto, e ainda ao longe, levando as doenças, e até a morte, aos habitantes d'estas freguezias.

As de Santo André e Mellides, são as que mais soffrem; mas a propria villa, capital do concelho, não está isenta dos effeitos d'esta atmosphera corrupta, e os seus habitantes, na maior parte, são atacados de febres intermitentes, no estio e no outono.

Seis kilometros ao O. da villa estão os pantanos de Santo André, e a lagôa, cuja agua se mistura todos os invernos com a do mar, e que na estiagem se cobre de vegetaes e limos, que, decompondo-se, exalam emanações mephiticas insuportaveis. Para cumulo de insalubridade, são os ventos do quadrante do O. que sopram quasi constantemente no verão!

Nas freguezias de Santo André e Mellides, são endemicas, não só as febres intermitentes e remitentes, mas varias outras molestias da mesma procedencia. Os seus habitantes apresentam todos os caracteres dos dos pantanos — pouca energia, côr pallida, palpebras intumecidas, rugas numerosas e precoces, maus dentes, visceras abdominaes volumosas, e constituição summamente lymphatica.

Ha annos em que a mortalidade é na razão de 10 por cento!

Fundação da villa de S. Thiago de Cacem

Chegámos ao ponto mais difficil d'este artigo: a fundação da villa, seus primeiros habitantes, qual foi o seu nome na antiguidade, e porque depois se chamou de Cacem, ou Cassem.

Todos sabem que antes do dominio dos romanos na Peninsula Iberica, nada se escrevia, e que os seus habitantes, celtas (ou pre-celtas) e gallos-celtas, viviam em cavernas, ou em cabanas construidas de ramos.

É provavel que n'esses remotissimos tempos, o territorio situado entre a serra do Algarve e o rio Sádo (de S. a N.) e entre as planicies de Aljustrel e Ourique, ao E., e o Oceano a O., não fosse mais do que uma vasta selva, composta de sobreiros, carvalhos, azinheiras e outras arvores silvestres, segura acolheita de animaes ferozes. Nem o mais leve vestigio se tem encontrado da existencia do homem n'estas paragens: só mais tarde é que se vieram a fundar as povoações que hoje alli florescem.

N'este concelho ainda ha vestigios de casaes situados no interior das mattas, mas são posteriores ao 7.º seculo, segundo os nomes árabes que ainda conservam, mais ou menos corrompidos — como são:

Alfardim — corrupção de *alfarás* (cavallo ou egua).

Aduares — é mesmo a palavra árabe *adduar*, que significa povoação em que habitam os mouros do campo, em quanto alli acham pastagens para o gado. Consta de tendas feitas de cabello de gado tecido, que se armam e desarmam facilmente, para mudar para outro logar.

Tambem póde ser corrupção de *alduar*, que significa *a redonda*, ou *cercada em redondo*.

Almadanim — corrupção de *Almádena* — a torre?

Alcarial — corrupção d'*Alcaría* — aldeia, povoação?

Lezíria — corrupção de *Ja-*

zirat—ilha, e tambem terra pantanosa.

Fataca—corrupção de *Fatta*—fatia?

—

Quanto á villa, se dermos credito a alguns escriptores, foi fundada pelos phenicios, ou pelos gregos, com o nome de *Merobriga*, que significa *castello dos fundidores de ferro* (de *merones*, fundidores—e *briga*, povoação). Se fossem os gregos os fundadores, remontaria isso aos annos do mundo 2640 (1364 antes de Jesus Christo) e se fossem os phenicios, dataria esta fundação do anno 3200 do mundo, ou 804 antes de Jesus Christo, no que ha uma differença de 560 annos!

Há porem uma circumstancia que contradiz qualquer d'estas datas—é que *Merobriga*, nem é palavra grega, nem phenicia, mas sim gallo-cela, e significa *Povoação de Mero*. (*Mero* ou *Merod*, é nome proprio de homem, celta).

Tinhamos pois a fundação d'esta villa ahi pelos annos do mundo 3020, ou 984 antes de Jesus Christo.

Tudo isto é porem muito confuso e duvidoso, e talvez que algum escriptor antigo, na intenção de nobilitar esta villa, lhe attribuisse tão remota antiguidade.

Outra duvida—Não está satisfatoriamente provado que *briga* signifique cidade, ou povoação, porque muitos escriptores sustentam que a terminação *briga* foi dada a todas as cidades fundadas por *Brigo*, quarto rei de Hespanha, e que viveu (se é que tal individuo existiu) pelos annos do mundo 2:100 ou 1:900 antes de Jesus Christo.

Ainda outra duvida—Os antigos geographos fallam em trez cidades com os nomes muito semelhantes—*Medobriga, Mirobriga*, e *Merobriga*. (Vide vol. 5.º, pag. 338, col. 1.ª, e pag. 507, col. 2.ª)

Para evitarmos repetições fastidiosas, vide *Aramenha, Marvão* (villa), *Marvão* (serra) e *Monte-Mór-Velho*.

Mr. Charles Romey (*Historia d'Hispanha*, tit. 4.º, app. 7.º) diz que Merobriga é a actual villa de Odemira.

Se existiram estas trez cidades, é ponto contestado. O *Itinerario de Antonino Pio* poder-nos-hia dar alguma luz, se todas ou algumas d'estas povoações ficassem em qualquer das vias militares romanas, que de Lisboa hiam a Merida, mas é o que infelizmente se não dá.

Supponhamos pois, que a *Merobriga* dos gallos-celtas, ou *Merobrica* dos romanos, é esta villa e não outra.

O que é incontestavel é que S. Thiago de Cacem, foi colonia romana, desde a era primeira de Cesar (38 annos antes de Jesus Christo) até 405 da era christã, em que os gôdos a occuparam.

Junto á ermida de S. Braz, que está no cume de um monte ao E. da villa, se veem ainda os restos informes de uma antiga fortaleza. Aqui se tem achado cippos com inscripções e medalhas romanas, e estatuas de divindades pagans.

D. frei Manoel do Cenaculo Villas Bôas, sendo ainda bispo de Béja, mandou explorar as ruinas d'este velho castello, em 1808 [1].

Descobriu-se então uma escada de pedra, que conduzia a uma casa abobadada, cujas paredes eram coroadas por uma cimalha primorosamente lavrada.

Achou-se uma grande porção de medalhas romanas, de ouro, prata e cobre, do tempo da republica e de muitos imperadores, desde Augusto até á divisão do imperio. Tambem se acharam alguns penates e uma estatua de Priapo (ou, mais provavel, um *deus* Terminos) em um logar chamado *Pomar do Callisto*, ao N. da villa.

No mesmo recinto do castello foram achadas cinco lápides, com inscripções romanas, que foram collocadas junto ao chafariz de Nossa Senhora do Monte. Eis as suas inscripções;

1.ª

Q. SCRIBONIO
L. F. QYIRI
PATERNO
L. SCRIBONIOS
SATVRNINUS
PATER.

[1] Foi o prior da villa, Bonifacio Gomes de Carvalho, que a convite do bispo, mandou fazer as escavações, junto á capella de S. Braz, no sitio chamado *Castello-Velho*, que se julga ser o assento da cidade de Merobriga.

—

Isto é—*Quinto Scribonio quiri, paterno* (amore) *Lucius Scribonius Saturninus pater.*

Traducção—Lucio Scribonio Saturnino, pae do senador Quinto Scribonio, por amor paternal, dedicou esta memoria ao dito seu filho.

2.ª

MARTI
SACRUM
IN HONO-
REM G. PAG.
MARINI
PAG. MARI-
ANE FRATRI
PIENTISSIMO.

—

Isto é—*Marti sacrum, in honorem Gaii Pagusici Marini, Pagusico Mariane, fratri pientissimo.*

Traducção—Dedicado ao deus Marte, em honra de Gaio Pagusico Marino, por seu piedoso irmão.

3.ª

G. PAGVSICO
VALERIANO
EX TESTAMEN.
SVO SCRIBO-
NIA G. F. MAXI-
MA HERES FC.

—

Isto é—*Gaio Pagusico Valeriano, ex testamento suo, Scribonia Gaia Fulvia Maxima heres fecit.*

Traducção—Scribonia Gaia Fulvia Maxima, por testamento, fez seu herdeiro, a Gaio Pagusico Valeriano.

4.ª

PAGVSICAE
L. F. FVNDA-
NAE C. PAGV-
SICVS LVCI-
ANVS SORO-
RI OPTIMAE.

—

Isto é—*Pagusicae, loculum fecit, Fundanae, Gaius Pagusicus Lucianus, sorori optimæ.*

Traducção—Gaio Pagusico Luciano, fez este jazigo, a sua bôa irman Pagusica Fundana.

5.ª

VENERI VITRI-
CI AVG. SACR.
IN HONOREM LV-
CILIAE LEPIDINAE
FLAVIA TITIA FILIAE
PIENTISSIMAE.

—

Isto é—*Veneri Vitrici Augustæ sacrum, in honorem Luciliæ Lepidinæ, Flavia Titia, filiæ pientissimæ.*

Traducção—Memoria dedicada a Venus augusta, vencedora, por Flavia Titia, em honra de sua piedosa filha, Lucilia Lepidinea.

—

Na parede do hospital da villa, fronteira á praça, está uma lápide, com uma inscripção, da qual apenas se póde ler o seguinte:

A ESCULAPIO DEO
CATTIUS JANUARIUS
MEDICUS PACENSIS
TESTAMENTO LEGAVIT
OB MERITA SPLENDIDISSIMI ORDINIS
....
....
....
....
..................HERES...
......FAC........CUR........

—

Nas planicies ao S. da villa, onde hoje está a pequena aldeia dos Chãos, apparecem alguns vestigios de uma povoação antiga.

—

Finalmente, qualquer que seja a antiguidade d'esta povoação, é fóra de toda a duvida que os romanos a dominaram por mais de 350 annos, isto é—desde Julio Cesar, até ao anno 405 ou 406 de Jesus Christo, conservando-lhe o seu antigo nome, limitando-se apenas a alatinisal-o, como praticavam com todos os nomes a que elles chamavam *barbaros*—isto é—chamando lhe *Merobrica.*

Invadida a Peninsula Iberica pelas hordas vindas do Norte, logo nos primeiros annos do seculo v, coube esta parte da Lusitania a Gunderico, rei dos wandalos, até que, depois de profiadas guerras entre as varias nações invasoras (suecos, alanos, wandalos, selicigos, etc.) em 585, Leovegildo, rei dos gôdos,

venceu os outros barbaros e se tornou senhor de toda a Hespanha.

A villa continuou com o seu antigo nome de Merobriga, até que, em 716 foi invadida toda a Lusitania por uma nuvem de arabes, que levando tudo a ferro e fogo, se tornaram senhores d'ella em breves dias.

Foram pois estes truculentos africanos que, não podendo pronunciar varios nomes de povoações, ou os adulteraram ou mudaram.

Deram a esta villa o nome de *Cacem*, que ainda conserva, e esteve em seu poder por quatro seculos e meio, até que foi resgatada pelos templarios, em 1157; porem, logo em 1185, cae em poder dos mouros commandados pelo Miramolim de Marrocos.

A ordem militar de S. Thiago tinha sido introduzida em Portugal, no anno de 1175, e em pouco tempo formou uma brilhante e numerosa legião de guerreiros valerosissimos, que prestaram á sua patria os mais relevantes serviços, e recuperaram grande parte do territorio que estava ainda em poder dos árabes. Foram pois estes cavalleiros que resgataram a villa de Cacem, no anno de 1186, reconstruindo (ou edificando de novo) o seu castello, e dando á villa o nome do seu padroeiro, a qual desde então se denominou S. Thiago de Cacem [1].

Em 1191, o Miramolim de Marrocos, invadindo Portugal com um poderoso exercito, reconquista o Algarve, que já estava em poder dos christãos, e a maior parte do territorio que lhe ficava ao S., comprehendendo Béja, Odemira, Alcacer do Sal e S. Thiago de Cacem.

Reinava em Portugal o valerosissimo D. Sancho I, havia seis annos; mas 1191 foi um anno de fome e peste, e por isso foi facil ao monarcha africano recuperar o perdido.

Em 1217, o intrépido bispo de Lisboa, D. Soeiro I, com os cavalleiros do Templo e os de S. Thiago, resgatam do poder dos mouros Alcacer do Sal e todo o territorio circumferente, tornando então esta villa ao poder dos christãos.

D. Affonso II confirmou a doação que seu pae tinha feito, de S. Thiago de Cacem, aos cavalleiros spatharios.

—

A lenda de que D. Vetaça Lascaris, saindo da côrte de Castella, acompanhada de muitos cavalleiros, surgiu em Sines, impellida por um furioso temporal, e que ahi se lhe reuniram alguns cavalleiros da ordem de S. Thiago, e com elles conquistou o castello de um mouro chamado Cacem, proximo a Sines, é uma d'aquellas patranhas inventadas pelos nossos antigos sonhadores.

D. Vetaça veio para Portugal em junho de 1282, na companhia da rainha Santa Isabel, e havia 32 annos que Portugal estava completamente livre de mouros, pois foram expulsos do Algarve, sua ultima guarida, em 1250.

O que ha de certo com respeito a esta senhora e á villa de S. Thiago de Cacem, é que, em 1314, fez troca com D. Diogo Moniz, mestre da ordem de S. Thiago, dando-lhe o senhorio de Villa Lar, em Castella, e recebendo o de S. Thiago de Cacem, sob a condição de que, por morte d'ella, o senhorio d'esta villa tornaria para a ordem, o que se realisou em 21 d'abril de 1336, dia do seu fallecimento na cidade de Coimbra.

—

Nas guerras que tiveram logar por morte de D. Fernando I, entre D. João I de Portugal e D. João I de Castella, o traidor Pedro Alvares Pereira (irmão do nosso famosissimo condestavel, D. Nuno Alvares Pereira) á frente de uma divisão castelhana, invade o Alemtejo em dezembro de 1383, e se apodera de algumas praças, e nomeadamente, de S. Thiago de Cacem, mas em 29 de janeiro de 1384, o Condestavel o derrota e põe em fuga, na famosa batalha dos Atoleiros.

[1] A ordem de S. Thiago foi instituida em Leão por D. Fernando II, em 1170, e por bulla do papa Alexandre III foi confirmada esta instituição, em 1175. Teve o seu primeiro assento em um mosteiro de cruzios, na Galliza. Em Portugal tiveram o seu primeiro assento no mosteiro de Santos-o-Velho: no reinado de D. Affonso II, se mudaram para Alcacer do Sal: no reinado de D. Sancho II, mudaram para Mértola, e alli se conservaram até 1482, em que se mudaram para Palmella, que desde então ficou sendo cabeça de toda a ordem. (Vide *Lisboa*, no logar competente, *Mértola* e *Palmella*.)

—

Conservou-se esta villa em poder da ordem até ao anno de 1594, em que D. Philippe II a deu, e a villa de Sines, a D. Alvaro, duque d'Aveiro, sendo seu ultimo donatario o ultimo duque d'Aveiro, D. José Mascarenhas, que, em 13 de janeiro de 1759, com o marquez e marqueza de Tavora, seus filhos e genro, e outros cumplices, perderam a vida, no caes de Belem, por tentativa de regicidio, passando todos os seus bens para a corôa. (Vide *Chão Salgado.*)

Os duques punham a justiça de primeira e segunda instancia, despachavam ministros para os logares inferiores, e tinham seu ouvidor em Villa-Nogueira (Azeitão) em virtude da sentença que alcançou a duqueza D. Anna Maria Manrique de Lara, em 8 de agosto de 1650, como administradora da pessoa e senhorios de seu filho.

Por decreto de 19 de outubro de 1759, foi extincta a ouvidoria de Azeitão, e annexas as villas de S. Thiago de Cacem, Sines, Castro-Verde, e Ferreira, á ouvidoria do mestrado de Campo d'Ourique, á qual já d'antes eram sujeitas na provedoria.

Os duques d'Aveiro eram senhores de vastos e valiosissimos dominios, por estas terras, desde o Riba-Tejo até Cezimbra, e desde o Sádo até ao Tejo. Com estes senhorios e outros muitos em varios pontos de Portugal, chegou o ultimo duque d'Aveiro a ser o fidalgo mais rico e poderoso de Portugal. (Foi talvez essa circumstancia e o seu orgulho e indomavel soberba, que o perderam e aos seus!)

—

A commenda d'esta villa teve varios commendadores.

O primeiro alcaide-mór e commendador, foi Micer Carlos Pessanha, primeiro almirante d'este reino.

Não se sabe quem se lhe seguiu, mas d'ahi a pouco tempo, era alcaide-mór e commendador (d'esta villa, de Loulé e de Tavíra) Pedro Pantoja, casado com D. Catharina de Noronha, fundadora do mosteiro de N. Senhora do Lorêto, d'esta villa. Falleceu em 1490.

Pessanha é um appellido nobre d'este reino, oriundo de Génova, cuja familia era uma das 28 do governo d'aquella republica. Tomou o nome do castello de Pessanha. Passou a Portugal, na pessoa de Micer Manoel Pessanha, que foi pedido áquella republica por el-rei D. Diniz, para *almirante do mar*, d'este reino, cujo emprego continuou hereditario em seus descendentes.

Tem os Pessanhas por armas — em campo de prata, banda de púrpura, carregada de tres flores de liz, de prata. Êlmo do mesmo metal, aberto, e por timbre, uma asa de púrpura, horisontal, e sobre ella uma flor de liz como a do escudo.

—

Pantoja, é egualmente appellido nobre d'este reino, onde teve seu principio e primitivo solar, na provincia do Minho. Pedro Pantoja, entregando ao nosso rei D. Affonso V as villas de Zagalo e Piedra-Buena, fortalezas da ordem de Calatrava (1474) se tornou partidario d'este monarcha, que lhe deu as commendas e alcaidarias-móres de S. Thiago de Cacem, Loulé e Tavira, em que succederam seus descendentes.

As armas dos Pantojas são — em campo d'ouro, cinco flores de liz, de azul, em aspa (alguns Pantojas as trazem em cruz), contra-chefe de trez verguêtas, de negro. Êlmo de prata, aberto, e por timbre, uma das flores de liz do escudo.

Outros Pantojas, trazem por armas — em campo azul, cruz de púrpura, floreada e perfilada d'ouro: orla de escaques,

de prata e purpura — e o mesmo élmo e timbre.

Os que desejarem saber a causa da guerra que tivemos com os castelhanos, e que durou desde 1473 até 1479, terminando a 4 de setembro d'este ultimo anno, pelo tratado de paz, feito entre D. Affonso V, de Portugal e os reis catholicos, Fernando e Isabel — os que desejarem saber isto, repito, vejam o ultimo periodo da col. 1.ª, e a col. 2.ª e nota respectiva, de pag. 500, do 8.º vol. — e o anno 1530, a pag. 505 e 1.ª col. de pag. 607, nota 2.ª, tudo do mesmo volume.

—

A Pedro Pantoja succedeu seu filho, Alonço Peres Pantoja, casado com D. Brites, filha dos condes de Villa Nova de Portimão. Não tiveram filhos, vagando a alcaidaria-mór e a commenda para a corôa.

No reinado de D. João III uniram-se os mestrados das ordens, *in perpetuum*, á corôa, pela bulla de 4 de janeiro de 1551, do pontifice Julio III.

—

Depois de varios alcaides-móres e commendadores d'esta villa, o usurpador Philippe II fez mercê d'este senhorio, ao duque d'Aveiro, D. Alvaro, em 1594, e n'esta casa se conservou, como vimos, até 1759.

A commenda, depois de ser possuida por Antonio do Couto Castello-Branco, passou para o marquez de Fontes, e depois, por herança, aos marquezes d'Abrantes. Foi depois de D. João da Bemposta, vagando para o mestrado, por morte d'este D. João, e por sequestro feito em 1746. Tornou depois para o marquez d'Abrantes, que foi o ultimo commendador d'esta villa.

O rendimento d'esta commenda era o maior da ordem, depois do de Mértola, que era mesa mestral. Pagava de ordenados 65 moios de trigo e 450$000 réis em dinheiro.

Em 1832 andava esta commenda arrendada por 4:400$000 réis.

—

Antes da reunião dos mestrados, era esta villa governada por um juiz ordinario, trez vereadores e um procurador do concelho, postos pelos mestres da ordem, que os provia pelos pellouros que lhe remettiam dos concelhos; e nomeava todos os mais cargos da justiça e fazenda.

D. Manoel foi o primeiro rei de Portugal que pôz ministros formados, nas terras mais importantes, aos quaes, seu filho, D. João III, estabeleceu ordenados da sua fazenda. O primeiro juiz de fóra, de que ha noticia n'esta villa, é o bacharel Manoel Mendes de Vasconcellos, em 1640.

A duqueza d'Aveiro, D. Anna Manrique de Lara, estabeleceu de ordenado ao juiz de fóra, Manoel Alves de Sousa, *quarenta e cinco mil réis*, a saber — 30$000 réis de ordenado, e 15$000 réis *para sustento e salario de dois homens que devia trazer comsigo*. Isto assentado no almoxarifado de Castro Verde, por alvará da mesma duqueza, de 8 de janeiro de 1650. Em 8 de janeiro de 1651, foi este honorario accrescentado com mais 15$000 réis, pagos pelo mesmo almoxarifado. Por provisão de 13 de março de 1716, teve mais, de aposentadoria (a requerimento do juiz, João de Souza Caria) 10$000 réis.

Este honorario foi depois elevado a réis 80$000, e mais 24$000 réis para aposentadoria. O concelho de Sines pagava *meia aposentadoria* (12$000 réis) — isto assente no almoxarifado da villa do Torrão.

Por fim, o logar de juiz de fóra d'esta comarca rendia 350$000 réis.

Foi seu ultimo juiz de fóra, em 1833, o dr. Luiz Antonio Villar Pajote de Touro.

Alem do juiz de fóra, tinha mais esta comarca trez escrivães, dois tabelliães de notas, um contador, um distribuidor, e um inqueridor (cujos cargos eram annexos ao escrivão da almotaceria) alcaide da vara, e escrivão das armas.

Cada freguezia do concelho tinha um juiz da vintena, com seu escrivão, nomeados pela camara.

Tinha o concelho um capitão-mór e seis companhias de ordenanças.

—

Junto á porta principal da egreja matriz, se vê um quadro de marmore, em alto-relevo, representando o apostolo S. Thiago maior, combatendo os mouros. Foi mandado fazer pela rainha Santa Isabel, ainda que outros dizem que foi feito por ordem de D. Vetaça

Lascaris, mas é êrro, se seguirmos a opinião de escriptores, tidos por mais veridicos.

O castello

Este vetusto monumento, cujas ruinas ainda hoje enobrecem a villa de S. Thiago de Cacem, fica proximo da povoação. Tem a fórma de um paralellogrammo, de uns 190 metros de comprido por 35 de largo. Era guarnecido por dez torres, das quaes ainda existem nove (cinco redondas e quatro quadradas) porque a outra, foi demolida em 1796, quando se reedificou a egreja.) Cada uma d'estas torres tinha 9^{m},50 d'altura. A cortina que ligava estas torres tinha 7 metros de altura e 2^{m},22 de espessura. No centro do castello estão as paredes das casas dos alcaides-móres; são ameiadas e muito altas. Por um balcão, com dous lanços de escadas, se subia para esta residenciá, que constava de oito grandes salas, abobadadas, com janellas para todos os quatro lados; a ultima sala, á esquerda de quem entra, communicava com a torre de menagem, que tinha 21^{m},60 de alto, com duas cobertas, e por cima um terraço, d'onde se gosava um vastissimo e formoso panorama. Em uma das torres esteve o relogio, que em 1667 se mudou para uma torre, construida para este fim, na villa.

A muralha ainda conserva uma porta, para o lado da villa. Sobre a mesma se vê, á direita, a insignia da ordem de S. Bento d'Aviz—no centro, a de S. Thiago, e á esquerda, as Quinas de Portugal. Tinha o castello outra porta, que foi demolida, com um grande lanço da cortina, quando se reedificou a egreja, que lhe fica contigua. N'esta porta se via —á direita, o habito da ordem de S. Thiago, com as competentes vieiras—no centro, as armas de Portugal sobre a cruz da ordem de Aviz, como sempre as usou D. João I, e á esquerda, um escudo com seis bandas, trez em facha e trez em palla.

A segunda cêrca é uma contra-muralha ameiada, com seus bastiões, e com meia altura da primeira. Na cidadella (onde existiu o palacio dos alcaides-móres, do qual apenas restam as paredes) ha uma optima cisterna.

Não é preciso dizer que toda esta fortaleza está desmantellada e ameaçando imminente ruina.

Casa da camara

Os antigos paços do concelho eram onde hoje estão as enfermarias do hospital. Estavam incapazes de servir, pelo seu estado indecente, para os actos publicos dos camaristas e outros empregados. Foram alugados á Misericordia (1770) para maior largueza do hospital, e as vereações faziam se nas casas da residencia do juiz de fóra. Em 1780, comprou a Misericordia os velhos paços á camara, por 10$000 réis.

A actual casa da camara foi construida em 1781, no chão de dois predios que os vereadores compraram—um a Lucas Malveiro, por 50$000 réis, o outro ao dr. José da Silva Pereira, por 200$000 réis.

Em 30 de novembro de 1789, se compraram umas casas, sitas na praça, para aposentadoria do juiz de fóra. No pavimento inferior d'este edificio estão duas jaulas, sórdidas e escuras, onde eram encarcerados os criminosos, e aquelles que só uma sentença havia de declarar como taes.

Já vimos no principio d'este artigo, que se projecta construir um edificio decente, amplo e salubre, para tribunal do juizo de direito, e mais repartições publicas, e uma cadeia, segundo o systema cellular modernamente adoptado.

Obras publicas

Alem das já mencionadas no principio d'este artigo, accrescento aqui as que se leem na 2.ª edição dos *Annaes do Municipio*.

1838 — Conclusão do cemiterio do castello, que importou em 150$000 réis, fóra a grade de ferro, que se fez muitos annos depois. É o cemiterio parochial da freguezia da villa.

1840—Abertura da estrada que circumda a encosta do castello, desde a ermida de S. Pedro até aos *Penedos*.

1843 — Principia a construcção dos predios na rua de S. Sebastião.

1844—Reedificação do hospital da Misericordia.

1855—(1.º de junho)—É collocado no seu logar o actual pelourinho. Foi feito pelo canteiro José Miguel Rodrigues, ao qual se pagou por elle 76$800, com 16$800 que importou a collocação, somma 93$600 réis, fóra o transporte desde a pedreira até á praça.

N'este mesmo anno principiou a construcção dos predios da rua do Algarve.

1856 —A camara d'este concelho, mandou fazer o cemiterio da villa de Sines, que importou em 294$360 réis.

1859 — Construcção da casa para venda do peixe. Custou 283$210 réis.

1861 — Demarcação judicial dos baldios do concelho, no que se gastaram 251$900 réis.

No mesmo anno se construiu uma ponte no fim da rua do Algarve, para encaminhar as aguas pluviaes: alinhou-se, calçou-se e arborisou-se este sitio. Despeza 75$450 réis.

1863 —(Agosto)—Abertura do novo edificio onde funcciona a administração do concelho, repartição de fazenda, dita dos afilamentos, aula de instrucção primaria para meninas e residencia da respectiva mestra.

Em 24 de janeiro de 1859 tinha comprado a camara, por 150$000 réis, uma casa velha, na praça, a Antonio Maria da Penha.

Foi esta casa demolida em 1861 e se concluiram estas obras em julho de 1863.

Veio a custar a obra, comprehendendo o custo da casa velha, em cujo chão se fez o novo edificio, 3:905$340 réis.

1864 —Abertura do encanamento da nova agua, para o chafariz de S. Sebastião, de Sines. Custou 159$110 réis.

No mesmo anno se fez o encanamento da agua para o chafariz do Fidalgo, e novo lavadouro publico, junto ao mesmo chafariz. Custo, 359$840 réis.

No mesmo anno, se fez a reconstrucção interior do edificio dos paços do concelho. Custo, 349$020 réis.

1865 — Continuação das obras do lavadouro publico, e encanamento da nova agua para o chafariz do Fidalgo, no que se gastaram 635$980 réis.

No mesmo anno se continuaram as obras dos paços do concelho, que custaram mais 914$555 réis.

No mesmo anno, se fez a obra, no sitio do Revelim, em Sines — 160$040 réis.

1866—Principio da obra, da abertura da agua, no largo do Rocio, em Sines; o que custou 349$980 réis.

1867— Conclusão do lavadouro publico, junto ao chafariz do Fidalgo, ampliando-se o largo junto ao mesmo, fazendo-se alguns assentos, e arborisando-se. Custou isto réis 280$000.

No mesmo anno, conclusão do poço publico, no largo do Rocio, da villa de Sines, collocando-se uma bomba aspirante e de compressão; o que tudo custou 290$000 réis.

No mesmo anno se plantaram amoreiras em todo o largo do mesmo Rocio, no que se gastaram 60$000 réis.

Desde 1850 até 1868, gastou a camara, em obras publicas do concelho, 11:862$200 réis.

Se todas as camaras do reino fossem tão sollicitas como esta, veriamos as povoações mais decentes e dignas da época.

Mina de S. Francisco

Do livro do registo da camara, do anno de 1710, a fl. 166, consta que n'esse anno se explorou uma mina de galêna (chumbo) na herdade das minas, freguezia de S. Francisco, por ordem de D. João V, datada de 12 de dezembro de 1709. Durou pouco o trabalho da exploração, porque o seu producto não dava para as despezas. O mesmo aconteceu em 1846, quando uma empreza particular tentou esta exploração.

Francisco Ignacio Romba, obteve a concessão da mesma mina, em 28 de junho de 1866; porem o concessionario pouco interesse tem auferido, porque a lavra é feita com pouco pessoal e vagarosamente.

—

No *Diario Illustrado*, de 11 de dezembro de 1874, vem publicado um bellissimo artigo, do sr. Francisco Alexandre de Vilhena, de S. Thiago de Cacem, e como n'elle se não encontra nenhuma repetição ao que fica escripto, o transcrevo aqui, com a devida venia.

—

Meu caro Pedro Correia.—Foi-me hoje offerecido pelo ex.mo sr. Francisco Alexandre de Vilhena, esse excellente artigo, para ser publicado no teu *Diario Illustrado*.

O sr. Vilhena, que tu de certo muito prezarias se tivesses a fortuna de conhecer, é um dos cavalheiros mais illustrados e mais distinctos d'esta boa terra.

A uma bella e invejavel intelligencia, réune dotes moraes, que o tornam digno da mais respeitosa consideração.

E' quanto te posso dizer a respeito do auctor do artigo que gostosamente te remetto.

Dispõe do teu

sincero e velho amigo

S. Thiago do Cacem, 8 de dezembro de 1874.

L. A. Ferreira das Neves.

—

S. Thiago do Cacem, a antiga Merobriga, municipio romano, successivamente possuida pelos wisigodos e árabes, e a estes conquistada pelos christãos, era já villa de grande importancia no seculo XIII.

O castello que lhe fica sobranceiro, é de remota antiguidade, e o templo contiguo, dedicado a S. Thiago Maior, é um monumento digno da observação do archeologo.

Examinando-se as columnas que sustentam a abobada da egreja, e a dividem em trez naves, as divindades mythologicas esculpidas nos capiteis, as figuras symbolicas e constellações do zodiaco, nos arcos ogivaes; não póde duvidar-se de que houvera ali um templo pagão, porventura phenicio.

A evocação do templo christão e as successivas reedificações, não poderam apagar os manifestos vestigios de sua vetusta origem.

N'esta egreja se guarda, como objecto de culto e grande veneração, uma reliquia preciosa do Santo Lenho, dadiva da infanta da Grecia, D. Bataça.

A tradição de ter vindo esta reliquia do Oriente, e de haver sido extrahida do proprio Lenho da Santa Cruz, é confirmada em uma memoria historica do sabio archeologo D. fr. Manuel do Cenaculo.

N'este documento, entre outras expressões muito lisongeiras para o senado da camara e para os habitantes da villa de S. Thiago do Cacem, diz o illustre prelado:

«Tenho estimado esta occasião de servir a causa religiosa, e promover o decóro d'uma povoação que se insinua por suas distinctas qualidades».

E mais adiante:

«Povoação antiga e decorada com fidalguia e nobreza, d'onde derivam, e com as quaes combinam familias nobilissimas do reino; villa de assento levantado, sadio e rico das melhores producções da terra; villa de muita religião em todas as edades, é o que se me offerece em idéa geral. Contrahindo a oração para o assumpto particular, foi esta villa distinguida e estimada pela infanta da Grecia, D. Bataça».

Esta princeza, quando senhora do castello e da villa de S. Thiago do Cacem, mandou collocar n'aquella egreja a pedra lavrada com a figura do apostolo S. Thiago combatendo os mouros.

É o desenho d'ella que se vê no *Diario Illustrado* de hoje, representando as armas da villa de S. Thiago do Cacem.

Actualmente é esta villa cabeça de um concelho, situada na extremidade do sul do districto de Lisboa, a 18 leguas d'esta cidade, limitado a norte pelo concelho de Grandola, confinando a leste com o de Aljustrel, pelo sul com o de Odemira, e pelo occidente com o oceano.

Occupa a vertente oriental de uma collina, o valle contiguo e parte de outro monticulo em cujo cimo está a egreja de Nossa Senhora do Monte.

A população, crescendo sensivelmente, não póde já conter-se no antigo recinto, e novas ruas se vão estendendo, como por encanto, para diversos lados da povoação.

Não se encontram pela villa, pardieiros

nem casas sem moradores. Tudo se renova, e as edificações são feitas com segurança e boa apparencia, indicio do bem estar dos habitantes, e do augmento da riqueza publica.

Vêem-se excellentes casas particulares, habitadas pelos proprios donos; não as ha porém para alugar, o que é um embaraço para as pessoas de fóra que ahi tem de estabelecer-se.

A casa da camara, só tem boa, uma sala, que se acha decentemente decorada; o resto do edificio não é bom.

É tambem propriedade da camara, e de recente construcção, o edificio em que se acha a administração do concelho, repartição de fazenda, e no andar superior, com diversa entrada, a escola de meninas, com habitação da professora e uma excellente sala para os exercicios escolares.

O hospital é de mesquinha apparencia e mal situado. A escola primaria do sexo masculino é uma bonita e excellente casa, recentemente construida.

Ha na villa uma associação de recreio, denominada *Sociedade Harmonia*. Possue casa propria, com boas salas para jogo de bilhar, jogos de vasa, leitura e baile. Annexa á mesma, acaba de ser construido um bonito theatro, cuja inauguração estava designada para o dia 1.º de dezembro; mas, infelizmente, foi esta festa contrariada pela fatal perda do presidente da sociedade.

Muito tem esta casa contribuido para a civilisação e bons costumes da mocidade, que é alli admittida, sem outro abono mais do que um porte decente, e moralidade.

Uma outra sociedade, sob o nome de *Artistica* vae tambem civilisando os mancebos, que, occupando as horas de descanço com o estudo da musica, e com entretenimentos decentes, se desviam assim de vicios e maus habitos.

Os suburbios de S. Thiago do Cacem, são lindissimos. Na encosta do castello se encontra um passeio arborisado, rodeando a collina em semi-circulo, e limitado por um pequeno mas bonito jardim. É surprehendente o panorama que se descortina d'este ponto: quintas, casas de campo, arvoredo, casaes; quadro primoroso, tendo por moldura a larga e extensissima faxa do oceano. A oeste, se vê a populosa e bonita villa de Sines, patria de Vasco da Gama, com o seu porto, que dá saida ás producções valiosas do concelho—cortiça, arroz, fructa, cêra, etc.

Um illustrado habitante de S. Thiago do Cacem, o padre Antonio de Macedo e Silva, parocho da Abella, publicou em 1869 os *Annaes do Municipio*. N'este excellente livro, que denuncia os vastos conhecimentos que o auctor possue em archeologia e em litteratura, poderá o leitor colher minuciosas noticias sobre as coisas de S. Thiago do Cacem.

Francisco Alexandre de Vilhena.

—

Repito aqui os meus agradecimentos ao rev.mo sr. Antonio de Macêdo e Silva, digno prior da freguezia de Nossa Senhora *A Bella*.

Este benemerito cavalheiro, nasceu na villa de S. Thiago de Cacem, no 1.º de setembro de 1823. Foram seus paes os srs. Cypriano Antonio de Macêdo, e D. Anna Amalia Pereira da Silva, naturaes da mesma villa, e já fallecidos.

Foi ordenado presbytero, em Lisboa, em 1846. Parocho encommendado da freguezia de S. Bartholomeu da Serra, d'este concelho, desde fevereiro de 1848, até junho de 1857.—Parocho encommendado da freguezia de A Bella, desde fevereiro de 1863, até outubro de 1866.—Tinha feito concurso synodal para esta mesma freguezia em julho d'esse anno, e foi collado logo em dezembro do mesmo.

Era parocho encommendado em S. Bartholomeu, quando emprehendeu e levou a effeito, escrever a historia da sua terra, que se publicou em 1866, fazendo se a 2.ª edição logo em 1869. Fez o que nenhuma camara fez ainda, apezar d'estes corpos collectivos nada fazerem para o publico á sua custa, mas sim á do municipio.

Honra pois ao sr. Macêdo e Silva, que assim soube honrar a sua terra e illustrar o seu nome.

Infelizmente ainda até agora não teve imitadores, apezar de haverem muitos reverendos parochos com a necessaria intelligencia

para emprehendimentos d'este genero, mas que preferem viver no *dulce far niente*, e deixar o seu nome obscuro para sempre.

—

A cidade de Merobriga não era no mesmo logar onde hoje vemos a florescente villa de S. Thiago de Cacem, mas no outeiro onde existem as ruinas do seu vetusto castello, onde se teem encontrado muitos vestigios de antigas construcções, e outros muitos objectos que provam ter aqui existido uma povoação importante. Foi com os seus materiaes que se fundou a villa actual.

É provavel que D. João I reedificasse o castello, ou pelo menos concorresse de algum modo para a reconstrucção, visto que as suas armas foram collocadas em uma das suas portas, como vimos—a não ser que, reedificando-se o castello no reinado d'este monarcha, os cavalleiros de S. Thiago, por deferencia, alli mandassem pôr as armas do Mestre d'Aviz.

Diz-se tambem que o nome de S. Thiago anteposto ao antigo, foi porque esta villa se reconquistou no dia 25 de julho, mas é mais provavel que lh'o dessem os cavalleiros de S. Thiago, pois, segundo alguns, foram elles, commandados por Galim Pires Pantoja, que o tomaram aos mouros.

Vimos atraz, que os Pantojas se estabeleceram aqui, e foram alcaides-móres do castello, desde que D. Pedro Pantoja entregou ao nosso D. Affonso V as praças de Zagalo e Piedra-Buena, em Hespanha. Não se tenha porem este fidalgo como traidor á sua patria. D. Affonso V, pelo seu casamento com D. Joanna, filha legitima e unica herdeira de D. Henrique IV, de Castella (a *Excellente Senhora*) que era sobrinha do rei portuguez, se tornou legitimo rei d'aquella nação, e muitas cidades de Castella seguiram o partido d'esta senhora. A batalha de *Toro* (maio de 1476) decidiu a guerra civil a favor de Isabel a catholica, irman de Henrique IV, e que, na verdade, foi a mais excellente rainha que teem tido os hespanhoes.

É importantissimo, para completa intelligencia d'esta nota, ver o que eu disse na col. 1.ª da pag. 607 do 8.º volume, e a nota 2.ª da mesma columna.

—

S. THIAGO DE CALDELLAS — Vide *Caldellas (S. Thiago de)* e o 1.º *Rendufe.*

As aguas thermaes d'esta freguezia, ás quaes vulgarmente se dá o nome de *Caldas de Rendufe,*[1] nascem proximo da ribeira de Alvito, confluente do Homem. São semilhantes ás do Gerez, perfeitamente limpas e inodóras. Foram conhecidas entre os annos 1763 e 1779.[2]

O edificio actual dos banhos, foi construido em 1803: compõe-se de quatro casas abobadadas, cada uma com um pequeno tanque, e todos alimentados por duas nascentes; mas ha ainda mais duas d'estas desaproveitadas, fóra a da fonte publica, que tambem é da mesma qualidade.

[1] A falta de conhecimentos topographicos, tem feito dar a muitos escriptores, nomes trocados — e muitas vezes disparatados — a muitos logares — por exemplo — ás aguas medicinaes da *Portella* (7.º vol., pag. 244, col. 2.ª) chamam *Aguas d'Entre os rios*, que é freguezia do concelho e comarca do Marco de Canavezes, quando a Portella é do concelho e comarca de Penafiel.

Dão o nome de *Caldas do Mollêdo*, sendo Mollêdo uma aldeia da Beira Alta, na freguezia de Penajoia, comarca e concelho de Lamego; quando as caldas são na provincia de Traz-os-Montes, freguezia de Fontellas, comarca e concelho de Peso da Regua. O Mollêdo é na margem esquerda do Douro, e as caldas são na margem direita, ainda que em frente do Mollêdo.

Aos banhos (do mar) da Lagarteira, freguezia de Gontinhães, no concelho e comarca de Caminha, chamam *Banhos d'Ancora*, quando esta ultima freguezia é ao S. de Gontinhães, e separada pelo rio Ancora, etc., etc., etc.

[2] Segundo a tradição, estas aguas eram conhecidas no tempo dos romanos. Vide 2.º vol., pag. 44, col. 1.ª

Temperatura

Banho fresco e *do rheumatismo,* 32° cent.
Banho do Carvalho, 32°,5.
Banho do elephantiasis, 32°.

Produzem as duas nascentes aproveitadas, uns 170:000 litros d'agua, em 24 horas.

São muito menos mineralisadas do que as de Lijó e Gallegos: conteem apenas por kilogramma d'agua, 0 gr. 11467 de principios fixos, que consistem em sulphatos e chloruretos alcalinos, carbonatos de cal e de magnesia, e acido silicico — isto segundo o relatorio feito na exposição universal de Paris, de 1867.

Estas aguas são em sitio despovoado, entre dous montes, dos quaes, o que fica a E. confina com as grandes montanhas do Gerêz, fazendo parte da sua cordilheira.

Ha tambem duas fontes, uma a E. e outra ao O., cujas aguas se podem beber, e cujo calor, na 1.ª é de 86° de F., 24 de R. — na 2.ª, 88° de F., e 25° de R. — O exame feito pelos reagentes, parece mostrar que estas aguas conteem ferro combinado com alguns sulphatos e com algum dos gazes missiveis na agua; talvez com hydrogenio levissimamente sulfurado. Por isto, e por effeitos analogos em varias molestias em que grandemente aproveitam as caldas do Gerez, parece serem da mesma natureza.

Para evitarmos repetições, é preciso ver o artigo de *Caldellas (S. Thiago de).*

S. THIAGO DE CASSURRÃES — freguezia, Beira Alta, comarca, concelho e 7 kilometros a E de Mangualde, 12 de Viseu, 280 ao N. de Lisboa, 430 fogos.

Em 1768, tinha 309.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Viseu. (Foi antigamente do termo de Azurára da Beira, comarca de Viseu).

Os condes de Belmonte, apresentavam o abbade, que tinha 700$000 réis de rendimento annual.

Terra fertil, sobre tudo em milho, do que ha grande abundancia.

Esta freguezia é composta das aldeias de S. Thiago, Cassurrães, Fundões, Contenças de Baixo, Contenças de Cima, e outras, espalhadas em um ameno e productivo valle, que, em sitio elevado, corre parallelo ao rio Mondego, 4 kilometros acima da sua margem direita, onde ha uma antiga ponte, chamada de *Palhez,* por onde passa a estrada de Mangualde a Gouveia, a qual atravessa esta freguezia.

Fóra da aldeia de S. Thiago, em um vistoso plató, está a egreja matriz, de formosa architectura, com boa residencia parochial, contigua, e extensos passaes.

Pouco acima da egreja, está a antiga e devota ermida de Nossa Senhora de Cervães, collocada em um espaçoso terreiro murado, com um chafariz, que antigamente, foi assombrado por um enorme pinheiro manso, que um temporal derrubou, em 1850, e que, depois de cahido, foi arrematado por réis 40$000!

No logar de Cassurrães está a antiga e nobre casa, solar dos Beltrões, ramo 2° da de Carapito, solar principal da familia d'este appellido, com cuja herdeira — que era a mais rica da provincia, depois da casa da Brejoeira, veio casar, Lucas de Seabra da Silva, irmão do celebre ministro de D. Maria I, José de Seabra da Silva. É actualmente representante do referido Lucas, o sr. Lucas de Seabra Beltrão, moço fidalgo da casa real, viuvo da sr.ª D. Maria Francisca de Sande e Castro, filha do sr. Manoel Paes de Sande e Castro, senhor donatario da villa de Souto e da notavel casa da Pesqueira, Penedôno e outras, moço fidalgo, com exercicio no paço, e da sr.ª D. Leonor Maria Correia de Sá, da casa dos viscondes da Asséca.

A tulha da casa dos Beltrões era a maior da provincia.

Alem do milho, ha n'esta freguezia abundancia de feijão, vinho, azeite, e outros generos.

Os lavradores d'estas aldeias dedicam-se á criação de novilhos, que amansam: vão compral-os a Traz-os-Montes, e n'isto fazem bom negocio.

—

A ermida de Nossa Senhora de Cervães, está no logar da Póvoa de Cervães, ao qual

dá o titulo, em uma serra, algum tanto aspera, mas não tanto que não esteja em grande parte cultivada, por ser abundante de aguas, e é um sitio fresco e delicioso, principalmente do S. e O., e d'aqui se descobrem muitas leguas em redor.

Segundo a lenda, a imagem da Senhora, foi achada em uma brenha inculta, á qual davam o nome de *Matta das Cervas*, por n'ella se criarem muitos cervos, veados e outros animaes silvestres.

A primeira ermida foi construida pelo povo da freguezia, no mesmo sitio da apparição; mas; como era logar áspero e ficava longe da povoação, foi mudada para o sitio a que dão o nome de *Valle de Cervães*, ou *Valle de Santa Maria.*

Ainda o povo achou este sitio deserto, pelo que tornou a mudar a ermida para o sitio actual, no anno de 1660.

A imagem da Senhora, é de pedra, de meio metro de altura. e revela muita antiguidade. A sua festa é na segunda oitava da Paschoa, e continúa a ser muito concorrida.

N'esta capella termina a procissão dos Passos, que se costuma fazer no domingo de Ramos.

S. THIAGO DOS VELHOS — freguezia, Extremadura, concelho d'Arruda dos Vinhos, comarca de Villa Franca de Xira, 30 kilometros ao N. E. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1768, tinha 103.

Orago, S. Thiago, Apostolo.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O prior da freguezia de Santa Marinha, de Lisboa, apresentava o cura, que tinha 70$000 réis e o pé d'altar.

É terra muito fertil em todos os generos agricolas.

S. THIAGO MAIOR — freguezia, Alemtejo, concelho do Alandroal, comarca do Redondo, 40 kilometros d'Evora, 155 ao S. E. de Lisboa, 350 fogos.

Em 1768, tinha 210.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o cura, que tinha de rendimento annual, 180 alqueires de trigo e 60 de cevada.

É terra muito fertil em cereaes, e cria muito gado de toda a qualidade.

S. THOMÉ DO CASTELLO — Vide *Castello, ou S. Thomé do Castello,* no 2.º vol., pag. 170, col. 1.ª, no principio.

S. THOMÉ DE PARADA DO GEREZ—freguezia, Tras-os-Montes, comarca e concelho de Montalegre, 54 kilometros ao N. E. de Braga, 415 ao N. de Lisboa.

Em 1768, tinha 79 fogos.

Orago, S. Thomé, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

A casa de Bragança apresentava o abbade, que tinha 140 mil réis de rendimento annual.

Não encontro esta freguezia nos mappas e livros modernos.

S. TORQUATO (ou *Torcato*) — freguezia, Minho, comarca, concelho e 3 kilometros ao O. de Guimarães, 18 ao N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 425 fogos.

Em 1768, tinha 170.

Orago, S. Torquato.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O cabido da collegiada da Senhora da Oliveira de Guimarães, apresentava o vigario, confirmado, que tinha 200$000 réis e o pé d'altar.

Foi villa e couto, hoje supprimidos.

Em 3 de outubro de 1873, houve aqui um terrivel cyclone, que causou grandes prejuizos.

A romaria de S. Torquato, que se faz no 1.º domingo de julho, é uma das mais concorridas do Minho. Em 1876, renderam as esmolas e offertas que se receberam na vespera e no dia, 2:185$285 réis, e 150 kilogrammas de cêra, que valem (a 400 réis o arratel) 153$600 réis — total das esmolas, 2:338$885 réis. Um só dos cirios offerecidos, tinha 60 kilogrammas de peso!

Alem d'isto, recebeu-se um cordão, alguns brincos e outros objectos de ouro, e grande quantidade de mortalhas.

Em 1877, renderam as esmolas, 2:800$000 réis.

Em 1878, renderam as esmolas 2:345$000 réis e cinco arrobas e sete arrateis de cêra, a 400 rèis o arratel, 66$800 réis — somma 2:411$800 réis. Além d'isto, 104 mortalhas, e differentes objectos d'ouro.

O sitio onde está a egreja é muito pittoresco, e um dos mais formosos da provincia, e a freguezia é fertilissima em todos os generos agricolas, e cria muito gado de toda a qualidade.

A egreja matriz de S. Torquato, é um templo sumptuoso. Vide *Guimarães*, e no 8.º vol., col. 1.ª, pag. 632.

S. TORQUATO—Vide *Matto* e *S. Torquato*.

S. VERISSIMO — freguezia, Douro, comarca, concelho e proximo d'Amarante. Vide *Amarante*.

S. VERISSIMO DE TÁMEL — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 15 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1768, tinha 97 fogos.

Orago, S. Verissimo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis de rendimento.

Vide *Fins* (S. Pedro) *Leocadia* (Santa) e *Támel*.

Esta freguezia pertenceu antigamente ao couto de Manhente, e o abbade de S. Verissimo, tinha obrigação de dar um jantar por anno, ao D. Abbade do mosteiro de Manhente.

S. VICENTE—freguezia, Alemtejo, comarca, concelho e 6 kilometros d'Elvas, 180 ao E. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 91 fogos.

Orago S. Vicente, martyr.

Bispado d'Elvas, districto administrativo de Portalegre.

A mitra apresentava o cura-capellão, que tinha 250 alqueires de trigo, e 60 de cevada.

Terra fertil em cereaes.

Dá-se a esta freguezia a denominação de *S. Vicente de Fóra*, para a distinguir das outras do mesmo nome.

S. VICENTE—freguezia, Traz os Montes, comarca e concelho de Chaves (foi da mesma comarca, mas do supprimido concelho de Monforte do Rio Livre) 105 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1768, tinha 28 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Natividade.

Bispado de Bragança, districto administrativo de Villa-Real.

O reitor da Castanheira apresentava o cura, que tinha 12$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Tem annexa a antiga freguezia de Segirei.

É terra fertil.

S. VICENTE—freguezia, Beira Alta, concelho de Oliveira de Frades, comarca de Vousella, 24 kilometros ao N. de Viseu, 275 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Orago, S. Vicente, martyr.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O *Portugal Sacro e Profano*, não traz esta freguezia.

É terra fertil. Cria muito gado de toda a qualidade, e é abundante de caça.

S. VICENTE—Vide *Cabo de S. Vicente*.

S. VICENTE DA BEIRA—villa, Beira Baixa, cabeça do concelho do seu nome, na comarca, districto, bispado e 35 kilometros ao N.O. de Castello-Branco.

(Foi do bispado da Guarda, d'onde dista 60 kilometros ao sul.) 240 kilometros ao E. de Lisboa, 590 fogos.

Em 1768, tinha 159 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

O real padroado apresentava o vigario, que tinha 100$000 réis e o pé altar.

O concelho de S. Vicente da Beira, é composto das quatro freguezias seguintes:

Almacêda, Louriçal do Campo, Ninho de Açôr, e S. Vicente da Beira, todas do bispado de Castello-Branco, e com 2:300 fogos.

Tinha antigamente mais quatro freguezias —Freixial do Campo, e Povoa de Rio de Moinhos, que passaram para o concelho de Castello Branco.

No 1.º de março de 1877, passaram para o mesmo concelho de Castello Branco mais as freguezias de Sobral do Campo e Tinalhas.

O terreno d'esta freguezia, é montuoso e

pouco fertil. Cria, porém. muito gado e nos seus montes ha muita caça.

Está situada na falda da serra da Gardunha.

D. Sancho I lhe deu foral, em março de 1195, o qual D. João II (sendo ainda principe regente) confirmou em Coimbra, a 20 de agosto de 1469.

O rei D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 22 de novembro de 1512.

(*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 33, col. 1.ª)

Foi cabeça de condado, que D. Affonso VI deu a João Nunes da Cunha.

Tem um mosteiro de freiras franciscanas, fundado por Theodozia da Paixão, natural d'esta villa, que foi a sua primeira abbadessa.

Falleceu a 19 de setembro de 1577, com fama de santa.

Foi d'aqui natural, Ascenso de Sequeira, descendente de D. Fernando Rodrigues de Sequeira, immediato successor de D. João I, no mestrado d'Aviz.

No termo d'esta villa, em distancia de 3 kilometros, está a ermida de *Nossa Senhora da Orada*, situada em um logar muito pittoresco, povoado de frondoso arvoredo, entre duas ribeiras, que regam e fertilisam este logar, onde ha bastantes arvores fructiferas, e alguns soutos pertencentes á capella. Junto á porta da ermida ha uma fonte de optima agua potavel, á qual o povo attribue a virtude de curar variás molestias.

Crê o povo d'estas terras, que a ermida da Senhora já existia no tempo dos godos.

Segundo a lenda, eis a origem d'esta ermida.

Uma donzella da villa, filha de paes honrados, foi accommettida de uma molestia que lhe fez inchar muito o ventre. O pae, persuadido que ella se tinha esquecido do que devia a si e aos seus, a levou a um logar cheio de mattos e bosques incultos, onde havia muitos animaes ferozes, decidido a expôr a filha á voracidade d'elles.

Esta, que estava innocente, implorou a misericordia da Santissima Virgem, a qual lhe appareceu, dizendo-lhe que não temesse nada, que Ella lhe valeria. Disse-lhe que a inchação *era produzida por uma cobra que se lhe havia gerado no ventre: que fosse para casa e dissesse a seu pae que mandasse aquecer um pouco de leite, e que, ao cheiro d'elle, sahir-lhe-hia a cobra pela bocca.* (!) Assim se fez, e o resultado foi como se esperava.

O pae da donzella mandou logo construir na tal brenha onde havia exposto a filha, uma ermida dedicada á Santissima Virgem, sob o titulo de *Nossa Senhora da Orada*, em memoria da oração que alli fizera a filha, e na ermida collocou a pelle da tal cobra.

Ainda ha outra versão, é a seguinte:

Um homem de genio irascivel e desconfiado, suspeitou que a mulher faltava á fé conjugal, e levou-a á tal brenha dos bixos, e alli lhe appareceu Nossa Senhora, que o reprehendeu. O homem acreditou então na virtude de sua mulher, pediu-lhe perdão, e fez a ermida. (O mais como da primeira lenda.)

A ermida actual é bastante espaçosa e tem uma boa capella-môr e duas lateraes. Todas as suas paredes são de cantaria, solidamente construidas.

A camara da villa, é a padroeira e apresenta o eremitão.

Tem a Senhora algumas fazendas, que a mesma camara administra, e com cujo rendimento se provê á conservação e aceio da capella e á festa da Senhora.

S. VICENTE — na villa de Mirandella, em Traz os Montes.

—

Em 2 d'abril de 1666, D. Affonso VI creou o condado de S. Vicente, a favor de João Nunes da Cunha. Era da familia dos marquezes de Távora e dos condes de Alvór.

Suas armas são as dos Távoras: (um delfim da sua côr em cinco ondas de azul, em campo de prata. Na orla, o distico — FINDIT QUASCUNQUE.)

Os condes de S. Vicente, eram mórgados de Refojos desde 1430, e senhores de S. Vicente desde 15 de novembro de 1487.

Foi 7.º conde de S. Vicente, Miguel Carlos da Cunha Silveira e Lorêna, 14.º senhor de Gutaço e Panoyas, 16.º morgado de Refojos, 19.º do da Landeira, commendador da ordem de Christo, 1.º tenente da Armada

Real. Succedeu a seu pae, em 4 de dezembro de 1795, e falleceu a 11 de julho de 1806. Tinha casado, em 1797, com D. Isabel Fausta Candida José de Mello, dama da rainha D. Maria I, e da ordem de Santa Isabel, e era 6.ª filha dos primeiros marquezes de Sabugosa. Falleceu a 20 de novembro de 1831.

Tiveram d'este matrimonio, um filho posthumo, que foi:

Manuel José Carlos da Cunha Oliveira e Lorêna, 8.º conde de S. Vicente, 15.º senhor de Gutaço e Panoyas, 17.º morgado de Refojos, 20.º do da Landeira, par do reino, em 1826, commendador da ordem de Christo, coronel do regimento de milicias de Lisboa Occidental.

Succedeu a seu pae, a 11 de julho de 1806, ainda no ventre de sua mãe, pois só nasceu a 9 de março de 1807. Falleceu em 14 de novembro de 1835. Tinha casado, a 12 de setembro de 1826, com D. Joaquina Maria José d'Almada, que falleceu a 16 de julho de 1833: era filha dos primeiros condes de Carvalhaes.

Foi filho unico d'este matrimonio, José Manuel da Cunha Silveira e Lorena, nascido a 26 de outubro de 1830.

Não quiz acceitar o titulo dos governos liberaes.

Hoje é representante d'esta nobilissima familia, o sr. Antonio José Carlos da Cunha Silveira e Lorêna, filho do antecedente.

S. VICENTE DE FÓRA—Vide *Lisboa*, para o que pertence á egreja e mosteiro, aqui só tratarei das pessoas reaes que estão sepultadas (algumas em tumulos bem indecentes!...) nas catacumbas d'este mosteiro.

Jazigos da Casa de Bragança

Estão depositados no pantheon de S. Vicente de Fóra, que pertenceu aos conegos regrantes de Santo Agostinho, os cadaveres das pessoas reaes seguintes:

Reis—D. João IV, D. Affonso VI, D. Pedro II, D. João V, D. José I, D. Pedro III, D. João VI, D. Pedro I, do Brazil, e D. Pedro V.

Rainhas—D. Maria Sophia Isabel, alleman, mulher de D. Pedro II, D. Maria Anna de Austria, mulher D. João V, (jazia em um riquissimo tumulo de marmore preto, na egreja do hospicio de S. João Nepomuceno, d'onde foi transladada para S. Vicente, em 27 de dezembro de 1855); D. Carlota Joaquina de Bourbon, mulher de D. João VI, (jazia na egreja parochial de S. Pedro de Penaferrim, em Cintra, d'onde foi trasladada para S. Vicente, em 22 de outubro de 1859); D. Maria II, mulher do sr. D. Fernando II, D. Stephania Frederica Wilhelmina, mulher de D. Pedro V, D. Amelia, mulher de D. Pedro I, do Brasil, fallecida em 26 de Janeiro de 1873.

Principes—D. Theodosio, filho de D. João IV; D. José, filho de D. Maria I, D. Antonio, filho de D. João VI, D. Augusto, primeiro marido de D. Maria II.

Princezas—D. Maria Francisca Benedicta, mulher do principe D. José, filho de D. Maria I; e D. Amelia, filha de D. Pedro I do Brasil.

Infantas—D. Anna, filha de D. João IV; D. Joanna, filha de D. João IV; D. Theresa, filha de D. Pedro II; D. Francisca, filha de D. Pedro II; D. Maria, filha de D. Maria I; D. Maria Clementina, filha de D. Maria I; D. Maria, filha de D. Maria II, fallecida logo depois de nascer; D. Isabel Maria, filha de D. João VI, fallecida em 22 de abril de 1876.

Infantes—D. João, filho de D. Pedro II; D. Francisco, filho de D. Pedro II; D. Antonio, filho do mesmo, D. Pedro, filho de D. João V; D. João, filho de D. Maria I; D. Leopoldo, filho de D. Maria II, fallecido logo depois de nascer; D. Eugenio, filho de D. Maria, II, fallecido logo depois de nascer; D. Fernando, filho de D. Maria II; D. João, filho da mesma.

D. Antonio e seu irmão D. Gaspar, arcebispo de Braga, e D. José, inquisidor geral, conhecidos todos trez pelo titulo de senhores, ou meninos de Palhavan, filhos naturaes de D. João V, estão em capella particular.

S. VICENTE DE PEREIRA—freguezia, Douro, comarca, concelho e 6 kilometros a E. de Ovar, 35 ao S. do Porto, 25 ao N. d'Aveiro, 8 a E. do Oceano, 275 ao N. de Lisboa, 325 fogos.

Em 1768, tinha 232 fogos.

Orago, S. Vicente, martyr.

Bispado do Porto, districto administrativo d'Aveiro.

O reitor de S. Martinho da Gandara apresentava o cura, que tinha 100$000 réis e o pé d'altar.

Era do antigo concelho de Pereira Juzau — hoje supprimido — comarca da Feira. Foi depois, do concelho d'Ovar, comarca d'Oliveira d'Azemeis, e, desde 1855, comarca e concelho d'Ovar.

Para evitarmos repetições, é urgente ver *Pereira Juzau*, villa d'esta freguezia. (Por mal informado, disse em Pereira Juzau, que a villa era na freguezia de Vallega, quando é n'esta de S. Vicente do Pereira). Vide tambem *Pardilhó*.

Foi senhorio dos condes da Feira, e depois, do infantado.

É terra muito fertil em todos os generos agricolas do paiz, cria muito gado, de toda a qualidade, principalmente bois gordos, que exporta para a Inglaterra, no que faz grande negocio. É tambem muito abundante de peixe, do mar, e da *Ria de Ovar*.

N'esta freguezia ha a aldeia da *Torre*, que, segundo a tradição, tem este nome porque em tempos antigos houve aqui uma torre, da qual já não ha vestigios.

São naturaes d'esta terra os dois benemeritos patriotas, os srs. *João Rodrigues de Oliveira Santos*, e seu irmão, *Antonio Rodrigues de Oliveira Santos*, os quaes, á força de trabalho e lida honrada, adquiriram uma grande riqueza, no Brazil.

O primeiro d'estes senhores, deu 500$000 réis para uma estrada, de Ovar para o Couto de Cucujães (freguezia immediata) passando por S. Vicente de Pereira. Emprestou á camara de Ovar, 4:000$000 réis, sem juros, e com o pagamento em fracções, para construcção de estradas municipaes. Deu réis 1:000$000 (moeda fraca) ao hospital d'Ovar, para ajuda do seu custeio.

Ambos os irmãos fundaram, no mesmo logar da Torre, uma magnifica fabrica de chapeus, de feltro e lan, movida por vapor, a qual se principiou em abril de 1872 e ficou prompta e a funccionar em agosto de 1873. Póde produzir diariamente 1:200 chapeus! Todavia, apenas produz 3:000 a 4:000 chapeus por mez, por causa da difficuldade que ha em abrir mercado aos seus productos — isto é — angariar consumidores; mas a barateza e boa qualidade do genero, augura aos emprezarios um brilhante futuro, pois que a fabrica póde produzir 400:000 chapeus por anno. É de certo a melhor e mais rica fabrica de chapeus, de Portugal, e poucas a excederão em toda a Europa.

Não foi o interesse, o movel d'este emprehendimento; o fim dos fundadores é darem emprego e pão, aos seus patricios e engrandecerem a terra onde nasceram.

O edificio da fabrica foi construido em uma eminencia bastante pittoresca e muito saudavel, e toda a obra é de grande sumptuosidade. Dista 5 kilometros da estação do caminho de ferro do Norte, em Ovar (Cabanões) e está em communicação com ella e com a villa, por uma optima estrada á mac-adam, construida em 1875.

O corpo principal do edificio mede 34 metros de comprido por 14^{m},50 de largo e 8^{m},50 d'alto.

Tem primeiro e segundo pavimento, ambos occupados pelos machinismos e algumas officinas, estando o resto d'estas e a machina a vapor de lavar a lan, seccadouro mechanico para a mesma, estufa, escriptorio, etc., em annexos, construidos em volta do corpo principal da fábrica.

Os armazens para deposito de lans, combustivel e outras materias, são tambem em annexos.

A estrada de que acima fallei, passa mesmo em frente de um pateo, gradeado, e fechado por um portão de ferro, qne dá entrada para o edificio.

Os srs. Santos, apenas de regresso á sua patria, mandaram construir sumptuosas casas para a sua habitação e de suas familias; fizeram quintas, atrahiram visinhos, e por fim, montaram a importantissima fabrica de que fallei, formando assim, e em poucos annos, uma bella povoação, no sitio onde até então apenas havia vastos pinheiraes: povoação que promette prosperar, e já tem muita vida, porque é habitada por centenares de pessoas que acham aqui trabalho e pão.

É facil crer que tudo isto custou muitas dezenas de contos de réis aos seus fundadores, e as machinas são as primeiras e, até agora, as unicas, importadas para Portugal, para este genero de industria.

A machina a vapor é da força de 30 cavallos, e a caldeira da força de 50.

O combustivel é carvão de pedra e lenha. O carvão vem de Inglaterra para Aveiro e d'aqui em barcos, pela Ria, para Ovar.

Para se fazer ideia da importancia d'este estabelecimento industrial, basta dizer que ha n'elle 26 machinas de trabalho, todas movidas a vapor.

Por emquanto, apenas emprega 90 operarios, d'ambos os sexos, mas este pessoal terá de ser consideravelmente augmentado, logo que o consumo dos productos da fábrica se alargue e permitta a fabricação em maior escala.

A materia prima, são lans nacionaes e estrangeiras, e pelles de coelhos e lebres.

Póde gastar annualmente 60:000 kilogrammas de lan e pêllo.

O fabrico vae-se augmentando, á medida que cresce o consumo, e os proprietarios esperam elevar em pouco tempo o numero dos operarios a 150.

Os chapeus já se exportam para todo o reino, ilhas adjacentes, archipelago açoreano, ilhas e continente portuguezes na Africa, e para a Hespanha, Brasil, e outras localidades.

Deus conceda aos srs. Santos todas as prosperidades, de que são dignos, pelo bem que fazem a tantas familias, e pelo augmento e progresso que promoveram ao paiz.

A sua firma social é — Santos & irmão.

S. VICENTE DO PAÚL — Vide *Paúl* (S. Vicente do).

SAPAL — planicie de terra vegetal nas praias do mar, coberta d'agua salgada no inverno, e que de verão se cultiva e é feracissima. (Vide *Villa Real de Santo Antonio*). Tambem se dá este nome a terras pantanosas onde ha muitos sapos (e é de *sápos* que vem *sapal*) substantivo que rigorosamente significa *logar onde ha muitos sapos e rans.* Nas provincias do N. dizem *Sapinheira.*

SAPARDOS — freguezia, Minho, concelho de Villa Nova da Cerveira, comarca de Valença, 30 kilometros ao N. de Vianna, 45 ao ONO. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1768, tinha 103.

Orago, o archanjo S. Miguel.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Os successores de Paulo José Pereira Malheiro, capitão-mór do termo de Villa Nova da Cerveira, apresentavam o abbade, que tinha 160$000 réis e o pé d'altar.

Este padroado foi adquirido para elle, *in solidum*, e o deixou ao tal Paulo, que era seu sobrinho: depois, passou o padroado para os Oliveiras, de Ponte de Lima.

É terra fertilissima, como todas as que estanceiam sobre a margem esquerda do rio Minho. Cria muito gado, de toda a qualidade, e é abundante de peixe, do mar e do rio.

SAPATARÍA — freguezia, Extremadura, concelho de Arruda dos Vinhos, comarca de Villa Franca de Xira, 27 kilometros ao NE. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1768, tinha 51.

Orago, Nossa Senhora da Purificação (vulgarmente, *das Candeias*).

Patriarchado e districto admninistrativo de Lisboa.

O prior e beneficiados da egreja matriz de S. Julião, de Lisboa, apresentavam o cura, que tinha 60$000 réis de congrua e o pé d'altar.

A aldeia de *Pero-Negro* pertencia á freguezia de Dous-Portos, que lhe ficava muito distante, pelo que passou a pertencer a esta da Sapataria.

A freguezia está situada em uma baixa, e banhada pela ribeira do seu nome, que aqui nasce, como adiante veremos, e que depois toma o nome de Sizandro, e réga Torres Vedras (que lhe fica a 12 kilometros de distancia), Runa e outras terras.

—

Junto ao logar da Cerveira, d'esta parochia, está a ermida de N. Senhora da Guia.

Segundo a tradição, foi este templosinho construido á custa de Belchior Dias, solteiro, correeiro, natural da Cerveira, e residente

em Lisboa, pelos annos de 1610. Diz-se que este Belchior fizera a ermida, por ter achado na barreira de uma fonte que está sobre a estrada que vae de Enxara do Bispo, para Lisboa, uma imagem da Santissima Virgem, e onde o mesmo devoto mandou construir uma edicula para memoria; mandando tambem, por essa occasião, reconstruir a fonte, e construir casa para o eremitão. D'esta edicula se vê a ermida.

Por fim, Belchior Dias, se fez eremitão da Senhora, em cuja occupação falleceu, e está retratado em um dos lados do altar-mór.

A festa da Senhora é a 8 de setembro, mas, como a aldeia da Cerveira é pequena e pobre, e não tem rendas nem confraria, a festa tambem é limitada. Antigamente vinha a esta ermida um cirio, de Palhacana e Palayos, no segundo domingo de setembro.

—

A freguezia da Sapataria é uma das mais pequenas do Patriarchado, pelo que o seu rendimento é diminuto, e mal chega para a sustentação do parocho.

Apezar da sua pequenez, é notavel por se solemnisar alli no domingo de Lazaro a procissão da Imagem de Christo com a cruz ás costas—sob o nome do Senhor dos Passos da Sapataria; procissão a que concorre muitissima gente dos trez concelhos d'Arruda, Mafra e Torres Vedras.

Mas é mais notavel ainda por dois factos que a historia portugueza menciona com relação á mesma.

É na freguezia da Sapataria, um pouco acima da egreja matriz e no casal denominado —O Sizandro— que tem origem o rio do mesmo nome, celebrado nos nossos fastos, e que passando proximo do Asylo de Runa, e aos banhos thermaes dos Cucos, e discorrendo em torno de Torres Vedras, vae lançar-se no Oceano pela foz d'Arrandide.

—

Pouco depois de D. Affonso Henriques ter tomado aos mouros, Lisboa e Cintra (então chamada Cinthia, ou serra da Lua) caminhando de conquista em conquista, foi darlhe nova batalha proximo á serra do Soccorro, e no logar desde então e por tal facto denominado—*A da Guerra*— e tão rija ella foi e de tão fino aço eram as espadas dos portuguezes d'aquella era, que o sangue mourisco que fizeram derramar, chegou a tingir as aguas do Sizandro, especialmente na ponte proxima de Mata-cães, nome derivado do brado d'exterminio contra os perseguidos filhos d'Agar e sectarios do crescente.

—

O segundo facto de que a historia falla em relação ao pequeno logar da Sapataria, é o seguinte:

Durante a regencia do mestre d'Aviz, infante D. João, quando o rei de Castella tinha em apertado cêrco a capital de Lisboa, sobreveiu tão horrivel peste, que o seu exercito soffreu grande mortandade.

O rei de Castella ainda quiz continuar o cêrco, apesar de vêr o exercito já muito dizimado pelo contagio, mas sendo a rainha D. Beatriz, que com elle estava, egualmente atacada pela peste, mandou levantar o sitio n'um sabbado, 3 de setembro de 1384, fazendo lançar o fogo, no dia immediato, a todo o arraial, chegando na segunda feira, na maior confusão, á Sapataria, onde pernoitou e d'onde saiu na terça feira para Torres Vedras, considerada já ahi a rainha em artigos de morte.

Segundo alguns historiadores, a Providenciá velou manifestamente pela causa dos portuguezes; porque a não ser aquella epidemia, Lisboa teria sido desastrosamente assolada e victima da sanha implacavel do rei de Castella e da sua soldadesca, e fundam-se aquelles em que o soberbo rei, ao retirar-se do cêrco, voltando-se para a cidade, dissera: *Desejo vêr-te lavrada pelo arado*; e que a rainha dissera tambem: *Cidade ingrata e perfida, permitta Deus, que eu ainda te veja abrazada.*

Se estes ditos, referidos pelos historiadores, são veridicos, mostram realmente quão pequenas eram as almas das magestades castelhanas.

SAPIÃES ou **SAPIÕES** — freguezia, Traz-os-Montes, concelho e 4 kilometros a SE. das Boticas, comarca e 18 kilometros ao S. de Montalegre, 78 ao NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 183 fogos.

Em 1768, tinha 165.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 140$000 réis e o pé d'altar.

É povoação muito antiga. D. Affonso III lhe deu foral, em março de 1251. (*Livro de foraes antigos de leitura nova,* fl. 119, columna 1.ª)

O foral lhe dá o nome de *Zapiães.*

Foi commenda da ordem de Christo.

Situada em uma planicie, no valle chamado da Térva. Compõe-se de duas aldeias —*Sapeães,* séde da parochia — e *Sapéllos.*

O solo d'esta freguezia, pela sua baixa situação, abrigado do N., e com abundancia d'aguas, que se despenham das serras proximas, é muito fertil. Produz batatas, centeio, muito milho, linho, muita e optima castanha, vinho verde, excellentes maçans e outros fructos. Cria bastante gado, de toda a qualidade, principalmente vaccum.

Corre pelo centro da freguezia, na direcção de NE. a SO., o rio *Térva,* que, entre as povoações de Sapeães e Sapéllos, é atravessado por uma ponte de cantaria, denominada *Ponte Pedrinha.* Cria trutas, enguias, escallos, bógas e barbos. Réga e môe.

Tambem a freguezia é atravessada pela estrada de Chaves, a Braga. Foi por esta estrada que seguiu o exercito francez, de Soult, que no dia 6 de março de 1809 se apresentou no valle da *Gironda,* perto da honra de Villar de Perdizes, d'este concelho das Boticas, onde houve algumas escaramuças, entre os invasores e as milicias de Villa Real e paizanos, dos quaes morreram alguns, emquanto o grosso dos inimigos entrou em Chaves, a 14 de março, e pondo-se logo em marcha, entrou n'esta freguezia, pela aldeia de Sapéllos, e seguiu a estrada de Braga por Sapeães, Boticas, Quintas, Lavradas, Alturas, Venda Nova, Ponte do Arco — no concelho de Ruivães, entrando em Braga a 20 do dito mez.

SAPINHA — grande lagôa, no districto da freguezia da Marinha Grande, Extremadura, no bispado, districto administrativo, comarca, concelho e 12 kilometros ao O. de Leiria.

N'esta lagôa principia o famoso *Pinhal d'El-rei.* Está a lagôa á borda do aceiro, e chega até Vieira, freguezia de Cravide, que são 19 kilometros de comprido, e a sua largura chega até o mar, a uns 9 kilometros. Ha n'ella muita caça, e peixe. Tem muitas valleiras, grandes mattos de muita altura, onde se acoita muita caça, grossa e miuda; o pinhal aqui é muito denso, com alguns ribeiros que o atravessam, sendo um dos principaes o de *Muél,* que sahindo da lagôa, morre no Oceano, no sitio do *Cabo,* 3 kilometros de S. Pedro de Muél.

N'este sitio lançaram fogo ao Pinhal de El-rei, em 1645, o que causou grandes prejuizos. Apezar de se tirarem trez devassas, não se poderam descobrir os incendiarios, que por isso ficaram impunes.

Depois, sendo já bispo D. Martim Affonso Mexia, e guarda-mór Jorge da Silva da Costa, houve aqui outro incendio no pinhal, tambem sem castigo, porque consta que foram os referidos bispo e guarda-mór que o mandaram lançar.

(Vide *Carvide, Leiria, Marinha-Grande* e *Pinhal de Leiria*).

SAPO (Torre de Dom)—Vide *Cardiellos* e *Concieiro.*

SAPIÉLLOS —Vide *Freitas* (Poço das).

SARABATO —nome que no sul de Portugal dão aos gatos bravos.

SARABIGÕES ou **SARAVIGÕES** — aldeia, Douro, na freguezia da Espiúnca, comarca e concelho de Arouca, bispado de Lamego, districto administrativo d'Aveiro.

É povoação antiquissima, e provavelmente do tempo dos gôdos. Situada em terreno muito accidentado, proximo ao rio Paiva.

É terra fertil, e produz vinho, que, na sua qualidade de verde, é do melhor de Portugal.

Em 1130, comprou o grande Egas Moniz, e sua mulher *Maria Onoriquiz,* varias herdades na Espinunca, por *fragaes* e por *modios.*

É certo que no seculo XII viveram mais do que um Egas Moniz (alem de seu sobrinho, Egas Moniz Coelho, o poeta)

pelo que podia alguem persuadir-se que as trez mulheres, antes de *D. Thereza Affonso* (que foi a quarta do nosso Egas Moniz), foram de outros do mesmo nome—mas não—foram d'este.

Em Alpendurada existia um pergaminho, de 1142, que continha dous instrumentos:—primeiro, a doação da *villa* de *Savarigones* (Sarabigões) que Egas Moniz e sua mulher, *Gontina Ramirez*, fizeram de metade da dita villa, a S. Martinho da Espiunca e a outra metade ao mosteiro d'Alpendurada—o segundo é uma carta de meiação, dos mesmos conjuges, de todos os seus bens, no caso de nenhum tornar a casar depois de viuvo.

Os mesmos fizeram o seu testamento de mão commum, em 1163, no qual libertam, por sua morte, todos os seus escravos mouros que então forem baptisados.

Ainda viviam estes conjuges em 1174 [1]. O conde D. Pedro (Nobiliario, tit. 36, fl. 187 e seguintes) diz que Egas Moniz foi casado com *D. Mór Paes, filha de D. Payo Guterres da Silva*, da qual tivera descendentes. A ser assim, foi esta a primeira mulher d'Egas Moniz, vindo portanto elle a ter cinco. (Vide 6.º vol., pag. 387, col. 1.ª)

SARAFÃO—Vide *Serafão*.

SARAMIL ou **SERAMIL**—freguezia, Minho, concelho e 6 kilometros ao NE. d'Amares, comarca e 9 kilometros a E. de Villa Verde (foi até 1853 da comarca da Povoa de Lanhoso, concelho de Santa Martha de Bouro, extincto) 18 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 61 fogos.

Em 1768, tinha 56 fogos.

Orago, S. Payo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O papa e a mitra apresentavam alternativamente o abbade, que tinha de rendimento annual 200$000 réis.

Situada em terreno accidentado, na encosta meridional do monte de Santa Cruz, ramo da serra do Gerez.

É abundante d'aguas, que a fazem muito fertil em todos os generos agricolas do nosso paiz. Cria muito gado, de toda a qualidade, e produz muita lenha, e caça.

SARAPICOS—Vide *Serapicos*.

SARDÃO—grande aldeia, Douro, com 60 fogos, pertencente á villa e freguezia de Agueda, que lhe fica fronteira—esta na margem direita (N.) e aquella na esquerda (S.), por isso se lhe dá tambem o nome de *Alem da Ponte*, ou *Agueda de Baixo* [1].

Ainda aqui existe a cadeia municipal, no edificio onde até 1834 se faziam as audiencias do juiz de fóra de Recardães, a cuja jurisdicção pertencia a villa d'Agueda—em parte, e o resto á de Aveiro.

Pertence a esta povoação a antiga e nobilissima casa dos fidalgos do Atalho. É seu actual possuidor, o sr. José de Sousa Tudella de Lemos e Napoles, filho de Rodrigo de Souza Tudella, que, sendo coronel do regimento de milicias de Tondella, no ataque á serra do Pilar (8 de setembro de 1832) estando já dentro da cerca do mosteiro, e carregando intrepidamente os liberaes á bayoneta, foi gravemente ferido, tendo os realistas de retirar, em vista da brava resistencia dos liberaes.

O sr. Rodrigo de Sousa Tudella, era um

[1] Todas estas datas são da era de Cesar. O anno 1174, é o 1136 de Jesus Christo.—Não ha certeza da data da morte d'este heroe—segundo uns, morreu em 1139: outros dizem que foi em 1144, e finalmente outros querem que fosse em 1146. (Vide 6.º vol., pag. 386, col 1.ª)

[1] Dava-se tambem antigamente, entre o povo, o nome de *Agueda de Cima*, á villa d'Agueda, e *Agueda de Baixo*, ao Sardão. Por aqui passava a via militar romana de Lisboa para Calle (Gaia) e depois a *estrada mourisca*.

cavalheiro tão nobre pelos seus antepassados, como pelo seu bellissimo caracter, por isso era estimado e respeitado de todos quantos o conheciam, qualquer que fosse a sua *côr politica.*

—

Agueda está ligada com o Sardão, por uma ponte de cantaria, de cinco arcos, já bastante arruinada, por antiga.

Para o Sardão retirou o exercito francez depois da derrota do Bussaco, em 27, 28 e 29 de setembro de 1810. (Vide *Bussaco.*)

Sardão, é corrupção do arabe *Hardão* (*h* aspirado) e significa *lagarto* — reptil.

SARDOAL — villa, Extremadura, cabeça do concelho do seu nome, na comarca de Abrantes, 5 kilometros ao N. do Tejo, 11 a N. N. E. de Abrantes, 135 da Guarda, 120 ao S. E. de Lisboa. 1:100 fogos.

Em 1768, tinha 800.

Orago, S. Thiago, apostolo, e S. Matheus, evangelista.

Bispado e 70 kilometros de Castello-Branco, districto administrativo de Santarem.

Os marquezes d'Abrantes apresentavam o vigario, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé de altar.

O concelho do Sardoal é composto das duas freguezias, d'Alcaravella, e Sardoal, ambas do bispado de Castello Branco, e com 1:295 fogos. — Pertence á primeira divisão militar.

—

É povoação muito antiga — provavelmente das primeiras d'esta região — mas não se sábe quando, nem por quem foi fundada.

Franklin não menciona foral algum dado a esta villa; mas o que é certo, é que, antes mesmo de ter fôro de villa, já era concelho e julgado independente. Talvez que os duques do Cadaval, seus antigos donatarios, lhe dessem foral, e é por isso que Franklin o não traz, pois só menciona os dados pelos reis e poucos mais.

Está a povoação situada em uma baixa, em logar ameno, fertil e salubre, muito abundante de excellentes aguas potaveis, pelo que produz todos os fructos do nosso clima, em grande copia.

Foi elevada á cathegoria de villa, por carta de mercê de D. João V, dada em Evora, a 10 d'agosto de 1532.

Pelo seu termo passam os rios *Cadafaz*, e *Alferradêde* (ou *Arcês*), e a *Ribeira das Rêzes.*

Feira a 28 de outubro.

Tem Misericordia e um bom hospital, com o movimento annual de 200 enfermos, e administrado pela Santa Casa. Foi fundado pelos annos de 1400, e confirmado pelo pontifice Innocencio 6.º, em 1554, sob a denominação de *Confrades de Santa Maria do Hospital.* Com as esmolas dos irmãos e de outros devotos, e com varios legados, obteve um bom rendimento, que sempre tem sido conscienciosamente administrado.

Até 1834, esteve o hospital proximo á egreja matriz da freguezia (que é um dos melhores templos do bispado) depois, foi mudado para o mosteiro de Nossa Senhora da Caridade, sito no alto do monte, sobranceiro á villa, e que pertencêra aos frades menores, da provincia da Soledade (franciscanos). Foi um local bem escolhido, porque é aprazivel e muito saudavel, reunindo todas as condições hygienicas que se requerem para estes estabelecimentos.

Francisco Manoel de Mendonça, da illustre casa dos Mouras, do Pochão, conego da Sé Patriarchal, sendo provedor da Misericordia d'esta villa, quando se transferiu o hospital, comprou a cêrca dos frades, contigua ao mosteiro, e fez logo doação d'ella á Santa Casa, da qual foi um sollicito protector, fazendo á sua custa todas as obras indispensaveis para adaptar as divisões interiores do mosteiro, ao fim para que era destinado. Falleceu este benemerito cidadão, em 19 de agosto de 1862. Foi seu herdeiro, o padre Gregorio Pereira Tawares, que foi tambem um caritativo bemfeitor da Santa Casa. Falleceu em 19 de outubro de 1867.

O mosteiro de Nossa Senhora da Caridade, foi construido em 1571, pelo ministro provincial da ordem, no local onde já existia uma ermida da invocação de Nossa Senhora da Caridade.

Foi este mosteiro feito á custa das esmolas do povo da villa, principalmente de D

Lopo d'Almeida, conde d'Abrantes, o qual, por viver no Sardoal, e ser muito amigo dos religiosos, concorreu com a maior parte das despezas das obras do mosteiro, e alem d'isso o dotou com bastantes rendas. Por sua disposição testamentaria, foi sepultado junto aos degraus do altar-mór.

Francisco Lobato, membro de uma das principaes familias d'esta villa, tambem deu grandes esmolas para esta fundação, o que consta da inscripção gravada na sua sepultura, que está na casa que foi do capitulo.

O padroado da capella mór do mosteiro, quando este se reedificou, foi dado a D. Gaspar Barata de Mendonça, 1.º arcebispo da Bahia, por contracto celebrado no 1.º de abril de 1678. Este bemfeitor, tinha dado para a reconstrucção da mesma capella-mór, mil cruzados (400$000 réis), e se obrigou á *ordinaria* de 30$000 réis annuaes, para a sua conservação. Jaz sepultado em um soberbo mausoleu, na egreja do mosteiro, do lado da epistola.

Do lado do Evangelho, está uma lápide embebida na parede, que refere o principio da reedificação.

Sob o pavimento da mesma capella-mór, ha um vasto carneiro, onde eram sepultados os membros da familia Moura de Mendonça.

No corpo da egreja ha mais campas, que, pelas suas inscripções, consta serem de pessoas notaveis da villa.

Tambem no pavimento da egreja matriz, ha varias campas de pessoas nobres do Sardoal.

—

Ha n'esta villa um dos mais ricos mananciaes d'aguas ferreas, tidas por efficassissimas como digestivo, desobstruente e até lithotriptico.

—

Ainda que seja muito consideravel a importancia agricola d'este concelho, o que constitue a sua principal riqueza, é a producção de azeite, de optima qualidade; sendo o terreno dos olivaes tão productivo, que ainda sob o arvoredo dá trigo, milho, feijão e outros fructos.

—

O Sardoal tem tido, em todos os tempos, pessoas de grandes haveres e de muita representação, e tem dado varões eminentes e benemeritos da patria, pelos relevantes serviços que lhe prestaram, tanto no exercito e armada, como pelos seus talentos e altas dignidades que occuparam, o que ainda hoje se póde ver pelos epitaphios das suas sepulturas, tanto na egreja matriz, como na da Misericordia e na do mosteiro.

—

Ha n'esta villa, as ermidas, do Espirito Santo, de Nossa Senhora do Carmo, de Santa Catharina, de Santa Anna, e de S. Sebastião, dentro da villa, e nos seus limites, havia as de S. Francisco, Santa Maria Magdalena, S. Domingos, e S. Miguel.

O *Santuario Marianno*, trata de mais duas ermidas, em que o meu benevolo informador me não falla. D'ellas faço menção no fim d'este artigo.

Houve tambem a antiquissima ermida do evangelista S. Matheus, que consta ter sido a primitiva matriz da parochia.

A capella de Nossa Senhora do Carmo, pertence á illustre casa dos Mouras Mendonças, hoje em poder de herdeiros que não pertencem a esta familia, e é a mais sumptuosa de todas, e aceiadamente conservada pelos seus actuaes possuidores.

Quanto ás ermidas dos suburbios da villa, umas estão desmanteladas e outras, nem d'ellas ha hoje o minimo vestigio.

—

Até 1860, pouco mais ou menos, havia aqui um bodo no domingo do Espirito Santo, dado pelos mordomos e outras pessoas, que, por devoção, contribuiam com os seus donativos para elle e para a respectiva festividade, uma das mais solemnes da villa, e que era em todos os annos muitissimo concorrida, mesmo de romeiros de muito longe.

A instituição d'este bôdo é tão antiga que se ignora quando e porque motivo teve principio.

Os que concorriam com donativos para esta solemnidade, tinham uma porção de

carne de vacca e pão cosido, em proporção da esmola que tinham dado, e cada uma d'estas pessoas, armava na vespera, em sua casa, um altar, que á porfia cada um ornava o melhor possivel, pois que á noite, grande parte das familias da villa, com seus convidados, tinha por costume visitar os taes altares. No domingo era o pão, a carne e os mais donativos, conduzidos á ermida do Espirito Santo, e alli repartidos pelos pobres.

Deixou de fazer-se o bôdo, pelo muito que n'elle se dispendia.

Hoje ainda se faz um bôdo, porém menos apparatoso, na capella de S. Thiago, pertencente a um grupo d'aldeias da freguezia.

Aguas mineraes

Ha n'este concelho grande numero de nascentes d'aguas mineraes, porém as mais importantes, tanto pela sua abundancia, como pela sua mineralisação, estão proximas da villa, das quaes, e de outras fontes publicas d'este concelho, já tratou em seu *Aquilegio medicinal*, Francisco da Fonseca Henriques, medico, de Mirandella.

A mais antiga d'estas nascentes, tem no frontespicio da fonte, a data de 1710, e se denomina a *Fonte de ferro*. Rebenta de uma rocha granitica, um pouco abaixo da ermida de S. Sebastião e na margem esquerda da ribeira, produzindo nove centimetros cubicos d'agua por segundo. A sua temperatura é de 60° F.—É transparente, inodora, e com o sabor ordinario das aguas ferruginosas. Attribuem-se-lhe qualidades desobstruentes e lithotripticas.

A outra nascente, ainda mais abundante do que a *do ferro*, corre cem metros abaixo d'esta, deixando por onde passa um sedimento avermelhado, e o seu sabor é como o da primeira. É tambem na margem esquerda da mesma ribeira. Appareceu pela primeira vez, no dia do grande terramoto do 1.° de novembro de 1755, em resultado de um abalo de terra que abriu o rochedo, e pela fenda começou a correr esta agua. Em 1791, á custa do povo da villa, foi passada ao travez da ribeira, convenientemente canalisada, de módo a não se communicar com as aguas da dita ribeira, até um chafariz, a uns cem metros de distancia, na margem direita. Produz em cada segundo trez centimetros cubicos d'agua, por trez bicas, e a sua temperatura e qualidades therapeuticas são como a *do ferro*.

Ainda não foram competentemente analysados, mas demonstram ser mineralisados pelo carbonato de ferro. Empregam-se nos padecimentos gastralgicos e chloroticos. Com as remanescentes, se regam e fertilisam muitas terras.

O povo da villa se serve d'estas aguas para beber, e para os mais usos domesticos.

—

Em 1879, a camara municipal d'este concelho, sendo seu presidente o sr. Maximo Maria Serrão, dotou esta villa com um melhoramento ha muito reclamado, qual foi a acquisição de um abundantissimo manancial d'agua potavel, que lhe fica a 3 kilometros de distancia, aproximadamente, e que foi logo canalisada para a villa, em manilhas de ferro.

Já em março de 1876, tinha a camara obtido auctorisação para desviar a receita da viação municipal, por dez annos, para esta canalisação. — O manancial d'onde vem esta agua, chama-se *Fonte do Rei Alvaro.* (?)

—

Ha no concelho, minas de chumbo e ferro; em abril de 1876, manifestou n'esta camara, o sr. Francisco José da Fonseca Moraes, uma mina de cobre; e em 1873 se descobriu uma de prata.

—

Em 17 de abril de 1866 foi feito visconde do Sardoal, em sua vida, José de Figueiredo Frazão, já fallecido. Em 6 de agosto de 1878, foi feito visconde do mesmo titulo, seu filho o sr. José de Figueiredo Pimenta Avellar Frazão.

—

N'esta villa nasceu o padre Antonio de Carvalho de Parada, guarda-mór da Torre do Tombo, doutor em theologia, visitador do arcebispado d'Evora, arcipreste da Sé de Lisboa, e prior da freguezia de Bucellas, onde falleceu, em 12 de dezembro de 1655.

Escreveu as obras seguintes:

Dialogos sobre a vida e morte do muito

religioso sacerdote, Bartholomeu da Costa, thesoureiro-mór da Sé de Lisboa. Foi publicada na capital, por Pedro Craesbeeck, em 1611.

Arte de reinar. Ao potentissimo rey D. Joan IV, nosso senhor, restaurador da liberdade portugueza. Publicada em Lisboa, por Paulo Craesbeeck, em 1643.

Justificaçam dos portuguezes sobre a acçam de libertarem seu reyno da obediencia de Castella; offerecido ao principe D. Theodosio. Publicada na typographia antecedente, e no mesmo anno de 1643.

Discurso sobre os inconvenientes que resultam do modo com que alguns prégadores reprehendem os principes e ministros.

Deixou manuscripto um *Discurso sobre a reforma ou extincção, do officio de provedor das comarcas.*

—

No dia 7 de dezembro de 1432, nasceu n'esta villa, a infanta D. Maria, filha do rei D. Duarte e da rainha D. Leonor. Morreu logo no dia seguinte.

—

Ermida da Senhora da Graça

O *Santuario Mariano*, 7.º vol., pag. 337, diz, que, 3 kilometros a E. da villa do Sardoal, na aldeia de Vilhascos, está a ermida de Nossa Senhora da Graça, com as paredes interiores revestidas de azulejos, com o seu competente côro e um álpendre ou galilé, unido á porta principal; e casas para o eremitão e aposentadoria dos romeiros.

Tem a ermida, capella-mór, e é um templosinho muito bonito, apezar da sua antiguidade, pois se ignora quando ou por quem foi fundado. A sua festa é a 8 de setembro, e sempre muito concorrida. Tinha eremitão e um capellão que vinha aqui dizer missa em todos os domingos e dias santificados.

Ermida da Senhora da Lapa

A pag. 339 do mesmo livro, nos falla o seu auctor, na capella de Nossa Senhora da Lapa, que diz estar a 3 kilometros ao E. da villa, e junto á margem da ribeira de *Aracés* (tambem chamado Alferradede) em um ameno valle, e construida sobre uma penha: é de boa architectura e com um só altar.

Da margem do rio ha uma escada de cinco degraus, para subir para a porta principal da ermida. Em frente d'esta, do outro lado da ribeira, continúa o mesmo rochedo, no qual ha uma lapa, em que, segundo a tradição, appareceu a imagem da Senhora, por isso chamada da Lapa.

É templo muito antigo e não se sabe quando foi construido. Proximo a este sitio, havia uma quinta que foi do abbade, João Cançado, fundador da ermida.

Na lapa da apparição, foi collocada uma imagem de Santa Maria Magdalena. Esta lapa dista uns 20 metros da ermida, e quando a ribeira enche, chega a agua á lapa, e á porta da ermida da Senhora.

Em 1720, era padroeiro da ermida, Duarte de Sousa da França, sobrinho do fundador, e que tinha junto da ermida uma quinta com grandes casas de habitação, nas quaes dava colheita aos romeiros, quando pernoitavam n'este logar.

Parece que o tal abbade, João Cançado, viveu pelos annos de 1680.

De nenhuma d'estas duas capellas me falla o meu benevolo informador, por isso não sei se ainda existem.

—

Cumpre-me aqui agradecer cordialmente ao ex.^{mo} sr. doutor Geraldo Joaquim Maria da Costa, medico do partido da camara do Sardoal, os valiosissimos apontamentos que teve a benevolencia de me dar, com respeito a esta villa, e que tánto concorreram para que o artigo sahisse o mais completo possivel.

Se as pessoas illustradas das differentes povoações do reino, tivessem o patriotismo do sr. dr. Costa, muito mais perfeito seria o meu trabalho, e concorreriam para que as suas terras fossem melhormente conhecidas.

Já disse em mais de um logar d'esta obra — o *Portugal antigo e moderno*, não devia ser de um só homem, mas de todos aquelles que estão nas circumstancias de concorrer com as suas informações para que o livro saia o mais completo possivel, visto ser uma obra nacional e patriotica, que a to-

dos os portuguezes pertence, e a todos deve interessar.

Honra pois ao sr. dr. Costa, que soube comprehender isto, e que tanto concorreu para tornar a sua terra devidamente conhecida e apreciada. Ainda outra vez, os meus sinceros agradecimentos.

SARDOURA—freguezia, Douro, 8 kilometros ao O. N. O. da villa de Sobrado, capital do concelho do Castello de Paiva, comarca e 18 kilometros ao N. O. d'Arouca, 54 ao O. de Lamego, 8 ao S. do rio Douro, 75 ao N. E. d'Aveiro, 50 ao E. do Porto, 315 ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1768, tinha 177.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção).

Bispado de Lamego, districto administrativo d'Aveiro.

A Universidade de Coimbra apresentava —por concurso—o reitor, que tinha réis 100$000 e o pé d'altar.

Da-lhe o nome a ribeira de *Sardoura*, que atravesssa esta freguezia, e se mette na margem esquerda do Douro, no sitio da *Palla*, freguezia de S. Martinho de Sardoura, pouco acima das *Pedras de Linhares*.

É mesmo a palavra árabe *Sardoura*, que significa—*andar á roda*. É composta do verbo *sara*—andar—e *daura*—á roda. Com effeito, este rio dá tantas voltas, que parece andar á roda. Note-se porém que se lhe dá o nome de *rio*, quando não é mais do que um ribeiro.

Para evitarmos repetições, vide no 8.º vol., pag. 62, col. 2.ª, o que digo na freguezia de *Real*, Douro, concelho do Castello de Paiva; e no mesmo volume, pag. 176, col. 2.ª, na palavra *Riba-Paiva*.

É terra fertil em todos os generos agricolas do nosso paiz, sendo excellente o pouco azeite que produz, bem como é de optima qualidade o seu vinho verde. Cria muito gado de toda a qualidade, e faz grande commercio com a cidade do Porto, para onde exporta, pelo Douro, o que lhe sobra do consummo, principalmente fructas, de muito bôa qualidade.

O terreno d'esta freguezia e da seguinte é sobremodo accidentado, mas os seus valles são fertillissimos, porque, além do rio Sardoura, são regados por varios arrôios e aguas de minas.

No centro do formoso *Valle de Sardoura*, elevam-se dous picos, de fórma pyramidal, e de grande altura, um chamado *S. Gens*, e o outro *S. Paullo*. Segundo a lenda, cada um d'estes picos era no seu vertice habitado por um ferreiro santo (os taes *Gens* e *Paullo*) ambos irmãos. Quando um d'elles precisava de qualquer instrumento do seu officio, d'ali mesmo o pedia ao outro, que lh'o atirava, e hia cahir ao sitio desejado, apesar de que, do cume de um monte ao do outro ha uma distancia de uns 800 a 900 metros.

São crendices, mas inoffensivas; e é melhor ser crendeiro do que descrente.

Esta freguezia e a seguinte formavam uma só parochia, da qual se desmembrou parte, para formar nova parochia, tomando por padroeiro, S. Martinho, bispo; mas ficando curato filial d'esta de Santa Maria.

SARDOURA—freguezia, Douro, no mesmo concelho, comarca, bispado e districto administrativo da antecedente, e, com pouca differença, conservando as mesmas distancias, menos para o N., que termina mesmo na margem esquerda do Douro, 180 fogos.

Em 1768, tinha 86 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

O reitor da freguezia antecedente, apresentava o cura, collado, que tinha 5$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Ha n'esta freguezia duas ermidas—a do Espirito Santo, e a de Nossa Senhora do Pilar.

Quanto á sua posição topographica, etymologia, producções agricolas, e generos que exporta, é em tudo semelhante á antecedente, para a qual remetto o leitor.

SARILHOS-GRANDES—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Aldeia Gallega do Ribatejo, 18 kilometros a E. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1768, tinha 77.

Orago, S. Jorge.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Sarilhos, é um logarejo, onde, em volta de uma egreja pobre e arruinada, se amontoam meia duzia de casinholas de terra, cobertas de telha-van, ou de palha de centeio. Aqui não ha uma tenda, nem açougue, nem outro outro qualquer estabelecimento commercial, por mais insignificante que seja!

A egreja matriz está no mais miseravel estado, e indecente para o culto divino; e, se não fosse um devoto que deu 62$000 réis para se compôr o telhado, já ha muito que elle teria cahido. Ha falta de paramentos e alfaias, e os que existem estão no mais lastimoso estado, sem que os freguezes possam acudir a isto, porque são quasi todos pobrissimos.

Parece incrivel que a trez leguas da capital, se consinta a existencia de tal freguezia, que ha muitos annos deveria ter-se supprimido, annexando-se a qualquer das immediatas.

SARMOAR — portuguez antigo — exhortar, animar com bons conselhos.

SARNADAS ou **SERNADAS** — freguezia, Beira Baixa, concelho d'Oleiros, comarca da Sertan (foi da comarca de Castello Branco, extincto concelho de Sarzêdas) 8 kilometros da Guarda, 225 ao S. E. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1768, tinha 39.

Orago, S. Simão.

Patriarchado de Lisbôa, districto administrativo de Castello Branco.

(Pertence ao patriarchado, por ser do grão-priorado do Crato).

O vigario de Sarzedas apresentava o cura, que tinha 20$000 réis e o pé d'altar.

Dá-se vulgarmente a esta freguezia a denominação de *Sarnadas de S. Simão*, para a distinguir da seguinte.

Serna, é portuguez antigo. Dava-se este nome á herdade que se semeia pela primeira vez, e ao tributo que por ella se pagava ao senhorio. É pois de *Serna*, que vem *Sarnada*, *Sernada*, *Sarnadella*, e *Sernadella*.

SARNADAS DO RODAM — freguezia, Beira Baixa, Concelho de Villa Velha do Rodam, comarca, districto administrativo e bispado de Castello Branco, 100 kilometros da Guarda, 210 a E. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1768, tinha 67.

Orago, S. Sebastião, martyr.

O vigario de Villa Velha do Rodam, apresentava o cura, que tinha 24$000 réis, e o pé d'altar.

É terra fertil.

A mesma etymologia da antecedente.

SARNES — Vide *Macieira de Sarnes*, ou *das Terças*.

SARRADO — portuguez antigo — cerrado, inteiro, completo, e sem diminuição alguma. — «*Se pela ventura El-Rey nom vier ó Doiro, que nom leve as Coleytas* (acolheitas) *nom darem se nom XIII maravidîs menos quarto: e se El-Rey levar as Coleytas, seerem XII maravidis* sarrados.» (Documento da Graça, de Coimbra, de 1326.) [1]

Çarrado, porém, se dizia de todas as propriedades que estavam em volta de um logar. «*Foi dada a dita terra de fôro çarradamente ao dito concelho.*» (Foral da Ervedosa, de Bragança, dado pelo rei D. Manoel, em 22 de julho de 1514).

Hoje diz-se *cerrado*, ou *tapada*, a um terreno de matto ou arvoredo, fechado em volta, de muro, ou vallado.

SARRÃO—portuguez antigo—Vide *Raza*.

SARRACINA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e 12 kilometros de Miranda, 475 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1768, tinha 94.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Parada, apresentava o cura, que tinha 7$300 réis de congrua e o pé d'altar.

É povoação muito antiga, pois já existia no seculo X. — Parece que então era apenas uma *villa*, ou *granja*. No *Livro de Mumadona*, consta que D. Flamula a vendeu ao abbade Gonta, do mosteiro de Guimarães, pelos annos de 980.

[1] Ainda hoje se diz — *descarga* cerrada, á que dá todo um corpo de tropas, que é como se dissessemos *descarga completa*, ou dada por todos.

Esta freguezia está ha muitos annos annexa á de Parada, do mesmo concelho.

SARRAQUINHOS *ou* **SERRAQUINHOS** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e 12 kilometros a E. de Montalegre, 74 ao N. E. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 198 fogos.

Em 1768, tinha 153.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção. (Antigamente, era Nossa Senhora do Ó, ou da Expectação.)

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O abbade de Santa Christina de Cervos, apresentava o vigario, que tinha 140$000 réis de rendimento.

Pagava esta freguezia, as *quartas nonas* dos dizimos (quatro nonas partes) á egreja Patriarchal de Lisboa.

Compõe-se a parochia, de cinco aldeias, que são — Sarraquinhos, séde da parochia — Pedrario — Cepêda — Zebral — e Antigo de Zebral.

Tem no seu districto, cinco capellas publicas — *S. Sebastião*, á entrada da aldeia de Sarraquinhos — *Nossa Senhora da Assumpção*, em Cepêda — *S. Pedro*, em Pedrario — *S. Bartholomeu*, no Antigo — e *S. Geraldo*, em Zebral.

É bastante accidentado o terreno d'esta freguezia, e na origem do rio Beça, ao N. da serra de Leiranco.

O seu sólo é arenoso e desabrigado do norte, mas, apezar d'isso, produz muito centeio, batatas, linho, e algum trigo e milho.

Sarraquinho e Pedrario eram casaes *serrados*, e pagavam — aquelle 30$310 réis — e este 14$640 réis. (Vide *Sarrado.*)

—

Alexandre de Sousa Pereira, filho de Antonio de Sousa Pereira, natural de Villar de Perdizes, defendeu-se valorosamente em 1708, no Porto de Sarraquinhos, contra os castelhanos, impedindo-os de entrarem para a freguezia da Chan.

Segundo a tradição, em 1643 foram incendiadas pelos gallegos as aldeias de Pedrario, Cepêda, Sarraquinhos, Solveira e outras mais, porém os povos d'aqui vingaram-se, matando muitos dos incendiarios.

—

O nome d'esta freguezia, é corrupção do arabe *sarraquino*, que significa ladrão. Deriva-se do verbo *saraca*, furtar, roubar.

SARRAZELLA — aldeia, Beira Alta, concelho de Satam, a 20 kilometros de Vizeu, a cujo bispado e districto pertence.

Junto a esta aldeia, existe um jazigo de carbonato de cal, que foi descoberto pelos annos de 1790, e tem sido explorado por diversos individuos, sem resultados animadores.

Em fevereiro de 1878, os srs. dr. Antonio Diogo, F. R. Vianna, e Joaquim de Sampaio manifestaram na respectiva camara, esta zona calcarea, na intenção de principiarem a sua lavra, segundo as modernas indicações da sciencia.

Em abril do mesmo anno, foram algumas carradas de pedra calcaria (carbonato de cal) para Brufe, e ahi calcinadas em fôrno de coser telha. Logo a 3 do referido mez, ficaram perfeitamente cosidos alguns carros de cal, que foram empregados nos novos paços do concelho de Viseu, e nas casas novas que na aldeia de Contige mandou construir o sr. dr. Antonio Xavier, actual commissario de policia de Viseu.

A cal é de boa qualidade e promette aos emprehendedores, um resultado auspicioso, attendendo á carestia do genero por estes sitios.

SARRAZOLLA *ou* **SERRAZOLLA** — *e* **SÊDA** — villa e freguezia, Alemtejo, concelho de Alter do Chão, comarca da Fronteira, 45 kilometros d'Elvas, 165 a E. de Lisboa, 140 fogos.

Orago, de Sarrazolla, S. Domingos — e da villa de Sêda, Nossa Senhora do Espinheiro.

Bispado d'Elvas, districto administrativo de Portalegre.

A mesa da consciencia e ordens apresentava o capellão-curado de Sarrazolla, que tinha 120 alqueires de trigo, 90 de cevada e 15$000 réis em dinheiro.

Esta freguezia, em 1768, tinha 46 fogos.

A egreja de Seda era da mesma apresentação, e o parocho (prior) tinha 240 alqueires de trigo, 120 de cevada, e 20$000 réis em dinheiro.

Esta freguezia, em 1768, tinha 150 visinhos.

Tem pois estas duas freguezias, hoje unidas, diminuido de população ha 112 annos, pois tendo em 1768, ambas, 196 fogos, hoje apenas teem 140—isto é—menos 57.

A villa de Seda é uma povoação antiga. Frei Simão Soeiro, mestre da ordem d'Aviz, lhe deu foral, na villa d'Aviz, a 18 de maio de 1271. (Maço 11 de *foraes antigos*, n.º 5).

O rei D. Manoel lhe deu foral novo, em Santarem, no 1.º de outubro de 1510. (*Livro de foraes novos do Alemtejo*, fl. 53 v., 2.ª col.)

Já no tempo dos romanos era Seda uma povoação importante, que foi destruida com as guerras da edade media, mas os lusitanos a reconstruiram.

Era cercada de altos muros (sem ameias) e o seu castello se chamava *Arminho.* Ainda se vêem os seus restos em um alto, sobranceiro á ribeira de Séda.

Diz-se que, quando pelos annos de 1160, os portuguezes tomaram este castello aos mouros, e em vista da pouca resistencia d'estes, disseram: «*A fortaleza se dá*», e d'aqui lhe provém o nome de Seda. (É uma etymologia como ha muitas.)

D. João I a elevou á cathegoria de villa, em 1427, dando-lhe então muitos privilegios e isenções, que o foral de D. Manoel confirmou.

Tem Misericordia.

Ha no seu termo duas fontes notaveis — a do Freixial, de agua tão fria, que lançando-se-lhe á noite peixes vivos, pela manhã estão mortos e com os olhos rebentados — a outra, é de agua clara, mas não cose carne, por mais que n'ella ferva.

Na antiga *Via Adriana*, e cruzando a caudalosa ribeira que banha a parte baixa da outr'ora florescente villa, e hoje abatida freguezia de Seda, está construida uma ponte, geralmente conhecida pela denominação de *ponte de Villa Formosa*, que é um monumento duplamente grandioso, pela solidez e primor da sua construcção. Tem resistido ás maiores enchentes, sem que se lhe conheça o minimo detrimento.

O vento e as aves, depositaram sobre os seus relevos, sementes de figueira brava, de azinheira e de aroeira, que alli germinaram, e lenta e impunemente tem vegetado, e suas raizes, insinuando-se pelas juntas das pedras, teem desconjuntado algumas.

É obra dos romanos, e, segundo consta, feita pelo mesmo mestre que construiu a famosa ponte d'Alcantara, em Hespanha.

Se isto é verdade, não tem esta ponte menos de 1770 annos de existencia, porque a ponte d'Alcantara foi mandada fazer pelo imperador Trajano, pelos annos 110 de Jesus Christo.

Tambem ainda existem vestigios da Via Adriana, que de Lisboa se dirigia a Merida, então capital da Lusitania.

Ignora-se o nome que esta povoação tinha no tempo dos romanos.

—

Junto á villa de Benavilla (no concelho e 6 kilometros ao E. d'Aviz, comarca da Fronteira) está o vasto e antiquissimo templo de *Nossa Senhora d'Entre-Aguas*, assim denominada por estar entre as ribeiras de Seda (ou d'Alter) e a de Sarrazolla, que se juntam em Benavilla, e desaguam no Sôr, o qual, com o Coruche, morre no Tejo.

Segundo a tradição constante entre os povos d'estes sitios, a egreja da Senhora de Entre-Aguas, foi, em tempos antigos, matriz de Sarrazolla, Seda, Benavilla, e mais povoações circumvisinhas; e que deixou de o ser, por causa das grandes cheias do inverno, que, por muitas vezes, cobriam as pontes d'ambas as ribeiras.

Na parede exterior da egreja, está embebida uma lapide com a seguinte inscripção:

L. BESA. L. VES. I. EAN.
L. H. S. E. S. T. S. III.

Até agora, que me conste, ainda ninguem *decifrou* isto, e julgo que a razão é não estarem as letras já bem claras. É provavelmente a campa de um individuo, porque na segunda linha se vê — H. S. E. — (*hic sepultus est*) — S. T. S. III., é provavelmente, ou êrro de copia, ou as letras estão pouco intelligiveis, por apagadas. Quanto a mim, devia ser — S. T. T. L. (*sit tibi terra levis*).

Ainda segundo a tradição, já em 370 existia esta egreja, como matriz de uma freguezia. Isto não se póde affirmar, por não haver documentos que o provem; mas não é impossivel, porque por esse tempo era imperador Constantino Magno, filho de Santa Helena, o primeiro imperador christão, e sabemos com certeza que o catholicismo era já então a religião da maior parte dos lusitanos.

SARTAL—portuguez antigo—cordão ou fio de perolas—«*Item—Dexo uno sartal al Rei de Castella.*» (Testamento de D. Maria Rodrigues, hespanhola, de 1258.—Doc. de Salzêdas.

SARZÊDA—freguezia, Beira Alta, concelho de Sernancêlhe, comarca de Moimenta da Beira, 36 kilometros de Lamego, 335 ao N. de Lisboa, 117 fogos.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Orago, Santa Luzia, virgem e martyr.

O commendador de Sernancêlhe, apresentava o cura, que tinha 50$000 réis de rendimento.

É terra fertil em cereaes e castanhas.

Tem trez capellas—Nossa Senhora da Gloria, Santa Barbara, e S. Sebastião.

SARZÊDAS—freguezia, Traz-os-Montes, bispado e districto administrativo de Bragança, 48 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa.

Em 1768 tinha 28 fogos.

Orago, S. Matheus, evangelista.

O cabido da Sé de Bragança, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia foi supprimida no fim do seculo 18.°

SARZÊDAS—villa, comarca, concelho, districto administrativo, bispado e 18 kilometros a O. de Castello-Branco (foi cabeça do concelho de seu nome, na mesma comarca de Castello-Branco) 84 kilometros da Guarda, 200 ao E. de Lisboa, 800 fogos.

Em 1768, tinha 480 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

O papa e a mitra, apresentavam alternativamente o vigario, que tinha 100$000 réis de rendimento.

D. Gil Sanches, filho bastardo de D. Sancho I, lhe deu foral, com os privilegios do da Covilhan, em janeiro de 1212.—O rei D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.° d'agosto de 1512. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 12, col. 2.ª)

Tem feira a 15 d'agosto: dura 3 dias.

Situáda em um alto fragoso, na serra da Gardunha, cercada por todas as partes pelos rios *Ocrêza*, *Magueija*, *Almacêda*, *Tripeiro*, e *Alvito*. Por isso, é terra muito fertil.

Diz-se que o seu fundador foi o referido infante, D. Gil Sanches, em 1212.

Tem Misericordia.

Tinha um forte castello, mandado construir pelo rei D. Diniz, pelos annos de 1300, e que, como quasi todos os castellos d'este tempo, está em ruinas.

A distancia de 5 kilometros da villa, está a bonita ermida de S. Bento, ao qual se faz todos os annos uma grande solemnidade.

—

D. Filippe IV, fez 1.° conde de Sarzedas, em 21 de outubro de 1630, a D. Rodrigo Lobo da Silveira, descendente de Geraldo Geraldes (o *Sem-pavor.*)

O brazão d'armas d'estes condes, é—Em campo de prata, 3 faxas de púrpura: êlmo de prata, aberto, e por timbre, meio urso, de prata, ornado de púrpura.

É 7.° conde de Sarzedas, o sr. D. Francisco d'Assis da Silveira e Lorêna (feito em março de 1879) filho do 6.° conde, D. Bernardo Heitor da Silveira Lobo, feito em 21 de outubro de 1862.

D. Bernardo Heitor, era filho do 5.° conde, D. Bernardo José de Lorêna e Silveira, grão-cruz da ordem de S. Thiago, commendador da de Christo, governador e capitão-general da provincia de Minas Geraes (Brasil) vice-rei da India, e que falleceu em 1818.

D. Bernardo José, 5.° conde de Sarzedas, era filho de Nuno Gaspar de Lorena, moço fidalgo, veador da rainha, D. Maria I, tenente-general, governador das armas do Alemtejo,[1] fallecido em 1789.

[1] Era irmão do ultimo marquez de Távora. Vide *Chão-Salgado*.

Tinha casado, a primeira vez, com D. Luiza Francisca Antonia da Silveira; e a segunda, com D. Maria Ignacia da Silveira, ambas filhas, e a primeira herdeira de D. Braz Balthazar da Silveira, moço fidalgo, senhor da villa de S. Cosmado, commendador da ordem de Christo, conselheiro de guerra, governador e capitão-general de Minas Geraes, governador das armas da Beira, e mestre de campo general—que falleceu em 1751. Tinha casado com D. Maria Joanna Ignez Vicencia de Menezes, primeira filha dos segundos condes de S. Thiago.

D. Braz José Balthazar, senhor de S. Cosmado, alcaide-mór de Viseu, commendador da ordem de Christo, governador da torre de S. Lourenço da Barra, e tenente coronel de infanteria; fallecido a 3 de maio de 1806.

Tinha casado com D. Anna Isabel de Castro, setima filha dos primeiros condes de Rézende.

Filhos do segundo matrimonio:

D. Francisca de Paula, marqueza do Pombal. Vide *Redinha*.

Bernardo José, que foi o quinto conde de Sarzedas.

Condado de Sarzêdas

(*Silveiras*)

A casa dos condes de Sarzêdas, tem por tronco a D. Luiz Lobo, 7.º filho do 2.º barão d'Alvito, D. Diogo Lobo.

Seu filho, D. Rodrigo Lobo, casando com D. Maria de Noronha da Silveira, filha e herdeira de Fernão da Silveira, senhor de Sarzêdas, e de sua segunda mulher, D. Grimaneza Mascarenhas, veio a herdar a dita casa de Sarzêdas, e se uniram ambas estas casas.

Seguiu-se D. Luiz Lobo da Silveira, cujo filho, D. Rodrigo da Silveira, foi feito primeiro conde de Sarzêdas, por D. Philippe IV, como já vimos. Depois, o mesmo Philippe o fez marquez de Sobreira Formosa, mas este titulo não teve effeito, por ser dado depois de 1640. Foi conselheiro de estado, presidente do senado de Lisboa e vice-rei da India; tendo sido antes, capitão-general e governador de Tanger, na Africa.

Succedeu-lhe seu filho, D. Luiz Lobo da Silveira, 2.º conde de Sarzêdas, governador do Algarve, vêdor da fazenda, e conselheiro d'estado.

Foi pae de D. Rodrigo Lobo da Silveira, 3.º conde de Sarzêdas, deputado da junta dos Tres Estados, e fallecido em 1730.

Este D. Rodrigo, tendo herdado de sua mãe, D. Marianna de Lencastro, filha e herdeira de João Gomes da Silva, regedor das justiças, casou duas vezes—a primeira, com D. Ignacia de Noronha, filha dos condes dos Arcos — e a segunda, com D. Bernarda de Távora, filha dos marquezes de Távora.

Do primeiro matrimonio, teve duas filhas, e do segundo não houve successão.

A primeira filha, casou com D. Affonso de Noronha, e morreu sem filhos, pouco depois de casada.

A segunda filha—D. Thereza Marcellina da Silveira — ficou sendo herdeira da casa, e casou com Antonio Luiz de Távora, irmão do segundo conde d'Alvôr, Bernardo Philippe Nery; e por este casamento, ficou Antonio Luiz de Távora, sendo 4.º conde de Sarzêdas, por mercê de D. João V, feita em junho de 1730. Em março de 1732, foi feito governador de S. Paulo.

Vide *Penedos de Fajão*.

SARZEDÊLLO—couto e villa extinctos, no concelho da Povoa de Lanhoso. Vide *Cerzedêllo*.

SARZEDÊLLO—freguezia, no concelho de Guimarães. Vide *Cerzedêllo*.

SARZEDINHO—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de S. João da Pesqueira, 42 kilometros de Lamego, 335 ao N. de Lisboa, 40 fogos. Orago, o Salvador.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O abbade de S. Pedro das Aguias, apresentava o cura, que tinha 50$000 réis de rendimento, e tinha aqui jurisdicção ordinaria.

É no termo e foi do supprimido concelho de Vallença, do Douro, e da comarca de Pinhel, e depois, da de Trancoso, mas sujeito ao juiz de fóra de S. João da Pesqueira.

Situada em um valle, perto dos rios Douro e Tôrto. Clima insalubre, e pessimas

aguas (o que concorre muito para as molestias endemicas da terra.)

É abundante de peixe dos dois rios referidos, e produz muito e bom vinho e azeite; abundante de caça miuda e porcos montezes.

É povoação antiquissima, que já existia no tempo dos gôdos; porém o documento mais antigo que encontro, é uma carta de aforamento, do mosteiro de S. Pedro das Aguias, de 1227, pela qual pagavam os parochianos de Sarzedinho ao dito mosteiro, 6 *quarteiros* de pão terçado (trigo, centeio e cevada.)

SARZÊDO — villa, Beira Baixa, comarca e concelho da Covilhan (foi do extincto concelho de Valhêlhas, comarca e 24 kilometros da Guarda) 250 ao E. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1768, tinha 105.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello-Branco.

O real padroado apresentava o prior, que tinha 140$000 réis.

Está esta freguezia situada em uma das eminencias das faldas da serra da Estrella, e é terra pouco fertil; cria porem muito gado, principalmente miudo, e é abundante de caça, grossa e miuda. Não é precizo dizer que o clima é excessivamente frio.

No dia 3 de outubro de 1876, pelas 10 horas da manhan, cahiu sobre esta freguezia uma tromba d'agua, que esteve a ponto de submergir a povoação, e apresentava um espectaculo tremendo. Pedras, com peso descommunal, e que não poderiam ser movidas por quatro ou cinco juntas de bois, eram arrojadas com violencia pela corrente, despedaçando tudo quanto lhe oppunha obstaculo á sua passagem devastadora. Algumas casas foram derrubadas, fugindo seus habitantes espavoridos, sendo, ainda assim, victimas, uma mulher e uma creança. A maior parte da gente foi salva, como por milagre, na occasião em que era arrojada pela torrente. Esta tromba causou incalculaveis prejuizos — alem dos edificios derrubados — nas propriedades ruraes, que ficaram completamente despidas de fructos.

—

Foi feito visconde de Sarzêdo (mas não sei do qual) em 14 d'abril de 1868, o sr. Antonio Ribeiro de Carvalho Abreu Pessoa d'Amorim Pacheco.

SARZÊDO — freguezia, Douro, na comarca e concelho de Arganil, 40 kilometros de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 117.

Orago, S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O vigario da villa d'Arganil aprentava o cura, que tinha 50$000 réis.

Passa pela freguezia a ribeira do seu nome, que cria barbos, bógas, e algumas trutas. Morre no Alva.

É terra fertil dos generos agricolas do paiz, e cria bastante gado, de toda a qualidade.

SARZÊDO — freguezia, Beira Alta, comarca, concelho e 6 kilometros de Moimenta da Beira (foi da mesma comarca, mas do supprimido concelho de Leonil) 25 kilometros a E. de Lamêgo, 335 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1768, tinha 112.

Orago, S. Lourenço.

Bispado de Lamêgo, districto administrativo de Viseu.

O padroado real, apresentava o abbade, que tinha 450$000 réis de rendimento.

É situada na vertente de uma collina, em cujo tôpo corre a estrada de Lamêgo a Trancoso, que fica (a estrada) a 1 kilometro da freguezia, e está ligada com a povoação, por um ramal, mandado construir á custa do sr. José de Lemos de Napoles Manoel, proprietario n'esta freguezia.

Sarzêdo é cercada, pelo E., por uma bacia fertilissima, principalmente em milho, fructa, castanha e amoreiras.

É de fundação moderna, como parochia, pois que existem documentos no archivo da casa de Sarzêdo (de que é hoje representante o dito sr. José de Lemos) que tem a data de 1524, pelos quaes se mostra ser então Sarzêdo uma quinta, pertencente a esta nobre e antiga casa.

Não ha na freguezia edificios dignos de

especial menção, a não ser a egreja matriz, que, apezar da sua architectura singela, é muito elegante; e a casa solar do sr. José de Lemos, que é um vasto e magnifico edificio, cercado de uma bonita e grande quinta. Esta casa foi edificada em 1523. Tem uma boa capella, da invocação de S. Domingos, notavel pelo primor da sua talha dourada.

O sr. José de Lemos de Napoles Manoel é um cavalheiro muito distincto pelo seu sangue, pelas suas excellentes qualidades, e pela sua elevada posição social. É filho dos fallecidos José de Napoles Ferreira de Castro e sua mulher, D. Maria de Menezes Pitta de Lemos. (Vide *Caminha*).

Casou a primeira vez, com uma filha do barão de Moimenta da Beira, da qual tem filhos; e a segunda, com a sr. D. Maria Feliciana Rebello, tão nobre pelos seus ascendentes, como pelas suas bellas qualidades.

É o sr. José de Lemos um rico proprietario, cavalheiro muito illustrado, e poeta distincto. Foi governador civil da Guarda e tem sido deputado.

Lemos é um appellido nobre d'este reino, tomado da villa de Lemos, na Galliza. Passou a Portugal, em 1350, na pessoa de D. Lopo Lopes de Lemos, cujos successores tiveram o senhorio da villa de Trófa, comarca e concelho d'Agueda, bispado e districto administrativo d'Aveiro, sendo o primeiro senhor da Trófa, João Gomes de Lemos [1].

As armas dos Lemos, são: — Em campo de púrpura, cinco cadernas de crescentes d'ouro, em aspa. Êlmo de prata, aberto, e por timbre, uma aguia de púrpura, bicada d'ouro, assentada sobre um ninho de silvas verdes, com uma caderna do escudo, no peito

Outro ramo dos Lemos traz por armas — em campo de púrpura, cinco cadernas de crescentes, de prata, em aspa, e o mesmo êlmo e timbre.

[1] Os filhos de Sebastião de Castro Lemos Magalhães e Menezes (vide *Côvo*) possuem ainda hoje a maior parte d'este senhorio, pelo ramo dos Lemos. Comprehende tambem o mesmo senhorio, varios prazos na freguezia de Santa Eulalia de Eirol, na comarca e concelho d'Aveiro.

Manoel, é tambem um nobre appellido em Portugal. Veio de Hespanha, tomado do nome proprio do infante D. Manoel, filho de D. Fernando III, de Castella (o *Santo*), que subiu ao throno em 1217; e foi filho do dito infante, D. João Manoel, senhor de Biscaia.

Passou este appellido a Portugal em 1340, na pessoa de D. Constança Manoel, filha de D. João Manoel, principe de Vilhena, e primeira mulher do nosso D. Pedro I; e na pessoa do irmão paterno de D. Constança, D. Henrique Manoel de Vilhena, filho bastardo do dito D. João Manoel, e ao qual o nosso rei D. Fernando I, fez conde de Cêa, na Beira Baixa, e de Cintra, na Extremadura.

As armas dos Manoeis são: — escudo dividido em palla — na primeira, de prata, leão de púrpura — na segunda, do mesmo, uma aza d'ouro, sahindo do coto de uma mão de homem, da sua côr, com uma espada levantada.

São estas as armas de que uzam os marquezes de Tancos, e condes da Atalaia. Os condes de Villa-Flor juntaram ás armas dos Manoeis, as dos Souzas e as dos Menezes. (Vide *Villa-Flôr*).

Outros Manoeis procedem de D. João Manoel, filho bastardo do nosso rei D. Duarte, e bispo da Guarda, e depois de Ceuta, na Africa, e, por fim, capellão-mór do rei. Este bispo teve dois filhos — D. Nuno Manoel, que foi legitimado, e D. João Manoel; os quaes são progenitores de dois ramos d'este appellido, em Portugal. As armas d'estes Manoeis são: — escudo esquartellado — no 1.º e 4.º quartel, de púrpura, uma aza de aguia, d'ouro, levantada, com uma mão de homem, da sua côr, empunhando uma espada de prata, com guarnições de ouro. — No 2.º e 3.º quartel, de prata, um leão, de púrpura, lampassado de azul -- êlmo d'aço, aberto, e por timbre, a aza da aguia, com a espada. (Vide vol. 2.º, pag. 221, col. 1.ª — vide tambem *Cintra*).

Napoles é tambem appellido nobre em Portugal, vindo do reino de Napoles, na Italia. Passou a este reino, na pessoa de Estevam de Napoles, filho do infante D. João de Napoles, no reinado do nosso D. Affonso IV.

Estevam de Napoles assistiu á batalha do Sallado, dada em 30 de outubro de 1340, e na qual os portuguezes, commandados pelo nosso D. Affonso IV, e por seu filho, o infante D. Pedro, depois rei, primeiro do nome, fizeram prodigios de valor, em defeza dos castelhanos, contra o exercito de Ali-Boacem, imperador de Marrocos, cujo grande exercito foi completamente derrotado n'esta batalha. (Vide *Evora*).

De Estevam de Napoles foi filho Leonardo Esteves de Napoles, que recebeu de D. Affonso IV o fôro de vassallo, e foi senhor das villas de Cêa e Penella, da cidade de Coimbra, e de toda a Veiga de Santa Maria; por isso, alguns dos seus descendentes tomaram o appellido de *Veiga*.

Leonardo Esteves de Napoles casou com D. Margarida Annes, filha do conde D. João Affonso Tello de Menezes, da qual houve descendencia.

As armas dos Napoles são: — escudo esquartellado, no 1.º e 4.º quartel, de púrpura, e uma aguia d'ouro — no 2.º e 3.º, de azul, trez flores de liz, de ouro, em roquête — êlmo d'aço, aberto, e por timbre a aguia do escudo.

SÁTAM, ou **SÁTTAM** — rio, Beira Alta, que descendo de Gulfar, réga a villa da Egreja, e morre na margem direita do Dão. Para a etymologia, vide o *Sátam* seguinte.

SÁTAM, ou **SÁTTAM** — é a denominação legal de um concelho da Beira Alta, que pertence á comarca de Viseu, e que foi elevado a comarca, em fevereiro de 1876 [1].

O seu concelho, e comarca, compõe-se das 12 freguezias seguintes — Aguas-Bôas, Decermilho, Ferreira d'Aves, Forles, Mioma, Rio de Moinhos, Romans, Silvan de Baixo, Silvan de Cima, Villa-Bôa, Villa da Egreja (séde do concelho e da comarca) Villa-Longa. —Todas no bispado e districto administrativo de Viseu, e com 2:600 fogos. (Vide *Villa da Egreja*).

Este concelho comprehende os extinctos concelhos de Gulfar e Ferreira d'Aves.

[1] Dois annos antes, nem se julgou digno de ser cabeça de um julgado, pois foi supprimido, por decreto de 23 de dezembro de 1873! —Alternativas da politica...

Satam é uma povoação antiquissima, e já existia no tempo dos gôdos; mas o seu actual nome lhe foi posto pelos mouros. Frei João de Souza, nos *Vestigios da lingua arabica em Portugal*, diz que é a palavra arabe *Satam*, que significa *cousa entupida*, derivada do verbo *Satama*, entupir, entulhar.

Entretanto, eu vejo em documentos antigos, dar-se a esta povoação o nome de *Zaatam*, que é, sem corrupção, o nome de homem, arabe, *Zaatam*.

O documento mais antigo que encontro, com respeito a Satam, é uma doação do conde D. Henrique e de sua mulher, a rainha D. Thereza, datada de 1111, a favor de Bernardo Franco, de cinco casaes em Villa-Bôa de Satam, livres de todo o direito real, e mesmo da jugada, e diz a doação, que — *se algum mórdomo, guarda ou meirinho entrar n'elle, com animo de fazer mal, e alli o matarem, nullam inde Imperator terræ recipiat calumpniam.* (Documento que existiu no cartorio do mosteiro de Alpendurada). N'este mesmo anno deu o conde D. Henrique foral a Satam, como adiante se verá.

Achando-se D. Sancho II na cidade da Guarda, a 10 de julho de 1240, arrendou *ao concelho de Zaatam*, [1] e de Rio de Moinhos, todas as suas *colheitas* (aposentadorias) d'estas terras, por 225 maravedis novos, «*vel tales morabitinatas de denariis, quæ valeant morabitinos novos, in auro.*» (Livro dos foraes velhos).

Em julho de 1139, D. Affonso Henriques, indo para o *fossado da Ladéra*, doou, e juntamente vendeu, a Monio Guimariz, um casal em Travancella, *termo de Zaatam*, e diz assim: «*Et accepi in pretio de uno caballo bono, et uno manto. Habeas tu ipso casale firmiter, et omnis posteritas tua a fors morto, usque in temporibus sæculorum... Facta Carta Donacionis, et venditionis in mense Julii E. S. C. 2. XXVII.*» (Doc. de Viseu).

—

Á *ordem do Santo Sepulchro*, foram doadas, no tempo do conde D. Henrique, por diversos particulares, muitas fazendas, em

[1] Vemos que, mesmo como concelho, é povoação muito antiga.

Gouveia, Satam, Penalva, e outras terras; e mesmo os padroados de algumas egrejas. Depois, a ordem houve outras propriedades por compra, de maneira que chegou a ter grandes rendas n'estas terras. *(Inquirições de D. Affonso III*, feitas em 1258). Vide *Trancozêllos.*

O primeiro foral de Sátam, foi-lhe dado pelo conde D. Henrique e sua mulher, D. Thereza, em 9 de maio de 1111, e foi confirmado em Santarem, por D. Affonso II, em 31 de janeiro de 1218.

D. Sancho II lhe deu outro foral, confirmando o antecedente, e augmentando-lhe os privilegios, na cidade da Guarda, a 10 de julho de 1210.

O rei D. Manoel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 6 de maio de 1514. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 117 v., col. 2.ª)

—

O dr. Feliciano de Oliva e Souza fundou aqui, em 1630, um mosteiro de freiras dominicas.

—

A povoação denominada *Villa da Egreja*, foi na verdade mal escolhida para capital de uma comarca, pela falta de commodidades e aposentos para o juiz de direito, delegado, escrivães e mais empregados.

No *Jornal de Viseu* de 25 de março de 1876, se lê o seguinte:

«Chegam e voltam.— Parece que já chegaram ao Sattam, alguns novos empregados de justiça.

É todavia certo, que os ares da Villa da Egreja, séde d'aquella comarca, lhes não agradam, porque se não demoraram alli.

No domingo passado entrara alli um dos escrivães acompanhado por seu pae; vira e analysára, e não lhe agradando o estridente berrar das cabradas que cobrem aquellas penedias, de mistura com o piar das aves agoureiras que, sahindo das tocas dos castanheiros, fazem côro com as mesmas, deram ás de Villa Diogo.

Vieram para esta cidade, onde tem permanecido.

Consta-nos que já lhe chegára a transferencia para outra comarca.

Segundo nos informam, veiu de Lisboa, e por isso não admira que lhe não agradasse a cabeça da comarca do Sattam, e mesmo porque ella não agrada a ninguem.

Quem designou a Villa da Egreja para esse fim pode limpar as mãos á parede.

Já não é só este empregado que lhe torce o nariz.

Ainda esperamos ver as auctoridades judiciaes, reunidas ao povo, a representarem a favor da mudança da tal séde de comarca.

As precipitações e desejos de engrandecer o que nasceu, viveu e ha de morrer pequeno, porque não tem uma só base em que possa firmar-se, produzem sempre estes desmoronamentos.

Mais do que um individuo pretendeu o despacho e até a transferencia para essa nova comarca. É certo, porém, que depois que viram a designação de tal séde, onde não ha commodidade alguma, e a pouca importancia e merecimento da comarca, desistiram.»

—

A primeira audiencia do juiz de direito teve logar a 8 de maio de 1876.

Mas ainda então não funccionavam todas as repartições, na séde da comarca, e os respectivos empregados estavam inactivos, em suas casas, desseminadas por toda a comarca, com grave prejuizo dos povos. O sr. Luiz Zavier, presidente da camara em 1876, tomou grande empenho em conseguir o estabelecimento das differentes repartições, na Villa da Egreja, comprando uma boa casa, e dando logo principio aos trabalhos de reconstrucção, que hoje estão concluidos.

Na mesma illustrada folha, o *Jornal de Viseu* n.º 1:127. de 28 de maio de 1876, se lê:

«A Villa da Egreja foi séde do antigo e moderno Sattam por espaço de mais de 400 annos, e nunca pôde passar d'um insignificantissimo logarejo. Por mais que façam agora; por maiores esforços que empreguem; por mais força vital, que lhe appliquem, não ha-de a Villa da Egreja passar nunca de uma séde absurda e rachitica.

Nunca vimos uma occasião tão opportuna, para se formar no Sattam uma comarca respeitavel como aquella por que acabamos de

passar. Os homens mais importantes de Penalva, não se oppunham a vir para a comarca do Sattam, uma vez que se escolhesse outra séde de comarca: porque se não escolheu o Ladario? sim, porque se não escolheu o —Ladario— que tem em si edificios magnificos para todas as repartições publicas, e casas disponiveis para habitação de todos os empregados? porque se não escolheu o —Ladario— que tem um mercado mensal, o primeiro de toda a Beira Alta, depois do de Mangualde, e d'onde sahem para diversos pontos mais de 10:000 medidas de cereaes? porque não se escolheu o —Ladario— que produz em si e seus contornos bellissimos vinhos, magnificos legumes e fructas deliciosas, situado em magnifica posição topographica, talvez a melhor dos dois concelhos — Sattam e Penalva? —porque se foram buscar as freguezias da — Queiriga, Barellas, Alhães e Frágoas do concelho de Frágoas — povos miseraveis, deixando-se as freguezias importantissimas — Povolide, do concelho de Vizeu, Pindo, Luzinde, Insua, Esmolfe e Cezures, do concelho de Penalva, tendo por limite o rio Dão?!

Fico hoje por aqui, e prometto voltar ao campo, para provar que, se temos rachitica a comarca do Sattam, e absurda a sua séde, devemos tudo isto, não á vontade dos povos, mas ao pouco tino e espirito acanhado de quem talhou uma tal comarca, e escolheu uma tal séde. M.»

SATISDAR— portuguez antigo — dar fiança ou caução.

SAVASCHAÃO e **SAVASCHÃO** — portuguez antigo — Sebastião — «Item. *Aconhosco-me* (reconheço, confesso. Vem do latim *agnosco*) *que devo a Savaschaão Domingues, VIII libras e XIII soldos.*» (Testamento de Estevainha Pires, mulher de Soeiro Lourenço, *cavalleiro de Parada*, e filho de D. Guilherme, em 1293. (Doc. do mosteiro de Maceiradão).

Em um documento do convento dos templarios, em Thomar, do anno 1300, se diz —*Savaschão.*

SAXIDA — portuguez antigo — sahida — «*Com todas as suas entradas e saxidas.*» (Doc. do seculo XV).

SAYA—portuguez antigo—capa, saio, ou roupão do secular, e tambem tunica ou habito de religioso.

SAYLAR—portuguez antigo—sellar, confirmar, roborar com sello. (Doc. das freiras bentas do Porto, de 1280.

SAYLO—portuguez antigo—sello (Idem.)

SAYOANE — portuguez antigo—S. João. (Doc. de 1278.) Tambem se dizia *Samoane, Sam Oane*, e *Sanhoane.*

SAYOM e **SAYON**—portuguez antigo—algoz, verdugo, executor da justiça — cortando, decepando, açoutando, enforcando, queimando, etc.—e, como n'este triste mister só se empregavam as pessoas mais vis, tambem se dava o nome de *sayom*, ao insolente, petulante, desaforado, etc.

Havia ainda *sayom militar*—tambem chamado *cliente*, ou *bucellario*, porque acompanhava algum homem poderoso, ao qual havia tomado por patrono.

Sayonaria e *sayoria*, era synonimo de extorsão, injustiça, despotismo, violencia, desaforo, etc.

SAZES — freguezias, Douro, concelho de Penacova, comarca, districto administrativo, bispado e 18 kilometros de Coimbra, 220 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1768, tinha 160 fogos.

Orago, Santo André, apostolo.

As freiras bernardas de Lorvão, e a Sé Apostolica, apresentavam alternativamente o prior, que tinha 190$000 réis de rendimento.

Para a differençar da freguezia seguinte, se diz *Sazes de Lorvão.*

É povoação muito antiga, mesmo como parochia.

Em 1152, D. João d'Anaya, bispo de Coimbra, e seu cabido, confirmaram a D. Pedro Gavino e sua mulher, D. Ero Nunes, a doação e liberdade da terça pontifical que a egreja de Sazes lhes tinha feito, mas com a prohibição de testarem esta terça a qualquer mosteiro ou convento, que não fosse a sua cathedral, sob pena de tornar a dita terça para a Sé de Coimbra.

É terra fertil.

SAZES DA BEIRA—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Cêa (foi da mes-

ma comarca, mas do extincto concelho de Sandomil.) 70 kilometros ao E. de Coimbra, 250 ao N.E. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1768, tinha 44 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Rosario.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

O prior de Sandomil, apresentava o cura annual, que tinha 32$000 réis.

Clima excessivo e terreno pouco fertil. Cria muito gado, de toda a qualidade, principalmente caprino e lanigero.

Nos seus montes he muita caça grossa e miuda.

SÉ—logar, Douro, na freguezia de S. Jorge de Caldellas, comarca, concelho, e 6 kilometros ao E. da Feira.

Ainda em 1836 era uma aldeia pequena e insignificante, porém desde então, e por ser proxima ao estabelecimento dos banhos thermaes, tem adquirido um grande desenvolvimento, e está uma vasta e formosa povoação, maior do que muitas villas de Portugal.

Está ligada com a estrada real de 1.ª classe, de Lisboa ao Porto e mais povoações do norte, até Melgaço, por um ramal, já concluido, andando em construcção o resto da estrada até Carvoeiro, na margem esquerda do Douro; de maneira que se póde hir de trem e commodamente, para estas caldas.

Na povoação da Sé, ha excellentes casas para habitação dos banhistas, e boas lojas de mercearia e outros generos.

Sé (que se escrevia *See*;, é portuguez antigo—significa *Está*. É a 3.ª pessoa do indicativo do verbo *seer*, que no imperativo faz *segaa*—seja eu.

Talvez que d'aqui venha o nome d'esta povoação, e não de *Sé*—egreja.

(Vide *Caldas de S. Jorge* e a segunda *Caldellas.*)

SEÁRA ou **PARADELLA DA SEARA**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte de Lima (pertenceu ao antigo couto da Correlhan, na mesma comarca) 35 kilometros ao O. de Braga, 17 ao E.N.E. de Vianna, 395 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Orago, S. Mamede.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Não vem no *Portugal Sacro e Profano*, apesar de ser uma freguezia muito antiga.

Fica perto da margem esquerda do rio Lima, e é terra muito fertil em todos os generos agricolas, como todas as d'estes sitios.

Seára, no antigo portuguez, não só significava terra de pão, ou de vinhá, como tambem toda e qualquer propriedade, fazenda, ou pertença de herdade.—«*Duos molendinos* (*qui molendini sunt nostri Monasterii*) *devetis preparare, et adubare; taliter, quod posint molere, et tota ceveira nostri Monasterii debet esse sine maquia.*» (Doc. da Universidade, de 1285.)

Seareiro—dizia-se do individuo que fazia a sua lavoura com bois alheios.

Seára, é corrupção do arabe *sahra*, que significa o trigo em pé, antes de ser ceifado.

SEÁRA VELHA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Ervedêdo) 90 kilometros a N.E. de Braga, 440 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1768, tinha 65 fogos.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O reitor de Calvão, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé de altar.

Terra pouco fertil, mas cria muito gado, de toda a qualidade, e ha por estes sitios muita caça.

SEBADÊLHE—Vide *Sabadêlhe.*

SEBAL-GRANDE—freguezia, Douro, concelho de Condeixa a Nova, comarca, districto administrativo, bispado e 12 kilometros ao S. de Coimbra, 190 ao N. de Lisboa, 440 fogos.

Em 1768, tinha 74.

Orago, S. Pedro, apostolo.

O cabido da Sé de Coimbra apresentava o vigario, collado, que tinha 170$000 réis de rendimento annual.

A villa de Condeixa a Nova era antigamente, metade, d'esta freguezia, e tinha o nome de *Casal do Outeiro.*

Foi erigida em curato, (Condeixa) em 1517,

como adiante se dirá mais circumstanciadamente. Note-se porem que então é que toda a actual Condeixa a Nova formou parochia; mas já metade era um curato, filial do Sebal Grande.

Ha n'esta freguezia a ermida de Nossa Senhora da Lapa, objecto de grande devoção do povo da parochia e immediatas.

A imagem da Senhora foi achada em uma gruta ou lapa, cavada em um grande penhasco, cortado a prumo, que tem mais de 22 metros de comprido. Está dentro de um quintalão, para o qual se entra por um moinho. A entrada da gruta tem apenas uns 0^{m},66 (3 palmos) d'alto e o mesmo de largo, sem outra alguma entrada. No interior tem duas vastas grutas (uma d'ellas com agua) e adornadas de formosas stalactites e stalagmites; e ainda mais para o interior, uma terceira gruta, mais pequena e baixa, onde consta que appareceu a santa imagem.

Foi o parocho buscar a Senhora em procissão, para a egreja matriz, e depois se mudou para a ermida do Espirito Santo, emquanto se lhe não construiu a sua ermida. Teve isto logar pelos annos 1400.

A ermida foi feita por esmolas e offertas dos fieis, principalmente pelos donativos de Antonio d'Almeida, d'esta freguezia, que lhe deu rendas para uma missa quotidiana, e custosos ornamentos.

Foi reedificada pelos annos 1600, e no arco da capella-mór se lê uma inscripção, dizendo que Manoel André e sua mulher, mandaram revestir de azulejo as paredes interiores da ermida e pintar o arco, em 1619.

A imagem da Senhora é de pedra, de esculptura antiga, e com 1 metro de altura.

Muitas pessoas devotas doaram fazendas a esta ermida, mas quasi tudo levou descaminho, por desleixo dos parochos.

A ermida é ampla e podia servir de matriz a uma mediana parochia.

Antigamente vinham aqui muitos clamores e procissões, pelo decurso do anno.

Os de Condeixa faziam a festa d'esta Senhora, na 1.ª oitava da Paschoa, e os do Sebal no dia seguinte.

Está esta freguezia aprasivelmente situada, em uma pequena eminencia, sobre a estrada que d'esta villa conduz a Monte Mór-Velho.

A povoação do Sebal, que tem 60 fogos, é muito antiga, e não se sabe quando nem por quem foi fundada, nem a origem do seu nome. O povo diz que, sendo a sua egreja matriz um templo vasto, um bispo de Coimbra, que aqui veio em visita, disse d'ela *Sévale*, e que d'aqui lhe vem o actual nome. Será...

O que é certo, é que foi povoação importante no tempo dos romanos, pois que o seu nome se vê em varias moedas d'aquelles dominadores do mundo, as quaes teem apparecido por estes sitios.

Tambem attestam a sua antiguidade, as magestosas ruinas e vestigios de alicerces que ainda por aqui se vêem.

Ainda prova a importancia que teve esta freguezia, no imposto de 36$000 réis de *jugada*, que pagava annualmente ao senado de Coimbra, e que foi abolido no principio d'este seculo. Esta quantia era muitissimo importante, attendendo á época em que foi imposta.

A egreja matriz, construida pelos antigos padroeiros—os conegos de S. João Evangelista (loyos) e cabido de Coimbra—é um templo vasto e de boa architectura. Tem sete altares, todos de primorosa talha dourada, sendo duas capellas de abobada de cantaria, com bellissimas esculpturas.

Note-se que n'esta freguezia não ha uma unica pedreira, e que a pedra para este e outros edificios, veio de 24 e 30 kilometros de distancia. É toda pedra calcarea, denominada *pedra d'Ançan*.

A madeira empregada na armação, fôrro, altares, etc., é toda de castanho, vinda da serra de Miranda do Côrvo.

Tinha muitos e ricos objectos de prata, que quasi todos foram roubados pelos francezes, em 1807, e os que poderam escapar á rapacidade das hordas napoleonicas, foram roubados na noite de 14 de maio de 1837. Todavia, ainda conserva (porque estava bem

guardada) uma cruz processional, que tem esta inscripção — ESTA CRUZ É DO SEBAL, A QUAL MANDOU FAZER ANTONIO DIAS, NA ERA DE 1604.

—

A invasão franceza foi funestissima para os povos d'esta freguezia. Em 1810, uns fugiram para as serras lemitrophes, outros para alem do Mondego, e até alguns fugiram para Lisboa.

Como os francezes não se atreveram a forçar as linhas de Torres Vedras, e acharam, por toda a parte, as povoações abandonadas, vingaram-se em roubar e incendiar as terras por onde passavam, e em trucidar os velhos e creanças, que porventura encontravam. Aqui assassinaram a golpes de machado, Luiz Agostinho de Carvalho, septuagenario, avô do rev. Francisco Xavier de Carvalho.

Depois de saquearem e despedaçarem o que encontravam, incendiaram muitas casas.

Para se fazer uma pequena ideia do que roubaram n'esta freguezia, bastará dizer que só ao sr. Antonio de Mattos da Guerra e Souza, pae do sr. dr. Francisco Maria de Mattos Mascarenhas de Mancellos (e que consta de um livro de apontamentos d'esta familia) roubaram — entre roupa, animaes domesticos, utensilios de casa, gados, cereaes, legumes, etc., etc. — 1:600$000 réis.

O sr. Antonio de Mattos, achava-se a banhos de mar, na Cova de Lavos, quando teve noticia da proxima invasão dos francezes. Veio a sua casa, e, ajudado por alguns criados fieis e dedicados, poude fazer conduzir algumas roupas, objectos de valor e dinheiro, para a praia, e d'alli (quasi sempre á vista da esquadra britannica) fugiu para Lisboa, onde esteve nove mezes com a sua familia. Quando regressou a casa, não encontrou um unico dos criados a quem incumbira a guarda da casa. Ficou aterrado ao ver a destruição que os francezes n'ella tinham feito, e soube então que os malvados invasores, haviam assassinado os velhos guardas, e cortado as cabeças a todas as imagens dos santos da sua capella, que estava então reconstruida de novo, e que os francezes tinham transformado em loja de barbeiro, enchendo as gavetas em que se guardavam até então os paramentos do culto, com os cabellos cortados aos soldados.

—

Nasceu no Sebal Grande o célebre missionario apostolico, do mosteiro de Brancanes, frei Agostinho, grande orador e consumado theologo, e que por duas vezes regeitou a mitra archiepiscopal d'Evora, que o sr. D. Miguel I lhe offereceu.

Quando foram supprimidas as ordens religiosas em Portugal, recolheu-se a casa da condessa da Ribeira, onde falleceu.

Tambem era natural d'esta freguezia, frei Francisco das Chagas, irmão do antecedente, e, como elle, orador notavel. Era tambem religioso do mosteiro de Brancanes.

A ultima abbadessa do mosteiro do Louriçal, e já fallecida, soror Maria Joanna, era d'esta familia.

A 27 de dezembro de 1873, falleceu aqui, D. Maria Magdalena Soares da Cunha, irman mais nova dos ditos frei Agostinho e frei Francisco.

—

Nasceu no Sebal Grande, Joaquim Antonio de Mattos, que trouxe para o dominio portuguez a *ilha das Gallinhas*, no archipelago dos Bijagós, perto da foz do Rio Grande de Bissau. É fertil, tem boa agua e muito arvoredo. O rei de Kanaba é que a deu ao tal Joaquim Antonio de Mattos, em 1830, e este a cedeu ao estado. Tem 9 kilometros de comprido e 6 de largo.

Joaquim Antonio de Mattos, era filho natural de Antonio Ignacio Martins de Mattos, avô do sr. dr. Antonio Augusto de Mattos Mascarenhas de Mancellos.

Aventureiro desde creança, fugiu de um convento (onde seu pae o tinha collocado) para Lisboa, e ninguem mais teve noticias d'elle, senão quando em 1830 offereceu a sua ilha ao sr. D. Miguel I.

Tinha uma filha formosissima, que um corsario inglez lhe roubou.

Falleceu com a patente de coronel, que lhe foi dada em premio da offerta da Ilha das Gallinhas.

—

Reside no Sebal Grande o sr. dr. Francisco Maria de Mattos Mascarenhas de Mancellos, filho mais novo de Antonio de Mattos da Guerra e Souza, e ultimo juiz de fóra de Azurára da Beira (hoje Mangualde). Formado em canones, aos 20 annos de edade, e aos 21 foi feito juiz de fóra d'Alter do Chão.

Teve por condiscipulos, um dos irmãos Passos, um dos irmãos Cabraes, o ultimo arcebispo de Braga, o actual arcebispo de Evora, Moraes Carvalho, e outros cavalheiros que vieram a occupar empregos eminentes.

O logar de juiz de fóra d'Alter do Chão, foi-lhe dado durante a regencia da serenissima infanta D. Isabel Maria, pelo insigne bispo de Viseu, Francisco Alexandre Lobo, então ministro da justiça.

Servindo durante o periodo calamitoso de 1827 a 1834, em que as paixões politicas andavam tão exaltadas, portou-se sempre com tanta prudencia (e sagacidade) que ninguem foi capaz de saber se elle era realista ou liberal.

Em Alter do Chão, abriu devassas, por ordem superior, para averiguar quaes dos habitantes da comarca eram oppostos ao governo do sr. D. Miguel: nem um só ficou culpado.

Findo o triennio, na correição feita pelo corregedor de Villa Viçosa, recebeu taes louvores e encomios, que, sem o requerer, foi despachado para juiz de fóra de Mangualde, onde procedeu com tanta honradez, justiça e bondade, como em Alter do Chão.

Todavia, quando em 1834, a condessa da Anadia, da parte de seu primo, o marechal Saldanha, lhe offereceu um logar d'accesso, na magistratura, respondeu: «Ainda que eu agora fizesse milagres, ninguem m'os acreditaria; por isso, agradeço muito a v. ex.ª e ao sr. marechal, mas não acceito.»

Todos sabem a sorte das auctoridades e empregados legitimistas, desde a convenção d'Evora-Monte; pois o juiz de fóra de Mangualde, foi residir para Sabugosa de Bésteiros, apenas 16 kilometros distante da sua jurisdicção, e nada soffreu.

Casou em 1849, com a sr.ª D. Marianna Rosa de Pina Freire de Aragão, filha de José de Pina Freire Falcão, da cidade da Guarda. Gosa do respeito e estima de quantos o conhecem; e, cercado de filhos que o estremecem, vive feliz, sendo hoje exemplo de chefes de familia, como outr'ora o foi de magistrados.

—

Já disse no principio d'este artigo, que a actual villa de Condeixa a Nova, pertencia a esta parochia. Por escriptura de 2 de novembro de 1517, lavrada nas notas de Affonso de Mancêllos, presbytero, e notario apostolico, foi combinado entre o conego da Sé, o prior de Sebal—e Fernão Pires, e Pero Affonso, procuradores dos habitantes de Condeixa a Nova, pertencentes á freguezia do Sebal, que os de Condeixa ouvissem missa na egreja de Santa Christina (que então se andava a construir) e receberem n'ella os sacramentos, com a condição de hirem ao Sebal á missa, trez vezes por anno—domingo de Paschoa, dia de S. Pedro e feira de Deus; mas isto sem prejuizo dos benesses—e o que não cumprisse estas condições, pagaria um arratel de cêra, para a egreja do Sebal.

Esta combinação foi approvada pelo infante D. Affonso, como administrador perpétuo do mosteiro de Santa Cruz, de Coimbra, e com um alvará do rei D. Manoel, dado em Almeirim. Tambem foi approvado por D. Jorge de Almeida, bispo conde, de Coimbra.

Este estado de cousas continuou assim até que Antonio Zeferino Tavares de Carvalho, sendo provedor em Coimbra, poude conseguir, depois de 1834, que a freguezia de Condeixa se tornasse independente, como hoje está.

—

São d'esta freguezia do Sebal as seguintes aldeias—Avenal, Barreira, Ribeira, Rapoula, Sebal-Grande, Sebal-Pequeno, Sobreiro, e Venda da Luiza.

Na aldeia do Sobreiro existe uma antiquissima casa, sólar dos Sás (barões d'Al-

verca) representada hoje pelos filhos do conde d'Anadía.

Regam e fertilisam esta freguezia, os dois ramos do grande manancial de Alcabideque, e tambem o abundante da Arrifana, que alem de regarem fazem mover as rodas de muitos moinhos e lagares.

—

Agradeço, reconhecido, ao sr. dr. Antonio Augusto de Mattos Mascarenhas de Mancéllos, d'esta freguezia, os curiosissimos apontamentos que teve a bondade de me dar, e me habilitaram a redigir este artigo com maior desenvolvimento, pois não ha (que eu saiba) livro que trate d'esta freguezia senão muito resumidamente.

SEBASTIÃO DA FEIRA (S.) — Vide a 1.ª *Feira.*

SEBOLÍDO — freguezia, Douro, comarca e concelho de Penafiel, 35 kilometros ao E. N. E. do Porto, 310 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Orago, S. Paulo, apostolo.

Bispado e districto do Porto.

Esta freguezia é moderna, e foi desmembrada da immediata freguezia de Canellas, no fim do seculo passado.

Pertencem a esta freguezia, as aldeias da Abetureira, e Rio-Máu, ambas situadas sobre a margem direita do Douro. (Vide *Abetureira,* e 4.º *Rio Máu*). [1]

É terra fortil em todos os generos agricolas, e abundante de optimo peixe, do rio Douro.

A egreja matriz é apenas uma ermida, pequena, pobre e desornada.

(Vide *Canellas,* do concelho de Penafiel).

SECCARÍAS — freguezia, Douro, comarca e concelho d'Arganil, 40 kilometros de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

[1] Dáva-se uma singularidade n'esta aldeia de Rio-Mau. Estando na margem direita do Douro, que antigamente pertencia á provincia do Minho, e ao bispado do Porto, era da freguezia de Pédorido, situada na margem esquerda do rio (ainda que em frente de Rio-Mau) e pertencia á provincia da Beira-Alta, bispado de Lamego! Só no principio d'este seculo, e a requerimento do povo, é que passou para a freguezia de Sebolido, que é contigua.

Em 1768, tinha 55. Orago, S. Sebastião, martyr.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O vigario d'Arganil, apresentava o cura, que tinha 25$000 réis e o pé d'altar.

Situada em terreno montanhoso, mas com alguns valles ferteis, regados por varios ribeiros, sendo o principal a ribeira de Seccarias, que cria barbos, bogas, e algumas trutas.

É abundante de caça, grossa e miuda, e cria bastante gado, de toda a qualidade.

Em fevereiro e março de 1811, os francezes de Massena, roubaram n'esta freguezia as pratas da egreja matriz, no valor de dous contos e quatrocentos mil réis; além de outros muitos roubos e depredações.

Um dos concelhos de Portugal que mais soffreu com a invasão das hordas que o sanguinario corso fez vomitar na Peninsula Hispanica, foi este d'Arganil. De uma lista official, publicada depois da expulsão d'estes salteadores, se vê que, só na villa d'Arganil e seu termo, roubaram nos dous mezes referidos 5:769$240 réis em dinheiro; réis 9:874$000 em differentes objectos de ouro e prata; roupas de seda, lan e linho, na importancia de 18:633$800 réis; vasos de prata, navetas, thuribulos, castiçaes, cruzes e alfaias, só da egreja d'Arganil, na importancia de 13:944$000 réis; pratas e alfaias d'outras egrejas 1:030$200 réis; da egreja de Secarias 2:400$000 réis; de trigo, centeio, cevada, feijão e milho que estragaram 30:607 alqueires; de vinho, vinagre, azeite e agua-ardente 3:523 almudes e 1:398 alqueires; de carne de porco e banha 584 arrobas; 314 cabeças de gado grosso; 10:642 de gado miudo; 11 bestas; 191 porcos; 2:254 gallinhas; 612 colmeias e 53 alqueires de mel.

Destruiram e cortaram 3:302 oliveiras, 422 castanheiros, 1:478 carros de pinheiros; incendiaram um templo e 13 casas particulares; mataram 3 ecclesiasticos, 23 seculares e 7 mulheres, e ultrajaram e aprisionaram 96!...

SÊCCO OU SÊCCA — rio do Algarve — fórma o porto de Tavira (Fozêta) dividindo

está cidade em duas, ligadas por uma bôa ponte.

Vide *Tavira.*

SÊDA — Villa — Alemtejo, concelho d'Alter do Chão, comarca da Fronteira, etc.

Esta villa já está descripta sob a palavra *Sarrazolla* e *Sêda*: aqui só tracto do que no outro artigo se não encontra, por ser exclusivamente d'esta villa.

Fica 18 kilometros a N. O. d'Aviz. É situada em uma elevação, cercada de muros bastante altos, sem ameias, e um castello (chamado *Arminho*) construido em um pedregoso e rapido cabeço, quasi a prumo sobre o rio Séda. Está tudo em ruinas.

O primeiro assento d'esta villa, foi no sitio hoje chamado *Alparrajão*, que fica a 12 kilometros de distancia, sendo opulenta, durante o dominio dos romanos.

Destruida com as guerras continuas da edade media, D. Affonso Henriques a mandou reedificar, mas no sitio actual, com os materiaes da antiga povoação.

D. João I lhe deu foral e a cathegoria de villa, em 30 de outubro de 1427, com grandes privilegios. (Frankliu não falla d'este foral).

É banhada pela ribeira do seu nome, tendo uma famosa ponte, chamada *ponte de Villa Formosa*, da qual já tratei em *Sarrazolla.*

Por esta ponte vae até Alter do Chão o celebre e antiquissimo alicerce da via militar romana, de Lisboa a Merida, e do qual ha ainda muitos e claros vestigios.

Consta que foram os christãos d'estes sitios que a tomaram aos mouros, e que, estando estes cercados por aquelles, mandaram seus parlamentarios, dizendo — *A fortaleza se dá* — e diz o povo, que d'aqui lhe provem o nome actual.

Ha no districto d'esta freguezia, 6 capellas publicas, sendo a mais notavel, a de *Nossa Senhora dos Prazeres, de Alfarrajão.* É templo vasto muito antigo, e de boa architectura; com capella-mór e dois altares lateraes.

Tem á entrada da porta principal, um bom alpendre.

Foi a padroeira objecto de grande devoção para os povos d'estes sitios, e ainda dos distantes, particularmente dos da villa de Castello de Vide.

A sua festa principal, era segunda feira, depois das oitavas da Paschoa, havendo outra a 5 d'abril (dia de Nossa Senhora dos Prazeres).

Teve um eremitão, apresentado pelo prior de Sêda, e pertencia á ordem d'Aviz.

Tem em volta a casa do eremitão e casas para hospedagem dos romeiros.

Crê se que esta egreja era a matriz da primittiva villa de Séda, quando aqui foi situada; e é certo que ainda por aqui se veem claros vestigios da antiga povoação.

Para tudo o mais, vide *Sarrazeda e Sêda.*

Séda é portuguez antigo, ainda usado. Dá-se este nome ao logar onde se senta o juiz, para fazer audiencias. Tambem, assento, banco, logar, posto, estada, jazida, etc.

SEDAVIM — Vide *Cedavim.*

SEDÊNHO — portuguez antigo — Cilicio feito de sêdas asperas, duras e mortificantes.

«*Foi achado que morreu virgem, e com um* sedenho *cinto a carão da carne*». (Cingido ao corpo) — Pina, *Chronica do conde D. Duarte de Menezes*, capitulo 112.

SEDERENTO — portuguez antigo — sequioso.

SEDIÉLLOS ou **SIDIELLOS** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho do Peso da Régua, 85 kilometros ao E. N. E. do Porto, 340 a N. de Lisboa, 700 fogos.

Em 1768, tinha 412.

Orago, Santa Maria.

Bispado do Porto, distrito de Villa-Real.

As freiras franciscanas do mosteiro de Monchique, da cidade do Porto, apresentavam o cura, que tinha 12$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É uma freguezia fertil e rica, e a maior do concelho, depois do Peso da Regua. Faz grande negocio com a cidade do Porto, para onde exporta os generos que lhe sobram do consumo, pelo rio Douro. Optimo vinho, bastante gado e caça. Abundante de excellente peixe do rio Douro.

É n'esta freguezia o solar do ramo 2.º dos Azevedos, senhores de Paredes da Beira — que são os — *Correias Pintos d'Azevedo e Lemos.*

A sr.ª D. Luiza Ludovina d'Azevedo e Lemos Alvim, filha de Joaquim d'Azevedo e Souza, casou com Antonio Carlos Correia Pimentel Pinto, senhor da casa dos Correias Pimenteis, de Sediéllos, e da de Sanhoanne, no concelho de Santa Martha de Penaguião.

Esta senhora, ficou viuva e vive na sua casa de Sediéllos.

D'este matrimonio houve os filhos seguintes—por ordem de edades.

1.º *Alvaro Pinto Correia Pimentel de Azevedo e Lemos.* Succedeu a seu pae na casa, porém falleceu na cidade do Porto, na flor da edade, em 1852.

2.º *D. Maria das Dores d'Azevedo e Lemos.* Casou com José Antonio Teixeira de Carvalho. Morreu nova, mas deixou filhos.

3.º *Antonio Carlos Correia Pinto de Lemos.* Succedeu na casa, a seu irmão Alvaro; é casado e tem descendencia.

4.º *D. Maria do Patrocinio d'Azevedo e Lemos.* Foi creada no convento das Chagas, em Lamêgo, na companhia de uma tia paterna, e alli vivia sempre recolhida, até á sua morte, que teve logar ha poucos annos.

SEESTRA — (séstra) — portuguez antigo, esquerda. Dizia-se mais vulgarmente, fallando da mão esquerda. Depois disse-se *sinistra.*

SEGADÃES — villa, Douro, comarca, concelho, 5 kilometros a N. N. E. d'Agueda (foi da mesma comarca, mas do concelho do Vouga) 12 kilometros a E. N. E. de Aveiro, 250 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1768, tinha 78.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto d'Aveiro.

O real padroado apresentava o prior, que tinha 300$000 réis de rendimento.

O rei D. Manoel lhe deu foral, em Lisboa, a 20 de março de 1516.

(*Livro de foraes novos da Extremadura, fl. 217, col. 1.ª*).

Este foral serve tambem para — *Almeara. Cabanões, Eirol, Oronha, Orta, e Traváço.*

Está situada a um kilometro a O. S. O. da margem esquerda do Vouga.

É terra fertil em todos os generos agricolas do paiz, cria muito gado, e é abundante de peixe, do mar e do Vouga.

Pertenceu á antiga comarca d'Esgueira.

Foi dos duques d'Aveiro até 1759, passando então (como tudo quanto era d'esta grande casa) para a corôa.

SEGADÃES — povoação do Minho, na freguezia de Cristéllo-Côvo, comarca, concelho, e 3 kilometros a O. da praça de Vallença.

O nome official d'esta freguezia, é, como já vimos, Cristêllo-Côvo, mas como a egreja matriz é em Segadães, quasi toda a gente dá este nome á freguezia.

A primittiva egreja matriz era junto á praça, e foi demolida para augmentar as obras de defeza, e mudada para Segadães.

Para evitarmos repetições, vide *Cristêllo-Côvo.*

Está a povoação situada em formosa e fertilissima planicie, na margem esquerda do rio Minho, e proxima da celebre *Veiga de Mira.* (Vide Arão).

De Vallença ha uma estrada municipal de 2.ª classe, construida em 1879, que vae até ao caes de Segadães.

Segadães é um pequeno porto de embarque e desembarque, muito concorrido, e até preferido ao caes de Vallença, pelo que desembarcam alli quasi todas as mercadorias destinadas á praça de Vallença.

É atravessada pela estrada real de 1.ª classe que de Lisboa vae até Melgaço, e pelo caminho de ferro do Minho, que tem aqui uma estação, inaugurada a 30 de junho de 1879.

Pescam-se aqui muitos salmões, lampreias e saveis, além de outras muitas variedades de peixe.

Tem havido dias em que se tem aqui pescado mais de 200 saveis. É um grande divertimento das familias da praça, virem assistir a estas pescarias, quando faz bom tempo.

SEGÕES—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Moimenta da Beira, 30 kilometros de Lamego, 310 ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1768, tinha 50 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O reitor da villa da Rua, apresentava o

cura que tinha 40$000 réis de congrua e 30$000 réis de benesses.

É no termo de Caria. (Vide *Caría* e *Rua.*)

É terra muito fria, porém produz muitos cereaes e caça.

No fim da pequena aldeia de Segões, no ribeiro do seu nome, termina o bispado de Lamego, e principia o de Viseu.

SEGRE—portuguez antigo—século.

SEGRAL—portuguez antigo—secular, do seculo. O que não é padre nem frade.

SEGUDE — freguezia, Minho, comarca e concelho de Monção (foi do extincto concelho de Valladares) 60 kilometros ao N.O. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1768, tinha 103 fogos.

Orago, S. Payo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A casa do infantado apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento.

É terra fertil.

Cria muito gado, e nos seus montes ha bastante caça.

SEGURA—villa, Beira Baixa, comarca e concelho de Idanha a Nova (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho e 8 kilometros de Salvaterra do Extremo) 80 kilometros da Guarda, 250 ao E. de Lisboa, 200 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

A mesa da consciencia apresentava o vigario, que tinha 42$000 réis e o pé d'altar.

D. Manoel I lhe deu foral, em Lisboa, no 1.° de junho de 1510. (*Livro dos foraes novos da Beira*, fl. 27, col. 2.ª)

Situada em um alto, e é cercada de muros, com um castello, mandado construir pelo rei D. Diniz, em 1298. Está tudo desmantelado.

Tem Misericordia. É no Riba-Côa.

O rio Elga divide aqui Portugal de Hespanha.

Sobre este rio, e no districto da freguezia de Segura, ha uma ponte, que é metade portugueza, metade castelhana.

Esta villa e freguezia, foi uma das que a rainha Santa Isabel trouxe para Portugal em dote, no anno de 1282.

Tem minas de chumbo. Em janeiro de 1879 foram concedidas provisoriamente duas minas de chumbo, a João Christiano Keil—uma no sitio da *Lagarêta* e outra no ribeiro da *Ferranheira*, ambas n'esta freguezia.

De um compromisso feito entre o mestre e frades (freires) da ordem do Templo, e o bispo da Guarda, e ratificado pelo bispo eleito da mesma cidade, na Covilhan, a 11 de junho de 1550, consta o seguinte :

Os bispos da Guarda devem ter pela visitação nas egrejas do Rodam, Salvaterra do Extremo, Segura, Proença a Velha e Touro, de colheita (aposentadoria) o terço de todos os dizimos «*tirando o dizimo das almunhas.*»

Foi esta villa e seu termo, assim como Idanha a Nova, Idanha a Velha, Salvaterra do Extremo, Proença, e Rosmaninhal, senhorio dos templarios. Extincta esta ordem, pelo papa Clemente V, no Concilio viennense em 1311, passaram todos os seus immensos bens, foros e castellos, para a *Ordem da milicia de Nosso Senhor Jesus Christo*, fundada pelo rei D. Diniz, em 1319. Ficou pois desde então, a villa de Segura, formando parte de uma commenda d'esta ordem, e os nossos reis, como grão-mestres de todas as ordens militares de Portugal, tomaram conta do padroado d'esta villa, e apresentavam os parochos, pelo tribunal da mesa da consciencia e ordens.

Ainda que de clima excessivo, é terra fertil e saudavel; e o rio Elga a fornece de algum peixe miudo. Cria muito gado, e nos seus montes ha bastante caça.

SEIÇA—Vide *Ceiça*.

SEIDE — (S. Miguel) — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 18 kilometros ao O. de Braga, 355 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1768, tinha 32 fogos.

Orago, o archanjo S. Miguel.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O abbade de Bente, apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Camillo Castello Branco

Na sua quinta de S. Miguel de Seide, reside o sr. Camillo Castello Branco, o primeiro e o mais fecundo romancista de Portugal.

Ser-me-hia impossivel a mim, escriptor humilde e obscuro, achar palavras com que tecer os devidos elogios a este distinctissimo escriptor, e profundo indagador: limitar-me-hei pois a dizer, que:

Nasceu em Lisboa, a 16 de março de 1826. É filho natural do sr. Manuel Botelho Castello Branco. Orphão de pae em 1836, foi mandado pelo respectivo conselho de familia, para Traz-os-Montes, e entregue aos cuidados de uma tia paterna, que residia na aldeia de Escariz, freguezia de Villarinho da Samardan, no concelho de Villa Real.

Sua tia, era pouco carinhosa, e o menino, tendo apenas 13 annos, fugiu de casa d'ella, na intenção de hir para Lisboa, mas foi preso no caminho, a requisição da mesma tia, e regressou a Escariz; porém tornou a fugir por outro caminho, demorando-se trez mezes em casa de um tabellião, como escrevente. D'aqui, foi para casa de uma irman, casada havia pouco tempo e que dispunha de bastantes meios.

Foi em casa d'esta irman, que um padre lhe deu as primeiras lições de latim e latinidade.

Aos 15 annos namorou-se de uma camponeza, e a familia, para lhe fazer esquecer esta inclinação precoce, o mandou estudar para Lisboa, e depois para o Porto; e, feitos os exames preparatorios, matriculou-se no primeiro anno da escola medico-cirurgica.

Logo n'esse anno publicou o *Juizo final* e os *Pundonores desagravados.*

No fim do primeiro anno (1845)—em que ficou *simpliciter*—foi para Coimbra, adoecendo logo á chegada, e estando seis mezes de cama; pelo que se retirou, em maio de 1846, indo para Villa Real de Traz-os-Montes, para casa de um seu tio.

D'alli marchou para Braga a unir-se ás forças do borrachão e decrepito Macdonell, que se deixou assassinar estupidamente (Vide *Sabroso,* no 8.º vol., pag. 283, col 1.ª, no fim, e seguintes.)

Feita a juncção dos legitimistas com as tropas da Junta do Porto, o sr. Camillo Castello Branco, principiou a escrever artigos republicanos, no *Nacional* e no *Eco Popular.* Depois escreveu grande numero de folhetins, qual d'elles mais espirituoso, e que fizeram época; assim como outros muitos artigos de incontestavel merecimento. Principiou por esse tempo a longa serie de romances, que tornaram o sr. Camillo Castello Branco um dos mais notaveis e famosos escriptores da Europa e da America.

Hoje este homem incomparavel, tem 54 annos, e é doente, mas não cessa de trabalhar,[1] sendo sempre o escriptor primoroso e o mestre da nossa lingua.

Os que desejarem saber mais circumstanciadamente a vida e obras d'este esclarecido romancista, vejam — CAMILLO CASTELLO BRANCO (*noticia da sua vida e obras*) por J. C. Vieira de Castro.

—

O commerciante Joaquim José de Sousa Guimarães, natural d'esta freguezia, e fallecido na Bahia, a 7 de janeiro de 1876, deixou a quantia liquida de 4:063$315 réis fortes, para a construcção de uma nova egreja matriz, em S. Miguel de Seide.

Deixou mais — Á Santa Casa da Misericordia, de Guimarães—á da Povoa de Varzim—á do Porto—ao Asylo da Mendicidade — e á Santissima Trindade — ambos estes estabelecimentos tambem do Porto—500$000 réis fortes a cada um.

É terra fertil e cria muito gado bovino que exporta para Inglaterra.

SEIDE — (S. Payo) freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 18 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1768, tinha 56 fogos.

Orago, S. Payo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

[1] Elle mesmo me disse que escreveu a traducção da *Formosa Lusitania* (do original inglez de lady Jackson) a lapis, e sentado na cama, por não poder levantar-se.

O reitor da freguezia de S. Thiago, de Ronfe, apresentava o vigario, collado, que tinha 60$000 réis de rendimento.

Como a freguezia antecedente, é terra fertil, e cria muito gado, que exporta para Inglaterra.

SEIDÕES — freguezia, Minho, comarca e concelho de Fáfe, 30 kilometros ao N.E. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1768, tinha 99 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O papa e a mitra, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 200$000 réis.

É terra fertil Muito gado e caça.

SEIRA ou **CEIRA** ou **ELNAS**—rio, Douro.—Nasce na serra de Baçô (Açô, ou Açôr) ramo da Estrella, perto e ao S. das villas d'Avô e Midões.

Passa pelo meio da freguezia de Góes (onde este rio tem uma ponte, denominada *Ponte dos trez arcos*). A 5 kilometros ao O., onde o rio se estreita para entrar pelas *Portas da Candosa*, está uma alta serra, toda de alcantilados rochedos. Com tanta furia pretendeu este caudaloso rio passar aqui, que rompendo a serra, a dividiu pelo meio, fazendo um profundo desfiladeiro ou garganta.

É de curso arrebatado, e suas margens, pela maior parte, são rochas escarpadas. Nos valles, porém, réga, e faz mover alguns moinhos. O seu peixe é muito saboroso. Na Candôsa, se junta á ribeira do Sortão (ou Sertum) que desce de Pedrogam, e d'aqui para baixo correm espraiados e placidos, regando os campos de Serpins; e, recebendo o Duéça, pela margem esquerda, entra no Mondego, em frente de Coimbra.

Na divisão sul da serra de Baçô e eminente á gargante que fica referida, e no mais alto d'ella, está a ermida de Nossa Senhora da Candosa, para onde ha um bom caminho, pelo sul, pelo qual se póde até andar de trem. A ermida é pequena e antiquissima; e, apezar de ser baixa, muitas vezes o vento lhe tem levado todas as telhas. O tecto é de abobada.

Fica a 2 kilometros da povoação da Varzea (concelho de Góes).

O retabulo e a nova imagem da Senhora, foram mandados fazer em 1705, por o padre Manoel Bayão d'Andrade, vigario da Varzea, mandando tambem reparar toda a ermida, que os grandes temporaes tinham desmantelado.

N'este mesmo monte, se veem grandes montões de pedras faceadas, muitas d'ellas ainda com a cal pegada, o que denota que houve aqui, em tempos remotos, uma grande povoação ou fortaleza.

Ainda restam as paredes de uma grande casa terrea, que se suppõe ter sido para abrigo dos romeiros.

Tudo isto está hoje em grande abandono.

SEIVÃES — Vide *Ceirães.*

SEIXAL — villa, Extremadura (ao S. do Tejo) cabeça do concelho do seu nome, na comarca d'Almada, 12 kilometros ao S. de Lisboa, 600 fogos.

Em 1768, tinha 239.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O povo apresentava o cura, que tinha réis 150$000.

O concelho é formado pelas seguintes 4 freguezias — Aldeia de Payo Pires, Amora e Corroios, Arrentella, e Seixal; todas com 1:560 fogos e no patriarchado.

O Seixal pertencia á freguezia de Arrentella, d'onde foi desmembrado para formar parochia independente, em 23 de junho de 1734, como adiante mais circumstanciadamente se dirá.

Este concelho está na margem esquerda do Tejo, e a villa do Seixal, junto á praia, fazendo o rio aqui uma enseada, a qual, bifurcando-se, vae com uma das bifurcações para S. E., até se encontrar com as aguas do rio *Judeu*, e com a outra, dirigida para N O., banha a freguezia da Amóra, e finda em Corrôios.

Tem duas ruas principaes, de fórma semicircular, e algumas pequenas travessas e bêcos, com trez pequenos largos.

Não tem edificios notaveis, pois quasi todos são acanhados, e muitos d'elles insalubres.

Tem trez fabricas — uma de *productos*

chimicos, de Padrel & C.ª—outra de *sabão* — e outra de *sóla* antiga, e notavel pelos seus optimos productos.

A maior parte dos habitantes do Seixal são pescadores *do alto* (de fóra da barra); tem alguns lavradores, e muito poucos artistas.

Dous kilometros ao S. E. da villa, e ao longo da praia, em uma encosta, está a grande povoação da Arrentella, onde reside a maior parte dos habitantes da freguezia.

A 110 metros ao S. O. d'Arrentella, está o logarejo da *Torre da Marinha*, e nas suas faldas, está a magnifica fabrica vulgarmente chamada da *Arrentella*. (Vide esta palavra.)

Antigamente havia por aqui muitas e formosas quintas de fidalgos, e bôas fazendas de diversos mosteiros.

No caminho do Seixal para a Torre da Marinha, estão — a *quinta de Paulo Jorge*, onde é a fabrica de productos chimicos — logo adiante, a do *Outeiro*, do sr. João Coelho d'Abreu — em seguida, a do *Valle do Grou*, ou da *Fidalga*, do sr. Manoel da Gama — a das *Cavaquinhas* — e a do *Cabral*, que finda mesmo no logar da Arrentella.

D'aqui até á Torre da Marinha, ha varias pequenas propriedades, de diversos donos.

Ao S. do Seixal e da Arrentella, ha differentes quintas e casaes.

A freguezia da Arrentella, ainda se estende para S. E. uns 5 kilometros, tudo pinhal, que foi dos frades Jeronimos, de Belem, e hoje é dos herdeiros de Abraham Wheelhouse.

Ao E. do Seixal, está a *quinta de D. Maria*, onde está a fabrica de sola já mencionada — em seguida, a da *Trindade*, e ultimamente uma ponta de terra, que entra pelas aguas do Tejo, e fórma o chamado *Rio de Côina*, onde estão dous grandes armazens do Estado, e na praia contigua, muita madeira soterrada, para construcções navaes. Chama-se a este logar — *Azinheira*.

Voltando d'aqui para o S., segue o rio de Côina ainda 6 kilometros, e nas suas margens ha o seguinte — parte da mencionada *quinta da Trindade* — *quinta dos Paulistas* — *duas azenhas* (d'agua salgada) com 14 pedras, para moagem de trigo — *quinta do Alamo* — *quinta da Madre de Deus*, com uma azenha de oito pedras — *quinta do Descanso* — a *dos Loureiros* — a *da Ponte* — a *do Portinho* — a *de D. Maria* (Paio Pires) — a *das Cannas* — a *do Leitão* — a *do Lima* — a *da Palmeira* — a *do Bréjo* (em Cucêna)—a *do Cabo da Linha* — a *Quinta Nova*, com um lagar d'azeite — segue-se um pinhal, que finda junto á azenha chamada do *José Moto*, e onde por este lado termina o concelho.

Quasi todas estas quintas nada teem de notavel, senão a extrema deterioração de algumas; e o pouco ou nenhum lucro de todas.

A freguezia da *Aldeia de Paio Pires*, está assente em uma pequena eminencia, lançada de E. a O. Tem uma unica rua tortuosa, mas os predios são, pela maior parte, bons. É n'esta aldeia onde habita a maior parte das familias da freguezia, o resto está espalhado por differentes quintas e casaes. (Vide *Aldeia de Paio Pires*).

A freguezia da *Amóra*, está fronteira á da Arrentella, da qual está separada, em parte, pela enseada do Tejo, e em parte, por um regato, que é o já referido *Rio Judeu*.

Tem varias quintas, sendo a unica digna de menção a da *Amóra*, que já fica descripta em *Amóra e Corroios*. É hoje do sr. infante D. Augusto, que a comprou aos herdeiros da fallecida infanta D. Isabel Maria, filha de D. João VI, em setembro de 1877. (Vide *Amóra e Corroios*.)

O concelho do Seixal, é limitado, ao N. e N. O. pelo d'Almada — ao O. e S. O. pelo de Cezimbra — ao S. pelo d'Azeitão (hoje Setubal)— e ao E. pelo Tejo.

O seu terreno é bastante accidentado, mas em geral muito fertil em pão, vinho, fructas, hortaliças e legumes. O vinho d'estas terras é optimo para exportação, e a sua laranja é da melhor que vae para Inglaterra.

Antes de 1854, produzia este concelho 3:000 pipas de vinho, mas o oidium e outras molestias, reduziram a colheita a 510 pipas.

O termo medio das outras producções, é — trigo, 5:000 alqueires — milho, 31:500— centeio, 2:000 — cevada, 1:000 — feijão,

7:500 — fava, 30 — grão de bico, 110 — laranja (só a exportada para a Inglaterra) 1:800 milheiros — limão, 4 milheiros — lan, 170 kilogrammas — mel, 150 ditos — cêra, 20.— Os pinhaes que cercam todas as quatro freguezias do concelho, dão um grande rendimento em madeira e lenha.

As aguas são, na sua maxima parte, de excellente qualidade, menos na aldeia de Paio Pires, que é salobra e só serve para lavagens ou régas: a agua potavel, vão buscal-a a quintas particulares. Na Amóra, ha uma optima agua, que rebenta de abundante e perenne manancial, mesmo junto á praia mas só se póde tirar no baixa-mar, porque, quando a maré está em meio, fica a nascente coberta.

A salubridade do concelho, na maior parte do anno, é regular; mas desde julho até novembro, apparecem as febres intermitentes e remitentes de varios typos e generos, que affligem as povoações proximas aos arrozaes, que, desde 1850, se tem feito em larga escala, nos concelhos proximos. Tambem concorre para estas molestias, a falta de limpeza das vallas, nos bréjos.

—

Segundo a tradição, a origem da villa do Seixal, é a seguinte — Vendo pessoas competentes, que o sitio era asado para construcções navaes em grande escala, e que estava em facil communicação com os operarios da fabrica da *Ribeira das Naus*, que então estava estabelecida a E., para o lado da villa de Côina, fundaram aqui alguns estabelecimentos, dependentes do arsenal da marinha, e, pouco a pouco, os mestres e operarios d'elle, aqui foram construindo casas de habitação.

Diz-se que no principio, os moradores do Seixal, pagavam os dizimos ao infante D. Antonio, commendador d'Almada, e que depois, esta commenda passou a ser do grande condestavel, D. Nuno Alvares Pereira, por mercê de D. João I.— O condestavel deu depois isto aos religiosos carmelitas de Lisboa, quando n'esta cidade lhes construiu a egreja e mosteiro.

Ainda ha á entrada do cemiterio publico, uma inscripção — que esteve na extremidade E da povoação — gravada quando o condestavel era donatario do Seixal.

Consta que, visitando o rei D. Manoel esta povoação, quando foi ver a Côina a *Ribeira das Naus*, mandou que se chamasse Villa Nova do Seixal, e que desde então é que tem a cathegoria de villa. D'isto existia ainda ha poucos annos uma inscripção, gravada em uma pedra, sobre a verga de uma porta, na rua do Paço. Ésta pedra, serve de pilar de uma chaminé, das casas do sr. José dos Anjos, no largo do Estaleiro.

Pelos annos de 1500, se construiu uma ermida, dedicada a Nossa Senhora da Conceição. Passados annos, com o crescimento da população, e sendo incommodo estarem ligados á parochia da Arrentella, cuidaram os do Seixal de construir um templo espaçoso, que de futuro podesse servir de egreja matriz, e por provisão do 1.º patriarcha D. Thomaz d'Almeida, de 29 de março de 1726, se alcançou licença para esta edificação, sendo a primeira pedra lançada pelo parocho d'Arrentella, em 22 de abril do mesmo anno.

Todo o povo do Seixal, sem distincção de cathegoria, sexo nem edade, trabalhou n'esta construcção, e os que eram ricos, alem das grandes esmolas que deram, se pozeram á frente dos operarios, trabalhando com elles; distinguindo-se José Bravo, que hypothecou todos os seus haveres, até ao completo pagamento de todas as despezas da obra. Os homens do mar, fintaram-se voluntariamente, na terça parte de todos os seus lucros.

A ceremonia da abertura do novo templo, teve lugar em 25 de dezembro de 1728, com grande solemnidade.

N'esta época, ja a povoação do Seixal contava 260 fogos.

Trataram depois do processo da desmembração e independencia, da freguezia da Arrentella, o que soffreu grande opposição por parte do parocho d'esta freguezia, mas que, finalmente, foi ordenada, por provisão do cardeal patriarcha, datada de 23 de junho de 1734: sujeitando-se o povo da nova freguezia, á sustentação da fabrica da egreja, e ao pagamento da congrua do pa-

rocho. Diz a referida provisão: «Ficam os «moradores do Seixal obrigados a dar a con«grua subsistencia do novo parocho e seus «successores, a dar-lhe casas para morar, e «cada lavrador que lavrar vinho, *ou pouco «ou muito*, lhe dará dous potes de seis ca«nadas de vinho, á bica do lagar, que serão «hoje cincoenta os que lavram vinho, e os «que de novo o lavrarem, darão os mes«mos dous potes, pelo tempo adiante: e to«dos os mais freguezes que não lavrarem «vinho, lhe darão um vintem, pela desobri«ga, no rol dos confessados, e lhe darão «mais, pela paschoa, seis mil e quatrocen«tos réis, *para o barrête*, pagos pela fabrica «da egreja, com todas as mais offertas e be«nesses que lhe render o pé d'altar, confor«me o costume da freguezia antiga. E que, «para a fábrica da egreja, daria cada um «dos que lavrassem vinho, dous potes, na «fórme acima declarada, e oito vintens cada «fogo, na fórma que pagavam á egreja d'Ar«rentella.»

O primeiro parocho d'esta freguezia, escolhido pelo povo, foi o padre Manoel Simões d'Estrella, da villa do Pombalinho, bispado de Coimbra, que tomou posse, em 27 de julho do mesmo anno de 1734, e, em seguida, a 27 de agosto, se celebrou com magestosa pompa, a instalação religiosa da parochia, ordenando para isso uma procissão, que sahiu da ermida de Nossa Senhora da Boa Viagem — propriedade dos religiosos trinos — a qual ermida ainda existe na casa e quinta que hoje é do sr. Francisco de Azevedo e Sá.

A confraría do Santissimo, que logo se instituiu, desejando adquirir as graças e indulgencias de que gosa a archi-confraria da real parochia de S. Julião, de Lisboa, sollicitou patente de aggregação, que a dita archi-confraria lhe concedeu, por accordam de 24 de abril de 1755.

Alem d'esta confraria, instituiram-se as das Almas—S. Pedro—e Senhor dos Mareantes, cada uma com seu capellão.

—

O terramoto do 1.º de novembro de 1755, assolou muito esta freguezia, e entre os prédios que arruinou, se incluiu a egreja matriz, ficando sepultadas sob as suas ruinas, muitas das pessoas que o tinham ajudado a construir com tanta devoção e alegria. As inundações que se seguiram ao terramoto, pozéram em fuga todos os habitantes da villa, que procuraram abrigo, ao S. da parochia, no sitio chamado *Barrocas do conde de Villa Nova*.

Passados alguns dias, e as maiores impressões de terror, desceram á povoação, para enterrar os mortos, cuidar do reparo de suas casas e reedificação da egreja; e novamente a ermida dos frades trinos recebeu o sacrario com o Santissimo, que ahi foi conduzido em procissão.

Tratando de reedificar a primitiva ermida (por ser obra de menos despeza) andaram com tanta solicitude, que, com a despeza de 851$765 réis a concluiram, a ponto de já alli se fazerem os officios da Semana Santa, em 1756. Desde então, decidiram festejar annualmente, no 1.º de novembro, Nossa Senhora das Dores; o que fizeram alguns annos, substituindo depois a festa, pela do Senhor dos Mareantes.

Para as obras da ermida, não só os pescadores se obrigaram a dar a quarta parte dos seus lucros, mas todos se empenharam zelosamente, mulctando até os divertimentos publicos. (Só o mealheiro do jogo da bolla, produziu a quantia de 47$000 réis!)

A reconstrucção da egreja matriz, foi mais dispendiosa e demorada, e se concluiu em 1762, celebrando-se a sua abertura ao culto divino, em 21 de fevereiro d'esse anno, com grande esplendor.

A torre dos sinos, só se concluiu em 1776, collocando-lhe logo trez sinos, e um relogio, que foi feito por Paulo de Franca, e custou 230$000 réis.

Como o anno de 1784 fosse propicio aos pescadores, pela grande abundancia de pescaria que então houve, resolveu esta corporação, adquirir uma imagem da padroeira, de tamanho proporcionado ao templo, e ajustaram em Lisboa com o esculptor Nicolau Pinto, o fazer-lhes uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, de madeira, de sete palmos de altura, fóra as *nuvens, os seraphins e peanha*, por 57$600 réis; impor-

tando a encarnação e pintura, em 43$200 réis, e que foi feita por José Antonio de Carvalho; vindo a custar esta imagem, depois de prompta, 100$800 réis, ou 21 moedas d'ouro. Compraram-lhe tambem uma corôa de prata, que custou 121$650 réis. Está esta formosa imagem, no altar-mór, sobre a banqueta, e debaixo de um rico docel, de talha dourada.

A imagem antiga, da padroeira, está collocada no 1.º altar lateral, do lado do Evangelho, e é a que vae nas procissões.

A imagem do Senhor dos Mareantes, é muito antiga, e consta que foi dada por um dos ascendentes do sr. Antonio da Gama Lobo Sallema, que a tinha em um oratorio, da sua quinta, no districto d'esta freguezia

O Senhor dos Mareantes, já tinha confraria em 1745, pois o seu compromisso foi approvado, por provisão de 6 de agosto, de esse anno.

—

Até 1833, enterravam-se os defuntos, na egreja parochial, e desde então — por causa do colera-morbus — se enterraram em um chão, ao E. da quinta denominada de *Paulo Jorge*. Depois d'esta epidemia, é que a camara adquiriu o terreno do actual cemiterio, que fica a E. da villa, e para o qual se comprou uma casa com seu quintal, accrescentando-se depois uma porção de terreno, que foi generosamente offerecido, pelo sr. Antonio Ferreira, avô do sr. José Ferreira de Brito.

—

Em 1856, foi a egreja matriz novamente reparada, com a maior perfeição, e póde rivalisar com os melhores templos de Lisboa, tanto na primorosa talha, dourada a ouro fino, como na perfeição das santas imagens, e riqueza dos paramentos e alfaias. Esta reparação, custou 11:000$000 réis, gastando n'ella, do seu bolso, o referido sr. José Ferreira de Brito, 6:000$000 réis — e réis, 2:300$000, offerecidos pelo chefe dos pescadores.

Foi por esta occasião que se adquiriram os actuaes sinos (nove) que custaram réis 717$000, depois de descontado o peso dos velhos.

Para transmittir á posteridade, se gravou em uma lapide, collocada á entrada do templo, uma inscripção, com os nomes dos fieis que mais concorreram para esta reedificação, que foram os srs. *Dr. Manoel Teixeira de Sousa — José Ferreira de Brito — João Baptista dos Santos* — e *Thomaz Duarte*.

Depois d'estes bemfeitores, todos os mais parochianos se esmeraram á porfia, cada um segundo as suas posses, ou devoção, para que esta obra fosse, como é, de grande sumptuosidade.

Em 1870, se adquiriu uma imagem do Senhor dos Pássos, do tamanho natural, e de primorosa esculptura, feita por Francisco de Gomes, e tal e qual como a formosa imagem que existe na capellinha do mosteiro de Santo Antonio, de Lisboa — hoje asylo da Mendicidade.

Foi feita á custa de esmolas, pedidas de porta em porta, e que produziram a somma de 250$000 réis, incluindo 63$000 réis dos pilotos da barra, e 18$000 réis, do mealheiro dos botes de pesca.

A imagem e seus pertences, importou em mais de 300$000 réis, sendo para isso augmentada a receita, com a avultada esmola que deu o sr. Manoel Ferreira Simões.

—

Tem esta villa, estação telegraphica, de 1.ª classe, aberta ao serviço publico, em 28 de setembro de 1878. Pertence á 9.ª secção telegraphica (Evora).

Este melhoramento, foi alcançado pelos esforços do deputado d'aquelle anno, de 1878, o sr. Jayme Arthur da Costa Pinto. A camara municipal forneceu a casa, e a fabrica da Arrentella, a mobilia.

—

Durante os 146 annos da sua existencia como parochia independente, tem tido o Seixal os seguintes

Parochos

1.º Manoel Simões d'Estrella, do bispado de Coimbra — desde 1734 até 1759.
2.º João de Figueiredo e Silva, algarvio — desde 1759 até 1766.
3.º Miguel Bravo Reimão, natural do Seixal — desde 1766 até 1799.

4.º Francisco Gomes Vieira, natural do Seixal — desde 1799 até 1803.

5.º João Heliodoro Muscate — desde 1803 até 1804.

6.º Pedro Antonio Gerardo — desde 1804 até 1812.

7.º Antonio de Fontoura Carneiro, natural do Seixal — desde 1812 até 1815.

8.º Antonio Innocencio dos Santos e Paes — desde 1815 até 1819.

9.º José Joaquim Alves, natural do Seixal — desde 1819 até 1825.

10.º Antonio do Espirito Santo — desde 1825 até 1831.

11.º José Joaquim Alves (2.ª vez), natural do Seixal — desde 1831 até 1845.

12.º José Vaz Martins d'Almeida — desde 1845 até 1846.

13.º José Joaquim Alves, natural do Seixal (3.ª vez) — desde 1846 até 1860.

14.º Antonio Maria Pessoa, natural de Lisboa — desde 1860 até 1870.

15.º José Maria de Barros Lobo, natural de Braga — desde 1870 até 1872.

16.º Francisco Rodrigues Neiva, natural de Braga — desde 1872 até 1877.

17.º Luiz Alves Gomes Freire, natural de Coimbra — desde 1877 até 1878 [1].

18.º José Baptista Pereira, natural de Fáro, no Algarve — desde 1879. É o actual [2].

—

Ao rev. Antonio Maria Pessoa, 14.º prior do Seixal, e que de lá foi para prior de S. José de Lisboa, devo grande parte d'estas informações, que me mandou para Villa do Conde, em 7 de março de 1879. Mal diria este virtuoso sacerdote, que, poucas semanas depois, falleceria, na rua do Correão, n.º 38, e ainda na edade florente de quarenta e tantos annos.

Fui alguns mezes seu parochiano, e pude então apreciar as bellas qualidades que o adornavam. Morreu pobre, porque dava tudo aos pobres. A sua morte causou geral sentimento em toda a freguezia de S. José, e a todas as pessoas que o conheciam.

—

Emquanto os do Seixal pertenciam á freguezia da Arrentella, tinham um capellão, para lhes dizer missa nos domingos e dias sanctificados, na ermida de Nossa Senhora da Conceição, a cuja imagem faziam uma pomposa solemnidade, no dia proprio (8 de dezembro).

SEIXAS — freguezia, Minho, comarca e concelho de Caminha (antes d'esta ser elevada a cabeça de comarca, era do mesmo concelho, comarca de Vianna), 60 kilometros ao O. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 600 fogos.

Em 1768, tinha 274.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo e 20 kilometros ao NO. de Vianna.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

Foi antigamente, do termo de Villa Nova da Cerveira, e ainda lá pertencia quando D. Affonso III lhe deu foral, em Coimbra, a 9 de novembro de 1262. (*Livro de doações de D. Affonso III*, fl. 65 v., col. 1.ª, *in fine*.)

É a freguezia de Seixas, incontestavelmente, uma das mais formosas e bem situadas da margem esquerda do Minho, onde todas são bonitas, e d'ella, como das outras, se vêem as bonitas povoações da fronteira margem gallega.

É fertil em todos os fructos, cria muito gado, e é abundantissima de optimo peixe de mar — que lhe fica 1:500 metros a O. — e dos rios Minho e Coura, que a limitam — o primeiro pelo N., e o segundo pelo SO. e O.

Desde janeiro até maio, é um grande prazer a residencia em Seixas. É então a época das grandes pescarias de salmões, saveis e lampreias, que exporta frescos para Vianna, e outras muitas localidades do interior; e de calda, ou conserva, para o Porto, Lisboa,

[1] Foi transferido para a freguezia d'Amora, onde é actual parocho, collado.

[2] O sr. José Baptista Pereira — que é ainda muito novo — é muito instruido, affavel e exemplarissimo, já como sacerdote, já como homem, já como filho e irmão extremoso. Tinha sido prior encommendado em S. Simão d'Azeitão (Villa Fresca d'Azeitão) e depois na freguezia da Amora. Foi apresentado n'esta egreja, a 27 de março de 1879 (por concurso synodal) collando-se a 8 de junho, e tomando posse no dia 10 d'este mez, e tudo no referido anno de 1879.

Brasil, e outros pontos; tudo em grande escala.

Não *curo por informações*: eu mesmo tenho estado, por muitas vezes, em Seixas, e tenho visto o que acabo de referir.

Sei que tambem d'aqui vae peixe, principalmente saveis, em grande quantidade, para Braga, Guimarães, Ponte do Lima, etc. —isto em fresco.

Basta dizer-se que, ás vezes, entre dia e noite, se pescam *aos milheiros*. (Em 21 de março de 1875 sahiram d'aqui para Vianna, dez carradas de saveis, fóra os que sahiram para o Alto-Minho, Ponte do Lima, Braga e outras terras, em cavalgaduras).

Até ha poucos mezes, exportava-se o peixe em canastras, em bêstas e ás carradas; agora vae a maior parte, pelo caminho de ferro.

São de Seixas quasi todos os barcos que navegam no rio Minho, conduzindo passageiros e mercadorias, para Villa Nova da Cerveira, Valença, Monsão e Seixeira (ou Ponte do Mouro) 6 kilometros acima de Monsão; e os que levam e trazem gente e mercadorias, entre a villa de Caminha e o fronteiro logarejo da *Passagem*, na Galliza. Por esta via é conduzido muito carvão para a pequena villa da Guarda (*La Guardia*) onde se vende vantajosamente, e de lá trazem comestiveis, que são alli muito baratos. Tambem vem pão de trigo, que é mais barato e de muito melhor qualidade do que o de Caminha e Seixas.

Tambem vae de Portugal muita gente á Guarda, em viagem de recreio.

As mulheres d'aqui são, em geral, honestas e summamente laboriosas, prestando-se a toda a qualidade de trabalho em que possam ganhar a vida honradamente, e é um gôsto vêl-as muito alegres, levar grandes *carrêgos* de peixe, para onde sabem que tem prompta e boa venda.

Não é só nos cinco mezes (de janeiro a maio) que aqui abunda o peixe; em todo o verão se pesca muita variedade d'elle, sendo em maior numero os roballos, roballinhos, mugens, sôlhos, linguados e mariscos.

Teve marinhas de sal, mesmo na direita da confluencia do Coura com o Minho; mas, como este não era de boa qualidade (talvez por o não saberem preparar) foi abandonada esta exploração.

Ha na freguezia cinco ermidas — *S. Sebastião, Senhor da Bôa-Morte, Santo Adrião, Senhora da Consolação*, e *S. Bento*. Esta é ampla, e tem uma bonita torre. Foi construida em 1868.

Já n'este logar havia uma antiquissima capella, dedicada ao mesmo santo, muito pequena e baixa, que foi demolida, para se construir a actual. Segundo a tradição, foram os monges benedictinos que edificaram a ermida primitiva, onde vinham dizer missa.

Fazem-se n'esta ermida duas grandes festividades, uma a 21 de março (dia do padroeiro) e outra a 21 de julho, ambas concorridissimas, não só por o povo da freguezia e de Caminha, como até de romeiros de terras distantes, e mesmo da Galliza. Quasi todos os maritimos d'aqui e suas familias, estão filiados na irmandade de S. Bento, á qual dão em cada anno, um dia ou noite de pesca: e n'este dia ou noite, todos trabalham com a maior devoção, para colherem a maior quantidade de pesca que lhes fôr possivel.

Tem a ermida capellão para as missas dos domingos e dias sanctificados.

Antigamente, pela romaria de março, havia uma feira que durava oito dias (hoje só dura dous). Tinha esta feira os privilegios da de Aveiro — isto é — podia hir a ella toda a qualidade de criminosos e devedores, sem risco de serem presos, salvo se commettessem novos crimes, ou contrahissem novas dividas, na feira.

A egreja matriz é bonita, mas pequena para a população da freguezia.

Ha n'esta parochia muitos e bons officiaes de trolha e estucadores, que vão exercer a sua arte para muitas terras de Portugal e Hespanha. Tambem muitos d'estes artistas, e outros individuos, vão para o Brasil, em busca de fortuna (e a maior parte d'elles só acham a miseria, as doenças e a morte).

Ha na freguezia dous fornos de cal, que trabalham constantemente — uma fábrica de phosphoros, de cêra e madeira — uma de chocolate — uma de sabão.

É a freguezia de Seixas magnificamente dotada de vias de communicação.

Tem uma estrada municipal, que vae entroncar — na ponte de Villar de Mouros — com a districtal, de Caminha para o concelho de Coura, Arcos de Valle de Vez, e Melgaço. Todas novas.

A formosa estrada, á mac-adam, de primeira classe, que de Lisboa vae até Melgaço, construida em 1857, atravessa esta freguezia, na extensão de 3 kilometros, correndo paralella e proxima do rio Minho, sempre por uma formosissima planicie cultivada e fertil; hindo d'aqui a Lanhellas, Gondarem, Loivos, Villa Nova da Cerveira, Verêa (ou Lovélhe) Roborêda, Campos, São Pedro da Torre, Segadães, praça de Vallença, Ganfei, Lapella, praça de Monsão, e Melgaço. (Esta ultima ainda em construcção).

Paralella a esta estrada, e muito proximo d'ella, passa o caminho de ferro do Minho, que, desde a cidade de Vianna até Ganfei, atravessa uma região das mais encantadoras de Portugal.

Tem aqui um tunnell.

Tambem esta povoação conseguiu um *apeadoiro* do caminho de ferro, e, em janeiro d'este anno de 1880, se construiu a respectiva casa, para embarque e desembarque de passageiros e mercadorias. Fica 3 kilometros ao NO. da estação de Caminha, e 2 ao O. da de Lanhellas. Esta casa foi edificada no sitio principal da freguezia, em frente da ermida de S. Bento. O apeadouro foi concedido em 15 de agosto de 1879.

Tem-se desenvolvido muito, n'estes ultimos annos, a povoação de Seixas, e, com os elementos que tem de prosperidade, ha de hir sempre em progressivo augmento. Já aqui se vêem lindos predios, construidos de novo, sendo o melhor, o do sr. Manoel João Baptista, natural d'esta freguezia, negociante em Lisboa, actualmente morador em Seixas.

Este cavalheiro forneceu, em 1874, toda a mobilia para a casa da escola de meninas, então instituida, e obrigou-se a pagar, por 10 annos, a renda da mesma casa. Foi provida em setembro de 1875, e nomeada sua mestra, a sr.ª D. Maria Rosa da Assumpção da Luz e Silva.

O mesmo sr. Baptista quiz fazer á sua custa um cemiterio parochial; mas desistiu do seu projecto, em vista da relutancia do povo!

Tem sub-delegação do correio, talho, lojas de mercearia, fabricas de pão de trigo e milho, capellistas, etc.

Para qualquer lado que se olhe, desfructa-se d'aqui um formosissimo panorama. Ao S. vêem-se as montanhas que abrigam por este lado a freguezia, onde alvejam algumas povoações, por entre frondoso arvoredo. Ao N., uma extensa zôna da bonita margem gallega. Principiando pelo ONO., vê-se o pittoresco monte de Santa Tecla; ao sopé, a freguezia de Campos Ancos; o castello da Guarda (*castillo de la Guardia*), Solsidos, Rosal, S. Miguel, Tabagão, Eiras, até Gaião, fronteiro a Villa Nova da Cerveira, e que vem a ficar a NE. de Seixas. Pelo E., a historica torre de Lanhellas, na freguezia d'este nome (vide *Torre de Lanhellas*) e as freguezias que se lhe seguem, e já nomeiadas, até á praça de Vallença. Pelo O., as duas famosas pontes (a do caminho de ferro e a da estrada ordinaria) que atravessam o rio Coura; a formosa villa de Caminha; as duas barras (portugueza e gallega) o nosso forte da Insua; os varios navios ancorados áquem d'este forte; o Cabedêllo; o caes; e o Oceano. Vê-se tambem parte das freguezias de Venáde, e Villarélho (ou Portella).

Na confluencia do Coura com o Minho, e na margem direita d'aquelle, ha um vasto pantano (terreno d'esta freguezia) onde foram as marinhas de sal, que dá um bom rendimento em junco, o qual tem diversas applicações.

No meio do rio Minho, em frente de Seixas, está a insua da *Canosa,* metade portugueza, metade gallega, que dá uma qualidade de herva (a que no Algarve chamam *murraça*), a qual serve de alimento ao gado. Por muitas vezes teem havido desordens e pancadaria n'esta insua, entre portuguezes e gallégos, por causa da apanha da herva. Devemos confessar, sem orgulho nacional, que os gallêgos são, quasi sempre, os que apanham mais pancada e menos herva.

Reverso da medalha

Como a maior parte do povo da freguezia vive das pescarias, e das viagens fluviaes—no inverno, havendo temporaes aturados, passa grandes privações, vendo-se os homens na necessidade de procurar meios de vida, em outras occupações, e em differentes terras. As mulheres precorrem então os concelhos de Braga, Barcellos, Ponte do Lima e Povoa de Lanhoso, a comprar óvos, que trazem á cabeça, e vendem ás gallegas, que os levam para Vigo, d'onde embarcam para a Inglaterra.

Como muitas vezes acontece cahirem as conductoras dos ovos, e inutilisarem a sua fazenda, o prejuizo é repartido por todas —o que o torna menos sensivel—em cumprimento de uma especie de compromisso que entre ellas se fez.

—

É natural d'esta freguezia o sr. dr. Elisiario José Malheiro, medico em Bellas.

Tambem era natural d'esta freguezia o medico homœopatha, Matheus José Baptista, que residia na Rua Nova da Palma, em Lisboa, e é já fallecido.

—

Junto á capella de Nossa Senhora da Consolação, ha um sobreiro secular, cujo tronco tem 18 palmos (4 metros) de circumferencia. É a maior arvore, da sua especie, que ha por estes sitios.

—

Para se fazer ideia do que rende aqui a pesca só dos salmões, lampreias, e saveis—sem fallar nas outras muitas variedades de peixe, dou a seguinte nota official:

Nota dos salmões, lampreias e saveis pescados no 1.º semestre de 1878, no rio Minho, e nos locaes abaixo mencionados:

LAMPREIAS

		Réis
Caminha...........	394	78$800
Seixas..............	3:662	732$400
Lanhellas	703	144$600
	4:759	955$800

SALMÕES

		Réis
Caminha...........	24	80$200
Seixas..............	64	320$000
Lanhellas...........	66	5²4$770
	154	924$970

SAVEIS

		Réis
Caminha...........	19:576	3:817$320
Seixas..............	32:267	8:392$165
Lanhellas...........	1:991	388$245
	53:834	12:597$730
Somma total		14:478$500

Deve notar-se que alem d'estas quantidades aqui descriptas, ha a considerar mais as concedidas para *reclomengas;* ainda aquelle peixe á (excepção dos salmões) que pela sua pouquidade em relação á companha que o pesca, se não relaciona, e ainda aquelle que...

Rendeu a delegação de Caminha no referido semestre:—Receita total 3:446$068 réis.

—

No antigo portuguez (segundo diz frei Agostinho de Santa Maria, no seu *Santuario Mariano*, tomo 3.º, pag. 154). *Seixa* era synonimo de *pomba*. Não vem d'ahi o nome d'esta freguezia, mas sim de *seixas*, especie de caranguejos grandes, que se comem e são bons. Pescam-se aqui muitos d'estes caranguejos, e outros ainda maiores, chamados *burros*, mas estes não teem tão bom gôsto como as seixas.

—

Em 24 e 25 de novembro de 1876 houve por estes sitios um grande temporal, que causou muitos prejuizos nas villas de Caminha e Villa Nova da Cerveira, e nas freguezias de Mollêdo, Seixas, Sôpo, Venade, Villarêlho, Villar de Mouros e Argella. Para evitar aos leitores a *maçada* de terem de lêr n'estas freguezias a narração d'este temporal, que em cada uma d'ellas tinha de ser precedida de uma especie de introducção, transcrevo aqui um artigo do *Noticioso*, jornal que se publica na praça de Vallença, e vem em o n.º 455, de 30 de novembro de 1876 — é o seguinte:

Estragos causados pelo temporal, de sexta-feira e sabbado ultimo, no concelho de Caminha

Foram importantissimos os prejuizos causádos no concelho de Caminha pelo fortissimo vendaval e copiosa chuva da noite de 24 e dia 25 do corrente. Dizem as pessoas de mais edade d'aquella villa que se não recordam de vêr cahir tamanho peso d'agua.

Seriam duas horas da tarde, começou-se a notar que a corrente do rio Coura era bastante violenta. A força das aguas do monte hia augmentando á proporção que a maré baixava. Pelas trez horas, pouco mais ou menos, desabou um dos pégões de pedra, do centro da ponte de *Caminha*, sobre o Coura, que tem de extensão 450 metros: em seguida cahiram outros, e abateu uma grande parte do trilho de madeira ficando o transito completamente interrompido. Proximo ao caes alguns barcos e barcas affundiram-se, outros, desprendendo-se das amarras, foram levados pela corrente, soffrendo avarias. O rio apresentava um aspecto tão assustador, que os mais corajosos barqueiros custou-lhes resolverem-se a atravessal-o para passarem as malas do correio. Dos passageiros que nos carros da empreza —*Viação do Minho*— seguiam d'esta villa para o Porto, só um se animou a embarcar, junctamente com o sr. engenheiro Barros, que vinha de examinar os trabalhos da via ferrea. Os restantes, voltaram para a freguezia de *Seixas*, onde pernoitaram, continuando a viagem no dia immediato. As arvores, madeiras e grande quantidade de palha de milho que distinctamente se via hir de envolta com a corrente, denunciava que o temporal havia feito grandes estragos nas povoações ruraes das margens do *Coura*. Infelizmente assim succedeu.

*
* *

As pessoas das freguezias proximas a Caminha, que na manhan do dia 26 chegavam á villa, faziam as mais tristes descripções dos desastres e prejuizos causados pelo temporal da vespera. Para não tornarmos demasiado longa esta narrativa, diremos em resumo:

Na freguezia de *Argella*, calculam-se os estragos de 6:000$000 a 8:000$000 réis. Oito moinhos ficaram completamente inuteis. O sr. Manoel Xavier, só n'uma propriedade que tem n'aquella freguezia, não repara os prejuizos que soffreu, com 1:200$000 réis.

Em *Villar de Mouros* e no logar de *França*, pertencente á freguezia de *Sôpo*, do concelho de Villa Nova da Cerveira, desappareceram trez azenhas e os pesados enxurros levaram o solo de bastantes propriedades, que só depois de muito trabalho e d'alguns annos tornarão a dar fructo. Em *Seixas*, além d'outros estragos, cahiram duas casas. Em *Venade* os prejuizos são superiores a 1:200$000 réis e no *Orbacem* sobem a mais de 1:000$000 réis. A quinta da sr.ª baroneza de S. Roque, em *Villarelho*, soffreu bastante, cahindo-lhe grande parte dos muros. Alguns outros proprietarios d'esta freguezia foram igualmente prejudicados.

Em *Molledo* não se reparam os estragos com 10:000$000 réis. Em *Ancora* e *Soutello* foi tal o terror, que chegaram a tocar os sinos a rebate. Na praia de *Molledo* cahiram duas casas feitas ha poucos annos, e a torrente dos montes aluiu a estrada real, a tal ponto, que esteve intransitavel trez dias. Parte do aterro para o caminho de ferro, alli em construcção, foi levado pela violencia das aguas.

A ponte sobre o rio *Ancora* tambem se deteriorou bastante, apezar de ter sido construida ha pouco mais de oito annos. Foi igualmente no mez de novembro de 1865, no dia 27, que um temporal deitou por terra a primeira, que sobre o mesmo rio se levantou quando se fez a estrada de Caminha a Vianna. Em *Gontinhães* não foram insignificantes os deterioramentos. O nosso obsequioso correspondente d'aquella localidade faz d'elles detida rezenha n'uma correspondencia, que sentimos não poder publicar por vir um pouco tarde. Irá no numero proximo.

*
* *

O sr. Forte Souza, activo e intelligente chefe da primeira secção telegraphica, veio

immediatamente de Vianna a Caminha para providenciar relativamente aos postes que sustentavam o fio e que se achavam presos ás guardas da ponte de Caminha, que, com parte d'ella, tinham cahido; o sr. Costa, esclarecido director das obras publicas do districto, tambem alli appareceu e deu termi nantes ordens para que se reparasse provisoriamente a estrada, afim de que a viação não continuasse interrompida; e o sr. Themudo, chefe da engenheria districtal, chegou áquella villa na manhan do dia 28, com o intuito de se informar do que convinha fazer com referencia ás obras da ponte.

Não podemos deixar de mencionar o contraste que se notou entre o zelo e actividade d'estes dignos funccionarios e o descanço e negligencia da camara! O transito na ponte ficou interrompido na tarde do dia 25, e só na de 27—*dois dias depois*—é que os membros do municipio se lembraram de contratar barcos para substituir a passagem!

Mas isto ainda não é o peior. A margem opposta ao caes de Caminha, onde se tem de embarcar e desembarcar, é um sitio immensamente pantanoso e por essa rasão intransitavel. Salta aos olhos da intelligencia mais myope que com a mesma madeira que cahiu da ponte se podia fazer, na extremidade d'ella, do lado do nascente, uma escada ou rampa, trabalho de pouco tempo e de insignificante despeza, com o qual lucrava o publico, porque não só embarcava mais commodamente, mas tambem atravessava o rio em menos tempo. A camara não se quiz incommodar com estas pequenas cousas e não deu providencias de qualidade alguma a tal respeito!!

Querem saber o que resultou d'um tal indifferentismo? Os passageiros e as malas do correio, que, no dia 28 ás 7 horas da manhan chegaram a Caminha, vindas do sul, tiveram de estar á espera, no escriptorio da companhia—*Viação do Minho*—até ás 9 horas e meia, que só a essa hora a maré permittia que os barcos navegassem por um pequeno rego, que existe no meio d'aquelles pantanos, afim de poderem desembarcar a pé enchuto, proximo da capella da Senhora da Ajuda! Esta demora, motivada pelo desleixo da camara de Caminha, é sobremaneira prejudicial para os habitantes d'esta villa, que recebendo o correio com trez horas d'atrazo, não podem responder no mesmo dia.

Custa a crêr que exista tanta indolencia n'uma corporação que tem obrigação de ser sollicita no cumprimento dos deveres que lhe impõe a posição que occupa. Quem se não quer incommodar; quem não quer ter trabalho; não acceita os cargos publicos. O logar de vereador não é só para *figurar* de capa e vara e grandes *bacalháos* atraz das procissões; é tambem para cuidar dos interesses dos que os elegeram. Na historia das vereações de Caminha ha exemplos de muita dedicação pelo engrandecimento d'esta villa, de muito zêlo pelos seus melhoramentos materiaes e de bastante abnegação pelos interesses proprios, em favor dos do municipio. Deixou-os guardados nos archivos da camara, e registrados na lembrança de todos os habitantes do concelho, e de muitas pessoas de fóra d'elle, o barão de S. Roque. É por isso que ainda hoje todos alli lamentam a sua falta, lembrando-se da muita energia e actividade de que deu reiteradas provas, quando, por mais d'uma vez, presidiu aos negocios do municipio, que muito deve á sua memoria.

—

Consta-nos que tambem no concelho de *Villa Nova da Cerveira*, o temporal fizera estragos importantes. A estrada real, que segue d'esta villa para Caminha, ficou em alguns sitios só com o cascalho. Em frente da freguezia de *Gondarem*, foi aonde se deteriorou mais.

Na freguezia da *Gandra*, d'este concelho, ha a deplorar avultados prejuizos. Quem mais soffreu foi um moleiro Varsio, a quem o grande peso de agua, destruiu um moinho, conhecido por o de Valle de Rei; deitou abaixo paredes de propriedades e causou outros estragos que montam a uma quantia importante. Em algumas outras freguezias tambem o temporal prejudicou immenso os proprietarios e a agricultura. Felizmente, não nos consta que haja a lastimar a perda de vidas. Antes assim.

Cumpre-me aqui agradecer ao reverendissimo senhor padre João Joaquim Baptista, natural da freguezia de Seixas (sobrinho do benemerito cidadão Manoel João Baptista, de quem já fallei) os curiosos apontamentos que me deu sobre esta e outras freguezias immediatas, os quaes muito me teem servido para a descripção das ditas freguezias.

—

SEIXAS — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Villa Nova de Foz-Côa (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Freixo de Numão) 60 kilometros de Lamêgo, 360 ao N. de Lisboa, 75 fogos.

Em 1768, tinha 102.

Orago, S. Martinho, bispo,

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

O chantre da Sé de Lamêgo, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé de altar.

Está esta freguezia situada perto dos rios Douro e Téja, que regam, moem, e dão peixe.

Tem duas capellas, a de Santa Marinha, e a de Santo Antonio.

Em um pequeno valle — rodeado de grandes ladeiras — é bastante fertil. Nas taes ladeiras ha abundancia de sumagre, cuja casca se aproveita para o fôgo, por haver falta de combustivel. Tambem alli ha muitas amendoeiras.

Nos sitios baixos, é a fructa muito temporan, por ser o sitio quente e abrigado.

Tinha um mosteiro de frades benedictinos, construido no seculo VII, e que o feroz Al-Mançor destruiu em 981, assassinando todos os frades que pôde agarrar.

Segundo a tradição, a primittiva egreja matriz, era a do mosteiro, e a actual é uma reedificação, *á fundamentis*, da antiga.

Do mosteiro não ha vestigios.

Já se vê pois que é povoação muito antiga, e que já existia como parochia, muito antes do reinado de D. Affonso Henriques; isto é — no tempo dos gôdos.

Os que desejarem mais amplas noticias a este respeito, vejam o 8.º vol. pag. 36, artigo *Nossa Senhora da Lapa*.

SEIXAS — Vide *Santalha*.

SEIXE ou **ODECEIXE** — rio, Algarve. Nasce na serra de Monchique e desagûa no Oceano. (Vide *Guadiana* e *Odeceixe*, freguezia).

SEIXEZÊLLO — freguezia, Douro, concelho de Villa Nova de Gaia, comarca e 15 kilometros ao S. do Porto, 351 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1768, tinha 58.

Orago, Santa Maria. (O *Santuario Mariano* diz que é Santa Marinha).

Bispado e distrito administrativo do Porto.

O real padroado, apresentava o cura, que tinha 12$000 réis de congrua e o pé de altar.

É terra fertil. Cria bastante gado bovino, parte do qual engorda e exporta para a Inglaterra. Peixe do mar.

SEIXO — formosa e grande quinta do Alto-Douro, Beira Alta, na freguezia de Vallença do Douro, concelho de S. João da Pesqueira.

Eis o que diz o *Douro Illustrado*, explendida obra do sr. visconde de Villa-Maior, com respeito a esta quinta.

«Na margem esquerda (do Rio Tôrto) ve-«mos os grandes armazens e officinas da «quinta do Seixo, a qual occupa grande ex-«tensão, estendendo-se tanto sobre as ribas «do Douro (margem esquerda) como sobre «as do Rio Tôrto, em torno de uma elevada «collina, que se ostenta galhardamente, co-«roada pelo vistoso e alvo casario da quinta. «Este grande predio, que é, sem questão, «um dos mais consideraveis do *paiz vinha-«teiro*, produzia antigamente 200 pipas de «vinho, de 1.ª classe, muito bem reputado «no commercio do Porto. [1]

«Na parte mais elevada das encostas sobranceiras á quinta do Seixo, está situada a «antiga villa de Vallença do Douro, que «n'outro tempo pertenceu aos marquezes de «Távora. O seu territorio produz talvez mais «de 700 pipas de vinho, de 1.ª classe, nas vi-«nhas das suas ladeiras, vertentes para o «Douro e para o Rio Tôrto.

[1] A quinta do Seixo, foi propriedade do fallecido Antonio d'Almeida Coutinho e Lemos, feito barão do Seixo (esta quinta) em 19 de julho de 1845. Vide *Trevões*.

«O rio Tôrto, assim denominado pela tor-«tuosidade do seu curso, é flanqueado de en-«costas sinuosas, cobertas de numerosas vi-«nhas, na maior parte das quaes se produ-«zem vinhos de superior qualidade. O logar «de Casaes, na margem direita d'este rio, a «pouca distancia das Bateiras, e situada so-«bre a estrada que sóbe para as villas de «Ervedosa, e Pesqueira, é o centro d'esta «pequena região, onde se reunem todas as «condições indispensaveis á producção dos «mais generosos vinhos.

«São dignas de mencionar-se aqui, entre «outras quintas d'este sitio, a de *Santa Bar-«bara*, situada nas encostas da margem di-«reita, e pertencente ao sr. Albano de Al-«meida Coutinho, de Trevões; e a *quinta do «Bom Retiro*, na margem esquerda.

—

SEIXO — aldeia, Douro, freguezia de Fanzeres, concelho de Gondomar, comarca, districto administrativo, bispado, e 9 kilometros a E. do Porto.

Ha aqui uma mina de carvão fossil, propriedade do sr. Justino Antonio Moura Soeiro, que lhe foi concedida em 13 de agosto de 1879.

SEIXO — Vide *Vilella do Tâmega.*

SEIXO — mosteiro, Beira Baixa, entre a villa do Fundão, e a Aldeia de Joannes.

Foi de religiosos capuchos da Piedade, e tinha a denominação de *mosteiro de Nossa Senhora da Piedade, do Seixo.*

Como aos frades não agradasse o sitio, mudaram em 1553, para mais perto do Fundão, concorrendo o povo d'esta villa com grandes esmolas, para esta mudança.

Ainda existe a egreja que foi dos frades, e n'ella a imagem da padroeira, á qual agora denominam *Nossa Senhora do Seixo*, e está collocada sobre o mesmo Seixo, ou penhasco em que appareceu.

Este mosteiro havia sido fundado pelos annos de 1526; mas foi abandonado 27 annos depois, em razão de ser um sitio aspero e desabrido, principalmente no inverno: todavia o novo mosteiro, fica apenas uns 200 metros do logar onde era o antigo, e a ermida da Senhora está no fundo da cêrca (que ainda é a mesma).

Teve a capella eremitães, que a corôa apresentava, porque os seus rendimentos eram valiosos.

D. João III, por uma carta régia, de 23 de outubro de 1522, deu esta ermida e terreno adjacente — que era da corôa — aos capuchos piedosos, para construirem aqui um mosteiro.

Hoje está tudo em ruinas.

SEIXO ou **SEIXO DE GATÕES** — villa, districto, comarca e concelho de Monte Mór Velho. Vide *João* (S.) ou *Seixo de Gatões.*

Gatão (ou *Agatão*) é nome proprio d'homem.

D. Ordonho, rei de Leão e das Asturias, filho de D. Ramiro II, foi casado trez vezes — a primeira, com D. Elvira, neta do conde *Gatão*, que era um dos senhores principaes da Galliza — a segunda, com D. Aragonta, nobilissima senhora, da provincia de Entre Douro e Minho. (Parece que nasceu na aldeia da *Pena da Rainha*, entre os rios Lima e Minho, e consta que d'essa circumstancia obteve o sobrenome).

Consta tambem que esta rainha fez couto, o logar do seu nascimento e lhe deu foral: o que é certissimo, é que D. Affonso III, deu foral a Pena da Rainha, em Lisboa, a 4 de julho, de 1268 (*Livro 1.º de doações de D. Affonso* III, fl. 90, col. 2.ª, in fine — e Livro 3.º dos *Bens proprios d'El-Rei*, fl. 38).

D. Ordonho, repudiou esta segunda mulher, que se fez religiosa.

—

SEIXO — freguezia, Beira Alta, concelho de Sernancêlhe, comarca de Moimenta da Beira, 36 kilometros de Lamêgo, 335 ao N. de Lisboa, 75 fogos.

Em 1768, tinha 45.

Orago, Santa Maria Magdalena.

Bispado de Lamêgo, districto administrativo de Viseu.

O commendador de Malta, da villa de Sernancêlhe, apresentava o cura, que tinha réis 18$000 de congrua e o pé d'altar.

D. Manoel I, lhe deu foral, em Lisboa, a 9 de fevereiro de 1514. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 102 v., col. 1.ª).

Tem trez capellas publicas — uma na aldeia do Telhal, outra na de Vallongo, e ou-

tra na de Fiarresga — e um oratorio particular, na quinta que foi de Belchior Pereira, de Penedôno.

É terra fertil.

SEIXO AMARELLO — freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho, bispado, districto administrativo, e 12 kilometros da Guarda, 310 a E. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1768, tinha 82.

Orago, Nossa Senhora da Conceição (o *Portugal Sacro e Profano*, diz que é Nossa Senhora da Assumpção).

O real padroado, apresentava o prior, que tinha 150$000 réis.

Pertenceu ao termo da villa de Castello Novo.

Ha n'esta freguezia e proximo á aldeia de Seixo, a ermida de Nossa Senhora das Cabeças, construida sobre um monte, em parte arborisado e em parte cultivado, havendo junto á ermida, uma fonte de bôa agua potavel.

É esta ermida muito concorrida de romeiros, em todo o decurso do anno; porque attribuem á Senhora, a virtude de curar as dores de cabeça.

A sua festa principal, é a 15 de agosto, e foi muito concorrida de gente dos arredores e até de povoações muito distantes, que lhe trazia grande cópia de cabeças de céra, coifas de trigo, dinheiro e outras offertas e esmolas.

É uma ermida espaçosa e alegre, com capellla-mór, altar principal e dois lateraes, no corpo da egreja. É muito antiga e foi feita á custa da freguezia.

—

Para rectificar uma inexactidão que ha no artigo *Oliveira dos Arcos*, com respeito aos senhores condes de Bahia, dou aqui os competentes esclarecimentos.

O primeiro visconde da Bahia, foi Manoel Maria da Piedade Coutinho Pereira de Seabra e Souza Tavares Horta Amado e Cerveira. Foi-lhe dado o titulo, pelo principe regente (depois, D. Joao VI) em 13 de maio 1796, pelos serviços de seu pae, José de Seabra da Silva, que, no reinado de D. José I, foi guarda mór da Torre do Tombo, procurador da corôa, desembargador do paço, ajudante do marquez do Pombal, na secretaria dos negocios do reino; porém este o fez degredar para as Pedras-Negras de Pungo-Adongo, em Angola. Voltando para o reino, D. Maria I o fez grão-cruz das ordens de Christo e Conceição, conselheiro d'estado, ministro e secretario de estado dos negocios do reino, e presidente da junta do codigo penal. Foi capitão de cavallaria, e serviu na guerra peninsular, concorrendo com grandes donativos para as despezas da mesma.

Nasceu a 26 de outubro de 1785 e falleceu a 24 de outubro de 1833.

Tinha casado, em 8 de dezembro de 1803 com D. Anna Isabel de Saldanha Oliveira e Daun, filha dos primeiros condes de Rio-Maior, e irman do marechal Saldanha. (Vide 8.º vol., pag 339, col. 1.ª)

D'este matrimonio houve 10 filhos.

1.º *José Maria*, nascido a 26 d'agosto de 1804, e fallecido a 13 de dezembro de 1817.

2.º *D. Maria Amalia Isabel*, nascida a 19 de novembro de 1806, e fallecida a 29 de novembro de 1829.

3.º *João Maria*, 2.º visconde, e do qual adiante trato.

4.º *Manoel Maria da Piedade*, nascido a 11 de novembro de 1812, e fallecido a 2 de dezembro de 1831.

5.º *D. Francisca Isabel*, nascida a 11 de novembro de 1813. Casou em 26 de novembro de 1836, com seu primo, D. João Francisco de Paula d'Almeida e Silva Sanches de Baena Farinha, moço fidalgo, trinchante-mór e senhor dos morgados de Oliveira dos Arcos e de Linhares, nascido a 18 de agosto de 1806, e primeiro filho de Fernando Antonio d'Almeida e de D. Francisca de Paula Saldanha, fallecida em 1867.

6.º *D. Maria Leonor Ernestina*, nascida a 8 de dezembro de 1815.

7.º *D. Marianna Isabel*, nascida a 6 de junho de 1819.

8.º *Francisco Maria da Piedade*, nascido a 4 de outubro de 1820.

9.º *Antonio Maria Ludger* nascido (em Franca) a 26 de março de 1822.

10.º *D. Maria Constança*, nascida (tambem em França) a 23 de junho de 1824.

—

Segundo visconde da Bahia

João Maria da Piedade Coutinho Pereira de Seabra e Souza Tavares Horta Amado e Cerveira, 13.º mórgado de jure, da cidade da Bahia, commendador da ordem de Christo, nascido a 11 d'agosto de 1808, e succedeu a seu pae, a 24 de outubro de 1833.

Primeiro conde da Bahia

O sr. D. Miguel I, fez primeiro conde da Bahia, em 2 de outubro de 1833, no Paço do Lumiar, durante o cêrco de Lisboa, a Manoel Maria Coutinho Pereira de Seabra Souza Tavares, fallecido em Santarem, a 24 de outubro de 1833, sendo conde, apenas 22 dias.

No dia seguinte (25) mandou o sr. D. Miguel I, o seu primeiro ajudante d'ordens — o marquez de Bellas (pae do conde de Pombeiro, e avô do actual marquez de Bellas) entregar ao actual conde da Bahia, o decreto pelo qual o dito senhor o nomeava segundo conde da Bahia, em memoria dos relevantissimos serviços de seu pae, que era ajudante de campo do sr. D. Miguel.

Condes d'Oliveira dos Arcos

O primeiro conde d'Oliveira dos Arcos (feito pelo sr. D. Miguel I, durante o seu reinado) foi D. Fernando Antonio d'Almeida e Silva Sanches de Baena Jaques Farinha de Vasconcellos e Souza — trinchante-mór da casa-real, ALCAIDE-MÓR DE SEIXO AMARELLO, commendador de Santo André de Esgueira (da ordem de S. Thiago) senhor dos mórgados de Oliveira dos Arcos, Linhares, Valle de Morellos, Soccorro (de Lisboa) e outros. Foi capitão de granadeiros, do regimento de Lippe (infanteria n.º 1) e em 1805 sentou praça na mesma companhia, a seu primo e cunhado, o futuro duque e marechal Saldanha.

O conde passou depois a coronel de milicias, onde serviu alguns annos. Foi por fim, o ultimo presidente do conselho da Fazenda.

Nascêra a 20 d'agosto de 1769, e falleceu, em Abrantes, a 3 de março de 1834.

Tinha casado, em outubro de 1805, com sua prima, D. Francisca de Paula de Saldanha, quinta filha dos primeiros condes de Rio-Maior, nascida a 15 de janeiro de 1786, e fallecida tambem em Abrantes, a 6 de fevereiro de 1834, 19 dias antes de seu marido.

Entre outros filhos, tiveram.

1.º *D. João Francisco de Paula d'Almeida e Silva*, que continúa.

2.º *D. José d'Almeida e Silva*, nasceu a 4 de fevereiro de 1809, e falleceu a 11 de fevereiro de 1869, conego da extincta Patriarchal, e por alguns annos membro da commissão do Asylo de Mendicidade (onde prestou grandes serviços) commendador na Ordem d'Aviz, e foi o ultimo D. prior de Guimarães.

3.º *D. Manoel d'Almeida e Silva*, nasceu em 12 de maio de 1815, servio com muita distincção no exercito Piemontez, e fez parte da commissão Piemonteza que veio a Portugal buscar o corpo d'el-rei Carlos Alberto, fallecido na cidade do Porto em 1849. Morreu em Turin em 1851, sendo capitão do regimento n.º 13, da brigada Pignerol.

4.º *D. Francisco d'Assiz d'Almeida*, nasceu a 28 de março de 1819, é major de infanteria, e foi ajudante d'ordens de seu tio o duque de Saldanha; Grão-Cruz de S. Gregorio Magno, e condecorado com a Torre Espada e varias ordens extrangeiras, casou a 21 de maio de 1856 com D. Carlota Augusta Ferreira, tem geração.

5.º *D. Antonio d'Almeida e Silva*, nasceu a 29 de dezembro de 1821, é doutor em direito pela Universidade de Coimbra, commendador das Ordens Romanas de S. Grego-

rio Magno, e de S. Silvestre, da da Conceição em Portugal, e cavalleiro da Ordem de Malta, e um dos mais distinctos escriptores catholicos. Casou em Coimbra em 2 de fevereiro de 1873, com D. Maria Rachel do Rego Ernesto de Carvalho, e tem geração.

6.° *D. Rodrigo d'Almeida e Silva,* nasceu a 22 de dezembro de 1823, é cavalleiro da Torre Espada, e da Conceição, e capitão do regimento de cavallaria n.° 3.

7.° *D. Marianna d'Almeida e Silva,* nasceu a 2 de agosto de 1820, casou a 30 de novembro de 1854, com seu primo, Antonio Coutinho Pereira de Seabra e Souza, filho dos primeiros condes da Bahia; tem geração.

2.° *D. Francisco de Paula d'Almeida e Silva Sanches de Baena Jaques Farinha de Vasconcellos e Souza,* nasceu a 18 de Agosto de 1806, e, como primogenito, succedeu em toda a casa de seus paes, e no officio de trinchante-mór da casa real, cargo em que principiou a servir em 1823, sendo por isso hoje o decano dos officiaes móres. Servio no antigo exercito, acabando em capitão de infanteria do regimento n.° 16 ao tempo da convenção de Evora Monte. Conserva-se completamente retirado da politica. Casou a 26 de novembro de 1836 com sua prima co-irman, D. Francisca Isabel Coutinho, terceira filha dos primeiros condes da Bahia, nascida a 11 de novembro de 1814, e fallecida na Ilha da Madeira a 10 de dezembro de 1866, e tiveram entre outros filhos já fallecidos;

1.° *D. Fernando Antonio d'Almeida e Silva,* nasceu a 14 de outubro de 1841. É o primogenito e conserva-se solteiro.

2.° *D. João d'Almeida e Silva,* nasceu a 5 de fevereiro de 1845, casou em 1869 com D. Maria Francisca de Vasconcellos, filha de Antonio Alexandre Monteiro, proprietario, e de D. Anna Peregrina de Vasconcellos.

3.° *D. José d'Almeida e Silva,* nasceu a 13 de novembro de 1846, está actualmente fóra de Portugal.

4.° *D. Antonio d'Almeida e Silva,* nasceu a 10 de abril de 1851, e falleceu a 9 de dezembro de 1873, e é de quem trata o — *Portugal Antigo e Moderno,* no artigo *Oliveira dos Arcos.*

5.° *D. Maria Francisca d'Almeida e Silva,* nasceu a 15 de setembro de 1839, e casou a 3 de março de 1862, com Jorge Theophilo Ferreira da Veiga.

6.° *D. Maria das Dores d'Almeida e Silva,* nasceu a 8 de março de 1856.

SEIXO BRANCO — logar no termo de Odemíra, onde ha uma mina de ferro e manganez, manifestada em novembro de 1876, por Alfredo Andays.

SEIXO D'ANCIÃES — freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Carrazêda d'Anciães, comarca de Moncôrvo, 110 kilometros ao N. E. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 160.

Orago, S. Sebastião, martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O padroado real, apresentava o reitor, que tinha 50$000 réis e o pé d'altar.

Proximo a esta aldeia do Seixo, e acima da capella de Nossa Senhora a Velha, ha tres covas — uma, de 25 palmos d'altura, e duas de 30, tão largas, que no fundo de cada uma d'ellas, estão plantadas muitas oliveiras. É tradição constante por estes sitios, que foram minas d'ouro, ou de prata, lavradas pelos romanos, ou pelos mouros, e que a ellas vinha agua, por uma levada, construida no ribeiro da Osseira, no sitio dos Pisões, por baixo de Bésteiros, que

dista d'alli 6 kilometros, e que corria pelo despenhado d'aquellas ladeiras, e da qual (levada) ainda ha vestigios.

Dentro de uma concavidade que está por baixo d'estas covas, pegada a ellas, e quasi entupida, ha (segundo dizem pessoas que n'ella entraram) varias salas, e que d'estas, por uma galeria subterranea, se vae ter ao rio Douro, que está a 3 kilometros de distancia.

A este sitio se dá o nome de *Valle de Covas.*

SEIXO DAS PEDRAS — logar do têrmo de Mértola, onde ha uma mina de manganez, da qual foi considerado descobridor legal, Rufino Basilio Rachão, em 25 de novembro de 1876.

SEIXO DE MANHÓZES — freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Villa-Flôr, comarca de Mirandella, 135 kilometros ao N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1768, tinha 75.

Orago Santa Barbara, virgem e martyr.

Arcebispo de Braga, distrito administrativo de Bragança.

O abbade de Villarinho da Castanheira, apresentava o vigario, que tinha 30$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Tem annexa a freguezia de Gavião.

SEIXO DO CÔA — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Sabugal (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Villar Maior), 24 kilometros da Guarda, 315 ao E. de Lisboa, 175 fogos.

Em 1768, tinha 101.

Orago, Nossa Senhora das Neves. (Antigamente, foi Santa Maria Magdalena, segundo diz o *Portugal Sacro*).

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O prior da freguezia da Faia, apresentava o cura, que tinha 20$000 réis e o pé d'altar.

Não pude obter mais esclarecimentos, com respeito a esta freguezia.

SEIXO DO ERVEDAL — villa, Douro, concelho de Oliveira do Hospital, comarca da Tábua (foi da comarca de Gouveia, e do extincto concelho do Ervedal), 75 kilometros ao E. de Coimbra, 280 ao NE. de Lisboa, 550 fogos.

Em 1768, tinha 261.

Orago, S. Pedro *ad Vincula.*

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

A mesa da consciencia apresentava o prior, que tinha 450$000 réis de rendimento annual.

O rei D. Manoel lhe deu foral, em Lisboa, a 9 de fevereiro de 1514. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 102 v., col. 1.ª)

É povoação muito antiga, e nenhum livro dá mais apontamentos do que os que ficam escriptos. O sr. dr. Henriques Sêcco, na sua *Memoria historico-chorographica*, nem traz o concelho do Ervedal (que ainda então existia), trazendo todos os mais do districto administrativo de Coimbra.

Eu podia escrever ao parocho do Seixo, ao administrador do concelho, ou ao presidente da camara d'Oliveira do Hospital; mas o mais provavel (mesmo o mais certo) era ficar sem resposta, como me tem acontecido centenares de vezes com outras localidades, e então, não me quiz arriscar a mais este desgôsto.

Apenas o sr. Ricardo Pinto de Mattos, no seu *Manual Bibliographico portuguez*, pag. 335, diz que frei Francisco de Jesus Maria Sacramento, nasceu no *logar do Seiyo, bispado de Coimbra*; mas não diz se é esta freguezia, se outra de egual nome, no concelho de Monte-Mór-Velho.

Este frade franciscano foi bacharel em direito, examinador das trez ordens militares, e provincial da sua ordem.

Entre muitos livrinhos devotos, escreveu —*Historia biblica, em latim e portuguez*, em 44 volumes, de 4.º pequeno —*Flos sanctorum doutrinal*, em 2 volumes.

Ambas estas obras são de muito merecimento, e difficeis de encontrar á venda.

SEJÃES — freguezia, Beira Alta, concelho d'Oliveira de Frades, comarca de Vousella, 24 kilometros ao N. de Viseu, 285 ao N. de Lisboa, 85 fogos.

Em 1768, tinha 53.

Orago, S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O vigario de Oliveira de Frades, apresen-

tava o cura, que tinha 8$500 réis de congrua e o pé d'altar.

O territorio d'esta freguezia é bastante accidentado, mas tem valles muito ferteis, cria muito gado, e é abundante de caça.

SÊJO — portuguez antigo — primeira pessoa do presente do indicativo do verbo ser — *sou.*

SELAVÍZA — Vide *Celaviza.*

SÉLHA — portuguez antigo — sélla.

SELHARIZ, ou **SALHARIZ** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves, 70 kilometros ao NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1768, tinha 38.

Orago, Nossa Senhora da Expectação.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O reitor de Santa Maria de Moreiras, apresentava o cura, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil. Gado e caça.

SÊLHO — Todas as freguezias, e o rio d'este nome, se acham descriptas em *Cêlho.*

SELIR — Vide *Salir.*

SELLADA — portuguez antigo — portella. (O logar mais baixo de uma serra).

SÉLMES — freguezia, Alemtejo, concelho da Vidigueira, comarca de Cuba, 45 kilometros ao O. d'Evora, 130 ao S. de Lisboa, 295 fogos.

Em 1768, tinha 287.

Orago, Santa Catharina, virgem e martyr.

Bispado e districto administrativo de Beja.

A mitra apresentava o cura, que tinha 230 alqueires de trigo e 5$000 réis em dinheiro.

Sélmes é corrupção do árabe *salem* (que elles pronunciavam *saléme*). É nome proprio de homem. Significa — *salvo, livre, isento*, etc.

—

No dia 8 de novembro de 1817, pelas 6 horas da tarde, cahiu toda a frontaria da egreja matriz da freguezia.

D'ahi a uma hora foi removido o SS. Sacramento (em procissão) para a ermida do Espirito Santo, tendo de sahir pela porta da sachristia, em vista da densa nuvem de pó que havia dentro do templo, a ponto de se não ver o que estava demolido, e se a abobada ameaçava perigo imminente.

No mesmo dia, D. Feliciana Rosa, pediu licença ao parocho para levar para a sua capella as santas imagens, das capellas lateraes da matriz, visto que as duas capellas publicas da parochia (a referida do Espirito Santo, e a de S. João Baptista) não tinham altares com a sufficiente capacidade para accommodar as imagens, com a devida decencia; e ellas foram removidas para a referida capella particular, pelas 8 horas da manhã do dia 9.

Quasi 50 annos esteve a egreja desmantelada e sem culto, e ainda hoje assim estaria, se não fosse a coragem e devoção de uma alma verdadeiramente christan, que á sua custa, e com grande dispendio da sua fazenda, reedificou o templo desde os seus fundamentos.

A abertura da nova egreja parochial teve logar, com grande pompa e magnificencia, no domingo 27 de maio de 1877.

—

Transcrevo um folhetim que o sr. padre J. M. M. de Seabra publicou no jornal *A Nação*, e que foi reproduzido por varios outros jornaes. É o seguinte:

«Era o dia 27 do mez proximo passado: a aldeia de Selmes regorgitava de forasteiros!

«Os *celebres* carros alemtejanos, ultima negação da elegancia e da commodidade, transportavam das povoações circumvisinhas visitantes aos milhares! — Esses antagonistas do progresso, do *wagon* e da electricidade, que fazem soffrer ao infeliz viajeiro tormentos incriveis — apenas comparaveis áquelles porque passa o misero roedor, quando boçal creada o martyrisa, sacudindo fortemente a ratoeira em que foi colhido — conduziam familias empilhadas, offegantes, mas d'um heroismo tal, que substituiam por festivaes canções o hymno da morte, d'uma morte provavel — o *morituri te salutant*, dos escravos da antiga Roma!

«Luzidas cavalgatas davam entrada *triumphal*, ao som dos foguetes, que traduziam as mais santas alegrias na sua linguagem de ensurdecer!

«Era incessante, inusitado n'aquellas paragens o redemoinhar das multidões!

«A campezina Selmes deixára de ser a pobre aldeia, que desconhece o bulicio e o trajar da côrte; era o *fac simile* d'uma cidade culta, que não sabe assistir ás maiores solemnidades sem envergar a tradicional casaca! Um passo mais, e conquistava os fóros de cidadan!

«Um ancião venerando, o ex.mo sr. *José Estevens Mendes Thomaz*, mórgado da Rabadôa, resolvêra legar ao povo de Selmes, um monumento da sua piedade! A egreja parochial, cahida em ruinas depois de longa data, acabava de ser reedificada a expensas d'este prestante cavalheiro!

«O jubilo transparece em todos os semblantes.

«—O sanctuario é magestoso, magnifico, e entre as bellezas dignas d'especial menção, é muito para se ver, o throno da capella maior —bello camarim—maquineta encimada por uma corôa—tudo do mais fino marmore e trabalhado com uma perfeição inexcedivel. —No ultimo altar do lado da Epistola, ha um quadro do Archanjo S. Miguel—bem colorido—toques vigorosos—correcção de desenho—e se não póde figurar vantajosamente a par d'um quadro de Rubens, do Grão Vasco, de Vieira ou de Pedro Alexandrino, nem por isso deixa de ser obra apreciavel.

«Agora convido o leitor para assistir á solemnidade: a orchestra é composta de professores, que se dizem *curiosos*, de mancebos sympathicos e da mais aprimorada educação. Já, por vezes, ouvíra fallar com louvor da Associação Philarmonica de Beja: mas é pouco tudo quanto possa dizer-se de tão notaveis *dilettanti*.

«A melhor orchestra de Lisboa, não executava com mais bravura a symphonia do *Atila*, a missa do *maestro* Santos Pinto e as differentes composições musicaes, ouvidas com tanto agrado nos dias 27 e 28 do mez que acabou! Além dos insignes amadores, que tanto abrilhantaram as funcções religiosas, fez-se ouvir a filha mais velha do sr. morgado da Appariça, menina de quatorze annos e d'uma singeleza patriarchal, e o sr. Engracio de Jesus Brotas, distincto pianista, e amigo dedicado do sr. morgado Estevens.—E agora seja-me licito felicitar os paes de tão illustre menina e dar um aperto de mão aos eximios philarmonicos de Beja. —Os oradores foram o sr. dr. Romão Guimarães, e o humilde escriptor d'estas linhas. Pena é que ainda não chegasse o tempo de cada um fazer e assignar o seu elogio—e digo *fazer e assignar*, porque tenho visto muitos, feitos, mas não assignados pelos panegyristas de si mesmos—por isso guardarei silencio a meu respeito, mas não assim a respeito do meu amigo e collega, que esteve sempre á altura da sua intelligencia e, se alguem o duvidasse, bastaria ler-lhe o discurso, que elle pronunciou e deu á estampa.

«Tendo-me imposto os deveres de chronista não devo omittir um episodio galante e commovente: no ultimo dia da festividade, quando o sr. Estevens se retirava para casa, vê-se cercado por homens, mulheres e creanças, que o abraçavam á porfia e lhe faziam uma ovação estrondosa, bradando: *Viva o fidalgo da Rabadôa!* As lagrimas corriam espontaneas; mas o sr. Estevens, querendo fingir, que não tinha coração, dizia, chorando tambem: *então esta gente não me ha fazendo chorar!*

«As festas correram sempre com a maior regularidade e brilhantismo. Eram muitos e escolhidos os convivas do sr. morgado: de Beja estavam os ex.mos Matta Janeiro, dr. Rosado, major Almeida e alguns dos philarmonicos; além d'estes, muitos cavalheiros da intimidade do sr. Estevens: e basta dizer da *intimidade* do illustre mórgado para os leitores ficarem sabendo, que era uma reunião selecta de homens de bem.

«Em tudo o que fica dito, não ha um vislumbre de lisonja, porque a detesto: ha, tão sómente, a expressão da verdade.

Padre *J. M. M. de Seabra.*»

Pouco mais de sete mezes, teve o sr. Estevens a satisfação de vêr a sua obra, na terra; mas foi na manção dos justos receber o premio de todas as suas virtudes. Falleceu este caridoso e exemplar catholico, no dia 12 de janeiro de 1878.

A *Esperança*, n.º 11, de 14 de janeiro de 1878, publicou o seguinte necrologio:

«*Justorum animae in manu Dei sunt, non tanget illos tormentum mortis; visi sunt oculis insipientium mori, illi autem sunt in pace.*

«Succumbiu ao peso da morte um dos nossos melhores amigos, um d'esses velhos portuguezes *d'antes quebrar que torcer.*

«Legitimista de coração, catholico deveras, amigo e protector dos pobres, como poucos, o ex.mo José Estevens Mendes Thomaz, era a alegria dos habitantes de Selmes e seus contornos.

«Quem diria, ainda ha pouco, quando o illustre finado reedificava, a expensas suas, a egreja parochial de Santa Catharina de Selmes e convidava para assistirem á reabertura d'aquelle templo magestoso, os seus amigos, que eram todos os que o conheciam, sem distincção de opiniões politicas; quem diria que aquella alma tão grande, tão generosa, desprendendo-se do seu involucro, voaria para as regiões eternas, deixando immergido na dôr e n'uma quasi orphandade um povo inteiro?! Justos e imprescrutaveis são os juizos de Deus!

«Louvemol-o e façamos subir até ao Seu throno de Luz as nossas humildes preces por alma d'aquelle que foi o modelo da honra e da caridade.

«Em meio da nossa justa dôr, damos sinceros pesames a seu sobrinho e nosso amigo o ex.mo sr. Francisco do Cabo d'Arce, e a todos os seus.

«P. N. A. M.»

SELORES — freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Carrazêda de Anciães, comarca de Moncôrvo, 135 kilometros ao N. E. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 89 fogos.

Em 1768, tinha 86 fogos.

Orago, S. Gregorio.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O reitor d'Anciães, apresentava o vigario, collado, que tinha cincoenta mil réis.

É terra pobre, mas cria muito gado, de toda a qualidade. Caça.

SEM—portuguez antigo—não.

SEM — portuguez antigo—sobrenome, titulo, ou alcunha, que se acha frequentemente nos seculos 15.º e 16.º; mas ficando-se em duvida, de que, se se entendia por *Sem*, ou *Osem*, nos seguintes documentos:

Em uma provisão de D. Affonso IV, dirigida a *Pero do Sem*, se acha elle assignado no fim d'ella assim — *Petrus de Sensu vidit.*

Em 15 de novembro de 1438, fez dar, D. Affonso V, do livro das *Hordenações da chancellaria*, aos da cidade de Viseu, o capitulo 19 das côrtes de Santarem, de 1434, pelo doutor *Joham d'Osem, do seu concelho*, e *chanceller mór*: e este assigna assim — *Johanes de Sensu, legum Doctor.*

Em um documento de S. Thiago de Cacem, do anno de 1500, se lê—*João Acenso*, sobrenome então muito usado n'aquella villa. Em outras terras, tambem se vê com muita frequencia o sobrenome de *Accenso* e depois *Assensio*. Talvez que d'aqui por contracção, se dissesse *Sensu, Acensu, Sem*, e *Osem.*

Tambem póde ser derivado do árabe *Ocem*, ou *Ossem*. Na *Historia de D. João de Castro, 4.º vice-rei da India*, figura um *Mir-Ocem.*

SEMANA — (nome dos dias da semana, entre varios paizes.)

Este artigo ainda que pareça alheio ao programma do *Portugal Antigo e Moderno*, não o é, e ninguem póde dizer, com razão, que não seja interessantissimo.

Philologia dos dias da semana

«*Domingo.*—Sanskrito *ádityávara*, dia do sol personificado em Indra, chefe dos deuses e senhor do ceu—hindústani *itvar*—hindú *rabibâr*—goanense *aitár*—saxonio *sonnadoeg*, dia do sol—allemão *sonntag*, dia do sol—inglez *sunday*, dia do sol—latino *dies dominica*, dia do Senhor, corresponde á personificação de Indra—italiano *domenica*—hespanhol—*domingo*—francez *dimanche*. São corrupções do latino, como umas são do sanskrito e outras do saxonico.

«*Segunda-feira.*—Sanskrito *chandravara* ou *somavara* dia da lua—hindústani *somvar*—hindú *sombar*—goanense *somar*—saxonico *monandoeg*, dia da lua—allemão *montag*, dia da lua—inglez *monday*, dia da lua—latino

lunae dies, dia da lua—italiano *lunedi*—hespanhol *lunes*—francez *lundi*.

«*Terça-feira*. — Sanskrito *mangalávara*, dia de Mangal, deus da guerra ou dia do prazer ou do serviço publico—hindú-tani *mangal*—hindú *mangalbár*—goanense *munglár*—saxonico *tivoesdóeg* ou *tuesdoeg*, dia de Tiwes ou Tig, deus da guerra, dos povos do norte—allemão *dieustag*, dia do serviço militar—inglez *tuesday*, dia de Tues ou Tewes —latino *Martes dies*, dia de Marte, deus da guerra, dos romanos — italiano *martedi* — hespanhol *martes* — francez *mardi*.

«*Quarta-feira*.—Sanskrito *budhavára*, dia de Budha (sabio.) Não se sabe precisamente se se refere ao budha. Sakya Muni, fundador do budhaismo — Hindu-tani *budh* — hindú *budhbár* — goanense *budúar* — saxonico *voden sdoeg*, dia de Woden de Odin, celebre nas tradições dos povos septentrionaes da Europa e avô do famoso Yngue, a quem se attribue o templo de Upsal—allemão *odenstag*, dia de Oden (denominação moderna *metwok* meia semana)—inglez *wednesday*, dia de Woden—latino *Mercurie dies*, dia de Mercurio, filho de Jupiter e de Maia e mensageiro dos deuses entre os romanos—italiano *mercoledi* —hespanhol *miercoles*—francez *mercredi*.

«*Quinta-feira*. — Sanskrito *Vraspativara*, dia de Wraspati, mestre dos deuses—hindustani *jumarat*, deriva da palavra arabe *juma*, dia em que os mussulmanos se reunem na grande mesquita para orar e que corresponde á nossa sexta feira, e do sanskrito *ráta*, vespera, noite, tarde, isto é, vespera de *juma* — hindú *brihaspatibár* — goanense *breshtar*—saxonico *thórsdoeg*—allemão *dounerstag*—inglez *thursday*, dia de Thor, filho mais velho de Odin ou Waden, chefe muito poderoso de uma tribu d'esses povos septentrionaes e summo sacerdote estabelecido no golpho de Rothnea. Contam-nos as tradições anglo-normandas a seguinte passagem a respeito de Thor:

«Um dia convidou elle aos seus filhos Nor e Ghor para um solemne sacrificio; seus filhos annuiram ao convite quizeram levar comsigo a sua irman raptada. Sairam por tanto os dois irmãos em procura d'ella, Nor por terra e Ghor por mar. O primeiro, passando as montanhas, encontrou uma planicie immensa e uma nação guerreira, governada por um chefe chamado Rolpho. Este tinha lhe roubado a irman. Informado do seu poderio não se atreveu a atacal-o; deixou a sua irman na posse do raptor e proseguiu. No meio do caminho, descobriu o paiz, entre o oceano e os Alpes dofrinos, e deu-lhe o nome de *Norwoeg*, caminho de Nor. Eis aqui a origem da Noruega, segundo esta tradição. A denominação da quinta feira entre os latinos era de *joves dies*, dia de Jupiter, seu deus supremo — italiano *Geovedi* — hespanhol *jueves* — francez *jeudi*.

«*Sexta feira*. — Sanskrito *sukrávara*, dia de Sukrá, deusa da felicidade e do amor, entre os antigos hindús — hindú *sukrabár* — goanense *soukrar* — hindustani *juma*, (origem arabe como já dissemos adiante) — Saxonico *frigdoeg* — allemão *freitag* — hollandez *vrydag* — inglez *friday*, dia de Freya ou Frigga, deusa do amor, dos povos do norte. D'aqui se deriva o allemão *frau* — o irlandez *frig* — e hollandez *vrouv*, mulher. Latino *Veneres dies*, dia de Venus, deusa do amor, entre os romanos — italiano *venerdi* — hespanhol *viernes* — francez *vendredi*.

«Temos visto já, que as denominações em portuguez para os cinco dias não tem nenhuma analogia com as dos outros povos; são despidas de toda a ligação historica como em hebraico, que se exprimem pelo auxilio dos adjectivos numero-ordinaes.

«*Sabbado*. — Deriva do hebraico *sabath*, dia do descanço — latino *Saturni* ou *sabathi dies* — italiano *sabatto* — hespanhol *sabado* — francez *samedi* — saxonico *soeterdoeg*, dia de Saturno, filho do céo e da terra — inglez *saturday*, dia de Saturno — allemão *samstag* dia do repouso — sanskrito *canivara* dia de Cani, filho do sol — hindustani *sanichar* — hindú *sanibár* — goanense *sônvar*».

Gonçalves Cardoso.

SEMEAVEL — portuguez antigo — semelhante.

Hoje diz-se *semelhavel*.

SEMEDEIRO e **SEMIDEIRO** — portuguez

antigo — carreiro; atalho; caminho estreito, só para gente de pé.

SEMÉL — portuguez antigo — descendencia, posteridade, filhos, netos, etc. — Vem do latim *semen* — semente. — *Elle declarava que, mancando* (faltando) *semél no postrimeiro padrom* (primeiro padroeiro) *nom era contente que ouvesse n'ella outro padrom.* Fundação de Penaguião, de 1191.

SEMÊLHE — freguezia, Minho, arcebispado, districto administrativo, comarca, concelho e 2 kilometros a S. O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 95 fogos.

Em 1768, tinha 66.

Orago, S. João Baptista.

O reitor do collegio de Nossa Senhora do Populo, de Braga, apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

É n'esta freguezia o mórgado antigo de Semêlhe, hoje unido á casa dos Bandeiras, de Traz da Sé, da cidade do Porto, por casamento de D. Maria Felizarda Pereira do Lago Porto-Carreiro, actual senhora e representante da casa de Semêlhe, com Henrique Freire d'Andrade Coutinho Bandeira, fidalgo da casa real, da familia dos Freires d'Andrade, de Leomil.

Ha, na *Veiga de Sandarão*, d'esta freguezia, a antiquissima e nobre casa do *Real-Novo*, junto á estrada que vae para Braga, e foi solar de uns grandes fidalgos, como ainda no seculo passado o demonstravam os brazões que se viam em um grande edificio, pertencente a uma extensa quinta.

Diz-se ter sido de uma senhora, chamada D. Thereza, irman de um arcebispo de Braga, casada com Francisco Gomes d'Abreu, descendente dos Abreus de Regalados. Não havendo filhos d'este casamento, deixaram esta quinta — a que agora chamam *de Paços* — a uma sua irman, casada na casa dos Azevedos, de Braga. (Vide adiante).

D. Thereza e seu marido, foram enterrados no mosteiro de Villar de Frades, ao qual deixaram um valioso legado, para lhes dizerem os frades muitas missas por suas almas. No testamento, impunha-se ao caseiro d'esta quinta, a pensão annual de um alqueire de mostarda, para o mosteiro.

Das inquirições do Rei D. Diniz, n'esta freguezia, se menciona *uma quinta honrada, á qual então chamavam Ria* (talvez êrro de cópia, ou tivesse o *l* final apagado) *e era de D. Thereza e filhos de D. Pedro Velho.* (Esta D. Thereza, era sobrinha da outra D. Thereza, e do tal arcebispo).

Parece que o arcebispo não esteve pela doação que a irman fez á sobrinha, porque houve uma grande demanda entre elle e o referido D. Pedro Velho, chegando a haver censuras; e a quinta foi durante a demanda, por vezes demolida e reedificada.

Vide *Real*, no 8.º vol., pag. 62, col. 2.ª, no fim.

Esta freguezia é antiquissima, e já habitada no tempo dos romanos.

No tempo do conde D. Henrique, chamava-se *Villa de Samuel*, ou de *Samuelle.* Depois se chamou *Samuel-Real-o-Novo*, e, por abreviatura, *Real-o-Novo.*

D. Martinho Geraldes, arcebispo de Braga, que em 1259 instituiu o morgado de Montariól, nasceu n'esta freguezia.

Na *Veiga de Sandarão*, d'esta freguezia, e na referida quinta de Real Novo, se fizeram escavações ha poucos annos, e se acharam então, restos de edificios romanos; grande porção de tijolos muito grossos, e varias medalhas, dos imperadores Tiberio e Néro.

SEMIDE — villa, Douro, concelho de Miranda do Corvo, comarca da Louzan. (Vide *Cemide*).

SEMILANES — antiga villa do Minho, entre os rios Ave e Deste, situada debaixo do monte de S. Miguel. — Alguns sacerdotes edificaram aqui um mosteiro benedictino, da invocação de S. Matheus, apostolo e evangelista, e de S. Gens, martyr.

Esta fundação teve logar no anno de 1085.

Já não resta d'este mosteiro senão a tradição, e o que diz o livro *Fidei.*

SEMPRE-NOIVA, ou **SEMPRE NOVA** — era uma antiga villa (Alemtejo?) que existia no tempo de D. Pedro I, e de seu filho D. Fernando. Eram senhores da tal villa os Abreus, condes e senhores de Regalados. Não ha o minimo vestigio de semelhante *villa.* Supponho que era alguma *casa de campo* que ainda conservava o antigo nome de villa, e que mudou de denominação.

SÊNA — antigo nome da actual villa de Cêa.

SENATUS — (S. P. Q. R.) — Com respeito a estas quatro iniciaes, inscriptas no pendão da procissão de Passos, têem-se perdido em conjecturas muitos dos nossos homens do povo, e nós vamos satisfazer a sua natural curiosidade, dando-lhes, a esse respeito, uma noticia, que é historica.

Julgando os sabinos haverem chegado ao apogeu da sua superioridade sobre os demais povos, inscreveram nos seus estandartes as letras referidas S. P. Q. R. que decifravam do seguinte modo — *Sabinus populus quem resistet?* — (Aos povos sabinos quem resistirá?)

Os romanos, com verdadeiro orgulho, responderam — *Senatus populus que romanus* — (O senado e o povo romano.)

As quatro letras S. P. Q. R. figuraram no làbaro romano, quando conduziram ao *Golgotha* o Homem Deus, e por isso teem, depois da vinda de Christo, a alta significação de — *Salva populum quem redemisti.* — (Salva o povo a quem remiste.)

SENDAS — freguezia, Traz-os-Montes, no concelho, comarca, districto administrativo, bispado e 7 kilometros de Bragança, 45 de Miranda, 460 ao N. de Lisboa, 145 fogos.

Em 1768, tinha 41.

Orago, S. Pedro, apostolo.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis de rendimento.

É terra fertil. Muito gado e caça.

Seenda (Senda) é portuguez antigo — significa — habitação, casa, ou convento, etc. — Vem do latim *Sedes.*

Hoje, *senda* tem outra sigdificação — quer dizer — atalho, veréda, ou caminho estreito. — Vem do latim, *Semita* (quasi (*semi-iter.*)

SENDELGAS — Vide 5.º vol., pag. 515, col. 1.ª

SENDIM — Vide *Sandim.*

SENDIM, ou **SINDIM** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Miranda do Douro (foi do mesmo concelho, mas da comarca do Mogadouro) 18 kilometros de Miranda, 460 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1768, tinha 270.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo da Bragança.

O commendador de Malta, de Algoso, e a mitra, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 400$000 réis.

É terra muito fertil, e cria muito gado de toda a qualidade.

SENDIM, ou **SINDIM** — villa, Beira Alta, concelho e 8 kilometros de Taboaço, comarca d'Armamar (foi da comarca e concelho de Taboaço), 30 kilometros ao E. de Lamego, 30 de Trancoso, 10 ao N. de Moimenta da Beira, e 355 ao N. de Lisboa, 410 fogos.

Em 1768, tinha 312.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora do Livramento e Bom Despacho).

Bispado e 25 kilometros a E. de Lamego, districto administrativo de Viseu.

A universidade de Coimbra apresentava o reitor, que tinha 70$000 réis e o pé de altar. (Vide adiante).

Está n'esta freguezia um monte imminente ao rio Távora (que fica 1 kilometro a E., ficando a villa ao O.) N'este monte se vê a ermida da Senhora do Bom Despacho e da Livração, á qual o vulgo dá o titulo de *Senhora das Casas.* (Dá-se-lhe este titulo, porque, quando alguma pessoa da villa está doente, vão buscar a santa imagem e a levam a casa do enfermo.)

É templo antigo, e não se sabe quando nem por quem foi fundado.

A maior parte da freguezia é situada em planicie, e é muito abundante em todos os generos agricolas, principalmente vinho (que é excellente) e linho.

Foi povoada pelo mouro *Zadam-Aben-Win* (ou *Huim*), regulo de Lamego, em 1030. Este mouro era poderosissimo, e povoou muitos logares da Beira Alta, como temos visto n'esta obra.

No termo d'esta villa estão os celebres *castellos dos Cabriz.* (Vide esta palavra.)

O padre Carvalho diz que D. Affonso III deu foral a esta villa, em 1250; mas Franklin não falla em semelhante foral.

Fica esta villa 120 kilometros ao SE. do Porto, 2 da margem esquerda do Távora, e 8 da foz d'este rio.

Junto á egreja matriz, que está edificada

sobre rochedos, ha dez tumulos árabes, abertos na rocha, o que prova que foi aqui um almocabar mourisco.

É n'esta freguezia o solar dos Guedes, de Moimenta da Beira, e teem aqui uma casa muito antiga, e uma quinta com plátanos gigantescos.

Da estrada que segue da egreja matriz, por cima da povoação da *Aldeia*, goza-se um vasto e lindissimo horisonte, vendo-se um dos môrros da serra da Estrella, quasi sempre coberto de neve.

O que todavia ha de mais fama n'esta freguezia, são os taes *castellos dos Cabriz*, proximos á povoação dos Cabriz, e situados na margem esquerda do rio Távorâ (a 3 kilometros da villa de Paredes da Beira, e proximos do antigo convento de *S. Pedro das Aguias*, hoje, *S. Pedro Velho.*

—

Tem esta freguezia as aldeias seguintes — Sendim (séde da freguezia), Aldeia, Paço, Guedieiros [1], Córte-Nova, Bouçóes, e Cabriz.

Até ao principio d'este seculo, tambem era d'esta freguezia a aldeia da Granjinha, que, em razão da grande distancia a que ficava da egreja, formou parochia independente.

—

Sendim foi concelho, com camara, juiz ordinario e mais auctoridades e empregados, e foi supprimido em 1834. Alem da freguezia da villa, comprehendia as freguezias — dos Arcos, e Paradella.

Foi antigamente da comarca de Pinhel, e depois da de Trancoso; e, por fim, da de Armamar.

Tinha um capitão de ordenanças, com a sua companhia, sujeito ao capitão-mór de Paredes da Beira.

—

Está situada na vertente oriental da serra de Sendim, na margem esquerda do Távora, e é bastante extenso o seu territorio, e em geral, de clima excessivo.

A egreja matriz, é um templo vasto e sumptuoso, de architectura dorica, e construido no seculo XV, ou principios do XVI. — Foi collegiada, e apresentava as egrejas limitrophes de Paradella, Arcos e Cabaços; mas esta ultima era da apresentação alternativa do parocho de Moimenta da Beira — cada um seu anno.

—

A universidade de Coimbra recebeu os dizimos de Sendim, até 1833, e foi ella que construiu a actual matriz, sobre as ruinas de um templo antiquissimo, talvez mesquita mourisca, como induz a crer o almocabar em que já fallei; todavia, ainda se encontram sepulturas tambem cavadas na rocha, em differentes sitios da freguezia, designadamente, 9 no *Cabêço dos Baganhos*, uns 600 metros a E. da matriz — 5 no *Cabêço dos Baguinhos*, proximo á povoação de Guedieiros, uns 300 metros a O. da ermida de São Marcos — e 3 no *Cabêço de S. João.*

A egreja matriz, está na povoação de Sendim, em um dos pontos mais elevados da parochia, na vertente occidental do monte de Santa Luzia. Tem na frente (voltada ao S.) um portico de architectura romana, com fecho de laçaria, e um pelicano no centro. No meio da frontaria está um nicho, com uma figura, de capacete na cabeça e que o povo diz ser a imagem de Nossa Senhora das Neves. (!)

Tem na frente, um cruzeiro de pedra, de primoroso trabalho, semelhante ao que se vê no sanctuario dos Santos Martyres, em Paredes da Beira; e do que está sobre o portão da entrada do pateo de um velho palacete de Fontêllo, em Viseu.

Tem a egreja duas portas travessas — uma ao O., e outra ao E. A esta se chama, por isso, *Porta do Sol.*

Sobre a base de uma torre, demolida em 1778, construiram então um campanario, com duas ventanas.

O adro é vasto e bem murado, tendo na frente um portão, com quatro obeliscos, e dois na rectaguarda.

A egreja tem altar-mór e quatro lateraes. Sobre o arco cruzeiro se lê — 1777 — provavelmente, data de alguma reconstrucção parcial porque o templo é, com toda a certeza,

[1] Supponho que tem o nome de *Guedieiros*, por ser do senhorio dos *Guedes.*

mais antigo. No centro do tecto, estão as ármas de Portugal, em talha dourada.

Com a extincção dos dizimos, acabou a collegiada, e diminuiu muito o esplendor do culto.

Como todos os parochos apresentados pela universidade, eram os reitores d'aqui, formados em qualquer faculdade. Em 1610, alem do pé d'altar e benesses, lhe estava taxado — 100 alqueires de centeio, 30 de trigo, 50 arrateis de cêra, 40 almudes de vinho, 2 de azeite, e 10$000 réis em dinheiro, comprehendendo o rendimento do pequeno passal, avaliado (n'aquelle tempo) em 835 réis; mas os parochos eram obrigados a parte dos guizamentos da egreja. No fim do seculo passado, o rendimento d'este beneficio excedia a 200$000 réis.

A collegiada compunha-se de trez beneficiados—um com 120$000 réis—outro com 60$000—e outro com 40$000—pagos pelos dizimos das egrejas de Paradella e Arcos. Hoje o parocho tem, anda por 350$000 réis; porem a freguezia é má de curar, pela sua extensão.

A residencia parochial, proxima á egreja, é bastante solida e espaçosa, e contigua ao passal. D'ella se vê a serra da Estrella, a 35 kilometros de distancia; e muitas povoações da Beira Baixa e Traz-os-Montes.

—

O cemiterio parochial é vasto, em logar arejado e pittoresco, entre as aldeias de Sendim e Aldeia. É cercado de muros, e tem um bello portico, feito em 1875.

—

Ha n'esta freguezia dez capellas, que são:

1.ª *Santa Luzia* — na vertente occidental da serra do seu nome, em frente da egreja matriz. É templo pequeno, mas bem conservado, e n'elle se faz a 13 de dezembro (dia da padroeira) uma grande festa, romaria e feira.

2.ª *Senhora do Bom-Despacho* — no alto da Cavalleira, a SE. da matriz.

3.ª *Santa Barbara* — ao S. da egreja matriz, e junto à povoação da Aldeia.

4.ª *S. Miguel, archanjo* — no logar do Paço.

5.ª *S. Marcos, evangelista*—em Guedieiros.

6.ª *Santa Maria Magdalena* — em Cabriz.

Todas estas ermidas bem conservadas e abertas ao culto.

7.ª *Santo Ovidio* — ao NO. da egreja matriz, e pouco distante d'ella. Só tem as paredes.

8.ª *Nossa Senhora da Guia* — junto e ao N. do logar do Paço. Desmantelada.

9.ª *S. Sebastião, martyr* — no sitio de Ferreiros, junto do rio Távora, e uns 500 metros a juzante da ponte de Riodades. Em ruinas.

10.ª *Nossa Senhora de Nazareth* — no centro da villa de Sendim, contigua ao solar dos Guedes, e um dos seus morgados. Em completa ruina, não tendo mais do que as paredes desmanteladas.

Ainda no centro da povoação da Aldeia existia uma ermida, dedicada a *Nossa Senhora do Rosario*, mas cahiu em ruinas, e hoje, nem d'ella restam vestigios. No local onde existiu está hoje um lagar de vinho!

O *Alto do Facho* é o ponto culminante da serra de Santa Luzia.

Conserva este nome d'esde tempos remotissimos, quando os lusitanos d'alli davam signal de alarma, com fogueiras. (Vide *Almenára*.) Ainda durante a guerra da Peninsula, aqui se accendia o *facho*, para annunciar perigo; havendo *estações* semelhantes, nos pontos mais altos das povoações circumvisinhas. Estes fachos eram pinheiros envolvidos em palha, a que se lançava fogo, para dar aviso da aproximação dos francezes.

Do Alto do Facho se descobre grande parte de quatro provincias de Portugal — Douro, Traz-os-Montes, Beira Alta, e Beira Baixa. Vendo-se para o S., até á serra da Estrella, e para o N., até proximo de Chaves; o horisonte é limitado ao O. pela serra do Marão.

—

A uns 500 metros ao S. da egreja matriz, no sitio de Cristéllo, se vê actualmente um nicho, ou oratorio, com seu adro e uma imagem de Jesus Christo Crucificado, a que chamam *Senhor das Preces*. Foi construido em 1780. Segundo a tradição, houve n'este sitio, em tempos remotos, um mosteiro de mon-

ges benedictinos. É certo que se tem encontrado por aqui restos de edificios antigos, e varios tijolos de extraordinaria grossura.

Tambem é tradicional, que no *Cabêço de S. João*, a uns 200 metros a E. do referido oratorio, na quinta de S. Martinho, existiu um mosteiro de freiras benedictinas. Ainda alli se encontram vestigios de paredes, bem construidas, algumas de tijolo, barro e pedra; o que não é vulgar n'esta freguezia, pois todas as construcções são de granito, do que aqui ha grande abundancia. Tambem aqui se vêem trez sepulturas abertas na rocha (á maneira das dos árabes) e outras muitas teem sido destruidas pelo actual proprietario da quinta, que alli encontrou tambem uma forja de ferreiro, uma enchada tribicular (de trez bicos), parte de um habito bordado a ouro, restos de lagares ou pias toscas, e moedas de ouro e prata. (Não se sabe de que nação, nem as suas legendas, porque o que as achou, vendeu-as para serem derretidas).

Estes dous mosteiros foram arrazados em 985, por Al-Mançor, kalifa de Córdova, assassinando todos os frades e freiras que pôde apanhar, como fez em muitos outros mosteiros da Beira Alta.

No *Valle da Villa*, a pouca distancia das ruinas dos dois mosteiros, se encontram claros vestigios de uma antiquissima e grande povoação. Tem se encontrado aqui, em varias escavações, muita cantaria, bem lavrada. O nome de *Valle da Villa* indica que houve aqui uma povoação importante, cujo nome, principio e fim se ignora.

Tambem aqui se tem encontrado lagares para vinho, abertos na rocha, e restos de fontes ou chafarizes, vendo-se ainda um d'estes, em fórma d'arco, de cantaria bem lavrada, no sitio chamado ainda Fontêllo, ao O. do ponto que parece ter sido o centro da tal villa.

Sobranceiro ao Valle da Villa, está o *Cabêço dos Mouros*, junto ao *Cabêço dos Baganhos*, dos quaes já se fallou, e que foi um almocabar mourisco, o que provam as muitas sepulturas que alli se teem encontrado, abertas a picão nos rochedos, e das quaes ainda restam nove.

—

Pretendem alguns que esta povoação (ou talvez a do Valle da Villa) já existia no tempo dos celtas, fundando-se em que é uma gigantesca mâmoa, o picôto hoje chamado *Monte Verde*, ou *Verde Monte*, que está a 1 kilometro da egreja matriz, descendo para o Távora. É este picoto formado de terra e pedras soltas, no meio de uma planicie, e ainda conserva a fórma conica das mâmoas celtas, ou pre-celtas. É parte cultivado, e parte matto.

Foi esta freguezia solar ou assento e residencia de muitas familias nobres, hoje extinctas, menos a dos *Mendonças*, da qual adiante tratarei; e a dos *Castilhos Monteiros*, hoje representada pelos srs. *Macedos Pintos*, de Tabuaço, uma das familias mais importantes e mais consideradas da provincia, não só pelo sua grande riqueza, como, e ainda mais, pela sua illustração, e não vulgar probidade. (Vide *Tabuaço*.)

Na *Historia ecclesiastica da cidade e bispado de Lamego*, escripta no fim do seculo passado, por D. Joaquim d'Azevedo, se encontra, com relação a esta freguezia, o seguinte:

«As familias dos Soeiros e Rêgos, teem «provisão para se não fazer eleição de jus«tiça em Sendim, sem ambas serem chama«das.

«Os Soeiros foram padroeiros da egreja, «e ainda teem banco para se sentarem na «capella-mór, e sepultura. D'estes é herdeira «a viscondessa da Anadia, por seu avô; e «tem casas em Sendim, e muitas fazendas.

«Francisco Amador de Sampaio e Silva «tem um morgado em Sendim; e dos Rêgos «procede D. Anna Isabel Pimentel de Castro «Rêgo, assistente em Paço d'Aldeia, com seu «marido, Jacintho Xavier d'Aragão, que foi «official da Vedoria, muito habil no dese«nho, pintura, e toda a casta de engenharia.

«N'esta freguezia móra Alexandre de Men«donça Corte-Real, fidalgo, capitão-mór de «Paredes da Beira, e alcaide-mór de Braga «—irmão de Manoel Cardozo, estribeiro do «sr. arcebispo primaz—e n'ella tem casa «Manoel Antonio, fidalgo de Santa Eufemia,

«genro do visconde da Anadia—e outras «familias illustres).»

Hoje apenas aqui existe um ramo da familia Mendonça, achando-se os mais disseminados por S. João de Fontoura, Ferreirim de Fonte-Arcada, Lisboa, e outras terras.

—

No sitio do *Paço*, d'esta freguezia, teve o seu solar, e viveu muitos annos, a distincta familia *Gouveia-Couraça*, no palacete brazonado que ainda alli se vê, e no qual reside actualmente o representante e successor d'esta familia, o sr. Luiz de Mendonça Cardoso.

D. Maria Antonia de Gouveia Couraça, primogenita e herdeira da casa de seus paes, casou, nos fins do seculo passado, com o dito Alexandre de Mendonça Corte-Real, fidalgo de antiga linhagem, que foi capitão-mór de Paredes da Beira e alcaide-mór de Braga. Entre outros filhos, tiveram, Luiz de Mendonça Cardoso, primogenito, que foi official de cavallaria, guarda-roupa de Dom Gaspar de Bragança, arcebispo de Braga, filho natural de D. João V, e um dos denominados *Meninos de Palhavan*. Era Luiz de Mendonça, bacharel formado em mathematica, e, apenas, em 1807, viu Portugal occupado pelas hordas de Junot, não querendo ficar ao serviço dos invasores, recolheu-se a sua casa. Mas, apenas soou o grito da liberdade, foi immediatamente encorporar-se no exercito anglo-luso, e serviu com distincção, em toda a guerra peninsular.

Em 1818, tendo sido atacado de paralisia, deixou o serviço, sendo reformado no posto de coronel.

Esta familia é hoje (1880) representada pelo distincto advogado, o sr. José de Mendonça Figueira d'Azevedo, residente em Ferreirim de Fonte-Arcada—e pelo sr. José Luiz de Mendonça Cardozo, residente em Sendim, casado e com filhos; distinguindo-se entre estes, o sr. Carlos Augusto de Mendonça Cardozo, primeiro verificador da alfandega grande de Lisboa, secretario particular do inspector geral das alfandegas; e deputado ás cortes, pelo circulo de Villa Nova de Gaia. É tambem casado, e tem filhos.

—

Os edificios particulares mais dignos de menção, d'esta freguezia, são—o palacete da familia Mendonça—o dos Guedes Sarmento, de Moimenta da Beira—e o dos Albuquerques, de Viseu, tambem com brazão d'armas, como os antecedentes, mas desmantelado.

—

Pelo meiado d'este seculo, falleceu n'esta freguezia, *Christovam de Campos*, um dos grandes malvados que aterravam a Beira Alta, desde 1834.

Tinha uma boa casa, e bastante instrucção, pois frequentou até ao terceiro anno de direito, na universidade de Coimbra; mas, abandonando os estudos, passou o restante da vida, em constante e plena bachanal, e em excessos de toda a casta.

Devasso, atheu, immoral e turbulento, a sua casa foi por muitos annos uma das primeiras escolas de desmoralisação e impiedade, do seu tempo.

Alem de ser valente e rixoso, associava-se a uma alcateia de *valentões* e desordeiros, de Tabuaço, Moimenta da Beira, e Sendim, espancavam e trucidavam quem lhes parecia, chegando a mandar para as feiras e romarias, cargas de paus e espingardas, só para maltratarem todo o mundo! Felizmente não eram ladrões.

Credite posteri?—Este malvado foi administrador do concelho, por muitos annos!

Quem o visse, sem o conhecer, simpathisava com elle, porque parecia um perfeito cavalheiro, tratavel e obsequiador; mas isto eram apenas *intervallos lucidos*.

Com esta vida de dissipações, deu cabo da maior parte da sua casa.

—

Ha hoje n'esta freguezia boas quintas, sendo as mais notaveis as denominadas—*Retorta*, *Olival*, *Jardim*, e *Bello-Jardim*.

Ao que por aqui se chamam estradas, é a mesma sequencia de barrancos, do principio da monarchia; apenas se espera que atravesse a freguezia, a estrada districtal, de Viseu a Moimenta da Beira, até ao Douro, ou Espinho, na foz do Távora. Infelizmente,

ainda só alguns metros estão construidos, junto a Moimenta da Beira.

Em compensação, e por esta mesma causa, pouco soffreu com a guerra peninsular.

Não me consta que haja por estes sitios vestigios de minas de qualquer metal.

—

Dos famosos *Castellos dos Cubriz,* já tratei no vol. 2.º, pag. 22, col. 1.ª e 2.ª — e, para não fazer este artigo mais extenso, para lá remetto o leitor.

—

Antonio Ferreira de Macedo Pinto, 1.º visconde de Macedo Pinto.

Falleceu na cidade do Porto, a 10 de fevereiro de 1879.

Eis o que com respeito a tão benemerito cavalheiro, se lê no jornal — *Commercio de Portugal,* n.º 34 de 11 de fevereiro de 1879:

«Está de luto a cidade do Porto, pelo fallecimento de um dos seus mais illustres e prestantes cidadãos, o sr. visconde de Macedo Pinto, roubado á geral estima publica, na tarde de ante-hontem.

»Foi um justo: e, no largo desenvolvimento da sua poderosa actividade, manifestada em occasiões excepcionaes, quer verdadeiramente no campo da sciencia, quer na esphera das crises commerciaes e industriaes que por vezes assaltaram o Porto, esse homem, de uma constituição admiravel e de portentosas faculdades de espirito, está consagrado como um santo, no respeito geral e na admiração de quantos o conheceram.

«Dignissimo de figurar na mais pura galeria plutarchiana, o insubstituivel conselheiro sincero, de um só rosto e de um só parecer, deixa, na orientação dos espiritos e dos caracteres da actualidade, um vácuo difficil de preencher, por isso mesmo que a influencia do seu conselho e a ponderação da sua palavra, que se escutava e seguia como um evangelho, sem contestação de phariseus, coavam no animo de todos, e eram, como foram, a redempção de muitos flagellos imminentes, de muitas desgraças que pesariam ahi, produzindo crises espantosas de miseria, de falta de trabalho e de ruina de capitaes.

«N'este labutar da nossa missão de chronistas, falleceu-nos o tempo necessario para pôrmos no relevo conveniente os serviços d'esse homem probo, cuja vida foi um constante pugnar pelo bem geral: e quasi que pouco mais podêmos hoje do que assignalar, na sua ordem chronologica, a passagem pela terra de um espirito tão superior, cuja perda, a cidade principalmente, e o paiz devem deplorar.

«O ex.mo sr. Antonio Ferreira de Macedo Pinto, primeiro visconde de Macedo Pinto, nasceu em 20 de junho de 1810, na povoação de Guedieiros, freguezia de Sendim, concelho e districto administrativo de Viseu, [1] e foi baptisado n'essa mesma freguezia a 26 do mesmo mez, como filho de Manoel Ferreira de Macedo Pinto e de D. Maria de Deus.

«Casou com a ex.ma sr.ª D. Anna Clementina Peres Moreira Guimarães, da cidade do Porto.

«Cursou a Universidade de Coimbra, formando-se na faculdade de medicina, em 1836, sendo premiado em alguns annos, com geral applauso de quantos lhe conheciam o seu esplendido talento.

«Foi nomeado medico do hospital militar de Bragança e do partido municipal, desde 1837 a 1848. Foi por vezes nomeado procurador á Junta Geral da mesma cidade, e delegado do conselho de saude publica do reino, no mesmo districto, desde 1838 a 1848. Por decreto de 22 de setembro de 1846 teve a condecoração de grau de cavalleiro da ordem militar de N. S. da Conceição de Villa Viçosa. Foi nomeado socio correspondente e delegado das Sciencias Medicas de Lisboa, desde 1838. Socio correspondente do Instituto de Coimbra, desde 1835. Guarda-mór de saude da cidade do Porto, por portaria de 17 de outubro de 1851, logar que exerceu até ser despachado, por concurso que fez, para o logar de demonstrador da secção medica da Escola Medico-Cirurgica do Porto, por decreto de 26 de abril de 1855.

[1] Aliás, concelho de Tabuaço, comarca de Armamar, districto de Viseu, como vimos no principio d'este artigo.

«Cavalleiro de Christo em 22 de outubro de 1852. Substituto na Escola Medico-Cirurgica do Porto, em 1854.

«Deputado pelo Porto nas legislaturas de 1853 a 1856 Lente proprietario na Escola Medica do Porto, oitava cadeira, em 1857.

«Nomeado vogal effectivo do conselho geral de instrucção publica em 7 de julho de 1859, logar que não acceitou. Socio effectivo da Associação Industrial Portuense, desde 1853. Socio effectivo da Sociedade Agricola do districto do Porto, desde 1856. Socio correspondente da Academia Cirurgica Malhorquina, desde 1848. Membro titular vitalicio do Instituto Africano de Paris, desde 1854. Socio honorario do Circulo Scientifico Allemão, desde 1860. Commendador da ordem de Villa Viçosa, em 15 de dezembro de 1863. Fidalgo cavalleiro da casa real, em 8 de agosto de 1865.

«Vogal da commissão filial de beneficencia do Porto, em 1 de dezembro de 1868. Carta de conselheiro de sua magestade, em 2 de março de 1869. Membro do conselho d'administração, e como um dos fundadores da Companhia de Credito Predial Portuguez— e presidente do conselho da administração e como fundador da Nova Companhia Utilidade Publica.

«Foi convidado varias vezes para ministro da fazenda, cargo supremo que não pôde acceitar, por estar muito dividida a sua actividade prodigiosa, em varios ramos de administração publica e particular.

«Foi agraciado com o titulo de visconde de Macedo Pinto, por decreto especial de 11 de junho de 1874, e jubilado lente da Escola Medico-Cirurgica do Porto, em 1872.

«Eis as suas publicações:

«*Memoria sobre a reforma da instrucção secundaria no districto de Bragança,* em 1839. Foi um dos fundadores e principal redactor do *Pharol Transmontano,* periodico mensal de instrucção e recreio, que se publicou em Bragança em 184...

«*Relatorio e projecto de estatuto da Caixa de Credito e Soccorros Mutuos da Associação Industrial Portuense.* Foi um dos principaes redactores do jornal da mesma associação.

«Publicou a *Oração Inaugural* recitada na Escola Medico-Cirurgica do Porto, na sessão solemne de abertura em 1858.

«*Estatutos da Nova Companhia Utilidade Publica.*

«*Contracto do emprestimo do governo, de 1:500 contos,* de que elle foi negociador.

«*Estudos sobre a parte financeira da proposta de lei para a construcção das vias ferreas ao norte do Douro.*

«Varios artigos sobre assumptos diversos e medicos, publicados no *Jornal das Sciencias Medicas,* de Lisboa, e outros.

«Varios relatorios e estatutos de diversas companhias e bancos, etc., etc.

«Eis as suas disposições testamentarias que, relativamente, sobrelevam ao testamento d'um rei:

«Subscreveu dois testamentos cerrados, sendo o primeiro feito em 1 de julho de 1878 e o segundo em 20 de janeiro de 1879, approvado pelo tabellião Manoel Vieira da Silva e Sá, aonde se encontram as seguintes disposições:

«Nomeia seus testamenteiros, sua esposa a sr.ª D. Anna Clementina Peres de Macedo Pinto, seu mano mais velho o sr. Bernardino de Senna de Macedo Pinto e seu honrado amigo Gonçalo Leitão Vieira de Vasconcellos.

«Os seus testamenteiros ordenarão o seu funeral, que deverá ser decente, mas sem luxo, nem ostentação, guardando-se a este respeito as seguintes disposições:

«Vinte e quatro horas depois do seu fallecimento, deverá o seu corpo ser amortalhado com o habito talar de professor da Escola Medico-Cirurgica do Porto, e conduzido depois a uma egreja d'esta cidade, para ahi ser resado um responso de sepultura, por doze padres, sendo tambem conduzidos para este acto os pobres do Asylo de Mendicidade e os Meninos Orphãos, dando-se a cada uma d'estas corporações a esmola de 45$000 réis por uma só vez.

«Depois será o seu corpo encerrado em caixão de chumbo, para ser transportado para e jazigo de familia no cemiterio da villa de Tabuaço.

«Ao parocho da freguezia de Miragaya, se encommendarão trez missas, cada uma da

esmola de 2$250 réis, e quando o seu cadaver fôr recolhido ao jazigo de familia, se encommendarão ao abbade da freguezia de Nossa Senhora da Conceição, da villa de Tabuaço, trez missas, da esmola de 1$200 réis cada uma.

«Aos seus creados, o ordenado equivalente de trez mezes.

«Deixa 100$000 réis para familias necessitadas.

«Deixa camara municipal da villa de Tabuaço 4:000$000 réis nominaes, para com a sua renda fundar uma escola de instrucção primaria, e mais 2:000$000 réis nominaes, para com os juros comprar livros para uma bibliotheca popular, para a qual já deu alguns centos de volumes.

«A escola Medico-Cirurgica do Porto, réis 2:000$000 nominaes, para com o juro instituir um premio ao estudante mais distincto que findar o curso.

«O premio será dado em livros indicados pelo proprio premiado.

«Ao sr. Gonçalo Leitão Vieira de Vasconcellos 1:000$000 réis nominal.

«A seu irmão Vicente Ferreira de Macedo Pinto a renda de 8:000$000 réis nominaes, ficando a propriedade para suas sobrinhas Camilla, Ermelinda e Maria do Carmo, filhas de seu irmão Antonio.

«A este seu irmão fez egual legado, e em eguaes circumstancias.

«A seus sobrinhos, Adolpho, Augusto e Joaquim, ou a qualquer que primeiro concluir os seus estudos em algumas das Universidades, a sua livraria e pertences.

«A sua cunhada D. Amelia Julia Peres Moreira, o seu piano.

«Nomeia seus sobrinhos, filhos de seu irmão Antonio, unicos e universaes herdeiros.

«Lega a sua esposa o usufructo dos seus bens, emquanto viva fôr, além do exarado na escriptura ante-nupcial.

«A instituição de uma escola primaria e a creação de uma bibliotheca popular, dão ao finado uma memoria imperecivel e honrada, como honrada foi toda a sua vida.

«Essa unica disposição do seu testamento aproxima-o dos maiores philantropos, e vinga-lhe devéras e incontestavelmente as benção perduraveis da posteridade.

«A Escola-Medica perdeu uma das suas mais inconcussas illustrações, e o Porto um cidadão modelo.

«O cadaver deve ter hoje á noite a ceremonia religiosa na egreja da Trindade.

«Á familia do finado enviamos os nossos sentimentos.»

—

Ao meu velho e esclarecido amigo, o sr. dr. Pedro Augusto Ferreira, abbade de Miragaia, e que tanto tem enriquecido esta obra com os seus curiosissimos artigos, devo, em grande parte, o que fica escripto com respeito a esta freguezia; pelo que lhe dou ainda mais uma vez os meus cordiaes agradecimentos.

SENDIM DA RIBEIRA—freguezia, Traz-os Montes, concelho d'Alfandega da Fé, comarca de Moncorvo (foi da extincta comarca e concelho de Chacim) 140 kilometros ao NE. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 75 fogos.

Em 1768, tinha 42.

Orago, o Espirito Santo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O reitor d'Alfandega da Fé apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra fertil.

SENDIM DA SERRA—freguezia, Traz-os-Montes, concelho d'Alfandega da Fé, comarca de Moncorvo (foi do mesmo concelho, mas da extincta comarca de Chacim) 150 kilometros ao NE. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1768, tinha 41.

Orago, S. Lourenço.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

A mitra apresentava o vigario, que tinha 12$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Na aldeia de Sendim (ou Sindim) [1] está

[1] A todas as freguezias a que hoje se dá o nome de *Sendim* e *Sindim*, se chamava antigamente *Sandim*. Hoje só conserva o seu nome primitivo, a freguezia de Sandim, do concelho de Villa Nova de Gaia.

uma ermida, construida por devoção dos moradores do logar, dedicada a Nossa Senhora de Jerusalem. O seu principio foi do modo seguinte:

Trez kilometros distante da villa de S. João da Pesqueira, em um sitio chamado a *Frágua*, se vê a ermida do *Salvador da Pesqueira*, do qual já tratei no 8.º vol., pag. 361, col. 2.ª, sob a denominação de *Salvador do Mundo*.

Perto d'esta ermida da Frágua, ha uma gruta, onde viveu o fundador da mesma ermida, chamado Gaspar da Piedade, filho de paes nobres, e natural da Torre de Moncorvo, e que, em joven, tinha fugido da casa de seus paes, para a cidade de Roma, onde se ordenou de presbytero, e viveu alguns annos, sendo amado e respeitado de todos, pelo seu trato suave e virtuosa vida. Em Roma, esperou pelo *anno santo*, e depois, o papa Clemente VIII,[1] lhe concedeu licença para hir a Jerusalem, na companhia d'outros peregrinos. Chegando á Terra Santa, alli esteve algum tempo, voltando depois a Roma, e de lá a Portugal, trazendo algumas reliquias de santos, que lhe deu o papa.

Fundou a ermida do *Salvador do Mundo*, sobre o *ponto do Cachão*, e alli collocou uma imagem de Jesus Christo Crucificado, e outra de S. Pedro, primeiro eremita. Em varios logares d'estes alcantis, collocou differentes imagens de santos, todas feitas por elle proprio, que era um eximio esculptor; e sob a pedra d'ara, guardou as reliquias que havia trazido de Roma.

Aqui viveu muitos annos, sendo geralmente reputado como santo, pelo povo d'estes sitios.

Em 10 d'abril de 1603, appareceu (diz a lenda) a Santissima Virgem, a uma pastorinha, muda de nascimento, natural de Sendim da Serra, á qual disse que queria que se lhe fundasse uma ermida, com a sua imagem, feita pelo eremitão da ermida do Salvador do Mundo, da Pesqueira.

O padre Cardozo, diz que a ermida se fizera, imitando a que os barbaros destruiram em Jerusalem; porque a pastorinha, recobrou a falla, para ordenar tudo isto, a que o povo obedeceu pressuroso, em vista do milagre.

No *Santuario Mariano*, tomo 4.º, pag. 128 e 129, se acham duas certidões (que por extensas não copio) narrando estes factos.

D'essas certidões se vê, que a menina muda, se chamava Catharina, tinha 14 a 15 annos, quando teve logar o milagre da apparição, e era filha de Jorge Cordeiro, da aldeia de Sendim da Serra.

Chamava-se ao sitio onde appareceu a Senhora, *Cabêço do Rebentão*.

A obra da ermida da *Senhora do Jerusalem*, principiou a 15 de maio de 1603, e a 7 de setembro do mesmo anno, foi collocada a imagem da padroeira, no seu novo altar, dizendo-se no mesmo dia a primeira missa alli, e que foi ouvida por muita gente d'estes sitios.

Foi esta ermida o mais concorrido santuario de Traz-os-Montes, em quanto em Portugal houve verdadeira fé. Hoje está a devoção da Senhora de Jerusalem fria como tudo quanto cheira a religião.

—

SENHAREI — freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, 35 kilometros ao O. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1768, tinha 143.

Orago, S. Cypriano.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 350$000 réis de rendimento.

É terra fertilissima em todos os generos agricolas do nosso paiz, cria muito gado de toda a qualidade — e exporta muitos bôis gôrdos, para a Inglaterra — Caça, e peixe do rio Vez.

SENHOR D'ALEM — V. de *Quebrantões*.

SENHOR DO CALVARIO — Grande romaria, na villa de Gouveia (Beira Baixa) celebrada a 11, 12 e 13 d'agosto — É a principal da villa, e tem sempre enorme concorrencia.

SENHOR DO CALVARIO — Grande Ro-

[1] Clemente VIII, foi feito papa, em 1591, e falleceu em 1605, succedendo-lhe no pontificado, Leão XI — o seu antecessor, foi Innocencio IX.

magem, na freguezia de *Passos da Serra* (tambem chamada *Passos de Mello*) Beira Baixa, no extincto concelho de Mello, hoje concelho de Gouveia.

Faz-se em agosto e é concorridissima. É no domingo seguinte á festa do Senhor do Calvario, da villa de Gouveia.

SENHOR DA PEDRA — Grande romaria, que se faz no ultimo domingo de maio, na capella d'esta invocação, da freguezia de Golpelhares, (Douro) do concelho de Villa Nova de Gaia.

Esta romaria e a do Senhor de Mattosinhos, que se faz no domingo antecedente, são as maiores de toda a provincia do Douro.

Fica apenas a 2 kilometros da estação da via ferrea do norte (Valladares). Ha sempre na vespera e no dia, comboios de hida e volta, a preços reduzidos. (Vide *Golpelhares*).

Está a ermida do Senhor da Pedra á beira mar; n'um areial fulvo a perder de vista, sem um simples cardo para signal de vegetação, eleva-se n'um rochedo beijado pelo oceano e branquejando como um ninho, a capellinha abreviada que abriga a imagem milagrosa de Jesus Christo.

N'essa rocha viva, incessantemente affagada pelas ondas espumantes, está practicada, como uma chanfradura enorme, a forma de um pé de bôi; todo o bom romeiro que quizer ser preservado de qualquer maleficio, deve tocar com o pé ou com a mão esse accidente exquisito do rochedo, signal que a eternidade da agua, batendo, não tem conseguido apagar!

Na extensão do areial onde dardeja a prumo um sol abrasador, a grande multidão redomoinha; o deserto torna-se um acampamento immenso, vivo, pittoresco, ruidoso; as bandeiras e galhardetes, desfraldam ao vento, que alli é quasi sempre respeitavel; os pregoeiros dos viveres, cortam os ares com os seus gritos penetrantes; os foguetes, e os sons de algumas bandas de musica estrondeam; e lá onde a terra acaba e o mar começa, o sino da capellinha vae esganiçando umas alegres e miudas badaladas, por cima d'aquelle *brouhaha* soberbo.

Os comboyos de varios pontos da linha do norte, despejam em um pequeno embarcadouro, que se improvisa, milhares e milhares de pessoas, e das aldeias adjacentes é um formigueiro constante de romeiros.

Na segunda feira, ha corridas de cavallos, sem designação de procedencia, nem da edade, nem do pêso.

Não ha *turf,* não ha *gentlemen rider;* tudo é popular, livre, e sem as minimas convenções.

Assim devem ser as corridas selvagens, no deserto; porque devemos accrescentar, que as corridas a que alludimos, são em pleno areial, sem juizes de chegada e de partida, sem pesagem, sem matricula de entrada e sem premio, mais do que o applauso estrondoso e immenso do grande juiz anonymo, incorruptivel e espontaneo, que se chama o povo, e que por alli se acotovella promiscuamente, sem tribunas e sem logares reservados.

Entra na arena quem montar um burro: imaginem os encontrões, as afocinhadellas, as pégas, os coices, todas as ignominias que soffrem os que, simplesmente por furor, se atrevem á liça.

Manda a verdade dizer que ainda sem premio do governo, dos americanos e da camara municipal, o torneio é muitissimo concorrido e a victoria disputada só com o estimulo de uma perna quebrada durante o percurso, ou d'um aperto de mão, no fim.

Na estação do caminho de ferro, nas Devezas fórma-se á tarde um novo arraial de espera, não menos concorrido nem menos divertido do que o outro.

Os retirantes da romaria chegam apopleticos, com os chapeus enramados de camarinhas, a jaqueta a tiracolo, rascando febrilmente nas violas chuleiras, á frente de ranchos de mulheres que dançam impavidamente e cantam com uma goela invulneravel, durante um dia todo, entre nuvens de poeira e alagadas de suor.

SENHOR DA PEDRA, ou BOM JESUS DA PEDRA — Vide 6.º vol. pag. 191, col. 1.ª

SENHOR DA SERRA — Ha em Portugal varias romarias ao *Senhor da Serra*, tanto em egrejas matrizes, como em ermidas pro-

prias. Vão nas terras onde essas romarias teem logar.

SENHOR ROUBADO — Vide *Carriche*.

SENHORA APPARECIDA — (freguezia de Calvão) 800 metros ao O. da povoação de Calvão, freguezia do concelho, comarca, e 7 kilometros ao N. O. da villa de Chaves. Está no meio de uma veiga, o sanctuario de Nossa Senhora Apparecida. Compõe-se de capella-mór, feita no anno de 1836, e corpo d'egreja, construido em 1846. A capella-mór, em rasão de não estar na devida proporção de altura com o corpo da egreja, foi levantada em 1875; e n'essa mesma occasião foi levantado e dourado o retabulo do altar-mór, a cujos lados estão as lindas imagens de Nossa Senhora e S. José, feitas, em Braga, por Domingos Dias, em 1858.

No corpo da egreja ha dois altares, que foram dourados em 1875, e n'elles estão imagens de boa esculptura.

Em frente da porta principal do templo, que fica virada para o norte, está uma grande rocha, no cimo da qual está um nicho com a imagem de Nossa Senhora. Em volta d'este nicho, ha uma varanda com um parapeito de pedra, para onde se sobe por uma escada, tambem de pedra.

Todos os romeiros vão aqui dar a sua esmola e fazer romaria.

Tem vistoso adro com bastantes arvores.

Ao nascente e pegado ao adro, tem duas casas, com dois andares, sendo uma para as esmolas e outra para a commissão administradora. Tem uma outra casa, composta de duas salas e duas boas lojas; uma sala serve de quartel da tropa, que faz a policia da romaria, e outra é para a musica, e nas lojas recolhem-se os romeiros. Junto a esta casa está uma cozinha. Todas estas casas ficam fóra do adro e ao nascente do templo. Ao norte e proximo ao adro está uma fonte, feita em 1853; e ao poente d'esta, está um nicho, feito em 1875, dedicado a Senhora das Graças; tem uma linda imagem da mesma Senhora, offerecida por um devoto.

Ao norte e sul do adro estão dois grandes alpendres, onde pernoitam muitos romeiros. Ha tambem uma casa para o fogo de artificio, mas fica algum tanto distante do templo e das outras casas.

Faz-se-lhe a sua festividade no segundo domingo de setembro. É a festa religiosa e romaria que ha n'estas terras, na circumferencia de mais de 50 kilometros, de mais fama. Vem gente, em numero superior a dois mil, e de muito longe.

Na vespera ha musica e fogo de artificio, preso e do ar; e no dia, Senhor Exposto, missa cantada, sermão e procissão.

No fim da festa religiosa termina tudo com comezainas, danças e muitas vezes tambem pancadaria.

Rende annualmente, termo medio, réis 160$000. É uma commissão, cujo presidente é o reverendo parocho, quem administra estes rendimentos; anteriormente era a junta de parochia, da respectiva freguezia.

Segundo a lenda, a origem d'esta devoção foi:

No anno de 1831 uns pastores, que apascentavam seus rebanhos de ovelhas na veiga, onde está o sanctuario, principiaram a dizer que Nossa Senhora lhes tinha apparecido, por varias vezes, na rocha que está em frente da porta principal do templo e onde, em 1832, se fez o nicho, como acima se diz.

Acreditando o povo da freguezia e circumvisinhas, sem outras provas mais que a simples narração dos pastores, n'esta apparição, principiou a concorrer á rocha, e a pedir a Nossa Senhora sua valiosa protecção.

Espalhou-se ao longe a fama dos milagres que attribuiam á Senhora, de modo que chegou ao ponto supra mencionado.

O actual reitor, o reverendo Lourenço Alves de Moura, que tomou posse da freguezia no 1.º de janeiro de 1874, e o seu antecessor, o reverendo José Lopes de Freitas, natural da villa de Mont'alegre, e que tomou posse no dia 14 d'agosto de 1852 e falleceu no dia 22 de fevereiro de 1872, são dignos de muitos e grandes louvores pelo muito que teem feito e concorrido para os melhoramentos d'este santuario.

Este sanctuario está no territorio da freguezia de Calvão, a cuja descripção, a pag.

48, col. 2.ª, vol. 2.º, accrescentarei o seguinte.

Esta freguezia, Calvão, consta de duas povoações, Calvão, séde da parochia, com 174 fogos e 700 almas, e Castellães, com 69 fogos e 304 almas. A egreja matriz é muito antiga. Consta ter sido mandada construir pelos filhos de Maria Mantella. Vide Chaves. Tem, ha muitos annos, o titulo de Reitoria.

A povoação de Seara Velha pertenceu a esta freguezia, da qual foi separada, segundo consta, em 1691, e forma desde então freguezia independente.

Outras capellas da freguezia

1.ª *Sanctuario da Senhora Apparecida,* já mencionado.

2.ª *Senhora do Amparo,* na povoação de Calvão; é administrada pela junta de parochia, e tem alguns, poucos, rendimentos.

3.ª *S. José,* 200 metros ao sul da mesma povoação. Foi particular e actualmente pertence á freguezia. Junto a esta capella havia uma pequena propriedade e umas casas, a que davam o nome de quinta, onde morava um individuo, chamado o Mórgado: era solteiro, e tinha em sua companhia uma mulher, com quem, segundo dizem, tinha relações illicitas; a qual, em uma occasião que o dito Mórgado estava auzente, appareceu morta, proximo á capella, e cortada a golpes de machado. Passado algum tempo, foram queimadas as casas. Estes crimes foram commettidos, segundo a tradição vulgar na freguezia, no anno de 1837.

Com o andar do tempo ficou tudo em ruinas; e os herdeiros do tal Mórgado, tomaram posse dos bens; e deixaram a capella em abandono. N'estas circumstancias, os freguezes tomaram posse da mesma.

4.ª *S. Pedro apostolo,* no logar de Castellães. Foi fundada pelos habitantes da mesma povoação; tem alguns rendimentos propriamente seus, que são administrados pelos moradores da mesma aldeia.

5.ª *Senhora das Necessidades,* ao poente e distante, um kilometro, da mesma povoação. É muita pequena, e tem um alpendre.

Esta freguezia é fertil. Produz centeio, muito e bom trigo, feijão, milho, batatas, castanhas, vinho verde; e tem boas hervas.

No sitio denominado a Revolta, ao norte e distante uns 200 metros do Santuario da Senhora Apparecida, foram, no dia 26 de junho de 1840, mortas por um raio, seis pessoas, que andando, juntamente com outras muitas mais, a ceifar centeio, na veiga proxima ao mesmo sanctuario, se tinham abrigado, debaixo de uns penedos, d'uma grande e medonha trovoada. Todas as mais pessoas, que eram bastantes, ficaram illezas.

Pela povoação de Castellães, passava uma via romana, que de Braga seguia, por Chaves, para Astorga.

Algumas pessoas dizem — Que por esta povoação tambem passava uma levada d'agua, que tirada, entre Gralhas e Solveira, do riacho d'Açoreira (uma das origens do Tâmega), entrava em Meixide, e seguindo por esta aldeia, de Castellães, entrava na villa de Chaves.

É certo haver por estes sitios vestigios de estrada ou levada. Lê-se, no vol. 6.º, pag. 106, col. 1.ª linhas 29 e seguintes. «Esta levada principiava em Bobadella e entrava em Meixide etc.» É impossivel, pois de Bobadella para Meixide tinha de subir mais de seis kilometros pela serra do Pindo.

Poderia ser, principiar em Villar de Perdizes, que uma parte dos auctores confunde com Bobadella, passar a Meixide, Bobadella e Poço de Freitas, onde seria necessario para a exploração do ouro.

Muitos individuos, fundados em alguns vestigios e na falta d'agua, que ha nas visinhanças de Freitas, assim pensam.

Vide *Térva.*

José dos Santos Moura.
(Abbade de Caires)

SENHORA DA AJUDA — de Lórdêllo do Ouro — Vide 6.º vol., pag. 162, col. 1.ª, no principio.

Para todas as *Senhoras da Ajuda,* vide no 6.º vol., pag. 159 e seguintes, *Nossa Senhora da Ajuda.*

SENHORA DO AMPARO — padroeira da freguezia do Carvalhal, no concelho e comarca da Certan, Beira Baixa, bispado e districto administrativo de Castello Branco.

(Vide vol. 2.º, pag. 134, col. 2.ª, o 2.º Carvalhal d'esta columna).

A egreja matriz da Senhora do Amparo, era um bom templo, e, ainda que muito antigo, bem conservado.

Hoje só d'elle restam as ruinas calcinadas.

No dia 8 d'agosto de 1875 (em um sexta feira) um incendio devorou esta egreja.

Devia festejar-se no domingo seguinte (10) o orago, havendo na vespera arraial e fogo de vistas.

No referido dia 8, chegou o fogueteiro, e poz-se um aprendiz a preparar as differentes peças de fogo, no corpo da egreja. Casualmente, tocou com um alfinete, em massa phosphorica, e feriu lume, que immediatamente se communicou a todo o fogo.

O desgraçado aprendiz, foi tirado das chammas em estado deploravel, morrendo poucas horas depois.

De tudo quanto estava dentro da egreja, apenas se salvou, com grande custo e muito risco, a imagem da Senhora, mas bastante deteriorada.

SENHORA DO AMPARO — formosa capella, Minho, na freguezia, comarca e concelho da Póvoa de Lanhoso. (Vide 7.º vol., pag. 614, col. 2.ª)

Do *Commercio do Minho* n.º 1:100, do 1.º de julho de 1880, copiei o que se segue.

Grande phenomeno

Povoa de Lanhoso, 25 de junho de 1880.

Sr. redactor.

Ha acontecimentos de tal magnitude que não podem nem devem ficar envoltos no espesso veo d'um criminoso olvido; e um teve logar n'esta villa, cuja narração espero que v. se dignará publicar nas columnas do seu muito acreditado jornal.

—

No dia 3 do corrente, dia d'ora avante memoravel nos annaes d'esta villa, abrindo-se a sepultura n.º 6, da capella de Nossa Senhora do Amparo, para um enterramento, e profundando-se a dita sepultura, por indicação do ill.mo sr. padre Francisco José Barbosa, digno professor n'esta villa, foi encontrado um caixão com um corpo incorrupto; o sr. padre Francisco mandou cobril-o e abrir outra sepultura, guardando o conveniente silencio, porém querendo Deus a manifestação de suas obras e das virtudes dos seus servos, bem depressa se divulgou a noticia do achado, que de dia a dia augmentava de proporções.

Em consequencia da voz publica, sempre crescente, reuniram-se no dia 18 de este mesmo corrente mez, varias pessoas d'esta villa, e ávidas pela verdade do facto dirigiram-se á capella e procederam á exhumação do corpo, que effectivamente acharam.

Foi geral a admiração dos circumstantes, quando viram coroados os seus louvaveis esforços; collocado o caixão fóra da sepultura, e tirada a terra que continha, por falta de tampa, appareceu um corpo de mulher perfeitamente conservado, tendo as carnes com admiravel elasticidade, flexiveis os membros, e os cabellos tão perfeitos como se nem um dia tivesse decorrido depois do seu enterramento! Os habitos foram igualmente isentos da acção da terra, e do tempo, achando-se intactos e conservando as respectivas côres; alguns d'elles estão guardados, e uma grande parte foi levada pelo povo, em pequenos fragmentos, como reliquias.

No dia seguinte foi o corpo vestido com habitos novos e collocado em novo caixão, mandando-se logo fazer um de chumbo para o encerramento, que ainda não foi possivel ter logar.

Suppõe-se ser o referido corpo de Christina de Bragança, exposta, criada por Gertrudes Maria Pereira, mulher de João Antonio de Paulo, moradores n'esta villa, casada, sem successão, com José Antonio Gonçalves, e fallecida ha 36 annos.

Ainda vivem pessoas do seu tempo, que affirmam ter ella sido dotada de edificantes virtudes, e admirada por sua inalteravel resignação em muitos soffrimentos phisicos e moraes, de que foi victima.

Os homens da sciencia, que teem examinado o corpo, não explicam o phenomeno, que acham fóra da orbita do natural, e o povo, na sua religiosidade, proclama-o mi-

lagre, crendo piamente, e eu com elle, que esse privilegiado corpo foi involucro d'uma alma gloriosa.

Não se póde attribuir á qualidade da terra a conservação do corpo, porque na mesma sepultura tem sido anterior, e posteriormente sepultados outros cadaveres, de que não existem signaes; pois affirma-se que já ha 16 ou 18 annos, por occasião d'um enterramento, o dito corpo foi encontrado, e rebaixada a sepultura e collocado em maior profundidade para sepultar outro, e que mais se tem sepultado desde essa epoca, sendo todos consumidos pela terra.

Já se falla em alguns milagres, que não affirmo nem nego, porém a concorrencia é espantosa e a admiração crescente.

Sou, sr. redactor, de v. etc.

Um Povoense.

—

O Amigo do Povo, folha republicana, que se publíca em Braga, e que ninguem póde acoimar de crendeira, escreve o seguinte, com respeito ao mesmo assumpto:

«Um nosso collega do Minho, dava-nos ha dias, noticia do apparecimento de um corpo de mulher, encontrado n'uma sepultura, na Póvoa de Lanhoso, que se presume enterrado ha mais de trinta annos, e perfeitamente conservado, como se tivera baixado á terra no proprio dia da exhumação.

Um cavalheiro d'aquella villa, escrevendo-nos ácerca de outros assumptos, confirma-nos o extraordinario facto, nos seguintes termos:

Faz hoje quinze dias que foi encontrado em uma sepultura, na capella de Nossa Senhora do Amparo, d'esta villa, um corpo humano, intacto. A familia, a que se diz pertencer-lhe, requereu a exhumação, que teve logar hoje. Era uma mulher, enterrada, segundo dizem, ha trinta e seis annos.

Estava este corpo tão perfeito, como se fosse enterrado hontem. Conservava todos os seus vestidos, um rosario, e, em summa, tudo. Não tinha no corpo a mais pequena mancha; dos olhos conservava ainda mesmo as bugalhas, a carne das pernas e das coxas estava muito conservada e muito flexivel, de modo que carregava-se com o dedo, fundava e tornava ao sitio. Foi todo lavado, e depois de muito limpo, foi vestido com camisa, saias, xambre, etc., como se estivesse ainda quente, mettido em um novo caixão provisorio; vae collocar-se em sitio competente, para ser visto só quando convier e a quem convier, pois, como é sabido, não póde por emquanto estar á veneração. Tudo isto que lhe conto é a pura verdade e posso-o affirmar porque assisti.

Agora o povo é que não póde conter-se. Tudo são romarias e promessas, e não ha pouco quem diga já ter recebido milagres.

Não emitto a minha opinião quanto á santidade, porque não me é dado, mas creio que o processo se não fará esperar, visto a boa vontade d'este genero. A egreja o dirá mais tarde, porque só a ella pertence. O que posso affirmar é que aqui ha tudo de extraordinario.»

—

Outro correspondente da Póvoa de Lanhoso, para o mesmo *Amigo do Povo*, confirma o milagre referido.

O correspondente, fundado nos assentos de obitos e enterramentos, e no testimunho de pessoas edosas da localidade, affirma ser o corpo de Christina de Bragança, fallecida ha trinta e seis annos.

O correspondente conclue n'estes termos:

«É certo que a dita Christina de Bragança, a quem perfeitamente conheci, foi um modelo de virtudes, e especialmente de paciencia em muitas tribulações da vida, o que attestam muitas pessoas do seu tempo, que ainda vivem e a conheceram de perto.

Não commento o facto, apresento-o ao publico singela e simplesmente, como testimunha occular que fui e narrando-o como se deu; acrescentando porém a opinião dos homens de sciencia, que teem examinado o corpo, a qual é a seguinte:

«Explicado o facto naturalmente, e segundo a sciencia, só podia existir o phenomeno por meio de petrificação, o que é rarissimo, e para isto era indispensavel a mais completa dessecação, o que não existe; se houvesse dessecação não havia flexibilidade de membros, a qual se nota e admira; e não

havendo dessecação, existindo carnes como existem, era inevitavel a corrupção. Não ha completa dessecação, existem carnes com a mais natural elasticidade, ha flexibilidade dos membros; e em tudo o mais perfeito estado de conservação, tendo-se gasto anterior, e posteriormente, mais cadaveres na mesma sepultura; por conseguinte não tem explicação.»

—

Ainda com referencia a este facto, vê-se no *Commercio do Minho*, n.º 1:105, de 13 de julho do mesmo anno de 1880, a seguinte correspondencia:

Declaração importante

Povoa de Lanhoso, 9 de julho de 1880.

Sr. redactor.

Vendo em o n.º 1:102 do seu muito acreditado jornal, transcripto da *Palavra*, um artigo da *Voz do Povo*, em que se publicou uma participação d'esta villa a respeito do extraordinario apparecimento do corpo incorrupto, e vendo na alludida participação dizer-se: «a familiia a que se diz pertencer, requereu a exhumação» parece-me conveniente a seguinte declaração, que mais tarde poderá ter algum valor, e por isso espero merecerá um pequeno espaço nas columnas do seu bom e muito lido jornal.

A familia a que se refere a citada communicação á *Voz do Povo*, e que de certo o seu auctor não refuta o que vou dizer, é da segunda mulher do fallecido José Antonio Gonçalves, que, em primeiras nupcias, havia sido marido de Christina de Bragança, cujo corpo appareceu.

É muito louvavel que a alludida familia desejasse saber se effectivamente o corpo apparecido era da referida Christina, indigitada pela voz publica, e se honre com tão apreciavel como extraordinario achado; mas é certo que, tendo, por affinidade, algum parentesco com o dito José Antonio Gonçalves, nenhum póde ter com a primeira mulher d'este, fallecida quando, pelo segundo matrimonio, esse parentesco foi contrahido; e, n'este caso, que ninguem contesta, porque é do dominio publico, claro está que a dita Christina de Bragança nunca pertenceu a tal familia.

Além do que deixo dito, é geralmente sabido que aquella, cujo incorrupto corpo é assumpto d'esta correspondencia, foi exposta, como já se disse no acreditado jornal de v. e em outros, o que ninguem nega, nem admitte duvida alguma, pelo que se lhe não conhece familia.

Não quero com isto deprimir ninguem, nem offuscar glorias alheias, porém a verdade é o que fica dito, e se algum dia se tratar de canonisação, como creio, talvez esta declaração convenha ao respectivo processo.

Sou, sr. redactor, com toda a consideração

De v. etc.

Um Povoense.

—

Todas as mais *Senhoras do Amparo* de que pude obter noticias, vão nas terras a que pertencem.

—

SENHORA DO BOM SUCCESSO — bonita ermida da Beira-Alta, no logar d'Alvellos, freguezia de Cavernães, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e 8 kilometros ao O. de Viseu.

A aldeia d'Alvellos, está situada em um logar fresco e delicioso, abundante de saborosas fructas, e regado pelo ribeiro d'Alvellos, que lhe passa pelo meio, e rega tambem hortas e pomares, melanciaes e meloaes, que dão excellentes fructos. Tambem são optimos os repolhos, creados n'este logar.

Fica a aldeia entre dous valles, por cada um dos quaes passa uma ribeira, que são — *Rio do Cabo*, e *Rio da Costa*, as quaes se unem, junto á ermida de Nossa Senhora da Victoria, e morrem no rio Sáttam, este, no Mondégo, e este no mar, entre a Figueira e Buarcos.

Em volta d'Alvellos, ha muitos soutos de castanheiros, que dão optimo fructo.

A uns 300 metros a O. d'Alvellos, está a ermida de Nossa Senhora do Bom Successo, vulgarmente denominada, *Senhora d'Alvellos*, mas os moradores d'esta aldeia, lhe chamam tambem *Senhora das Eiras*, porque,

pela parte de cima da ermida, ha algumas eiras.

A primitiva ermida, era pequena e tôsca, mas, em 1705, o povo da aldeia, ajudado por outros devotos da freguezia, lhe construiram nova ermida, de bem lavrada cantaria, e bonito altar-mór, de talha dourada. Na mesma capella-mór estão dous quadros a oleo, um de Santo Antonio, outro de Santo Amaro, ambos pintados pelo famoso pintor portuguez, o *Grão Vasco.* (Vide *Moinhos do Pintor*, e *Rériz.*)

A primeira ermida era antiquissima, assim como a imagem da padroeira.

Tinha o abbade de Cavernães, obrigação de hir todos os annos, com os seus parochianos, em procissão de ladainhas, á ermida da Senhora, no 1.º de maio; sendo esperados pelo povo da aldeia, que construia varios arcos de ramos e flores, enfeitados com fructas do anno antecedente—que, para esse fim, eram cuidadosamente guardadas—e que pareciam nascidas por entre os ramos dos arcos.

Era esta Senhora visitada, no decurso do anno, por varias romarias, compostas de gente de varias freguezias.

Um devoto, instituiu, pelos annos de 1660, um legado, para que houvesse aqui missa em todos os sabbados do anno.

Junto á ermida, e ao O. d'ella, corre uma levada d'agua, que, como o ribeiro de Alvellos, nasce de varias fontes, que rebentam acima da ermida. Esta é situada em um alto, e d'elle se descobre um vasto panorama, e a serra da Estrella.

—

No logar de Carragozella, da mesma freguezia de Cavernães, está a ermida de *Nossa Senhora da Victoria.*

Pelo meio da aldeia, corre a ribeira de Carragozella, que morre no rio Sátam, perto do logar de Santos Évos. É, como Alvellos, terra fresca, aprasivel, e muito abundante de cereaes, legumes e optimas fructas.

N'esta aldeia, ao O., principia a *serra das Antas*, e ao E., a do *Padrão.* É nas faldas d'esta ultima serra, que está a ermida de *Nossa Senhora da Victoria.* Vide *Padrão*, no 6.º vol., pag. 406, col. 1.ª

SENHORA DAS BROTAS—Vide *Aguias ou Brotas*, vol. 1.º, pag. 4.º, col. 1.ª—e *Brotas*, no mesmo vol., pag. 496, col. 2.ª

SENHORA DO CAMPO—(EXTENSA NOTICIA DA ANTIGA CIDADE DE CALIABRIA).

Já no 2.º vol., pag. 47, col. 2.ª, no fim, e seguintes, dei uma rapida noticia da famosa cidade de *Caliabria*, aqui darei as ultimas noticias que pude obter, com respeito a esta *povoação morta*, e que foram colligidás pelo esclarecido cavalheiro, o sr. padre José Caetano Preto Pacheco, prior d'Escalhão, de Pinhel, e publicados em folhetins do *Jornal de Viseu.*

Memorias historicas ácerca da cidade de Caliabria

Chegando ás minhas mãos em linguagem menos selecta, corrigi e ampliei o autographo contendo as *Memorias historicas ácerca da cidade de Caliabria*, escriptas pelo padre Luiz José Ferreira de Carvalho, que foi reitor de Escalhão, no bispado de Pinhel, e concelho de Figueira de Castello Rodrigo.

É pouco conhecido este escripto, porque apenas no *Jornal do Commercio*, de Lisboa, o publiquei em 1866, quando ainda frequentava a Universidade de Coimbra. Reiterando hoje a sua publicação no *Panorama*, que tem dedicado as suas columnas aos monumentos e edificios mais notaveis, quer pelo seu interesse historico, quer pelo merecimento da sua architectura, parece-me não ir longe do programma adoptado pelo benemerito fundador d'este excellente jornal.

Pinhel, 21 de março de 1872.

José Caetano Preto Pacheco.

—

Na antiga geographia, do tempo dos romanos, não se faz menção d'esta cidade, mas falla-se d'ella frequentemente nos documentos ecclesiasticos do tempo dos gôdos.

O seu nome inculca muita antiguidade. A dicção—*bria*—de que é composto, significa, em lingua thracia, o que nós chamamos cidade, segundo nos ensina Strabo, liv. 1.º, pag. 319: «*Bria autem vox, Thracum lingua, urbem significat.*»

As outras dicções são do grego—*Kalos*—

que é o mesmo que — *Calos* — e tudo junto póde interpretar-se d'este modo — *cidade formosa.*

Tudo isto são conjecturas; mas, seja como fôr, a sua antiguidade é certissima.

Vamos á sua situação.

A cidade de Caliabria foi fundada em uma alta montanha junto ao caudaloso rio Douro, entre as embocaduras que n'este rio fazem as ribeiras Côa e Agueda, ficando-lhe a d'esta ao nascente, e a da outra ao poente; e na distancia de pouco mais de meia legua d'esta cidade, estão situadas as villas de Castello-Melhor e Almendra, do lado do poente, assim como ao nascente está o porto da Barca d'Alva, por onde passam os visinhos de Cima-Côa para Freixo de Espada á Cinta e outras terras da provincia transmontana.

No presente anno de 1815, em que escrevo estas memorias, ainda se conserva o muro d'esta cidade na altura de um homem de estatura ordinaria, mas isto é arrumando-se o homem á parede pela parte de fóra, olhando para dentro, pois que da parte de dentro já a terra está quasi egual ao muro; por isso que a superficie, ou sitio em que estava a cidade, era terreno mais alto do que o exterior.

A muralha tinha mais de dez pés de largura, e era formada de pedras compridas, que atravessavam de fóra para dentro e de dentro para fóra, e não de outra fórma: não eram de cantaria, mas sim loisas negras e pardas, muito duras, como são as das casas de Almendra e de Castello-Melhor, que lhe ficam defronte, da banda de Traz-os-Montes.

Examinei todo o terreno interior, que está todo lavrado, e dá muito e bom trigo; em varias partes, acham-se amontoadas as pedras de que se compunham os edificios; e ahi ha muita cantaria, mas tosca; e só da banda do poente achei em separado uma grande pedra oitavada.

A pouca distancia da porta do nascente (não tinha outra) está um grande monturo de pedras de cantaria, e alli mesmo uns pedaços de parede, como de um quarto ou sotão terreo. Estas paredes parecem existir d'esde que foi habitada collectivamente pelos caliabrenses.

Da parte do sul, defronte da ermida de Nossa Senhora do Campo, está um silvado fundo, que indica ser alli a cisterna ou deposito de agua: está mesmo arrumado ao muro da parte de dentro. Tem muito matto e algumas amendoeiras por dentro, por fóra, e no muro mesmo.

É asperrimo o caminho por onde se sóbe á cidade, mas talvez que antigamente fosse mais suave, e que as aguas o arruinassem; supposto, porem, que com muito trabalho, ainda hoje lá sobem e descem carros, quando assim é preciso aos cultivadores.

Presentemente só alli ha uma quinta, de Pedro de Castilho, de Almendra, chamada da Olga, que produz azeite, vinho, laranjas, limões, peras, etc.: as outras, apenas dão azeite, trigo, centeio e cevada; tal é a dos Caldeiras, que assim como aquella, é de pessoas nobres de Almendra.

A distancia de pouco mais de um quarto de legua está a ribeira de Aguiar, em cujas margens podia haver quintas de recreio e utilidade, mas presentemente só por alli ha álamos brancos.

No sitio onde esta ribeira entra no Douro, está uma quinta, que hoje possue a casa do capitão-mór de Castello-Melhor, e é foreira ao convento de Aguiar. Lembro-me muito bem de ler a doação que um dos reis de Leão fez d'esta quinta ao convento, na qual dizia aos monges, que, emquanto ás vinhas que na quinta havia, se houvessem elles com seus donos. D'onde collijo que antigamente (talvez quando Caliabria era habitada) haveria por alli vinhas e pomares, de que hoje nem reliquias ha.

Houve quem dissesse que Caliabria foi situada em uma serra alta, a pouca distancia de Merida, onde hoje estão a villa e o castello de Montanshes; mas não é assim. Montanshes é o mesmo que dizer *Monte de Anjo,* e, se nós quizermos attender a esta significação, podemos dizer que o nome de Montanshes quadrava bem á nossa Caliabria, porque a pouca distancia está a fortaleza de Castello-Melhor, e junto a elle, em um monte elevado, está a capella do Anjo S. Gabriel.

Talvez que por estas circumstancias serem analogas a Montaches da Estremadura

hespanhola, dissesse o auctor da *Hespanha Illustrada,* a pag. 58 do tomo 4.º—*Caliabria, id est; Montages.*

A nossa Caliabria, antes de ser séde episcopal, foi parochia do bispado de Viseu. Eis aqui como no tempo dos suevos e no concilio de Lugo se disse quaes tinham sido as parochias d'aquelle bispado:—*Ad Visensem, Vizeo, Rodomiro, Submontio, Subverbeno, Cosonia, Ovellone, Totela, et Caliabria, quae apud Gothos postea sedes fuit.*

D'aqui se colhe que, estando os bispados de Córea e de Egitania (hoje Guarda) entre meio, de nenhum modo podia Caliabria ser Montanshes da Extremadura, e competir a Merida. Pelas doações que os reis de Leão fizeram d'esta cidade á Sé da cidade Rodrigo, das quaes darei no fim as suas copias, fica sem duvida que a antiga Caliabria era onde tenho dito.

Mas para remover todo o escrupulo a algum contradictor pouco litterato (que estes são os que mais chilram) [1], que, para affectar erudição, sempre tem que dizer, e que mofar dos trabalhos dos outros homens, até a divisão, que se diz que o veneravel rei Wamba fizera dos bispados dos seus dominios, favorece a doutrina que tenho expendido sobre a situação de Caliabria, que pela dita divisão ficou limitrophe de Salamanca, de Viseu e de Lamego.

Eis aqui a divisão: «Viseu tenha por limite desde Bergora até Sorta, e desde Boneta até Ventosa: Lamego tenha por limite desde Sorta até Pedra, e desde Tara até Ortosa: Caliabria, desde Sorta até Albenia, e desde Soto até Faro: Salamanca desde Albenia até Sotobra, e desde Rusa até Sibera.»

Aqui temos Caliabria a partir com aquelles trez bispados, e a não pertencer a Merida, que tem de permeio Egitania e Córea, etc.

E para responder finalmente a todas as objecções ácerca da situação de Caliabria, digo que o auctor Vasco, foi o que se enganou, quando disse que por engano se dizia bispo caliabrense em logar de colibriense, colimbriense, ou conimbricense, quando devia advertir que no concilio 8.º, de Toledo, sobscreveu em quadragessimo quarto logar Celedonio, bispo caliabrense, e no quadragessimo nono logar, Siseberto, bispo colimbriense, que na sagração era mais moderno cinco degráus.

Não encontramos escripto algum que trate da fundação d'esta cidade, nem do nome do seu fundador. Já dissemos que, segundo alguns interpretes, o nome de Caliabria significa—cidade formosa. Eu não lhe considero formosura, attendendo á aspereza do sitio; antes estou persuadido de que se arruinou tão depressa pela falta que seus moradores teriam das coisas necessarias para commodidade da vida. É verdade que nas planicies da ribeira de Aguiar, poderia haver fructas e hortaliça; mas necessariamente havia de ser doentia sua habitação, por o demasiado calor que ha sempre n'essas planicies, e pelo muito frio que sempre faz em cima, porque a cidade era ladeirenta para a banda do norte, e ainda que as serras de alem Douro a defendessem alguma coisa, por serem muito altas, eu observei, quando examinei, pedra por pedra, as ruinas da cidade, que, supposto ser em um dos ultimos dias de maio, em cima corria bastante fresco, e em baixo era o calor insupportavel.

Era muito falta de agua, embora tivesse a cisterna de que fallei; e para a agua ser conduzida das planicies para cima, seria preciso um trabalho extraordinario, attendendo á grande distancia e á aspereza da subida.

Por estes motivos não lhe quadra bem a intelligencia de cidade formosa, tomada a formosura na acepção commum; porem esta formosura pode ser relativa a outra intelligencia, segundo o fim que os edificadores tiveram quando a fundaram em tanta altura. Certamente foi para se defenderem melhor dos ataques que lhes quizessem fazer seus inimigos, e, como n'aquelles tempos não havia ainda a descoberta da polvora e artilheria, mas havia só os arremessos e mais instrumentos bellicos, de que nos dá noticia a historia romana, e estes não se podiam manejar de longe, é sem duvida que se não po-

[1] *Chilram* é expressão de Pereira, na traducção dos *Actos dos Apostolos.*

diam aproximar á cidade, sem que seus habitantes, com outros instrumentos contrarios se podessem defender muito facilmente, sendo-lhes de muita vantagem a posição alta em que estavam, e a aspereza do caminho para lá se subir.

Attendendo a estas circumstancias, correspondentes ao objecto de defeza, não duvido de que se lhe podesse chamar cidade formosa.

Assim como não temos noticia certa da sua fundação, da mesma sorte não temos noticia do seu fundador. Apenas vemos no auctor do *Santuario Mariano*, quando falla da imagem de Nossa Senhora do Campo, no limite de Almendra, que a capella era da dita Senhora, edificada no fundo d'um monte chamado «Calabre», que antigamente foi fortaleza dos romanos; e que talvez, por ter sido edificada por algum capitão romano, natural de Calabria, na Tracia, por isso elle lhe poria este nome de Calabria, que, por corrupção, se chama hoje Calabre. Mas isto é uma inferencia que se encontra muito com o que dissemos no principio d'estas *Memorias* a respeito dos significados de—*bria* e *Kalos*.

Manuel de Faria e Sousa, na sua *Europa Portugueza*, tom. 1.º, parte 1.ª, cap. 9.º, diz: que os turdulos foram os que povoaram a Cima-Côa, onde hoje são as villas de Almeida e Castello Rodrigo, região entre os dois rios Côa e Agueda, até onde vão desaguar no Douro.

Bem pode ser que elles fundassem a fortaleza de Caliabria, para n'ella se defenderem dos que os perseguissem, ou talvez que viessem apoz elles, ou de homens brutos e selvagens, que abundavam muito n'estas terras.

E póde tambem ser que fosse fundação dos romanos, para lhes servir de presidio contra Viriato e Sertorio, ou d'estes contra os romanos.

Sabemos que no anno 42, antes da vinda de Christo, deu Viriato uma famosa batalha aos romanos, e os venceu n'este sitio de Riba-Côa, ficando morto n'ella Galo Favonio Jocundo, romano principal, cujo testamento lhe fizeram os notarios ribacoenses em uma pedra, conforme elle lh'o dissera, no dia 26 de junho, sendo consules Servio Sulpicio Galba e Lucio Aurelio.

Faria e Sousa não nos diz onde está ou onde foi achada esta pedra; mas refere-nos o conteúdo do testamento, que consiste em dar alforria aos seus escravos, e que a cada um se dê uma libra de prata e um vestido; e que seus filhos sejam desherdados, e passem seus bens ao deus Silvano, se dentro de cinco annos lhe não trasladarem os ossos para Roma, para o sepulchro de marmore, que tinha feito lavrar na Via Latina.

Muitos casos militares achamos na historia antiga, que aconteceram em Riba-Côa no tempo dos romanos: achamos tambem na capella do Santo Christo da Barca d'Alva, meia legua de distancia de Caliabria, uma pedra com inscripção dos romanos; achamos outra em Santo André d'Almofalla; e tudo isto serve sómente para conhecermos que este paiz de Riba-Côa foi theatro de cousas grandes no tempo dos romanos; porém, quanto a ser habitado por pessoas de maior representação, Manoel de Faria e Sousa diz que os turdulos o começaram a occupar 550 annos antes da vinda do Redemptor, e chamavam transcudanos a estes habitantes, por estarem para cá do rio Côa, e os que estavam para as partes de Trancoso e Celorico eram chamados osyndanos.

Deixemos porém estas coisas, pois que d'ellas não podemos senão suppôr que a cidade de Caliabria é muito antiga, mas não podemos fixar com certeza a sua antiguidade, ou para melhor dizer, a antiguidade da sua fundação.

Quanto porém ao que pertence aos logares de sua jurisdição, sabemos que teve um de muita representação, chamado *Sentice*, que Florião do Campo, natural de Samora, quer que fosse a sua patria; mas enganou-se, porque seguiu auctores errados.

Sentice foi a seis leguas de Salamanca desde Capara, e portanto corresponde a Martin del Rio, ao nascente de Cidade Rodrigo.

Tambem teve outras povoações chamadas Augustobriga e Melobriga. Na Lusitania, considerada desde Salamanca e Merida para cá (pois até a estas cidades chegava o seu

limite antigo) havia mais cidades d'estes nomes; porém Cidade Rodrigo é onde d'antes era uma das Merobrigas, e Augustobriga tambem era por alli perto.

Interamnio era outra povoação respeitavel no districto de Caliabria, e chamava-se assim por estar entre os rios Côa e Toirões; porém não se sabe individualmente onde era.

De Interamnio falla o letreiro da ponte de Alcantara, e como esta foi edificada por ordem de Trajano á custa dos lusitanos, em que não se comprehendia o Minho e Traz-os-Montes, ninguem deve applicar o nome de Interamnio, de que tratamos, aos povos que hoje chamamos de entre os rios, que são os do Douro até ao Minho.

O padre mestre fr. Henrique Flores, no tomo 14.° da sua *Hespanha Sagrada*, explica muito bem esta differença, quando falla da egreja egitaniense, e diz que d'este Interamnio de Cima-Côa eram naturaes Alucio Apilinta Ambato, filho de Ducurio, e Camalo, filho de Cantogunio, os quaes chegaram a cem annos de edade.

Phlegon falla d'estes homens por este modo: «*Alucius Apelinta, Lusitanus, urbe Interaniesia; eadem urbe Ambatus, Ducurii F., et Camalus Cantolgunii F.—Celtius Pelii F. urbe Apeilocario::: De his, qui centum anno vixerunt.*»

Do Interamnio de que fallamos ficaram varias memorias em inscripções de Merida, uma de Marco Attio Firmino; outra de Quinto Licinio Paterno; outra de Marco Coronio Celso; todos interamnenses, como se póde ver em Moreno Vargas, liv. 1.°, cap. 13.° da *Historia de Merida*.

Passemos agora á representação de Caliabria pelo que pertence ao ecclesiastico.

A origem do bispado caliabrense é a que melhor se póde averiguar, sem embargo da obscuridade da fundação d'esta cidade, e da erecção dos bispados antigos, porque, combinando documentos, resulta que começou a ter bispo, reinando em Hespanha Suintila, desde o anno 621 por deante; pois pelas actas do concilio lucense, consta que os godos erigiram este bispado. Antecedentemente foi parochia do bispado de Viseu (cujo primeiro bispo foi Remissol (?), pelos annos de 561 até 572); pois as ditas actas, como atraz fica escripto, diziam: «*Ad vivens. Viseu::: et Caliabria, quæ apud gothos postea sedes fuit*: e assim correspondia ao estado dos suevos, por quanto Caliabria distava menos de Viseu que dos outros bispados do seu dominio, como se colhe dos mappas, pois que Salamanca não era da corôa dos suevos, e por aqui sabemos que estes dominavam pelas terras de Cidade Rodrigo, em cujo espaço está Caliabria, como parochia sujeita ao bispado de Viseu.

Desde Viseu a Salamanca e á Idanha, não havia séde episcopal entre meio, e por isso era muito grande o bispado de Viseu.

Mas depois que os gôdos se fizeram catholicos, e obtiveram estas terras, e se pozeram em paz e socego, para evitarem os incommodos que acontecem sendo os bispados muito grandes, attendendo a que Caliabria estava no centro da circumferencia de Lamego, Viseu, Idanha, Coria, Avila, e Salamanca, n'ella collocaram uma séde pontificia, e lhe determinaram os limites, que seriam os mesmos (ou com pouca differença) que se attribue serem d signados por Wamba.

Em tempo dos reis Recaredo e Gundemaro não ouvimos que se fallasse da séde caliabrense, ainda que temos actas firmadas por bispos lusitanos.

A primeira vez que apparece a firma do bispo caliabrense é no concilio 4.° toletano, celebrado no anno 633, a 5 de dezembro: alli vemos no n.° 30 o *Servus Dei*, bispo calabrense ou caliabrense, precedendo a 32 bispos menos antigos na sagração (pois assignam pela antiguidade d'esta), cuja ordem de assignatura, combinadas quanto possivel todas as circumstancias, o suppõe consagrado pouco depois do anno 621, em que o rei gôdo Suintila começou a reinar, e por isso ao tempo do seu reinado attribuimos o principio d'este bispado. Então era metropolitano da Lusitania o arcebispo de Merida, chamado Renovato, e Santo Isidoro de Sevilha era o prelado mais antigo de todos os de Hespanha; occasião opportuna para que com o zelo e valimento de tão grandes padres fosse em augmento a disciplina da egreja, e o bom regimen dos fieis.

Foi pois, como temos dito, *Servus Dei* o primeiro bispo de Caliabria, que concorreu a Toledo com Santo Isidoro e outros bispos de Hespanha e Portugal (eram setenta ao todo) ao concilio 4.º; e cinco annos depois concorreu á celebração do concilio 6.º, no anno 638, e firmou as suas actas, assignando no n.º 23 dos prelados. No anno 646 voltou ao 7.º concilio da mesma cidade, e firmou no n.º 18, e nada mais sabemos d'este prelado.

Em uma nota marginal de Loaysa, se diz que *Servus Dei* caliabrense firmou nos concilios toletanos 3.º, 5.º e 6.º; mas aqui ha erro, quanto aos 3.º e 5.º, segundo nos explica o padre mestre Flores.

Por morte de *Servus Dei*, começou Celedonio, segundo bispo, a governar a egreja de Caliabria: o nome e a dignidade d'este prelado constam das actas do concilio 8.º de Toledo, celebrado em 653, firmando-as no n.º 44, precedendo a só oito bispos; do que se conhece que era dos mais modernos que alli se achavam.

Servus Dei vivia em 646, e portanto a sagração de Celedonio corresponde aproximadamente ao anno de 650.

Não temos mais noticia d'este prelado, mas sim do seu successor, Aloario III, a quem Loaysa chama Alvario. Nos manuscriptos escrevem Aloario, nas firmas do concilio de Merida, celebrado no anno 666, em que se achou este prelado como um dos suffraganeos da provincia emeriense, sem embargo de haver sido a egreja caliabrense uma das suffraganeas de Braga no tempo dos suevos.

Entre todos os bispos de concelho de Merida (que só foram doze), firmou o nosso prelado em ultimo logar, per ser o menos antigo na sagração, que se suppõe ter sido em 664 ou 665; e não temos mais noticia d'este prelado.

Desde o anno 666 não ha noticia do bispo de Caliabria até o de 668, em que se celebrou o concilio 15.º de Toledo, que nos offerece por prelado caliabrense Ervigio III, na subscripção n.º 13, precedendo a 48 bispos; antiguidade bem notavel, que o suppõe immediato successor de Aloario, e digno de que lhe assignemos a sagração perto do anno de 676, sabendo-se por isto mesmo que governou a egreja de Caliabria por muitos annos, pois voltou a Toledo ao concilio seguinte, celebrado no anno de 693. Nada mais sabemos d'este bispo, que alguns intitularam bispo biterense; mas isto foi equivocação que muito bem se deixa conhecer, vendo nós que no concilio 16.º firmou no n.º 3, depois dos metropolitanos, o que convém optimamente á antiguidade da sua sagração.

Nada mais ha que accrescentar ao que tiramos dos escriptos do padre Flores, senão o que achamos em uma nota do livro intitulado —*Vida e regras religiosas de Fructuoso Bracharense*, impresso em 1805 por mandado de D. Fr. Caetano Brandão, arcebispo de Braga, na qual nota se diz tambem que Celedonio assistira ao concilio 10.º de Toledo, celebrado em 656, no anno oitavo do rei Reccesvintho.

Esta nota nomeia 17 bispos, a saber: S. Fructuoso de Dume, transferido n'este concilio para a cadeira de Braga, pela penitente deposição de Potarcio; Oroneio, de Merida; Cesario, de Lisboa; Hermenfredo, de Lugo; Elpidio, de Astorga; Zozimo, de Evora; Flavio, do Porto; Egeredo, de Salamanca; Celedonio, de Caliabria; João, de Coria; Amanungo, de Abila; Salva, de Egitania; Filimiro, de Lamego; Vandila, de Viseu; Adeodato, de Beja; Sona, de Orense; e Sesiberto, de Coimbra.

O padre Flores não nos diz que Celedonio estivera n'este concilio, mas esta omissão não tira, nem põe, para embaraçar o catalogo pequeno, que temos dos bispos de Caliabria.

Depois de Ervigio, não ha noticia mais alguma de bispos caliabrenses; devendo sempre suppôr-se que continuaria a cadeira d'esta cidade a estar provida até á invasão dos mouros, no principio do seculo VIII.

Nós sabemos, e logo o mostraremos, que Caliabria existia com o nome de cidade no fim do seculo XII; mas de nenhum modo queremos que tivesse bispos por muito tempo depois da maldita vinda dos barbaros. Suppômos que desde a entrada d'estes, começou a cidade a despovoar-se e a arruinar-se; retirando-se as familias mais principaes a si-

tios mais seguros, até que chegasse tempo de se restabelecerem na antiga liberdade; e, quando esta chegou, depois de terem passado já muitos annos, reputando-se por melhor o sitio de Cidade Rodrigo, collocaram alli a antiga séde episcopal de Caliabria. Cidade Rodrigo succedeu nos direitos d'esta: devem portanto os antigos bispos de Caliabria suppôr-se ao catalogo dos bispos de Cidade Rodrigo, correspondentes ao estado moderno, que é o que se conta depois que a egreja das Hespanhas começou a respirar da invasão dos barbaros.

O que até aqui temos escripto é o que podémos alcançar e inferir a respeito d'esta cidade antiga, de que presentemente não vemos senão as ruinas. O que devemos suppôr é que os arabes a pozeram no estado deploravel de não dever conservar-se n'ella a séde episcopal, que ahi existiu por todo o seculo VII; pois que estes barbaros vieram no principio do VIII, e foi tanta a sua crueldade, que esta deu causa a passarem para as Asturias muitos bispos lusitanos e hespanhoes, aos quaes, para se poderem sustentar com decencia, foram taxadas por elrei D. Affonso, o Magno, algumas parochias, como se verá logo da disposição do concilio de Oviedo. Muitos bispos poderam conservar-se, e sabe Deus com que trabalho, nas suas sédes, porque os seus diocesanos não desampararam as casas: outros, como o de Viseu, e do Porto, etc., não tendo diocesanos que apascentar, foram-se retirando para a protecção dos montanhezes.

Não sabemos se Caliabria estava provida de bispo, quando os sarracenos lhe chegaram a porta, porque, depois de Ervigio, não sabemos de outro, nem se este foi morto antes, se depois da chegada dos inimigos; nem as historias do que se passou nas Asturias dizem coisa alguma do bispo caliabrense, sendo certo que nos fallam dos das mais cidades da Lusitania e Hespanha, já exercitando o sagrado ministerio nas parochias que se lhes designaram para isso, já assignando nas doações e privilegios dos mosteiros de Sahagum e de Samos, já assistindo á sagração da basilica de Sant'Iago de Compostella.

E é de notar que, vagando algumas sédes lusitanicas e hespanholas, por fallecimento de seus bispos, nas Asturias, immediatamente eram lá nomeados varões respeitaveis para substituil-os, ao mesmo tempo que as cidades estavam occupadas pelos inimigos, vindo por tal modo os bispos d'ellas a ser bispos *in partibus*, como hoje ha muitos.

Mas tambem vemos por testemunhas certissimas, que, depois que os mouros, á força das suas crueldades, se apoderaram de Hespanha e Portugal, modificando alguma cousa a sua fereza, o que regularmente acontece, depois de conseguido um dominio amplo, consentiram que no meio d'elles podessem viver os christãos, fazendo uso publico da religião catholica; e, para conseguirem os nossos esta faculdade, pagavam-lhes grossos tributos, como hoje lhes pagam os religiosos que vivem nos logares santos de Jerusalem. Talvez que em Caliabria acontecesse isto mesmo, e que por falta de monumentos nós ignoremos. É certo que em Viseu não continuou o episcopado até quasi á extincção dos barbaros, nem em Lamego, nem na Idanha a Velha, cujo bispado hoje é substituido pelo da Guarda; e, como a cidade de Caliabria era sua limitrophe, devemos suppôr que lhe aconteceria a mesma infeliz sorte, e isto é o mais certo. Porem, para prova de que os mouros consentiram o christianismo em algumas cidades, nós vemos em fr. Bernardo de Brito, que a egreja, que os mouros designaram em Lisboa aos christãos para o culto publico da religião catholica, foi a dos martyres, Santos Verissimo, Maxima e Julia; e isto faz-se mais acreditavel pela rasão de não encontrarmos nas historias asturianas d'aquelles tempos, o nome ou funcções de bispos olisiponenses; e, se tambem não encontrâmos algumas d'estas cousas em monumentos de Lisboa, é porque alli nada se podia escrever de modo que se podesse conservar, como se conservaram os monumentos das Asturias; e os asturianos não podiam escrever acontecimentos do interior da Lusitania, tanto pela longitude, como por falta de communicação com os lusitanos.

Não desdiz do que tenho exposto do consentimento que os mouros davam aos catho-

licos a respeito do culto christão, o ler-se no Apologetico do abbade Samsão, que em Merida perseverava bispo metropolitano no meio do seculo IX; ainda que me custe muito a acreditar isto, por saber que Merida foi a primeira cidade da Lusitania, que foi massacrada em tudo, depois da batalha de Guadalete, em que el-rei D. Rodrigo perdeu as Hespanhas.

Sabemos tambem que o mosteiro de Lorvão, sempre se conservou provido de religiosos benedictinos, ainda no meio do dominio dos mouros, posto que não acreditamos alguns ditos do abbade João de Monte-Mór, e outras cousas em que a falta de verosimilhança faz com que se dê menos credito a alguns factos que talvez fossem verdadeiros.

Vamos outra vez ao nosso territorio.

Erecto que foi o bispado de Cidade Rodrigo, ou, para melhor dizer, collocada que foi a séde pontificia de Caliabria em Cidade Rodrigo, cuja epocha já pertence ao estado moderno, é sem duvida que ficou a Cima-Côa sujeita ao bispo d'esta cidade, pois não temos aqui outra mudança senão a da séde de uma cidade arruinada para outra reedificada, e o poder soberano estava nos reis de Leão, a cujo dominio pertenceu o nosso paiz até que el-rei D. Affonso Henriques o tomou áquelles, o que só durou dois annos, dentro dos quaes fundou os mosteiros de Santa Maria de Aguiar, e o fez filiação de S. João de Tarouca; mas, passados os dois annos, tornamos ao dominio dos leonezes, e o mosteiro tornou á filiação de Morercola, no bispado de Zamora, do qual era, quando debaixo da regra de S. Bento estivera na Torre de Aguiar, e por isso diz: — *Monasterium Sanctae Mariae Turris Aquiliaris.*

Persuado-me que tambem n'aquelles dois annos, o bispo de Cidade Rodrigo, era o de Cima-Côa, assim como o foi depois, não só desde el-rei D. Affonso Henriques até el-rei D. Diniz, que foi o que ajuntou Cima-Côa a Portugal, mas mesmo desde el-rei D. Diniz até el-rei D. João I, que uniu a espiritualidade de Cima-Côa a Lamego, de maneira que, mediando cem annos, desde que D. Diniz uniu Cima-Côa a Portugal, até que el-rei D. João I, em 1404, uniu a espiritualidade da Cima-Côa a Lamego, estivemos todo este espaço de tempo subditos de el-rei de Portugal no temporal, e do bispo de Cidade Rodrigo, hespanhol, no espiritual.

Em 25 d'agosto de 1770 foi el-rei D. José I servido elevar á cathegoria de cidade a villa de Pinhel, que era do bispado de Viseu, e ajuntando os arciprestados de Pinhel, de Castello Mendo e de Trancoso (todos do bispado de Viseu) a Cima-Côa, que consta dos arciprestados de Almeudra, de Almeida, de Alfaiates, e do Sabugal, em um só bispado, de que Pinhel ficou a capital, nomeou para primeiro bispo d'esta diocese, a D. Christovão de Almeida Soares, que havia mais de quarenta annos era lente de canones na Universidade de Coimbra, e falleceu no anno de 1782, tendo exercitado o pontificado por sete annos. Era natural da provincia do Minho, onde sempre ia passar a estação do estio, na sua quinta de Alenteno, porque chamava a Pinhel o *viveiro das sezões.*

Jaz no convento das religiosas de S. Luiz, da dita cidade.

Por seu fallecimento, foi nomeado pela rainha D. Maria I para segundo bispo de Pinhel, D. José Antonio Pinto de Mendonça Arraes, natural da villa de Ceia, o qual era monsenhor na patriarchal de Lisboa, e este prelado exercitou o pontificado em Pinhel até que, por fallecimento de D. Jeronymo Rogado, natural e bispo da Guarda, foi pela mesma augusta rainha nomeado bispo da dita cidade, onde actualmente (1815) exercita o pontificado, desde o anno de 1798; achando-se d'ahi para cá substituida a séde pontificia de Pinhel pelo nosso actual bispo D. Bernardo Beltrão, natural de Carapito, que era freire da ordem de S. Bento de Aviz. Deus prospere a vida d'estes dois prelados, e eu assim lh'o peço nos meus votos e sacrificios, pois o primeiro conferiu-me todas as ordens sacras, e o segundo conferiu-me as egrejas de Villar-Maior e a de S. Pedro de Rio Sécco, nas quaes estive collocado, e permittiu-me que permutasse esta ultima pela de Escalhão, em que me acho.

Estas são as noticias que pude arranjar a respeito de Caliabria e Cima Côa.

NOTA 1.ª

Ha de causar admiração a quem ler estas memorias o não se nomear a Santo Apollinario entre os bispos de Caliabria; mas esta admiração ha-de ser só respectiva, se forem lidas por alguem de Urrôs.

Santo Apollinario, bispo de Ravena, jámais veiu á Hespanha; e por tanto este santo, do qual resamos no dia 23 de julho, não é o que dizem estar sepultado em Urrôs, e nunca foi bispo da nossa Caliabria; assim como o não foi o que està em Urrôs, pois este, segundo nos diz Faria e Sousa, é Sydonio Apolinario, bispo e tambem martyr, mas não nos diz d'onde era natural. O auctor, porém, do «Santuario Mariano» fallando da provincia de Traz-os-Montes, diz que santo Apollinario martyr, que está em Urrôs, era bispo francez, e que fugindo do seu bispado pela perseguição que lhe fizeram uns hereges, cujas heresias combatia, veiu ter a estes sitios, onde outros taes como os de que fugia o martyrisaram. Faria e Sousa diz que era o bispo de Alvernia. (Vide *Urrôs.*)

NOTA 2.ª

São inteiramente desconhecidos os nomes de algumas povoações que se nomeiam na divisão dos bispados, que se julga ser feita por Wamba.

Fallando a respeito do de Caliabria, apenas podémos saber que a povoação chamada — *Sorta* — era ao poente d'esta cidade, não só porque faz a figura como d'um padrão, que divide o seu bispado do de Viseu e do de Lamêgo, que lhe ficam ao poente; mas porque, dizendo a divisão, que a cidade de Caliabria tinha por limite desde Sorta até Albenia, e sendo Albenia o que hoje é Alva de Tormes, é claro que Albenia lhe ficava ao nascente, e Sorta ao poente.

Eu escrevo as divisões conforme as acho, e são as seguintes:

Á metropole de Merida tocaram-lhe os suffraganeos de Beja, Lisboa, Ossonoba (hoje Faro, no Algarve), Idanha, Coimbra, Viseu, Lamego, Caliabria, Coria, Evora, Avila, Salamanca, e Numancia. Á metropole de Braga, Dume, Porto, Tuy, Orense, Iria, Lugo, Britonia, e Astorga. Beja tinha por limite desde Balagar até Arta, e desde Ola até Mataval. Lisboa, desde Darca até Ambia e desde Ola até Mata. Evora desde Setobra[1] até Pedra e desde Rucela até Parada. Ossonoba, desde Ambia até Sala e desde Ipsa até Torre. Idanha desde Sala até Nava e desde Céa atê Muriela. Coimbra, desde Nava até Berga, e desde Torrente até Sora. Viseu, desde Berga até Sorta e desde Bonela até Ventosa. Lamêgo, desde Sorta até Pedra e desde Tara até Ortosa.

Caliabria desde Sorta até Albenia e desde Soto até Faro.

Salamanca, desde Albenia até Setobra e desde Rusa até Siberia. Numancia, desde Penassusende atê Tornes, por cima dos banhos de Valle de Rei até ao Douro, e desde Villalar até Otero de Fumos, junto ao Rio Secco até Breto, e desde Tavora até o Douro.

(Esta Numancia é a que hoje chamamos Çamora, e não a Numancia que se destruiu no tempo dos romanos antes da vinda de Jesus Christo[2].)

Ávila desde Pedra até Villa, e desde Viasto até Torreiro.

Cória, desde Villa até o Tejo, e desde Asa até Pumar. Dume, desde Puria até Albia e desde Riantece até Ara. Porto, desde Albia até Zosola e desde Olmos até ás ilhas Casiterides. Tuy, desde Zolosa até Laguna e desde Montalvo até Fetosa. Orense, desde Cusarica até Sil e desde Verenganos atè Calabaças Maiores. Iria desde Iso até Cusanea e desde Caldas de Rei até á Praia do Oceano.

(Já não existe este bispado: a capital chama-se hoje a Villa de Padrão).

Lugo, desde Laguna até Russa e desde Monsanto até Quintana. Britonia, desde Russa até Torrentes e desde Ostoba até Tobella e rio Eva. Astorga, desde o fim de Valle Cercel (?) até aos rios Vinama e Orbego, e por Verço até Tavora.

[1] Cetobriga?—Setubal, será corrupção de *Setobra?*

PINHO LEAL.

[2] Julgo que se engana o sr. Preto Pacheco. Vide *Numão.*

NOTA 3.ª

Sobre um arco da ponte de Alcantara, estava de um lado uma pedra com a seguinte inscripção, que denotava os municipios da Lusitania que concorreram para aquella obra, sendo imperador Trajano, que reinou no fim do primeiro seculo e principio do segundo, e moveu a terceira perseguição:

MUNICIPIA PROVINCIAE LUSITANIAE
STIPE CONLATA, QUAE OPUS PONTIS
PER SECERUNT, IGAEDITANI, LANCIENSES
OPPIDANI, TALORI, INTERANNENSES,
COLARUI, ARAVI, MEIDUBRICENSES,
ARABRIGENSES, PESURES.

NOTA 4.ª

O letreiro que se vê na pedra que está na fronteira da capella de Barca d'Alva é da maneira seguinte:

MODESTUS AMRATI
F. C.º BEL AN. LX. CORNELIA
CENSULIA AN. L. H. S. S. S. [1]
VT. L. C. MARIUS MODES.
TINUS. PATRI FIRMUS
MODESTIS. LIB. PATRO

Quer dizer isto: que Modesto, filho de Amerato, acabada a guerra em que havia militado, falleceu de sessenta annos, e que foi aqui sepultado, com sua mulher Cornelia Censulia, que morreu de cincoenta annos de edade; e que Caio Mario Modestino e Firmo, liberto de Modesto, puzeram esta memoria, o primeiro a seu pae, e o segundo ao seu patrono [2].

Ha quem leia AVIRATI em logar de AMERATI, e AVIMIUS em logar de MARIUS, e CORNETA CENSULIA em logar de CORNELIA CENSULIA.

[1] Esta 3.ª linha parece-me que está errada—julgo que devia ser

CENCULIA AN. L. H. S. E. S.

E na 4.ª linha, o V devia ser um T (sit tibi terra levis.)

[2] Devia accrescentar — *A terra lhe seja leve*, que provavelmente é o que dizia a inscripção se fosse bem copiada.

PINHO LEAL.

NOTA 5.ª

Ainda que não é do meu assumpto tratar aqui das guerras dos portuguezes com os hespanhoes, e d'estes com aquelles, attendendo a que fallo de coisas memoraveis de Cima-Côa, copiarei aqui, *sicut jacet*, a inscripção que está em um padrão junto de Matta de Lobos, indo para Nave Redonda. Dá relação da batalha da Salgadella, ultima que se deu na restauração de Portugal do dominio hespanhol.

SUBC.º REGE ALPHONSO
CITIANDO O EXT.º
DE CAST.ª Q. GOVERNAVA
O DUQ.º DE VSVNA,
A PRAÇA DE CAST.º R.º FOI
SOCORIDA
POR P.º JAQUES DE MAGA.es
G. al DES-
TA PROV.ª Q. OVENCEO E.ª
BATALHA
NESTE LUGAR CÕ DESI-
GUAL
PODER A 7 DE JULHO
DE 1664.

Estas letras estão da banda do nascente; e da banda do poente estão as seguintes:

E P.ª FAZER IMORTAL
ESTA VICTO-
RIA JOAM DA FONS.ª
TAV.es MAN-
DOU AQUI LEVANTAR
ESTE PA-
DRAM, NO SOBREDITO
ANNO DE 1664.

José Caetano Preto Pacheco.

SENHORA DO CASTELLO — ermida, Algarve, na freguezia de Paderne. Vide 6.º vol., pag. 399, col. 2.ª e seguintes.

SENHORA DA ESPERANÇA — ermida, Beira Alta, na freguezia de Mouraz, concelho de Tondella. (Vide 5.º vol., pag. 576, col. 1.ª)

A ermida da Senhora da Esperança é um templo vasto e muito bem ornado, e foi accrescentada, pelos annos de 1660. O altar-mór, é de bôa talha dourada.

A padroeira, tem uma numerosa irmandade, que a serve com devoção, e lhe faz a

sua festa no dia da Senhora das Neves (5 de agosto).

A festa de 5 de agosto de 1877, deixou tristes recordações, pela serie de desgraças que tiveram logar n'esse dia — foram as seguintes.

Cahiu o badalo do sino grande, matando instantaneamente uma pobre mulher, da freguezia de Tonda. Ao cahir o badalo, tambem quebrou um pedaço da empena da torre, que, cahindo sobre outra mulher, lhe quebrou um braço.

Outra mulher, fugindo espavorida, cahiu e quebrou as costellas.

Um rapazito, filho de Rosa Engeitada, ficou todo queimado com foguetes, os quaes tambem queimaram os vestidos de uma senhora, que além d'isso ficou muito maltratada.

Oito individuos, entre elles o sr. padre Adriano Lopes Dias, fugindo do fogo, cahiram em uma cóva, ficando feridos gravemente, sendo levados em braços para suas casas, onde tiveram de estar bastante tempo de cama.

Isto, não fallando nos trambulhões e ferimentos por elles causados, de alguns individuos que beberam mais do que lhes era precizo.

SENHORA DA ESTRELLA — Grande ermida, Beira Alta, na aldeia de *Boaças*, freguezia de S. Miguel de Oliveira do Douro, concelho e comarca de Sinfães.

O logar de Boaças, é bastante populoso e tem alguns edificios bons.

Fica mesmo sobre a margem esquerda do rio Douro, e foi villa e cabeça de couto (Vide 6.º vol., ultima linha da col. 1.ª de pag. 274, e col 2.ª da mesma pagina).

A ermida da Senhora da Estrella, é vasta como uma egreja matriz, e está decentemente decorada. É muito antiga, mas não pude saber quando nem por quem foi fundada. Nem o *Sanctuario Mariano* falla n'esta egreja.

Faz-se uma grande romaria a esta Senhora, a 15 d'agosto, e é sempre concorridissima.

Na festividade d'agosto de 1879, teve logar um facto, que deu muito que pensar — mesmo aos incredulos.

Projectou-se e levou-se a effeito, uma procissão pelo Douro, em barcos luxuosamente enfeitados (que em verdade produziam lindo effeito), na qual eram conduzidos alguns andores, entre elles o da Senhora da Estrella. Depois de percorrer uma certa distancia, desembarcou a procissão no sitio do Portantigo, onde devia de ter logar um sermão.

Effectivamente, chegados que foram todos á praia, principiou o sermão, que era escutado com interesse. Porém, no meio d'aquelle povo respeitoso e submisso, lá estavam alguns individuos que... se conservaram de chapeu na cabeça, apesar de serem avisados e rogados para se descobrirem.

Notaram tambem o digno abbade da freguezia e o rev.º prégador, o escandalo que os taes individuos estavam dando, pelo que este ultimo sr. teve por conveniente fazer-lhes algumas observações amigavelmente; mas não foi attendido.

Dirigiu-se então alguem, em termos cortezes, a um barbeiro, de S. Cypriano, cujo nome ainda ignoro, pedindo-lhe que tirasse o chapeu, ao que elle respondeu: «custou-me dinheiro e comprei-o para o ter na cabeça». Mal eram pronunciadas estas palavras e terminada uma supplica á Virgem pelo digno abbade, e eis que um grande *mastro*, erguido para o objecto da funcção, cáe e mata instantaneamente uma filha do teimoso barbeiro, deixando tambem este bastante contuso, que por isso foi conduzido em braços para casa.

Foi castigo? Foi méro acaso? Aos que forem d'esta opinião direi que no dia antecedente, um homem tinha trepado pelo mastro, indo collocar-lhe no cimo uma bandeira, e desceu muito a salvo.

Todavia o facto deu-se como acabo de narrar, e todos aquelles que presenciaram a teimosia do barbeiro e a lamentavel occorrencia que se lhe seguiu, ficaram contristadissimos, e não raro sahia de muitas bocas esta expressão — Foi a justiça Divina que castigou o pouco respeito á Santa Virgem!

E todo aquelle povo ficou dando graças a Deus por não ter havido mais victimas, sendo certo que ao pé do barbeiro e de sua

filha havia muita gente reunida quando cahiu o mastro.

—

Para evitarmos repetições, vide no 8.º volume, a col. 1.ª (no principio) de pag. 285.

—

Disse-me um padre velho (cujo nome me esqueceu) quando estive em Boaças, em 1846, que o nome d'esta povoação procedia do facto seguinte.

Vindo um bispo de Lamêgo, visitar o templo de Nossa Senhora da Estrella, foi depois ver a povoação, e, achando-a grande, bonita e magnificamente situada, disse — «*Bôa assás!*» — e d'aqui lhe ficou o nome de *Boaças*. O que o padre me não disse, foi qual era o nome que antes d'isso tinha.

Mesmo assim, tenho visto etymologias mais disparatadas do que esta, que é *bôa assás*.

SENHORA DA ESTRELLA — famoso sanctuario, Alemtejo, no termo da villa de Marvão.

Por achar interessante um folhetim alludindo a esta Senhora, publicado (sem nome de auctor) no jornal legitimista *Correio da Tarde*, n.º 1:192, de 30 de maio de 1876, o transcrevo, e é o seguinte:

De Portalegre a Marvão

Visita ao sanctuario da Senhora da Estrella

I

Batiam cinco horas da manhan no relogio da sé cathedral de Portalegre, no dia onze de maio do corrente anno, quando passavam em frente do templo do Senhor do Bom Fim dois trens, conduzindo duas familias, que se dirigiam a Marvão, a visitar o sanctuario da Senhora da Estrella, de grande nomeada na provincia.

A manhan estava lindissima, a viração espalhava pelo caminho o perfume das nogueiras, e os viajantes, acariciados pelos attractivos da natureza, e pelos risonhos quadros, que em suas imaginações debuxavam, promettiam-se os gosos de um dia aprazivel, além das consolações espirituaes, que na estancia sagrada hiam procurar.

No fim do Arieiro, deixaram os vehiculos a primitiva estrada, tomando pela que se encaminha á Ribeira de Niza. Ficavam á esquerda os vinhedos da Galócha, de Ignacio Cardoso de Barros, neto do cavalheiro d'este nome, que nas côrtes dos Trez Estados, em 1828, representou Castello de Vide; á direita a quinta das Assomadas, residencia predilecta do dr. José Maria Grande, o primeiro medico agraciado em Portugal com o pariato.

Haviamos já transposto os casaes da Ribeira de Niza, quando ao longe, na quebrada da serra, avistâmos o presbyterio da parochia de Nossa Senhora da Esperança, brilhante de alvura, emoldurado, como o templosinho, no verde maciço da floresta de castanheiros bravos.

Pertencera aquelle templosinho ao convento dos frades menores da Piedade, alli fundado em 1522, e depois transferido para as visinhanças de Portalegre.

Fomos subindo a encosta por atalhos suaves até ao Monte Palleiros, onde se cultivam algumas hortas e pomares. Aplana-se depois a estrada por entre terrenos incultos, onde florescem o rosmaninho, a joina e as rosas albardeiras, até se encontrar á direita uma matta de castanheiros, e á esquerda Frei Alvaro.

É Frei Alvaro uma herdade, que pertencêra, com outros bens, a Iria Gonçalves do Carvalhal, mãe do condestavel D. Nuno Alvares Pereira. De alguns d'estes bens fez doação a piedosa senhora, ao mosteiro da Provença de Valle de Flores, na Ribeira de Niza, do qual resta apenas a tradição no povo, e a memoria em nossas chronicas [1].

Vai-se rebaixando o terreno successivamente nos chamados Alvarrões. Ladeam a estrada, negras penedias de granito, e sussurram em profundos córregos as aguas crystallinas, atravessadas na parte mais inferior por uma ponte de construcção moderna.

[1] *Thebaida Portugueza. Por Fr. Manuel de S. Caetano Damazio*—Tom. II, pag. 369.

Abre se depois uma planicie, e, por entre casaes visinhos da egreja de S. Salvador de Aramenha, entra-se no vasto prado de Marvão. Parámos aqui.

II

Tinhamos ante os olhos um panorama variado, novo, surprehendente, cuja profusa vegetação fazia sobresair os esplendores da manhan, e os reflexos das aguas, que serpejavam no valle.

Ao aspecto de quadro tão formoso, occorreu-nos á memoria a pintura venusta de um outro não somenos:

A manhan!... Como está bella!
Do valle a nevoa, ainda azul;
A nuvem, que se encastella;
A flôr, que esmalta o paúl;
Das aguas claras o espelho;
O horisonte, já vermelho,
Do disco ardente do sol;
A folhagem, que cicia,
E junta sua harmonia
Aos quebros do rouxinol [1].

Permanecemos longo tempo embevecidos na contemplação d'estas scenas maravilhosas... E quem diria, que no fecundo solo, onde agora vegetam searas, hortas e pomares, já campearam circos, palacios, e naumachias?

Do tempo o que não muda a vetustade? [2].

Encontram-se, effectivamente, n'este sólo, numerosos vestigios de uma cidade, reliquias d'uma civilisação que remonta a longos seculos. Florescêra aqui outr'ora Medobriga, que devastaram as legiões romanas, de cuja dominação apparecem, tambem, frequentes indicios.

Deixemos, porém, o celebre prado, e, subindo a encosta pela estrada nova, continuemos nosso caminho para Marvão.

Já logramos a vista do famoso castello, no alcantil da serra, que parece querer topetar com as nuvens; para vencer a distancia que nos separa, é necessario torneal-a, percorrendo uma volta prolongada. N'esta volta ora se nos apresentam, ora se nos occultam os cubêllos da cidadella, conforme os accidentes do terreno.

Causavam-nos certa impaciencia estas vistas alternadas; parecia-nos umas vezes approximar-se, outras affastar-se o nosso objectivo.

Chegámos, finalmente, á villa; dava o relogio oito horas, quando entravamos as suas portas.

III

É memoravel em nossa antiga e moderna historia a fortaleza de Marvão, havida no seculo passado na conta de inexpugnavel. Depois da ultima guerra civil, em 1847, foi desguarnecida, e levadas para Elvas as munições e artilheria.

São hoje montões de ruinas os quarteis, e o que ainda não poude aniquillar a acção do tempo, vae-o destruindo a mão do homem.

Um governador, um ajudante, e um cazerneiro são os unicos representantes da força militar, que n'outras eras aqui preponderava.

Fizemos a nossa primeira paragem na praça, d'onde se avistam os paços do concelho com as armas d'el-rei D. Manuel. Estava derribado por terra o pelourinho, antigo emblema da autonomia e jurisdicção municipal. Parece que pela destruição d'este monumento, se inaugurou o regimen do novo senado marvanejo.

Depois das abluções indispensaveis, emquanto se preparava o almoço, fomos visitar a egreja de Sant'Iago. Tem um portico de granito, de estylo gothico, e uma capella da Senhora da Conceição, com retabulo de marmore branco e preto, de grande valía.

Findo o almoço, dirigimo-nos ao sanctuario.

IV

Fóra das muralhas de Marvão, a poucos passos de distancia, está o convento dos Franciscanos, em que se venéra a Senhora da Estrella.

Acha-se no adro da egreja arvorado um cruzeiro de marmore, de haste e braços re-

[1] *Pedro. Por A. Pereira da Cunha.*
[2] *A Eneida*, Liv. III, v. 415.

torcidos, apresentando na face anterior a imagem de Christo, na posterior a da Senhora da Piedade, ambas em baixo relevo.

São notaveis os lavores d'este cruzeiro pela difficuldade de trabalhar em pedra tão rija.

De estilo gothico e de granito é o portico do templo, que é de uma só nave. Ao lado esquerdo da capella-mór, em outra capella espaçosa e illuminada por um zimborio, está exposta á veneração dos fieis a Senhora da Estrella.

Tem um retabulo de preciosos marmores, com a imagem de Santo Ignacio de Loyola e de S. Francisco Xavier, de grandeza natural, e tambem de marmore. Dá nos olhos e provoca a attenção do amante das bellas artes, o sacrario, de marmore, e monolitho. Tem a altura de um metro, pouco mais ou menos, e representa uma urna antiga, de airoso pedestal e elegantes volutas, coroada por uma cruz bem proporcionada.

De marmore, egualmente, é o throno em que está a Virgem, em vulto, de pequenas dimensões, de barro, sem belleza esculptural; subimos ao camarim a beijal-a, apresentandonol-a em seus braços, um sacerdote, que fez a mercê de nos acompanhar.

Dirigimos depois nossas preces á Mãe Clementissima, implorando o seu patrocinio em todos os transes da vida, e offerecendo-lhe, em demonstração de reverente affecto, alguns ramos de flores naturaes.

Consta de uma inscripção em azulejo, que a Senhora apparecera em uma rocha antes do anno de 1440; e de outra, que D. Jeronymo Rogado de Carvalhal e Silva, bispo de Portalegre, fizera aquella obra em 1772.

Assistira o bispo á extincção dos jesuitas, do collegio d'esta cidade, e fizera trasladar para a capella, que erigira á Senhora, o retabulo e imagens da egreja profanada.

Satisfeita a nossa devoção, fim da romaria, fomos vêr o castello.

V

O castello de Marvão está fundado sobre uma rocha, talhada a pique, 1:600 pés acima do nivel do mar, segundo Balbi.

Jazem por terra officinas, armazens, fornos, todas as construcções modernas; as obras antigas, as que propriamente constituem a fortaleza, estão bem conservadas, e em optimo estado a cisterna. É de cantaria, abobadada, e da maior grandeza, que ha no reino, segundo testifica Baptista de Castro no *Mappa de Portugal* [1].

Subimos a uma das partes mais elevadas. Considerámo-nos, durante alguns minutos, desprendidos da terra, e proximos do céo. Elevadas eram as nossas cogitações, como as espheras, em que pairava o nosso espirito.

Lançámos depois os olhos em roda. São indescriptiveis as sensações, que nos causou tão encantadora perspectiva.

Descobre-se Vallença d'Alcantara, primeira povoação de Castella, e o Sevêr, que divide as duas monarchias, caminhando até perto do Carrascal, que se conhece pelo denso e copado arvoredo. Com a vista armada divisa-se Castello Branco, a serra da Estrella, a serra de Béja, muitas povoações, montes e valles.

Foi-nos aqui apontado o logar, *Cova dos coelhos*, por onde entrou, em 12 de dezembro de 1833, um troço de liberaes, introduzidos na cidadella pelo sargento ajudante da praça, Manuel Matheus Brandão.

Qualificou de *surpreza* este facto, Carlos Napier na *Guerra da Successão em Portugal* [2]; referiu-o, tambem, como *feliz surpreza* Simão José da Luz, na *Historia do Cêrco do Porto* [3], seguindo e ampliando o que disse o escriptor inglez; chamou-lhe *glorioso successo* o ministro da justiça, José da Silva Carvalho, em officio de 3 de janeiro de 1834, dirigido ao juiz de fóra, José Luiz de Carvalho [4]; finalmente, Antonio Marcellino Carrilho Bello, ufanou-se, em documento publicado na folha official, de haver sido o terceiro na *escalada da praça* [5].

Não houve, porém, *surpreza*, nem *glorioso*

[1] Tom. II, pag. 315.
[2] Tom. II, pag. 121.
[3] Vol. II, pag. 392.
[4] Possuimos copia authentica d'este documento.
[5] *Diario do Governo*—sabbado 25 d'abril de 1874.

successo, nem *escalada*; houve um procedimento egual ao de José Urbano de Carvalho, com circumstancias mais aggravantes.

Parece-nos que é já tempo de proceder á revisão da historia, e narrar com imparcialidade como aconteceu o facto.

Manuel Matheus Brandão, sargento ajudante da praça, prevalecendo-se da doença do governador, D. Francisco Xavier da Silva Lobo, e da illimitada confiança, que n'elle depositava, retirou a sentinella da guarita sobranceira á *Cova dos coelhos*, por onde ajustára com os liberaes, dar-lhes accesso, e sob pretexto de se livrarem das chuvas e ventanias, e se aquecerem, removeu os soldados da guarda, e distribuiu-lhes vinho, e ao commandante Franco. Depois deu a mão aos foragidos de S. Vicente, na Extremadura Hespanhola, que entraram sãos e salvos.

Recebeu em premio d'estes serviços a patente de alferes, e as successivas até á de major reformado, cujo soldo está disfructando em Castello de Vide, onde reside.

É necessario ainda accrescentar, que já n'esse tempo, favorecia o gabinete de Madrid a causa liberal; porque mandou comboyos de viveres á praça de Marvão, quando a combateram as forças realistas: o que nenhum dos historiadores, de que temos noticia, ainda referiu.

Com esta rectificação damos por terminada a nossa visita ao celebre monumento de el-rei D. Diniz.

—

Depois do jantar fomos agradecer os comprimentos de algumas senhoras e cavalheiros, e ás seis horas da tarde subimos aos trens, e regressámos a Portalegre.

SENHORA DA GRAÇA — freguezia, Extremadura, concelho de Pedrogam Grande, comarca de Figueiró dos Vinhos. (Vide 6.º vol., pag. 530, col. 2.ª)

Esta freguezia chamava-se antigamente *Chão do Couce*, e, para a distinguir de outra do mesmo nome e da mesma comarca, mas do concelho de Figueiró dos Vinhos, e cujo orago é Nossa Senhora da Consolação, se disse — *Chão do Couce da Graça* — depois, *Senhora da Graça de Chão do Couce*, e por abreviatura, *Senhora da Graça*. (Vide 2.º vol., pag. 270, col. 1.ª e 2.ª, as duas freguezias de Chão do Couce.)

—

O rev. sr. Manoel Henriques David, digno vigario d'esta freguezia, escreveu-me, protestando contra o nome de Chão do Couce, que dei á sua parochia.

Respondo — Sim, senhor — ainda em 1757 se denominava, UNICAMENTE, Chão do Couce. Veja as duas freguezias d'este nome, a paginas 164 e 165 do *Portugal Sacro e Profano*, pelo dr. Paulo Dias de Niza.

Dou esta satisfação ao sr. Henriques David, e aos mais que pozerem em duvida o que disse no logar competente do 2.º volume.

SENHORA DA GRAÇA — santuario, Beira Alta, na freguezia do Pinheiro, concelho de Oliveira de Frades, comarca de Vousella, antiga comarca de Lafões, e por isso, e para a distinguir de outras do mesmo nome, se dá a esta freguezia, vulgarmente, a denominação de *Pinheiro de Lafões*. (Vide 7.º vol., pag. 53, col. 2.ª)

Pertence a esta freguezia parte da aldeia de *Paredes de Gravo* [1], e ao O. d'ella principia a serra que se estende até Arcozéllo e Rebeiradio. Outra parte da aldeia é da freguezia de Arcozêllo. É uma povoação grande, tendo uns 50 fogos, e 200 almas, tudo lavradores.

Ao E. do logar, em uma fresca e alegre planicie, assombrada por frondosos carvalhos, está construida a capellá de *Nossa Senhora da Graça*, que, posto revelar muita antiguidade, já não é a primitiva. Esta era pequena e tôsca e foi demolida, para se construir uma segunda, que, por ameaçar ruina, foi tambem demolida, e se fez a actual, para d'ella se administrarem os sacramentos aos enfermos, pois que a egreja matriz fica a 4 kilometros, de caminho despovoado, e quasi impraticavel no inverno.

Foi esta obra feita pelo dr. José de Barros, natural de Coimbra, e abbade da fre-

[1] Dá-se-lhe o nome de Paredes de Gravo, para a distinguir de outras aldeias tambem chamadas Paredes, e proximas a esta — como *Paredes*, de S. Christovam — e *Paredes-Velhas*, de Cambra.

guezia do Pinheiro, á sua custa, e com magnificencia. É tão ampla, que podia ser egreja matriz de uma freguezia.

A Senhora não tem irmandade, nem rendas proprias: os mórdomos—de eleição annual—é que, pelo S. Miguel, percorrem a freguezia, pedindo esmolas para a conservação do templo, e para a festa da padroeira, que se costuma fazer a 15 de septembro, e é muito concorrida, não só da gente do Pinheiro e Arcozêllo, mas tambem de Campéa, Reigoso e outras freguezias circumferentes.

Teem indulgencia plenaria as pessoas que visitarem a Senhora no dia da sua festa, se se confessarem e sacramentarem.

Antigamente, no primeiro dia das ladainhas de maio, hia o povo do Pinheiro, com o seu parocho, em procissão, á ermida da Senhora, em todos os annos.

Tambem, em tempo de calamidades publicas, vinham aqui muitos clamores de diversas freguezias.

SENHORA DA GRAÇA—formosa ermida. Alemtejo, na freguezia e 3 kilometros da cidade e praça d'Elvas.

Está a ermida construida em uma alcantilada montanha, e foi mandada fazer por D. Catharina Mendes, senhora illustre, mulher de Estevam Vaz da Gama, e que, ficando viuva, na edade de dezoito annos, se conservou sempre sendo exemplo de virtude e honestidade.

Segundo outros escriptores, a ermida foi construida durante o reinado de D. Sancho II, e D. Catharina, achando-a em estado de ruina, a mandou reedificar á sua custa.

Tem capella-mór, com seu altar, e dous lateraes no corpo da egreja.

Todas as paredes interiores são revestidas de azulejos.

Tem uma irmandade, que trata da conservação do templo, e da festa da Senhora.

—

A familia dos Gamas, da cidade d'Elvas, é muito antiga e nobre. Foram alguns cavalleiros d'esta familia, que ajudaram Geraldo Geraldes (o *Sem pavor*) a resgatar a cidade d'Evora do poder dos mouros, em 1166.

Diz-se que o appellido *Gama* procede de que—emprehendendo um cavalleiro d'esta familia fazer uma *entrada* em terra de mouros, foi a ella guiado por uma *gama* (a femea do gamo.) Tomaram desde então estes Gamas por armas, uma gama d'ouro, em campo de púrpura [1].

O primeiro que se assignou com o appellido Gama, foi Alvaro Alvares da Gama, segundo consta de um testamento, feito por seu filho, João Alvares da Gama, em 1317.

Alvaro Annes da Gama, foi um bravo guerreiro, no reinado de D. Sancho II e D. Affonso III, e ajudou o famoso D. Payo Peres Correia, na conquista do Algarve.

Seu filho, o dito João Alvares da Gama, serviu D. Affonso III, e seu filho D. Diniz I.

Casou com D. Guiomar Cogominho, de Evora, e foi seu filho, Alvaro Annes da Gama, que assistiu á batalha do Sallado, em 30 de outubro de 1340; e á qual tambem assistiu seu pae, apezar de ser já muito velho.

De Alvaro Annes, foi filho Estevam Vaz da Gama, vassallo do rei D. Fernando, e de D. João I. Foi este Estevam Vaz da Gama, o marido de D. Catharina, a fundadora da ermida da Senhora da Graça.

Foi seu filho, Vasco da Gama, famoso cavalleiro d'aquelles tempos, vassallo dos reis D. Duarte, e de seu filho, D. Affonso V, e era considerado o chefe da familia dos Gamas.

Teve trez filhos—*Estevam da Gama*, veador do principe D. Affonso (o que morreu da queda de um cavallo, em Santarem, a 12 de julho de 1491) filho unico de D. João II e da rainha D. Leonor, filha do infante D. Pedro, duque de Coimbra (o da Alfarrobeira.)

Estevam da Gama foi tambem alcaide-mór de Sines, e veador da rainha D. Leonor, mulher do rei D. Duarte, e commendador de S. Thiago.

D. João II o nomeou para ir á descoberta do caminho da India, pelo Cabo da Bôa Esperança; porem seu successor, primo e

[1] Notemos que as armas dos Gamas, condes da Vidigueira e marquezes de Niza, são construidas d'outra maneira. Vide *Niza* e *Vidigueira*.

cunhado, o rei D. Manoel, mandou depois seus filhos.

Casou Estevam da Gama, com Lady Bresalina de Brassefortes, senhora ingleza e de grande linhagem, e que em Portugal tomou o nome de D. Branca Sodré. Foram seus filhos.

O grande D. Vasco da Gama, Paulo da Gama — que o acompanhou á descoberta da India, em 1497 — e Ayres da Gama.

Vide *Niza* e *Vidigueira.*

SENHORA DA GRAÇA — pequena, antiquissima e pobre ermida, Douro, na freguezia de Cesár, comarca e concelho d'Oliveira d'Azemeis. Vide *Cesár.*

As mais ermidas dedicadas a Nossa Senhora da Graça, vão nas terras onde são construidas.

SENHORA DA GRAÇA — freguezia — Vide o 2.° *Padrões.*

SENHORA DAS NEVES — bonita ermida, Extremadura, na aldeia de Manique, freguezia de Alcabideche, concelho de Cascaes, e perto da *Cabo da Roca.* Segundo a lenda, eis a origem d'esta ermida.

Um velho d'esta freguezia, viu em varias noites, uma luz sobre o Cabo. Foi-se o bom do homem ao sitio onde via a luz, e alli encontrou uma velha, que lhe disse ter visto tambem a mesma luz e vinha egualmente ver o que aquillo era. Procuraram pelos recantos da serra, e acharam escondida entre umas pedras, uma formosa imagem da Santissima Virgem. Fizeram-lhe uma capellinha de alecrim e rosmaninho, e regressando a suas casas, divulgaram o apparecimento da Senhora. O povo principiou logo logo a correr ao sitio (a que deu a denominação de *Cabo da Santa Esperança*) e assim principiou a devoção a esta Senhora.

Parece que este apparecimento foi pelo meiado do seculo xv.

O povo construiu logo uma ermida á Senhora das Neves (foi a invocação que deram á Senhora, em razão da frialdade do sitio em que ella apparecêra) e as romarias principiaram.

Com o decorrer dos annos, estava a ermida ameaçando ruina; mas foi restaurada em 1878, com grande primor, sendo o principal motor das obras, o sr. João Rodrigues Batalha, do logar de Manique.

Abriu-se de novo ao culto, com grande pompa, no domingo, 18 de agosto, do dito anno de 1878.

SENHORA DE GUADALUPE — formosa ermida, Douro, na aldeia do Paço, freguezia d'Aguas Santas, concelho da Maia, comarca, bispado, districto, e 6 kilometros ao N. do Porto. (Vide a 2.ª *Aguas Santas,* e no 7.° vol., pag. 381, col. 1.ª, anno 1877).

Está situado o sanctuario da Virgem em uma pequena elevação, deliciosa e aprazivel, sombreada ao nascente por um denso arvoredo. Do adro que circumda a ermida, se gosa uma bellissima perspectiva de paisagem, tudo verdor, campos cultivados, e uma cinta de arvoredo no horisonte. Avista-se ao longe a linda freguezia de S. Mamede de Infesta, a torre dos sinos de Leça do Bailio, monumento d'architectura, o logar do *Araujo,* e a freguezia de Guinfães; e mais perto, verdes campos, entre os quaes se destaca a aldeia de *Parada,* proximo da ermida.

Não muito longe, ao norte, corre o brando e ameno rio Leça, cujas aguas mansamente se vão derivando, até entrarem no mar, juncto á villa de Mattosinhos, em distancia de dés kilometros.

Não me foi possivel precisar a data da fundação d'este templo erigido á *Senhora de Guadalupe.* Referirei, porém, o que me parece mais provavel, e os motivos que houve para se construir uma ermida com tal denominação.

—

Deve saber-se que este titulo é tomado da Hespanha, onde com effeito existe o famoso sanctuario de *Nossa Senhora de Guadalupe,* augusto e sumptuoso monumento de gloria e religião, e obra prima d'arte. Está collocado na antiga provincia de Extremadura, entre montanhas fragosas e serras altissimas, chamadas *Villuercas,* das quaes se despenham varios rios, intitulado um d'elles *Guadalupe,* d'onde tomou o nome o sanctuario, e a imagem da Senhora que n'elle se venera.

É um dos mais celebres sanctuarios da

Hespanha, frequentado de romeiros que áquella sancta casa se dirigem a pedir favores e a render graças ao Senhor e a sua Sanctissima Mãe, pelas mercês que tão liberalmente dispende por meio d'aquella miraculosa imagem. A ella servia uma communidade de religiosos, chamados de S. Jeronymo. Por diligencias de D. João Serrano, bispo de Segovia e prior do mesmo mosteiro, foi entregue aos ditos monges, que tomaram posse d'elle em 22 d'outubro de 1389.

São mudos pregoeiros dos milagres da *Senhora de Guadalupe* os tropheus que pendem pelas paredes do sanctuario, dadivas generosas da piedade dos fieis que alli concorrem.

A prodigiosa imagem da Senhora, tinha apparecido a um pastor, nos meiados do seculo XIV, para que fosse venerada n'aquelle logar: e ahi se edificou, reinando D. João I, (de Castella) um sumptuoso mosteiro, que desde então se chamou de *Santa Maria de Guadalupe*, em rasão do rio que junto d'elle corre.

Com a mesma invocação, é celebrada no Mexico, aonde assignalou com prodigios a sua apparição no anno de 1531. O Arcebispo do Mexico e outros prelados d'aquelle reino, bem como geralmente os povos, começaram a recorrer á Senhora, e de commum accordo a escolheram para padroeira do Mexico, eleição que depois foi confirmada por Bento XIV em 1754.

—

Justo orgulho podem ter os habitantes do logar de *Paço* e da freguezia de Aguas Santas em prestarem culto á Virgem Santissima, com o titulo de *Guadalupe*, na Ermida que alli existe, levantada em sua veneração e louvor. A sua origem é um novo realce do poder de Maria, e um padrão immorredouro da sua protecção.

—

A sua lenda é a seguinte:

Um homem do logar de *Paço*, foi accusado de haver commettido um assassinato. Sendo procurado pela justiça e pelos parentes do morto, que n'elle queriam vingar aquelle crime, viu-se obrigado a deixar a sua terra natal e a buscar asylo em terra estranha. Retirou-se para Hespanha, a um logar proximo ao santuario de *Guadalupe*. Como os homens se voltavam contra elle, voltou-se para o céo e implorou o seu soccorro, por meio da Rainha dos Anjos, a *Senhora de Guadalupe*, que tanto poder tinha deante do tribunal divino, e que tão grandes prodigios obrava junto do seu retiro.

No meio das suas angustias, prometteu á Virgem Santissima, que, se tornando ao seu paiz, não encontrasse perseguidores, e se mostrasse sem culpa no crime imputado, promoveria o seu culto e obsequios, erigindo um templo á sua honra, com o titulo de *Guadalupe*, e que alli a serviria em todo o tempo restante da sua vida.

Firmemente confiado no patrocinio da Virgem, regressou, passados annos, á sua patria, ao logar de *Paço*, e no caminho lhe appareceu a poderosa Senhora, que lhe disse: «Vae, não temas, porque eu serei comtigo».

Chegou, com effeito, ao logar de *Paço*. Não houve quem o culpasse, sendo geralmente reconhecida a sua innocencia, apesar de lhe ser instaurado um processo.

Grato á sua amavel e augusta bemfeitora, curou immediatamente de cumprir o voto que lhe tinha feito, erigindo uma pequena Ermida á *Senhora de Guadalupe*.

O piedoso servo da Senhora aqui viveu juncto do oratorio que fundara, como ermitão, contemplando as coisas do céo e servindo a Rainha dos Anjos, sendo o sitio, então solitario, proprio para a meditação e recolhimento do espirito; e acabou os seus dias santamente.

Eram tantos os milagres que começou a obrar a Senhora em o novo santuario, que de todas as partes concorria immenso povo, e, segundo testifica D. Rodrigo da Cunha, bispo do Porto, já em 1623 era muito frequentada esta ermida, de romeiros que alli vinham visitar e venerar a *Senhora de Guadalupe*.

Ainda que não pude averiguar exatamente o anno em que se deu aquelle acontecimento, tenho para mim que foi por 1580, sendo certo que já em 1600 existia, no logar de *Paço*, em Aguas Santas, a ermida dedicada á *Senhora de Guadalupe*, e que em

1633 se fez de novo um templo mais vasto, que é o actual.

É uma ermida de bastantes dimensões e capacidade, a ponto, diz um historiador, que podia servir de parochia a uma das mais nobres povoações.

Além do altar-mór, em cuja tribuna está collocada a veneranda imagem da Senhora, tem a ermida mais dois altares lateraes abaixo do arco cruzeiro. No da parte do Evangelho está a imagem de S. Domingos de Gusmão, e no da Epistola a imagem de S. João de Deus. São notaveis os retabulos dos altares, pela rica talha dourada, em madeira.

As paredes da capella-mór, bem como o tecto, são pintadas, representando varios emblemas allusivos á Senhora, tirados da ladainha lauretana. As paredes do corpo da ermida, tambem são pintadas, representando varios passos da Paixão de Jesus Christo. Estas pinturas estão bastante deterioradas; mas deviam ser muito lindas na sua frescura.

O corpo da ermida é dividido por umas grades de páu, abaixo do arco cruzeiro. No coro, ao lado direito, está o orgam, soffrivel para um pequeno templo. Foi collocado no anno de 1740.

Em outro tempo, estavam as paredes adornadas de memorias das grandes maravilhas que a Senhora tinha obrado com seus devotos, em quadros suspensos. Viam-se mortalhas pendentes, e pequenos navios suspensos do tecto, e velas de navios que escaparam das tormentas e naufragios. Ignoro quando foram tiradas estas offertas dos fieis: ainda existiam em 1716.

Ao lado direito do santuario se ergue uma torre de sinos, que foi construida em 1757. Consta de dois sinos. O adro é bastante espaçoso e bem disposto, podendo competir com os melhores d'algumas egrejas parochiaes. É cercado por muros de pedra, bem construidos, tendo duas entradas, uma ao nascente e outra ao poente. Esta bella obra foi feita no anno de 1752.

Toda a fabrica da ermida e partes connexas revelam o zelo dos devotos que com suas esmolas conseguiram levantar um templo magestoso, considerado como simples ermida d'uma aldeia, mas que assim mesmo nada tem que invejar a muitas egrejas parochiaes.

Proximo d'ella estava a casa solareja dos fidalgos Maias, em que vivera o infante Alboazar Ramires, seu ascendente, para d'aqui melhor proseguir a guerra contra os mouros, invasores da Lusitania; e certamente d'aqui se deriva o nome de *Paço*, dado a esta aldeia, por ser a morada d'aquelle principe e de seus descendentes, senhores e possuidores da terra da Maia, a cujo concelho pertence a freguezia de Aguas Santas.

Em pequena distancia, ao nascente, ha o logar de *Real*, e ao noroeste o de *Parada*: nomes que indicam habitação de pessoas nobres, e talvez estações militares (acampamento de tropas) como haveria no tempo da invasão e expulsão dos barbaros.

Por tudo isto é notavel a ermida da *Senhora de Guadalupe*, erigida no logar do *Paço*, em Aguas Santas.

É indizivel a devoção dos povos d'estes sitios á Santissima Virgem. Em todas as suas necessidades recorrem a ella e se valem do seu patrocinio, fazendo-lhe votos, celebrando novenas e cantando missas. Muitos portuguezes, residentes no Brasil, a invocam como sua medianeira, e de lá mesmo ordenam que se cumpram os seus votos, e outros, regressando á patria, veem á sua ermida agradecer os beneficios recebidos.

Quando a falta de chuva ameaça uma esterilidade de fructos, e a estação arida em demasia está a ponto de se tornar morbifica, os povos pedem a Deus chuva, por intercessão de Maria Santissima com a invocação de *Nossa Senhora de Guadalupe*, levando em procissão a sua devotissima imagem até á egreja de Mattosinhos. Esta devoção é antiquissima: já se praticou no anno de 1643, em que houve uma grande sêcca e espantoso calor.

É extraordinaria n'estas occasiões a concorrencia de povo que de todas as partes, formado em grupos de via-sacras, cérca o andor da Virgem, resando em córos e supplicando o seu auxilio. Algumas vezes teem acompanhado a procissão mais de cem ban-

deiras, guiões e estandartes, perto de trinta cruzes de confrarias, e mais de vinte cruzes parochiaes, representando differentes freguezias de que se compõe a procissão. No transito ha muitas demonstrações de adoração, varios sermões, muitos arcos e mastros de flôres: devoções tão dignas de louvor como de contemplação.

Em Mattosinhos, teem chegado a reunir-se quatro mil pessoas, que não pódem conter-se dentro do grande templo, e, para que todos ouçam o sermão, se improvisa um pulpito, no espaçoso adro da egreja.

É tão grande o fervor e devoção dos fieis, que em alguns annos se teem juntado de esmolas para cima de duzentos mil réis, como aconteceu em 1842, quando, por occasião de uma espantosa sêcca, foi a *Senhora de Guadalupe* conduzida a Mattosinhos.

No anno de 1814 aconteceu em Mattosinhos um grande prodigio. O padre D. Leonardo de S. José, conego regrante de Santo Agostinho e natural de Mattosinhos, achava-se então em casa de seus paes, estando de cama, gravemente enfermo.

A *Senhora de Guadalupe* havia saido da sua ermida em direcção a Mattosinhos, fazendo um excessivo calor; e, quando de tarde voltava para o logar de *Paço*, de repente começou a chover. A casa do enfermo era proxima da egreja; e elle vendo da cama a chuva, pediu que o levassem em braços á janella para ver e venerar a Senhora. Foi tanta a sua devoção e fé, que immediatamente se achou reestabelecido.

—

Eu seria extenso, se quizesse enumerar todos os prodigios que os fieis confessam ter obrado a *Senhora de Guadalupe*, invocada com viva fé e sincera devoção, principalmente quando, em occasião de publicas calamidades, é levada em procissão a Mattosinhos. A ultima vez que se fez esta solemnissima devoção, foi no anno de 1870.

A sua fama voou por toda a parte, sendo porisso objecto de culto e veneração de povos distantes. O veneravel Padre Balthasar Guedes, fundador e primeiro reitor do collegio dos meninos orphãos do Porto, e que morreu santamente em 6 d'outubro de 1693, foi devotissimo da *Senhora de Guadalupe*, e veiu á sua Ermida do *Paço*, veneral-a, e, além d'isso, escreveu a historia da sua legenda.

Duas festividades se celebram annualmente n'esta ermida, em louvor da *Senhora de Guadalupe*, circumstancia que é raro dar-se em outra egreja. A primeira é na dominga *in Albis*, e a segunda na primeira dominga de setembro, feitas ambas com egual pompa e grandeza. A festividade de setembro é precedida d'uma *novena* á Senhora.

Para conservação do culto da Padroeira e para que este seja prestado com a maior pureza do coração, o em.^mo sr. cardeal-bispo actual do Porto, D. Americo Ferreira dos Santos Silva, dignou-se, em 7 de setembro de 1874, conceder *quarenta dias de indulgencias* a todos os fieis que, nos dias das duas festividades, concorrerem á *ermida de Guadalupe*, de Aguas Santas, e ahi orarem pelas necessidades espirituaes e temporaes da Santa Madre Egreja, pelo Summo Pontifice e egreja lusitana.

Tudo isto consta d'um quadro que está pendente da parede interior da ermida.

E tudo, emfim, para honra e gloria de Deus, que seja eternamente louvado em sua Santissima Mãe, a *Senhora de Guadalupe*.

Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.

SENHORA DA GUIA — santuario, Extremadura, na freguezia d'Alvega, comarca, e 12 kilometros ao S. d'Abrantes, bispado de Castello-Branco, districto administrativo de Santarem.

Está o templosinho da Senhora da Guia, situado sobre a margem direita do Téjo, mas em sitio alto, fóra do alcance das maiores enchentes do rio.

É uma ermida muito linda e de bôa architectura, de fórma redonda, tendo na frente um alpendre, semelhando um claustro, cercado de columnas de pedra, com grades de ferro entre cada uma d'ellas. Tem um só altar.

Foi mandada construir, em 1626, por Lourenço Godinho, e sua mulher, Isabel

Freire Pimenta, em uma sua quinta, para cabeça de um vinculo, que instituiram das fazendas que tinham por estas terras.

Foi senhora d'este mórgado, sua neta, D. Leonor Coutinho de Avellar, viuva do desembargador Francisco Soares Galhardo. Hoje, não sei a quem pertence.

SENHORA DA GUIA — Vide Villa do Conde, villa, do Douro.

Ha em Portugal muitas mais ermidas de Nossa Senhora da Guia, que vão nas terras onde estão construidas.

SENHORA DA HORA, ou **DAS SETE FONTES** — extramuros da cidade do Porto. Já fica descripta no 7.º vol., pag. 411, col. 1.ª

No 8.º vol., pag. 44, col. 2.ª, tratando da freguezia de Ramalde, disse que a ermida da *Senhora da Hora*, era n'esta freguezia, porque assim o tinha ouvido dizer sempre, e, até os jornaes, quando annunciavam a sua festa, diziam que era em Ramalde.

O meu esclarecido amigo, o sr. padre João Vieira Neves Castro da Cruz, de Milheiroz da Maia, que muitos serviços tem prestado a esta obra, com os seus curiosissimos artigos; que reside a pouca distancia da ermida, e que alli tem hido prégar muitas vezes, disse-me que, a causa do engano, é porque a aldeia do Viso, que está proxima á ermida, pertence á freguezia de Ramalde.

A pequena villa da *Senhora da Hora*, onde está a capella da mesma Senhora, foi sempre da freguezia de Mattozinhos, e só tem de commum com Ramalde, o serem ambas as parochias do concelho de Bouças.

Na Senhora da Hora, é a 1.ª estação do caminho de ferro, do Porto a Villa do Conde, Póvoa de Varzim, e Villa Nova de Famalicão; mas, por emquanto (agosto de 1880) ainda só está aberto até ás Fontainhas, entre a Póvoa de Varzim e V. N. de Famalicão.

No dia da grande festa da Senhora (quinta feira da Ascensão) ha sempre comboios de hida e volta, a preços reduzidos.

As quatro maiores romarias que se fazem nos arrabaldes do Porto, são — *Senhor de Mattosinhos* — *Senhor da Pedra* (ambos á beira-mar — esta ao sul do Douro, e aquella ao norte) — Senhora da Hora — e Senhora do Rosario, na freguezia de Campanhan.

SENHORA DE JERUSALEM — monte, Traz-os-Montes, nas freguezias de Mascarenhas, e Romeu (vide estas palavras) aquella na comarca e concelho de Mirandella, e esta na comarca e concelho de Macêdo de Cavalleiros.

Este monte, circumda a ermida de Nossa Senhora de Jerusalem, da qual já tratei a pag. 246, col. 1.ª, do 8.º vol.; só me esqueceu dizer que está em ruinas.

Tambem aqui ha uma povoação denominada *Carriço* (pertencente á freguezia de Romeu) que antigamente se chamava *Quinta do Valle do Couce.*

Junto á estrada real, de Bragança para Mirandella, e a 10 kilometros d'esta villa, principiou em 1878, o negociante da praça do Porto, o sr. Clemente Joaquim da Fonseca Guimarães Meneres, uma fábrica, para manipulação da cortiça colhida nos sobreiros da vasta propriedade, que desde 1874 elle tem adquirido, nos sitios chamados o *Quadraçal*, e que já hoje abrangem uma área de mais de 20 kilometros de circumferencia, entre as povoações de *Romeu*, *Carriço*, *Villa-Verdinho*, *Valle de Lobo*, *Cedões*, *Cedainhos* [1], e *Valle d'Asnes.*

Estes terrenos são apropriadissimos para o fim a que os destina o sr. Meneres — a conservação dos innumeros sobreiros já existentes, e a plantação d'outros — já pela natureza do sólo, já pela qualidade superior da cortiça que produzem, a qual é toda finissima.

É de esperar um resultado sobremaneira auspicioso, ao nobre emprehendimento do sr. Meneres, que, ao mesmo tempo, presta um grande serviço aos povos circumvisinhos, proporcionando-lhes trabalhos permanentes, quer no fabrico da cortiça, quer na sua conducção para os centros commerciaes,

[1] Em Cedainhos eram antigamente *enfreiadas* as mulheres que tinham má lingua, ou que eram *mexeriqueiras.* Vide 2.º vol., pag. 225, col. 1.ª

no que tem empregado um grande numero de braços: e estas povoações, até hoje quasi desconhecidas, tornar-se-hão em breve prosperas e felizes.

Vê-se alem d'isso, grande quantidade de gado suino a pastar nos extensos sobreiraes, aproveitando assim, grande quantidade de bolota. A creação de grandes rebanhos de porcos e o seu estado de gordura, tem causado admiração áquelles povos; muito mais porque ainda aqui não era conhecida a raça suina do Alemtejo, donde vieram os primeiros porcos para creação.

Tem tambem o sr. Meneres augmentado a plantação das figueiras, em larga escala; porque alli se colhe excellente figo, proprio para ser exportado depois de sêcco.

Realisou pois o sr. Meneres, uma empreza que o distingue como verdadeiro patriota, e industrial arrojado, e lhe atráe as bençãos de muitas familias, que n'este grande estabelecimento fabríl, vão achar o pão de cadadia.

A prosperidade d'esta empreza, e das povoações proximas, augmentará muito, desde que se construa o caminho de ferro do Túa a Bragança, e que atravessa esta vasta propriedade, que tem ainda as vantagens, muito attendiveis, de ser saluberrimo o clima d'estas localidades, e terem formosissimos pontos de vista.

É pois o sr. Meneres, um cidadão dignissimo dos maiores elogios, de todos os que prezam as cousas do nosso Portugal, e desejam sinceramente o desenvolvimento da felicidade do povo.

SENHORA DO CABO—na freguezia de S. Sebastião da Pedreira.—Vide 6.° vol., pag. 530, col. 1.ª

SENHORA DO CABO—formosa ermida, Extremadura, no logar de Ninha a Velha (vulgarmente, *Linda a Velha*) na freguezia de S. Romão de Carnaxide. (2.° vol., pag. 111, col. 2.ª)

A aldeia de *Ninha a Velha* é uma formosa povoação, situada em um planalto, ao SE. da egreja matriz, e da ribeira de Jamôr. Ao fundo do logar, está um chafariz de optima agua potavel, a melhor d'estes sitios, e que nasce em um abundante e perenne manancial.

Uma parte da agua d'este manancial vae, encanada, fornecer o chafariz do *Dá-fundo*, que fica uns 1:500 metros ao S. de Ninha a Velha, e sobre a margem direita do Tejo. (Vide *Dáfundo.*)

Da aldeia de Ninha a Velha, se descobre—para o S., os montes de Caparica, ao S. do Tejo—para SO., a formosissima povoação de *Ninha a Pastora*, a *Cruz Quebrada*, e *Gibalta*, tudo d'esta freguezia—para o NO., a egreja e todo o logar de Carnaxide, e lá ao longe (20 kilometros) na mesma direcção, as serras de Cintra, o *palacio da Pena*, e *Castello dos Mouros*.

É por as proximidades de Ninha a Velha que passa o traçado do caminho de ferro, de Lisboa a Cintra, por *S. José de Riba-mar*, caminho que está approvado e decretado, mas que se não sabe ainda quando principiará.

Ao SE. do logar, está uma grande quinta (granja) com bôas casas de lavoura, propriedade dos herdeiros do visconde do Rio-Sêcco. (Vide 8.° vol., pag. 210, col. 2.ª)—Esta propriedade está muito despresada pelos seus possuidores. O seu arvoredo desappareceu—as paredes que a vedavam, estão em terra, e as pedras de que eram feitas, foram, pela maior parte, roubadas. As casas, estão pedindo urgentes reparos, e o magnifico portão brazonado, que lhe dá entrada, já não tem porta nem cancella. Isto está reclamando a compra por um *brasileiro*, que lhe saiba dar o valor que deve ter.

—

Entre esta propriedade e a povoação (mas contigua a esta) está a formosa ermida da *Senhora do Cabo*, restaurada em 1875. Tem um só altar, côro e sachristia, e na frente, um pequeno adro, com assentos de pedra. Na parede interior, do lado do O., se vê um grande quadro, em alto-relevo, representando Jesus Christo, com a cruz ás costas, no caminho do Calvario. Disse-me o individuo que tem as chaves da ermida, que o

sr. D. Fernando Coburgo offerecêra 800$000 réis por este quadro.

Foi esta Senhora objecto de grande devoção, dos povos circumvisinhos, e ainda se lhe faz uma bonita festa, no dia 8 de setembro de cada anno.

Não pude saber quando, nem por quem foi fundada, nem o *Santuario Mariano* faz menção d'ella.

SENHORA DO CABO—(do Espichel)—famoso santuario da Extremadura, ao S. do Tejo, na freguezia de Santa Maria do Castello da villa e concelho de Cezimbra, comarca d'Almada.

Fica o templo, no *Cabo do Espichel*, a que os romanos chamavam *Promontorio Barbarico*. Vide *Arrabida*, *Cezimbra*, e *Setubal*.

O Cabo do Espichel, fica a 6 kilometros ao S. de Cezimbra, e é no seu termo.

—

Sobre um rochedo do Cabo, se vê uma ermidinha, denominada *Miradouro*, que, segundo a lenda, memora o sitio onde appareceu a Senhora, por isso, chamada do Cabo. Outros, porem, affirmam que a Senhora foi achada na praia, inferior ao dito rochedo, e que apparecêra sobre uma jumentinha, que subira pela rocha, deixando n'ella impressos os vestigios das suas pégadas—que o tempo fez desapparecer, mas que os mórdomos da Senhora fizeram de novo gravar.

Diz-se que uns velhos de Caparica, que vinham a estes sitios cortar lenha, foram os primeiros que acharam a santa imagem da Virgem, e por isso, foi o povo de Caparica o primeiro que festejou a Senhora do Cabo, hindo todos os annos com o seu cirio, em romaria á Senhora, no primeiro domingo de maio.

A fama dos milagres obrados pela Senhora do Cabo, em breve se propagou por estas redondezas, e as offertas e esmolas, foram em tanta quantidade, que, proximo á ermidinha (edicula) primitiva, se construiu o sumptuoso templo que hoje alli admiramos.

Não se destruiu a ermidinha, e juncto a ella foi construida (1672) uma fortaleza, para proteger os povos d'estes sitios, das invasões inopinadas dos castelhanos, sendo regente, o infante D. Pedro, depois rei, D. Pedro II, do nome.

Ignora-se o anno em que a Senhora appareceu, só se sabe que foi no principio do reinado de D. João I.

Em 18 de novembro de 1428, Diogo Mendes de Vasconcellos, senhor do terreno em que estavam as ermidas da Senhora, fez d'isto doação aos frades dominicos de Bemfica, por escriptura publica, lavrada nas notas de Affonso Martins, tabellião publico, da villa de Cezimbra.

Era o doador, cavalleiro e commendador de Coimbra e Ourique.

N'esta escriptura se dá ao sitio da ermida, a denominação de *Santa Maria da Pedra de Múa* [1]. Diz o doador:

«Vendo que é bom e honesto logar, para «em elle viverem e estarem os frades da «dita ordem, de bom e honesto viver, dou «e outorgo aos ditos frades de Bemfica, per«petuamente para sempre, a dita ermida e «logar e direito d'elle, e seu limite, com to«dolos honramentos, e direitos, e pertenças, «que a dita ermida ha, e lhe pertencem, e «podem pertencer ao diante, para sempre, «por qualquer guiza que sejam, que a ella «venham, que os ditos frades hajam tudo «para si, livremente, e sem contenda para o «soportamento e corregimento da dita er«midinha e logar [2]. Aos quaes frades, dou e «outorgo todalas cousas que ditas son, pela «guiza que suzo dito é; e tiro de mim, e «leixo, todo o senhorio, e posse, e proprie«dade, e direito que eu hey, e tenho no dito «logar, e ermida, *e offrendas*, e cousas suzo «ditas.................................

[1] *Múa*, é portuguez antigo, e significa *mulla*. Deu-se-lhe esta denominação em memoria da jumenta que trouxe a Senhora, porque antigamente, *múa* tambem era synonimo de jumenta, assim como *mu*, tanto significava burro, como macho pequeno. Os hespanhoes dizem *mulo*.

[2] Vê-se que ainda então não existia o templo actual.

Consta tambem que o doador a offerecera primeiro aos frades carmelitas, de Lisboa, mas que elles a não acceitaram, pela solidão e aridez do sitio.

«e outro nenhum provincial não haja de vir «em o dito logar, e frades d'elle, para os vi«sitar, salvo o que for prior e vigario de «Bemfica; os quaes, com seu convento, se«jam regedores e governadores, dos frades «que estiverem na dita ermida e logar, etc.»

Foram testemunhas d'esta escriptura, *Joanne Annes*, prior de Santa Maria, de Cezimbra — *Gonçalo Vasques*, e *Joanne Annes* (?), clerigos raçoeiros d'ella, e *Gonçalo Lourenço*, procurador do concelho, e *Diogo Affonso* e *Ruy Vicente*, tabelliães de Cezimbra — alem de outros *homens bôos* da mesma villa.

Esta doação foi approvada pela camara de Cezimbra, em vereação de 25 de julho de 1429, offerecendo-se a concorrer com tudo quanto fosse necessario para a obra do novo mosteiro.

Os frades, porem, achando o sitio muito aspero e deserto, o desampararam.

Passou depois (1550) o padroado da ermida para a casa de Aveiro, e d'ella tomou posse, D. Jorge, filho bastardo de D. João II, primeiro duque d'Aveiro, senhor de muitas commendas da ordem de S. Thiago, que comprehendiam toda a serra da Arrabida, Cezimbra, Azeitão, Palmella, Setubal, Alcacer do Sal, S. Thiago de Cacem, Almada, e outras muitas terras.

Foram os duques d'Aveiro que apresentaram o ermitão da Senhora do Cabo (que era sempre um sacerdote, a que o vulgo dava o titulo de *prior*) até á extincção da nobre e immensa casa d'Aveiro, em 1759. (Vide *Aveiro, Chão Salgado*, e *Villa Nogueira, de Azeitão*.) Depois, passou para a casa do infantado.

Junto ao Santuario moram alguns freguezes da parochia de Cezimbra.

A imagem da Senhora do Cabo (a que appareceu no seculo XIV) é de bôa esculptura, mas tem apenas um palmo d'altura, e está em uma ambula de crystal, dentro de um sacrario.

—

São muitos os cirios que de varias partes concorrem ao santuario da Senhora do Cabo.

Os *giros* principiaram em 1430. Os de Caparica, vão todos os annos festejar a Senhora, no primeiro domingo de maio.

Alem dos cirios comprehendidos no *giro*, vão todos os annos mais os seguintes, que não entram no giro — *Lisboa*, no 3.º domingo depois do Espirito Santo — *Seixal* e *Arrentella*, na 2.ª oitava do Espirito Santo — *Almada*, no domingo da Trindade — *Palmella*, a 15 d'agosto — *Azeitão* e *Cezimbra*, no 1.º domingo de setembro.

Ao principio, todas as romarias eram annuaes, e cada uma tinha uma grande tocha (*cirio*) que accendia durante a sua festa. É por isso que a estas romarias se dá o nome de *cirios*.

São 26 os cirios que entram no *giro*: — Alcabideche, Carnaxide, Tojalinho, Penaferrim, Bellas, Loures, Carnide, Barcarêna, Louza, Santo Antão do Tojal, Oeiras, Bemfica, Râna, S. João das Lampas, Monte Lavar, Rio de Mouro, Belem, Cascaes, Odivellas, S. Martinho de Cintra, Almargem do Bispo, Santo Estevam das Gallés, Egreja Nova, Terrugem, Fanhões, e Santa Maria e S. Miguel de Cintra.

Foi instituida a confraria da Senhora do Cabo, pouco depois da construcção do novo templo, mas os seus estatutos só foram approvados em 1672. (Pelo capitulo 2.º d'estes estatutos eram excluidos da irmandade, o *homem que tenha raça de judeu, ou de outra infesta nação, e os mulatos*. Esta exclusão era imposta em quasi todas as irmandades, até ao fim do seculo XVIII.)

Tambem n'este compromisso se determina que, no sabbado posterior á Ascenção, haja na egreja do Cabo, officio de nove lições de canto e orgam, missa cantada e sermão. De tarde procissão e vesperas, e no domingo de manhan, outra procissão, antes da missa.

O capellão da Senhora do Cabo, não póde intervir nas romarias dos cirios, por lhe ser prohibido pelos estatutos.

As freguezias do giro, andam *á compita*, a ver qual fará a festa com mais estrondo e magnificencia.

Antes de 1710, o arraial estava cercado de casas para abrigo dos romeiros, mas sem ordem nem alinhamento; mas n'esse anno, se deu o risco para o novo arraial, e em

1715, se construiram hospedarias com dous pavimentos. O arraial é quadrilongo, com 140 metros de comprido, pelo N., e 100 pelo S., com 44 de largo. É aberto pelo E., e fechado a O. pelo templo. Ao N. e S., estão as hospedarias e mais accommodações, tudo com uma arcada geral, onde estão as lojas, podendo chegar-se por baixo d'ella á egreja, ao abrigo do sol e da chuva. Do lado do S. é a residencia do capellão.

Do lado do N. ha 63 arcos e 11 escadas de pedra, 21 sobrados, com 46 janellas de frente, e 22 lojas, cada uma com sua janella.

Do lado do S. ha 47 arcos, 9 escadas, 18 sobrados, com 36 janellas, e 18 lojas, cada uma com sua janella.

Cada sobrado e loja, tem uma cosinha, com sua fornalha, uma grande meza, dous bancos e um cabide.

O senhor d'este terreno (o já referido Diogo Mendes de Vasconcellos) foi o fundador da ermida primitiva, concorrendo para isso o povo de Caparica.

Templo da Senhora do Cabo

Em 1490 se lançou a primeira pedra n'este edificio, á custa dos habitantes do termo de Lisboa, e das esmolas e offertas dos fieis. Tendo-o os temporaes damnificado muito, a casa do infantado, padroeira da egreja, desde a extincção do ducado d'Aveiro [1], mandou demolir a antiga ermida, e construir o grandioso templo que hoje alli se admira, concluindo-se as obras em 1707. Nos dias 7, 8 e 9 de julho d'este anno, se fez a trasladação com grande pompa, assistindo o infante D. Francisco, filho de D. Pedro II, que então era o senhor da casa do infantado. Só nas festas da trasladação, gastou o infante réis 1:660$000.

É um templo magestoso, tendo na frontaria, trez portas e trez janellas que dão luz ao côro. Sobre a cimalha está a estatua da Senhora, feita de marmore branco, dentro de um formoso nicho.

Tem duas torres, sendo a do N. para o relogio (hoje arruinado.) A do S. tem dous sinos. Á entrada da porta, ha um guarda-vento, de bella madeira do Brasil, de boa esculptura. No côro ha um optimo orgam.

As paredes interiores da egreja, são revestidas de marmore branco e preto (extrahido das pedreiras da Arrabida) até á cimalha real.

Tem seis tribunas, e entre ellas, quadros representando scenas da vida da Senhora. O tecto é de abobada, tendo no centro o quadro da Assumpção da Senhora; obra de Lourenço da Cunha (pae do famoso José Anastacio da Cunha) pintado em 1740. Ao N. (tambem no tecto) estão pintadas as armas de Portugal, e ao S. as da cidade de Lisboa.

Tem altar-mór, e dez lateraes, sendo estes ultimos, feitos á custa de differentes cirios.

Em 20 de maio de 1780, houve aqui um desacato. Um monge, natural da Catalunha, roubou a pixide, com as sagradas fórmas, mas o proprio sacrilego confessou o crime e restituiu a pixide, que foi reposta no seu logar.

Em 1770, foi todo o templo restaurado, por ordem de D. José I. Foi então construida a grande janella da capella mór, fronteira á tribuna real.

As paredes interiores são revestidas de formosos azulejos, e n'elles pintados os emblemas *Quasi palma, quasi oliva.*

A imagem da Senhora está dentro do sacrario, em um relicario de prata sobre-doirada, que foi dado pelo cirio de Lisboa, em 1680.

Tem a Senhora muitas joias, entre ellas, *um ramo de jasmins, de brilhantes, com as folhas de esmeraldas* — duas corôas d'ouro, cravejadas de brilhantes: ambas estas joias, dadas por D. José I. — Tem mais, um ramo de brilhantes e um manto bordado a ouro, dados por D. Maria I — um manto branco, bordado a ouro, tambem dado por D. José I — um manto azul, bordado a ouro, dado

[1] Os bens do duque d'Aveiro e seus cumplices, lhes foram tirados, formando-se com elles a casa do infantado, a favor do infante D. Pedro (depois, D. Pedro II) e dos mais infantes, filhos segundos dos nossos reis.

pela rainha D. Carlota Joaquina, mulher de D. João VI — e, finalmente, um rico manto, dado em 1809, por José Antonio Queiroga e sua mulher. Alem d'estes, outros muitos objectos de muito valor, ainda que inferiores aos mencionados.

Tem o templo duas sachristias com serventia para a capella-mór, e ambas muito aceiadas.

O templo não preciza de armação, porque os marmores que o revestem, valem mais do que os melhores cortinados.

O throno illumina-se com 60 luzes. Ha dez lustres, de seis luzes cada um: cada altar tem seis castiçaes; e o altar-mór, seis tocheiros — de maneira que nos dias de festa ha duzentas luzes no templo.

—

A *ermida da Memoria*, em que já fallei, está proxima e ao N. da egreja. Tem um adro quadrado, e o interior da ermida, é lageado de pedra O tecto é de abobada.

Em frente da porta, ao E., tem, perto do chão, uma pedra lavrada e apainelada, com esta inscripção:

CONSTA POR TRADIÇÃO SER ESTE
O PROPRIO LOGAR ONDE A MILA-
GROSA IMAGEM DE NOSSA SE-
NHORA DO CABO APPARECIA, E
SE MANIFESTOU AOS VENTUROSOS
VELHOS DE CAPARICA E ALCABI-
DECHE: MOTIVO PORQUE SE FEZ
AQUI ESTA ERMIDA, EM QUE
PRIMEIRO FOI VENERADA, ATÉ
QUE SE TRASLADOU A OUTRA MA-
IOR, E D'ESTA, Á MAGNIFICA EGRE-
JA EM QUE HOJE EXISTE, NO
ANNO DE 1707.

—

Sobre esta pedra, ha um painel, representando, no alto, sobre nuvens, Nossa Senhora com o menino nos braços, e em baixo, os velhos, reclinados, em acção de dormir.

A ermidinha é interiormente ornada com dez quadros, em azulejo, representando a historia do apparecimento de Nossa Senhora do Cabo; tendo cada quadro uma inscripção explicativa.

Do adro d'esta ermida se descobre um magnifico panorama, tanto para terra, como para o mar.

No fundo do rochedo, por este lado, ha uma enseada, onde já tem chegado botes e canôas, com romeiros de Oeiras, Paço d'Arcos e outros logares; mas é muito perigosa.

Proximo á ermida, do lado do O. existem, as ruinas do antigo forte da Senhora do Cabo, principiado em 1672, na regencia do infante D. Pedro, depois, D. Pedro II.—Foi construido quando se augmentaram as fortificações das barras do Téjo e do Sádo.

Tinha as armas de Portugal, sobre o arco da porta, e por cima d'ella, a casa da guarda. Era defendido por cinco peças de calibre 24.

Ainda em 1800 existia este forte, em bom estado, porem, o tempo, o mar, e o abandono o teem arruinado, e apenas d'elle hoje restam as ruinas.

—

Fóra do arraial, e álem das casas que ficam descriptas, ha outras edificações, que são dependencias da casa da Senhora — são — a casa do fôrno — a casa da lenha — *a casa da opera* (que foi construida pelo cirio de Lisboa); teve uma ordem de camarotes, mas hoje tem uma galeria geral. A caixa é espaçosa. Teve bom scenario e vestuario, mas hoje tudo está gasto e velho.

Na casa da fabrica do cirio saloio, fronteira á sachristia da egreja, ha grandes armarios, onde se guardam varios objectos de cópa e cosinha, e de serviço da mesa, para serviço do cirio que entra e do que sáe. Ha tambem uma casa para os prégadores e mais padres que concorrem á festa; e um grande armazem onde se guarda a berlinda, e o carro triumphal.

São notaveis, a *casa da agua*, e o pharol. Antes de subir á casa da água, ha uma alaméda, com cinco ruas, orladas d'arvores, e no fim d'ellas, duas mezas de pedra, com assentos em volta, tambem de pedra. É n'esta alaméda que os romeiros passam grande parte do tempo, em banquetes, danças e descantes. A alaméda é murada, e tem umas janellas ao O., olhando para o mar. No topo da rua central, começa uma escadaria, de cinco lanços, que vae até á casa da agua. Esta é de fórma oitavada, toda lageada de pedra, com assentos em redor, e a parte inferior da parede, revestida de azulejos. Sobre

a abobada, tem uma guarita, com seis vigias. Fronteiro á entrada, está um grande tanque de marmore, d'onde sáe a agua para o chafariz e para a horta. Esta é tambem murada, e fica á direita da alaméda.

A casa da agua foi feita em 1770, por ordem de D. José I, quando n'esse anno, a familia real foi assistir ás festas do Cabo, que foram então grandiosas. Houve trez tardes de touros — vieram barracas de campanha, para acommodar os romeiros — houve um bôdo, para o qual se mataram dezeseis bôis. O rei D. José restaurou as capellas e os edificios, e dotou a Senhora com as joias que já ficam mencionadas, muitas alfaias, e ricos paramentos, bordados por José Camanha, bordador da casa real.

O pharol fica ao S. do arraial, e foi construido em 1790, por ordem de D. Maria I. — Sobe se á lanterna, por 130 degraus. A lanterda é sextavada, com 16 candieiros e 32 luzes. Por fóra da lanterna, ha uma varanda, d'onde se disfructa um formosissimo e vasto panorama.

Todos estes edificios se descobrem do mar, a grande distancia (mesmo com a vista desarmada) avultando no meio d'elles, o sumptuoso templo da Senhora.

—

Até 1751, os romeiros hiam ao Cabo, levando apenas a bandeira: foi n'esse anno que se fez a imagem que anda nos cirios.

Alem das joias já mencionadas, tem mais a Senhora — 8 castiçaes de prata lavrada, para a banquêta — oito mais pequenos, tambem de prata — uma bellissima custodia, de prata soubredourada — uma bacia, um jarro, dous thuribulos, duas ricas navêtas e duas colheres de incenso, 6 varas de palio e duas lanternas, tudo de prata[1].

Os objectos d'ouro, ornados de pedras preciosas, são em grande numero.

—

As festas da Senhora do Cabo, e da Senhora de Nazareth, são as maiores e mais explendidas que se fazem em Portugal.

[1] As varas do palio e as lanternas, foram feitas em 1755, poucas semanas antes do terramoto, e custaram 1:178$375 réis.

—

Como já vimos, a casa da Senhora, teve sempre um eremitão sacerdote, que foi apresentado pelos duques d'Aveiro, até 1759, e desde então até 1834, pela casa do infantado. Mas, os duques d'Aveiro, em 1752, determinaram que o eremitão se denominasse capellão-administrador, tendo 110$000 réis de honorario, annualmente, pagos dos *vintens* que se tiravam das freguezias.

O capellão era obrigado a dizer missa quotidiana, pelas almas dos irmãos, vivos e defunctos.

—

O medonho terramoto do 1.º de novembro de 1755, não causou o minimo prejuizo nos edificios pertencentes á Senhora.

Em 1758, foi restaurada a imagem da Senhora; fizeram-se differentes objectos de prata, e construiram-se mais duas moradas de casas no arraial, o que tudo importou em 1:678$890 réis. No anno seguinte, fizeram-se mais duas moradas de casas, que custaram 816$710 réis.

Em 1761, fez se o sacrario de prata, jarro, bacia e vaso de communhão, tudo de prata, por 665$190 réis.

Em 1764, Antonio da Silva, mordomo do bodo, da freguezia da Ajuda, morador no Bom-Successo, e Simão Dias, do mesmo logar, deram á Senhora, a custodia de prata lavrada e dourada, de que já fallei, com uma inscripção que declara o nome dos offerentes e a data da offerta. Custou 350$000 réis.

Os francezes, roubaram, em 1807, todas as joias da Senhora, que estavam no thesouro, incluindo quatro ricas lanternas de prata que tinham sido offerecidas por D. José I.

Em 1771, fez-se uma outra casa no arraial, para a fabrica da Senhora e outras obras, no que se gastou 1:288$470 réis.

Em 1777, se fizeram tres sacras de prata, e o guarda-vento, o que custou 1:092$105 réis.

Em 1784, que era o anno do giro de Bellas, se fez uma das maiores festas que aqui tiveram logar. Foi juiz, o principe D. João

(depois D. João 6.º) Assistiram a estas festas, D. Maria I, D. Pedro III, o principe D. João, os infantes, e toda a côrte. A musica foi a da casa real. Houve cavalhadas, e tres tardes de touros, sendo corridos e mortos em cada tarde 24 touros, que foram cosinhados para o bôdo.

A egreja estava illuminada com vinte lustres de crystal, e teve, ao todo, DUAS MIL LUZES.

No arraial, foram collocadas 2 000 barracas de campanha, das melhores que então tinha o exercito.

Em todas as tres noites da festa, houve surprehendentes fogos de artificio.

No bôdo do domingo, cada pobre, além de um grande jantar, teve 480 réis, que o principe lhe mandou dar.

O regimento de Setubal, fez a guarda real, e a policia do arraial.

Em 1791, se fizeram as cazas, no arraial, em frente do cruzeiro, ao N., que custaram 2:370$275 réis.

Em 1793, deixou de haver capellão da Senhora do Cabo.

Em 1796, festejou a freguezia da Ajuda, sendo juiz, o principe regente, depois D. João VI. Assistiu a familia real e a côrte. As festas d'este anno, em nada foram inferiores ás de 1784.

Em 1804, por uma provisão do principe regente, foram isentos de direitos, todos os generos que se vendessem no arraial da Senhora.

Em 1810, foi juiz o sr. D. Miguel, depois 1.º do nome. Como a familia real estava então no Brasil, dirigiu as festas o visconde de Santarem, que mandou, n'esse anno, concertar o orgam. As festas foram tambem grandiosas.

Em 1817, se nomeou novamente capellão da Senhora, com o ordenado de 172$800 réis annuaes.

—

Os cirios que iam ao Cabo, pagavam cada um, a titulo de esmola, 960 réis por cada sobrado, e 480 por cada loja, o aluguel dos lustres e o uso do orgam; mas o cirio de Lisbôa, não pagava nada d'isto.

Em 1828, foi a egreja da Senhora roubada por tres vezes. Desconfiou-se do padre Domingos Antonio de Carvalho (que era capellão desde 1817) da criada d'elle e de um preto. Foram todos tres presos. O preto, morreu no Limoeiro, sem fazer nenhuma declaração — a criada, confessou que viéra de noite á egreja beijar a Senhora, mas já lhe não vira o cordão d'ouro. O padre esteve preso em Lisbôa, mas conseguiu evadir-se, e *foi para a Ilha Terceira, d'onde veiu com o exercito da sr. D. Pedro, no qual serviu durante a guerra civil, de 1832 a 1834, e no fim d'ella, teve uma rendosa abbadia.* (Devia ser até feito bispo.)

Em 1837, fez-se a maquineta de prata, onde está a imagem da Senhora.

Em 1848, festejou a freguezia da Ajuda, e a sr.ª D. Maria II, mandou fazer uma bandeira, com a imagem da Senhora, bordada a ouro fino. Fez á sua custa toda a festa da egreja.

—

Se não tivesse havido tantos... *estravios;* se o salteador Junot não tivesse roubado as joias da Senhora, a que pôde deitar as garras; e se não se tivessem dado tantas... *irregularidades* nas contas, a Senhora do Cabo do Espichel, era incontestavelmente a mais rica de Portugal, pois ha 480 annos que os fieis lhe teem levado innumeraveis e valiosissimas offertas e esmolas.

A devoção para com a Santissima Virgem, da invocação de *Senhora do Cabo,* não tem esfriado, apezar da descrença do seculo, e dos furibundos *sermões* e diatribes dos homens sem fé; e as festas da Senhora, continuam a ser tão explendidas e concorridas como antigamente.

SENHORA DO LORÊTO — Perdeu-se a cidade de Ptolemaida, na Syria, em 18 de maio de 1291. Era a ultima cidade que os christãos tinham na Palestina.

Segundo a lenda, a casa de Nazareth, onde nasceu a mãe de Jesus Christo, foi mudada pelos anjos, no dia 9 de maio do dito anno de 1291 (nove dias antes de perdida a cidade) para a costa da Dalmacia, fronteira á Italia, para um monte, sobre o mar *Ilirico,* entre as povoações de *Tersate* e *Rio.*

Trez annos e sete mezes esteve a casa da

Senhora n'este logar, e a 10 de dezembro de 1294, foi de novo levantada *pelos anjos*, e levada á contracosta da Italia, para um bosque visinho da cidade de Recanate, no Campo Piceno, ou Marca d'Ancona.

Era este bosque, de uma senhora, chamada *Laura*, e d'aqui vem a denominação de *Laurêto*, ou *Lorêto*; mas, ainda *os mesmos anjos*, tornaram a mudar a casa da Senhora, para o sitio actual, não muito distante do antecedente, e no mesmo districto de Recanate.

Os dalmatas, construiram uma nova egreja no sitio do Lorêto, e com a invocação da mesma Senhora.

O papa Gregorio XIII, mandou que, por ser a egreja do Lorêto (de Recanate) capella dos pontifices, se celebrassem n'ella os officios divinos, como na egreja de S. Pedro, em Roma; e Sixto V a erigiu em bispado.

—

Tratemos agora das egrejas da invocação de Nossa Senhora do Lorêto, que ha em Portugal, principiando pela mais antiga.

—

Senhora do Lorêto, da villa de Juromenha — Alemtejo, no concelho do Alandroal, comarca do Redondo.

O nosso rei D. Diniz, tendo noticia do que acaba de lêr-se com respeito á casa do Lorêto, na occasião em que tratava de reedificar a villa e praça de Juromenha (1312) quiz que a egreja matriz, então construida, tivesse a invocação de Senhora do Lorêto.

Durante a guerra da restauração, e reinando D. Affonso VI, os castelhanos entraram em Juromenha, saquearam-a, queimaram os cartorios e varias casas, e roubaram a imagem da Senhora, mas foi restituida em 1668, depois da paz.

—

Senhora do Lorêto, de Lisboa — Pelos annos de 1518, resolveram os mercadores italianos, residentes em Lisboa, construir uma egreja, para lhes servir de parochia, e comprado o chão, junto ás *portas de Santa Catharina*, edificaram uma formosa egreja, no mesmo logar onde está o sumptuoso templo que hoje admiramos.

Sendo papa Leão X, escreveram os fundadores a D. Pedro Regalosa, conde palatino, para que impetrasse do cabido da Santa Sé, a auctorisação para que a egreja da Senhora do Lorêto de Lisboa, fosse considerada filial da de S. João de Latrão; o que lhes foi concedido.

Instituiram logo uma irmandade, composta de homens e mulheres da mesma nação (Italia) que foi das mais florescentes de Lisboa.

No dia 28 de março de 1651, quarta feira de trevas, pelas 9 horas da manhan, um pavoroso incendio reduziu esta egreja a um montão de ruinas.

Trataram logo os italianos de construir novo templo, no mesmo sitio do antigo, e muito mais explendido do que elle fôra, e para custeamento das obras, se cotizaram com meio por cento de todas as fazendas que entrassem ou sahissem pela barra de Lisboa, á ordem de negociantes italianos.

André Carrega, um dos mercadores italianos, deu logo 10:000 cruzados; e outra egual quantia, Nicolau Micon.

Tambem concorreram muitos portuguezes para esta reconstrucção.

Principiou a obra, logo no dia da Senhora dos Prazeres (21 d'abril) do mesmo anno de 1651, concluindo-se a egreja e suas dependencias em 7 de setembro de 1679, e no dia seguinte (Natividade da Senhora, e que foi sempre o dia da festa da padroeira) veio a imagem da Senhora — que se havia podido salvar do incendio — da capella da Senhora do Alecrim, onde tinha estado emquanto duraram as obras, em solemne procissão, para a sua nova egreja.

Os referidos André Carrega, e Nicolau Micon, fallecendo sem herdeiros forçados, deixaram quanto tinham á egreja do Lorêto.

Cada um d'estes doadores instituiu quatro capellães, para dizerem missas quotidianas.

É esta egreja uma das mais sumptuosas de Lisboa, e custou mais de 400:000 cruzados, ou 160:000$000 réis. É toda de magnificos marmores, de varias côres, vindo muitos d'elles de Italia.

Tem doze capellas — a capella-mór, duas

lateraes, na mesma, e nove no corpo da egreja.

Tem uma rica irmandade do Santissimo Sacramento, que faz as despezas do culto.

Tem algumas reliquias, entre ellas, o corpo de S. Justino, martyr, trazido de Roma pelo cardeal Marcello Durazo, quando veio por nuncio a Portugal. (O santo está debaixo do altar-mór.)

Admiram se na egreja excellentes pinturas, de artistas famosos, doze estatuas de jaspe, representando os doze apostolos, e quatro dos evangelistas, todas de tamanho natural.

Tem muitos objectos de prata, tão ricos pela materia, como primorosos pela delicadeza do trabalho. Os paramentos e alfaias tambem são da maior magnificencia.

(Vide 4.º vol., pag. 104, col. 2.ª)

—

Senhora do Lorêto, nos arrabaldes de Coimbra — Suppõe-se que foi fundada pelo bispo de Coimbra, D. Frei João Soares, no seculo XIV. — Foi reedificada pelo conego Manoel Telles, em 1564.

—

Senhora do Lorêto, extra-muros de Bragança — Está esta ermida ao O. da cidade, junto ao Calvario, sobre o rio Fervença. Foi fundada pelo padre frei Manuel Corvo, religioso menor, no reinado de D. João III.

O licenceado Manoel Gomes Correia, lhe deu o chão, em sitio apropriado, e á sua custa e com esmolas dos fieis, se construiu o templosinho.

Pelo decurso dos annos, e estando a ermida bastante arruinada, foi demolida e reedificada de novo *á fundamentis*, á custa do padre João de Prada, abbade de Monforte do Rio Livre.

Antigamente, hia o senado da camara de Bragança, todos os annos, em dia de Santo Amaro, encorporado, em visita a esta ermida, e ahi mandava celebrar uma missa cantada e sermão, por voto antigo dos vereadores. Esta romagem já acabou ha muitos annos.

—

Senhora do Lorêto, na antiga villa e freguezia de Monforte do Rio Livre — Hoje unida á freguezia de Lebução, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Valle Paços. (Vide *Monforte do Rio Livre.*)

Foi a ermida da Senhora do Lorêto d'esta freguezia construida pelo mesmo abbade, João de Prada, natural de Bragança, e parocho de Monforte do Rio Livre, pelo mesmo tempo que mandou construir a antecedente.

—

Alem das capellas de Nossa Senhora do Lorêto que ficam mencionadas (as unicas de que tenho noticia) havia tambem quatro mosteiros da invocação d'esta Senhora — e são — O de *Santo Antonio dos capuchos*, a 3 kilometros de Tancos — O de *S. Thiago do Cacem* — O da *provincia da Piedade*, na villa de Sines — O de *Lagos* (Algarve) fundado por D. Fernando Coutinho, bispo de Silves.

Alem d'estes quatro mosteiros de frades, havia outro de freiras, na villa d'Almeida, com a mesma invocação. Foi primeiramente fundado na freguezia da Nave, concelho do Sabugal, e se mudou para Almeida, pelos annos de 1560.

SENHORA DA LUZ — santuario, Traz-os-Montes, na freguezia de Constantim e Cicouro (ou *Cicouro* e *Constantim*), comarca e concelho de Miranda do Douro.

Na raia, onde Portugal se divide de Castella, junto ao marco que separa os dous reinos, está a ermida da *Senhora da Luz.*

É tradição constante entre os povos d'estes logares, que o templo foi mesquita de mouros, sendo depois purificado, e transformado em egreja christan.

A imagem da padroeira tem 1^{m},10 d'alto, e a sua festa é no dia de S. Marcos, evangelista (25 de abril) e havia então aqui uma grande feira e concorridissimo arraial, de portuguezes e castelhanos.

SENHORA DA LUZ — Vide *Foz do Douro*, e *Luz* (as trez freguezias d'este nome, e a aldeia da Luz, na freguezia de Carnide.)

SENHORA DAS MALEITAS ou **DO LOUREIRO** — santuario, Douro, na freguezia de Gove, comarca e concelho de Bayão.

Fica a ermida mesmo na estrada. Dão-lhe o titulo de *Maleitas*, porque a ella recorrem os que soffrem de febres intermitentes; e do

Loureiro, por uma grande e antiga arvore d'esta especie, que está junto á ermida.

É templo antiquissimo, e não se sabe por quem nem quando foi fundado.

SENHORA DAS MERCÊS — de Lisboa — Havia na Rua Formosa uma ermida muito antiga, com um recolhimento de beatas, do titulo de *Nossa Senhora das Mercês*.

Com esta senhora teve muita devoção o desembargador do paço, Paulo de Carvalho, tio bisavô do grande marquez de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Mello, e achando a sua ermida acanhada e em estado de ruina, a mandou reedificar á sua custa, com mais amplidão e magnificencia, fazendo a cabeça de um morgado que instituiu.

Como a egreja parochial lhe ficava muito distante, pediu ao cabido, *sede vacante*, que erigisse a egreja da Senhora das Mercês em matriz de uma nova freguezia, o que lhe foi concedidó, em 26 de outubro de 1652, e cuja escriptura, de separação da antiga matriz, foi então lançada nas notas do tabellião João Lobato d'Almeida.

Ficou o padroado da egreja pertencendo ao dr. Paulo de Carvalho, e a seus descendentes, de maneira que, até 1833, eram os marquezes do Pombal que apresentavam o parocho.

Morrendo o fundador sem filhos, herdou o mórgado, seu sobrinho, Sebastião de Carvalho e Mello, avô do primeiro conde de Oeiras e primeiro marquez de Pombal.

A irmandade do Santissimo d'esta freguezia tinha cinco capellães, com missa quotidiana, nomeados pela mesma.

É um templo magnifico, com altar-mór e quatro capellas lateraes; tendo as paredes revestidas de formosos azulejos.

Festeja-se a padroeira no seu dia proprio (24 de septembro) havendo então lausperenne, e as mais solemnidades do costume.

SENHORA DAS MERCÊS — santuario, Extremadura, proximo á aldeia de Meleças, na freguezia e proximo de Bellas, concelho de Cintra.

É templo muito antigo, não se sabendo quando nem por quem foi construido.

Tem uma romaria muito concorrida, no seu dia (24 de septembro) e antigamente hiam alli varios cirios, de differentes freguezias. Ainda em 1876 alli foi o cirio da freguezia d'Alcantara, extra-muros de Lisboa, com grande magnificencia, e tem continuado nos annos seguintes.

Esta devoção do povo d'Alcantara, com a Senhora das Mercês, teve origem no tempo de uma epidemia, e recorrendo o povo á Senhora, cessou o contagio. Desde então, tem continuado aquella devoção, sahindo a imagem da Senhora, em berlinda, da freguezia d'Alcantara, no dia 4 de junho, para Meleças, fazendo se aqui a festa no dia seguinte, e regressando á sua egreja, no dia 6.

Meleças é corrupção da palavra arabe *Maliça*, que significa cousa plana, macia, branda, etc. Tambem significa vazio, despejado; mas esta significação compete ao rio de Meleças e não á povoação.

SENHORA DAS MERCÊS — santuario, Extremadura, nos arrabaldes da villa d'Ourem, concelho de Villa Nova de Ourem.

Vide 6.º vol., pag. 339, col. 1.ª

SENHORA DAS MERCÊS — santuario, Alemtejo, na freguezia de Bencatel, concelho de Villa Viçosa, comarca de Extremôz.

Tem esta freguezia 12 kilometros de comprido e 8 de largo.

A 3 kilometros da egreja matriz, está a ermida de S. Pedro, apostolo, vulgarmente chamada *Nossa Senhora das Mercês*.

Havia em Villa Viçosa (que fica apenas a 3 kilometròs de Bencatel), uma mulher, chamada Maria Francisca, sobrinha do padre Diogo Vieira, vigario da vara da mesma villa, e irman dos conegos d'Evora, Thomé Alvares Velho, e Diogo Vieira.

Segundo a tradição, pelos annos 1600, chegou a casa de Maria Francisca, uma peregrina, pedindo acolheita, o que lhe foi concedido, porque Maria Francisca era muito caritativa. A forasteira sabia curar a tinha, e a hospedeira tinha dous filhos com esta terrivel molestia, pelo que aquella se demorou alguns dias, até a completa cura dos rapazes.

Sabia Maria Francisca que a estrangeira trazia em um sacco, a cabeça e mãos de uma imagem da Santissima Virgem; e, *assim que apanhou os filhos curados*, deu parte ao tio,

vigario da vara, que logo com o seu meirinho, veio a casa da sobrinha, e prendeu a mulher.

Foi levada á presença da justiça, e respondeu ao interrogatorio, que seus fallecidos paes eram muito pobres, e que só lhe deixaram esta santa imagem, com a qual tinham grande devoção. A mulher foi solta, e a imagem ficou em poder de Maria Francisca, que logo lhe mandou fazer a *roca*, vestiu-a convenientemente, e a collocou em um nicho; mas, passados alguns mezes, a levou para a ermida de S. Pedro, e a collocou no altar-mór.

Em breve se propagou a devoção da Senhora das Mercês, e principiaram a ir alli varios cirios e romarias.

A imagem da Senhora é de roca, como vimos, e de um metro de altura. Não tem rendimentos proprios; mas, com esmolas dos fieis, e com as offertas dos romeiros, em breve se juntou o precizo para se lhe construir ermida propria, e junto á capella-mór da egreja casas para abrigo dos romeiros, e uma vasta cavallariça para as bêstas.

A festa da Senhora é no dia da sua natividade (8 de setembro) e sempre muito concorrida.

Todos os mais santuarios da invocação de Nossa Senhora — qualquer que seja a sua invocação — vão nas terras onde estão situados.

SENHORIM — villa, Beira Alta, concelho de Nellas, comarca de Mangualde, 18 kilometros de Viseu, 295 ao N. de Lisboa, 560 fogos.

Em 1768, tinha 251.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O real padroado apresentava o vigario, collado, que tinha 100$000 réis de rendimento.

É povoação muito antiga. Segundo o padre Carvalho, D. Affonso I lhe deu foral em 1140, mas Franklin não falla n'este foral.

O rei D. Manoel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 30 de março de 1514. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 114, col. 1.ª)

É agora o foral de Nellas.

Foi cabeça do concelho do seu nome, com 1:400 fogos. Foi supprimido em 1853.

A freguezia chama-se Senhorim; mas a povoação que foi cabeça do concelho, tinha antigamente o nome de *Villa*.

Era concelho, desde o principio da monarchia. No reinado de D. Manoel se mudou a casa da camara, cadeia e pelourinho, para a povoação de Villar-Sécco, por diligencias de D. Luiz da Cunha e seu irmão, D. Pedro da Cunha, senhores da casa de Santar. Passados annos, tornou a povoação da Villa (Senhorim) a ser cabeça de concelho, até á sua suppressão.

É n'esta freguezia a nobre e antiga casa dos Cunhas, de Santar, comprehendendo o palacio e a grande quinta de *Casal-Bom*.

N'esta freguezia está a ermida de *Nossa Senhora do Viso*, muito antiga, e construida á custa de esmolas dos moradores da villa. O verdadeiro titulo da padroeira é Senhora da Expectação — ou do Ó — mas ha alli outra imagem, mais moderna, de Nossa Senhora do Viso, que é a mais devota. Dão-lhe a denominação de *Senhora do Viso*, por ser feita pela imagem da Senhora d'este titulo, que se venera em Carvalhal-Redondo, que fica a 6 kilometros de distancia, e no mesmo concelho de Nellas.

Tem uma irmandade, cujos estatutos foram confirmados em 1619, por Balthazar Fagundes, provisor do bispado.

É esta irmandade que cuida da conservação e aceio da ermida e lhe faz a festa, que é bastante concorrida.

Antigamente, vinham os habitantes de Senhorim, na quinta-feira santa, em procissão a esta ermida, que fica apenas uns 1:200 metros distante da matriz, mas perto da villa.

A capella está situada em um monte, banhado da parte do S. pelo *rio do Castello*, e pelo E., lhe corre ao sopé o *rio da Ponte*.

A ermida é bonita, e tem capella-mór, com 7 metros de comprido, por 3ᵐ,50 de largo. O corpo da egreja tem o mesmo comprimento, mas 5 metros de largo.

Tem uma soffrivel sachristia.

Cannas de Senhorim, villa proxima e do mesmo concelho de Nellas, foi tambem cabeça do concelho do seu nome, e supprimido ao mesmo tempo que o de Senhorim. Vide *Canas de Senhorim.*

SENHORINHA —(Santa)—Vide *Basto (Santa Senhorinha.)*

SENHOS — portuguez antigo — seus — *senhas*, o mesmo que *suas*. Tambem se dizia *sênos* e *sênas*.

SENOURAS— freguezia, Beira Baixa, concelho d'Almeida, comarca de Pinhel (foi do extincto concelho de Castello-Mendo, comarca do Sabugal), 80 kilometros de Lamêgo, 315 ao E. de Lisbôa, 55 fogos.

Em 1768, tinha 50.

Orago, Santa Catharina, virgem e martyr.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O reitor de Leonil apresentava o cura, que tinha 10$000 réis de congrua, e o pé d'altar.

Como fica dito, esta freguezia pertencia ao antigo concelho de Castello-Mendo, que foi supprimido, em 1855.—Passou para o concelho do Sabugal, e, em dezembro de 1870, ficou fazendo parte do concelho d'Almeida. (Vide *Castello-Mendo.*)

O *Portugal Sacro* dá a esta freguezia o nome de *Sinouras*.

SENRA— portuguez antigo.—Seára, ou ceara. (É contracção de *senara*, ou senaria.)

D. Ramiro II, de Leão, doou (933) ao mosteiro de Lorvão, duas partes da villa de *Alvalat* (Alvallade) «*et de sua senra*» isto é — do seu campo. Vide *Alvallade*.

SEPÃES —Vide *Cepães*.

SEPINS —Vide *Cepins*.

SEPTEMBRO —nome proprio de homem. Tambem o 9.° mez do anno.

Antigamente davam-se os nomes de varios mezes, ás creanças, no baptismo. Vemos com frequencia, nos documentos antigos — *Janeiro* e *Janeira* (heje diz-se *Januario* e *Januaria*, que é o mesmo nome, alatinisado) *Fevereiro*, *Abril*, *Maio*, *Julho* (hoje diz-se *Julio*, que vem a ser o mesmo, mas alatinisado) *Agosto* (hoje diz-se *Agostinho*) e *Septembro*.

SEPULCHRO —(Santo)— Ordem militar e canonica do *Santo Sepulchro*, ou de Jerusalem. Foi instituida em Portugal, no tempo do conde D. Henrique. Sua mulher, a rainha D. Thereza, deu a esta ordem, em 1123, as villas de *S. Payo de Gouveia* (tambem chamado *S. Payo da Serra*) que depois coutou seu filho, D. Affonso I — *Ladairo*, que depois coutou D. Sancho I — e *Paços de Penalva*.

Estes cavalleiros se estabeleceram primeiramente em *Villa Nova de Penalva*, que por isso se chamou *Villa Nova do Sepulchro*. Esta villa ficava sobranceira ao rio *Om* (hoje *Dão*) e na sua margem: pertencia á parochia de *Trancozêllos* (que esteve annexa á do Castello de Penalva, e é hoje do concelho de Penalva do Castello.)

Ainda no sitio onde existiu Villa Nova do Sepulchro, se vê a antiquissima egreja, e os vestigios do mosteiro da ordem, em uma grande quinta, que foi da commenda de Cezures, e que ainda se chama *Quinta do Mosteiro*.

SEPULTURAS — Os egypcios, não enterravam os cadaveres dos seus, nem os queimavam: embalsamavam-os, e os guardavam em urnas em suas proprias casas; mas os reis e suas familias, eram guardados em sumptuosos mausoleus. As famosas *pyramides do Egypto*, estão cheias de mumias dos seus *faraós*, filhos e creados, e tambem de varios animaes mumificados, a quem os egypcios prestavam culto.

A perfeição dos embalsamentos, era segundo a riqueza do fallecido, ou a amisade dos herdeiros.

Os gregos tambem erigiam aos seus defunctos — se eram ricos — sumptuosos mausoleus, nos quaes, ora depositavam o cadaver, ora as suas cinzas.

O patriarcha Abrahão, assim que morreu Sára, sua mulher, comprou a Efron, o seu campo, onde havia uma caverna com dous compartimentos, em um dos quaes sepultou Sára, e, por sua morte, foi sepultado no outro.

Os povos da raça semitica, á qual pertenciam os hebreus, uns enterravam, outros queimavam os seus defunctos. O mesmo acontecia na nossa Peninsula, entre os celtas, ou pre-celtas. Vide *Mâmoa.*

Os romanos queimavam os seus mortos até ao tempo do imperador Graciano, que prohibiu este antigo costume.

As pessoas poderosas faziam construir as suas sepulturas em subterraneos (catacumbas) mas depois a *Lei das doze tábuas,* prohibiu os enterramentos dentro das povoações: então, os particulares principiaram a fazer erigir os seus jazigos nas *villas* (casas de campo) ou á beira das estradas publicas. Era frequente o uso de se gravar nos mausoleus esta inscripção:

Oro ut praeteriens dics:
Sit tibi terra levis,
A cineris quoque flores legantur.

(Rogo-te que digas quando por aqui passares — A terra te seja leve, e de flores se cubram as tuas cinzas.) Tambem se lia em algumas sepulturas — SIRTE VIATOR

Mas, na maior parte das lápides sepulchraes romanas, se vê no principio da inscripção — D. M. (dedicada aos deuses manes — ou dos mortos) e no fim H. S. E. — S. T. T. L. (aqui jaz, ou está sepultado — *Hic Sepultus Est* — a terra te seja leve — *Sit Tibi Terra Levis.*)

Os pobres e os escravos, tinham suas *necropoles* (cemiterios) a que se dava o nome de *putivuli.* Em Roma ficavam na margem da *Via Apia.*

Tambem havia *jazigos de familia,* especie de *carneiros,* com repartimentos, onde se depositavam as cinzas dos mortos. A estes repartimentos se dava o nome *de loculi capuli* [1].

Até ao tempo do imperador Constantino Magno, que se fez christão, a rogo de sua mãe, Santa Helena, os christãos eram sepultados em cavernas subterraneas; mas, depois do anno 330, em que Constantino deu a paz aos christãos, se construiram muitas egrejas, e se purificaram os templos idolatras e alli foram depositadas as cinzas dos martyres.

Desde então, todos os christãos queriam ser enterrados juncto das sepulturas dos martyres; mas poucos conseguiam esta graça, que era reservada aos imperadores, bispos, abbades monachaes, e pessoas de reconhecida santidade. Por fim, principiaram a ser enterrados nas egrejas todos os que morriam como catholicos.

O imperador Theodozio Magno, prohibiu os enterros nos templos. O *Canon* 18.º do concilio bracharense, do anno 543, tambem prohibiu os enterros, não só dentro dos templos, mas até no interior das povoações. Estas prohibições foram esquecendo, e nos principios da nossa monarchia, já muita gente se enterrava nas egrejas.

Os mulsulmanos enterravam os seus mortos fóra das povoações (ordinariamente em sepulturas cavadas a picão nos rochedos.) Ainda hoje em Portugal se vêem em varias partes estes cemiterios (*almocavares*) como temos visto em muitos logares d'esta obra. (Vide *Tamacana via.*)

Em Portugal, poucos cemiterios havia antes de 1832, e só então, por causa do terrivel flagello da *cholera morbus,* se benzeram terrenos em varias localidades, para n'elles serem sepultados os defunctos.

Os decretos de 21 de septembro, e 8 de outubro de 1835, e o de 3 de janeiro de 1837, e carta de lei de 27 d abril do mesmo anno, prohibem os enterramentos dentro das egrejas; mas o povo da maior parte das terras,

[1] Por direito romano, qualquer particular podia, por seu mero arbitrio, fazer religioso qualquer terreno, enterrando n'elle os seus defunctos. (§ 6.º da *Instit. de divis rer.*) Solon tambem prohibiu os enterros dentro das povoações.

Os soberanos eram nos primeiros tempos do christianismo, sepultados dentro da cidade, mas fóra do recinto dos templos, nos adros, ou nos porticos. Depois, todos se enterravam tambem junto dos templos christãos.

Parece que no tempo dos romanos, só por uma graça especial dos pontifices pagãos, se podia ser sepultado proximo aos templos. A isto nos induz uma inscripção, omissa

não fez caso de taes prohibições, e com o pretexto de serem enterrados juncto de seus ascendentes, continuaram a sepultar-se nos templos.

A maior parte das freguezias ruraes, enterram os seus mortos, nos adros das egrejas; e não poucas os enterram dentro d'ellas, a despeito de todas as prohibições, sem que os parochos lhes façam ver os inconvenientes d'esta perniciosa superstição.

Só em 1838, é que se principiaram a construír cemiterios parochiaes.

A direcção geral da administração politica e civil do ministerio dos negocios do reino, publicou uma circular, pela qual determina sua magestade el-rei que os governadores civis dos districtos administrativos do continente do reino e ilhas adjacentes empreguem, e façam empregar, as necessarias diligencias para que se levem a effeito, no mais curto praso possivel, as providencias ordenadas na portaria de 24 de janeiro de 1872, na qual manda sua magestade, que nos cemiterios publicos já estabelecidos, e nos que de futuro se estabelecerem, sejam destinados espaços de terreno sufficientes para o enterramento de individuos, que não professem a religião catholica, ou forem privados de sepultura ecclesiastica, em relação ao logar onde houverem de ser sepultados, e outrosim que os ditos espaços de terreno sejam sujeitos á mesma fiscalisação dos cemiterios de que fizerem parte, devendo todavia ser separados d'estes por um pequeno muro.

O *Diario do Governo*, de 2 de junho de 1877, publicou uma portaria, na qual, por constar que se enterravam *civilmente* (ou incivilmente) muitas pessoas que tinham vivido no gremio da egreja catholica, cujos enterros eram quasi sempre promovidos por individuos estranhos ás familias dos defuntos, e valendo-se da pobreza d'estas, obter o seu consentimento, por dinheiro, determina ao governador civil do districto de Lisboa, que faça transmittir aos regedores de paro-

nas *Inscriptiones romanae*, do dr. Levy Maria Jordão de Paiva Manso (que morreu *visconde de Paiva Manso*) e que traz o meu amigo e mestre, o sr. dr. José Joaquim da Silva Pereira Caldas, no seu folheto—*Os cemiterios christãos.*—Eis a inscripção:

P· POPIL. AVITVS. P. F.
INDVLGENTIA. PONTIFICIS. IGEDITANOR.
LOCVM. SEPVL. ACCEPI
ANTE. AED. DEAE. MAGNAE. CYBELES.
QVUAM. IRATAM. MORTE. SENSI.

(*Eu, Publio Pompilio Avito, filho de Publio*, por graça do pontifice dos igeditanos, *obtive terra de sepultura, em frente do templo da grande Deusa Cybeles, que na hora da* minha morte, conheci estar indignada.)

Diz ainda o sr. Pereira Caldas:

«V.—O que no campo da hygiene se está pleiteando, é a *preferencia actual* entre a *inhumação* e a *incineração*:—praxes outr'ora em *uso* e *desuso*, conforme o predominio religioso das *edades ethnologicas*, a que dera nome caracteristico o *material das armas*.

«Na *edade de pedra*, domina a preferencia da *inhumação* do morto, depondo-o assentado em cova mais funda que longa—na posição do embrião no utero materno.

«Na *edade de bronze*, predomina a *incineração* dos cadaveres, com guarda respeitosa das cinzas em *cinerarios* portateis.

«Na *edade de ferro*, domina a *inhumação* do morto, depondo-o ao comprido, em cova mais longa que funda, com o rosto voltado para o ceo.

«VI.—Na *inhumação* da *edade de pedra*—usada ainda n'alguns povos selvagens—depunha-se assim o cadaver, *á espera d'uma nova nascença da mãe-terra, creadora e vivificadora de tudo.*

«Na *incineração* da *edade de bronze*—a que na actualidade se quer dar preferencia—*facilitava-se a evolução do espirito para as regiões ethereas, e adaptavam-se as cinzas a uma guarda facil ao pé dos parentes.*

«Na *inhumação* da *edade de ferro*—em uso geral entre os povos civilisados—*dá-se á terra o que é da terra. para consumpção lenta dos restos mortaes:*—ou se *incamerem* os cadaveres em *nichos nas rochas;* ou se *mumifiquem* em necropoles; ou se *enterrem* em sepulturas.

«VII.—N'estas «praticas rituaes» para com os mortos—embora differentes entre si—manifesta-se um «sentimento commum» em todas.

«É a convicção intima—«profunda e irrefragavel»—d'existir no homem, *alem dos restos mortaes*, outro *principio* de que elles são invólucro—principio sobrenatural, como o *Creador* de que dimana.

«Não é por isso de maravilhar, que pela

chia, para por elles serem pontualmente cumpridas, as seguintes instrucções:

O regedor, logo que tenha noticia do fallecimento de algum seu comparochiano, indague se elle, por testamento, ou declaração escripta, manifestou o desejo de ser enterrado civilmente. N'este caso, o regedor não se opporá á vontade do finado; mas na falta d'esta declaração ou testamento, providenciará, d'accordo com o respectivo parocho, para que o enterramento se faça segundo o rito catholico. Se as familias do finado, pela sua pobreza, não poderem occorrer ás despezas do enterro, serão estas feitas pela auctoridade, se não houver instituto de piedade que se preste a concorrer para tal fim.

Esta portaria é datada de 26 de maio de 1877, e referendada pelo marquez (hoje duque) de Avila e de Bolama.

—

Devemos reconhecer que no enterramento em egrejas, não se attendeu nem ao bem das almas dos mortos, nem á saude dos vivos, porquanto, aquelles tanto se pódem salvar estando enterrados nas egrejas, como em qualquer cemiterio, e estes, aspirando os putridos miasmas que exhalam os corpos em dissolução, estão sujeitos a varias molestias, quasi sempre perigosas. (*Cod. de l'humanité*, verb. *Cimitere* — Doutor Lourenço Trigo de Loureiro, *Inst. de Dir. Civil Brasileiro*, livro 2.º, tit. 2.º, e nota 115, ao § 260.—Dr. A. R. Liz Teixeira, *Curso de Direito Civil Portuguez*, tom. 2.º, tit. 1.º, § 6.º —Mello Freire, *Inst. Jur. Civ. Lus.*, livro 3.º, tit. 1.º, § 6.º.

SEQUEIRA — freguezia, Minho, concelho, comarca, districto administrativo, arcebispado e 15 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 122.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Expectação, ou do Ó.)

A mitra apresentava o abbade, que tinha 500$000 réis de rendimento.

bocca de *Cicero*, nas LEGES —II. 22 — dissesse a rasão em relação a estes *ritos de piedade com os finados:*—«tanta religio est sepulchrorum.»

«VIII — Se no entanto — nos primeiros seculos do christianismo — eram sepultados os fieis fóra dos templos, em praxe geral; não é só dos «seculos ulteriores», o enterrarem se os mesmos fieis no seu interior.

«Sem fallarmos dos tempos das perseguições, em que os templos eram os «cemiterios» — *as catacumbas;* vêmos no seculo IV o imperador *Constantino Magno*, edificando a Basilica dos Apostolos, para ter n'ella o seu ultimo repouso.

«Vemos a *S. Paulino*, fazendo menção de capellas dentro de templos, destinadas a servirem de jazigos aos fieis.

«Vemos no seculo seguinte a *Sancto Ambrosio,* não só preparando a sua sepultura dentro do templo, senão tambem enterrando n'ella a seu irmão Sátyro — ainda que leigo — ao pé do sepulcho de S. Victor.

«Na Egreja Taurinense, conforme nos diz *S. Maximo* — e na Africa, segundo nos diz *Sancto Agostinho* — era conhecida tambem desde tempos remotos esta mesma praxe.

«IX. — Precisar o começo dos enterramentos nos templos em nosso paiz; é assumpto de não facil desenlace.

«Em documentos d'alguns dos nossos antigos mosteiros, faz-se menção do *Corporal* — «cemiterio» — como contiguo á egreja, *mas distincto d'ella.*

«Vê se no entanto, do testamento do *Padre Bento Martins*, prior da egreja de S. João d'Almedina em Coimbra — com data de 3 de janeiro, da era de 1324, correspondente ao anno de 1286 — que n'essa epocha se enterravam os fieis nos templos, entre nós.

«Ordena este sacerdote, que o sepultem no moimento novo que elle fizera á sua custa, erigindo-o *em frente* da imagem de S. Braz.

«N'um documento do cartorio de S. João de Pendurada, a seis leguas do Porto — com data da era de 1412, correspondente ao anno de 1374 — ordena a instituidora d'uma capella d'este mosteiro benedictino, que a sepultem dentro do cabido do mesmo mosteiro, juncto *ao altar* de Sancta Margarida.

«X.— Não temos á mão documentos anteriores a estes, comprovativos d'esta pratica necrologica: — e é o *Dr. João Pedro Ribeiro*, filho egregio do Porto, o que nos dá o testimunho d'estes mesmos documentos.

«Fal o nas suas *Reflexões Historicas* — Part. I, n.ºs 8 e 12 — como observador ocular dos archivos respectivos.

«A creação official, dos «cemiterios hodiernos» entre nós, data do decreto de 21 de septembro de 1835, referendado pelo ministro do reino, *Rodrigo da Fonseca Magalhães.*»

Sequeira, é um appellido nobre em Portugal. Vide *Martinho de Mouros (S.)*

Em maio de 1880, falleceu no Rio de Janeiro, Francisco Sequeira Dias, natural d'esta freguezia.

Entre muitos legados, deixou 4:800$000 réis, para oito dotes de 600$000 réis cada um, a oito orphans, ou filhas familias d'esta freguezia; sendo, entre as mais pobres e honestas, preferidas as que forem suas parentas.

A esta freguezia está annexa ha muitos annos a de *S. Saturnino de Sequeira,* que tinha 36 fogos.

É terra fertil em todos os generos agricolas do paiz, e cria muito gado, de toda a qualidade.

SEQUEIRÔ — freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, 18 kilometros ao S. de Braga, 360 ao N. de Lisbôa, 130 fogos.

Em 1768, tinha 65.

Orago, S. Martinho, bispo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O prior dos conegos regrantes de Santo Agostinho, do couto de Lalim, e os monges benedictinos de Santo Thyrso, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha réis 320$000.

É terra muito fertil. Engorda muito gado bovino, que exporta para a Inglaterra.

SEQUEIROS — freguezia, Minho, comarca e 6 kilometros a E. de Villa Verde, concelho e 7 kilometros a N. E. de Amares (foi do mesmo concelho, extincta comarca de Pico de Regalados) 15 kilometros ao N. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1768, tinha 58.

Orago, S. Payo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 600$000 réis.

Teve annexa a freguezia de Souto.

Em tempos antigos, pertenceu ao concelho e visita de Entre-Homem e Cávado, comarca de Vianna.

Tem uma capella publica, dedicada a S. Sebastião martyr; mas está ameaçando ruina.

A freguezia está situada em terreno accidentado, nas faldas septentrionaes do monte de S. Pedro Fins.

É terra fertil.

No dia 2 de fevereiro de 1804, nasceu n'esta freguezia, e foi baptisado no dia 5 do mesmo mez e anno, por Simão Pereira da Silva, então abbade da mesma, João Manoel Pereira, que foi commendador da ordem de Christo, e cavalleiro das ordens de Nossa Senhora da Conceição, de Villa Viçosa, e de S. Bento d'Aviz, condecorado com a medalha de D. Pedro e D. Maria II, coronel d'artilheria, e governador militar da praça de Abrantes, onde falleceu, a 17 de novembro de 1865.

Era filho legitimo de Antonio José Pereira e Thereza de Barros, lavradores, d'esta freguezia.

Tinha sido casado, com D. Anna Emilia de Faria.

José dos Santos Moura.

Abbade de Caires.

SEQUEIROS — freguezia, Beira Baixa, concelho d'Aguiar da Beira, comarca de Trancoso, 40 kilometros de Viseu, 310 ao E. de Lisbôa, 110 fogos.

Em 1768, tinha 70.

Orago, S. Sebastião, martyr.

Bispado de Viseu, districto administrativo da Guarda.

O vigario de Santo Eusebio, d'Aguiar da Beira, apresentava o cura, que tinha 7$200 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra pouco fertil e pobre.

SEQUIADE — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 9 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisbôa, 100 fogos.

Em 1768, tinha 91.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra, apresentava o abbade, que tinha 360$000 réis de rendimento.

É terra fertil.

Ha n'esta freguezia a ermida de *Nossa Se-*

nhora da Boa-Fé, edificada no alto do monte de Airó.

Foi mandada fazer por um eremitão de santa vida, chamado Simão Aves de Lemos, em 1650.

A ermida primitiva, era pequena e pobre, porém com as avultadas esmolas dos fieis se lhe construiu, em 1712, um novo templo, mais amplo e aceiado.

Tinha dous eremitões, que cuidavam dos reparos e conservação da ermida, eram elles que nomeiavam os mordomos para festejarem a Senhora, no 2.º domingo de julho de cada anno.

SERABIGÕES — Vide *Sarabigões.*

SERAFÃO *ou* **SARAFÃO** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Fáfe, 18 kilometros ao N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 245 fogos.

Em 1768, tinha 188.

Orago, S. Julião.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O padroado real, apresentava o abbade, que tinha 700$000 réis de rendimento.

É terra muito fertil, e cria muita qualidade de gado, exportando muitos bôis gôrdos para a Gran-Bretanha.

SERAMIL — freguezia, Minho, concelho d'Amares, comarca de Villa Verde. Vide *Saramil.*

SERAPICOS *ou* **SARAPICOS** — freguezia, Traz-os Montes, comarca, concelho, bispado e districto administrativo de Bragança, 48 kilometros ao N. E. de Miranda, 480 ao N. de Lisbôa, 115 fogos.

Em 1768, tinha 92.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A casa de Bragança, apresentava o abbade, que tinha 240$000 réis.

É terra fertil, e pertence á casa de Bragança.

SERAPICOS *ou* **SARAPICOS** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Valle-Paços, 105 kilometros ao N. E. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1768, tinha 92.

Orago, Santa Anna.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O cabido da Sé de Braga, apresentava o vigario, que tinha 70$000 réis.

É terra pobre.

SERAPICOS *ou* **SARAPICOS** — freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Vimioso, comarca e 24 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisbôa.

Em 1768, tinha 24 fogos.

Orago, S. Vicente, martyr.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Vimioso, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé de altar.

Esta freguezia foi supprimida no principio d'este seculo e unida á do Vimioso, da qual era filial.

SERDAÇA — antiga villa, Beira Baixa, pertencente á actual villa de Folgosinho, na comarca e concelho de Gouveia. (Vide o 2.º *Folgosinho.*)

Está a villa de Folgosinho, nas abas da serra da Estrella, em logar alto, e summamente frio e desabrido, mas com vistas surprehendentes, pois se descobrem mais de 120 kilometros de territorio da provincia.

Segundo a tradição, foi esta villa fundada pelo famosissimo capitão dos *pesures*, ou HERMINIOS (ferozes mas intrepidos lusitanos) *Viriato o herminio*, pelos annos 150 antes de Jesus Christo. (Vide *Póvoa-Velha.*)

A villa de *Serdaça*, foi tambem fundada pelo mesmo heroe, e alguns annos antes da fundação de Folgosinho; mas, como as formigas faziam uma continua e enfadonha guerra aos seus habitantes, estes resolveram desamparal-a, fugindo para Folgosinho, que a este facto deve o seu augmento de população.

Ignora-se o anno em que Serdaça foi abandonada, e é provavel que os casaes e mais propriedades d'esta extincta villa, que ainda hoje são cultivados por alguns individuos de Folgosinho, estes as herdassem dos seus antepassados, os fugidos de Serdaça.

Esta villa ficava a pouca distancia de Folgosinho, e no local onde existiu, ainda são

visiveis os alicerces dos edificios, e ainda se conhecem vestigios de ruas.

Entre estas ruinas se conserva ainda em bom estado, a ermida de *Nossa Senhora de Serdaça*, cuja data da fundação se ignora, mas que revela grande antiguidade.

Os pastores da Serra da Estrella, têem grande dovoção com esta Senhora, e lhe fazem continuadas romarias.

Antigamente, de Folgosinho, hia em todos os annos, na 1.ª oitava da Paschoa, a camara da villa e grande numero de gente, com o respectivo parocho, em procissão, á ermida, havendo então missa cantada e sermão. O parocho, além d'isto, costumava hir muitas vezes no decurso do anno visitar a Senhora.

Teve um eremitão, para cuidar no aceio do templo.

O sitio onde está situada esta ermida, é muito agradavel, por ser um planalto, povoado de frondoso arvoredo, fructifero e silvestre, muita variedade de flores e plantas medicinaes; e um formoso passeio para o verão.

A 200 metros de distancia, passa o rio Mondêgo, e fica tambem proximo o *monte do Cantaro* (o *Olympo* dos antigos.) D'este monte brotam trez caudalosos mananciaes de cristalinas aguas, que dão origem a trez rios — o Mondêgo, o Alva e o Zêzere.

Tudo isto dá ao logar onde está a ermida, os maiores atractivos, e convida a visitar a Padroeira, desde junho até setembro: no inverno, porém, se torna o sitio summamente frio e desabrido, quasi sempre coberto de uma camada de neve, que chega a attingir um metro, e mais, d'altura.

SERDEDÊLLO — Vide *Cerdedêllo*.

SERDEIRA — Vide *Cerdeira*.

SERÊJO — Vide *Cerêjo*.

SEREM — pequena villa, Douro, na freguezia de Macinhata do Vouga, comarca e concelho d'Agueda. (Vide 5.º vol., pag. 17, col. 2.ª)

O rei D. Manoel, deu foral à villa de Serem, em Lisboa, a 3 de maio de 1514. (*Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 87 v., col. 2.ª)

É povoação antiquissima, e foi cidade, se não no tempo dos romanos, pelo menos no tempo dos gôdos. Todavia, a mais antiga noticia que d'ella achei, foi uma doação que Pelagio Peariz, e sua mulher, Adozinda Dias, fizeram em 1170. ao mosteiro de Lorvão, da terça parte de uma vinha, no limite de *Cerradêllo*, termo de Esgueira; e declaram que esta herdade está «*in Civitas, quæ dicitur Serêm.*» — (Vide o que digo no fim d'este artigo.)

A villa de Serem, foi, desde tempos antigos, cabeça de um pequeno concelho, com camara, juiz, escrivão, casa de senado, cadeia e pelourinho. Foi supprimido no principio d'este seculo.

Teve um convento de capuchos de Santo Antonio, fundado por Diogo Soares. Foi lançada a primeira pedra, em 16 d'abril de 1635, e concluido por Miguel Soares — filho do fundador.

Foi condado, que D. João IV deu a D. Fernando Mascarenhas, filho do marquez de Montalvão.

Está a villa situada na margem direita do rio Vouga, que ainda aqui é navegavel.

(Para se evitarem repetições, vide 6.º vol., pag. 514, col. 1.ª)

A villa é atravessada pela estrada real de 1.ª classe, de Lisbôa ao Porto, Barcellos, Vianna, Caminha, Villa Nova da Cerveira, Vallença, Monção, e Melgaço.

Pelo leito d'esta mesma estrada, passava a antiquissima *estrada mourisca*.

A ponte sobre o Vouga, em Serem, é muito formosa. Foi mandada construir por D. João V, em 1713.

É muito provavel que os mouros aqui construissem uma ponte, visto que a sua estrada (feita em substituição da *via militar romana*, de Lisboa a Calle, que hia mais ao O., e por Talabrica, e os pantanos por onde vae a actual via ferrea do norte) visto que a sua estrada, repito, foi feita com tanta perfeição e solidez, que, apezar de ter mil annos, ainda em varias partes ha vestigios d'ella.

A ponte mourisca, se é que existiu — estava arruinada em 1262, porque, nas Dissertações de João Pedro Ribeiro (tomo 5.º,

pag. 81) se acha transcripto o testamento de Gonçalo Gonçalves, chantre da Sé do Porto, feito n'aquelle anno, e tem a seguinte verba — «*As pontes do Vouga, Agueda, Seira, Albia, e Canavezes.*»

Em 1298, D. Sancho, bispo do porto, deixou por testamento, certa quantia, para as pontes de Canavezes, Vouga, e Agueda.

—

O missal do abbade de Serem Estevam Gonçalves Neto Monumento de arte nacional [1]

Até ao começo do seculo XVI, na Europa, a arte da pintura exercia-se em larga escala nos livros para dar relevo aos primores da arte calligraphica que então suppria a falta da imprensa. E os livros escolhidos de preferencia para receberem a honra dos apurados ornatos que lhes punham os illuministas, eram as horas e biblias, de uso das familias opulentas, que os pagavam por alto preço, e os missaes das communidades ricas, dos grandes templos, dos poderosos senhores religiosos. Esse genero de pintura tomou o nome de *miniatura*, por serem as letras capitaes feitas com o *minium* e tambem o de *illuminura*; e os individuos que o exerciam denominavam-se *miniaturistas* e *illuministas*. Houve-os de elevado talento em todos os paizes christãos, e de seus trabalhos existem exemplares de alto preço. O mais celebre em França é o MISSAL hoje existente na bibliotheca de Paris, de Juvenal dos Ursinos, administrador que foi do bispado de Poitiers, feito de 1449 a 1457. Portugal tem tambem a gloria de possuir n'esse genero uma obra maravilhosa, que, no dizer de muitos jornaes parisienses, é a mais admiravel de quantas existem. Referimos-nos ao MISSAL DE ESTEVAM GONÇALVES NETO, *abbade que foi de Serem*, e depois capellão do bispo de Viseu, D. João Manuel, ao qual offereceu, por gratidão, este precioso trabalho, que executou entre os annos de 1610 a 1622. D. João Manuel, fundador do convento de Jesus, offereceu o missal ao convento, em cuja bibliotheca, hoje pertença da academia das sciencias, se conserva. Os srs. Maciá e C.ª tomaram á patriotica empreza de reproduzir pela chromo lythographia esse monumento de arte nacional, contratando a reproducção com a casa Appel, de Paris Para fazer face á enorme despeza da reproducção abriram uma assignatura pelo preço 90$000 réis cada exemplar completo em doze fasciculos de 7$200 réis. Assignaram os membros da familia real portugueza, quasi todos os bispos, muitos titulares e capitalistas, diversos estabelecimentos publicos, o imperador do Brasil, a rainha de Inglaterra, diversos principes, os museus de Londres e Kesington, etc. Jornaes francezes importantes, taes como o *Figaro*, o *Monde Illustré*, o *Courier d'Etat*, a *Vie Parisienne* e o *Memorial Diplomatique*, têem feito a esta obra os mais enthusiasticos louvores, como já lh'os haviam endereçado o celebre conde de Raczinski e muitos criticos auctorisados que d'ella tiveram conhecimento. Effectivamente nas onze estampas que ornam o missal: — O frontespicio, a adoração dos pastores, a dos magos, a ceia, o Calvario, a ressurreição, a descida do Espirito Santo, a Assumpção, o cadafalso, o Menino entre os doutores e a Senhora recebendo o Menino, são verdadeiros quadros sacros de superior inspiração.—Estevam Gonçalves levantou-se á altura dos mestres da arte que então faziam a admiração do mundo, recebendo em cheio a luz do bello que illuminava a Leonardo de Vinci, Raphael e Miguel Angelo. Além d'estes quadros, collecção preciosa, de suavissima composição, desenho correcto, harmoniosa disposição, viveza de colorido e bella perspectiva, ha a notar a belleza das tarjas que ornam todas as paginas do texto, fruto de uma phantasia fertilissima, e em que se admira o delicado traço e o bom gosto do miniaturista, que não invejaria Buontalenti, della Gatta, Decio, Cesarei, Meielich, e outros de quem a historia da arte celebra o merito na especialidade. A reproducção chromo-lithographica é verdadeiramente bella. O Missal de Estevam Gonçal-

[1] Como Serem tem foro de villa, e Macinhata é apenas aldeia, diz-se geralmente — *Abbade de Serem*, quando devia dizer-se — *Abbade de Macinhata.*

ves vae ser de certo ornato obrigado de todos os gabinetes de bom gosto. O sr. Maciá veio de Paris e foi ao Rio de Janeiro procurar novos auxiliares a empreza tão digna de os ter.

—

Em julho de 1874, foi renovada a encadernação d'esta preciosidade litteraria.

A cobertura é de veludo carmezim, com fechos e guarnições, nos centros das capas e lombadas, de prata lavrada.

Contém esta obra maravilhosa, pela excellencia e perfeição das illuminuras, 44 paginas de pergaminho fino, nas quaes, desde a primeira até á ultima, se admira uma grande variedade de desenhos.

O missal de Estevam Gonçalves, foi levado á exposição internacional de Paris em 1867, e alli causou profunda admiração, lamentando os entendidos que tal maravilha não podesse ficar em França, e estar constantemente debaixo de seus olhos.

O precioso missal tem estado, de ha longos annos, sob a guarda do empregado da referida bibliotheca, Severino Lapa. No frontespicio tem, abaixo das armas, e no meio da tarja, a seguinte legenda:

Steph Glz Abbas Sereciensis fac. 1610.

—

A camara municipal de Lisbôa, tomou, por assignatura, um exemplar da reproducção chromo-lithographica d'este famoso missal, para a bibliotheca publica lisbonense.

—

A academia real das sciencias de Lisboa, presando dignamente a honra nacional, rejeitou as propostas que lhe fizeram para a venda do Missal, quando esteve na exposição de Paris, em 1867, onde foi geralmente admirado, e só permittiu a sua reproducção em chromo-lithographia á casa Maciá & C.ª, a qual se desempenhou com o maior esmero do arduo encargo que tomou.

—

A que se chamou antigamente cidade

—

O primeiro plano d'esta obra foi em grande parte modificado: projectava publicar no fim do diccionario, um livro, contendo varias materias concernentes ás nossas cousas, é o que prometti no prospecto, e a que me refiro no 2.º volume, pag. 298, col. 2.ª, na palavra *Cidade*, quando alludo ao *capitulo 45.º do ultimo volume*; e é ainda a esse livro que me refiro, quando no fim do dito artigo (*Cidade*) digo—*D'estas cidades fallarei mais circumstanciadamente no seu logar do diccionario.*

No 4.º vol., pag. 492, col. 1.ª, digo rápidamente, o que é uma *cidade*, uma *villa*, uma *aldeia*, etc., reservando-me para no tal *ultimo volume* tratar a materia detidamente, como promettêra no logar citado do 2.º volume.

Depois, quando mudei de plano, resolvi incluir tudo no diccionario, onde me parecesse logar proprio, e assim tenho feito, como os leitores teem visto.

Como nos documentos antigos se dá o nome de cidade á pequena e hoje insignificante villa de Serem, e como nem todos teem o *Elucidario*, de frei Joaquim de Santo Rosa de Viterbo, apezar de haver uma 2.ª edição, publicado em 1865 [1] illustrada com as notas de João Pedro Ribeiro e de Innocencio Francisco da Silva—como nem todos, repito, teem esta obra, transcrevo d'ella o que se segue.

—

«*Cidade 1.ª*—Hoje chamamos cidade a uma multidão de casas, distribuidas em ruas e praças, habitadas de gente que vive em sociedade e subordinação ás leis geraes do reino, ou provincia: ordinariamente assento de uma cadeira episcopal, e que, ao menos algum dia, foi cingida de muros e guarnecida de castellos.

«E de uma povoação assim caracterisada (e prosupondo-se sempre o alvará do soberano que lhe concêda os fóros e regalias de cidade) dizemos em latim *urbs*, *civitas*, ou *oppidum*. Não era assim no tempo dos romanos. Estes, só chamavam *urbs*, ás povoações acastelladas, cingidas de muros, e verdadeiramente defensaveis, tomando o nome de *civitas*, não só pela capital de uma nação

[1] De certo, por erro typographico, vem nos titulos d'ambos os volumes d'esta obra monumental, a data de 1365 (MCCCLXV). Deve entender-se 1865 (MDCCCLXV).

ou por alguma bem notavel porção d'ella, mas ainda por todo o seu campo, ou diocese; de sorte porem que esta gente, comarca, concelho, povo, ou republica, se governasse pelas suas proprias leis, fóros ou costumes; ficando reservadas unicamente as appellações de maior alçada para os *conventos juridicos*, a que, em certo modo, correspondem hoje as nossas *relações*.

«Bastará, d'entre muitos, aduzir um só exemplo que hoje mesmo se nos patenteia sobre a ponte da villa e praça de Chaves.

«É elle um reforçado padrão em fórma cylindrica, que alli foi collocado ha menos de 300 annos, revestido e ornado com bazes, capiteis e cimalhas de gôsto moderno, que não logrou, sem duvida, no seu nascimento.

«N'este *pedrão*, que tem sido a *pedra d'escandalo* em que tropeçaram os melhores e mais ajuizados criticos e antiquarios do nosso tempo, se trasladaram quatro epitaphios, que o dr. João de Barros, nos attesta virem exharados em «*um padrão que estava junto das azenhas de Pedro Guedes;*» os quaes epitaphios elle copiou na sua *Geographia*, a que poz a ultima mão, no anno de 1547, segundo do seu mesmo manuscripto se collige.

Persuade-se este curioso, douto e sincero indagador, que n'esta grande pedra «*se juntavam as obediencias que os povos d'aquellas comarcas prestavam aos legados dos imperadores, que vinham de Roma.*» (Segue a transcripção do *epitaphio* que já publiquei no 2.° vol. d'esta obra, a pag. 285, col. 2.ª, e a respectiva traducção—e continúa) «*Estas letras concluem tudo acima dito. E o sentido é—que estas dez cidades aqui nomeadas, deram uma obediencia ao imperador Vespasiano, e aos legados acima nomeados; e se mostra claramente que as que aqui se chamam cidades, não foram senão certas comarcas, ou gente de certas partes, que viviam em commum entre si, debaixo de uma governança... Chamavam os antigos, cidade, a uma congregação de gente, que se governava sob a administração de um magistrado, o que agora propriamente chamamos concelho, ou julgado, e diocése, ou metropole, no ecclesiastico.*»

«E de caminho se note (para exterminar prejuizos tão grosseiros, que d'estas inscripções se originaram) que as *dés cidades* alli nomeadas, não concorreram para as despezas da ponte de Chaves, pois esta foi dedicada a Trajano, que imperou, desde o anno de Jesus Christo, 98, até 117. E os trez imperadores alli referidos, Flavio Vespasiano, Tito Vespasiano, e Flavio Domiciano (cujo nome alli se vê apagado, por causa das suas extraordinarias crueldades) não passaram todos, no seu governo, do anno de 96... Concorreram logo para esta ponte as *dés cidades*, tantos annos antes, nomeados, que a ponte se fizesse?... E foi cousa para se crêr, que nem ao menos os seus nomes mereceram ser escriptos á testa de um soberbo edificio, no qual hoje está, e sempre esteve, *memoria preduravel*, que os *Aquiflavienses* (que são os de Chaves) edificaram á sua custa, e a consagraram á *honra e magestade de Neva Trajano*, hespanhol de nação?[1] E pois assim foram despresados os que, pagando para a obra, andaram por tantos seculos de rodilhas e a tombos, pelas portas das azenhas, servindo de pousadouros a saccos de farinha e canastras de azeitona?... E ainda haverá quem nos queira vender por verdade pura, uma tão insolente e desbragada mentira?...

—

«*Cidade 2.ª*—O que diz Viterbo n'este periodo, já fica resumidamente extrahido na palavra *Arêja*, vol. 1.°, pag. 238–I, col. 1.ª e 2.ª

—

«*Cidade 3.ª*—Nos principios da nossa monarchia, era trivial, darem os principes e os vassallos, o nome de *cidade*, a um concelho ou julgado, que tinha por cabeça alguma villa acastellada. Nos documentos de Pedroso (que hoje se acham no archivo da universidade de Coimbra) temos um grande numero d'elles, que fallam na *cidade de Santa Maria*, que hoje é a villa da Feira.

«Alli mesmo, se acham muitos, que nomeiam a *cidade da Portella* «*discorrente rivulo Umia*, ou, *discorrente rivulo Ignea.*»

[1] Trajano era natural de Córdova.

D'este modo se disseram *cidades*, Monte-Mór-o Velho, Terroso, Alvarenga, Anofrica (hoje Nóbrega), Bagunte, Batocas (todas trez no arcebispado de Braga), Bem-Viver, no bispado do Porto — segundo os documentos de Pendurada.»

Para evitarmos repetições, vide *Alpendurada*; o que disse já n'este artigo, da doação de Pelagio Peariz e mulher — *Marnel* — e n'outros muitos logares onde tracto de povoações insignificantes, que em tempos antigos tiveram a denominação de cidade.

SERENECOS, ou **CERENECOS** — Vide *Thuias*.

SERGUDE, CERGUDE, ou **SIRGUDE** — Vide *Aufragia* e o 1.º *Pombeiro*.

SERIGA — portuguez antigo — (tambem se dizia *Sessega*, e *Sesua*) — Assento, logar, sólo, ou chão, em que se edifica alguma casa, egreja, moinho, etc.

SERMANHA, SERMENHA, e **SOROMENHA** — pequeno rio, Traz os Montes, na freguezia de Fontellas, comarca e concelho do Peso da Regua. Nasce nas abas da serra de Santa Christina de Mezão-Frio, e, com pequeno curso, morre na direita do Douro, pouco abaixo do *Ponto da Corvaceia*. (Vide na palavra *Pontos no Douro*, o *Ponto* 24.º)

A um kilometro da povoação da Rêde, freguezia de Santa Christina de Mezão-Frio, foi construido o importante *viaducto da Sermanha*, uma das mais bellas obras d'arte, do caminho de ferro do Douro. Tem 6 vãos — 2 de 50 metros de alto, 2 de 40, e 2 de 20. O taboleiro está ao nivel do 1.º andar do palacete do visconde do Granjão (Antonio Botelho Teixeira) [1] e a linha passa a 3 metros de distancia do edificio.

Por baixo d'este viaducto, passa o referido rio Sermanha, que lhe dá o nome, e ao 24.º *Ponto do Douro*

São proximo d'este viaducto, as famosas thermas de *Fontellas*, geralmente conhecidas pela denominação de *Caldas do Mollêdo*.

[1] Foi feito barão, em 7 de maio de 1867, e visconde em 28 d'abril de 1879.

Vide *Corvaceira*, *Fontellas*, e *Mollêdo*.

SERMONDE — freguezia, Douro, concelho de Villa Nova de Gaia, comarca, districto administrativo, bispado, e 12 kilometros ao S. do Porto, 300 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1768 tinha 50.

Orago, S. Pedro, apostolo.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 360$000 réis de rendimento.

Houve aqui um mosteiro benedictino, em tempos antigos, porque no archivo episcopal do Porto ha um documento, pelo qual consta que, em 1216, os netos de *Heronio Alvitis*, fizeram *ovença*, ou *plazo*, com D. Pedro, bispo da dita cidade, dando-lhe o *mosteiro de S. Pedro de Sesmondi*.

A egreja matriz era tambem a do mosteiro, e foi este que deu origem á povoação.

Parece que este templo ainda é o primitivo; mas, apezar das varias reparações, está ameaçando ruina; pelo que se trata da sua reconstrucção.

É terra fertil.

SERNACHE — (Vide *Cernache*.)

A cheia de dezembro de 1876 e janeiro de 1877, causou grandes prejuizos n'esta povoação. O Mondêgo, sahindo fóra do seu leito, inundou a villa, desmantelando o melhor predio d'ella, pertencente ao sr. José Ferreira Pinto. Alem de muitos outros estragos, levou, pela raiz, um pomar inteiro; destruiu todas as marinhas, e lançou fóra dos lagares toda a azeitona que lá estava.

A cheia tomou a altura de 1m,50 acima de todas as de que ha memoria!

Ha em Sernache um magnifico parque, do sr. visconde de Condeixa, que é primeiro do paiz.

Esta freguezia fica no *Campo de Coimbra*, sobre a margem direita do Mondêgo.

SERNACHE DO BOM-JARDIM — (Vide 2.º vol., pag. 247, col 2.ª)

O *Collegio das missões ultramarinas*, de Sernache do Bom Jardim, foi creado — segundo reza o artigo 1.º da lei de 12 d'agosto de 1856, que o instituiu, *para educação, instrucção e preparação de missionarios, para as dioceses e missões do real padroado, na Asia, Africa e Oceania.*

—

No dia 1.º de novembro de 1874, foi benzida solemnemente, a egreja, reedificada, de Nossa Senhora da Assumpção, de Sernache do Bom-Jardim.

—

Deve o collegio de Sernache do Bom-Jardim, muita gratidão ao actual bispo dos Açores, o ex.mo e rev.mo sr. D. João Maria Pereira do Amaral e Pimentel, pelos grandes melhoramentos que alli realisou, como veremos.

Quando escrevi o artigo de *Oleiros*, villa da Beira Baixa, mencionei este virtuosissimo principe da Egreja Lusitana, a pag. 222, col. 2.ª, do 6.º vol.; porem depois, o ex.mo sr. Carlos José Caldeira (irmão do sr. conde de Casal Ribeiro) teve a benevolencia de me offerecer um exemplar do seu bello livro, intitulado—*Vida publica do novo bispo de Angra, D. João Maria do Amaral e Pimentel*, do qual passo a extractar o seguinte. (Aqui dou os mais sinceros agradecimentos ao seu esclarecido auctor, por tão distincto obsequio.)

O actual bispo d'Angra (Açores) D. João Maria Pereira do Amaral e Pimentel, nasceu na villa de Oleiros, grão-priorado do Crato, em 21 de julho de 1815. É filho primogenito e legitimo do sargento-mór, Francisco Antonio Pereira Barata e D. Maria Eugenia Marques do Amaral e Pimentel.

Tendo pouco mais de nove annos d'edade, ficou orphão de pae, com mais trez irmãos, e um no ventre materno. Sua familia tinha poucos meios (ainda ha poucos mezes lhes foi vendida a casa onde nasceram) pôz todas as esperanças no pequeno João, que todos votavam á vida ecclesiastica.

O vigario, frei Simeão José Botelho Dourado e Pimentel, parocho da freguezia, freire de Malta, e irmão do avô materno do futuro bispo, professor de latim, e prégador famoso do seu tempo; parocho exemplar, mas de um caracter severo e exigente atè ao impossivel, tomou conta do sobrinho, e o teve na sua companhia cinco annos—isto é—até que falleceu.

Estes cinco annos foram pelo triste menino passados a chorar! O tio emprehendeu ensinar-lhe a fallar latim, sem elle o saber ainda traduzir; queria que lhe désse conta das lições, sem lhe dar tempo para as estudar; mandava-o traduzir de improviso, lições e hymnos do *Breviario*, que, só á força de muito estudo seria capaz de entender: tudo isto com tal aspereza, que faria tremer o homem mais robusto e intrepido: finalmente, affirmava que o unico systema de educação era—*pão e páu.*

Mas o velho não lhe batia nunca, contentava-se em ralhar continuamente; todavia, estes cinco annos da vida da creança o fizeram adquirir um caracter sombrio e melancolico.

Em dezembro de 1829, foi o pequeno estudante atacado de sarampo, estando por isso em perigo de vida. O tio, que, apezar de tudo, o amava sinceramente, cahiu doente, perdendo logo o juizo, e morreu em 23 de janeiro de 1830, deixando ao sobrinho tudo quanto possuia.

Era n'esse tempo o collegio de Sernache do Bom Jardim seminario diocesano do grão-priorado do Crato, e estabelecimento de muito credito, e sua mãe o mandou para lá estudar externamente.

Á força de estudar, cahiu doente, com uma febre lenta, julgando-se que estaria ethico; porem restabeleceu-se, e em outubro de 1831, voltou para o seminario; mas, querendo os mestres obrigal-o a começar a *Arte* por onde alli se estudava a grammatica latina, voltou para casa, pedindo á sua familia o mandasse estudar para a villa da Certan; mas sua mãe, pediu a um padre, amigo do professor de latim, do seminario, que fizesse com que este tratasse seu filho com mais benignidade, o que o padre fez, e tornando o estudante para o seminario, foi, dentro de um anno, dado por habilitado para fazer exame de latim; o que fez em julho de 1831, ficando plenamente approvado. Matriculou-se em rhetorica, no que ficou tambem plenamente approvado, assim como em philosophia, que estudou no anno seguinte, e na qual foi dado por prompto no fim do primeiro anno, apezar do curso d'ella ser biennal.

No anno seguinte, estudou theologia do-

gmatica e moral, destinguindo-se pela sua applicação, e, sobre tudo, pelo seu exemplar comportamento; sendo por isso estimado de todos os seus superiores, e respeitado pelos condiscipulos.

Em maio de 1834, foram expulsos do seminario, os padres da congreção das missões, que o dirigiam; e, pelo unico facto de alli estarem alguns d'estes padres, foi a casa considerada como convento, incluida na classe de *bens nacionaes*, vendida ao desbarate, ou roubada toda a sua mobilia; e o edificio, com a sua bella egreja e rica livraria, ficou quasi em abandono.

Foi um vandalismo estupido, porque o seminario era unicamente de educação ecclesiastica, nada tendo de ordem monastica.

Voltou o nosso estudante para casa. Sua mãe tinha casado segunda vez, com Francisco Xavier Curado Leitão, da mesma villa d'Oleiros.

No fim d'esse anno de 1834, foi convidado para ir para a companhia de João de Deus Antunes Pinto, natural da villa d'Alvaro, que morreu conego da Sé de Lisboa, e que então estava governador e vigario capitular do bispado de Leiria. João de Deus estimava o joven estudante, desde o tempo em que aquelle tinha sido parocho em Oleiros. Esteve em Leiria, como secretario d'este vigario capitular, mais de um anno; mas, tendo um irmão d'este vindo occupar o logar de João Pereira, voltou este para Oleiros, em principio de 1836.

Vagando o logar de recebedor do concelho d'Oleiros, foi n'elle provido, mas, passado pouco mais de um anno, pediu a sua demissão, porque os proventos do officio não compensavam o trabalho e a responsabilidade que lhe eram inherentes.

Como vagasse o logar de escrivão da camara, da qual seu padrasto era presidente, foi João Pereira nomeado para o logar vago, com 48$000 réis annuaes de ordenado. Não quiz acceitar o emprego, senão interinamente, porque a sua tenção era ordenar-se, e pretendia prover n'elle de propriedade, seu irmão Alexandre, como depois conseguiu.

Sendo seu padrasto nomeado administrador do concelho, e residindo o escrivão da administração, em Alvaro, a 12 kilometros de distancia d'Oleiros, foi João Pereira nomeado para aquelle logar; que (como os antecedentes) desempenhou com a maior intelligencia, honradez e desinteresse.

Com a grande pratica que já tinha dos negocios publicos, com as *Ordenações do reino*, que um amigo lhe emprestou, e com a *Reforma judiciaria*, que acabava de ser publicada, e que elle estudou a fundo, tornou-se um advogado de fama, e não só era consultado por muitos demandistas, mas até chegou a advogar nas audiencias geraes, que n'esse tempo os juizes de direito hiam fazer aos julgados.

Assim, com geral approvação dos seus conterraneos, se tornou o director e árbitro de quasi todos os negocios publicos do concelho; mas tambem com todo o trabalho que esses negocios exigiam.

E, na verdade, grande era esse trabalho, porque primava em trazer tudo em dia, e feito com clareza e perfeição, não tendo nos primeiros annos, pessoa alguma que o ajudasse.

Todo o seu empenho era beneficiar o concelho, aliviando-o de contribuições, do *tributo de sangue*, e de todos os vexames; e conseguir-lhe todas as vantagens possiveis.

Em quanto este homem, verdadeiramente notavel, esteve á testa dos negocios publicos da sua terra, nunca houve partidos, nem dissenções no concelho, por causas politicas. Todo o povo do municipio era como uma só familia.

Tratou sempre de prevenir os crimes, e diligenciava para que não ficassem impunes os commettidos.

Influiu para que fosse concertada a torre da egreja; para se arranjar uma nova e melhor cadeia; para que se fizessem calçadas, caminhos, fontes, e pontes. Conseguiu que se estabelecessem duas feiras na villa, uma a 25 de março, outra no 1.º de novembro.

Finalmente, foi incansavel em promover todas as commodidades dos seus conterraneos e a moralidade publica.

Faltando no concelho estabelecimentos de instrucção, a supplicas de alguns paes de

familia, estabeleceu um pequeno collegio em que elle era o unico professor, ensinando todas as humanidades.

No meio de tantos e tão variados trabalhos, o seu desejo de pertencer á egreja, tinha augmentado. Alem d'isso, em uma visita que fez ao seminario onde havia estudado, vendo-o ao desamparo e em ruinas, concebeu a arrojada idéia de estabelecer n'elle um collegio particular, para educação do clero.

Tinham passado seis annos, n'esta lida e projectos. Em outubro de 1842, soube que alguns individuos, empregados no governo civil de Coimbra, frequentavam a universidade e se formavam. Pôde conseguir em breves dias, um emprego na recebedoria geral d'aquella cidade.

Chega a Coimbra, e toma posse do seu novo emprego a 2 de dezembro; mas, n'esse mesmo mez, são extinctas as recebedorias geraes.

Em 7 de janeiro de 1843, é nomeado amanuense ordinario da secretaria do governo civil, o chefe lhe entrega a direcção d'esta: e em tão bom estado pôz os papeis a seu cargo, que os seus superiores o citavam como modelo de empregados, pela bôa ordem e intelligencia com que organisou a secretaria. O chefe lhe queria como se fôra seu filho.

Ao mesmo tempo, vae-se preparando para fazer todos os exames preparatorios, o que realisou em julho do mesmo anno de 1843, ficando plenamente approvado.

Obtida a indispensavel licença do governador civil, matriculou-se no 1.º anno de direito.

Um dos seus melhores e mais queridos discipulos, em Oleiros—Antonio Ferreira de Miranda e Oliveira, de Sernache do Bom Jardim, tinha-o acompanhado para Coimbra, e matriculou-se em theologia, quando João Pereira se matriculou em direito, para assim abrangerem maior numero de disciplinas, e melhor se habilitarem para um dia poderem realizar a abertura do collegio de Sernache, como ambos tinham projectado.

Tornou-se o nosso biographado muito notavel como estudante de direito, já publicando analyses dos textos dados para sabbatinas; já fazendo dissertações aos condiscipulos que lh'as encommendavam, tanto em portuguez como em latim; já leccionando para acto, aquelles que lh'o pediam.

D'estes differentes trabalhos, de algumas lições publicadas pelo seu amigo Miranda e Oliveira; e de um estabelecimento lithographico que montou, poude tirar meios para as despezas da sua formatura e para a do seu amigo.

Em 1846, quizeram obrigal-o a pegar em armas, na revolução denominada da *Maria da Fonte*, ao que se recusou, preferindo abandonar o emprego.

A sua pouca saude, e um trabalho continuo e penosissimo, lhe pozeram a vida em perigo, nos primeiros dous annos da universidade, mas poude recuperar a saude, sem o auxilio da medicina, que no principio da doença o hia matando.

Como um dos mais distinctos e exemplares estudantes do seu tempo, foi geralmente estimado dos seus lentes, principalmente pelos doutores: Manoel Antonio Coelho da Rocha, Basilio Alberto Magalhães (depois arcebispo de Mytilene) e, sobretudo, pelo doutor Adrião Pereira Forjaz de Sampaio, seu lente de direito ecclesiastico, que o cumulou de obsequios e provas de estima.

Foi honrado com o 1.º *accessit* no 4.º e no 5.º anno, e nas informações finaes foi dado por *bom*, por todos, em relação aos costumes, e por *muito bom*, por dous, e bom pelo resto dos votos, em litteratura.

Concluiu a sua formatura, em 30 de junho de 1849, sem que, tanto elle, como o seu amigo e companheiro, causassem a menor despeza ás suas familias; sahindo de Coimbra, ainda com bastantes meios.

Logo que obteve o grau de bacharel, tomou ordens menores.

Nos ultimos dias da sua residencia em Coimbra, e antes ainda da sua formatura, foi convidado pelo novo bispo de Bragança,

D. Joaquim Pereira Ferraz, para seu secretario, o que acceitou com prazer, pois era o meio de chegar a presbytero mais facil e promptamente.

Foi passar o verão, com a sua familia em Oleiros, tendo alli o desgôsto de perder, em 8 de septembro, sua querida irman, D. Gertrudes, menina de 24 annos, e de um caracter angelico.

Em 8 de janeiro de 1850, sahiu de Sernache, com o seu amigo e inseparavel companheiro, Miranda e Oliveira (que tambem tinha concluido a sua formatura, em theologia, e hoje é chantre da Sé de Leiria, e governador do bispado) em direcção a Braga, onde se deviam juntar com o bispo, que alli havia de ser sagrado — como foi — seguindo depois todos para Bragança, onde chegaram a 8 de fevereiro d'esse anno.

A disciplina ecclesiastica estava então no bispado de Bragança, no mais deploravel estado. Não havia seminario, nem aula alguma publica de sciencias ecclesiasticas, e admittiam-se a ordens, quantos para isso se apresentavam; pelo que o bispado, estava coberto de padres, sem educação nem instrucção religiosa, e não tendo muitos em que se empregarem, vivendo uma grande parte do clero, sem meios e sem dignidade, vendo-se obrigados a entregar-se á lavoura, ou a officios mechanicos. Os pretendentes aos beneficios ecclesiasticos, em logar de se dirigirem ao prelado, allegando os seus merecimentos e serviços, recorriam aos seus patronos, que, á força de presentes, faziam com que o bispo satisfizesse as suas pretenções. Outros se dirigiam ao secretario do bispo, offerecendo-lhe dinheiro para o mesmo fim.

O mal vinha já de longe, e muitos padres immoraes — que, em regra, são os mais atrevidos — tinham conseguido pelos referidos meios, apoderarem-se dos melhores beneficios do bispado.

As queixas dos povos eram continuas, e só um braço vigoroso podia fazer entrar nos devidos termos as cousas ecclesiasticas do bispado.

O novo bispo, tendo acabado de ordenar o seu secretario, em maio, depositou n'elle tanta confiança, que, em 8 d'agosto do mesmo anno de 1850, o nomeou seu provisor e vigario geral, por occasião de sahir de Bragança, D. Manoel Martins Manso, chantre que fôra da Sé, e que exercêra aquelles cargos, para ser sagrado bispo do Funchal [1].

Depois, foi tambem proposto pelo seu prelado, e apresentado, por carta regia de 10 de dezembro do mesmo anno, chantre da Sé cathedral, tomando posse d'este logar, em 31 do mesmo mez.

Tendo o bispo de retirar-se da sua diocese, por motivo de molestia grave, por provisão de 22 de maio de 1852, encarregou o seu secretario, do governo do bispado, durante a sua ausencia.

Sendo D. Joaquim Pereira Ferraz, transferido para a Sé de Leiria, recebeu o cabido de Bragança uma carta regia, datada de 12 d'abril de 1853, na qual se lhe recommendava o seu chantre, João Pereira Botelho do Amaral e Pimentel, para ser eleito vigario capitular, pela «bôa informação das virtuosas qualidades do mesmo» cargo que exerceu até junho de 1854, em que elle mesmo tomou conta do bispado, em nome do novo bispo, D. Manoel José de Lemos.

Já como secretario do bispo, já como provisor e vigario geral, já como vigario capitular, trabalhou sempre com o maior zêllo, pela restauração da disciplina ecclesiastica, e pela reforma dos costumes do clero, lançando mão de todos os recursos que estavam ao seu alcance, já admoestando em particular — de palavra, ou por escripto — e em geral, por meio de frequentes pastoraes, já castigando os incorrigiveis, com rectidão e independencia admiraveis, e principalmente, edificando a todos, com seu exemplo e doutrina.

Assim, poude, nos poucos annos que esteve em Bragança, reformar quasi inteiramente o clero, restringir as ordenações, acabar com os empenhos e patronatos; e fazendo diminuir, quanto lhe foi possivel, os escandalos passados. Obrigou os padres a

[1] D. Manoel Martins Manso, foi depois transferido para o bispado da Guarda, onde falleceu ha poucos mezes.

vestirem-se com os habitos sacerdotaes — o seminario diocesano foi aberto, e as egrejas foram dadas aos mais dignos, sendo suspensos os escandalosos. O côro da Sé, que achou desamparado, tornou a funccionar, e na cathedral, fizeram-se notaveis melhoramentos materiaes.

Tudo isto o tornou respeitavel e respeitado por todos os homens de bem, sendo frequentes vezes elogiado pela imprensa jornalistica; mas tambem o fez soffrer muitos e grandes desgostos, promovidos pelos clerigos e seculares de mau procedimento.

Logo que o bispado de Bragança foi provido de novo prelado, o bispo de Leiria, convidou o seu antigo secretario, para continuar a exercer perante elle os mesmos encargos que tinha no bispado de Bragança, promettendo propôl-o para deão do cabido da Sé de Leiria, logar que então estava vago.

Tinha sido nomeado commissario dos estudos e reitor do lyceu de Bragança, mas não acceitou, e sahiu d'esta cidade, em 2 de outubro de 1854.

A jornada do novo secretario do bispo de Leiria, desde Bragança até Mirandella, foi uma verdadeira ovação, sendo acompanhado pelo clero da diocese, que por toda a parte lhe sahia ao encontro, vindo muitos padres, de grandes distancias, para se despedirem do seu antigo chefe, e grande multidão de povo, que o abençoava, e pedia a Deus que elle voltasse a governar o bispado.

Por carta regia de 7 de novembro de 1854, foi apresentado deão da Sé de Leiria. Chegou a esta cidade a 21 de dezembro, e tomou posse da cadeira de deão, logo a 31, principiando a exercer os cargos de secretario do bispo e de deão do cabido; sendo nomeado provisor e vigario geral, por provisão de 3 de janeiro do mesmo anno.

O bispado de Leiria, menor que o de Bragança, com muito pouco clero, e este, mais observante da disciplina ecclesiastica e morigerado, deixava algum tempo livre ao novo deão, pelo que teve occasião de poder ensaiar-se nos trabalhos do pulpito, e chegou a prégar treze sermões, com applauso geral; mas abandonou a prédica em consequencia da sua debil saude.

Foi honrado pela academia real das sciencias de Lisboa, com o titulo de *associado provincial* da mesma academia, por carta de 23 de março de 1857.

Por decreto de 10 de junho de 1858, foi nomeado vogal effectivo do conselho de districto de Leiria, cargo que exerceu por dous annos.

Em 22 de dezembro do mesmo anno, nomeado substituto de todas as cadeiras do seminario.

Alem da obrigação que contrahira com este cargo, e que cumpria com a maior pontualidade, tomou voluntariamente, o de abrir no seminario, um curso triennal, em duas aulas por semana, em que ensinava — no 1.º anno, educação religiosa e civil — no 2.º, liturgia theorica e pratica — e no 3.º, eloquencia sagrada, e exercicio de declamação.

Não encontrando livro apropriado ao ensino da educação, compoz e publicou um, que intitulou *Sciencia da civilisação*, que é um tratado completo de educação, reduzido a systema scientifico, ao qual a posteridade hade dar o devido aprêço.

Como deão, pôz em andamento regular, os negocios do cabido, que estavam em grande confusão, e conseguiu que o subsidio, dado pelo thesouro publico a cada dignidade e conegos, subisse de 12$000 a 18$000 réis.

Como governador do bispado, na ausencia do prelado, fez no edificio do seminario as obras convenientes, para que alli estivessem collocadas as aulas do lyceu, com as necessarias commodidades. Foi por sua diligencia e muito zêllo, que o mesmo seminario conseguiu vencer em Santarem, uma demanda, sobre um fôro de 100 alqueires de pão, que os respectivos emphiteutas se recusavam pagar, havia muitos annos, e que, por sentença, foram obrigados a satisfazer.

O fallecido cardeal patriarcha, D. Manoel Bento Rodrigues, o nomeou, por provisão, muito honrosa, de 10 de março de 1862, desembargador da relação ecclesiastica, logar de que tomou posse, por procuração, em 8 de julho do mesmo anno.

Sendo ministro dos negocios ecclesiasticos e de justiça, o fallecido marquez de Sá da Bandeira, lhe participou que Sua Magestade, tencionava elegel-o bispo de Macau. João Pereira escusou-se quanto poude, allegando o estado precario da sua saude, mas o ministro insistiu, e foi eleito por decreto de 9 de maio de 1865.

Na mesma occasião, foi muito instado o novo bispo eleito, para se encarregar interinamente, em quanto se demorasse no reino, da direcção do collegio das missões ultramarinas, o qual, tendo andado de mal para peior, estava em risco de acabar, e, apezar das escusas, foi nomeado superior do collegio das missões, em 4 de julho de 1865, estabelecido no antigo edificio do seminario de Sernache do Bom Jardim, onde tinha estudado humanidades.

Tomou posse, nos fins de julho do mesmo anno.

Em 15 de janeiro de 1866, deixou Leiria, com grande pezar da maior parte dos seus diocesanos, e chegou a Sernache no dia seguinte, sendo recebido a meia legua de distancia, pelas principaes pessoas da freguezia, com foguetes, musica, e todas mais demonstrações de regosijo.

Estavam assim realisados os seus antigos planos, se conseguisse para isso, os necessarios meios. Mas o edificio era insignificante para o fim a que se destinava, por ter ficado em metade, o risco da obra, e o pessoal que encontrou, foi apenas de dous padres e nove alumnos, sem os meios indispensaveis de subsistencia.

O estabelecimento, estava alli collocado havia dez annos, sem produzir resultado algum satisfatorio, e sem esperança de melhor futuro.

Os primeiros cuidados do bispo eleito, foi encher de alumnos a casa existente, e procurar os necessarios professores.

Os alumnos correram logo em tão grande numero, que se podiam escolher á vontade, sendo muitos regeitados, e tanto os antigos, como os novamente admittidos, mostravam muita docilidade.

Tudo começou a correr com regularidade; e ao mesmo tempo, cuidava em obter meios pecuniarios, para a conclusão do edificio, obra, na verdade grande, nas circumstancias do estabelecimento, mas indispensavel, porque a antiga casa, muito deteriorada, tinha apenas no andar nobre, 25 quartos, proprios para alumnos, o que era insufficiente; quando, depois de concluida a obra, ficaria com mais do dobro de accommodações.

O governo, attendendo ao expendido pelo superior, mandou que, pelo cofre da bulla da cruzada, lhe fosse dada, em 1867, a 1.ª prestação de fundos, para as obras extraordinarias.

O ministerio da marinha e ultramar, encarregou o mesmo superior, de as dirigir, ao que elle se entregou, com inteira dedicação, ideiando o plano da obra, que foi conveniente desviar um pouco do antigo risco.

No principio de março de 1868 se deu principio á abertura dos alicerces das novas obras, lançando-se a 1.ª pedra com toda a solemnidade, no dia 16 do dito mez.

No fim do anno, já estavam concluidos 10 quartos, que foram logo occupados por alumnos; e, em dezembro de 1869, se collocou solemnemente, a ultima pedra das mesmas obras, por cima da porta que deita para o parque; restando, todavia, ainda por fazer muitos trabalhos de pedreiro, carpinteiro e pintor, que só terminaram em 1871.

Instaram com o superior para que pozesse o seu nome na lapide que serve de remate á obra, mas elle mandou gravar a seguinte inscripção:

IMMACULATAE VIRGINI MARIAE DICATA
ANNO MDCCCLXIX
FAUCTRICE IPSA
DOMUS HAEC PERFECTA EST.

Melhorou muito o antigo edificio, ajardinou o claustro, plantando n'elle lindos arbustos e flores. Mandou fazer uma vasta cisterna a um canto do mesmo claustro, a qual leva quasi 120 metros cubicos d'agua. Completou o carrilhão dos sinos da torre da egreja, accrescentando-lhe trez, para ficar completa a oitava.

Na cosinha collocou um excellente fogão de ferro. Mandou fazer importantes obras no parque, e mandou finalmente fazer todos

os melhoramentos que julgou necessarios, tanto no edificio, como no parque e na matta.

—

A direcção do collegio correu optimamente, em quanto o governo apoiou as medidas do superior.

A moralidade e observancia da disciplina eram taes, que não havia castigos, por desnecessarios, e o adiantamento litterario era notavel: metade dos alumnos eram premiados no fim do anno, sem favor.

Ao mesmo tempo, encantava ver a satisfação e harmonia que reinava no seminario, e o amor e respeito que dedicavam aos seus mestres e principalmente ao superior.

Finalmente desde que o collegio foi transferido do Bombarral para aqui, nunca chegou — a todos os respeitos — a tal estado de perfeição.

Recebia 2:400$000 réis annuaes, dos rendimentos dos bens das missões, em Macau; mas, desde que José Rodrigues Coelho do Amaral, na qualidade de membro do extincto conselho ultramarino (que tinha a superintendencia do collegio) o foi inspeccionar, por ordem superior, em tal perfeição o viu, que logo apresentou ao governo a proposta para ser elevado o subsidio a réis 4:800$000, que o collegio recebe actualmente.

Com este subsidio, e com o do cofre da bulla da crusada, é que o collegio hoje se sustenta, sem despeza alguma do governo, senão a congrua ao superior.

Em sessão da camara dos deputados, de 15 de março de 1867, depois de ter o deputado Baima de Bastos, feito os maiores elogios ao bispo eleito de Macau, como superior do collegio das missões, o visconde da Praia Grande, então ministro da marinha, respondeu — «Estimo muito que v. ex.ª fizesse a devida e bem merecida justiça, ao sr. bispo eleito de Macau, que actualmente rege aquelle estabelecimento. É aos seus esforços que se devem os consideraveis melhoramentos effectuados nos ultimos 18 mezes da sua gerencia.»

Na sessão da mesma camara, de 20 de aquelle mez, o deputado Reis Moraes, fez os mais bem merecidos elogios ao superior do collegio, o bispo eleito de Macau.

Em sessão da mesma camara, de 6 de maio de 1868, disse o ministro da marinha: —«Temos um estabelecimento religioso, importante, que é o collegio das missões ultramarinas, de Sernache do Bom Jardim, dirigido por um prelado dignissimo a todos os respeitos, o reverendo bispo eleito de Macau. (*Muitos apoiados.*) D'alli hão de sahir bons parochos e missionarios para as nossas colonias, (*apoiados*) porque n'elle se empregam com desvélo, os meios de os formar. Oxalá que tão bom modelo seja imitado pelos outros seminarios do ultramar.»

Em sessão de 20 do mesmo mez, tambem o deputado Arrobas, fez os maiores elogios ao superior do collegio das missões ultramarinas, o bispo eleito de Macau.

—

O collegio não tinha ainda estatutos. A lei de 12 de agosto de 1856, encarregava o superior de os organisar, e elle n'isso trabalhava desde o principio da sua gerencia. Offereceu ao governo differentes projectos; mas, demorando-se a sua approvação, e mostrando a experiencia que careciam de alterações, offereceu novo projecto de estatutos, no principio do anno de 1871.

Só a 13 de septembro do referido anno, appareceram uns estatutos, dados ao collegio, mas contrariando em todos os pontos essenciaes, as medidas propostas pelo superior, sem que este fosse ouvido, nem a junta consultiva do ultramar!

Por decreto de 15 de junho do mesmo anno de 1871, tinha sido o bispo eleito de Macau, apresentado bispo d'Angra; mas este, pelo muito amor que tinha ao collegio, foi a Lisboa, e pediu instantemente, dispensa de tal cargo; porém só conseguiu que se não desse andamento ao negocio da apresentação para o novo bispado, emquanto se não dispozessem as cousas do collegio, de modo que a sahida do superior o não prejudicasse.

Entretanto, foi confirmado por sua santidade, em consistorio secreto, de 22 de dezembro de 1871, sendo logo sagrado.

Com a sua sahida do collegio, e com os

taes estatutos forjados em Lisboa, era de esperar, senão a completa ruina, pelo menos a rapida decadencia do seminario de Sernache.

—

Para tratarmos ininterrompidamente das cousas concernentes ao collegio, reservamos para o fim tratar do que diz respeito ao bispado de Macau.

Como vimos, foi o sr. D. João apresentado para este cargo, sendo ministro da marinha, o marquez de Sa da Bandeira; e foi confirmado por Sua Santidade, no consistorio de 8 de janeiro de 1866; mas com jurisdicção restricta á cidade de Macau, emquanto o governo portuguez não satisfizesse ás obrigações de padroeiro, no resto da diocese, que abrange as extensissimas provincias de Cantão e Kuang-si, e a grande ilha de Hainan.

Recusou o governo acceitar n'aquelles termos, as bullas de confirmação, e portanto, não poude sagrar-se o bispo eleito, nem hir para o seu destino. Continuou pois a dirigir o collegio das missões, esperando que se aplanassem as difficuldades suscitadas.

Entretanto, sendo ministro da marinha e ultramar, o fallecido Luiz Augusto Rebello da Silva, nomeou uma commissão, para organisar as missões ultramarinas, esquecendo do incluir n'ella o superior do collegio de Sernache, como o bom senso indicava; mas pelo contrario, escolhendo pessoas quasi todas estranhas a taes assumptos, e improprias para semelhante encargo, as quaes prepararam e conseguiram fazer acceitar, por Sá da Bandeira (que tinha succedido a Rebello da Silva) uma denominada reforma do seminario episcopal de Macau, e uns novos estatutos, approvados por decreto de 20 de septembro de 1870, pelos quaes, foram afastados os dignos professores que havia n'aquelle seminario (o qual até então prosperava admiravelmente) nomeando outros, e alguns novos conegos.

O governo fez mais e peior — nomeou para governador do bispado de Macau, um conego, que devendo a sua posição ao novo bispo, o offendêra gravemente, com deslealdades e ingratidões, fazendo-o arrepender de o ter proposto em 1867, para conego e professor de Macau, onde o seu procedimento muito desgostou o bispo e os macaenses.

Emquanto o ministro da marinha praticava taes inconveniencias e irregularidades, um governador de Macau, mandava vender ou aforar, uma parte da cêrca do paço episcopal, para construcção de casas que o estão devassando, sem ouvir nem consultar o bispo, já então confirmado.

Contra tal abuso do poder, e violencia, protestou o prelado, perante o ministerio da marinha, mas inutilmente.

Tantos desgostos, magoaram profundamente o bispo, que desde logo resolveu resignar, e assim o fez quando Sá da Bandeira pretendeu que elle se sagrasse, e fosse para Macau. (O governo tinha admittido a restricção que fica referida.)

O nobre bispo, offereceu a resignação, sem pedir congrua nem compensação alguma.

Assim foi peorando ainda mais o real padroado na China.

Foi depois d'isto, que, sendo ministro dos negocios ecclesiasticos e da justiça, José Marcellino de Sá Vargas, de accordo com o da marinha, José de Mello Gouveia, ambos amigos velhos do nomeado, foi este transferido para a Sé d'Angra.

Quiz ser sagrado na bonita egreja do collegio de Sernache, posto que com maior incommodo e despeza do que se fosse em Lisbôa, para dar gosto ao collegio e á sua familia.

Teve logar a sagração, com a maior pompa, a 28 de abril de 1872.

Foi sagrante, o bispo de Bragança, D. José Luiz Alves Feijó, amigo velho do sagrado; assistindo os bispos d'Angola, D. Joaquim, commissario geral da bulla da crusada, e o actual da mesma diocese, D. Thomaz.

Foi um acto importante, atrahindo um prodigioso concurso de gente.

Entre os cavalheiros distinctos pela sua posição, se notavam os srs.: Carlos José Caldeira — seu filho, Tancredo Caldeira do Casal Ribeiro — Luiz Antonio de Magalhães — seu sobrinho, Antonio de Meirelles Cardoso Gramaxo — José Farinha David Leitão

— e Lourenço Marques Junior, os quaes todos tiveram a honra de ser convidados para a ceremonia de lançar agua nas mãos dos bispos.

—

Finalmente, para terminar este já longo artigo, direi apenas — o ex.^mo^ e rev.^mo^ sr. D. João Maria Pereira do Amaral e Pimentel, actual bispo d'Angra, é um prelado a todos os respeitos exemplarissimo, e por isso amado e respeitado de todos quantos teem a honra e a ventura de o tratar, sendo afabilissimo para todos, sem distincção de classe ou posição social.

Nos Açores, alem dos seus padecimentos phisicos, tem soffrido bastantes desgostos, causados pela sua rectidão e imparcialidade, e pelo ardente desejo que tem de pôr as cousas da egreja em um estado prospero e regular; mas esses mesmos desgostos, promovidos por homens sem fé e sem dignidade, dão maior realce ás virtudes do venerando prelado, ao qual todos os homens de bem, fazem a devida justiça.

—

Ha n'esta freguezia o palacio e *quinta das Aguias*, com grande cêrca, que foi mosteiro e é uma formosa vivenda.

—

Na *Chronica do Condestabre*, se lê — «*Em aqlle lugar* (Sernache do Bom Jardim) *conheceu Nunalures sua molher; assi como homê deue conhecer a sua molher. E como quer que muyto tempo auia que a ella chamaua dona; com verdade se poderia dizer que des aquelte dia que a Nunalures seu marido assy conheceu, se poderia assy direitamente chamar, porque, posto que a dantes assy chamassem, ella era donzella. E este em seu verdadeiro nome, porque Vasco Gonçalves barroso, com que ella foi primeyro casada, nunca della ouve tal conhecimento. E esta foy a verdade, ainda que o ella sempre encobrisse, com sua grande bondade, do que cobrou grão fama de bom nome. E em bõo jardim folgaram, etc., etc.*»

—

D. Gonçalo Pereira, arcebispo de Braga, irmão de D. Vasco Pereira, progenitor dos condes da Feira, sendo ainda estudante em Salamanca, teve de uma nobre dama, chamada D. Thereza Pires, um filho, que foi D. Alvaro Gonçalves Pereira, prior do Crato.

Este arcebispo, era um bravo militar. Nas guerras que houve em 1336 contra os castelhanos, e que terminou pelo casamento do infante D. Pedro (depois rei, 1.º do nome) com a infanta D. Constança (filha do infante D. João Manoel, senhor de Escalona, marquez de Vilhena e duque de Penafiel, o mais poderoso fidalgo de Hespanha) n'esta guerra, digo — entrou D. João de Castro, governador da Galliza, na provincia do Minho, com um grande exercito de gallêgos, roubando e incendiando todas as terras por onde passavam. Sahiu lhe ao encontro o bravo arcebispo, com os portuguezes que á pressa poude juntar, e o derrotou completamente, morrendo D. João de Castro na acção, e mais de 300 gallêgos, e tomando-se-lhes todas as suas bagagens, e os roubos que tinham feito em Portugal.

Esta batalha foi no primeiro de junho do dito anno de 1336.

O arcebispo, falleceu a 6 de março de 1348, e jaz na Sé de Braga, em uma nobre capella, que elle mesmo tinha mandado fazer, para seu jazigo.

—

D. Nuno Alvares Pereira, por seu pae, era descendente dos reis da Lombardia, e por sua mãe, de D. Bermudo 2.º, rei de Leão.

Foi o 2.º condestavel do reino, e armado cavalleiro pela propria mão da rainha D. Leonor Telles de Menezes. (Vide *Cernache do Bom Jardim.*)

O retrato d'este famosissimo heroe, está na sala do despacho, da egreja matriz da freguezia.

—

Repito os meus agradecimentos ao ex.^mo^ sr. Carlos José Caldeira, pelos preciosos esclarecimentos que teve a bondade de me dar, e que me habilitaram a redigir o presente artigo.

Ao ex.^mo^ e rev.^mo^ sr. D. João Maria Pereira do Amaral e Pimentel, dignissimo e esclarecido bispo de Angra, peço perdão do meu arrojo em lhe escrever a biographia,

em termos tão faltos de eloquencia, como pobres de estylo.

SERNADA — Vide *Sarnada.*

SERNADELLA — Vide *Sarnadella.*

SERNANCÊLHE — Vide *Cernancêlhe.*

Este concelho é composto de 21 freguezias, todas no bispado de Lamêgo — são: Arnas, Caria, Carregal, Chouzendo, Cunha, Escurquella, Faia, Ferreirim, Fonte-Arcada, Freixinho, Granjal, Lamosa, Macieira, Penso, Quintella, Rua, Sarzêda, Seixo, Sernancêlhe, Taboza, e Villa da Ponte. Todas com 2:750 fogos.

(Por êrro da estatistica d'onde tirei o numero de fogos d'este concelho, disse no 2.º vol., pag. 250, col. 1.ª, que elle tinha 950 fogos, quando tem 2:750.

Foi antigamente da comarca de Pinhel, depois, da de Trancoso, e finalmente, da de Moimenta da Beira.

Foi commenda de Malta, que rendia mais de 1:600$000 rèis. O ultimo commendador foi D. João de Mello e Faro.

Fica esta villa a 45 kilometros de Pinhel, 24 de Trancoso, e 12 d'Aguiar da Beira.

A matriz, que é antiquissima, foi collegiada, com quatro beneficios simples, que apresentava o commendador.

O castello fica na maior eminencia da povoação, e d'elle foi alcaide-mór o conde de Pontével. Tinha duas torres, das quaes ainda ha restos. Dentro do castello havia a capella de S. Pedro, que foi arrazada depois de 1834. Parte do terreno interior da fortaleza está hoje transformada em cemiterio.

Dentro da matriz, ha uma capella pertencente ao sr. José de Almeida e Vasconcellos (feito visconde de Mossamedes em 21 de março de 1868)—e outra do sr. Manoel Antonio Cortez.

Ha n'esta freguezia as seguintes ermidas:

Publicas

1.ª *Santa Maria Magdalena.*
2.ª *S. Thiago.* — (É a capella do cemiterio.)
3.ª *S. Miguel, archanjo.*
4.ª *S. Gonçalo.* — Foi dos condes da Feira, hoje é dos Ribeiros Saraivas.
5.ª *Nossa Senhora do Pé da Cruz.*
6.ª *Espirito Santo* — na Cardia.
7.ª *Nossa Senhora do Amparo* — no logar da Ponte do Abbade, distante 9 kilometros da villa, mas da mesma freguezia.

Particulares

8.ª *Nossa Senhora dos Prazeres* — que foi da sr.ª D. Maria Clara de Tovar, e hoje é do sr. conde de Rézende.
9.ª *Nossa Senhora dos Remedios* — da sr.ª D. Francisca Luiza de Castro, de Melgaço.
10.ª *S. Roque.*
11.ª *Santo Antonio* — na casa que foi dos condes da Lapa.
12.ª *Nossa Senhora da Conceição.*

As trez ultimas capellas são do referido sr. visconde de Mossâmedes, e todas estão adornadas com a maior magnificencia, porque este fidalgo é eminentemente religioso.

Alem d'estas doze capellas, havia mais quatro, que foram arrazadas.

—

Tinha capitão-mór.

Tem Misericordia e hospital.

Ha na villa um mercado, em todas as segundas feiras seguintes ao 3.º domingo de cada mez, sempre muito concorrido.

É terra fertil em trigo, centeio cevada, milho, feijão, linho, castanha, vinho, e muita e bôa fructa. Cria muito gado.

É abundante de lebres, coelhos, e perdizes. O Távora lhe dá algum peixe miudo.

Houve sempre muita nobreza n'esta freguezia.

Na villa nasceu o Dr. frei Antonio Caiado, abbade de S. Pedro das Aguias, D. abbade geral do mosteiro d'Alcobaça, esmoler-mór de D. Maria I (em 1778.) Era muito douto e virtuoso, e a sua morte foi geralmente sentida.

—

O mosteiro da Ribeira, no termo da villa, está edificado sobre o rio Távora, que lhe banha os muros. Denomina-se *mosteiro de Nossa Senhora da Ribeira,* e n'elle flores-

ceram muitas religiosas esclarecidas em virtudes. Foi supprimido pelos liberaes, depois de 1834.

—

Pertenceram a este concelho mais as freguezias seguintes: — *Palhaes*, *Reboleiro* e *Sabadêlhe*, que passaram para o de Trancoso.

—

A casa da camara, tribunal judicial, e administração do concelho, estão estabelecidos na grande casa que foi dos Cortezes de Carvalho, de Tabosa, e hoje são dos condes da Anadia.

Ha aqui alguns edificios nobres, pertencentes a familias que mudaram de domicilio, taes como — Almeidas, Leitões, Carvalhos Vasconcellos (conde da Lapa), Cortezes de Carvalho, Sás e Mellos, Gamas de Castro, Ferreiras Cardosos.

Os Pamplonas, do Porto (hoje condes de Rézende) tinham aqui uma nobre casa, que está desmantelada, mas ainda conservam os bens que tinham n'este concelho.

São de Sernancêlhe os distinctos medicos Gama de Castro, e Antonio de Lacerda (este nasceu na villa da Ponte, freguezia d'este concelho) Manoel Antonio de Figueirêdo Gouveia, que depois de 1834 foi empregado no ministerio dos negocios ecclesiasticos, Bispo de Bragança e outros.

—

É terra abundante de optimas aguas, sendo notavel pela sua abundancia a que nasce em uma collina ao E. da villa e que desagúa no regato do Medreiro, e este no Távora.

—

No archivo d'esta camara, havia muitos e mui curiosos documentos antigos, que foram desencaminhados em 1834; todavia, é inegavel que Sernancêlhe é uma das mais antigas povoações da Beira-Alta. Pelo menos, ha dous indicios da presença aqui dos romanos — um é o achado de uma medalha d'ouro, do tempo dos imperadores — outro, são os restos da via militar romana (calçada) que passava pelo meio da villa, e da qual ainda ha vestigios. Hia pela Veiga, até á Ponte do Rio, e d'ahi por Entre-Vinhas, subia até entrar na villa, pela rua do Curral até onde se encontra a estrada que vem da Cruz da Cançada.

Era esta via romana formada, por estes sitios, de lapas, ou pedras largas e juntas de maneira tôsca, e que não deviam offerecer grande commodidade ou suavidade aos viajantes, mas eram de grande duração.

—

Mesmo desde o principio da nossa monarchia, foi sempre Sernancêlhe uma villa importante, o que está provado pelo foral que durante o governo da rainha D. Thereza (pela menoridade de seu filho, D. Affonso I) lhe deram, em 1124, D. Egas Gondezindiz e João Viegas; o qual D. Affonso II confirmou em Pinhel, em fevereiro de 1220.

—

Em 1823, foi Sernancêlhe uma das primeiras terras da provincia onde se deu o grito da restauração, a favor de D. João VI, para a queda da constituição de 1820.

Em 1832, quando os liberaes entraram no Porto, foi a camara d'este concelho, das primeiras a protestar contra a invasão, sustentando os direitos do senhor D. Miguel I.

—

O primeiro marquez do Pombal era oriundo d'esta villa, pois n'ella nasceu seu pae, e d'ella era a sua familia Na casa onde nasceu o sr. Antonio Ribeiro Saraiva (do qual adiante trato) ainda existem papeis assignados pelo pae do dito marquez, sendo então o senhor da casa, Francisco Xavier de Moraes e Figueirêdo (avô materno do referido sr. Ribeiro Saraiva), que a instancias do marquez, quando estava no auge de todo o seu poder e auctoridade, lhe comprou a mesma casa toda inteira (casa de habitação e fazendas). O edificio e capella que tinha, foi demolido pelo bisavô do sr. Ribeiro Saraiva, indevidamente, pois só pertencia a seu filho.

Tudo quanto resta do que foi casa do marquez do Pombal, é um grande portal, por onde se entra para o que agora é um quintal, uma janella n'este, e um cedro junto á mesma.

Antonio Ribeiro Saraiva

José Ribeiro Saraiva, nasceu em Passos da Serra, Beira Baixa, no concelho e junto á villa de Gouveia. (6.º vol, pag. 502, col. 2.ª) Foi juiz de fóra de Trancoso—depois fez dous triennios em Soure, e depois corregedor em Viseu, d'onde subiu á Relação, seguindo todos os logares da antiga magistratura, com grande distincção, até chegar a conselheiro da Fazenda, desembargador dos aggravos, juiz privativo da Inglaterra, Hollanda e outras nações, secretario de estado da rainha D. Carlota Joaquina, viuva de D. João VI, até á morte d'esta Augusta Senhora, que depositava n'elle a mais plena confiança.

Falleceu em Lisboa (de desgôsto por entrar alli a columna liberal de Villa-Flor) em agosto de 1833.

Foi casado com D. Francisca Xavier Constantina de Moraes e Macêdo, nascida na villa do Mogadouro, em Traz-os-Montes, por occasião de estar alli, como juiz de fóra, seu pae, Francisco Xavier de Moraes e Figueiredo, natural d'esta villa de Sernancêlhe, onde possuia uma bôa casa, que augmentou com a compra do nobre e antigo edificio e bens que alli tinha o primeiro marquez do Pombal (como já fica dito).

De José Ribeiro Saraiva e sua mulher, foram filhos os seguintes (por ordem das edades):

1.º *D. Maria Henriqueta de Moraes Ribeiro Saraiva*—que estudou com seus irmãos, todas as disciplinas, em sua propria casa, com mestres particulares escolhidos, e sob a direcção de sua mãe, senhora de grande talento e instrucção; de maneira que D. Maria Henriqueta se tornou uma senhora das mais instruidas do seu tempo, ao passo que era de um caracter varonil e energico, que conserva ainda, apezar de exceder já a edade de 80 annos. Vive em Sernancêlhe.

2.º *Antonio Ribeiro Saraiva*—do qual adiante trato.

3.º *Francisco d'Assis Ribeiro Saraiva*—nascido n'esta villa de Sernancêlhe. Formou-se em direito, na universidade de Coimbra, sendo depois despachado provedor de Viseu, não chegando a desembargador, como lhe pertencia pelos serviços de seu pae, por este o não consentir, e se conservou provedor de Viseu, até 1834, emigrando então para Londres, para junto de seu irmão Antonio, e depois, para Paris, onde esteve alguns annos. Regressou a Portugal, quando cessou a perseguição aos realistas, e casou com sua prima, D. Francisca de Faria Pimentel, da qual teve uma filha unica.

—

Antonio Ribeiro Saraiva nasceu em Sernancêlhe, no dia 10 de junho de 1800. É bacharel, formado em direito e em canones, pela universidade de Coimbra, frequentando simultaneamente ambas as faculdades, e depois, tambem mathemathica e philosophia.

Em Coimbra era geralmente considerado como um poeta muito distincto, fazendo parte da sociedade de mancebos cujo *chefe* era o famoso Antonio Feliciano de Castilho (depois primeiro visconde de Castilho) do qual foi o mais intimo amigo.

Terminou os seus estudos da universidade, em 1823, passando em seguida, algum tempo na côrte, na casa de seu pae.

Em 1826, tomou o partido do sr. D. Miguel. As tropas realistas do bravissimo general Silveira (conde d'Amarante e marquez de Chaves) não podendo resistir ás liberaes, e aos 16:000 inglezes, de Clinton, que as tinham vindo soccorrer, tiveram de emigrar para a Hespanha, em março de 1827—Ribeiro Saraiva teve pois de emigrar tambem, e só regressou á patria, quando o sr. D. Miguel foi acclamado rei de Portugal.

Durante a sua emigração, a sr.ª D. Maria Thereza, princeza da Beira, casada em Hespanha, o tomou para seu agente particular, empregando-o em continuas commissões politicas, na Austria, na Baviera, Inglaterra e França; podendo finalmente conseguir que o sr. D. Miguel sahisse de Vienna d'Austria, no que a princeza da Beira empregou toda a sua sollicitude e valimento.

Regressando a Lisboa, o rei o nomeou secretario da embaixada de Inglaterra, e n'este emprego se conservou até ao fim de maio de 1834.

A guerra civil, terminando então, Ribeiro

Saraiva soube em Londres, tudo quanto occorria em Portugal, e a época de terror que se seguiu á convenção d'Evora-Monte. Alem d'isso, caracter summamente energico e intransigente, mesmo depois de 1836, em que os liberaes, tomando as armas uns contra os outros, e combatendo-se ferozmente, deixaram os realistas em socêgo, não quiz Saraiva regressar a Portugal, onde reinava uma dynastia que não podia nem queria reconhecer.

Continuou a residir em Londres, e, mesmo depois de 1834, foi o encarregado de varias missões diplomaticas, pelos governos da Austria e da Russia, para a restauração do governo do sr. D. Miguel I, o que não poude conseguir; mas conseguiu o casamento do rei proscripto, em 25 de setembro de 1851, com a virtuosissima sr.ª D. Adelaide Sophia Amelia de Loewinstein Wertheim Rochefort Rozemberg, filha do principe hereditario, Constantino José, e da princeza Ignez Maria Henriqueta, filha do principe Carlos de Hohenlohe Langenbourg.

Apezar da sua perspicacia tinha cahido em 1846, no laço armado por alguns inglezes, comprados pelo marechal Saldanha, e mandou para Portugal o general escossez Macdonell, para se pôr á frente das forças realistas; mas de combinação com o marechal (segundo auctorisadas opiniões) para dar cabo da revolução.

Mesmo que Macdonel não viesse na intenção de atraiçoar os realistas, foi uma pessima escolha do sr. Ribeiro Saraiva, porque o escossez, velho octogenario, inválido e ébrio, era o homem mais improprio que se podia desencantar, para organisar um exercito, e commandar uma revolução. (Vide 8.º vol., pag. 283, col. 1.ª, no fim.)

Ribeiro Saraiva nunca mais quiz voltar a Portugal, e vive em Londres (*21, Nottingam Street Marylebon W.*) do producto dos seus trabalhos litterarios, e do lucro que lhe proporciona um pequeno commercio.

—

Como homem aferrádo á sua opinião, sem transigir com a dos outros, e mesmo desgostoso pelo muito que tem soffrido pelas suas ideias politicas, e — digamos tudo — pela sua edade avançada, que o torna mais ou menos teimoso e rabujento, indispoz-se com o sr. D. Miguel, e depois com a sua viuva, com a qual ainda está em desharmonia. Tambem se indispoz com os illustrados redactores da *Nação*, orgam principal do partido legitimista em Portugal, pelas mesmas razões porque se indispoz com o rei, e com a sua viuva; mas, nem por isso deixou de ser sempre um strenuo propugnador dos principios politicos que adoptára desde 1826: por isso é estimado e respeitado, não só dos seus correligionarios, mas tambem dos que militam em campos diametralmente oppostos. Eis o que, por occasião do seu 80.º anniversario, dizem dous periodicos liberaes:

«O nosso presado amigo Antonio Ribeiro de Saraiva, faz 80 annos no proximo dia 10 de junho corrente. Não podemos deixar de lhe enviar os nossos sinceros e portuguezes parabens por este seu anniversario, e fazemos votos ao ceu para que por largos annos o possamos fazer. E n'elle saudamos um dos representantes d'essa geração verdadeiramente *portugueza*, que sabia ser grande, tendo por base a religião.

«O nosso estimavel collega *Conimbricense* dedica-lhe as seguintes linhas que gostosamente transcrevemos:

«No dia 10 do corrente faz 80 annos o sr. Antonio Ribeiro de Saraiva, pois que nasceu em egual dia e mez do anno de 1800.

«Foram seus paes o desembargador José Ribeiro de Saraiva e D. Francisca Xavier Constantina de Moraes e Macedo.

«Foi baptisado no dia 18 de junho, sendo seus padrinhos os marquezes de Castello Melhor.

«Apezar de militarmos em campos politicos diversos, não impede isso que respeitemos a austeridade do nosso compatriota, que ha 51 annos se acha ausente do reino.

«Uma das qualidades mais apreciaveis do

sr. Ribeiro de Saraiva é a sua independencia, de que deu numerosas provas durante o proprio governo do sr. D. Miguel, ao qual servia com a maior dedicação.»—*Ordem.*

—

«Completa ámanhã oitenta annos d'edade o illustrado e venerando cidadão Antonio Ribeiro de Saraiva, um dos altos funccionarios do estado durante a dominação miguelista.

«Este homem é o typo da maior independencia e da mais rigorosa austeridade—ha cincoenta e um annos que vive no estrangeiro, expatriado, vivendo pobremente do seu trabalho, que nem mesmo a edade tem conseguido enfraquecer ou diminuir. Para elle Portugal deixou de ser terra, onde se pudesse viver tranquillamente, depois que a sua causa se perdeu e um novo systema politico, a elle opposto, se estabeleceu no paiz.

Ribeiro de Saraiva é um miguelista dissidente, isto é, faz politica a seu modo, sempre muito honestamente, combatendo até muitos dos actos do seu partido. Á *Nação* e ao grupo que ella representa, tem por vezes dado correctivos de um vigor assombroso para a edade d'aquelle velho. É intransigente e irreconciliavel. As suas cartas ao illustrado redactor do *Conimbricense*, são sempre muito curiosas, pelas revelações historicas e por uma fórma violenta para os adversarios das suas ideias. Ribeiro de Saraiva é de tal modo independente, que em 1833 nas cartas, encontradas nas regiões officiaes, do punho de varias influencias miguelistas, encontraram-se cartas de Saraiva verberando o governo do sr. D. Miguel.

«Antonio Ribeiro de Saraiva tem tido provações immensas. Sempre o mesmo. Antes quebrar que torcer. Chegou a não ter com que pagar o porte de uma carta. No tempo do sr. D. Miguel representava Portugal em Londres. Mudado o systema, cessou a representação. Sabem o que fez Ribeiro de Saraiva? Havendo dividas importantes da legação, cuja responsabilidade passaria immediatamente ao seu successor, Ribeiro de Saraiva empenhou-se, sacrificou-se e pagou *á sua custa* tudo.

«Um homem assim é raro e respeita-se. Não se procura n'elle o adversario, aprecia-se o cidadão. Um bom caracter e um homem leal, esteja onde estiver, estima-se e presa-se. Aos oitenta annos Ribeiro de Saraiva é ainda hoje um trabalhador. Vive da sua penna. Para dar uma prova do seu caracter basta dizer que se tiver de seu apenas uma libra, e um pobre, que elle reconheça como tal, lhe pedir uma esmola, dá-lh'a, embora fique sem nada para o dia seguinte. É assim. Os portuguezes que vão a Londres procuram sempre o versado portuguez e elle recebe-os com jovial alegria e sincero affecto. Serpa Pinto ultimamente esteve com elle.»—*Commercio de Portugal.*

—

Os ex.^mos^ sr.^es^ Antonio de Mendonça Falcão da Cunha e Póvoas, da cidade da Guarda, e seu irmão, Nicolau de Mendonça Falcão, são primos segundos do sr. Antonio Ribeiro Saraiva. É ao primeiro d'estes cavalheiros que devo a maior parte dos apontamentos para a rapida biographia que acaba de ler-se; pelo que lhe dou aqui os meus cordiaes agradecimentos. S. ex.^a^, era tambem parente proximo do fallecido tenente general realista, Alvaro Xavier da Fonseca Coutinho e Póvoas. (Vide *Vella.*)

Do sr. Antonio de Mendonça, é filho unico, o sr. dr. Alvaro das Póvoas, hoje delegado do procurador regio, na comarca de Mangualde, e um cavalheiro distinctissimo, em tudo digno do seu respeitavel pae, cujas pisadas no caminho da honra tem seguido sempre, e pelo que é geralmente estimado e respeitado.

—

Mosteiro de N. Senhora da Conceição vulgarmente denominado Senhora da Ribeira do Távora

A pag. 250, col. 2.ª do 2.º volume, tratei rapidamente d'este mosteiro, aqui darei d'elle mais circumstanciada noticia.

Está situado nas faldas do monte de Sernancêlhe, em sitio plano e fertil, banhado pelo rio Távora e por outros regatos que o tornam fresco e agradavel no verão; mas é cercado de montes, uns escalvados, e alcan-

tilados, outros cobertos de arvores e plantas de varias especies.

Havia aqui uma antiquissima ermida, dedicada a Nossa Senhora da Conceição, mas a que o vulgo, em razão da sua proximidade do Távora, denomina *Senhora da Ribeira.*

Os povos d'estas redondezas, tinham grande devoção com esta Senhora, e lhe faziam muitas romarias, no decurso do anno. Os habitantes da villa de Trancoso — que fica a 18 kilometros de distancia — lhe faziam todos os annos, a 8 de dezembro, uma solemne festividade. O rei D. Duarte dispensou os romeiros d'esta Senhora, da pragmatica do reino, dada em Extremoz, a 10 de abril de 1436, concedendo-lhes o poderem ir á romaria, montados em machos ou mullas.

Como já fica dito, os padres da terceira ordem da Penitencia, dos quaes era superior, frei Pedro da Ameixoeira, obtiveram licença da camara de Sernancêlhe, para construirem um mosteiro da sua ordem, junto á ermida da Senhora, o que fizeram em 1460. Mas a camara impoz aos frades a condição de — *só alli existiria o convento, em quanto o povo da villa o consentisse.*

Como esta licença foi concedida a frei Pedro da Ameixoeira, por morte d'este a camara expulsou os frades e tomou posse do mosteiro.

O padre Gonzaga, na *Chronica da terceira ordem da Penitencia,* diz que uma parenta de frei Pedro, é quem expulsou os frades, apresentando-se como herdeira do fundador — o que não é muito provavel.

Qualquer que fosse o motivo da expulsão, o que é certo, é que *frei João Cabeça de Vacca,* apenas leigo da ordem, mas com grandes relações na côrte, sabendo que D. João II hia (1483) em romaria a S. Domingos da Queimada (vol. 8.º, pag. 15, col. 1.ª) foi á sua presença, e queixando-se da expulsão de seus irmãos, obteve que o rei mandasse que o mosteiro fosse immediatamente restituido aos frades, o que se cumpriu.

Outro motivo mais forte, lançou os frades fóra do mosteiro para sempre, em 1520. Eis como isto se realisou:

D. Maria Pereira, filha ou parenta dos condes da Feira, senhora de grande nobreza, e muita representação, natural da villa de Sernancêlhe, irman de Pedro Alvares Pereira, tambem da mesma villa, achando-se viuva, e em edade avançada, emprehendeu expulsar os frades do mosteiro da Ribeira, e transformal-o em convento de freiras da mesma ordem. Prevalecendo-se da condição imposta pela camara a frei Pedro da Ameixoeira, quando esta lhe deu o consentimento para a fundação do mosteiro; e ainda mais, pela poderosa influencia dos seus parentes, que eram as principaes pessoas da villa, conseguiu o seu intento, e expulsou os frades; e para alli foi D. Maria Pereira, com duas filhas, e outras senhoras, e tomando a regra de S. Francisco, foi ella a primeira abbadessa.

Deve notar se que os frades eram muito poucos, o mosteiro estava por concluir e era pobrissimo, soffrendo os religiosos muitas privações, pelo que pouca resistencia fizeram para evitar a expulsão.

A nova abbadessa, que era bastante rica, concluiu as obras do mosteiro, restaurou a antiga ermida, que lhe servia de egreja, e em pouco tempo, poude a casa dar abrigo a 60 religiosas, quando no tempo dos frades apenas tinha seis cellas.

A antiga ermida, que era muito pequena e de tosca architectura, foi então transformada em uma bôa egreja; e a cêrca foi tambem ampliada e murada.

D. Maria Pereira, falleceu em 1533, e lhe succedeu no abbadessado D. Isabel Aranha, em nada inferior á sua antecessora.

Chegou a grande perfeção e disciplina este convento, de modo que d'elle sahiram por muitas vezes freiras, para fundarem outros mosteiros, ou para os reformarem. De entre estes se contam os mosteiros do Couto, Almeida, Monte-Mór-Velho, e Torres Novas.

—

A imagem da padroeira, revela, pela sua

esculptura, grande antiguidade. É de pedra, e tem um metro d'altura, e a sua festa principal se fazia no dia proprio, que é a 8 de dezembro, e foi sempre muito concorrida, não só dos povos circumvisinhos, mas até de romeiros vindos de terras muito distantes.

SERNANDE — Vide *Cernande.*

SEROA ou **SEROIA** — freguezia, Douro, concelho de Paços de Ferreira, comarca de Lousada, 30 kilometros a N. E. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Esta freguezia não vem no *Portugal sacro e Profano*, nem d'ella pude obter mais esclarecimentos.

SÉRPA — villa, Alemtejo, cabeca de concelho, na comarca e 24 kilometros ao S. O. de Moura, 70 kilometros d'Evora, 155 ao S. E. de Lisboa, 27 ao S. de Mértola, 6 do Guadiana e da raia hespanhola — provincia de Andaluzia. Tem a villa 1:400 fogos, em duas freguezias — o Salvador, 750 — Santa Maria, 650. — Em 1768 tinha 1:103 — o Salvador, 548 — e Santa Maria, 555.

Bispado, districto administrativo e 25 kilometros de Beja.

O rei, pelo tribunal da mesa da consciencia, apresentava o prior, que tinha 180 alqueires de trigo, 120 de cevada, e 22$000 réis em dinheiro.

O prior de Santa Maria, era da mesma apresentação, e tinha 210 alqueires de trigo, e 150 de cevada.

O concelho de Serpa, compõe-se das 9 freguezias seguintes — Aldeia Nova — Brinches, Santa Anna, Santa Iria, Santo Antonio Velho, S. Braz, Villa Verde de Ficalho, e as duas da villa. — Todas com 2:700 fogos, e pertencentes ao bispado de Beja.

A villa está situada em um alto, correndo-lhe ao sopé a ribeira *Chouchou.*

É cercada de muralhas com seu castello, e tinha 5 portas (de *Moura*, de *Sevilha*, da *Corredoura*, de *Beja*, e *Porta Nova*) tudo feito pelo rei D. Diniz. Os castelhanos do duque de Osuna, demoliram o castello e arrazaram as portas, em 1708, como adiante direi. Do castello apenas restam vestigios e as muralhas estão desmanteladas.

Tem misericordia; e um bom hospital.

Era commenda da ordem d'Aviz.

Tinha um mosteiro de frades *paulistas* (eremitas de S. Paulo) sob o titulo de Nossa Senhora da Consolação, principiado em 1440.

Este mosteiro, foi construido fóra da villa, no sitio chamado *Provencia*, que fica a 4 kilometros. Foi fundado por frei Matheus Fróes, eremita da serra d'Ossa, ao qual a infanta D. Leonor, filha de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro, deu este logar (que por isso se lhe mudou o nome em *Valle da Infanta*) em 2 de março de 1372. Era mosteiro pobre e pequeno, mas augmentou de edificio e rendas, quando se mudou para a villa, no referido anno de 1440.

E outro de *franciscanos* (antoninhos) fundado pelo rei D. Manoel, em 1502. É extramuros, e na capella-mór da sua egreja tinham o seu jazigo os ascendentes do actual marquez de Ficalho.

É povoação antiquissima, e a sua fundação é attribuida aos celtiberos túrdulos, pelos annos 480 antes de Jesus Christo; os quaes lhe deram o nome que conservou no dominio dos romanos, dos gôdos, e dos árabes (mas estes tambem lhe chamaram *Scheberim*) e é ainda o actual. O que é certo, é ter sido uma importante cidade da Bética.

D. Affonso Henriques a resgatou do poder dos mouros, em 1166; mas não havendo gente para a povoar e defender, foi abandonada, até que D. Sancho I tornou a tomar posse d'ella, em 1191. Tornou a cahir em poder dos mouros, em 1242, e foi resgatada por D. Paio Peres Correia e D. Sancho II, logo no mesmo anno, e nunca mais cahiu em poder dos mouros. Foi destruida pelos castelhanos, e o rei D. Diniz a mandou povoar em 1295, construindo-lhe então o seu castello, e dando-lhe foral com todos os privilegios da cidade d'Evora.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 7.º

Francisco de Mello, senhor de Ficalho, e alcaide mór de Serpa, ascendente dos condes de Ficalho, mandou fazer, para sua residencia, umas sumptuosas casas, junto ao

castello, vindo para ellas a agua, por uns grandes arcos, feitos sobre a muralha: tinha grandes jardins, um espaçoso terreiro, e boa quinta. Esta propriedade é hoje do sr. conde de Ficalho, que tem n'este concelho valiosas propriedades.

Quatorze filhos de Serpa teem sido bispos. (Em 1690 havia simultaneamente cinco bispos naturaes d'esta villa — eram o da Guarda, o d'Elvas, o do Algarve, e dous *in partibus*.)

O rei D. Diniz, estando em Béja, assignou uma carta regia, em 9 de dezembro de 1295, pela qual communicava á camara de Béja, que dava a esta villa o foral d'Evora — que vinha transcripto na mesma carta. (É o foral de que acima fallei.)

O rei D. Manoel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 28 de junho de 1513. (*Livro de foraes novos do Alemtejo*, fl. 64 v., col. 1.ª)

Foi senhor d'esta villa, o infante D. Fernando (filho de D. Affonso II) e por isso se denominava o *infante de Serpa*. Por sua morte, voltou a villa para a corôa.

(Este infante tinha casado em Castella, no anno 1241, com D. Sancha Fernandes de Lara, filha do conde de Lara.)

Quando D. João IV instituiu a casa do infantado, em 1641, deu Serpa a seu segundo filho, o infante D. Pedro, que depois foi rei, segundo do nome.

Tambem teve o senhorio d'esta villa, o infante D. Luiz, duque de Béja, filho segundo do rei D. Manoel e de sua segunda mulher, a rainha D. Maria, e pae do infeliz e mal aconselhado D. Antonio, prior do Crato, que disputou inutilmente a corôa de Portugal, ao usurpador Philippe II.

O infante D. Luiz foi um varão verdadeiramente grande em dotes da natureza e ornado de muitas virtudes. Foi piissimo catholico, de limpa consciencia, alheio de ambição, perpétuo protector dos benemeritos, amparo dos pobres, e chamado, com justa razão, *Delicias de Portugal*.

Os seus exercicios eram os estudos das artes liberaes, principalmente, das armas e cavallaria, em que era tão forte e tão dextro, que ninguem, no seu tempo, lhe levou n'isto vantagem. Nas festas de cannas, touros, justas e torneios, foi sempre objecto das maiores admirações, e quasi sempre levava os primeiros premios.

Teve por mestre de mathematica, o famoso Pedro Nunes (1.º vol., pag. 58, col. 1.ª) o maior homem do seculo XVI.

Sahiu o infante tão perito n'estes estudos, que compoz um livro de *Proporções e medidas*, de muita curiosidade e erudicção.

Era tambem um bom poeta; e escreveu algumas comedias, de grande vogá no seu tempo, e ainda hoje muito estimadas, pela profundidade dos seus conceitos, e pela graça de algumas das suas situações.

Foi duque de Béja, condestavel do reino, D. prior do Crato, senhor de Serpa, Moura, Covilhan, Almada, e outros logares. Vagando, por morte de D. Jorge de Alencastro (filho bastardo de D. João II, e progenitor dos duques d'Aveiro e de outros nobilissimos titulares) os mestrados de S. Thiago e Aviz, e sendo costume n'este reino, darem-se aos infantes, foi tal o desinteresse de D. Luiz, e amor do bem publico, que persuadiu ao rei, os unisse á corôa.

Na jornada e conquista de Tunes (Africa) obrou acções de valoroso e perito cabo de guerra.

Era um cavalheiro elegante e de feições sympathicas, sendo de uma graça indizivel no fallar, sem perder a gravidade de principe.

Foi filho e irmão extremoso, e para os seus creados era mais um pae, do que um senhor.

D. João III, seu irmão, o amava sinceramente, e nada resolvia sem seu conselho.

Nunca casou, mas teve um filho, que, como já disse, foi D. Antonio, prior do Crato.

Morreu como verdadeiro christão, na casa do conde de Linhares (que depois foi mosteiro de eremitas descalços de Santo Agostinho, e hoje é o tribunal da Bôa-Hora, na rua Nova do Almada) em Lisbôa, no dia 27 de novembro de 1555, com 49 annos e 9 mezes de edade. Foi sepultado no real mosteiro dos Jeronymos, de Belem. A morte d'este virtuoso e sabio principe, foi geralmente sentida.

D'entre as suas poesias, escolhi um sonêto, para dar aos meus leitores uma prova da verdadeira vocação poetica de D. Luiz. É o seguinte, feito nos ultimos annos da sua curta existencia:

Horas breves do meu contentamento,
Nunca me pareceu, quando vos tinha,
Que vos visse mudadas tão asinha
Em tão compridos dias de tormento.

Os meus castellos, que fundi no vento,
O vento m'os levou, que m'os sustinha.
Do mal que me ficou, a culpa é minha,
Pois sobre cousas vans fiz fundamento.

Amor, com falsas mostras, apparece,
Tudo possivel faz, tudo assegura,
E logo no melhor desapparece.

Oh dammo grande e grande desventura!
Por um pequeno bem, que desfalece,
Aventurar um bem que sempre dura.

—

Glosou este sonêto, com admiravel propriedade e elegancia, o excellente poeta portuguez, Balthazar Estaço, na sua *Poesia varia.*

—

Faz-se n'este concelho um grande negocio em porcos vivos e salgados, assim como *fumeiros*, que se exportam para todas as provincias do reino e para o Brasil.

Produz tambem os famosos queijos, denominados do *Alemtejo*, que se exportam em grande quantidade, sendo em toda a parte muito apreciados.

Ha grande negocio com os hespanhoes.

—

As armas de Serpa, são—em campo azul, um castello com ameias e guaritas, sobre montes.

—

Os arrabaldes da villa são muito ferteis e aprasiveis, comprehendendo grande numero de hortas, pomares, cearas e olivaes, regados pela ribeira Chouchou.

O terreno da freguezia é bastante accidentado, mas os seus valles são bem cultivados e muito productivos.

Este concelho é um dos mais ferteis e importantes da provincia do Alemtejo, sendo os seus principaes productos agricolas, cereaes, azeite e vinho. Produz tambem legumes, cêra, mel, e muita variedade de optima fructa. Tem vastos montados, onde se criam e engordam muitos milhares de porcos, que constituem um importantissimo ramo de commercio.

No termo d'esta villa, em um valle, proximo da freguezia de *Santo Antonio Velho*, está a fonte denominada *dos Banhos*. Antigamente, na vespera e dia de S. João Baptista, vinham aqui banhar-se os moradores da villa e dos arredores.

No dia do referido santo, a camara de Serpa, acompanhada da maior parte dos habitantes da villa, vinham a uma horta contigua á *fonte dos Banhos*, *fazer capellas* (mandar dizer missas e assistir a ellas) e correr cavalhadas.

Este costume acabou pelo meiado do seculo XVIII, e, como a horta onde se faziam as capellas, e as cavalhadas, deixou de ser talada por tanta multidão de povo e cavallos (ao que estava sujeita por contratos antigos) ficou obrigada a pagar á camara a terça parte do seu rendimento.

A maior parte da população da freguezia emprega-se na agricultura, e bastantes no commercio e na industria.

Para auxiliar os lavradores menos favorecidos da fortuna, ha na villa um antigo *monte de piedade* (celleiro commum) de emprestimos de cereaes, que tem sido de grande proveito ao povo.

Adiante trato d'este estabelecimento mais detidamente.

Ha aqui uma grande feira, a 24 d'agosto, que dura trez dias, e a ella concorrem generos de varias especies, e gados de toda a qualidade. É muito concorrida, não só por gente do Alemtejo e Algarve, como da Andaluzia.

Em 1606, foi aqui achado um cippo, com esta inscripção:

D. M. S.
FABIA PRISCA SERPENSIS
C. R. AN. XX. H. S. E. — S. T. T. L.
R. GEMINUS PRISCUS PATER.
ET FABIA CADILA MATER.
POSUERUNT.

(*Rezende*, liv. 4.º, pag. 198.)

—

Isto é—*Dedicada aos deuses dos mortos Fabia Prisca, serpense, cidadan romana, de 20 annos, aqui está sepultada. A terra te seja leve. Caio Gemino Prisco, seu pae, e Fabia Cadila, sua mãe, lhe erigiram esta memoria.*

Vê-se d'esta inscripção, que os habitantes de Serpa gozavam as honras e privilegios de cidadãos romanos.

—

A morte do rei Carlos II, de Castella, deu causa á guerra civil, que principiou em 1700. Dous eram os pretendentes á corôa — Philippe, duque de Anjou (depois rei, quinto do nome) e Carlos, archiduque de Austria, que se intitulou Carlos III.—O primeiro foi acclamado em Madrid, e Portugal e todas as nações da Europa, menos a Austria, o reconheceram como rei de Hespanha.

Em 1701, Portugal, Hespanha e França fazem um tratado de alliança, offensiva e defensiva; mas, em 1703, mudou a politica, e todas as nações que tinham reconhecido Philipe V, o abandonaram, para entrarem na grande alliança com a Austria, reconhecendo o archiduque como rei de Hespanha, sob o nome de Carlos III.

O archiduque chega a Lisboa, nas esquadras ingleza e hollandeza, com um exercito de terra, composto de 10:000 inglezes, que se uniram ao nosso exercito. (9 de março de 1704.)

O rei de Portugal, D. Pedro II, entregando a regencia do reino, a sua irman, a rainha D. Catharina (a *da Bemposta*) viuva de Carlos II de Inglaterra, marcha com o archiduque contra a Hespanha, onde entram, sem acharem resistencia séria.

Em 1705, os alliados tomam a forte praça de Gibraltar, e pouco depois, por assalto, a praça de Vallença de Alcantara, marchando logo sobre Albuquerque, que capitulou. A villa e praça de Salvaterra (hespanhola) rendeu-se á discrição. Os philippistas abandonam Sarça, e os alliados sitiam, mas não conseguem tomar a forte praça de Badajoz.

A esquadra dos alliados toma Barcelona. Toda a Catalunha e Vallença se declaram a favor de D. Carlos.

A França reune grandes forças em favor de Phillppe V.

Em 1706, este, sitia Barcellona, e manda o marechal de Berwick com uma forte divisão, oppor-se ao nosso exercito, forte de 40:000 homens, commandados pelo marquez das Minas. Berwick foi derrotado em Broças, e os portuguezes marcham sobre Madrid. (Na batalha de Broças, morreu o bravo conde de S. Vicente, um dos melhores cabos de guerra que então tinha Portugal.)

Moraleja, Alcantara, Coria, Valencia, e Cidade Rodrigo, são tomadas pelos alliados.

Philippe V é obrigado a abandonar o cêrco de Barcellona, e o nosso exercito continúa na sua marcha victoriosa sobre Madrid, onde entra a 2 de julho do mesmo anno, sem resistencia, pois os bourbonistas a tinham abandonado.

Depois, convencidos da impossibilidade de conservar Madrid por muito tempo, a abandonam, marchando sobre Vallença, onde o archiduque estava inactivo.

A 6 de dezembro d'esse anno, morre em Lisboa D. Pedro II, succedendo-lhe seu filho, D. João V, que ratifica a grande alliança.

Em 1707, o duque d'Ossuna, com uma forte divisão philippista, põe cêrco a Serpa. A praça tinha uma pequena guarnição, mas, ajudada pelos habitantes da villa, fizeram uma tenaz resistencia, obrando prodigios de valor; mas, faltos de mantimentos e de munições de guerra, tiveram de capitular a 26 de maio do mesmo anno.

(Em 1708, são obrigados os castelhanos a abandonar Serpa, mas (como já disse) demoliram o castello, e arrazaram as cinco portas das muralhas que cercavam a villa.)

O marechal Berwick, ataca o nosso marquez de Minas, em Almanza, na Castella Nova, a 25 d'abril de 1707, e os portuguezes são completamente desbaratados, perdendo 12 regimentos.

Refeitos os alliados d'esta grande perda, marcham pela Extremadura, sobre Badajoz, onde são novamente batidos por Berwick.

Em 1710, os alliados ganham a grande victoria de Saragoça, contra o exercito do general Bay, e entram, pela segunda vez, em Madrid.

A causa de Philippe estava perdida, mas' recebendo um grande reforço de tropas francezas, o duque de Vendome ganha a victoria de Villa Viçosa, na Castella-Nova, o que mudou a face ás cousas da guerra.

Em 1711, os bourbonistas atacam a nossa praça de Campo-Maior, mas, no fim de trinta dias de continuos ataques e de heroica resistencia, viram-se obrigados a retirar.

Em 1715, morre s imperador da Austria, e o arc.iduque Carlos, subindo ao throno imperial, abandona a sua causa em Hespanha.

Finalmente, a 11 d'abril d'esse anno de 1713, assigna-se a *paz de Utrecht*, Philippe V fica seguro no throno, e termina esta guerra (denominada *da successão*) e que foi tão fatal aos portuguezes como aos hespanhoes.

Ermidas d'esta freguezia

1.ª *S. Roque*, no Rocio.
2.ª *S. Pedro.*
3.ª *S. Sebastião.*
4.ª *Senhora dos Remedios*—todas na villa·
5.ª *Senhora da Saude*, fóra da villa. É um formoso templo, com uma rica irmandade, denominada do Terço, que occorre a todas as despezas do culto divino, e ao aceio e conservação da egreja.

Foi construido pelo povo da villa.

Eis o que reza a tradição, com respeito a esta egreja.

Havia extra-muros da villa uma antiquissima ermida, dedicada ao apostolo Santo André, que se suppõe ter sido a capella de uma gafaria.

Cessando a elephancia por estas terras, foi abandonada a gafaria, mas não a ermida' que era cuidada por um eremitão, que junto do templosinho tinha a sua humilde residencia.

Em certo dia, de anno que se ignora, entrou na ermida um formosissimo mancebo' trazendo comsigo uma bella imagem da Santissima Virgem, e pediu ao eremitão, licença para a pôr no altar, em quanto descançava de uma longa jornada que até alli havia feito. Sahiu o erimitão, e quando voltou á ermida, achou a santa imagem no altar, mas não tornou a ver o mancebo, do qual ninguem mais deu noticia.

Divulgou-se o caso, e o povo principiou logo a ter uma grande devoção a esta Senhora; e, como não sabiam o seu titulo, lhe deram o de *Nossa Senhora da Saude.*

Foram tantas as esmolas e promessas offerecidas á Senhora, que com ellas se lhe construiu o magestoso templo actual, perdendo a sua antiga denominação e tomando a da Senhora.

A sua festa é a 15 d'agosto (dia da Assumpção) e é sempre sumptuosa e concorridissima. Tambem se lhe faz outra festa em septembro, quando cáe a festa do seu santissimo nome.

Homens illustres naturaes de Sérpa

Os santos martyres Hilarião e Proculo Padeceram martyrio no tempo do imperador Trajano, no dia 12 de julho do anno 110 de Jesus Christo.—Segundo a tradição, nasceram em umas casas terreas, a pouca distancia do sitio onde depois se construiu o castello. Morreram proximo á *Horta dos Banhos*, em que já fallei. S. Proculo era tio de Santo Hilarião.

—

D. frei Bernardino de Santo Antonio, religioso de S. Francisco, da provincia do Algarve, lente jubilado em philosophia e theologia. Depois de ser guardião do collegio de Coimbra (da sua ordem) e do convento de Evora, foi bispo de Targa, coadjutor dos arcebispos d'Evora, D. Diogo de Sousa, D. frei Domingos de Gusmão, e D. frei Luiz da Silva; deputado do Santo Officio, d'Evora, onde prégou o sermão do *auto de fé*, que teve logar em 1682. Morreu a 14 de novembro de 1699, com mais de 80 annos de edade.

—

José Correia da Serra, distincto botanico, de fama européa. Nasceu a 6 de junho de 1750. Era filho do medico Luiz Dias Correia e de sua mulher, D. Francisca Luiza da Serra. Fez os seus primeiros estudos em Roma, onde residia a sua familia, desde 1756. Tornou-se notavel na capital do mundo catholico, pela sua precoce intelligencia, que causava a admiração de quantos o tratavam. Aos 14 annos de edade escreveu e publicou um livro mystico, que revela já um grande talento.

Seguiu os estudos ecclesiasticos em Roma, onde recebeu ordens menores e todas as mais até presbytero, dizendo a sua primeira missa, na magestosa basilica de S. Pedro, em 1775.

Tinha tomado conhecimeuto com o sabio duque de Lafões, que então viajava pela Europa, e que dedicou grande amisade a Correia da Serra, amisade que durou toda a sua vida.

Regressando a Portugal, em 1777, chamado por seu pae, que já estava no reino, porque o primeiro marquez de Pombal lhe tinha promettido um emprego rendoso, para o filho, soube que D. José I tinha morrido a 22 de fevereiro d'esse anno, e que Pombal tinha sido degredado para a villa do seu titulo.

Á ordem de seu pae, sahiu logo de Roma, despresando grandes partidos que lhe faziam em Italia, preferindo tudo ao serviço da patria. Não achando navio que viesse para Portugal, embarcou em um, para Cadix, e de lá veio por terra para Portugal, com a sua familia. Em Cadix, soube da morte de D. José I, e em Mértola (onde chegou a 29 de março de 1777) soube que seu pae tinha morrido havia pouco mais de um mez.

Como já cá era conhecido pela sua grande reputação, foi geralmente estimado, até que, chegando o duque de Lafões, o levou para o seu palacio, e muito o auxiliou no seu grandioso projecte da fundação da *Academia Real das Sciencias.*

Foi logo Correia da Serra nomeado secretario da mesma academia.

Desgostoso por algumas intrigas de que foi victima, foi para Londres, e depois, para Paris.

Escreveu com a maior elegancia, em francez e em inglez, as suas memorias sobre botanica, que foram publicadas nos annaes de varias academias estrangeiras, de que foi membro, o que lhe grangeou uma reputação universal, sendo considerado como uma auctoridade scientifica.

Em 1813, foi para os Estados-Unidos, onde abriu um curso publico de botanica, para adquirir meios de subsistencia.

Em 1816, o governo portuguez o nomeou ministro plenipotenciario em Washington.

Regressou a Portugal em 1821, quando a familia real já estava em Lisboa, desde 3 de julho d'esse anno.

Foi reintegrado no seu antigo logar de secretario da Academia, prestando como tal, grandes serviços ás sciencias.

A cidade de Béja o elegeu seu deputado ás côrtes de 1822.

Falleceu nas Caldas da Rainha, a 11 de setembro de 1823.

O venerando D. frei Manoel do Cenaculo Villas-Bôas, arcebispo d'Evora, foi intimo amigo de Correia da Serra, e um verdadeiro apreciador dos seus vastos talentos.

—

Frei Balthazar da Encarnação. Nasceu em 1683, e foi baptisado a 29 de agosto do mesmo anno. Falleceu a 25 de setembro de 1760.

Era filho de Pedro Alvares e de Brites Correia, e se chamava antes de professar, Balthazar Casqueiro.

Sendo ainda menino, perdeu seus paes, ficando entregue aos cuidados de sua tia, Maria Correia, que o mandou aprender o officio de sapateiro; mas, sendo turbulento, andava sempre armado, promovendo frequentes rixas.

Em 1703, foi para Evora trabalhar pelo officio, na loja de Francisco Dias, na rua da Sabaria; mas, no mesmo anno foi para Lis-

boa, e entrou como official na loja de mais fama do seu officio.

Na capital, continuou como na provincia, feito valentão e desordeiro; e, apenas largava a sovella, hia provocar rixas e desordens. Aos domingos, andava em busca de individuos designados como valentes, e brigava com elles. Se os beleguins o queriam prender, desancava-os, e os fazia fugir. De modo que toda a gente o temia e evitava. Muitas vezes sahia mal ferido das pendencias que provocava, mas não lhe servia isso de escarmento.

Sentou praça de soldado, em 1705, em um dos regimentos da rainha Anna, de Inglaterra (dos que vieram com o archiduque Carlos, como em outro logar fica dito.)

Finda a guerra da successão, em 1713, regressou a Lisboa, já meio convertido, e, escolhendo para seu confessor o virtuoso padre do Oratorio, frei Antonio da Cruz, que conseguiu, sem grande trabalho, tornar Casqueiro pacifico e bem comportado.

Devemos dizer, em abono da verdade, que Casqueiro nunca foi ébrio, jogador, mentiroso, prejuro, ladrão, ou assassino. Era provocador, turbulento, e mais nada.

Decidido a fazer aspera penitencia, foi, logo em 1713, tendo apenas trinta annos de edade, para as *Covas de Monte Furado*, ou *Covas Infernaes*, sitio solitario e tristissimo, no meio de uma serra do districto d'Evora.

Em 1710, se tinha tambem retirado para aquelle sitio um caldeireiro de Lisboa, a fazer penitencia, levando comsigo uma imagem da Santissima Virgem, a que deu o titulo de *Nossa Senhora do Castello.*

Ao caldeireiro se juntaram outros anacoretas, aos quaes se juntou tambem o nosso Casqueiro, de maneira que chegaram a reunir-se, em 1717, nada menos de vinte e cinco.

Fabricaram n'esse deserto, umas pobres casinhas para sua habitação, e collocaram a imagem da Senhora em uma gruta, que por muito tempo lhe serviu de ermida.

Viviam de esmolas dos fieis, e do producto do seu trabalho. Andavam vestidos de grosseiro burel, e cobertos de cilicios.

Casqueiro formou uma congregação de solitarios, e tomou para seu patrono, S. Paulo, primeiro eremita.

Em 1722, o geral da congregação de São Paulo, cuja cabeça era o mosteiro da serra d'Ossa, os auctorisou a usar do escapulario preto, e lhes deu carta de confraternidade.

Então estes ascetas construiram uma egreja, que foi benzida em 1725.

O infante D. Antonio, filho de D. Pedro II, e irmão de D. João V, se declarou protector d'estes solitarios.

Casqueiro, apezar de contar já quarenta annos de edade, principiou a aprender a ler e escrever, em 1723. Depois, estudou grammatica latina e se preparou para se ordenar, recebendo o grau de presbytero em 1732. Foi o referido infante D. Antonio que lhe deu o patrimonio — isto é — 1:200$000 réis, com que comprou uma fazenda.

Já sacerdote, foi nomeado director da congregação dos eremitas de *Monfurado*, para os quaes formulou uns estatutos rigorosissimos.

Á força de perseverança nos estudos, chegou a ser um profundo theologo. Obteve licença para prégar, e hindo a Roma, o papa Clemente XII o nomeou missionario apostolico.

Regressando a Portugal, percorreu-o quasi todo, prégando e confessando.

Ao mesmo tempo, pedia esmolas para a fábrica do cenobio de Monfurado. Mandou dous companheiros ao Brasil, que para o mesmo fim receberam uma grande quantia.

—

Em 1728, um official de canteiro, por nome Antonio dos Santos Prazeres, collocou no sitio de Buenos Ayres, em Lisboa, uma cruz, em um logar que então se chamava *Sitio da Mesura*, ou *Encruzilhada da Espera* — por ser logar afastado da cidade, e solitario, pelo que se commettiam alli muitos roubos e assassinatos. Antonio dos Santos lhe deu a denominação de *Cruz da Bôa Morte*, nome que ainda conserva, apezar de

já não existir ha muitos annos, nem a cruz, nem o mosteiro, que depois alli se fundou. É na freguezia de Santa Isabel [1].

Pouco depois de collocado o cruzeiro, que era de madeira, lhe pozeram uma cupula, e tornando-se o crucifixo da Bôa Morte objecto de grande devoção para o povo de Lisboa, principiou a ter muitas esmolas, que chegaram para que, em 1729, Antonio dos Santos e os seus officiaes, e aprendizes, transformassem o cruzeiro em uma bonita ermida.

A este tempo, frei Balthazar da Encarnação (nome que havia tomado Casqueiro, quando se ordenou) estava em Lisboa, com alguns monges de Monfurado, para estabelecer a confraria da *Caridade,* instituição piedosa, que tinha por fim soccorrer os presos e accudir aos necessitados, com esmolas sollicitadas aos bemfeitores.

Proximo da Sé, fundou uma ermida, da invocação de *Nossa Senhora da Caridade,* para os confrades assistirem aos officios divinos. Esta ermida ainda hoje existe no mesmo local.

Frei Balthazar da Encarnação, em pouco tempo se tornou tão conhecido em Lisboa, pelas suas virtudes, como Balthazar Casqueiro se tinha tornado celebre pelas suas turbulencias.

O canteiro Antonio dos Santos, offereceu a frei Balthazar o sitio do Cruzeiro, e a ermida da Bôa Morte, para alli se fundar um mosteiro de eremitas de S. Paulo, no logar onde o mesmo canteiro já havia construido uns cubiculos, onde elle e mais quatro companheiros habitavam, em vida penitente.

Acceitou frei Balthazar a piedosa offerta, e tratou logo de ampliar as pequenas cellas, e de construir outras, para os seus monges.

Em 1737, se mudou para a nova egreja, a imagem do Senhor da Bôa Morte, e no anno seguinte se collocou outra no cruzeiro, que existiu até 1834, em que foi demolido.

Pouco tempo depois do anno de 1834, o governo vendeu o mosteiro e egreja da Bôa Morte, a Bernardino da Costa Martins, que arrazou tudo, construindo no mesmo logar, um predio que hoje alli se vê.

O comprador fez n'esta casa um oratorio, e n'elle collocou o crucifixo do Senhor da Bôa Morte — a lapide que estava no mesmo cruzeiro, e a que estava sobre a porta da egreja.

A lápide do cruzeiro tem esta inscripção:

Em 8 de julho de 1728, se collocou n'este logar, pelo devoto irmão, Antonio dos Santos, a milagrosa imagem do Senhor da Bôa Morte, e trasladando-se para a egreja, em 31 de dezembro de 1736, e se poz esta memoria no mesmo logar, em 24 de abril de 1738.
P. N. Ave M. pelas almas.

No oratorio da nova casa, collocou o proprietario uma lapide, na qual diz, que, em 17 de maio de 1842, foi alli posta a imagem do Senhor da Bôa Morte, que estava na portaria da egreja, e a lapide que serve de base á imagem, e estava no cruzeiro.

Antonio dos Santos, sob o nome de Antonio dos Santos dos Prazeres, tomou o habito no novo convento, que foi approvado, por decreto real, passado em 1740.

Foi este mesmo Antonio dos Santos, que fez, em 1744, o *padrão do Senhor Roubado,* em Carriche, junto a Odivellas. (Vide *Carriche,* 2.° vol., pag. 127, col. 2.ª)

Instituido o novo convento, ao qual se deu a invocação do *Senhor Jesus da Bôa Morte, de monges descalços, de S. Paulo 1.° eremita,* frei Balthazar voltou a Roma, em

[1] Ha ainda em Lisboa, largo da Bôa Morte, no fim da Rua Direita da mesma denominação, e que principia no fim da Calçada das Necessidades, hindo do largo das Côrtes, e finda no tal largo da Bôa Morte. É isto na freguezia de Santa Isabel. — Mas a travessa da Bôa Morte, que finda na travessa das Almas, já pertence á freguezia da Lapa.

1742, e regressando ao reino, continuou com a sua vida de mortificação, caridade, e prégação.

Os monges do convento da Bôa Morte tinham por obrigação principal:

1.º Ter confissionario publico, com porta para a rua, e n'elle um monge, de dia e de noite, para ouvir os penitentes que não quizessem ser conhecidos.

2.º Missionar, dar exercicios espirituaes e ajudar a bem morrer, áquelles que o sollicitassem.

3.º Pedir esmola em communidade, cantando pelas ruas, a favor dos presos e necessitados.

4.º Dar sustento por cinco dias, a todos os que o pedissem.

—

Frei Balthazar morreu da edade de setenta e sete annos.

Grande concurso de povo correu ao mosteiro da Bôa Morte, apenas constou o fallecimento do veneravel monge, e muitos verteram lagrimas sinceras, pela perda d'este santo varão apostolico.

Deixou impressas varias obras e alguns sermões, onde se admira a erudição e elegancia de um homem que em edade tão avançada principiára a aprender a ler e escrever.

Frei Balthazar, desde a edade de trinta annos, só viveu para fazer bem, e dar exemplo de todas as virtudes christans. Protegido e respeitado pelos grandes, foi sempre humilde, e nunca deixou o seu grosseiro habito de burel.

—

Frei André de S. Paulo. Religioso arrabido, e vigario provincial, eleito em 1653.

Nasceu pelos annos 1590.

Escreveu um precioso livro, que se conserva inedito, sobre a genealogia de D. Elvira Maria de Vilhena, condessa de Pontével. É obra de grande merecimento. *Trata de todas as ordens militares que houve antigamente em Portugal, e das ainda existentes*, (menos a de S. Thiago). Está na Bibliotheca Nacional de Lisboa—(B-12-34.)

—

Manoel de Moura Manoel. Doutor em canones, filho de Lopo Alvares de Moura, commendador de Santa Luzia de Trancoso, e de D. Maria de Castro.

Foi collegial de S. Paulo, conego doutoral de Lamégo, inquisidor, deputado do conselho geral e da junta dos Trez Estados, conego doutoral de Braga.

Sendo um dos trez nomeados pela universidade, escolheu n'elle D. Pedro II, para reitor d'ella, por provisão de 25 d'agosto de 1685, sendo na mesma nomeado sumilher da cortina, d'aquelle monarcha.

Em 28 de abril de 1689, o mesmo D. Pedro II, o nomeou bispo de Miranda, e por carta de 26 d'agosto do mesmo anno, lhe ordenou que fosse tratar da sua sagração, por lhe terem chegado as bullas.

Falleceu em 1699.

—

D. José Francisco da Soledade Bravo—Nasceu pelos annos de 1777. Era filho de José Martins, natural de Villa Nova de Portimão (Algarve) e de D. Michaela do Carmo, da villa de Mértola, mas ambos residentes em Sérpa.

Formou-se em Coimbra, na faculdade de canones, e foi depois lente no seminario patriarchal de Santarem, e mais tarde, conego da Sé de Lisbôa.

Em 1831, achando-se vaga a cadeira episcopal de Portalegre, por ter fallecido seu 19.º bispo, D. José Valerio da Cruz, em 17 de julho de 1826—o governo do sr. D. Miguel I, elegeu para bispo d'esta diocese, a D. José F. da S. Bravo, em 29 de setembro do dito anno de 1831. O pontifice Gregorio XVI, o confirmou, em maio de 1832, e foi sagrado a 10 de junho seguinte, tomando posse, logo a 14 de julho.

Em 1833, vendo que os liberaes hiam levando tudo de vencida, e temendo os maus tratos dos vencedores, passou a fronteira, e se recolheu na villa de Albuquerque, na Extremadura hespanhola, onde adoeceu, poucos dias depois da sua chegada, morrendo em 10 de novembro do mesmo anno de 1833.

Havia deixado por governador do bispado, o thesoureiro-mór da sé cathedral, Diogo Francisco Fratel, que continuou a reger

a diocese até 23 de maio de 1834, dia em que veiu substituil-o, o intruso Joaquim Placido Galvão Palma.

Foi D. José, o 2.º e ultimo bispo de Portalegre, cuja cadeira não tornou, até hoje, a ser provida.

—

«*Luiz de Almeida e Albuquerque*, nasceu na villa de Serpa em 1816.

«Depois de frequentar a universidade de Coimbra, onde obteve o diploma de bacharel em direito, veiu para Lisboa, e pouco tempo depois alcançava por um brilhante concurso o lugar de lente substituto da cadeira de economia politica na Escola Polytechnica.

«Contemporaneo de Corvo, Thomaz de Carvalho, Silva Tullio, Fradesso da Silveira, Latino Coelho, Hortas, Lopes de Mendonça, Palmeirim, Casal Ribeiro e tantas outras intelligencias vigorosas e potentes, começou a carreira jornalistica em 1849 no jornal o *Pharol* e mais de uma vez teve de medir as suas forças com os athletas seus contemporaneos e seus amigos.

«Folheando os jornaes d'esse tempo, relendo essas paginas de polemica viva mas cortez, e comparando-as com o que hoje se escreve, sente-se o espirito realmente contristado. N'essa epoca, o ataque nunca excedia uns certos limites, a phrase não attingia jámais a fórma do insulto, e os adversarios da vespera apertavam as mãos no dia seguinte, porque todos, sem excepção, haviam calçado as suas luvas ao sentarem-se á meza do trabalho.

«Alem da redacção do *Pharol*, Almeida e Albuquerque collaborou tambem com assiduidade nos jornaes *Illustração*, o *Paiz* e o *Lusitano*.

«Por morte do grande patriota José Estevão, lente de economia politica, Luiz de Almeida tomou conta da effectividade da cadeira de que era, como já dissemos, substituto. O encargo tornava-se difficil, porque havia a luctar com o rasto de luz que o brilhante orador deixára atraz de si, mas o novo lente, se não poude egualar na fórma o antigo mestre, aproximou se quanto possivel d'elle, pela clareza de exposição e pelos vastos conhecimentos que exhibia diariamente.

«Pouco antes da época a que nos referimos, tinha o nosso biographado tomado conta da propriedade e da redacção principal do *Jornal do Commercio*, que fôra fundado por uma sociedade, que não chegou a ver coroados os seus incessantes esforços.

«Em breve o *Jornal do Commercio*, sob a direcção do novo proprietario, attingiu o grau de prosperidade que ainda hoje conserva e que se lhe não dá jus a julgar-se o primeiro jornal do paiz, dá-lhe com certeza direitos o julgar-se o maior.

«Luiz de Almeida e Albuquerque é commendador e cavalleiro de varias ordens, foi por duas vezes secretario geral do governo civil de Lisboa, e vereador da camara municipal, cargo para que tem sido eleito em differentes epocas.

«Como vereador, um dos maiores serviços que a cidade lhe deve é o aformoseamento da Praça do Principe Real, hoje um dos primeiros e o mais agradavel de todos os jardins municipaes.

«Fallámos do homem publico; resta-nos agora fallar do homem moral.

«Luiz de Almeida resume-se no seguinte: Exemplar chefe de familia, funccionario honestissimo, coração aberto a todos os sentimentos bons, amigo leal e dedicado, espirito sarcastico e politico girando á feição de todos os ventos.»

Diario Illustrado, n.º 678, de 5 de agosto de 1874.

—

Ricardo Antonio Paulo Soares.—Nasceu em 1790. Sentou praça de cadete, em 1809. Fez com distincção a guerra da Peninsula, merecendo os postos de alferes e tenente, pela sua bravura. Foi feito capitão, em 15 de dezembro de 1814 — major, em 29 de setembro de 1831 — tenente coronel, em 22 de outubro de 1832 — coronel, a 2 de agosto de 1833 — brigadeiro (general de brigada) no 1.º de janeiro de 1834.

Era um militar intrepido e disciplinador, ainda que severo.

Seguiu sempre o partido realista, até á convenção d'Evora-Monte.

Regressando a sua casa, fiado na letra da convenção, e na *amnistia plena*, foi cruelmente espancado por sicarios a quem jámais havia offendido, isto á vista da guarda estacionada na praça publica da villa, cujos soldados e commandante tudo presencearam impassiveis.

Foi levado em braços para casa (pois lhe tinham quebrado uma perna.)

Não satisfeitos os seus cobardes offensores, assaltaram-lhe no dia seguinte a casa, acabaram de o matar, e o roubaram!

—

Bernardo Pereira de Berrêdo — do conselho do rei D. João V, governador do Maranhão (Brasil) e depois, de Mazagão.

Falleceu em Lisboa, no mez de Março de 1748.

Escreveu os — *Annaes historicos do estado do Maranhão, em que se dá noticia do seu descobrimento, e tudo o mais que n'elle tem succedido, desde o anno em que foi descoberto, até 1718, offerecido a el-rey D. João V.*

É uma obra muito estimada e pouco vulgar, apezar de haver uma 2.ª edição.

—

D. Francisco Barrêto — doutor em canones, conego da Sé de Lisboa, e depois bispo do Algarve, do conselho do rei.

Foi um prelado muito exemplar e instruido. Escreveu um livro intitulado *Advertencias aos parochos e sacerdotes do bispado do Algarve*; que foi publicado em 1676.

Constituições do bispado do Algarve — A 1.ª edição tinha sido publicada em 1554 — a 2.ª é que foi feita por este prelado, que corrigiu, aperfeiçoou e augmentou a antecedente.

Regimento do auditorio, no mesmo volume, que termina com o cathalogo dos bispos do Algarve. As obras d'este distincto escriptor são muito estimadas e ráras.

Minas

N'este concelho ha apenas (que eu saiba) uma mina de cobre, manifestada em 1875, mas que se não lavra.

No anno de 1875, manifestaram-se no districto administrativo de Beja, grande numero de minas, mas todas ficaram no manifesto.

Só de janeiro até maio se manifestaram as seguintes:

Em *Aljustrel*, 12 de manganez.

Em *Alvito*, 7 de ferro e 3 de cobre.

Em *Beja*, 15 de manganez, 7 de ferro, e uma de cobre, enxofre e ferro.

Em *Ourique*, 6 de manganez e uma de cobre.

Em *Mertola*, 41 (!) de manganez.

Em *Castro Verde*, 5 de manganez, e uma de cobre e grés.

Em *Moura*, 4 de manganez, uma de cobre, e outra de cobre e ferro.

Em *Serpa*, uma de cobre.

Ao todo, 107, e isto só de janeiro a maio!

Estação Telegraphica

A estação telegraphica de *Sérpa*, foi inaugurada com grande pompa, e geral regosijo, no dia 16 de septembro de 1879.

A catadupa do Guadiana

Entre as villas de Sérpa e Mértola, fórma este rio uma temerosa catadupa, que se despenha com horrivel estrondo, aturdindo e terrificando os que a ella se aproximam.

Duarte Nunes de Leão, tratando d'esta catadupa *(Descrip. do Reino de Port.)* escrevia em 1599 — *Alli onde se despenha*, (o Guadiana) *se chama Assonjo*, (catadupa, cascata, cachoeira, salto, etc.) *por o grande roido, e estrondo, que a ágoa faz; cahindo de logar tam estreito, e tam alto, que d'ahi ao pégo, são desasseis braças.*

Com effeito, o rio cáe em um pégo que tem uns 100 metros de largo e **80** braças (173 metros) de altura, correndo pouco antes, por dous canaes tão estreitos, que cada um, não tem mais de um metro de largo; e juntando-se logo, passam por baixo de uma ponte de pedra, formada pela natureza, e

que dá passagem de uma para a outra margem do rio.

A esta catadupa se dá o nome de *Salto do* Lôbo.

(Vide o 3.º vol., pag. 331, col. 2.ª)

Sérpa, appellido

Sérpa é um appellido nobre n'este reino. Procede do infante D. Fernando, filho de D. Affonso II (do qual já fallei.)

Este infante, casou em Castella, no anno de 1241, como vimos, e não consta que viesse nenhum dos seus descendentes para Portugal; mas deixou em Sérpa, um filho bastardo, chamado *D. Jorge de Serpa*, que foi fronteiro-mór da Beira, no tempo do cardeal-rei. É d'este D. Jorge que procedem os Serpas portuguezes.

As armas dos Sérpas, são -- Em campo verde, um leão d'ouro, lampassado de púrpura, entre duas torres de prata, lavradas de negro, e por baixo do leão, uma sérpe, tambem d'ouro, volante — êlmo de aço, aberto; e por timbre, uma das torres do escudo, com a sérpe nascendo do alto d'ella.

(Villas-Bôas, diz que o escudo é vermelho.)

Outros *Sérpas*, trazem por armas — em campo verde, leão d'ouro, junto d'elle um abutre, e quatro torres de prata, acantonadas. Timbre e êlmo, como o antecedente.

Note-se porém, que muitos individuos usam este appellido, ou por serem de Serpa, ou por o herdarem de seus paes, sem que descendam de *Dom Fernando de Sérpa*.

Factos historicos

Em janeiro de 1666, quando mais accesa andava a guerra da restauração, estava n'esta villa, o general, conde de Schomberg, governador das armas do Alemtejo. Sabendo que o marquez de Carracena, estava em Niebla (villa dos duques de Medina Sidonia) com 600 cavallos e muita infanteria, sahiu de Serpa, no dia 21 do dito mez, com 2:000 infantes e outros tantos cavallos, e, marchando nove léguas, sem descanso, foi atacar a praça d'Alcaria de la Puebla (Andaluzia) onde estavam quatro companhias de cavallaria, que aprisionou, com todas as suas armas e cavallos, e todas as munições de guerra que achou na praça. Enviou a D. Affonso VI (que n'essa occasião andava caçando em Salvaterra de Magos) trez estandartes dos tomados ao inimigo, e o rei os deu — um á nova egreja de Nossa Senhora da Piedade, de Santarem (fundação sua) outro á egreja de Nossa Senhora da Conceição, de Lisbôa — e outro á de Salvaterra de Magos.

D'Alcaria, marcharam os nossos sobre a villa andaluza de Paimogo, que estava bem fortificada, e a tomaram, deixando-lhe guarnição portugueza, por ser um importante ponto militar.

No dia 27, já os nossos tinham regressado a Serpa, com poucas perdas de gente, e riquissimos despojos.

Ao mesmo tempo, João da Silva e Souza, sargento-mór de batalha, do Alemtejo, e general da cavallaria, do Algarve, para fazer diversão, e combinado com Schomberg, sahiu de Extremôz com 1:600 cavallos, foi até ás proximidades de Badajoz e Talavera, onde tomou um comboio de 160 cavalgaduras muares, e 20 cavallos, que hiam de remonta para o exercito castelhano: alem d'isto, 90 bois e mil e tantos porcos.

—

O bispo de Lisboa, D. Soeiro da Costa, e D. Affonso II derrotaram em frente de Sérpa, os reis mouros de Córdova, Iaen, Sevilha, e Badajoz, em 1217; mas os mouros reconquistaram esta villa, Juromenha, Arronches e Mértola, no Alemtejo; e Aljezur e Tavira, no Algarve, até que D. Affonso II e o famoso D. Payo Peres Correia, resgataram passados poucos dias, todas as terras perdidas. Tanto a conquista como a restauração, foram em 1242.[1]

—

Segundo a tradição, os mouros conquis-

[1] O bispo D. Soeiro e D. Affonso II, com os cavalleiros das differentes ordens militares, e com os crusados, que então tinham chegado ao Tejo, tomam Alcacer do Sal, no dito anno de 1217. Os reis mouros de Cordova, Jaen, Sevilha e Badajoz, que vinham

taram Sérpa ainda no reinado de D. Affonso II (o *Gôrdo*) pelos anos de 1212.

Este rei a veio logo resgatar, e elle mesmo em pessoa, deu batalha aos mouros, junto ao *mosteiro de S. Gens* (hoje *Nossa Senhora de Guadalupe*) sendo os mouros derrotados; mas, no maior calor da acção, e quando os nossos já hiam em perseguição dos inimigos, espalha se a noticia de que o rei não apparecia! Foi tal o terror dos soldados, que todos esqueceram os mortos, e e destroçaram. Os officiaes, procuraram o rei por toda a parte, hindo finalmente dar com elle deitado no chão, ao pé do seu cavallo. Despiram-lhe as armas, e não só viram que não estava morto, mas, nem ainda levemente ferido, e sómente suffocado com o calor, em razão da sua muita gordura.

Ao tornar a si, perguntou — «E a batalha?» — «Está ganha.» — «Então persigamos os mouros.» — «E os mortos?» — «Em memoria d'elles faça-se uma cruz, que perpetúe a lembrança d'esta victoria.» — E assim se fez, e a cruz que era de madeira, foi substituida por uma de pedra, que foi collocada alli, por ordem do rei D. Diniz. Chama-se a *Cruz Nova*.

em soccorro da praça, são derrotados, em frente d'ella. Os christãos, vão sobre os reis fugitivos. e novamente os derrotam, em frente d'Elvas, depois em Moura, e por fim, em Serpa; obrigando os restos a fugir para Castella.

Duques, marquezes e condes de Ficalho

D. Eugenia d'Almeida, 1.ª duqueza, 1.ª marqueza, e 2.ª condessa de Ficalho, camareira-mór de Sua Magestade, dama da rainha D. Maria I, e da ordem de Santa Isabel, viuva de Francisco de Mello, 6.º conde de Ficalho.

Em attenção aos serviços que á causa liberal prestou seu marido e seus quatro filhos, e mesmo por ella estar preza por liberal, foi feita marqueza de Ficalho, em 4 de abril de 1833, e duqueza, em 14 de maio de 1836.

Nasceu a 22 de setembro de 1784, e morreu no 1.º de março de 1859.

Era irman de D. Antonio d'Almeida Portugal Soares Alarção Mello Castro Athaide Eça Mascarenhas Silva e Lencastre, 5.º e ultimo marquez do Lavradio, já fallecido—de D. Francisco d'Almeida Portugal, 2.º conde do Lavradio, feito em 1 de dezembro de 1834, par do reino (feito em 1835) e tambem já fallecido—de D. Marianna, condessa da Ribeira-Grande — de D. Luiz, 4.º marquez do Lavradio (fallecido no 1.º de março de 1812) — de D. Margarida, marqueza de Alegrête — de D. Francisca marqueza de Vallada. Tinha mais trez irmãos, que não eram titulares (D. Maria, D. Joaquim D. João.)

Era 1.ª filha de D. Antonio Maximo d'Almeida Portugal Soares Alarção Mello Castro Athaide Eça Mascarenhas Silva e Lencastre, 3.º marquez do Lavradio, 6.º conde de Avintes, par do reino em 1826, etc.— fallecido em Paris, a 4 de maio de 1833.

Seu marido, era filho de Francisco de Mello, 2.º conde e 5.º senhor de Ficalho, senhor do morgado de Serpa, etc. Era major de infanteria n.º 8, na guerra Peninsular, e morreu em Salamanca, a 25 de agosto de 1812, das feridas que recebeu na batalha que ahi se tinha dado em 22 de junho d'esse anno.[1]

Teve um unico filho, que foi o marido de D. Eugenia.

O condado de Ficalho, foi creado por D. Maria I, em 25 de abril de 1789, e o senhorio, em 24 de setembro de 1678, por D. Pedro II, quando era infante regente.

Para a genealogia da familia de D. Eugenia, vide 4.º vol., pag. 61, col. 2.ª

—

O sr. D. Antonio de Mello, foi feito marquez de de Ficalho (de juro e herdade) no 1.º de dezembro de 1834, e mordomo-mór, em 23 de novembro de 1876.

[1] Esta batalha foi dada pelos alliados, commandados por lord Wellington, contra os francezes, commandados por Marmont. Ambos os generaes executaram habilissimas manobras, mas os nossos obtiveram a maior victoria de toda a guerra peninsular. Custou-nos, porém, a perda de 6:000 homens, mas o inimigo perdeu 15:000, e grande quantidade de munições e petrechos de guerra.

O sr. marquez de Ficalho, é —par do reino, conselheiro de estado effectivo, grão-cruz da ordem de Torre e espada, da de Christo, e de outras estrangeiras, gentil-homem da real camara, e mordomo-mór.

O sr. D. Francisco de Mello, foi feito conde de Ficalho, em 16 de junho de 1862.

O sr. conde de Ficalho, è um distincto professor de botanica, na Escola Polytechnica, e elegante escriptor publico. É auctor da *Flora dos Lusiadas*, e actualmente (agosto de 1880) está escrevendo um romance da *escola de Zola*, e um volume de *contos*, no mesmo estylo. (Não foi muito feliz a escolha do mestre!)

Varias curiosidades da villa de Sêrpa

Foi levantada a ordem de suspensão para a reclamação da matriz industrial addiccional dada pelo delegado do thesouro d'este districto, referente aos directores do Banco Rural d'esta villa, tornando a vigorar desde 18 do corrente, por determinação do director geral das contribuições directas, como se affiança.

Agora vem mais apurada a exigencia. Primitivamente determinou-se que a inclusão dos directores fosse feita na matriz de 1877, e para se contradizer o dictado de que, «com aguas passadas não moem moinhos,» deram-se ordens para que a inscripção começasse em 1875 (!) de fórma, que cada um dos gerentes, a não serem attendidas suas justissimas reclamações, terá de pagar uma verba excessiva, muito superior á auferida, além de ter tido trabalho e responsabilidade gratuita!

É incrivel semelhante exigencia, e todavia é muito verdadeira. Affiança-se que havendo-se officialmente demonstrado que os directores do Banco Rural apenas venciam 48$000 réis annuaes, por não poderem os interesses do estabelecimento dar mais, respondêra o director geral, que a contribuição era imposta á cathegoria e não aos interesses dos gerentes. Peregrina, ingenua desculpa! Não creio que seja verdadeira, por absurdissima, e não a commento por esta razão.

Até 1840 existia em Serpa um celleiro commum, com os fundos proprios do municipio, sendo em 7 de março transformado em Banco Rural, reduzindo-se o trigo de alqueire a réis, para se emprestarem aos agricultores por modico juro. O trigo produziu 22:000$000 réis; ora sendo actualmente *todo o capital* do banco quasi réis 25:000$000, claro está que o municipio é dono da quasi totalidade do mesmo, pois dos 3:000$000 réis restantes pertencem reis 2:000$000 ao monte-pio e 1:000$000 réis, aproximadamente, a vinte accionistas.

Pelo que deixo dito se vê que o antiquissimo celleiro commum só mudou de nome: de dono, não, porque o povo continúa a ser d'elle senhor, e tanto que em todos os biennios elege, como eleição municipal, directores-gerentes, e representantes para a assembléa geral.

D'um tão diminuto capital não podem certamente tirar-se grandes lucros, e d'estes, a não se irem sacrificar os dividendos, que muito exiguos são, porque apenas montam a 4,11 %, é impossivel pagarem-se gratificações aos gerentes, que possam soffrer a contribuição de 67$000 réis, além de réis 180$000 que o estabelecimento paga ao cofre nacional pelos interesses distribuidos annualmente.

Vê-se pois que a lei só póde referir-se ás casas bancarias, que possuindo milhares de contos e tirando dos interesses uma percentagem muito minima, e sem affectarem os lucros dos accionistas, podem garantir aos seus empregados convidativas gratificações: —aos pequenos bancos, não. E tanto o entenderam assim os legisladores, que na lei de contribuição industrial não existe uma palavra referente aos celleiros communs, que por emprestarem o capital em generos, não deixam de ser bancos agricolas. Os seus gerentes nada pagam pelos interesses que auferem.

Não se acha, pois, o Banco Rural de Serpa nas mesmas circumstancias que os celleiros communs, maxime, sendo a continuação do anterior a 1840? Assim o creio, por isso

estou intimamente convencido de que a junta dos repartidores definirá os requerimentos que os interessados submetteram á sua deliberação, por ser de incontestavel justiça.

Serpa, 6 d'abril de 1877.

A. Carlos.

—

A Misericordia d'esta villa é uma das mais ricas da provincia, pois tem um rendimento superior a 3:000$000 réis, e por isso nas suas solemnidades jámais se esquece dos pobres, distribuindo, por isso, na quinta feira maior 2:050 pães pelos pobres, entrevados e pessoas recolhidas. Quatro carros carregados de pão percorreram as ruas, acompanhados por diversos irmãos da mesa, que o distribuiam segundo a necessidade de cada familia.

Como succede todos os annos, não foram esquecidos os encarcerados, pois que no indicado dia lhes foi dado, a expensas da mesa administrativa, um abundante jantar, composto de variados guisados de peixe, além de bolos, fructas e vinho.

Assistiram á distribuição do jantar, além do provedor da misericordia, mesa e muitos irmãos, todas as auctoridades judiciaes e diversos cavalheiros. Depois de distribuido o jantar, fez o ex.mo juiz de direito, o sr. Francisco Rodrigues de Macedo, um substancioso discurso sobre a caridade, seguindo-se-lhe o ex.mo delegado, o sr. Francisco Maria Veiga, e finalisando a ceremonia com o proferido pelo ex.mo provedor, o sr. Antonio de Mello Breyner. Durante as orações de aquelles cavalheiros notou-se que pelas caras de alguns dos quinze presos corriam abundantes lagrimas.

A procissão do enterro, sahiu da Misericordia, na noite de sexta feira, com a costumada decencia, sendo muito concorrida de irmãos em todas as confrarias. As ruas estavam apinhadas de espectadores, tanto da villa, como das aldeias proximas.

Prégou quatro sermões, na quinta e sexta feira, o illustre parocho do Salvador, meu amigo, o sr. padre Antonio Manuel Franco, com aquella habilidade e talento de que dá sobejas provas, sempre que sobe á cadeira da verdade.

No domingo de Paschoa assistiu a camara e todas as auctoridades á procissão e festa da Ressurreição.

Foi toda a semana de musica e festas!

* * *

Foram afixados editaes retirando da reclamação a matriz industrial addicional, em que estavam incluidos os directores do Banco Rural d'esta villa, e os proprietarios compradores d'uva. Não sei se é adiamento ou reconsideração, por convencimento da injusta inclusão; mas affiança-se que a ordem foi dada pelo sr. delegado do thesouro.

Por aquella razão deixaram alguns interessados de entregar seus requerimentos na repartição de fazenda, sendo eu um d'elles, como director do banco, por eleição popular.

Tencionava mandar hoje o meu requerimento, para ser publicado no *Diario do Commercio,* mas como ha adiamento, ou o quer que é, esperemos o resultado.

Estamos, eu e os meus collegas, resolvidos a recorrer até onde a lei o permitta.

Serpa, 8 de abril de 1877.

A. Carlos.

—

Por occasião da guerra da successão foi esta villa sitiada pelo exercito que o duque de Ossuna commandava, vendo-se na necessidade de capitular, depois de desesperada resistencia da guarnição e habitantes, em 26 de maio de 1707. Os hespanhoes, compellidos em 1708 a abandonarem a praça, fizeram, por meio de minas, voar trez das cinco torres da cidadella e outras tantas portas das muralhas da povoação, sendo a de Sevilha a que ficou em peior estado, pois que as duas cortinas e torres lateraes só por um milagre de equilibrio se conservaram de pé.

Receava-se, com justificada razão, a queda de tão enormes massas de alvenaria, que esmagariam muitos predios contiguos e talvez muitas pessoas, fazendo-se por isso, mas sempre debalde, diversas representações aos governos.

Em 27 de dezembro de 1870, depois de 162 annos de equilibrio, cahiu uma grande

porção da cortina esquerda e parte da torre junta, fazendo os entulhos enorme *barricàda* em trez ruas, e ficando por isso o transito impedido, além de damnificadas algumas habitações. O facto deu-se por avançadas horas da noite e por isso não houve desgraças a lamentar.

A camara e auctoridade administrativa correram no dia seguinte ao logar do sinistro, e reconhecendo o perigo em que se achavam as vidas dos habitántes proximos, fizeram-n'os sahir de suas casas, e depois de rapidas, necessarias e acertadas providencias, representaram ao ministerio da guerra sobre a necessidade de mandar, sem perda de tempo, apear aquelles *colossos*. Não produziu effeito á representação; mas, depois de repetidas instancias, foi mandado o sr. engenheiro Thomaz Aquino, fazer um rigoroso exame nas ruinas, sendo de opinião que era indispensavel a demolição. Comtudo... o governo cruzou os braços!

Em 16 de setembro de 1871 tornou a cahir não pequena porção de torre, não morrendo por casualidade duas creanças que brincavam nos entulhos, e o povo muito receioso das desgraças que poderiam advir, fez em massa uma representação á corôa, pedindo que pelos cofres nacionaes se fizesse a despeza do apeamento, resultando ser o sr. Fedié, director das obras publicas do districto, encarregado de estudar a maneira mais economica de derribar as torres e cortinas, começando o trabalho em janeiro de 1872, apenas n'uma torre, que foi abatida, deixando-se o mais como estava, contra a opinião dos engenheiros!

Para se conseguir tão pequeno resultado convergiram os esforços de todos os habitantes de Serpa, dando eu o fraco contingente de quinze artigos publicados na *Folha do Povo*, quando tive a honra de fazer parte da sua redacção.

Os temporaes, que desde o fim do proximo passado anno nos flagelaram, começaram a produzir os seus effeitos nocivos nas ruinas que ficaram de pé, a ponto de já ter cahido alguma cantaria, e receiando-se que em qualquer dia, outra porção, se não fôr a totalidade, esmague os transeuntes ou os predios circumvisinhos, se não fôr tudo ao mesmo tempo.

Com estes receios pouca gente passa affoitamente por aquelle local, não obstante ser um dos mais concorridos da villa, e a camara, com louvavel iniciativa, já solicitou do governo providencias que evitem os esperados sinistros. Será ouvida? Quem sabe? Seja-me permittido duvidar...

Quem vive aqui e vê diariamente os signaes do desmoronamento immediato que o incessante caminhar dos tempos imprime nas ruinas, fica aterrado! Parece incrivel que hajam familias que vivam em predios distantes quatro metros, e outros encostados á torre e cortinas! Só se teem muita coragem, ou muita ignorancia do perigo em que vivem.

O governo não vê isto, e ainda que as informações sejam as mais exactas e verdadeiras, é provavel que lhe não dê importancia, attendendó ao furor de economias que invadiu as altas regiões; comtudo, entendo que é do meu dever, como filho d'esta boa terra, dar publicidade ás suas necessidades, muito embora seja nullo o resultado do meu trabalho. Fica tranquilla a minha consciencia.

Falla-se em promover uma representação assignando-a todos os habitantes d'esta villa; n'outra occasião já produziu effeito a mesma idéa, e como nada se perde em a renovar—ávante!

Tanto se teima, até que se vence.

Vamos á experiencia.

Serpa, 21 d'abril de 1877.

A. Carlos.

—

Existem n'esta villa trez sociedades de recreio—*União serpense*, *Gremio progressista* e *Recreio familiar*.

A primeira está montada com luxo e promette longa duração, pelo seu rendimento e ser o pessoal composto das pessoas mais abastadas da povoação. A segunda, é pobre, composta de artistas e cinco ou seis proprietarios abastados, recebendo especial protecção do ex.mo sr. commendador Antonio Costa, que lhe tem abonado não pouco di-

nheiro. Divergencias sociaes e o desmazêllo das direcções, teem-n'a posto n'um miserrimo estado, muito proximo da morte, estando o pessoal reduzido a trinta e tantos associados. Foi eleito novo corpo gerente no dia 21 e, possuido de boa vontade, desejando trabalhar, por conhecer a utilidade que a classe operaria tira da associação, tem esperanças de, com remedios heroicos, salvar os moribundos, apresentando para tal fim diversas propostas e tomando providencias indispensaveis.

A terceira, *Recreio familiar*, é uma sociedade nova, composta de rapazes de diversas classes, no verdor dos annos, que promette duração, e especialmente pelo muito que para elles trabalha o seu digno director, o sr. Augusto Cordeiro.

Fóra estas sociedades, existem ainda mais trez de musica, a *Philarmonica*, *Bem Unidos* e *Recreio;* mas todas um tanto fracas e atrophiadas...

Por isto se vê que a falta de distracções em Serpa não é grande, todavia, para serem augmentadas, estabeleceu-se na *Thalia* uma companhia dramatica hespanhola, que tem agradado ás classes menos favorecidas da fortuna, e desgostado ás mais felizes. Aquellas gostam do drama serio, moral, commovedor; estas, da comedia mais ou menos livre, que lhe suscite a gargalhada. A companhia, levando á scena *João Claudio, o Cocheiro, Marianna d'Austria, Maldição paternal, Guerra das Valencianas* e outras do mesmo jaez, agradam immenso ás primeiras, que por isso, são quasi as unicas a frequantar a platéa, e causam tedio ás segundas, que alli mal são representadas.

Mas deixemo-nos de mais divertimentos, e passemos a outro assumpto.

A ponte do Guadiana está quasi concluida. Os visitantes dizem que os pilares estão feitos com menos solidez do que os dirigidos pele sr. Le-Crenier, e que a cheia de 1876 *estendeu* no rio. É provavel que não tenham razão, por não ser de crer que uma companhia bem conceituada, como é a que se acha á testa dos trabalhos, faça uma obra imperfeita, e que o governo consinta; todavia, bom será que haja uma rigorosissima inspecção, para que no futuro não lamentemos a perca de muitas vidas.

A via ferrea do Guadiana á Casa Branca tem o leito quasi concluido, e bem assim as obras d'arte. A estação, chamada de Serpa, por ironia, visto que fica a 6 kilometros de distancia d'esta villa, quando, dando-se mais barata direcção á estrada, podia ser edificada proximo das muralhas, está recebendo o tecto. Fica muito elegante e com boas accommodações, não obstante ter sido reduzido e muito o plano primitivo.

Já começou o varejo da azeitona. A novidade é espantosa, e ha mais de vinte annos que se não conhece outra egual. As commissões compram ou adiantam dinheiro para azeite na rasão de 1$250 réis cada alqueire.

Serpa, 29 de outubro de 1877.

A. Carlos.

Eschola Familiar Serpense

Serpa, uma das melhores villas do Alemtejo, municipio rico, e com todos os elementos de prosperidade; terra de pessoal intelligente, mas indolente, e até certo ponto negligente, como muitos d'esta provincia, de pouca iniciativa para os melhoramentos moraes e materiaes da terra que os viu nascer, Serpa tem n'estes ultimos annos progredido alguma cousa; mas esse progresso é tão lento, é tão moroso, é tão pouco sensivel, que em relação ao d'outras terras, quasi se lhe não percebe o andar, e parece estacionario. A viação publica é d'isso uma prova, a falta de telegrapho, a distancia da estação do caminho de ferro, e a ausencia da alfandega [1] comprovam o pouco interesse, que os habitantes d'esta localidade tomam nos melhoramentos d'ella. Temos, é verdade, um banco rural, mas é instituição antiga, e que podia prestar á agricultura melhores serviços, principalmente em annos, como o presente, escassos de cereaes.

Temos uma associação de soccorros mutuos, que, pela sua boa administração, tem de fundos proximo a 4:000$000 réis.

[1] O governo, *reconsiderando*, tornou a mudar para Serpa, em janeiro de 1880, a alfandega, que tinha transferido para Safára.

Uma illuminação da villa; um bonito, mas incompleto passeio publico; um bello hospital; e as calçadas menos más; mas que decerto podiam ser melhores, se fossem feitas por operarios competentes.

Alguma coisa se tem feito sobre o fornecimento d'agua, mas tão pouco, que em annos seccos, sente-se grande falta d'ella.

Uma unica coisa, um unico melhoramento moral tem Serpa, que deve servir de estimulo, e causar inveja ás terras limitrophes, é a Eschola Familiar Serpense.

Alguns chefes de familia, de Serpa, vendo com desgosto que os governos, em vez de facilitarem, como lhes cumpria, cada vez difficultam mais a instrucção publica, entenderam de grande interesse para a localidade estabelecer uma eschola ou collegio, onde seus filhos se habilitassem para os exames não só d'instrucção primaria, mas tambem para os de instrucção secundaria.

Reunidos em assembléa nomearam uma commissão, que tomou a peito esta importante questão, e pondo a concurso o logar de professor, com o ordenado de 300$000 réis, e algumas gratificações justas e merecidas, fizeram a boa acquisição do ex.mo sr. Graça Afreixo, que pelo seu bellissimo methodo d'ensino tem colhido os melhores resultados, merecendo por isso a consideração geral de que é digno.

Alem dos conhecimentos em todas as disciplinas do curso dos lyceus, o sr. Graça Afreixo é professor de longa e habil pratica; é um perfeito cavalheiro e trata os alumnos com tanta amabilidade, que todos veem n'elle o professor respeitavel, e o amigo verdadeiro.

A maior parte dos alumnos é filha de paes que não podiam lá fóra prover á sua educação; alguns são filhos de artistas, que a não ser esta bella acquisição, teriam o desgosto de não poderem dar a seus filhos qualquer carreira litteraria e principalmente hoje, em que os lyceus só habilitam para pharmaceuticos e padres!

É realmente incomprehensivel que qualquer lyceu habilite um homem para ministro de Deus na terra, e não habilite para alferes do exercito, para conductor d'obras publicas, nem até mesmo para veterinario!

Á excepção de Coimbra, Lisboa e Porto, os mais lyceus podem habilitar para um pharmaceutico, para um padre, a cujo cargo estão as vidas e almas dos cidadãos; mas não habilita para mais nada!!

Que palpitante incoherencia!

Parece deduzir-se que as leis, que regem a instrucção publica, consideram *insignificantes* os pharmaceuticos e os padres!

Em vista das peias e torpedos postos pelos governos ao verdadeiro progresso, á instrucção publica, resta-nos a confiança na illustração, na imparcialidade, e na justiça dos dignos examinadores dos lyceus de Coimbra, Lisboa e Porto, que decerto terão em vista e consideração as difficuldades e os sacrificios, com que na actualidade luctam os paes de familia, que procuram dirigir seus filhos na carreira das lettras.

Parece realmente que toda a idéa, o pensamento de todos os governos é difficultar a instrucção, que pela fórma que já está, fará que dentro em poucos annos, o paiz seja uma nação d'analphabetos.

Verdade é tambem que ha governos, a quem é precisa e indispensavel a cegueira dos povos, porque na terra dos cegos, quem tem um olho é rei...

Dirão talvez que em todas as cidades, villas e aldeias ha escolas regias.

Não contestamos; só perguntamos que alumnos habilitam essas aos exames d'instrucção primaria?

Alguns professores levam aos lyceus alumnos a exame d'instrucção primaria, e completamente habilitados, sendo até alguns approvados com distincção, mas que alumnos são esses? São alumnos internos, cujos paes pagam aos professores uma boa mensalidade, o que prova que o ordenado dos professores é tão pequeno, tão mesquinho, tão ridiculo, que não é elle sufficiente para o professor se dedicar de boa vontade ao ensino, e os que ensina por tal ordenado no fim de muitos annos, mal ficam sabendo ler e escrever.

E se isto agora assim é, o que será com o ensino obrigatorio?

É provavel que na maior parte das povoações tenham de recorrer ao expediente que Serpa adoptou; o de estabelecer escola ou collegio familiar para poderem educar litterariamente seus filhos.

Mas isso mesmo não será facil, porque não se encontram facilmente professores como o sr. Graça Afreixo, que leccionem tantas disciplinas, tenham tão bom methodo d'ensino, e reunam em si as qualidades de bom professor, bom mentor, e bom director.

A Escola Familiar Serpense tem de dia para dia augmentado o numero dos alumnos, cujos paes reconheceram a necessidade de criar um ordenado para um prefeito, cargo já preenchido, e de que os alumnos vão tirando grandes vantagens, porque estão na aula de estudo certas e determinadas horas a que preside o prefeito, e acompanha-os nas horas do recreio.

A casa da Escola Familiar Serpense é um bello edificio com todas as commodidades do seu destino.

Em tempo apresentaremos a estatistica da escola.

Serpa, 16 de junho de 1878.

F. Assis e Silva.

Serêjo

Serejo, é um appellido nobre d'este reino, cuja familia é oriunda de Sérpa, onde teve o seu solar, vinculado. Foi administrador d'este mórgado, Manoel Serejo, pae de Lopo Serejo, avô de Ruy Rapozo Serejo, bisavô de Manoel Serejo, ascendente de Luiz da Costa Serejo de Vasconcellos, cavalleiro da ordem de Christo, morador em Lisboa, e que, no anno de 1736, justificou a sua ascendencia e se lhe passou brazão d'armas, em 3 de junho do mesmo anno.

As armas dos Serejos, são — Em campo d'ouro, uma *sereijeira* verde, com serejas de púrpura — orla de prata, carregada de quatro leões, de púrpura, em cruz — élmo de aço, aberto, e por timbre, um dos leões da orla.

SERPINS — villa, Douro, comarca e concelho da Louzan, 24 kilometros a ESE. de Coimbra, 215 ao N. de Lisboa, 480 fogos.

Em 1768, tinha 396.

Orago, Nossa Senhora do Soccôrro.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

A abbadessa de Lorvão, apresentava o prior, que tinha 600$000 réis de rendimento annual. É um dos melhores beneficios do bispado.

Foi por muitos annos cabeça do concelho do seu nome.

D. Manoel I lhe deu foral, em Lisbôa, a 27 de fevereiro de 1514. (*Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 111, col. 2.ª)

Segundo este foral, o povo de Serpins e as freiras de Lorvão, accordaram em a freguezia pagar ao mosteiro, em cada anno, 890 alqueires de pão, pela medida de Coimbra; 300 almudes de vinho, e 35 feixes de linho, *que chamam jugadas*, repartidos por todas as propriedades.

Tambem do mesmo foral consta, que, de tempos antigos, e quando o convento de Lorvão era ainda de frades, pagava o povo de Serpins a este mosteiro — alem de tudo o mais — e por contracto feito com os frades, pelas oitavas da Paschoa, seis fogaças, cada uma de um alqueire, trez gallinhas, e trez duzias d'ovos.

—

Está a villa situada nas margens do rio Ceira, e o seu territorio é muito fertil, em toda a qualidade de fructos.

Tanto o extincto concelho de Serpins, como todo o actual concelho da Louzan, é a terra mais saudavel de todo o districto de Coimbra; exceptuando o logar da Foz de Arouce, e poucos mais, das margens do Ceira, onde, durante algumas estações, grassam febres intermitentes, e outras molestias de infecção palludiana.

—

É Serpins uma povoação antiquissima, e, pelo menos, já existia no tempo dos godos.

O documento mais antigo que encontro d'esta villa, é uma doação d'ella, feita em 961, ao mosteiro de Lorvão (que então era de frades).

Conquistada, segunda vez, pelos mouros, D. Affonso Henriques a resgatou pouco tempo depois, e a deu a um seu cavalleiro, chama-

do Pelagio Alvitis (ou Pelagio Mossellido) com a condição de a deixar, por sua morte, ao referido mosteiro, o que a viuva de Pelagio, e seus filhos, não cumpriram. D. Affonso Henriques mandou, em 1169, que por morte dos filhos de Pelagio, fique a villa de Serpins, livre para o mosteiro «*sine ullo hœrede*». (Doc. de Lorvão).

—

Junto á ponte de Serpins, na margem do Ceira, construiu, em 1869, o sr. José Joaquim de Paula, uma optima fabrica de papel de excellente qualidade, tanto para impressão, como para desenho e musica, assim como magnifico papel contínuo.

É um estabelecimento digno de vêr-se, pelo muito que tem a admirar, e que só o genio incançavel e investigador do sr. Paula era capáz de emprehender.

Honra pois a este benemerito patriota.

O sr. Paula havia tido outra fabrica de papel, na Ponte do Sotam, em *Góes*.

Ha tambem em Serpins, uma extensa e bella quinta, dos filhos do fallecido Antonio Xavier de Barros Côrte Real. Merece ser vista.

SERRA — Vide a 2.ª *Santa Anna.*

SERRA — Vide a 3.ª *Santa Anna.*

SERRA — Vide a 5.ª *Santa Anna.*

SERRA — Vide *Anna da Serra* (*Santa*)— *Catharina da Serra* (*Santa*)— *Santa Catharina da Serra* — *Francisco da Serra* (*S.*)— *João da Serra* (*S.*) — *Margarida da Serra* (*Santa*) — e *Marcos da Serra* (*S.*)

SERRA — appellido nobre d'este reino, cuja familia procede das Asturias, cujo solar era uma quinta chamada da *Serra*. Em Aragão, houve um D. Pedro Serra, que foi bispo de Catanea, e cardeal do papa Benedicto XIII. — Em Sardenha e na França, ha familias d'este appellido, pelo que, não se sabe de qual d'estas trez partes viessem os Serras portuguezes. Suas armas são — em campo de púrpura, castello de prata, sobre um monte da sua côr, entre duas cabeças de serpe, verdes, salpicadas d'ouro — êlmo d'aço, aberto — e timbre, um braço, vestido de púrpura, com uma espiga d'ouro na mão.

SERRA — (*S. Bartholomeu da Serra*) — freguezia, Extremadura, mas ao S. do Tejo, comarca e concelho de S. Thiago de Cacem (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Alcacer do Sal — vide *São Thiago de Caeem*), 95 kilometros ao O. d'Evora, 405 ao SE. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1768, tinha 120.

Orago, S. Bartholomeu.

Bispado de Beja, districto administrativo de Lisboa.

A mesa da consciencia apresentava o capellão, curado, que tinha de renda annual 150 alqueires de trigo, 120 de cevada e réis 10$000 em dinheiro.

Pertencia á commenda de S. Thiago, da villa, cabeça do concelho.

Esta freguezia está situada em terreno montanhoso. Tem bons montados, onde se criam muitos porcos (que se exportam em grande quantidade) e outras especies de gado. Tem tambem muitas colmeias, e, por consequencia, mel e cêra.

Corre pela freguezia a *ribeira dos Manoeis*, que nasce nas serras da freguezia de S. Francisco da Serra, e passa á freguezia d'Abella, onde toma o nome de *Abella*, ou da *Corôna.*

É tambem a freguezia atravessada pela estrada de S. Thiago de Cacem para Ferreira, Béja e outras povoações.

Ha na parochia duas confrarias — *Nossa Senhora do Rosafio*, fundada pelo padre frei Manoel de S. Jeronimo (dominicano) em 1703, e confirmada por provisão da mesa da consciencia, de 1743 — e a do *Santissimo Sacramento*, erecta em 1791, e não confirmada.

São os limites d'esta freguezia — pelo N., a freguezia de S. Francisco da Serra, em distancia de 12 kilometros; e a de Santa Margarida, a egual distancia — pelo S., a de S. Domingos, a distancia de 12 kilometros — pelo O., a de S. Thiago de Cacem, a 9 kilometros.

—

É terra fertil em cereaes.

Na capella-mór da egreja matriz está uma campa, segundo a inscripção da qual, foi alli sepultado, o padre André Luiz Beltrão, freire de S. Thiago, e capellão da mesma egreja. Falleceu em 1649. Este padre, esta-

belleceu uma capella de missas, em uma quinta que está junto á egreja, com a pensão de doze missas annuaes, *de 50 réis cada uma*, por sua alma.

Ha mais n'esta freguezia as seguintes capellas:

A que instituiu o padre Manoel Pires Pinto, com a pensão de doze missas, em uma vinha (hoje courella de semeadura) no sitio das Almoinhas.

A instituida por Isabel Jorge, em 12 alqueires de trigo, de fôro, imposto na herdade de Mendo Affonso, d'Abella, com a pensão de trez missas.

A instituida por Brites Gonçalves, em 20$000 réis de terras, na herdade da Barradinha, da freguezia do Valle, com pensão de trez missas.

A instituida por Estevam Luiz, em 20$000 réis de terras, na herdade das Possanquinhas, d'esta freguezia, com a pensão de duas missas.

A instituida na herdade da Bésteira, que foi legada á fábrica da egreja, em 1743, com pensão de duas missas, por alma do legatario.

SERRA, ou **ABBADIA**—tambem *Serra de Thomar*—freguezia, Extremadura, comarca, concelho e 12 kilometros de Thomar, 130 ao N. de Lisboa, 750 fogos.

Em 1768, tinha 445.

Orago, Nossa Senhora da Purificação (Candeias).

Pertence á prelazia de Thomar, annexa ao patriarchado, districto administrativo de Santarem.

A mesa da consciencia apresentava o vigario, que tinha de rendimento annual 177 alqueires de trigo, 60 de cevada, 26 almudes de vinho, 24$000 réis em dinheiro, e o pé d'altar.

É terra fertil em todos os generos agricolas.

Em setembro de 1876, Luciano Augusto Maximiano Sarmento, da Villa de Rei, descobriu n'esta freguezia duas importantes minas — uma de sulphato de aluminio, nas Hortas Velhas — e outra de cobre e outros metaes, no sitio da Fonte Velha.

SERRA DE BOURO — freguezia, Extremadura, comarca e concelho das Caldas da Rainha (foi da comarca d'Alcobaça, extincto concelho de S. Martinho do Porto), 75 kilometros ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 131.

Orago, Nossa Senhora dos Martyres.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Leiria.

O povo apresentava o vigario, collado, que tinha de rendimento 120 alqueires de trigo, 1 tonel de vinho, 30 alqueires de cevada e o pé d'altar.

Está a freguezia situada na costa do Oceano.

Em abril de 1875, José Vicente Pavão, registou uma mina de cobre e outros metaes, que achou n'esta freguezia.

Em maio do mesmo anno, Duarte Mansos Madail, registou outra mina, de cobre, ferro. enxofre, e outros metaes, sita na fazenda de Joaquim Laurentino, do logar da Cidade, d'esta freguezia.

Foi esta freguezia antigamente do termo e limites da villa d'Obidos. Fica em frente do logar da Tornada, e a pouca distancia da villa de Selir do Porto.

É terra fertil, e abundante de peixe do mar.

—

Segundo a lenda, a imagem da padroeira (á qual tambem se dá o titulo de *Senhora dos Prazeres*) appareceu na costa do mar, a 3 kilometros de distancia da egreja, entre umas rochas, e no mesmo sitio rebentou então uma fonte de excellente agua potavel, á qual se dá o nome de *Fonte Santa*, pelas milagrosas virtudes therapeuticas que lhe attribuem. D'esta fonte se leva agua para muitas partes, como remedio de varias enfermidades.

Estas rochas vão continuando com a de Cintra, para o O.; e para o E. continuam com outras serras, que se vão unir á da Estrella, da qual aquellas são projecções.

A egreja matriz, posto ser antiga, é bonita, ampla e muito clara.

SERRA D'EL-REI — freguezia, Extremadura, comarca das Caldas da Rainha, concelho e 6 kilometros ao S. de Peniche (foi do mesmo concelho, mas da comarca de

Torres Vedras), 70 kilometros ao ONO. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1768, tinha 129.

Orago, S. Sebastião, martyr.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Leiria.

O povo apresentava o cura, que tinha 50$000 réis é o pé d'altar.

Esta parochia denominava-se antigamente *Serra da Pescaria*. É na costa do Atlantico, entre a villa de Atouguia da Baleia (antigamente *Atouguia d'El-Rei*) que fica a 5 kilometros de distancia, e o mar.

É povoação antiquissima, e houve aqui um mosteiro de eremitas descalços, de Santo Agostinho, dedicado a S. Julião, martyr. Era *duplex* (de frades e freiras). Passou depois para a ordem de Cister, e por isso é que se uniu ao d'Alcobaça [1].

Diz-se que a egreja foi originariamente um templo romano, dedicado a Neptuno, pelo consul Decio Junio Bruto, em memoria do triumpho que elle obteve contra os povos de Eburobritium. (Vide *Eburobriga* e *Alfeizirão*).

Os piratas africanos faziam aqui repetidos desembarques, pelo que os frades se viam obrigados a ter alguem constantemente de vigia.

—

Em 1191, houve uma grande peste, e d'ella morreram todos os poucos frades que tinha o mosteiro, que, desde então, se uniu ao d'Alcobaça.

—

Na aldeia da *Matta d'El-Rei*, estão uns paços, desmantelados, mandados fazer por D. Pedro I, pelos annos de 1360. Das suas ruinas se vê que era obra grandiosa. Os nossos reis D. Pedro I, D. Fernando I, e D. João I, aqui residiram grandes temporadas, entretendo-se em caçadas e pescarias.

Na mesma povoação está a ermida antiquissima, dedicada a Nossa Senhora do Amparo.

Esta freguezia gosava de grandes privilegios, concedidos pelos reis acima mencionados, e que seus successores confirmaram.

Dou a copia de trez documentos que provam estes privilegios.

1.º Documento

Dom Pedro pela graça de Deos, Rey de Portugal e do Algarve. A quantos esta Carta virem, Fazemos saber que os moradores da Aldêia da par dos meus Paços da Serra, me pediram que alguns homens e mulheres moradores em alguns Lugares dos meus Senhorios queriam vir morar e povorar ao meu Logo (logar) da Serra, fazendo-lhes eu mercê que podessem hy vender Pão e Vinho e Carnes e Pescados, e outras mercadorias sem embargo nenhum, e pediram-me sobre elle mercê; E eu vendo o que me pediam e querendo-lhes fazer graça e mercê, havendo por meu serviço. Tenho por bem e mando que todos aquelles e aquellas que quizessem viver e morar e povorar o dito Logo da Serra, possam hy vender e comprar Pão, e vinho carnes e Pescado, e todallas outras couzas perque entenderem fazer suas próes sem outro nenhum embarguo. E outrosy os hey por escuzados de não pagarem Jugadas. E mando que elles possam comprar e comprem as ditas Viandas em Obidos e na Athouguia e em Alourinhãa e em outros Lugares d'arredor do dito Logo; e que as Justiças d'esses Lugares lhes não ponham em elles embarguo para os venderem no dito Logo da Serra, sem outro embargo nenhum como dito he. E em testemunho d'esto, mandei dar aos ditos moradores do dito Logo da Serra esta minha carta assignada por minha mão e asellada do meu sello pendente. Dante no dito Logo quatro dias de Mayo. El Rei o mandou. Luiz Esteves a fez Era de mil e trezentos e noventa e outo. Etc., etc.

2.º Documento

Dom Fernando per graça de Deos Rey de Portugal e do Algarve. A quantos esta carta

[1] O *Santuario Mariano* diz que o convento era de eremitas descalços, de Santo Agostinho. O seu auctor (frei Agostinho de Santa Maria) era d'esta ordem, e tinha o costume de dizer de muitos conventos antigos, que pertenciam á sua ordem. Eu, porem, estou persuadido que este mosteiro era benedictino; não só porque eram d'esta ordem os mais antigos mosteiros de Portugal, como porque a ordem de Cister (bernardos) foi uma reforma d'aquella.

virem, Faço saber que Eu, querendo fazer graça e mercê a todollos que hora são moradores na Serra da par d'Atouguia, onde Eu tenho os meus Paaços e a todollos outros que d'aqui em diante quizerem hy vir morar e povorar, Tenho por bem e mando que elles sejam escuzados de pagar em Peitas e em Fintas e em Talhas que os Concelhos das Villas d'Obidos e d'Athouguia lançarem como quer que os ditos moradores sejam vizinhos das ditas Villas por alguns bens que em Termos das dictas Villas tenham: E que outrosy sejam escuzados de hir em Ostes nem Foçado: E mando que nam seja nenhum tão ouzado de qualquer condição que seja que com os ditos moradores pouze, nem lhes tomem suas roupas, nem sás palhas, nem sá lenha contra suas vontades, salvo se fôr meu especial mandado. E este lhes faço com tanto que morem continuadamente arredor do Paaço que façam hy povoraçam. E em testemunho d'esto, mandei dar aos ditos moradores do dito Lugar da Serra, esta minha Carta. Dante em o dito Lugar da Serra a trinta e hum dias d'Agosto. ElRei o mandou por Fernando Martins seu vassalo. Domingue Annes d'Azambuja a fez. Anno de mil e quatro centos cinco annos. Etc., etc.

3.º *Documento*

Á Rainha D. Maria 1.ª fizeram os moradores dos Paços do logar da Serra d'elRei a petição do theor seguinte:

—

Senhora. Dizem os Moradores dos Paços do Lugar da Serra d'ElRey, Termo da Villa d'Athouguia da Balêa, Comarca de Leiria, que para bem da Justiça dos Supplicantes lhes he necessario por certidam da Torre do Tombo o theor dos Privilegios que lhes foram concedidos pelos Senhores Reys Dom João primeiro, Dom Pedro primeiro, Dom Afonso quinto e Dom Manuel, que todos foram confirmados pelos Senhores Reys, Dom Pedro segundo, Dom João quinto e Dom José primeiro, e bem assim o Foral da Vila e tudo mais, que fôr a bem dos ditos seus Privilegios. E porque necessitam Provião.—Pedem a Vossa Magestade lhes faça mercê mandar-lhes passar para o dito effeito —E receberão mercê.

—

Os privilegios dos moradores do logar da Serra d'ElRei e pertencente ao extincto Concelho d'Athouguia da Balêa e hoje ao de Peniche, e os privilegios dos moradores do logar do Mollêdo, que pertenceu antigamente ao Concelho d'Obidos e hoje faz parte do Concelho da Lourinhan, estam registados na Torre do Tombo no Livro n.º 2 da Estremadura da Leitura Nova que está na Casa da Corôa a folhas 67 verso.

—

Para completa intelligencia d'este artigo, sem haver repetições, é indispensavel ver —*Atouguia da Baleia,* 1.º vol., pag. 254, col. 1.ª—e *Nossa Senhora da Ajuda, de Cella,* no 6.º vol., pag. 159, col. 2.ª, no fim —*Lourinhan,* e o 1.º *Mollêdo.*

SERRA DA ESTRELLA — Vide *Estrella,* serra, Beira Baixa, etc.

Esta serra é um ramo dos famosos Pyreneus, que dividem a Hespanha da França. Atravessa a primeira d'estas nações, com o nome de *Guadarrama,* e seguindo entre os rios Douro e Tejo, entra em Portugal, onde toma o nome de Estrella. Note-se, porem, que em Hespanha deita grande numero de braços para differentes partes, e é de um d'estes ramos, chamado *serra da Gata,* que procede a nossa Estrella.

Em Portugal, tambem lança muitos braços, que formam as montanhas ou serras —da Gardunha, Algarve, Bussaco, Monte-Muro, Marvão, Ossa, Parnaval, etc.—Ainda estas serras lançam outros braços, que formam uma rede de pequenas cordilheiras, entre os rios Douro e Guadiana.

O mais elevado ponto da Estrella, tem 8:000 pés (2:667 metros) de elevação, sobre o nivel do mar [1].

Os dous principaes ramos da Estrella, terminam — o do sul, no Cabo de S. Vicente

[1] A maior eminencia da Peninsula hispanica é a *Serra Nevada* (Andaluzia) que no cume do *Mulhacem,* tem 12:762 pés, ou 4:254 metros, sobre o nivel do mar. Aqui nunca a neve se derrete.

Segundo Balbi, o ponto culminante da

(Algarve) e é o fim da serra de Monchique, ou do Algarve — o do norte, no Cabo da Roca (Extremadura).

—

Ha bastantes razões para acreditar que a Europa soffreu, em remotissimas eras, uma espantosa alteração no seu systema geologico, e muitos escriptores antigos sustentam que o fim da Estrella era nas nossas ilhas da Madeira e Porto Santo, formando uma immensa peninsula, a que deram o nome de *Ilha Atlantida*.

Outros geographos, ainda vão mais longe, avançando que a America era então unida á Europa pela tal Atlantida, que d'esta maneira, formava um isthmo extensissimo.

(Vide *Peniche*).

—

A pyramide de que fallo, a pag. 77, col. 2.ª, do 3.º volume, construida sobre o vertice do *Cantaro Delgado*, por ordem de D. João VI, quando ainda principe regente, e á qual (pyramide) o povo dá o nome de *Torre*, é provavel que seja um marco geodesico (ou trigonometrico) para a triangulação do reino. Consta ser obra do marquez d'Alorna.

Na frente E., lhe gravaram uma inscripção, que a neve e os temporaes tem apagado em grande parte; hoje, apenas se póde ler isto:

POR ORDEM DE S. A. R.,
O PRINCIPE REGENTE,
SE MANDOU ELEVAR
ESTA PYRAMIDE
PARA..........
EM O ANNO DE 1802.[1]

O povo d'aquelles sitios diz que este monumento se erigiu em memoria do triumpho obtido contra os francezes, na guerra peninsular. Em vista da data, vê-se que é êrro manifesto.

De ao pé da pyramide, avista-se — para o N., toda a Beira Alta, Viseu, Almeida, Guarda, e muitas outras povoações — para o S., o Fundão, e toda a fertil e amena *Cova da Beira*, Abrantes, o Tejo, até proximo de Lisboa, e grande parte do Alemtejo e da Extremadura — para E., a Serra Nevada (Castella) — e para O., parte da provincia do Douro, até á Figueira, e o mar.

SERRA D'OSSA — grande e rendosa quinta do Alemtejo, no termo da villa do Redondo.

(É preciso, para se poder comprehender este artigo, ver a 1.ª Ossa, no 6.º vol., pag. 296, col. 2.ª, no principio).

Esta herdade foi vendida em maio de 1877. Faz parte d'ella o antigo e historico mosteiro e cêrca, dos eremitas de S. Paulo (*monges da pobre vida*).

Esta ordem construiu grandiosos mosteiros, auxiliados, não só pela protecção dos papas, de esmolas dos fieis, e de muitos dos nossos reis, desde D. Affonso I, até D. Maria I; sendo um dos seus mais decididos protectores, o rei D. Duarte, em cujo reinado (1433) deram estes monges principio, na serra d'Ossa, a uma das suas mais sumptuosas edificações, para a qual escolheram um dos mais saudaveis e aprasiveis logares da encosta da serra.

Era tão robusta a construcção d'este mosteiro, que no fim de quatrocentos annos, ainda estava perfeitamente conservado, na sua maior parte, quando os religiosos foram expulsos, em 1834.

Foi logo pouco depois d'este anno, vendido, e o comprador mandou fazer alguns reparos na pequena parte que o tempo damnificára, e na cêrca fez importantissimos melhoramentos, durante os vinte e dois annos que o possuiu.

Constavam os bens dos frades, alem da herdade da Serra d'Ossa, de outras muitas propriedades, que lhes foram dadas por esmola em differentes doações, de camaras municipaes e de particulares.

Em 1423 e 1428, a camara do Redondo, fez ao monge frei João Fernandes, duas doações, de uma grande porção de termo, para alargamento da cêrca.

Actualmente, tem toda a herdade, 7 kilometros de circumferencia.

Estrella (*Cantaro Delgado*) tem só 2:400 metros; menos 67 metros do que o *Pico da Gaviarra*, da serra de Suajo, no Minho.

Estas differenças d'altura procedem, ou da maior ou menor perfeição dos instrumentos, ou da pericia do observador.

[1] E não em 1806, como, por mal informado, disse no 3.º volume.

Está a 10 kilometros da estação do caminho de ferro do ramal de Estremôz.

Tambem passa proximo da quinta, uma nova estrada, que, atravessando a serra, liga Redondo com Estremôz.

Promete pois um brilhante futuro, esta magnifica propriedade.

SERRA DE RIBA —serra, Douro, no concelho de Penacova, comarca de Coimbra.

Todo o termo de Penacova, e ainda começando na Marmelleira, Gondolim e outros logares, até ao rio Mondêgo, é composto de altissimas serras, principalmente as que ficam entre Penacova e Lorvão.

A uma d'estas serras, dá o povo o nome de *Serra de Riba de Cima*, pretendendo com este pleonasmo exagerar a sua altura.

No alto d'esta serra está a ermida de Nossa Senhora do Amparo, com cuja imagem tinha antigamente o povo d'estes sitios grande devoção.

A ermida é antiquissima, e não se sabe quando nem por quem foi construida.

Pertence á freguezia de Penacova.

SERRADÊLLO — aldeia, Douro, na freguezia de S. João Baptista da Raiva, concelho do Castello de Paiva.

Esta povoação, hoje insignificante, por ser composta de casas, quasi todas de pobre apparencia, e pertencentes a pobres jornaleiros, que vivem de andar á carqueija, nos montes circumferentes, para venderem a compradores do genero, que a embarcam nas Fontaínhas (esquerda do rio Douro) para hirem vender á cidade do Porto—esta povoação, repito, está na chapada meridional da pequena serra de S. Domingos. (Vôl. 2.º, pag. 477, col. 2.ª—o 3.º *Domingos—São*). Fica a 3 kilometros da margem esquerda do Douro, e tem uma antiquissima, tôsca, pequena e pobre ermida, dedicada a S. Caetano, que é festejado todos os annos, no dia marcado pelos mórdomos do padroeiro.

É todavia notavel esta aldeia, pela sua grande antiguidade, pois com toda a certeza, já era habitada pelos povos celtas, ou pre-celtas, do que é uma prova, o grande numero de *mâmoas* que ainda existem (todas arrombadas pelo povo, em busca de *minas encantadas*) proximas á povoação, no sitio denominado Monte Grande.

Ao NO. da aldeia, no caminho que vae para a ermida de S. Domingos, ha vestigios de antiquissima lavra de minas de ferro, e, na verdade, ha n'esta serra muitos afloramentos de minas d'este metal.

Logo abaixo de Serradêllo, ao SO., no leito de um regato, chamado *ribeiro da Gardunha*, ha uma mina de cobre, que se não explora, por ser em uma pedreira de quartzo (seixo) o que torna a sua lavra dispendiosissima.

Tambem por estes sitios ha abundancia de afloramentos de pyrites de ferro, e pelas faldas da serra, ao ONO., passa a grande zona carbonifera de Pejão.

Vide *Fulgoso, Oliveira do Arda, Pejão*, e *Raiva*.

SERRALEIS, ou **SERRELEIS**—freguezia, Minho, concelho, comarca e districto administrativo de Vianna, 36 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1768, tinha 89.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga.

O D. Abbade benedictino do mosteiro de Tibães apresentava o vigario, que tinha réis 10$000 de congrua e o pé d'altar.

É terra fertil.

Ha aqui uma mina de chumbo argentifero, que foi manifestada em novembro de 1873. Não está em lavra.

SERRÃO —Vide *Raza*.

SERRÃO — appellido nobre em Portugal. Tem a mesma origem dos *Mouras*. Procede de Vasco Martins Serrão de Moura, ao qual a rainha D. Brites, mulher de D. Affonso III, deu a villa de Moura. As armas dos Serrões são—em campo de prata, leão de púrpura, armado de negro, sobre um monte da sua côr— élmo d'aço, aberto, e por timbre, meio leão do escudo.

SERRAZES — freguezia, Beira Alta, concelho de S. Pedro do Sul, comarca de Vousella (foi da comarca e concelho de Vousella) 22 kilometros ao N. de Viseu, 285 ao N. de Lisboa, 350 fogos.

Em 1768, tinha 176.

Orago o Salvador.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O real padroado apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Na aldeia do Freixo, d'esta freguezia, está a ermida de Nossa Senhora do Bom Successo.

Foi construida em 1669, por Tristão de Almeida, fidalgo illustre da terra de Lafões (Vousella) em umas nobres casas onde residia; dotando a ermida com todos os paramentos e alfaias necessarios para o culto divino.

Instituiu uma capella de missas, em todos os domingos e dias santos, assignando-lhe 80 alqueires de *pão-meiado* (milho e centaio), 20 almudes de vinho, uma marran, e 2$000 réis em dinheiro, para o capellão.

Morrendo o fundador, sem filhos, herdou a casa seu irmão F. d'Almeida e Souza, que só tratou de comer as rendas da Senhora, sem dar cumprimento ao legado.

Os habitantes do Freixo, erigiram aqui uma irmandade da padroeira, em 1670, cujos estatutos foram approvados pelo provisor do bispado de Viseu, o dr. Francisco de Almeida Castello Branco; e o papa Clemente X lhe concedeu um breve de indulgencia perpétua, em 1671.

Depois, alcançou um breve de altar privilegiado, que lhe deu o papa Innocencio XII, em 1695.

Era a irmandade composta de oitenta irmãos e trinta irmans (mas estas, para serem admittidas, era precizo que fossem muito honestas e virtuosas).

A festa da Senhora é no dia da sua Assumpção. A santa imagem é de madeira, com um metro de alto, e de bôa esculptura. É objecto de muita devoção, dos povos da freguezia.

É terra fertil, cria muito gado, e é abundante de caça.

SERRAZOLLA — Vide *Sarrazolla* e *Sêda*.

SERREIRA — Vide *Sapataria*.

SÊRRO-VENTOSO — freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Porto de Mós (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Leiria, d'onde dista 24 kilometros) 135 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 39.

Orago, S. Sebastião, martyr.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

O cabido da collegiada d'Ourem apresentava o cura, que tinha de renda 120 alqueires de trigo, 25 almudes de vinho môsto, e 24$000 réis em dinheiro.

Era egreja filial de Porto de Mós.

É freguezia muito antiga, e por a egreja matriz estar muito arruinada, por velha, teve de ser completamente demolida, em 1610, aproveitando-se parte dos seus materiaes para a actual, principiando o culto divino em 1613.

Ainda se vêem restos da antiga egreja, fóra do logar, ao pé da serra que deu o nome á freguezia.

Pela Paschoa do Espirito Santo, ha bôdo aos pobres.

O antigo nome do logar era *Serra Ventosa*, por estar em um alto, na encosta da serra, com subida aspera e alcantilada.

Ao O. da serra, está um alto cabêço, e no seu tôpo, uma fonte, e outras pela sua encosta, todas abundantes e perennes, que regam e fertilizam a freguezia.

Tambem no cume do mais alto monte d'esta serra, está um pôço, d'optima agua potavel, chamado *Pôço das Cóvas*, e logo adiante, mais dous, nenhum dos quaes sécca, ainda nas maiores estiagens.

Ha na freguezia duas ermidas publicas — a de *S. Silvestre*, no logar do Chão da Mendiga — e a de *Santo Antonio*, no logar da *Abêiha*. Ambas foram feitas e são fabricadas pelos respectivos moradores, para d'ellas lhes serem administrados os sacramentos.

No logar das Varzeas, d'esta freguezia, manifestou em julho de 1866, Arthur H. Ivens, negociante, de Lisboa, uma mina de carvão fossil. (Vide *Porto de Mós*.)

SERRO-VENTOSO — villa, couto e concelho extincto, Douro, hoje comarca e concelho de Soure. Pertence á freguezia de Samuel, por isso, ainda vulgarmente se denomina *Samuel e Serro-Ventoso*. (Vide *Samuel*.)

SERTAN — villa, Beira Baixa, cabeça de concelho e de comarca. — Vide *Certan*.

O sr. Ivo Pedroso Barata dos Reis, d'esta villa (primo dos srs. conde de Casal Ribeiro, e Carlos José Caldeira) publicou, em 1874, um pequeno livro, intitulado — *Descripção topographica da villa da Sertan.* Quando este curioso livro (do qual o seu esclarecido auctor teve a delicadeza de me offerecer um exemplar) sahiu á luz, já estava impresso o artigo da Certan; pelo que não me pude aproveitar, então, do seu contheudo. Pelas razões expostas no prólogo d'este volume, fica reservado o livro do sr. Barata dos Reis, para ser publicado no appendice, tudo quanto não estiver no artigo *Certan.* Agradeço todavia a benevolencia do illustrado auctor.

(Vide *Quinta das Aguias.*)

SÉRTOMA — Vide *Cértoma.*

SÉRVA — Vide *Cérva.*

SERVO DE DEUS — Dava-se antigamente esta denominação a todos os catholicos, quer ecclesiasticos, quer seculares. Tambem se dizia *famulo de Deus*, que vinha a ser o mesmo.

SERVO DE GLÊBA — ou *servo adscripticio* — Quando os godos conquistaram a maior parte da nossa Peninsula, dividiram os terrenos cultivados, entre elles e os romanos, ou naturaes do paiz, com os mesmos direitos com que o haviam feito os imperadores. Os lavradores eram uma especie de servos, especialmente nos primeiros trinta annos do dominio gothico; passados os quaes, adquiriram o titulo de *colonos*, para elles e seus descendentes, ficando nas herdades, como livres (porque, antes d'isso, faziam parte da glêba, sendo inseparaveis d'ella, como até ainda ha poucos annos acontecia na Russia.)

Em certos casos, ficava o fisco herdeiro d'estes colonos, e á herança, assim adquirida, se dava o nome de *luctuosa.*

Os servos de glêba, os escravos, e os colonos de certas fazendas eram designados pelo nome de *misteres.*

SERVOS CASATOS — Os romanos, e, depois d'elles, os gôdos, dispunham das terras e pessoas dos vencidos, segundo a vontade dos chefes, e d'esta circumstancia nasceu o *poder heril*, que os invasores tinham nas propriedades e pessoas que lhe tinham cabido em partilha, ficando senhores das pessoas, honras e vidas d'estes desgraçados escravos de glêba, ou do torrão.

Quando principiou a nossa monarchia, já o poder heril se havia transformado em *jurisdição patrimonial*, que (exceptuando as honras e vidas) nada differia da antecedente escravidão, pois estavam sujeitos ás leis arbitrarias e despoticas dos seus senhores; e ás contribuições, serviços, sentenças e penas que elles lhes queriam impôr; sendo-lhes até prohibido recorrer ao rei.

D. Affonso II, chegou a determinar, sobre graves penas — *que o homem livre, possa viver com quem lhe aprouver:* EXCEPTO OS QUE VIVEREM NAS HERDADES E TESTAMENTOS. (Os que viviam nas *herdades*, eram escravos dos grandes senhores — e os que viviam nos *testamentos*, eram os escravos das egrejas e mosteiros, aos quaes, por doações, foram concedidas as terras e escravos.)

D. Affonso V mitigou as penas d'esta lei, deixando-a ao arbitrio dos julgadores — *em tal guisa porem, que os forçadores da liberdade nom fiquem sem pena.* (Cod. Alf. liv. VI, tit. 20, § 3.)

O tempo foi mudando os costumes, e os *senhores de baraço e cutello, de pendão e caldeira*, e *de mero e mixto imperio*, foram restituindo, a seu pezar, a jurisdicção suprema, aos nossos reis; até que pela *Orden. Manoel.* liv. 2.º, tit. 46, se extinguiram totalmente os servos de glêba e a escravidão de portuguezes.

SERVOS DE QUATRO DINHEIROS — Assim se denominavam os que voluntariamente se constituiam, e a suas mulheres e filhos, escravos das egrejas, ou dos mosteiros. Bastava collocarem sobre a cabeça uma moeda de *quatro dinheiros*, e baixando-se, deixarem-a cahir sobre o altar, para se constituirem verdadeiros servos de glêba, da egreja ou mosteiro. A estes taes é que se dava a denominação de *servos de quatro dinheiros.*

Outros, prendiam ao pescoço a corda do sino, e era o bastante para se constituirem *servos de glêba, e propriedade* da egreja ou mosteiro.

SERZEDÊLLO — Vide *Cerzedêllo.*

SERZÊDO —Vide *Cerzêdo.*

SESEGA —Vide *Sessega.*

SESMAR — portuguez antigo — repartir as terras ou herdades, que deviam ser dadas de sesmaria.

SESMARIA — portuguez antigo — Dava-se este nome ás doações de terras, casaes, pardieiros, etc., que estavam abandonadas, e das quaes, os seus direitos senhorios, depois de competentemente avisados, não tratavam de — por qualquer modo — fazer cultivar.

A corôa dava então estas propriedades *de sesmaria* (ou permittia que as camaras as dessem) dando o *sesmeiro* (o que as ficava possuindo) a sexta parte dos fructos. A esta sexta parte se chamava primeiro, a *sesma*, e depois, o *sesmo* (o sexto).

O dr. Vicente Antonio Esteves de Carvalho, imprimiu em Lisboa (na *Impressão régia*) e publicou, em 1815, as — *Observações historicas e criticas, sobre a nossa legislação agraria, chamada commumente* DAS SESMARIAS.

Foi o rei D. Fernando I, que fez a santa *lei das sesmarias*, que muito fez desenvolver e prosperar a agricultura e beneficiar os lavradores.

D. João I, não só confirmou esta lei, como deu aos *sesmeiros*, e mesmo aos lavradores em geral, varios privilegios. (*Cod. Alf.*, livro 4.º, tit. 81, e tit. 29, §§ 10, 13, e 18.)

Dava-se a denominação de *terra de sesmo*, não só á que já estava cultivada de sesmaria, como á inculta, que podia ser assim dada.

SESSÉGA, e **SESÉGA** e **SESERÍGO** — portuguez antigo — assento d'uma casa, moinho, lagar, tanaria, etc. — Tambem o direito que tinha o dono de uma arvore plantada em terreno alheio, de pôr outra no logar d'onde arrancasse a antecedente.

Tambem se dava a isto a denominação de *seriga*, e *sesúa.*

SESSERIGO —Suppõe-se ser o nome que os arabes davam ao *Valle de Santarem.*

SÉSTO — portuguez antigo — compasso. É italiano. Nas medições antigas dos nossos prazos se lê frequentemente — «*E d'aqui vae a sésto*» — isto é, vae a compasso, á corda, vara, ou outra qualquer medida.

De sésto, vem *assestar* (marcar, fazer pontaria, etc.)

Não se confunde com *césto*, que era um jôgo muito usado dos romanos — (uma especie de sôco inglez.) Césto, propriamente, era uma manopla ou luva, de couro crú, com balas de chumbo, com que os athletas se socavam mutuamente. Produzia o mesmo effeito que o *box* inglez.

Césto significava tambem o cinto de Venus e de Juno.

Entre os grêgos, *césto*, era o cinto com que cingiam a noiva, no acto do casamento. Os esposos a conservavam cuidadosamente, crendo que isso livrava de tentações adulterinas a qualquer dos conjuges.

SESTEIRO — portuguez antigo — dous alqueires (ou duas *teigas*) da medida velha — mas, um *sesteiro* de trigo, outro de milho.

O sesteiro de vinho era a medida de dous cantaros.

Na Terra da Feira, dão o nome de *raza*, á medida de dous alqueires.

SÉSTRO — portuguez antigo — adufe. (Pandeiro quadrado, com pelle de ambos os lados.)

SESUS — portuguez antigo — Jesus.

SETE CAPELLAS — vasta e formosa quinta, Douro, sobre a margem direita do Douro, na freguezia de S. Verissimo de Val-Bom, concelho de Gondomar, comarca, districto administrativo, bispado e 3 kilometros ao E. do Porto. Fica em frente da grande freguezia d'Avintes, na margem esquerda, e no concelho de Villa Nova de Gaia.

Esta propriedade pertence, ha mais de trezentos annos, á antiga e nobilissima familia dos *Correias Monte-Negro*, da rua Chan, da cidade do Porto. (Vide 7.º vol., pag. 526, col. 1.ª)

Tem *sete capellas*, e é d'esta circumstancia que lhe provem o nome.

Tinha o privilegio de ninguem poder pescar na metade do rio Douro que lhe fica em frente da quinta.

Foi constituida em morgado, por Miguel Correia Monte-Negro, em 12 de outubro de 1554.

O instituidor do vinculo era fidalgo cavalleiro, foi casado com D. Veronica Pinto, e foi seu filho:

Sebastião Correia Pereira Monte-Negro, fidalgo da casa-real, casado com D. Maria de Barros e Souza, herdeira da casa de Nobões, e irman de Antonio de Souza Correia Monte-Negro, bailio de Leça, senhor de um magnifico palacio, na ilha de Malta, e embaixador de Portugal, em Roma.

De Sebastião Correia e de sua mulher nasceu:

Luiz Correia de Souza Monte-Negro, fidalgo da casa-real, e casado com D. Violante da Silva. Tiveram:

João Correia de Souza Monte-Negro, fidalgo da casa-real, casado com D. Isabel da Silva Pereira de Vasconcellos, senhora da casa d'Alvarenga (vide *Torre d'Alvarenga*) que lhe deu em dote seu tio, Francisco Pereira de Vasconcellos, fidalgo da casa-real, capitão-mór de Alvarenga. D'este casamento nasceu:

Antonio Gonçalo Correia de Souza Monte-Negro, casado, em Lisboa, com D. Antonia de Noronha e Napoles, irman de D. Thomaz de Noronha e Napoles, que morreu sem descendencia legitima, passando os prazos e bens alodiaes, para seu filho natural, Ignacio Correia de Souza Monte-Negro, e os vinculos, para D. Maria Isabel Pereira de Menezes Monte-Negro, filha unica de Bento Pereira de Sotto-Maior e Menezes, da casa da Barbeita, fidalgo da casa-real, e de D. Luiza Josefa de Souza Monte-Negro, e irman de João Correia de Souza Monte-Negro. Esta senhora casou com Martinho José Pinto de Vasconcellos de Miranda Monte-Negro, fidalgo da casa-real, da casa da Bôa-Vista, junto á villa de Sobrado, capital do concelho do Castello de Paiva.

Para evitarmos repetições, veja-se o que digo no 7.º vol., pag. 527, col. 2.ª, no § 17.º e seguintes. Aqui só é precizo accrescentar o seguinte:

Por fallecimento do sr. Bernardo José Pinto de Vasconcellos de Miranda Monte-Negro, deixou á sua viuva, a sr.ª D. Anna Angelica Soares (7.º vol., pag. 530, col. 1.ª) e os trez filhos alli mencionados; porem hoje só d'estes existem dous, o sr. dr. Albino Pinto de Vasconcellos de Miranda Monte-Negro, que reside na quinta das *Sete-Capellas*, e o sr. Martinho Pinto de Vasconcellos de Miranda Monte-Negro, actual governador civil d'Aveiro. O sr. Pedro Augusto Pereira de Vasconcellos de Miranda Monte-Negro falleceu repentinamente, de uma aneurisma, andando a passear nos jardins do Palacio de Crystal, do Porto, em 29 de julho de 1877.

SETE-RIOS — Ao sahir de Lisboa, por S. Sebastião da Pedreira, e pela estrada de Bemfica, encontra-se a vasta propriedade de *Palha-Van* (vide esta palavra) hoje do sr. conde da Azambuja.

Pouco adiante, entre as estradas de Bemfica e Pinheiro, estão as ruinas do palacio dos duques do Cadaval. O terramoto do 1.º de novembro de 1755 destruiu este palacio e a quinta, que hoje apenas nos recordam as suas magnificencias passadas. Uma d'ellas foram as explendidas festas, por occasião do casamento do terceiro duque do Cadaval, D. Jayme de Mello, com a infanta D. Luiza, filha bastarda, reconhecida, de D. Pedro II,

Logo adiante, está o logar de *Sete-Rios*. do qual partem — para a direita, a estrada das Larangeiras — e para a esquerda, a de Campolide.

A denominação de Campolide, estendia-se antigamente até ao actual *largo do Rato*.

Em seguida a *Sete-Rios*, está a formosa quinta das Larangeiras, que foi do fallecido primeiro conde do Farrobo. (Vide *Larangeiras*.)

D'aqui segue-se Bemfica, etc.

Sete-Rios é um sitio aprasivel, onde vem muita gente de Lisboa gozar os seus ares salutiferos e a frescura dos seus frondosos arvorêdos.

SETE VILLAS — Vide *Olho da Mira*.

SETEAES — Á sahida da villa de Cintra, no caminho de Collares, entre a estrada dos *Pisões* e a quinta de *Penha Vêrde* (fundada pelo famoso D. João de Castro, quarto vicerei da India) estendia-se, ha cento e tantos annos, um vasto terreiro, que, apezar de

ficar no dôrso da serra, era perfeitamente plano. Ao S., elevava-se o magestoso vulto da montanha, vestida de arvoredos, por entre os quaes surdiam gigantescos penedos, e terminando nos dous altos pincaros, que servem de baze ao *castello dos Mouros*, e ao palacio da Pena, que então era mosteiro dos monges jeronymos. Do N., descia a encosta da serra, com grande declive, e tambem povoada de carvalhos e castanheiros, e semeada de grandes penedos, até a um profundissimo valle. Pelo E., entrava no terreiro, o caminho que vinha de Cintra, e pelo O., seguia a estrada de Collares, assombrada pelas arvores seculares de *Penha-Verde.*

Ao N., desfructava-se d'esta planicie um extensissimo panorama, limitado pelo Oceano, e por longinquas cordilheiras de montes, d'entre os quaes se distinguia o magestoso edificio de Mafra.

Era pois o referido terreiro, ou planicie, logradouro publico, onde as ordenanças da villa e seu termo costumavam fazer exercicio, em um domingo de cada mez, e onde o povo de Cintra vinha passear, aos domingos e dias santos.

Desde tempos immemoriaes, um dos divertimentos predilectos da gente môça, era hir áquelle rocio, á tardinha, despertar os eccos que alli ha. Pela disposição dos pincaros da serra, formando um reconcavo, no fundo do terreiro, as palavras proferidas em voz alta, na extremidade do norte do mesmo terreiro, são repetidas pelo écco, com muita clareza e por varias vezes.

Consta que n'aquelles tempos, a palavra mais usada, nos taes exercicios das ordenanças, era um *ai!* que o écco repetia sete vezes, e que d'aqui viera ao rocio, o nome de *Seteaes* [1].

Dizem outros, que o nome do terreiro vem de *Sente ais,* porque os montes fronteiros *sentem* os *ais* que se dão d'este logar.

Finalmente, outros sustentam que o nome vem de *Senteaes,* porque em tempos antigos, era a planicie semeada de senteio.

Julgo a primeira etymologia mais rasoavel.

No terceiro quartel do seculo XVIII, um inglez, ou hollandez, estabelecido em Lisboa, e que lá chegou a adquirir grande riqueza, de appellido *Gildmestre,* comprou, ou aforou, á camara de Cintra, os terrenos que cercavam o terreiro dos Seteaes, pelos lados do N. e O., e n'elles construiu um palacio e quinta, com vasto jardim. O terreiro foi aformoseado e regularisado, orlando-se com uma espaçosa rua de arvoredo; construiram no fundo o palacio e pela frente, separando-o da estrada, pozeram-lhe uma gradaria de ferro, com trez amplos portaes, e rematando nas duas extremidades (E. e O.) com dous pavilhões, tendo cada um a sua sala no andar nobre, com janellas de saccada; todavia, o terreiro dos *Seteaes,* continuou a ser, como anteriormente, logradouro, ou passeio publico.

Gosou Gildmestre, por bastantes annos, esta sua residencia de verão; porem, ou porque, vendo-se rico, e cançado das lides mercantis, lhe chegassem as saudades da patria, ou porque (segundo alguns acreditam) tivesse grande motivo de desgosto, com o governo portuguez, resolveu-se liquidar a sua casa commercial, retirando-se logo para Inglaterra.

Poz-se em venda o palacio e quinta dos Seteaes, e o comprou D. Diogo José Victo de Menezes Coutinho, quinto marquez de Marialva, e setimo conde e decimo quarto senhor de Cantanhêde, um dos mais ricos fidalgos portuguezes do seu tempo; que fez grandes melhoramentos no palacio e jar-

[1] Um dos éccos mais notaveis que tenho visto (ouvido) em Portugal, é na margem esquerda do Douro, junto ao logar de Figueirido, na freguezia de S. Martinho de Sardoura, no concelho de Castello de Paiva. Pronunciando-se uma palavra, em voz alta, é repetida cinco e seis vezes, no outro lado do rio, com a maior clareza; mas, se se der um tiro de espingarda, o écco, então mais de seis vezes repetido, é surprehendente. Se alli se desse um tiro de artilheria, a repercução seria espantosa.

Vide *Valle da Avó.*

Na torre de S. Vicente de Belem, ao Bom-Successo, ha uma sala, que tambem tem um écco muito notavel e singular.

Vide *Belem.*

dins, e mandou adornar as salas com grande magnificencia: dando aqui brilhantissimas funcções.

Teve a honra de receber n'este palacio, a rainha D. Maria I, seu filho, D. João (depois rei, sexto no nome) e a mulher d'este, D. Carlota Joaquina Bourbon; havendo por essa occasião, as mais brilhantes festas em Seteaes.

Para commemorar este acontecimento, mandou erigir um arco triumphal, de marmore, que se concluiu em 1802, fallecendo o marquez logo no anno seguinte. (Vide *Ericeira* e *Marialva*.)

Nunca mais se tornaram a dar explendidas festas n'esta residencia principesca.

O marquez deixou um filho e trez filhas. —Aquelle, foi *D. Pedro José Joaquim Victo de Menezes Coutinho*, sexto e ultimo marquez de Marialva, e oitavo e ultimo conde, e decimo quinto senhor de Cantanhêde; o qual morreu solteiro, em Paris, no anno de 1823, sendo embaixador de Portugal, junto do rei de França, Luiz XVIII.—As trez filhas foram:

1.ª—*D. Henriqueta Maria Julia de Lorêna e Menezes*, duqueza de Lafões, pelo seu casamento com D. João de Bragança, segundo duque de Lafões. (Vide *Lafões*.)

2.ª—*D. Joaquina de Lorêna e Menezes*, marqueza do Louriçal, mulher de D. Luiz Euzebio Maria de Menezes Silveira, quarto e ultimo marquez do Louriçal, oitavo e ultimo conde da Ericeira. (Vide *Ericeira*, e *Louriçal*.)

3.ª—*D. Maria Margarida do Carmo de Lorêna e Menezes*, marqueza de Loulé, por ter casado com Agostinho Domingos José de Mendonça Rolim de Moura Barreto, vigessimo terceiro senhor d'Azambuja, etc. (Vide *Azambuja*, *Loulé*, e *Quarteira*.)

Por fallecimento do ultimo marquez de Marialva, entrou na posse do palacio e quinta dos Seteaes, sua sobrinha, D. Anna Maria de Bragança Souza e Ligne, duqueza de Lafões.

Correndo letigio sobre esta herança e provando-se não constituir vinculo a propriedade de Seteaes, passou ella, como partilha de bens livres, da casa de Marialva, para a marqueza do Louriçal.

Fallecendo esta senhora, no estado de viuva. e sem successão, foi sua herdeira a marqueza de Loulé, sua irman, e a esta succedeu seu filho, o fallecido primeiro duque de Loulé, casado com a nossa infante, D. Anna de Jesus Maria.

Desde 1803 até hoje, tem o tempo sido para esta propriedade um periodo de decadencia.

O ultimo marquez de Marialva, emquanto possuiu a propriedade dos Seteaes, andou quasi sempre ausente de Portugal, nas varias embaixadas de que foi encarregado,[1] e esta sumptuosa propriedade esteve sempre em total abandono.

Não foi mais feliz a referida propriedade, sob a administração do duque de Lafões; conservando-se o palacio quasi sempre deserto, e a quinta e jardim maltratados.

Melhorou alguma cousa em poder da marqueza do Louriçal, porque esta senhora, alli costumava passar os estios; mas, nem o seu estado de viuva, nem a exiguidade dos seus rendimentos, lhe permittiam dar aos Seteaes o brilho que merecia, nem cuidar da cultura e conservação da quinta, como devia ser.

Depois da sua morte, tem hido o palacio e quinta em continua decadencia, e entregue ao mais lamentavel abandono, causando lastima a quem o vê.

Em 1865, abateu o tecto de uma das salas, e não tardará a acontecer o mesmo ao resto do edificio.

Do jardim, apenas resta algum buxo, já bravio, e sem fórma — o grande lago circular, de marmore, com o seu repucho, já ha muitos annos não tem agua — dos pomares, poucos vestigios restam — o arvoredo que formava as suas ruas, desappareceu quasi todo — e a cascata está desmantellada.

O arco triumphal, por ter sido construido com grande solidez, ainda se conserva em bom estado. Serve-lhe de remate, entre trophêos, de excellente esculptura, um meda-

[1] A Buonaparte, em 1807—a Luiz XVIII, rei de França, em 1815—a Francisco I, imperador da Austria, em 1816 — a negociar o casamento da archiduqueza Carolina Josefa Leopoldina, com o principe real D. Pedro, depois primeiro do Brazil, em 1817.

lhão cingido de louros, encimado da corôa real, e n'elle os bustos de D. João VI e de sua esposa, a rainha D. Carlota Joaquina. Por baixo do medalhão e da architrave, sobre que assenta o trophéo, está gravada a seguinte inscripção:

AUGUSTO JOANNI FIDELISSIMO
PRINCIPI REGENTI LUSITANIAE
GENTIS SPEI AMORI AC DELICIIS
OB PACEM DESIDERATAM IN-
NUMERASQUE REX CALAMITOSIS
TEMPORIBUS NON TANTUM
ARMIS IMPERII AB OMNI
AEVO SEMPER INVICTIS SED
ET SAPIENTIA PRUDENTIA
ET JUSTITIA ANIMI SUI
REGII OPTIMIS VIRTUTIBUS
FELICITER PRECLARISSIMEQUE
PERACTAS MARCHIO MARIALVA
HOC MONUMENTAM C. ANNO
— MDCCCII. —

Isto é — O marquez de Marialva, fundou este monumento, no anno de 1802, em honra do augusto e fidelissimo principe regente, D. João, amor e delicias do povo portuguez, e pela paz desejada, e por outros innumeraveis beneficios, realisados feliz e honrosamente, n'estes tempos calamitosos, não tanto pelo poder das armas do reino, sempre, e em todas as eras invictas, como, graças ás suas eximias virtudes, pela sabedoria, prudencia e justiça do seu real animo.

—

Foi n'este palacio que se assignou a tristemente célebre *Convenção de Cintra* (30 de agosto de 1808) feita entre o execrando Junot, e o general inglez Dalrymple, e que foi ratificada no dia seguinte, em Torres-Vedras, para a total evacuação de Portugal, pelos exercitos de Buonaparte.

Os francezes, segundo o expresso na mesma convenção, embarcaram em Lisboa, nos primeiros dias de setembro, levando todas as suas bagagens, e com ellas, grande parte das riquezas d'este reino, que por todo elle haviam roubado!

Esta convenção desagradou a todos. Buonaparte exasperou-se contra Junot, e os inglezes mostraram tão pronunciada aversão a semelhante convenio, que o seu governo teve de mandar sahir de Portugal o Dalrymple, ficando Wellesley com o commando em chefe. Os portuguezes accusavam Dalrymple de traidor, por ter assignado uma convenção vergonhosa, com um inimigo vencido, concedendo-lhe levar tantos milhões em dinheiro, ouro, prata e preciosos objectos d'arte, que nos tinham roubado.

Tambem não faltou quem dissesse (talvez com fundamento) que o general inglez *negociou* esta convenção, recebendo uma boa porção de contos de réis.

O que é certissimo é que os francezes, quando em 30 de novembro de 1807, entraram em Lisboa, rôtos, descalços, e famintos, mais pareciam quadrilhas de salteadores, do que tropas disciplinadas — e quando, d'ahi a nove mezes foram (por esta primeira vez) expulsos, já hiam aceiados, gordos, nédios, e com immensas e riquissimas bagagens.

Eis como elles nos *libertaram do jugo dos inglezes*, e como vieram *semear a illustração e a prosperidade em Portugal*, promettendo *um Camões para cada provincia*, como elles diziam.

Apezar de tudo isto, acharam por cá muitos portuguezes degenerados, traidores á sua patria, que tomaram o seu partido — e, o que é mais escandaloso, ainda hoje os ha d'estes sentimentos. Bem dizia o nosso Camões:

........tambem dos portuguezes,
alguns traidores houve, algumas vezes.

SETEMBRO — portuguez antigo — nome proprio de homem. (Doc. de Tarouca, de 1284.)

SÉTO — portuguez antigo — estacada, séve — tapagem feita com páus ou ramos [1].

SETUBAL — cidade, Extremadura (ao S. do Tejo) cabeça do concelho e da comarca do seu nome — 152 kilometros ao N. de Béja, 38 kilometros ao SE. de Lisboa, 3:390 fogos.

Em 1768, tinha 2:934.

Tem actualmente quatro freguezias: *S. Se-*

1 Quem sabe se de *seto* e *briga* (povoação da estacada) se fez Cetobriga?

bastião, com 930 fogos — *S. Julião*, com 920 — *Nossa Senhora da Annunciada*, com 1:130 — e *Nossa Senhora da Graça*, com 410.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Em 1768, tinha cinco freguezias, a saber:

S. Sebastião, tinha 1:140 fogos. A mesa da consciencia apresentava o prior, que tinha de rendimento 296 alqueires de trigo, 150 de cevada, e 20$000 réis em dinheiro.

S. Julião, tinha 690 fogos. O prior era da mesma apresentação, e tinha o mesmo rendimento do de S. Sebastião.

Nossa Senhora da Annunciada, tinha 890 fogos. O prior tinha o mesmo rendimento dos antecedentes, e era da mesma apresentação.

Nossa Senhora da Ajuda, tinha 74 fogos, e era da mesma apresentação. O parocho era capellão, curado, mas dava-se-lhe vulgarmente o titulo de prior. Tinha 180 alqueires de trigo, 90 de cevada, e 18$000 réis em dinheiro.

Esta freguezia foi supprimida, e a egreja destruida, e vendidas as suas ruinas ao conde Armand, que foi embaixador de França n'este reino.

A actual freguezia de Nossa Senhora da Annunciada, comprehende os fogos que pertenceram á da Ajuda. (Vide *Ermida de S. Pedro d'Alcube.*)

Foi prior d'esta freguezia o famoso orador sagrado, padre Antonio da Costa Cordovil, freire conventual da ordem de São Thiago, e doutor em theologia. Escreveu e foram impressos, varios dos seus sermões. Recolheu-se ao convento da Arrabida, onde professou a regra de S. Francisco. Falleceu em 1679. (Vide *Setubalenses illustres.*)

—

O concelho de Setubal é composto de sete freguezias — as quatro da cidade, e Palmella, Villa Fresca d'Azeitão (S. Simão) — Villa Nogueira (S. Lourenço d'Azeitão.) Todas no patriarchado, e com 6:200 fogos.

A freguezia de Marateca, que tambem formava parte d'este concelho, está actualmente annexa á de Palmella.

A comarca de Setubal comprehende apenas o seu concelho.

—

O concelho de Palmella, e o de Azeitão (Villa Nogueira) foram supprimidos, por decreto de 24 de outubro de 1855 (sendo regente, o senhor D. Fernando Coburgo) e annexados a este de Setubal.

—

Pertence ao districto da 1.ª divisão militar, e é, actualmente, quartel do batalhão de caçadores n.º 1.

É comarca de primeira classe, no districto judicial da Relação de Lisboa, e comprehende trez julgados — o de Setubal, e os de Palmella, e Azeitão, formados pelos concelhos supprimidos.

Pertencem ao governo militar de Setubal, as fortalezas de *S. Philippe*, *Torre do Outão*, *Albarquel*, e *Arrabida*. O castello de Palmella, que tambem pertence a esta circumscripção militar, e que ainda é considerado praça de guerra (!) está, ha muitos annos, desartilhado e desmantellado.

As fortalezas mencionadas são classificadas de 2.ª classe.

É posto semaphorico, na Torre do Outão.

É Setubal uma das 18 capitanias dos portos, no departamento do centro.

Tem delegação de 1.ª classe, da alfandega grande de Lisboa.

Caminho de ferro

Tem um ramal do caminho de ferro do Sul e Sueste, e estação no seu terminus — a cidade. Tem este ramal sete estações — *Barreiro*, a 10 kilometros de Lisboa — *Lavradio*, a 12 — *Pinhal Novo*, a 15 [1] — *Alhos Vedros*, a 18 — *Moita*, a 26 — *Palmella*, a 33 — e *Setubal*, a 38. — Note se porem, que 10 kilometros são de rio, desde Lisboa até ao Barreiro.

—

Franklin não menciona nenhum foral velho, dado a esta cidade (talvez por lhe ter sido outorgado pelo mestrado da ordem de S. Thiago.) Tem foral novo, dado pelo rei

[1] A estação do Pinhal Novo é o entroncamento do caminho de ferro do Sul e Sueste, tanto de Lisboa a Serpa, como da mesma capital, a Beja, Extremoz, Casével, Evora, Evora-Monte, etc.

D. Manoel, em Lisboa, a 27 de junho de 1514. (*Livro de foraes novos do Alemtejo*, fl. 91, col. 2.ª — e *Livro dos Regimentos da Tabola de Setubal*, fl. 1 v.)

—

Está a cidade assente na margem direita do Sádo (que tem aqui 5 kilometros de largura) com dilatado porto para navios de todo o lote, mas a barra não é de tão facil entrada como a de Lisboa, porque alguns bancos de areia lhe obstruem a passagem. É defendida pela Torre do Outão, e dentro do rio, pelo forte de S. Philippe. Tinha mais o *forte da Conceição*, que hoje está transformado em quartel de caçadores n.º 1, mas ainda bem conservado; e o *d'Albarquel*. D'elles trato adiante.

Está em 38º e 28′ de latitude N., e 29′ de longitude Occid.

—

As armas de Setubal são — Escudo azul, e n'elle um castello da sua côr, tendo de cada lado uma cruz (encarnada) da ordem de S. Thiago. O castello está sobre ondas verdes, e n'ellas uma barca, cercada de peixes de prata.

Era encimada por uma corôa ducal, que lhe foi tirada em 1759, desde o supplicio do ultimo duque d'Aveiro.

(Vide *Chão-Salgado*.)

Nas côrtes dos Trez Estados, tinha assento no quarto banco, por provisão de D. João III, desde o anno de 1530.

Os duques d'Aveiro eram alcaides-móres de Setubal, até 1759.

Tem o titulo de notavel, concedido por D. João III, em 26 de setembro de 1525.

Por carta régia de 23 de maio de 1657, a rainha regente (na menoridade de D. Affonso VI) D. Luiza de Gusmão, concedeu o titulo de *leaes vassalos*, aos habitantes de Setubal.

O coronel do regimento de Setubal (infanteria n.º 7) offereceu á camara, em 1815, uma bandeira franceza; que o mesmo corpo tomou no dia 27 de fevereiro de 1814, a um dos regimentos do general Soult, na famosa batalha d'Orthez, na qual o regimento de Setubal muito se distinguiu, pela sua bravura e disciplina [1].

—

Estabeleceu-se em Setubal a terceira typographia que houve em Portugal, 43 annos depois da de Leiria (que foi a primeira) e 24 annos depois da segunda, que foi em Lisboa.

Em 1509, foram impressos em Setubal, os *Estatutos da ordem de S. Thiago da Espada*.

Adriano Balbi (*Essai statistique sur le royaume de Portugal*) e Antonio Ribeiro dos Santos (*Mem. de litterat.*, vol. 8.º) sustentam, com bons fundamentos, que a primeira typographia que houve em Portugal — e em toda a Peninsula — foi a de Leiria, onde se imprimiram as poesias do infante D. Pedro, em 1466, nove annos depois da descoberta da imprensa, por Guttemberg.

Em 1485, se imprimiu em Lisboa, na typographia hebraica, o *Secher Orach Chaiim* o *Pentatheuco*, em 1489 — e o *Cancioneiro geral*, de Garcia de Rezende, em 1516.

Illuminação publica

Em 1834, a camara mandou collocar dous lampeões, um em cada angulo dos seus paços. Eram os unicos de Setubal. Depois, se foram, pouco a pouco, pondo mais lampeões, todos alimentados por azeite.

Em 15 de agosto de 1863, appareceram

[1] A gloriosa victoria de Arther, em seguida á dos Pyreneus (30 de julho de 1813) — a tomada da praça de S. Sebastião de Biscaia (8 de setembro) — a victoria de Nivelle (7 de outubro) — a tomada das linhas francezas (10 de novembro) — e as gloriosas batalhas, dadas ao inimigo, entre o rio Nive e Adour, que nos fez ganhar a sangrenta batalha de Nive (13 de dezembro) e, finalmente a batalha e victoria de Orthez (tudo isto já em territorio da França) deu em resultado a entrada dos alliados em Bordeus, a 12 de março de 1814.

as ruas illuminadas a gaz, o que foi causa de justo regosijo para os habitantes de Setubal.

Foi feita esta illuminação, por contrato celebrado entre a camara e o emprezario *Luiz Longe*. Este falliu, ficando a illuminação interrompida. A camara tomou então posse da fábrica e canalisação, depois de uma renhida demanda com os crédores de Longe. A cidade foi então illuminada a petroleo, mas tornou a haver gaz, por contrato feito com João Burgan, que passou os seus direitos ao actual emprezario, o sr. Alfredo de Queiroz Guedes. Tem a cidade, mais de duzentos candieiros de gaz, alem dos de petroleo, nas extremidades da cidade, onde ainda não chega o encanamento do gaz.

Na noite de 12 para 13 de novembro de 1875, foram despedaçados por um, ou mais vandalos, vinte e dois candieiros da illuminação publica!

Praça do mercado

Tem um magnifico edificio para o mercado publico, diario, construido no sitio chamado *praia do Livramento*. Foi inaugurado em 31 de julho de 1876.

Fez o desenho da planta o sr. Marcellino Allemão de Mendonça Cisneiros de Faria, apontador das obras publicas.

Custou á camara 28:000$000 réis, e custa a crer como, com tão pouco dinheiro, se podesse fazer obra tão perfeita. Depois da *praça do peixe e da hortaliça*, entre os passeios da Cordoaria e o das Virtudes, no Porto — e da nova praça, em construcção — no local onde existiu o forte de S. Paulo, no atêrro da Bôa-Vista — em Lisboa, é incontestavelmente o mais sumptuoso edificio d'este genero, que actualmente existe em Portugal. Excede muito em magnificencia e aceio, os mercados da Praça da Figueira, do largo de Santa Clara, e da Ribeira Nova, em Lisboa; e os do Bolhão e do Anjo, no Porto.

As mezas do peixe são muito mais luxuosas, do que mesmo as da nova praça do peixe do Porto, onde quasi todas são de tábuas, quando as de Setubal são de bellissimo marmore, e em numero de vinte e seis, todas com os seus competentes escoadouros.

O peixe fresco é vendido debaixo de um elegante pavilhão (galeria descoberta) sustentado por columnas de ferro fundido. Fica á direita de quem entra. A fructa, hortaliça e legumes, ficam á esquerda.

Em volta da praça são tudo lojas de mercearia, de bebidas, de fructas e legumes (alem dos logares do centro da praça) talhos, armazens para deposito de sal e peixe salgado, etc.

Rende annualmente para a camara, réis 3:000$000, que, por emquanto, são destinados para o pagamento do capital e juros da divida contrahida pela municipalidade, para estas obras.

Antigamente, o mercado do peixe era na *Ribeira Velha*, pequena praça, rodeada de predios, e sem condições de aceio e hygiene.

A fructa, hortaliça e legumes, vendiam-se a um canto da praça do Sapal (hoje de Bocage.)

Cetobriga

Quando uma povoação perde a sua remota origem na noite dos tempos, é não só difficil, mas impossivel, marcar-lhe a época da sua fundação, e o nome do seu fundador, pois tudo se acha envolvido em hypotheses e opiniões, mais ou menos fundamentadas, e em fabulas, qual d'ellas mais absurda. Esta circumstancia se dá em Setubal, assim como em Lisboa, Porto, Braga, Coimbra, Santarem, Villa Nova de Portimão, Faro, e outras muitas cidades e villas, como temos visto em muitos logares d'esta obra.

Estou porem persuadido que a actual cidade de Setubal, não é tão antiga como muitos escriptores pretendem; porque — a cidade a que Claudio Ptolomeu Alexandrino dá o nome de *Cætobrix* — Antonio Augusto, *Catobriga* — Marciano Heracleota, *Castobrix* — e o anonymo Ravenate, *Cetobrica* — era indisputavelmente na margem esquerda do Sádo, em frente da actual Setubal, e no sitio hoje chamado *Troia*. Esta sim, que era antiquissima, e, com toda a probabilidade, fundação dos phenicios [1].

[1] Na divisão dos bispados da Lusitania, feita pelo rei Wamba, em 675, marca os limites do bispado de Salamanca, desde *Albe-*

—

Consta que o bairro do *Troino*, ao O. da cidade, foi a primeira povoação sobre a direita do Sádo, n'este logar, por ficar em terreno mais elevado do que Setubal. Não ha porem alli, um unico monumento (que eu saiba) do tempo dos romanos; nem ainda dos gôdos.

—

O terreno em que assenta a parte principal da Setubal de hoje, esteve por muitos seculos occupado pelas aguas. O Sádo tem, lenta mas progressivamente, diminuido aqui de nivel, abandonando a margem direita, ao passo que, levando as terras da margem opposta, se tem internado. Prova-se isto plenamente, porque, na prefuração que se fez em outubro de 1871, no Campo do Bom-Fim, em busca de agua, se encontraram muitos fosseis marinhos. Em muitos pontos dos arredores de Setubal, se encontram a alguns metros de profundidade, varias especies de conchas petrificadas, sendo em maior numero as *bivalves* — como acontece em toda a parte. — Nos outeiros da *Saúde* e *Lindo Retiro*, proximos da cidade, é onde se teem achado em maior numero, differentes variedades de conchas fosseis. Eu achei na Troia, uma esponja petrificada, que ainda conservo [1]. E as famosas *salgadeiras* da velha Cetobriga estão, actualmente, mesmo á beira da agua, quando, por certo, foram construidas em terreno superior ás maiores marés.

O nome de *Sapal*, dado ao largo, hoje chamado *de Bocage*, prova tambem que este sitio era um pantano d'agua salgada, depois de ser abandonado pelo rio. Este pantano chegava até ao mosteiro de S. João, como adiante veremos.

Essa raridade geologica que se vê ao E. da cidade, e a que o vulgo dá o nome de *Pedra furada* (e da qual adiante trato) é outra prova evidente do abaixamento do nivel do rio, como depois veremos.

As frotas romanas entravam aqui amplamente a toda a hora, e este porto era considerado o melhor da Lusitania, depois do de Lisboa. Hoje na barra, apenas ha quatro metros d'agua, no baixa-mar.

É tradição entre o povo, que ao sopé das pedreiras sobre que se construiu o castello de Palmella, chegava o Sado, e que alli houve em tempos antigos, grandes argolas de bronze, para a amarração dos navios. Isto não é muito acreditavel, porque então, tambem Cetobriga devia estar quasi submergida nas aguas do rio.

Mas, se a parte baixa de Setubal não era mais do que rio, no tempo dos romanos — e talvez mesmo durante o dominio gothico, e principios do árabe — não se segue d'ahi que os sitios mais elevados que cercam a povoação, não fossem habitados, desde tempos remotissimos; foram-o, o que está plenamente provado pelos instrumentos da *edade da pedra*, que por aquelles sitios teem apparecido, em differentes épocas, como adiante veremos.

—

A faxa de terreno onde existem os restos da velha Cetobriga (Troia) leva a crer que se estendia até á ponta do Outão, onde está a fortaleza, em cujos alicerces se encontraram os restos de um templo, dedicado a Neptuno [1]. Ora — nos escriptores antigos, vemos que os romanos construiram um templo ao deus dos mares, no *promontorio barbarico*, mas não dizem que foi na foz do *Calipus* (Sado). Esta circumstancia, e a tradição constante entre o povo, desde tempos remotos, de que a barra do Sado era na Comporta, induzem a crer que, com effeito, a barra antiga era mais ao sul, e — pouco

nia até SOTOBRA, e desde *Rusa* até *Sibera*. Quem sabe se a Cetobriga davam os gôdos o nome de *Sotobra?* — Esta palavra, facilmente se corrompia em *Setobra*, *Setoba*, e por fim *Setubal*.

[1] Em Setubal, fallei com um individuo, dos seus oitenta annos, que me disse, lembrar se perfeitamente, que, quando era rapaz, o rio chegava muito perto das casas que estão em frente d'elle.

[1] Segundo a tradição, e alguns escriptores, no sitio hoje chamado *Monte Formosinho*, ponto culminante da serra da Arrabida (está 546 metros acima do nivel do mar, segundo Franzini) e onde agora se vê um marco geodesico, tambem existiu um outro templo gentilico; mas, se o houve, não resta d'elle o menor vestigio. (Vide adiante, *Templo de Neptuno*.)

mais ou menos — alinhando com a especie de golfo que o Sado faz até proximo de Marateca.

Que os arredores de Setubal foram habitados por essa raça de homens, cuja denominação hoje ignoramos, e que, por precederem os celtas, nos satisfazemos em lhes chamar *pre-celtas*, é cousa innegavell. Mas d'onde vieram esses aborigenes? Seriam chaldeus? Babylonios? Gregos? Phenicios? Iberos? — É o que ninguem póde dizer, com certeza.

Principiemos pelo nome (primitivo?) da antiga Setubal, primeira duvida, e primeira causa de contestação entre os archeologos.

Segundo alguns escriptores hespanhoes, CETOBRIGA é nome composto de duas palavras phenicias — *ceto*, que significa peixes grandes (baleia, tubarão, atum, corvina, etc.) e *briga*, cidade ou povoação — vindo portanto a ser — *cidade dos grandes peixes* — ou *das grandes pescarias*.

Outros escriptores da mesma nação sustentam que o primeiro nome de Setubal, foi *Cetuba*, de *ceto*, pescaria — e *uba*, porto — e significa porto, ou rio da pescaria [1].

Mas a opinião mais seguida pelos antigos, e que hoje é negada obstinadamente (não sei por que) por quasi todos os escriptores modernos — é que o primeiro nome de Cetobriga, era este mesmo, e que significa em chaldeu *Ce-Tubal*, ou *Sé-Tubal*, que quer dizer, povoação, ou assento de Tubal.

Florian do Campo — hespanhol, natural de Zamora, diz — «Entrando Tubal em Hespanha pela barra do Sádo, se agradou tanto d'estes sitios, que fundou aqui uma povoação, a que dera o seu nome.»

O mesmo diz Garibai (tomo 1.º, livro 4.º, cap. 1.º)

O nosso frei Bernardo de Brito, e com elle, TODOS os antigos escriptores portuguezes, dizem que *Tubal*, quinto neto de Japhet, terceiro filho de Noé, aportára á Lusitania, pelos annos do mundo 1800 (2:204 antes de Jesus Christo) com grande numero de chaldeus, e que, aprazendo-lhe o territorio hoje chamado *Troia*, ahi fundou uma povoação a que deu o seu nome — *Sethubalo*, que na sua lingua, significa *ajuntamento de Tubal*. Que, com o tempo, cresceu a população, pelo que, Tubal, mandou parte d'ella internar-se no paiz, hindo estabelecer-se nas margens do Ebro.

[1] Vide a nota á palavra SETO, portuguez antigo.

Ha ainda outra etymologia com respeito a Setubal — é a seguinte — Tubal, fundando a povoação, lhe deu o nome do seu quarto avô — *Seth* — ficando a denominar-se *Sethobriga* — cidade de Seth. (Vide *Seto*.)

Supponhamos que todas estas opiniões e etymologias, são meras fabulas: provam ellas, pelo menos, que Cetobriga é uma povoação cuja origem se perde na noite dos tempos, e que não é possivel marcar-se-lhe hoje a data do seu principio.

Pelos annos 1700, um nobre morador de Setubal, e vereador da camara, em uma *relação* que deu a frei Agostinho de Santa Maria (*Santuario Mariano*, 2.º, pag. 416) diz:

«A Troya, que hoje se vê, he cinza antiquissima do que foy Setuval, a antiga, ou «Cetobriga, fundação de Tubal, e que seus «moradores se passaram para onde hoje se «vê fundada Setuval.

«No tempo que n'ella se fundaram as casas, e estalagens, achei muytas moedas «de cobre, de cujas inscripções conheci serem dos Emperadores Romanos, e serem «muytas, feitas, ou lavradas, mais de duzentos annos antes que Christo viesse ao «mundo.

«Achey sepultado na areia, ou debaixo «d'ella, hum templo gentilico, com columnas «e capiteis, de que ainda hoje tenho hum «de notavel fábrica.

«Achey muytas sepulturas, com as ossadas de corpos humanos, outras, só com as «cinzas: outros corpos pequenos, metidos «em vasos de barro. Muytas sepulturas feitas de adobes, e outras de pedra vermelha, «muyto fina; e muyta cantidade de prégos «e ferrolhos, de bronze, sem haver entre «elles, cousa de ferro. Pássaras de vidro «azul, cercadas de candieiros de barro, e «aos pés d'ellas, moedas de cobre, ao modo «de offrendas.

«Em distancia de quasi huma legoa, está «toda a Troya cheya de alicerses de casa-«rias, que tudo são *ruinas, das quaes pre-«sumo se lhe derivou o nome de Troya,* a «respeito da grande povoação que antes ti-«nha sido; cuja grandeza, na minha opinião, «sepultaram as areias, porquanto d'ellas está «cheya.

«No tempo em que n'esta villa de Setuval «começou a fortificação, se achou n'ella um «forno de cal, e se averiguou, ser feito, ha-«via mais de duzentos annos, e com ella «começou a fortificação. Ha n'ella fornos de «tijolo, não havendo barro, nem apparecen-«do; do que se póde collegir que as areias «que sobrevieram sobre a terra, por esta, «ou por aquella causa, sepultaram tudo, e «ficou a areia sobre a terra antiga.

«Ainda achei cepas de vinha, e oliveiras, «e figueiras que ainda hoje existem.»

—

Para se escrever a historia da velha Cetobriga, que é tão ligada com a da actual Setubal, e todas as fabulas, descripções, etymologias e opiniões dos innumeros escriptores que trataram d'este assumpto, seria precizo uma obra em tantos volumes, como todos os d'este diccionario. Deixemos porem os tempos pre-historicos, e sigamos o que dizem os geographos e historiadores romanos, por certo, menos sonhadores do que os escriptores hespanhoes e portuguezes dos seculos XVI, XVII e XVIII.

—

Caio Plinio. que percorreu a maior parte da Peninsula Iberica, e que residiu na Bética, como intendente de Vespasiano, descreve a costa da Lusitania, desde o *Ana* (Guadiana) até ao *Durius* (Douro) e diz que esta região era habitada pelos *bastulos* e *túrdulos.*

Plinio (o naturalista) e Pomponio Mella, dizem que os turdulos estánciavam entre o Tejo e o Douro, e que *os bastulos habitavam o territorio de Cetobriga, antes da dominação romana.*

Strabão, descrevendo a costa da Lusitania, desde o *Promontorio Sacro* (Cabo de S. Vicente) falla no *paiz dos bastulos* em geral, que eram os habitantes d'esta costa, e, depois, em especial, mencionava *um povo que habitava uma estreita faxa de terra, junto ao mâr.*

Ptolomeu, dá aos povos que habitavam esta *faxa*, o nome de *bastulos-penos.* Appiano os denomina *bastulos phenicios*, que vem a ser o mesmo, porque *phoenices, poenices, punici*, e *poenice*, significa *vermelhos, erytrios*, ou habitantes do Mar-Vermelho, ou Erytrem — hoje Golfo da Arabia.

Estes phenicios chegaram ao litoral da nossa Peninsula, pelos annos do mundo 3050 (954 antes de Jesus Christo) e fundaram primeiramente a actual cidade de Cadix, depois se foram estendendo para o norte do Guadiana. (Para evitarmos repetições, vide no 6.º vol., pag 143, a palavra *Sidonia* — e a pag. 5 do 7.º vol., a palavra *Phenicios.*)

Parece que já aqui acharam os bastulos, é que por isso se chamaram *bastulos penos.*

Collige-se de Strabão e de Aviena, que estes phenicios occuparam Cetobriga (ou a fundaram) 150 annos depois de Cadix, porque dizem que chegaram aqui no anno 804 antes de Jesus Christo.

Quer os phenicios achassem já fundada Cetobriga, quer fossem os seus fundadores, é incontestavel que elles aqui habitaram por muitos annos, o que se prova pelas antiguidades phenicias, que, em differentes épocas, aqui teem sido achadas.

O que é certo, é que no seu tempo, já o Sado sahia pela barra actual, o que facilmente se prova pelas salgadeiras, construidas á beira do rio. Se este ainda desaguasse pela Comporta, ou por ahi perto, as salgadeiras estariam na parte meridional de Cetobriga.

Mesmo que as salgadeiras sejam obra dos romanos, como é opinião geral — e tudo induz a acreditar — já se vê que foram construidas quando o Sado corria por onde hoje corre.

—

Vemos do 3.º volume d'esta obra, pagina 401, que o Itinerario attribuido ao imperador Antonino Pio, designando as terras atravessadas por uma das trez vias militares romanas que de Lisboa se dirigiam a Méri-

da, então capital da Lusitania, diz que—de Lisboa a *Equa-bona* (Côina) são 12:000 passos—de Côina a *Catobriga*, 12:000 passos —de Catobriga a *Caeciliana* (Agualva) 8:000 passos, que correspondem a 2 kilometros, e é a distancia de Troia a Agualva.

—

Alguns escriptores dizem que *Equa-bona* era a actual *Agua de Moura.*—Brandand diz que as ruinas da *Caeciliana Castra*, de Plutarco, estão entre *Agualva* e *Aguas de Moura.*

Ainda outros geographos antigos, dizem que a *Caeciliana* dos romanos é a actual villa das *Alcáçovas;* mas é de notar que esta villa fica a 35 kilometros de Troia, que vem a ser 28:000 passos, e não 12:000, como lhe marca o *Itinerario.* Tambem outros dizem que *Alcáçovas* é a *Castraleucas* dos romanos.

—

Segundo Hubner, esta via militar romana (a terceira de Lisboa a Merida) é o complexo de duas estradas differentes — a de Lisboa a Evora, passando por Salacia (Alcacer do Sal)—e outra para a mesma direcção, atravessando algumas povoações ao sul do Guadiana.

Alem d'isso, é grande a confusão com respeito á contagem das milhas, porque se ignora se ella principiava em Lisboa, ou em outro qualquer ponto, ao sul do Tejo, cuja largura (para maior confuzão da contagem) varía entre 4 e 15 kilometros.

O dr. Hubner sustenta que a situação de Equa-bona (a *Abona*, do geographo de Ravena) é completamente incerta, assim como a primeira estação, não obstante affirmarem todos os escriptores, que é Coina.

Outra duvida—e não pequena: Suppondo effectivamente que a primeira estação da via militar fosse em Coina, não sabemos em qual das duas — porque ha *duas Coinas*, ficando uma a 10 kilometros da outra [1].

A primeira é a freguezia de Coina, concelho do Barreiro, sobre a esquerda do Tejo, e ao fundo de um braço que alli mette este rio, e ao qual chamam *ribeira de Coina.* (Vide *Seixal.*)—A segunda é *Coina-Velha*, aldeia, da freguezia de Villa Nogueira, extincto concelho d'Azeitão, hoje de Setubal. Esta fica sobre a estrada d'Azeitão para Cezimbra, e ao SO. da primeira.

O nome de *Coina-Velha* faz-nos acreditar que foi aqui a tal Equa-bona, dos romanos; e, para maior confusão, a distancia é egual, ou com pequena differença, de Lisboa a qualquer d'estas Coinas.

Se a via militar era por Coina-Velha, devia passar entre o actual castello de S. Philippe e a fortaleza do Outão, hindo ter á parte occidental de Cetobriga.

Mas quem sabe se esta estrada nunca passou de projecto, e do *Itinerario* (como ainda hoje acontece a muitas das nossas obras publicas) ou se seguia um rumo muito diverso?

O que é certissimo, é que, entre o Tejo e o Sado *não apparece o mais leve vestigio de semelhante estrada, nem um unico marco milliar.*

—

Outra duvida, e que nos põe em grande confusão: — Se a Caeciliana dos romanos era entre Agualva e Aguas de Moura — e se a actual freguezia de *Marateca* (unida á de Palmella) é a *Malececa*, dos romanos, como dizem quasi todos os antiquarios, a via militar era mais pelo ENE. da actual Setubal, dirigindo-se da Côina (do Barreiro) ao *Pinhal Novo*, ou proximidades, d'ahi a Aguas de Moura, Marateca, Santa Suzana e Alcáçovas; e não podia passar por Cetobriga. Mas tambem por ahi não ha vestigios de semelhante estrada, nem de marcos milliares.

—

N'esta barafunda de opiniões, e na ignorancia da verdadeira *directriz* da estrada romana por estes sitios, tratemos de cousas de que ha noticias mais certas, ou, pelo menos, mais provaveis.

—

Já a paginas 21, col. 2.ª, d'este volume, mencionei a portaria do ministerio do reino, de 8 de novembro de 1847, que manda ás camaras escreverem os seus respectivos *An-*

[1] Até verdadeiramente, ha por estes sitios trez *Coinas* — a do Barreiro, e duas na freguezia de Villa Nogueira de Azeitão—*Coina Velha de Cima*, e *Coina Velha de Baixo.*

naes do Municipio.—Disse alli, e é verdade, que *nem uma só camara fez caso de semelhante portaria.*

Em Setubal ha um cavalheiro (empregado da camara municipal) pessoa de grande illustração, muito investigador, e mesmo excellente poeta, ao qual a camara encarregou de colligir todos os apontamentos concernentes á velha e nova Setubal, os quaes foram entregues a A. Pimentel, que os publicou (por conta da camara) em 1879, sob o titulo de *Memoria sobre a historia e administração do municipio de Setubal.*

D'este livro, e de grande numero de esclarecimentos que devo á obsequiosa amisade do meu esclarecido amigo, o sr. Manoel Maria Portella (o cavalheiro a quem acima me refiro) e de outros muitos e variados apontamentos que pude obter, vou extrahir o que for aproveitavel para este artigo; resumindo-o quanto possivel.

Nem sempre sigo a opinião do sr. Portella (do que lhe peço desculpa) mas aquella que julgar mais livre do perigo de errar; juntando tambem as narrações de outros escriptores, e tudo quanto encontrar digno de nota, com respeito á formosa cidade de Setubal.

—

Segundo o nosso famoso antiquario, frei Luiz de Souza (*Hist. de S. Dom.*, parte 3.ª, cap. X) o sapal de Setubal chegava até ao logar onde se construiu o mosteiro de S. João, porque tratando d'este mosteiro, diz:

«Não se advertiu, ao tempo que se come«çou o edificio, que era logar baixo e apau«lado. Como entrava o outono, ferviam e «apodreciam, com a força do sol, *aquelles* «*charcos*, que a cercam (a casa religiosa) e «lançavam de si, pestilencias e vapores.

«E, como o ar é o alimento mais continuo «do corpo humano, causaram fortes doen«ças. Ás primeiras em que fizeram mais «impressão, foram as fundadoras; creadas «em outro ceu, desde meninas, sentiram «logo a differença, e adoeceram todas, umas «atraz das outras.»

Parece que o Sado invadia todos os pontos baixos de Setubal, formando differentes esteiros, ou vallas, mais ou menos largos e profundos.

Suppõe-se que a irmandade da Misericordia esteve antigamente na egreja de Santa Maria dos Anjos, no sitio que se chamava *Sapal do Trôino.* Proximo d'esta egreja, havia uma praia inculta, que foi dada por D. Affonso V, em 1444, a Alvaro Dias, o que consta de uma *carta de sesmaria*, feita em Setubal, a 21 de maio do dito anno, por Affonso de Santarem, escolar em leis, e corregedor.

Na tal praia tinha havido marinhas de sal, que estavam já então abandonadas (por ter fugido o rio, para maior distancia). Alvaro Dias plantou vinhas e hortas, que depois legou, por sua morte, á confraria de Nossa Senhora da Annunciada. Este terreno pertenceu depois a Justa Rodrigues Pereira, que alli mandou construir o mosteiro de Jesus, como adiante veremos.

—

Não se sabe desde quando se principiou a chamar Troia á velha Cetobriga, e tambem é objecto de controversia entre os escriptores. Dizem uns, que se lhe mudou o nome, por se parecer — depois de arrazada— com a famosa Troia, da Pequena Phrygia, depois que foi reduzida a cinzas pelos gregos, no anno do mundo 2820 (1184 antes de Jesus Christo). — Outros dizem que, tendo as aguas do archipelago grego (mar Jonico, que fica a 6 kilometros de Troia) invadido esta cidade, na sua retirada, a deixou coberta de areia; e que a Cetobriga, por lhe acontecer o mesmo, se deu o nome de Troia [1].

[1] Alguns escriptores que tratam da Troia grega, dizem que não foi o mar Jonico, mas o rio Scamandro, que invadiu a cidade, e a sepultou em areia.

Não se sabe agora com certeza, o sitio onde existiu Troia—dizem alguns, que foi onde hoje se vê a povoação de Bunarbachi; mas a opinião mais seguida, é que foi onde hoje está a aldeia de Hissarlik. Ha aqui muitas ruinas de uma grande cidade, e perto do vau do rio Scamandro, ainda se vêem os restos de dous tumulos, que, segundo a tradição, foram n'elles sepultados Achilles e Patroclo. Todo este territorio pertence (por emquanto...) á Turquia.

Sustentam outros que Troia é corrupção de Cetobriga — será, mas duvido. Estes pretendem que foram os arabes que lhe mudaram o nome; porque, não podendo, na sua lingua de trapos, pronunciar Cetobriga ou Cetobrica, diziam *Troia*. Contra esta opinião ha outra, segundo a qual, foram os godos, que, pelos annos 450, lhe principiaram a chamar Troia [1].

Tambem se diz que Setubal é corrupção de Cetobriga; porque os antigos tambem diziam *Cetóbala* e *Setobra*, e era facil a corrupção para Setubal.

O que é verdade, é eu ter visto em livros antigos o nome d'esta cidade escripto de diversos modos — *Setubal, Setuval* e *Cetuvaal*.

No meio d'esta barafunda, é melhor dizermos que nada se sabe de positivo e concludente, quanto á fundação e destruição de Cetobriga.

O que é fóra de toda a duvida, é ter sido uma povoação florescente, no tempo dos phenicios, e ainda mais, durante a dominação romana.

—

Julga-se que a invasão das areias, não foi repentina, mas operou-se pouco a pouco, dando logar a que os moradores de Cetobriga fossem mudando para o actual bairro do *Trôino*, á medida que as suas habitações hiam sendo invadidas pelas areias, dando-lhes tempo de despejarem as casas; porque, nas escavações que ha muitos annos e por innumeras vezes, se tem feito em Cetobriga, muito poucos utensilios domesticos se teem achado, e nem um unico cadaver nas casas, que todas apparecem quasi vasias; pois os objectos que teem sido achados não são nada em relação aos que deveria conter uma povoação, provavelmente rica, pelo seu commercio [2].

O que é innegavel, é que a invasão das areias, teve logar durante o dominio dos romanos, e que, quando em 405 a Lusitania foi invadida pelos barbaros do norte, já Cetobriga não existia. Isto prova-se porque todos os objectos que teem alli sido achados, são incontestavel e exclusivamente romanos.

—

Para os meus leitores que nunca viram Cetobriga, dir-lhes-hei em poucas palavras, o que ella é hoje.

Pouco adiante da entrada da barra, á mão direita de quem entra (margem esquerda do rio) entra a maré uns 400 metros pela terra dentro, formando um *pontal* ou pequena peninsula. É aqui que principia a parte occidental de Cetobriga. (Ao esteiro dão o nome de *Lagôa da Troia*.)

Este esteiro já existia no tempo dos phenicios, que d'este lado construiram um caes, ou um muro de resguardo, do qual ainda ha clarissimos vestigios. São pequenos lanços de parede, com as pedras tão solidamente ligadas entre si, com uma argamaça desconhecida, que, cada lanço fórma, por assim dizer, uma só pedra. Só partindo um pedaço, se póde saber a materia de que é formada a parede, porque está totalmente coberta de uma grossa camada de conchas. Isto revela uma antiguidade de muitos seculos.

Na margem do referido esteiro, do lado de Cetobriga, ha uma grande casa desmantelada, pertencente ao sr. Cabral (mórgado da Troia) de construcção moderna, e que foi evidentemente edificada com os materiaes da velha Cetobriga. São pedras de differentes qualidades, tijolos, e cacos de telha, que bem mostram terem servido em varios edificios antigos.

Um pouco mais acima d'esta casa, foi desenterrado parte de um edificio que me pareceu mosteiro de vestaes, composto de algumas cellas circulares, e outras casas. O pavimento é construido de pedrinhas muito miudas, incrustadas em argamaça, perfeitamente alizada e durissima; mas os vandalos modernos o teem desfeito, a picão, em muitas partes, pelo simples prazer de destruirem. Nas paredes interiores, ainda

[1] Ainda em Portugal ha outra Troia. É na provincia de Traz-os-Montes. Vide 5.° vol., pag. 407, col. 2.ª

[2] Talvez que já n'esta época se desse a Cetobriga o nome de Troia, porque os cetobrigenses, mudando-se para a outra margem do rio, poseram á nova povoação o nome de Troino. que, segundo alguns, significa *pequena Troia*, ou *Troina*.

se vêem pinturas a fresco, com as côres tão vivas, como se fossem pintadas hoje.

A pouca distancia, e no meio da faxa, se desenterrou parte de um edificio (que, no estado actual, parece um poço.) Parece-me ter sido uma torre, ou um pequeno templo, pois tem de cada lado um nicho, como para ter estatuas.

Mais abaixo, e já sobre a margem do rio, e em frente da cidade, se vêem os restos de uma casa, mas só a alvenaria, porque o mais tem sido roubado, o que faz com que a casa esteja ameaçando imminente ruina.

Como a casa do mórgado, foi evidentemente construida com materiaes dos antigos edificios.

Sobre a margem do rio, e em distancia de muitos metros, se vêem os restos das famosas *salgadeiras*. São de differentes formas e tamanhos, e todas construidas de argamaça e pedra miuda, formando um todo prodigiosamente solido e tenaz; de modo que as ondas desfazendo-as em parte, lhe arrancam grandes pedaços de parede, ou do pavimento, que se vêem espalhados pelo areal, como se cada um d'estes pedaços fosse feito de uma só pedra.

Ainda na Troia se vê uma casa terrea, mas caiada e telhada, onde, segundo me disseram, esteve escondido muitos dias (em 1828) o marquez de Loulé (depois, primeiro duque do mesmo titulo) com a nossa infanta D. Anna de Jesus Maria, sua mulher, esperando navio para se transportarem á Inglaterra.

A casa está deshabitada, e ameaçando proxima ruina.

Ermida da Senhora da Troia

Não pude saber o anno em que foi construida, mas não remonta alem do seculo XVII. Tem capella-mór, que foi toda revestida de formosos azulejos, representando scenas da vida da Santissima Virgem — e o corpo da egreja, que é bastante espaçoso. Entra-se por um alpendre, para um vestibulo, e depois para a ermida, tudo alinhando com esta, e da mesma largura. Á esquerda de quem entra, está a casa do eremitão.

Esta ermida era dedicada a Nossa Senhora da Assumpção, e a sua festa se fazia a 15 d'agosto, sendo sempre muito concorrida, porque o povo de Setubal tinha muita devoção com esta Senhora, que era de estatura natural, e de boa esculptura, em marmore.

Esta ermida, assim como toda a Troia, pertencia á parochia de S. Sebastião, de Setubal.

Esta ermida não é a primittiva (que era antiquissima) mas uma reconstrucção *a fundamentis*.

Parece que a antiga devoção dos setubalenses, á Senhora da Troia, se converteu em odio! Causa horror a devastação que elles alli teem feito! A armação e telhas foram roubadas, assim como a cantaria de portas e janellas. Apenas existe intacto o arco cruseiro, que está tão bem conservado, e tão branco, como se fosse hoje assente.

Dos azulejos que revestiam a parede interior da capélla-mór, poucos restam inteiros, porque os vandalos do seculo XIX os teem destruido. Os proprios *touristas*, teem ajudado a este vandalismo, arrancando azulejos para levarem para as suas terras, como lembrança de terem estado na Troia!

Quando se principiou a desmantelar a ermida, levaram a imagem da padroeira, para a ermida do Senhor Jesus da Boa Morte, da cidade.

André de Rezende, diz que a capella da Senhora da Troia foi, no tempo dos romanos, um templo dedicado a Jupiter Amnon [1]. Seria, mas da ermida que viu André de Rezende, não ha vestigios, porque foi totalmente demolida para se construir a actual que, como já vimos, é de fabrica muito moderna, e nem uma só pedra da ermida apresenta signaes de ter pertencido a outro templo: apenas o alpendre parece ser de construcção mais antiga.

[1] Consta que em um nicho, sobre a porta da antiga capella, se via uma cabeça de carneiro, em marmore, o que — a ser verdade — prova que, com effeito, aquillo tinha sido um templo dedicado a esta divindade mythologica, pois o carneiro era o emblema de *Jupiter Amon* (*Jupiter carneiro!...*) porque se transformou n'este quadrupede, para levar a effeito uma das suas travessuras.

Diz o mesmo antiquario, que viu sobre a porta da ermida uma estatua de marmore, vestida de estola, mas já sem cabeça, que depois esteve embutida na parede do palacio dos Salemas, que era a um canto da praça do Sapal (hoje de Bocage). Diz que tambem achou uma lápide funeraria, de bello marmore branco, que foi para o mosteiro carmelita de S. João.

O claustro d'este mosteiro foi, depois de 1834, transformado em uma praça de touros (!!!) e a tal lapide desappareceu então.

Julga-se que a causa d'esta e de outras descobertas, foi uma invasão do mar, que arrastando as areias, deixou a descoberto uma pepuena parte da velha Cetobriga.

—

Ha em Cetobriga uma abundante pedreira de *silex pyromico* (pederneira) [1].

Ha tambem uma nascente de optima agua potavel, muito digestiva. Usei d'ella com excellente resultado para o meu padecimento do estomago [2].

Não vi em Cetobriga — ou Troia — mais nada digno de menção, quando em 1876, alli fiz frequentes visitas.

—

Dizem os historiadores, que, depois da guerra de Troia, muitos vencidos e vencedores, atravessaram o Archipelago grego, ou mar Jonico (hoje vulgarmente chamado *Mar do Levante*) e se espalharam pelas costas do Mediterraneo, e alguns, como Ulysses e Diomedes, passando áquem das *Columnas de Hercules* (Estreito de Gibraltar) andaram pirateando pelas costas do Atlantico, desde Algeciras até ao littoral gallego, ficando muitos d'elles por estas regiões.

Quem sabe se estes gregos, que invadiram a nossa Peninsula, uns 400 annos antes dos phenicios, seriam os fundadores de Cetobriga, que denominariam *Troia*, em memoria da destruida cidade grega; e se os celtas (gallos-celtas) que vieram uns 50 annos antes dos phenicios, dessem a esta povoação o nome de Cetobriga, evidentemente celta? — Mysterio!

—

Foi desde o principio do seculo XVI que se começou a dar importancia á povoação soterrada de Cetobriga; achando-se então, por varias vezes, restos de edificios, alguns objectos d'arte, e utensilios de uso domestico.

No reinado de D. Maria I, é que se deu principio a escavações com mais algum methodo e cuidado; e foi então que se acharam varias medalhas romanas, e differentes objectos de marmore ou de bronze, que foram para a bibliotheca publica de Lisboa.

Em uma escavação, feita em 1814, encontrou-se um caixão, contendo um esqueleto humano, que se fez em pó, apenas se expôz ao ar. Tambem então appareceu uma alampada, um castiçal e uma *patera* (vaso que servia nos sacrificios) tudo de prata. A patera foi para o palacio do marquez de Palmella (pae do primeiro duque do mesmo titulo) e os outros objectos, para casa do general, D. Rodrigo de Lencastre, então governador de Setubal. (Vide vol. 2.º, pag. 258, col. 2.ª)

Em 1849, se fundou em Setubal a *Sociedade archeologica lusitana*. (Vide o mesmo 2.º vol., pag. 259, col. 2.ª)

Procedendo esta sociedade a escavações, ficaram a descoberto os restos de alguns edificios e varios objectos e medalhas, constantes das duas relações seguintes:

1.ª RELAÇÃO

1 annel d'ouro.

1 columna de marmore azulado, de 1m,76 de alto, e 0m,33 de diametro, na sua maior

[1] O silex é um quartzo compacto, de origem concrecionada.

Os mineraes de silica, mais ou menos pura, dividem-se em *quartzo*, *calcedonia* e *ágatha*. A pederneira é uma variedade de silex.

É *silicosa* a substancia mineral que contem a silica, combinada ou apparente. Silicosa é synonymo de quartzoza.

[2] Encontrei em Cetobriga um pobre homem, hydropico, de Cezimbra (unico habitante da Troia) guardando um rebanho de ovelhas, pelo que ganhava oito vintens por dia! — Sujeitou-se a esta solidão, e a este insignificante sallario, deixando mulher e filhos, que não podia sustentar, só para fazer uso da agua da Troia, e disse-me que, se não estava curado, pelo menos tinha sentido grandes alivios.

grossura, com sua base, e capitel corynthio.

2 mós de moinho de mão.

1 prego de cobre, de $0^m,22$ de comprimento.

1 alvião de ferro, muito oxidado.

1 estylo, de marfim.

1 alfinete grande, de marfim.

1 agulheta da mesma materia, quebrada.

1 agulheta de fazer rêde.

1 fragmento de verde antigo.

1 fragmento de porfido verde.

1 prato grande de barro saguntino, quebrado, mas unido com grossos *gatos*, de chumbo.

2 alampadas perfeitas, de barro saguntino.

1 fragmento de uma substancia mineral, clara e transparente, mui semelhante a camphora.

2 vasos de barro ordinario, semelhando as actuaes panellas, sem azas.

1 fundo de um d'estes vasos, contendo ainda restos de carne e ossos.

2 vasos, semelhantes a tijellas, contendo um d'elles, ainda restos de comida.

2 vasos com a fórma das actuaes almotolias.

2 vasos semelhando os nossos cangirões.

2 vasos, semelhantes a pucaros.

7 amphoras de fórma conica, quasi todas quebradas.

5 amphoras de fórma cylindrica, algumas quebradas.

7 alampadas, quasi todas quebradas.

1 vaso lacrimatorio.

4 tijolos—sendo, um dentado, outro quarteado, outro circular, e outro semi-circular.

1 telha, de barro amarello.

Differentes telhões; fragmentos de paredes pintadas, e muitas outras pequenas antigualhas.

Quando eu alli estive, em 1876, encontrei na praia, junto ás salgadeiras, grande numero de restos de vasos, de barro ordinario, de differentes fórmas; provavelmente despresados pelos escavadores, por terem pouco ou nenhum valor archeologico.

2.ª RELAÇÃO

Moedas de prata:

1 de Vespasiano—e outra de Alexandre Severo. Esta *forrada.*

Moedas de bronze:

1 de Trajano.
1 de Antonino Pio.
1 de Gordiano Pio.
2 de Constancio Chloro.
1 de Licienio Senior.
1 de Maxencio.
8 de Constantino Magno.
2 de Crispos.
6 de Constantino Junior.
3 de Constante.
1 de Magnencio.
2 de Decencio.
14 de Flavio Julio Constancio.
17 de Constancio Gallo.
2 de Juliano, apóstata.
80 de Valentiniano Senior.
341 de Graciano.
34 de Valentiniano Junior.
185 de Magno Maximo.
418 de Theodosio Senior.
1 de Vespasiano.
1 de Alexandre Severo.
4 de Facilla.
228 de Arcadio.
210 de Honorio.
1 de Roma galeada.
2 de Constantinopla galeada.
434 Frustas. (Que se não podiam ler, por oxidadas.)

Ao todo—DUAS MIL E NOVE MEDALHAS.

—

Em 17 de setembro de 1872, a camara de Setubal enviou ao governo as vistas photographicas de algumas das ruinas de Cetobriga, e de varios objectos achados n'aquellas ruinas, pela *Sociedade archeologica lusitana*, pedindo que officialmente se procedesse á continuação das explorações; mas o governo queria o dinheiro do povo, para salarios de galopins e para as grandes despezas de eleições, e não deu resposta.

Em 1875, organisou-se em França uma *Sociedade anonyma*, para as investigações de Cetobriga, por iniciativa de Mr. Blin, es-

tabelecendo para fundo da sociedade 600:000 francos (114:000$000 réis.)

Esta sociedade comprou ao proprietario de Troia, o sr. Cabral, todo o terreno onde existiu esta *cidade morta*, por 38:000$000 réis [1].

O sr. Blin está actualmente em Setubal, dirigindo os trabalhos da exploração, como gerente da sociedade, debaixo das indicações do engenheiro Biaggi, que veio a Troia em dezembro de 1875; mas estes trabalhos são feitos com pequeno pessoal, e com grandes interrupções, [2] e apenas tem posto a descoberto uma *columbaria*, um annel d'ouro ornado de esmeraldas, duas medalhas, e uma alampada sepulchral.

Os romanos tinham *columbar, columbarium*, e cinco qualidades de *columbarias*.

Columbar, era uma machina de madeira — especie de canga — com trez buracos, nos quaes se entalava a cabeça e as mãos dos delinquentes, umas tantas horas por dia. Dava-se-lhe o nome de *columbar*, pela tal ou qual semelhança que tinha com os buracos de um pombal.

Columbarium, era propriamente o pombal, pouco mais ou menos, construido como os de hoje; mas sendo a maior parte d'elles muito mais amplos do que os actuaes, e contendo 4:000 a 5:000 pombos. (*Varro*, R. R. III, 7; *Pallad*, I, 24)

Columbaria (*1.ª*) — buracos, ou cellulas separadas no pombal, para cada casal de pombos.

Columbaria (*2.ª*) — nichos de um carneiro, ou sepultura de familia, onde se depositavam as urnas, contendo as cinzas dos mortos. Cada um d'estes nichos tinha a sufficiente largura para duas urnas. (É por isto, que se deu a estes monumentos o nome de *columbaria*, pois que semelhavam as cellulas onde se recolhia um casal de pombos.)

Columbaria (*3.ª*) — os buracos feitos no costado de uma embarcação, para por elle passar o remo. Dava se-lhe este nome, porque o barco parecia, exteriormente, um pombal.

Columbaria (*4.ª*) — cavidades ou buracos, nas paredes de um edificio, onde descansavam as traves.

Columbaria (*5.ª*) — Segundo Vitruvio, X, 4.º, era o cano por onde a agua de um pôço, aspirada pela bomba, hia cahir no tanque.

A sociedade franceza tem por fim, não só investigações archeologicas, mas tambem a plantação de vinhas e laranjaes, e estabelecimento de piscinas na lagôa de Troia; mas, por emquanto, ainda não deram principio a explorações agricolas.

—

Já é tempo de deixarmos a velha Cetobriga ou Troia, e tratemos agora da actual

Setubal

Não ha n'esta cidade — que eu saiba — monumento algum romano, nem gôdo, nem mouro. É provavel que no meiado do seculo XII fosse uma povoação insignificante, reduzida, talvez, ao actual bairro do Troino; tanto que nem tinha termo proprio, que só lhe foi demarcado em 1343, como adiante se verá.

Diz-se porem que a fortaleza de *Albarquel* foi primitivamente construida pelos mouros; e, com effeito, arbaquel é um substantivo árabe, que significa *forte*.

Em 715, os emires Tarif e Muça, mouros

[1] A commissão official da reforma das bellas artes, tinha proposto ao governo a compra d'este terreno, mas os ministros não fizeram caso de semelhante proposta.

[2] Quando eu por lá andei, em 1876 (e foram umas poucas de vezes) estavam os trabalhos abandonados.

africanos, entrando pela Lusitania, com um numeroso exercito, conquistaram Evora, Béja, Alcacer do Sal, Villa Nova de Portimão e outras muitas povoações do Alemtejo, Beira Baixa e Algarve.

Cahindo então em seu poder a povoação de Palmella, facilmente occuparam Setubal.

Trinta e oito annos estiveram os mouros senhores d'esta povoação; porque, em 753, D. Fruela I, rei d'Oviedo, filho de D. Affonso I, (que tinha succedido na corôa a seu cunhado, D. Favilla) [1] ganhou grandes victorias contra Omar, filho de Abd-el-Rahman, que se havia rebelado contra os kalifas, levantando-se com o reino de Córdova, e intitulando-se kalifa. O rei christão, entrando na Lusitania, derrotou Ali Ben-Tarif, resgatando muitas terras da Extremadura e Alemtejo, e reconquistou tambem Setubal.

Mas só sete annos esteve em poder dos christãos, porque Abd-el-Rahman, em 760, tornou a apoderar-se de Lisboa, Evora, Santarem, Beja e de todo o territorio desde o Tejo até ao Guadiana.

Em 910, D. Ordonho II, levando de vencida, em successivas victorias, os mouros alemtejanos, lhes tomou Beja e outras povoações, pelo que elles, temendo maiores damnos, se constituiram tributarios do rei christão.

Esta humiliação exasperou o kalifa Abd-el-Rahman, que obrigou os mouros a romper o pacto; mas D. Ordonho, cahiu sobre os mouros e os derrotou.

Accudiu-lhes Abd-el-Rahman, e em 914 se deu a grande batalha de Talavera, na qual os christãos ficaram vencedores; porem os mouros, que eram em grande numero, poderam retirar para o norte da Lusitania e foram pôr cêrco ao Porto, mas sendo a cidade soccorrida por D. Ordonho, este e o conde Hermenegild, governador do castello, os derrotaram e pozeram em fuga.

D. Ordonho, morreu em 923, e lhe succedeu D.Fruela II (que havia usurpado a corôa a seus sobrinhos, filhos de D. Ordonho, mas que depois viera a reinar.)

[1] D. Favilla morreu em uma caçada, despedaçado por um urso, em 739.

D. Fruela II, apenas reinou um anno, porque os seus vassallos o depozeram, e durante esse tempo nada fez digno de menção.

Durante o interregno, foi a auctoridade exercida por dous juizes, nomeados pelo povo—*D. Nuno Rasura* e *D. Laio Calvo.*

D. Affonso e D. Ramiro, filhos de D. Ordonho II, quizeram ambos reinar, o que causou uma desastrosa guerra civil, que deu grande folga aos mouros.

Na Lusitania, porem, havia socêgo. As terras em que dominavam os mouros, conservavam se em paz; e as em que dominavam os christãos, eram governadas pelos condes *D. Hufo Hufes*, *D. Guterre Arias* e outros.

Em 927, como ainda durava a guerra civil em Oviedo e Leão, os mouros se apoderaram de varias praças importantes.

Em 933, sendo já rei de Leão, D. Ramiro II, invadiu Abd-el-Rahman a Castella, e o rei, ajudado pelo conde D. Fernando Gonçalves, derrotou os mouros na famosa batalha d'Osma.

Esta derrota ainda mais exasperou o violento Abd-el-Rahman, que reuniu os cacizes para uma nova guerra, juntando um numeroso exercito, que, reunido ao que Al-Mançor trouxe da Africa, cobriu os campos de grande parte da Peninsula.

Todos os principes e condes christãos, esquecendo antigas rivalidades, se reuniram para resistir ao inimigo commum, e dando-se a homerica batalha de Clavijo, n'ella foram os mouros derrotados e postos em fuga.

Morto D. Ramiro II (vide *Ancora*, rio) em 950, lhe succedeu seu filho, D. Ordonho III, principe valoroso, que, depois de reprimir a revolta dos gallegos, entrou em Portugal [1] e chegou até Lisboa, que se entregou sem resistencia.

D. Sancho I (o *Gordo*) subio ao throno de Leão, em 955, succedendo-lhe D. Ordonho IV, em 966, e a este, D. Ramiro III, em 967 [2]. Este tinha apenas cinco annos, quando

[1] Havia, pouco mais ou menos, vinte annos, que a Lusitania se principiára a denominar Portugal.

[2] D. Ordonho IV, no primeiro anno do seu reinado, morreu em uma batalha dada contra os mouros, junto a Córdova.

foi acclamado, pelo que, sua mãe tomou conta da regencia do reino, e durante ella, fez pazes com o kalifa de Córdowa; mas o rei de Sevilha invadiu Portugal, chegando até á Galliza, porem teve de retirar-se, em consequencia de uma grande peste que se desenvolveu no seu exercito.

D. Ramiro III morreu em 982, succedendo-lhe D. Bermudo II (o *Gotoso*.)

Foi no reinado d'este monarcha, que o truculento Al-Mançor, kalifa de Córdova, invadiu Portugal (985) e nos tomou muitas cidades e castellos, reduzindo o reino a um lago de sangue.

Em 998, tornou este mouro ferocissimo a invadir Portugal, pelo norte, mas os condes D. Forjaz de Vermuiz, e D. Garcia Fernandes, D. Bermudo, rei de Navarra, e os outros principes christãos da Peninsula, se alliaram, e offerecendo batalha aos mouros, no sitio de Alcatanaçor, junto a Osma, os desbarataram completamente.

D. Affonso IV succedeu a seu pae D. Bernardo II, no anno 1000, e unido aos condes resgataram muitos castellos e povoações.

Estando o rei a sitiar Viseu, foi atravessado por uma seta mourisca, e morreu do ferimento (1027) succedendo-lhe seu filho D. Bermudo III, que teve guerras com Dom Sancho I de Castella, e D. Sancho III de Navarra, por causa dos limites dos seus reinos.

Em Portugal, os valorosos capitães, D. Thedon e seu irmão, D. Rauzendo, netos de Alboazar Ramires, faziam crua guerra aos mouros, na Beira Alta (1037) tomando-lhes muitas terras, como temos visto em differentes partes d'esta obra.

Emquanto os christãos levavam os mouros de vencida, em Portugal, D. Bermudo III andava em guerra com seu cunhado D. Fernando (o *Grande*). D. Bermudo foi morto na batalha de Lantade, e, não deixando filhos, D. Fernando foi acclamado rei de Castella e Leão.

Os mouros, aproveitando as contendas dos dous reis christãos, invadiram Portugal, mas D. Fernando, apenas se desembaraçou do cunhado, cahiu sobre os mouros, e lhes tomou as praças de Badajoz, Evora, Béja, e outras povoações do sul; e passando para o norte do Tejo, resgatou Coimbra.

Deixemos as guerras entre os filhos de D. Fernando, o *Grande* (D. Garcia, D. Sancho, e D. Affonso) e o reinado de D. Affonso VI, que se apossou, por fim, de Castella, que pertencêra a D. Sancho, e de Portugal e Galliza, que era de D. Garcia, unindo estes reinos ao seu de Leão.

Chegamos ao anno de 1093, em que Dom Affonso VI (o *Magno*) deu Portugal, a sua filha, D. Thereza, e a seu marido o conde D. Henrique, de Borgonha, que foi alargando o patrimonio que o sogro lhe déra, mas não passou para o sul de Coimbra. Morreu em 1112, com setenta e sete annos de edade, quando sitiava a cidade de Astorga.

D. Thereza ficou regente do reino, durante a menoridade de D. Affonso Henriques, que tinha apenas trez annos, quando seu pae falleceu.

Em 1130, morre D. Thereza, e seu filho dá principio a essa pasmosa serie de batalhas e triumphos, já contra os leonezes, já contra os mouros, assegurando assim a posse do seu patrimonio, e ainda ampliando-o com parte da Beira, e com as provincias da Extremadura e Alemtejo.

Para conseguir bom resultado d'este seu gigantesco emprehendimento, transfere a sua côrte, de Guimarães para Coimbra, que ficava quasi nas fronteiras mouriscas, e alli junta um exercito de 13:000 homens, e marcha sobre o Alemtejo, onde dá a memoravel batalha de Campo de Ourique (25 de julho de 1139) na qual derrotou as tropas de cinco reis mouros, e que eram dez vezes — pelo menos — superiores em numero ás dos portuguezes, e se apodera de todo o territorio desde Coimbra até Ourique.

No anno seguinte, seu primo, D. Affonso VII, de Leão, se recusa reconhecer a nossa independencia. D. Affonso Henriques lhe declara guerra e o obriga a assignar a paz.

Emquanto os dous principes christãos se guerreavam, Ismario invade a nossa Extremadura e nos toma Leiria, em 1140, mas D. Affonso a recupera, logo em 4 de fevereiro de 1145.

Em 1147, marcha para o sul, com um

pequeno, mas brilhante e escolhido exercito, e toma Santarem a 8 de maio. (Vide *Santarem*, a pag. 470, col. 2.ª e seguintes do 8.º volume.)

Tomada esta praça, a mais importante que tinham os mouros, na Extremadura, depois de Lisboa, o rei se dirige a esta ultima cidade, e ajudado por uma esquadra de crusados, a conquista, depois de cinco mezes de cêrco, e repetidos assaltos e combates, a 25 de outubro do mesmo anno de 1147.

O castello d'Almada, vendo cahir Lisboa em poder de D. Affonso I, rende-se sem combate.

Em 1157, è tambem resgatada a forte praça de Alcacer do Sal.

Em 1162, Fernão Gonçalves toma Beja.

Em 1166, Geraldo Geraldes (o *Sem-Pavôr*) toma Evora. A posse d'esta cidade deu em resultado a rendição das praças de Evora-Monte, Serpa, Moura e Cezimbra.

O rei portuguez, com sessenta lanceiros escolhidos, faz um reconhecimento sobre Palmella, e, encontrando o rei mouro, de Badajoz, que marchava em soccorro de Cezimbra, com uma grande força, o derrota e põe em fuga.

O castello de Palmella, na impossibilidade de ser soccorrido, rende-se.

Em 1191, o Miramolim de Marrocos, vendo que Portugal estava desanimado e fraco, em razão da fome e peste que o devastava, invade-nos o reino pelo sul, e reconquista o Algarve, e varias terras do Alemtejo, incluindo Alcacer do Sal.

Os christãos de Almada, Cezimbra, e Palmella, vendo perdida a forte praça d'Alcacer, abandonaram as suas terras, que foram incendiadas e arrazadas pelos mouros, os quaes só trataram de fortificar Alcacer, abandonando todas as mais povoações por estes sitios.

Em 1217, reinando já em Portugal D. Affonso II (o *Gordo*) neto de D. Affonso Henriques, aporta ao Tejo uma esquadra de cruzados. D. Soeiro, bispo de Lisboa, com os cavalleiros das ordens militares, e os mesmos cruzados, põem cêrco a Alcacer do Sal. Os reis mouros de Córdova, Jaen, Sevilha e Badajoz, vem em soccorro da praça, mas D. Affonso II os derrota e põe em fuga, e hindo na sua perseguição, os torna a derrotar, em frente d'Elvas, Moura, e Serpa. A praça d'Alcacer do Sal é pois tomada pelos portuguezes.

Morto D. Affonso II, lhe succede seu filho, D. Sancho II. — No seu reinado, se restauram as praças algarvias de Cacela e Ayamonte, em 1240; e o grande D. Payo Peres Correia toma Silves, a 9 de janeiro de 1242.

Juromenha, Serpa, Arronches e Mértola, no Alemtejo, e Aljezur e Tavíra, no Algarve, são tambem resgatadas.

D. Affonso III, irmão e successor de D. Sancho II, e o grande capitão, D. Payo Peres Correia, tomam a praça de Faro, a 9 de março de 1249, e no anno seguinte, Al-Mançor-Aben-Afan, ultimo rei mouro do Algarve, perde tudo o que ainda lhe restava n'esta provincia, que fica para sempre livre do poder dos mouros.

—

Vemos pois, que durante este longo periodo, nem uma só vez se falla em Setubal, tratando-se com tanta frequencia de povoações, hoje de muito somenos importancia, e que estanceiam nas proximidades d'esta cidade, taes como Alcacer do Sal, Palmella, Almada e Cezimbra. Isto prova que Setubal era então uma povoação muito insignificante e indefeza, e que tinha de seguir a sorte da sua visinha, Palmella, que era uma praça de muita importancia.

Estou mesmo persuadido que nem ainda então existia o forte de Albarquell, cuja construcção se attribue aos mouros; porque, se existisse, certamente a historia devia fallar n'elle, quando por varias vezes se refere a Palmella.

—

Diz-se — mas não é facto averiguado — que em 1170, D. Affonso Henriques mandou povoar Setubal, com gente de Palmella. Tambem não é acreditavel. Setubal, como vimos, já era habitada (o bairro do Trôino) desde o tempo dos godos, ainda que, quasi exclusivamente, por pobres pescadores; tanto que, dando os nossos primeiros reis — principalmente D. Thereza e D. Affonso III — tantos

foraes, mesmo a povoações insignificantes, nenhum se lembrou de o dar a Setubal.

Dizem os de Setubal, que D. Sancho I lhe deu foral; o que não é acreditavel, porque, nem Franklin o traz, nem outro algum escriptor o menciona.

A paginas 28 e 345 da *Memoria sobre a historia e administração do municipio de Setubal*, diz-se que D. Affonso Henriques deu foral a esta povoação, **no anno 1249 da era de Christo. (!!!)** Vem a ser—Deu-lhe foral **64** annos depois da sua morte. Todos sabem que D. Affonso Henriques morreu em Coimbra, no dia 6 de dezembro de 1185. De maneira que no tal anno de 1249, já reinava D. Affonso III, bisneto do nosso primeiro rei; e já tinham passado os reinados de D. Sancho I, D. Affonso II, e D. Sancho II. (*Aliquando dormitat Homerus*) [1].

Diz tambem o referido livro, e na mesma pag. 28, que *D. Sancho I, D. Affonso III, e D. Diniz, o confirmaram successivamente* (o tal foral) *como consta a fl. 91 do livro dos foraes da* **comarca de entre o Tejo e o Guadiana, (!)** na *Torre do Tombo.*

Devemos confessar que a tal comarca de *entre o Tejo e Guadiana*, era maior do que alguns reinos, pois abrangia uma grande parte do Baixo Alemtejo, e todo o reino do Algarve: territorio de um patriarchado, um arcebispado e dous bispados (Lisboa, Evora, Beja e Silves.)

Repito —Nada prova que Setubal tivesse foral velho. Só teve, com certeza, o que lhe deu o rei D. Manoel.

—

Devemos assentar que Setubal cresceu e prosperou, á custa da decadencia de Alcacer do Sal, e á sombra do forte castello de Palmella, principalmente, depois que esta praça foi elevada á cabeça da ordem de S. Thiago da Espada, em 1482 [1].

—

Em 1385, o grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira derrota seu irmão, Pedro Alvares Pereira, que commandava um corpo de castelhanos, na famosa batalha dos Atoleiros (concelho de Ferreira, no Alemtejo) em 29 de janeiro do dito anno. Diz-se que na volta para Lisboa, o condestavel (que era fronteiro do Alemtejo) chegou aos muros de Setubal, com o fim de entrar na praça e acclamar o Mestre d'Aviz, como rei de Portugal; mas a guarnição, que tinha tomado o partido de D. João I, de Castella, lhe fechou as portas.

Não acredito, por duas razões—primeira, o condestavel não era homem que tolerasse isto, e, ou entraria á força na praça, ou morreria, e todos os seus, junto aos muros d'ella — segunda, se isto fosse verdade, o nosso D. João I, certamente impunha a Setubal o mesmo castigo que impoz a Castello Rodrigo, n'esse mesmo anno de 1385, e por egual motivo. (Vide 2.° vol., pag. 188, 1.ª columna.)

—

Em 30 de setembro de 1458, sahiu do porto de Setubal parte da esquadra com que D. Affonso V foi á conquista de Alcacer-

[1] Mesmo que o auctor quizesse alludir á era de Cesar (mas não alludiu, porque diz expressamente *anno 1249 da era de Christo*) vinha a ser a morte do rei na *era* de 1223, e portanto, ainda assim o foral era dado por D. Affonso Henriques, 26 annos depois da sua morte.

[1] D. Affonso I deu aos cavalleiros de São Thiago, que tanto o ajudaram na restauração das terras occupadas pelos mouros, todo o territorio entre o Tejo e o Sado, no que se incluiam as praças de S. Thiago de Cacem, Alcacer do Sal, Almada, Cezimbra, e Palmella, e todo o extincto concelho d'Azeitão. Os reis seus successores ampliaram muito esta doação, com varias terras do Alemtejo e Algarve, de modo que esta ordem chegou a ser muito rica e poderosa.

O primeiro assento d'esta ordem foi no mosteiro de Santos-o-Velho, de Lisboa—depois, passou (no reinado de D. Affonso II) para Alcacer do Sal — d'aqui para Mértola, no reinado de D. Sancho II—e, por fim (a 26 de outubro de 1482) se estabeleceu definitivamente a cabeça da ordem, em Palmella. Mas, sendo mestre de S. Thiago o infante D. João, filho de D. João I — se tinha dado já principio á construcção da respectiva egreja, em Palmella, collocando-se a sua primeira pedra, a 5 de maio de 1443; já no intuito de ser aqui a capital da ordem.

Ceguer (Africa). O rei foi a bórdo da nau *Santo Antonio*, seguida de oitenta e nove embarcações de differentes portes. O marquez de Vallença sahiu do Porto com outra divisão naval; e o infante D. Henrique (tio do rei) sahiu de Sagres[1] com outra divisão. A esquadra reuniu-se em Lagos. A praça africana foi tomada no principio do anno de 1459, e D. Affonso V, em memoria d'esta conquista, instituiu a ordem militar da Torre Espada.

—

Em 1483, o duque de Bragança, D. Fernando II, trama contra o rei uma conspiração. D. João II, que habitava o palacio do conde de Olivença, chama alli o duque, no dia 29 de maio do dito anno, e o proprio rei o prende. Foi o reu julgado, e sentenciado á morte, sendo degolado no dia 22 de junho, na praça grande d'Evora.

O patibulo d'este principe infeliz, foi erguido junto ás casas de *José dos Baraços*, em frente da egreja de Santo Antão.

Para evitarmos repetições, os que desejarem saber a causa da conspiração do duque de Bragança, vejam no volume 5.°, a nota a pag. 488, col. 1.ª e 2.ª

D. Diogo Pinheiro, que foi segundo prior de Guimarães e primeiro bispo do Funchal (Ilha da Madeira) publicou um *manifesto*, pelo qual se mostrava a innocencia do duque, a falta de provas na sua accusação e a nullidade da sentença que o condemnou.

D. Diogo, não só escreveu o tal manifesto, como protestou solemnemente, na sala do senado, diante do proprio D. João II, contra a infamia da condemnação do duque. (*Provas da hist. gen. da casa real*, por D. Antonio Caetano de Souza.)—Vide *Pindella*.

—

A morte do duque de Bragança, que era geralmente amado pelos portuguezes, alem de causar grande tristeza no reino, exasperou os grandes contra o rei, levando-os a tramar contra a sua vida.

[1] E não de *Sines*, como diz a *Memoria* do municipio de Setubal.

D. João II sabia d'esta conspiração (por lh'a ter denunciado Diogo Tinoco, como veremos, quando tratar do quarto mosteiro de frades franciscanos) da qual era chefe seu primo e cunhado, D. Diogo, duque de Viseu, assim como sabia que o plano dos conspiradores, era assassinarem o rei, na primeira occasião opportuna.

O rei chegou a Setubal no dia 22 d'agosto de 1484, e foi residir nas casas de Nuno da Cunha — depois chamadas *Paço do duque d'Aveiro*, onde é hoje o *Hotel Escoveiro*. (Vide *Freiras dominicas*.)

O duque estava em Palmella, com a infanta, sua mãe; o rei o manda chamar a Setubal, no dia seguinte (23). O duque chega só. D. João II estava na sua guarda roupa, acompanhado por D. Pedro d'Eça, alcaide-mór de Moura, por Diogo da Azambuja, e por Lopo Mendes do Rio.

Diz-se que o rei, apenas chegou o duque, lhe dissera — «Primo, se soubesses que um inimigo vos queria matar, o que farias?» — E que o duque lhe respondeu — «Matava-o eu primeiro.» — «Lavraste a propria sentença.» — N'isto, D. Pedro d'Eça, que estava previnido, e era dotado de forças herculeas, prendeu o duque pelas costas, e o rei lhe crava um punhal no peito, repetidas vezes, até que o ferido expirou [1].

Frei Claudio da Conceição (*Gabinete historico*, tomo 2.°, pag. 131) conta o caso d'este modo:

«Algum tempo depois (da morte do duque «de Bragança) sendo-lhe descoberta uma «conjuração contra elle (o rei) de que era «cabeça D. Diogo, duque de Viseu, cunhado «do duque morto, e irmão da rainha, estando «o rei em Setubal, o mandou chamar ao seu «palacio, e ahi mesmo lhe tirou a vida com «um punhal, mandando prender ao mesmo «tempo, e fazendo punir, todos os mais con«jurados.

[1] Apezar d'esta atrocidade, a historia deu a D. João II o cognome de *Principe perfeito*. D. Pedro I, D. João II e D. José I, tinham d'estas *perfeições* — eram juizes e carrascos! — Áparte estes *divertimentos*, devemos confessar que qualquer d'elles foi um bom rei e que Portugal lhes deve muito.

«D'este modo, aquietou el-rei D. João II «as perturbações que os grandes causavam «no reino, por causa dos seus privilegios e «direitos, suppondo-se esbulhados da sua «grandeza.

«É tradição constante, que o duque quiz «consummar o regicidio, e descarregar o «fatal golpe sobre o rei, quando passeava a «pé, com elle, pelas ruas de Setubal; o que «então abortou, porque o rei se apercebeu, «talvez sciente do que se intentava contra «elle..

«O certo é, que no principio da travessa «da rua das Amoreiras, em o canto das ca-«sas (que viram para a dita travessa, havia «uma cabeça de pedra, que se conservou «até ao terramoto do 1.º de novembro de «1755, em que cahiram as mesmas casas, «que se levantaram, sem conservarem a «mesma memoria; e no fim da mesma tra-«vessa, no canto da rua do Poente, se con-«serva ainda hoje, na esquina, outra cabeça; «e dobrando para a rua Direita de Troino, «na frente das mesmas casas, levantada em «meio relevo, está uma cabeça coroada, com «a letra por baixo — *Si Deus pro nobis, quis «contra nós?*

«É egualmente tradição, que o rei, che-«gando ao palacio, que hoje é dos viscondes «de Villa Nova do Souto d'El-Rei, chamava «o duque para junto de uma janella que «olha para o nascente, e alli o apunhalára; «do que se seguiu fechar-se a janella, para «memoria, e assim se conservou, fechada de «pedra e cal, até que José Henriques An-«chieta Portes e Sampaio, desembargador «do Porto, e corregedor de Setubal, a man-«dou abrir e aberta se conserva.»

Entre tantas versões que correm sobre esta conspiração, e com respeito ao assassinato do duque de Viseu, o que é mais certo, é o que digo no 8.º vol., pag. 500, col. 2.ª — Alli declaro tambem quem foram os cumplices no attentado, e a sorte que tiveram. (Vide adiante o paragrapho *Mosteiro de frades franciscanos.*)

—

Para dar aos meus leitores o maior numero de esclarecimentos que me foi possivel obter sobre este importantissimo facto da nossa historia, transcrevo aqui os trez primorosos folhetins que o sr. Manoel Maria Portella publicou nos n.os 361, 362 e 363 da *Gazeta Setubalense*, de 23 e 30 de abril e de 7 de maio de 1876, e são os seguintes:

AS QUATRO CABEÇAS

I

No angulo d'uma casa que existe n'esta cidade, e confronta pelo sul com a rua Direita de Troino e pelo nascente com a travessa do Carmo, vêem-se trez cabeças relevadas em pedra, distinguindo-se a do centro, por uma faxa ou corôa que a cinge. Na verga da porta que n'aquella rua dá entrada para o pavimento inferior da dita casa está outra cabeça ao meio da seguinte inscripção:

Si Deus pronobis quis côtra nos.

A tradição, erradamente inventada e seguida, refere que aquella casa ficou assim assignalada porque n'ella esteve um homem armado de arcabuz para matar o rei D. João II, quando passasse na procissão de *Corpus Christi*, com os fidalgos de sua côrte, d'entre os quaes alguns havia peitados para deixarem cahir os bastões e os apanharem, baixando-se, afim de ficar a descoberto o monarcha e ser n'elle o tiro certeiro; malogrando-se, porém, o trama, porque D. João II, prevenido do caso, fizera colher de assalto o criminoso.

Esta tradição, que adquiriu maior voga depois de aproveitada no bello romance intitulado *Mestre Gil*, para lhe proporcionar algumas scenas de effeito, mas puramente ficticias, como declarou particularmente o seu illustrado auctor, não tem por si o voto de nenhum historiador, nem outra probabilidade que a torne aceitavel. Não cremos que ella seja nem mais nem menos do que uma allusão deslocada ao que succedeu em Lisboa com D. João IV e Domingos Leite Pereira, o qual, no dia 20 de junho de 1647, na rua dos Torneiros, n'uma casa que tinha alugado, esperava d'alli matar o monarcha, quando passasse na procissão de *Corpus Christi*, o que não levou a effeito por falta de animo.

A origem do frustrado regicidio attribue-se a saber Domingos Leite Pereira, escrivão da correição do civel da côrte, e homem de honrados dotes, que D. João IV lhe requestava a mulher, a qual era muito formosa.

Parece que o despeito do esposo fora aproveitado por Felippe IV de Castella, que lhe lisôngeára o animo com grandes mercês, e promessas d'outras maiores, levando-o assim a tentar contra a vida do seu rei, crime que expiou em 21 de agosto do mencionado anno, trahido por um cumplice, sendo-lhe decepadas as mãos, antes de enforcado, e depois esquartejado o seu corpo e exposto por trez dias, até que o reduziram a cinzas e as lançaram no Tejo.

A sentença que condemnou Domingos Leite Pereira confirma o que fica dito a respeito d'elle e comprova a inversão que se dá da época e das pessoas no tocante ao que o vulgo pretende relacionar com as quatro cabeças da rua Direita de Troino, e por isso segue transcripta na sua integra:

«Sentença, que se proferiu contra Domingos Leite Pereira escrivão da Correição do Civel da Côrte, por querer atreçoadamente matar a El-Rei o Senhor D. João 4.º

«Acordam em Relação etc. Vistos estes Autos, que pela calidade, e detestação do caso, prova d'elle se fizeram summarios.

«Mostra-se que o reo Domingos Leite Pereira, sendo natural d'este reino, e Proprietario do Officio de Escrevão do Civel da Côrte, se passou d'elle para o de Castella no anno passado, a titulo de um seu homezio, e estando em Madrid, foi n'elle despachado com o habito de Christo, e outras mercêz, e d'ali com ordem de certos Ministros de El-Rei de Castella, foi mandado a este reino para matar a El-Rei Nosso Senhor, dando-lhe para este effeito quatrocentos escudos e uma espingarda com quartos, e um pelouro e dous vasos de peçonha para os poder ervar, e cartas do mesmo Rei de Castella para o Marquez de Molenguem, Governador das armas da Cidade de Badajoz, o deixar passar livremente.

«Mostra-se que vindo o reo com animo de effectuar o sobredito, chegou a esta Cidade com outro companheiro em seis do Mez de Maio do anno presente aonde andou escondido té os vinte dias do Mez de Junho, dia da Procissão geral do Corpo de Deus, em que determinava dar á execução o seu damnado, e abominado intento, para cujo effeito, por meio do dito seu companheiro alugou trez moradas de cazas no principio da Rua dos Torneiros, por onde havia de passar a dita Procissão, e n'ella acompanhando o dito Senhor, na fórma do costumado pelos Senhores Reis d'este Reino, com tal apercebimento que uma das ditas casas ficassem com a dita porta para outra rua differente por onde facilmente, depois do caso feito podesse escapar sem ser tomado, rompendo com uma alavanca de ferro as ditas trez moradas de cazas, para mais facil expedição da sua fugida.

«Mostra-se que no dito dia da Procissão ao tempo que o dito Senhor chegou á dita rua, e cazas, e o reo com a mesma resolução, e deliberação de animo, o estava esperando em um buraco, que para o mesmo effeito abriu nas ditas cazas, com a dita espingarda nas mãos carregada dos ditos doze quartos e um pelouro ervado com a dita peçonha, e tanto que a Real Pessoa do dito Senhor, elle mesmo confessa, que se lhe representou uma *Superior Magestade do Ceo*, que lhe fez cair das mãos a dita espingarda sem poder executar o intento, que d'antes tinha, e no mesmo dia se sahiu desfarçado das ditas cazas, deixando n'ellas a dita espingarda, e alavanca, e vazos de peçonha e se foi ao postigo de Nossa Senhora da Graça, aonde o dito seu companheiro o estava aguardando com dous cavallos, que já álli tinha preparados para sua fugida, e n'elles se tornaram ambos para Madrid.

«Mostra-se que ahi se tornou o reo a ver com os mesmos Ministros de Castella, que o haviam mandado, dando-lhe outras desculpas de não effectuar o promettido por sua parte, e elles acceitando-'lhas o tornaram a mandar ao mesmo effeito, com os mesmos passaportes, e promessas de aventejadas mercéz, dando-lhe mais dois mil cruzados em dinheiro; e partindo o reo com o mesmo intento e deliberação, e o dito seu compa-

nheiro, o mandou diante a esta Cidade a buscar cazas aonde se podessem agazalhar, e que o fosse esperar ao logar da Povoa de D. Martinho, para que ambos podessem entrar mais escondidos na Cidade.

«Mostra-se que o companheiro do dito reo, uzando de melhor conselho, revelou tudo aos sobreditos Ministros da Justiça, do dito Senhor, em os trinta e um dias do Mez de Julho, em que o reo chegou ao dito logar da Povoa, o entregou n'ella á prizão, e o reo no mesmo dia fez inteira e plenaria confissão do seu damnado e deliberado intento, contestando em tudo o acima referido; e que fazendo-se deligencia, e vistoria nas ditas casas se acharam furadas, na forma referida, e n'ellas os dois vasos de peçonha, escondidos no proprio lugar, que o reo declarou, um d'elles ainda cheio, outro já diminuto, pelo que elle havia tirado, para ervar os ditos quartos e pelouro.

«Não mostra o reo por sua parte descarga alguma em sua defeza, sendo-lhe dado vista, e Procurador para allegar de sua justiça e direito.

«O que tudo visto e o mais dos Autos, disposição de direito em tal caso, declaram ao dito reo, por traidor aleivoso, parrecida, assassino, e haver incorrido no detestavel crime de Leza Magestade, de primeira cabeça, e como a tal o condemnam, e mandam, que com baraço, e pregão pelas ruas publicas, e custumadas, seja levado a rasto á forca, aonde sendo-lhe primeiro decepadas as mãos no Pelourinho, morra enforcado de morte cruel, e o seu corpo seja posto em uma fogueira e n'ella feito em pó, e em cinza, para que d'elle não fique memoria; e o condemnam outro sim em perdimento de seus bens para o Fisco, e Camara Real, e que seus descendentes hajam as penas que por direito lhes são impostas: e esta Sentença se não publicará sem primeiro se dar conta ao dito Senhor, na forma de suas ordens: e pague o R. os Autos. Lisboa 12 de Agosto de 1647—Marcham, Monteiro, Beja, Marz.º, Stacio, Porto.»

A summa d'esta sentença é, approximadamente, a summa da tradição que os ignorantes da historia, por leviandade inexplicavel, enlaçaram aos successos dados 163 annos antes entre D. João II e o duque de Vizeu.

II

No empenho de que fique exposto em toda a luz o êrro apontado e se restabeleça a verdade, tanto quanto é possivel fazel-o, vai tambem transcripta integralmente a relação que Garcia de Rezende fez dos successos respeitantes á morte do duque de Vizeu.

Ainda que n'aquella relação se incluam circumstancias que parecerá desnecessario mencionar, para o effeito a que visa este escripto, convém todavia não as omittir, para que de tudo que toca ao trama urdido contra D. João II se conheça não ter o menor fundamento a tradição alludida.

Para o leitor melhor formar o seu juizo sobre esta materia, cumpre estar prevenido de que o chronista citado põe em evidencia o maior esforço empregado no intuito de que não fique em esquecimento particularidade alguma das que entende poderem justificar a severidade do seu real patrono contra os nobres rebeldes, pelo que não deixaría de mencionar a emboscada da rua Direita de Troino, se ella se tivesse effectuado.

Diz o chronista:

«El-Rey foy primeiramente avisado deste caso (de que tentavam contra sua vida), por Diogo Tinoco, homem fidalgo, a quem o Bispo Devora, por ter por manceba huma Margarida Tinoca, sua irmãa, a quem queria muito grande bem, e por confiar muito nelle, lhe deu disso parte. E Diogo Tinoco logo o mandou descubrir a el-Rey por Antão de Faria, e depois o disse por si miudamente a el-Rey no Mosteiro de S. Francisco de Setuvel, vestido em habito de Frade, por mayor dissimulação. A quem el-Rei com palavras, e obras muito o agradeceo, e satisfez, como tão leal, e proveitoso aviso merecia. E lhe deu logo juntamente cinco mil cruzados em ouro, e seiscentos mil réis de renda em beneficios logo nomeados, pollos quaes logo

mandou despedir as letras: mas não ouverão effeito; porque antes de despedidas o dito Diogo Tinoco faleceo. E depois foy el-Rey de tudo avisado por dom Vasco Coutinho, filho do Marichal, e irmão do dito dom Guterrez, o qual dom Vasco, por descontentamentos que tinha del-Rey, estava nesse tempo despedido delle para se ir fora do Reyno. E dom Guterrez pesando-lhe da ida do irmão, e avendo por cousa certa a morte del-Rey com que sua ida seria escuzada, lhe mandou pedir muito, que antes de se partir se visse com elle em Cezimbra; onde se viram, e dom Guterrez por lhe não descubrir a causa principal do seu fundamento lhe disse, que o mandára chamar, sentindo muito seu despedimento e partida; e lhe pedio muito, que estivesse allí alguns dias, nos quaes trabalharia remediar com el-Rey seus agravos, com que sua ida se escusasse. E porque dom Vasco o não quiz fazer, parecendo-lhe, que erão delongas, dom Guterrez pollo segurar, lhe descobriu inteiramente todo o caso: e dom Vasco lhe disse então que ficaria e seria com elle nisso. E tanto que o soube lembrando-lhe sua lealdade, e fidalguia, e a longa criação, que del Rey recebera, e não os agravos, e pouca mercê, que dizia, que delle tinha recebido, por onde era delle despedido, determinou logo, como bom, verdadeiro, e leal vassalo descubrir tudo a el-Rey. E mui secretamente por meio Dantão de Faria se vio com el-Rey, a quem meudamente tudo descubriu e que o que tinham determinado era mataremno a ferro, e recolherem o principe por mar a Cezimbra, e que por logo com elle sossegarem o Reyno, o levantarião por Rey, e que o seria emquanto o Duque quisesse, o que ficaria em sua mão e vontade. E sabendo el-Rey tudo isto tão inteiramente por taes duas pessoas, o dissimolou de maneira, que nunca foy sentido, por esperar mais inteira prova, e porém andava muy arecado armado muy secretamente, e sempre com espada, e punhal e a cavallo, e nunca em mula; porém tudo feito com tanta prodencia, e dissimulação, que nunca sentirão o que elle sentia. E quando dom Guterrez disse ao Duque e aos que com elle erão, como dom Vasco seu irmão se não ia, e era metido no caso, e que tinha jurado de elle ser o primeiro, que lhe pusesse o ferro, disse o Bispo dom Garcia: Muito me doe o cabello de dom Vasco. E andavam buscando tempo disposto, em que o milhor pudessem fazer, e dizem que huma vez o quizeram matar andando no campo passeando a cavallo, e que el-Rey o sentio, e se pos com as costas na Igreja de Nossa Senhora Danunciada; confiando que por deante ninguem ousaria de o cometer, e assi esteve, até que o Capitão chegou com os da guarda; e que outra vez o quizeram fazer, e cometer, descendo por huma escada de noite para casa da Raynha, e nao se acabarão de determinar. E dahi a pouco foi el-Rey a Alcacer do Sal; e sabendo o Duque e os da conjuração, que avía de tornar por mar em huma barca com poucos, determinarão esperalo na praya, e ao sahir dos bateis o matarem; do qual concerto, e perigo ordenado el-Rey foy logo avisado por dom Vasco, que com elles era nisso. Pollo qual el Rey mudou a vinda por mar, e se veo por terra polla Landeira muy bem acompanhado de boa gente da sua guarda, que para isso sem algum alvoroço fingindo outra cousa mandou aperceber. Porque depois da morte do Duque de Bragança, sempre el Rei trouse guarda da camara, e dos ginetes, de que era Capitão Fernão Martins Mascaranhas, que nestes feitos, em que a vida del-Rey, e bem dos Reynos pendião, sempre servio continuadamente muito bem e lealmente, e pessoa de que el-Rey muito confiava. Chegou el-Rey a Setuvel sesta feira 22 dias do mez Dagosto de mil e quatrocentos e oitenta e quatro. E o Duque, sabendo que el-Rey vinha por terra, não no esperou em Setuvel, e foy-se a Palmela, onde estava aposentado elle, e a senhora Infanta sua may. E ao outro dia, sabbado, mandou el-Rey chamar o Duque a Palmela, o qual dizem que veo com muito pejo; e em cerrando a noite, el-Rey o chamou á sua guarda-roupa, que era nas casas que foram de Nuno da Cunha, em que então el Rey pousava, onde o Duque entrou só, sem alguma pessoa entrar com elle, e sem se passarem muitas palavras, el-Rey por si o matou ás punhaladas; sendo a tudo pre-

sentes, e para isso escolhidos dom Pedro Deça, Alcayde mór de Moura, e Diogo Dazambuja e Lopo Mendes do Rio. Esteve assi morto secretamente, sem se ouvir rumor nem cousa alguma; até que el Rey mandou cerrar as portas da villa, e pôr nellas grandes guardas, e mandar muita gente por fóra da villa guardar os caminhos, e mandar em Setuvel pregoar grandes, e temerosos pergões, e fazer muitas, e grandes diligencias, para se averem os ôutros todos da conjuração, que foy huma noite de muito grande terror e espanto, e sobre tudo muito grande tristeza; porque quasi a todo Portugal tocava a desaventura daquelles, que nisso erão culpados, por serem pessoas tão principaes. Foy o corpo do Duque, assi vestido como estava, levado ante-manhã á Egreja principal da villa em um cadafalso cuberto de pannos de dó, jouve (jazeu) no meyo da Egreja descuberto á vista de todo o povo até á tarde; que o enterrarão.

«E de sua morte foy logo feito hum auto, por o doutor Nuno Gonsalvez, como juiz, e por Gil Fernandez, escrivão da camara del-Rey, em que el-Rey verbalmente disse as causas e razões, que tivera para matar o Duque, que logo forão escriptas e por ellas logo perguntadas por testemunhas o dito dom Vasco, e Diogo Tinoco, que com seus ditos aprovarão, e justificarão a morte do Duque.

«Ho Bispo Devora, ao tempo da morte do Duque, estava com a Raynha, e ahi o foy chamar da parte del-Rey o Capitão Fernão Martinz; e em sahindo fóra, foy logo preso e levado com muita gente, e muito recado ao castello de Palmela, e metido em huma cisterna sem agua, que está dentro na torre de menagem, onde dahi a poucos dias falleceu, e dizem, que com peçonha.

«E na mesma noite forão presos por mandado del-Rey, dom Fernando de Meneses, e dom Guterrez, e forão trazidos diante del-Rey na Relação, onde dom Fernando, fez huma falla a el-Rey muy elegante, como homem muy prudente, e esforçado cavalheiro, e muy isento, na qual disse algumas palavras a el-Rey, de que ouve desprazer, e por isso se não ouve com elle piadosamente, como tinha em vontade; e mandou que por justiça se determinasse seu feito e foy julgado á morte, e degolado na praça de Setuvel.

«E dom Guterrez tambem quiz fazer falla, e fallou tão mal com palavras piadosas, que el-Rey o não quiz ouvir, e o mandou tirar diante de si. E porque dom Vasco seu irmão tinha já pedido a el Rey, que não morresse por justiça, el-Rey mandou levar o dito dom Guterrez preso á torre Davis (d'Aviz) onde tambem logo morreu, e segundo fama, não morte natural, senão artificial.

«E dom Pedro Dataide sendo fugido de Setuvel, e indo caminho de Santarem, foy no caminho preso, e trazido a Setuvel, onde contra elle foy acerca de suas culpas processado, pollas quaes polla justiça foy pubricamente degolado, e feito em quartos.

«E Fernão da Silveyra foy escondido em huma casa dentro em huma cova por segredo, e fiança d'um cavalheiro, que fôra criado de seu pay, que se chamava João de Pegas, que nunca se corrompeo; nem por temor das mortaes penas del-Rey, a quem o escondesse, nem por suas promessas, e grandes merces, a quem o descubrisse.

«E na pousada de Fernão da Silveyra foy achada huma sua borjoleta, com muitos cruzados, que por mandado do Duque recebêra, de que já despendera muitos mais por aquelles da conjuração, cujos nomes, e somas por suas ementas se acharão: e dahi a muitos dias o dito Fernão da Silveyra se salvou por meyo, e ajuda de hum mercador, que se chamava Bartolo; homem estrangeiro, que pelo ser, se aventurou a muito, e por mar, demudado em baixos trajos, foy ter a Castella; e depois sendo della desterrado a requerimento del-Rey, foy em França morto a ferro, na Cidade Davinhão a oito dias de Dezembro de mil, e quatrocentos, e oitenta, e nove annos, per o Conde de Palhaes, Catalão, que em França tambem andava desterrado, a quem el-Rey pollo fazer per seu mandado fez merce de muita soma de ouro, em que se primeiro concertou. E porem o Conde per mandado del-Rey de França, foy por isso logo preso em perpetua prisão, a quem os favores, e requerimentos que el-Rey por elle

mandou fazer, não aproveitarão pera mais, que pera logo pollo mesmo caso não morrer por justiça, de que com muita difficuldade escapou.

«Dom Alvaro Dataide era em Santarem, onde pollos da conjuração foy acordado, que estivesse com muita gente, que com dissimulações recolhia, pera que tanto que da morte del-Rey, ou dalgum levantamento contra elle fosse certificado, logo recolhesse ao castello a Excellente senhora dona Joanna, que então estava no mosteiro de Sancta Clara da dita villa: porque pera huma cousa, e pera a outra, se o caso sobreviera, tinha já as cousas aviadas, e postas em ordem astuciosamente. Porque sobre o recolhimento d'esta senhora tinham esperança dajuda, e favor dos Reys de Castella a quem segundo fama tudo isto era revelado. E por dom Alvaro ser homem mui sabedor e de muito credito, e auctoridade, estava em Santarem, com esta empresa; mas como da morte do Duque foy avisado, como sesudo que era, se pôs logo em salvo, e se foy para Castella, onde sempre andou em vida del-Rey, e depois por el-Rey Dom Manuel que sancta gloria aja, foy a estes reynos tornado com sua gloria e restituido ao seu. Porque na verdade muito menos culpa, e caso era estar dom Alvaro em Santarem, posto que estivesse por parte do Duque, e em ajuda sua, que a dos outros, que com suas proprias mãos queriam matar seu Rey, e senhor, de quem muitas, e grandes merces tinham recebidas; que dom Alvaro, ainda que consentisse em o fazerem, não no quiz elle fazer nem ver fazer, e por isso estando el Rey em Setuvel, estava elle em Santarem. E depois de assim ser nestes Reynos, casou com dona Violante de Tavora, mulher de mui nobre geração, e ouve della um filho, que se chama dom Antonio Dataide, que ora he Conde de Castanheira, senhor de Povos, e Chileyros, Alcayde-mór de Alegrete e de Colares, e Veador da fazenda del-Rey nosso senhor, homem de muito grande estima, e muito aceito a el-Rey, de muita valia e tão bom saber, que sendo mancebo alcançou todas estas cousas, e muita renda per si, segundo seu continuo serviço, e o grande amor, que lhe el-Rey tem, e a muita confiança, que tem n'elle, se espera alcançar outras mayores.

«E Pero Dalbuquerque, fugindo, foy logo preso em Lisboa e trazido á casa da suplicação, onde foy contra elle processado, e ouvido perante el-Rey, a que fez uma grande falla muy eloquentemente, que fallava muito bem, na qual allegou muitos serviços e grandes feytos em armas, que era valente cavalleiro. E nada lhe aproveitou; porque emfim por o caso foy julgado á morte, e pubricamente degolado em Montemor o Novo.

«E o Conde de Penamacor se acolheo, e lançou logo na dita sua villa. E quando el-Rey hia ao Sabugal, tornando-se el-Rey de Castello branco para Santarem, o dito Conde com seguro Real, lhe veio fallar no lugar das Cortiçadas, que se ora chama Proêça a nova; e porque se não quís pôr a direito, como el-Rey queria, se despedio delle, e de seus Reynos, e com sua mulher, e filhos se foy pera Castella; e depois em Roma, e fóra Despanha andou em muitos Reynos, commettendo contra el-Rey muitas coisas: até que tornou outra vez a Castella onde acabou.»

III

Posto que a estas breves linhas não presida o intuito de fazer a apreciação do caracter de D. João II, que no processo de morte do duque de Vizeu foi parte, accusador, juiz e algoz, vem, comtudo, a proposito referir de passagem o que Garcia de Rezende não poz a claro, por favorecer o regio homicida, em cujo paço tinha moradia, e que, como D. João IV e como tantos outros reis, esconderam os delictos que commetteram e a origem d'elles, nos louvores venaes de seus chronistas. Diogo de Paiva d'Andrade, por mais affeiçoado á verdade ou menos dado a ennodoar-se nos degráos dos thronos manchados de sangue e afeiados por negras torpezas, conta em suas *Memorias*, que D. Pedro d'Eça, uma das testemunhas que presenciaram o assassinato do duque de Vizeu, foi fidalgo a quem a natureza dotou de muito animo e grandes forças, e por isso el-rei D. João II o escolheu quando quiz matar o mesmo duque, *para abraçar este por detraz.*

Do fidalgo valentão, como hoje se diria, conta mais Diogo de Paiva um rasgo, o qual poz em embaraços o rei, que antes se servira d'elle para segurar a victima, emquanto n'ella embebia o punhal. Segue o caso:

Aconteceu em Moura ser morto um homem pelos criados de D. Pedro d'Eça, que como dito fica, ali era alcaide-mór, e foram-se dois irmãos do morto queixar a el-rei, dizendo que D. Pedro ordenara o crime.

Mandou el-rei vir o alcaide á côrte, onde esteve dois annos, e tirada a devassa o não acharam culpado. Enfadado D. Pedro, disse a el-rei que pois sua alteza o não cria innocente na morte do irmão de seus accusadores, lhe fizesse mercê de lhe mandar dar campo com ambos, para assim se purificar. Agastando-se o rei com tal proposta, lhe disse «que tomara elle ser um dos dois», ao que D. Pedro ousadamente retorquiu «não fosse vossa alteza meu rei, e fosse com elles o terceiro.»

Ajuize o leitor por isto, do caracter da *testemunha* e do caracter do *principe perfeito*, que se fez acompanhar d'ella no acto de cevar a ferocidade, que lhe não permittiu dar a outrem o encargo de matar o conspirador, sem embargo de não sentir em si toda a força material precisa para o subjugar.

IV

Aos menos attentos no modo por que o povo em suas apreciações fantasiosas deturpa os factos e inverte a ordem chronologica d'elles, descrevendo pelejas de romanos e mouros em castellos cahidos de hontem e construidos já em periodo avançado da monarchia portugueza, tecendo de industria sua, successos maravilhosos, causará admiração que se confundam as épocas e acontecimentos que ficam narrados; é certo, porém, que a parte ignorante dos moradores de Setubal, abstrahindo de datas, e de pessoas, conservou em lembrança que houve um rei que n'esta terra pretenderam matar, e agrupando com essas circumstancias outras posteriormente dadas para identico fim, com um rei de nome igual áquelle, formou o conto intrincado e inverosimil, do qual diz memorada a origem nas quatro cabeças esculpidas nas pedras, trabalhadas em fórma moderna, e collocadas na mencionada casa, cuja construcção é evidentemente posterior ao terremoto de 1755, o qual reduziu a ruinas quasi todos os predios do bairro de Troino.

Manoel Maria Portella.

—

Eis ainda o que, com respeito a este facto, diz o padre mestre frei Francisco de Santa Maria, no seu *Anno Historico*, tomo 2.º, pagina 576:

«D. Diogo, duque de Viseu, senhor de Béja e de outras muitas terras em Portugal, filho primogenito do infante D. Fernando [1] e da infanta D. Beatriz; primo co-irmão de el-rei D. João II.

«Sentido de alguns desfavores do mesmo rei. e provocado de perversos conselheiros, se fez cabeça de uma atroz conjuração; entrando n'ella D. Garcia de Menezes, bispo d'Evora; seu irmão, D. Fernando de Menezes; Fernão da Silveira, filho do barão d'Alvito; D. Guterres Coutinho, filho do marichal; D. Alvaro de Athaide, irmão do conde de Atouguia; seu filho, D. Pedro de Athaide; D. Lopo d'Albuquerque, conde de Penamacôr; e Pedro d'Albuquerque, seu irmão, alcaide-mór do Sabugal.

«Intentavam (segundo se dizia) matar el-rei, prender o principe seu filho [2], e acclamar rei ao duque.

[1] D. Fernando era filho do rei D. Duarte e da rainha D. Leonor, filha de D. Fernando I d'Aragão. Tinha os seguintes irmãos — D. João e D. Philippe, que morreram meninos — D. Affonso V — D. Maria, que morreu de poucos annos de edade — D. Leonor, que casou com o imperador Frederico III, da Allemanha — D. Catharina, que morreu na infancia — e D. Joanna, rainha de Castella, mulher de D. Henrique IV.

Foi seu irmão bastardo D. João Manoel, bispo da Guarda, e progenitor dos condes da Atalaia, marquezes de Tancos, e de outros varios titulares, dos principaes d'este reino.

PINHO LEAL.

[2] D. Affonso, que morreu, junto a Santarem, da queda de um cavallo, a 12 de julho de 1491, em vida de seus paes, pelo que, não chegou a reinar. D. João II não tinha

«Por vezes o quizeram executar, mas sem effeito. Assistia então el-rei em Setuval, e sahindo uma tarde ao campo, o seguiram os conjurados, com animo de o accommetterem. El-Rei (que já sabia o que se passava) vendo-se quasi só e os inimigos tão perto, voltando o rosto para elles e as costas para uma egreja, se lhe mostrou com tanta intrepidez e magestade, que os fez parar, reverentes e medrosos.

«Outra vez, intentando D. Pedro d'Athaide, e D. Guterres Coutinho, ao descer de uma escada, executar o golpe, se embaraçaram, de maneira que el-rei, voltando para D. Pedro, lhe disse: —*Que é isso?*—respondeu: —*Senhor, escorreguei*—a que el-rei tornou muito desembaraçado e inteiro —*Guardae-vos de cahir!...*

«Outra vez o esperavam, ao desembarcar de uma falúa, de que se livrou, pelo aviso que lhe deram os espias que andavam entre os conjurados.

«Vendo-se el-rei reduzido á rigorosa alternativa de morrer ou matar, tendo já sufficientissima prova da traição do duque, e reconhecendo que se expunha a succederem no reino grandes alterações, em prejuizo do bem publico, se procedesse na fôrma de justiça; tratou de executar, *por sua propria mão* (!) e, n'este dia (23 d'agosto) anno de 1484, entrando o duque em palacio, já de noite, lhe perguntou el-rei, com muito socêgo—*Que farieis, primo, a quem vos quizesse matar?*—O duque, algum tanto perturbado, respondeu—*Procuraria matal-o primeiro*—*Vós mesmo*, lhe tornou, *vos julgastes*—e logo o matou ás punhaladas.

«Sem dilacção, mandou segurar as portas da villa, e na mesma noite foram presos, o bispo d'Evora (o qual, mettido em uma aspera prisão, morreu, ou foi morto, dentro em poucos dias)—seu irmão, D. Fernando de Menezes, D. Guterres Coutinho, D. Pedro de Athaide; dos quaes foram logo degolados, D. Fernando e D. Pedro, e, pouco depois, o foi tambem Pedro d'Albuquerque; e D. Guterres, acabou em uma dura prisão, tambem dentro em poucos dias.

«Os outros cumplices escaparam, por differentes modos.

«Este fim teve aquella conjuração, e nunca o terá mais feliz, qualquer outra que fôr (como esta foi) urdida por homens ambiciosos e inquietos, que sem outra cousa mais que os seus particulares interesses, ou o ardor da vingança, se arrojam a tão precipitadas resoluções.

«Deixou-nos o duque um lastimoso exemplo do engano que os mortaes padecem na ancia (sempre n'elles viva) da sua exaltação; porque o arrebatado e violento desejo de reinar lhe tirou, não só a vida, mas a corôa, que sem duvida conseguiria, se com socêgo esperasse a volta do tempo e do mundo, como succedeu a seu irmão D. Manoel, a quem el-rei, no mesmo dia, deu os estados do defuncto, ordenando que se intitulasse duque de Béja, e depois, veio a empunhar o sceptro, por morte do mesmo rei.»

outro filho, nem filha, legitimos. D. Affonso tinha casado com D. Isabel, filha dos reis catholicos, Fernando e Isabel, mas não teve descendencia; pelo que herdou a corôa D. Manoel, duque de Béja, irmão da rainha D. Leonor, e primo do rei. Este, teve um filho bastardo, D. Jorge, duque de Coimbra, tronco dos duques d'Aveiro.

PINHO LEAL.

—

1484—6 d'agosto—Estando D. João II ainda em Setubal, concedeu muitos privilegios e regalias a *Gonçalo Pires Bandeira*, fidalgo escudeiro de sua casa, em premio dos serviços por elle prestados nas guerras da Africa, e principalmente na famosa *batalha de Tôro* (maio de 1476) onde, com o dito soberano (sendo ainda infante) e seu pae, D. Affonso V, pelejára heroicamente aquelle Gonçalo Pires, que foi ao meio do exercito castelhano, com imminente perigo de vida, e arrancou das mãos de Sotto-Maior, fidalgo castelhano, a bandeira real portugueza, que o inimigo nos tinha tomado, e a entregou a D. Affonso V, que mandou que d'alli em diante, Gonçalo Pires e seus descendentes usassem o appellido de Bandeira.

É hoje representante d'este guerreiro illustre, o sr. José Maria Bandeira Monteiro

Subágua, da Granja. (Vide 8.º vol., pag. 152, col. 1.ª)

Foi tambem n'esta batalha que se tornou celebre o famoso *Duarte d'Almeida* — o *Decepado.* (Vide 6.º volume, pag. 397, col. 2.ª)

Os que desejarem saber á causa d'esta guerra e da batalha de Tôro, que foi a ultima d'ella, vejam no 6.º volume, pag. 309, col. 2.ª

—

Em 28 de julho de 1580, D. Antonio, prior do Crato, faz a sua entrada triumphal em Setubal, cujos moradores o receberam debaixo do palio.

Quatro governadores do reino, depois da morte do cardeal-rei, temendo o povo de Lisboa, e porque as tropas de Philippe II haviam entrado no Alemtejo, com direcção a Lisboa, se retiraram para Setubal, onde poucos dias depois se lhes reuniu o quinto governador, D. João Tello.

O prior do Crato tinha mandado a Setubal, o conde de Vimioso, intimar os taes governadores para que o reconhecessem como rei de Portugal, e os governadores, que estavam comprados pelos castelhanos, o quizeram prender, mas o povo se revoltou contra elles e contra o traidor Dom Christovam de Moura. Este, receando ser morto pelos portuguezes fieis, fugiu para Alcacer do Sal; e os governadores, temendo egual sorte, fugiram para uma caravella que estava no rio, e sahindo barra fóra, andaram *á kapa*, até se juntarem aos castelhanos

O povo de Setubal toma o partido de D. Antonio. O duque d'Alba, com um exercito de 22:000 homens, chega a Setubal, e occupa o mosteiro de S. João. Um traidor abriu as portas da villa aos castelhanos, que entrando n'ella a saquearam.

A fortaleza do Outão, porem, continuou a resistir aos invasores, e o duque d'Alba a atacou fortemente, porque queria que a esquadra do marquez de Santa Cruz (que andava a *bordejar* nas aguas de Setubal) entrasse no Sádo.

Era governador da fortaleza o bravo e leal Mendo da Motta, que a defendeu intrepidamente, porem a maior parte da guarnição, á vista de tão grandes forças do inimigo, obrigou o governador a capitular com todas as honras da guerra.

Foi pela fidelidade e patriotismo dos setubalenses, n'esta conjunctura, que D. Luiza de Gusmão, rainha regente, lhe deu o titulo de *leaes vassallos*, como vimos no principio d'este artigo.

—

O castello de Palmella, tambem estava por D. Antonio, mas logo que a guarnição soube da perda de Setubal, rendeu-se aos castelhanos.

—

O usurpador Philippe III esteve em Setubal, em 1619, e ahi presidiu a um capitulo dos cavalleiros d'Aviz.

—

Quando se descobriu a conjuração contra D. João IV (vide no 1.º volume, pag. 445, col. 1.ª — e 4.º vol., pag. 113, col. 1.ª — 1641 — 29 d'agosto) foram presos em Setubal, por traidores, D. Antonio de Athaide, conde da Castanheira, que ficou encarcerado no castello de S. Philippe — Mathias d'Albuquerque, e Gonçalo Pires de Carvalho, que ficaram presos na torre do Outão — e Manoel Valente, escrivão da távola, de Setubal, que foi para o Limoeiro. (Vide o paragrapho *Torre do Outão.*)

Tanto estes reus, como os mais conspiradores, foram presos a 28 de julho de 1641.

Mettidos immediatamente em processo, foram julgados e sentenciados.

O marquez de Villa Real, de 52 annos de edade — seu filho, o duque de Caminha, de 27 annos — o conde de Armamar, de 24 annos — e D. Agostinho Manoel, de 58 annos, foram degolados, na praça do Rocio,

de Lisboa, a 29 de agosto do mesmo anno de 1641 [1].

Pedro Baeça, Belchior Correia da Fonceca, Diogo de Brito Nabo, e Manoel Valente, foram enforcados, no mesmo dia e logar.

No dia 9 de setembro, do mesmo anno, e pelo mesmo crime, foram enforcados em frente do Limoeiro — Christovam Cogominho, e Antonio Correia.

Durante todas estas execuções, o povo de Lisboa dava incessantes vivas a D. João IV, que n'esse dia se vestiu de rigoroso luto.

Alguns dos presos foram julgados sem culpa, outros morreram nas prisões. D. Sebastião de Mattos e Noronha, arcebispo de Braga, que foi o chefe da conspiração, morreu na torre de S. Julião da Barra (alguns dizem que envenenado) mostrou grande arrependimento, e pediu que o enterrassem no adro de qualquer egreja, em campa raza, para não ficar memoria do que fôra.

—

Em 14 de outubro de 1652, quando mais acceza andava a guerra da restauração, a camara convocou para os seus paços, todos os que negociavam em sal, pedindo-lhes que continuassem a pagar por mais outros trez annos, 80 réis por cada moio de sal, para este dinheiro, e o mais que se podesse haver, ser applicado a fortificar Setubal, pondo a povoação em estado de se poder defender de qualquer ataque dos castelhanos. Todos concordaram gostosamente.

—

No dia 10 de fevereiro de 1668, fizeram-se em Setubal grandes festas, celebrando o tratado de paz com Castella. Da egreja de S. Julião para a da Senhora da Graça, sahiu uma pomposa procissão, na qual hia a imagem de Santo Antonio, com a bandeira da paz, e muitas danças e *invenções*.

—

Em 10 de janeiro de 1702, pelas 10 horas da manhan, principiou a chover em tanta quantidade, que todas as ruas de Setubal se transformaram em rios, sendo preciso atravesal-as em barcos, para acudir a algumas casas, onde a agua entrava, pondo em perigo os seus moradores.

(Vide *Temporaes de 5, 19 e 24 de dezembro de 1876.*)

—

1703 — 19 de março — A camara de Setubal requer, que S. Francisco Xavier seja dado como padroeiro do povo d'esta cidade — então villa.

—

Em 1721 instituiu-se em Setubal a *Academia Problematica.* A sua primeira sessão foi a 30 de maio [1].

Nem memoria gloriosa, nem cousa de merecimento deixou esta *problematica academia.* Alguns versos latinos ou portuguezes, eivados do gongorismo d'aquelle tempo, e hoje completamente esquecidos — e uns insipidos e pueris *problemas,* taes como estes: — *Qual fez mais Alexandre Magno em conquistar o mundo* [2], *ou Diogenes em o desprezar?*

[1] Os corpos d'estes quatro fidalgos estiveram no Rocio até á meia noite, sendo então levados, na tumba da Misericordia, para a egreja dos Remedios, dos carmelitas descalços. Assim acabaram, o ducado de Caminha, o marquezado de Villa Real, e o condado de Armamar. A casa de Villa Real era a mais opulenta que então havia no reino.

[1] Era então mania dominante, as academias, de differentes denominações. No mesmo anno de 1721, se instituiu em Santarem a *Academia dos Laureados.* Tambem se instituiu outra *academia* em Guimarães.

Todas morreram, sem deixar saudades.

Tinha dado origem a estas *academias,* o desejo de imitar Lisboa, onde, por um decreto de D. João V, datado de *Lisboa Occidental,* a 8 de dezembro de 1720, se tinha creado a *Academia Real de Historia Portugueza* («Regia Academia Historiae Lusitanae Instituta VI Idus Decembris CIↃIↃCCXX.»)

Esta sim, que prestou grandes serviços ás sciencias e bellas lettras, com as magnificas obras que publicou dos seus esclarecidos socios, como se póde ver no *Gabinete Historico,* de frei Claudio da Conceição, tomo 7.º, capitulo 5.º, a pag. 100 e seguintes.

[2] Alexandre Magno era filho de Philippe, rei da Macedonia. Nasceu em Pella, 3556 annos antes de Jesus Christo. — Na edade de 20 annos, succedeu a seu pae, e logo conquistou a Thracia e a Illyria, e destruiu a famosa cidade de Thebas (vide 6.º volume, pag. 148); declarou guerra aos persas, conquistou a Lydia, a Ionia, Caria, Pamphilia, e Capadocia. Desbaratou o exercito de Dario, junto ao rio Issa. Conquistou muitas provincias da Persia; a cidade de Tyro, ca-

Este *problema* foi o objecto da primeira sessão.

Na segunda, ventilou-se o *problema* seguinte: — *Qual seria mais conveniente ao imperio romano; conservar Carthago, ou destruil-a?*

Na terceira sessão, propoz-se o *problema:* — *Se era mais glorioso para um principe, obrar por conselho, ou sem elle?*

Para assumpto poetico, *a gloria que Setubal lograva com esta academia!*

Todos os mais *problemas* eram d'esta transcendencia, e a sua resolução discutida em palavriado pedantesco.

Basta dizer que, na segunda sessão, as poesias latinas e portuguezas, dedicadas ao papa (era então Innocencio XIII) [1] foram em tão grande quantidade, que o secretario levou mais de QUATRO HORAS a recital-as!

Na quarta sessão, o *problema* foi: — *Em que foi maior D. Nuno Alvares Pereira, pelo seu valor, ou pela sua generosidade em premiar os que o ajudaram a libertar a patria?*

As sessões eram doze por anno, nos ultimos dias de cada mez.

—

1724 — 19 de novembro — Rebenta sobre Setubal, uma tão furiosa tempestade, que arruinou muitos edificios e arrancou arvores seculares, e fez naufragar quasi todas as embarcações surtas no porto.

—

O espantoso terramoto do 1.º de novembro de 1755, que tantas desgraças e horrores causou á maior parte de Portugal, sobre tudo na Extremadura, Alemtejo e Algarve, tambem fez grandes destroços em Setubal.

Entre as 9 e 10 horas da manhan (ás mesmas em que este terrivel cataclysmo se deu em Lisboa e nas outras partes) estando o ceu claro e sereno, e a atmosphera mais quente do que costuma ser n'aquella estação, principiou a terra a tremer violentamente. Setubal soffreu mais do que as outras povoações, porque sahiram da terra grandes jactos d'agua, que se levantaram a grande altura, ao mesmo tempo que o mar, que abandonára a praia, refluiu logo com grande furia, assolando o porto, destruindo as embarcações, e matando muita gente.

Lagos, Fáro, Silves, Tavira, Castro-Marim, e outras muitas povoações do Algarve, como temos visto n'esta obra, ficaram em misero estado. Em Cascaes, quasi todos os edificios ficaram arruinados.

Á mesma hora e no mesmo dia, se fez sentir este horroroso terramoto, em Cadix, Porto de Santa Maria, S. Lucar, Xerez, Porto-Real, Algeciras, Ayamonte, Sevilha, Córdova, Granada e Alicante. No reino de Marrocos; em toda a costa occidental da Africa, desde Salé até Ceuta, foram destruidas muitas cidades, villas e aldeias; principalmente Marrocos, Fez, Tetuão, Saffi, Arzilla, Tanger, e Ceuta; porem Mequinez, soffreu mais do que nenhuma das outras; porque alli abriu a terra um grande boqueirão, engolindo *dez mil* homens e mulheres, e grande numero de cavallos e camêllos.

Não escaparam a este terrivel cataclysmo, na Europa, a Suecia, a Pomerania, a Hollanda, a França, a Inglaterra e a Irlanda e outras muitas regiões. Na America, quem mais soffreu foram as ilhas Barbadas e Antigoa. Só a Asia e a Oceania escaparam aos effeitos d'este medonho terramoto.

—

A 15 de setembro de 1765, nasce em Setubal, Manoel Maria Barbosa du Bocage.

pital da Phenicia, e marchou contra os judeus da Syria, mas, tendo-lhe o summo pontifice, Jado, feito ver as profecias de Daniel, que descreviam todas as conquistas d'Alexandre, obteve do rei quanto quiz. Segunda vez derrotou o exercito de Dario, na famosa batalha de Arbella, que lhe deu o imperio de toda a Persia. Passou depois ao Egypto, e ahi construiu Alexandria. Finalmente, tendo conquistado toda a Asia e as Indias (pela derrota de Póro) morreu em Babylonia, tendo apenas 32 annos de edade. Dizia que era filho de Jupiter. Tinha particular veneração pelos deuses e pelos sabios, e honrou sempre seu mestre, o grande Aristoteles. Por fim de contas, era um famoso borrachão, e morreu pelos seus excessos na glotoneria.

Apezar das suas grandes conquistas (que se reduziram á Africa e á Asia) d'aqui a *conquistar o mundo*, vae grande differença.

[1] Alexandre XIII succedeu a Clemente XI, em 1721, e falleceu em 1724, succedendo-lhe Bento (ou Benedicto) XIII.

—

Uma parte dos setubalenses, que em 1820 tinham feito grandes festas, officiaes, ao juramento da constituição, em 1820, se reuniram na casa da camara, a 3 d'abril de 1823, onde fizeram protestos de fidelidade á mesma constituição, prestando-se voluntariamente a organisarem uma *guarda civica,* em defeza da nova ordem de cousas — o que todavia não obstou a que d'ahi a dous mezes festejassem a queda da constituição, e acclamassem calorosamente, e com as maiores demonstrações de regosijo, D. João VI absoluto [1].

—

1833 (22 de julho.)—A columna do general Antonio José de Souza Manoel e Menezes Severim de Noronha, conde de Villa-Flor (e duque da Terceira, desde 8 de novembro de 1832) entra em Setubal, marchando no dia seguinte para Almada. (Vide 1.° vol., pag. 141, col. 2.ª)

—

1836 — 11 de setembro — Alguns individuos de Setubal, denominando-se *junta constitucional*, acclamam (pela meia noite!) a constituição de 1822, adherindo á revolta da guarda nacional de Lisboa (9 e 10 do mesmo mez de setembro.) Vide vol. 1.°, pag. 350, col. 2.ª — e 8.° vol, pag. 259, col. 2.ª — (N'este logar do 8.° volume vem descripta detalhadamente esta revolta, e os seus resultados.)

—

Em 1837, funda-se em Setubal, no edificio do mosteiro dos carmelitas descalços, um collegio para expostos, sustentado pela camara. Abriu-se a 10 de julho do mesmo anno. O seu fim era a educação dos expostos, desde a edade de 7 até 25 annos. Mudou-se depois para outros edificios, até que, por fim, acabou, por falta de dinheiro para o custeamento das suas despezas.

—

1839 ou 1840 — Organisa-se em Setubal o novo regimento de infanteria n.° 12, em substituição do antigo do mesmo numero (*infanteria de Chaves*) que, por ser legitimista, deixou de existir desde a convenção d'Evora-Monte.

—

1847 — 1.° de maio — Combate do *Alto do Viso*, proximo e a O. de Setubal, dado por o general, conde de Vinhaes, cabralista, contra Sá da Bandeira, setembrista. Este é derrotado, e foge para bordo de um navio inglez que estava fundeado no Sádo, abandonando as suas tropas, que se dispersaram, desorganisadas. (Vide 8.° vol., pag. 520, col 1.ª)

—

1849 — Funda-se a *Sociedade Archeologica Lusitana*, para a exploração das ruinas de Cetobriga. Podia fazer muito, mas fez muito pouco, porque lhe faltou o apoio do governo, que julgou mais conveniente guardar o dinheiro do povo, para o gastar no *acampamento de Tancos*, na *Penitenciaria*, e n'outras cousas...

—

1851 — 14 de maio — A camara e as auctoridades ecclesiasticas, civis e militares, e diversos particulares, assignam, nos paços do concelho, uma manifestação a favor do partido denominado *regenerador*, a cuja frente se tinha collocado o marechal Saldanha. (Vide 8.° vol., pag. 336, col. 1.ª)

—

1858 — 2 de agosto — Abertura do lyceu municipal de Setubal, estabelecido no mosteiro da Bôa-Hora, onde ainda existe. (Comprehende as seguintes disciplinas:

INSTRUCÇÃO PRIMARIA

1.ª classe — ler, escrever e contar, doutrina christan e civilidade.

[1] A maior parte dos habitantes de Setubal era realista; e não foi só aqui, mas em muitas terras de Portugal, que os mesmos que fizeram grandes festas á constituição (tanto em 1820, como em 1826) as fizeram ainda maiores, á sua queda, em 1823 e 1828.

Em 1823, as côrtes quizeram, mas não poderam, reprimir a contra-revolução, que dominava todo o reino. As *guardas nacionaes* de Lisboa, creadas pelos liberaes, nada quizeram fazer para lhes evitarem a queda. As tropas do norte, reuniram-se ao marquez de Chaves (general Silveira) a favor do rei; e até as divisões dos generaes liberaes, Pêgo e Luiz do Rego, que pouco antes tinham combatido contra os realistas de Silveira, acclamaram enthusiasticamente o rei absoluto, e as tropas de Pêgo até o insultaram e apuparam!

2.ª *classe* — grammatica portugueza, leitura e analyse de classicos nacionaes, em prosa e verso, operações de arithmetica, systema metrico-decimal, regra de trez, de juros, de falsa posição, de liga, e desenho linear.

INSTRUCÇÃO SECUNDARIA

1.ª *classe* — grammatica e lingua franceza, geographia, chronologia, historia geral, chorographia, e historia nacional.

2.ª *classe* — rhetorica, inglez, economia politica, arithmetica, algebra, geometria, trigonometria plana, escripturação mercantil, navegação, desenho de ornato, de paisagem e de machinas.

Os alumnos pagam mensalmente:

INSTRUCÇÃO PRIMARIA

1.ª *classe* — 240 réis.
2.ª *classe* — 480 réis.

INSTRUCÇÃO SECUNDARIA

1.ª e 2.ª *classe* — 960 réis.

Os alumnos pobres teem ensino gratuito em qualquer das disciplinas.

—

A camara d'este municipio despendeu com instrucção publica, no anno economico ultimo (1879) 1:239$380 réis, sendo com subsidio ao lyceu municipal 500$000 réis, com subsidios a professores de escolas de instrucção primaria 118$275 réis, com custeio e rendas de casas das ditas escolas 364$330 réis, com gratificações a professores 58$255 réis, com premios a professores 36$400 réis, com o collegio de orfãs pobres 76$800 réis, com custeio de cursos nocturnos 69$380 réis e com a bibliotheca popular 15$940 réis.

Se a estas verbas se juntar a quantia de 100$000 réis, em que póde ser calculado o valor da renda do edificio municipal onde está o lyceu e 50$000 réis do valor da renda da casa, tambem municipal, em que está a escola do sexo feminino das freguezias de S. Julião e Nossa Senhora da Annunciada, o despendio feito pelo municipio de Setubal com instrucção publica eleva-se á quantia de 1:389$380 réis.

Ha districtos onde todos os municipios reunidos não despendem tanto com a instrucção do povo.

—

N'este mesmo anno, de 1858, a 11 de novembro, houve um grande tremor de terra, em Lisboa, Setubal e outras partes, causando graves prejuizos.

—

1860 — 19 d'abril — Setubal é elevada á cathegoria de cidade, pelo sr. D. Pedro V.

Não copio a carta régia que lhe confere este titulo, por ser bastante extensa; limito-me a mencionar os motivos principaes, em que ella se funda:

1.º Por ser a povoação immediata em importancia, ás primeiras cidades do reino.

2.º Pelos constantes testemunhos que os setubalenses teem dado de nobre dedicação ao throno e ás instituições constitucionaes.

Esta carta régia foi referendada pelo marquez de Loulé (depois primeiro duque do mesmo titulo) então ministro do reino, e presidente do conselho de ministros.

—

1861 — 1.º de fevereiro — O ramal do caminho de ferro, do Barreiro a Setubal, é aberto á circulação publica.

Na estação do *Pinhal-Novo* — do caminho de ferro do sul e sueste — é o entroncamento d'este ramal. (Vide *Pinhal Novo*.)

A estação de Setubal fica a uns 1:500 metros da margem direita do Sádo, o que causa graves prejuizos ao commercio, pois que as mercadorias teem de soffrer duas baldeações desde o rio até Lisboa, e vice-versa. Trata-se de levar o caminho de ferro até á margem do rio.

—

1868 — 10 de fevereiro — Um grande incendio devorou parte do castello de S. Philippe. (Vide n'este artigo, *Setubal militar*.)

Situação da cidade de Setubal

A parte principal da cidade é construida sobre uma planicie, terreno de aluvião, que, como vimos, as aguas abandonaram ha muitos seculos. O bairro do Trôino, fica ao O., e, em parte, sobre terreno mais elevado.

A formação geologica dos terrenos de Setubal e immediações, é muito variada. Desde

a torre do Outão, á boca da barra, até á foz da ribeira de Marateca (que é um braço do Sàdo) domina a argilla e os depositos arenosos que as aguas teem depositado, em terreno levemente accidentado, contendo os feracissimos valles das *ribeiras da Rasca* e da *Ajuda*.

Em *Albarquel*, domina a formação cretacia, ou gypzosa (depositos que conteem camadas de gêsso) e fossilifera [1], sobreposta á argillosa, formando grandes aglomerações. Uma d'estas, fórma o monte onde se construiu o castello de S. Philippe.

A formação cretacia do terreno d'Albarquel, tem muito menos densidade, como o que se descobre nas ravinas dos *Bonécos*, e á raiz austral da serra de S. Luiz.

A praia da *Saúde* é de formação argillosa.

Na parte oriental da cidade, desde as Fontainhas até Santa Catharina, o terreno sóbe bastante, e é formado pelas areias aglutinadas pelo grés ferruginoso. É n'este sitio, mas quasi á beira do rio, que se vê essa raridade geologica que o povo denomina *pedra furada*, cuja descripção darei em paragrapho especial.

—

A peninsula de Setubal póde dividir-se em trez bacias hydrographicas—a do norte, que comprehende os affluentes do Tejjo — a do sul, que comprehende os affluentes do Sádo—e a do oeste, que é o *valle da Apostiça*, com duas pequenas ribeiras (*Artuaes* e *Brava*) que alimentam a *lagoa d'Albufeira*. (Vide o 1.º vol., a pag. 52, col. 2.ª)

A bacia hydrographica do norte (a maior das trez) é limitada pelas collinas de Azeitão, Cabanas, Palmella, e charnéca da Lenteigueira.

A do sul, comprehende as ribeiras da Rasca, da Ajuda (antiga Aravil), d'Algodeia [1], e os ribeiros que desaguam no golfo chamado ribeira de Maratéca.

A formação geologica dos terrenos de Setubal e seu termo, é em geral, favoravel á agricultura e silvicultura, que tem ainda a seu favor a amenidade do clima.

A flora maritima é tambem muito rica e variada, e differentes especies de mariscos vivem e medram nas aguas de Setubal e nas rochas e cavernas da costa. No fundo d'estas cavernas, e adherente á rocha, medra e se propaga o *chicote do mar*, esse zoophito maritimo, que levanta orgulhoso os seus braços brancos e transparentes, e do qual se não conhece congenere, senão nos mares do Japão [2].

No rio Sádo, e nas aguas de Setubal, ha mais de duzentas especies de peixes.

[1] Dá-se o nome de *fossil*, ao corpo que foi animado, que viveu, e que, no interior das rochas, conserva a sua fórma. Diz-se *concha*, *osso*, etc., *fossil*, quando não mudam de natureza nem de fórma. Diz-se *concha*, ou *osso petrificado*, quando se mudaram em silica. *Pau fossil*, quando ainda é susceptivel de arder. *Pau petrificado*, quando se mudou em agatha. Antigamente dava-se o nome de fossil a toda a qualidade de mineral.

Muitas vezes as plantas, deixaram de existir no interior das rochas, ou do carvão fossil, ficando perfeitamente gravadas no sitio que tinham occupado: a isto, dá-se o nome de impressões. As impressões de fetos (planta) são as que apparecem em maior quantidade, e mais frequentemente, o que leva a acreditar que o fecto é uma das mais antigas plantas da natureza.

Os fosseis mais notaveis do reino animal, são:— o *mastodonte*, maior que o elephante actual—o *mamouth*, ainda mais corpolento — o *megatherio*, especie de preguiça colossal — o *ichtyosauro*, especie de lagarto amphibio — o *pterodactylo*, especie de morcêgo, ou vampiro, collossal, etc., etc.— Acham-se fosseis de animaes e plantas cujas especies ainda existem; mas não está evidentemente provada a existencia de fosseis humanos.

[1] Algodea, é substantivo arabe — significa pequeno rio, ribeiro.

[2] Dá-se o nome de *zoophito* (derivado de duas palavras gregas, que significam *animal-planta*) a uns animaes de organisação differente e muito mais simples que os outros animaes. O zoophito tem as partes do corpo dispostas em fórma de leque, radiando em torno de um eixo. Cortada uma parte, e, agarra-se á rocha, e forma outro zoophito perfeito. Alguns, como o *chicote do mar*, assemelham-se a plantas, e é a esta circumstancia que a especie deve a denominação de zoophitos, ou animaes-plantas.

—

Termo de Setubal

Setubal não tinha termo, porque os de Palmella e Alcacer do Sal chegavam até áquella povoação.

Nas côrtes de Santarem (quartas d'esta cidade, e decimas quartas de Portugal) convocadas em 1340, os procuradores de Setubal pediram e obtiveram que lhes fosse demarcado o seu termo, á custa dos de Alcacer do Sal e de Palmella.

Era então mestre da ordem de S. Thiago, D. Garcia Peres, que, em 17 de julho da era de Cesar 1381 (6 de julho de 1343 de Jesus Christo) procedeu á medição do termo, segundo consta de uma carta sua, subscripta pelo escrivão da ordem, Affonso Annes, em Alcacer do Sal, e que por extensa não copio, dando apenas o principal d'ella, que é como se segue [1]:

«D. Affonso (IV) pela Graça de Deus, Rei de Portugal e do Algarve—a vós, D. Garcia Peres, Mestre da Ordem de S. Thiago, saude. Sabêde que os homens bons e Concelho de Setubal, me enviaram dizer, em como não haviam termo, e que recebiam muito damno dos de Palmella, porque o termo da dita villa de Palmella chegava até á villa de Setubal; e que alguns faziam côimas, que logo eram chamados para Palmella, e que andavam alli dispendendo muito do que haviam; e que outrosim, não lavravam nem aproveitavam a perto de Setubal, porque não era seu termo, etc., etc.—E Eu, vendo o que me pediam, e porque entendo que é muito aguizado da dita villa de Setubal, haver seu termo, em que possam os moradores d'ahi aproveitar: outrosim, porque se essa villa possa melhor povoar; e porque as ditas de Palmella e Alcacer, hão tamanhos termos, que isto lhes não é damnoso; e pelo muito serviço que Eu, e aquelles donde venho, recebemos d'elles, e esperamos receber em diante, outrosim essa ordem, tenho por bem, e mando-vos (ao tal D. Garcia Peres) que chegueis ao dito logar de Setubal, e que lhe deis por termo d'onde o ora hão, e como se vae pelo caminho de Monte-Mór até Agualva, e de ahi, como se vae por meio d'essa Ribeira, até onde entra essa em Marateca — e como se vae, por meio da agua de Marateca, até onde entra o rio que vae d'Alcacer para Setubal — e por meio da foz de Pera, assim como se vae direitamente topar na costa do mar — e assim, desde esse logar, até ao Cabo de Faro, fique por termo de Setubal — outrosim, como vae d'aquelle logar, e entra o caminho de Monte Mór, que vae de Palmella para Setubal, direito por traz do Oução de contra Palmella, e da casa que foi de Martin Annes, padre João Romeu, e d'aqui direitamente á azenha que foi de Pigua Rason, que sohia de estar em Algodeia, e assim, por essa ribeira acima, como vae direitamente pela vinha de Gonçalo Annes Carêlho, e que vae topar direitamente na ribeira de Alcube [1], pela metade d'esse rio de Alcube, como vae entrar no mar, a par de Mouguellas, etc., etc.»

D. Garcia Peres, em cumprimento d'esta provisão, metteu marcos nos seguintes logares, para designarem os limites do termo de Setubal:

1.º marco — onde entra o caminho de Monte-Mór, que vae de Palmella para Setubal.

2.º — na Varzea da Ordem.

3.º — no caminho dos Pinhares.

4.º — na azenha que foi de *Pua Razon* (n'outra parte, chama-lhe *Pigua Rason*) no caminho que vae para Alferrara.

5.º — no caminho que vae para Azeitão, contra o *aguião* (norte).

6.º — no mesmo caminho d'Azeitão, virado ao *poiante* (poente) como vae á Cabeça das Cavernas.

7.º — no cabeço alto de sobre a Varzem Redonda.

8.º — em uma sobreira do Alcube. (Aqui,

[1] Não se segue exactamente a orthographia da provisão, e da carta do mestre, para se evitarem notas explicativas, das palavras obsoletas.

[1] *Alcube* é corrupção do substantivo árabe *alcôbbe*, que significa *torrinha*.

serviu de marco uma cruz, feita na sobreira.)

9.º — na ribeira do Alcube.

10.º — ao fundo de Mouguellas, até topar no mar.

11.º — por cima da ponte de Aljaruz [1].

12.º — no caminho, acima da Venda da Abrunheira.

13.º — na veia d'Agualva.

14.º — na mesma veia, a topar com o rio de Marateca.

Apezar d'estas demarcações, ainda houve desordens, por causa dos limites d'estes termos, principalmente entre Setubal e Palmella, pelo que, em 1569, o rei D. Sebastião mandou novamente demarcar o termo de Setubal, para que de nenhuma parte d'elle se podessem apossar pessoas poderosas (que costumavam unir terrenos do concelho, ás propriedades a elles contiguas; do que se queixavam o provedor da camara e os vereadores.)

Continuaram as duvidas e desaguisados, pelo que D. Luiza de Gusmão, rainha regente, na menoridade de seu filho, D. Affonso VI, mandou que se fizesse uma escriptura de contrato, composição, confirmação e ratificação de visinhança, entre as camaras de Setubal e Alcacer do Sal.

—

Egrejas matrizes [2]

S. Julião

Consta que foi fundada por pescadores.

Esta egreja parece que esteve antigamente ligada ao edificio chamado *Paço do Duque* (d'Aveiro) que no fim do seculo XV, perteneiam a Nuno da Cunha [1]. Parece que a frente d'esta egreja era virada para o norte, em vista do primor da esculptura da porta d'este lado, que era resguardada por um alpendre, que o terramoto do 1.º de novembro de 1755 destruiu, e não se tornou a erguer. (A egreja tambem ficou muito damnificada com este cataclismo.)

Do *Livro dos obitos* d'esta fregezia, (fl. 89) consta que, quando abateu o alpendre, ficou debaixo das suas ruinas, o irmão José, eremitão da capella de S. Braz; e que, passados seis dias, ao remover-se o entulho, se achou ainda vivo, mas dando-se-lhe a absolvição, expirou.

Estando bastante arruinada, em consequencia do terramoto de 1531, foi esta egreja reconstruida em 1570, e revestida de talha dourada a capella do Santissimo Sacramento.

O beneficiado Francisco de Faria, e o dr. Luiz Alvares de Brito, deixaram á irmandade erecta n'esta egreja, muitos bens, com encargos de dotes e vestidos, para orphãos e viuvas, que ainda se cumprem annualmente.

Com parte d'esta freguezia, como já vimos, se formou, em 14 de março de 1553, a freguezia de Nossa Senhora da Annunciada.

Entre o Paço do Duque e a egreja, devia correr um lanço da muralha, parte da qual (a do sul) ainda se conservou até 1835. Dentro d'esta muralha ficava o picadeiro do paço.

Por uma portaria de 31 de dezembro do dito anno de 1835, foi cedido á camara o terreno do picadeiro, para alargamento e aformoseamento da praça do Sapal; e auctorisada a mesma camara, para demolir o tal muro.

No principio do seculo XVI, estava tão arruinada a egreja de S. Julião, que o rei D. Manoel, por carta régia, dada em Evora, a 2 de fevereiro de 1513, ordenou que, á custa do povo, fosse reconstruida; e tambem a de Nossa Senhora da Graça, ampliando-se

[1] Aljaruz, é corrupção do substantivo arabe *Alzarub*. — É o canal principal do telhado. Deriva-se do verbo *zaraba* — correr para baixo, pingar, cahir ás gôtas. Na Terra da Feira dá-se o nome de *aljarozes*, ás lousas que formam os beiraes dos telhados.

[2] As egrejas matrizes não vão pela sua situação topographica, que é da maneira seguinte — principiando de E. para O.
1.ª — S Sebastião.
2.ª — Santa Maria da Graça.
3.ª — S. Julião.
4.ª — Nossa Senhora da Annunciada.

[1] Em parte d'este palacio, está actualmente estabelecido o *Hotel do Escoveiro*, o melhor da cidade.

ambas (que eram pequenas para o numero de parochianos que tinham) contribuindo o mestre de S. Thiago com 500$000 réis da ordem, para as despezas d'esta reconstrucção, a cada uma d'estas egrejas.

No districto d'esta freguezia ha as sumptuosas egrejas do Carmo e de Jesus, e as ermidas de Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora do Soccorro, e a capella dos terceiros de S. Francisco.

O relogio que veio da Suissa, principiou a *trabalhar* na torre da egreja de S. Julião, em maio de 1876 [1].

Nossa Senhora da Graça

Esta egreja e a de S. Julião são as mais antigas matrizes de Setubal. Parte da da Senhora da Graça constituiu em 14 de março de 1553 a freguezia de S. Sebastião, quando da de S. Julião sahiu a freguezia da Annunciada.

Foi mandada reedificar pelo rei D. Sebastião, que confirmou a concessão feita por seus antecessores, da capella-mór d'esta egreja ser para jazigo dos Cabêdos, de Setubal.

[1] A capella do Santissimo Sacramento d'esta egreja, era de Francisco Rodrigues d'Almeida, fidalgo da casa real; e na mesma capella tiveram missa quotidiana, Martim de Faria e D. Antonio de Mello, instituidores do mórgado de que foi administrador o dito Almeida.

N'esta egreja está erecta a confraria de S. José, que, a 7 de junho de 1697, obteve de D. Pedro II uma provisão, determinando que os pedreiros e carpinteiros que a ella não pertencessem, ou pertencendo, não pagassem os annuaes, não podessem ser juizes do officio; exercer qualquer emprego na camara; nem ser votados em qualquer eleição da confraria. (Esta confraria está em grande decadencia e quasi extincta.)

A egreja da Senhora da Graça tem benção papal, ou apostolica, dada em 1879, com grande solemnidade, pelo nuncio do actual pontifice, Leão XIII.

Por uma provisão do rei D. Manoel, passada em Evora, a 5 de fevereiro de 1512, é ordenado aos moradores de Setubal, que, *só por esta vez*, em razão da grande necessidade que então havia, paguem a reconstrucção das egrejas da Senhora da Graça e *S. Gião* (S. Julião.)

Gonçalo Mendes de Vasconcellos, conego doutoral da Sé d'Evora, desembargador dos aggravos, e deputado do Santo Officio, sendo enviado a Roma, trouxe de lá privilegio perpétuo, para o altar da capella-mór d'esta egreja, a favor das missas dos defunctos.

A freguezia de S. Sebastião foi constituida com uma parte d'esta da Senhora da Graça.

No reinado de D. José I, houve uma curiosa pendencia, entre o juiz da irmandade do Santissimo Sacramento, d'esta egreja, e a camara. O juiz queria hir, nas procissões da Paschoa e Corpus Christi, logo atraz do palio e antes dos vereadores. O rei ordenou que a camara tivesse a precedencia.

Em 1603, mandou D. Philippe III, que do dinheiro das sizas se pozésse um relogio em uma das torres d'esta egreja, accrescentando-se a altura d'ambas. Foi a obra avaliada em 800$000 réis, e reconhecida como necessaria, para enobrecimento e utilidade da povoação, e por não ser bastante o relogio que já estava na torre da egreja de S. Julião, que era baixa, pelo que as horas se não ouviam bem.

Foi sepultado n'esta egreja, no mausoleu da sua familia, o celebre pintor, José Antonio Benedicto Soares de Faria e Barros (o *morgado de Setubal.*)

Nascêra na villa de Mafra, pelos annos de 1750 ou 1751. Desde a infancia, revelou grande vocação para a pintura, e veio a ser um pintor distinctissimo. Morreu solteiro, em 1809, deixando o seu morgado a um sobrinho, filho de uma sua irman.

No districto d'esta freguezia estão — a egreja da Misericordia, e as ermidas — do Corpo Santo, Santo Antonio do Postigo, e Senhor Jesus do Bom-fim.

S. Sebastião

Existiu proximo da ponte de S. Sebastião, uma ermida, dedicada ao martyr, que deu o nome á tal ponte. Esta ermida serviu por muito tempo de egreja matriz da freguezia, quando ella se formou, á custa da da Senhora da Graça, como vimos.

A ermida era muito antiga e ameaçava ruina, pelo que a séde da parochia se mudou para a actual egreja de S. Sebastião.

A primitiva egreja do orago foi demolida, pelos annos de 1850.

A nova matriz d'esta parochia é a egreja dos frades dominicos, como veremos quando se tratar dos mosteiros.

Foi mais de trinta annos prior d'esta freguezia, e vigario geral do arcediagado, o padre Manoel da Gama Xaro, distincto archeologo, e um dos fundadores da *Sociedade Archeologica Lusitana*. Falleceu conego da Sé de Lisboa, a 10 de março de 1870.

Pertencem a esta freguezia as egrejas da Bôa-Hora, e de S. João, e as ermidas de S. Francisco Xavier, e de Nossa Senhora da Graça.

Nossa Senhora da Annunciada

A egreja de Nossa Senhora da Annunciada, foi elevada a matriz da freguezia da sua invocação, que se creou em 14 de março de 1553, com parte da de S. Julião, como já vimos.

Segundo a lenda, pelos annos de 1260, na praia do Trôino, foi achada por uma pobre velha, uma formosa imagem da Santissima Virgem, á qual, em attenção ao logar em que appareceu, se deu a invocação de *Senhora da Agua*. Tambem, em razão da sua estatura, se lhe dava o nome de *Senhora Pequenina*, e, por o povo acreditar que fôra obrada pelos anjos, se lhe chamou *Senhora Angelical*, e por fim, *Senhora da Annunciada*.

Eis, em poucas palavras, o que diz a lenda:

A velha, andava na praia apanhando a lenha que o rio deixava na vasante. Chegando a casa, deitou no lume um dos paus que achara, mas elle saltou fóra da fogueira: tornando-o a deitar no lume, por trez vezes saltou para o meio da casa, mas da ultima lançou um grande resplandor. A mulher, examinando aquillo attentamente, viu que era uma imagem de Nossa Senhora, e exclamou: —*Virgem Annunciada!*— Em breve se espalhou a noticia d'este achado, por toda a povoação, que correu a casa da mulher, ver a santa imagem, tomando-lhe desde logo tão grande devoção, que resolveram construir-lhe um templo, o que levaram a effeito, e no altar-mór collocaram a imagem da Senhora, mettida em uma rica custodia de ouro, pondo-lhe na baze uma reliquia do Santo Lenho, mettida em uma ambula de crystal, e tudo guardado em um sacrario. Esta custodia é exposta á veneração dos fieis no dia da festa da padroeira, em todos os sabbados da quaresma, e quando algum piedoso christão o sollicita. (Até aqui a lenda.)

—

A imagem tem apenas duas pollegadas de altura, e é muito bem esculpida, tendo o Menino Jesus nos braços.

Construido o templo, foi logo instituida uma irmandade, com seu compromisso (1368) que era uma especie de Misericordia, pois tambem fundaram um hospital para os doentes pobres, e uma albergaria para peregrinos. Em 1700, tinha o hospital só duas enfermarias, uma para pobres, outra para os monges da Arrabida, e de Alferrára, quando adoeciam.

Este hospital foi fundado em 1372; mas no principio era só para homens e mulheres seculares. Os religiosos que adoeciam nos mosteiros da Arrabida e de Alferrára, hiam para o hospital real de Todos os Santos, do Rocio, de Lisboa; mas esta jornada, então muito penosa, lhes agravava a molestia, pelo que o provincial da ordem tratou de adquirir uma enfermaria, em Setubal, onde fossem tratados.

N'esse tempo, Innocencio de Carvalho, e sua mulher, Luiza de Mello, tinham fundado um hospital para pobres, a que a Misericordia não podesse assistir. Este hospital era em umas casas dos fundadores, contiguas á egreja da Senhora da Annunciada, e ao hospital da sua irmandade. Foi n'este hospital que, a rogos dos frades, se lhes deram duas enfermarias. Foi em uma d'ellas que morreu o mavioso poeta, frei Agostinho da Cruz, irmão do classico Diogo Bernardes, e que tinha (frei Agostinho) vivido muitos annos solitario, em um retiro da serra da Arrabida.

Os fundadores d'este hospital deixaram, por testamento, 10$000 réis annuaes para roupas e curativos dos religiosos.

Em 1699, estava este hospital muito des-

prevenido de leitos, roupas e mais objectos precizos para o fim a que foi destinado; mas as pessoas caritativas de Setubal se cotisaram voluntariamente, e com as suas esmolas se adquiriu tudo o que faltava.

Um dos paragraphos do compromisso da irmandade da Senhora da Annunciada, é do theor seguinte:

«Estabelecido é, que, desque a dita confraria fôr ornamentada dos ornamentos ecclesiasticos, que dos bens e heranças que hi derem os confrades vivos e passados, (fallecidos) e outros homens boos, e boas donas, por suas almas. Que fação hum paço, em que recebão em pessoa de Jesu Christo, os pobres barões (varões) — e outro em que recebão as pobres mulheres, na honra da Virgem Santa Maria; a cuja honra, esta confraria é fundada, como dito he. E nos quaes logo lhes sejão administradas todalas cousas necessarias, segundo a posse da confraria. Em guiza que as sete obras de misericordia, que nos Deos ha muy caramente de mandar, ao dia do gram juizo, sejão compridas, nos pobres, que som membros de Jezu Christo; dando aos famintos, de comer; e aos sedorentos, (sequiosos) de beber; e a ospedes, albergue; e aos nus, vestimento; aos enfermos, viisitamento; aos prezos, *accorrimento* [1]; aos mortos, soterramento; e ás nossas almas, salvamento. Amem.»

No archivo da Misericordia existe um traslado do compromisso, tirado em 1770, e é d'este traslado que se extrahiu o paragrapho que fica transcripto.

A Senhora da Annunciada era objecto de tão grande devoção, que os primeiros que quizeram entrar na sua irmandade, foi o rei D. Affonso III, sua esposa a rainha D. Brites (filha de D. Affonso X, de Castella) e todos os seus filhos, assim como todos os fidalgos da côrte.

Depois tambem se metteram irmãos d'esta confraria, D. Manoel I, D. João III e D. Sebastião.

Os pontifices, a rogo do rei D. Manoel, concederam a esta irmandade muitas indulgencias, e a isenção de toda a jurisdicção ecclesiastica, e só sujeita aos papas, como consta do seu compromisso, e da bulla do pontifice Alexandre VI, de fevereiro de 1503, dirigida ao D. prior do convento de Christo, de Thomar [1].

Este compromisso foi confirmado: — por D. João I, a 12 de junho de 1425 — pelo rei D. Duarte, a 19 de junho de 1434 — por D. Affonso V, em 24 de agosto de 1454 — por D. João II, em 4 de setembro de 1486 — e pelo rei D. Manoel (que estava então em Setubal) a 17 de maio de 1496 Este mesmo soberano, passou um alvará, datado de Setubal, a 6 de outubro de 1504, mandando que o provedor da comarca não impedisse aos confrades d'esta irmandade, regerem os bens d'ella como lhes parecesse.

Tinha a irmandade quatro capellães, para as missas dos sabbados, domingos, dias sanctificados, e em todas as festas da Senhora, sendo então as missas cantadas, com acompanhamento de orgam.

A festa principal é a 25 de março.

—

Em attenção aos muitos milagres que se attribuiam á Senhora da Annunciada, a camara lhe fez voto de fazer todos os annos, no primeiro sabbado da quaresma, á custa do municipio, uma grande festa, com exposição da imagem da Senhora, a que assistiriam todos os vereadores, encorporados. A esta solemnidade se dava o nome de *festa do voto*.

—

Com o correr dos annos, ou a camara

[1] Accorrimento é portuguez antigo — significa *soccôrro, auxilio, provimento*, etc. — Em uma carta de D. Fernando I, tratando do porto do Pocinho (barca do Pocinho) no Douro, diz — «*Pelo qual Porto, podemos passar a todo o tempo, pera* accorrimento *e defensom da dita Comarca, em quanto a dita Villa* (Moncôrvo) *fôr poborada e manteuda, como ora he.*»

Tambem se dizia — *accorro*, com a mesma significação — «*Não devem os cavalleiros empenhar o cavallo e as armas, por grande coita* (desgraça, afflicção) *que houvessem, ainda que nenhum outro* accorro, *nom podessem haver.*» (*Cod. Alf.*, Liv. 1.º, tit. 63, § 28.)

[1] 1503, foi o ultimo anno do pontificado de Alexandre VI, que falleceu n'esse mesmo anno, succedendo-lhe Pio III.

deixou de fazer esta festa, ou a fez com menos solemnidade; porem, D. Maria I, por carta regia de 1783, mandou á camara que a continuasse com o explendor com que se fazia antigamente.

—

O infante D. Fernando [1], por um alvará, de 22 de dezembro de 1462, mandou fazer a porta principal da egreja da Senhora da Annunciada.

Outro alvará do mesmo infante, datado de 23 de outubro de 1467, determina que, em virtude da demanda, entre os confrades d'esta irmandade, e os officiaes do concelho, aquelles tomem posse do *sapal, que foi marinha, e que jaz em Trouno* (Trôino) e façam d'elle o que quizerem, *pois que o dito sapal já pertencia á mesma Senhora da Annunciada.*

—

Um alvará de D. Jorge [2], mestre da ordem de S. Thiago, datado de 6 de novembro de 1494, ordena que se não façam casas no largo da Annunciada, porque a sua confraria tem conta certa de praia, diante da sua egreja.

—

Já vimos que a freguezia da Senhora da Annunciada se creou em 14 de março de 1553, desmembrando-se os fogos que a constituiram, da freguezia de S. Julião, e ficando a antiga egreja da mesma Senhora a servir de matriz da nova freguezia.

D. João III pediu aos confrades da irmandade, que *emprestassem* a egreja da Annunciada, para matriz da nova freguezia, até se construir egreja parochial; no que os confrades consentiram, *sob a condição de que o parocho não tivesse jurisdição alguma na egreja, mais do que na administração dos sacramentos; ficando toda a mais jurisdição á confraria da Senhora.*

D. João III, por uma carta, datada de Lisboa, a 20 de junho de 1553, agradece aos confrades do hospital de Nossa Senhora da Annunciada, o consentimento que deram para que a sua egreja servisse interinamente de parochia.

No anno seguinte, os confrades da irmandade, e o prior da freguezia, vieram a um accordo, por causa do pé d'altar, em que a irmandade ficava prejudicada, desde que a sua egreja ficou servindo de matríz, e assentaram que o parocho désse 12$000 réis annuaes á irmandade, o que foi approvado por um alvará régio, de 29 de janeiro de 1555; mas esta combinação não teve effeito, pelo que, outro alvará, de 20 de novembro de 1556, mandou que a confraria recebesse os taes 12$000 réis, não do parocho, mas das rendas que a ordem de S. Thiago tinha em Setubal.

Mas, a desintelligencia entre o parocho e os irmãos continuou.

Os mórdomos da confraria teimavam em guardar as chaves da egreja, tendo o parocho de as mandar buscar a casa do mórdomo que as tinha, o que ás vezes levava muito tempo, e dava causa a que os sacramentos não eram administrados aos enfermos a tempo e horas.

O parocho queixou-se d'isto á rainha D. Catharina, viuva de D. João III, e regente do reino na menoridade de seu neto, o rei

[1] D. Fernando era duque de Viseu, e filho do rei D. Duarte. O infante foi mestre da ordem de S. Thiago da Espada, e por isso legislava para Setubal, que era d'aquella ordem cujo patrimonio se estendia a QUARENTA E SETE VILLAS E LOGARES, COM CENTO E CINCOENTA COMMENDAS, que rendiam mais de noventa mil cruzados (36:000$000 réis) pelas antigas avaliações.

[2] Este D. Jorge, era filho bastardo de D. João II, e o unico que lhe sobreviveu. Era mestre de S. Thiago, duque de Coimbra, e foi o tronco dos Alencastros, duques de Aveiro. Era, alem de mestre da ordem, commendador d'ella, e foi d'elle que herdaram a grande casa que os duques d'Aveiro possuiram por estas terras (Setubal, Palmella, Cezimbra, Alcacer do Sal, S. Thiago de Cacem, e muitas propriedades e foros no Riba-Tejo.) — Como o filho unico do rei (o principe D. Affonso) morreu na margem direita do Tejo, junto a Santarem, da queda de um cavallo (12 de julho de 1491) D. João II quiz deixar a corôa ao unico filho que lhe ficou (D. Jorge) mas a rainha D. Leonor, sua mulher (irman do duque de Beja, depois — rei D. Manoel) e os fidalgos da córte, oppozeram-se tenazmente, e o rei não cumpriu o seu desejo. Todavia, D. Manoel, depois de rei, estimou sempre muito a D. Jorge, e lhe fez muitas mercês.

D. Sebastião. A rainha, por carta régia de 12 de novembro de 1557 (primeiro da sua regencia) dirigida aos juizes e mórdomos da confraria, mandou que as chaves da egreja passassem da mão do sachristão da confraria, para a do prior, ou do thesoureiro, para que a toda a hora do dia ou da noite, se podessem administrar brevemente os sacramentos aos enfermos que os pedissem.

Os mórdomos exasperaram-se com esta determinação, e as rivalidades augmentaram entre elles e o parocho, chegando a tal ponto, que o rei D. Sebastião resolveu mandar arrazar a egreja da confraria, e construir outra, no mesmo logar, para matriz da parochia.

O rei morreu, porem (ou desappareceu) na batalha d'Alcacer-Kebir, em 4 de agosto de 1578, pelo que a ameaça não teve effeito, e as brigas continuaram, sobre a posse da chave do sacrario, em quinta feira santa.

Isto durava desde o ephemero reinado do cardeal rei, da usurpação dos trez Philippes, do reinado de D. Affonso VI, e do principio do reinado de D. Pedro II.—Este monarcha decidiu que a chave do sacrario estivesse em poder do juiz da confraria.

—

Com o terramoto do 1.º de novembro de 1755, soffreu esta egreja grande ruina, pelo que foi transferida a séde da parochia para a egreja de Nossa Senhora da Saude, e aqui esteve até 1834, sendo então mudada para a egreja do mosteiro dos carmelitas descalços, a qual foi reconstruida em 1876 (dando o governo para isso um subsidio de réis 11:175$940, concorrendo com o resto a junta de parochia e a irmandade do Santissimo Sacramento, d'esta freguezia) concluindo-se as obras em abril de 1878, sendo a egreja benzida a 27 d'esse mez, e no dia 4 de maio seguinte se fez a trasladação do Santissimo Sacramento, e da imagem de Nossa Senhora da Annunciada, da egreja da Saude (que servia de matriz, como antigamente) para a egreja reconstruida.

O edificio do mosteiro, parte foi vendida, e o resto ficou sendo dependencia da egreja.

—

A confraria da Annunciada foi supprimida em 1861, e o seu hospital annexado ao da Misericordia, em 1869. (Vide *Misericordia.*)

—

No districto d'esta freguezia, ha as egrejas de Nossa Senhora da Soledade; Nossa Senhora da Saude; Nossa Senhora dos Anjos, de Brancannes; Senhor Jesus da Bôa-Morte; e de S. Francisco — e as ermidas de Nossa Senhora da Encarnação, e de S. Pedro, de Alcube. (Vide adiante — *Egreja de S. Francisco.*)

—

Mosteiros de Setubal

Teve esta cidade, nada menos de treze conventos — os seguintes:

Freiras

1.º — *Freiras de Jesus* (capuchas de Santa Clara.) Foi fundado em 1489, por Justa Rodrigues Pereira, senhora nobre, natural de Beja, e que foi ama do rei D. Manoel.—Deu o risco para esta obra o architecto Botaca, constructor do mosteiro dos Jeronimos, de Belem.

A egreja d'este mosteiro é o mais notavel edificio de Setubal [1].

Está o edificio construido no sitio antigamente chamado *Sapal do Troino,* ao fim da actual Rua Nova da Conceição, a melhor (a unica que merece o nome de *rua*) d'esta cidade.

O terreno do mosteiro era da corôa (ou do municipio) e D. Affonso V o deu a Alvaro Dias, que por sua morte o doou á confraria da Annunciada, á qual a fundadora o comprou para esta construcção.

Soror Leonor de S. João, abbadessa d'este mosteiro, escreveu a historia da fundação d'elle, a qual está inedita.

[1] Não sei quem foi o desalmado, que na restauração d'esta egreja, de 1859, se foi ás juntas das columnas das naves, e as bezuntou ignobilmente de cal e róxo-terra, e aos capiteis, laçarias e artezões do tecto (que tudo é do bello marmore multicor da Arrabida) e os sujou com óca e rôxo-terra!

O arco cruzeiro é sustentado por columnas do mesmo marmore e no mesmo gosto das do corpo da egreja, porem mais delgadas.

D. João II, e depois seu primo, cunhado e successor, o rei D. Manoel, foram sollicitos protectores do mosteiro de Jesus.

Auctorisou a fundação do convento o papa Innocencio VIII, em 1488, sendo a licença régia dada por D. João II, em Evora, a 16 de maio de 1490.

Lançou a primeira pedra (em 17 d'agosto do mesmo anno de 1490) D. Justo, bispo de Ceuta, assistindo a esta ceremonia D. João Fernandes, prior-mór de S. Thiago, alem de grande concurso de povo[1].

Vindo a Setubal, em 1491, D. João II, achou a egreja acanhada e a mandou ampliar, abrindo-se para isso novos alicerces, com doze palmos de espessura.

D. Manoel, que conservava grande amisade a sua ama, lhe satisfez todas as exigencias, e declarando-se padroeiro do mosteiro, mandou que o corpo da egreja fosse de trez naves, e, como a capella mór, todo construido de bello marmore da Arrabida.

As primeiras sete freiras d'este mosteiro vieram da cidade de Gaudia, onde a fundadora as foi buscar, levando para isso uma carta do rei D. Manoel, para o duque d'aquella cidade.

Em 11 de junho de 1496, entraram para o mosteiro, como noviças — duas damas da princeza D. Joanna, segunda mulher e sobrinha de D. Affonso V, e filha de Henrique IV, de Castella[2], a *Excellente Senhora.* (Vide *Santarem*, 8.º vol., pag. 505, col. 1.ª) — quatro damas da rainha D. Leonor, mulher de D. João II (irman do rei D. Manoel) — e uma dama da duqueza de Bragança.

O rei D. Manoel deu a este mosteiro muitas e ricas alfaias e ornamentos, e entre ellas, a ópa de brocado de ouro, que vestiu no dia da sua acclamação, com a qual se fizeram dous magnificos paramentos.

D. João III, e D. Sebastião, tambem foram desvelados protectores d'estas freiras, e o segundo d'estes monarchas lhes concedeu varios privilegios e isenções, deu-lhes ricas tapeçarias e outras preciosidades, e mandou fazer, á sua custa, uma formosa casa de ante-côro. N'esta casa, que é de duas naves, com quatro arcos de pedra, se vêem no tecto primorosas pinturas, e na capella contigua se vê uma bellissima imagem de Jesus Christo crucificado, de tamanho natural[1].

A egreja (cujo pavimento está hoje mais de dous palmos abaixo do sólo exterior) é, como vimos, de trez naves, sustentadas por columnas salomonicas (torcidas, assemelhando-se — mas muito mais tôscas — ao pelourinho de Lisboa.)

Toda a egreja é de abobada de pedra.

Os degraus que conduzem ao altar-mór são de um formoso mosaico, de varias côres.

O tecto da capella-mór é de um trabalho admiravel. A tribuna é de rica talha dourada.

A parte superior das paredes lateraes interiores do templo, até á cimalha, está revestida de dezeseis magnificos quadros, quasi todos vindos da Allemanha, mandados de presente, pelo imperador Maximiliano, ao nosso rei D. Manoel e a sua terceira mulher, a rainha D. Leonor[2]. Estão oito de cada lado, em luxuosas molduras. Todos repre-

[1] A data do texto é a que vem na *Memoria sobre a historia de Setubal*, a pag. 179. Julgo que é engano. O padre Francisco de Santa Maria, sempre bem informado e veridico, diz no *Anno Historico*, tomo 2.º, pag. 571, o seguinte: — «No mesmo dia (*22 de agosto*) *anno de 1849*, teve principio a fundação do mosteiro de Jesus, de Setubal, de freiras observantissimas de Santa Clara. *O bispo, D. Diogo Hortiz de Vilhegas, confessor de el-rei D. João II, benzeu a primeira pedra da sua egreja, e levando-a nas mãos, com o mesmo monarcha, a lançaram no seu logar.*» — Estou convencido que esta é que é a verdade.

[2] D. Affonso V casou a primeira vez, com sua prima, a rainha D. Isabel, filha do infante D. Pedro (o de Alfarrobeira) da qual teve trez filhos — D. João, que foi rei, segundo do nome — D. João, outro (o primogenito) que morreu creança — e D. Joanna, a *Princeza Santa*, beatificada pelo papa Innocencio XII. — Vide *Aveiro*, no convento de Jesus.

Da segunda mulher não teve filhos.

[1] O sr. D. Pedro V deu uma avultada esmola para ajuda da reparação feita no mosteiro, dos estragos que lhe causou o terramoto de 1858.

[2] O rei D. Manoel foi casado trez vezes — a primeira, com D. Isabel, filha primogenita dos reis catholicos — a segunda, com D. Ma-

sentam scenas da paixão de Jesus Christo.

Alguns dos quadros d'esta egreja são attribuidos ao famoso Grão Vasco, célebre pintor portuguez. (Vide *Moinhos do Pintor*, 5.º vol., pag. 364, col. 2.ª) São, ao todo, dezesete quadros.

A parte inferior das paredes lateraes da egreja está revestida de formosos azulejos, figurando a *ladainha de Nossa Senhora*, e os da capella-mór representam scenas da vida de S. Francisco.

A egreja recebe luz, por duas altas e formosas janellas, de primorosa esculptura, com uma mimosa laçaria de pedra, onde estão os vidros, que primitivamente eram de côres.

A sachristia é pequena, escura, e nada tem de notavel, a não ser uns antigos quadros, pessimamente pintados, a oleo.

No pavimento da egreja, ha muitos carneiros e sepulturas de pessoas nobres, assim como no interior do mosteiro.

Sob o altar-mór, estão occultos dous tumulos singellos, sem inscripções, e uma campa raza, sobre a qual se vê um brazão d'armas dos Manoeis (vide *Villa-Flôr*.) Tem a seguinte inscripção:

AQUI JAZ D. ANTONIO MANOEL,
NETO DA FUNDADORA D'ESTE MOSTEIRO.

Estas sepulturas foram profanadas, com o fim de roubarem alguns objectos de valor que porventura lá encontrassem os profanadores, que tambem arrancaram os azulejos que guarneciam as paredes da casa onde estão estas sepulturas; e mutilaram, em grande parte, a inscripção que havia nas mesmas.

No pavimento da egreja, alem de varias campas de pessoas insignificantes, ha duas de fidalgos: uma tem as armas dos *Frias*; da outra já o brazão está apagado, pelo atrito dos pés. As incripções (se as teem, como é provavel) estão cobertas pelo soalho.

O terramoto de 11 de novembro de 1858, damnificou bastante este mosteiro, sendo necessario fazerem-se grandes concertos nos telhádos, abobadas e paredes do edificio, obtendo as freiras, para isso, alem de um avultado donativo do sr. D. Pedro V, muitas esmolas de varios fieis, sendo o principal d'elles o padre Francisco José Ferro Estafraz, capellão d'estas freiras. (Vide adiante —*Padre Estafraz*.)

Em 2 de novembro de 1860, veio o sr. D. Pedro V a Setubal, e foi visitar o convento. Ficou horrorisado — e com razão! — vendo as ridiculas e nojentas *pinturas* com que os pedreiros bezuntaram a bella cantaria do tecto e arcadas da egreja, como já fica dito em nota, n'este artigo. (Não sei a razão por que as freiras não teem mandado lavar aquelle destempero.) A egreja é pequena, mas está muito aceiada.

O portico da egreja é de um primoroso trabalho; pena é estar já bastante estragado.

No terreiro em frente da egreja, e a poucos metros d'ella, se admira um bellissimo cruseiro, de marmore da Arrabida, e de magnifico trabalho. As escadas sobre que se bazeia, não teem (que eu saiba) semelhantes no reino. São todas em recortes, cada um formado de uma só pedra. Como o terreno d'este sitio se levantou mais de dous palmos, os degraus inferioros estão soterrados.

Esta obra foi mandada fazer por D. Jorge, duque de Coimbra, mestre da ordem de S. Thiago, tronco dos duques d'Aveiro, e filho bastardo de D. João II.

D. Jorge deu tambem muitos terrenos para logradouro do mosteiro, e ricas alfaias para a sua egreja.

D. frei Henrique Soares, confessor do rei D. Manoel, e depois bispo de Ceuta (Africa) foi o primeiro confessor das freiras de Jesus. Foi tambem este prelado o que disse a primeira missa em terras do Brasil. No logar em que disse a missa, mandou pôr, para memoria, uma grande cruz. Foi por isto que se deu ao Brasil a denominaçao de *Terra de Santa Cruz*.

—

Quando eu estive em Setubal (1876) ainda este mosteiro era habitado por dez freiras—

ria, irman da antecedente — e a terceira, com D. Leonor, filha de Philippe I, de Castella.

sete professas n'elle, e trez que foram expulsas do seu convento de S. Domingos, e mandadas para aqui — e algumas recolhidas, e as competentes creadas, de umas e outras.

—

Toda a pedra de que é construido o templo e suas naves, assim como o formoso cruzeiro exterior, é do bello marmore da Arrabida (*grés multicor antigo.*) Não ha em Portugal outro templo construido com pedra d'esta qualidade [1].

Foi erecta na egreja d'este mosteiro a *irmandade do Senhor Jesus da Bôa Sentença*, em 1745.

O compromisso d'esta irmandade tem 14 capitulos, e foi approvado pelo primeiro patriarcha de Lisboa, D. Thomaz de Almeida (da casa dos condes de Avintes — depois, marquezes do Lavradio.—Vide 4.º volume, pag. 276, col. 1.ª) em 21 de novembro do mesmo anno de 1745.

O mesmo compromisso manda, que, em todos os domingos, se faça uma procissão de Via-Sacra, levando a imagem do Senhor Jesus. Manda tambem fazer uma festa ao padroeiro da irmandade, no dia de Santa Cruz, de cada anno (3 de maio) e outra, na primeira sexta-feira da quaresma.

Foram seus fundadores, e assignaram o compromisso: — o padre Manoel Francisco Serra — o sargento-mór, Luiz Correiá de Mendanha — Manoel Gonçalves — Pedro Jorge — Manoel Fragão d'Andrade — José Correia de Mendanha — José Nunes Gamito — Antonio Alvares Caldas — Antonio Marques Coelho — Augusto Gonçalves — João Gomes Esteves — Manoel Varella Mourão — Raphael Ferreira de Moura — Gregorio Ferreira Rego — Francisco Martins Bragança — e outros.

—

2.º — *Freiras dominicas* (de S. João Baptista.) Foi fundado em 1529, pelo referido D. Jorge, duque de Coimbra, e mestre da ordem de S. Thiago, e por sua mulher, a duqueza D. Brites.

Eis, segundo frei Luiz de Souza (*Hist. de S. Domingos*, parte 3.ª, cap. IX) a origem d'este mosteiro.

No termo de Setubal, alem do *Valle das Santas*, havia uma antiga ermida, dedicada a S. João Baptista, em sitio agreste e doentio, pelo que os setubalenses resolveram mudar a ermida para o meio das hortas, entre o chão do Sapal e a estrada d'Evora.

O duque D. Jorge e sua mulher, que residiam em Setubal, desde 1515 (no *paço do duque*, hoje *hotel Escoveiro*) concorreram com avultadas esmolas para esta obra, e animaram o povo a concluil-a; chegando a duqueza a ajudar a encher os cestos e padiolas, de pedras, para a nova ermida.

Concluidas as obras, foi transferida a imagem de S. João, para a sua nova casa.

Era o duque muito devoto, e convivia familiarmente com os frades dominicos do mosteiro de Villa Nogueira (Azeitão) tendo o seu palacio contiguo ao mosteiro [1].

Feita a ermida, que era ampla e aceiada, resolveu o duque e sua mulher fundar junto á ermida um mosteiro da ordem dos prégadores (dominicos) dando para isso o necessario terreno.

O duque fez a carta de doação do terreno para o novo mosteiro, em 20 de junho de 1520, o que foi auctorisado pelo rei D. Manoel [2].

[1] As credencias, mesas e outros objectos da *sachristia dos conegos* da Sé de Lisboa, diversos utensilios do mosteiro de S. Vicente de Fóra, e de outras egrejas da mesma cidade, são feitos da mesma pedra, que, depois de polida convenientemente, imita um formoso mosaico, pela variedade de suas cores. Esta qualidade de pedra, que é abundantissima na Arrabida, é sobremaneira rara em outras partes. Só se acha em terrenos da época primittiva. É susceptivel de um brilhante polido.

[1] Ainda existe este grande palacio, posto que já bastante arruinado. É hoje propriedade do sr. Miranda, de Lisboa.

N'este palacio foi preso, em dezembro de 1758, o desgraçado D. José Mascarenhas, descendente do duque D. Jorge, e ultimo duque d'Aveiro. Vide *Chão-Salgado*.

[2] D. João II pretendeu — por não ter filhos legitimos, e tendo o exemplo do seu bisavô, D. João I, nomear seu successor ao throno, a seu filho bastardo, o duque D. Jorge, de quem estamos tratando; o que não levou a

Foram encarregados de dar principio ás obras os padres dominicos, frei Gaspar, de Alcacer — e frei Antonio Mendes. Estes dous santos religiosos moraram alguns annos, em Setubal, em uma pobrissima casa, sustentando-se das esmolas dos fieis.

Mas D. Jorge achou bastantes difficuldades para a fundação de um convento de frades, pelo que, mudando de plano, resolveu que elle fosse para freiras, destinando algumas de suas filhas, para aqui professarem. Isto aplanou todas as difficuldades; e, tendo o duque tomado esta resolução em 1525, já no dia 24 de junho de 1529 poderam fazer a sua entrada solemne no mosteiro, algumas religiosas do mosteiro de Jesus, d'Aveiro, tomando o habito de S. Domingos, n'esse mesmo dia, trez filhas dos duques, e trez sobrinhas, filhas da condessa de Portalegre, irman da duqueza.

O claustro d'este mosteiro está hoje transformado em — praça de touros!...

—

Frades

3.º — *Carmelitas calçados.* Foi fundado este mosteiro, em 1598, por frei Antonio da Visitação, com esmolas dos habitantes de Setubal.

O terramoto do 1.º de novembro de 1755 o arrazou, quasi totalmente. Depois, uma das casas do mosteiro, foi transformada em egreja, que ainda existe, e pertence aos irmãos terceiros do Carmo.

Parte do edificio do mosteiro foi vendida, depois de 1834, e o resto foi concedido á camara, que alli construiu uma escola publica, de instrucção primaria, para meninas.

Em terreno d'este mosteiro se construiu, em 1866, a *escola do conde de Ferreira.*

No pavimento inferior da escola de meninas, está hoje a estação da policia civil, e a casa da fiscalisação municipal. Tambem alli esteve, primeiramente, o quartel dos veteranos, e depois o do batalhão nacional, denominado *da carta e rainha.*

O resto do mosteiro e a egreja foram dados á ordem terceira do Carmo.

A irmandade dos terceiros do Carmo foi instituida em 1674, e logo no anno seguinte fez a procissão de domingo de Ramos (como ainda hoje faz) e, como as imagens que para ella tinha mandado fazer ainda não estavam promptas, pediu outras emprestadas, á ordem terceira do Carmo, de Lisboa. Em 1676, se constituiu definitivamente a ordem, e foram approvados os seus estatutos,

Os frades do Carmo fizeram doação aos terceiros, da portaria e corredor do claustro, para jazigo dos irmãos.

Em 1688 se fizeram novos estatutos, que foram approvados.

—

4.º — *Franciscanos.* Foi este mosteiro fundado em 1510, por D. Maria Annes Escolaris, e tambem com esmolas dos fieis, sendo Luiz de Miranda Henriques o que as deu mais repetidas e avultadas, pelo que ficou padroeiro do convento.

Com o tempo, se foi arruinando este mosteiro, pelo que teve de ser reedificado *a fundamentis*, sendo lançada a primeira pedra, por frei Manoel da Epiphania, provincial da ordem, no dia 1.º de dezembro de 1747.

Estava D. João II n'este mosteiro, quando Diogo Tinoco, vestido de frade (para mais facilmente poder aproximar-se do soberano) lhe denunciou a conspiração que se urdira contra elle.

O denunciante era irmão da amante de D. Garcia de Menezes, bispo d'Evora [1], e foi esta mulher que lhe revelou a conspiração. O rei o gratificou com cinco mil cruzados, e uma bôa tença.

effeito, pela tenaz opposição da rainha e da côrte, que queriam para rei, D. Manoel, duque de Béja, irmão da rainha. Apezar d'isso, quando D. Manoel subiu ao throno, mandou chamar D. Jorge, abraçou-o enternecidamente, e o tratou sempre como a proximo parente, cobrindo-o de honras e dignidades, e satisfazendo-lhe todos os desejos (que, diga-se a verdade, eram modestos e de facil satisfação.)

[1] O bispado d'Evora, foi elevado a arcebispado metropolitano (a rogos do rei D. João III, pelo papa Paulo III) em 1540. O seu primeiro arcebispo foi o infante D. Henrique, filho do rei D. Manoel, e irmão de D. João III, e depois da morte de D. Sebastião, foi (D. Henrique) o tristemente celebre cardeal-rei.

—

Tambem n'este mosteiro se hospedou o usurpador D. Philippe III, de Castella, quando visitou Setubal, em 1619.

Ainda que nos ultimos tempos, o rigor monachal estivesse em bastante decadencia, todavia, houve sempre n'este mosteiro religiosos de grande illustração e virtude; e quando os frades foram expulsos, em 1834, aqui estavam dous, respeitaveis pelo seu muito saber, e exemplar comportamento —frei José Pedro, e frei Francisco de Santo Ignacio Carvalho.

—

Os liberaes venderam este mosteiro e suas dependencias, a Joaquim Torlades O'Neill. Seu filho, João Torlades O'Neill, sendo administrador da casa de sua mãe, viuva, mandou demolir a maior parte do mosteiro, que foi reedificado por Francisco José Pereira, que o comprou, e onde se estabeleceu em 1876 um excellente collegio, dirigido por padres lazaristas. Estes reedificaram a egreja, e adaptaram o edificio do mosteiro ao santo fim a que o destinavam. Estes padres compraram o mosteiro e cêrca ao dito Francisco José Pereira.

Esta egreja, depois de reedificada, foi benzida, com auctoridade do cardeal patriarcha actual de Lisboa, pelo padre Francisco Machado de Araujo, prior da freguezia de Nossa Senhora da Annunciada, em 3 de outubro de 1876.

—

5.°—*Trinos.* Foi este mosteiro fundado por frei Antonio Correia, provincial da ordem da Santissima Trindade, e lente de prima, na universidade de Coimbra, em 1669.

Todos sabem que a ordem da Santissima Trindade foi instituida, principalmente, para sollicitarem esmolas, e com ellas remirem os captivos em terra de mouros.

Em 1656, a camara e o povo de Setubal, requereram a D. João IV permissão para que dous religiosos d'esta ordem viessem para Setubal, obter esmolas, para a remissão dos christãos da villa, que estivessem captivos de infieis; o que o rei lhes concedeu.

Nomearam-se logo *mamposteiros*, para pedirem esmolas, ás portas das egrejas, e aos quaes concedeu a camara muitos privilegios.

Construiram-se casas para estes religiosos, proximo ao largo da Fonte-Nova, no bairro do Troino, e depois, o referido frei Antonio Correia fundou o mosteiro.

A egreja, edificio do mosteiro e suas dependencias, foram vendidos depois de 1834, e actualmente é uma propriedade particular. Ainda se vêem os seus restos, proximo ao largo da Fonte Nova, no bairro do Trôino.

—

6.°—*Mosteiro de Carmelitas descalços*—dedicado a Santa Thereza de Jesus. Foi construido ao E. do dos Carmelitas calçados, e separado d'elle pelo ribeiro que atravessa a cidade.

—

Os religiosos carmelitas descalços obtiveram, de D. Affonso VI, auctorisação para fundarem em Setubal um mosteiro da sua ordem; e pediram ao prior e beneficiados da freguezia de S. Julião, lhes emprestassem, por algum tempo, a ermida da Senhora do Livramento, para n'ella celebrarem os officios divinos. Foi-lhes concedida, e d'ella tomaram posse, em 15 de agosto de 1655.

Foi contiguo a esta ermida, que os frades construiram o seu mosteiro, que era pequeno e pobre.

Foi vendido depois de 1834, e um grande incendio o devorrou, em dezembro de 1876 [1]. O seu actual possuidor, reconstruiu parte d'elle, e alli reside, com a sua familia.

Junto a este edificio, está a ermida de Nossa Senhora do Livramento.

A egreja que foi do mosteiro, é a actual matriz da freguezia da Annunciada. (Vide esta palavra, no logar competente; e nas ermidas, *Nossa Senhora do Livramento)* [2].

[1] Parte do edificio do mosteiro estava convertido em armazens de cal por *queimar*, e, entrando n'ella alguma agua da chuva, se operou a combustão e depois a explosão, tão forte, que abalou quasi todas as fortissimas abobadas, rachando-as em muitas partes, e desloeando a cantaria de algumas janellas. Os moradores do pavimento superior, fugiram espavoridos.

[2] A parte do mosteiro que não ficou pertencendo á matriz, fôra primeiro vendida a

—

7.º *Collegio dos Jesuitas.* Foi fundado com a invocação de S. Francisco Xavier, por André Velho Freire (que foi sepultado na capella-mór d'esta egreja) em 1655, com uma avultada esmola sua, e muitas do povo; sendo o que faltou, pago pelos jesuitas.

Foi construido junto ao sitio de Palhaes (depois, praça de S. Bernardo).

Em 8 de junho de 1703, se deu aos padres o terreno precizo para accrescentamento do collegio.

Em a noite de 9 para 10 d'abril de 1715, foi roubada a egreja d'este collegio, com sacrilego desacato. Arrombaram o sacrario, roubaram o vaso sagrado, deixando espalhadas pelo altar, sete particulas consagradas, e roubaram dous calices de prata.

Houve depois preces e procissão de penitencia e desagravo, feitas por todo o clero, nobreza e povo, e o senado da camara (hindo os vereadores, com as varas e pendão cobertos de lucto).

Nunca se pôde saber quem foi o sacrilego, ou sacrilegos.

N'este collegio residiu, por algum tempo, o infeliz padre Gabriel Malagrida, natural da villa de Minajo, bispado de Cómo, no ducado de Milão (Italia) Tinha chegado a Lisboa, em 1750, depois de ter percorrido a maior parte da America, como missionario.

Era reputado como um virtuosissimo sacerdote, por todos que o conheciam.

Foi condemnado pelo *Santo Officio,* á morte de garrote «*e depois de morto, seja seu corpo queimado e reduzido a pó e cinza, para que d'elle e de sua sepultura não haja memoria alguma. E pague os autos. (!)* Esta sentença foi publicada em 29 de setembro de 1761. Segundo a tal sentença, os crimes d'este desgraçado visionario, eram — *fingir milagres, revelações, visões, locuções, e outros favores celestiaes: querer que o tivessem por santo, e verdadeiro propheta, e ter enganado os povos de Portugal, extorquindo-lhes grossas sommas, com o pretexto de devoção e devotos fins: fomentar discordias e sedições: prophetisar successos funestos, etc., etc.*

E cumpriu-se esta absurda sentença, sendo o pobre Malagrida garrotado, na praça do Rocio de Lisboa, e depois, queimado o cadaver!

—

Sendo os jesuitas accusados de *crimes contra o estado, e até contra a Egreja (!)* foram suspensos do exercicio de confessar e prégar em todo o patriarchado, por decreto de 7 de junho de 1758. Por outro decreto, de 19 de janeiro de 1759, foram confiscados todos os collegios e bens dos jesuitas: e pelo decreto de 3 de setembro do mesmo anno, de 1759, foram banidos do reino, declarados *inimigos da patria* (de qual?) *e desnaturalisados para sempre (!)*

Os jesuitas de Setubal, foram presos, e conduzidos a Lisboa, onde alguns d'estes, e muitos dos outros collegios, morreram nas prisões.

—

A primitiva egreja do collegio, foi destruida pelo terramoto de 1755. Era de bôa architectura, tendo a frente para o fundo da egreja da senhora da Graça.

Depois do terramoto, os padres faziam os officios divinos, na capella de S. Francisco Xavier.

O edificio do mosteiro, foi vendido, e o seu actual proprietario (1880) mandou reconstruir decentemente a referida capella, que foi benzida solemnemente, em 3 de dezembro de 1873. O padroeiro continuou a ser S. Francisco Xavier.

N'esta reconstrucção se empregaram materiaes de diversos edificios religiosos, que estavam desmantelados.

—

Ao meu nobre amigo M. M. Portella devo o obsequio de um folhetim que publicou na *Gazeta Setubalense,* n.º 236, de 30 de novembro de 1873, e é o seguinte:

«Diversos foram os logares escolhidos em Setubal pelos padres da companhia de Jesus

uma *companhia de pescarias,* e esta a vendeu a Joaquim Torlades O'Neill, sendo, por morte d'esta vendida á irmandade do Santissimo Sacramento da dita egreja. Em virtude da *famosa lei da desamortisação* (ou *liquidação...*) dos bens das irmandades e Misericordias, foi isto novamente á praça, e o comprou Francisco da Silva Vidal, que alli fixou a sua residencia, como fica dito.

para a fundação do edificio em que tencionavam estabelecer o seu collegio.

«No reinado de D. Sebastião pedia este monarcha ás religiosas do mosteiro de Jesus cedessem, em troca de valiosas mercês, aos padres jesuitas, a capella de Nossa Senhora dos Anjos, que ellas possuiam proximo do seu convento, e a qual tinham comprado aos irmãos da Misericordia por 115$000 réis.

«Não lograram, porem, os ditos padres adquirir a capella, para darem principio á sua casa, porque as freiras se recusaram a vendel-a, com razões cortezes que el-rei attendeu, cedendo-a annos depois a alguns devotos e permittindo que junto d'ella se fizesse a da Senhora do Soccorro, tal qual nol-o refere a chronista soror Leonor de S. João.

«Continuaram os esforços dos jesuitas, por muitos annos, para levarem a effeito o seu intento de fundarem casa n'esta terra, e no dia primeiro de março de 1654, nos paços do concelho, em presença do senado da camara e povo, se lavrava o seguinte termo:

«Termo por que se noméa sitio para a fundação do convento dos padres da companhia de Jesus.—E logo na dita vereação praticaram os officiaes da camara, que depois de se haver escripto carta a sua magestade, que Deus guarde, em que esta camara lhe pedia licença para os religiosos da companhia da Jesus fundarem um convento em esta villa, assim para o bem espiritual e proveito das almas, como para o temporal, doutrina e criação dos filhos, mandára sua magestade informar sobre esta materia e petição dos moradores d'este povo qua hoje, com desejo mui vivo viera a esta camara; o provedor da comarca, de ordem de sua magestade, chamára o povo, o qual, junto n'esta camara, manifestou seu desejo e vontade, pedindo a sua magestade lhe concedesse essa mercê, e agora tinham noticia que estava concedida e que mandava sua magestade declarar o sitio, e de onde havia sahir o dinheiro para a fundação, pelo que elles ditos officiaes da camara nomeavam o sitio da rua das Amoreiras até á estrada que vai para o terreiro de Jesus quadrado em todas as partes, e as despezas d'esta fundação sahirão das esmolas effectivas que tinham applicado gravosamente pelo povo, que até ao presente se achava importarem ao redor de dois contos de réis, e sendo necessario mais dinheiro, os ditos religiosos o despenderão de seus bens e rendas que tirarem, sem esta camara nem povo serem obrigados a contribuir com cousa alguma, salvo com as esmolas que cada um do povo, voluntariamente queira dar; d'este modo mandaram fazer este termo que assignam.»

«Esta segunda pretenção foi ainda frustrada, porque nunca no mencionado terreno se erigiu edificio que pertencesse á companhia de Jesus.

«Consta, porém, que no anno seguinte, 1655, se fundou junto á praça, depois chamada de S. Bernardo, a casa destinada ao collegio da referida companhia.

«Em 8 de junho de 1703 se concedeu o terreno preciso para o acrescentamento d'aquelle edificio, cuja capella foi roubada e n'ella houve desacato, que achamos descripto pelo modo seguinte:

«Na noite de 9 para 10 d'abril de 1715, furtaram o vaso em que estava o SS. Sacramento no sacrario do collegio dos padres da Companhia d'esta villa, e deixaram algumas particulas consagradas em o altar, e levaram mais dois calices da sachristia, e não levaram mais prata, sem impedimento para a poderem levar. Houve por este caso tão grande, até á semana santa, interdicto em todas as igrejas d'esta villa, por sentimento. Todas as religiões e collegiadas foram em communidade á igreja dos padres da Companhia com preces, e muitas tiveram disciplinas, com trez *misareres*. Houve procissão de preces, com todas as solemnidades, indo o povo, e nobreza de luto, de capas compridas, e levou na procissão o Santo Lenho, o conego José Faria Souto. Foi n'ella o senado da camara com varas negras e pendão negro. No primeiro de maio se fez um oitavario com o SS. exposto todo dia no collegio da Companhia, em que assistiram as religiões, cada uma seu dia, o 1.º os religiosos de S. Domingos, o 2.º os de S. Francisco, o 3.º os do Carmo, o 4.º os de S. Paulo, o 5.º os Carmelitas Descalços, o 6.º os de Brancannes, o 7.º os Capuchos de Alferrara e o 8.º os Cle-

rigos: prégando n'estes dias os melhores sujeitos d'estas religiões. No ultimo dia do oitavario houve uma procissão com o maior capricho que se pode fazer.

«Esteve devassando d'este caso, um inquisidor, o conego José Faria Souto, e o corregedor do crime da côrte e casa, José da Cunha Bochardo».

—

N'aquelle convento ou collegio residiu por algum tempo o celebre padre Gabriel Malagrida, que de Italia, sua patria, veiu em missão ao Brasil e d'ahi a Portugal, onde foi accusado, mas não convencido, de tentativa de regicidio, e tido depois por author de livros hereticos; soffreu o supplicio de morte a que o condemnou o tribunal da inquisição.

«O collegio acabou no anno de 1759, sendo presos e conduzidos a Lisboa os padres que n'elle existiam.

«O edificio passou depois a ser por algum tempo habitado pelas freiras da ordem de S. Bernardo.

«Sob as ruinas do claustro, estava soterrada a capella que acaba de ser reconstruida (3 de dezembro de 1873) pelo actual possuidor do sobredito edificio, o sr. Francisco José Pereira.

Manuel Maria Portella.

—

8.º—*Dominicos (ordem dos prégadores.)*—Foi este mosteiro fundado pelo cardeal D. Henrique (depois cardeal-rei) em 1566, quando era regente do reino, na menoridade de seu sobrinho, o rei D. Sebastião.

A egreja que foi d'este mosteiro, e que os religiosos haviam reconstruido nos primeiros annos d'este seculo, é hoje a matriz da freguezia de S. Sebastião, e está perfeitamente conservada, como os frades a deixaram quando foram expulsos.

O edificio do mosteiro, tem servido de hospital militar, e outras dependencias, tambem militares; hoje serve de *casão* do batalhão de caçadores n.º 1.

A cêrca está convertida em cemiterio publico.

—

9.º—*Mosteiro d'agostinhos descalços (grillos).*—Foi fundado em 1566, pelo padre Jacintho de Mello. Ainda existe a egreja (*Nossa Senhora da Bôa-Hora).* O edificio do mosteiro foi concedido, parte, á camara, que alli estabeleceu as aulas do lyceu municipal, e as officinas da abegoaria da limpeza da cidade—a egreja e parte do edificio, foi dada á irmandade dos clerigos pobres, o que ainda possue.

10.º—*Missionarios penitentes franciscanos, de Nossa Senhora dos Anjos, de Brancannes* (Branca Annes).—Este seminario foi fundado por frei Antonio das Chagas [1], em 1680. A egreja foi solemnemente benzida, a 27 de junho de 1682, assistindo o 19.º arcebispo de Lisboa, D. Luiz de Souza [2], que celebrou a missa, assistindo os frades de todas as ordens religiosas de Setubal e Palmella, e o clero, nobreza e povo d'estas duas villas.

Foi prégador, o padre Diogo Lobo, da Companhia de Jesus, famoso orador sagrado.

As obras do edificio, foram dirigidas por Pedro da Silva, e eram custeadas pelo real erario, e pelas esmolas de sal, que davam os donos das marinhas.

D. João V, se declarou protector d'este seminario, em 20 de agosto de 1713.

—

Tendo o terramoto de 1755 damnificado muito o edificio dos paços do concelho, a seguinte reunião da camara fez-se n'este seminario, para onde foi tambem removido o archivo municipal.

Foi n'essa vereação que os camaristas fizeram voto de uma procissão annual, no 1.º de novembro de cada anno, em commemoração do terramoto, o que cumpriu. A imagem de Nossa Senhora da Conceição, sahia da sua ermida, para a do Senhor Jesus do Bomfim, sendo acompanhada pela camara, clero, nobreza e povo, pegando ao palio, só-

[1] Frei Antonio das Chagas, seguira a vida militar, chegando ao posto de capitão, do terço de Setubal. Era de caracter turbulento; mas, por fim, arrependido das suas travessuras de rapaz, fez-se religioso, e foi um exemplar e eloquentissimo missionario.

[2] Vide, 4.º vol., pag. 275, col. 2.ª, no principio, e no 7.º vol., (no artigo *Porto*) anno de 1647, e no mesmo vol., pag. 508, col. 1.ª

mente pessoas qae tivessem servido empregos publicos, do governo da villa.

—

Os liberaes venderam este mosteiro e suas dependencias, a Agostinho Rodrigues Albino, e d'elle o herdou seu filho, Antonio Maria Albino, que o conservou em bom estado, restaurando a egreja, apezar d'ella não ser comprehendida na venda, mas foi concedida ao proprietario do mosteiro, para n'ella ter capellão que dissesse missa nos domingos e dias santos, o que o proprietario tem cumprido com a mais louvavel exactidão, e alli vae muita gente ouvir missa.

O sr. Albino, não só conserva a egreja em bom estado, mas com o maior aceio.

Na egreja d'este seminario, havia um quadro, da Visitação de Nossa Senhora, a Santa Isabel, obra do famoso Raphael, de Urbino, offerecido pelo pontifice Innocencio XI, á rainha D. Catharina (filha do nosso D. João IV, e viuva do rei de Inglaterra, Carlos II — a da Bemposta, de Lisboa). Fallecendo esta senhora, entre outras cousas, deixou o quadro, por testamento, a seu sobrinho, o infante D. Francisco, filho de D. Pedro II, e de sua segunda mulher, a rainha D. Maria Sophia Isabel de Neubourg, filha de Philippe Wilhelmo, conde palatino.

O infante, o deu, depois, a esta egreja. Em 1834, poude o quadro escapar das garras dos rapinantes, e existe hoje na academia das bellas artes, de Lisboa.

—

N'este seminario foram conventuaes dous varões virtuosissimos e dotados de grandes talentos — foram:

Frei Agostinho — eloquentissimo orador sagrado. O sr. D. Miguel I, por duas vezes lhe offereceu a mitra archiepiscopal de Evora, que elle, pela sua muita humildade, regeitou.

Frei Francisco das Chagas, irmão do antecedente, e como elle, famoso orador sagrado.

Eram irmãos de D. Maria Magdalena Soares da Cunha, ultima abbadessa do mosteiro de freiras franciscanas, da villa do Louriçal. (Vide 4.º vol., pag. 458, col. 1.ª — e 9.º vol., pag. 69, col. 2.ª)

Eram todos trez, naturaes do Sebal-Grande, concelho de Condeixa Nova.

—

O seminario de Brancannes, fica a um kilometro de Setubal, em sitio formosissimo, pelo que é constantemente visitado, não só por os habitantes da cidade, mas tambem por todas as pessoas de bom gosto, que veem a estas localidades.

As vistas que se gozam de Brancannes, são extensas e formosissimas, o que tem inspirado bellas composições, em proza e verso, a muitos dos seus visitantes.

O meu bom amigo, o sr. Manoel Maria Portella, tantas vezes citado n'este artigo, escreveu, em uma das suas visitas a Brancannes, o seguinte sonêto:

Verte pranto suave a fonte pura,
e, em basta ramaria, vão tocando
as aves os seus cantos, bemdizendo
quem fez a luz, que é vida á creatura.

Lá em baixo, em tapete de verdura,
que a vista me deleita e está prendendo,
por entre varias flores, vae correndo
a prateada lympha, que murmura.

As casas branqueadas, pequeninas,
sobrepostas estão aos arvoredos,
no cimo dos outeiros e collinas.

Aqui, guarda o mosteiro os seus segredos,
e ao longe, o quadro fecham as ruinas
do vetusto castello, [1] entre fraguedos.

—

Pedro Pacheco de Flandres, natural de Setubal, fez tambem uma descripção do seminario de Brancannes, em 114 tercêtos, que se imprimiu em 1730. É hoje rarissima.

—

Os que desejarem mais amplas noticias com respeito a Brancannes, vejam o 1.º vol., pag. 485, col. 1.ª

—

11.º—*Monges arrabidos, de Alferrára.*— É nos arrabaldes (ao N.) de Setubal, entre

[1] O castello Palmella, que lhe fica a uns 4 kilometros a N. E.

esta cidade e a villa de Palmella. Foi fundado em 1383, com esmolas dos fieis. Em 1578, D. Estevam da Gama, filho do 1.º conde da Vidigueira, e neto do famosissimo D. Vasco da Gama, o reedificou e ampliou. (Vide o mosteiro seguinte).

O illustre setubalense, frei Pedro Lagarto, provincial da ordem, tambem concorreu poderosamente para a reconstrucção d'este mosteiro. Era um religioso, tão respeitavel pelas suas virtudes, como pelo seu acrisolado patriotismo, o que lhe attrahiu o odio de Philippe II, que o mandou degredado para Alcobaça, onde falleceu quasi no principio do seu degredo, de pesar, por ver Portugal em poder dos estrangeiros.

Posto que o sitio d'Alferrára, onde estão os restos d'estes dous mosteiros, (este e o seguinte) seja nos arrabaldes de Setubal, pertencem á freguezia de Palmella. (Vide o 12.º mosteiro).

—

12.º—*Frades Paulistas.*—É na encosta do monte que sobe para a serra visinha de Setubal. Foi este mosteiro fundado em 1420, por Mendo Gomes de Seabra (vulgarmente chamado *Mendo Oliva*). Era sujeito ao mosteiro de S. Paulo, da serra d'Ossa.

Eis o principio d'este mosteiro.

Na encosta da Serra de S. Philippe, e proximo do castello do mesmo nome, quasi á beira do Sado, ainda ha poucos annos se viam as ruinas da antiga ermida de S. Braz (no sitio que ainda conserva a denominação d'este santo) e as casas contiguas á mesma ermida, que antigamente serviam de lazareto.

N'esta capella fez um eremiterio, o dito Mendo Oliva, que havia sido amigo e companheiro d'armas, do grande condestavel, Dom Nuno Alvares Pereira, e que, como este, trocou a couraça, o murrião e a espada, pelo burel, o rosario e as disciplinas; e as batalhas pelas orações; vivendo, com mais alguns companheiros, n'este eremiterio, fazendo vida penitente.

Passado algum tempo, e com auxilio do rei D. Duarte, fundou, em Alferrára, e proximo ao mosteiro dos arrabidos, um mosteiro de eremitas de S. Paulo, onde terminou seus dias, como exemplar e virtuoso eremita.

Em 1531, D. João III mandou que estes dous mosteiros se reunissem, formando um só.

Depois de 1834, foram estes dous mosteiros postos em praça e comprados por Henrique O'Neill. Ambos estão muito arruinados, principalmente o dos arrabidos, que está completamente desmantelado e profanado, apezar da sua formosa situação, uma das mais pittorescas dos arrabaldes de Setubal, e da sua abundancia de optimas aguas, das quaes foi descoberta ha poucos annos uma nascente perenne.

—

Mendo Gomes de Seabra — vulgarmente denominado *Mendo Oliva*, foi um dos mais valentes e leaes capitães do exercito portuguez, nas guerras contra D. João I, de Castella, e d'elle faz honrosa menção, um alvará do rei D. Duarte.

Vide — *Ermida de S. Braz.*

13.º—*Capuchos franciscanos, da serra da Arrabida.*—Foi fundado este mosteiro por frei Martinho de Santa Maria (castelhano) filho dos condes de Santo Estevam del Puerto, em 1522.

Para evitarmos repetições, vide *Arrabida*, no 1.º volume d'esta obra; e no 8.º volume, pag. 424, col. 2.ª, *Santa Margarida (Lapa de)*.

Aqui só accrescentarei o seguinte:

—

Em setembro de 1834, houve um grande incendio na matta proxima do mosteiro, que esteve em risco de ser tambem devorado pelas chammas. Poucos dias depois (a 24 do mesmo mez de setembro) foram os monges expulsos do seu mosteiro.

—

Apenas os frades sahiram, saltaram-se alguns... individuos no mosteiro, e fizeram mão baixa em tudo quanto lhes pareceu, roubando uma grande parte dos livros da sua rica bibliotheca. Os que escaparam, foram para a livraria dos duques de Palmella, no palacio do Calhariz, entre a Arrabida e Cezimbra, onde ainda se conservam. (Vide 2.º vol., pag. 262, col. 2.ª)

—

Tanto o mosteiro, como os cubiculos espalhados pela serra, e pertencentes aos frades, foram profanados, roubados e devastados em 1834, apenas d'alli sahiram os frades.

—

Em 1876, o duque de Palmella, proprietario do mosteiro, mandou fazer n'elle muitos reparos. A egreja está em perfeito estado de conservação.

—

O ultimo solitario que viveu no chamado *convento velho* (que não quiz abandonar em 1834) que se compõe de grutas e ermidas dispersas, foi o leigo, *frei José de Nossa Senhora*, que foi achado morto, em 11 de novembro de 1870, na ermida de Santa Catharina, no alto da serra, onde viveu muitos annos. Era um frade virtuosissimo, e, ainda que pouco illustrado, intelligente, e a sua conversação era encantadora e edificante.

Frei Manoel, outro leigo que tinha a egreja a seu cargo, mas para a qual só olhava movido pelo interesse, morreu em Rilhafolles (Lisboa) doido furioso, por lhe terem roubado uma boa porção de dinheiro.

—

Proximo do caminho do mosteiro, para o *Valle do Solitario*, foi descoberta por um pastor, pelos annos de 1860, a famosa gruta subterranea, chamada *Lapa do Medico*, que é uma verdadeira maravilha da natureza. Adiante trato d'esta formosissima gruta[1].

—

No porto da Arrabida, se teem construido n'estes ultimos annos casas e cabanas, para habitação de pescadores.

[1] O padre Carvalho, na sua *Chorographia*, menciona um segundo mosteiro de frades agostinhos descalços, fundado pelo rei D. Sebastião, em 1566. Não existe semelhante mosteiro. Alem d'isso, D. Sebastião tinha, em 1566, apenas 12 annos (nascêra a 20 de janeiro de 1554) e só tomou as rédeas do governo, em 1568. Na sua menoridade, foi regente, sua avó, a rainha D. Catharina, viuva de D. João III, desde 1557 até 1562, e, depois, seu cunhado, o cardeal D. Henrique (o cardeal rei) desde 1562, até 1568. D. Henrique era *tio-avô* de D. Sebastião, e filho do rei D. Manoel.

Ao sopé da serra da Arrabida, está o celebrado *Penêdo do duque*, assim chamado, porque D. Alvaro de Lencastre, duque de Aveiro, vinha para alli pescar muitas vezes.

É n'esta serra a magestosa egreja de Nossa Senhora do Cabo, e o forte do mesmo nome; o que tudo fica descripto na palavra *Senhora do Cabo*.

É tambem aqui a formosissima *Lapa de Santa Margarida*, que fica descripta no 8.º vol., pag. 424, col. 2.ª—O *Penêdo do duque*, fica proximo d'esta lapa.

Estão tambem n'esta serra, as ermidas da *Senhora do Carmo* (de que tratei no 8.º vol., pag. 425, col. 2.ª, e fica perto da *Lapa de Santa Margarida*); a de *Santa Catharina*, virgem e martyr; e o famosissimo santuario da *Senhora do Cabo*. (Vide esta palavra).

A torre do Outão e o *forte do Cabo* (em ruinas, como fica dito no artigo *Senhora do Cabo*) são ainda na serra da Arrabida, assim como a admiravel

Lapa do Medico

É uma obra maravilhosa da natureza, que, como já disse, foi descoberta, pelos annos de 1860, por um pastor da serra. É uma gruta subterranea, onde se admiram formosissimas stalactites e stalagmites[1].

Note-se porém que a *Lapa do Medico*, propriamente dita, não é a que tem a maior formosura, nem a que foi descoberta ha poucos annos: essa todos em Setubal sabiam da sua existencia, e lhe deram o nome que tem, porque um medico, desenganado das grandezas e vaevens do mundo (ou talvez

[1] As *stalactites*, são as concreções calcareas fixadas nos tectos das grutas, e que crescem descendo. As *stalagmites*, são as concreções calcareas depositadas sobre o sólo, pelas gôtas d'agua, carregadas de calcareo, que cáem das stalactites.

Tanto as stalactites como as stalagmites, tomam fórmas bizarras e fantasticas que encantam a vista. Muitas vezes, as stalactites, descendo—e as stalagmites subindo, formam columnatas e labyrintos, semelhando vastas cathedraes em ruinas. (Vide 5.º vol., pag. 118, col. 1.ª—e 8.º vol., pag. 204, col. 2.ª) Á luz dos archotes, estas concreções offerecem uma vista das mais surprehendentes e encantadoras.

movido pelos remorsos dos assassinios que tinha commettido com as suas mortiferas receitas) alli se recolheu, fazendo vida de oração e penitencia.

É por baixo d'esta lapa que está a portentosa gruta das concreções calcareas, de que ainda ha poucos annos ninguem tinha noticia, e que é uma gruta subterranea bastante espaçosa, de difficil entrada.

Quando estive em Setubal, em 1876, estava bastante incommodado, e o calor era excessivo, pelo que não pude hir ver esta notavel obra da natureza, do que tive muita pena.

O meu amigo, Manoel Maria Portella, tantas vezes mencionado n'este artigo, mandou-me uns folhetins que publicou na *Gazeta Setubalense*, descrevendo minuciosamente esta gruta; mas, infelizmente, desencaminharam se pelo correio.

Devia ser obra primorosa, como tudo quanto sáe da penna de tão esclarecido escriptor.

Recolhimentos

1.º — *Nossa Senhora da Saude* — fundado para donzellas e orphans. Eis o seu principio:

No 1.º anno do reinado do usurpador, D. Philippe III (1598) se desenvolveu em Setubal uma terrivel peste, que fez grande numero de victimas.

Os setubalenses prometteram á Santissima Virgem, se os livrasse d'aquelle flagello, edificar-lhe uma ermida, da invocação de Nossa Senhora da Saude. Foram ouvidas as suas ardentes supplicas, e elles cumpriram o voto.

Foram as filhas dos pescadores que conduziram as primeiras pedras para os alicerces da obra, para a qual foi escolhido o sitio chamado *Outeiro da Saude*, e toda foi feita á custa de esmolas.

Concluida e ornada a capella, se instituiram logo duas irmandades de Nossa Senhora da Saude, uma ecclesiastica, outra secular. Esta ultima irmandade acabou em 1878.

Passados tempos, frei Antonio das Chagas (o fundador do seminario de Brancannes) projectou fazer um recolhimento, para donzellas e orphans, porem falleceu antes de levar a effeito o seu projecto.

Alguns annos depois, os padres jesuitas do collegio de Setubal, deram grande impulso á empreza, obtendo das irmandades da Senhora da Saude, por escriptura de 26 de junho de 1746, a doação de seis casas que tinham ao pé da egreja, e parte do terreno contiguo, para alli edificarem o recolhimento; cedendo-lhe os irmãos a egreja, para a celebração dos officios divinos, e o côro, para as recolhidas assistirem a elles; mas ficando á irmandade a administração da egreja.

D. Thomaz d'Almeida (filho do conde de Avintes, e dos Arcos, depois, marquezes do Lavradio) e 1.º cardeal patriarcha de Lisboa (4.º vol., pag. 276, col. 1.ª) concedeu licença para a fundação d'este recolhimento, por provisão de 23 de novembro de 1746.

Foi o recolhimento feito tambem á custa de esmolas dos fieis, sendo o mais valioso donativo, o dos proprietarios das marinhas de sal, que davam 10 réis por cada moio de sal que vendiam.

Foi o edificio construido com capacidade para 60 recolhidas.

O infeliz padre Gabriel Malagrida, de quem já fallei, foi o protector e director do recolhimento, e collocou no côro a imagem de Nossa Senhora da Missão, para a qual obteve varias joias de muito preço.

Estas joias, quando não serviam, se guardavam na cella do reitor do collegio da Companhia de Jesus, e lá estavam quando Sebastião José de Carvalho e Mello, futuro conde de Oeiras e, depois, marquez de Pombal, mandou sequestrar tudo aos jesuitas. [1]

Foram as joias tambem com-

[1] Os bens dos jesuitas foram confiscados, por decreto de 19 de janeiro de 1759 (seis dias depois do supplicio do ultimo duque de Aveiro e seus cumplices) e Carvalho, feito conde de Oeiras, logo a 6 de junho do mesmo anno, e feito marquez de Pombal, em 1770.

prehendidas no sequestro, mas restituiram-se ao recolhimento, por despacho do *juizo da inconfidencia*, de 8 de maio de 1767, sendo entregues ao padre Antonio da Costa Roxo, procurador geral do recolhimento, a 7 de agosto do mesmo anno.

Este recolhimento acabou, por falta de recursos, e no edificio que lhe pertenceu se fundou o actual *Asylo da Infancia Desvalida*, do qual trato adiante.

—

2.º—*Nossa Senhora da Soledade* — unido á egreja do mesmo nome. Tanto esta como o recolhimento, foram fundados pelo padre D. Antonio de Souza, filho de D. João de Souza, 3.º marquez de Minas. Foi concluida toda a obra, em 1747. Ainda tem recolhidas.

No dia 21 de setembro do mesmo anno de 1747, se collocou na sua egreja a imagem da Senhora da Soledade, que foi para alli, em solemne procissão.

Para a conclusão das obras da egreja e recolhimento annexo, teve o seu fundador que vencer grandes difficuldades, postas pelo senado da camara, e pelo conde da Palma [1], (que possuia aqui bastantes propriedades e fóros) por causa dos terrenos precizos para as edificações.

—

Egrejas não parochiaes e ermidas de Setubal

(Não se trata aqui das egrejas dos mosteiros e recolhimentos, por já estarem descriptas.)

1.ª— *Ermida de Nossa Senhora da Conceição.*— Foi construida sobre a *porta da Herva.* A imagem é de grande devoção, para o povo de Setubal.

A imagem da Senhora é apenas pintada na parede.

Não se sabe quando se construiu esta ermida, e apenas consta que a muralha interior da villa, em cuja face externa está pintada a imagem da Senhora da Conceição, foi construida nos reinados de D. Diniz e de seu filho, D. Affonso IV (entre os annos de 1325 e 1357.) Era a muralha limitada ao O., pelo ribeiro que vem dar á ponte do Carmo. Na dita muralha, e onde antigamente chamavam *postigo de Santa Catharina*, e hoje, rua da mesma santa, houve uma porta (ou postigo) chamada *da Barbuda*, por dar sahida para uma herdade que ficava em frente, denominada da Barbuda (que era uma senhora nobre, de Setubal.) Era limitada de uma parte pelo ribeiro do *Quadrado* (que então corria em linha recta, desde a *porta de S. Domingos* — no sitio dos *Freixos* — até á *porta da Herva*, ou *d'Evora*, desaguando no fosso interior da villa) e da outra parte, pelo ribeiro que corre até ao Sádo, depois de passar por baixo das pontes *do Soccorro, das Almas, do Carmo*, e *do Livramento.* (Esta é já na praia, proxima e quasi em frente da nova praça do mercado, de que já tratei.)

Na mesma muralha, havia a *porta da Villa*, ao fim da estrada de S. João, e praça de Palhaes, entre a casa do Corpo-Santo, e a egreja da Senhora da Graça.

Quando as muralhas se ampliaram mais, desde o *Buraco de S. Francisco* até ao *Buraco da Areia* (no reinado de D. João IV e de seu filho D. Affonso VI) e tendo o primeiro d'estes monarchas tomado Nossa Senhora da Conceição para padroeira de Portugal, os setubalenses resolveram construir uma nova, ampla e mais decente ermida á Santissima Virgem d'aquella invocação, mas conservando a pintura da antiga, que ainda existe, sobre a muralha, e sobre a parte superior da porta da Herva.

No pavimento superior da casa do despacho, proximo do campanario, ha um pequeno cubiculo, com chaminé, e uma pequena varanda, onde viveu muitos annos, *Maria de Oliveira*, viuva muito rica, que, tendo-se abrigado na velha ermida, por occasião do terramoto do dia 1.º de novembro de 1755, não quiz mais sahir de lá, em toda a sua vida, o que lhe oi concedido pela irmandade.

[1] Os condes da Palma, foram depois condes d'Obidos, e, por fim, condes do Sabugal. (Vide 8.º vol., pag. 292, col. 2.ª)

A nova ermida (a actual) foi construida com esmolas dos fieis, pouco depois da paz com Castella, feita em 13 de fevereiro de 1668, no reinado de D. Affonso VI, mas sendo regente do reino (por incapacidade do rei) seu irmão, depois rei, D. Pedro II.

2.ª—*Nossa Senhora do Soccorro*—proxima ao mosteiro de Jesus, e unida á dos terceiros de S. Francisco (com a qual antigamente communicava pelo interior e á da Senhora dos Anjos) Foi construida no anno de 1600, *pelos homens de ganhar* (jornaleiros) quasi todos empregados no *Paço do Trigo.*

No compromisso da irmandade d'esta Senhora (cap. 8.º) se estatue que *as pessoas nobres sejam excluidas d'esta irmandade, que apenas poderão ser juizes, mas nunca terão voto, em materias de interesse da confraria.* (Vide adiante, a 9.ª ermida.)

—

3.ª—*Nossa Senhora do Livramento*—É um templo antiquissimo, mas ignora-se a data da sua fundação; consta porem que foi construido pelos pescadores e marinheiros, que a esta Senhora consagravam grande devoção.

Com o andar dos tempos, foi esfriando esta devoção, e descurados os reparos da ermida, pelo que, apodrecendo as madeiras, cahiu todo o tecto do corpo da egreja, e tudo ficou em completo abandono. Tinha uma irmandade, que tambem acabou, quando se desmoronou a ermida.

Como a pescaría rareasse n'esta costa, o que causava grandes prejuizos e miseria aos pescadores, principalmente aos do *cêrco da sardinha*, foi attribuida esta falta ao abandono da ermida do Livramento.

Mesmo assim, em todos os sabbados do anno, vinham aqui muitos devotos, cantar-lhe, por musica, a *ladainha laurentana*.

Passados tempos, alguns devotos (mas não consta se foram pescadores ou marinheiros) reconstruiram a ermida, levantando-a mais cinco palmos (menos na capella-mór, em que não buliram, por estar bem conservada.)

Os frades carmelitas descalços obtiveram licença de D. Affonso VI, para fundarem um mosteiro da sua ordem, em Setubal, e pediram ao prior e beneficiados da freguezia de S. Julião (a cujo districto pertence a ermida) e aos pescadores, que lh'a concedessem, emquanto não tivessem egreja propria, o que lhes foi concedido, tomando posse da ermida, em 15 d'agosto de 1665 [1], e a conservaram por mais de cincoenta annos.

Os frades (não sei porque) prohibiram as musicas, mas continuaram as ladainhas dos sabbados.

No mesmo dia da posse, celebraram os religiosos a sua primeira missa n'esta ermida, em virtude de um alvará régio, de 24 de maio do mesmo anno de 1665.

Até á entrada dos frades n'esta ermida, alem das ladainhas, tambem se dizia missa, no altar-mór, em todos os domingos e dias sanctificados.

Os religiosos tornaram a organizar a antiga irmandade; mas, passados annos, havendo desintelligencias entre os frades e os irmãos, um provincial dos carmelitas supprimiu a irmandade.

Os antigos irmãos (quasi todos pescadores e marinheiros) queixaram-se d'esta suppressão, e conseguiram a reorganisação da confraria, que existiu até 1721.

Tornou a ermida a cahir em ruinas (suppõe-se que com o terramoto do 1.º de novembro de 1755) e não tornou a reconstruir-se.

Em 1833, foi a ermida transformada em theatro. Depois, teve varias applicações. Hoje é uma fabrica de conservas alimenticias. (É justo. Cessou o tempo dos Dons Quichotes, principiou o dos Sanchos Panças.)

É notavel que, de tantas er-

[1] Na *Memoria sobre a historia de Setubal*, a pag. 189, diz-se que a posse foi tomada em 1655—é êrro (provavelmente typographico, mas que não foi emendado nas *erratas.*)

D. Affonso VI tinha, em 1655, apenas doze annos (nasceu a 26 de agosto de 1643) e ainda vivia e reinava seu pae, D. João IV, que falleceu em 6 de novembro de 1657.

D. Affonso VI só principiou a governar desde 23 de junho de 1663, até 22 de novembro de 1667, dia em que seu irmão, o infante D. Pedro (depois, D. Pedro II) foi acclamado regente, tirando a seu irmão o governo e a mulher.

midas dedicadas á Santissima Virgem, que ha em Setubal, o *Santuario Mariano* só mencione as da Senhora do Livramento e Senhora dos Anjos, e a Senhora do Carmo.

—

4.ª—*Nossa Senhora da Graça.*—Não se sabe quando nem por quem foi fundada, mas é antiquissima. É situada a uns 3 kilometros ao E. de Setubal, sobre a margem direita do Sádo, na vasta propriedade denominada *Herdade das Praias*, que pertenceu aos viscondes de Villa Nova do Souto d'El-Rei, cujo brazão d'armas ainda existe alli, em um padrão muito antigo. A ermida está ameaçando completa ruina.

—

5.ª—*Nossa Senhora da Encarnação.*—Tendo o terramoto de 1755 destruido a egreja matriz de Nossa Senhora da Annunciada, na sua sachristia se construiu a ermida da Senhora da Encarnação, que foi benzida, em fevereiro de 1764, pelo dr. João Baptista Valerio, vigario geral, auctorisado por D. Francisco de Saldanha (descendente dos antigos condes da Ponte—vide 4.º vol., pag. 277, col. 1.ª, no fim) terceiro cardeal patriarcha de Lisboa. Era então provedor da confraria de Nossa Senhora da Annunciada, João Manoel Moniz de Carvalho.

—

6.ª—*Senhor Jesus da Bôa-Morte.*—É muito antiga, e ignora-se quando ou por quem foi fundada. É extra-muros, e tem uma confraria. O terramoto de 1755 a arruinou, mas os irmãos a reconstruiram, á custa da confraria e de esmolas dos fieis.

—

7.ª—*S. Pedro d'Alcube.*—Não se sabe quando foi construida; mas, do *Registo delgado* (que existe no archivo da camara) a fl. 130, está a copia de um documento, pela qual consta que esta ermida já existia em 1596.

Segundo a tradição, existia intacto, n'esta ermida, o corpo de uma virtuosa donzella.

É situada na freguezia da Annunciada, no districto da extincta freguezia da Ajuda.

Como o terramoto de 1755 destruisse a egreja matriz da Ajuda, serviu esta ermida de matriz, emquanto se não reparou a egreja.

—

8.ª—*S. Braz, de Mendo Oliva.*—Existiu na encosta da serra de S. Philippe, proximo do castello do mesmo nome e quasi á beira-mar.

Vendida ao conde de Armand, com os terrenos annexos, o comprador transformou a ermida em uma casa de habitação, e fórma, com as suas dependencias, parte das vastas propriedades do mesmo cavalheiro, que chegam d'aqui até ao *Valle da Rasca*, sobre a margem direita do Sádo. O casal onde existiu esta ermida, foi, em grande parte, destruido pelas tropas *patuleias*, de Sá da Bandeira.

Vide o *mosteiro de S. Paulo d'Alferrara.*

—

9.ª—*Nossa Senhora dos Anjos.*—Segundo o *Santuario Mariano* (tom. 2.º, pag. 424 e seguintes) no mesmo sitio onde hoje está o mosteiro das freiras de Jesus, havia antigamente uma ermida, dedicada a Nossa Senhora dos Anjos, objecto de muita devoção dos setubalenses. (É a actual).

Ficava a ermida em um grande rocio, e a ella vinham fazer as suas novenas, não só os povos da então villa, e suas immediações, mas até os nossos reis.

Em 1490, hindo D. João II, e sua mulher, a rainha D. Leonor, a Setubal, ver as obras do mosteiro de Jesus, tambem visitaram a ermida.

N'esta casa da Senhora esteve antigamente a irmandade da Misericordia. Além d'esta, tinha a Senhora outra irmandade propria, composta, em grande parte, por pessoas nobres e ricas, e possuia algumas propriedades, sendo uma d'ellas, que era foreiro, o sitio onde se construiu o mosteiro de Jesus; e este fôro o remiu a fundadora do mesmo mosteiro, Justa Rodrigues Pereira, que tambem comprou o sitio e padroado da ermida, que ficou sendo do convento, e as religiosas o venderam depois a uma pessoa muito devota da Senhora, que se mandou sepultar á sua vista, e instituiu uma capella de missas, que, em 1707, era administrada

por D. Francisco Lobo, D. prior do mosteiro de S. Thiago de Palmella.

Esta casa da Senhora, tinha sido, em tempos antigos, hospital de caridade.

Junto a esta ermida, está a de Nossa Senhora do Soccôrro, (a 2.ª ermida com a qual communicava interiormente, por alguns arcos, que se taparam em 1840.

Esta ermida, é no districto da freguezia de S. Julião, e ao rocio em que está situada se chamava antigamente *Sapal do Trôino.*

Rodrigo Annes d'Athouguia, doou a ermida aos irmãos da Misericordia, e a estes a compraram as religiosas de Jesus, por 115$000 réis, na intenção de a mandarem demolir, o que não chegaram a fazer, pela grande devoção que, como já disse, o povo tinha á padroeira.

Em 1575, a pediu o rei D. Sebastião, offerecendo em troca muitas mercês, para junto d'ella mandar construir o collegio dos jesuitas; mas as freiras se desculparam, allegando razões que o rei julgou attendiveis.

Por doação que fez Lourenço Moreno, pessoa nobre d'este tempo, no anno de 1545, tinham as freiras de Jesus entrado na posse das casas annexas á ermida da Senhora dos Anjos, e, por escriptura de 23 de fevereiro de 1734, confirmou esta doação Balthazar Alvaro Passanha Moreno, descendente de Lourenço Moreno, mas a favor da ordem terceira de S. Francisco, reservando para si o direito de padroeiro; mas, sobre este direito se suscitaram duvidas, posteriormente.

A referida ordem terceira, que antigamente tinha capella, no mosteiro dos religiosos franciscanos, se transferiu para a ermida da Senhora dos Anjos, onde passou posteriormente a fazer todos os seus exercicios espirituaes, como consta de um termo, lavrado em 2 de fevereiro de 1738, e é a irmandade quem a administra e conserva o culto divino.

Frei Balthazar da Encarnação, varão de uma caridade ardente, fundador do mosteiro de Monte-Furado, [1] vindo a Setubal, no anno de 1736, fez termo de accôrdo com os terceiros de S. Francisco, para o exercio de muitas obras de beneficencia, sendo uma d'ellas, dar todos os domingos um jantar aos presos, e cuidar da sua soltura. Esta pratica acabou, infelizmente, ha muitos annos.

[1] Os que desejarem saber quem foi este frei Balthazar da Encarnação, vejam n'este vol., pag. 176, col. 2.ª e seguintes.

A ermida da Senhora dos Anjos, serviu de egreja parochial, depois do terramoto do 1.º de novembro de 1755, por ter ficado totalmente destruida a egreja de S. Julião.

Tambem esta ermida foi profanada pelos soldados do feroz e rapinante Junot, em 1808, que fizeram d'ella cavallariça!

Reparada com o producto de esmolas do povo, e novamente sagrada, regressaram para ella, em solemne procissão, no dia 10 de maio de 1812, as imagens, que estiveram quatro annos depositadas na egreja de Santo Antonio.

D'esta ermida sahiu a procissão da cinza, que os terceiros de S. Francisco faziam, no dia proprio, com muita decencia.

Infelizmente, o fervor religioso tem afrouxado muito, não só em Setubal, mas na maior parte dos grandes centros de população de Portugal, onde as ideias de descrença teem ganhado um fatal incremento, e esta devota procissão já ha muitos annos que se não faz!

—

10.ª — *Nossa Senhora da Piedade.* — Vide *Cemiterio publico.*

—

11.ª — *Nossa Senhora da Conceição, do Sapal.* — Vide *Casa do corpo da guarda.*

—

12.ª — *Senhor Jesus do Bom-Fim.* — Primeiramente, da invocação do *Anjo da Guarda.*

Vindo o rei D. Manoel a Setubal, nos primeiros annos do seculo XVI, ficou encantado com a belleza do *campo da Barbuda* [1], tão plano, vasto e aprazivel.

[1] *Barbuda* não significava alcunha, nem mulher com barbas. É um appellido nobre de Portugal. (Vide vol. 1.º, pag. 323, col. 1.ª, no fim.)

Barbuda, era tambem uma moeda, de prata muito ligada, do tamanho dos nossos *tostões* antigos, cunhada no tempo de D. Fernando I.

Querendo fazer mercê aos setubalenses, dando-lhe um logar amplo, proximo da povoação, onde elles se podessem deleitar, o comprou aos seus possuidores, entregando-o á camara, para o aformosear.

A ermida do *Anjo da Guarda* (desde muitos annos denominada do *Bom Jesus do Bom-Fim*, teve a origem seguinte:

O padre Diogo Mendes, de nação castelhano, fez testamento, em 14 de maio de 1669, em Setubal.

N'este testamento, declarou, que não tinha herdeiros forçados, e ordenou que se cantasse uma missa de diacono, no dia do seu fallecimento. Que o acompanhassem á sepultura vinte e quatro sacerdotes, e o sepultassem na ermida do Anjo da Guarda, se esta já estivesse concluida; e não o estando, o enterrassem na egreja da sua parochia (Nossa Senhora da Graça) e transferissem depois os seus ossos para a nova ermida, logo que esta estivesse acabada; recolhendo-os em sepultura, com uma pedra de oito palmos de comprido e cinco de largo.

Que se dissessem por sua alma, quinhentas missas, resadas.

Declarou que tinha ajustado a obra da construcção da ermida do Anjo da Guarda (hoje do Senhor do Bom-Fim) com Manoel Roiz e João Pedro, pela quantia de trez mil cento e vinte e cinco crusados) (1:250$000 réis) cujo titulo estava em poder de Domingos Alvares.

Declarou ter dinheiro, em poder de diversas pessoas (cujos nomes se mencionavam no testamento) em Portugal e Madrid.

Mandou que se comprassem quarenta mil réis de renda, para um capellão, que se obrigasse a dizer missa todos os dias, no altar-mór da egreja do Anjo da Guarda, e nomeou para capellão, o padre Manoel Peixoto, filho de Catharina Diniz, do qual dizia ter recebido muitos favores, e na falta d'este clerigo, nomeava o irmão do mesmo, o padre Luiz Peixoto.

Ordenou que, depois de cumpridos todos os seus legados, tudo o que restasse fosse para comprar ornamentos e outras cousas necessarias para a egreja do Anjo da Guarda.

Deixou á Misericordia, *mil réis, para o enterrarem*, e UM VINTEM, *havendo mandas forçosas* [1].

Ordenava que o seu cadaver fosse acompanhado á sepultura, por oito pobres, com tochas.

Nomeou seus testamenteiros, o prior de Santa Maria (Nossa Senhora da Graça) e Domingos Alvares; e por seu herdeiro, nomeou o Anjo da Guarda, *com o qual mandou, se gastasse toda a sua fazenda.*

Declarou ter nas algibeiras dos calções, trinta e tres dobrões, de nove mil réis cada um (297$000 réis).

Nomeou padroeiro da capella do Anjo da Guarda, o prior da freguezia da Senhora da Graça e seus successores [2].

Pediu tambem á irmandade dos clerigos, que o enterrasse, declarando ser sacerdote estrangeiro, e *não ter casa em Setubal, onde só viera para fazer construir o templo do Anjo da Guarda.*

Deixou á irmandade dos clerigos, 5$000

Valia 20 soldos e 3 dinheiros, ou 96 réis. Depois, o mesmo rei a baixou a 14 soldos.

Chamava-se *barbuda*, porque de um dos lados, tinha uma *cellada* (peça de morrião ou capacete, tambem chamada *barbuda*) com uma corôa por cima. Em volta tinha esta legenda: — SI DOMINUS MIHI ADJUTOR, NON TIMEBO. — Do outro lado, tinha uma cruz da ordem de Christo, e no meio da cruz, um escudete com as Quinas e a legenda: — FERNANDUS REX PORTUGALIÆ AL.

[1] Antigamente, *manda*, era synonymo de testamento. Depois, se tomou por tudo o que o testador *manda* e determina, além do seu testamento, ou codicillo.

Tambem se dava o nome de *manda*, á qualquer legado que o testador mandava cumprir no testamento, ou depois d'elle fechado; porisso, manda vinha a ser — n'este caso — o mesmo que testamento.

Havia *mandas escriptas*, e *mandas verbaes.*

Qual d'estas entendia o padre Diogo Mendes, por *manda forçada?* — É o que não sei.

[2] O testamento do padre Diogo Mendes, foi religiosamente cumprido, e os seus ossos estão na capella do Bom-Fim, de que elle fôra o unico fundador; e não mandou só construir a capella mór (como se lê a pag. 195 da *Memoria*) mas todo o templo, com as suas imagens, paramentos e alfaias, como acabámos de ver do respectivo testamento.

réis, para cêra, e mil réis de offerta, á parochia.

O testamento foi approvado pelo tabellião Antonio Borges Ferreira.

D'este testamento tirou certidão, o tabellião Luiz Barbosa Soares, em 20 de fevereiro de 1733, para se guardar no archivo da parochia, a requerimento do prior, padre Jeronymo Affonso Botelho.

Houve-se com muito zêlo e sollicitude, o rev.º padre Francisco Netto Moreira de Carvalho, prior encommendado da freguezia de Nossa Senhora da Graça, até ha poucos mezes, d'este anno de 1880, para a reparação e decoração d'esta formosa ermida.

Desde então, se deu ao *Campo da Barbuda*, a denominação de *Campo do Anjo da Guarda*.

Depois, se deu á capella, por padroeiro, o Senhor Jesus do Bom-Fim, pelo que, tornou a ser *crismada* esta planicie, com o nome de *Campo do Bom-Fim*, que é o actual.

Está a ermida ao fundo do campo (ao N.) e é ampla, formosa e clara, ficando-lhe na frente (ao S.) o passeio publico do Bom-Fim.

Foi o Senhor Jesus do Bom-Fim objecto de grande devoção, não só do povo de Setubal, mas do de Palmella, Azeitão, Cezimbra, Alcacer do Sal, Almada, Lisboa, e outras povoações.

D. João V esteve em Setubal, em junho de 1711, acompanhado de muitos fidalgos, para cumprir uma promessa que havia feito ao Senhor do Bom-Fim, pelas melhoras de seu pae, D. Pedro II, quando esteve gravemente doente [1].

Vou transcrever aqui alguns trechos do capitulo IV, pag. 22, do 6.º vol., do *Gabinete historico*, de frei Claudio da Conceição, ex-definidor, examinador synodal do patriarchado, prégador régio, e religioso da provincia de Santa Maria da Arrabida.

«Convalescendo o Senhor Rei D. João V, de huma queixa de flatos, o aconselharam os medicos, que sahisse ao campo, a gozar do beneficio do ar livre, util remedio para aquella molestia.

«Resolveu o rei hir estar alguns dias em Azeitão, da outra parte do Téjo.

«A Rainha sua Esposa, o quiz acompanhar, porem, achando-se prenhe, de trez para quatro mezes, o não consentiram os medicos, para se não expor a algum incidente que lhe fosse funesto.

«Em um domingo, 14 de junho (de 1711) sahiu El-Rei do Paço, acompanhado dos Senhores infantes D. Francisco, D. Manoel, e de pouca familia; porque sómente ordenou o acompanhasse o Duque de Cadaval; o Duque D. Jaime, seu filho; o Bispo Capellão-Mór, D. Nuno da Cunha Ataide, todos trez do conselho de Estado, e outros fidalgos mais, e creados, precizos, para assistencia e serviço da sua Real Pessôa.

«Desembarcando em Côina, entrou com seus irmãos em um coche, e em pouco tempo chegaram á aldeia de Nogueira (Villa Nogueira) onde lhes estava preparada a casa que haviam de habitar.

«O senhor infante D. Francisco quiz ficar na quinta de Ayres de Saldanha, que tinha mandado preparar e previnir, pelos officiaes da sua casa.»

Resumindo:

No dia seguinte, foi o rei e os infantes seus irmãos, visitar o convento dominico de Villa Nogueira, e no outro dia, foi ver o convento da Arrabida.

No dia 19, foi com os infantes, á villa de Cezimbra, ver uma pescaria.

Embarcou no bergantim real, com seus irmãos, e se divertiu vendo pescar grande quantidade de peixe. No mesmo dia recolheu a Azeitão (Villa Nogueira.)

Decidindo marchar para Setubal, mandou

[1] É o que diz a *Memoria de Setubal*, a pag. 194; mas eu não entendo isto muito bem; porque D. Pedro II morreu, em Lisboa, a 6 de dezembro de 1706. Ou a promessa foi cumprida muito tarde (quatro mezes e meio depois da morte do pae) e não foi pelas melhoras da doença que o levou, mas d'outra antecedente, de que tinha escapado, ou D. João V fizera a promessa para se descartar mais cêdo do pae, o que não é de presumir, attendendo a piedade d'este monarcha — ou elle veio a Setubal para cumprir uma outra promessa.

chamar a Lisboa, o marquez de Fontes, os condes de Cuculim [1] Redondo, Pombeiro, S. Lourenço, Ericeira, Unhão, e Villar-Maior, os quaes logo se apresentaram em Azeitão, assim como a guarda dos archeiros.

O rei sahiu de Azeitão, no dia 20 do dito mez de junho de 1711, com seus irmãos, D. Antonio e D. Manoel, deixando de o acompanhar o infante D. Francisco, por ficar doente de cama.

D. João V fez a sua entrada em Setubal, no meio das maiores demonstrações de regosijo do povo.

Foi logo á ermida do Senhor Jesus do Bom-Fim, com os infantes e mais sequito, que alli fizeram oração, depois da qual mandou os infantes recolher, em coche, ao paço da villa, acompanhados do conde da Vidigueira.

O rei hia vestido de encarnado, levando no chapeu um broche de diamantes, de grande valor, e montado em um soberbo cavallo ruço, ricamente ajaezado.

Toda a real comitiva acompanhava a cavallo, hindo adiante dois porteiros da canna; o corregedor do crime, da côrte e casa, Belchior da Cunha Brochado, e os ministros de justiça de Azeitão e Setubal. Seguiam-se os fidalgos, segundo as suas cathegorias. O duque do Cadaval, pae, hia á esquerda do rei, e á direita, seu filho, o duque D. Jayme; e atraz do rei, o marquez d'Alegrete, servindo de estribeiro-mór, na ausencia do conde de Vianna, que estava doente, em Condeixa.

Distante cem passos da porta da villa, estava esperando o rei, o prior da egreja de Nossa Senhora da Graça, de capa de asperges, acompanhado dos freires da ordem de S. Thiago, em communidade, e com seus véus de hombros.

N'este logar se apearam todos, menos o rei e o estribeiro-mór. O prior deu a beijar ao rei uma cruz de prata liza, o que elle fez *mesmo a cavallo*. Os fidalgos e todas as mais pessoas do sequito, hiam a pé e descobertos, diante do cavallo do rei, e os freires em duas alas, e no centro a côrte. A guarda tudêsca hia por fóra das alas dos freires.

N'esta ordem chegaram á porta da villa, onde, de um palanque, o juiz de fóra, Sebastião Salema Peçanha, fez uma breve falla, elogiando o soberano.

A porta estava ornada com um arco triumphal, e o vereador mais velho, Mathias da Silva Cabral, offereceu ao rei, em uma salva de prata doirada, as chaves da villa, dizendo-lhe que *aquelle era o jeroglifico dos corações de todos aquelles vassallos*, etc.

D. João V, pegou nas chaves e as tornou a pôr na salva. Então os vereadores, largando as varas da camara, pegaram nas de um rico palio, de tella branca, sob o qual levaram o rei — *a cavallo! — e os grandes do reino, todos atraz, a pé e descobertos.*

Não havia então na villa, alcaide-mór «que *levasse o rei, de redea*». (?) pelo que elle nomeou o duque do Cadaval, filho (Dom Jayme, seu cunhado [1], que, a pé e descoberto, o *levou* (ao rei) *por um listão*, etc.

N'esta fórma, marcharam para a egreja, por entre um grande concurso de povo, trez arcos triumphaes, e as janellas vistosamente armadas; havendo pelas ruas muitas danças.

Chegado o prestito á egreja matriz, da Senhora da Graça, se apeou o rei, ficando os vereadores fóra da porta, com o palio; porque dentro da egreja, estavam os freires de S. Thiago, de sobrepeliz e murça, da sua ordem, com outro palio, e, debaixo d'elle, foi o rei ajoelhar-se no *sitial* que lhe estava preparado. Depois de breve oração, sahiu da egreja, e montando a cavallo, foi tudo na mesma ordem seguida até alli, para o paço.

O rei mandou soltar todos os presos que estavam na cadeia.

A praça, as fortalezas e os navios de guerra que estavam no rio, deram repetidas salvas; e por trez noites houve luminarias e fogos de artificio. Na praça houve corridas de touros, sendo cavalleiro, Antonio Antunes, ajudante de cavallaria.

[1] Cuculim, é uma villa, na comarca de Salsête, na India.

[1] D. Jayme, terceiro duque do Cadaval, era casado com D. Luiza, filha legitimada de D. Pedro II, viuva de D. Luiz, segundo duque do Cadaval, irmão de D. Jayme. (Vide vol. 2.º, pag. 31, col. 2.ª, e *Tentugal*).

D. João V foi visitar as fortalezas, os mosteiros e tudo o mais que em Setubal é digno de nota; hindo tambem pelo rio, no seu bergantim, visitar a torre do Outão, da qual era então governador, Bernardo de Vasconcellos e Souza, que lhe deu um *refresco de doces e fructas*, do qual comeram, o rei e os infantes, e depois d'elles, os fidalgos da companhia.

Depois, atravessando o Sádo, passou a Troia, onde correu algumas lebres, e em seguida se recolheu ao paço.

Tambem foi visitar o castello de S. Philippe, do qual era então governador João Sanches de Baena.

De Setubal, foi o rei, os infantes e a côrte, visitar a villa de Palmella, etc.

—

Antigamente, era o Senhor do Bom-Fim visitado por muitos cirios, que se recolhiam nas hospedarias contiguas á ermida; e, por occasião de calamidades publicas, se faziam muitas preces e procissões ao padroeiro.

—

Desde o adro da egreja de Jesus, até á ermida do Bom-Fim, estão as cruzes de uma via sacra, sendo a ultima estação proxima da ermida, composta de um altar de pedra, e trez cruzes.

Esta via sacra foi feita á custa de esmolas dos fieis, no anno de 1728, como se vê de uma inscripção que está gravada em uma lapide, no Calvario.

—

Faz-se annualmente uma grande festividade, ao Senhor do Bom-Fim, no dia 1.° de novembro, em cumprimento de um voto feito pela camara e pelo povo de Setubal, em seguida ao terramoto do 1.° de novembro de 1755.

Tambem a 11 de novembro de cada anno se faz outra festa ao Senhor do Bom-Fim, instituida por alguns devotos, desde que n'esta cidade houve o terramoto de 11 de novembro de 1858.

Ambas estas festas são concorridissimas.

—

13.ª — *Corpo Santo* (S. Pedro Gonçalves.) —Esta ermida fica muito proxima da egreja matriz de Santa Maria da Graça. Tem magnifica obra de talha dourada, em excellente estado de conservação.

Esteve aqui erecta a antiquissima confraria dos navegantes e pescadores de Setubal, cujo padroeiro e advogado da sua classe é S. Pedro Gonçalves, ao qual aqui davam a invocação de *Corpo Santo*, e a que os marinheiros dão o nome de *Santelmo*.

Os confrades gozavam muitos e importantes privilegios, entre elles, a isenção de servirem encargos do concelho [1].

A irmandade do Corpo Santo tinha o privilegio de hir com a sua cruz, nas procissões, no logar de honra, atraz das outras irmandades.

Em 24 de dezembro de 1444, o infante D. Pedro, regente do reino, na menoridade de seu sobrinho e genro, D. Affonso V, por uma provisão d'esta data, isentou os mareantes, da casa do Corpo Santo, dos cargos publicos do concelho e do pagamento de impostos, para o mesmo concelho.

Uma carta régia do rei D. Manoel, datada de 24 de outubro de 1500, ordena que os juizes da casa do Corpo Santo possam mandar prender os mareantes que lhes sejam reveis.

No 1.° de janeiro de 1635, D. Philippe IV confirmou todos os privilegios concedidos pelos seus antecessores, á casa do Corpo Santo.

Em 1663, foi concedido aos juizes da casa do Corpo Santo, em attenção aos serviços por elles prestados, durante a guerra da restauração, que fossem eleitos para os cargos da camara, quando para isso tivessem aptidão e capacidade.

Em 21 de abril de 1704, D. João Diogo de

[1] O rei D. José I, em uma carta de confirmação dos antigos privilegios d'esta confraria, diz: «e nos praz que não pouzem com elles, nem cada um d'elles, nem lhes dêem suas casas de morada, adegas, nem cavallariças de aposentadoria, nem lhes tomem sua roupa, salvo quando nós, ou o principe, meu, sobre todos, muito amado e presado filho, á villa de Setubal formos.»

O traslado d'esta carta regia e os de outras muito mais antigas, existem no archivo da camara municipal. A ultima d'estas cartas é do principe regente, depois D. João VI.

Athaide, sargento-mór de batalha, passou uma certidão, declarando os bons serviços dos mareantes da casa do Corpo Santo, de Setubal, prestando todos os barcos precizos para o transporte das tropas inglezas, até ao Porto d'El-Rei [1].

No archivo da municipalidade, que tomou posse d'esta ermida, existe o *Compromisso dos navegantes e pescadores da villa de Setubal, unidas na capella do Corpo Santo, da mesma villa. Anno 1737.*

Segundo este compromisso, a mesa da irmandade, tem obrigação de dotar, *inviolavelmente,* todos os annos, duas orphans, filhas de irmãos — uma da freguezia de S. Julião, ou de Nossa Senhora da Annunciada — outra da da Senhora da Graça, ou de S. Sebastião.

Não se davam dotes á orphans que não tivessem completado 12 annos de edade.

Era a irmandade obrigada a fazer a festa ao seu orago (S. Pedro Gonçalves) no domingo de Paschoella, com pompa e grandeza, e assistindo toda a mesa.

N'este dia é que o prégador, antes do sermão, dizia do pulpito os nomes das orphans contempladas com o dote, n'aquelle anno.

No dia seguinte, a irmandade festejava, na egreja de S. Julião, a Senhora da Bôa-Viagem.

De trez em trez annos, faziam arrendamento, da renda dos dous peixes que a confraria tinha na ribeira, sendo entregue ao que maior lanço offerecesse, depois de dar fiador idoneo.

O mesmo praticava a mesa, com as hortas, que egualmente eram arrendadas de trez em trez annos.

[1] Estas tropas (10:000 homens) vieram a Portugal, com o archiduque Carlos, d'Austria, que se denominava rei de Hespanha, sob o nome de Carlos III, contra Philippe V (o duque d'Anjou) que por fim, ficou com a corôa.

As tropas do archiduque, chegaram a Lisboa, na esquadra ingleza e hollandeza, em 1703.

Em outra parte d'esta obra, fica relatado o principio, e fim d'esta guerra, em que o nosso D. Pedro II nos envolveu, sem necessidade. (Vide 4.º vol., paginas 369, col. 1.ª)

D'estas rendas se pagava aos capellães.

Tudo isto era determinado pelo compromisso referido.

A corporação da caza do Corpo Santo, entregou por deposito, em 1801, ao prior da freguezia da Senhora da Graça, objectos de prata, do pêso de *trez arrobas, 26 arrateis, oito onças e 4 oitavas.*

Em 1808, deu a casa do Corpo Santo, 1:800$000 réis, para as despezas que tinham de ser custeadas pela caixa militar, para a restauração d'este reino, e guerra contra os francezes.

Em 1809, deu tambem, para ajuda das despezas com as obras de fortificação de Setubal, feitas pelo general, Manoel d'Almeida e Vasconcellos, a quantia de 250$000 réis.

Em 1811, deu 451$823 réis, para desmontar a artilheria de alguns fortes.

Desde 1809 até 1815, inclusivè, deu todos os annos, para ajuda das despezas do exercito, 600$000 réis.

Nos annos de 1811, até 1815, deu ainda a casa do Corpo Santo, 2:061$265 réis, para a reconstrucção do caes de Nossa Senhora da Conceição, onde ainda se fazem os embarques e desembarques, n'esta cidade.

Este caes, é o que está junto ao antigo baluarte da Conceição, quartel actual do batalhão de caçadores n.º 1.

Além de tudo quanto fica dito, ainda a caza do Corpo Santo dava importantes quantias para remissão dos captivos.

Vemos pois, que a caza do Corpo Santo, de Setubal, foi uma instituição importantissima, e que concorria sempre, briosamente, para as necessidades publicas; e foi porisso, que os nossos reis lhe concederam muitos privilegios e isenções, que acabaram em 1834.

Actualmente, tem a sua séde na caza do Corpo Santo, duas associações maritimas, uma denominada *Monte-pio da corporação maritima, da caza do Corpo Santo,* composta dos pescadores de anzol, cujos estatutos foram approvados por portaria de 7 de janeiro de 1862 — e outra, denominada, *Sociedade setubalense de pescaria franciscana.*

—

14.ª — *Santo Antonio do Postigo.* — Ermida antiquissima. N'ella está erecta *a Congregação de Nossa Senhora das Dôres*, composta de individuos pertencentes ás principaes familias de Setubal.

Tambem ainda aqui existe a confraria de *Nossa Senhora da Guia*, que faz a sua festa, a 6 de janeiro de cada anno. É composta de *marnôtos* (empregados nas salinas). Tinha bandeira do officio.

—

15.ª *Nossa Senhora da Conceição, do Caes* — (Oratorio) — A imagem d'esta Senhora, está em uma formosa maquineta de marmore, no angulo sul do antigo baluarte do Caes (ou da Conceição) que serve de quartel ao batalhão de caçadores n.º 1, e que, desde muitos annos, tem servido de quartel aos outros corpos que teem feito a guarnição de Setubal.

Tem a Senhora uma confraria, composta dos guardas e remadores da alfandega e de outros devotos, que lhe fazem todos os annos, em um domingo d'agosto, uma explendida festa.

Este oratorio foi construido no reinado de D. João IV.

—

16.ª — *Nossa Senhora do Carmo, da Arrabida* — Esta ermida foi construida em uma quebrada que faz a serra da Arrabida, quasi no seu termo para o lado do O., por D. Magdalena Girão, duqueza d'Aveiro, e filha dos duques de Ossuna (Hespanha) e para que se não ignorasse a todo o tempo, que a fundadora era castelhána, se deu á padroeira da ermida, a invocação de *Nossa Senhora del Carmen.*

Está em sitio deserto e desabrido, mas é um templo bastante espaçoso, e sobre o arco cruseiro foram gravadas as armas da casa d'Aveiro.

Teve uma grande e rica irmandade, composta de gente de Setubal, Palmella, Azeitão e Cezimbra, a qual lhe fazia uma explendorosa festa annual, havendo por essa occasião, *entremezes*, bailes e outros divertimentos usados n'aquelle tempo; mas como elles nem sempre eram decentes, antes davam logar a bastantes inconveniencias, o cabido metropolitano de Lisboa, *sede vacante*, mandou affixar nas portas da ermida uma pastoral, no anno de 1714, impondo pena de excommunhão maior, a quem continuasse com aquelles divertimentos; não permittindo que houvesse mais do que missa cantada, sermão, musica e procissão.

Ignora-se o anno da fundação da ermida, sabe-se apenas que foi pelo meiado do seculo XVI.

A irmandade, mandou construir varias casas de aposentadoria aos dous lados da ermida, não só para abrigo dos irmãos, e guarda das alfaias da Senhora, como para acolheita dos romeiros.

Sobre a porta de uma d'estas casas, que estão á direita da ermida, se vê esta inscripção:

ESTAS CASAS MANDOU FAZER
A IRMANDADE DE SETUBAL,
E SE ACABOU A OBRA, NO ANNO
DE 1611.

Tinha a capella um eremitão que cuidava do aceio e conservação do templo. Tinha boas casas de residencia, na rectaguarda do templo, com sua cêrca murada.

Tinha tambem um capellão que dizia missa na capella, em todos os domingos e dias santificados.

Tanto o capellão como o eremitão, tinham uma *ordinaria*, estabelecida pelos duques fundadores, mas desde 1759 deixou de haver esta ordinaria, com a extincção da casa d'Aveiro.

N'esta ermida havia tambem a imagem de *Nossa Senhora da Pinha*, objecto tambem de muita devoção.

Com o fim tragico da casa d'Aveiro, se foi abandonando este templosinho, e hoje está alli tudo arruinado, e a grande festa da Senhora do Carmo, ha muitos annos que se não faz.

—

Misericordia

A irmandade da Misericordia foi instituida em 1501, a pedido dos setubalenses.

Rodrigo Affonso, do conselho do rei D. Ma-

noel, e vedor da fazenda da infanta D. Maria (senhora de Viseu e Torres Vedras, filha do referido monarcha, e de sua terceira mulher, a rainha D. Leonor) doou para ajuda da creação da Misericordia de Setubal, em 1500, uma egreja que possuia, da invocação de *Santa Maria dos Anjos*, visinha do mosteiro de Jesus, e as terras annexas á mesma egreja.

A irmandade da Misericordia tratou, em 1566, de fundar hospital seu, o que foi approvado por alvará de 22 de dezembro d'esse anno.

A 16 de novembro de 1569, vendeu a confraria (sendo seu provedor Diogo Botelho Callado) ás religiosas do mosteiro de Jesus, por 115$000 réis, tudo quanto havia sido doado pelo dito Rodrigo Affonso.

Parece que, quando se instituiu o hospital da Misericordia, foram n'elle incorporados os pequenos hospitaes, ou enfermarias que havia em Setubal.

Em 1567, o provedor e irmãos da Misericordia, pediram ao cardeal D. Henrique, regente do reino, na menoridade do rei D. Sebastião [1], que annexasse á confraria, o hospital da Annunciada; o que lhes foi concedido, por provisão de 19 de junho d'esse anno.

Os irmãos da confraria da Annunciada vieram com embargos, e o regente, attendendo a elles, annullou a provissão antecedente, por alvará de 2 de julho do mesmo anno.

Por alvará do governo civil do districto administrativo de Lisboa, de 4 de novembro de 1869, foram adjudicados á irmandade da Misericordia todos os bens, direitos e acções, da confraria de Nossa Senhora da Annunciada, que tinha sido extincta, por alvará do mesmo governo civil, de 23 de junho de 1861, sob a condição da Misericordia conservar e melhorar o antigo hospital da Annunciada, para tratamento de mulheres pobres.

Regeu-se a irmandade da Misericordia, de Setubal, pelo compromisso da de Lisboa, de 19 de maio de 1618; mas, por carta régia de 17 de abril de 1868, foi approvado o novo compromisso d'este estabelecimento, e é o que está em vigor.

O regulamento interno do hospital tinha sido escripto, e approvado, pela mesa e junta de conselheiros, em 21 de outubro de 1853.

O hospital é administrado gratuitamente, pela mesa, eleita pela irmandade, no dia 2 de julho de cada anno.

Tem duas enfermarias — uma de medicina, outra de cirurgia — cada uma com camas para quarenta doentes.

Tem uma casa de convalescença, com vinte e trez leitos.

Está em boas condições hygienicas, e com a maxima limpeza.

As enfermarias são illuminadas a gaz.

O capital d'este estabelecimento regula por *noventa contos de réis*; e o seu rendimento é, aproximadamente, de *dez contos de réis*.

—

Teve esta confraria irmãos da mais alta nobreza, entre elles — o marquez de Torres Novas, e seus irmãos, D. Luiz e D. Antonio de Lencastre, que se inscreveram em 1628 — os marquezes de Porto Seguro, e da Fronteira, e outros titulares.

—

Teve esta Santa Casa os legados de cento e vinte e oito capellas: hoje só tem uma; porque as outras foram supprimidas por diversos breves e outras disposições.

Por uma provisão de D. Philippe III, de 15 de março de 1610, se concedeu que os irmãos da Misericordia fossem isentos de servirem os cargos de vereadores e almotacés, na conformidade dos seus antigos privilegios.

—

Em 24 de outubro de 1636, D. Philippe IV, mandou que esta Santa Casa tivesse mais quatro irmãos, para que, com os oito que já tinha, pedissem esmolas, para os enfermos

[1] Na *Memoria sobre a historia de Setubal* (pag. 217) diz-se que foi a D. Sebastião. É engano. Em 1567, tinha o rei D. Sebastião apenas treze annos e cinco mezes, e quem governava o reino como regente, era D. Henrique, depois, o tristemente celebre *cardeal-rei*.

D. Sebastião só tomou conta do governo do reino em 1568.

e encarcerados; e que os novos irmãos gozassem os mesmos privilegios dos antigos.

—

A egreja da Misericordia, contigua ao hospital, e no largo mesmo chamado da Misericordia, é vasta, muito clara e aceiada. Á esquerda de quem entra, se vê, embutida na parede, esta inscripção:

S.ª DO P.ᵉ DUARTE BORGES, VIGR.º
DA VARA, QUE FOI, NESTA V.ª E SEV
ARCIPRESTADO, INSTITVHIDOR
DE HVA CAP.ª NESTA S.ᵗᵃ CAZA, QUE
DOTOV COM TODA SVA FAZENDA.

Do lado direito, de quem entra, está, tambem embutida na parede, esta inscripção:

S.ª PERPETUA, DE ESTEVÃO
DA MOTTA MONIZ, E DE TODOS
OS POSSVIDORES DO MORGADO
QUE ELLE INSTITUIU.

—

Em 1498, concede-se á irmandade da Misericordia, de Setubal, poder tirar os cadaveres dos enforcados, do patibulo, e dar-lhes sepultura em sagrado.

—

Por uma provisão do reí D. Manoel, de 22 de julho de 1512, é ordenado que os bens de pessoas fallecidas nas villas e logares do almoxarifado de Setubal, sem testamento, ou, tendo-o, n'elle deixem bens á Misericordia, se entenda que ficam pertencendo á de Setubal, e a nenhuma outra.

—

No ultimo anno do seu reinado, concedeu o rei D. Manoel [1] que houvesse doze mamposteiros, destinados a pedirem esmolas para a Misericordia de Setubal, nos logares do mestrado da ordem de S. Thiago.

—

Philippe II concedeu aos irmãos da Misericordia de Setubal, por provisão de 1589, o privilegio de não irem aos *alardos*.

—

Tambem á Misericordia foi concedida permissão para mandar fazer na cadeia, um oratorio, para n'elle se dizer missa aos presos, nos domingos e dias santificados.

—

Antigos hospitaes e albergarias que hoje não existem

1.º — *Espirito Santo.* — Não se sabe quando foi fundado; mas já existia em 1539. Parece que era na Rua Direita, hoje chamada do Trôino.

—

2.º — *Albergaria da Horta do Rio.* — Tambem se ignora a data da sua fundação (provavelmente, era do principio da monarchia, que é quando se fundaram estas casas de caridade.)

Ficava proximo da Rua Direita (a tal do Trôino) e na dita Horta do Rio, onde existe actualmente um telheiro, o qual ainda serve de acolheita aos mendigos adventicios.

—

Gafaria

Ficava extra-muros (como todas as gafarias de Portugal) na estrada de S. João.

Ainda existe, entre pequenas casas, de construcção moderna, um portico, de cantaria, notavel pela antiguidade que revella. Serve de entrada a uma propriedade, chamada a *Horta*. Ao fundo, vê-se um muro, que separa um pequeno pateo, da dita horta. A alguma distancia, se vê o recolhimento de Nossa Senhora da Saude, e, mais ao longe, a serra do Viso (onde se deu o combate que já referi, entre os *cabraes* e os populares, em 1847) com seus casaes e moinhos de vento.

Na verga da porta, ainda se lê distinctamente a seguinte inscripção, em latim abreviado, da edade média, extrahida do cap. I do *Ecclesiastes*, versiculo 2.º: — VANITAS VANITATUM, ET OMNIA VANITAS. (Vaidade das vaidades, e tudo vaidade.)

—

É pasmoso o numero de *gafarias* (hospitaes de leprozos) que antigamente havia em Portugal. Tambem se lhes dava o nome de *conventos*, ou *leprosorios*, ou *ordens de S. Lazaro*, santo que era o seu patrono, ou tutellar, pois tambem foi leprozo.

[1] D. Manoel falleceu em Lisboa, a 13 de dezembro de 1521.

Os nossos antepassados foram, em grande parte, victimas d'esta ascorosa molestia, e por isso se multiplicaram tanto estes estabelecimentos de caridade, e todos, fóra das povoações, onde alguns ainda existem, ou em ruinas, ou applicados a outros usos.

Cessou quasi totalmente esta horrorosa enfermidade, depois que o panno de linho, e o assucar, refrescaram a cutis, e adoçaram o sangue; e desde que se abandonaram os vestidos de pelles de carneiro, sobre a epiderme.

Ainda se dá o nome de *gafo*, ao que soffre esta molestia.

Nas Inquirições reaes de 1310, no julgado da Maia, e na freguezia de S. Vicente da Queimadella (hoje S. Pedro) então do julgado da Maia, e hoje no concelho de Fafe, se mandou ficar como estava, a *ferraria* (ferragial, prado, lameiro) que traziam por *honra toda, os gafos de Alfena*, porque tinha sido de D. João Peres da Maia.

Joanna Annes, fez testamento, em 1377, e n'elle deixa aos gafos de Lamêgo cinco soldos.

Em 1383, Pedro Pires, *meio prebendado na Sé de Lamêgo*, deixou por testamento, aos gafos, por amor de Deus, cinco libras; e para sempre, um alqueire de azeite, para a alampada.

A *Vinha de Sapos*, em Lamêgo, era um prazo dos gafos da mesma cidade.

—

Asylo da Infancia Desvalida

Foi aberto este piedoso estabelecimento, em 28 de junho de 1868, no edificio do antigo recolhimento de Nossa Senhora da Saude, a cuja egreja é contiguo [1].

Muitos bemfeitores, de ambos os sexos, teem contribuido com donativos e serviços, em favor d'este asylo. Os seus principaes fundos proveem de dous legados — um deixado por D. Gertrudes Angelica de Andrade Ligeiro — e outro, pelo commendador Francisco de Borja Freire [1].

—

Este asylo, desde a sua abertura até ao fim do anno de 1878, tem admittido quarenta alumnas internas, muitas das quaes, depois de educadas, e sufficientemente instruidas para a modesta occupação a que podem ser destinadas, se acham empregadas em casa de familias honestas, com bom credito do estabelecimento, para onde entraram, tiradas da indigencia.

—

«O relatorio e contas do conselho director do asylo de infancia desvalida, da cidade de Setubal, respectivo ao anno de 1876, mostra a grande carencia de receita que tem aquella sympathica instituição, unica em terra tão populosa e abundante de creanças indigentes.

«Apesar dos humanitarios e mui beneficos intuitos do estabelecimento a que nos referimos, nem sempre o tem acompanhado, infelizmente, aquella protecção que o nosso publico costuma conceder a institutos de tal natureza, sem a qual elles não podem amparar os infelizes que se acolhem á sua caridosa sombra.

«O asylo de Setubal não tem outros recursos senão os que a caridade particular lhe tem fornecido e continúa a fornecer; mas esses mesmos vão-lhe escasseando, porque um conjuncto de circumstancias desfavora-

[1] Deve Setubal este piedoso estabelecimento, que tanto a honra, á iniciativa do esclarecido e prestante setubalense, o sr. Manoel Maria Portella, tantas vezes, com justiça, mencionado n'este artigo.

[1] O asylo de infancia desvalida d'esta cidade, em resultado da sentença que julgou a reforma de partilha do legado deixado pelo commendador Francisco de Borja Freire, teve de entregar, no prazo de dez dias, (a 5 de dezembro de 1876) da parte que recebeu d'aquelle legado, 3:500$000 réis em inscripções e 525$000 réis em dinheiro, de juros d'ellas, ás casas de asylo de infancia desvalida de Lisboa.

Esta reposição, que collocou em grandes embaraços a administração do asylo de Setubal, é consequencia de haverem as ditas casas de asylo de Lisboa vencido o pleito que propozeram para que fosse cada uma d'ellas contemplada de per si com parte do legado, como qualquer outro asylo, e não em commum com uma só parte, como se fizera, por serem administradas todas aquellas casas pela mesma associação.

veis, e estranhas á sua administração, tem prejudicado os seus rendimentos. A reposição de um legado importante, que outros asylos foram julgados com direito de reclamar, como vimos, a falta de alguns socios bemfeitores, e outras causas fizeram diminuir a receita do asylo, no anno que findou, cêrca de 200$000 réis, aggravando estas desgraçadas condições a elevação do preço dos generos alimenticios.

«São apenas dezoito as creanças que o asylo de Setubal tem hoje recolhidas, nem mais comportam os seus minguados recursos. Se formos a comparar esse pequeno numero com o mappa da população pobre de Setubal, na sua grande maioria composta de pescadores, veremos que as desgraçadinhas, faltas de pão do corpo e do espirito, que definham em lôbregas e immundas habitações, nos bairros mais populosos, estão com referencia ás asyladas n'uma espantosa desproporção.

«Toda a protecção pois que o publico queira dispensar ao asylo de infancia desvalida da cidade de Setubal, será não só uma obra de caridade, mas altamente civilisadora, porque ajudará a arrancar da miseria e do embrutecimento mais algumas infelizes.»

(Extrahido do *Diario Illustrado n.º 1545*, de 16 de maio de 1877.)

Com effeito, assim era no principio do anno de 1877. Hoje, as circumstancias mudaram muito, para bem, felizmente. O asylo dá protecção a quarenta creanças — vinte asyladas internas, e vinte asyladas e educandas externas, cuja educação, desde abril d'este anno de 1880, tem sido confiada ás *Irmans Hospitaleiras* portuguezas.

A administração economica e a educação moral teem melhorado muito n'este estabelecimento de caridade, depois que aquellas virtuosissimas senhoras superintendem n'elle.

Abençoado seja quem teve a feliz lembrança de entregar a direcção do asylo ás santas Irmans Hospitaleiras.

—

O sr. barão de S. Miguel dos Campos, brasileiro, acaba de dar ao asylo uma quantia importante, para a construcção de uma casa de escola de instrucção primaria.

Para se adquirir este valioso donativo, muito concorreu o sr. dr. Domingos Garcia Peres, presidente do conselho director do asylo.

—

Hoje este estabelecimento está em melhores condições, pois que a receita dá para a despeza, como acabamos de vêr; mas é porque não se admittem os asylados que o asylo póde conter, e que os administradores desejariam.

—

Educam-se, vestem-se e sustentam-se aqui, as creanças indigentes.

A sua receita anda por 1:800$000 réis; e a despeza, por 1:600$000 réis.

—

Cemiterio publico

Tem esta cidade um magnifico cemiterio publico, onde se vêem já bastantes mausoleus, alguns de optima esculptura. Tem uma bella ermida, cuja primeira pedra foi lançada, com grande solemnidade, em 22 de maio de 1859, e benzida em 12 de maio de 1861. É da invocação de *Nossa Senhora da Piedade.*

Tem o cemiterio oito quadros, ou taboleiros, divididos por quatro ruas, e estas, e a que o cerca em volta, assombradas por cyprestes, e adornadas de varias plantas e flores [1].

O seu portico é de marmore branco, e de boa esculptura.

N'este cemiterio foi sepultado, no dia 26 de novembro de 1861 (tendo fallecido na vespera) João Correia Manoel d'Abuim, natural de Lisboa, onde havia nascido em 1819.

Foi um dos melhores poetas lyricos do seu tempo, como o provam as suas diversas composições.

[1] Actualmente (outubro de 1880) está sendo accrescentado com mais um quadro, para o lado do sul, em vista do augmento da população da cidade.

—

Setubal militar

Foi Setubal uma praça de guerra de primeira ordem, cingida de duas grossas muralhas. A mais antiga foi mandada construir por D. Affonso IV, e concluida por seu filho, D. Pedro I, entre os annos de 1350 e 1360. Era guarnecida de altas torres quadradas, com ameias.

Tinha esta circumvalação, cinco portas, denominadas — *Nova*, *d'Evora* (vulgo, *da Herva*) dos *Padres da Companhia* (antigamente, *da Villa*), de *S. Sebastião*, e *do Sol.*

Tinha nove *postigos*, com estes nomes — de *Santa Catharina*, do *Sapal* (ou *Buraco d'Agua*), de *Santo Antonio*, do *Carvão*, da *Alfandega*, da *Pedra*, de *S. Christovam*, da *Ribeira*, e das *Lobas*.

Castello de S. Philippe

D. Philippe II, que, alem de ter pouca confiança na resignação dos portuguezes, andava em crua guerra com os *Paizes Baixos*, que queria conquistar, e com a França e a Inglaterra, que protegiam D. Antonio, Prior do Crato, tratou de fortificar varios pontos da Peninsula, como temos visto pelo decurso d'esta obra.

Sendo Setubal um ponto importantissimo, militar e commercialmente fallando, mandou construir o castello de S. Philippe, pelo risco e sob a direcção do architecto militar, italiano, *Philippe Terzo* (ou Tersio)[1]. O cardeal-rei o tinha feito, em 1579, mestre das obras dos paços reaes, e D. Philippe II, lhe confirmou este emprego, em 1590, nomeando-o tambem architecto e engenheiro militar, e dando-lhe uma commenda da ordem de Christo.

Em 1598, foi substituido, na direcção das obras d'este castello, por *Leonardo Furiano*, tambem natural da Italia. (Não se sabe, se por ter morrido Terzo, se por outro qualquer motivo.)

Este anno de 1598 foi o primeiro do reinado de D. Philippe III, e as obras se vieram a concluir, pelos annos de 1600.

Como architectura militar, é este castello de admiravel construcção, e tem merecido os elogios de pessoas competentes, nacionaes e estrangeiras.

Fica a uns 1:500 metros ao O. da cidade, e está sobranceiro ao Sádo, podendo a sua artilheria (se a tivesse) defender a barra, e proteger o castello do Outão.

Tem uma grande e bem construida cisterna.

Tinha uma boa casa, para residencia do governador, e quarteis para a guarnição, mas tudo ardeu, na noite de 10 de fevereiro de 1868, e não se tornou (nem talvez tornará) a reconstruir [1].

Tem servido algumas vezes de prisão do Estado, tanto na tentativa de regicidio contra D. João II, como na do mesmo crime, contra D. José I.

—

Sacudido o ominoso jugo da usurpação philippina, pela gloriosa revolução do 1.º de dezembro de 1640, tratou logo D. João IV, e depois seus filhos D. Affonso VI e D. Pedro II, de reconstruir e ampliar as nossas praças da fronteira, e, principalmente, a nossa costa maritima.

Setubal foi das primeiras praças de guerra em que se fizeram obras de defeza.

A população tinha augmentado, e não po-

[1] Este architecto estava em Portugal, desde o tempo do rei D. Sebastião, e o acompanhou, como *divisador de campo*, na infeliz jornada d'Alcacer-Kibir. Foi tambem o director da construcção do forte e cinco baluartes, na barra do Ave (Villa do Conde), do grande aqueducto que leva a agua ás freiras de Santa Clara, da mesma villa, e do aqueducto de Coimbra. Ficou captivo em Alcacer-Kibir, mas o cardeal-rei escreveu a D. Rodrigo de Menezes, para que o resgatasse, e D. Rodrigo assim cumpriu.

[1] Foi governador d'este castello, Jeronymo de Mello e Castro, do conselho ultramarino, e capitão das armadas da guarda-costa. Era pae do general Diniz de Mello e Castro, primeiro conde das Galveias.

Descendem do infante D. João (filho de D. Pedro I, e de D. Ignez de Castro) e de sua mulher, a infeliz D. Maria Telles de Menezes, assassinada em Coimbra, por seu marido, no dia 28 de novembro de 1377. (Vide 2.º vol., pag. 322, col. 1.ª)

dendo conter-se no ambito da antiga circumvalação, tinha construido novas casas de habitação, fóra das suas muralhas. Era precizo proteger estas casas, contra qualquer surpreza dos castelhanos, pelo que, D. João IV mandou construir um novo cinto de muralhas, abrangendo as novas construcções.

O proprio monarcha, em pessoa, veio por muitas vezes a Setubal, examinar o andamento das obras de defeza, em que sempre mostrou o maximo empenho.

Em 1658, mandou a rainha D. Luiza de Gusmão, regente do reino, na menoridade do rei D. Affonso VI, por uma provisão régia, que todos os damnos, feitos nas propriedades dos moradores de Setubal, com as obras de fortificação, se lhes pagasse com o dinheiro destinado ás mesmas fortificações; e, como não houvesse dinheiro prompto, determinou que aos prejudicados se pagasse o juro de 5 % ao anno, segundo a avaliação dos prejuizos; e que o capital se pagasse do dinheiro que viesse nas frotas do Brasil e da India.

Baluartes

As obras novas de fortificação comprehendiam — *nove baluartes* inteiros e dous meios baluartes, que eram:

1.° — do *Caes*, ou de *Nossa Senhora da Conceição*, onde foram os quarteis do regimento de Setubal (depois, infanteria n.° 7) e são os actuaes, do batalhão de caçadores n.° 1 — e onde estiveram os armazens das munições de guerra, e a casa da vedoria militar. É terraplenado externamente, e teve bôa artilheria de bronze e de ferro, de differentes calibres.

Tem cortina em roda, e serventia para o caes.

2.° — de *S. João*.
3.° — de *Nossa Senhora do Soccorro*.
4.° — de *Jesus*.
5.° — de *Nossa Senhora da Annunciada*.
6.° — de *Nossa Senhora da Saude*.
7.° — de *Santo Amaro*.
8.° — de *S. Francisco*.
9.° — de *Nossa Senhora do Carmo*.
10.° — das *Fontainhas*.
11.° — de *S. Domingos*.

Sobre todas estas portas havia ediculas, ou nichos, com a imagem do santo a que eram dedicadas.

—

Fóra das novas muralhas, tambem houve varios fortins, a saber — na Pedra-Furada — Brancanes — S. Luiz de Gonzaga, proximo ao antecedente — sobre o mosteiro de Jesus — e o quartel dos Olhos d'Agua. (Alguns d'estes fortins, não se chegaram a concluir, outros só ficaram em desenho.)

De tudo isto, apenas existem em bom estado, o baluarte do *Caes de Nossa Senhora da Conceição*, quartel dos caçadores — as fortalezas *d'Albarquel* — do *Outão* — e da *Arrabida*.

O castello de *S. Philippe* está meio desmantellado — do forte de *Nouguellas*, que foi atalaia dos cavalleiros de S. Thiago, apenas ha vestigios.

Havia um forte, na margem esquerda do Sado, ao O. de Troia, e em frente da fortaleza do Outão; mas já d'elle se não vê o minimo vestigio. Julgo que a areia lhe cobríu os restos.

As muralhas antigas e modernas estão quasi todas arrazadas, assim como as torres que as guarneciam. O mesmo aconteceu aos fortins exteriores.

—

Torre de S. Thiago do Outão

É um bello specimen de architectura militar, construida á bôcca da barra, tendo parte da sua artilheria em posição de fazer fogo ao lume da agua. Serve de registo, e é posto semaphorico, de segunda classe [1].

As suas pontes levadiças são defendidas por baluartes e séteiras.

Para a explanada inferior abre a porta da ermida de S. Thiago, patrono da fortaleza. Tem rica obra de talha dourada, e as paredes interiores são revestidas de bellos azulejos, representando scenas da vida d'aquelle santo apostolo.

Esta fortaleza, que é construida com gran-

[1] O pharol esteve antigamente collocado no alto de uma rocha muito elevada, d'onde foi transferido para a torre, por ser ponto mais visivel. É de systema moderno.

de solidez, foi principiada pelos annos de 1390, por ordem de D. João I, e ampliada nos reinados de D. Manoel e de D. Sebastião.

D. João IV tambem aqui mandou fazer importantes obras de defeza, para as quaes lançou a primeira pedra, em 30 de julho de 1643, D. Fernando de Menezes, conde da Ericeira.

Segundo a tradição, e alguns historiadores, no sitio occupado por esta fortaleza, existiu, no tempo dos romanos, um templo dedicado a Neptuno. É certo que quando se abriram os alicerces para as novas obras (as de D. João IV) se achou uma estatua de Neptuno, mutilada, e algumas moedas dos imperadores Julio Cesar Augusto e Tiberio. Era então governador da praça, Manoel da Silva Mascarenhas, que mandou tudo a D. João IV [1].

Estas obras foram concluidas um anno depois da morte de D. João IV, sendo regente do reino [2] a rainha viuva, D. Luiza de Gusmão, sendo ainda governador d'esta torre, o dito Manoel da Silva Mascarenhas, e das armas de Setubal, João Nunes da Cunha.

Já vimos como o povo de Setubal tomou o partido do prior do Crato, e que na praça, só por uma traição entraram os castelhanos; e como a torre do Outão, ainda depois de perdida a praça, continuou a resistir corajosamente aos inimigos, apezar dos 22:000 homens do duque d'Alba e da esquadra castelhana do marquez de Santa Cruz; tornando-se notavel pela sua intrepidez e lealdade, o famoso Mendo da Motta.

Na restauração de 1640, a guarnição hespanhola d'esta torre, rendeu-se aos portuguezes, logo a 17 de dezembro d'aquelle anno, sendo entregue ao novo governador, Antonio de Moura.

Tambem serviu algumas vezes de prisão do Estado. Aqui esteve encarcerado, Gonçalo Pires de Carvalho, em 1641, pelo crime de traição á patria.

Tambem por essa occasião, e por suspeitas do mesmo crime, aqui esteve preso o intrepido e honrado Mathias d'Albuquerque, que facilmente se justificou. A causa da sua prisão, foi por ter em Castella um irmão, que era intimo amigo do chefe da conspiração, o marquez de Villa-Real.

Mathias d'Albuquerque foi d'aqui removido para o castello de S. Jorge, de Lisboa, e quando o soltaram, foi um verdadeiro triumpho, sahindo do castello no meio das acclamações do povo.

D. João IV lhe deu plena satisfação, e o reintegrou no governo das armas da provincia do Alemtejo, onde prestou relevantissimos serviços a Portugal, entrando por Castella e queimando Barca-Rota e Montijo, em 1644. Vindo contra elle o barão de Molinguen, com 6:000 infantes e 2:500 cavallos, Albuquerque vôa ao seu encontro, á frente de 6:000 infantes e 1:000 cavallos, e derrota completamente o inimigo, na famosa batalha de Montijo, a 26 de maio do dito anno. Os castelhanos, tiverem 3:000 soldados, trez generaes e 54 officiaes mortos: nós perdemos 900 homens. M. d'Albuquerque, foi, por esta gloriosa victoria, feito conde de Alegrête.

Em 1658, os generaes Mathias d'Albuquerque, e Vasconcellos, estando a sitiar a praça castelhana de Badajoz, foram atacados pelo duque de S. Germano, que foi tambem derrotado e posto em fuga.

Finalmente, na guerra da restauração, o novo conde de Alegrete mostrou sempre que era um grande capitão, e um portuguez fidelissimo.

—

A guarnição da torre está hoje reduzida a um governador, um sargento de veteranos (que serve de caserneiro) um pequeno destacamento de artilheria, o pharoleiro e o seu ajudante!

[1] Manoel da Silva Mascarenhas prestou grandes serviços á patria, durante a guerra da Restauração; e por isso, e por denunciar ao rei a conjuração de 1641, foi feito governador da torre do Outão.

[2] Na menoridade de seu filho, D. Affonso VI, que tinha então 14 annos, pois nascêra a 26 de agosto de 1643.

—

As fortificações da praça de Setubal, foram guarnecidas com 194 boccas de fogo. Consta isto de uma carta régia, de D. João IV, dotada de 3 de agosto de 1724, na qual se manda remetter para Lisboa, a referida artilheria, e todos os utencilios militares inuteis, que existiam nas ditas fortificações.

Casa do corpo da guarda

Foi mandada construir por João Nunes da Cunha, governador das armas da comarca de Setubal, pelos annos de 1650. Custou réis 172$000.

Esta casa ainda existe na praça do Sapal (hoje de Bocage). O terramoto de 1755 a arruinou, mas foi reconstruida. Junto ao corpo da guarda, havia uma bonita ermida dedicada a Nossa Senhora da Conceição, á qual o regimento de infanteria n.º 7 fazia uma grande festa, com procissão, no seu dia (8 de dezembro) e se chamava, a *festa dos militares*. Esta capella foi demolida, e faz agora parte do predio contiguo.

A confraria da Senhora da Conceição, tinha concedido a José de Seabra da Silva, celebre ministro de D. José 1.º, permissão de abrir uma porta e tribuna, para a ermida, nas paredes divisorias d'ella com as suas casas nobres. Estas ainda actualmente são propriedade dos descendentes do referido Seabra da Silva.

—

Quartel de caçadores n.º 1

Situado na praia de Nossa Senhora da Conceição, no baluarte ainda assim denominado. Consta de duas partes — a antiga, que é o tal baluarte — e a moderna. As casernas antigas, são acanhadas e escuras; as modernas, são amplas e claras.

Sobre o portico está a seguinte inscripção, já bastante apagada:

REINANDO EL-REI D. PEDRO II
MANDOU FAZER ESTE PORTICO, O DUQUE
DO CADAVAL, MESTRE DE CAMPO
GENERAL, JUNTO Á PESSOA DE SUA
MAGESTADE, MANDANDO AS ARMAS
DAS PRAÇAS DE SETUBAL, CASCAES,
E PENICHE, E SENDO CAPITÃO GENERAL
DE CAVALLARIA DA CÔRTE E PROVINCIA DA ESTREMADURA, DOS CONSELHOS
DE ESTADO E GUERRA, DE SUA MAGESTADE
DO DESPACHO DAS MERCÊS
E EXPEDIENTE, MÓRDOMO-MÓR
DA RAINHA D. MARIA
SOPHIA. NA ERA DE 1696.

—

Fortaleza de Albarquél

Está construida á beira do Sádo, ao sopé da serra onde está o castello de S. Philippe, e pouco abaixo d'este.

Principiou a edificar-se, por ordem de D. João IV, em 1643, mas só se concluiram as obras no reinado de seu filho, D. Pedro II.

Actualmente, serve apenas para residencia de um velho official reformado, sua familia, e um veterano. Não tem outra guarnição, e ha muitos annos que está desartilhada.

Em occasião de guerra, e com bôa artilheria de systema moderno, seria utilissima para a defeza de Setubal, pois faria fogo ao lume da agua.

Diz-se que Albarquél é corrupção do árabe *Al Beiq el-Mahomed* (capitão Mahomede). Outros pretendem que *Albarquel* é corrupção de *Albacar*, palavra tambem árabe, que significava, *gado vaccum*.

Talvez não seja nada d'isto, mas corrupção do portuguez antigo *Barrachel*, nome de um official militar, cujo cargo era prender os desertores.

Ainda outra lembrança — o artigo *al* foi tambem usado pelos antigos portuguezes em muitas das suas palavras, assim como a particula diminutiva *el*. D'aqui póde inferir-se que *Albarquél*, é palavra portugueza, e significa *o barquinho*, como quem diz — *Praia do barquinho*.

De todas estas *supposições*, conclue-se que não sabemos a verdadeira significação da palavra *Albarquel*.

Forte do cabo

Posto ser dentro dos limites da freguezia e concelho de Cezimbra, era dependente do governo militar de Setubal, o *forte de Nossa*

Senhora do Cabo, (*do Espichel*) na serra da Arrabida.

Ficava ao O., e proximo da ermida que lhe deu o nome (vide *Senhora do Cabo*). Foi construido em 1672, por ordem do infante regente (depois rei, D. Pedro II) irmão de D. Affonso VI.

D. João V o mandou reconstruir, em 1708, artilhando-o com cinco peças, de calibre 24. Sobre a porta tinha as armas de Portugal; e por cima da porta da casa da guarda tinha uma imagem de Nossa Senhora, de marmore branco, da Arrabida.

Em 1800, ainda este forte estava bem conservado; mas desde então para cá, o mar e os temporaes o foram desmantelando, e hoje apenas d'elle restam pequenos vestigios.

Abaixo do forte, ha um pequeno porto, onde só podem fundear botes e canôas, e, mesmo assim, com bastante risco.

—

Na *Geographia historica,* do padre D. Luiz Caetano de Lima, da Academia Real de Historia Portugueza, impressa em Lisboa, no anno de 1736 (tomo 2.º, pag. 222) veem alguma cousa alterados os nomes das fortificações de Setubal. Diz elle:

É defendida esta villa com as fortificações seguintes:

Primeiramente, é cercada de muros antigos, *levantados a plumo,* e coroados de ameyas, com suas torres *quadradas,* segundo a arte, ou necessidade de fortificar d'aquelles tempos, com varias portas e postigos. (Nomeia-os, e conferem os nomes com os já dados — só accrescenta que sobre o *postigo da Ribeira,* está o *tribunal da Tabola-Real).*

Depois, descreve as fortificações mandadas fazer por D. João IV, e seus filhos, que tambem conferem com o que fica dito.

Menciona as obras de defeza extramuros, com mais individuação, dizendo:

«Em quanto a obras exteriores, *está desenhada uma obra corna,* no sitio chamado Pedra-Furada — um forte de quatro baluartes, onde chamam *a Estrella* — um forte pentagonico, por cima do convento de Brancannes, *onde está já outro orte, da mesma figura, com o nome de S. Luiz Gonzaga;* mas, por ser pequeno, *se tem desenhado* outro maior, que o inclua dentro, *como cavalleiro* — e outra obra corna, communicada com o dito forte, para descobrir e flanquear, o *quartel de Brancannes* — uma obra corna, sobre o convento das religiosas de Jesus, e a fraqueza do baluarte de Nossa Senhora da Annunciada, *que é defeituoso, por muito obtuzo* — finalmente, outra obra corna, *de terra,* que flanqueia o *quartel dos Olhos d'Água*».

Depois de mencionar o forte de S. Philippe, a fortaleza de Albarquél, e a torre do Outão, continúa:

«A tiro de mosquête da dita fortaleza, (a torre do Outão) mais para a parte da Arrabida, está outra fortaleza, na praia, que chamam das *Vieiras,* a qual se fez de novo, e tem uma bateria, com seis peças de bronze, de bom calibre, sua cisterna e quarteis; mas está ainda por acabar, e communica-se com a torre do Outão».

—

Guarnição militar

Em 1570, reinando D. Sebastião 1.º, já Setubal tinha um terço de ordenanças, e, desde 1641, um *terço de auxiliares,* que foi depois *regimento de milicias de Setubal.* Em 1650, se formou um *terço pago,* que era uma companhia de infanteria; uma companhia de artilheiros de linha, e outra de *cavallaria auxiliar.*

Em 19 de maio de 1806, o terço pago se transformou em um bello *regimento de infanteria de Setubal,* e com esta denominação fez toda a campanha da guerra da Peninsula, destinguindo-se em todas as batalhas em que entrou.

Com a nova organisação, dada ao exercito portuguez pelo marechal Berésford, em 1814, tomou este corpo a denominação de regimento de infanteria n.º 7.

No reinado do sr. D. Miguel I, por decreto de 9 de julho de 1829, ficou a denominar-se terceiro regimento de infanteria de Lisboa, para onde foi de quartel[1].

[1] É êrro o que diz a *Memoria de Setubal* a pag. 258. Segundo este livro, infanteria 7

Tinha golla do mesmo panno (azul escuro, como toda a infanteria portugueza) canhões amarellos, e vivos brancos. Pertencia á *Divisão do Centro*[1].

O regimeuto de milicias de Setubal tinha exactamente o mesmo uniforme de infanteria 7, differençando-se apenas em ter as *ferragens* das barretinas, e os botões da farda, de metal branco (como todos os regimentos de milicias.)

O regimento de infanteria de Setubal fazia brigada com infanteria n.º 19 (de Cascaes.)

Depois que o regimento foi para Lisboa, tem feito a guarnição de Setubal varios corpos, ou destacamentos d'elles, e *batalhões nacionaes alli creados*; mas, ha muitos annos, com algumas interrupções, tem sido feita a guarnição de Setubal pelo batalhão de caçadores n.º 1. Foi para a Ilha da Madeira, em 1869, mas regressou a Setubal, em 1870. Foi tambem á India, com o sr. infante D. Augusto, mas, pouco depois, regressou a Setubal, com o mesmo infante. Desde então, não tornou o batalhão a sahir de Setubal, mas dá destacamentos para varias partes, onde o seu serviço é reclamado.

—

Tendo-se fallado aqui tantas vezes no regimento de infanteria n.º 7, cumpre notar que o actual regimento de infanteria d'este numero, nada tem de commum com o antigo *regimento de Setubal*, depois, n.º 7, e por fim, 3.º regimento de infanteria de Lisboa.

Este, o que tanto se distinguiu pela sua bravura, nas batalhas da guerra peninsular; o que, em premio dos seus relevantes ser-

era o *setimo* regimento de Lisboa, quando nunca alli houve mais de quatro: — 1.º, infanteria n.º 1; 2.º, n.º 4; 3.º, n.º 7; 4.º, n.º 16.

[1] A organisação dada ao exercito portuguez, pelo marechal Beresford, era excellente — eil-a:

Divisão do Sul — Infanteria n.º 2, 5, 8, 11, 14, 17, 20 e 23. — Caçadores n.º 2, 5, 8 e 11. — Cavallaria n.º 2, 5, 8 e 11. — Artilheria n.º 2. — Milicias: de Lagos, Tavira, Beja, Evora, Villa Viçosa, Portalegre, Castello-Branco, Idanha, Covilhan, Arganil, Tondella, Viseu, Lamego, Arouca, Trancoso, e Guarda.

Divisão do Centro — Infanteria n.º 1, 4, 7, 10, 13, 16, 19 e 22. — Caçadores n.º 1, 4, 7 e 10. — Cavallaria 1, 4, 7 e 10. — Artilheria n.º 1. — Milicias: de Lisboa, quatro regimentos — Torres Vedras, Santarem, Thomar, Louzan, Setubal, Alcacer do Sal, Leiria, Soure, Aveiro, Oliveira d'Azemeis, Figueira e Coimbra.

Divisão do Norte — Infanteria n.º 3, 6, 9, 12, 15, 18, 21 e 24. — Caçadores nº 3, 6, 9 e 12. — Cavallaria n.º 3, 6, 9 e 12. — Artilheria n.º 4. — Milicias: da Feira, Porto, Guimarães, Basto, Maia, Penafiel, Braga, Villa do Conde, Barca, Barcellos, Arcos, Vianna do Minho, Chaves, Villa Real de Traz-os-Montes, Bragança, e Miranda.

De maneira que o exercito portuguez tinha, por esta organisação (que existiu até á convenção d'Evora-Monte) 24 regimentos de infanteria, 12 de cavallaria, 12 batalhões de caçadores, e 4 regimentos de artilheria; tudo de 1.ª linha, alem das *Guardas Reaes da Policia*, de Lisboa e do Porto, organisadas e sustentadas só com officiaes, officiaes inferiores e soldados, escolhidos d'entre os differentes corpos de 1.ª linha do exercito; sendo a passagem para a Policia um premio do seu bom comportamento.

De *Segunda linha*, tinha cada divisão (como acabamos de ver) 16 regimentos de milicias, ao todo, 48 regimentos.

Durante o reinado do sr. D. Miguel, crearam-se 52 batalhões de *Voluntarios Realistas*, tão aceiados e disciplinados, como caçadores de linha.

De *Terceira linha*, havia um grande numero de *ordenanças (bicha)* armadas de chuços, dardos, roçadouras, bayonetas encabadas em páus, e alguns, armados de espingardas ferrugentas. Esta *tropa fandanga*, era, no geral, insubordinadissima e cobarde no fogo; servindo mais de estorvo do que de auxilio á outra tropa, e sendo quasi todos ratoneiros descarados, fazendo-lhes conta ainda os mais insignificantes objectos, e obrigando os patrões a dar-lhe o que exigissem. Os realistas só os empregavam na guarda de comboios de munições, e na construcção de trincheiras, durante os cêrcos do Porto e de Lisboa. A 1.ª e 2.ª linha tratavam as ordenanças com o despreso que quasi todas mereciam.

Havia porem, raras mas honrosas excepções. As companhias, sujeitas a capitães-móres rectos e intelligentes, e que tinham bons capitães, faziam optimo serviço, e poupavam bastante a tropa de linha.

Algumas pessoas acharão *maçadora* esta nota; mas é bom que estas cousas fiquem em memoria,

viços á patria, recebeu em 1815 novas bandeiras, com a legenda:

julgareis qual é mais excellente,
se ser do mundo rei, ou de tal gente.

seguiu sempre a causa do sr. D. Miguel 1.º Em 1826, o 1.º batalhão fez parte das tropas realistas do marquez de Chaves (general Silveira). O 2.º batalhão, por querer reunir-se ao 1.º, foi desarmado, fusilado e metralhado na praça d'armas do forte da Graça, d'Elvas, por ordem do general Saldanha, então ministro da guerra, sendo regente, a infante D. Isabel Maria. Foi o primeiro sangue que correu por *crimes politicos.* Os que escaparam ao morticinio, e que poderam fugir, foram unir-se ao 1.º batalhão, e emigraram para a Hespanha, em março de 1827; d'onde só regressaram á patria, em julho de 1828.

Este brioso regimento, deixou de existir, em 27 de maio de 1834, pela convenção de Evora-Monte, e nem uma unica praça d'elle fez parte do actual regimento de infanteria n.º 7.

—

Noticias diversas.

Paços do concelho

O *paço do trigo,* a casa da camara, a cadeia e os açougues, foram construidos pelo mestre pedreiro, Gil Fernandes, principiando as obras em 1526 e terminando em 1533. Em 19 de novembro d'este mesmo anno, o mestrado de S. Thiago, escambou com o senado da camara, o *paço velho do trigo,* com o novo.—Eis uma das clausulas da escriptura publica d'esta troca:

«Por quanto, o paço velho do trigo, era «da ordem (de S. Thiago) e ora se mudou o «paço do dito trigo, ao paço novo do conce«lho, que está aqui feito, n'este Sapal; e por «quanto o *Mestre Nosso Senhor* (!) queria «alargar o dito paço velho, para a renda «d'esta villa, comtanto que lhe dessem, á «Ordem, o paço novo, que ora é feito da pro«pria maneira que o Mestre tinha o paço «velho, que era que o dito paço velho será «elle (mestre) logo obrigado a mandar com«pôr de todo o que fôr necessario. e a go«vernança e logramento d'elle, ser da villa, «sem em nenhum tempo a Ordem sobre elle «fazer nenhuma cousa, nem assobradar, nem «fazer n'elle cousa nenhuma, e foi praticado «que parecia que era proveito da villa, a «dita troca e permutação; e a todos por um, «que era evidente proveito da camara, por «o outro paço velho, ficar para a renda e «proveito d'esta villa, e camara d'ella escusar «o gasto do repairo que este paço novo po«dia fazer cada anno; e, portanto, accorda«ram que se faça o dito contrato, com o dito «mestre, por parte da villa, etc., etc.»

Doou pois á villa de Setubal, a ordem de S. Thiago, o tal paço velho do trigo, que lhe pertencia, situado na Rua Direita, *com todos os seus alpendres, entradas e sahidas; recebendo o paço novo, assim como estava feito e acabado, de trez naves,* etc.

Estando bastante arruinados os paços do concelho (que eram o tal paço novo do trigo) o povo de Setubal se offereceu a contribuir com o que fosse necessario para a reconstrucção do edificio, pelo tempo de trez annos (1722, 1723 e 1724) o que a camara agradeceu e acceitou [1].

Sobre a porta que está por baixo da varanda da casa da camara, se lê a seguinte inscripção:

NO ANNO
DO NASCIMENTO DE NOSSO SENHOR
JESUS CHRISTO, 1733, SE ACABOU ESTA
OBRA DA CAMARA, VARANDA DA MUITO
NOTAVEL VILLA DE SETUBAL, FEITA Á CUSTA
DO POVO DA MESMA VILLA, POR ORDEM D'EL-REI
NOSSO SENHOR, D. JOÃO, O QUINTO,
QUE DEUS GUARDE;
SENDO JUIZ DE FÓRA, COM REPUTAÇÃO
DE CORREGEDOR, EXECUTOR
DA MESMA CAMARA, O DR. MANOEL PERES
DA VEIGA, EM FEVEREIRO
DO DITO ANNO.

[1] Já, por alvará regio, de 26 de setembro de 1709, tinha sido a camara auctorisada a despender na reedificação dos seus paços, 460$000 réis, dos sobejos do *usual,* ficando obrigada a concertar os aqueductos, para o que aquelle dinheiro estava destinado.

—

O terramoto de 1755 arruinou muito este edificio, e D. José I mandou, que, do imposto de 2 réis, em cada arratel de carne, se pagasse a despeza da reconstrucção.

Sendo presidente da camara o sr. dr. Antonio Rodrigues Manito, que tantos e tão relevantes serviços tem prestado ao concelho de Setubal, pelos numerosos melhoramentos que tem effectuado em seu beneficio, decidiu a camara accrescentar o edificio dos seus paços, para n'elle se poderem accommodar, não só todas as repartições dependentes da camara, como o tribunal judicial, a administração do concelho, a recebedoria e a repartição da fazenda, o que se levou a effeito, concluindo-se as obras, em 1873.

É hoje um bello e amplo edificio, situado na praça principal da cidade, e que faz honra ao municipio.

—

Melhoramentos antigos

D. João III interessou-se muito por Setubal — deu-lhe o honroso titulo de NOTAVEL, em 26 de outubro de 1525. — Foi no seu reinado e com sua approvação, que se crearam mais duas freguezias, a de S. Sebastião, e da Annunciada — confirmou os antigos privilegios da villa e lhe deu outros novos — e determinou diversos melhoramentos, entre elles, os seguintes:

Mandou (por uma carta que dirigiu ao mestre de S. Thiago) — fazer os novos paços do concelho.

Acabar as obras do *paço do trigo novo.*

Concertar as calçadas da villa, e lagear de tijôlo e Rua Direita.

Construir uma calçada por fóra da villa, desde a Porta Nova até á Porta de Santa Maria — «de bôa serventia, porque de inverno, é aquella terra tão alagadiça, que não se póde andar por ella.»

Romper o muro «no fim da rua em que estão as casas que foram de Antonio de Miranda, em cima, no tôpo, se rompa o muro, e se faça uma porta para fóra, contra S. Sebastião, grande e bôa, *porque será alli formosa e proveitosa.*»

Fazer pontes pelo rocio, nas abertas, para bôa serventia do publico.

Alargar a praça «tirando a motta das *casas do Cavallinho,* e as outras a par d'ellas, e as em que pouza Braz Dias, até Nuno Fernandes, nosso vêdor, e Fernão de Miranda, etc.»

Fazer um alpendre «ao longo das casas de Lourenço Rodrigues, até á travessa, para vender n'elle.»

«Outro alpendre se fará depois da motta do licenceado ser fóra, alli, n'aquella parte.»

«A fonte se hade retraher, para que esteja á sua ilharga da praça; e parece que será bom, contra a parte das casas do Cavallinho: e o chafariz para as bêstas, ahi onde se tira esta metade das casas. Isto poreis como deve ser.»

«Vereis no cano d'agua, do muro, até á fonte. Será melhor não vir assim por arcos, mas pelas paredes das casas; como melhor parecer.»

«Se faça uma porta grande, ao postigo do muro, que está aos canos que sahem para o Rocio.»

«Vereis a torre que parece se deve fazer ao cabo do Outão, o que custará; e primeiro, o que é necessario para bombardas e bombardeiros, etc.»

«Ver-se-ha uma fonte em Alferrára, que se possa juntar com os canos e fontes, se as houver, para mais cópia d'agua: e o que custarão de se haverem.»

«Mandareis mudar o curral do concelho, para a vinha de Bastião Antunes, por ficar mais afastado da villa e da povoação, pelos maus cheiros que d'elle ha.»

«Vereis se pode estar o relogio, na torre da Porta Nova, e com maneira a mostrar tambem as horas; porque será alli muito bom.»

«Vereis o que póde custar a herdade que está no *Porto do Trigo,* tornando-se para casas e rocio: que parece que seria bom, para desenvolvimento da villa.»

«Mandareis tirar os balcões que ainda houver, e se parecer que seus donos recebem perda, fazel-a compor.»

«Vereis se será bom, tomar se a agua que vem pelas freiras, que venha com a outra

do *Olho do Bóde*, por entre as hortas; e do Olho do Bóde se alargará mais, que caiba esta outra com ella: que parece que dous proveitos sahirão d'aqui — escusar-se a aberta do rocio e pontes; e ser mais sàdio S. Jeronymo e as hortas, por não estarem as aguas empoçadas.»

«Diogo Lopes a fez em Evora, a dezoito dias de fevereiro de 1533.»

Puz isto aqui, para se conservarem em memoria varios nomes antigos de Setubal: porque, quanto ás obras que Dom João III mandou fazer, muitas não passaram do papel.

—

Melhoramentos modernos

Ha pouco mais de trinta annos é que se principiou a cuidar dos melhoramentos publicos de Setubal. Foi durante as vereações presididas por Jacome Maria Ferro — Doutor, José Sérgio Capêto Barradas; doutor, Annibal Alvares da Silva, e doutor Antonio Rodrigues Manito, que as obras publicas municipaes principiaram a ter maior desenvolvimento, distinguindo-se entre todos, o sr. doutor Manito.

Foi durante a presidencia d'este prestante cavalheiro, que, em 1876, se concluiu a praça do mercado publico, na praia, como vimos.

Limpeza

N'estes ultimos annos, tem-se curado alguma cousa na limpeza e hygiene da cidade, construindo-se canos geraes e parciaes de despejo, e aterrando-se alguns baixos onde as aguas pluviaes ficavam estagnadas até ao verão; e construindo-se um novo deposito para os despejos da cidade, em sitio mais apropriado, cessando assim a existencia do deposito, ás portas da povoação, em frente do cemiterio publico [1].

Deve porem confessar-se que o actual systema de limpeza é ainda, não só imperfeitissimo e muito pouco aceiado, mas até muito prejudicial á hygiene, e dá ao estranho que visita Setubal, um desagradavel testemunho do pouco cuidado que tem havido com este ramo principal de interesse publico.

Alem da Rua Nova da Conceição, da praça hoje chamada de Bocage, e pouco mais, todas as outras ruas, béccos e alfurjas, são repugnantes de sordidez.

Em logar de ser o seu pavimento *abaulado* (convexo) como se usa em todas as povoações modernas bem policiadas, é concavo.

Os varredores municipaes exercem o seu mister a toda a hora do dia, e de uma maneira repugnantemente immunda! — O seu modo de varrer é espalhar o contheudo no centro da rua, para os lados — isto é — a porcaria que se juntou na especie de cano, estendel-a por todo o pavimento.

As casas não teem latrinas, (como em Lisboa) nem pias, nem canos de esgôto. *Toda a qualidade de porcaria* se junta em um vaso qualquer, que tem de estar, ás vezes vinte e quatro horas, depositado em casa, á espera do carro municipal, que leva *aquillo* para o monturo geral! — A passagem d'aquelles carros deixa um cheiro horrivel e perniciosissimo na

[1] Continúa (novembro de 1880) com a maior actividade a limpeza das ruas, béccos, travessas e praças, dirigida pelo vereador do respectivo pelouro, o sr. Oliveira Junior, que é um cavalheiro activo e intelligente. O sr. administrador do concelho é tambem digno dos maiores elogios, pois tem requisitado meios de limpeza; e até á sua custa os tem effectuado. A camara porem não tem meios que lhe permittam pôr em execução melhoramentos de maior importancia, para se conseguir um perfeito saneamento da cidade.

sua passagem; e, quasi sempre, restos do contheudo do caixão do carro.

Isto é sobremaneira desagradavel — á vista e ao olfato dos transeuntes; e principalmente para os visitantes, que estão costumados a ver, em terras de muito menos consideração, outra qualidade de limpeza e aceio.

É pena ver uma cidade tão bonita, ainda tão atrazada a este respeito!

Não sou escriptor assallariado, que tenha por condição só dizer bem, e occultar o que é mau. Digo o que entendo na minha consciencia, quer agrade, quer desagrade; é por isto que digo: — **O primeiro empenho dos homens da governança d'esta cidade, devia ser a destruição d'estes fócos de infecção, que desacreditam a terra, e comprometem a saude de seus habitantes.**

Antes do agradavel, está o urgente, e depois o util.

Mesmo assim, a amenidade do clima póde mais do que o descuido dos homens, e Setubal é uma povoação relativamente saudavel; para o que tem concorrido a plantação de arvoredos, nas alamedas, nas ruas e praças principaes e nas margens das estradas.

Falta d'agua

Tem ainda esta cidade a desvantagem de grande falta d'agua [1], sem que haja mananciaes abundantes d'onde se possa trazer para aqui.

A cidade está cercada de montes por toda a parte, menos pelo sul. Parece-me que, se se tivesse adoptado a exploração de minas como se usa nas provincias do norte, em uma ou n'outra parte se havia de encontrar agua para augmentar a pouca que a cidade já tem.

Antigamente, já se tentou trazer a agua a Setubal, por um aqueducto dispendioso, como se fez em Lisboa, em Coimbra, em Elvas, e n'outras partes; mas não se levou a effeito por falta de meios.

Hoje que a hydraulica tem simplificado os meios de conducção d'agua, por um systema muito mais rapido e economico, devem as camaras attender a esta urgente necessidade; que cada vez se tornará mais sensivel, em razão do desenvolvimento da população. (Vide *Agua*, adiante.)

—

Estradas

Em 1870, ainda n'este concelho não havia uma estrada municipal que tal nome merecesse; hoje, graças á sollicitude da edilidade, quasi todas as suas povoações estão ligadas por boas estradas a mac-adam, e andam ainda outras em construcção, estando já concluidos 14 kilometros, e apenas por concluir uns trez.

A estrada de Setubal a Palmella é uma das primeiras necessidades d'estas duas povoações. Anda em construcção; mas ainda não se fez a sua parte mais importante, que é, tornear o monte, até chegar a Palmella.

—

Nas muralhas antigas, havia algumas portas e postigos, que difficultavam a viação publica. A camara obtéve a indispensavel auctorisação do ministerio da guerra, fez demolir parte d'essas portas e alargar as ruas; o que aformoseou a cidade, e a tornou mais bem ventilada.

[1] Quando alli estive, em agosto e setembro de 1876, apenas o chafariz das Fontainhas deitava ainda alguma, pouca, agua; todos os mais estavam completamente séccos. O mesmo acontecia a alguns regatos, que atravessam a povoação. É verdade que n'este anno houve falta d'agua em muitas terras de Portugal, principalmente do Mondego, para o sul, sobre tudo no Algarve.

Os chafarizes de Setubal estiveram dous annos completamente séccos!

—

Outras noticias

No supprimido concelho d'Azeitão, hoje annexo ao de Setubal, se fabrica em grande quantidade, esse delicioso vinho, conhecido em todo o mundo sob a denominação de *Moscatel de Setubal.*

Produz-se tambem em Azeitão [1] muito e bom azeite (e é a esta circumstancia que a terra deve o seu nome.)

Sendo pois Azeitão um centro commercial muito importante, estabeleceu-se alli uma estação telegraphica, dando o sr. José Maria da Fonseca, rico industrial, de Villa Nogueira, e o maior exportador de vinho moscatel, 200$000 réis para ajuda d'este melhoramento.

—

O primeiro relogio de torre, que houve em Sutubal, foi o da egreja de S. Julião. Em 1603, se assentou (como vimos) outro relogio em uma das torres da egreja de Santa Maria da Graça.

Estando velho e desarranjado o antigo relogio de S. Julião, a camara mandou ultimamente comprar ao estrangeiro, um novo relogio de systema moderno, em substituição do antigo.

—

Ha poucos annos, a camara instituiu um pequeno corpo de policia civil, composto de dezeseis guardas e um chefe; este com o vencimento diario de 800 réis, e aquelles, de 400 réis.

O numero de guardas será augmentado, logo que a camara tenha meios sufficientes para occorrer ás despezas d'esse augmento.

—

Como a camara por si só não podia occorrer ás despezas necessarias para o completo serviço da extincção dos incendios, pediu a cooperação das differentes companhias em que estão segurados muitos predios d'esta cidade; porem muito pouco poude obter por este meio.

Vendo isto, os srs. Pereiras, ricos industriaes d'esta cidade, secundaram o empenho da camara, promptificando uma excellente bomba, os respectivos utensilios e o pessoal da sua fábrica.

Este objecto de tanta importancia está muito longe de satisfazer ás necessidades da povoação; mas — *é melhor pouco que nada.*

—

A camara, ajudada com um subsidio do governo, estabeleceu uma carreira diaria de vapores fluviaes, pelo Sado, entre Setubal e Alcacer do Sal, e vice-versa — *menos aos domingos (?)*

Esta carreira, principiou em 15 de fevereiro de 1867.

—

Praças e ruas

As principaes praças d'esta cidade são: — *de Bocage* (antigo *Sapal*), *de S. Bernardo* e *de S. Pedro.* É no centro d'esta ultima que está o pelourinho.

—

A *rua dos Açougues*, para a qual dá a elegante fachada da casa da camara, foi concluida em 1874. Hoje denomina-se *Rua de Luiz de Camões.*

—

A *rua da Conceição* (a melhor e mais extensa que tem Setubal) foi alinhada, nivelada e arborisada, nos annos de 1852 e 1853. É n'esta rua que se construiu o theatro Bocage.

—

Passeio da praia do Troino

Foi feito em 1870, sendo presidente da camara o sr. dr. Antonio Rodrigues Manito.

É pequeno, mas bonito. Tem no centro um lago circular, d'onde partem seis bonitas e bem assombradas ruas. Em volta do lago, ha bastantes arvores, a maior parte eucaliptos.

—

Alameda do caes

Fica entre a praça do mercado publico e o quartel de caçadores (baluarte da Concei-

[1] Sob a denominação d'Azeitão, se comprehendem as freguezias de S. Simão (Villa Fresca d'Azeitão) e S. Lourenço (Villa Nogueira, que era a capital do concelho.) Todo o territorio d'Azeitão é de clima saluberrimo e fertilissimo, vendo-se de toda a parte, a cidade de Lisboa e seus arrabaldes. (Vide *Villa Fresca d'Azeitão*, e *Villa Nogueira de Azeitão.*)

ção.) Foi calçada e terraplenada, em 1848 e 1849, sendo presidente da camara o sr. Jacome Maria Ferro.

Depois, sendo presidente o sr. dr. Antonio Rodrigues Manito, foi alinhada e nivelada a rua da Praia, entre a ponte do Livramento, e o largo da Annunciada.

Esta *alameda*, a dizer a verdade, pouco merece tal nome. Tem poucas arvores e raros assentos, de madeira. É aqui onde em algumas noites vem tocar as philarmonicas de Setubal.

—

Passeio do Bom-Fim

Já vimos como o rei D. Manoel comprou aos seus possuidores o vasto e formoso *Campo da Barbuda*, e o deu ao povo de Setubal, para logradouro commum.

Excluindo o *Campo Grande*, e o *Campo Pequeno*, nos arrabaldes de Lisboa, não ha em Portugal outra povoação que, tão perto d'ella, tenha um tão vasto, plano e formoso rocio.

Na parte norte d'esta planicie (mas ficando ainda um amplo espaço em volta) mandou a camara construir, em 1839, um formoso jardim, com seu bonito chafariz no centro, e todo bem arborisado: encanando então o ribeiro que corre junto ao campo.

Em 1866, transformou-se este jardim em um bellissimo passeio publico; e em 1871, foi murado e gradeado.

Em 1878, a camara substituiu o chafariz do centro d'este passeio, por um formoso lago, de fórma circular. No centro, sobre uma baze de cantaria lavrada, está o corêto. Na parte inferior d'esta baze, por entre pedras tôscas, dispostas de modo a imitar o natural, e ornadas de plantas aquaticas, corre, em diversos pontos, a agua, servindo de recreio á vista, e de utilidade ás flores e plantas que vae regar.

Este passeio, apezar da sua extensão, que não é pouca, apenas occupa uma pequena parte do Campo do Bom-Fim, tal é a vastidão d'este.

É incontestavelmente um dos passeios publicos mais bem situados de Portugal.

—

Pelourinho

Está este emblema da autonomia e nobreza de Setubal, no centro da praça de S. Pedro. É uma bella columna monolithica, tendo no pedestal as seguintes inscripções:

Do lado do sul:

ESTE PELOURINHO
SE MUDOU DA PRAÇA
DA RIBEIRA PARA ESTA
REAL,
NO ANNO DE 1774.

—

Do lado do oeste:

TUDO EXECUTADO POR
DESPEZA DA CAMARA
D'ESTA VILLA, SENDO JUIZ
DE FÓRA, LEANDRO DE
SOUZA DA SILVA
ALCOFORADO.

—

Do lado do norte:

E POR DECRETO DE S. M. F.,
NOMEADO INSPECTOR DAS
OBRAS PUBLICAS D'ESTA VILLA,
JOSÉ BRUNO DE CABÊDO, COR.^{el}
DO REGIM.^{to} E GOV.^{or} DA PRAÇA,
DIRECTOR D'ESTAS, JOÃO VASCO M.^{el}
DE BRAUN, SARG.^{to}-MÓR DA MESMA,
ENGENH.^{o} E COMMAND.^{e} D'ARTILHARIA.

—

Do lado do este:

POR ORDEM DO ILL.^{mo}
E
EX.^{mo} SR. MARQUEZ
DO
POMBAL,
DO CONS.^{o} DE ESTADO.

—

Os caracteres d'estas quatro inscripções estão já bastante apagados, e antes de poucos annos, completamente ininteligiveis.

—

Ponte do Livramento

Em 4 de agosto de 1835, foi convidado pela camara, o engenheiro Claudio José Lagrange Monteiro de Barbuda, para se discutir a maneira mais facil e economica de

construir esta ponte, que, na maior parte, se tinha demolido no fim do anno de 1833, para reformar as fortificações da villa, e defendel-a contra qualquer ataque das tropas realistas [1].

Reconstruiu-se pois a ponte do Livramento. Á sua entrada, vindo da Praia do Troino, ha duas inscripções.

A do lado do sul, é concebida nos termos seguintes:

REGNANTE MARIA II
FOI DIRIGIDA ESTA OBRA PELO TEN.e ENGENHR.
LAGRANGE.
NISI UTILE EST
QUOD FACIMUS,
STULTA EST GLORIA.
1835.

—

A do lado do norte, diz:

CAMARA MUMICIPAL
A. C. DA COSTA. JALES, VITO, LEÃO, DINIZ, HENRIQUES, MOTTA.

[1] Em 3 de novembro de 1833, o general realista, José Antonio de Azevedo e Lemos, com um regimento de milicias, um batalhão de voluntarios realistas, 200 *boticarios* (soldados da guerra peninsular, que tinham sido chamados ao serviço, e que deviam a sua alcunha em ter golla e canhões amarellos, como usavam os cirurgiões militares) dous esquadrões de cavallaria, as ordenanças do Doutor Noronha, e 4 bôccas de fogo, derrotam completamente 1:200 liberaes, commandados pelo coronel Florencio, em Alcacer do Sal, escapando apenas um pequeno numero de liberaes.

No dia 11 do mesmo novembro, uma força, da divisão Saldanha, é destruida na Barroca d'Alva, pela columna realista do commando de Kernevó, ajudante de campo de Macdonell. Em seguida, o general realista Lemos, ameaça seriamente a praça de Setubal, tendo a guarnição liberal de Sines, de abandonar a praça e correr em soccorro de Setubal, onde chegou tambem (por mar) o vice-almirante Napier, com 200 belgas.

O sr. D. Pedro mandou instantemente fortificar Setubal, e augmentar a sua guarnição.

Apezar d'isto, as tropas realistas, do conde Luiz de Bourmont, atacam Setubal, por surpresa, a 12 de abril de 1834, que esteve quasi a ser tomada, mas a guarnição resistiu denodadamente, e os realistas tiveram de retirar para Alcacer do Sal.

Brazão
de
Setubal.

1835.

—

Atêrro do caes

Anda em construcção um atêrro para o prolongamento do caes de Nossa Senhora da Conceição, até ao Livramento. A camara pediu e obteve o producto da taxa de dulastres, paga pelas embarcações que entrarem no porto de Setubal durante o praso de dez annos, e o lastro trazido pelas mesmas embarcações, para levar a effeito esta obra.

Este atêrro é de grandissima utilidade, não só para mais facil embarque e desembarque das mercadorias, mas tambem um meio efficaz de salubridade, obstando a que, na baixa-mar, fiquem a descoberto os residuos de peixe e outras materias em decomposição, que produzem emanações repugnantes, e insalubres.

Alem d'isto, é mais um aformoseamento para a cidade.

A planta d'este atêrro foi levantada pelo engenheiro Carlos Ernesto Freire d'Aguiar Cardozo; e toda a obra orçada em réis 25:419$130.

É director dos trabalhos, João Pedro Caldeira; e fiscal, Severino Antonio José da Rosa.

—

A dóca

A sociedade *Torlades & C.ª* aforou á camara de Setubal, pelo fôro annual de 6$400 réis, e por escriptura publica, lavrada nas notas do tabellião da mesma cidade, Alvaro Bernardino Cabral, em 13 de janeiro de 1836, um terreno baldio, na praia do Cadoz, ao O. do Caes-Novo.

Na escriptura, declara esta sociedade commercial, aforar o referido terreno, para n'elle *estabelecer uma fabrica de imprensar sardinhas e mais pescarias, e bem assim, fazer uma dóca, contigua á mesma fabrica, da qual se utilisaria, não só aquelle estabelecimento, mas tambem quaesqner embarcações*

que pretendessem abrigar-se dos rigores das tempestades.

Fundou-se a fabrica (que já não existe) e fez-se a dóca.

Em 1841, a sociedade Torlades & C.ª, passou este aforamento ao proprietario e negociante, João Montague Galloway, pelo fôro annual de 120$000 réis, mas na qualidade de sub-emphiteuta.

Por escriptura publica, de 16 de setembro de 1850, a mesma sociedade Torlades & C.ª passou ao negociante João Esteves de Carvalho, o dominio util do terreno aforado.

Em 30 de dezembro de 1863, o dito João Esteves de Carvalho remiu o fôro que pagava á camara, por 213$100 réis.

Este Carvalho é ainda o proprietario da dóca, na qual entram por anno, de 180 a 190 embarcações. D'estas, as que fazem o serviço das marinhas, pagam 120 réis annuaes, por cada moio de lotação. Para as de pesca, não ha tabella fixa.

Não é precizo dizer-se que esta dóca apenas serve para abrigo de embarcações miudas.

Digamos a verdade.—Esta dóca não dá muita honra a uma tão formosa cidade. É quasi toda construida de terra, sustentada por estacas de pinheiro, precisando de frequentes reparos.

O caes (aquillo a que dão este nome) desde o quartel de caçadores até onde chega a praia, em frente de Setubal, está completamente desempedrado, tendo apenas um bocado de caes de cantaria, na praia onde se tomam os banhos [1].

[1] Villa do Conde é uma povoação muito mais pequena e pobre do que Setubal; mas tem uma excellente dóca de robusta e optima cantaria, e toda a margem do rio Ave, desde o principio da villa até á barra, na extensão de 1:800 metros, tem um magnifico caes de cantaria, com rampas e escadas, onde são precizas, com bons assentos de pedra, e é arborisado no vasto terreiro, chamado *Campo da Feira.*

Segundo alguns documentos antigos, e o que se collige da *Chorographia portugueza,* do padre Carvalho, em frente de Setubal havia um formoso caes de cantaria, que o Sado depois abandonou, deixando o caes inutilisado, por ficar muito distante do rio, mesmo nas preamares. Setubal era tambem cercada por este lado, e paralellamente ao referido caes, de robustas muralhas de cantaria, defendidas por cubellos, baluartes e barbacans, que se demoliram, quando se ampliou a povoação.

—

Factos diversos

Por decreto da regencia do sr. D. Fernando, de 24 de outubro de 1855, foram supprimidos, só no districto administrativo de Lisboa, 11 concelhos:—*Alcoentre, Aldeia Gallega da Merceana, Alhandra, Azeitão, Collares, Ericeira, Moita, Palmella, Ribaldeira, Sines,* e *Sobral de Monte Agraço.*

Os concelhos de Azeitão (Villa Nogueira) e Palmella ficaram fazendo parte do de Setubal.

—

Como a população de Setubal hia em progressivo augmento, o arcebispo de Lisboa, D. Fernando de Vasconcellos e Menezes (segundo filho de D. Affonso de Menezes, primeiro conde de Penella) creou mais duas freguezias, em 14 de março de 1553.—A de *Nossa Senhora da Annunciada,* cujos fogos tirou da de *S. Gião* (Julião)—e a de *S. Sebastião,* tirada da de Santa Maria da Graça.

Até então, tinha Setubal só duas freguezias, que eram as referidas, de S. Gião e a de S. Sebastião. A de S. Gião tinha n'esse tempo 1:036 fogos—ficou com 550, e deu á nova freguezia da Annunciada (no bairro do Trôino) 486.

A de Nossa Senhora da Graça tinha 877 fogos, e ficou com 516; ficando a nova freguezia com 361.

A egreja de S. Sebastião é em Palhaes, e era a antiga ermida dedicada ao mesmo santo martyr.

Esta divisão foi préviamente auctorisada por D. João III, como governador e perpétuo administrador do mestrado da ordem

de S. Thiago, á qual pertenciam as duas velhas freguezias, e ficaram pertencendo as novas.

—

Ha em Setubal uma concorridissima feira annual, a 25 de julho. Foi creada por alvará do usurpador, D. Philippe II, e a requerimento dos procuradores de Setubal, nas côrtes de Thomar, de 1581.

Fazia-se primeiramente no largo de Jesus, e a camara a mudou para o *passeio* da Praia, entre o quartel de caçadores n.º 1, e a ponte do Livramento.

—

Havia um mercado, instituido por provisão da junta geral do districto, de agosto de 1833. Fazia-se na alameda, atraz da egreja do Bom-Fim, desde abril até outubro; e no campo da Saboaria, desde novembro até março.

Como fosse diminuindo a concorrencia a este mercado, até que o deixaram acabar, a camara, em 1858, o restabeleceu na referida alameda, e ainda continúa.

—

Em 1619, esteve D. Philippe III em Setubal, e alli presidiu a um capitulo da ordem d'Aviz, que se effectuou na casa da confraria de Nossa Senhora da Annunciada.

—

Quando o cardeal, frei Vicente Justiniano, geral da ordem benedictina, visitou Setubal, disse: — *Vidimus oppidum lapide cinctum pretiosa.* (Vimos uma villa, toda murada de pedras preciosas.) Porque, as muralhas da circumvalação, os fortes e todos os edificios de Setubal, são construidos com o bellissimo marmore da Arrabida; nem por estes sitios ha outra qualidade de pedra.

—

Pontes

Tem esta cidade dez pontes; são: — Ponte Nova, dos Carmelitas, e de S. Sebastião, todas dentro da cidade — e extra-muros, as de: — Jesus, Santa Catharina, do Soccorro, da Porta d'Evora, do Fidalgo, do rio Algodeia, e a Pontinha.

—

Terramoto de 2 de outubro de 1680

Em um authographo, com todo o caracter de veracidade, se lê o seguinte:

«Em 2 de outubro de 1680 sentiu-se em Setubal tremer a terra por espaço de um credo, com muito grande força, pelas 6 horas da manhã, o que deu muito temor n'este povo, e as lampadas nas egrejas faziam tão grande estrondo, que pareciam uma harmonia, e algumas pessoas cahiram no chão. O tremor de terra foi na quarta feira, e no domingo seguinte prégou sobre este successo o padre frei Antonio das Chagas, á porta da egreja do Anjo da Guarda, hoje do Senhor Jesus do Bom-Fim.

Terramoto do 1.º de novembro de 1755

Este horrivel cataclysmo sentiu-se, não só em Portugal, mas tambem em quasi todo o mundo.

N'este reino, onde teve mais desastrosas consequencias, foi em Lisboa, subvertendo uma grande parte da cidade, e esmagando, ou sepultando nas ruinas, mais de 40:000 pessoas.

Em quasi todas as nossas provincias se acham ainda vestigios d'esta convulsão do sólo, mas onde ella foi mais sensivel, alem de Lisboa, foi na Extremadura meridional, em parte do Baixo-Alemtejo e no Algarve [1].

Em Setubal foi tambem funestissimo este terramoto, horrorisando todos os seus habitantes, e causando prejuizos incalculaveis.

A destruição nas casas foi tal que ficaram ruas inteiras entulhadas. No largo da Fonte Nova se reuniu tão grande monte de entulho, que chegava á altura das janellas dos primeiros andares.

Á falta de habitações, se fizeram barracas em diversos sitios, principalmente junto das muralhas, de que ainda restam alguns vestigios.

[1] Os terramotos, segundo a opinião dos homens de sciencia, devem ir diminuindo de numero e sendo menos sensiveis, com o caminhar dos seculos, pelo natural resfriamento da materia ignea, concentrada no interior do globo, cuja crosta habitamos.

Por edital do juiz de fóra, o dr. Antonio Manoel Carlos Pinto de Souza, datado de 12 de maio de 1768, e passado em cumprimento de ordens superiores, foram mandadas demolir diversas das ditas barracas, de madeira e de tabique, que ainda existiam no largo de Palhaes, Fumeiros, atraz da cêrca de S. Domingos, Barrocas, Terreiro do Marquez, Buraco de Coina e em outras partes.

Um dos acontecimentos mais singulares, resultantes do terrivel cataclysmo do dia 1.º de novembro de 1755, foi o que consta do termo lavrado a fl. 89 v., do livro de registo de obitos, da freguezia de S. Julião. N'aquelle termo se declara que o eremitão da ermida de S. Braz, por nome José, e que jaz no adro da igreja de S. Julião, foi tirado, seis dias depois do terramoto, debaixo do entulho da dita igreja, da profundidade de seis covados, estando ainda vivo, expirando, porem, pouco depois.

—

Extracto de uma carta da secretaria de Estado, para o juiz de fóra da comarca de Setubal.

A impressão que fez no animo paternal d'El-Rei Nosso Senhor a noticia do estrago que esse povo padeceu na manhã de sabbado primeiro do corrente, moveu a real clemencia de Sua Magestade a mandar logo expedír ao Marquez de Tancos as ordens necessarias para mandar conduzir ahi todo o soccorro de pão que vocemecê lhe apontar, havendo o referido Marquez passado hontem para o Alemtejo.

Com elle se póde vocemecê explicar ao dito respeito, e Sua Magestade encarrega a vocemecê da inspecção de tudo o que fór necessario para que esse povo nada careça de mantimento e para que todos os que n'elle se venderem não excedam o preço que tiveram no mez d'outubro proximo precedente, como se está praticando n'esta côrte. N'ella absolveu Sua Magestade os direitos e emolumentos dos executores dos generos comestiveis que entrarem n'estes dias calamitosos, em quanto o dito Senhor não mandar o contrario. O mesmo póde vocemecê ahi praticar em beneficio da afflicção d'esses vassallos de Sua Magestade, e no caso de vocemecê julgar que são necessarias outras providencias m'as participará para eu as fazer presente ao dito Senhor.

A deserção dos soldados d'esse regimento, sendo desculpavel no primeiro dia do espanto, se fez muito reprehensivel que continuasse nos seguintes: vocemecê os convocará por bandos, debaixo de pena de perdimento dos postos aos officiaes e da pena de desertores aos soldados.

Com elles e com os paisanos espera Sua Magestade que vocemecê tenha feito toda a possivel diligencia por dar sepultura aos mortos, exhortando o clero e os regulares a que concorram em obra tão religiosa e de tão indispensavel necessidade, antes que o ar se infecte com mais funestas consequencias, pela corrupção dos cadaveres, que sendo muitos devem ser lançados ao mar, pelo menos uma legua da costa, como aqui se concordou com o Senhor Cardeal Patriarcha.

No caso de haver ladrões, que abusando da calamidade presente, escalassem os templos ou as casas, os deve vocemecê fazer remetter logo a esta côrte á ordem do Duque Regedor das Justiças, com os processos verbaes dos seus delictos, que consistem simplesmente no auto da achada do roubo, com as declarações das testemunhas que já presencearam a mesma achada, nas perguntas feitas *in continenti* aos taes reus, nas descargas que sobre ellas derem, e na notificação para a remessa á commissão que o mesmo Senhor tem ordenado para os reus d'estes impios e deshumanos crimes serem julgados e executados no mesmo dia. Sendo necessario que continue ahi, sem interrupção o despacho da alfandega para sahida dos navios do sal e entrada dos que trouxerem outras fazendas, procurará vocemecê logo que receber esta, pôr a mesma alfandega em actividade, convocando os officiaes d'ella, debaixo de pena de perdimento de seus officios, contra os que se não restituirem a elles promptamente, elegendo vocemecê as casas, armazens e trapiches que achar mais capazès de servir por ora, em quanto se não dá mais ampla providencia,

fazendo levantar de novo alguns telheiros ou cabanas de madeira, quando não hajam outros edificios que possam ser de uso. Para tudo o referido concede Sua Magestade a vocemecé por esta toda a necessaria jurisdicção.

—

Temporaes de 11 de novembro, 5, 19 e 24 de dezembro de 1876

Os temporaes e continuadas chuvas do inverno de 1876, para 1877, causaram grandes inundações e incalculaveis prejuizos em Portugal, principalmente no territorio que fica entre o Mondégo e o Guadiana.

Em Setubal, este temporal foi desastrosissimo, principalmente no dia 11 de novembro (dia já de triste recordação, por ser o decimo oitavo anniversario do terramoto de 1858.) Ainda as pessoas mais antigas da cidade, se não recordam de tão grande e tão horrivel tempestade.

Começou com a noite uma medonha trovoada, que foi augmentando successivamente, seguindo-se-lhe chuva torrencial e impetuosissimo vento.

O mar, na maior agitação, ultrapassava os limites, rompendo furioso até onde nunca antes chegara, arremeçando embarcações pela terra dentro, afundindo umas, despedaçando outras e deixando as restantes com bastantes estragos.

O rio e as praias ficaram cobertos de despojos. Muitos catraeiros e pescadores perderam os pequenos barcos de que auferiam os meios de sustentação de suas familias, e por isso, com o rugido das ondas e do vento, no meio de montões de ruinas, soavam os prantos e clamores d'aquelles infelizes, o que dava a esta scena indescriptivel aspecto duplamente pungente.

O pavor avassallou todos os espiritos. A maior parte das pessoas velaram durante a horrorosa noite de sabbado para domingo, assustadas com o terrivel vento, que parecia derrubar as casas, fazendo os maiores destroços, alguns dos quaes são motivo de verdadeiro assombro.

Relacionar minuciosamente os damnos causados pela espantosa catastrophe que acaba de succeder, seria prolixidade inutil; mas mesmo que se emprehendesse fazel-o, impossivel se tornaria conseguil-o sem fallencia. Limitar-nos-hemos por isso a dar noticia d'alguns desastres mais dignos de menção e referir-nos-hemos a outros em geral.

Garraram e soffreram avarias: o brigue francez *Jeune Constance*, que veiu a terra; a barca franceza *Ernest;* a barca norueguesa *Mazeppa;* a galera norueguesa *Hans Gude*; o brigue norueguez *Hertugen*; o patacho hespanhol *Resolucion*, que perdeu o leme; o patacho hespanhol *Liberto;* o lugre portuguez *Alberto*, do Porto; o hiate *Barrosinha*, de Setubal; o hiate *Flor de Ilhavo;* o hiate *Villa Real*, que atravessou na praia; a chalupa hespanhola *Desamparados;* os laudes *Rosa* e *S. Francisco*; e o lugre escuna inglez *Joshna & Mary.*

O hiate *Triumpho Restaurado*, de Caminha, entrou no dia 11, carregado de madeira, vindo de Campos-ancos para Malaga, e não se podendo aguentar nos ferros, naufragou na praia da Saboaria, deitando parte da carga ao mar, para não ir a pique, ficando totalmente perdido.

Foram ao fundo sete barcos de marinha, carregados de sal, e um carregado de lastro, perdendo-se inteiramente o *9 de Agosto*, e ficando outros quasi no mesmo estado. Duas bateiras que estavam carregadas de carvão tambem foram ao fundo, uma em frente da praia das Fontainhas e outra em frente da praia da Saboaria. Oito botes de catraiar foram destruidos, e outros ficaram com avarias. Perderam-se muitos cahiques, barcos de picadeiros, canoas de pesca e lanchas de navios.

Foi ao fundo, proximo da praia das Fontainhas, a lancha a vapor da carreira de Alcacer.

O cahique que ha pouco tempo tinha sido acabado de construir no estaleiro do sr. Martins, soffreu avarias, cujo reparo se calcula em 500$000 réis.

As armações de pesca que estavam no portinho da Arrabida foram levadas pelo mar, e as barracas em que se recolhiam os apparelhos das ditas armações ficaram em

grande parte destruidas, perdendo seus donos mais de 10 contos de réis.

Uma canoa que terça feira havia sahido de Setubal com destino a Alcacer, levando a seu bordo os srs. dr. Palmeirim e Jacintho Maria Rodrigues, foi obrigada a arribar.

Os barcos de marinha que foram ao fundo e tiveram maior damno são: *9 de Agosto*, do sr. Guilherme Theophilo da Silva Pinto; *23 de Maio*, do sr. Joaquim José de Sousa; *Flor do Sado*, dos srs. Torlades & C.ª; *Timbolim Grande*, do sr. Casimiro Maria Rosado; *Activo*, do sr. Francisco José Pereira; *Espantado*, do sr. Henrique Ferreira Pinto de Azevedo; *Gato*, do sr. Henrique João Vidal; e *Boa Esperança*, do sr. Joaquim José Trindade.

Ficaram em grande ruina os cahiques *Senhora da Purificação*, do sr. João José de Jesus; *Caranguejo*, do sr. Antonio Fozeta; *Senhor do Bomfim*, do sr. Manoel da Cruz; *Barba Azul*, do sr. José Martins Frade; *Gaiola*, do sr. Antonio Frade; e *Cavallinho*, do sr. Alexandre Pato.

Muito devem os donos e mestres de embarcações aos srs. Francisco Maximiano da Cruz, João Maria da Cruz e Sabastião Augusto, que prestaram os ferros e cabos precisos para as segurar. O seu procedimento é bastante digno de louvor, bem como o das pessoas empregadas nas armações de pesca, que, com a maior dedicação e desinteresse, trabalharam quanto lhes foi possivel em auxilio dos tripulantes em perigo e para evitar que o temporal causasse maiores ruinas.

A barca norueguezа *Santicleer*, vinda de Wiborg com madeira para Cette, tendo perdido os mastros e fazendo agua, deu á costa em Cabo d'Ares, no dia 13, morrendo o dispenseiro, e salvando-se a muito custo o capitão B. Lessing, que ficou doente em Cezimbra. O resto da tripulação, que se acha n'esta cidade, foi salva em cabo de vai-vem, com muitos esforços empregados por gente de terra. Com o capitão B. Lessing deu-se um caso singular. Tinha-se elle agarrado a uma taboa, e assim, depois de muito lutar com as ondas, foi lançado contra a base d'um rochedo, no cimo do qual estava um pastor. Quando este descia, ancioso por acudir ao naufrago, rolou um penedo, que teria cahido sobre o capitão Lessing, se, batendo em uma fraga muito saliente, não adquirisse balanço e fosse cahir no mar. O capitão, vendo junto de si o pastor, e suppondo-o talvez um dos malfeitores que infestam algumas costas, ajoelhou com gestos supplicantes, pedindo-lhe compaixão. Elle, porém, dissipou logo seus receios, soccorrendo-o como poude, ligando-lhe os pés feridos com a cinta que trazia, e fazendo com as mãos e o cajado pequenas cavidades, poude trepar pela ingreme escarpa com o seu naufrago, abrindo-lhe caminho para o remover d'ali.

Aquelle benemerito pastor, de tão rara dedicação, levada ao sacrificio da propria vida, bem merece que pelo consulado respectivo lhe seja dada alguma remuneração.

O piloto da *Santicleer* diz ter visto afundir seis navios antes do naufragio do seu.

Os destroços em terra são espantosos, principalmente no arvoredo. Innumeras arvores, algumas seculares, foram arrancadas, ou quebradas. Grande parte da laranja e azeitona cahiu e foi levada para o mar com a agua que cobriu muitas quintas, principalmente em sitios baixos.

O vento soprava com tal violencia, que chegou a arrancar uma chaminé de grande altura, do predio do sr. Costa Novaes, e lançal-a sobre o telhado de uma casa immediata.

Arrancou tectos de moinhos e muitas telhas de casas.

A maior parte dos vidros de candieiros da illuminação publica foram quebrados, e os das janellas de muitos predios.

Muitos postes da linha telegraphica foram derrubados.

No cemiterio, lamedas e passeios houve grande destruição no arvoredo.

Na quinta do sr. Fernando Antonio de Freitas, o engenho de tirar agua foi arrancado pelo vento e arremeçado fóra do seu logar, com o respectivo cabo e alcatruzes.

O poço em construcção, que a camara mandára abrir no sitio de Montalvão, e que já ficára arruinado com a chuva torrencial

de sexta feira, destruiu-se totalmente, desabando o muro que lhe está proximo. Tambem desabou o poço recentemente aberto na quinta das Machadas de Cima.

Uma frondosa e antiga palmeira, que o sr. André Dias tinha no seu quintal da rua Nova da Conceição, foi derrubada.

Segunda feira, de tarde, os passageiros que hiam de Setubal e Alemtejo para Lisboa, não poderam seguir viagem, tendo de regressar a esta cidade muitos d'elles. N'essa tarde não vieram as malas do correio de Lisboa, nem passageiros d'aquella cidade, porque o Tejo estava em tal estado de agitação, que o commandante do vapor se não resolveu a atravessal-o.

As salinas estiveram em grande perigo. Foi levado pelo vento grande parte do junco que cobria as medas de sal e comido muito d'este pela agua. Outros damnos soffreram ainda aquellas propriedades, para o que concorreu tambem a falta de reparos, pois as ditas propriedades são tão lucrativas quanto descuradas por alguns de seus donos.

Os prejuizos causados pelo terrivel cataclysmo n'esta cidade e suas immediações representam dezenas de contos de réis.

Um cavalheiro de Palmella nos envia os seguintes esclarecimentos, que em parte rectificam o que se tem referido relativamente a uma infeliz mulher que desappareceu na calçada proximo d'aquella villa, e que cremos ser a que appareceu na praia das Fontainhas, e não na de Troino, como por equivoco dissemos em o passado numero da nossa folha.

«No dia 10 do corrente mez, pelas 6 horas da tarde, vinham d'essa cidade duas mulheres, moradoras no sitio da Barra Cheia, com dois jumentos, carregados de peixe. Chegando á calçada que conduz a esta villa, proximo do chafariz, encontraram uma volumosa corrente de agua que descia pela enorme rotura que alli ha, e emquanto se esforçavam para a transporem, uma d'ellas cahiu, ficando bastante ferida. Quando se levantou já não viu a companheira, que era sua comadre e prima.

«Gritou por soccorro; mas n'aquelle logar não havia quem lh'o prestasse. Correndo logo á villa a dar parte do succedido, o juiz ordinario e regedor, com diversas pessoas que se prestaram a acompanhal-os, foram ao lugar alludido, e d'ali, com archotes accesos, seguiram o curso do ribeiro até á azenha, sem que achassem vestigio algum da pobre mulher.

«Repetindo-se igual diligencia no dia seguinte, foram achados no dito ribeiro pedaços de vestido, uma sáia de baetilha, um lenço e um chapéo. Presume-se que a victima foi arrastada pela corrente até ao mar, e que é, provavelmente, seu o cadaver apparecido na praia d'essa cidade. A infeliz era mãe de cinco filhos, todos menores.

«Não será esta a ultima desgraça que possa succeder no indicado sitio, pela ruina que a estrada soffre com as enormes pedras trazidas pelas correntes de agua dos terrenos que á mesma estrada ficam superiores, o que facilmente succede, por estarem elles cultivados. Pelo mesmo motivo está obstruido e arruinado o cano que conduz a agua ao chafariz.

«Foram grandes os estragos que o temporal por aqui fez nos arvoredos. Calcula-se em mais de 3:000 o numero de arvores arrancadas e partidas em toda a extensa área d'esta parochia».

Outro cavalheiro, de Azeitão, nos diz o seguinte:

«O temporal dos ultimos dias causou aqui prejuizos de bastante monta, se bem que não haja desgraças pessoaes a lamentar.

«Calcula-se em mais de 2:000 oliveiras, pela maior parte antigas, e algumas de grande tamanho, que o vento arrancou pela raiz ou quebrou pelo meio. Ao sr. conde de Carvalhaes calcula-se que cahiram mais de 300; ao sr. Joaquim Philippe da Silva mais de 100; na quinta da ex.ma sr.a D. Maria José d'Oliveira a perca foi relativamente maior, porque, tendo cento e tanto oliveiras, foram 50 a terra; na quinta da Torre cahiram umas quarenta e tantas; finalmente, todos os proprietarios de olivedo tiveram mais ou menos prejuizo.

«Nos outros arvoredos os estragos foram menores, mas ainda assim é grande o nu-

mero das arvores que foram abaixo, sendo algumas seculares.

«Proximo do armazem de vinhos do sr. José Maria da Fonseca, cahiu uma das grandes arvores que ali existem, sendo, por felicidade, a queda para o lado da rua, de contrario o prejuizo na casa do sr. Fonseca seria grande, e talvez houvesse victimas. Um grande tronco d'uma das arvores collossaes que ha em Aldeia Rica, cahiu sobre o telhado da officina dos srs. Vidaes, fazendo-lhe grandes estragos.

«Em Aldeia Rica houve uma cheia, que obrigou alguns moradores d'aquelle sitio a fugirem, tendo já a agua meio metro de altura.

«Os pomares ficaram destroçados e quasi sem laranja; as oliveiras que escaparam ficaram sem azeitona.

«Poucos são os telhados que não tiveram estragos. Houve portões cahidos, muros derrubados, paredes alluidas, etc.»

(*Extrahido da Gazeta Setubalense.*)

—

Temporal de 5 de dezembro de 1876

(Extrahido da *Gazeta Setubalense*)

O horroroso e aturado temporal, que tantos estragos tem causado, trouxe sobresaltados os espiritos. A chuva torrencial tem sido tanta e tão continuada, que quasi se não tem podido sahir de casa.

Terça feira (5 de dezembro) a inundação foi espantosa. O grande ribeiro que atravessa a cidade, vinha tão caudaloso, que causava medo.

No sitio de Algodêa algumas casas foram inundadas.

As quintas situadas no valle que corre desde a baixa de Palmella até Setubal foram tambem quasi todas inundadas.

Uma enorme massa d'agua, desaggregando o solo de parte da quinta do sr. Netto, que está sobranceira a um fosso da linha ferrea, arrastou-o, arrancando mais de vinte larangeiras.

As estradas tornaram-se rios, chegando a agua a meia altura das portas das quintas.

As estradas em construcção soffreram grande ruina, principalmente nas obras de arte.

O vasto campo do Bomfim parecia um mar, tendo ahi a agua quasi meio metro de altura.

Houve grandes estragos nas marinhas, e perderam-se alguns milhares de moios de sal.

Na cidade houve igualmente grande cheia no mesmo dia; algumas ruas estiveram intransitaveis.

Na parte do edificio municipal, cujas portas dão para a rua dos Açougues, (hoje, *de Camões*) não foi possivel entrar senão quasi ás onze horas. A agua invadiu a thesouraria municipal, a repartição de fazenda e algumas casas particulares.

Para tornar accessivel a repartição do correio, na rua das Amoreiras, foi preciso collocar pranchas, quando o descimento da agua o permittiu.

Desabaram diversos muros e algumas casas arruinadas.

Na propriedade do sr. Oliveira, junto á igreja da Saude, cahiu parte do muro, ficando obstruida a travessa que punha em communicação o largo da Fonte Nova com a rua de S. Caetano.

A egreja do convento de Jesus tem estado fechada, com agua até acima dos estrados, não sendo possivel entrar alli.

A portaria do dito convento foi totalmente inundada. As freiras recorreram aos srs. Pereiras, e estes cavalheiros mandaram logo a sua bomba e o pessoal da sua fabrica, com o que, depois de muito trabalho, se abriu passagem para o convento, não se conseguindo o esgotamento completo, por causa da successiva corrente da agua.

O bairro de Troino teria sido inundado, se o pessoal da abegoaria municipal, por ordem do sr. vereador respectivo, não acorresse promptamente, auxiliado por diversos individuos, a desobstruir o ribeiro de S. Francisco, que estava quasi de todo aterrado.

O mar tem trazido á praia muitos fragmentos de embarcações e de carregamentos.

No rio não nos consta que tenham havido

grandes estragos; todavia póde dizer-se que é este o temporal maior de que ha lembrança em Setubal e que aqui tenha produzido tão grande inundação, depois do que houve no anno de 1702.

Temos á vista uma memoria original e authentica do referido temporal, e por curiosidade vamos expol-a ao conhecimento dos nossos leitores, transcrevendo-a na sua integra:

«Aos 10 dias do mez de janeiro do anno de 1702, que foi terça feira, dia de S. Paulo, 1.º eremita, das 10 para as 11 horas do dia, começou a chover e continuou até ao meio dia a chuva, e do meio dia por diante veiu tão grande cheia de agua, que alagou parte da villa de Setubal, assim o Sapal como rua dos Açougues até á porta de Francisco da Silva e Souza, e para o Troino chegaram a nadar pipas de vinho nas adegas, e talhas muito grandes cheias de azeite se perderam, e as freiras de Jesus picaram os sinos, para que lhes acudissem, que se alagava o convento, no qual tiveram muita perda, assim no trigo, como azeite, e na egreja chegou a agua a cobrir os altares colateraes, e andava a mais da gente a cavallo, e em muitas ruas custava muito a passar as pessoas que andavam a cavallo, porque cobria as cellas dos cavallos a agua, e no Sapal se deitou um barco, para ir ao paço do trigo a levar enxadas e petrechos necessarios para se fazer um barrachão de pedra e arêa, por que não entrasse dentro agua, e no barco se andou por muitas casas a ver se queriam as gentes alguma cousa, como no Sapal e Boraco d'Agua e Sapalinhos, e pela rua dos Açougues, até á porta de D. Francisco veiu no barco Luiz de Liz e seu irmão Thomaz de França e Pedro de Horta e um homem que remava, e á porta de Luiz Caieiro entrou pela loja dentro, a remo, a tomar o padre José Alves e uma mulher que lá estavam, os quaes vieram desembarcar á porta de S. Julião; e muitas casas de hortas cahiram com a força da agua e gente que apanhava, que vinha através pela agua abaixo, como tambem muito fato e arcas das casas que se tinham arruinado, que foram ao mar dar, por se não poderem tomar, por irem com a furia da agua,—e para lembrança fiz este.—Setubal, 17 de janeiro da mesma era de 1702.—*Bruno Francisco de Faria.*»

—

Os habitantes de Alcacer do Sal soffreram grande damno com a enchente. O Sado elevou-se ali a grande altura, e invadiu muitas casas, causando prejuizos em algumas d'ellas, onde havia depositos de cereaes. A ponte que estava proxima da villa, e dava passagem sobre o rio, foi destruida pela corrente.

—

Temporal de 19 de dezembro de 1876

A chuva torrencial que cahiu terça feira produziu inundação superior á que houve no dia 5 do corrente mez. Muitas quintas ficaram totalmente cobertas de agua, e outro tanto succedeu ao vasto campo do Bomfim. Desabaram alguns muros e foram arrancadas muitas arvores.

De tarde desmoronou o solo d'um aterro do caminho de ferro, proximo do Pinhal Novo, ficando a via completamente descoberta n'uma extensão approximada de 10 metros, sendo necessario fazer-se a transferencia dos passageiros para outro comboyo.

Deram-se promptas providencias, fazendo o comboyo, no dia seguinte, o seu trajecto com regularidade.

São importantes os estragos causados pelas cheias na freguezia de Maratheca, d'este concelho. A grande ponte que ali se acabou de construir no verão proximo passado, e que custou 8:000$000 réis, foi totalmente destruida. Por tal motivo ficou interceptada a passagem na estrada nova que liga a villa de Alcacer do Sal com o caminho de ferro, na estação dos Pêgões.

Cahiram algumas casas e muros, e os alagamentos de arroz ficaram quasi todos destruidos. Os trabalhadores ali estão soffrendo grandes privações.

—

Temporal de 24 de dezembro de 1876

A cheia de quarta feira excedeu todas as que tem havido no Sado. A agua invadiu de

novo as marinhas, havendo em algumas grande perda de sal.

A agua de monte era tanta que cobriu todas as quintas situadas no valle que medeia entre Palmella e Setubal, sendo grandes os estragos ahi causados.

No campo do Bomfim podiam vogar embarcações.

Por algumas ruas da cidade não era possivel transitar.

As pontes de embarque foram destruidas, e os caes, apesar da solidez da sua construcção, soffreram grande ruina.

Não veiu a mala do correio da manhã, em consequencia do vapor não ter podido atravessar o Tejo.

—

O temporal continúa a produzir os seus terriveis effeitos.

Domingo, algumas pessoas foram lançadas a terra com a força do vento, e de duas sabemos que ficaram feridas.

As ondas, agitadissimas, pareciam querer invadir a cidade, cuspindo a agua as frontarias dos predios, na rua da Praia, posto estes estejam muito distantes do rio.

Garraram diversas embarcações.

—

Terramoto de 11 de novembro de 1858

Este cataclysmo causou horriveis estragos a Setubal, destruindo a maior parte do bairro do Troino, onde fez muitas victimas.

Feiras e mercados do concelho de Setubal

Local das feiras e mercados	Data da instituição	Dia em que se fazem	Productos que a elle concorrem e d'onde	Importancia commercial das feiras e mercados
Setubal, na Praia do Livramento.	9 de julho de 1582	25 de julho	Quinquilherias, tecidos, louças, obras d'esparto e palma, obras de ourivesaria, e outros objectos; vindos de Lisboa, Porto, Estremoz, Algarve e Setubal	Esta feira é de pequena importancia commercial; mas muito concorrida, principalmente dos povos visinhos do concelho.
Setubal, na Praia da Saboaria....	8 d'agosto de 1838	3.º domingo de cada mez	Gado cavallar, bovino e lanigero, de Setubal, Palmella e Azeitão	N'este mercado fazem-se algumas transacções, ainda que pouco importantes.
Palmella, largo do Touril.........	Anno de 1642	8 de dezembro	Gado suino, quinquilherias, fazendas de lã e linho, e utensilios agrarios, vindos de Lisboa e da provincia do Alemtejo	Esta feira só tem importancia pelas vendas que n'ella se fazem de gado suino, o qual vae na maior parte, para Setubal.
Azeitão, Rocio de Villa Nogueira.	29 de julho de 1780	1.º domingo de cada mez	Gado de todas as qualidades, do concelho de Setubal e dos visinhos	Este mercado é d'alguma importancia.

Na villa de Palmella fazia-se um mercado, cuja creação ignoro, o qual foi transferido ha poucos annos para o sitio do Pinhal Novo, districto da freguezia de S. Pedro de Palmella, onde se erigiu modernamente uma capella, da invocação de S. José, á custa do povo, e onde a população tem crescido tanto, em poucos annos, que se falla em crear-se ali uma parochia. A dita população é toda formada de gente vinda das provincias do norte, principalmente dos districtos de Coimbra e Aveiro. O sr. José Maria dos Santos possue ali vastissimos tratos de terreno, que tem dado de aforamento ou arrendado a longo praso, tornando assim productivos e formosos aquelles campos, antes estereis e desagradaveis. (Vide *Pinhal Novo*)

—

Recenseamento (official) da população do concelho de Setubal, feito em 31 de dezembro de 1877

PAROCHIAS	NUMERO DE FOGOS	NUMERO DE HABITANTES			NUMERO DE TRANSEUNTES			TOTAL GERAL DOS INDIVIDUOS
		Varões	Femeas	Total	Varões	Femeas	Total	
S. Sebastião........	1:118	2:430	2:020	4:450	544	10	554	5:004
Santa Maria da Graça	473	698	849	1:547	55	3	58	1:605
S. Julião..........	988	1:761	1:993	3:754	63	25	88	3:842
Nossa Senhora d'Annunciada........	1:175	2.385	2:585	4:970	125	33	158	5:128
S. Lourenço d'Azeitão.............	540	1:115	995	2:110	214	3	217	2:327
S. Simão d'Azeitão..	286	558	512	1:070	2	1	3	1:073
S. Pedro de Palmella	1:502	3:333	3:212	6:545	45	7	52	6:597
S. Pedro de Maratheca..........	104	226	149	375	40	–	40	415
	6:186	12:506	12:315	24:821	1:088	82	1:170	25:991

—

Porto de Setubal

O porto d'esta cidade é um dos mais concorridos d'este reino: todos os annos o frequentam centenares de navios estrangeiros e nacionaes. Na costa e mares contiguos, ha numerosas embarcações, armações e *artes*, empregadas na industria da pesca, a qual, uns annos por outros, produz de impostos, para o thesouro publico, 11:000$000 de réis.

Junte-se a esta cifra, o producto dos direitos de importação e exportação, e dos que proveem dos barcos de cabotagem, o que attingirá uma grande somma.

Apezar d'isto, não ha aqui um barco salva-vidas, um cabo, ou uma ancora que preste algum auxilio, em occasião de naufragio!

Debalde os navios em perigo dão signal de pedir soccôrro; não ha pessoal, nem aprestes para lhes acudir.

O abandono em que está o porto de Setubal é tal, que a auctoridade maritima d'elle não tem um escaler para hir ao mar, quando alli a chamam as obrigações do seu cargo!

A não serem as providencias que costumam empregar alguns agentes consulares, ou os consignatarios, os tripulantes em perigo ver-se-hiam completamente abandonados á furia das ondas, e pereceriam em frente da terra, sem haver quem os soccorresse, por falta absoluta de meios para isso.

Esta incuria, que tantos e tão repetidos

clamores tem levantado, e põe em risco as vidas e os haveres que o governo tem obrigação de proteger, não pode nem deve subsistir, sem que faça cahir a mais grave responsabilidade sobre quem a tolera e auctorisa.

É forçoso providenciar no caso de que se trata. É forçoso que o governo poupe o paiz á vergonhosa miseria e criminoso desleixo que aos estrangeiros apresenta um dos melhores portos de Portugal.

Monstro marinho

A pag. 112 do AFFONSO AFRICANO, poêma épico, de Vasco Mousinho de Quevédo, se lê uma oitava, allusiva ao *monstro marinho* (provavelmente phóca) de que falla a *Chronica da Arrabida,* e que appareceu em uns penedos da serra da Arrabida. Eis a oitava:

N'este tempo, na costa da piscosa
Cezimbra, onde rebenta o mar visinho,
N'uma lapa sombria e cavernosa,
Para onde abria o mar o seu caminho:
Um monstro de figura temerosa
Se viu, qual era Glauco, Deus marinho,
Qual da sereia mythica, indistincta,
De peixe a fórma, e de mulher se pinta.

—

Philippe III

Quantias com que contribuiram as diversas povoações pertencentes (então) á comarca de Setubal, para a vinda de D. Philippe III a esta povoação, no anno de 1612 [1].

	Réis
1 Setubal	989$076
2 Palmella	322$217
3 Côina	105$745
4 Benavente	80$153
5 Azeitão	76$783
6 Samora	43$460
7 Barreiro	53$668
8 Cezimbra	176$223
9 Alhos Vedros	131$784
10 Almada	245$032
11 Grândola	69$116
Somma	2:293$357
Transporte	2:293$357
12 Alcochete	183$130
13 Aldeia Gallega do Riba-Tejo	196$183
14 Alcacer do Sal	372$561
15 Cabrella	66$688
Somma	3:111$819

[1] Consta do livro das actas da camara, dos annos 1612 e 1613, a pag. 69 e 79.

Esta noticia serve tambem para se saber a extensão da comarca de Setubal, ha 268 annos.

—

Theatro Bocage

Foi fundado em 1834, por trez operarios (Candido Xavier da Silva, Manoel Duarte da Silva, e Joaquim Alberto Sôlha) em uma casa velha, na rua dos Almocreves.

Passados vinte annos, Antonio José Pacheco, comprou a casa e reconstruiu o theatro, mudando-lhe a frente, para a nova rua da Conceição (a mais bella da cidade) e denominando-o *Theatro Bocage.*

Foi inaugurado a 26 d'abril de 1855, com um espectaculo, dado pela companhia do theatro do Gymnasio, de Lisboa.

Tem 23 camarotes de 1.ª ordem e 23 de 2.ª, cada um para quatro pessoas.

Tem trez plateias—*assignatura, superior,* e *geral,* podendo conter, ao todo, 180 pessoas—total 364 espectadores.

Já se vê que é muito pequeno: está abaixo do nivel da rua, é mal illuminado, não tem ventilação, e o seu scenario é pobrissimo.

Já disse que em cada camarote cabem quatro pessoas (que não sejam muito gôrdas) mas não ha n'elles senão um reles banco de pinheiro, muito estreito e sem costas nem espaldar, onde apenas cabem, a custo, duas pessoas. O resto, se quizer estar sentado, hade alugar *môchos* de páu a um quidam, no vestibulo do theatro, ou levar cadeiras de casa!

Perdoem os setubalenses, mas sempre lhes digo—semelhante theatro não depõe muito a favor do seu bom gôsto, e desejo de commodidade.

Tentei-me a hir uma noite a este theatro, mas não tornei mais. Alem dos assentos in-

commodos, os espectadores da plateia estiveram em constante *troça* aos pobres actores — que, diga-se a verdade, não andavam mal [1].

—

Theatro Santos Silva

É um theatro construido ha poucos annos, na rua de Côina, no bairro do Troino. Dizendo que é ainda inferior ao antecedente, não é precizo dizer mais nada.

—

Escriptores setubalenses [2]

1 — Agostinho Fernandes.
2 — Alvaro José de Sérpa Sotto-Maior.
3 — André da Natividade (frei.)
4 — André Rodrigues Caldeira.
5 — Antonio Bento Figueira.
6 — Antonio Cabêdo.
7 — Antonio da Costa Cordovil.
8 — Antonio Rodrigues da Costa.
9 — Antonio de Setubal (frei.)
10 — Belchior Fernandes Soares.
11 — Daniel dos Reis (frei.)
12 — Domingos d'Abrantes.
13 — Egydio de Gambôa (frei.)
14 — Estevam de Liz Velho.
15 — Francisco da Annunciação (frei.)
16 — Francisco José Monteiro Nazo.
17 — Francisco Manoel de Brito Mascarenhas.
18 — Francisco dos Santos (frei.)
19 — Gaspar de Mello da Silva Vasconcellos.
20 — Gonçalo Mendes de Vasconcellos Cabêdo.
21 — Gonçalo Pinheiro (D.)
22 — Gregorio de Freitas.
23 — Henrique de S. Boaventura.
24 — Jacintho da Silva de Miranda.
25 — Joaquim de S. José (frei.)
26 — João Baptista (padre.)
27 — João de Brito de Mello.
28 — João de Deus da Silva.
29 — João Jacintho Henriques.
30 — João Peres de Macedo.
31 — João Pinheiro (frei.)
32 — João Sardinha Mimoso.
33 — João Soares de Brito.
34 — Jorge Cabêdo.
35 — José de Faria Arraes.
36 — José de Jesus Maria (frei.)
37 — José Joaquim Soares.
38 — José Luiz Soares Barbosa.
39 — José Pereira da Costa.
40 — José da Purificação.
41 — José Ribeiro.
42 — José Soares (padre.)
43 — Manoel do Nascimento (frei.)
44 — Matheus da Silva Cabral.
45 — Mendo da Motta Valladares.
46 — Miguel Cabêdo de Vasconcellos.
47 — Paulo Soares da Gama.
48 — Pedro Lagarto (frei.)
49 — Pedro Pachêco de Flandres.
50 — Pedro de Setubal (frei.)
51 — Sebastião Luiz de Liz Velho.
52 — Simão de Brito (frei.)
53 — Vasco Mousinho de Quevêdo e Castello-Branco.
54 — Vicente Ferreira de Abreu.
55 — Vicente da Motta de Carvalho.
56 — Victorino Victoriano Xavier do Amaral e Pimentel.

—

Alem d'estes, mencionados na *Bibliotheca lusitana*, ha mais os seguintes:

57 — Manoel Maria Barbosa du Bocage.
58 — Thomaz Antonio dos Santos Silva.
59 — Padre Francisco José de Queiroz.
60 — Frei Francisco de Santo Ignacio Carvalho. (As obras d'este escriptor estão ineditas.)
61 — Antonio Candido Pedroso Gamito (auctor do *Muata-Cazembe.*)
62 — Claudio Lagrange Monteiro de Barbuda.

[1] Adelaide Pereira, uma das actrizes, andou perfeitamente, mostrando grande vocação para a scena. Recitou primorosamente a velha poesia — *O sonho da actriz* — isto, apezar da grosseira e impertinente balburdia da plateia. Aquillo não era o theatro de uma cidade, era uma praça de touros. As mesmas senhoras que estavam nos camarotes, eram objecto de observações improprias de espectadores civilisados.

[2] *Bibliotheca lusitana*, de Diogo Barbosa Machado, tit. IV, pag. 418.

63 — D. Joaquim de Sant'Anna Carvalho.
64 — José Joaquim Soares de Barros e Vasconcellos.
65 — Frei José da Purificação.
66 — José Julio Guerra.
67 — Rodrigo Ferreira da Costa.
68 — Theotonio Xavier d'Oliveira Banha.
69 — Vicente José de Carvalho.
70 — Francisco Travassos Valdez.
71 — D. Maria Henriqueta de Campos Valdez.
72 — José de Cabêdo e Vasconcellos.

Não entram n'esta conta varios redactores de jornaes, d'esta cidade.

—

Salão Therpsicore

Foi inaugurado, no domingo 13 de fevereiro de 1876. Teve bastante concorrencia, contando-se muitas mascaras, de ambos os sexos.

Ganhou o premio, offerecido pelo proprietario ao melhor mascara, um que representava um judeu, vendendo quinquilherias e *bijouterias.*

O sr. Antonio Avellino da Silva Junior, seu proprietario, é um cavalheiro activo, de muito bom gôsto, e incansavel em proporcionar ao publico todas as commodidades.

O serviço do *buffête* foi excellente.

—

Nova estrada

Concluiu-se em 3 de dezembro de 1875, o lanço da estrada de Setubal á *Fonte da Talha,* que ficou excellente, como todas as estradas municipaes que teem sido dirigidas pelo sr. Marcellino Allemão Cisneiros e Faria, intelligente e zeloso empregado da repartição de obras publicas, encarregado dos trabalhos de viação n'este concelho.

O acerto com que se effectuou o traçado do referido lanço, seguindo pelo terreno sobranceiro ao leito da velha estrada, livra-o totalmente da corrente das aguas e proporciona aos viandantes agradavel recreio, nos bellos panoramas que descobre.

As regras da arte e da economia foram fielmente observadas.

O sr. Faria tem merito incontestavel e evidentemente provado, pelo que causa admiração que ainda lhe não haja sido dada a classificação de conductor, que de justiça lhe pertence.

—

Uma antiga postura da camara de Setubal

Por um accordam da municipalidade de Setubal, de 1565, se determina que o cortador de carne que não dê ao comprador o peso competente, pague: — pela primeira vez, 100 réis — pela segunda, 300 réis — e pela terceira, *sêja posto ao pé do pelourinho, com a carne mal pezada, ao pescôço, por espaço de uma hora.*

Esta postura, que se lê em muitos accordãos de differentes camaras, devia ainda hoje vigorar: talvez que seja mais necessaria do que era ha 315 annos.

—

Aguas medicinaes do termo de Setubal

A agua da *quinta do Prostes,* nos suburbios da cidade, é de manifesta virtude therapeutica, contra as concressões ou calculos urinarios. Foi analysada em setembro de 1878, no laboratorio chymico dos srs. Azevedos, de Lisboa. Verificou-se que esta agua é finissima, pois marca apenas 3 gr., em quanto as *aguas livres* (de que se abastece a capital) marcam 20 gr.

Os srs. Correias, proprietarios da quinta do Prostes, prestam-se a fornecer a agua medicinal a quem a pedir.

—

Na *Troia,* ha tambem um manancial de optima agua potavel, de maravilhoso effeito para a cura de molestias do estomago, pela sua qualidade eminentemente digestiva.

Não me consta que tenha sido analysada por pêssoa competente.

—

Exportação de peixe para Hespanha

De 1864 a 1875, o peixe exportado de Setubal para Hespanha, importou em réis 1.235:842$252.

Pagou de impostos para o thesouro publico 81:525$717 réis.

O valor do peixe exportado d'este porto para a nação visinha, póde calcular-se em 100 contos de réis annuaes.

O rendimento do imposto, no anno de 1874 a 1875, foi de 17:000$000 rèis mais do que o termo medio d'este rendimento nos mais annos.

—

Correio

O rendimento do correio de Setubal regula annualmente por 532:910$000 réis. A parte liquida para o thesouro é de réis 178:000$000.

—

Fábricas

Na Rua Nova da Conceição, ha uma fabrica de moagens e fabrico de pão, cujo motor é o vapor.

São seus proprietarios, os srs. João Victorino de Oliveira, Eduardo Diniz Homem, Antonio Maria Correia, e Manoel José de Souza Ferreira; constituidos em sociedade, sob a firma commercial *Oliveira, Diniz & C.ª*

Principiou a funccionar no dia 13 de setembro de 1879.

—

Além d'esta, ha diversas fabricas de moagens a vapor, e vae estabelecer-se um *engenho* de moer azeitona e fabricar azeite, movido tambem a vapor; por iniciativa do sr. Henrique Augusto Pereira, inteligente e activo industrial, nascido em Setubal.

—

Houve uma fábrica de manipulação de cortiça e rolhas, do sr. João José Pereira, e Jacintho Font y Archer, sob a firma social de *Pereira & Archer*. Por sentença do tribunal do commercio, de 22 de agosto de 1877, foi esta sociedade julgada em estado de quebra, a contar do dia 12 do mesmo mez e anno.

—

Periodicos de Setubal, (todos semanarios) até 1880

DENOMINAÇÃO	PRINCIPIOU			TERMINOU		
	Dia	Mez	Anno	Dia	Mez	Anno
Aspirações	15	Setembro	1870	5	Janeiro	1872
Correio do Sádo	»	»	1878	»	»	»
Correio de Setubal [1]	1	Julho	1860	24	Janeiro	1864
Curioso (O)	6	Fevereiro	1858	24	Julho	1860
Cysne do Sádo	»	Março	1859	»	Maio	1859
Disparate (O)	7	Agosto	1856	23	Outubro	1856
Gazeta Setubalense [2]	25	Julho	1869	»	»	»
Grinalda Litteraria	1	Outubro	1873	20	Março	1874
Improviso (O)	26	Junho	1859	25	Dezembro	1859
Independente (O)	14	Outubro	1856	7	Novembro	1857
Jornal de Setubal	28	Outubro	1866	18	Julho	1869
Setubalense (O)	1	Julho	1855	27	Dezembro	1857
Troça (A)	29	Agosto	1856	19	Setembro	1856
Voz do Progresso (A)	31	Janeiro	1864	21	Outubro	1866

[1] Ainda se publica.
[2] Idem.

Banhos

É Setubal considerada, por muita gente, uma *praia de banhos*, o que não é rigorosamente verdade, porque não é *praia*, mas sim *margem*, o que faz differença: todavia, concorre aqui grande numero de familias portuguezas e ainda maior numero de hespanholas, pela facilidade do transporte, pelo caminho de ferro.

Devemos porém confessar que a escôlha de Setubal para a *balneação*, não é das mais felizes. Ha uma barca de banhos, mas, desde que alli morreu um pobre homem afogado, muita gente tem medo de lá tomar banhos. Ha trez wagons para d'elles se tomarem banhos, mas, na baixamar, o leito do rio (porque no Sádo, e a 4 ou 5 kilometros distante da barra, é que se tomam os banhos) está litteralmente coberto de *sêba* (alga marinha) de meio metro e mais, de altura.

Ha apenas uma hospedaria que merêça tal nome—é o *Hotel Escoveiro*, na praia, estabelecido no edificio que foi palacio dos duques d'Aveiro; alcaides-móres e senhores d'estas terras, que eram uma riquissima commenda da ordem de S. Thiago, como veremos no decurso d'este artigo.

Os alugueis das casas, são carissimos, e os generos alimenticios, custam o dobro para os banhistas.

Demais a mais, não sei porque, a maior parte da gente de Setubal, olha com certo ar de desprezo para os banhistas, que deixam na cidade uma bôa porção de libras annualmente.[1]

[1] Nas outras praias de banhos, tambem é tudo carissimo para os pobres banhistas; mas, ao menos, os *indigenas* mostram bôa cara á gente. Comigo, deu-se em Setubal o facto seguinte:—Fui ao cartorio de um tabellião, para *abrir* a minha assignatura no respectivo livro, para alli m'a reconhecerem. O tabellião, seus filhos e outros figurões, estavam, uns sentados, outros em pé, mas todos *cobertos*. Eu entrei de chapéu na mão, e assim estive mais de 30 minutos, sem que, nem o dono da casa nem mais ninguem me mandassem cobrir nem sentar!—Ora, eu hia dar dinheiro a ganhar ao tabellião, se lhe fosse pedir algum, ou outro qualquer favor, como me tratariam?

Abro aqui uma excepçao em favor do sr. dr. Manito, presidente da camara municipal, quando eu estive em Setubal, dos srs. vereadores da mesma camara, e do meu esclarecido amigo, o sr. Manuel Maria Portella, empregado na secretaria do municipio; que, alem de me tratarem com a differencia e delicadeza propria de cavalheiros de esmerada educação, levaram sua benevolencia a ponto de me darem todos os esclarecimefitos que lhes pedi.

Aqui lhe reitero os meus agradecimentos.

—

Carreira do vapor fluvial, de Setubal para Alcacer e vice-versa

O novo vapor *Hugo Parry*, principiou a fazer estas carreiras, no dia 27 de novembro de 1876.

A barra

Um alvará de D. Philippe III, de 14 de julho de 1605, regulou o modo dos deslastres das embarcações que entravam n'este porto; porque a camara se lhe queixou, por varias vezes, dos damnos que á barra fazia o mau systema dos deslastres até alli usado.

Em cumprimento de uma ordem do conde de Fáro, védor da fazenda do mesmo soberano, mandou a camara de Setubal, examinar, em 1619, o estado da barra, que se dizia peorar de anno para anno, pelo despejo dos lastros para o rio.

Foi o exame feito por cinco pilotos, os quaes declararam que, de 20 annos áquella parte, na *preamar d'aguas vivas*, tinha a barra de largura de bôcca, 15 córdas de 35 braças cada córda (1:166 metros) e de fundo, 6 braças, na entrada (13 metros) e que d'este fundo pela barra dentro, haveria 60 braças, até dar n'outro fundo, onde estava o primeiro banco, que tinha 4 braças de fundo e a largura de mais de 2:000 braças (4:444 metros); e que o comprimento do dito banco, vindo para dentro, seria de 6 até 7 braças.

. . . .

Que da torre (do Outão) á outra banda do *Sêcco da Praia*, havia 100 braças (222 metros) e de fundo, 25 a 26, e logo se entrava no rio.

Vistoriando-se a barra, viu-se que estava conforme com aquella medição, menos na bôcca da barra, da banda de fóra, para o mar, que estava mais apertada, e reduzida a metade da largura, em rasão do despejo dos lastros que durante dèz annos se fazia na *praia da Pedra-Furada* (ao pé da *quinta da Parvoice*) d'onde a corrente da maré levava a areia e a encostava á bocca da barra, e na ponta da Troia, em frente da torre do Outão, onde antigamente havia um canal, por onde passavam caravellas, e depois, ficou tão entulhado, que se passava a pé, na baixa-mar; e que a areia, assim arrastada, avolumára mais as *cabeças* que havia no rio e creára outras.

—

Para evitar o proseguimento de taes damnos, se tomaram então muitas providencias, e se mandou lançar o lastro das embarcações, no sitio de São Braz, quando não trouxessem por lastro pipas d'agua — o que foi recommendado que trouxessem sempre.

—

Em 1703, o dr. Manuel da Costa Biscaia, provedor da comarca de Setubal, acompanhado de peritos maritimos, foi, por ordem de D. Pedro II, tomar a altura da barra na baixa-mar, e sondou da maneira seguinte:

Duas braças e meia d'agua, o forte apontado da parte do norte, juncto aos *cabêços de Maria Ferreira*. Trez braças d'agua, torre por torre, que se entende — a do Outão, com a do Castello de S. Philippe. Trez braças e meia de agua, o forte da praça d'armas. Trez braças menos um palmo nas pennas, pela praça d'armas. (Por *pennas*, se entende as arvores que estão no castello de S. Philippe). Trez braças e meia, no meio da barra. Trez braças fôra do canal, para a parte da costa, no sitio de *Maria Esguêlha*. Duas braças e meia, do lado do sul, na ponta da *cabeça dos agulheiros*.

Largura da barra — 625 braças (1:389 metros) da cabeça dos Agulheiros, á cabeça de Maria Ferreira.

Antes e depois das que ficam mencionadas, se fizeram varias sondagens, e se tomaram varias providencias, para que a barra não fosse obstruida, mandando fazer os deslastres da areia dos navios, em pontos d'onde não podesse ser levada pela maré.

Assim se fizeram os deslastres, alternadamente nas Fontainhas (perto e ao E. da *Pedra Furada)* na *Saboaría*, proximo a S. Braz; na Troia; e na praia do Trôino; aproveitando-se para aterrar a margem direita do rio, para aformoseamento da cidade.

—

Por um documento authentico, extrahido da secretaria da capitania do porto, se mostra que a sondagem feita em 19 d'agosto de 1876, na barra, deu em resultado — na baixa mar, 3m,96 a 4m,27 — e na preamar, 7m,01 a 7m,31.

—

A Pedra furada

A paginas 519, col. 2.ª (in fine) do 6.º volume, mencionei esta raridade geologica; mas, então, *curei por informações*. Depois, vi e examinei com a maior attenção a famosa *pedra furada*, pelo que posso dar d'ella mais circumstanciadas informações aos meus leitores.

Marchando pela margem direita do Sado, na direcção de leste, e além do sitio denominado *Fontainhas* (que é o fim de Setubal por este lado) se chega á *quinta da Parvoice*, propriedade do sr. José Cordeiro Feio, que, não querendo ser *visconde da Parvoice*, foi feito visconde das Fontainhas, em 31 de julho de 1865. [1]

A quinta é pequena e pouco rendosa, mas bonita e optimamente situada, mesmo á beira do Sado. O seu melhor rendimento, procede da agua que vende para fornecimento dos navios que sáem d'este porto.

—

Poucos metros ao O. d'esta quinta, se vê

[1] Tambem extramuros de Lisboa, proximo aos famosos *arcos das aguas livres*, sobre o ribeiro que desagúa no *caneiro d'Alcantara*, está a *ponte da Parvoice*.

a *pedra furada*, da altura que já disse no 6.º volume, e cuja baze é banhada pelas aguas do rio, mas só nas preamares *d'aguas vivas*.

Apezar dos meus limitadissimos conhecimentos em geologia (como em tudo mais!) estou inteiramente convencido que aquillo a que o vulgo dá o nome de *pedra furada*, não é outra cousa senão um notabilissimo grupo de dendrites[1].

Subindo-se ao seu cume, distinguem-se perfeitamente as fórmas de varias arvores. que a acção do tempo — e, provavelmente, da agua do mar, em que estiveram submergidas muitos seculos, combinada com infiltração do carbonato de cal, e oxido de ferro, metamorphosearam em uma especie de grés em que predomina a côr do oxido de ferro.

Os *buracos* a que deve o seu nome de *furada*, todos de fórma cylindrica, designam o sitio da medulla das arvores, que sendo de uma materia muito rara e inconsistente, se dissolveu, sendo o seu lugar occupado pela agua, o que evitou a petrificação. Estes buracos são de diversas circumferencias, segundo a grossura das arvores, variando entre 3 e 10 centimetros.

Dos lados do N. e N.E., está enterrada na areia (e é pela areia que se sóbe ao seu cume) mas do S. e O., por onde está descarnada, quem a examinar com a devida attenção, verá a fórma da parte inferior dos troncos, e das raizes.

Estou tambem convencido que este sitio foi habitado por homens, antes da metamorphose d'estas arvores, porque dão manifestos indicios de terem sido cortadas, quasi todas na mesma altura, ou com leves differenças.

A subida ao topo d'esta raridade, é bastante difficil, porque tendo um declive de mais de 45 gráus, todos de areia solta, os pés escorregam ao subir. (Eu, para baixo, vim quasi de rastos). A camara devia mandar aqui fazer umas escadas, do lado do O.N.O., para se poder subir e descer facilmente. Pouco custaria essa obra.

Finalmente, a *pedra furada*, è digna de se ver e examinar, pois não me consta que na nossa Peninsula haja outro exemplar d'este genero. Se existe, ainda está soterrado, ou debaixo da agua do mar.

Um geologo intelligente, tinha muito que estudar aqui.

—

Flóra Setubalense

O territorio do concelho de Setubal é fertelissimo. São famosas as suas laranjas, e o seu *moscatel* é merecidamente estimado na Europa e na America [1].

O *doutor Moore*, e o sr. *Glasnevin*, director da real associação botanica de Dublin, na descripção da sua viagem ao sul da França, a Hespanha e a Portugal, fallando de Setubal, dizem:

«A palmeira das tamaras *(phœnix dactilifera)* chega a grande altura, nos jardins, e tambem fructifica alli. Vimos egualmente esse grande numero de plantas da Nova-Hollanda e do Cabo da Boa-Esperança, vegetando optimamente n'aquella localidade; entre outros, são dignas de nota, a *Auracaria excelsa, Grevillea robusta, Acacia-stricta, Acacia-falfata, Achania-Malvariscus, Abotilon-striatum, Bignonia-grandiflora, Lagerstraemia-indica, Poincioana-gilliesii, Entelea arborescens, Tecoma-australes;* e muitos dos generos geranioreos, do Cabo, com differentes especies de *Ipomoeas*, e *Convolvulus;* es-

[1] Dá-se o nome de dendrite, não só a qualquer individuo do reino vegetal, convertido em pedra (petrificado) pela acção do carbonato calcareo, que foi pouco a pouco, e por espaço de muitos seculos, penetrando nas fibras da planta, fazendo-a mudar de natureza; mas tambem á imitação, mais ou menos perfeita, de arvores, sarças, fectos, ou quaesquer outras plantas que se acham á superficie, ou no interior de algumas substancias mineraes, taes como as *ágatas arborisadas*.

Quando as plantas são petrificadas pela acção do carbone, transformam-se em optimo *carvão de pedra*, da qualidade a que os inglezes dão o nome de *cannel koal*, que tem muito mais valor que a *authracite*.

Dendrit é a união de duas palavras grégas — *dendro* (árvore) e *ite* (molestia).

[1] A maior produccão de moscatel, é a das extensas vinhas das duas freguezias de Azeitão, como veremos quando se tractar de *Villa-Fresca* e de *Villa-Nogueira*.

tando estas ultimas, com suas abundantes flores, ornando os ramos das arvores em que se enroscavam.

«As uvas, as azeitonas, as romans, os figos, as castanhas, tudo é cultivado e produz bem, nas immediações de Setubal, onde o paiz é muito lindo, *pôsto que a cidade seja bastante desaceiada e triste* [1].

«Em alguns logares mais espaçosos, notámos uma especie de carvalho anão, que vive rasteiro á terra, e que cobria, junctamente com o *Helanthemum-algarvense*, longos tratos de terreno» [2].

Dos famosos laranjaes que eram a riqueza e o ornamento de Setubal, muitos estão perdidos, pela molestia que os tem aniquilado.

As romeiras, porém, teem sido poupadas e se ostentam viçosas e fecundas, tendo aqui o seu fructo um sabor e volume notaveis.

A producção do vinho, é hoje insignificante, comparada com o que foi, antes que o oidium tivesse exercido a sua acção devastadora nas extensas vinhas do concelho.

Agua

Já vimos que um dos grandes defeitos de Setubal, é a falta d'agua.

Eis o que a este respeito diz a *Gazeta Setubalense* n.º 429, de 12 d'agosto de 1877 :

«Vamos tratar d'um assumpto da maior importancia para esta cidade, e posto nos tenhamos occupado d'elle muitas vezes, sem obtermos o desejado exito, não o abandonaremos jámais.

«Temos uma missão especial a cumprir, a de pugnar pelo que interéssa a esta terra; não esqueceremos, pois, essa missão.

«Se as reclamações que fazemos não forem deferidas, se as idéas que expomos não forem convertidas em factos, não será isso ainda motivo para desanimarmos, quando a nossa consciencia e a opinião publica nos confirmarem no convencimento de que essas reclamações são justas e de que são boas essas idéas.

«A principal e mais urgente de todas as necessidades da população de Setubal é o abastecimento de agua.

«A escassez de agua aqui não data de hoje; mas sempre os esforços das corporações municipaes por si, e para com o poder central, procuraram remediar aquella necessidade, e o conseguiram em grande parte.

«O governo occorria ás reclamações do povo pela sua receita, e nem o rei intruso de Portugal, apesar do seu systema de oppressão, se recusou a prestar esse auxilio, como vemos do seguinte documento, que transcrevemos na integra, para, pelo seu conteúdo, justificarmos mais, se é possivel, o fundamento com que se póde e deve solicitar a cooperação do governo para superar a necessidade alludida:

«Eu el-rei faço saber aos que este alvará virem que os officiaes da camara da villa de Setubal, me enviaram dizer e pedir por sua carta que nas repartições das cizas que se fizeram por o povo da dita villa do que era obrigado a pagar a minha fazenda havia oitocentos e cincoenta mil réis de sobejos, os quaes estavam depositados, e por que era dinheiro que o dito povo pagou, por effeito da obrigação e contrato que com minha fazenda tem feito, a qual estava satisfeita, e queriam e haviam por bem, como por vezes o tinham requerido a dita camara, que se gastasse em cousas necessarias de bem e prol do dito povo, entre as quaes apontavam como mais principal a falta da agua que tinha a fonte que está na praça da dita villa, e que era tão pouca, que no verão muitas vezes lhe faltava, e não vinha á dita fonte; e que tinham sabido por officiaes, que feitos os canos por onde vem a agua á dita fonte

[1] Quanto ao *desaceio*, teem muita razão estes dous sabios estrangeiros: não assim com respeito á *tristeza*. Setubal é uma cidade bonita e alegre. (Talvez que os homens lá estivessem em occasião de mau tempo e por isso lhes deixou esta impressão).

[2] É o carrasco que produz a *gran*, ou *kermes*. A gran é um insecto coleoptero *(quercus cocefera)* que se encontra em quasi todo o reino, especialmente no Alemtejo e Algarve; e em grande abundancia na Arrabida. D'ella se faz a finissima tinta purpúrea, escarlate. Já os phenicios e romanos levavam a bellissima gran da Lusitania, para tingir os seus estofos.

em outra fórma, e tomadas outras aguas junto a ella, ficaria remediado o povo, o que se não podia fazer sem grande gasto; pelo que me pediam houvesse por bem que o dito dinheiro se despendesse e gastasse em tão urgente necessidade, pois era do povo que a padecia, e receberiam mercê; e vista por mim a dita carta e informação que sobre isto mandei tomar pelo provedor da comarca, e visto seu parecer e outro dos meus desembargadores do paço, a quem commetti este negocio, que são de parecer que se lhe conceda o que pedem, com o qual me conformo, hei por bem e me praz de lhe dar licença que possam gastar os ditos oitocentos e cincoenta mil réis, que dizem estarem depositados e serem dos sobejos das cizas, na obra da dita fonte e canos, sem o poderem gastar nem despender em outra cousa alguma, salvo na dita obra. E mando ás justiças da dita villa que tudo o que fôr necessario para esta obra, de officiaes, bêstas, carros, barcas e todos os mais materiaes, lh'os façam dar pelo estado e preço da terra, obrigando-os com as penas que lhes parecer, que darão a execução; e mando ao provedor da comarca que faça entregar o dito dinheiro, que está depositado, aos ditos officiaes da camara, ou a pessoa a quem elles ordenarem, o qual será levado em conta á dita pessoa ou pessoas que o entregarem pelo traslado d'este alvará, com conhecimento nas costas d'elle dos ditos officiaes da camara ou da pessoa que elles ordenarem para o receber, e de como lhe fica carregado em receita, para o qual se fará um livro, que será entregue ao escrivão da dita, para lançar em despezas o que se gastar na dita obra; e no principio do dito livro se trasladará este alvará e assi no livro da camara, para em todo o tempo se ver e saber como eu houve por bem que este dinheiro se gastasse na dita obra, e este se cumprirá como se n'elle contem, posto que não seja passado pela chancellaria, sem embargo de quaesquer regimentos e provisões que em contrario hajam e outrosim valerá, posto que o effeito d'elle haja de durar mais d'um anno, sem embargo das ordenações do segundo livro que o contrario dispõe. Francisco Mattoso o fez em Madrid a vinte de agosto de M. D. e noventa e cinco. Antonio Monte da Fonseca o fez escrever. — REI.»

«Consoante os costumes antigos, ás pessoas que damnificavam os aquedúctos ou d'elles distrahiam agua, eram applicadas as mais severas penas, sem exceptuar a dos açoutes para os peões.

«O senado da camara, com seu escrivão, eram obrigados a visitar periodicamente os aqueductos, para se providenciar, segundo a lei e regulamentos, logo que fosse notado desvio de agua ou qualquer damnificação.

«Era grande o cuidado que então havia, para que o povo não soffresse carencia de agua; e em verdade todas as providencias em tal caso se justificam de sobra.

«Mudaram os tempos e as cousas. Melhoramentos de nova especie, determinados uns por necessidades reaes, mas as quaes antes não existiam, e outros pelas exigencias da civilisação, abriram margem a largos despendios e atrahiram a si os cuidados das vereações municipaes e os redditos do municipio. De anno para anno, porém, somos advertidos de que é forçoso providenciar, para que o povo tenha agua com a abundancia precisa para o seu consumo, e que os chafarizes publicos não sirvam quasi exclusivamente para attestar o esmero dos nossos ascendentes na estructura d'aquella especie de monumentos.

«O aqueducto em geral está arruinado, a ponto de deixar perder a maior parte da agua que n'elle entra; a restante, segundo consta, é aproveitada em beneficio particular, em diversos pontos; e o deposito da nascente não está nas condições precisas para que a agua alcance, no estio, a altura do aqueducto, com abundancia.

«Para se conseguir, pois, que nos chafarizes da cidade, abastecidos durante o inverno pela nascente de Alferrára, haja agua todo o anno, é indispensavel estabelecer novo systema de canalisação, nivelada com a parte inferior do deposito, attenta a circumstancia provavel de se não poder augmentar a nascente, salvo se se introduzisse n'ella a

agua dos Capuchos, cuja acquisição seria valiosa.

«Outro alvitre se póde ainda adoptar, o qual já lembrámos em tempo, e consiste em aproveitar a agua dos abundantes chafarizes de Palmella, que não fôr precisa para os moradores d'aquella villa, canalisal-a para a cidade, reunindo-lhe outras aguas compradas no valle da Azenha, e de mais nascentes proximas á estrada, junto da qual poderia passar a canalisação.

«Em qualquer dos casos seriam importantissimos os despendios a fazer, e incompativeis, certamente, com os recursos ordinarios do municipio, para se realizarem sem morosidade inconveniente; o governo, porém, que venha em ajuda do municipio, em obra de tanta necessidade; solicite-se auctorisação das côrtes para applicar a ella uma parte da receita especial de viação, a exemplo do que já se tem praticado em diversos concelhos; suspendam-se por algum tempo todas as obras municipaes de embellezamento e todas as outras não totalmente indispensaveis, e dê-se agua boa e com abundancia ao publico.

«Se o governo e os corpos legislativos, ao contrario do que é de esperar, não cooperarem para o melhoramento publico a que nos referimos; se a corporação municipal, pelos seus recursos actuaes, e mesmo por outros que novamente criar, não podér realizar qualquer das obras indicadas, empregue ainda o seu esforço para que uma empreza particular tome o cargo de fornecer de agua as casas, por canalisação; dispense-lhe para isso toda a protecção possivel, e talvez esta idéa, que parecerá utopia aos tibios de animo e aos obcecados conservadores, se venha a realizar, com vantagem dos empresarios e do publico.»

A actual vereação (1880) que tão sollicita se tem mostrado em promover o bem-estar dos seus municipes, trata de averiguar a possibilidade de abastecer Setubal, de bôa agua, por meio de canalisação para as casas. Se o levar a effeito bem merece dos setubalenses.

—

Estáos de Setubal

Nas côrtes de Lisboa, de 10 de dezembro de 1439, se concedeu a esta cidade, que não houvesse n'ella aposentadoria, e que se fizessem *Estaaos* e casas em que el-rei e a sua côrte podessem alojar-se.

Depois, se concedeu egual privilegio a Evora, a Santarem e a outras terras.

Por este grande beneficio, quiz o povo de Lisboa erigir uma estatua ao infante D. Pedro (então regente do reino na menoridade de seu sobrinho — e depois genro — D. Affonso V) sobre a porta dos Estáos, que elle havia mandado fazer: e perguntando-lhe em que fórma elle queria que se lhe fizesse, o infante lhes respondeu, *triste e carregado* — «*Se lá pozerem a minha imagem, virá tempo em que os mesmos lisbonenses a derribarão, e com pedras e ás pedradas lhe quebrarão os olhos.*» (*Chronica de D. Affonso V*, cap. 49)[1].

Para o *paço dos Estáos*, de Lisboa, vide 4.º vol., pag. 125, col. 2.ª — vide tambem a palavra *Estáos*, no 3.º vol., pag. 68, col. 1.ª

—

Em 1487, mandou D. João II, que o dinheiro e *imposições* que para os *Estáos de Setubal* se tinham applicado, se gastassem nos canos que conduzem a Setubal as aguas desde a serra de Palmella; e n'outras obras publicas, como foram as duas praças — do Sapal, e do Paço do Trigo. — E com isto — «*soltou á corte, que o acompanhava, aposentadoria por toda a villa*, da qual antigamente, como Lisboa, estava isenta.» (*Chronica de D. João II*, cap. 25.)

Já se vê que D. João II gostava de residir em Setubal, pois ainda aqui tinha estado, e por bastantes dias, em 1484, e já outra vez cá fez a sua côrte em 1487.

—

Alem da significação que dei á palavra *Estáos*, no logar citado, do 3.º volume,—

[1] Não seria de certo o bom povo portuguez d'esse tempo, mas os intrigantes que praticariam aquelle desacato, pois tanto fizeram com o rei, sobrinho e genro do infante, que este veio a morrer ás mãos de portuguezes, por ordem do irascivel D. Affonso V. — (Vide 1.º vol., pag. 115, col. 2.ª, a palavra *Alfarrobeira.*)

Viterbo, no seu *Elucidario* (pag. 296, col. 2.ª, do 1.º vol.—2.ª edição) diz:

Estaao — estáos — estalagem, estalagens. — «*Mandamos, que taees pessoas, pousem nos Estaaos que ha pelo caminho, ou na dita Cidade. e não nas Aldéas, e Casaaes, que estão fóra da estrada.*» (Doc. da camara de Coimbra, de 1436.)

—

Parece que *estáo* vem do verbo *estar*, como quem diz —*estada, jazida, morada*, etc.

D. Affonso V, por um alvará régio, de 13 de outubro de 1449, determinou que «*nos bairros dos senhores que tivessem paços na cidade de Lisboa, se fizessem estáos, em que os seus* (os familiares dos taes senhores) *podessem pousar, por seus dinheiros.*» —Vê-se d'este alvará, que no tempo de D. Affonso V, *estáo* era synonymo de hospedaria ou estalagem.

Mas no tempo do famoso infante D. Henrique, filho de D. João I, não tinha esta significação, porque, sendo administrador da ordem militar de Christo, mandou fazer, em Thomar, *para desapressar* os seus moradores *das aposentadorias dos seus* (dos familiares do infante) o *edificio dos estáos*. (Doc. de Thomar.)

Aqui, parece se toma estáo por hospedaria, hospicio, ou residencia, e não por estalagem, em que a familia do infante houvesse de pagar á sua custa, cama e mesa. (Vide *Diccionario bibliographico portuguez*, por Innocencio Francisco da Silva, tom. 2.º, pag. 40, n.º 201.)

—

Barbuda

Como n'este artigo, e em mais de um logar, tenho fallado no campo da *Barbuda*, hoje, do *Bom-Fim*, julgo dever dizer — aos que o não souberem — o seguinte:

Barbuda, era uma moeda portugueza, de prata muito ligada, que valia 20 soldos, ou 96 réis [1], mandada cunhar por D. Fernando I.

Barbuda se chamava tambem a *cellada* — que era a parte do morrião, ou capacete, que cobria a cara do guerreiro vestido de ferro.

Barbudas se denominavam no seculo XIII, os soldados de pé ou de cavallo, que usavam d'esta especie de armamento defensivo.

Barbudas, eram uns grandes capuzes, sem cauda, que traziam os noviços, em logar dos escapularios.

Barbuda, finalmente, é um antigo e nobre appellido portuguez, proveniente das taes *barbudas* dos capacetes. (Vide *barbudo*).

—

Lagôas da Troia

Em 1730, ainda o esteiro da Troia, que actualmente apenas terá uns 400 metros de comprido, tinha mais de trez kilometros, e no fim d'elle, ao sul, havia trez lagôas, de 600 metros de comprido, por 200 a 250 de largo, cada uma. Prova-se isto por uma planta, levantada pelo geographo *Grandpré*, no referido anno.

—

O Trôino

Segundo André de Rezende, Gaspar Barreiros, e outros antiquarios e geographos, a actual Troia, se denominou *Setóbra;* e *Setóbala*, e Setubal não é mais do que a corrupção de Setóbala. Os celtas é que lhe chamavam *Cetóbriga*, e depois, os romanos, *Cetobrica, Cetobrix, Cathobrica* e *Cathobrix*. Ptolomeu lhe dá o nome de Cetobrix.

Segundo aquelles escriptores, Cetobriga foi uma cidade importantissima (para aquelles tempos) até a invasão dos povos do Norte, na nossa peninsula, e só principiou a ser invadida pelas areias da costa, no seculo IX.

Os arabes, não podendo pronunciar *Cetobrica*, é que lhe mudaram o nome para *Troia*, ou, para melhor dizer — corromperam Cetobrica em Troia, e já tinha este nome, quando as areias a principiaram a invadir.

[1] Outros, com mais probabilidade, dizem que apenas valia 36 réis, ou 20 soldos de 3 dinheiros. Depois, o mesmo D. Fernando baixou estas moedas a 14 soldos — e por fim, só valiam 2 soldos e 4 dinheiros. (*Memoria das moedas correntes em Portugal, desde o tempo dos romanos, até 1856*, por Manoel Bernardo Lopes Fernandes, verbo *Barbuda.*)

Os habitantes de Troia, fugindo da sua patria, foram uns para Palmella, outros para Alcacer do Sal, outros para Cezimbra, e outras terras; mas uma parte d'elles, que eram exclusivamente pescadores, e fabricantes de sal, passaram para o norte do Sádo, em frente da velha Troia, e alli fundaram, no seculo x, uma povoação e algumas marinhas de sal, dando a isto o nome de *Troína,* como quem diz — *Pequena Tróia.* Com o tempo, se foi corrompendo a palavra, e *Troína* se converteu em *Trôino.*

Como o rio fosse deixando a descoberto a parte oriental da povoação, os do Troino principiaram alli a fundar uma nova povoação—isto é—foram estendendo a sua para leste.

Os que tinham fugido de Troia para Palmella, foram descendo para a nova planicie, e alli se estabeleceram, assim como outras familias da mesma villa.

Em 1147, D. Afionso I, toma Lisbôa, e os mouros de Palmella, vendo perdida aquella cidade, se renderam no mesmo anno. Em 1157, rende-se tambem Alcacer do Sal; e Palmella teve a mesma sorte, em 1166.

Cahindo Palmella em poder dos portuguezes, tomaram estes logo posse das povoações do Trôino e Setubal, que o rei deu aos cavalleiros de S. Thiago, que tanto o ajudaram n'estas conquistas, e estes poseram logo em Setubal um ouvidor.

Como a povoação fosse progredindo, os mestres de S. Thiago, seus donatarios, a dividiram em trez bairros—ao de leste, deram o nome de *Palhaes;* ao do centro, o de Setubal; e ao do oeste, o de *Trôino.*

—

Commercio do sal

Já no seculo xvii era tão importante o rendimento de sal de Setubal para o thesouro publico, que com elle satisfez Portugal aos hollandezes alguns milhões, que se obrigou a pagar-lhes, pelos tratados de 1661 e 1669, excepto a somma de 850 mil crusados (340 contos de réis!) em que se orçou o resto da divida, no anno de 1703, e n'esse mesmo anno se pagou, *em dinheiro de contádo,* em virtude de um artigo do *tratado da liga defensiva,* concluido em Lisbôa, a 16 de maio do mesmo anno de 1703, entre o nosso Dom Pedro II e os embaixadores hollandezes. [1]

O sal de Setubal, é considerado o melhor do mundo, e a sua exportação é em quantidade espantosa. As salinas das margens do Sado, eram no principio d'este seculo, 379, dando, nos mezes de *safra,* trabalho a 1:760 pessoas. Produziam annualmente, termo medio, 226:000 môios de sal: hoje exporta 240:000 môios!

—

Antiga comarca de Setubal

No principio do seculo xviii, era Setubal já cabeça de comarca, mas não tinha corregedor, e só ouvidor, por ser terra dos donatarios (os duques d'Aveiro) e esta é a denominação que em 1736 lhe dava o dezembargo do paço, quando lhe escrevia.

Pelo contrario, a villa d'Almada tinha corregedor. Mas os dous logares andavam junctos em um só ministro—isto é—o ouvidor de Setubal, era corregedor em Almada.

Tinha a comarca de Setubal as seguintes jurisdicções—correição d'Almada—ouvidoria de Setubal (ambas da ordem de S. Thiago)—e ouvidoria d'Azeitão, que era então da casa ducal d'Aveiro, e depois, foi da corôa.

—

Comprehendia a comarca de Setubal, *vinte villas,* que são as seguintes, divididas pelas trez referidas correições.

—

Correição d'Almada—Almada, Lavradio, e Mouta (que era dos condes d'Alvôr).

—

Ouvidoria de Setubal—Alcacer do Sal, Alcochéte, Aldeia-Gallega-do-Riba-Tejo, Alhos-Vedros, Barreiro, Cabrella, Canha, Côina (do Barreiro), Grândola, Palmella, e Setubal.

—

Ouvidoria d'Azeitão—Azeitão, Samora-

[1] Desde o principio da nação lusitana, até aos nossos dias, temos tido tantos... *exploradores,* de toda a casta e de muitas nações, que não sei como ainda temos camiza!—Se não fossem os taes *exploradores,* Portugal seria, incontestavelmente, o paiz mais rico da Europa.

Correia, S. Thiago de Cacem, Cezimbra, e Torrão.

—

Fonte das Lagrimas

Nem só Coimbra tem a sua decantada *Fonte das Lagrimas*. João de Brito de Mello, fez um poeméto, allusivo á fundação do seminario de Brancannes, que dedicou a Manoel Telles da Silva, conde de Villar-Maior, e que existiu até 1834 no cartorio do dito seminario, e n'esse poeméto celebra a Fonte das Lagrimas. [1]

Esta *Fonte das Lagrimas*, de Setubal, rebentava de uma penha, na cêrca do mosteiro de Brancannes.

Suppõe-se que foi o famoso *frei Antonio das Chagas* (que no seculo se tinha chamado, Antonio da Fonseca Soares) que lhe deu este nome.

—

Frei Antonio das Chagas

Antonio da Fonseca Soares, nasceu na villa da Vidigueira, cabeça do concelho do seu nome, na comarca de Cubá (Alemtejo) no anno de 1631. Foi desde muito creança inclinado ás lettras, que estudou com bom resultado; mas chegando á edade das paixões, só cuidou em amores e divertimentos.

Em 1650, quando ainda contava apenas 19 annos de edade, e andava mais encarniçada a guerra da restauração, sentou praça no terço de Setubal, distinguindo-se pela sua bravura nos combates, pelo que chegou ào posto de capitão.

Frequentou a côrte de D. João IV, de seu filho, D. Affonso VI, onde se tornou notavel, pelos seus talentos, pela sua bravura, pelo seu genio turbulento, e pela belleza das suas poesias, que fazia com a maior facilidade, mas que, quasi todas, primavam pouco pela sua castidade.

A sua vida era uma sequencia continuada de divertimentos de toda a casta, de turbulencias mais ou menos escandalosas, e de actos da mais temeraria bravura, nas differentes batalhas em que assistiu, contra os castelhanos.

Parece que em Setubal teve suas desordens (suppõe-se que por causa de namoros) porque n'aquella — então — villa, lhe dispararam *á queima-roupa* um bacamarte, do que lhe resultou um ferimento que o poz ás portas da morte.

Reflectindo no perigo da sua vida sempre agitada, e pouco edificante, resolveu abandonal-a, dedicando-se á penitencia, á prédica e á oração; e trocou os seus brilhantes uniformes, e um futuro de gloria, e postos elevados, na milicia, pelo humilde habito de burel dos franciscanos, professando no convento de S. Francisco, da cidade de Evora, sob o nome de *Antonio das Chagas*,

Tornou-se um religioso exemplarissimo, em virtudes e sciencia; e, no convento, estudou philosophia e theologia, no que veio a ser insigne.

Findos os seus estudos ecclesiasticos, se dedicou ás missões, prégando quasi todos os dias e confessando a toda a hora.

Discorreu por quasi todas as povoações de Portugal, e n'ellas introduziu os santos exercicios da oração e penitencia. Desfazia odios antigos e uniões escandalosas; obrigava a fazer restituições de honras e fazendas; e emendava muitos escandalos e abuzos.

Concorreu poderosamente para a fundação do seminario de Brancannes, de Setubal, valendo-se da intima amisade que lhe consagrava D. Pedro II, que o nomeou bispo de Lamego, dignidade que obstinadamente regeitou, dizendo que era muito humilde para principe da Egreja.

Falleceu sanctamente, no convento do Varatôjo (freguezia e concelho de Torres-Vedras) a 20 de outubro de 1682, tendo apenas 51 annos de edade.

Escreveu varios sermões, obras espirituaes, e a sua vida, em 12 livros, que se imprimiram depois da sua morte.

[1] Diz o poeta:

Em verdes ramos cria primorosa,
Em doces aguas brota crystalina,
O bosque occulto, de que é centro a rosa,
O crystal liquido de que a terra é mina:
Adusto pasto em penha rigorosa,
Sangrada veio, em nova caballina,
É sua *fonte*, que saudosa chora,
De Phebo ausente, *lagrimas* da aurora.

—

Minas metalicas

Strabão, diz que na serra da Arrabida havia minas de diversos metaes. Ou este celebre geographo se engana, ou os romanos as esgotaram, ou os modernos aínda as não encontraram, porque não se teem achado os minimos vestigios de semelhantes minas. O que ha na serra da Arrabida, são minas de carvão fossil.

—

Pré-historia

Além da formosa gruta que está por baixo da *Lapa do Medico*, da *Pedra furada*, e do que já fica dito em outro logar, accrescento aqui, o extrahido da *Gazêta de Setubal* de 29 de outubro de 1876, que é o seguinte:

—

«O nosso presado amigo, o sr. João José Pacheco, fez-nos o favor de mostrar um machado de pedra, encontrado em terrenos da sua *Quinta das Torres Altas*, a poucos kilometros d'esta cidade.

«Parece que não é este o primeiro specimen que por ali se tem achado, d'esses restos da industria do homem em longinquas edades. Existiu talvez n'aquelles lugares uma estação humana, contemporanea da que se presume ter havido no sitio da *Pena*, que fica proximo de Setubal, na encosta da serra de S. Luiz.

«Os homens dos nossos campos chamam *pedras de raio* a esses instrumentos de pedra, sobretudo quando são ponteagudos e de côr amarellada.

«O machado que nos mostrou o sr. Pacheco, apresenta no seu maior comprimento e largura uma superficie de 12 por 9 centimetros, com a espessura de 4 centimetros. A extremidade que devia embeber no cabo tem 6 centimetros de largo. A parte anterior termina em chanfro curvilineo, que acaba em gume afiado, mostrando ter tido muito pouco uso. Tanto o chanfro, como o gume, estão muito regularmente executados e semelhantes inteiramente aos dos machados ordinarios. As faces mais estreitas, superior e inferior, têem manchas escuras e lustrosas, fazendo suppor que se usara d'aquelle instrumento sem ter cabo, e por isso se ensebara na parte onde assentavam os dedos.

«Os chanfros estão perfeitamente brunidos; mas a superficie total da peça, só está polida nas saliencias, que se entremeiam com estrias e pequenas cavidades, devidas talvez a erosões posteriores. A essas cavidades e estrias adheriu uma camada delgada de gres argiloso vermelho escuro, a qual cobre tambem, mas tenuemente, as saliencias, onde toma cor mais clara e em alguns pontos amarellada.

«Riscada com uma ponta de aço uma das partes salientes que acabamos de mencionar, fez-se um pequeno sulco, que, atravessando a argilla, foi ferir levemente a pedra, deixando um risco esbranquiçado. Raspando com uma pederneira, que casualmente tinhamos á mão, na extensão de 2 centimetros, appareceu uma superficie cinzenta de textura compacta e desaggregou-se d'ella, por effeito do attrito, um pó da mesma côr, fino e macio, semelhante ao que se extrahe da ardosia.

«Pareceu-nos que a pedra é de dureza inferior á dos quartzites. Não procedemos a outras experiencias para conhecer a sua tenacidade e a natureza dos materiaes que a formaram. Por isso, e porque os nossos exiguos conhecimentos geologicos não nos permittem, pelo rapido exame que fizemos, adiantar mais a tal respeito, terminamos, accrescentando sómente, com referencia á antiguidade do machado da quinta das Torres Altas, que a nossa opinião é—salvo o respeito devido á authoridade dos mestres da sciencia que tenham parecer contrario—remontar ella aos fins da idade de pedra, ou ao periodo de transição da idade da pedra polida para a de cobre».

—

E do mesmo jornal, do dia 21 de outubro de 1877, extrahi o seguinte:

—

«Informam-nos que o sr. Carlos Ribeiro está fazendo a analyse de diversos instrumentos de pedra, que assignalam, certamente, uma edade prehistorica. Esses objectos foram achados no sitio da *Quinta do Anjo*,

d'este concelho, em resultado das escavações feitas em algumas furnas, tidas como habitações preparadas pelos homens primitivos que alli demoraram, e dos quaes antes se tinham descoberto outros vestigos».

—

Exportação

O concelho de Setubal exporta os seguintes generos:

Peixe, sêcco e fresco, em grande quantidade, para differentes partes do reino, além do muito que exporta para a Hespanha, como vimos em outro logar d'este artigo.

Annualmente, DUZENTOS E QUARENTA MIL môios de optimo sal — (14 milhões e 400 mil alqueires!)

Vinte mil pipas de vinho, em cada anno (termo medio), incluindo o delicioso *moscatel de Setubal*, conhecido e justamente apreciado em todo o reino e no estrangeiro. A maior parte d'este vinho, é produzido nos formosos plainos d'Azeitão, na sua maior parte cobertos de vinhedos.

Azeite, trigo e fructa. Só em laranjas, exportadas para a Inglaterra, tem annos de fazer 30 contos de réis.

—

É o porto mais commercial do reino, depois de Lisbôa e Porto. Veem aqui carregar de varios productos da terra, mais de 400 embarcações estrangeiras, em cada anno, além do muito que se exporta pelo caminho de ferro, e em cargas de bêstas e carroças.

O seu movimento commercial é immenso e animador.

—

Fonte de S. Braz

Junto ao castello de S. Philippe, havia a *fonte de S. Braz*, que seccava no inverno e rebentava no verão. (Padre João Baptista de Castro—*Recreação proveitosa)*. Já não existe esta fonte.

—

Isabel de S. Francisco

No dia 4 de outubro de 1737, falleceu em Setubal, Isabel de S. Francisco, donzella natural de Lisbôa, com 112 annos de edade, pois havia nascido em 1651.

Conheceu cinco reis em Portugal — Dom Philippe IV, D. João IV, D. Affonso VI, D. Pedro II, e D. João V.

—

Setubal e o n.º 4

O rio que banha a cidade, escreve-se com QUATRO lettras. *(Sádo).*

—

Tinha assento em côrtes, no QUARTO banco.

—

D. Affonso QUARTO, mandou collocar marcos para designarem o terreno que pertencia ao concelho.

—

No reinado de D. João II (QUARTO rei da dynastia d'Aviz) principiou a construcção do real mosteiro das freiras de Jesus.

—

A 24 (seis vezes QUATRO) de agosto (oitavo mez do anno — duas vezes QUATRO) de 1490, dispararam na *travessa das Amoreiras*, os tiros a D. João II, por occasião da procissão de Corpus Christi. [1]

—

QUATRO foram as cabeças de pedra que, para memoria, o dito monarcha mandou collocar na esquina da tal rua, onde ainda se conservam.

—

QUATRO frentes tem o palacio onde Dom João II apunhalou o duque de Viseu.

—

As modernas fortificações de Setubal, foram mandadas fazer por D. João QUARTO.

—

É datado de 19 de abril (QUARTO mez) do anno de 1860 (465 vezes QUATRO) o decreto que elevou Setubal á cathegoria de cidade.

—

Tinha Setubal 12 conventos de frades (trez vezes QUATRO).

—

Tem a cidade QUATRO parochias.

—

Tem QUATRO cemiterios *(Saúde, Misericor-*

[1] Este facto, é muito duvidoso, como vimos no logar competente.

dia, Estrangeiros, e Nossa Senhora da Piedade.

—

Quatro praças *(Bocage* ou *Sapal, S. Pedro* ou *Fonte Nova, S. Bernardo* ou *Palhaes,* e *Pelourinho* ou *Terreiro dos Têstos).*

—

Quatro chafarizes principaes *(Sapal, S. Bernardo, Fonte Nova,* e *S. Caetano).*

—

Quatro pontes principaes *(Carmelitas, Carmo, Sapateiros,* e *Almas).*

—

Quatro hospedarias principaes *(Escoveiro, Hespanhola, União,* e *Hotel Alemtejano).*

—

Quatro relogios de torre *(Saude, S. Julião, Jesus* e *Grillos).*

—

O principal relogio da cidade, tem quatro mostradores.

—

Tinham quatro nomes os mais notaveis poetas setubalenses *(Manoel Maria Barbosa du Bocage, Vasco Mousinho de Quevedo Castello Branco,* e *Thomaz Antonio dos Santos Silva).*

—

Historia de Setubal

Disseram-me em Setubal, que o sr. João Carlos d'Almeida Carvalho, andava escrevendo uma *Historia da cidade de Setubal, desde os tempos pre-historicos* até ao dia em que sahir á luz.

Já tem escripto dés volumes *in folium.* Deve ser obra importantissima. Deus queira que ache editor, e que se publique brevemente. Será uma gloria para o auctor, uma honra para Setubal, e teremos mais um nome que inscrever na relação (já gloriosamente extensa) dos *Setubalenses illustres.*

—

Receita do municipio setubalense[1]

1876–1877............	35:682$603
1877–1878............	33:503$568
1878–1879............	34:011$661
Somm...	103:197$832

—

Nomes de varias ruas de Setubal, mudados ha muitos annos

Rua do Pero Machado — da Mancebia (!) — do Estevam Gil — dos Ferradores — Alvaro Monteiro — do Contador — do Manoel Grande — do Diogo Fernandes — do Ouvidor — da Calçada — de Gonçalo Vaz — das Tabernas — do Mestre André — de Alvaro Dias.

Hoje ignora-se quaes d'estas ruas deixaram de existir, e que nomes actuaes substituiram os antigos de outras. Tem n'isto havido bastante desleixo.

—

Oratorio da Senhora da Conceição, do Caes

Está a devota imagem da Senhora, em uma formosa machineta de marmore, no angulo sul, do antigo *baluarte do Caes,* ou *da Conceição,* que serve de quartel ao batalhão de caçadores n.º 1 — e que tem servido para o mesmo fim, e desde muitos annos, aos outros corpos que teem estado de guarnição a esta cidade.

A Senhora da Conceição do Caes tem uma confraria, composta dos guardas e remadores da alfandega, e outros devotos, que lhe fazem todos os annos, em um domingo de agosto, uma solemne festividade, na praia, junto ao caes, e procissão, sendo a santa imagem transportada, com grande lusimento, para a egreja parochial de S. Sebastião, onde se lhe canta a missa, regressando depois para o seu oratorio.

Não se sabe quando foi construida esta edicula: suppõe-se, com bons fundamentos, ser durante o reinado de D. João IV, e depois que este monarcha, perante as côrtes (1646) toma por protectora do reino, Nossa Senhora da Conceição.

[1] N'esta receita vae incluido o producto da taxa dos deslastres, concedida para o accrescentamento do caes de Nossa Senhora da Conceição. — A receita vae por annos economicos.

—

Casas onde nasceu e onde falleceu Bocage

Elmano Sadino (Bocage) nasceu em Setubal, na rua de S. Domingos, n.ºs 17 e 18, freguezia de S. Sebastião.

Falleceu em Lisboa, na travessa d'André Valente, freguezia das Mercês.

—

Familia de Bocage

O tronco dos Bocages portuguezes procede de *Antonio Le Doux* (ou *l'Hédois*) *du Bocage*, e de sua mulher, Catharina Cosma, da cidade de Cherburgo (Normandia) e que viveram pelos fins do seculo XVII.

Gil Le Doux du Bocage, filho dos antecedentes, foi baptisado na freguezia de Santa Maria Maior, de Cherburgo; dedicou-se á vida do mar.

No reinado de D. Pedro II, suscitou-se uma guerra contra Castella, que principiou em 1700, e terminou com o tratado de paz, de Utrecht, em 1713, reinando já D. João V.

Portugal toma parte n'esta guerra—primeiramente, reconhecendo o duque d'Anjou, que depois foi rei, sob o nome de Philippe V.

Trez annos depois (1703) Portugal abandona a causa do duque, e toma partido pelo seu rival, o archiduque Carlos, d'Austria, que se denominava Carlos III de Hespanha.

O archiduque chega a Lisboa, a 9 de março de 1704, nas esquadras ingleza e hollandeza, com 10:000 inglezes, que se reuniram ao nosso exercito.—(Para evitarmos repetições, vide o que, com respeito a esta guerra, fica dito no 4.º vol., pag. 369, col. 1.ª e seguintes, e no artigo *Serpa*.)

N'esta esquadra, vinha, como capitão de mar e guerra, o dito Gil Le Doux du Bocage, que ficou ao serviço de Portugal, sendo em 1717 promovido ao posto do *coronel de mar e guerra* (vice-almirante.)

Era pessoa de muito saber e intelligencia, grande pericia militar, e de incontestavel bravura, pelo que era considerado como um dos mais intrepidos e habeis officiaes da nossa marinha.

Pela distincção com que se portou nas guerras do Mediterraneo, contra os africanos da Barberia; e nas do Brasil, contra os francezes, obteve a tença de 10$000 réis por mez, e o habito de Christo; e, por novos e relevantes serviços, lhe fez D. João V, mercê da tença annual de 400$000 réis, por trez vidas, por carta régia de 4 de novembro de 1727.

Casou com D. Clara Francisca Lestof, em 13 de junho de 1720, na freguezia da Encarnação (Lisboa) levando a procuração dá noiva, seu padrasto, João Thomaz Correia de Brito, coronel de artilheria, da praça de Setubal.

Era D. Clara filha de Leonardo Lestof, consul hollandez, rico proprietario, e da sua segunda mulher, Luiza Wan-Zeller.

Deste matrimonio houve duas filhas:

1.ª—D. Antonia Ignacia Xavier Lestof du Bocage, cujas biographias não teem relação com o nosso assumpto.

2.ª—D. Marianna Jooquina Xavier Lestof du Bocage, que casou com o bacharel José Luiz Soares de Barbosa, que foi juiz de fóra da Castanheira e Póvos, e ouvidor na comarca de Beja. Este casamento realisou-se na egreja parochial de S. Sebastião, de Setubal, em 6 de junho de 1758.

Tiveram seis filhos:

1.º—*Gil Francisco Barbosa du Bocage*, nascido em Setubal, a 3 de outubro de 1762; e que casou com D. Gertrudes Homem da Cunha d'Eça, filha do marechal de campo, governador da torre do Outão.

Era Gil Francisco um agradavel poeta, e jurisconsulto distincto, e de uma facil e aprasivel convivencia. Falleceu em 13 de maio de 1834. Teve uma filha unica.

3.º—*Manoel Maria Barbosa du Bocage*, do qual trato no artigo *Setubalenses illustres*.

3.º—*D. Maria Agostinha Barbosa du Bocage*, nascida em Setubal, a 14 de julho de 1759, e que casou com Vicente de Paula Figueirêdo de Góes Souto-Maior, tenente do regimento de infanteria de Setubal (depois n.º 7)

4.º—*D. Anna das Mercez Barbosa du Bocage*, nascida em Setubal, a 23 de setembro de 1760, e que casou com João do Prado

Homem da Cunha d'Eça, cunhado de seu irmão Gil, e de cujo matrimonio houve trez filhos.

5.º—*D. Maria Eugenia Barbosa du Bocage*, nascida em Beja, a 8 de setembro de 1768. Falleceu na flor da edade.

6.º—*D. Maria Francisca Barbosa du Bocage*, nascida em Setubal, a 13 de abril de 1771. Morreu solteira, a 8 de maio de 1841, em casa do marquez d'Alorna. Foi tambem poetisa, e irman predilecta de Bocage.

Viveu em sua companhia até que elle falleceu, sendo-lhe carinhosa irman e sollicita enfermeira.

—

São vivos muitos parentes colateraes do nosso famoso poeta, usando dos appellidos *Barbosa du Bocage.*

—

Apezar da sua vida irregular e desregrada, Bocage tinha orgulho da nobreza da sua ascendencia, como o provam varias das suas prosas, e algumas poesias; citarei apenas esta:

«Pergunta a quantos vem do Tejo e Sado,
Se alli me condemnou vil nascimento
A este, em que mourejo, humilde estado.

—

Sempre entre os mais honrados tive assento;
Venho dos principaes da minha aldeia...
Nem cuides que vans fabulas invento!

—

Visita do sr. D. Pedro V, a Setubal

Este chorado monarcha, tinha feito uma viagem ao Alemtejo, e no seu regresso a Lisboa quiz visitar Setubal, onde chegou, por mar, com seu irmão, o fallecido infante D. João, na galeota real, a 2 de novembro de 1860[1].

Os setubalenses, gratos ao sr. D. Pedro V que ainda havia seis mezes e meio (19 de abril) tinha elevado a sua terra á cathegoria de cidade[1], o receberam com as maiores e mais sinceras provas de regosijo.

A camara municipal, as auctoridades e os particulares, todos se desvelaram em mostrar o seu amor ao joven monarcha[2].

Ao longo da ampla margem direita do Sádo, se prolongava uma comprida e alterosa aléia de postes, coroados de tropheus, e encadeiados de festões de murta e louro, ondeando nos seus tópes a bandeira portugueza, muitas flamulas e galhardêtes.

No centro do caes, se levantou um elegante pavilhão, de oito columnas de ordem corinthia, forrado de séda branca e escarlate; todo alcatifado e embandeirado, que se destinou para n'elle a camara municipal fazer a ceremonia da *entrega das chaves*, ao rei, e dirigir-lhe a allocução do costume.

Á entrada da praça do Sapal (ou de Bocage) onde estão os paços do concelho, se levantou um arco triumphal, de 17 metros de altura, tendo no fecho da parte do rio (sul) as armas de Portugal, e no da parte da terra (norte) as de Setubal.

Em voltá d'esta praça, estava tudo embandeirado como na praia, e no centro, tinha um *kiosko*, para servir de corêto da philarmonica denominada *Momentanea*.

Todas as janellas estavam armadas de cortinas de damasco de séda, e côlchas da mesma tela.

As ruas principaes foram areiadas, e muitas das suas janellas tambem armadas.

A casa da camara foi adornada com muita elegancia, e na sala grande, armada de púr-

[1] N'este dia fazia exactamente 290 annos que o malogrado rei D. Sebastião, tinha tambem visitado Setubal, em 1570, segundo anno do seu ephemero reinado. Este monarcha era muito affeiçoado ás religiosas de Jesus, e lhes chamava *freiras santas*. Quando se despedia, pedia-lhes a sua benção. Deu-lhes muitos privilegios, e quiz dar lhes tambem as *ordinarias*, o que ellas não quizeram acceitar, por humildade, e para cumprirem o voto de pobreza que tinham feito.

[1] Se eu fosse de Setubal, preferiria que a minha terra fosse, a todos os respeitos, a *primeira villa de Portugal*, a ser uma cidade como ha muitas no reino. Elevada a esta cathegoria, ficou Estremoz sendo indisputavelmente a primeira, a maior, e a mais rica e formosa villa da nação portugueza.

[2] Mal diria o infeliz e sempre chorado rei, que d'ahi a um anno e nove dias (11 de novembro de 1861) seria riscado do numero dos vivos, com geral sentimento dos portuguezes, sem excepção de *côr politica*.

pura, collocada uma mesa, onde os vereadores offereceram uma refeição ao rei.

O palacete da sr.ª D. Francisca d'Amorim e Silva foi destinado para pousada do soberano e do seu sequito, para o que havia sido préviamente mobilado com magnificencia.

—

A camara e mais auctoridades de Setubal, e o governador civil de Lisboa, esperaram o rei, no caes, sendo recebido debaixo do pallio, segundo a antiga usança. O prestito se dirigiu ao pavilhão, onde tiveram logar, a entrega das chaves, pelo presidente da camara, e o discurso do uso, que este dirigiu ao rei.

D'aqui foi o rei, a sua comittiva, e um numerosissimo concurso de povo, que o saudava com repetidas acclamações e o cobria de nuvens de flores, á egreja de S. João, onde se cantou o *Te Deum laudamus.*

D'esta egreja, sahiu para a casa da camara, onde o rei e o infante acceitaram a collação que os vereadores lhes offereceram, sendo convidadas para a mesa real, as auctoridades da terra e algumas das pessoas principaes — ao todo, trinta e seis talheres.

Depois da comida, sahiram, a cavallo, para a residencia que lhes tinha sido destinada, sendo acompanhados os reaes viajantes e seu sequito, pelos camaristas e outras pessoas, em carruagens.

Depois de terem os hospedes descançado alguns minutos, sahiu o rei a visitar alguns estabelecimentos e edificios notaveis, demorando-se muito tempo na visita ao real mosteiro de Jesus, cuja egreja se achava primorosamente adornada, á custa do padre Francisco José Ferro Estrafaz, capellão das religiosas. No altar-mór, da parte do Evangelho, se levantou o throno, com o sitial, para o rei fazer a sua oração. O espaldar e docel, eram de velludo escarlate, bordado de lhama d'ouro, sendo o fundo do docel, formado de uma preciosa alcatifa, antiga, bordada a matiz. Aos lados das cadeiras do throno, estavam dous formosissimos anjos, um dos quaes offerecia ao rei uma corôa, e o outro, um sceptro. No tôpo do espaldar, se viam as armas do rei D. Manoel, fundador d'este mosteiro.

Depois da oração, desceu o sr. D. Pedro V e seu irmão, do throno, para hirem ver o templo, e os primorosos quadros attribuidos ao *Grão Vasco.*

Depois, foram o rei e o infante, ver o interior do mosteiro, sendo recebidos, á portaria, pela communidade. Ajoelhando todas as religiosas para beijarem a mão ao rei, este o não consentiu, dizendo: «Aqui, na clausura das virgens do Senhor, sou simplesmente Pedro.»

Como todas as freiras estávam com os véus cahidos sobre o rôsto, como manda a regra franciscana, o rei perguntou, com muita afabilidade, á abbadessa, se as não affligia estarem muito tempo com o rôsto coberto, e se era permittido levantarem os véus. A abbadessa respondeu, que os podiam levantar na presença do rei, e por sua ordem; e como este desejasse vêlas, lhes deu a ordem preciza, e todas as freiras levantaram os seus véus, e assim estiveram em quanto durou esta visita.

Os reaes viajantes percorreram todo o edificio, e chegando ao refeitorio, ahi acharam uma mimosa refeição, offerecida pelas freiras, e que elles acceitaram com evidentes demonstrações de prazer.

Ás cinco horas da tarde regressou o rei e seu irmão, á residencia que lhes haviam preparado, e ahi acharam o sr. infante D. Luiz (depois rei, primeiro do nome) que, regressando d'Angola, aqui veio abraçar seus dous irmãos. Seguiu-se o jantar, para o qual o rei convidou, alem dos que tinham assistido ao almôço, o vigario geral, o que era douto antiquario, José da Gama Xaro.

Á noite houve recepção no paço, e toda a cidade se illuminou vistosamente.

As illuminações da praia, da praça do Sapal, e casa da camara, derramavam torrentes de luz e alegria, nos muitos milhares de espectadores que de toda a cidade e arredores tinham corrido a presencear tão explendida festa.

Durante a noite, as duas philarmonicas *Momentanea* e *Permanente,* cada uma em seu brilhante corêto, tocavam alternativamente as mimosas peças do seu repertorio.

Concluiu-se esta magnifica festa, com um brilhante fogo de artificio.

No dia seguinte (3) pela manhan, regressou o rei a Lisboa, pelo caminho de ferro do sul e sueste, deixando em Setubal, alem de uma cordeal saudade, uma bôa esmola, para ser distribuida pelos recolhimentos e pelas familias necessitadas de Setubal.

—

Objectos romanos achados na Troia

Disse no principio d'este artigo, o numero de objectos achados nas ruinas da velha Cetobriga; aqui farei mais individual menção de alguns d'elles.

1.º — *Urna cineraria pomiforme,* achada a 8 de janeiro de 1858, em um terreno denegrido pelo fogo, e que mostrava ter servido de *cemiterio de ustão*[1]. A urna estava a 10 palmos de profundidade, e continha ossos mal queimados, cinzas, duas redomas lacrimatorias de vidro, e uma moeda de cobre, do imperador Claudio, successor de Caligula.

Esta urna estava mettida em outro vaso de barro grosseiro, que a defendia da pressão das terras circumstantes, e a este vaso se deve a conservação da urna, que não poderia resistir inteira às deslocações e accidentes do terreno, no decurso de tantos seculos.

O vidro da urna está embaciado, e decomposto na superficie; e em partes, brilha com as cores prismaticas, porque está *folhado* e dividido em laminas, e é da natureza d'estas, o produzirem cores differentes, segundo a sua densidade, como ensina a optica de Newton. Nota-se a mesma cousa, nos vidros achados nas ruinas do Herculanum, e nas famosas *catacumbas* de Roma.

—

Alcacer do Sal, Cezimbra e Setubal

Em 1333, estas trez villas fizeram entre si uma *liga,* para darem maior desenvolvimento ás pescarias e á industria da salga do peixe, que d'estas povoações se exportava em grande quantidade.

—

Auctoridades antigas

Teve Setubal, até 1834: — provedor; juiz de fóra; juiz dos orphãos; juiz da alfandega; juiz do almoxarifado; corregedor; superintendente do sal; alcaide-mór; camara; capitão-mór; commandantes do regimento de linha, da cavallaria, da artilheria, das milicias, e das fortalezas.

—

Quevêdo — appellido

Quevêdo, Quebêdo e *Cabêdo,* são appellidos nobres d'este reino, e todos procedem do mesmo tronco — ou, por outra, tudo vem a

[1] A esta especie de cemiterios, davám os romanos o nome de *Ustrina* e *Ustrinum.* Era d'este logar que as cinzas dos mortos eram levadas para os tumulos que lhes eram destinados.

Bustum, era o logar onde se levantava a fogueira em que se queimavam os cadaveres de uma unica familia; e *ustrinum* era um terreno publico, onde se queimavam os corpos de individuos de differentes familias.

Ao escravo encarregado das pompas funebres, e que tinha por mister collocar o cadaver convenientemente sobre a fogueira e queimal-o, se dava o nome de *ustor.* Este emprego era considerado vil, e quasi sempre lhe davam algum epitheto de desprezo, como *semiramus,* ou *sordibus.*

Suppõe-se que no *ustrinum* tambem se queimavam os corpos dos pobres e dos escravos, que não tinham com que comprar um bocado de terreno perto do seu tumulo, que lhe servisse de *bustum;* pois era expressamente prohibido pela lei, fazêl-os em terreno que não fosse proprio. Existe ainda hoje, sobre a *via Appiana,* a 5 milhas de Roma, um d'estes grandes *bustus.* Era cercado, de dous lados, por um alto muro, construido, ao modo dos etruscos, com pedra de côr cinzento-escuro, avermelhado, a que hoje os italianos chamam *peperino.* O pavimento é tambem da mesma qualidade de pedra, por ter a propriedade de resistir á acção do fogo. Um dos muros tem 350 pés de comprimento, e o outro 200. Do lado da estrada, tinha porticos espaçosos, destinados a abrigar os expectadores, e as pessoas que formavam os cortejos funebres; e do lado opposto, havia varios armazens onde se guardava e serrava a lenha, e se guardavam os instrumentos e utensilios empregados durante a combustão. Tambem d'este lado havia casas para residencia dos *ustores.*

ser o mesmo appellido, escripto de modo differente, pelo decurso do tempo.

Os Quevêdos vieram de França, e fizeram o seu solar nas montanhas de Oviêdo.

Foram *senhores de pendão e caldeira*, desde que, em 717, um Quevêdo, amigo e companheiro do grande Pelayo, na batalha do Valle de Cangas (Asturias) tomou o pendão e a caldeira do rei mouro Alahor, que ahi foi derrotado.

O primeiro membro d'esta familia que veio a Portugal, foi *D. Diogo de Quebêdo*, no sequito do infante D. Pedro (o d'Alfarrobeira.)

Casou n'este reino, em 1466, e d'este casamento procedem os Quevedos, e Cabêdos.

Esta familia, tem, em todos os tempos, dado varões muito illustres em armas e nas lettras. O seu vetusto palacio, ainda existe em Setubal.

—

As armas dos Quevedos são: — escudo dividido em palla — a 1.ª, dividida em faxa, na 1.ª, d'azul, trez flores de liz, de prata, em roquête — na 2.ª, de prata, caldeira, de négro — na 2.ª palla, tambem de prata, bandeira de duas pontas, metade de púrpura, carregada de um crescente de prata, e a outra metade, de prata, carregada de um crescente de púrpura, hastea d'ouro com a lança de prata: êlmo d'aço, aberto, e por timbre o crescente das armas.

—

Uma inscripção achada na Troia

Em uma escavação, feita em 1860, nas ruinas de Cetobriga, entre outros objectos romanos, se achou uma urna funeraria, de vidro azulado, de pouca grossura, contendo cinzas, e um *ruden* [1], tambem de vidro.

[1] Os romanos davam o nome de *rudens* ás cordas delgadas, dos navios ligeiros. Diz Suetonio, no seu livro 7.º, que aos gladiadores, depois do combate, se dava um *ruden* de vidro, ou de barba de baleia, feito em fórma de corda. No caso de serem de novo chamados á arena, apresentavam o seu *ruden*, e ficavam dispensados. Aos gladiadores munidos d'esta distincção, se dava o nome de *rudiarios*.

Tambem se entregava um ruden, ao escravo liberto, como insignia da sua *alforria*.

Não se confunda *ruden* com *rudis*. Este era uma grande culher, de metal, ou de páu, que servia para mecher os cosinhados, ou a mistura de varios ingredientes.

Em razão da sua tal ou qual semelhança com o *rudis*, se dava tambem este nome a um bastão, que tinha em uma das extremidades, uma bôla, ou botão, e do qual se serviam os gladiadores e os soldados, já para combaterem, já para se exercitarem no seu manejo; e tambem por passatempo.

Sobre a urna, assentava uma lapide, com esta inscripção:

D. M. S.
LVC. VIB. CALISTR.
AN. XL.
H. S. E.
S. T. T. L.

(Dedicada aos deuses dos mortos. Aqui jaz Lucio Vibio Calistrato, fallecido na edade de 40 annos. A terra te seja leve.)

—

Direito do trapiche

Esta contribuição foi originariamente da ordem de S. Thiago. Instituida a grande commenda d'este vasto territorio, foi dada aos duques de Aveiro: passando em 1759 para a corôa, foi depois dada aos condes (depois marquezes e por fim duques) de Loulé, que a usofruiram até 1833.

Este *direito* consistia em 40 réis, por cada moio de sal que se exportasse pela barra de Setubal, em navios estrangeiros, e 25 réis por cada moio exportado em navios portuguezes.

—

Direito do deslastre

Não pude saber quando se impoz este tributo aos navios que entravam no Sado; mas é muito antigo, pois já existia em 1574. Era do Estado, e pago por todos os navios que vinham aqui carregar de sal. No principio, só era pago pelos navios que *deslastravam*, mas depois, tornou-se um tributo fixo, para todos os navios, ainda que não *deslastrassem*.

Hoje, como ja vimos em outro logar, pertence á camara, para ser empregado nas obras do aterro do caes.

—

Ainda Troia

Gaspar Barreiros, e André de Rézende, affirmam que, cobertas pelas aguas do Sado, existem ruinas de varios edificios, punicos ou romanos, da velha Cetobriga.

Diz tambem Rézende, que sobre a porta da ermida da Senhora da Troia, viu uma cabeça de carneiro, em pedra, *e lhe parece que, o que hoje é egreja christan,* foi um templo dedicado a Jupiter.

Talvez que no tempo de Rézende ainda existisse o templo gentilico, convertido em ermida christan; mas depois, foi demolido, e reedificado *á fundamentis*, pois, como vimos no paragrapho *Senhora da Troia*, esta construcção (menos o vestibulo, ou alpendre) é moderna.

—

Alguns apontamentos para a historia chronologica de Setubal

1440 (8 de julho) — D. Affonso V ordena aos juizes de Setubal, que não consintam que os vestidos dos judeus, da communa da mesma villa, fossem contados nas praças, ruas e outros logares publicos, onde notoriamente fossem conhecidos como taes, ainda que, por qualquer motivo, estivessem encobertos.

—

1467 (23 d'outubro) — O infante D. Fernando, duque de Viseu, mestre da ordem de S. Thiago, e filho do rei D. Duarte e da rainha D. Leonor, concede á confraria de Nossa Senhora da Annunciada, a posse do *sapal do Troino*. Foi este sapal, depois, cedido a Justa Rodrigues Pereira, para n'elle construir o sumptuoso mosteiro de Jesus. (Vide a rapida descripção d'este edificio, no logar competente.)

—

1512 (22 de julho) — O rei D. Manoel, por uma provisão sua, ordena que os bens das pessoas fallecidas sem testamento e sem herdeiros, nas villas e logares do almoxarifado de Setubal, ou aquelles que deixarem por sua morte bens á Misericordia, se entenda que ficam pertencendo á Misericordia de Setubal, e a nenhuma outra, ainda que o testamento o não declare.

—

1580 (27 de julho) — Embarca no porto de Setubal, o duque d'Alba, acompanhado de seu filho D. Fernando, na capitania da armada castelhana, em direcção a Lisboa, com um exercito de 22:000 homens. D. Antonio, prior do Crato, o espera na ponte de Alcantara, com 4:000 homens, mal armados e sem disciplina militar, pelo que é derrotado, a 25 d'agosto do mesmo anno.

D. Antonio, foge para o Minho, e os castelhanos entram em Lisboa, onde commettem toda a casta de barbaridades.

—

1640 (8 de dezembro) — O intrepido patriota, o general João Gomes da Silva, á frente da tropa e povo de Setubal, cérca por mar e terra a fortaleza do Outão, que ainda estava em poder dos castelhanos, que por fim, tiveram de render-se.

—

1640 (14 de dezembro) — A guarnição castelhana da fortaleza de S. Philippe rende-se á tropa e povo de Setubal, entregando o castello.

—

1641 (13 de janeiro) — A camara de Setubal publica o alvará de 6 do dito mez, dando por nulla a eleição do juiz de fóra, para procurador ás côrtes; satisfazendo assim ás reclamações do povo, que protestára contra semelhante eleição, por o eleito não ser natural de Setubal.

—

1670 (28 de junho) — O infante D. Pedro (depois D. Pedro II) regente do reino, por incapacidade de seu irmão, D. Affonso VI, ordena ao ouvidor da comarca de Setubal, que recommende a observancia das leis *contra os que, por soborno, se fazem eleger para*

cargos da camara, sem que para tal emprego tenham a necessaria capacidade; e que, por isso, SEJAM PUNIDOS COM PENA CAPITAL.

—

1808 (14 de janeiro) — O general Solano, commandante das forças hespanholas que occupavam Setubal, divide esta povoação em districtos, não inferiores a 100 fogos, nem superiores a 200; nomeando para chefes d'estes districtos, os homens mais notaveis, com a obrigação de relacionarem todos os moradores dos seus districtos, tratarem de reconciliar as pessoas da mesma familia, que andassem desavindas; e mesmo as outras familias que andassem inimigas; impedir a vadiagem, e acudirem a qualquer desordem; rondando todas as noites, e dando informações sobre as occorrencias dignas de menção, ás auctoridades administrativas e judiciaes.

—

1808 (25 d'agosto) — Chega a Setubal a noticia da aproximação das tropas nacionaes, vindas do Algarve, sob o commando do general José Lopes de Souza. Muito povo da villa corre ao encontro das novas tropas, e na villa ha as maiores demonstrações de regosijo, á chegada dos libertadores.

—

1808 (28 d'agosto) — O coronel Arlot, commandante das tropas francezas que guarneciam Palmella, reclama das auctoridades portuguezas, de Setubal, a entrega dos emissarios que enviára a esta villa; estranhando severamente o attentado commettido contra elles; dizendo que Buonaparte, ainda um dia vingaria tão barbara e atroz infracção do direito das gentes. (Olha quem invocava o *direito das gentes!*...)

—

1813 (14 d'abril) — Chega a Setubal o marechal-general Beresford, que é recebido com grandes festas, pelos setubalenses.

—

1869 (23 de janeiro) — Fallece em Santarem o distincto setubalense, o conselheiro e general de brigada do estado maior de engenheiros, Manoel José Julio Guerra, pessoa de grande intelligencia e vastos conhecimentos na sua profissão, como o provou pelos varios trabalhos que executou, e obras que escreveu sobre engenharia.

—

Lapide commemorativa a Bocage

O sr. Manoel Maria Portella, sendo redactor da *Voz do Progresso*, de Setubal, sollicitou n'este periodico, e obteve (1864) uma subscripção, para se collocar uma lapide commemorativa, na casa onde nasceu Manoel Maria Barbosa du Bocage, para recordar ás gerações futuras a memoria d'este poeta immortal.

Com effeito, no dia 10 d'abril do mesmo anno de 1864, na rua de S. Domingos, e na casa onde nasceu Bocage, foi collocada a lapide, na presença da commissão dos subscriptores e de grande concurso de povo.

Eis a inscripção da lapide:

N'ESTA CASA NASCEU
O INSIGNE POETA
MANOEL MARIA BARBOSA DU BOCAGE,
A 15 DE SETEMBRO DE 1765.
ALGUNS DOS SEUS CONTERRANEOS
MANDARAM FAZER ESTA MEMORIA,
NO ANNO DE 1864.

—

Foi este um dia de festa popular para Setubal, havendo geraes manifestações de regosijo, subindo ao ar muitos foguetes, e percorrendo as ruas as philarmonicas da cidade.

Era pouco, mas já era alguma cousa feita á memoria do poeta que tanto honrára a terra que lhe foi berço.

—

Monumento a Bocage

O nosso distinctissimo poeta contemporaneo, Antonio Feliciano de Castilho Barreto e Noronha (feito *visconde de Castilho*, em duas vidas, a 25 de maio de 1870) sabendo da collocação da lapide mencionada no paragrapho antecedente, e achando diminuto o preito á memoria de Bocage, emprehendeu prestar-lhe mais grandiosa homenagem. Dirigiu-se a seu irmão, José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, residente no Rio de Janeiro, e conseguiu obter no Brasil, por

subscripção, o dinheiro sufficiente para a realisação do seu desejo.

Realisara-se na capital do imperio, no dia 15 de setembro de 1865 (centenario do nascimento de Bocage) um numeroso comicio, que elegeu uma commissão de 19 membros, sendo presidente d'ella, J. F. de Castilho, vice-presidente, o barão de S. Clemente, e thesoureiro, José Ricardo Moniz.

Depois de vencidas varias difficuldades, resultantes da quebra da casa commercial de que fazia parte o thesoureiro da commissão, o que motivou a perda quasi total das quantias já subscriptas, conseguiram-se novos donativos, com os quaes se levou a effeito o desejo dos Castilhos.

O presidente da camara de Setubal, o doutor Antonio Rodrigues Manito, collocou a pedra fundamental do monumento, em presença dos seus collegas na vereação, dos membros da commissão e de varias pessoas notaveis da cidade, no dia 22 de novembro de 1871, lavrando o competente auto, o escrivão da camara, José Antonio Pinto.

O monumento foi inaugurado, a 21 de dezembro do mesmo anno de 1871, anniversario 66.º do passamento de Bocage.

É todo de marmore branco, e foi construido, assim como a estatua, na officina de Germano José Salles, de Lisboa. Sobre quatro degraus oitavados assenta uma columna corynthia, e sobre ella, a estatua do poeta, *de casaca á girondina* (!) tendo na mão direita uma penna, e na esquerda, um rôlo de papel. Tem dous metros de altura, e 12 todo o monumento, que é bastante singello, mas não falto de elegancia, menos a estatua, que é summamente desengraçada, e em uma posição pessimamente escolhida—ou, por outra—representando com escusada naturalidade, o trajo *pouco cuidado* do original.

—

Ao acto da inauguração assistiram os seguintes cavalheiros—Antonio José d'Avila,[1] vice-presidente da Academia Real das Sciencias—Miguel Maria Lisboa, ministro do Brazil em Portugal—Antonio Rodrigues Sampaio, então ministro do reino—Visconde de Castilho—o doutor, Antonio Rodrigues Manito, presidente da camara municipal de Setubal, com todos os vereadores—os membros da commissão, nomeada para presidir a inauguração, e da qual era secretario, o dr. Antonio da Silva Tulio, que escreveu e assignou o auto d'esta solemnidade.

As philarmonicas de Setubal, reunidas, tocaram successivamente os hymnos, compostos e offerecidos para a festa da inauguração, por Manoel Antonio Correia, Carlos Augusto Alves Braga, e Antonio do Nascimento e Oliveira.

Foi um dia de geral regosijo para os setubalenses, havendo todas as demonstrações publicas do costume, em taes solemnidades, e nas quaes se gastaram 815$837 réis, do cofre do municipio, e do producto da subscripção dos habitantes da cidade, por não ser necessario o producto d'ella, para o monumento.

—

Para assistirem a esta solemnidade, tinham vindo de Lisboa mais de 500 pessoas, entre convidados e curiosos, os quaes chegaram á estação do caminho de ferro, em 31 carruagens, á uma hora da tarde, sendo ahi esperados pela camara municipal, commissão do monumento, auctoridades, civis e militares, e grande concurso de povo.

Da estação se dirigiram em carruagens, para a casa da camara, d'onde sahiram em cortejo para a praça do Sapal (agora, de Bocage) onde teve logar a ceremonia da inauguração, da maneira que fica descripta.

A praça estava ornada, em fórma de jardim, com columnas, vasos de flôres, festões e bandeiras, portuguezas e brasileiras; havendo-se construido elegantes porticos, tendo aos lados figuras com os emblemas da poesia, tendo por baixo o nome de Bocage, que á noite appareceu illuminado a gaz.

No pedestal do monumento, do lado do sul, que é a frente, se lê:

A M. M. BARBOSA DU BOCAGE
ADMIRADORES SEUS,
PORTUGUEZES E BRAZILEIROS.
MDCCCLXXI

[1] Era já marquez. Tinha sido feito conde d'Avila, em 13 de fevereiro de 1664—marquez d'Avila e Bolama, em 24 de maio de 1870—agora é duque d'este ultimo titulo.

—

DE ELMANO EIS SOBRE O MARMORE SAGRADO, (!)
A LYRA EM QUE CHORAVA OU RIA AMORES...
SER D'ELLES, SER DAS MUSAS, FOI SEU FADO!
HONRAE-LHE A LYRA, VATES E AMADORES!

—

Na face do nascente, diz:

DOOU-ME PHEBO AOS SECULOS VINDOUROS;
DEPONDO A FLOR DA VIDA, E GUARDO O FRUCTO
PAGANDO A VIL MATERIA, O VIL TRIBUTO
RETENDO A POSSE DE IMMORTAES THESOUROS.

—

Do lado do norte:

ESTE, COM QUEM SE UFANA A PEDRA ERGUIDA,
AH! SE ENCANTOU COM SONOROSAS CORES...
JA BOCAGE NÃO É! NÃO SOIS AMORES!...
CHORAE-LHE A MORTE, CELEBRAE-LHE A VIDA!

—

Do lado do oeste:

UM NOME, SÓ TERRIVEL AOS TYRANNOS, (?)
NÃO À TRISTE, MORTAL FRAGILIDADE,
EIS O DEUS QUE CONSOLA A HUMANIDADE,
EIS O DEUS DA RAZÃO, (?!) O DEUS D'ELMANO. [1]

—

Em frente do monumento se tinha construido um bonito pavilhão, e n'elle, um magnifico bufete, sobre o qual estava uma escrevaninha de prata, com uma penna de ouro, [2] com que se lavrou o auto da inauguração.

Ao lado d'este pavilhão, havia duas tribunas descobertas, occupadas por muitas senhoras e cavalheiros.

—

Na praça tocavam as philarmonicas *Firmeza, Capricho, Timbre dos Artistas*, e a musica do regimento de infanteria n.º 7.

Ao lado esquerdo do monumento, e em grande uniforme, estava a ala esquerda do mesmo regimento. [1]

O balcão da casa da camara estava adornado com grandes vasos de flores e as suas escadas cobertas com tapetes, e tambem orladas com vasos de flores. No edificio estava arvorada a bandeira portugueza, entre flamulas e galhardêtes, de varias cores.

As janellas de todos os predios da praça, estavam brilhantemente armadas, algumas embandeiradas, e todas occupadas por senhoras, vestidas de gála.

Quando se descobriu a estatua do poeta subiram ao ar muitas girandolas de foguetes; sendo por essa occasião distribuidos com profuzão, um soneto do visconde de Castilho, e um poemeto de Manoel Maria Portella, allusivos á solemnidade. (Não os transcrevo, para não fazer este artigo ainda mais extenso).

Como hoje não é costume fazer-se qualquer funcção, sem *comes e bebes*, foi servida a todos os convidados uma excellente refeição, na sala principal dos paços do concelho, a qual, para este fim, estava ornada luxuosamente.

—

Á noite, houve uma récita de gala, no theatro Bocage, á qual assistiu a camara, principiando o espectaculo pela recitação de uma poesia em honra de Bocage.

A fachada da casa da camara e a praça de Bocage, foram na mesma noite illuminadas a gaz, assim como varios predios, distin-

[1] Quem se désse ao trabalho de analysar estas quatro quadras — *principalmente a ultima!* — tinha muito que dizer; mas, deixarei isso para individuo mais competente: aqui, só perguntarei ao auctor — este *Deus da razão*, é parente ou adeherente da ignobilmente celebre *Deusa da Rasão*, das republicas de 1793? — Pareceu-me que são *ejusdem furfuris!*...

[2] Esta penna, era do fallecido primeiro visconde de Castilho, e lhe tinha sido offerecida por um grupo de portuguezes, residentes no Rio de Janeiro, em testemunho de sympathia, depois da publicação da commovente e elegantissima carta que elle escreveu á actual imperatriz do Brasil, pedindo o perdão da pena de morte a um criminoso.

[1] Foram buscar a Lisboa este regimento, porque *imaginaram* que n'elle havia sentado praça Bocage, quando, *nem um unico individuo* d'elle, pertencia ao antigo regimento a que o poeta havia pertencido. Este, pertenceu *sempre* ao exercito realista que foi dissolvido pela convenção d'Evora-Monte, e as praças que o compunham, e que poderam escapar aos punhaes e aos bacamartes, morreram paisanos.

No reinado do sr. D. Miguel I, o regimento de infanteria n.º 7 (o de Bocage) denominava-se *terceiro regimento da infanteria de Lisboa*, e com este titulo terminou a sua existencia.

guindo-se o da typographia da *Gazeta Setubalense*, que apresentava uma lyra, cercada de varios ornatos.

Queimou-se tambem um lindo *fôgo de vistas*, e percorreram as ruas da cidade as referidas philarmonicas.

Assim terminaram as festas d'esta inauguração, que, todavia, não tiveram o brilhantismo desejado e esperado, porque a chuva foi n'este dia e noite, continua e torrencial.

—

Exposição do retrato de Bocage

No dia 24 de dezembro do mesmo anno, pela uma hora da tarde, na sala grande da casa da camara, foi exposto o retrato de Bocage, cópia a oleo, de tamanho natural, de outro retracto, tirado do original, por Henrique José da Silva, e achado no Rio de Janeiro.

A esta ceremonia assistiram — a camara municipal, a commissão do monumento, de Setubal, o vice-consul do Brasil, e varios outros cavalheiros, do que se lavrou o competente auto.

Quando o presidente da camara descobriu o retrato, subiram ao ar grande numero de foguetes, e as musicas tocaram a marcha intitulada — *Homenagem a Bocage*.

Este retrato, tinha sido offerecido á camara de Setubal, por varios individuos portuguezes e brasileiros, representados pelo referido José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, residente no rio de Janeiro.

José Joaquim Barbosa du Bocage, parente do poeta, agradeceu, em seu nome e no de sua familia, as homenagens prestadas ao seu immortal antecessor.

José Vicente do Bocage Lima, tambem da familia do poeta, recitou um poemeto em honra d'este, feito por Manoel Maria Portella.

José Antonio Pinto, escrivão da camara, recitou tambem um soneto, feito pelo visconde de Castilho.

Estas poesias são as que foram distribuidas no dia da inauguração do monumento a Bocage.

Tambem então foi servido *um cópo d'agua* aos individuos presentes á exposição: e, como no dia da inauguração, houve á noite fogo de vistas, illuminação e musica: e, na sala onde fôra collocado o retrato, leu o padre Caetano de Moura Palha Salgado, uma poesia, em honra do retratado.

—

Instrucção publica

Nenhuma camara municipal d'este reino, tem cuidado com mais sollicitude da instrucção publica, nem despende com isto tanto dinheiro, como a de Setubal. Eis a despeza do ultimo anno economico:

Subsidio ao Lyceu Municipal..	500$000
Dito a 4 professores e a 4 professoras de instrucção primaria, das escolas publicas....	290$000
Gratificações aos mesmos professores e professoras......	70$000
Custeio das ditas escolas, e renda de casas para ellas......	500$000
Aulas nocturnas	60$000
Collegio dos orphãos pobres ..	76$000
Somma...	1:496$000

—

No concelho, ha 8 escolas *regias*, de ensino primario, 4 para cada sexo — 24 particulares, 4 para meninos e 20 para meninas.

Ha trez escolas de instrucção secundaria, que são — *Lyceu Setubalense, Collegio de S. Francisco*, e *Escola Popular*.

Ha mais — as escolas do *Asylo da Infancia Desvalida* e o das orphãs pobres. (Esta e o Lyceu, são sustentados exclusivamente á custa da camara).

—

A construcção da *escola do conde de Ferreira*, situada na praia, foi subsidiada pela camara, com 195$000 réis, por não chegar o que o referido conde deixou para cada uma das 120 escolas. (Vide *Campanhan)*.

Esta escola foi construida de 1867 a 1868.

Além dos 195$000 réis, deu mais a camara, para a mobilia, 200$485 réis — total — 395$485 réis.

—

Bibliotheca popular

Quando em 1873 se accrescentou o edificio dos paços do concelho de Setubal, foi uma das salas destinada para bibliotheca, a qual já actualmente consta de mil volumes aproximadamente, comprehendendo algumas obras de muito merecimento, sendo a mais notavel d'ellas, um exemplar do famoso Missal de Estevam Gonçalves Neto, abbade de Serem. (Vide pag. 152, col. 1.ª d'este volume).

Parte dos livros d'esta bibliotheca, foram cedidos pelo Estado; parte comprados pela camara; e parte, offerecidos por particulares.

N'esta sala, se veem os retratos, de Manoel Maria Barbosa du Bocage, Frei Pedro Lagarto, Padre João Baptista, João Francisco Garcia Moreira (Vide setubalenses illustres). [1] Tambem aqui estão alguns mappas, e as photographias da praça de Bocage, tiradas por occasião da inauguração do seu monumento.

—

Nascentes d'agua, aqueducto, póços e chafarizes de Setubal

O aqueducto que conduz a agua para o chafariz da praça de Bocage (Sapal) e que fica em frente da casa da camara, consta que foi construido por ordem de Dom João II, quando estava em Setubal, no anno de 1487, e que, para isso, mandou desfazer o *paço dos Estaos*. Foi feito com o dinheiro do municipio, e com o que o rei deu do seu bolsinho.

Esta agua, nasce em Alferrára, junto ao caminho que vae para os Barris, 3 kil. ao N. da cidade, e já no districto de Palmella.

Esta agua, que antigamente nascía em abundancia, tem escaceado ha muitos annos, e no verão não chega aos chafarizes. Dous annos (1875-1876) estiveram completamente sêccos, mesmo no inverno, todos os chafarizes de Setubal, menos o das Fontainhas. Os ribeiros que atravessam a cidade, estiveram tambem sem uma pinga d'agua, durante aquelle periodo.

Esta agua, é conduzida até certa distancia, por um aqueducto de cantaria, e depois, por um cano d'alvenaria, assente sobre o sólo, ou sobre arcos, até que, proximo da cidade, se mette por um cano subterraneo, e vae fornecer a agua das praças de S. Bernardo e Bocage.

O chafariz de S. Bernardo, foi feito no reinado de D. José I, o que se collige de uma ordem do marquez do Pombal, datada de 12 d'agosto de 1772, e que manda á camara de Setubal pagar a despeza *que se fizer* com as obras de terraplanagem da praça de S. Bernardo, e com as do *chafariz novo* da mesma praça, e respectiva canalisação. Manda que estas obras sejam dirigidas pelo coronel, José Bruno de Quevedo.

Da fonte de S. Bernardo, hia antigamente um annel d'agua para o mosteiro das religiosas cistersienses, que estava junto á praça, por isso chamada de S. Bernardo, como a fonte.

—

Ao E. da *Horta do Vigario*, proximo ao campo do Bom-Fim, se fizeram dous grandes arcos e uma pequena guarita e muralha, que corre de N. a S. Em um dos arcos, do lado do O., está a inscripção seguinte:

O MARQUEZ DE MARIALVA
DO CONSELHO DE ESTADO E GUERRA,
DE S. A., VEDOR DA SUA FAZENDA,
CAPITÃO GENERAL DO EXERCITO
E PROVINCIA DO ALEMTEJO,
GOVERNADOR DAS ARMAS DA
EXTREMADURA, CASCAES E SETUBAL,
MANDOU FAZER ESTA OBRA
CORNA, PARA A DEFENSA; E
ARCOS, PARA CORRER AGUA,
NO ANNO DE 1672

[1] O sr. João José Ribeiro, offereceu á camara, em julho de 1875, os retratos, do major Moreira, fundador e primeiro governador da colonia de Mossamedes, em 1840, e da princeza de Huilla, que acompanhou o major, nas suas explorações ao interior da Africa occidental. Estes retratos, foram tirados do natural, pelo sr. Clemente Bizarro. (Vide adiante, nos *Setubalenses illustres*, a biographia de *João Francisco Garcia Moreira*).

—

D'este aqueducto, se tinha dado um annel d'agua para as freiras de Jesus, por ordem do rei D. Manoel, como consta do Tombo d'este mosteiro, a fl. 28. Este annel d'agua, vae sahir a uma fonte do claustro, das religiosas.

—

No anno de 1699, se tirou, a pouca distancia d'aquelle, outro annel d'agua, para a fonte do Rocio do Bom-Fim (antigamente chamado do *Anjo da Guarda)* e para a qual vae por um cano subterraneo.

Para guarda da mesma fonte, se fez ao E. d'ella um *corpo de guarda*, no qual ha esta inscripção:

REINANDO EL-REI D. PEDRO II,
MANDOU FAZER ESTE CORPO
DA GUARDA, D. NUNO ALVARES
PEREIRA, PRIMEIRO DUQUE
DO CADAVAL, MESTRE-DE-
CAMPO-GENERAL, JUNTO A'
PESSOA (d'el-rei) GOVERNANDO AS
ARMAS DE SETUBAL, CASCAES
E PENICHE, CAPITÃO-GENERAL
DA CAVALLARIA DA CORTE E
EXTREMADURA, CONSELHEIRO
DE ESTADO E GUERRA.
ANNO DE 1699.

—

O terramoto do 1.º de novembro de 1755 arruinou bastante esta fonte, que foi reconstruida no reinado de D. Maria I, gravando-se-lhe então uma inscripção, da qual só se lê hoje o seguinte:

ET FONS, ET CAMPUS PRIMMA
MODERANTE MARIA LÆTATUR
PRISCA UNUS, ET ALTER AQUA.

—

A antiga fonte do Anjo da Guarda, hoje chamada do Bom-Fim, é de cantaria lavrada, com quatro entradas, e todas com escadas para se subir a ella, e com grades de ferro em redondo, tendo no centro um tanque, onde, dos seios de quatro estatuas de mulher, sáe a agua. Por cima, estava uma cupula, rematada por uma peanha, ou pedestal, sobre que assentava a imagem do Anjo da Guarda, conduzindo pela mão um menino, de jaspe. No lado S. da peanha, estava esta inscripção:

NO PACIFICO REINADO DE
EL-REI D. PEDRO II
ANNO 1700.

—

Já antigamente se havia tirado, proximo á nascente, outro annel d'agua, o qual corre para a estrada, e d'elle, depois de se utilisarem os visinhos, vão os sobejos para uma quinta proxima, por concessão feita pela camara aos seus proprietarios, em 1604.

Apezar de se terem tirado estes trez anneis d'agua, ainda a d'esta fonte era abundante. Tem um tanque para o gado beber n'elle, pelo lado de traz da fonte, e aqui (ao S.) esta inscripção:

REINANDO EL-REI D. PEDRO II.

e ao N., outra que diz:

O SENADO DA CAMARA D'ESTA NOTAVEL
E SEMPRE LEAL VILLA DE SETUBAL,
MANDOU FAZER ESTA OBRA NA ERA DE
1697.

—

Em 12 de março de 1760, deliberou a camara, nobreza e povo, que se pedisse a el-rei, para que, da imposição de 2 réis em cada arratel de carne, e com 40$000 réis annuaes, da meia imposição, se fizesse a obra do cano geral, que conduzia a agua da nascente de *S. Romão*, para esta e outras fontes, visto que o cano existente estava em total ruina; o que lhes foi concedido.

—

Para o bom governo do aqueducto, deu um *regimento*, o rei D. Manoel, a 11 de outubro de 1508, estando em Evora.

Depois, suscitando-se algumas duvidas a este respeito, as decidiu D. João III, por uma carta régia, tambem datada d'Evora, a 15 de outubro de 1535.

—

Ha em Setubal mais as seguintes fontes:

Fonte Nova, no largo a que deu o nome. Em 1571, mandou o rei D. Sebastião lançar uma finta ao povo de Setubal, na importancia de 300$000 réis, cobravel em dous annos, para ser applicada á mudança e concerto da *fonte nova.*

Nasce a agua d'esta fonte, proximo ao *outeiro da Saude*, e d'ella vae um annel, para o recolhimento de Nossa Senhora da Soledade; e tambem — por canalisação subterranea — para o marco fontenario e chafariz que estão no passeio da praia do Trôino.

—

Fonte de S. Caetano, na rua d'este nome, que hoje é uma formosa alaméda.

Vem de uma nascente, perto tambem do outeiro da Saude, onde ha um grande deposito, com bomba, para extrahir agua, quando na estiagem não chega á fonte. N'esta se lê uma inscripção, que diz:

O SENADO DA CAMARA D'ESTA
MUITO NOTAVEL VILLA DE
SETUBAL, MANDOU FAZER
A OBRA D'ESTA FONTE, A' CUSTA
DOS BENS DO CONCELHO; A QUAL
SE ACABOU NO ANNO DE 1692.

Parece que no logar d'esta inscripção existiu antigamente outra, qué foi picada.

D'esta fonte, hia para o mosteiro dos carmelitas calçados, um annel d'agua, que no centro do mosteiro, corria de elegante pyramide, que hoje se vê no lago da praia do Troino.

—

Tem Setubal nove poços publicos:

1.º, 2.º e 3.º, nas Fontainhas.

4.º, no largo de S. João.

5.º, no largo do Concelho.

6.º, proximo da rua de S. Caetano.

7.º, no largo da Annunciada.

8.º, no fim da rua de S. Francisco.

9.º, no campo do Bom-Fim. (Este, foi aberto em 1839, e tem-se verificado que a sua agua tem qualidades therapeuticas muito efficazes para certas molestias.)

—

Templo de Neptuno

Já disse, quando tratei da fortaleza do Outão, quando e por quem foi achada uma estatua mutilada de Neptuno.

Era de marmore branco, e tinha no pedestal alguns versos em louvor d'esta divindade mythologica.

Depois, progredindo as escavações para assento dos alicerces da fortaleza, se descobriram as ruinas de um edificio que mostrava ser um templo, pelas muitas architraves, restos de columnas de fino marmore, e outras pedras muito bem lavradas, apparecendo no meio dos destroços, uma estatua de Neptuno, em bronze, perfeitamente esculpida, o que prova evidentemente, ter sido este edificio um templo, dedicado áquella divindade dos romanos.

Nas mesmas ruinas, foram encontradas algumas lapides, com inscripções latinas, que davam á serra da Arrabida o nome de *Promontorio de Neptuno*; e grande numero de medalhas, dos imperadores Vespasiano, Tito, e Adriano.

A maior parte d'estas antigualhas deu-as o superintendente das obras, Manoel da Silva Mascarenhas, a D. Pedro d'Alencastre, da casa ducal d'Aveiro, e arcebispo eleito de Braga.

A estatua de bronze, que era de tamanho natural, foi derretida, para ser transformada em peças d'artilheria d'aquella fortaleza!

Um escriptor distincto do seculo XVIII diz, com muita razão: «Barbaridade bastante, para dar a este promontorio—se já o não tivesse—o nome de *barbario.*» — (Os romanos tambem, como vimos, davam á serra da Arrabida o nome de *Mons Barbaricus.*—Vide *Arabriga, Arrabida,* e *Cabo do Espichel.* Vide tambem n'este artigo, o que digo da *Torre do Outão.*)

—

Segundo a mythologia, Neptuno era filho de Saturno e Cybele, e irmão de Jupiter. Nas partilhas do mundo, coube-lhe o imperio do mar. Casou com Amphitrite, mas teve grande numero de filhos bastardos, de mães differentes.

Foi banido do ceu, por ter conspirado contra Jupiter, e ajudou Apollo a edificar os muros de Troia.

Seu sceptro era um tridente; e seu carro, uma grande concha, tirada por cavallos, ou bois, marinhos.

Suas festas celebravam-se a 23 (outros dizem que a 28) de junho de cada anno, e eram concorridissimas, tanto que os estrangeiros, que a ella vinham, não cabendo em

Roma, se aquartelavam em grande numero de barracas de ramos, feitas em redor da cidade.

—

Setubalenses illustres[1]

(Escriptores)

1.º—*Agostinho Fernandes*. Escreveu lôas a diversos santos, e a *Relação lyrica do alarde de Nossa Senhora da Saude*. Falleceu em 1715.

—

2.º—*Alvaro José de Serpa Sotto-Maior* (militar.) Deixou manuscriptos — *Cartilha militar de infanteria*, etc. — e truduziu do francez, e publicou em dous tomos — *Memoria sobre o serviço de todos os dias, da infanteria*. Falleceu em 1739.

—

3.º—*André da Natividade* (frei) — franciscano da provincia da Arrabida. Escreveu — *Ceremonial ou Ritual para uso dos frades da provincia da Arrabida*, obra hoje rara. Nasceu em 1605, e falleceu no mosteiro de Alferrára, em 1684.

—

4.º—*André Rodrigues Caldeira* (medico.) —Escreveu o *Epigramma a Zacuto Lusitano*, que anda no tomo 1.º das obras de Zacuto.

—

5.º—*Antonio Bento Figueira.*—Escreveu *La Corona por justicia*, comedia—e *Varias poesias* — tudo inedito. Falleceu em 1713.

—

6.º—*Antonio Cabedo*. — Escreveu —*Varios versos latinos*. (Roma, 1587.)—Falleceu da edade de 25 annos.

—

7.º—*Antonio da Costa Cordovil* — doutor em theologia, pela universidade de Coimbra, freire de Palmella (da ordem de S. Thiago) e prior da freguezia (supprimida) de Nossa Senhora da Ajuda, de Setubal; mas, nos ultimos annos da sua vida, fez-se religioso franciscano, no mosteiro da Arrabida. Escreveu — *Trez sermões da Conceição da Virgem Nossa Senhora*, o *Sermão da Santissima Trindade* (prégado na egreja de S. Julião, de Setubal), e o *Tratado da Oração*. Falleceu em 1679.

—

8.º—*Antonio Rodrigues da Costa.* — Nasceu a 29 de dezembro de 1656. Era fidalgo da casa-real, do conselho de D. João V, e do ultramarino, official-maior da secretaria de Estado, secretario de embaixadas, e academico da Academia Real de Historia.—Escreveu: — *Embaixada que fez o excellentissimo conde de Villar-Maior (hoje marquez d'Alegrete) ao serenissimo principe Philippe Willelmo, conde palatino do Rin* (Reno) etc. — *De Vita et rebus gestis Nonni Alvaresii Pyreriæ* (o grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira) — *Epistolæ ad Ex. ac. Sapient. Censores* (e mais onze cartas, que andam na *Collecção da Academia*) — *Conta dos meus estudos academicos* (no 3.º tomo da mesma *Collecção*) — *Justa Lusitanorum arma* — *Conversão d'el-rei de Bissau*, etc.; opusculo hoje raro — *Relação dos successos e gloriosas acções militares, obradas no estado da India*, etc. — *Epigramma latino, á morte do marquez de Távora* — *Epitomen Historiæ Lusitanæ* (até ao reinado de D. Fernando I) — e *Consulta do Conselho Ultramarino, a sua magestade.*

Falleceu em Lisboa, a 20 de fevereiro de 1732.

—

9.º—*Antonio de Setubal* (frei) — religioso franciscano, da provincia de Portugal. — Escreveu: — *Coróa de doze estrellas, da Virgem Maria, Senhora Nossa.* (Lisboa, 1632.) Apezar do titulo, só trata de *quatro estrellas*. É obra rara.

—

10.º—*Belchior Fernandes Soares*, doutor em direito civil, pela universidade de Coimbra, ouvidor e chanceller-mór das terras do ducado de Aveiro. Escreveu: — *Allegação*

[1] Peço desculpa aos meus leitores, por não collocar os varões illustres, naturaes d'esta cidade, por ordem chronologica. Isto dar-me-hia um trabalho insano, sem nenhum proveito para a historia de Setubal, pois que o essencial é mencionar todos os homens notaveis d'esta terra, de que pude haver noticia, agrupando-os em um só artigo.

de direito por o sr. D. Pedro, sobre a casa de Aveiro — Allegação sobre as pretenções de D. Diogo de Fáro (manuscripto) — e *Peculium omnis juris civilis* (manuscripto.)

Nasceu em 1608 e morreu em 1678.

—

11.º — *Cecilia Rosa d'Aguiar* — (Vide *Irmans Aguiar.*)

—

12.º — *Claudio Lagrange Monteiro de Barbuda.* — Foi capitão do real corpo de engenheiros, e nomeado secretario geral do governo da India, em 1839 — redactor principal da *Bibliotheca familiar e recreativa.* — Escreveu : — *Memoria historico-descriptiva, das linhas que cobriram Lisboa em 1833 — Collecção dos exercicios de artilheria — Instrucções com que el-rei D. José I mandou passar ao Estado da India, o governador e capitão-general,* etc. — e *Uma viagem de duas mil leguas.*

Dirigiu as obras da ponte do Livramento, como vimos no logar competente. Era homem de uma variada instrucção, e muito estudioso.

Nasceu em 25 de novembro de 1803, e falleceu em Lisboa, a 20 de março de 1845.

—

13.º — *Daniel dos Reis* (frei) — religioso franciscano. Escreveu: — *Preparação Evangelica-Hispanica, já revendicada;* anno de 1724 — *Auctarios a esta Preparação — Allegação apologetica da jurisdição do Provincial dos Algarves — Primordios do mosteiro de S. João, de Estremoz — Real disposição do infante D. Luiz, filho d'el-rei D. Manoel — Antilogia ácerca da Apologia que escreveu frei Manoel Mexia Fouto.* Tudo inedito.

—

14.º — *Egidio Gamboa,* thomarista. Escreveu: — *Oração funeral do senhor rey D. Pedro II;* Lisboa, 1707 — e, *Sermão dos ossos dos enforcados;* Lisboa, 1711. — Falleceu em 1715.

—

15.º — *Estevam de Liz Velho* (ou *Estevam Diniz Velho.*) — Foi capitão-tenente da praça de Sines e secretario da Academia Problematica de Setubal. Publicou a *Vida de S. Torpes* (Lisboa, 1746) obra muito interessante, pelas noticias historicas que contem, especialmente, com relação á villa de Sines — *Artilheiro instruido* — e *Micros-Cosmographia.*

Falleceu a 12 de julho de 1748, e foi sepultado na egreja da Misericordia, no jazigo dos seus ascendentes, que eram nobres.

—

16.º — *Francisco da Annunciação* (frei) — monge jeronymo, e visitador geral da sua ordem. Publicou o *Sermão de S. Luiz Gonzaga.* (Evora, 1730.)

—

17.º — *Francisco Eduardo de Santa Gertrudes Boino.* — Vide *Frei Severino de Santo Antonio.*

—

18.º — *Francisco José Monteiro Noio* (padre.) — Escreveu: — *Oração Academica Problematica — Poema amoroso de Lisoardo e Arminda* (inedito) — e varias lôas e comedias.

—

19.º — *Francisco José de Queiroz* (padre.) Escreveu e publicou: — *Oração academica no faustissimo nascimento da Serenissima Senhora Princeza da Beira.* — Lisboa, 1794.

Esta senhora (D. Maria Thereza de Bourbon e Bragança) era filha de D. João VI e da rainha D. Carlota Joaquina de Bourbon. Foi casada com o infante D. Pedro Carlos, filho de Carlos IV de Castella, e irmão de Fernando VII e Carlos V. — Ficando viuva, passou a segundas nupcias, com seu cunhado, o dito Carlos V.

Teve um unico filho do primeiro matrimonio, que foi o infante de Portugal e Castella, D. Sebastião, que falleceu, deixando filhos. A princeza da Beira e seu segundo marido, tambem são fallecidos.

—

20.º — *Francisco Manoel de Brito Mascarenhas.* Escreveu varias poesias, e nomeadamente, uma, á morte do seu patricio, Estevam de Liz Velho; e outra ao terramoto do

1.º de novembro de 1755. As suas obras foram impressas, sem designação de logar nem anno.

Nasceu em 1706, sendo baptisado a 11 de novembro d'esse anno. Não se sabe quando falleceu, mas tinha mais de 50 annos, pois ainda vivia em 1755, visto fallar do terramoto d'esse anno, como de cousa succedida no seu tempo.

—

21.º — *Francisco de Santo Ignacio Carvalho* (frei.) — Nasceu na freguezia da Annunciada, em 9 de setembro de 1770. Entrou na religião franciscana, da provincia do Algarve, deixando então o seu nome do seculo, que era Francisco Xavier de Carvalho.

Passado o anno do noviciado, foi mandado concluir os estudos, no collegio da sua ordem, em Coimbra, onde foi um estudante distinctissimo.

De Coimbra, foi para o mosteiro franciscano de Xabregas (Lisboa) onde foi guardião.

D'aqui foi transferido para diversos conventos da sua ordem, como era costume d'estes religiosos, e n'elles ensinou philosophia e theologia, chegando a ser eleito *custodio*, cargo monastico de muita distincção.

Recolheu-se ao convento franciscano proximo a Setubal, e ahi se dedicou á cultura das lettras, especialmente, da poesia.

Traduziu primorosamente varios hymnos religiosos.

Expulso do seu querido mosteiro, em 1834, foi viver para uma casinha, no bairro do Troino, em companhia de duas parentas velhas; e alli escreveu muito; porem, não se sabe o que, pois que fallecendo, as taes suas parentas, levadas pela necessidade, *venderam a pêso* quasi todos os manuscriptos d'este sabio religioso. Só escaparam as suas *Descripções enigmaticas, ou Divertidas advinhações*, etc., que o sr. Francisco Eduardo Gomes Cardim, natural de Setubal, fez imprimir, no Rio de Janeiro.

Todos os enigmas são em bonitos versos, que revelam uma grande doçura e suavidade, e são apropriadissimos.

Esta obra é precedida de uma rapida, mas commovedora biographia do auctor, escripta primorosamente pelo sr. Manoel Maria Portella, tantas vezes mencionado, com justo louvor, n'este longo artigo, para cujo complemento tanto concorreu.

N'esta biographia, diz o sr. Portella.

«Cançado de annos e de desgostos, acabou a vida, na terra onde teve o berço. Nem pedra raza, se quer, cobre as cinzas do philosopho moralista e poeta! No antigo cemiterio, situado junto aos fraguedos em que assenta a egreja de Nossa Senhora da Saude, jazem ellas, confundidas com muitas outras.»

«Não escapou ao destino de tantos varões, cujos nomes honram Portugal.»

«A morte, porem, não põe fim a tudo. A memoria do sabio não desapparece nas sombras do sepulchro.»

«A ingratidão apaga ás vezes a inscripção na lapide funeraria que lembra um nome illustre, e outras vezes, até lhe nega a inscripção e a lapide; mas a luz do genio não se extingue, e, por modo prodigioso, recorda sempre o que os homens pretendem esquecer.»

. . . .

«Foram seus paes, João Ignacio de Carvalho e Jacintha Ignacia, recebidos na egreja da freguezia de Nossa Senhora da Annunciada, de Setubal.»

«Fez diversas traducções do latim, e entre ellas, a dos hymnos do *Breviario Romano*, e *Sequencia de defunctos*, para verso portuguez.»

. . . .

«Em algumas das suas poesias intimas, que guardava com o maximo recato, revelou, com quanta propriedade sabia exprimir os sentimentos que actuam nas almas juvenis.»

«Quasi todas estas composições são do anno de 1795, e datadas de Coimbra. Na ultima pagina do livro em que ellas estão compendiadas, lê-se um verso, escripto pelo seu auctor, em 1835, quarenta annos depois que o seu estro as havia produzido, que semelha uma inscripção funebre, repassada de tristeza. É notavel a confrontação que assim se vê, do passado com o presente, do mesmo homem!»

«Hontem, as illusões, as esperanças — hoje, a verdade e o desengano. Hontem, a lyra dos affectos, das inspirações deleitosas, vibrando em suas mais gratas harmonias — hoje o alaúde casando os sons pausados, com a elegia lugubre.»

....

«Na cella que habitava, no já mencionado convento de S. Francisco, de Setubal, havia tantas pequeninas casas para canarios, quantas são as letras do alphabeto. Quando a luz do sol penetrava n'aquelle recinto, as mimosas aves, entoavam o canto matinal, e ao som d'elle, despertava o seu amigo e companheiro, sentindo na alma de poeta, extravazar o jubilo.»

«Era singelamente formoso, o pequeno jardim que elle cultivava, em frente da capella de magnifico marmore, que ainda se vê proxima do alludido convento».

....

«Aos 85 annos de edade, no dia 1 de julho de 1856, expirou frei Francisco de Santo Ignacio Carvalho, apagando-se a luz do espirito, d'aquelle que, se não pôde elevar-se á altura dos primeiros engenhos, mereceu, comtudo, logar honroso entre os cultores das lettras».

—

22.º— *Francisco dos Santos* (frei).—franciscano, na India. Escreveu — *Relação da viagem da náu S. Gonçalo, e de como se perdeu.* Escreveu tambem, um *Compendium Universæ Philosophae.* Viveu no seculo XVII.

—

23.º—*Gonçalo Mendes de Vasconcellos Cabêdo*, lente da universidade de Evora, doutoral e deputado da Inquisição da mesma cidade. Escreveu varias obras, em latim, sendo uma, sobre antiguidades de Portugal, e outra ácerca da rainha Santa Isabel. Falleceu em 1604.

—

24.º— *Gonçalo Pinheiro* (D.)—filho de João Pires e D. Leonor Rodrigues Pinheiro. Neto paterno, de Affonso Fernandes, secretario da rainha D. Philippa, mulher de D. João I, (vide *Sacavem)*— e materno, de Gonçalo Rodrigues, cavalleiro de D. João II.

Formou-se na faculdade de canones, na universidade de Lisboa.[1] Passando á de Salamanca, alcançou tão grande nome de lettrado, que, antes de ter o gráu de doutor, foi admittido como collegial, no famoso collegio de S. Bartholomeu.

Regressando a Portugal, obteve alguns beneficios, em que o apresentou o duque de Bragança, D. Jayme. Ganhou, por concurso, uma cadeira de conego da Sé archiepiscopal d'Evora, da qual tomou posse, em 18 de junho de 1533. Depois a renunciou em seu sobrinho, Diogo Mendes de Vasconcellos.

D. João III, nomeou a D. Gonçalo Pinheiro, seu desembargador, e bispo de Çafim, sendo, pouco depois, enviado pelo mesmo monarcha a Bayona, para compôr a discordia que existia então, entre Portugal e França, por causa de algumas prêsas, feitas entre as duas nações; o que conseguiu.

Em 1543, sendo bispo eleito de Tangere, recebeu em Medina del Campo (Hespanha) uma carta de D. João III, na qual o nomeava embaixador á corte de França, onde teve

[1] A universidade, hoje estabelecida em Coimbra, foi fundada pelo rei D. Diniz, em 1288, no sitio da *Pedreira*, á *Porta da cruz*, no alto da rua dos Remedios, freguezia de Santa Engracia, no Bairro d'Alfama (hoje oriental) em Lisboa.

Em 1308, o mesmo soberano, a mudou para Coimbra, para um palacio real que havia na rua da Sophia (e que era o Supremo Tribunal de Justiça, depois que os nossos primeiros reis mudaram d'aqui, para os paços reaes do Burgo de Santa Clara). Depois, esteve a universidade no mosteiro de Santa Cruz, da mesma cidade de Coimbra, e o palacio da Sophia passou a ser tribunal da Inquisição.

Em 1375, D. Fernando I, torna a mudar a universidade para Lisboa, para o sitio ainda hoje chamado *Escolas Geraes*, freguezia de S. Vicente de Fóra, tambem no bairro d'Alfama.

Em 1539, D. João III, tornou a transferir a universidade para Coimbra, mandando então construir para este fim, dous grandes collegios, um de cada lado da egreja de Santa Cruz. Tambem por essa occasião, esteve no collegio de S. Paulo, e foi o mesmo D. João III que lhe deu os seus *paços do Alcaçar*, no alto da cidade, no *Bairro-Alto*, para alli se estabelecer definitivamente a universidade, que é onde hoje se acha.

de *Francisco II, e de seu filho, Henrique*[1] as maiores demonstrações de estima.

Voltando ao reino, occupou o cargo de desembargador do paço, para o que foi nomeado, por carta regia, de 14 de novembro de 1548. Finalmente, feito bispo de Viseu, tomou posse d'esta diocese, em 1553, ainda no reinado de D. João III.

Cuidou com grande zêlo na reforma e illustração do clero do seu bispado, e organisou e fez publicar, em 1556, as *Constituições synodaes do bispado de Viseu.* Reformou os

[1] Vou extrahindo estas rápidas biographias da *Memoria sobre a historia de Setubal*, mas tenho obrigação de não deixar passar sem as competentes rectificações, os anachronismos, ou quaesquer êrros que se encontram n'aquella obra, aliás de merecimento incontestavel; mas — *aliquando dormitat Homerus.*

Aqui pois, ha um êrro que não devo deixar passar. Francisco II, de França, reinou desde 1559 até 1560. Era filho primogenito de Henrique II. Como se vê, só reinou um anno; mas, acabrunhado por enfermidades precoces, era apenas rei *in nomine*, pois toda a auctoridade real foi exercida por sua mãe, a rainha Catharina de Médicis (viuva de Henrique II) e por o duque de Guise. Casou com a infeliz Maria Stuart, rainha da Escocia, que mais tarde, sua prima, a rainha Isabel, de Inglaterra, fez degolar. Mas Francisco II, *não teve nenhum filho*, e morreu na edade de 17 annos.

Não foi pois Francisco II, mas Francisco I, seu avô, que reinou desde 1515 até 1547, o que recebeu o nosso D. Gonçalo Pinheiro; e o filho Henrique, de que falla o auctor da *Memoria*, era o delfim (filho primogenito) de Francisco I.

Francisco I, duque d'Angouleme, tinha casado com a filha unica de Luiz XII, e de sua mulher, que era viuva de Carlos VIII. Era o duque de Angouleme, o primeiro principe de sangue, em França, e, por morte de seu sogro, Luiz XII, herdou a corôa, sendo o 4.° ramo dos Capêtos, e 2.° ramo dos Valois.

Francisco I foi um rei inclinado á guerra e ás conquistas. Logo em 1515, primeiro anno do seu reinado, obteve uma grande victoria contra os suissos, que defendiam o Milanez, na famosa batalha de Marignan, que foi a causa da paz de Fribourg (a que se deu o nome de *paz perpetua*, porque a Suissa foi sempre, depois d'isso, alliada de França). Fez com o papa Leão X, a concordata de Bolonha; e o tratado de Noyon, com Carlos d'Austria, herdeiro presumptivo de Fernando o Catholico.

As suas rivalidades com Carlos V (pae de D. Philippe II de Castella) foi causa de longas e continuas guerras, que desolaram a Europa. Carlos V, archiduque d'Austria, já rei de Hespanha e das Indias, foi eleito imperador da Allemanha, titulo que Francisco I da França tambem ambicionava. Em desforra, quiz reconquistar o Milanez, que Carlos V lhe tinha usurpado, e, tornando á Italia, atacou os imperiaes, em frente de Pavia, (1525) mas foi feito prisioneiro, e só poude obter a liberdade, sob condições durissimas. Não se cumprindo o tratado de Madrid, recomeçou a guerra, e, depois de varias alternativas, o rei de França foi obrigado a assignar a paz de Crépy.

Francisco I, morreu em 1547. Suas qualidades foram mais brilhantes do que sólidas; mas foi um sollicito protector das artes e das lettras, e o fundador do *Collegio de França.* Foi por isto que a Historia o cognominou *Pae das Lettras.*

Succedeu-lhe o delfim, seu filho, Henrique II (o tal Henrique que a *Memoria* diz ser filho de Francisco II, isto é, filho do seu filho!) que reinou desde 1547 até 1559. No seu reinado continuaram as guerras com Carlos V, porém com mais felicidade para os francezes do que no tempo de Francisco I. Henrique II, conquistou em pessoa, Metz, Toul, e Verdun, que Carlos V tentou de balde reconquistar. Este monarcha abdicou em 1555, mettendo-se no mosteiro de S. Justo (onde passou o resto dos seus dias a concertar relogios) depois de ter deixado a corôa de Castella, a seu filho, o tristemente celebre Philippe II *(o Diabo do Meio-dia)* o usurpador da coroa de Portugal, em 1580— e a seu irmão o imperio da Allemanha.

Os inglezes tinham declarado guerra a Henrique II, e ganhado a batalha de S. Quintino, que lhe abria as portas de Paris (1558); mas o duque de Guise, vôa a suspender a marcha victoriosa dos inglezes, e lhes toma, em oito dias, a cidade e fortalezas de Calais, que estava em poder dos inglezes, desde 1345. A paz de Chateau-Cambrésis, foi a consequencia d'este brilhante feito d'armas.

Em um torneio, dado pela occasião do restabelecimento d'esta paz, foi Henrique II ferido mortalmente, fallecendo d'este ferimento, em 1559.

estatutos do cabido, e adoptou outras muitas e acertadas providencias. [1]

Tomou parte no Concilio de Trento, principiado pelo papa Paulo III, em 1535, e concluido por Pio IV, em 1563, ultimo anno do seu pontificado, no qual succedeu S. Pio V.

Aqui tambem não é exacta a *Memoria*, dizendo que este concilio teve principio em 18 de janeiro de 1562. Já tinha principiado 27 annos antes, e durou 28 annos, no tempo de cinco pontifices—Paulo III, Julio III, Marcello II, Paulo IV, e Pio IV.

Este concilio teve por objecto, destruir os êrros dos heresiarcas Lutero e Calvino, e decretou, além d'isso, muitas leis ecclesiasticas e outras praxes, para o bom governo do catholicismo.

No synodo que convocou em 1555, promulgou varios decretos, tanto para a administração dos sacramentos, como para a reforma do clero do seu bispado de Viseu.

Em 1561, fez, com o seu cabido, os *Estatutos da Sé de Viseu*, nos quaes se reformaram e ampliaram os estatutos feitos na era de Cesar 1342 (1304 de J. C.) no tempo do bispo D. Egas.

No livro de apontamentos do cabido, de 1561 para 1562—no—*Dia de segunda-feira, 2 de março*, se lê a nota seguinte:

«Hoje veio o sr. Bispo ao Cabido, e fez jurar e assignar os Estatutos, e assim, se ordenou que, da Paschoa per diante, se guardassem, por alguns senhores os não terem ainda visto. Começou logo a visitar o Cabido, e, no mesmo dia, se assentou, perante o dito Senhor, que os ausentes os assignassem e jurassem».

Era então apontador, Braz Garcia.

Ainda hoje existem as magnificas obras que este prelado mandou fazer.

Deu principio á capella da Cruz, nos claustros, que destinava para seu jazigo, mas não teve tempo de a concluir, o que fez seu sobrinho, Miguel Quevêdo, filho de sua irmã, Thereza Pinheiro, que veio a Viseu derramar lagrimas sobre a sepultura de seu tio, o que consta da inscripção latina, que já mal se póde ler, á entrada da referida capella, porque o tempo tem apagado parte d'ella.

Fez as escadas de pedra que vão para o *côro alto*, como se vê das suas armas, que estão no tecto do ultimo lanço.

No collegio, contiguo á Sé, e tambem residencia dos bispos, fez o claustro, junto ás varandas, e outras obras.

Em Fontéllo, fez parte do paço episcopal; e na sua ermida de S. Jeronymo, como consta da sua inscripção em grêgo, que traduzido em vulgar, diz:

A JERONYMO EREMITA, DEDICOU
GONÇALO PINHEIRO

Reformou algumas estancias, e o portico á entrada da carreira que se dirige ao paço episcopal, onde se lê uma inscripção latina, com a data de 1565.

Foi muito sábio nas linguas grega, hebraica e latina; aprendendo a 1.ª em Bayona; a 2.ª, em Paris; e a 3.ª em Lisboa. Foi tambem muito entendido em geometria e astronomia.

Fez muitas e importantes obras, na cathedral de Viseu, e no collegio que lhe fica contiguo.

Falleceu de morte repentina, a 14 de novembro de 1567, com 77 annos de edade, o que causou uma consternação geral no bispado, porque era estimado e respeitado, pelas suas virtudes, por todos os seus diocesanos.

Foi sepultado em uma campa raza, á entrada da capella-mór da Sé, sob o estrado, onde foram gravadas as suas armas, com a inscripção seguinte:

AQUI JAZ D. GONÇALO PINHEIRO,
BISPO DE VISEU, DO CONSELHO DE
EL-REI NOSSO SENHOR. 1567. [1]

[1] Estas *Constituições*, foram concluidas a 28 de maio, de 1556, e no mesmo anno impressas em Coimbra.

[1] Na mesma sepultura, já foram enterrados mais dous bispos—D. frei José do Me-

—

Diogo Mendes de Vasconcellos, seu sobrinho, escreveu, na lingua latina, a vida d'este virtuoso prelado.

D. Gonçalo Pinheiro, concorreu muito para que Luiz de Camões sahisse do *tronco*, onde estava preso, por ter ferido no pescoço, a Gonçalo Borges, creado de D. João III.

O poeta, pagou ao bispo, com um soneto, que vem a paginas 95 do 2.º tomo das suas obras, colleccionadas pelo sr. visconde de Juromenha.

—

25.º — *Gregorio de Freitas.* — Escreveu muitas obras com respeito a sua terra natal; entre ellas, as seguintes, que foram as principaes — *Catalogo dos sujeitos naturaes de Setubal, Historia da Academia Problematica de Setubal, Historia da villa de Setubal* — e *Familias de Setubal.*

Todas estas obras ficaram ineditas e se desencaminharam, o que foi certamente uma grande perda para a historia d'esta cidade.

Tinha uma excellente livraria, que, segundo parece, foi comprada, depois da sua morte, por D. Thereza de Mello Breyner, condessa do Vimieiro. Por fallecimento d'esta senhora, o famoso D. Frei Manoel do Cenaculo Villas-Boas, bispo de Beja, e, depois, arcebispo d'Evora, comprou esta livraria.

O fallecido bibliographo, Innocencio Francisco da Silva, diz que nenhum dos manuscriptos de Gregorio de Freitas, foi encontrado na bibliotheca d'Evora, onde era de suppor que deviam existir.

Gregorio de Freitas nasceu a 9 de maio de 1701. Era filho de Leandro de Freitas e Domingas dos Santos.

—

26.º — *Irmans Aguiares* — cognominadas as *trez graças de Setubal* — Chamavam-se — *Cecilia Rosa* — *Luisa Rosa* — e *Isabel Iphigenia.*

nino Jesus, fallecido a 13 de janeiro de 1791 e D. Francisco Alexandre Lobo, fallecido em Lisboa, a 9 de setembro de 1844, e aqui sepultado em 19 de dezembro do mesmo anno. Em um fecho de pedra, ao lado da campa, se gravou uma inscripção, declarando isto mesmo.

Eram filhas de Manoel José d'Aguiar e de Anna Joaquina d'Almeida.

Foram todas trez actrizes, no theatro do *Bairro-Alto*, de Lisboa. (Vide 4.º vol., pag. 195, col. 2.º)

Luisa Rosa foi a que mais se distinguiu na carreira dramatica, tanto em Portugal, como em toda a Europa.

Cecilia, que nasceu a 23 de agosto de 1746, *fez o seu debute*, em 1765, no papel de *Ignez de Castro*. Desde 1771, não se sabe em que empregou a sua vida; apenas se sabe que, em 1777, morava na freguezia de São José, em Lisboa.

Isabel Iphigenia, nasceu a 5 de novembro de 1750. Em 1770, apparece com suas irmans, Cecilia e Luiza, cantora de operas. Em 1771, casou com Joaquim d'Oliveira, cantor da Sé Patriarchal. Parece que não tornou a representar depois de casada.

Falleceu depois do anno de 1822, deixando uma filha, que casou com João Evangelista Torriani, tenente coronel de engenheiros, e academico e pianista insigne.

Luiza, nasceu a 9 de janeiro de 1753, e casou em 1769, com Francisco Xavier Todi, rabequista da real camara, e do theatro do Bairro-Alto, por isso se chamou *Luiza Todi*. Depois de ser admirada em Lisboa, como actriz sublime e inspirada, resolveu percorrer a Europa, onde colheu brilhantes louros. Em Madrid, foi-lhe destinado um quarto, no palacio de Aranjuez. Em Paris, tomou parte nos *concertos espirituaes*. Em Postdam, cantou, em allemão, diante de Frederico II, n'uma festa da côrte. Em Vienna, a familia real a recebeu no seu palacio, para a ouvir. Na Russia, a *famosa* imperatriz Catharina a convidou para professora das princezas.

O eleitor de Colonia, pôz á disposição de Luiza Todi as suas brilhantes equipagens, e a convidou para os seus banquetes. Na Italia, a patria da musica, é ouvida com geral admiração.

Regressando a Lisboa, em 1792, tomou parte nas festas da côrte, por occasião do nascimento de D. Maria Thereza de Bourbon e Bragança, princeza da Beira, filha do principe regente (depois D. João VI) e de D. Carlota Joaquina, sua mulher. (Vide a 19.ª bio-

graphia—*Padre Francisco José de Queiroz).*

Parte novamente para Hespanha, e, em Madrid, foi precizo abrir as portas do theatro, para que a multidão agglomerada na rua a podesse ouvir. Um ou dous annos depois, regressou a Lisboa, d'onde não tornou a sahir, e alli morreu, céga, no 1.º de outubro de 1833.

Em 1872, J. Ribeiro Guimarães, redactor do *Jornal do Commercio*, de Lisboa, publicou um opusculo intitulado—*Biographia de Luiza d'Aguiar Todi*, com o retrato e o *facsimille* d'esta illustre cantora, da qual dá mais amplas noticias. O producto d'esta obra foi destinado ás bisnetas d'ella, filhas de Francisco Xavier Todi.

O brinde que o ECCO MUSICAL offereceu aos seus assignantes, em janeiro de 1874, intitula-se—MAESTROS PORTUGUEZES E A CANTORA, LUIZA D'AGUIAR TODI. É uma primorosa collecção de excellentes photographias. No centro, está esta afamada cantora setubalense.

Em torno da photographia de Todi ha 16 medalhões com retratos de musicos notaveis. Os cinco da parte superior são: *José Soares, Marcos Portugal, D. João IV, José Marques, e J. D. Bomtempo;* os cinco da parte inferior são: *R. Ferreira da Costa, Santos Pinto, Xavier Migone, J. Casimiro Junior, padre J. S. Serrão;* os tres do lado direito são: *Sá Noronha, visconde de Arneiro, Guilherme Cossoul;* os tres do lado esquerdo são: *Miguel Angelo, J. G. Daddi, e Monteiro d'Almeida.*

—

27.º—*Isabel Iphigenia d'Aguiar*—Vide *Irmans Aguiares.*

—

28.º—*Jacintho da Silva de Miranda*—Nasceu a 16 de agosto de 1701. Foi bacharel em direito canonico. Publicou varias *Allegações de Direito*, e uma *Oração Problematica.* Deixou algumas obras manuscriptas, entre ellas—*Tratado do Fogo* e *Orações Academicas.*

29.º—*João de Brito de Mello*—fidalgo da casa-real, e provedor da alfandega de Setubal.

Pela muita affeição que tinha aos frades arrabidos, e com permissão d'elles, se propôz escrever uma chronica perfeita, mas apenas deixou colligidas algumas noticias, extrahidas da obra de frei Luiz da Ascenção, e outras, coordenadas com regularidade, e expostas com eloquencia.

—

30.º—*João Pinheiro* (frei)—Nasceu em 1521. Foram seus paes, Jorge de Cabêdo (fidalgo da casa dos infantes, D. Pedro e Dom Fernando, filhos de D. João I e da rainha D. Philippa) [1] e Thereza Pinheiro, irman do bispo de Viseu, D. Gonçalo Pinheiro.

João Pinheiro foi para Bordeus, acompanhado pelo seu respeitavel preceptor, o padre Alvaro Bernardo (tambem setubalense) e n'aquella cidade completou o curso de humanidades, na famosa academia, regida pelo doutor André de Gouveia, portuguez, nascido em Beja.

Depois, cursou a jurisprudencia em Tolosa, e ahi, no convento de S. Domingos, tomou o habito da sua religião, continuando

[1] D. Pedro, foi tio e sogro de D. Affonso V, e regente do reino, na menoridade de seu genro. Era o duque de Coimbra. Vide *Alfarrobeira* (a 2.ª)—D. Fernando, o mais novo dos irmãos, era mestre da ordem d'Aviz. Passando á Africa, com seu irmão, D. Henrique (o de Sagres) na intenção de conquistarem Tanger, foram reduzidos á ultima extremidade em Ceuta, por um formidavel exercito de mouros. Os infantes pedem uma suspensão d'armas, e os mouros, a praça de Ceuta. D. Henrique, vem a Portugal, para propor a convenção. O rei D. Duarte, irmão dos infantes, convoca cortes em Leiria (1437) para se decidir sobre este objecto. As côrtes oppõem-se á entrega de Ceuta, opinião tambem seguida pelos dous infantes: só o rei queria dar a praça em troca da liberdade de seu irmão D. Fernando, que tinha ficado em refens, na Africa, onde morre no captiveiro, vindo só para Portugal o seu cadaver (1473) em troca de mouros captivos. A Historia deu a D. Fernando a cognominação de *Infante Santo.* E, com effeito, os mouros, na intenção de obterem a entrega da praça de Ceuta, pelo seu resgate, praticaram contra elle toda a casta de humilhações e crueldades, que o infante soffreu com a maior resignação, preferindo morrer escravo, á entrega de uma cidade forte, que tanto sangue portuguez tinha custado, e cuja posse era de tanta importancia para Portugal.

a seguir os estudos superiores, que concluiu com muita distincção, tomando o grau de doutor em theologia, pela universidade de Paris.

D. João III, o convidou para reger a cadeira de *vesperas*, na universidade de Coimbra, onde acabava de estabelecer todas as faculdades. Tomou posse da cadeira, a 23 de março de 1558, e a occupou com geral admiração.

Chamaram-lhe *Pae da lingoa latina*, pela perfeição com que a escrevia e fallava.

Desejoso de viver retirado, deixou Coimbra e recolheu-se ao mosteiro da sua ordem de Villa Nogueira (Azeitão) onde se dava alternativamente ás praticas religiosas e ao exercicio das lettras e sciencias.

Estando D. Gonçalo Pinheiro, bispo de Viseu, e seu tio, cançado pela edade e prostrado pelas doenças que ella traz, o rei Dom Sebastião nomeou frei João Pinheiro, para tomar parte nas sessões do Concilio de Trento.

De Villa Nogueira, partiu, *a pé*, chegando a Roma muito doente, e alli falleceu, a 2 de março de 1562, tendo apenas 39 annos de edade.

Foi sepultado no mosteiro de Minerva, onde passára os ultimos dias da sua vida, e jaz ao pé do cardeal Thomaz Caetano, tambem dominico.

A obra mais notavel de frei João Pinheiro, tem o titulo de—*Comment. in S. Script.*, que não chegou a publicar-se, e se perdeu. Consta porem que era um livro de grande merecimento.

—

31.º—*João Sardinha Mimoso*—Escreveu a *Relacion de la tragicomedia de los Padres de la Companhia, etc.* (Lisboa 1620).

Falleceu em 1644.

—

32.º—*D. Joaquim de Santa Anna Carvalho.*—Nasceu em 1755. Foi doutor em theologia, pela Universidade de Coimbra, eremita de S. Paulo, da congregação da Serra d'Ossa, e depois, freire conventual da ordem de Christo, prior da freguezia da Ventosa, e, em 1819, bispo do Algarve, resignando a mitra, em 1823.

Exerceu varias commissões de serviço publico, e foi socio da Academia Real das Sciencias.

Publicou no «Jornal de Coimbra», o *Exame critico da censura de mr. Lmck, sobre a estatua equestre, do senhor rei D. José I*, e *Pastoral, dirigida ao cabido, clero e povo da diocese do Algarve, despedindo-se, depois de haver resignado o bispado.* (Lisboa 1823).

Falleceu em Lisboa, a 2 de janeiro de 1833.

Na Bibliotheca Nacional, ha um retrato d'elle, de corpo inteiro.

—

33.º—*Joaquim Silvestre Serrão*—filho de Antonio Leocadio Serrão e de D. Anna Luiza da Conceição, nasceu em Setubal a 16 de agosto de 1801. Depois de cursar os estudos preparatorios para o ministerio ecclesiastico, a que se destinava, pronunciou-se-lhe mais e mais a vocação decidida, e talento admiravel para a arte da musica, cujos primeiros ensinos obteve do padre Jose Julio de Almeida, mestre de capella em Setubal, proseguindo no conhecimento das regras de harmonia, em que foi perfeitamente instruido pelo afamado contra-pontista Athanazio José da Fonseca, insigne tocador de diversos instrumentos, principalmente de arco.

O seu merito artistico manifestava-se cada vez mais explendido, e grangeava com elle glorioso renome e excessivos applausos.

Na idade de 18 annos fez um brilhante exame na presença de conspicuos professores, e foi preferido, com muita distincção, entre outros concorrentes, para o logar de organista do convento dos freires da ordem de S. Thiago da Espada, na villa de Palmella.

Provido n'aquelle logar, o foi tambem no de mestre de capella do dito convento, onde professou da idade de 19 annos, depois de obter a honra de unanime vocação para isso.

No referido convento tomou ordens de presbytero, e, cercado da geral estima, a que lhe davam direito o seu alto merecimento, como eximio professor na sublime arte da musica, e as suas nobres qualidades individuaes, ali viveu até ao anno de 1834, em que foram extinctas as ordens religiosas em Portugal.

Transferiu-se então o padre Serrão para Lisboa, amargurado profundamente, por se vêr assim esbulhado d'aquelle recinto, onde, no remanso da paz, se dava á pratica dos exercicios do seu ministerio e ao cultivo da sua arte querida.

A magua que o affligiu ensombrou-lhe o espirito, e não raro dava mostras de tal desanimo, que chegava a inspirar sérios receios a seus amigos.

Recusou aceitar o logar de organista da sé patriarchal, que lhe foi offerecido; fugia ao convivio ainda das pessoas mais distisctas, que lhe offereciam suas attenções, e chegando a sentir affectada a sua saude, resolveu-se, por conselho da medicina, a transferir-se para a ilha de S. Miguel.

Em fevereiro de 1841 chegava á dita ilha, e alli estabeleceu residencia na cidade de Ponta Delgada, onde então habitava um seu prezado amigo e distincto pianista, Antonio Maria Eduardo Fuschini. Ali desenvolveu e aperfeiçoou o gosto pela musica em grande parte da mocidade culta.

O bispo D. frei Estevam, que muito estimava o padre Serrão, e lhe apreciava o talento musical, para o que lhe não faltava competencia, lhe deu o logar de organista na matriz d'aquella cidade, e o proveu na capellania do recolhimento de Santa Barbara, cargos que exerceu, com a maior dignidade, até ao anno de 1868; não podendo continuar no desempenho d'elles por effeito de uma cruel paralysia. Perdendo o movimento da mão direita, adestrou a esquerda no exercicio da escripta, e assim dispoz ainda diversas peças de musica de sua composição, impellido a isto pelo amor da arte e dedicação ao trabalho, pois era caracteristico n'elle o desinteresse, e portanto não compunha musica para vender.

As peças de musica sacra do padre Joaquim Silvestre Serrão são numerosas e tidas como de elevado merecimento por juizes autorisados, especialisando-se entre ellas as que compoz para: officio da semana santa, matinas de Nossa Senhora da Conceição, matinas dos Sagrados Espinhos, matinas do Espirito Santo, motetos de Santa Philomena, de Santa Cecilia, do Santissimo Sacramento, de S. José, Tota Pulchra e ainda outras.

O padre Manuel José Pires, que recitou a homilia funebre nas exequias do illustre maestro setubalense, e que lhe descreveu primorosamente os traços biographicos, como patenteou em bellas fórmas o seu relevante merito artistico e as virtudes que o ennobreciam, como sacerdote e como cidadão, expressa-se nos seguintes termos com respeito a uma das mais notaveis peças de musica profana compostas pelo padre Serrão:

«*Os alliados na Criméa*, producção de extraordinario merecimento, divide-se em duas partes musicaes, tocadas cada uma de per si; produzindo maravilhoso effeito, e desempenhadas simultaneamente arrebatam-nos de diversa e não menos maravilhosa impressão.

«N'este parto sublime de sua imaginação dá o sr. padre Serrão uma idéa do accordo e intelligencia com que os exercitos francez e inglez se houveram n'aquelle ponto da Russia, conservando, todavia, perfeita indepencia em seus movimentos militares. Esta peça mereceu a admiração de nacionaes e estrangeiros, sendo grandemente elogiada em Paris».

N'aquella cidade, em optima lithographia, de que possuo uma reproducção, figura, entre diversos retratos de maestros portuguezes, o do padre Joaquim Silvestre Serrão, e no centro d'elles está o da famosa cantora Luiza d'Aguiar Todi, tambem natural de Setubal.

A referida gravura foi executada por iniciativa do benemerito portuguez e dedicado amador de musica visconde da Praia.

A morte do padre Serrão, succedida na referida cidade de Ponta Delgada, em 2 de janeiro do corrente anno, produziu geral sentimento, o qual, como a estima de que o finado gozava, se traduziram nas muito solemnes exequias, em que tomou parte grande concurso de pessoas de todas as classes, orando o dito padre Manuel José Pires, que fez um magnifico discurso. São d'elle ainda as seguintes palavras, com que termino esta breve noticia biographica do meu nobilissimo conterraneo:

«Distincto como sacerdote, não menos o era como cidadão, e mais ainda como amigo. D'elle podemos dizer o que um grande ornamento da tribuna christan dizia d'um grande vulto: «não tinha elle essa affabilidade artistica que lisongeia enganando; nem esse riso facil que revela frivolidade, se não cousa ainda peior; nem essas maneiras estudadas, que até incommodam. Era accessivel para todos, bem vindo para todos, cortez para todos, sem calculo, sem estudo, sem pretensões. Tinha a humildade no coração, onde é a sua verdadeira séde!»

«Seu trato delicado merecera-lhe estima, tanto no convivio dos grandes, onde, pela profusão de seus conhecimentos, occupava não indifferente logar, como no santuario das familias, onde se houve sempre com venerando respeito e não vulgar circumspecção, como no meio dos filhos do povo, a quem amava fraternalmente. Foi sabio, e não teve os emulos que, sempre corroidos pela inveja, cospem no talento! Baixado ao tumulo, é ainda grande o seu nome, immortal o seu louvor».

Julho de 1877.

Manoel Maria Portella.

(Extrahido da *Gazeta Setubalense*, n.º 425 e 426, de 15 e 22 de julho de 1877).

—

34.º — *Jorge de Cabêdo* — Doutor em canones, pela universidade de Coimbra, desembargador e chanceller da casa da supplicação; depois, desembargador do paço e chanceller mór do reino. Cavalleiro e commendador de varias ordens, guarda-mór da Torre do Tombo, etc.

Escreveu sobre jurisprudencia, em latim, e foi um dos compilladores das *Ordenações do Reino.*

Suppõe-se que falleceu a 2 de março de 1602.

—

35.º — *José de Faria Arraes* — Escreveu comedias e lôas; e um poema, sobre a fundação do gigantesco edificio de Máfra.

Falleceu em 1734.

—

36.º — *José de Jesus Maria* (frei) — religioso arrabido.

Escreveu sobre a arte poetica e rhetorica, uns tratados que, segundo se vê do *Summario da Bibliotheca Lusitana*, ficaram manuscriptos.

—

37.º — *José Joaquim Soares de Barros e Vasconcellos* — Nasceu a 19 de março de 1721. Foram seus paes, João Soares de Brito, administrador do mórgado dos Soares, de Setubal, D. Isabel Apollonia Thereza de Seixas; ambos descendentes de familias illustres.

Seguiu, a principio, a carreira militar, que abandonou para hir fazer uma viagem ao estrangeiro, para se instruir. Sahiu para Londres, e d'ahi foi para Paris, onde se demorou alguns annos, dedicando-se ao estudo das sciencias naturaes e mathematicas; especialmente, á astronomia.

Sobre estas sciencias, escreveu muitas obras, em francez.

Voltou a Portugal, em 1761, e foi, n'esse mesmo anno, nomeado secretario da embaixada de Paris; mas, desgostos que teve com o respectivo embaixador, fizeram com que abandonasse a carreira diplomatica, e veio residir na villa de Cezimbra, onde viveu na solidão do estudo, até ao seu fallecimento, que foi a 2 de novembro de 1793.

Foi socio das academias de Lisboa e Berlim, e correspondente da de Paris.

Nas *Memorias* da nossa academia, andam algumas composições suas, em portuguez, merecendo especial menção a — *Memoria sobre os grandes beneficios do sal commum em geral, e, em particular, do sal de Setubal, comparado experimentalmente com o de Cadix, etc.* — (Tomo 1.º, das *Memorias Economicas*).

(Veja-se a *Bibliotheca Lusitana*, do abbade D. de Barbosa Machado, e o 1.º volume das *Obras*, de Garção Stockler, pag. 189 a 224).

—

38.º — *José Luiz Soares Barbosa* — Nasceu a 29 de setembro de 1728. Foi pae do famoso *Manoel Maria Barbosa du Bocage.* Era bacharel em canones, pela universidade de Coimbra, e advogado em Setubal.

Publicou um *Epicedio que na morte do*

reverendo padre José de Faria e Sousa, fez, um seu amigo, explicando a sua dôr, n'esta elegia.

—

39.º—*José Pereira da Costa* (padre)—Escreveu e publicou (em 1733)—*Convite espiritual, etc.*—e *Jardim doutrinal.*

—

40.º—*José da Purificação* (frei)—religioso dominicano, do mosteiro de Villa Nogueira, de Azeitão, onde professou, a 19 de março de 1619.—Foi mestre de theologia, na sua ordem, e academico da Academia Real de Historia. Deixou impressos, dous sermões, e—*Catalogo dos mestres e administradores da illustre e antiquissima ordem de Aviz*—e *Contas dos meus estudos academicos*, que andam na *Collecção dos documentos e memorias da Academia Real de Historia.*

Falleceu no mosteiro de S. Domingos, de Lisboa, a 30 de março de 1746, com 73 annos de edade, pois tinha nascido, em 1673.

—

41.º—*Luiza Rosa d'Aguiar Todi*—Vide *Irmans Aguiar.*

—

42.º—*Manoel Maria Barbosa du Bocage*—(Na Arcadia—*Elmano Sadino).* [1]

Nasceu a 15 de setembro de 1765, [2] na rua de S. Domingos, na casa que hoje tem os numeros 17 e 18, freguezia de S. Sebastião. (Vide *Lapide commemorativa a Bocage* n'este artigo).

Foi filho do bacharel, José Luiz Soares de Barbosa, e de D. Marianna Joaquina Xavier du Bocage.

Dos seus parentes, já tratamos, aqui referir-me-hei exclusivamente ao poeta. Eis o que d'elle diz o sr. M. Pinheiro Chagas, nos seus *Portuguezes Illustres*, a pag. 153 e seguintes.

«Cêdo começou a madrugar em Bocage o talento poetico; e quando em 1780, assentou práça de cadete, no regimento de Setubal, já era conhecido entre os intimos da sua casa, o seu engenho, facil e prompto. [1]

«Em 1872, passou do exercito de terra, para a armada, com o posto de guarda-marinha; despachado, em 1786, para o Ultramar, com o posto de tenente da infanteria, foi seguir no Oceano, o rasto do navio de Camões, do grande poeta a quem a sorte o equiparou, ainda mais nos infortunios do que no genio.

«Em Gôa, o seu talento satyrico, causou-lhe alguns dissabores, sendo transferido para Damão, d'onde se ausentou furtivamente, hindo ter a Macau, e voltando d'ahi para Lisbôa, onde aportou, em agosto de 1790.

«Em Lisboa, os applausos do publico acolheram o mimoso poeta e o maravilhoso improvisador; mas, a sua vida desregrada não deixou tambem de lhe macular o engenho. [2]

[1] Elmano, é anagramma de Manoel. (Os poetas da Arcadia, tinham d'estas *esquisitices*. Os seus nomes, e os d'aquellas a que dedicavam os seus versos, eram sempre anagrammaticos; v. gr., Camões chamava *Nathercia*, a Catharina d'Athaide. Vide *Verdemilho).*

[2] Segundo diz o sr. Manoel Pinheiro Chagas, nos seus *Portuguezes Illustres*, a pag. 153—Arch. Pitt., do anno de 1857, 1.º vol., pag. 289—*Memoria sobre a historia e administração do municipio de Setubal*, pag. 372; e outros escriptores. Alguns biographos porem, sustentam que o poeta nasceu a 17 de setembro de 1766.

A data do texto, é mais provavel, pois que—segundo me affirmaram—consta do seu assento do baptismo.

[1] Diz-se que, em 1774, quando ainda contava apenas oito annos de edade, hindo a Lisboa, ver a procissão de quarta-feira de cinza, chegando a Setubal, lhe perguntou sua mãe, o que tinha a dizer, do que viu—respondera:

«Fui á procissão a S. Francisco,
A quem o vulgo chama da cidade;
E, supposto o apertão, foi raridade
Que hindo eu em carne, não viesse em cisco».

Para uma creança de oito annos, dava esperanças—se, bem entendido—*vere est fama...*

Pinho Leal.

[2] Em nossos dias, tivemos na cidade do Porto, outro poeta, em nada inferior a Bocage, e até semelhante a este, na sua vida desregrada, que lhe causou bastantes humiliações e pouca consideração, apezar de todos conhecerem o seu incontestavel talento; e Guilherme Braga, como Bocage, morreu na flôr da edade, victima das continuas or-

«Accusado á policia, e d'esta remettido á Inquisição, pela impiedade de alguns de seus versos, foi punido com brandura, por esse tribunal, já então indulgente. [1]

«Sahindo da casa das Necessidades, onde fôra condemnado a passageira reclusão, Bocage reprimiu um pouco os seus excessos, o occupou-se dos trabalhos importantes, das traducções, em verso, de poemas estrangeiros, que lhe foram incumbidas pelo padre José Marianno Velloso.

«Mas a vida do trabalho e da familia, não era para essa indole fogosa: voltou ás faceis ovações do improviso, aos falsos prazeres da orgia.

«Tudo isto lhe consumiu rapidamente a existencia, que terminou, entre os prantos de Lisboa inteira, chorando o seu poeta querido, no dia 21 de dezembro de 1805.

«O enthusiasmo, disse eu algures, era a sua feição predominante — o enthusiasmo, essa grande musa dos modernos! — Ao toque da sua fogosa phantasia, tudo para elle se transformava em óde, lyrica e arrebatada: era uma óde a satyra, caudal e vehemente; era uma óde o idylio, em que parecia borbulhar a seiva da primavera; uma óde, a alegria em que a musa luctuosa, delirante de dôr, desgrenhava as tranças, coroadas de gôivos, e soluçava e gemia, como a poesia de Lamartine, pranteando a morte de Julia. Era uma ódesinha inimitavel, o soneto, em que o pensamento, comprimido nos quatorze versos de rigor, ainda mais sublime parece, pelo modo porque vencia a difficuldade: era uma óde admiravel, a cantata, em que o estro, soltando o vôo, adivinhava os grandes raptos da poesia de Byron e de Victor Hugo...

«O ardor do pensamento communicava-se-lhe ao verso, que ninguem fez mais sonóro; á phrase, que ninguem teve mais portugueza e mais nobre...

«As suas traducções, são verdadeiras joias; lapidadas, faceadas, por este maravilhoso artista, pedras nem sempre de grande preço, resplandeceram em portuguez, como diamantes da mais pura agua. A versão das *Plantas*, é uma transformação.

«Nascido trinta annos depois, concluia eu, Bocage seria o primeiro poeta da Peninsula, um dos primeiros da Europa. A sua vida fôra mais pura, porque seria mais considerado n'uma sociedade como a nossa, em que o talento é nobreza. Assim, vivendo quando viveu, o seu espirito debateu-se em aspirações indecizas e em quedas bem profundas. O corpo fragil, não pôde com a lucta; succumbiu na estação que é habitualmente o apogeu da virilidade.

«O estro de Bocage, não era só luz, era chamma; a sua vida foi um incendio. Resplandeceu, deslumbrou, deu relevo a tudo, com o seu clarão purpúreo; mas devorou-se rapidamente a si mesma, e esse sol de poesia, que illuminava o seculo, meteoro fugaz, desfez-se em cinzas».

—

Falleceu no dia já referido, em Lisboa, na travessa de André Valente, em uma pobre casa em que residia com uma sua irmã, que muito o amou, e que muito lhe soffreu.

Dizem uns, que elle morreu, como tinha vivido — *espirito forte* — e que, quando o padre, com o Crucifixo na mão, o convidava á oração e ao arrependimento, Bocage, olhando para a santa imagem, disséra:

«Quando meus olhos mortaes
«Ponho nos vossos divinos...

Continúe, meu irmão, continúe — disse o padre.

«Lembram-me logo os meninos
«De Thereza de Moraes.

—

Pelos modos, Thereza de Moraes, tinha os filhos com os olhos vermelhos.

—

Sustentam outros, que o poeta morreu

gias de toda a casta, a que se entregava, causando tambem a morte de sua infeliz mulher, que era minha patricia.

Pinho Leal.

[1] Assim que o marquez do Pombal tirou ao *Santo Officio* o direito de herdar os bens dos condemnados, e o de impor penas corporaes, cessaram os horrores praticados por esses cruelissimos inquisidores, que ainda hoje nos espantam e atterram.

trito e arrependido, e recitou um bello soneto, que terminava assim:

«Deus! oh, Deus! Quando a morte a luz me roube,
«Ganhe um momento, o que perderam annos;
«Saiba morrer, o que viver não soube.

—

Além de varias traducções, correm impressas muitas das suas poesias.

Em 1853, na typographia de A. J. Fernandes Lopes, de Lisboa, se imprimiram seis volumes, com o titulo de — *Poesias de Manoel Maria Barbosa du Bocage, collegidas em nova e completa edicção, dispostas e anotadas por Innocencio Francisco da Silva, e precedidas de um estudo biographico e litterario, sobre o poeta, por Luiz Augusto Rebello da Silva.*

É a edição mais completa das obras d'este famoso setubalense, e traz o seu retrato no 1.º volume.

Em Bruxellas se imprimiu, em 1854, um 7.º volume das suas obras, sob o titulo *Poesias eroticas, burlescas e satyricas, de Bocage, não comprehendidas na edicção de 1853.* É a recopilação das suas poesias obscenas; ainda que alguns dizem que parte d'ellas são do tristemente celebre *doutor Ferro,* e d'outros tão bons como elle.

É das taes chamadas *leituras para homens.* (Seria melhor dizer — *livros para serem queimados, antes de serem lidos*).

—

Em 1875 a 1876, fez-se no Porto uma 2.ª edição, *in 12.º*, em 8 volumes, sendo o ultimo, a vida de Bocage e a sua *epoca litteraria*, escripta por Theophilo Braga.

—

A mais antiga edição que havia, das obras de Bocage, era de 1791, sete volumes *in 12.º* tendo alguns d'estes, até 1842, quatro edições.

—

Os tomos 17 a 25, da *Livraria Classica Portugueza*, publicados em Lisboa, entre 1845 a 1847, comprehendem os *Excerptos* das obras de Bocage, por Antonio Feliciano e Castilho Barreto e Noronha (depois, visconde de Castilho) e por seu irmão José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, fallecido no Rio de Janeiro, em 11 de fevereiro de 1879. (Tinha nascido em Lisboa, a 4 de março de 1810).

Tambem se fez nova edição dos Excerptos, no Rio de Janeiro e em Paris.

—

43.º — *Manoel Rodrigues Coelho* — Nasceu em janeiro de 1687, e foi boticario, em Lisboa. Escreveu e publicou a *Pharmacopea Tubalense chimico-medica*, varias vezes citada n'este diccionario, e obra muito estimada e rára. Conta trez partes — a 1.ª e 2.ª, foram publicados em 1735; e a 3.ª, em 1751.

—

44.º — *Matheus da Silva Cabral* — Nasceu em setembro de 1666. Graduou-se em direito civil, e deu-se á cultura das bellas lettras. Consta que é o auctor da novella intitulada — *Casamento desgraçado e vida de Peralvinho de Córdova.*

É uma novella engraçadissima.

—

45.º — *Miguel de Cabêdo e Vasconcellos* — Nasceu em 1525. Foi desembargador dos aggravos. Escreveu varias poesias, em latim, algumas das quaes se incorporaram nas obras de Rézende, e nas do bispo, D. Antonio Pinheiro.

—

46.º — *Paulo Soares da Gama* — Nasceu pelos fins do seculo XVII, e falleceu em 1739. Foi socio da *Academia Problematica*, de Setubal, e um dos melhores jurisconsultos do seu tempo.

Escreveu varias *Allegações juridicas*, e varias obras genealogicas, que não chegaram a ver a luz publica.

—

47.º — *Pedro Diniz* — Vide *Diogo Fernandes Pereira.*

—

48.º — *Pedro Lagarto* (frei). — O seu retrato, está, como vimos, na bibliotheca municipal de Setubal; e com direito a essa distincção, pois é um dos mais illustres filhos d'esta cidade.

Foi primeiro, noviço da ordem dos arrabidos, e companheiro do fundador da mesma ordem, com o qual viveu na serra da Arrabida, consagrando os seus dias á causa de Deus e da patria, e aos estudos theolo-

gicos, que frequentára na universidade de Salamanca, e nos quaes se tornou distinctissimo.

Foi um varão de costumes austeros, e orador sagrado de grande eloquencia.

Exerceu as dignidades da sua ordem, chegando a provincial, pela primeira vez, em 1576.

D. João III e seu neto, o rei D. Sebastião, o tiveram em grande conta, e este ultimo lhe consagrava a maior estima.

Foi durante o seu provincialato, que se concluiu o mosteiro d'Alferrára, fundação que fôra promovida por D. Estevam da Gama, segundo conde da Vidigueira, cedendo para ella, parte dos terrenos da sua quinta da *Bôa-Vista*.

Em 1587, foi frei Pedro Lagarto, enviado, como representante da sua ordem, ao capitulo geral que se celebrou em Roma, convocado pelo papa Xisto V.

Foi nomeado reformador de varios conventos de ambos os sexos.

Era um portuguez de lei; e quando, o pusilanime Cardeal-rei falleceu em Almeirim, a 31 de janeiro de 1580, o nosso setubalense, que tinha grande affeição a D. Antonio, prior do Crato, se tornou um seu decidido partidario; o que o tornou odioso ao usurpador Philippe II, de Castella, que o fez privar do voto, no capitulo celebrado no mosteiro de Loures, a 18 de dezembro de 1589, e o mandou depois degredado, para o mosteiro da sua ordem, em Alcobaça, onde falleceu a 28 de julho de 1590.

Escreveu *Summa Hugonis Cardinalis sup. S. Script*, que ficou manuscripta. Vem indicada no *Summario da Bibliotheca lusitana.*

—

49.º—*Pedro Pacheco de Flandres*—Foi bacharel em canones. Escreveu — *Exhortação a um amigo, em que se contempla o reformado convento de Brancannes.* É uma descripção d'este mosteiro, em tercetos hendecasyllabos. Publicou mais algumas obras, e, segundo Barbosa, deixou manuscripto o — *Archivo de memorias pertencentes ao reino de* Portugal, desde 1692, até 1716. Dous tomos.

Falleceu em 1717.

—

50.º — *Rodrigo Ferreira da Costa* — Mathematico e poeta dos fins do seculo XVIII. Nasceu a 13 de maio de 1776, e era filho de um jurisconsulto, que mandou o filho para Coimbra, onde se formou em direito, no anno de 1800, e em mathemathica, em 1804. Em 1810, foi empregado como official, na secretaria geral do commando geral do exercito, e n'esta qualidade, fez as campanhas da guerra peninsular, até 1814; acompanhando o ajudante-general. Em 1821, foi eleito deputado ás côrtes, e em 1833, foi provido na regencia da cadeira do 1.º anno de mathematica, da academia real de marinha e commercio.

Falleceu no 1.º de novembro de 1825.

Foi homem de vasta e variadissima erudição, mathematico eximio, e soffrivel poeta; conhecendo varias linguas, mortas e vivas. A todas estas qualidades, reunia a de ser modesto e bom, e muito applicado ao estudo.

Publicou varias obras sobre assumptos diversos, entre ellas, em 1814, uma collecção de versos, sob o titulo de *Lyra ingenua*—em 1816, a *Theoria das faculdades e operações intellectuaes e moraes* — em 1818, *Tratado da ortographia portugueza*—em 1820, *Principios de musica*, 1.º volume—em 1822, *Deducção philosophica da desigualdade dos seculos* — em 1823, *Cathecismo do cidadão portuguez*—em 1824, o 2.º volume dos *Principios de musica* — em 1825, *Elementos de arithmetica e algebra* — em 1835, se publicou (posthuma) *Geometria elementar e trigonometria rectilinea.* N'este mesmo anno de 1835, se imprimiu (tambem posthuma) uma traducção, em verso, do poema de Helvenio, *A Ventura.* Parece que tambem traduziu em verso, o *Templo de Gnido*, de Montesquieu. Na academia das sciencias, de que era socio, publicou um *Estudo, sobre a ortographia portugueza.*

—

51.º—*Severino de Santo Antonio* (frei)—filho de Francisco da Costa e de Barbara Joaquina. Nasceu a 9 de outubro de 1771.

Depois de cursar os estudos indispensa-

veis para a vida monastica, a que se dedicava, professou no mosteiro de S. Pedro de Alcantara, de Lisboa, passando depois para o de Mafra, onde foi padre-mestre.

Partindo a familia real, para o Brasil, a 29 de novembro de 1807, [1] fugindo á invasão do Junot, partiu com ella, frei Severino, na companhia de frei Antonio da Arrabida.

No Rio de Janeiro, foi nomeado confessor do infante hespanhol, D. Pedro Carlos, primeiro marido de D. Maria Thereza, princeza da Beira, filha de D. João VI (então principe regente) e de D. Carlota Joaquina de Bourbon; e pae do infante D. Sebastião, todos já fallecidos. (D. Maria Thereza, casou depois, com seu cunhado, Carlos V, que tambem é já fallecido). [2]

Fallecendo no Rio de Janeiro o infante D. Pedro Carlos, e regressando a Lisboa a familia real portugueza (menos o principe D. Pedro, depois 1.º, do Brasil) [3] recolheu-se frei Severino, a um convento da sua ordem, no Rio de Janeiro, ainda em companhia de frei Antonio da Arrabida, o qual, depois, foi nomeado, por D. Pedro I, do Brasil, bispo e esmoler-mór, e mestre da princeza do Grão-Pará (depois D. Maria II) exercendo este emprego até 1828. [4]

Em 1832, regressou a Portugal, e foi residir em Setubal, para casa de seu irmão uterino, Antonio Ignacio Ferreira; porém o governo do sr. D. Miguel I, o mandou recolher ao mosteiro d'Alferrára, com prohibição de sahir d'elle.

Dissolvidas as congregações religiosas, e desembarcando em Lisboa o sr. D. Pedro, e sua familia, a 28 de julho de 1833, foi logo frei Severino comprimental-o, e protestou que eram injustas as accusações que lhe tinham feito, de ser legitimista, dando como prova, a sua reclusão no mosteiro d'Alferrára, por ordem do sr. D. Miguel.

Falleceu em Setubal, na casa do referido seu irmão, a 7 d'abril de 1840, com 69 annos de idade, sendo sepultado na egreja de S. Julião.

Era homem de muita illustração, e sobremaneira modesto, pelo que regeitou altos cargos ecclesiasticos, que por vezes lhe foram offerecidos.

—

52.º — *Simão de Brito* (frei) — religioso da S.S. Trindade, provincial e chronista da sua ordem. Publicou uma *Declaração funebre, na morte de D. Manoel Caetano de Sousa* (Lisboa, 1735).

[1] D. João VI, sua mãe, sua mulher, seus filhos e a sua côrte, já estavam a bórdo, desde 27, mas só sahiram a barra a 29, e n'esse mesmo dia entrava o Junot em Lisboa.

[2] O infante D. Pedro Carlos, era tio de sua mulher, porque elle, D. Fernando VII, Dom Carlos V, D. Carlota Joaquina, e D. Francisco, eram filhos de Carlos IV, rei de Hesnha. D. Sebastião, filho de D. Pedro Carlos, que era infante de Hespanha, foi, por o nosso D. João VI, tambem reconhecido infante de Portugal.

[3] A familia real e a sua côrte, embarcaram no Rio de Janeiro, a 25 d'abril de 1821. Sáe no dia seguinte, e chega a Lisboa, a 3 de julho: mas as côrtes prohibem o desembarque de varios individuos do sequito do rei, sendo um d'elles, o conde de Palmella (que depois foi primeiro marquez e primeiro duque do mesmo titulo). Depois, a 10 do dito mez, deixaram-os desembarcar, sob a condição de hirem residir a 20 leguas de Lisboa!

[4] E não até 1831, como diz a *Memoria sobre a historia e administração de Setubal*.

A sr.ª D. Maria da Gloria, nasceu no Rio de Janeiro, a 4 d'abril de 1819, recebendo o titulo de *princeza da Beira*, que era o das filhas primogenitas dos nossos reis, ou dos seus primeiros filhos.

Em 12 de outubro de 1822, o principe D. Pedro, acclama solemne e officialmente a independencia do Brasil, e toma o titulo de *imperador constitucional, e defensor perpetuo do Brasil*. No mesmo dia, é mudado o titulo de sua filha, para o de princeza do Grão-Pará.

Por fallecimento de D. João VI (10 de março de 1826?) o sr. D. Pedro, que por muitas vezes e em differentes documentos, tinha declarado cathegorica e officialmente, *urbi et orbi*, que nada queria de Portugal, proclama-se a si mesmo, rei d'este reino, sob o nome de D. Pedro IV, a 25 d'abril de 1826, e, logo a 29 (!...) outorga uma *carta constitucional*; e tambem logo, a 3 de maio seguinte, abdica a corôa de Portugal, na sr.ª D. Maria da Gloria. Esta senhora, embarca para Vienna, a 5 de julho de 1828 (tendo apenas nove annos e tres mezes exactos) destinada, segundo a vontade de seu pae, a casar com seu tio, o sr. D. Miguel.

Deixou varias obras manuscriptas, entre ellas — o *Compendio da vida de D. frei Luiz da Silva, arcebispo de Evora,* que ainda existe na bibliotheca nacional de Lisboa.

Falleceu em 1739.

—

53.º—*Thomaz Antonio dos Santos Silva*— (na Arcadia, *Thomino Sadino)*—Nasceu aleijado de ambos os pés, e de construcção muito debil) a 12 de abril de 1751. Era filho de Manoel Antonio dos Santos, e Francisca Ignacia. Foi seu padrinho, o desembargador, Thomaz da Costa d'Almeida Castello Branco, que fez todas as despezas da educação litteria de seu afilhado, nos estudos preparatorios, para se formar em medicina, na Universidade de Coimbra; porem, morrendo Castello Branco, viu-se o infeliz estudante, reduzido a praticante de uma botica de Setubal; d'onde se transferiu para Lisboa, servindo o mesmo emprego, em uma botica da rua de São Paulo.

Aborrecido da profissão de pharmaceutico, adoptou a de mestre de linguas (pois sabia algumas com perfeição) occupando-se tambem em escrever varias peças, para o theatro do Salitre.

Foi admittido como membro da *Nova Arcadia,* onde tomou o nome de *Thomino Sadino.*

Principiou a soffrer de uma tenaz ophtalmia, e recolhendo-se ao hospital de S. José, (Misericordia) em 1798, cegou completamente (ou foi para lá já cego, como elle mesmo diz, no prologo da *Brasiliada)* e n'aquelle hospital se conservou até á morte, que foi a 19 de janeiro de 1816.

No hospital dictou as suas obras, a um escrevente, que gratificava com o escasso producto da venda d'ellas.

Trabalhou muito, mas as suas principaes composições, são a *Braziliada*, poêma épico em 12 cantos — *Sepultura de Lesbia* (anagramma de *Isabel)* poêma em 12 *prantos* — e *Silveira*, poêma heroico, em 4 cantos.

João Baptista da Silva Leitão d'Almeida Garrett (que morreu visconde de si mesmo) fallando, no seu *Bosquejo historico* de Santos Silva, diz: «que tinha decerto algum engenho, mas que ignorou e desprezou a tal ponto, a lingua, tão cynicamente violou o decoro do estylo, as mais indispensaveis regras do gosto e da boa razão, que seus poemas, são *uma sentina de gallicismos*, e um apontoado de termos baixos e de expressões que não usa gente de bem; de construcções barbaras, de *versos prosaicos*, semeados áquem e além de uma ideia feliz, de um bom verso, de uma imagem poetica».

Foi na verdade sevéro em demasia, com o infeliz Santos Silva, este distinctissimo escriptor portuguez; mas, na verdade, as obras do poeta setubalense, não primam, nem pela boa escolha dos vocabulos, nem pela pureza de linguagem. Querendo ser romantico, foi por vezes baixo, o que diminuiu o valor das suas obras, ainda assim, de bastante merecimento.

A fragata em que vinha a real menina, chegou a Gibraltar a 2 de setembro; mas alguns emigrados, a quem não convinha este casamento (que punha fim — ou, pelo menos, tirava o pretexto — ás desgraçadissimas guerras civis, que teem assolado Portugal, (ha 54 annos) obrigaram a sr.ª D. Maria, a tomar o rumo de Inglaterra.

As ordens do sr. D. Pedro, eram que sua filha seguisse para Vienna d'Austria, onde então estava o sr. D. Miguel, e ahi, depois de casar com seu tio, esperar pela edade para a sua reunião matrimonial.

O sr. D. Pedro, tinha casado, em 13 de maio de 1817, com a sr.ª D. Carolina Josepha Leopoldina, archiduqueza d'Austria, que havia fallecido a 11 de dezembro de 1826.

O sr. D. Pedro, passou a segundas nupcias, com a sr.ª D. Maria Amelia, filha do rei D. Fernando, de Napoles; e esta senhora, embarcou em *Portsmouth* (Inglaterra) para o Brasil, a 30 d'agosto de 1830, levando na sua companhia, a sr.ª D. Maria da Gloria, sua enteada; e ambas se conservaram no Rio de Janeiro, até 7 de abril de 1831, dia em que o sr. D. Pedro foi expulso do Brasil, embarcando com sua esposa e filhas, a bordo da nau da marinha de guerra britannica, Warspite, sahindo a barra a 12 do referido mez.

A princeza D. Amelia, filha do segundo matrimonio do sr. D. Pedro, morre na ilha da Madeira, a 4 de fevereiro de 1853. A sr.ª D. Maria II, morre, de parto, em Lisboa, a 15 de novembro do mesmo anno, subindo ao throno, o sr. D. Pedro V, seu filho.

—

54.º—*Vasco Mousinho de Quevedo Castello Branco*—Eis a rapida biographia d'este poeta, que se lê a pag. 82 dos *Portuguezes illustres*, do nosso distinctissimo escriptor contemporaneo, o sr. Manoel Pinheiro Chagas.

«Vasco Mousinho de Quevêdo, este notavel poeta épico portuguez, nasceu em Setubal. Foi formado em direito, pela universidade de Coimbra, e viveu no seculo XVII, durante o dominio castelhano em Portugal, como se vê pela primeira edição do seu *Affonso Africano*, e por uma composição sua, allusiva á entrada de Philippe III em Lisboa, sem que nada mais conste, ácerca d'este vate, apezar de ser a sua epopéa, *de certo a mais notavel que possuimos, depois da grande epopéa nacional dos Lusiadas.*

«Tomando por assumpto as cavalheirescas façanhas de Affonso V, na Africa, Vasco Mousinho não se deixou dominar pelo gongorismo, que principiava a ter voga em Portugal, e soube cantar, com épica singeleza, mas com opulencia de estylo, o heroe que escolhera, seguindo até, com raro acerto, o maravilhoso dos velhos poemas cavalheirescos, de preferencia ao postiço maravilhoso classico. Os encantamentos de Ariosto, eram effectivamente os que menos destoavam com o typo de Affonso V, verdadeiro heroe de romances de cavallaria».

Garrett, no seu *Bosquejo da historia da poesia e lingua portugueza*, diz que Mousinho de Quevêdo, é o nosso primeiro épico depois de Camões.

«Que bellezas (diz Garrett) tem esse tão mal avaliado *Affonso Africano*, a que a cegueira e o mau gosto tem querido preferir a *quixotica e sesquipedal Ulysea*, e a *hyperborea e campanuda Malaca!* Não é regular o poema, não é um todo perfeito; o maravilhoso é frio, e a acção toda, não mui bem deduzida; mas que riquissimos episodios a enfeitam!»

Costa e Silva, Theophilo Braga, e Camillo Castello Branco, tratam com alguma severidade o *Affonso Africano;* porém Innocencio Francisco da Silva, no seu *Diccionario bibliographico*, julga que o *Affonso Africano* «conservará sempre ao auctor um logar distincto, entre os épicos portuguezes, e que Mousinho de Quevêdo, com quanto pertencesse á escola hespanhola, soube, todavia, preservar-se dos excessos em que cahiam alguns, e para que propendiam outros seus contemporaneos.»

Ricardo Pinto de Mattos, esqueceu-se de Mousinho de Quevêdo, no seu *Manual bibliographico portuguez!*

Quevêdo era formado em ambos os direitos, pela universidade de Coimbra, e foi advogado. Sabe-se que vivia no reinado do usurpador Philippe III (que dominou Portugal, desde 1598 até 1621) mas ignora-se a data do nascimento e morte d'este poeta setubalense. Tambem se ignora o nome de seus paes, e a sua posição; apenas se sabe que é nobre e antigo em Portugal o appellido *Quevêdo* e *Cabêdo.*

Tambem escreveu um *Discurso sobre a vida e morte de Santa Isabel, rainha de Portugal, etc.* (Lisboa, 1597). É um poema em 6 cantos—e o *Triumpho del monarcha Philipo tercero, en la felicissima entrada de Lisboa.* É um poema em 6 cantos, publicado em 1619.

Affonso Africano, incontestavelmente a melhor das suas obras, talvez mesmo a unica que sobreviverá a todas as suas producções, e que tem um logar distinctissimo na litteratura portugueza, é uma epopéa em 12 cantos, cuja 1.ª edição sahiu em 1611.

Nas obras de Bocage, colleccionadas por Innocencio Francisco da Silva, vem uma notavel biographia de Quevêdo, escripta pelo malogrado Luiz Augusto Rebello da Silva.

—

55.º—*Victorino Victoriano do Amaral Pinel*—Foi socio da *Academia problematica*, e publicou varias obras, em verso, deixando um poema inedito, com o titulo de *Oitavas aos annos do infante D. Antonio.*

Diogo Barbosa Machado, traz uma lista das composições que aquelle poeta deixou manuscriptas; e Innocencio Francisco da Silva, menciona um artigo, intitulado *Questão, ou problema: quaes são mais prejudiciaes aos povos, os lettrados ou medicos?* Sa-

hiu este artigo no *Museu litterario*, a pag. 298 e 316.

Falleceu em 1739.

—

Além dos escriptores que deixo mencionados, tem havido ainda em Setubal um grande numero de outros, cujas obras são de somenos merecimento, pelo que, e para não fazer este artigo ainda mais extenso, os não inclúo aqui.

—

Outros homens notaveis de Setubal

1.º—*Jacob Queimado*.—Foi capitão de uma das doze náus que partiram para a India, a 6 de março de 1506, sob o commando do famoso Tristão da Cunha, [1] um dos mais intrepidos navegadores do seculo XVI.

Logo a 10 de agosto, do dito anno de 1506, descobriu a grande ilha de Madagascar, ou S. Lourenço. [2]

A 12 de janeiro de 1507, Tristão da Cunha, o vice-rei Affonso Albuquerque (4.º vol. pag. 140, col. 1.ª) e o nosso setubalense, entraram na cidade de Oja, na costa de Moçambique, e a ferro e fogo foi arrasada, depois de uma tenaz resistencia, em castigo de offensas e damnos que fazia ao rei de Melinde, nosso alliado.

[1] Tristão da Cunha, era natural de Olhalvo, concelho de Alemquer. Foi senhor de Gestaço e Penajoia, do conselho dos reis D. Manoel e D. João III, embaixador a Roma, general da *Liga catholica*, etc., etc. Falleceu em 1539, e jaz sepultado, com sua mulher, D. Antonia d'Albuquerque, na egreja de Olhalvo. Para evitarmos repetições, vide 6.º volume, pag. 225, col. 2.ª (1.ª INSCRIPÇÃO) e seguintes.

[2] Deram-lhe o nome de S. Lourenço, por ser descoberta no dia da festividade d'este santo. É a maior ilha do nosso globo. Tem 1:800 kilometros de comprido, por 540 de largo. Divide-se em 40 reinos. É fertilissima e habitada por cafres. Fica em frente da ilha de Moçambique, e separada da Ethiopia Oriental, por um braço de mar, que tem entre 360 a 400 kilometros de largura. É abundante de boas aguas, e nas suas selvas se criam varias especies de animaes ferozes. É pouco salubre. Tem minas de prata, ferro e cobre.

No mesmo anno de 1507, o vice-rei, Dom Lourenço d'Almeida, Tristão da Cunha, Nuno da Cunha, e Jacob Queimado, com outros capitães, queimam em Panane (India) dezoito naus, de Meca e Calicut.

Fazem tributaria de Portugal, a cidade de Lamo, e conquistaram a cidade de Brava, uma das mais celebres da costa da Ethiopia Oriental, fundada no topo de um alcantilado monte, e defendida por seis mil homens de tropas regulares, além do povo da cidade, e protegida por fortes muralhas e alterosas torres. Depois de porfiada resistencia, foram os bravenses derrotados, morrendo grande numero, e a cidade foi saqueada, e depois reduzida a cinzas. Nós tivemos quarenta e tantos mortos e mais de 60 feridos.

Os mesmos valorosos capitães, atacaram a ilha de Socotará (que pouco antes, tinha sido descoberta por Diogo Fernandes Pereira) na garganta do Mar Roxo, cujas praias são, de um lado a Ethiopia, e do outro, a Arábia, e a tomaram no dia 9 d'abril de 1508, matando todos os seus defensores, que preferiram a morte, combatendo, á escravidão: apenas *ficou vivo um dos indios*, que se sujeitou aos grilhões. Nós, só perdemos 6 homens (É o que os portuguezes andavam a fazer pela Asia!...)

Construiu-se logo uma fortaleza, que pouco depois se abandonou, pela esterilidade e insalubridade da terra.

Socotará, tem 120 kilometros de comprido, por 54 de de largo. O povo é christão *jacobita*, mas a religião é ali misturada de muitos êrros e superstições. Adoram a cruz; e a trazem pendente do peito, pagam dizimos á egreja, resam em commum, e tem seus dias de jejum, mas circuncidam-se, como os judeus; em tudo o mais, são quasi selvagens.

—

2.º—*João Francisco Garcia Moreira*.—major d'artilheria, de Benguella. Foi um dos descobridores portuguezes que mais se internou nos sertões da Africa Occidental, e

fundador e primeiro governador da nossa colonia de Mossamedes, em 1840.

Mossamedes, ou *Muçamedes*[1] bonita villa, capital da colonia d'este nome, é porto de mar, na foz do *Rio das Mortes*, em Benguella. Em 1850, muitas familias portuguezas (500 pessoas) fugindo á perseguição que lhes faziam os brazileiros de Pernambuco, se foram estabelecer em Mossamedes, e fundaram plantações de canna d'assucar nas margens do rio Béro, que teem prosperado bastante.

Se Deus me der vida, saude e coragem, no fim d'esta obra, publicarei um diccionario historico-geographico, das nossas possessões ultramarinas, e n'elle serei mais extenso, com respeito ao que ainda nos resta na Asia, Africa e Oceania.

Com as suas arrojadas e frequentes excursões ao interior, chegou a conhecer, melhor do que ninguem, todo o sertão africano, com o que prestou grandes serviços a Portugal. Foi intimo amigo com o regulo de Huilla. Em 1841, chegou até ao nosso presidio de Caconda, a muitas leguas da costa, e no interior da nossa provincia de Benguella.

O territorio de Caconda, é muito fertil, por ser abundante de boas aguas, e produz todos os fructos proprios do paiz, e muitos da Europa. Diz-se que o seu clima é muito salubre. A sua população, consta de 24:000 almas; e a jurisdicção do governador do presidio comprehende 28 sovas, feudatarios de Portugal.

Em todas as suas viagens pelas selvas e montanhas da Africa, teve por companheira e amiga inseparavel, a princeza Babolla, de Huilla, cujo retrato, como o do major Garcia Moreira, se acham na bibliotheca municipal de Setubal, copiados do natural, por o doutor Clemente Bizarro.

[1] Vide o que digo com respeito a esta palavra, no 5.º volume, pag. 583, col. 2.ª, no penultimo periodo.

—

3.º—*Joaquim Bento Pereira*—barão do Rio Zêzere. Nasceu a 17 d'agosto de 1801.

Era filho de Bento Pereira de Almeida e D. Anna Joaquina Lizarda do Valle e Almeida, e casou em 12 de julho de 1851 com D. Joaquina Lucia de Brito Velloso Peixoto.

Assentou praça de voluntario no segundo regimento de infanteria da divisão de voluntarios reaes de el-rei, em 27 de junho de 1816. Achando-se no deposito d'este regimento foi reconhecido cadete para o mesmo regimento, por aviso de 29 de junho de 1816. Embarcou para Montévideu em 14 de agosto, afim de se reunir ao dito regimento. Alferes de commissão para o primeiro regimento de infanteria da mesma divisão por portaria de 24 de junho de 1818. Alferes effectivo pora o dito regimento em 26 de março de 1821. Regressou a Portugal em 12 de agosto de 1824. Passou ao regimento de infanteria 14, por decreto de 16 de setembro.

Passou ao regimento de infanteria 4, por decreto de 8 de setembro de 1826. Tenente para o regimento de infanteria 16 por decreto de 13 de dezembro de 1827, com antiguidade de 9 de julho. Passou ao regimento de infanteria 4, por decreto de 17 de janeiro de 1828. Emigrou para Inglaterra em agosto. Apresentou-se na ilha Terceira em 10 de janeiro de 1829. Ás ordens do commandante da força armada da dita ilha, por decreto de 7 de março. Commandante da 2.ª divisão do corpo de sapadores, ordem do exercito n.º 118 de 4 de junho de 1831. Passou ao batalhão de caçadores 3, por decreto de 11 de outubro. Passou ao regimento de infanteria 10, por decreto de 14 de fevereiro de 1832.

Fez parte do exercito liberal, que desembarcou nas praias de Arenosa de Pampellido, a 8 de julho de 1832.

Capitão para o mesmo regimento, por decreto de 6 de agosto. Addido á repartição do quartel mestre general no corpo do exer-

cito auxiliar á Hespanha, ordem do exercito n.º 68 de 5 de dezembro de 1835.

Passou ao corpo de estado maior do exercito, continuando no dito exercicio, por decreto de 3 de julho de 1836. Separado do quadro do exercito, por effeito da convenção de 20 de setembro de 1837. Demittido, pelo requerer, por decreto de 14 de dezembro. Reintegrado no posto de capitão, na conformidade da carta de lei de 7 de julho de 1840, ficando na 3.ª secção do exercito, por decreto de 14. Collocado no batalhão, de infanteria n.º 7 por decreto de 21. Conta a antiguidade do posto de alferes desde 24 de junho de 1818, por portaria de 14 de outubro de 1841. Major para o dito batalhão; por decreto de 22 de fevereiro de 1842. Deputado ás côrtes na legislatura de 1843.

Passou ao batalhão de caçadores 2, por decreto de 2 de agosto. Passou ao batalhão de caçadores 8, por decreto de 4 de fevereiro de 1844. Passou ao batalhão de caçadores 2, por decreto de 3 de junho. Passou á 2.ª secção do exercito, ficando addido á praça de S. Julião da Barra, por decreto de 1 de julho de 1846. Em commissão ás ordens do marechal Saldanha, desde 7 de outubro, até 13 de novembro, e commandante do batalhão de caçadores 1, desde 14, ordem do exercito n.º 14 de 23. Tenente coronel para a 2.ª secção do exercito por distincção, continuando no commando do dito corpo, por decreto de 20 de janeiro de 1847. Passou ao referido batalhão, ordem do exercito n.º 14 de 27 de fevereiro.

Coronel para o mesmo batalhão, por decreto de 4 de fevereiro de 1850. Commandante da 1.ª brigada da 1.ª divisão do exercito regenerador, ordem do exercito n.º 3 de 28 de maio de 1851. Brigadeiro, por portaria de 29 de abril, publicada na dita ordem do exercito. Commandante da 8.ª divisão militar, por decreto de 30 de maio. Conta a antiguidade do posto de brigadeiro desde 28 de abril. Exonerado do commando da 8.ª divisão militar, pelo pedir, por decreto de 29 de setembro de 1856. Commandante da 10.ª divisão militar por decreto de 4 de junho de 1860.

Exonerado d'este commando, por decreto de 25 de julho. Encarregado de inspeccionar os corpos de infanteria, por portaria de 1 de agosto. Deputado ás côrtes na legislatura de 1862, accumulando as respectivas funcções com as de aquelle exercicio, nota da 1.ª direcção de 10 de janeiro. General de brigada por decreto de 4 de julho de 1864. Commandante da 2.ª brigada de infanteria de instrucção e manobra, por decreto de 16, continuando na dita inspecção. Commandante da 10.ª divisão militar, fican- exonerado dos exercicios em que se achava, por decreto de 23 de junho de 1866. Encarregado interinamente do commando da 1.ª brigada de infanteria de instrucção e manobra, interrompendo o commando da divisão, ordem do exercito n.º 43 de 4 de agosto de 1868. Exonerado do commando da referida divisão, por decreto de 12 de novembro. Encarregado de inspeccionar os batalhões de caçadores n.ºs 2, 5, 6, e 12 e os regimentos de infanteria n.ºs 6, 9, 10, 11, 12 e 14, por decreto de 30 de dezembro.

—

O barão do Rio Zêzere entrou nas campanhas de 1816, 1817, 1818, 1819, 1820, 1821, 1822, 1823 e 1824, em Montevideu, nos 2.º e 1.º regimentos de infanteria da divisão de voluntarios reaes de el-rei. As de 1826 e 1827 nos regimentos de infanteria n.ºs 4 e 16. As de 1829, 1830, 1831, 1832, 1833 e 1834, ás ordens do commandante da força armada na ilha Terceira; na 2.ª divisão do corpo de sapadores, no batalhão de caçadores n.º 3 e no regimento de infanteria n.º 10. A de 1835, 1836 e 1837, no estado maior general do corpo de exercito auxiliar á Hespanha. A de 1846 e 1847 ás ordens do marechal Saldanha e commandando o batalhão de caçadores n.º 1.

Ficou contuso no braço direito, na sortida pelo Padrão da Legua em frente das linhas do Porto, no dia 28 de novembro de 1832.

Na acção da Ladeira de Velha (ilha de S. Miguel), em 2 de agosto de 1831, atacou com a companhia que commandava uma posição, cortando a retirada ao inimigo e fazendo-lhe 34 prisioneiros incluindo 4 officiaes.

Sendo capitão commandou um contigente de duzentas praças do regimento de infan-

teria 10, com que fazia parte da guarnição de Leiria, desde janeiro até maio de 1834, e foi escolhido para operar na margem esquerda do Mondego e auxiliar o desembarque do almirante Napier, na Figueira, commissão que desempenhou com intelligencia e acerto, assistindo, depois á batalha da Asseiceira.

Sendo capitão commandou um batalhão provisorio que em 1840 foi de Lisboa até á cidade da Guarda, em consequencia da revolta do regimento de infanteria n.º 6. Sendo major commandou um batalhão composto, de quatro companhias de caçadores n.º 2 e outras quatro de caçadores n.º 8, com o qual fez parte da divisão que foi cercar a praça de Almeida em 1844. Membro da commissão encarregada de emittir opinião sobre um projecto de regulamento para o serviço interno dos corpos de infanteria e caçadores. Membro da commissão encarregada de elaborar um projecto de instrucções com respeito ao serviço de inspecção a os corpos de infanteria do exercito, por portaria de 19 de dezembro de 1863. Exonerado do serviço de inspecção em que se achava, em 23 de junho de 1866. Membro da commissão encarregada de preparar meios necessarios para melhoramento da padaria militar e creação de mais dois estabelecimentos da mesma ordem, por portaria de 26 de outubro de 1868. Finalmente, promovido a general de divisão em 12 de setembro de 72 sendo já commandante das guardas municipaes.

Pelos differentes e importantes serviços, prestados pelo barão do Zêzere, foram-lhe dadas as seguintes mercês:

Cruz de ouro da guerra de Montevideu; ordem do exercito n.º 112 de 23 de agosto de 1824; official da ordem da Torre e Espada, por diploma de 20 d'agosto de 1833.

Cruz de 1.ª classe da ordem de S. Fernando de Hespanha, por diploma de 20 de outubro de 1836. Commendador da ordem de Izabel a Catholica de Hespanha, por diploma de 15 de março de 1839. Commendador da ordem de S. Bento de Aviz, por diploma de 21 de maio de 1844. Tenente coronel, por decreto de 20 de janeiro de 1847, pelo seu distincto comportamento e relevantes serviços que prestou na acção de Torres Vedras em 22 de dezembro de 1846. Primeiro barão do Rio Zêzere, por diploma de 2 de junho de 1851. Commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, por diploma de 11 de setembro. Commendador da Ordem de Torre e Espada, por diploma de 20 de agosto de 1853. Do conselho de sua magestade por diploma de 14 de janeiro de 1854. Medalha de D. Pedro e D. Maria, algarismo 9, ordem do exercito n.º 14 de 9 de maio de 1862. Medalha de prata da divisão auxiliar á Hespanha, ordem do exercito n.º 26 de 4 de julho de 1864. Grã-Cruz da ordem de S. Bento de Aviz, por diploma de 23 de fevereiro de 1869. Elogiado na ordem do exercito n.º 19 de 20 abril, pelo modo diligente e acertado como procedeu no cumprimento das ordens e instrucções que recebeu por occasião da insubordinação do batalhão de caçadores da Zambezia; e ajudante de campo, honorario, do sr. D. Luiz, e grão-cruz da ordem da Torre e Espada.

—

Exercendo a commissão de commandante geral, das guardas municipaes, falleceu este bravo militar e illustre setubalense, em Lisboa, a 20 de dezembro de 1875.[1] Ainda vive a sua viuva.

—

4.º — *José Antonio Benedicto Soares de Faria Barbosa*, mais conhecido pelo cognome de Morgado de Setubal.

[1] No mesmo dia, mez e anno, e quasi á mesma hora, falleceu, tambem em Lisboa, um verdadeiro homem de bem, e portuguez legitimo: fallo de *Sebastião do Canto e Castro Mascarenhas*, que nascêra em 1821. Era filho do vice-almirante, Francisco do Canto e Castro Mascarenhas, que tantos e tão relevantes serviços prestára em defeza da patria, durante as guerras da Peninsula, distinguindo-se como um dos mais intrepidos e felizes marinheiros d'essa época, e casado com D. Carlota Joaquina de Meirelles Valdez.

Sebastião do Canto, era casado com a sr.ª D. Maria Margarida Sctokler Salema Garção, que ainda vive, e d'este matrimonio nasceu a sr.ª D. Maria da Graça do Canto e Castro Mascarenhas.

Foi, Sebastião do Canto, director dos caminhos de ferro do Sul; director dos tele-

«O morgado de Setubal é uma gloria nacional, pelo seu merito artistico, notoriamente conhecido em todos os paizes cultos; todavia, não ha compendiados os dados biographicos, sufficientes a accentuarem o seu perfil individual.

«A noticia que d'elle vou dar não satisfaz plenamente o fim desejado; mas reune o registo d'algumas circumstancias concernentes ao celebre pintor, que não estão bastante divulgadas.

«Viveu muitos annos em Setubal [1] e ahi foi sepultado, na igreja parochial de Santa Maria da Graça, no dia 12 de fevereiro de 1809, no jazigo de sua familia o insigne pintor José Antonio Benedicto Soares de Faria e Barros, por antonomia — o Morgado de Setubal.

«D'elle existem muitos quadros, que attestam o genio admiravel e esmerado gosto de seu author.

«Apenas sahido da infancia, nos campos que cercam a villa de Mafra, onde nasceu pelos annos de 1750 a 1751, colhia elle, com engenhoso acerto, as flores naturaes, cujo succo lhe dava as varias cores para os seus primeiros ensaios.

«Adquiridos os estudos litterarios elementares, na terra de sua naturalidade, deu-se applicadamente á arte de pintura, em que revelou grande merito, sendo, sobretudo, admiravel nas imitações da natureza.

«Não é facil encontrar quadros d'outros authores onde melhor do que nos seus se representem o fogo, os metaes, os fructos, as pennas de aves e o pello de diversos animaes.

«Conta-se que, tendo pintado um gato, e estando exposto o quadro em lugar onde era visto por alguns cães, estes se quizeram lançar a elle. Tal era a fidelidade na reproducção!

«Tambem foi admiravel nas cópias de quadros dos grandes mestres. Com tanta perfeição copiou dois quadros sacros que existiam no seminario de Brancannes, attribuidos um a Raphael e outro a Carlos Maratta, professor da escola romana no seculo XVII, que, confrontados os originaes com ás cópias, tornava-se difficil a distincção.

«Os retratos, propriamente ditos, executava com pasmosa exactidão.

«São apreciados com muito louvor, por juizes de alta competencia, os quadros do Mendigo, do Pescador, e outros pertencentes áquelle eximio artista, o qual, sem mestre, e sómente pela natural propensão, alcançou o renome que se allia á sua memoria.

«Nas melhores galerias de quadros de distinctos professores figuram dignamente os quadros do Morgado de Setubal.

«Dos seus quadros ha alguns repetidos, porque o author os copiava, quando para isso se empenhavam com elle.

«Antonio Benedicto, havendo-se conservado sempre no estado celibatario, e não tendo por isso successor em linha directa, deixou o morgado de que era administrador a seu sobrinho, filho de sua irmã, casada com seu tio José Joaquim Soares de Barros e Vasconcellos.

«Apesar de morgado, consta que nem sempre logrou a abundancia, e que algumas vezes o seu excellente pincel lhe proporcionou meios para viver.

«Vem a proposito referir um caso engraçado, que diz respeito ao eximio pintor de que se trata.

«Haviam-lhe encommendado um quadro para uma igreja, representando S. Pedro. Benedicto divagou pela praia de Troino, em occasião em que os pescadores estavam amanhando suas redes, sentados ao sol; buscava um bom modelo. Procurou e achou. Depa-

graphos; engenheiro em chefe do caminho de ferro do Norte; governador-civil do Porto; ministro das obras publicas, por decreto de 24 de julho de 1868.

Era tenente coronel do corpo do estado-maior, commendador das ordens de Christo, Conceição, e Aviz; grão-cruz da ordem de Leopoldo, da Belgica, e de Danebrog, da Dinamarca. Por fim, exercia os empregos de administrador da casa de Bragança, e da casa-real.

[1] Foi por esta razão, que o incluo na relação dos *setubalenses illustres;* mas elle era natural da villa de Mafra, onde nasceu em 1750 ou 1751. (Vide *Egreja de Nossa Senhora da Graça).*

Pinho Leal.

rou-se-lhe uma bella cabeça, cabellos revoltos, quasi de todo brancos, e igualmente a barba, fronte espaçosa, olhos vivos, perfil correcto, emfim, um typo artistico. Conseguiu, não sem difficuldade, que o pescador se prestasse a que lhe tirasse o retrato, mediante determinada quantia.

«No dia seguinte, e á hora ajustada, appareceu o pescador no gabinete de Benedicto; o homem, porém, aconselhado pelos dictames da respeitosa cortezia que n'aquelles tempos era devida para com um morgado, apresentou-se de barba rapada e cabello cortado, isto é, tornado totalmente diverso do que se pretendia. Póde imaginar-se qual foi o desapontamento e a zanga do illustre pintor!

«O retrato que elle fez de fr. Severino de Santo Antonio, frade da ordem dos arrabidos, mestre da rainha D. Maria II, e natural de Setubal, onde falleceu em 7 de abril de 1840, está sendo venerado como imagem de Santo Antonio, n'uma igreja, depois que lhe foram acrescentados os competentes accessorios por um pintor hespanhol, que ha poucos annos veiu a Setubal.

«No tocante á parte genealogica de José Antonio Benedicto, é ainda honroso para elle o que se póde registar.

«Foi filho de Antonio José Bernardo, homem de estimaveis dotes, o qual, na segunda metade do seculo passado, exerceu o cargo de syndico do convento de Mafra, cargo que só era confiado a pessoas de nobres qualidades. Seu tio, José Joaquim Soares de Barros e Vasconcellos, natural de Setubal, socio das academias de sciencias de Lisboa e Berlim, e correspondente da de Paris, bastante preconizado como astronomo, não o foi menos pelas obras litterarias e scientificas que compoz, depois de adquirir largos conhecimentos nos paizes mais cultos da Europa.

«Em 1761 occupou o logar de secretario da embaixada portugueza em Paris. Magoado por desattenções immerecidas, regressou á patria, indo residir na villa de Cezimbra, onde, retirado do convivio dos homens e entregue aos seus profundos estudos, passou o resto da vida, a qual concluiu no dia 2 de novembro de 1793.

«Stockler escreveu o elogio historico d'aquelle illustre setubalense e deu diffusa noticia das suas numerosas obras, quasi todas escriptas em francez, respeitantes a assumptos chimicos e astronomicos. Algumas d'ellas ficaram ineditas, segundo affirma o abbade Barbosa.

«O prestantissimo e erudito bibliographo Innocencio Francisco da Silva tambem fez explicita menção das alludidas obras no seu notavel diccionario.»

Manoel Maria Portella.

(Extrahido do n.º 422, da *Gazeta Setubalense*, de 24 de junho de 1877.)

5.º—*Francisco Travassos Valdez.*

«Um dos setubalenses que mais se tem nobilitado pela sua illustração e relevantes serviços publicos nos modernos tempos é, sem duvida, o sr. Francisco Travassos Valdez, sexto filho do primeiro conde do Bomfim, José Lucio Travassos Valdez e de sua mulher D. Jeronyma Emilia Godinho Valdez.

«Nasceu a 29 de outubro de 1825.

«É interessante e diffusa a noticia que a seu respeito publica o *Diccionario Bibliographico*, de Innocencio Francisco da Silva, e por me parecer exacta, a seguirei na maior parte.

«Fez o sr. Travassos Valdez os seus estudos complementares na escola polytechnica de Lisboa, os quaes interrompeu no anno de 1844, para tomar parte na revolução começada em Torres Novas, contra o ministerio presidido pelo conde de Thomar.

«Em 1846 deixou o cargo de correio assistente na cidade de Elvas, para o qual tinha sido despachado n'aquelle anno, e abraçando o partido da junta do Porto, serviu como official em diversos corpos, durante a guerra civil que tinha por fim derribar o dito ministerio, até que foi prisioneiro pelas forças inglezas em junho de 1847, com a divisão do conde das Antas. Desde então deu-se com affinco ao estudo das lettras, e depois emprehendeu e realizou longas viagens, de que fez e publicou as descripções, com muito credito para si e bastante interesse para as nossas colonias, cujas necessidades

poz em evidencia, indicando os meios mais conducentes a remedial-as.

«Em 1851 foi nomeado arbitro por parte de Portugal na commissão luso-britannica, que se estabeleceu em Loanda, para julgar em ultima instancia os casos de trafico da escravatura. N'esta commissão e no emprego de administrador interino do correio central de Angola prestou assiduos serviços, com sacrificio da propria saude, adquirindo enfermidades que o obrigaram a procurar restabelecer-se em Lisboa.

«No anno de 1857 foi nomeado arbitro da commissão mixta luso-britanica do Cabo da Boa Esperança, e na permanencia d'esse exercicio escreveu as suas obras mais importantes, com o producto das quaes occorria ás suas necessidades pessoaes, pois as não podia satisfazer com o diminuto vencimento d'aquelle emprego, que por isso deixou, passando a ser empregado d'uma empresa particular. Proporcionou-se-lhe então occasião de estudar profundamente as graves questões da colonisação, e o conseguiu, visitando successivamente as ilhas de Ascenção, Santa Helena, as Guienas, as Antilhas grandes e pequenas, o Guatemala, o Mexico, os Estados-Unidos, as Bahamas, Terra Nova, Açores, Marrocos, Gibraltar e as Baleares. Desembarcando depois em França e seguindo d'ali por outras partes da Europa, atravessou a peninsula e se recolheu a Portugal.

«Até 1863 deu-se a algumas empresas industriaes, principalmente de construcções de caminhos de ferro, com pouca felicidade.

«Sendo ministro da marinha o sr. Mendes Leal, e querendo aproveitar-lhe os muitos conhecimentos que possuia, o nomeou secretario da commissão que tinha por fim estudar a questão da colonisação e propor com respeito a ella um plano conveniente, e incumbiu-o ao mesmo tempo de publicar uma obra sobre a Africa occidental, motivada principalmente pelo pensamento que a originára a commissão.

«Elevada a ilha de Timor á cathegoria de provincia independente, foi o sr. Valdez nomeado secretario do respectivo governo, cargo que começou a exercer no anno de 1864, cooperando muito com o seu zelo e esclarecida intelligencia para melhorar ali o estado da fazenda e dos outros ramos de administração publica.

«Adquirindo grave enfermidade por occasião de ir á Java presidindo uma commissão encarregada de contrahir um emprestimo, como unico recurso de que se podia lançar mão para occorrer ás necessidades publicas na provincia, viu-se obrigado a procurar restabelecer-se em Lisboa.

«Não lhe faltaram detractores, que procurassem desconceitual-o no tocante ao modo porque procedeu como secretario do governo do Timor; os excellentes relatorios que elaborou e fez publicar, e as reclamações repetidas que dirigiu ao governo, para que syndicasse dos seus actos e d'elles lhe tomasse contas, e o resultado que obteve, deixou, porém, rebatidas de modo triumphante as injustas accusações que lhe eram dirigidas.

«Não podendo conseguir que se lhe ultimasse o processo da syndicancia, por elle requerida mais d'uma vez, no decurso proximamente de dois annos, foi fazer uma viagem ao Brazil, onde teve o melhor acolhimento, e o resolveram a tomar a direcção dos estudos secundarios no collegio Pinheiro, estabelecido no Rio de Janeiro, e alli publicou, a expensas de muitos portuguezes, o livro que intitulou *Da Oceania a Lisboa.*

«Desasocegado, por não ver officialmente comprovada a honradez e zelo com que servira o cargo de secretario do governo de Timor, regressou a Portugal, onde depois se ultimou a syndicancia requerida, que o deixou plenamente illibado em todas as instancias, sendo até denegado no supremo tribunal de justiça o recurso de revista que o ministerio publico, no desempenho da sua obrigação, interpoz das resoluções dos tribunaes inferiores,

«Continuando a ser perseguido pelo infortunio e animado pela idéa de que no Brazil acharia melhor sorte, voltou para lá; mas vendo, finalmente, frustradas as suas esperanças, cançado de luctar com a adversidade e enfraquecido o espirito, dado a aturadas locubrações, deixou-se dominar pelo ter-

rivel desvairamento que o levou a tentar contra a propria existencia, em abril do corrente anno, conforme referiram os jornaes brazileiros, chegando estes a dar noticia da sua morte, noticia que foi recebida com tão grande sentimento em Portugal, quanto foi grande a satisfação produzida pelo seu desmentido, que se não fez esperar muito tempo.

«O sr. Valdez tem escripto diversas obras em portuguez, francez e inglez, e entre outras as mais importantes foram: *South African Ladies Companion, Six years of a traveller's life in Western Africa, Africa Occidental* e *Da Oceania a Lisboa.*

«No *Jornal do Commercio*, de Lisboa, publicou notaveis artigos com respeito ás possessões portuguezas no ultramar. Tem sido redactor e collaborador de diversos jornaes, com distinctissima reputação.

«Travassos Valdez é, certamente, um dos espiritos para cujas investigações o ambito do mundo parece pequena área, e aos quaes a ancia de saber não permitte estabilidade nem quietação.»

Manoel Maria Portella.

—

6.º — *José Anselmo d'Almeida Soares*—Foi capitão-general das nossas ilhas de Solor e Timor, na Oceania.

Não me foi possivel obter mais informações com respeito a este illustre setubalense.

Solôr-Velho, ou *Pequeno*, tem 90 kilometros de circumferencia. Foi esta ilha que deu o nome de *Solôres*, ao grupo d'ilhas da Oceania, cujas principaes são —*Solôr-Velho*, e *Solôr-Novo.* Dista 120 kilometros de Timôr. Produz os mesmos fructos que *Solôr-Novo*, e uma especie de nós moscada, que se vende muito cara, em Gôa.

Solôr-Novo, a que tambem se dá o nome de *Flôres*, e *Endie*, ou *Oende*, fica ao N. de Solôr-Velho e a 12 kilometros de Timor. Tem 270 kilometros de comprido, por 78 de largo.

Os hollandezes nos tomaram a fortaleza de *Labyona*, capital dos nossos estabelecimentos n'esta ilha: hoje, apenas alli temos a villa de *Larantuca*, e trez régulos feudatarios da corôa portugueza, com a população de 70:000 almas.

Ha n'esta ilha um vulcão, que lança fumo constantemente.

A ilha, produz canella silvestre, cereaes, arrôs, algodão, côcos, aréca, gamutte, uvas (duas vezes no anno), laranjas, ananazes, e outras fructas.

Pesca-se aqui grande variedade de peixe e excellentes tartarugas. Tem minas d'ouro, de cobre, e de outros metaes.

Ha n'esta ilha, os famosos ninhos de *andorinhas salanganas*, manjar tão querido dos chins, e hoje introduzido na Inglaterra, só nas mezas dos argentarios, porque são carissimos. Já os ha artificiaes — isto é — falsos.

—

A ilha de *Timôr* foi descoberta pelos companheiros de Fernandes de Magalhães (vide *Provezende)* em 1522.

Está ao S. das Molucas. Tem 360 kilometros de comprido, por 90 de largo. Está sujeita no espiritual — ao bispo de Malaca, que se denomina, *bispo de Malaca e Timôr.*

Parte da ilha é do dominio da corôa portugueza, parte está sob o dominio dos hollandezes (por usurpação) e parte pertence a chefes indigenas, feudatarios de Portugal.

A Hollanda tem aqui alguns estabelecimentos, que nos usurpou durante o ominoso dominio de D. Philippe IV. (Em 1613). A elles pertence a parte occidental da ilha, onde

teem o optimo porto de *Copang.*

A capital das possessões portuguezas, é a povoação de *Délli* na costa do N., a qual tem prosperado muito n'estes ultimos annos.

Grande parte dos habitantes de Timôr, pertence á raça *malaya,* e são governados por chefes, alguns dos quaes se denominam reis, tributarios de Portugal.

Esta gente, é em geral supersticiosa — apezar de haver entre élles, bastantes christãos, pois o Evangelho foi aqui prégado ha mais de 300 annos.

Os da parte occidental, crêem-se descendentes de um crocodilo, e lhe sacrificam uma rapariga, escrava, ornada de flôres.

Os *reis* e os *grandes,* trazem os dentes cobertos d'ouro.

Houve tambem aqui um grande vulcão, que se extinguiu, deixando no logar que occupava um vasto pantano.

Em *Samôro,* ainda ha um pequeno vulcão, e varias fontes de petroleo.

No districto de *Amanabung,* ha uma montanha, e ao sopé d'ella um buraco de quatro metros de circumferencia, do qual, durante seis mezes do anno, sáe um vento tão forte, que não é possivel a pessoa alguma aproximar-se d'este logar.

A ilha é fertilissima, produzindo todas as especiarias das Molucas, assim como as das regiões temperadas. Abunda em varias qualidades de optimas madeiras, e mattas impenetraveis de *bambús,* ou *tabócas:* mattas de algodão e de canella; *canellão* (ou *cravo do Maranhão)* sandalo branco, vermelho e amarello; páu rosa, e páu prêto; trigo; milho (grosso e miudo) arrôz; legumes; muitas variedades de fructas do paiz; hortaliças; uvas (duas vezes no anno) muita cêra; aréca; gamutte; ninhos de andorinhas salanganas; nervos de veado; pedras de porco espim; sólda; gado (vaccum e cavallar — a maior parte selvagem); javalis; grandes morcêgos (que os indigenas comem); bufalos; macacos; carneiros; grandes serpentes; tartarugas; perolas; e grande abundancia de *bichos do mar.*

A pouca distancia do mar, ha uma lagôa, onde a água se crystaliza em pouco tempo, e, por mais sal que se tire, nunca se acha falta d'elle, nem d'agua.

Quando n'esta lagôa cáe agua da chuva, ou outra água *dôce,* é tal a effervescencia e tão grande o calor, que só com pás se póde então tirar sal.

Ha na ilha, minas d'ouro, cobre, chumbo, enxofre, estanho, e ferro; mas ainda se não achou nenhuma de prata. As chuvas arrastam dos montes particulas de cobre, tambaque, e ouro.

Nas areias do rio *Copang* (o maior da ilha) e em outros menores, se tem achado tambem *palhétas* d'ouro.

Toda a população da ilha, é calculada em 800 a 900:000 habitantes, dos quaes 600:000 são subditos ou tributarios de Portugal.

Dista 1:980 kilometros de Macáu—3:540 de Gôa—4:380 de Moçambique. De Lisboa, dista 18:000 kilometros; mas, em linha recta, só 9 480.

Fazendo-se a viagem pelo canal de Suez, a distancia é de 10:800 kilometros.

—

7.° — *D. José da Costa Torres* — Nasceu a 11 de agosto de 1741. Era doutor em canones, pela universidade de Coimbra. Foi bispo do Funchal (ilha da Madeira) d'Elvas, e, por fim, arcebispo de Braga. Falleceu a 26 d'agosto de 1813.

—

8.° — *D. Pedro Fernandes Sardinha.* — Estudou em Paris as sciencias positivas, nas quaes se graduou, entrando depois na classe sacerdotal. Foi vigario-geral do padroado da India, e, depois, bispo da Bahia, para onde partiu, de Lisboa, em 4 de dezembro de 1551, no galleão commandado por Simão Gomes de Andrade. Chegou á Bahia, no 1.° de janeiro de 1552, com os ministros ecclesiasticos que deviam constituir o cabido do bispado da Bahia, recentemente creado. [1]

Depois de haver soffrido muitas tribulações, no exercicio da sua prelatura, embarcou para Lisboa, em julho de 1556; mas, naufragando o navio em que elle vinha, foi barbaramente assassinado e comido, e todos os seus companheiros, pelos selvagens, na margem do rio de S. Miguel.

—

9.° — *Mafaldo de Setubal* — Foi um intrepido navegador portuguez, tomando parte nas emprezas maritimas, emprehendidas pelo immortal infante D. Henrique, filho de Dom João I (vide Sagres).

Embarcou na expedição ao Cabo-Branco, organisada por Gonçalo Pacheco, prestando n'ella relevantes serviços, pela muita pratica que tinha das terras e costumes dos mouros.

D'este navegador setubalense, falla — Azurára, na *Chronica do descobrimento e conquista de Guiné* (cap. 37, 38, e 39).

—

10.° — *D. Manoel Estevam de Vilhena* — cavalleiro d'el-rei, e capitão de uma das náus da India, onde morreu combatendo os inimigos, no reinado de D. Manoel.

—

11.° — *Victorino José d'Almeida Soares Serrão* — *Barão do Valle* — Nasceu a 20 de julho de 1788. Era filho do major Antonio Marcellino Soares Serrão, e de D. Eufrazia Balbina Rosa Benedicta de Almeida.

Destinando-se á vida militar, sentou praça de voluntario, no regimento de infanteria de Setubal (depois n.° 7) no 1.° de agosto de 1800, principiando a fazer serviço em 1804, sendo então reconhecido cadete. Obteve licença para frequentar os estudos, e matriculou-se no *Collegio dos Nobres*, á Cotovia (hoje escola polytechnica) mas, em 1808, não querendo obedecer ao general Junot, de execranda memoria, pediu a sua demissão; mas logo que o povo portuguez se levantou contra a dominação dos escravos do sanguinario corso, tomou as armas em defeza da patria, e em janeiro de 1809, foi feito alferes do seu antigo regimento, e em março do mesmo anno, foi despachado tenente, por distincção, e ainda no fim do mesmo anno, foi feito capitão, posto em que fez com distincção toda a guerra peninsular. Em dezembro de 1820, foi promovido a major, e, em maio de 1821, a tenente coronel do 1.° batalhão de infanteria da legião constitucional, com o qual passou á America. Proclamada a independencia do Brasil (11 de janeiro de 1822) as tropas portuguezas, commandadas pelo bravo e leal Jorge d'Avilez, embarcam no Rio de Janeiro, com destino a Lisboa.

As cortes constitucionaes portuguezas tinham decretado — e D. João VI sanccionou — que fosse julgado nullo, tudo quanto o sr. D. Pedro e o seu governo tinham feito no Brasil, e que o principe recolhesse a Lisboa immediatamente, *sob pena de incorrer nas penas prescriptas na constituição, para o rei ou seu successor, que sahir do reino sem licença.*

[1] A provincia da Bahia, foi erecta em bispado, no anno de 1551, por D. João III, confirmado por bulla do papa Julio III, d'este mesmo anno. O 1.° bispo, foi este de que trato no texto.

(Decretos de 24 e 25 de julho de 1822).[1]

O general de brigada, Jorge d'Avilez, pretende que o sr. D. Pedro cumpra os decretos das cortes, mas o principe manda-o intimar (pelo brigadeiro Rapozo) para hir com as suas tropas, para a Praia-Grande, o que se effectuou a 11 e 12 de janeiro; e logo no dia seguinte, é mandado para Portugal, ao que Avilez e as suas tropas obedeceram, embarcando a 14 e fazendo-se de véla a 15.

Para obrigar Avilez a prompta obediencia, o sr. D. Pedro lhe apresentou em frente dos quarteis a esquadra *brasileira*,[2] com as portinholas abertas e as peças carregadas e corridas; pondo os portuguezes incommunicaveis, por mar e por terra, para não receberem mantimentos: declara as tropas portuguezas inimigas do Brasil, mandando a todas as auctoridades brasileiras que lhe façam guerra de exterminio.

O regimento de infanteria n.º 11, quiz resistir, atacando os brasileiros, mas os officiaes, a muito custo o poderam conter.

Pouco tempo depois da sahida de Jorge d'Avilez com as suas tropas (4:000 homens) entrava no Rio de Janeiro a brigada que hia render a de Avilez, e foi n'esta brigada o regimento de infanteria n.º 7, onde hia o nosso setubalense, Soares Serrão.

Não sabendo da rebelião do principe, nem da sahida para o reino da brigada que hia render, foram intimados para não desembarcar.

O sr. D. Pedro, mandou convidar as praças de pret, para ficarem ao serviço do Brasil, promettendo-lhes que pouco depois lhes daria baixa do serviço, e terrenos para cultivarem. Quinhentos soldados acceitaram o convite e desembarcaram; mas vendo que era para combaterem contra Portugal, pediram para regressar ao reino. O sr. D. Pedro, mandou reunir as tropas brasileiras, e nos dias 30 de setembro e 1.º de outubro, do mesmo anno de 1822, mandou chibatar cruelmente aquelles 500 desgraçados (dos quaes, muitos morreram d'este barbaro supplicio) cujo *crime* era a sua fidelidade. O principe, de uma das janellas do arsenal da marinha, esteve em ambos os dias assistindo a este martyrio, como o seu homonimo (Dom Pedro I) assistira ao supplicio de *Alvaro Gonçalves* e *Pedro Coelho*, na praça de Santarem, a 18 de janeiro de 1357.

Logo a 12 d'esse mesmo outubro, o sr. D. Pedro se proclama a si mesmo, *imperador constitucional e defensor perpetuo do Brasil.*

A 30 de dezembro (ainda de 1822) o novo imperador, decreta carta de côrso contra a bandeira de Portugal e contra

[1] Isto não passava de uma rodamontada ridicula. O sr. D. Pedro já se tinha declarado chefe do governo brasileiro independente; e no Brasil eram desprezados todos os decretos, avizos e citações do ministerio portuguez, e das ordens do rei e das côrtes; mas estas continuavam a legislar para o Brazil, como se elle fosse ainda uma provincia portugueza, na obediencia do nosso governo! — Era uma perfeita pallapatice, e mais nada.

[2] Era uma parte da nossa esquadra, a que o sr. D. Pedro lançou a mão e lhe chamou sua.

a sua propriedade, publica e particular. N'este decreto era atrozmente insultada a nação portugueza, como o tinha já sido no *manifesto*, feito ás nações, pelo referido principe em 6 d'agosto do mesmo anno.

Esta carta de côrso, attrahiu ao Brasil muitos piratas estrangeiros, que enriqueceram com os roubos que fizeram aos portuguezes. O sr. D. Pedro, além de promover estes roubos, pelo mesmo decreto, taxava os prémios que ainda por cima deviam receber os ladrões!

Muito longe me levariam as considerações com respeito a estes factos; pelo que, tratemos sómente do nosso setubalense.

Quando as tropas de Jorge de Avilez chegaram á ilha da Madeira, souberam que a constituição tinha cahido, no 1.º de junho de 1823, mas, apezar d'isso, pretenderam revolucionar-se contra o governo do rei, pelo que os officiaes, foram presos quando desembarcaram em Lisboa, e as praças de prét de infanteria 7, foram desarmadas em Setubal, pelo então marechal de campo, Alvaro Xavier da Fonseca Coutinho e Povoas.

Poucos dias depois da prisão, foram os officiaes que se tinham revoltado postos em liberdade, mas ficaram *desligados* (pouco mais ou menos ao que hoje se chama *terceira secção).* Os soldados tambem logo receberam as suas armas.

Por fallecimento de D. João VI (10 de março de 1826?) e proclamada a carta constitucional (11 de julho de 1826) Soares Serrão passa a effectivo.

Em 1828, Serrão, adhere á revolta de 16 de maio, que foi desastrosa para os que a tentaram e levaram a effeito. O nosso setubalense, teve de emigrar para a Inglaterra, com sua mulher e filho, e de lá para a França, onde lhe morreu a esposa. De França foi para a Ilha Terceira, onde foi promovido a coronel graduado, e alli ficou como governador das tropas liberaes. Em 1833, regressou a Lisboa, e em 1834, foi despachado coronel effectivo, e, no mesmo anno, general de brigada. Em 9 de outubro de 1835, foi feito *barão do Valle.*

N'esse anno, os negocios da Hespanha corriam mal para o partido de D. Maria Christina, porque as tropas de D. Carlos V, augmentavam prodigiosamente, e occupavam uma grande parte das provincias do norte. Em virtude do tratado da *quadrupla alliança*, o governo portuguez manda em soccorro dos liberaes hespanhoes, uma divisão de 6:000 homens, commandados por Francisco Xavier de Silva Pereira (1.º barão, 1.º visconde, e 1.º conde das Antas), que atravessou a Hespanha e foi combater contra os realistas, nas Vascongadas.

Serrão foi commandar uma das brigadas da divisão auxiliar, mas sentindo-se doente (e talvez tambem por ver que as derrotas eram muito mais frequentes, que as victorias...) pediu (1836) a sua exoneração, que lhe foi concedida, e regressando a Portugal, morreu n'esse mesmo anno, em Lisboa, a 26 de dezembro.

Acautelou-se a tempo e adoeceu *opportunamente*, porque a divisão portugueza que militava em Hespanha, foi atacada e desalojada das suas posições do Ebro, pelo general realista Zariategui, que obrigou os portuguezes a fugir precipitadamente para Portugal, chegando á nossa praça de Chaves, no fim de agosto de 1837. (Vide o 8.º vol., pag. 259, col. 2.ª).

Soares Serrão, em todas as differentes phases da sua vida, sobremodo agitada, foi sempre um verdadeiro homem de bem, e um intrepido militar.

—

12.º — *Diogo Duarte da Silva* — Nasceu a 10 de julho de 1774. Era deputado da junta da fazenda, na provincia de Santa Cathari-

na (Brasil) quando, em 1822, se proclamou a independencia d'este imperio.[1]

Em 3 de junho do mesmo anno, de 1822, o sr. D. Pedro convoca uma *assembleia constituinte*, para o Brasil, em opposição ás do *Reino Unido, de Portugal, Brasil e Algarve.* Silva, fez parte d'essa assembleia, e n'ella se tornou notavel, pelo talento e prudencia com que pugnou pela alliança dos elementos monarchico e popular; e fez todas as diligencias (ainda que quasi sempre inuteis) para estorvar os excessos dos exaltados.

Depois de 1823, a provincia de Santa Catharina o elegeu seu deputado, em todas as eleições até 1839.

Os dotes intelectuaes e nobreza de caracter de que era dotado este setubalense, foram os motivos porque, mais de uma vez, fosse o seu nome escolhido para a lista triplice de senador.

Foi secretario da presidencia da provincia de Santa Catharina; inspector geral do thesouro publico; secretario da direcção do Banco Commercial, quando este se organisou; e, depois, director do mesmo Banco; cargo em que falleceu, a 24 de maio de 1857.

O sr. D. Pedro II lhe deu carta de conselho, e, pela sua probidade, mereceu sempre a consideração e estima geral, principalmente do corpo do commercio.

[1] Já em 1817, a provincia de Pernambuco tinha proclamado a sua independencia (apezar de estar no Rio de Janeiro, D. João VI e a sua côrte). O governo manda uma alçada, e tropas, contra os revoltosos, alguns dos quaes foram presos e executados.

Proclamada a constituição em Portugal, as provincias brasileiras de Santa Catharina, Bahia, Maranhão, Pará, Pernambuco, Matto-Grosso, S. Pedro do Sul, e outras, tinham acceitado as auctoridades nomeadas pelas côrtes, em 1821, mas, pouco depois, fazem causa commum com os revolucionarios do Rio de Janeiro, á frente dos quaes se tinha posto o sr. D Pedro (9 de janeiro de 1822). Houve então, e por alguns mezes seguintes, grandes desordens, perseguições, vinganças e mortes contra os portuguezes que não annuiram á revolta. Estas desordens e assassinatos, se têem repetido por muitas vezes no Rio de Janeiro, Pará, Pernambuco e outras provincias, provocadas por varios jornaes brasileiros, que incitam as turbas a exterminarem os portuguezes, residentes n'aquelle imperio.

—

13.º — *Frei José da Purificação*[1] — Fez os seus primeiros estudos, na universidade de Evora,[2] onde foi alumno do collegio real da Purificação. Desejoso de se retirar do mundo e viver onde seguisse juntamente as lettras e virtudes religiosas, entrou na sagrada congregação de S. João Evangelista (loyos). Nunca acceitou grandes beneficios ecclesiasticos e prebendas, que pela universidade de Coimbra, e por muitos bispos e arcebispos, lhe foram offerecidos.

Leu muitos annos philosophia e theologia no collegio do Evangelista, da mesma cidade de Coimbra, e com seus bons exemplos e muita sabedoria, creou muitos e respeitaveis mestres, e doutores de grande nome e fama.

Foi sempre ouvido, o padre Purificação, como oraculo da theologia especulativa, expositiva e moral.

Leu muitos annos a disciplina de vospera de Escriptura. Nas sabbatinas, era um prazer ouvil-o, e a sua aula estava então sempre replecta de ouvintes, mesmo lentes e homens graduados.

Estudou medicina, canones e leis, para explicar e ensinar estas faculdades a trez seus irmãos, e n'ellas lhe fez as lições dos actos, com grande admiração dos proprios mestres.

Era sublime nas suas orações academicas, e os seus sermões, que prégava com muita eloquencia, eram ouvidos com geral agrado, respeito e admiração, porque eram todos improvisados, mesmo nas funcções mais solemnes da universidade.

Só ha impressos dois sermões seus — um da beatificação de S. Pio V; e outro, da canonisação de S. Francisco de Borja, que são um primor de oratoria sagrada.

[1] Não se confunda com outro de egual nome, que foi escriptor publico, e já fica mencionado nos da sua classe, sob o n.º 40.

[2] Esta Universidade existiu 200 annos muito certos. Foi instituida pelo primeiro arcebispo d'Evora, D. Henrique (depois rei) em 1559, e supprimida em 1759, pelo marquez de Pombal.

Como os não escrevia nem estudava, prégando-os todos de repente, não se poderam colleccionar nem imprimir.

Era justamente respeitado e ouvido, como o primeiro theologo do seu tempo.

A todas estas qualidades, juntava uma prodigiosissima memoria; e, lendo uma vez qualquer livro, ainda d'ahi a muito tempo o sabia de cór!

Falleceu no seu collegio do Evangelista, a 6 de setembro de 1694. Foi sepultado no mesmo collegio, de que era reitor.

—

14.º— *Jacob Frederico Torlades Pereira de Azambuja* — Cavalleiro de Christo e Conceição; e condecorado com a medalha de Liz, de França. Foi official-maior da secretaria d'estado dos negocios da marinha e ultramar, e traductor de D. João VI, quando a côrte estava no Rio de Janeiro: foi ministro de Portugal na Suecia, e exerceu outros altos empregos com a maior distincção, pelo que foi geralmente estimado. Nascera no ultimo quartel do seculo XVIII, e falleceu no principio do segundo quartel do presente.

—

15.º — *José de Cabêdo e Vasconcellos* — Moço-fidalgo da casa-real. Foi extremamente applicado ao estudo das familias illustres, e escreveu um nobiliario, em cinco volumes, que se conserva inedito, em poder de seus descendentes.

—

16.º — *Manoel Felix da Costa Gamito* — Vivia pelos annos de 1740. Escreveu um livro, que deixou inedito, intitulado — *Favos moraes, politicos e economicos.*

Ignora-se a data do seu nascimento e da sua morte.

—

17.º — *Padre Manoel da Gama Xaro* — Nasceu no principio d'este seculo. Foi mais de trinta annos, prior da freguezia de S. Sebastião d'esta cidade, e vigario-geral do arcediagado. Foi um distinctissimo antiquario, para cujos estudos, tinha particular e decidida vocação. Foi um dos fundadores da *Sociedade Archeologica Lusitana*, para investigações nos monumentos romanos da velha Cetobriga (hoje Troia).

Falleceu conego da Sé de Lisboa, a 10 de março de 1870.

—

18.º— *Antonio Candido Pedroso Gamito* — Commendador da ordem de Christo, e cavalleiro da de S. Bento d'Aviz. Nasceu em 1806. Seguindo a vida militar, foi despachado alferes, para a provincia de Moçambique, onde seguiu varios postos. Era capitão, quando, em 1831, tomou parte na expedição, encarrégada de effectuar a travessia da Africa Oriental para a Occidental, cujos successos descreveu em um interessante livro, que intitulou — *O Muata-Cazembe.* Foi impresso em Lisboa, no anno de 1854.

Em 1842, regressou á sua terra natal, e ahi foi nomeado governador da torre do Outão. Em 1853, foi tomar posse do governo de Tete, e regressou novamente a Setubal, onde falleceu, no posto de major, em 1866.

—

19.º — *Padre Egydio Gambôa* — Freire professo na ordem de Christo, da qual foi procurador-geral, e reitor do collegio da sua ordem, em Coimbra. Falleceu a 13 de julho de 1715, deixando impressos alguns dos seus sermões.

—

20.º — *João Soares da Gama* — Nasceu em 1620. Foi bacharel formado em direito civil. Foi juiz dos direitos reaes da portagem, em Setubal, e exerceu outros cargos de consideração.

Escreveu algumas composições poeticas, que se não imprimiram.

Falleceu com 77 annos de edade, em 3 de julho de 1697.

—

Muitos mais setubalenses ha dignos de especial menção n'este artigo; mas deixo de os nomear, por não poder conseguir a seu respeito, os precizos esclarecimentos.

Ainda hoje ha n'esta cidade alguns cavalheiros, cujos nomes e biographias deviam figurar, com honra, na relação dos *setubalenses illustres.* Não os menciono, por varias razões, e, sobretudo, para não promover desagradaveis rivalidades.

—

Visitas a Cetobriga

São em grande numero os curiosos e os archeologos que por differentes vezes teem visitado as notaveis antiguidades romanas da vetusta Cetobriga.

O sempre chorado monarcha, D. Pedro V, e seu pae, o sr. D. Fernando, alli foram mais de uma vez. Em 22 de abril de 1867, tambem alli foi o duque de Montpensier, pae da malograda rainha Mercêdes, primeira mulher do actual rei de Hespanha, fallecida em 1879.

Outros monarchas e grandes de Portugal, teem visitado as ruinas de Cetobriga, e a notavel raridade geologica, a que o vulgo dá o nome de *Pedra furada*, em frente e ao norte de Cetobriga, sobre a margem direita do Sádo, ao E. e junto a Setubal.

—

Rua de Luiz de Camões

A rua que antigamente se denominava *dos Açougues*, para a qual dá a fachada da parte novamente construida, dos paços do concelho, foi concluida em 1874, e no dia 10 de junho de 1880 (trecentessimo anniversario do grande poeta) se lhe mudou o nome, para o de *Rua Luiz de Camões*, collocando-se alli a competente inscripção, em lettras de bronze, embutidas em uma lapide de marmore branco.

—

O padre Estrafaz

O reverendo sr. padre Francisco José Ferro Estrafaz, capellão das religiosas do real mosteiro de Jesus, de Setubal, merece honrosa mensão n'este artigo.

É a este digno e respeitavel sacerdote, que se deve a conservação e o aceio da egreja de Jesus, que, sem a sua valiosissima protecção, seria hoje quasi um montão de ruinas, e o mosteiro estaria inhabitavel. Os nossos governos nunca se importaram com este venerando edificio, incontestavelmente o mais bello, curioso e respeitavel de Setubal! Valeu-lhe porém a sollicitude e dedicação do sr. padre Estrafaz; porque, tendo o terramoto de 1858 causado grandes destruições no mosteiro de Jesus, aquelle esclarecido ecclesiastico o reparou, e em partes o reedificou, á sua custa, dispendendo boa somma de contos de réis.

Quando o sr. D. Pedro V esteve em Setubal (2 de novembro de 1860) foi o sr. padre Estrafaz que, á sua custa, mandou ornar luxuosa e ricamente a egreja do mosteiro, para receber dignamente o augusto visitante.

Acções d'estas não se elogiam, porque não ha palavras que possam exprimir, como merecem, a gratidão de todas as pessoas que ainda conservam em suas almas o amor á religião catholica, e em seus corações o respeito pelas cousas que nos testemunham a acrisolada devoção dos nossos avós. Só Deus póde premiar a louvavel dedicação do sr. padre Estrafaz, pelas suas obras; e, se n'este mundo não receber o premio de tão boas obras, recebel-o-ha no céu; porque, se a Divina Providencia não esquece o castigo dos crimes, tambem não olvida o premio das virtudes.

—

Casamento de D. João II

No dia 22 de janeiro de 1471, teve logar em Setubal, onde então estava a côrte, o casamento de D. João II (ainda principe) com sua prima, a virtuossima rainha D. Leonor, filha do infante D. Fernando, duque de Viseu.

Não houve as festas e regosijos publicos, usados n'esse tempo, porque a familia real estava de lucto, pelo recente fallecimento do infante D. Fernando, pae da noiva, fallecimento que causou grande pesar, não só a D. Affonso V e seu filho e nóra, e irmãos d'esta, mas a todo o reino, porque D. Fernando, pelas suas virtudes, era geralmente estimado.

D'este casamento, só houve um filho, o principe D. Affonso, que casou com a princeza D. Isabel, filha dos reis catholicos, Fernando e Isabel. D. Affonso, morreu junto á margem direita do Tejo, proximo a Santarem, da queda de um cavallo, em 12 de julho de 1491, sem deixar filhos.

D. João II, quiz deixar a corôa a seu filho bastardo, D. Jorge de Alencastre, duque de

Coimbra, mestre da ordem de S. Thiago, e tronco da casa ducal d'Aveiro; mas a rainha e a côrte se oppozeram tenazmente, e lhe succedeu seu primo e cunhado, D. Manoel, duque de Beja.

O infante D. Fernando, duque de Viseu, era pae da referida rainha D. Leonor, de D. Manoel, duque de Beja, e do infeliz D. Diogo, duque de Viseu e de outras muitas terras, cuja ambição o levou a tentar contra a vida de seu primo e cunhado, D. João II, e que este assassinou ás punhaladas, em Setubal, no dia 23 de agosto de 1484, como veremos mais circumstanciadamente, no decurso d'este artigo.

Se D. Diogo não fosse um tão impaciente ambicioso, d'ahi a onze annos seria rei legitimo de Portugal, sem ser precizo derramar sangue, porque o rei falleceu a 25 de outubro de 1495, em Alvôr, succedendo-lhe D. Manoel, irmão mais novo de D. Diogo.

—

Terramoto de 1531

No dia 26 de janeiro (uma 5.ª feira) d'este anno de 1531, foi Portugal victima de um espantoso terramoto, cujas oscillações—mais ou menos desastrosas—se repetiram até 2 de fevereiro seguinte. Causou grandes estragos em Setubal, deitando por terra muitos edificios, matando bastantes pessoas, e causando grandes avarias e naufragios nas embarcações surtas no Sàdo.

Este tremor de terra sentiu-se n'uma area de mais de 400 kilometros. Em Lisboa, derrubou 1:500 casas, sepultando n'ellas os seus moradores. Muitos templos ficaram arruinados, e no Tejo submergiram-se muitos navios, morrendo grande parte dos seus tripulantes.

A maior parte da gente de Lisboa, fugiu para os campos, onde viveram em barracas. D. João III e toda a familia real e a côrte, fugiram tambem, porque todos temiam que a cidade se subvertesse.

—

Pestes

Por muitas vezes tem o flagello da peste disimado os habitantes de Setubal. Mencionarei sómente as mais desastrosas.

Em 29 de setembro de 1348, principiou em Portugal este horrivel flagello, que, pelas suas horrorosas consequencias, se denominou *a mortandade grande*. Diz-se que teve principio na Scythia, por causa de um medonho terramoto, que abrindo ali um grande boqueirão, expeliu de si um tão pestilento vapor, que levado pelo vento, causou em muitos reinos este flagello, que matou alguns milhões de pessoas. Desde o seu principio, durou trez annos; mas em Portugal, apenas trez mezes; todavia, n'este prazo, morreram muitos milhares de habitantes d'este reino. Em Setubal fez tambem grande numero de victimas. (Vide *Morteidade)*.

—

No 1.º de julho de 1415, principiou outra grande peste. D. João I, estava então em Sacavem, com a familia real. Fugiram para Odivellas, mas alli, a virtuosissima rainha D. Philippa, é atacada do contagio a 8, e fallece a 18, depois de estar casada 28 annos. Setubal não escapou a este flagello.

—

Em 7 de junho de 1569, principiou outro terrivel contagio n'este reino, que durou até ao fim de outubro. Os maiores estragos foram em Lisboa, onde morreram 50:000 pessoas. A herva cresceu pelas ruas até grande altura—os mortos não cabiam nas egrejas, sendo precizo abrirem-se vallas pelos campos. Os defunctos estavam dous e trez dias ás portas das casas, sem haver quem os levasse à sepultura, nem quem os enterrasse. Para grande numero de individuos, a peste era fulminante.

Setubal, soffreu tambem com este flagello, mas não teve muitos mortos; tanto que, durante aquelles cinco mezes de horror, poz-se incommunicavel com Lisboa.

—

Em 10 de setembro de 1579, principiou em Portugal outra peste. Em Lisboa, morreram 40:000 pessoas, e em Evora, 25:000. Em Setubal tambem morreu muita gente.

Esta peste, foi precursora de outra peste, ainda mais devastadora, que, no anno seguinte, invadiu Portugal, e durou pelo longo praso de sessenta annos—foi a usurpação dos Philippes II, III e IV.

—

Em 15 de outubro de 1598 (1.º anno da usurpação de Philippe III) principiou n'este reino outra horrorosa peste, que durou cinco annos! — Só em Lisboa, matou mais de 80:000 pessoas. Em Setubal, tambem então morreu muita gente.

—

Em julho de 1723, se desenvolveu em Lisboa outro terrivel contagio, que matou perto de 50:000 pessoas. Em breve se communicou a todo o reino, onde tambem fez grande numero de victimas.

—

No 1.º de janeiro de 1833, quando mais apertado estava o cerco da cidade do Porto, pelas tropas legitimistas, o general francez João Baptista Solignac, [1] poude desembarcar fóra da barra, com um reforço de 118 recrutas belgas, a favor dos liberaes. Onze d'estes soldados vinham com o *colera-morbus*. Este, em breve se communicou aos seus camaradas, depois, aos habitantes da cidade, e em pouco tempo se propagou por todo o reino, fazendo muitos milhares de victimas.

Foi o presente que nos trouxe o famoso *heroe d'Alcoentre!...*

—

Em 1855, o *colera-morbus*, torna a invadir Portugal, durando até ao anno seguinte, e matando muita gente.

—

Em 1856, principia no Porto, o flagello da *febre amarella*, e no anno seguinte, se estende por todo o reino. Só na cidade de Lisboa, matou oito mil e tantas pessoas.

O sr. D. Pedro V, cobriu-se de gloria n'esta triste conjunctura, pois que, tendo grande numero de individuos fugido de Lisboa, e tendo o cardeal patriarcha fugido para Santarem, o sr. D. Pedro só abandonava o seu palacio, para correr em soccorro dos doentes, animando-os com as suas palavras eloquentes, e proporcionando-lhes as possiveis commodidades. É por isto, e por muitas cousas mais, que Portugal ainda hoje se recorda (e recordará sempre) com saudade, d'este virtuoso monarcha, que a morte arrebatou ao respeito e carinho dos portuguezes, na florescente edade de 24 annos. (Tinha nascido a 16 de setembro de 1837, e falleceu de *febre palludosa...* a 11 de novembro de 1861).

O mez de novembro, é fatal para os principes da casa de Bragança!

D. João IV, morreu a 6 de novembro de 1656.

D. Maria II, a 15 de novembro de 1853.

O infante D. Fernando, seu filho, a 6 de novembro de 1861.

D. Pedro V, a 11 de novembro de 1861.

D. Miguel I, a 16 de novembro de 1866.

—

Pharol da torre do Outão [1]

No principio do seculo XVII, ainda eram rarissimos os postos semaphoricos no nosso littoral. Sendo a navegação nas aguas de Setubal de bastante perigo, por causa das correntes e rochedos do Cabo do Espichel, os officiaes da Casa do Corpo Santo, requereram, em 1625, ao usurpador Philippe IV, que mandasse collocar um pharol, na torre do Outão, para encaminhar as embarcações á barra de Setubal. Tiveram este despacho ao seu requerimento — «El castellano de Oton, ponga este farol, *dando-le los suplicantes lo necesario para el.*» — Nem outra cousa era de esperar de qualquer dos trez Philippes, que no longo periodo de sesssenta desgraçados annos, só cuidaram em reduzir Portugal á ultima miseria.

O pharol foi construido sobre um alto rochedo, mas, apezar da sua elevada posição, não era visivel em tempo de nevoeiro, tão frequente na Serra da Arrabida.

Em 1710, tornaram os mesmos officiaes da Casa do Corpo Santo, a pedir o estabelecimento de um pharol, na torre do Outão»

[1] Vide 1.º vol., pag. 78, col. 2.ª, e 7.º vol., pag. 355, col. 2.ª

[1] Chamo-lhe *torre do Outão*, porque é geralmente designada por este nome; porém é improprio, porque o Outão, é uma verdadeira fortaleza, e não uma *torre*.

ao que D. João V deferiu, mandando, por carta regia, de 12 de julho d'esse anno, construir o pharol no logar requerido; mudando-se então do primitivo logar para o actual.

Tem sido por varias vezes restaurado; hoje é um pharol de segunda classe, construido segundo o systema moderno mais geralmente adoptado para os postos semaphoricos.

—

Rendimento da camara municipal

A receita d'este municipio, no anno de 1879, foi de 21:862$370 réis — e a despeza foi de 20:121$315 réis — saldo — 1:741$055 réis.

Na receita, está incluido o subsidio do governo, para viação, na importancia de dois contos de réis, e o producto da taxa dos deslastres, applicada ao accrescentamento do caes, e aterro, entre este e o baluarte do Livramento, na importancia de 1:426$060 réis.

Na despeza, está incluida a verba de 2:566$804 réis, despendida com o mesmo aterro.

—

Premio á camara de Setubal

(Rendas de bilros)

Na exposição nacional de 1863, foi esta camara premiada com medalha de prata, pelos artefactos que expoz, pertencentes á industria de rendas de bilros, que com grande perfeição se fazem em Setubal, occupando muitas mulheres, quasi todas pertencentes ás classes pobres, principalmente do bairro do Trôino.

Tenho percorrido, por varias vezes, differentes povoações do nosso littoral, e em quasi todas vejo as mulheres, irmans e filhas dos pescadores, occupadas na factura de rendas de bilros. As mais perfeitas que se fazem em Portugal, sao incontestavelmente as de Peniche; apezar dos desenhos originaes estarem já tão alterados, pela repetição das copias, feitas pelas mesmas *rendeiras*, que alguns já se não póde saber o que foram no seu principio.

Esta industria, que ainda hoje é um grande recurso para as classes pobres, apezar da sua extrema barateza, [1] tem decahido muito, pela introducção de rendas estrangeiras, feitas no tear, e que, apezar de terem muito menos duração, teem formosos desenhos,

Vide no 6.º vol., pag. 643, col. 1.ª e seguintes, onde trato circumstanciadamente d'esta industria.

—

Dizimo do peixe

O dizimo do peixe que se pescava no rio e nas aguas de Setubal, era do rei, e rendia-lhe annualmente, até ao principio d'este seculo, termo medio, 40:000 ducados — 83:200$000 réis! [2]

—

Offerta á bibliotheca municipal

Por intervenção do sr. Manoel Maria Portella, tem offerecido a esta bibliotheca, o benemerito setubalense, Francisco Eduardo Gomes Cardim, residente no Brasil, algumas obras de muito merecimento, pela sua importancia historica; entre ellas, as que, em prosa e verso, produziu a penna elegantissima de D. J. G. de Magalhães, escriptor brasileiro.

—

Tabelliães

O rei D. Manoel, por uma provisão dé 11 de junho de 1501, determina que em Setubal não haja mais de sete tabelliães.

[1] O mais que uma pobre *rendeira* póde ganhar, trabalhando todo o dia, são 80 ou 100 réis!

[2] O ducado, sendo da Suecia e Noruega, valia em Portugal, 2:080 réis, e é por onde a conta está feita no texto: sendo da Hollanda, vale 2:090 réis.

—

Vigarios da vara

Por uma provisão do usurpador Philippe IV, de 24 de maio de 1633, é prohibido aos vigarios da vara de Setubal, o passarem ordens de prisão, contra individuos seculares, como até então, abusiva e arbitrariamente praticavam.

—

Assento em côrtes

D. João III, por um alvará régio, de 23 de março de 1530, concede que os procuradores de Setubal, tenham assento em côrtes, no 4.º banco, onde tambem tinham assento, os procuradores de Monte-Mór-Novo, e os de Estremoz.

—

Titulo de notavel

Nas cortes d'Evora, de 1535 (13.as convocadas n'esta cidade, e 81.as de Portugal) o rei D. João III, recebeu, por offerta voluntaria dos povos, 100:000 cruzados (40 contos de réis) para as despezas do estado. Distinguindo-se n'esta offerta, os setubalenses, o rei concedeu á sua villa, o titulo de notavel, por carta regia de 31 de outubro d'esse anno de 1535.

—

Logares dos misteres, nos actos publicos

Por um alvará, do 1.º d'agosto de 1636, foram designados os logares que os *misteres* devem occupar nos actos publicos, sendo— na casa da camara, em escabéllos abaixo do procurador do concelho—e nas procissões, atraz do mesmo procurador, levando varas vermelhas, com as respectivas insignias.

—

Dou por terminado o artigo concernente á formosa cidade de Setubal. Deixo de mencionar bastantes cousas, por as julgar de menos importancia, e para não fazer esta descripção ainda mais longa, e, por conseguinte, mal cabida em um diccionario, e só propria de um livro especial, que trate exclusivamente de Setubal.

Peço desculpa aos setubalenses, por algumas verdades amargas que se leem na minha descripção; mas já disse em outra parte d'este artigo—*não sou um escriptor assalariado, para só divulgar o bem e encobrir o mal—escrevo o que me dicta a minha consciencia: posso errar, mas esse erro é filho do respeito que devo á verdade, e não ao desejo de criticar. Tomára eu ter sempre só que dizer bem e nunca motivo para dizer mal, porém, nem sempre tenho essa satisfação.*

—

Á ultima hora

Depois de escripto, composto e paginado o que fica dito, deram-se dous factos em Setubal, dos quaes julgo dever fazer scientes os leitores: são os seguintes:

—

Temporal de janeiro de 1881

A continuação do inverno, que tantos prejuizos causou em varias partes do reino, principalmente no Riba-Tejo, tambem prejudicou muito as propriedades de Setubal e suas immediações.

Desde o dia 23 do referido mez, sobretudo, as chuvas foram tão constantes que inundaram os campos e parte da cidade. Causaram grandes estragos nas quintas, destruindo-lhes os muros, as searas e parte dos laranjaes.

Na noite de 29 para 30, as aguas da cheia, juntas ás da maré, inundaram quasi todas as marinhas, inutilisando muito do sal que estava nas eiras.

Todas as marinhas dos esteiros de *Gambia, Palma, Telhada, Praia,* e *Espim do Sul,* soffreram grandes ruinas.

—

«Luz de Setubal»

Com este titulo se principiou a publicar em Setubal um novo jornal, no dia 26 de fevereiro d'este anno de 1881.

—

Declaração

Assevero aos meus leitores que nenhum artigo do diccionario me deu tanto trabalho

e causou tantas dores de cabeça, como este de Setubal! E não foi por falta de apontamentos, mas pela sua superabundancia; e porque se contradiziam uns aos outros. Cada correspondente contava o caso de differente maneira. O mesmo individuo que me mandava a narração de certos factos, passados mezes, esquecendo-se do que tinha escripto, o repetia, mas em completa contradicção dos seus primeiros apontamentos.

Um cavalheiro muito instruido nas cousas de Setubal, e que sempre me mereceu inteiro credito, mandou-me uma folha de papel almaço, completamente escripta nas suas quatro paginas, em lettra muito miuda e linhas muito bastas, contendo varios apontamentos sobre diversos assumptos. Regulando-me por elles, inutilisei tudo quanto tinha escripto sobre a materia, perdendo o trabalho de bastantes paginas. Passados quatro ou cinco dias, recebo uma carta do mesmo individuo, dizendo me: — «Os apontamentos que lhe mandei ultimamente estão todos errados: não faça obra por elles, mas pelos que agora vão» (!). E mandou-me outra maçada. Eu, farto de tanta contradicção, tornei a aproveitar tudo o que tinha inutilisado, e deitei ao limbo os taes apontamentos, tanto os *errados* como os *certos*.

Aproveitei muito do contheudo na *Memoria sobre a historia e administração do municipio de Setubal;* mas foi-me precizo o maior cuidado para fugir dos frequentes anachronismos e alguns erros de historia em que cahiu o auctor, apezar de ser *academico.*

Por todo o exposto se póde fazer ideia dos trances por que passei para escrever o presente artigo.

—

Rectificações

Além de alguns êrros typographicos que escaparam na revisão, e que o leitor facilmente póde corrigir, ha os dous seguintes:

—

A paginas 202, col. 1.ª, disse que Setubal tinha em 1768 cinco freguezias, e nomeei só quatro, esquecendo-me mencionar a 5.ª, que é:

Nossa Senhora da Graça. Era tambem apresentada pelo tribunal da mesa da consciencia e ordens, por ser do grão-mestrado de S. Thiago. O prior tinha 296 alqueires de trigo, 150 de cevada e 20$000 réis em dinheiro. Esta freguezia, em 1768 tinha 228 fogos.

—

A paginas 281, col. 2.ª; no 4.º periodo, digo: — «Até então, tinha Setubal só duas freguezias, que eram as referidas, de São Gião *e a de S. Sebastião.*» Deve lêr-se: — Até então, tinha Setubal só duas freguezias, que eram as referidas, de S. Gião *e a de Nossa Senhora da Graça.*

Indice alphabetico das principaes materias contidas n'este artigo

A

B

SEVÊR, ou **CEVÊR** — Rio, Alemtejo — Na serra de S. Mamede, freguezia de S. Salvador de Aramenha, concelho de Marvão, do lado do O., nos sitios do Barreirão, Alvarães, Gaféte, Ourelevadas, Ouregeiras das Naves, Gavião, Porto da Espada, e Magdalena, nasce o rio Sevêr, que, junto com uns grandes *olhos d'agua*, á vista de Marvão, corre com o nome d'esta villa, sendo aqui atravessado por duas pontes, de pedra, cada uma de trez arcos. No sitio da *Nêgra*, 3 kilometros abaixo da segunda ponte, já com o nome de Sevêr, principia a dividir Portugal de Castella, marcando 12 kilometros, até ao Carrascal de Valença d'Alcantara, onde recebe o rio hespanhol de Alburrel, continuando a servir de divisão ás duas monarchias, até perto de Montalvão. Passa á vista de Villa-Velha-do Rodam, e morre na esquerda do Tejo, com 40 kilometros de curso. Cria bastante e optimo peixe.

Abaixo da 2.ª ponte, fica um rochedo escarpado, sobre a margem esquerda (N.) e do tal rochedo rebenta um manancial d'agua chamado *Fonte de Maria Viegas*, que vem ter ao rio. Esta agua é evidentemente sulphurea, fria, diaphana, com sabor enjoativo e cheiro a ovos chocos, ao nascer. É remedio efficaz para toda a qualidade de molestias cutaneas e outros padecimentos.

Na margem d'este rio, se fez a entrega—em 1518—da rainha D. Leonor, terceira mulher do rei D. Manoel, filha de Philippe I, de Castella, e mãe do infante D. Carlos, que morreu menino, e da infanta D. Maria, que foi senhora de Viseu e Torres-Vedras.

—

SEVÊR, ou **CEVÊR**—freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Santa Martha de Penaguião, comarca do Peso da Régua, 85 kilometros a ENE. do Porto, 355 ao N. de Lisbôa, 350 fogos.

Em 1768, tinha 150 fogos.

Orago, Santo Adrião.

Bispado do Porto, districto administrativo de Villa Real.

Os marquezes d'Abrantes, apresentavam o abbade, que tinha 1:400$000 réis de rendimento annual.

Foi abbade d'esta freguezia, o distinctissimo escriptor, *Diogo Barbosa Machado* (vulgarmente—*Abbade de Sevêr)* natural de Lisboa, e fallecido n'esta mesma cidade, em 1772. Era academico, da Academia Real da Historia Portugueza.

As suas principaes obras são:

Bibliotheca lusitana, historica, critica chronologica. Na qual se comprehende a noticia dos auctores portuguezes, e obras que compuseram, desde o tempo da promulgação da Lei da Graça, até ao presente. Offerecida á Augusta Magestade de D. João V—quatro volumes, impressos: o 1.º, em 1741—o 2.º, em 1747—o 3.º, em 1752—o 4.º, em 1759.

É obra ainda hoje muito estimada, e em poucas livrarias se encontra completa, custando, quando apparece, 60$000 réis. D'ella foi mandado um exemplar, á exposição de Paris, de 1867.

Memorias para a historia de Portugal, que comprehendem o governo d'el-rei D. Sebastião, desde o anno de 1554 até ao de 1561. Quatro volumes, com o retrato do rei D. Sebastião e formosas vinhetas, alem de uma gravura de pagina em aço, repetida em cada volume.

É tambem obra de grande estimação, e pouco vulgar.

Elogio funebre do beneficiado Francisco Leitão Ferreira, recitado no paço.

Escreveu ainda outras varias obras de incontestavel merecimento.

Foi seu irmão o doutor *Ignacio Barbosa Machado* (padre) que tambem foi um escriptor distinctissimo.

Vide 4.º volume, pagina 327, columna 2.ª

—

Antigamente escrevia-se *Cevêr*, e talvez seja mais etymologico, se se derivar de *Ceveira*, que no portuguez antigo significava toda a especie de cereaes.

—

No seculo XVII pertencia á comarca do Riba-Tâmega, e tinha 120 fogos.

Havia então n'esta freguezia trez ermidas publicas—Nossa Senhora da Conceição, Santa Margarida, e S. Martinho.

É terra fertil e fica proximo da margem direita do Douro, que a abastece de optimo peixe.

SEVÊR, ou **CEVÊR**—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Moimenta da Beira (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Leomil) 12 kilometros de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1768, tinha 160.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

Bispado de Lamego e districto administrativo de Viseu.

É terra fertil.

Esta freguezia não vem no *Portugal Sacro e Profano*, nem na *Historia ecclesiastica da cidade e bispado de Lamego*, que se publicou em 1878.

SEVÊR ou CEVÊR, DO VOUGA—villa, freguezia e cabeça do concelho do seu nome, na provincia do Douro, comarca d'Agueda (foi da extincta comarca d'Esgueira) bispado e 48 kilometros ao O. de Viseu, districto e 26 kilometros ao NE. d'Aveiro, 264 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1764 tinha 127.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 600$000 réis de rendimento annual.

Fica 2:500 metros ao ONO. da margem esquerda do rio Vouga.

O concelho de Sevêr do Vouga é composto

de 8 freguezias — Cedrim, Couto de Esteves, Paradella, Pecegueiro do Vouga, Rócas, Sevêr do Vouga, e Silva-Escura, todas do bispado de Viseu, e Talhadas, no bispado de Aveiro. Todas com 1:850 fogos, e 7:800 almas.

É povoação mais antiga do que a monarchia portugueza; mas não consta que tivesse foral velho; só se lhe fosse dado por seu antigo senhor, Soeiro Gondezindes.

O rei D. Manoel, deu foral novo á *villa de Vouga*, em Lisboa, a 18 de março de 1514. *Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 84, v., col. 1.ª — e ao concelho de Sever do Vouga, a 29 d'abril do mesmo anno de 1514. *Livro de foraes novos da Extremadura*, . 173, col. 2.ª

—

No seculo x pertencia a herdade e o mosteiro de Santo André e S. Christovam, de Sevêr, a Soeiro Gondezindes e sua mulher, que os legaram ao abbade Jacob, o qual morreu sem deixar herdeiros, pelo que a doação voltou para os filhos dos doadores, e estes deram tudo ao padre Guadino e ao diacono Sandino, sob a condição d'ahi viverem monasticamente. Em 1005, Sandino Didaz vendeu o mosteiro a Froila Gonçalves. Em 1018, a condessa D. Tóda, prima de Froila, e sua herdeira, em cumprimento do testamento de Froila, entregou ao mosteiro da Vaccariça (Mealhada) todos os bens que elle possuia, desde o *monte Zebrario* até ao rio Vouga, incluindo o mosteiro, com todas as suas rendas e dependencias, e as aldeias de Paradella, *Abolini*, *Salas*, S. Martinho, e a herdade de Nespereira.

Em 1094, o mosteiro da Vaccariça foi unido á Sé de Coimbra, pelo que deixaram de existir, tanto o da Vaccariça como o de Sevêr.

—

Pelos annos de 1135, o famoso abbade, *mestre João Cirita*, de que varias vezes se tem allado n'esta obra, fundou em Sevêr um mosteiro da invocação de S. Thiago, para eremitas, os quaes, em 1141 se uniram aos do mosteiro de Tarouca, e adoptaram a sua regra (benedictina) doando-lhes a sua egreja de S. Thiago e suas dependencias.

Em novembro do mesmo anno de 1141, D. Affonso Henriques coutou a egreja de S. Thiago (*Ecclesiae S. Jacobi, de Sever et ipsis Monachis qui ibi habitant... et omnibus aliis, qui ibi Monasticum ordinem in presentiarem tenent, vel tenebunt per manus Johannis Taraucensi Abbatis* — Documento de Viseu e Tarouca).

Parece que n'outros tempos, Sevêr era povoação de menos importancia do que Pecegueiro, porque nas *Inquirições reaes* mandadas fazer, em 1250, por D. Affonso III, se diz:

«Na *aldeia de Sever de Pecegueiro de Vouga* tem a ordem do Spital hum casal, que paga a terça do que matar no rio, e as *primariças* (primeiras lampreias que se pescam em cada anno) *que ha a dar a El-Rey*, e *rousso*, e *omezio*, e *merd*... en bôca». (Doc. da Torre do Tombo).

Em 897, Gondesindo, fez ao mosteiro de S. Salvador de Lavra, uma larga doação na qual se comprehendia Varzea de Carvoeiro, *Rigas* (?) Esmoriz, e Sevêr, em Riba Vouga.

Vê-se pois que ha quasi mil annos já existia a povoação de Sevêr do Vouga, com o mesmo nome actual.

Nas sentenças do rei D. Diniz sobre as *honras*, e no titulo pertencente ao *julgado de Sevér a par do Vouga*, se diz:

«Em a freguezia de Santa Marria de Sevêr, o couto, chamado da *Hermida*, que é de S. Thiago de Tarouca — e o couto, chamado de *Legiôo*, que foi de Johani Barvudo — e outro couto, chamado de *S. Fins*, que foi de Fernão Rodrigues Pacheco [1].»

O couto de S. Fins era o solar dos Pachecos, de Cambra, familia hoje extincta.

Estes coutos, já no fim do seculo XIII eram tão antigos que se não sabia quem os havia coutado.

—

[1] Este Fernando (ou Fernão) Rodrigues Pacheco, é o famoso alcaide-mór de Celorico da Beira, que em 1245 não quiz entregar o seu castello ao conde de Bolonha, depois D. Affonso III, imitando o outro brioso alcaide-mór, Martim de Freitas. (Vide *Celorico da Beira* e *Coimbra*).

Tanto a freguezia como todo o concelho de Sevêr, é terra muito fertil em todos os generos agricolas do nosso paiz, muito abundante de aguas, pelo que ha muitos prados em que se criam gados de toda a qualidade. As suas laranjas—principalmente as de Pecegueiro—são deliciosas.

O rio Vouga lhe fornece variado e saborosissimo peixe.

As vitellas d'este concelho são eguaes ás de Lafões, na delicadeza de gosto.

—

Disse que a familia dos Pachecos de Cambra, que possuiram o couto de S. Fins, esava extincta, e assim é; mas não está extincta a familia dos Pachecos, de Sevêr do Vouga. Em outubro de 1876, aqui falleceu Joaquim Alvaro Telles de Figueiredo Pacheco, um dos mais abastados proprietarios e capitalistas d'estes sitios. Deixou descendencia. Ainda vive seu irmão, o sr. dr. Guilherme Telles de Figueiredo Pacheco, formado em medicina pela universidade de Coimbra, e actualmente director clinico do hospital civil da praça de Vallença do Minho (Vide *Vallongo do Vouga*).

—

São n'este concelho as famosas minas de chumbo argentifero do *Braçal*, *Malhada*, e *Coval da Mó*. Era seu concessionario Diedrick Mathias Fewerheerd (allemão) e por decreto de 12 de março de 1877, foi approvada a transmissão da propriedade d'estas minas, para a sociedade denominada *Administração das minas do Braçal*, composta da viuva e herdeiros do referido concessionario.

SEZELHE—freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e 6 kilometros ao O. de Montalegre, 66 ao NE. de Braga, 90 fogos.

Em 1768, tinha 88.

Tem dous padroeiros, Santo André e São Martinho.

Arcebispado de Braga.

Districto administrativo de Villa-Real.

O vigario (collado) tinha 90$000 réis e o pé de altar. Era apresentado pelo reitor de Montalegre.

Eram duas freguezias que se uniram no principio do seculo XVIII — *Sezêlhe*, da qual é orago Santo André, apostolo — e *Travaços do Rio*, de que é padroeiro S. Martinho, bispo. Ainda existe no logar de Travaços a antiga matriz, reduzida a capella.

Fóra e a pouca distancia de Travaços, existe outra capella publica, dedicada ao martyr S. Sebastião.

Esta freguezia está situada sobre a margem direita do Cávado, e sobre a esquerda do Rio-Máu, e na parte meridional da serra da Mourella, que faz parte da cordilheira de montanhas que se projectam das serras de Larouco e Geréz. Pelo N. confina com a Galliza.

É terra pouco fertil, apenas produz centeio, batatas, nabos, linho, algum milho e pouco trigo: cria porém muito gado de toda a qualidade, e é abundante de caça.

O rio Cávado, corre ao S. da freguezia, e o Rio-Máu, pelo O.

—

Philippe José d'Andrade (ou Philippe José Gonçalves de Andrade) nasceu na aldeia de Travaços do Rio, a 12 de fevereiro de 1753. Foi cirurgião-mór do governo militar do Algarve, por carta regia de 2 de março de 1788, e agraciado com o habito de cavalleiro da ordem de S. Thiago da Espada, por outra de 2 de julho de 1791.

Depois de viver alguns annos no Algarve e em Lisboa, retirou-se para a sua terra natal. Morreu no logar e freguezia de Cabril, concelho de Montalegre, a 12 de junho de 1833.

Escreveu uma *Memoria com respeito á peste*, que foi coroada pela faculdade de medicina de Paris, em 1775. Foi impressa na *Regia Officina Typographica*, Lisboa, 1788. É um livro de 166 paginas, em oitavo.

SEZIM — Antiga e nobre casa vinculada, junto á cidade de Guimarães. Foi instituido o morgado em 17 de dezembro de 1451, por Affonso Vasques Peixoto, fidalgo da casa real.

N'esta casa entrou depois a varonia dos Freitas, que procede de Martim de Freitas, o famoso alcaide-mór de Coimbra, em 1245. Parece que n'esta casa está representada a descendencia d'este leal cavalleiro, pois que

no seu testamento manda que o seu cadaver seja enterrado na sua capella de S. Braz, na collegiada de Guimarães, e cuja capella pertence a este morgado; mas não teve effeito esta disposição, e o egregio alcaide-mór está sepultado na capella de S. Geraldo, da Sé de Braga.

É actual representante da casa de Sezim (por fallecimento de sua mãe, D. Anna Margarida de Freitas do Amaral Castello-Branco) o sr. Paulo de Mello e Sampaio de Freitas do Amaral, feito primeiro barão de Pombeiro de Riba-Visella, em duas vidas, no dia 11 d'abril de 1851.

SEZULFE—villa, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Macedo dos Cavalleiros (foi da extincta comarca de Chacim e supprimido concelho dos Cortiços) 35 kilometros de Miranda do Douro, 420 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1768, tinha 50.

Orago, S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A mitra apresentava o vigario, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É povoação muito antiga e foi cabeça de concelho. Affonso Rodrigues, procurador de el-rei, em Bragança, lhe deu foral, a 15 de março de 1302, e D. Diniz I o confirmou, em Beja, a 3 de maio do mesmo anno.

O rei D. Manoel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 22 de julho de 1514. (*Livro de foraes novos de T. M.*, fl. 24 v., col. 1.ª)

É n'esta freguezia a ermida de *Nossa Senhora das Flores*, que foi a egreja de um hospicio de clerigos da congregação do Calvario, fundado pelo dr. Jeronymo Ribeiro, chantre da Sé de Coimbra.

SEZURES—Ambas as freguezias d'este nome ficam descriptas em *Cezures*.

SHEBERINA—nome que os árabes davam á villa de Sérpa.

SIA—portuguez antigo—*estava*.

SIBANA—portuguez antigo—cabana, barraca, choupana, tenda de campanha, etc. (Documento do mosteiro de Grijó, de 1598.)

SIBRÃO (São)—Vide *Cibrão*.

SICOURO—Vide *Cicouro*.

SIDNA—É grande o respeito consagrado pelos arabes a Jesus Christo e a sua Santissima Mãe.

Para elles, com effeito, *Sidna Aissa ben Meryen* (Nosso Senhor Jesus Christo Filho de Maria) foi um grande propheta. Desde que deixou a terra está no reino do céo, perto de Allah, e está encarregado especialmente de guardar o grande livro da vida de cada homem, onde são descriptas todas as acções boas e más, sem nenhuma excepção. No dia de juiso elle descerá á terra com os outros prophetas, Abraham, Moysés, Mahomet e outros encarregados por Deus de compôr o tribunal incumbido de julgar cada mortal e *Christo presidirá a este tribunal*.

Tambem consideram Maria Santissima como uma virgem escolhida por Deus, que o foi antes e continuou a ser depois do parto.

É de notar que esta crença se encontra até nas tribus nomadas dos Musulmanos.

SIEDA—portuguez antigo—cadeira do juiz, no tribunal: hoje diz-se *Sêda*.

SIGRO—portuguez antigo—seculo. Tambem se dizia *segre*.

SILADAS—Vide *Ciladas*.

SILGUEIROS—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho, districto, bispado e 9 kilometros ao S. de Viseu, 275 ao N. de Lisboa, 850 fogos.

Em 1768, tinha 450.

Orago, Nossa Senhora da Natividade (o *Portugal sacro e profano* diz que é Nossa Senhora da Assumpção).

O morgado do Loureiro apresentava o abbade, que tinha 350$000 réis de renda annual.

A egreja matriz foi fundada por João Annes do Loureiro. (Para evitarmos repetições, vide o paragrapho *Alcaides-móres de Portalegre*, volume 7.º, paginas 222, columna 1.ª e seguintes).

É povoação antiquissima. A freguezia principiou em uma ermida dedicada a *Nossa Senhora de Silgueiros* (ou da Assumpção) fundada em tempos remotos [1] por Danianel (ou

[1] A escriptura de doação (em latim) foi feita em setembro de 1223, *regnante Rege nostro D. Sancio.* Vem a ser D. Sancho II,

Daniel) e sua mulher, D. Sancha Gonçalves, pessoas nobres e muito ricas, que deram á Senhora uma grande propriedade, denominada *Quinta de Silgueiros,* e todas as mais que possuiam, e as vincularam *in perpetuum,* para que dos seus rendimentos se sustentasse o culto da Senhora e se occurresse aos reparos da sua capella; dando tambem casas para residencia de um capellão, estabelecendo-lhe dos mesmos rendimentos a preciza congrua, e lhe deram tambem terras para seus passaes.

Para que o bispo de Viseu se não oppozesse a esta grande e valiosa doação, lhe deram os fundadores um bom casal, sob condição tambem do prelado sagrar a ermida.

Como a população fosse em grande augmento, d'ahi a poucos annos se constituiu em freguezia independente, e como a capella depois, com o decurso do tempo não tivesse a sufficiente capacidade para conter todos os parochianos, foi edificada a actual pelo dito João Annes do Loureiro, e é porisso que elle e os seus descendentes ficaram padroeiros da egreja até 1834.

A imagem da padroeira, é de pedra e de bôa esculptura, apezar da sua antiguidade, pois ainda é a primitiva.

Pelos annos de 1640 se erigiu a irmandade de Nossa Senhora da Assumpção, com 100 irmãos, todos da freguezia, e todos os clerigos que quizessem inscrever-se, por devoção, quer fossem d'esta, quer de outra freguezia. Os estatutos d'esta irmandade foram confirmados pelo papa Innocencio X, no anno de 1649, concedendo aos irmãos muitas graças e indulgencias, e quatro Jubileus perpetuos.

Segundo a tradição, a imagem da Senhora foi achada em uma matta, que então havia em sitio deshabitado e deserto, pelo que se lhe fez a ermida no logar onde hoje se vê a ermida de S. Bartholomeu. Passados tempos, arroteando-se a matta, se construiu no sitio da apparição, a egreja matriz actual.

que principiou a reinar em março d'esse mesmo anno de 1223. Já se vê que a escriptura é do anno de J. C., e não da era de Cesar.

Os Loureiros, de Silgueiros

Tendo fallado na familia dos Loureiros, fundadores e padroeiros d'esta egreja, cumpre-me dizer:

Foi n'esta freguezia, na quinta do Loureiro, o solar da familia, de appellido Loureiro (tomado da tal quinta) familia muito antiga, pois data dos nossos primeiros reis. Não consta porém se tinha antigo brasão d'armas antes de João Annes Loureiro, fundador da egreja, casar com D. Catharina de Figueiredo: desde então principiaram a usar das armas dos Figueiredos.

D. João III accrescentou estas armas a Luiz Loureiro, adail-mór do reino, e do seu conselho, por carta regia de 6 de junho de 1551; ficando assim construidas — escudo esquartelado; no 1.º quartel, de púrpura, um torreão de prata, e arrimada a elle, uma escada d'oiro; no 2.º e 3.º, de vermelho, cinco folhas de figueira, verdes, perfiladas d'ouro (Figueiredos) — o 4.º, dividido em palla — na 1.ª d'ouro, bandeira de púrpura, de duas pontas; na 2.ª, de vermelho, uma bandeira de prata, tambem de duas pontas, e ambas com ferros da sua côr, e astes de ouro. Elmo aberto; e por timbre, dous braços de leão, de púrpura, em áspa, e uma folha de figueira, do escudo, em cada garra, e no meio um busto d'homem de frente, com as mãos atadas com cordas d'ouro.

Outros do mesmo appellido, trazem por armas — escudo esquartelado — no 1.º e 4.º, de púrpura, castello de prata e um homem arrimado a uma escada d'ouro — no 2.º e 3.º, em campo d'ouro, bandeira de prata, com hastea d'ouro. O mesmo êlmo e timbre.

Ainda outros Loureiros, alteraram o seu brazão, em consequencia de allianças com senhoras de outros appellidos.

—

Ha n'esta freguezia uma linda ermida, dedicada a Nossa Senhora das Necessidades, mandada construir por um devoto e á sua custa. Foi benzida a capella no dia 5 de junho de 1876, e n'esse mesmo dia se disse a primeira missa, vindo a imagem da Senhora, de casa do fundador, em solemne procissão, e com todas as demonstrações de re-

gosijo publico costumadas em taes occasiões.

O povo da freguezia e o das circumvisinhas, principiou a ter logo muita devoção com a Senhora das Necessidades, levando-lhe muitas offertas, e fazendo-lhe annualmente uma sumptuosa festividade.

—

É terra muito fertil, populosa e rica, e seus habitantes sobremodo hospitaleiros, trabalhadores e de bons costumes.

SILVA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos. — Vide *Calendario.*

SILVA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho e 12 kilometros de Miranda do Douro, 480 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1786, tinha 76.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Pertenceu antigamente ao termo da villa d'Algoso, e depois foi da comarca de Mogadouro, mas do mesmo concelho de Miranda.

O abbade de Villar-Sêcco, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

—

Mesmo no logar da Silva, está a ermida de Nossa Senhora do Rosario, construida pelos annos de 1430. Estando bastante arruinada, se demoliu para construir a actual pelos annos de 1700.

Segundo a tradição, uns missionarios do convento dominicano de Villa-Real, vindo aqui prégar, é que pediram ao povo que fundasse a primittiva ermida, ao que elle logo annuiu. Fazia-se a festa á Senhora no dia de S. Marcos, evangelista (25 d'abril) que era concorridissima.

Os mesmos frades instituiram logo uma irmandade do Rosario, para a qual obtiveram muitas graças e indulgencias.

Antigamente hiam á ermida, pelo decurso do anno, varias procissões e ladainhas.

A irmandade de que fallei, era de seculares, e passados annos se instituiu uma outra de ecclesiasticos, que tambem festejavam a padroeira, no 8.º dia da Ascenção do Senhor.

A ermida é toda de cantaria (de que no sitio ha grande abundancia) e tem altar-mór e dous lateraes.

Debaixo do altar-mór ha uma fonte, de excellente agua, que nunca sécca; e fóra da ermida, ao lado da capella-mór, outra fonte com uma bicca e tanque, tudo de boa cantaria, construida com bastante magnificencia. Em volta d'esta fonte ha um bello souto de castanheiros e outras arvores silvestres, que fazem o sitio muito aprasivel.

Tambem fóra da capella está a residencia do eremitão, que era tambem apresentado pelo abbade de Villar-Sêcco.

SILVA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Vallença, 54 kilometros ao N.O. de Braga, 415 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 176.

Orago, S. Julião.

Arcebispàdo de Braga, districto administrativo de Vianna.

O papa e a mitra apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 250$000 réis de rendimento.

De metade do rendimento d'esta freguezia se tinha feito um beneficio simples, que depois o rei D. Diniz, em 1308, deu a D. João Fernandes de Souto-Maior, bispo de Tuy, recebendo d'este outro em troca.

Já se vê que esta povoação, mesmo como parochia, é muito antiga.

É n'esta freguezia a *torre da Silva*, solar de um ramo de Silvas, que pretendem descender de Eneas Silvio. Outros da mesma familia contentam-se em ser descendentes de D. Fruella 2.º, rei de Leão, por seu filho, o infante D. Ordonho, *o Cégo*, e pelo filho d'este, o conde D. Payo, que viveu no meiado do seculo x. — D'este foi filho, D. Guterre Paes da Silva (o 1.º que tomou o appellido Silva) e foi governador da *Terra da Maia*, que n'esse tempo se estendia desde a margem direita do Douro até á esquerda do Lima.

Foi seu filho, D. Payo Guterres da Silva, governador de Aláva (Hespanha) pae de D. Guterres Alderete da Silva, que ajudou o rei D. Fernando Magno a conquistar aos mouros, a cidade de Coimbra, em 1037.

É n'este D. Guterres que os *nobiliarios* põem o tronco d'esta familia.

Ha outros Silvas que se dizem descenden-

tes de Otho Silvio, romano, governador na Lusitania, no tempo de Nero, e que depois foi tambem imperador.

O que é certo é ser a familia dos Silvas nobilissima e muito antiga nas Hespanhas.

D. Guterre Alderete da Silva veio para Portugal, pelos annos de 1040, e fez assento n'esta torre, que desde então se denominou *da Silva.*

Na aldeia do Cerdal possuiu o mesmo D. Guterre, uma quinta á qual pôz o nome de *Alderête.*

Esta familia tambem teve depois uma grande casa em S. Julião do Calendario, proximo á villa de Barcellos, mas o seu principal solar foi n'esta torre da Silva e no Cerdal.

Succedeu-lhe seu filho, D. Payo Guterres da Silva, governador de Portugal, por D. Affonso VI, de Leão e Castella, e rico-homem do tempo do conde D. Henrique, e de seu filho D. Affonso I de Portugal, que o nomeou governador do castello de Leiria, que havia mandado construir em 1135, anno em que, pela primeira vez, tomou esta praça aos mouros.

Na Torre do Tombo (Maço 8.º, n.º 1, de foraes antigos) está o foral, segundo o qual, D. Affonso VI, de Leão e Castella, deu fôro de villa e coutou a povoação de Cucujães (hoje do concelho d'Oliveira de Azemeis) no anno de 1058, quando governava Portugal o mesmo D. Payo Guterres da Silva.

Depois D. Affonso Henriques deu ao mosteiro benedictino d'esta freguezia, em 7 de julho de 1139, o couto de Cucujães, que seu avô tinha instituido.

O mosteiro de Cucujães tinha sido fundado por Egas Moniz, *o Gasco*, pelos annos de 1004, e o fundador n'elle foi sepultado. (Vide VI vol., pag. 268, col. 1.ª e seguintes.)[1]

D. Payo Guterres da Silva, achando este mosteiro pobre e acanhado, o reconstruiu e ampliou em 1060. Tambem foi o fundador dos mosteiros da Junqueira, e Villella, e reedificou o de Tibães.

Consta que este D. Payo residiu na freguezia de Silva-Escura, mas não se sabe se na que actualmente pertence ao concelho de Sevêr do Vouga, se na do concelho da Maia.

Foi seu filho, D. Pedro Paes Escocha, que coutou Tibães, e D. Gomes Paes, que foi conde e ultimo alcaide-mór do castello de Santa Eulalia, no campo de Coimbra. (Vide v vol., pag. 513, col. 1.ª)[1]

Em Hespanha ha vinte e tantos titulares, procedentes d'esta familia, da qual tambem procedem os principes de Milêto, na Italia. Em Portugal tambem pertenceram a esta familia, os marquezes de Gouveia, de Alemquer, Alegrête e Vagos; os condes de Portalegre, Unhão, Villar-Maior, Aveiras, S. Lourenço, e S. Thiago de Bedoido; e outras muitas e nobilissimas familias d'este reino.[2]

Diz-se que o primeiro brazão d'armas dos Silvas, foi dado por D. Affonso, de Leão, a Martim Gomes da Silva.

—

Os manuscriptos da casa Palmella confirmam o que fica dito com respeito a esta familia, accrescentando que D. Guterre Paes Alderête foi casado com D. Maria Peres de Ambia, na Galliza, de cujo matrimonio tiveram um filho unico, que foi o tal D. Payo Guterres da Silva, o qual casou com D. Sancha Annes, de Monte-Mór-Velho, e teve descendencia.

Teve por armas — em campo de prata, leão de púrpura, lampassado de azul — êlmo de aço aberto, e por timbre o leão do escudo.

As armas d'esta familia, com o leão coroado d'ouro, accrescentaram os condes de Aveiras; e em orla, uma silva verde.

[1] Este Egas Moniz, veio para Portugal com o bispo do Porto, D. Nonego.

[1] Foi n'este castello que o fallecido escriptor, Luiz Augusto Rebello da Silva, fez representar as scenas mais interessantes do seu bello romance — *Odio velho não cansa.*

[2] Em nossos dias, foi feita baroneza da Silva, em 5 de janeiro de 1837, D. Eugenia Candida da Fonseca Silva Mendes — barão da Silva, em 14 de setembro de 1855, José Antonio Ferreira da Silva — e visconde da Silva, em 25 de janeiro de 1872, Joaquim Antonio d'Araujo e Silva.

Ainda temos mais — barão da Silva Gameiro, e viscondes da Silva Carvalho e da Silva Monteiro.

Os Silvas, descendentes de D. Pedro da Silva, trazem por armas — escudo esquartelado, no 1.º e 4.º, de púrpura, seis bezantes d'ouro entre uma dobre cruz, e bordadura do mesmo — no 2.º e 3.º, de prata, leão azul, e por timbre uma aguia negra, abezantada d'ouro.

Os Silvas procedentes da casa de Unhão, trazem por armas — escudo esquartellado, no 1.º e 4.º, d'ouro lizo — o 2.º e 3.º, de prata, leão de púrpura. Timbre uma donzella com um escudo d'ouro na mão.

—

O terreno d'esta freguezia é sobremaneira fertil em todos os generos agricolas do nosso paiz; cria muito gado, e o rio Minho, que lhe fica perto, abastece a população de optimo peixe, que do mar tambem lhe vem, pelo rio e por a estrada real.

SILVA — freguezia, Minho, no mesmo bispado, districto administrativo, comarca e concelho do antecedente, que lhe fica contigua, e em tudo as mesmas distancias.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Natividade.)

Tem 100 fogos.

Em 1768, tinha 81.

Foi curato filial de S. Julião da Silva.

Os monges cistercienses, do mosteiro de Oia, na Galliza, apresentavam o abbade, que tinha 250$000 réis de rendimento. Depois, passou o direito de apresentação para o arcebispo de Braga, porque o primeiro marquez de Pombal não consentiu que os estrangeiros tivessem o direito de apresentação n'este reino.

Esta freguezia, como a antecedente, é fertil, e o rio Minho e o mar a abastece de excellente peixe.

Ha aqui a ermida de Nossa Senhora da Conceição, que foi dos Mendes Caldas.

No logar da Cruzeira d'esta freguezia, existem os restos de um grande castello ou fortaleza, de forma circular, com seu fosso. E a tiro de espingarda d'estas ruinas, ha um logar chamado *Madôrra*, corrupção de *Modôrra*, portuguez antigo, que signica monte de pedras miudas, de fórma conica, que depois se veio a chamar *Fieis de Deus*. Talvez o nome lhe provenha de alguma mâmoa celtica que aqui existisse. (Vide 3.º vol., pag. 185, col. 2.ª — e 5.º pag. 45, col. 1.ª)

No sitio chamado *Arraial da Silva*, existem vestigios de uma bastida ou trincheira, que alli se construiu em 1801, contra castelhanos e francezes.

Na quinta da Granja, que fica perto da egreja matriz, ainda existem dous grandes fornos, que se diz terem sido feitos pelo mesmo tempo, para coserem pão para a tropa e povo que defendia a tal bastida.

SILVÃ — Vide *Silvan*.

SILVA-ESCURA — freguezia, Douro, comarca d'Agueda, concelho de Sevêr do Vouga, d'onde dista 5 kilometros ao N.O., 45 ao O.N.O. de Viseu, 270 ao N. de Lisboa, 310 fogos.

Em 1768 tinha 230.

Orago, S. João Baptista.

Bispado de Viseu, districto administrativo d'Aveiro.

Os condes de Penaguião, que depois foram marquezes de Fontes, e por fim os marquezes d'Abrantes, seus herdeiros, apresentavam o abbade, que tinha 700$000 réis de rendimento annual.

Esta freguezia está situada entre serras e proximo a Rio-Máu.

É terra muito fertil em todos os fructos do nosso clima, e cria muito gado de toda a especie e de optima qualidade. Os seus montes são abundantes de caça.

Os temporaes de janeiro e fevereiro de 1879, causaram enormes prejuizos n'esta freguezia.

—

São aqui as famosas minas do *Coval da Mó* e do *Braçal*. (Vide *Ribeira de Fráguas*.)

Tem havido varias questões, desordens e demandas por causa do terreno em que estão as minas do Coval da Mó, causadas por a falta de marcos entre a freguezia da Silva-Escura e a de Ribeira de Fraguas, que pertence ao concelho de Albergaria - Velha, de modo que, quando qualquer individuo descobre uma mina n'estes terrenos, manifesta-a no

concelho de Sevêr; e outro manifesta a mesma mina no concelho d'Albergaria-Velha.

N'este estado de cousas, é impossivel deixar de haver conflictos.

As minas de Coval da Mó, são dependencia das do Braçal. (Vide *Albergaria-Velha, Braçal, Palhal*, e *Ribeira de Fráguas*.)

Em julho de 1876, o sr. Francisco Dellof Fewerheerd, foi declarado descobridor legal da mina de ferro, da capella de Santo Antonio, nas freguezias de Ribeira de Fráguas e Silva-Escura. (Este acautelou-se.)

—

No principio do seculo 18.° pertencia esta parochia ao arciprestado e concelho de Lafões (hoje Vouzella) á comarca de Coimbra, e á provedoria d'Esgueira.

Esta povoação é mais antiga que a monarchia portugueza, mas o documento mais velho que d'ella encontro, é do fim do seculo 13.°, e existiu no cartorio do mosteiro de Grijó — diz assim — *Desserom, que na Aldea de Silva Escura ha El-Rey quatro Casaes... e devem a dar per Paschoa dous queijos, com senhas* (suas) *fazeduras de manteiga, e com cinco ovos, e senhos* (seus) *feixes de lenha pera a fogueira.* (*Inquirições de El-Rei D. Diniz.*

—

A povoação de Silva Escura está situada em um ameno e fertilissimo valle, entre as serras altissimas do *Arestal*, que lhe fica a E., e *Folgoso*, ao O.

Diz-se que o nome da povoação lhe provem, de ser todo este valle, em tempos remotos, um denso bosque e matagal.

Rega-o a caudalosa ribeira que com o nome de *Rio-Bom*, desce da serra do Arestal, e que depois, perdendo o nome que tem no principio, toma o de *Rio-Mau*.

—

Esta freguezia é a ultima que o bispado de Viseu tem para O.N.O. — Segue-se a freguezia de Ribeira de Fráguas, que já pertence ao bispado d'Aveiro. Tambem é aqui — como fica dito — a divisão dos concelhos de Albergaria-Velha e de Sevêr do Vouga, ambos porém na comarca d'Agueda, districto administrativo d'Aveiro.

—

Ha na povoação de Silva-Escura a pequena mas bonita ermida de Nossa Senhora da Graça, tão antiga que se ignora quando ou por quem foi construida. Estando muito arruinada, o abbade da freguezia, Belchior de Brito Robles, a reedificou, pelos annos de 1660, o que consta de uma inscripção quasi illegivel, gravada em uma pedra, embutida na parede do lado da Epistola.

Segundo a tradição, a primittiva egreja matriz era no alto da serra, e o povo do valle mandou fazer esta ermida, para n'ella ouvir missa nos dias sanctificados.

Em anno que se ignora, estando a egreja matriz a ameaçar imminente ruina, se demoliu, construindo-se a actual proximo á aldeia de Silva-Escura.

A ermida tem apenas 7 metros de comprido por 3,50 de largo, e só tem o altar principal. A imagem da padroeira é de pedra, de meio metro de alto e de bôa esculptura. A sua festa se fazia a 15 de agosto.

Em 1682, foi a ermida restaurada á custa do povo da freguezia.

(Vide *Sevêr do Vouga*.)

—

Em agosto de 1862, uma turbamulta, do concelho de Sevêr e dos immediatos, se dirigiu amotinada ao estabelecimento das minas e ahi fez estragos de muita importancia, sob pretexto de que o fumo das fornalhas das minas metalicas d'esta freguezia e das de Ribeira de Fráguas, produzia o *oidium*. O governo, para indemnizar a empreza, apresentou ás cortes uma proposta de lei, pela qual era auctorisado a contractar com o concessionario, a construcção de um caminho de ferro do systema americano, que pozesse em communicação com o rio Vouga os estabelecimentos das minas do *Braçal, Malhada*, e *Coval da Mó*.

Esta proposta foi approvada e convertida na lei de 25 de junho de 1864, e o contrato celebrado celebrado a 27 d'agosto do mesmo anno.

Concedeu a lei uma subvenção de 3$000 réis por cada metro corrente, com expressa declaração, de que o proprietario não terá direito, em tempo algum, de reclamar outra qualquer indemnisação por damnos ou lucros cessantes.

O terreno concedido para a exploração d'estas minas é 3.600:000 metros quadrados.

Na mina do Braçal, os trabalhos subterraneos já excedem a 130 metros de profundidade, e empregam-se n'estes trabalhos 230 operarios; e nos exteriores 150. Nos fornos, 40.

Os terrenos mais ricos são os da mina do *Braçal*, pois teem dois a tres metros de metal puro!

Duas rodas hydraulicas são empregadas no esgoto dos poços e galerias, e extração e preparação do minerio.

Junto á mina do Braçal, na margem esquerda do Rio-Máu, construiu o concessionario, em 1863, uma officina para fundição, a que deu a denominação de *Dom Fernando*, a qual produz, aproximadamente, 700 toneledas de chumbo.

(É importante ver *Valle-Maior*, no concelho d'Albergaria-Velha.)

SILVA-ESCURA—freguezia, Douro, concelho da Maia, bispado, districto administrativo, comarca, e 12 kilometros ao N. do Porto, 150 fogos.

Em 1768, tinha 91.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora do Ó.)

Fica 323 kilometros ao N. de Lisboa.

O papa, a mitra e o mosteiro benedictino de Sancto Thyrso, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 500$000 réis de rendimento annual.

É terra muito fertil, como são todas as da Maia. Cria muito gado bovino, que exporta para a Gran-Bretanha.

Ha n'esta freguezia uma antiga ermida dedicada a Santo Antonio de Lisboa.

SILVALDE — freguezia, Douro, comarca e concelho da Feira, 15 kilometros ao S. do Porto, 300 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1768 tinha 160.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Bispado do Porto e districto administrativo de Aveiro.

O papa, a mitra e os conegos regrantes do mosteiro de Grijó, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 350$000 réis de rendimento annual.

É terra fertil.

Fica na costa do Atlantico.

—

No dia 24 de junho de 1874, a mulher do jornaleiro Marcellino Alves, do logar do Covêllo, d'esta freguezia, deu á luz QUATRO creanças, tres do sexo masculino e uma do feminino. Todas nasceram vivas e foram baptizadas, fallecendo com poucas horas de vida.

—

Ha n'esta freguezia de Silvalde, uma escóla de tiro, com a denominação errada de Esmoriz, mas sem nenhuma condição requerida para tal fim. Está sempre imminente o perigo de alguma victima, o que ainda não ha muito succedeu, pois que uma bala matou um homem que passava pela carreira. Ha, porém, um caso grave a registrar, devido a malvadez e indisciplina militar, pois no dia 23 de outubro de 1879, pelas 8 horas da noute, percorriam os caminhos da freguezia alguns soldados, uns armados de espingardas e outros de paus, ameaçando de morte todos quantos encontravam. A um rapaz, filho de José Rodrigues Estrangeiro, que se dirigia a um serão, espancaram-o de tal fórma, que ficou quasi morto; o pae, que já estava na cama, logo que teve noticia d'este facto, dirigiu-se ao quartel, e quando estava a fazer a sua queixa, foi atravessado por tres balas, caindo morto, disparando-se em roda do quartel mais cinco tiros, e se não fosse já estar quasi toda a gente recolhida, haveria muitas victimas.

Com estes assassinatos, ficaram trez creancinhas orphans e todo o povo da freguezia consternado.

SILVAN DE BAIXO—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Satam. (Vide *Satam*, o 2.º) 21 kilometros de Viseu, 300 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Até fevereiro de 1876, foi da comarca de Viseu, e desde então, ficou pertencendo á nova comarca de Satam, que então se creou,

Em 1768, tinha 60 fogos.

Orago, S. Jeronymo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O reitor de Romans, apresentava o cura, que tinha 20$000 réis e o pé de altar.

—

No dia 28 de junho de 1876, uma medonha trovoada se desencadeou sobre esta freguezia e a de Rio de Moinhos (que lhe fica proxima e pertence ao mesmo concelho). Pelo meio dia, principiou uma chuva diluviana, que inundou todos os valles, e arrastou na sua queda, arvores, plantas e tudo quanto encontrou. Os regatos se tornaram em rios caudalosos, que tambem causaram prejuizos enormes. Os relampagos e os trovões não cessavam de aterrar os habitantes d'estes sitios.

Só duas horas durou a chuva, e foram bastantes para reduzir á mais completa nudez e desolação, os campos que pouco antes ostentavam a mais luxuriante vegetação!

—

O governo portuguez, julgando que na livraria do filho de Dom Francisco de Mello Manoel da Camara existiam as obras de Dom Francisco Manoel Mello (vide 4.º volume, pagina 312, columna 1.ª) lh'a comprou por 10:000$000 réis, e o titulo de conde da Silvan, em 9 de março de 1852. Infelizmente nem uma unica das obras do famoso auctor das *Epanophoras* se encontrou n'aquella livraria, mas os dés contos de réis lá ficaram em poder do sr. D. João de Mello Manoel da Camara, que foi feito conde da Silvan (segundo o tratado) a 13 de novembro de 1852.

Em julho de 1877, foi feito conde do mesmo titulo, em 2.ª vida, o sr. Dom Francisco de Mello Manoel da Camara, filho primogenito do primeiro conde da Silvan.

—

Portugal Sacro e Profano, dá a esta freguezia e á seguinte, o nome de *Silvão.*

SILVAN DE CIMA—freguezia, na mesma provincia da antecedente, e da mesma comarca, concelho, bispado e districto administrativo, e conservando as mesmas distancias.

Orago, S. Silvestre, papa.

140 fogos.

Em 1768, tinha 84.

O padroado real apresentava o abbade, que tinha 100$000 réis e o pé d'altar.

Foi villa e cabeça de um antiquissimo concelho do seu nome, ha muitos annos supprimido. O rei D. Manoel lhe deu foral, em Lisboa, a 20 de agosto de 1504. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 70, v., col. 2.ª).

SILVARES—freguezia, Minho, comarca e concelho de Fafe (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Guimarães) 30 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 85 fogos.

Em 1768, tinha 79.

Orago, S. Clemente.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O papa, a mitra e o abbade benedictino do mosteiro de Santo Thyrso, apresentavam alternativamente (cada um quatro mezes!...) o abbade, que tinha 320$000 réis.

É terra fertil; cria muito gado de toda a qualidade, e nos seus montes ha bastante caça.

SILVARES DE MONTE-LONGO—freguezia, Minho, Arcebispado, districto administrativo, comarca e concelho e as mesmas distancias da antecedente.

Orago, S. Martinho, bispo.

Tem 125 fogos.

Em 1768, tinha 102.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento annual.

É terra fertil.

SILVARES—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 18 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1768 tinha 117.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Esperança).

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O cabido da collegiada de Guimarães, apresentava o vigario, collado, que tinha 50$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil, e povoação muito antiga, pois D. Affonso III, estando em Santarem, lhe deu foral, em 16 de fevereiro de 1259.

(*Livro 1.º de doações de D. Affonso III*, fl. 39, col. 1.ª)

SILVARES — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Fundão, 54 kilometros da Guarda, 250 ao E. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1768 tinha 199.

Orago, Sant'Anna.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello-Branco.

O vigario do Castellejo apresentava o cura, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé de altar.

É terra fertil. Cria muito gado, principalmente miudo, e é abundante de caça.

SILVARES — freguezia, Minho, comarca e concelho de Lousada, 30 kilometros ao N. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 150.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Um dos conegos da Sé de Braga, apresentava o vigario, que tinha cem mil réis de rendimento annual.

É terra fertil.

SILVARES e **S. JOÃO D'AREIAS** — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Tondèlla, 18 kilometros de Viseu, 270 ao N. de Lisboa, 115 fogos.

Em 1768, tinha 80.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Natividade).

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O vigario de S. Thiago de Bésteiros e o de S. Miguel de Caparrosa, apresentavam alternativamente o cura, que tinha 19$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É povoação muito antiga. Em 1213, Dona Ouzenda Paes, senhora viuva, *por amor de Deus e temor do inferno*, doou ao mosteiro de Maceiradão, a *tertiam partem de totam villam de Silvares, cum pertinentiis suis. Et istud fació pro remedio animae meae, et ut sim Soror eorum.*

Depois (1227) a mesma Dona Ouzenda Paes, e sua filha, D. Froyle Pires, doaram ao mesmo mosteiro, muitos bens (por morte das doadoras) em Viseu, Silvares e Carregoso; obrigando-se os monges a dar-lhes, em quanto vivas, tudo o que tinham em Fagilde e na Granja de Felgozella — *e a cada uma das doadoras, seu alqueire de azeite e hum par de çapatos, todos os annos; e a ambas. 12 pescadas, e seis queijos, e huma Sarracena* (uma escrava moura para as servir) *e pitança como a um Monge da Communidade. E a D. Froyle, dés ovélhas e seis cabras, e huma junta de bôis, e duas vaccas, e huma porca.*

—

Foi villa e cabeça de um concelho ha muitos annos supprimido.

É terra fertil. Cria muito gado de toda a qualidade e nos seus montes ha bastante caça.

SILVARES — Vide *Areias* (S. João de) e *Silvares.*

SILVARES — No *Portugal sacro e profano*, 2.º vol., pag. 220, diz-se — «*Silvares*, freguezia, no bispado do Porto, tem por orago S. Miguel. O parocho é cura, da apresentação do reitor do collegio da Graça, de Coimbra, rende 30$000 réis. Dista de Lisbôa 57 leguas e do Porto, cinco. Tem 78 fógos.»

Não acho esta freguezia em mais parte alguma, nem mesmo no *Cathalogo dos bispos do Porto*, que tive de examinar em todas as comarcas da diocese, não achando em nenhuma d'ellas uma unica freguezia com o nome de Silvares.

SILVEIROS — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 15 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1768, tinha 72.

Orago, o Salvador e S. João Baptista.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 120$000 réis de rendimento, além do pé de altar.

É terra muito fertil. Gado e caça.

SILVES — Cidade, Algarve [1], cabeça do concelho e da comarca do seu nome, dis-

[1] *Algarve* deriva-se da palavra árabe *Al-Garb*. Significa Occidente. Foi este o nome que os mouros deram á antiga Turdetania. (Vide vol. 1.º, pag. 121, col. 2.ª).

tricto administrativo e 45 kilometros de Fáro, 225 ao S. de Lisboa, 1:300 fogos.

Em 1600 tinha apenas uns 600 fogos, e em 1768, tinha 740.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Conceição).

Bispado do Algarve.

A mitra apresentava o prior, que tinha 200$000 réis de rendimento annual.

Está em 37° e 18′ de latitude e 12° e 12′ de longitude N.

Foi por quatro seculos côrte dos reis mouros do Algarve e por muitos annos cabeça do bispado do seu nome e residencia dos seus bispos.

Está situada na encosta de um monte, sobre a margem esquerda do formoso rio de Silves, ou Portimão, que é aqui atravessado por uma bôa ponte de pedra.

É comarca de 1.ª classe, no districto judicial da relação de Lisboa.

Pertence á 4.ª divisão militar.

Tem estação telegraphica.

Em 1835 foi elevada a cabeça de comarca, mas logo no anno seguinte reduzida a um julgado da comarca de Lagos! Depois tornou a ser-lhe restituida a comarca.

O concelho de Silves é composto de seis freguezias, todas no bispado do Algarve, são —Alcantarilha, Algoz, Messines, Pêra, Serra, e Silves: todas com 5:300 fogos.

A comarca é composta de tres concelhos, que são—Lagôa, com 2:500 fogos—Monchique, com 2:000—e Silves, com 4:800. Total, 9:300 fogos.

Pertencia ainda a esta comarca, o concelho de Aljezur, composto unicamente da freguezia d'este nome e da sua annexa, Odesseixe, ambas com 700 fogos; mas este pequeno concelho foi supprimido por decreto de 23 de dezembro de 1873 e desmembrado da comarca de Silves, ficando a pertencer ao concelho e comarca de Lagos.

—

D. Affonso III lhe deu foral em Lisboa, em agosto de 1266. *(Livro 1.° de doações de D. Affonso III*, fl. 82, v., col. 1.ª)

O mesmo soberano deu foral ao mouros forros de Silves, em Lisboa, a 12 de julho de 1269. *(Livro 1.° de doações de D. Affonso III*, fl. 97, v., col. 1.ª).

O rei D. Manoel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 20 de agosto de 1504. *(Livro de foraes novos do Algarve*, fl. 8, v., col. 1.ª).

N'este foral se vê que Silves é reputáda em primeiro logar, para os privilegios de visinhança.

Foi *couto do reino* (ou de foragidos).

—

Fica esta cidade 24 kilometros ao NE. de Lagos, e 60, tambem ao NE., do Cabo de S. Vicente.

—

Segundo alguns geographos, foi esta cidade construida antes da vinda dos carthaginezes á nossa Peninsula, e os seus fundadores foram os phenicios, uns 900 annos antes de Jesus Christo.

Sustentam outros que os fundadores de Silves foram os *curetes* (cynetas, ou cynesios) povos da Grecia, que pelos annos do mundo 3:654 (450 antes de Jesus Christo) entraram, por mar, nas Hespanhas, onde fundaram varias povoações; mas o padre Salgado (*Memorias ecclesiasticas do Algarve*) diz que os curetes nunca vieram á Peninsula iberica, e que foram os phenicios os fundadores provaveis de Silves.

O que é incontestavel, segundo a opinião de todos os geographos e historiadores, é que, quando os romanos invadiram a Lusitania, já Silves era uma cidade de grande importancia. Todavia, não ha memorias certas d'esta cidade, antes do anno de 1060 de Jesus Christo, em que D. Fernando Magno, de Castella e Leão, a resgatou do poder dos mouros.

Alguns escriptores affirmam que este monarcha nunca passou para o sul do Mondego; mas a maior parte dos historiadores sustentam, com bons fundamentos, que elle chegou até á margem direita do Guadiana.

—

Pouco tempo depois de resgatada por Dom Fernando Magno, tornou a cahir em poder dos mouros, que a conservaram por 128 annos.

Em 21 de julho de 1189, D. Sancho I, de

Portugal, lhe poz um apertado cêrco, e foi entrada no 1.º de setembro do mesmo anno.

Nem todos os escriptores são concordes no anno da tomada de Silves aos mouros, por D. Sancho I. Uns dizem que foi em 1188, outros querem que fosse em 1189, e ainda outros pretendem que fosse em 1190. Vide adiante o que consta da *Memoria*, ou *Roteiro*, feito por um dos crusados que ajudou a esta conquista.

Eis como se effectuou esta conquista.

Uma furiosa tempestade obrigou uma secção da esquadra de crusados, da qual era chefe geral o imperador Frederico Barba-Roxa, a arribar a Villa Nova de Portimão, quando dos Paizes-Baixos navegava á Palestina. [1]

D. Sancho I estava então em Santarem, e logo mandou muitos refrescos á esquadra, e por fim conseguiu que os cruzados o ajudassem a tomar Silves (que era o asylo seguro dos piratas africanos que infestavam as nossas costas) *promettendo aos crusados, abandonar-lhes a cidade a saque, depois de tomada.*

Constava esta esquadra de umas 70 velas e era guarnecida por muitos fidalgos e populares da Dinamarca, Frisia, Hollanda, Flandres e outros paizes.

D. Sancho I, mandou ao conde D. Mendo de Souza (o *Souzão*) ao qual alguns dão o nome de *D. Mendo de Souza Zucano*, insigne capitão portuguez, que marchasse por terra com a sua gente, em direcção a Silves. Chegou elle a acampar junto á cidade, quando a esquadra fundeava no porto.

Quarenta dias durou o cêrco, até que a praça foi tomada, depois de bravissima resistencia, com muitas perdas dos christãos e grande mortandade dos mouros.

Os portuguezes e os seus alliados, apenas pozeram cêrco á praça, a investiram tão rijamente, que em pouco tempo tomaram os arrabaldes da cidade, que eram fortificados.

D. Sancho I estava em Lisboa a juntar gente e mandou para Silves 40 gallés, galleotas e outros navios, carregados de bastimentos, artificios de fogo e outros engenhos de guerra usados n'aquelle tempo (*trabucos, onagres, balutas, escorpiões, catapultas, testagens, ariêtes*, etc).

Apenas o rei chegou, os ataques se multiplicaram, porém os mouros se defendiam corajosamente, fazendo grande destroço nos christãos, morrendo muitos d'elles, que foram sepultados na ermida da Nossa Senhora dos Martyres, que o rei mandára construir para isso, e para se dizer missa ás tropas.

Com D. Sancho I e commandando os seus esquadrões, hiam os bispos de Lisboa, Porto e Coimbra.

No fim de trez semanas de sitio, sem grandes vantagens para os christãos, o rei mandou construir uma grossa *manta*, de traves e vigas, a fim de, a coberto dos projectis do inimigo, bater e arruinar uma couraça que os mouros tinham para o lado do rio, a qual, pela sua fortaleza, causava grande destroço nos nossos.

N'esta couraça havia um pôço de bôa agua e por ella (pela couraça) recebiam os mouros os seus mantimento.

Tantos projectis arranjaram os mouros, que a tal manta, em breve foi reduzida a cinzas. Os cercados festejaram muito este acontecimento, mas foi a sua desgraça, porque as chammas arruinaram os muros por varias partes.

Collocaram-se logo escadas e todos queriam subir ao mesmo tempo; mas os mouros arremeçavam pedras, settas, panellas de fogo, e azeite fervendo.

Uma das escadas quebrou com o peso da gente, e vindo a terra, matou e feriu muitos christãos.

Finalmente, depois de um dia de combate, ficou a couraça em poder dos nossos, mas á custa de muitas vidas.

No dia seguinte se principiaram a minar as muralhas do castello, porém os mouros

[1] O commandante d'esta fracção da esquadra, era Jaques, senhor de Avesnes e marechal do Brabante.

faziam repetidas sortidas que incommodavam os cercadores.

Os crusados, vendo que a conquista era mais difficil e perigosa do que no principio lhes parecera, se indisciplinaram e queriam abandonar a empreza. Então D. Sancho I, reuniu os chefes e fez-lhes uma falla, incutindo-lhes animo, e a guerra continuou com mais ardor.

A fome, a sede e o desanimo entraram no castello, cuja guarnição se achava já muito reduzida, pedindo todos que se entregasse a praça. Então, Al-Bainos, alcaide do castello, acompanhado de dous mouros, dos principaes de Silves, sahiu da cidade e foi offerecer a praça ao rei portuguez, sob a condição de lhes serem salvas as vidas e riquezas.

D. Sancho recebeu benignamente os trez parlamentarios, e, como era humano e generoso, de bom grado acceitaria logo o partido, mas os crusados, que o que queriam era o saque, não estiveram pela entrega da cidade n'estas condições. O rei apenas poude conseguir que elles consentissem que os mouros sahissem do castello sem mais alfaias do que os simples ornatos.

O alcaide a cavállo e os mais a pé, em grande estado de magreza, sahiram da cidade, no dia 1.º de setembro, depois de 40 dias de cêrco.

Segundo outros, os mouros sahiram no dia 3, tendo decorrido seis semanas e tres dias, desde que principiára o assedio.

Os crusados, entraram logo na cidade e saquearam tudo, achando-se alli grandes riquezas, que levaram para as suas terras.

—

O anno de 1191 tinha sido sobremodo fatal para este reino. As tempestades e inundações haviam causado uma grande fóme e, em seguida, uma peste devastadora.

Então, Aben-Juseph, terceiro rei dos almohades, filho de Abd-el-Rahman e irmão e successor de Juseph-Ben-Jacoub, [1] miramolim de Marrocos, passa o mar, pelo Estreito de Gibraltar, com uma grande armada, e juntando-se com seu irmão, rei de Sevilha e com o kalifa de Córdova, [1] invadem Portugal, pelo sul, tomando, saqueando e arrazando muitas povoações do Algarve, Alemtejo e Extremadura, levando tudo a ferro e fogo.

Pretendeu o mouro, trocar por Silves as praças que nos havia conquistado, mas Dom Sancho I não acceitou a troca, pelo que os mouros pozeram apertado cêrco a esta cidade.

Os portuguezes resistiram corajosamente, morrendo na defeza da praça o intrepido D. Gonçalo Viegas, (*o Espadeiro*) mestre da ordem de Aviz (filho do grande Egas Moniz) o governador do castello, D. Rodrigo Sanches, e outros chefes e grande numero de defensores, pelo que a praça cahiu de novo em poder dos mouros.

O miramolim continuou com as suas devastações, porém adoecendo gravemente, os inimigos retiraram para as suas terras, carregados de despojos.

—

Cincoenta e um annos esteve Silves em poder dos mouros, até que, reinando já Dom Sancho II, de Portugal, o famoso commendador D. Payo Peres Correia, fronteiro-mór do Algarve, e depois, mestre da ordem de S. Thiago, depois de resgatar do poder dos infieis varias praças do Algarve, tomou Silves, da maneira seguinte:

A cidade estava protegida por um formidavel cinto de muralhas, defendidas por alterosas torres, [2] e por uma numerosa e

[1] Juseph-Ben-Iacoub (vulgarmente, *José-Ben-Jacob)* miramolim de Marrocos, tinha morrido no Tejo, em frente de Santarem, quando tentava a sua conquista. (Vide 8.º vol., pag. 475, col. 2.ª, nota 2.ª, e pag. 477 do mesmo vol., col. 1.ª)

[1] O exercito agareno entrou em Portugal, dividido em tres corpos—o primeiro de africanos, commandado pelo miramolim — o segundo, pelo rei de Sevilha — e o terceiro, pelo Kalifa de Córdova.

[2] O seu fortissimo castello era notavel pela sua solidez e pela porta de bronze que o fechava, a qual estava segura por fortes dobradiças de ferro, e grossas trancas do mesmo metal. Tudo isto cahiu com o terramoto do 1.º de novembro, de 1755.

aguerrida guarnição, commandada pelo seu rei, o intrepido e cavalheiroso Al-Mançor-Ben-Afan, vulgarmente chamado *Aben-Mafo.*

Muito sangue portuguez custaria a conquista d'esta formidavel fortaleza, se o rei mouro, fiado no seu valor e na coragem das suas tropas, não se tentasse a fazer repetidas entradas em terras de christãos. Foi isto que o perdeu! Em 9 de janeiro de 1242, sahiu Almançor da praça, com a flor das suas tropas, na direcção da villa christã de Estombar, com o fim de a saquear e fazer captivos os seus habitantes que podesse haver ás mãos.

D. Payo Peres Correia, que estava de atalaya, investiu de surpreza, a praça, quasi desguarnecida de tropas e facil lhe foi, por isso, a sua conquista.

Almançor, apenas o soube, retrocedeu immediatamente; mas era tarde! Já a bandeira do crescente se tinha arriado, e a das quinas ondeava ovante sobre as ameias da fortaleza mourisca.

D. Payo, vendo o desanimo dos mouros, sahiu da cidade com a sua cavallaria, e dando sobre elles, os derrotou e poz em completa debandada.

O rei, na precipitação da fuga, cahiu em um pégo, do rio de Portimão (o qual por isso se ficou chamando *Pêgo d'Almançor*) e n'elle morreu afogado.

Este pégo, hoje chamado *do Pulo*, fica proximo de Silves, e de uma ilhota que separa o rio em dous braços, ambos navegaveis.

Assim cahiu em poder dos portuguezes e para sempre, a formidavel praça de Silves, e d'este modo terminou a sua existencia o ultimo rei moiro do Algarve, que, segundo todos os escriptores, foi um monarcha que, pela sua bravura, bondade e cavalheirismo, era o idolo dos seus vassallos, e até muito estimado dos christãos, quando estava em paz com elles; e aos quaes recebia com agrado na sua côrte, e admittia nos seus jogos e torneios.

Estimava particularmente os poetas, e elle mesmo fazia excellentes versos.

—

D. Payo, era tão humano, que aos mouros que quizeram ficar sujeitos ao rei de Portugal, lhes conservou todas as suas propriedades e riquezas, e foi em seu favor que se fez o *foral dos mouros fôrros.*

—

Mas, nem com a conquista de Silves terminou a occupação agarena no Algarve; e, apezar das repetidas victorias dos portuguezes, ainda algumas praças eram dominadas pelos inimigos da Cruz.

Em 9 de março de 1249, cahiu em nosso poder a forte praça de Fáro, e no anno seguinte, o mesmo D. Payo e D. Affonso III, expulsaram completamente os mouros armados, do Algarve, e os que ficaram eram escravos dos christãos, menos aquelles que tendo-se entregado sem resistencia, e prestaram vassallagem ao rei de Portugal, que esses foram considerados fôrros e senhores dos seus haveres. Foi a estes que D. Affonso III deu foraes especiaes, chamados dos mouros forros.

Com o tempo, tanto os escravos como os fôrros, se converteram á fé catholica, ficando em tudo e para tudo considerados cidadãos portuguezes como os outros vassallos.

—

Em uma *Memoria* ou *Roteiro*, escripta por um dos crusados (allemão ou teutonico) que assistiu á tomada de Silves, por D. Sancho I, e que descreveu o que passou a esquadra commandada pelo imperador Frederico Barba-Roxa, [1] se diz, entre outras cousas, o seguinte:

«Esta cidade (Silves) estava muito mais fortificada do que Lisboa, e era *dés vezes* mais rica e grandiosa em edificios. Estava cercada de muros e fossos, de tal arte, que nem uma unica choupana se encontrava fóra do recinto de muralhas, dentro do qual havia quatro arrabaldes fortificados.»

«O primeiro d'estes arrabaldes, era, só por si, uma vasta cidade, no *Valle de Rovalle.*»

[1] Esta *Memoria* foi impressa e publicada na Italia pela academia real das sciencias de Turim, no anno de 1840.

«A maior parte da cidade, está situada no monte de *Almedina*, e além do forte castello que a defende, tem outra fortaleza na encosta que olha para Rovalle, descendo para o caminho que dirige ao logar onde os mouros tiravam a agua do rio, que se chama *Widrade.*» (Arade).

«Outro rio corre para este, e tem o nome de *Widelonca* (Odelouca) e sobre este caminho da agua, tem quatro torres, e era a isto que os mouros chamavam a *Couraça.*»

«A entrada pelas portas do castello, é tão tortuosa e formada por tantos angulos, que era mais facil escalar os muros do que entrar por ellas.»

O primeiro castello chamava-se *do Alkaid.* Em Rovalle, havia uma grande torre, da qual sahia para Almedina uma estrada coberta, de sorte que d'ella se podia estar em communicação com a cidadella. A esta torre davam o nome de *Albarran.*» (Albarran é palavra arabe, significa cousa do campo).

«As torres eram tantas e tão proximas umas das outras, que pedra lançada á mão, de uma d'ellas, chegava á terceira.»

«Esta cidade parece-se com a de Goslar, no ducado de Brunswich, mas tem muito mais edificios de bella construcção.»

«Tinha a cidade 15:800 habitantes, de ambos os sexos.»

—

«Os crusados, eram 3:500 e os portuguezes, em muito maior numero, incluindo os cavalleiros do Templo, os de Calatrava (depois d'Aviz) e outros.»

«O rei portuguez, esteve seis dias na cidade. Elegeu um padre flamengo para bispo de Silves, e com elle ficaram aqui alguns outros flamengos.» [1]

«D. Sancho I convidou os crusados para o ajudarem á conquista de Fáro, mas elles não annuiram.» (Talvez não acceitassem, por saberem que o saque de Faro seria menos rendoso do que o de Silves!)

«Pela conquista de Silves, se sujeitaram aos portuguezes os seguintes castellos, que eram da sua dependencia — *Carphenabal;* (Terça Naval, hoje Ságres) *Lagus;* (Lágos) *Aluor;* (Alvôr) *Porcimunt;* (Portimão) *Monchite;* (Monchique) *Montagute;* (Monte-Agudo) *Caboiere;* (Carvoeiro) *Mussienes;* (Messines) e Páderme.» (Vê-se que o allemão, adulterou o nome de quasi todas as povoações algarvias, como fazem todos os estrangeiros que fallam das nossas cousas).

Monte-Agudo era um logar, no monte de *Jórge Moniz — Carvoeiro*, ou era Cabo-Carvoeiro, ou o logar de Carvoeiro, na freguezia de S. Bartholomeu de Messines, onde ha vestigios de fortificações antigas.

Todos estes castellos estavam abandonados, porque as suas guarnições se tinham retirado para Silves, mas eram bem construidos e de muita solidez.

Albufeira (a que o autor da tal *Memoria* dá o nome de *Alvafere*) entregou-se aos portuguezes, sem combate.

Os crusados sahiram de Silves com a sua esquadra, a 21 de setembro de 1189, e foram para a Palestina. [1]

—

Durante o dominio romano, foi Silves uma cidade importante, mas a sua maior grandeza e prosperidade, deve-a aos reis mouros, que a escolheram para sua côrte, e que tornaram rico e feliz todo o seu reino, ao qual chamavam *Chencir* e *Chelb*, e estes dous nomes davam tambem a Silves (Vide vol. 1.º, pag. 121, col. 2.ª)

João Jacobo Reisk, dá a Silves, o nome de *Schalah;* e na *Geographia Nubiense* se lhe dá a denominação de *Xalah.*

—

Por espaço de 344 annos (716 a 1060) du-

[1] *A Chronica dos conegos regrantes de Santo Agostinho* e todos os escriptores portuguezes, dizem que D. Sancho I poz aqui por bispo, D. frei Nicolau, seu confessor e conego do mosteiro de Santa Cruz, de Coimbra.

[1] Foram estes crusados que trouxeram a Portugal o instituto ou irmandade vulgarmente denominado do *Reclamador*. Vide a palavra *Roca-Amador*.

rou esta prosperidade. A sua decadencia principiou quando D. Fernando Magno, rei de Castella e Leão, a tomou aos mouros, em 1060, saqueando-a, e matando, ou fazendo escravos quasi todos os seus habitantes.

Nos 128 annos que decorreram desde 1060 até 1188, que esteve em poder dos mouros, recobrou Silves grande parte da sua antiga prosperidade, porém a sua nova queda em poder dos christãos, e o saque geral feito pelos crusados, foi causa da sua progressiva decadencia, que continuou nos dous ou trez annos que esteve sob o dominio portuguez.

Nos 51 annos (1191-1242) que esteve, pela ultima vez, occupada pelos mouros, já não poude recuperar o seu antigo esplendor, apezar de todos os esforços dos reis agarenos; de maneira que, em 1250, quando o reino do Algarve se tornou definitivamente uma provincia portugueza, estava Silves despovoada e quasi todos os seus edificios desmantelados.

D. Affonso III, para attrahir para aqui uma nova população, reconstruiu as antigas fortificações, reedificando tambem muitos dos seus edificios, e dando aos povoadores um foral, com todos os privilegios e isenções do de Lisbôa, augmentando-o ainda com outras regalias; mas nunca mais tornou a ser a famosa e prospera cidade mourisca; mesmo depois que aquelle monarcha lhe restituiu, em 1266, a cadeira episcopal.

Em 1348 ou 1349, os moradores de Silves, estando o seu santo bispo, D. frei Alvaro Paes, a dizer missa, na Sé, o quizeram assassinar, por defender as immunidades da sua egreja. O prelado viu-se obrigado, para escapar á morte, a fugir sem concluir o santo sacrificio da missa, e excommungando a cidade e pondo interdicto em todas as egrejas, se foi para Sevilha, onde falleceu.

Depois, o bispo D. Manoel de Sousa lhe levantou as censuras, e os templos tornaram a ser abertos ao culto divino.

Em 1380, D. Fernando I concedeu aos moradores de Silves, novos privilegios, sendo o principal, o fôro de infanções, como tinham os da Terra da Feira.

Apezar de tudo isto, chegou esta cidade a tal decadencia, que em 1600 apenas tinha 40 fogos, e pertencia á comarca de Lagos! [1]

Ainda em 1716, diz frei Agostinho de Santa Maria (*Sant. Mariano*, tomo 6.º, pag. 382).

«Nunca mais poude chegar aquella cidade (Silves) ás sombras da sua antiga gloria: e assim se vê hoje quasi destruida, deserta e arruinada, sem bispo, sem lustre e grandeza, como uma pobre e vil aldeia; porque não se veem n'ella mais do que umas arruinadas e deslustrosas casas, que já de todo estiveram cahidas, a não obrigar El-Rei (D. João V) aos officiaes de justiça a residirem n'ella, com cuja assistencia se conserva uma memoria n'aquella cidade, do tribunal, e secular jurisdição antiga, porque a ecclesiastica e a cadeira episcopál, a instancias d'El-Rei D. Sebastião, por auctoridade apostolica, se trasladou á cidade de Fáro, no anno de 1577, onde hoje tem seu assento e cadeira os bispos; ficando em Silves uns poucos de beneficiados, para se conservar a memoria do que antes foi. Experimentou Silves (ainda que em mais breve tempo) a sorte que em si viu a famosa cidade de Ossonoba, que hoje querem seja Estoi; pois, assim como as ruinas de Ossonoba enobreceram a Silves, da mesma fórma, as ruinas de Silves illustraram a cidade de Fáro.»

—

Apezar de não tornar a ser a bella e florescente côrte mourisca, foi Silves, pouco a pouco, renascendo das suas cinzas; mas no livro dos destinos estava escripta a sua decadencia.

O seu primeiro golpe, foi a mudança da séde do bispado para Faro. [2]

[1] A usurpação dos trez Philippes, fez decahir a agricultura em todo o Algarve e definhar a industria. As pescarias—que era o seu mais forte ramo de commercio—marcharam tambem em aterradora decadencia. Antes da dominação philippina, exportava muitos generos agricolas, que depois importava!

[2] D. João III, quiz mudar para Faro a séde do bispado, mas o povo de Silves tanto fez e taes diligencias empregou, que isto não se levou a effeito. Foi seu neto, o rei D. Sebastião (sendo bispo do Algarve o virtuoso D. Jeronymo Osorio) que, desattendendo a

Pouco depois, deixou Silves tambem de ser a capital do Algarve, sendo Faro elevada a essa cathegoria.

Depois, o seu rio, que a tornava um porto de mar, pois até ás suas muralhas era navegavel para vasos de todas as lotações, principiou a obstruir-se com areias, de maneira que hoje, só pequenas embarcações alli podem chegar.

Um ilheu de 22 metros de comprido por 5 de largo, divide uma pequena foz — á qual ainda se dá o nome de *Barra de Silves* — da serra da Atalaya, e ainda em 1780 se viam chumbadas nas rochas visinhas, grandes argolões, de ferro e de bronze, destinados á amarração de navios de grandes lotações.

Em 1353, um espantoso terramoto arruinou grande parte da cidade.

Os fataes terramotos de 6 de março de 1719, e 27 de dezembro de 1722, tambem causaram grandes ruinas a esta cidade.

Por fim, o medonho terramoto do 1.º de novembro de 1755, destruiu quasi inteiramente esta infeliz cidade, deixando de pé apenas vinte casas e matando 14 pessoas, quasi todas dentro da Sé, que ficou desmantelada. [1]

N'estes ultimos 60 annos, porém, tem Silves hido pouco a pouco renascendo das suas cinzas, por serem aqui os depositos da cortiça alemtejana, destinada á exportação, e de outros muitos productos do paiz, que pelo rio vão para outros portos.

—

Ainda existem as muralhas do castello e da cidadella, que foram reparadas, á custa do povo, em 1835, com medo de alguma surpreza do *Remechido*.

O castello está no ponto mais alto da cidade. Tem uma vasta cisterna, de 4:900 palmos quadrados, cuja abobada é sustentada por nove arcos de boa cantaria, descendo-se para a cisterna por uma optima escada de pedra lavrada. Estando a cisterna cheia, póde sustentar d'agua toda a população, por tempo de um anno; mas o povo prefere a agua da *Fonte Nova*, abundante manancial, a 1:500 metros da cidade.

—

Como todas as povoações antigas, as suas ruas são muito estreitas e tortuosas; e como a pedra de que são construidos os edificios é de um vermelho escuro, dá isto um aspecto sobremaneira triste á povoação.

N'estes ultimos tempos, porém, teem-se aberto algumas novas ruas, sendo as principaes, as de Nossa Senhora dos Martyres — a da Feira — a da Horta — a da Rebola — e a do Pulo.

Estas ruas, são mais amplas e estão orladas de alguns bons edificios particulares, e armazens.

Em 1836 se plantou uma alameda de amoreiras brancas, no largo do castello.

Ha na cidade trez soffriveis hospedarias.

Ainda em Silves existem algumas tulhas ou celleiros subterraneos, onde os mouros guardavam azeite e outros generos.

Nos arredores da cidade se veem alicerces de edificios e muralhas, que attestam a amplitude de Silves, no tempo dos mouros, sendo os mais visiveis, desde as *portas de Loulé*, até á *Cruz de Portugal*, a um kilometro de distancia.

—

O rio, desde Silves até Villa Nova de Portimão — onde desagúa no Oceano — tem 12 kilometros de comprimento.

—

Os arrabaldes da cidade, são muito formosos e bem cultivados, povoados de pomares de fructa, de varias qualidades, e o seu terreno — como o de todo o concelho — é fertilissimo, por ser regado por innumeraveis mananciaes, que descem das serras proximas; o que o faz abundante de cereaes, legumes, hortaliças, vinho, laranjas, amendoas, e, sobre tudo, figos, pois ha vastos bosques de figueiras, cujo fructo comstitue

todas as sollicitações e reclamações, effectuou a mudança, em 1577, por auctoridade do pontifice Gregorio XIII.

[1] Os que desejarem saber mais circumstanciadamente os estragos causados por estes terramotos, vejam no 1.º vol., pag. 121, col. 1.ª e 2.ª

um mui productivo ramo de commercio de exportação. Tambem produz e exporta muito sumagre, passas d'uvas, alfarrôba, azeite, aguardente de figos, obras de esparto, de palma e de fio de pita; alguns d'estes artefactos, de grande perfeição e por isso muito estimados.

—

Junto ao rio de Silves, e a seis kilometros ao O. dá cidade, ha uma abundantissima fonte de excellente agua potavel, denominada *Fonte do Gramacho.* Nasce dentro de umas rochas e é levada por um aqueducto, até á margem do rio, e alli a vão buscar, em lanchas, para provimento da Mexilhoeira, de Villa Nova de Portimão, e dos navios que demandam o porto d'esta ultima villa.

—

Ao O. da cidade e a pouca distancia d'ella, está a ermida de Nossa Senhora dos Martyres, que consta ter sido fundada por D. Sancho I, quando pôz cêrco a Silves, para n'ella se dizer missa aos christãos, e alli serem enterrados os que morressem nos assaltos. Ainda aqui existem campas, com brazões d'armas, dos fidalgos então sepultados n'este logar.

—

No sitio chamado *Barra de Silves,* na serra da Atalaya, e junto ao rio, houve uma torre de vigia (que deu o nome á serra) fabricada de tijolos phenicios, que servia para d'alli os turdetanos, antigos povos do Algarve, depois os romanos, e por fim os mouros, vigiarem quem entrava ou sahia do porto.

—

Ha aqui duas feiras annuaes—uma a 3 de maio, porisso chamada das Cruzes, e outra no 1.º de novembro. Cada uma d'ellas, dura trez dias, e são ambas muito concorridas.

Teve antigamente feira franca, por 49 dias, a principiar no 1.º de novembro, findando a 19 de outubro, concedida por alvará de 1491: hoje está reduzida a trez dias—desde 31 de outubro e findando a 2 de novembro. É a melhor feira do Algarve, em gado vaccum.

—

O concelho de Silves é fertilissimo em todos os generos agricolas do paiz; e o seu rio e o mar o fornece de grande variedade de peixe, de optima qualidade. Nos seus montes ha tambem abundancia de caça, do chão e do ar.

Antigamente havia n'elles, corças, veados, e javalis, que os caçadores exterminaram.

—

A 10 kilometros de Silves, e proximo ao mar, está a *Torre de Nossa Senhora da Rocha*—e a 450 metros, a NE., se vê a chamada *Cruz de Portugal,* feita de bellissimo marmore branco, com a imagem de Jesus Christo em relevo. Tem a cruz seis metros d'altura, incluindo o pedestal. É antiquissima, e, segundo a tradição, marcava o centro da antiga cidade. Os inglezes já a cubiçaram, pelo esmero do seu trabalho, e tentaram leval-a; mas o povo oppoz-se a esta pretensão.

—

Em agosto de 1844, n'uma das ruas do arrabalde, se acharam 330 moedas arabes e romanas.

—

Este concelho e o da Lagôa, comprehendem os terrenos mais ferteis do Algarve, e os cereaes e legumes produzem regularmente, de 15 a 20 sementes.

—

O antigo concelho de Silves abrangia todo e territorio e povoações desde o Cabo de S. Vicente até Albufeira.

—

Segundo as chronicas, o soberano arabe que reinava em Silves, no anno de 1139, era de grandes forças e agigantada estatura. Hindo com Ismario e outros chefes, á batalha de Campo d'Ourique (25 de julho d'aquelle anno) D. Affonso Henriques o matou com uma lançada.

—

Silves foi capital do governo das armas do Algarve, desde D. Sancho I até D. Affonso IV, que a mudou para Lagos, tendo o governador militar a denominação de *anadel,* ou fronteiro-mór.

Anadel, ou *anadell,* significa maioral, chefe, capitão de bésteiros, espingardeiros, ou outra qualquer gente de guerra. *Anadaria* era o districto em

que o anadel tinha jurisdicção militar.

O *anadel-mór* tinha por dever alistar gente e apurar os *bésteiros* do conto, isto é — os que cada cidade, villa, freguezia ou concelho deviam apresentar; assim como os *galiotes*, ou homens do mar.

Vide *Fronteiro mór.*

—

Foi Silves cidade episcopal, desde o reinado de D. Sancho I, que transferiu para aqui a residencia dos bispos, que antigamente tinha sido na cidade de Ossonoba. Teve logar o assento d'esta séde, logo em 1190, por breve do pontifice Clemente III.

Já disse que foi 1.º bispo de Silves, Dom frei Nicolau, confessor d'aquelle monarcha, e conego de Santa Cruz de Coimbra (apezar de dizer o contrario o auctor da *Memoria* ou *Roteiro* de que fallei em outro logar).

Poucos mezes depois de tomar posse do bispado, teve de abandonar a sua cadeira, por se perder a cidade em 1191, como vimos.

Quando em 1242 tornou ao poder dos christãos, foi feito bispo de Silves, D. frei Roberto, religioso dominico, em 1254, por bulla do pontifice Alexandre IV.

Desde então continuou sem interrupção o cathalogo dos bispos de Silves, até ao governo do famoso bispo D. Jeronymo Osorio, sendo no seu tempo (1577) transferida a séde do bispado para a cidade de Faro. Este prelado falleceu em Tavira, logo a 20 d'agosto de 1580; tendo principiado a governar a diocese em 1564.

—

Na era de 1410 (1372 de Jesus Christo) Dom Fernando I, estando em Coimbra, concedeu grandes privilegios aos moradores de Silves: o que consta de um pergaminho que se guarda no archivo da camara.

Por uma carta regia de D. Diniz I, do anno de 1305, e por outra de D. João II, de 31 de dezembro de 1487, se concederam ao povo d'esta cidade, muitos e grandes privilegios, sendo os principaes — 1.º, não lhes serem vendidos os bens para pagamento de dividas, mas cobrarem-se os crédores pelos rendimentos. (Este privilegio se fez depois extensivo a todo o reino, se o valor da propriedade fosse o dobro da divida). — 2.º, não lhes serem penhorados os cavallos. — 3.º, não hirem á guerra senão quando o rei fosse em pessoa. — 4.º, que tornasse a ser do seu termo Alvôr e a *terra da fruyta de bona polla* que tinha sido doada ao infante D. Henrique (o de Sagres) por carta de lei, de Dom Affonso V, de 28 de novembro de 1460 — 5.º, que nenhum official do rei se intrometesse nos ajuntamentos do povo, em camara. (Carta de lei de 12 de dezembro de 1460.)

D. João II, por carta regia de 14 d'abril de 1491, deu a sua mulher a rainha D. Leonor (irmã do rei D. Manoel) para ella e para a casa das rainhas de Portugal, o senhorio de Silves, de Faro, e de outras muitas povoações do Algarve, com todos os direitos, menos os da alfandega, siza e casa do sal.

—

A egreja matriz serviu de cathedral, por mais de 300 annos — emquanto aqui estiveram os bispos.

Era a mesquita maior dos mouros. [1] Foi purificada e transformada em egreja christan em 1188 ou 1189, e depois, tornada a purificar em 1242. [2]

Está situada no centro da cidade, em uma elevação. É templo vasto; porém o terramoto de 1755 o destruiu em grande parte, e na reconstrucção, foi muito alterada a sua primitiva architectura.

Nas capellas lateraes, estão os tumulos

[1] Quando D. Sancho I mandou purificar este templo, logo alli houve um solemne *Te-Deum*, em acção de graças por esta victoria.

O mesmo soberano constituiu o bispado de Silves, com esta cidade e seu territorio, Alvôr, Abenabece (ou Estombar) e outras povoações menores.

Por governador das terras então conquistadas no Algarve, deixou D. Rodrigo Sanches.

Desde esta conquista, D. Sancho I se intitulou *rei de Portugal e do Algarve*.

[2] Duarte Nunes de Leão, diz que a Sé foi mandada construir por D. Affonso, o Sabio, de Castella, fazendo seu 1.º bispo, D. frei Roberto; mas todos os outros escriptores são concordes em dizer que foi originariamente mesquita mourisca.

dos seus bispos e de outras pessoas illustres.

N'esta egreja esteve depositado o cadaver de D. João II, que morreu em Alvôr, a 25 de outubro de 1495.

—

Silves tinha voto em cortes, com assento no 2.º banco.

Tem por brazão d'armas, um escudo em branco, coroado.

«Até n'isto — diz o sr. Julio de Vilhena Barbosa, nas suas *Cidades e villas*, tomo 3.º, pag. 57 — a sorte adversa perseguiu esta infeliz povoação. Tendo sido côrte de um rei e theatro de muitos feitos gloriosos para a religião de Jesus Christo e para as armas portuguezas, nenhum emblema vejo trazer ao seu brazão uma memoria sequer, das suas passadas grandezas!»

—

O hospital da Misericordia foi construido pelo beneficiado Manoel de Sequeira Castello-Branco, com 160$000 réis de renda annual, e inaugurado a 24 de maio de 1775. Depois a sua renda augmentou com o capital de 1:200$000 réis que lhe deixou Narcizo da Silva Reis.

—

Era vastissimo o antigo terreno de Silves, sendo as suas principaes povoações as seguintes — Alcantarilha, Aldeia-Ruiva, Alferce, Algôz, Casaes, Estombar, Lagoa, Lamarosa, Lameira, Loubite, Mexilhoeira-Grande, Mexilhoeira da Carregação, Monchique, Odelouca, Pedra-Negra, Pêra, Picalto (Pico-Alto) Porches-Novo, Porches-Velho, Santo Antonio da Armação, S. Bartholomeu de Messines, S. Marcos, Santa Margarida, Terragudo, e Valle.

—

Nos suburbios e a uns 1:500 metros de Silves, na margem de um rio onde chega a maré, foi construido pelos annos de 1518, pelo bispo de Silves, D. Fernando Coutinho, quando tentou levar os religiosos da Piedade para o Algarve, o mosteiro de *Nossa Senhora do Paraizo* (no sitio onde já existia uma ermida da mesma invocação). Constava do edificio do mosteiro—que era pequeno e pobre — com boa horta e junto d'ella uma copiosa fonte de optima agua.

Foi logo habitado pelos frades piedosos, aos quaes o bispo tinha doado o mosteiro e a ermida, que já era propriedade episcopal.

Alguns annos aqui estiveram estes religiosos; porem como o sitio era doentio, se resolveu a suppressão do mosteiro, em 1593, ordenando-se ao provincial que o desamparasse.

Tiveram noticia d'esta resolução os moradores de Silves e das aldeias visinhas, e instaram com os frades para não desampararem o mosteiro: estes annuiram, e na segunda congregação (em 1594) se elegeu outra vez prelado e fizeram vigariaría, como sempre tinha sido.

As enfermidades porém continuaram, pelo que os frades piedosos desampararam o mosteiro, a 4 de junho de 1618.

Um dos principaes moradores de Silves, tanto instou com o bispo, que este mandou em 1621 povoar de novo o mosteiro pelos religiosos franciscanos, da 3.ª ordem da penitencia, que viveram aqui em grande pobreza, mas dando ao povo bastantes exemplos de todas as virtudes christãs.

Consta que, sendo vigario do convento, frei Antonio de Nebrixa, succedeu um dia haver tanta falta de tudo, que nem pão havia para o jantar dos dés religiosos de que então constava a communidade. Deu-se parte d'isto ao vigario, que respondeu—«Não será isso bastante para que deixemos de hir dar graças a Nosso Senhor, pois por todas as vias lhe são devidas.»—Tocou a sineta para o refeitorio ás horas do costume, e quando um dos frades principiava a lêr o Evangelho, ouvem tocar com força a campa da portaria. Foi o porteiro, e alli achou um cêsto com dés grandes e formosos pães de trigo, cada um embrulhado em seu guardanapo, e um grande açafate, com uma panella onde vinham dés boas rações de carneiro cosido e tudo coberto com uma alva toalha de linho. Ninguem estava já ao pé d'aquillo, e

ninguem veio reclamar o cêsto, o açafate nem a toalha e os guardanapos.

Isto próva a grande pobreza em que viviam estes religiosos.

—

Vimos que na Sé de Silves foi depositado o cadaver de D. João II. Quatro annos aqui esteve, até que, em 1499, seu successor, primo e cunhado, o rei D. Manoel, o fez trasladar para o mosteiro da Batalha.

O rei mandou reunir muitos arcebispos, bispos e outros ecclesiasticos, assim como grande numero de fidalgos, acompanhados de muitos capellães cantores e musicos, e todos se dirigiram á cidade de Silves.

O bispo D. Diogo Ortiz Calçadilha (que havia assistido á fundação do convento de Jesus, de Setubal) descobriu a sepultura do rei, e todos viram que a alcatifa e hollandas estavam comidas pela cal, porém o corpo de D. João II estava sem corrupção, e até conservando o cabello da barba.

O cadaver foi envolvido em novas hollandas e mettido em outro caixão, coberto de tella e este posto em umas andas, forradas interior e exteriormente, de brocado, de pêllo carmezim e ouro, com ricas guarnições, e bem assim, as cavalgaduras que as levaram, guiadas por pagens, vestidos de lucto.

Em todo o precurso até á Batalha, foi o prestito acompanhado por todas as pessoas que nomeei, e em todas as povoações em que pernoitavam, se erguia um catafalco, que para isso traziam, que ficava cercado de innumeraveis luzes, havendo o competente officio, e no dia seguinte, antes da partida, missa de pontifical.

A cada egreja em que ficava o cadaver, era dado um calix de prata e uma casula de sêda.

Assim foi levado o cadaver até á villa de Alcobaça, onde o rei D. Manoel o estava esperando, com os bipos da Guarda, Viseu, e Lamego, seus cabidos, e os religiosos de Santa Cruz de Coimbra, Alcobaça e Batalha, todos com tochas accezas.

Tambem estavam com o rei, os duques, marquezes, condes e outros muitos fidalgos e grande concurso de povo, que veio assistir ao acto, de muitas leguas de distancia.

As ruas da villa por onde passou o prestito, estavam ricamente armadas, assim como as ermidas, e, principalmente, a egreja do mosteiro cisterciense, onde estava já construido um rico mausoleu, coberto de tella, com bandeiras e armas reaes.

O mausoleu occupava a maior parte do templo e chegava quasi ao tecto.

Desde a porta da egreja até ao mausoleu, foi o cadaver conduzido por oito dos principaes titulares d'este reino, que alli o collocaram com grande respeito.

Em volta do mausoleu ardiam mil tochas, e assim se celebraram as exequias e officios solemnissimos, assistindo á hebdomada, o prior de Santa Cruz, de Coimbra, filho do marquez de Villa Real, que no dia seguinte cantou a missa, sendo prégador o bispo D. Diogo Ortiz.

O rei deu por esta occasião varias peças d'ouro e prata ao mosteiro.

De Alcobaça marchou o prestito para a Batalha, onde o cadaver foi recebido com egual pompa e os mesmos suffragios, sendo por fim recolhido no tumulo que lhe estava destinado.

—

Em janeiro de 1874 se inaugurou em Silves uma fabrica de sabão, pertencente á firma commercial de Villarinho e Sobrinho.

—

Em julho de 1877, o governo concedeu á direcção do hospital da Misericordia d'esta cidade, 540$000 réis, para obras no seu edificio.

—

D. Jeronymo Ozorio, bispo do Algarve.

Ninguem que possua as primeiras noções da litteratura patria ignora quem fôra Jeronymo Ozorio, e quanto lhe devem as boas lettras.

Este insigne escriptor, um dos mais admiraveis latinistas, depois que a famosa lingua de Lacio deixou de ser fallada, deixou de si monumentos, que tornarão perduravel sua memoria. A um saber profundo o illustre bispo de Silves alliava a mais rigorosa virtude. Foi o assombro de nacionaes e estran-

geiros: em Salamanca, em Bolonha, em Coimbra todos tiveram occasião de admirar o profundo theologo, o canonista insigne. A seus conselhos se deve a introducção da ordem de Sancto Ignacio n'estes reinos. Foi o oraculo do seu tempo, sendo escutado por el-rei D. João III e por sua augusta mãe: menos o ouviu o infeliz rei D. Sebastião, a quem procurou dissuadir por todos os modos do plano desventurado da sua segunda jornada da Africa: a sua eloquencia egualava a proficiencia com que escrevia. D'elle nos restam obras como as que se denominam de *Gloria, de Republica, de Consolatione, de Justitia, ad Elisabetham, de Rebus Emmanuelis, de Sapientia, as Paraphrases de Job e dos Psalmos.*

—

No domingo, 17 de abril de 1881, pelas nove horas da manhã, um violento cyclone açoitou o Algarve, correndo o rumo de SE. a NO.

Causou muitos estragos, arrancando grande numero de arvores e fazendo outros prejuizos.

Em Silves, o rio, sahindo fóra do seu leito, inundou grande parte da cidade.

As estradas ficaram em muitas partes intransitaveis, já pelos grandes penedos que desceram das serras, já pelos rasgões causados pela chuva.

—

O sr. Estacio da Veiga, algarvio, e distinctissimo escriptor publico da actualidade, publicou, em 1870, o seu formoso livro intitulado—*Romanceiro do Algarve,* que é uma bella collecção de lendas d'esta provincia. Para não fazer este artigo mais longo e enfadonho, não copio nenhuma d'essas lendas; mas peço aos meus leitores que vejam no *Romanceiro,* as seguintes:

A moira encantada, pag. 35.
Almendo, pag. 40.
Dom Diniz, pag. 65.
O paladino captivo, pag. 98.
A noiva arraiana, pag. 108.
A donzella e o punhal, pag. 114.
A serrana, pag. 121.
Os dous amantes, pag. 126,
Os calvos, pag. 135.

Não indico estes como os melhores, porque todos são bons, mas porque teem relação, mais ou menos proxima, com as cousas de Silves.

—

Algarvios que por seus feitos, artes, sciencias ou virtudes, teem illustrado a patria.

No tempo dos romanos:

—

Cesarão, que derrotou Munio.

—

Canceno, ou *Cancheno,* que se fez senhor de Conistorgis (ou Conisterges) capital dos povos cuneos. [1]

—

Lucio Quintilio Galeão—que libertou a sua patria, opprimida pelos inimigos, e pelo que a cidade de Ossonoba lhe dedicou magnificas estatuas.

—

Punico (carthaginez por seu pae, e algarvio por sua mãe)—que venceu Pisão, Calpurneo e Manlio, illustres generaes romanos.

—

No tempo dos árabes:

—

Abd-Ala-Ben-Isa Ben-Abi-Habid-Abu-Mohamed—nasceu em Silves, em 1091. Sabia perfeitamente o árabe, jurisprudencia, chronologia, astronomia, etc. Governou Silves por nove annos, deixando este governo, para hir estudar a paizes estrangeiros. Morreu na Persia.

—

Abd-el-Malecus-Ben-Hescham—vulgarmente chamado *Ebn-Athala,* nasceu em Silves, em 1082. Ensinou rhetorica, philosophia e jurisprudencia.

—

Ahmad-Alhassin-Ben-Casa-Abul-Casse-

[1] Incluo aqui este famoso lusitano, porque os algarvios o teem como um dos heroes seus patricios; mas o mais provavel é que elle fosse natural de Lisboa, e até fazendo crua guerra aos algarvios, destruindo-lhes a sua cidade de Conistorgis, que depois de reedificada, se chamou Ossonoba. Vide no 6.º vol., pag. 303, col. 1.ª e seguintes.

mus — natural de Silves. Floresceu no seculo XII. Era bom poeta e joven distinctissimo pelo seu profundo saber, porém muito turbulento. Tomou Mértola, destruiu a antiga Evora, que existiu juncto a Ayamonte, e conquistou Sevilha, em 1146. Em 1151, o povo de Silves, não podendo soffrer a sua ambição e despotismo, se revoltou contra elle e o venceu. Despeitado por isto se envenenou.

—

Abu-Baker Ben-Sokaa — insigne poeta.

—

Abu-Bakerus-Mohamed-Ben-Amar-Dulvarzar-Tin — nascido no logar de *Shanabas* (?) termo de Silves. Foi grande poeta, porém muito ambicioso. Morreu em 1084.

—

Abul-Cassen-Abd-el-Malek-Ben-Bodrun-al Hamadritâ — auctor da Historia de Josefo, intitulada *Ephod.*

—

Abul-Ualid-Ismail, cognominado *Ebnai-Chuask* — poeta famoso. Falleceu em 1162.

—

Abu-Mohamad-Abdalla-Ben Gabel — natural de Silves. Foi eloquente orador e deu á luz obras que revelavam profunda sciencia. Morreu em 1137.

—

Mohamad-Ben-Osmar-Ben-Almoudar-Abul-Walid — doutissimo em jurisprudencia. Foi secretario do senado de Silves, mas desgostoso do emprego, retirou-se para o logar de *Rabat-al-Rihanat* (Arrifana, junto ao mar) a pouca distancia de Silves. O senado de Córdova, expulsando o seu rei, Ahmed-Ben-Abd-el-Malek, entregou o governo do reino a este sabio silvense. Acompanhou Ahmad-Ben-al-Hassain, na expugnação da antiga Evora, proximo a Ayamonte e tomou a fortaleza de *Mergecar* (?) ou *Margee* (?) no termo de Silves, cuja guarnição se tinha revoltado contra o governo da cidade. Fez continuada guerra a Samiel, principe de Beja.

Orgulhoso pelo seu saber e victorias, commetteu varios crimes, pelo que foi preso e lhe arrancaram os olhos. Posto em liberdade, fugiu para Salé (Africa) onde morreu, em 1163.

Mohamad-Ben-Soad-al-Gazany — vulgarmente chamado *Al-Ablî* — grande em historia e jurisprudencia. Foi pretor, e falleceu em 1152.

—

Al-Mançor-Ben-Afan — ultimo rei de Silves, que, como vimos, morreu afogado, depois da tomada da sua cidade pelos portuguezes. Foi um dos melhores poetas e dos mais extremados cavalleiros do seu tempo.

—

No tempo da monarchia portugueza:

Alvaro Caminha Souto-Maior, natural de Fáro. Sendo capitão-mór de uma armada, descobriu a ilha de S. Thomé, da qual Dom João II lhe fez mercê, de juro e herdade, em 1477.

—

Alvaro Esteves, natural de Lagos — habil piloto e o melhor do seu tempo, na nossa Peninsula. Era piloto da caravella que descobriu a Mina, em 1471, hindo por capitão da dita caravella, Pedro de Escobar.

—

Alvaro Gomes de Gouveia, natural de Portimão. Foi um valoroso soldado, fazendo grandes serviços a Portugal, tanto por mar, como por terra, principalmente no rompimento e victoria das *Linhas d'Elvas,* sendo dos primeiros que atacou os castelhanos. Assistiu ás batalhas do Ameixial, á recuperação d'Evora, á tomada de Vallença d'Alcantara, á grande victoria de Montes-Claros e outras de menos importancia, distinguindo-se sempre, pela sua extraordinaria intrepidez.

Regressando ao Algarve, foi sargento-mór do castello de Alcoutim, onde reedificou as fortificações.

D. Pedro II lhe concedeu, em premio das suas façanhas, o foro de fidalgo cavalleiro, por carta regia, de 7 de julho de 1687.

Este heroe algarvio, era filho do doutor Manoel Ribeiro de Gouveia, ouvidor em Villa Nova de Portimão.

—

Alvaro de Valera, natural de Portimão. Foi muito applicado ao estudo de humanidades, e bom poeta. Morreu em Lisboa, em 1600.

—

André Dias da França, natural de Tavira, filho de Belchior da França e de D. Simôa Godinho. Foi commendador da ordem de Christo, contador da fazenda e alcaide-mór (e, por vezes, governador interino) de Tanger, na Africa. Foi um valoroso militar, vencendo por muitas vezes os mouros africanos.

—

Frei Angelo de Santa Maria (antes de ser frade, Duarte de Figueiredo Gusmão) natural de Castro-Marim, onde nasceu, em 1664. Era filho de Gaspar Lourenço de Gusmão e de D. Maria de Figueiredo. Foi doutor pela universidade de Salamanca, mestre e definidor da sua ordem, e varão de grandes virtudes e saber.

Foi religioso carmelita descalço e reitor do seu collegio, em Coimbra. Publicou o livro intitulado *Schola Moralis Lusitanensis*— 7 volumes *in folium*, e varios sermões.

—

Antonio Joaquim de Paiva, natural de Loulé. Fez grandes serviços no Alemtejo, durante a guerra da restauração, e lançou os castelhanos fóra da praça de Olivença, em 4 de abril de 1648, ficando ferido n'esta acção. Foi depois mestre de campo de Traz-os Montes, e, entrando pela Galliza, destruiu mais de 50 logares. Desbaratou os castelhanos, junto a Chaves, em maio de 1655, fazendo-lhes 233 prisioneiros, dos quaes 6 eram capitães.

D. João IV lhe deu o foro de fidalgo cavalleiro, por carta regia de 16 de junho de 1656.

—

Antonio Pinheiro.
Brites d'Almeida (a padeira d'Aljubarrota).
Francisco Barreto.
Belchior Vieira.
Dionizia Antonia da Encarnação.
Francisco José da Horta Machado.
Antonio José da França e Horta.
Carlos Frederico Lecor.
Sebastião Francisco Severo Drago Valente de Brito Correia de Lacerda Green Cabreira.

Estes nove algarvios illustres já ficam mencionados no artigo *Fáro*, por serem naturaes d'esta cidade.

—

Balthazar Gonçalves Lobato, natural de Tavira. Foi muito versado em historia e continuou a 5.ª e 6.ª parte do *Palmeirim de Inglaterra*, e escreveu, no mesmo gosto, a *Historia do famoso principe D. Clarisol de Bretanha*, que se imprimiu em Lisboa, no anno de 1602.

—

São dous famosos romances de cavallaria.

—

Belchior de Moraes, natural de Tavira — foi insigne piloto, e escreveu o *Roteiro de Portugal para a India e da India para Portugal*. Escreveu este livro a bordo da náu Santo Antonio Nebri. Não se chegou a imprimir. Morreu no principio da dominação dos Phillipes, pouco mais ou menos quando falleceu Luiz de Camões.

—

Caetano Pimentel do Vabo e *Francisco Soares d'Oliveira Pacheco.*

Vide *Alvôr.*

—

Damião Antonio de Lemos Faria e Castro, natural de Portimão — filho de Thomé de Lemos e Faria, e D. Maria Josefa de Giron Cisneiros e Castro. Nasceu a 27 de fevereiro de 1715. Foi homem de vastissima erudição e incansavel na leitura e estudo de bons livros. Vivia do rendimento das suas propriedades, que constituiam uma das maiores casas do Algarve, e nunca acceitou emprego algum publico. Todas as suas riquezas pertencem hoje aos seus descendentes, que residem em Fáro.

Escreveu a *Historia de Portugal*, que se imprimiu em 20 volumes, em oitavo. *Politica moral e civil*, *Aula da nobreza luzitana*, 7 volumes em 4.º Deixou escriptas ainda varias obras, principalmente sobre genealogias portuguezas, em 12 volumes.

Morreu em Fáro, a 9 de janeiro de 1789.

—

Diogo Magina.
Diogo de Mendonça Corte-Real.
João Rodrigues Andreinos.
Maria do Rosario.

Theodora Maria.
Para estes, vide *Tavira.*

—

Diogo de Sousa, natural de Loulé. Foi insigne pintor, e mestre de Diogo Magina. Fez as pinturas da egreja matriz de Castro Verde, no Alemtejo, e pintou as batalhas de D. Affonso Henriques, que estão na egreja de Nossa Senhora dos Remedios, da mesma villa de Castro Verde. Nasceu pelos annos de 1690. Não se sabe quando nem onde falleceu.

—

D. Gaspar de Leão.
Antonio José de Lima Leitão.
Gaspar dos Reis.
Gil Eannes.
São Gonçalo de Lagos.
Para estes, vide *Lagos.*

—

Gaspar Lopes Canario, natural de Portimão — medico insigne, e como tal reputado e louvado por Zacuto Lusitano e outros medicos portuguezes e estrangeiros. Nasceu pelos annos de 1515, e não se sabe quando falleceu.

—

Joaquim José Rasquinho, natural de Loulé — famoso pintor, filho de Manoel Gonçalves Rasquinho e de Josefa da Conceição. Nasceu a 8 de dezembro de 1736.

Sem ter mestres, chegou a ser um dos melhores pintores do seu tempo. São obras d'elle, o quadro de S. Salvador, que está na bocca da tribuna do altar-mór da egreja de Alvôr — o de Nossa Senhora da Conceição, que se vê na casa da camara, de Fáro — quatro grandes quadros da vida de Santo Elias, da capella dos terceiros do Carmo, em Tavira — a magnifica cópia de um quadro do Senhor morto, que está na sachristia da egreja de S. Pedro, de Fáro — e outros mais de grande merecimento.

Era tambem eximio retratista. Ainda na edade de 84 annos pintava com muito mimo e primor.

Morreu em Fáro, a 10 de dezembro de 1822.

—

Manoel Fernandes Bexiga.—Vide *Boliqueime.*

—

José Diogo Mascarenhas Neto.—Vide *Alcantarilha.*

—

Joaquim Lopes — (o famoso *patrão Joaquim Lopes*). — Vide *Olhão* e *Paço d'Arcos.*

—

Manoel Martins Garrôcho e *Manuel d'Oliveira Nobre.*
Vide *Olhão.*

—

Todos os mais algarvios illustres que aqui se não acharem, vão nas terras d'onde são naturaes.

SILVESTRE (S.) — Já está em Campo (S. Silvestre do) a pag. 63, col. 2.ª, do 2.º volume.

SIMÃES — Vide 3.º vol., pag. 165, col. 1.ª

SIMÃO (S.) — Vide *Litem,* a 1.ª d'este nome. É n'esta freguezia a aldeia de *Albergaria* (por isso chamada *Albergaria de S. Simão*). Tomou este nome por ter aqui havido uma albergaria, fundada pela rainha Santa Mafalda (a de Arouca) ou por sua avó, a rainha D. Mafalda, mulher de D. Affonso Henriques, pelos annos de 1170.

É n'esta aldeia d'Albergaria, a 21.ª estação do caminho de ferro do norte, e proximo a ella o 2.º tunnell do mesmo caminho de ferro.

SIMÃO (S.) — Vide a 1.ª *Gouveia.*

SIMÃO DA SERRA (S.)—vulgarmente chamado *Pé da Serra* — freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Niza.

Bispado, districto administrativo de Portalegre, d'onde dista 35 kilometros, 204 ao SE. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 111.

Orago, S. Simão.

O rei, pelo tribunal da mesa de comsciencia e ordens, apresentava o vigario, que tinha 120 alqueires de trigo, 120 de cevada, e 12$000 réis em dinheiro, de rendimento annual.

É terra fertil em cereaes e abundante de caça.

SIMBRES ou **CIMBRES** — freguezia, Beira Alta, concelho de Mondim da Beira, comarca d'Armamar, 12 kilometros a E. de Lamego, 324 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O *Portugal Sacro e Profano* não traz esta freguezia, nem em *Cimbres*, nem em *Simbres.*

Está situada entre as povoações de Villa-Chan-de-Cangueiros, ao SE.—Santa Cruz e S. Thiago, ao N.—Salzedas, a O.—Granja-Nova e Paçô, ao S.

É terra fertil.

Ao E., eleva-se uma pequena serra, em cujo cimo existem duas capellas—a de Nossa Senhora da Graça, com altar-mór e dous lateraes—e a de Nossa Senhora da Livração, muito pequena.

Ainda hoje se veem alli os restos de mais cinco ermidas e casas de eremitão. É sitio inhospito, desabrido e esteril; e ainda hoje se lhe dá o nome de *Monte das Sete Capellas.*

A freguezia consta apenas da aldeia de Simbres.

A egreja matriz é de construcção moderna e elegante, tendo defronte um campanario com dous sinos.

Na povoação de Simbres ha ainda outra ermida dedicada ao Espirito Santo; e outra, de S. Francisco, contigua a umas grandes casas de Jeronymo Leite Cabral Castello Branco (o mórgado d'Eiriz) de Arouca.

—

O mosteiro de Salzedas apresentava o cura, que tinha 50$000 réis de rendimento, incluindo o pé d'altar.

Os frades de Salzedas tiveram jurisdicção ordinaria n'esta freguezia.

—

Houve aqui uma famosa demanda, que, pelos seus tristes resultados, merece ser registada n'este diccionario.

Eis como principiou e como terminou:

Morreu em 7 de abril de 1852, no Escurial (Hespanha) o subdito portuguez Joaquim Duarte e Silva, natural de Simbres, e filho de José Duarte e Maria Duarte e Silva, do mesmo logar e freguezia, que se habilitaram por herdeiros de seu filho, cujo expolio se avaliava em uns 150 contos de réis.

Depois de julgada a habilitação por sentença, confirmada por accordam da relação do Porto, se apresentaram differentes pretendidos herdeiros, de varias partes do reino, entre elles, uma decrepita mendiga, chamada Benta Joaquina, *chrismada* em Maria Duarte da Silva. Todos estes pretendentes (tanto os verdadeiros herdeiros como os falsos) eram protegidos por titulares, capitalistas e negociantes, e toda a casta de especuladores, envolvendo-se n'esta demanda uma grande parte dos habitantes de Simbres e suas redondezas.

Houve prejurios, chicanas, prepotencias e immoralidades de toda a casta, e algumas prisões e assassinatos!

Appareceu depois, um tal Antonio Verissimo Duarte, tambem de Simbres, auxiliado (segundo se diz) pelo governo portuguez, allegando que a habilitação dos paes do fallecido, era fundada em documentos, uns falsos outros falsificados, pois que Joaquim Duarte e Silva, era um exposto, creado em Simbres, por Maria Duarte, mulher de Manoel da Silva, e que, como tal, não tinha parentes e a herança pertencia ao governo e ao denunciante.

Os justificantes, paes do fallecido, foram presos para as cadeias de Armamar, como *ladrões, falsarios e defraudadores da fazenda publica!*

O infeliz José Duarte, tinha mais de 90 annos, e estava cégo e entrevado havia 30, pelo que foi conduzido á cadeia em um esquife! Depois, foram ambos postos em liberdade, por sentença do juizo de direito, que os absolveu.

Finalmente, os paes do fallecido, arcando com as maiores difficuldades, e obstaculos de toda a qualidade, poderam conseguir, no fim de dezesseis annos de demandas, sentença para levantarem a herança; mas foi o mesmo que nada, porque os castelhanos tinham empregado todo o dinheiro em acções de umas celebres minas que nem tinham cotação no mercado, nem o minimo valor fóra d'elle!

Como os paes do finado eram pobres, logo no principio da demanda se formou uma especie de *companhia do olho vivo*, que lhe abonou todas as despezas para o pleito.

Outra companhia de egual qualidade, protegia o tal Verissimo, que era pobre, e lhe abonava o dinheiro para as despezas do pleito.

Alguns dos socios das duas companhias que pleiteavam, foram por varias vezes a Lisboa e a Madrid, fazendo estas jornadas em risco de perderem as vidas os protectores dos paes do finado; e, com effeito, Manoel dos Santos Pinto, seu protector, e que era negociante em Lamego, morreu envenenado em Madrid, e José Antonio Cardoso, tambem negociante em Lamego, e procurador dos Duartes, se não fosse avisado a tempo, seria assassinado proximo a Badajoz, por uns facinoras assalariados para isso pelos contrarios. Teve pois de retirar para Portugal, e embarcando em Lisboa n'um paquete inglez, desembarcou em Cadix, e d'ahi foi por terra para Madrid.

Durou a demanda 16 annos, e só a companhia que defendia os paes do finado, gastou com o pleito e em jornadas, 18 contos de réis.

Antonio Verissimo, causa principal (ou quem o induziu) de todas as immoralidades e dos obstaculos oppostos aos paes e irmãos do finado, está actualmente decrepito e paralytico, vivendo de esmolas.

N'este pleito tiveram uma parte bem importante, o barão de Ortega, ao tempo consul geral de Hespanha n'este reino, e outras muitas pessoas *altamente collocadas*...

O que custa a crer, é como tantos homens *espertos* (tanto de uma como outra parcialidade) acreditassem que eram capazes de arrancar das garras castelhanas, uma somma de 150 contos de réis!

—

SIMIA — portuguez antigo — o macaco.

SINA — portuguez antigo — estandarte, bandeira.

SINAL — portuguez antigo—peça ou traste movel ou semovente do casal—«*Edardes de leitosa o milhor* sinal, *que houverdes.*» (Prazo d'Alpendurada, de 1404.) Outros muitos prasos dão á palavra signal a mesma significação.

Vide *Lutosa.*

SINALPENDE — portuguez antigo — medida agraria de 120 pés em quadro.

SINDE — villa, Beira Alta, comarca e concelho da Tábua (foi do mesmo concelho, mas da supprimida comarca de Midões) 40 kilometros de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa 230 fogos.

Em 1768, tinha 103.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Os condes d'Obidos (hoje condes do Sabugal) apresentavam o prior, que tinha 250$000 réis de rendimento.

Diz-se que o primeiro nome d'esta villa, foi *Ginde*, corrupção do árabe *Gindi*, que significa soldado. Na India dá-se o nome de *gindi* aos soldados da reserva, que correspondem ás nossas antigas milicias.

Outros porém (talvez com melhor fundamento) dizem que *Sinde* é corrupção do árabe *Cide* ou *Saide*, que significa *Senhora* Vem então a ser *Villa da Senhora.*

Nasceu n'esta villa D. Pedro de Mello Brito da Silveira Alvim, 17.° bispo de Portalegre, feito por D. José I, em 12 de julho de 1773, confirmado pelo papa Clemente XIV, em 3 de outubro do mesmo anno.

D. Manoel I deu foral a esta villa, em Lisboa, a 10 de fevereiro de 1514. *(Livro de foraes novos da Beira*, fl. 56, col. 2.ª

—

Os condes d'Obidos e do Sabugal, são senhores do morgado de *Pé de Cão*, [1] e da quinta e paúl de Arzilla (que antigamente se chamava *Seixal* e *Juncal)* na mesma freguezia d'Arzilla, no concelho de Coimbra.

O ultimo conde do Sabugal e Obidos (6.° vol., pag. 187, col. 1.ª) e meirinho-mór, D. Luiz d'Assis Mascarenhas de Sousa Coutinho, que morreu tisico em Lisboa, a 4 de julho de 1880, teve opposição á posse do tal paúl, por parte de João Correia Ayres de Campos, de Coimbra.

Esta propriedade da *quintaã darzilla*, foi doada á condessa D. Guiomar de Castro,

[1] A propriedade denominada *Pé de Cão*, é na freguezia de S. Martinho do Bispo, concelho e 3 kilometros a O. de Coimbra.

viuva do conde d'Atouguia, por D. Affonso V, no dia 22 de maio de 1452, em pagamento de mil dobras, por conta de maior somma de dinheiro que o infante D. Pedro (tio e sogro do rei) devia aos condes d'Atouguia, e ao qual (infante) pertencêra a propriedade, com todas as suas casas, herdades, vinhas, pomares, rendas e direitos.

A condessa aforou isto, *emfatiota para todo o sempre*, a Pero Eannes, lavrador, e sua mulher e successores, com a condição d'elles *morarem corporalmente nas ditas casas, de fogo vivo*, de bem lavrarem as terras e abrirem sargetas entre a varzea e o paúl e a terça da valla da sargeta para o rio, pagando aos senhorios a *ração de quarto*, das terras do campo; e de cinco das do monte — um quarteiro de pão e um carneiro no dia de Paschoa, e um porco, *que faça dous annos á matança*—no S. Miguel de setembro dous capões, — e dous frangos, no dia de Natal — e o terradego, no caso de venda, com licença dos senhorios. A escriptura foi feita a 22 de junho de 1507, na quinta de S. Silvestre e paços do conde de Cantanhede, D. Pedro de Menezes.

A mesma condessa, aforou para sempre, a Joanne Eannes, lavrador de Bellide, e a sua mulher e successores, as terras de paúl e monte, mattas e collada, do *Casal Velho*, na mesma propriedade de Arzilla, para os emphyteutas ahi fazerem uma casa e n'ella morarem, pagando tambem o 4.º do campo e o 5.º do monte; e mais 4 alqueires de trigo; 2 de milho; 2 de centeio; um porco de um anno, no dia de S. Miguel; um carneiro de um anno; um capão; um frango e 10 ovos, no dia de Paschoa; e o terradego, no caso de venda. Escriptura feita em Coimbra, nos paços do referido conde de Cantanhede, a 7 de outubro de 1510.

O mórgado de Pé de Cão, junto á cidade de Coimbra, foi instituido pela condessa de Cantanhede, D. Guiomar Coutinho, e seu neto, D. Pedro Coutinho, alcaide-mór de Santarem. Escripturas feitas em Lisboa, nas casas da instituidora, a 4 e 25 de maio de 1543, e 6 de setembro de 1546.

Todas estas propriedades tinham sido vendidas pela condessa d'Atouguia, á dita Dona Guiomar de Castro — com auctorisação de D. Affonso V—e D. Fernando Coutinho, *marechal d'estes reinos de Portugal.*

Em 14 d'abril de 1663, tomou a corôa posse d'isto tudo e do direito do padroado da egreja d'Arzilla, por dividas ao conselho de fazenda.

A condessa da Palma, D. Joanna de Castro, na qualidade de tutora de sua filha, D. Brites Mascarenhas da Costa Castello Branco, condessa do Sabugal, requereu levantamento d'este sequestro, que lhe foi concedido, e tomou posse, no 1.º de setembro de 1667.

O *juiz do fisco real* dos ausentes do reino, mandou, por seu despacho de 25 de fevereiro de 1833, que o corregedor da comarca de Coimbra, procedesse a sequestro no paúl d'Arzilla e mais propriedades dos condes do Sabugal e Obidos, com o fundamento de que pela originaria doação real, eram os ditos condes obrigados a abrirem e limparem á sua custa, todas as vallas do paúl, pagarem as congruas aos parochos das egrejas de que eram padroeiros, e occorrerem ás despezas dos guizamentos d'essas egrejas; condições que os donatarios tinham deixado de cumprir, havia muitos annos. Já pelos mesmos motivos se tinha feito sequestro n'estas propriedades, em 1663 e 1667.

Em 15 de dezembro de 1871, nas notas do tabellião João Baptista Ferreira (hoje fallecido) se lavrou escriptura de promessa de venda (logo que estivesse paga a contribuição do registo) feita pelo doutor José Adolfo Troni, procurador do ultimo conde do Sabugal, a Augusto de Moraes, negociante e proprietario, da cidade do Porto.

Esta venda comprehendia — o mórgado do Pé de Cão, a quinta e paul d'Arzilla, no campo de Coimbra, tudo por 2:000$000 réis — os fóros, censos, pensões, rações, laudemios e mais direitos dominicaes, nas villas de Ázere, Sinde, e seus termos, no concelho de Tábua, por 750$000 réis—os fóros, censos, pensões, rações, laudemios e mais direitos dominicaes no concelho de Sinfães, por 250$000 réis.

Tudo isto foi vendido ao *desbarate*, não só por estar leligioso, como porque, desde o principio do anno de 1833 até ao anno de

1876 (lapso de 43 annos) nunca mais os condes do Sabugal estiveram de posse das propriedades que prometteram vender ao especulador, do Porto. [1]

Este falliu e depois falleceu (em 17 de março de 1877) deixando a sua viuva, Dona Maria Annais Monteverde.

Os credores da massa fallida, fizeram tanto caso do mórgado de Pé de Cão, do paul e quinta d'Arzilla, e do mais que o finado havia comprado ao conde do Sabugal, que o deixaram á viuva. Esta casou em segundas nupcias com Antonio Soller, e ambos venderam o direito e acção de tudo, por réis 500$000, a Victorino Cardozo Valente, de Gaia.

Finalmente, depois de muitos embargos, chicanas, appellações e muito gasto de dinheiro, foi a causa julgada nulla desde o principio, por sentença de 10 de março de 1879, dada pelo juiz de Direito de Coimbra o doutor João Roberto d'Araujo Táveira, a, favor dos reus, Domingos Antonio de Lára e mulher, do logar e freguezia d'Arzilla, os quaes, e os outros estavam na pacifica e ininterrompida posse das propriedades e foros contestados, havia mais de quarenta e seis annos.

Os especuladores, julgando fazer um grande negocio, perderam o preço da compra e a importancia das custas e multa, que montou a uma bôa somma.

SINDIM — Vide *Sandim* e *Sendim*.

SINES — villa, Alemtejo, comarca, concelho e 18 kilometros a O. de S. Thiago de Cacem (foi cabeça do concelho do seu nome, depois do concelho de S. Thiago de Cacem, da comarca d'Alcacer do Sal) 110 kilometros a O. d'Evora, 120 ao S. de Lisboa, 700 fogos.

Em 1768, tinha 480.

Orago, S. Salvador. Patriarchado de Lisboa.

Districto administrativo de Beja (foi do arcebispado d'Evora).

O tribunal da mesa da consciencia e ordens, apresentava o prior, que tinha 180 alqueires de trigo, 120 de cevada e 20$000 réis em dinheiro.

—

Está em 37° 57′ de latitude N. — e 28′ de longitude occidental. [1]

D. Manoel I lhe deu foral, em Lisboa, no 1.° de julho de 1512. *(Livro de foraes novos do Alemtejo*, fl. 45, col. 2.ª)

Está esta villa edificada em uma angra que faz a ponta da Troia (Cetobriga) até ao Cabo de S. Vicente, ficando a enseada algum tanto imminente ao mar, e desaguando n'ella os rios *Regalvo* (Rego-Alvo) *Borbolegão*, e Junqueira.

É praça de guerra de 2.ª classe; tem estação telegraphica municipal; e uma delegação, de 1.ª classe, da alfandega de Lisboa. [2]

Foi por alguns seculos capital de um concelho modernamente supprimido e annexado ao de S. Thiago de Cacem. Teve juiz de fóra, vereadores, juiz dos orphãos e mais empregados do civel, administrativo, judicial, da fazenda e municipio.

Foi do arcebispado d'Evora até 1770, anno em que D. José I creou (restaurou) o bispado de Beja, ao qual desde então ficou pertencendo.

Atè 1834, foi da comarca d'Ourique, depois da de Alcacer do Sal, até a creação da comarca de S. Thiago de Cacem (15 de dezembro de 1874) á qual desde então ficou pertencendo.

[1] Tudo isto constituia um antigo reguengo da corôa, que D. Affonso V doára, como vimos. Os emphiteutas, aproveitando-se do disposto no decreto de 13 de agosto de 1832, e da carta de lei, de 22 de junho de 1846, que tornavam livres e allodiaes todos os bens que tinham sido originariamente doações regias e reguengas da corôa, recusaram-se a pagar estas *rações* e mais direitos. Já se vê que o direito a isto, por parte dos condes, se tornára sobremaneira duvidoso, lou, mais propriamente, nullo, em vista das leis vigentes.

[1] Segundo mr. Bellin, engenheiro hydrographico *(Recueil des cartes maritimes, etc.)* está a 37°, 45′ de lat. N., e a 11°, 2′ de long. de Paris — 8°, 58′ de long. leste da Ilha do Ferro.

[2] O artigo *São Thiago de Cacem*, tem muito de commum com o de Sines, principalmente quanto a obras publicas. Para evitarmos repetições, para lá remetto o leitor.

No militar, pertence á 1.ª divisão.

A sua bahia, semicircular, olha para o sul, e o fundo d'ella tem sufficiente altura para navios de todas as lotações, que estão aqui abrigados dos ventos, menos do S. e SO., que n'esta costa são terriveis; mas quando sopram d'este quadrante, as embarcações de menos lotação recolhem-se a uma calheta onde estão livres de perigo, por estarem abrigadas com a muralha de um revelim. [1]

A egreja matriz, é um bom templo. É collegiada, com trez beneficiados, curados (alem do prior) os quaes até 1834 só podiam obter estes beneficios, sendo freires da ordem de S. Thiago, á qual a villa pertencia.

Apezar do estado de abandono em que estão as fortificações de Sines, ainda tem governador, tenente-rei, ajudante da praça, etc.

Teve até 1834, uma sufficiente guarnição de infanteria, artilheria, veteranos, e uma companhia de milicias.

Eram dependentes d'esta praça de guerra, os fortes de Villa Nova de Mil Fontes (a 30 kilometros de distancia, para o S.) e o da ilha de Pecegueiro, que está em frente de Sines. Ambos estes fortes estavam artilhados e tinham guarnição militar.

É defendida a praça de Sines, por um grande e antigo castello, com dous baluartes do lado do mar, e na extremidade O. da bahia, pelo forte de *Nossa Senhora das Sallas*.

A um kilometro para ONO., está o ilheu, ou recife, da *Perseveira*, em frente de um cabo (tambem chamado da Perseveira). O ilheu não é mais do que um penedo monstruoso, e o seu nome lhe provem do marisco chamado *perseves*, do qual está sempre coberto, em tão grande quantidade, que, em tempo de calmarias, se podem aqui carregar cinco ou seis barcos; mas em occasiões de temporal, as vagas, batendo-lhe furiosamente, formam medonhos escarceus.

[1] Ainda em maio de 1876, um temporal arrojou á praia todas as embarcações miudas que estavam na bahia, perdendo-se cinco barcos de armação, dous bateis pequenos, um grande, uma canôa, e muitos apparelhos e redes de pesca.

É terra abundantissima de excellente peixe, que se exporta em grande quantidade, havendo occasiões que se perde muito, por falta de consumidores. Ha uma boa armação, com a qual se pesca muito peixe, mesmo dentro da bahia.

É tambem abundantissima a producção do vinho, havendo annos (antes do oidium) em que se chegou a vender a 1$200 reis a pipa de 25 almudes — medida de Lisboa.

O seu territorio produz trigo, milho, cevada, centeio, legumes, hortaliças e outros generos agricolas. Ha pouca fructa, mas é barata, por lhe vir em grande quantidade, de S. Thiago de Cacem.

Cria muito gado vaccum e lanigero, que exporta. Nos seus arredores ha grande abundancia de caça, principalmente coelhos e lebres.

Ha na villa sete fontes, tão abundantes, que qualquer d'ellas basta para o consumo da povoação. Todas são de excellente agua potavel.

O seu clima é sobremodo temperado e salutifero.

As ermidas, de S. Geraldo, na costa (da qual apenas restam vestigios) e a de Nossa Senhora das Sallas, consta que foram mandadas reconstruir pelo nosso famoso D. Vasco da Gama. Diz-se que, quando em suas viagens passava á vista d'esta ultima ermida, a saudava sempre com uma salva de artilheria.

—

É provavel que a palavra *Sines*, venha do latino *sinus* — seio ou enseada — e, com effeito, é a unica que ha desde a foz do Sado até ao Cabo de S. Vicente. O arco d'esta enseada, é formado por um semicirculo de rochedos, que, do pontal da extremidade S., corre até á ribèira, ao N., intestando ahi com um paredão que se levanta sobre o recife, em cuja quebrada se alonga a calhêta de que já fallei, e que tem uns 70 metros de comprido, por 33 de largo. A enseada tem a medida seguinte: a corda tangente á linha convexa que o mar traça na praia, é de uns 510 metros, a sua maior largura, do pontal á Ribeira, anda por 1:400 metros.

A orla de rochedos que circula a enseada, varia entre 16 e 17 metros de altura, e são,

pela maior parte, ingremes e alcantilados.

A parte que estanceia entre a povoação e a ermida de Nossa Senhora das Sallas, é um areal, secco e infertil; mas, a que fica abrigada pela villa, está povoada de canaviaes, piteiras e algumas hortas. A tudo isto dão os de Sines o nome de *Barrocas*.

Para SE., o terreno é accidentado e no alto fórma uma planura a que chamam *Chans* ou *Altos Chãos*.

—

Tem a villa seis ruas, paralellas, sendo a maior a *Rua Direita*. Não são muito tortas, como as das povoações antigas, porém são mal calçadas, e como as casas não teem latrinas, os despejos se fazem para a rua, o que é summamente desagradavel, por immundo e antihygienico, apezar de cada morador ser obrigado a varrer a sua testada *uma vez por semana* (!) o que nem sempre se cumpre...

No centro da povoação ha uma pequena praça, onde ainda existe o pedestal do seu antigo pelourinho.

Tem trez largos—*Areieiro, Praça*, e *Rocio*. Este ultimo é o mais vasto dos trez.

—

André de Rezende, nas suas (*De ant. Lus.*) menciona trez inscripções achadas em Sines, e são:

1.ª

. . . .
AN. L. CLAVD
THALASSINVS.
MARITE ME-
RENTISSIMA.
H. S. E. S. T. T. L.

—

(Claudio Thalassino, de cincoenta annos de edade, aqui foi sepultado. A terra te seja leve).

A primeira linha, que desappareceu, dizia provavelmente—D. M. S. (aos sagrados deus manes)

2.ª

D. M. S.
FVLVIVS L. F. QVINTIANVS
FABER. MATERIARIVS PIVS.
IN SVOS VIXIT ANN. XLVI
RVBRIA Q. F. SERGILIA ME-
ROBR. MARITO B. M. FEC.
H. S. E. S. T. T. L.

—

(Aos sacros deuses manes. Aqui jaz Fulvio Lucio (ou Locilio) filho de Quintiano, que viveu 46 annos. Sua mulher, Rubria Quintilia, filha de Sergilia, merobrigense (de S. Thiago de Cacem) mandou fazer esta lapide. A terra te seja leve.)

3.ª

D. M. S.
IVLIA C. FIL. MARCEL-
LINA. AN. XXX.
H. S. E. S. T. T. L.

—

(Dedicada aos sacros deuses manes. Aqui jaz Julia Caia, filha de Marcellina, fallecida aos 30 annos de edade. A terra te seja leve.)

—

A villa é (nominalmente) dividida em trez partes—a villa propriamente dita—*Aldeia dos Cucos* (!) a E.—e *Ribeira*, ou *Senhora das Sallas*, a O.

O termo de Sines, confronta com o mar, desde o NNE. até ao S. D'ahi segue por E. (pelo *pinhal do Queimado)* pelas *Pias*, pela *Estradinha*, pelo *Sobralinho*, e pelo *Barranco da Rêbeda*, até ao mar. Estes pontos estão n'um cordão de collinas (chamam-lhe aqui *serra*) cuja curva, no extincto concelho, tem uns 18 kilometros, e todo elle (o concelho) tinha uns 27 kilometros de comprido e entre 18 e 9 de largo. (Nunca teve marcos de divisão do concelho, o que era causa de varias duvidas.)

Dentro d'esta área, e ao S., está a aldeia de *Porto-Côvo*, de uns 20 fogos, construida quasi á beira-mar. É uma estação balnearia, bastante concorrida de gente pouco abastada, e dos que não querem figurar.

É direito senhorio das propriedades d'esta aldeia, o conde de Porto Côvo, do qual adiante tracto.

—

Trez kilometros ao S. de Porto Côvo está uma fortaleza desartilhada, desmantelada e desguarnecida ha muitos annos. No tempo dos banhos, algumas familias e outras pessoas da baixa plebe, vão habitar as velhas casernas d'esta fortaleza abandonada, o que devia ser severamente prohibido pelo administrador do concelho, pois que por essa *tem-*

porada se dão aqui scenas da maior immoralidade e cynismo.

—

Quasi em frente d'esta fortaleza está o ilheu de Pecegueiro, a uns 350 metros da costa. Fica entre Sines e Villa Nova de Mil Fontes. É inculto e agreste. Em maio de 1877, o ministerio da guerra cedeu ao da fazenda o forte desmantelado d'este ilheu, para se estabelecer alli um posto fiscal da alfandega.

No verão, é este ilheu habitado por nuvens de gaivotas, guinchos, maçaricos, alcatrazes, mergulhões, etc. (Vide 6.º vol., pag. 514, col. 2.ª, pr.)

—

Os arrabaldes da villa estão incultos e estereis no inverno, porém desde a primavera até ao outono, ostentam uma luxuriosa vegetação e são bem cultivados.

A *Aldeia dos Cucos* (!) fica na extremidade de leste da villa. É, na sua maior parte, composta de pequenas casas de taipa, e dous estabelecimentos de preparo de cortiça.

O sitio da *Senhora das Sallas*, onde ha uma ermida d'esta invocação, [1] é um grupo de casinhas, quasi todas empregadas em guardar sal, ou utensilios de pesca.

Esta ermida é muito antiga, e, segundo a tradição e o tombo respectivo, foi mandada construir por D. Vetaça Lascaris, pelos annos de 1335. (Vide em *São Thiago de Cacem* o que digo d'esta senhora.) Como atraz fica dito, consta que D. Vasco da Gama a mandou reconstruir quando tinha uns 200 annos de existencia. (Vide adiante).

Adiante d'este sitio, está um forte desmantelado, que foi construido para, com o Pontal, defender a entrada da enseada. D'aqui segue-se a costa do O., da qual o cachopo da *Perceveira* dista uns 500 metros.

D'aqui segue-se a costa, do lado do ONO., em frente da qual está o monstruoso penedo da Perceveira, de que já fallei.

—

Esta povoação é desabrigadissima, e os ventos—principalmente o sul e travessão—aqui, são insupportaveis.

É abundante de bôa agua potavel, fornecida por trez chafarizes (da *Senhora das Sallas* — das *Ricas* — e de *S. Sebastião)* e por quatro fontes (da *Ladeira da Praia* — do *Rio Grande* — da *Silveira* — e a do caminho que vae para a ermida da Senhora das Sallas.

Não ha por estes sitios nascente alguma de agua mineral senão a da mencionada fonte da Silveira, que é ferruginosa, e com sabôr styptico. Rebenta de um immundo charco, em sitio quasi inaccessivel, e, podendo ser uma fonte de receita para o municipio, de nada lhe serve, pela incuria e desmazello das vereações, tanto do tempo em que aqui as houve, como desde que pertence a S. Thiago de Cacem.

A 18 kilometros da villa, ha o manancial chamado do *Ferrenho*, de aguas ferreas, com maior grau de mineralização do que as da Silveira.

Além dos chafarizes e fontes, ha na villa uns 30 poços e nos arredores 15 ou 16.

Na circumscripção do extincto concelho de Sines, ha seis ribeiros, mais ou menos abundantes d'agua, mas que nas grandes estiagens quasi todos seccam. São os seguintes:

1.º — *Ribeira dos Moinhos*, a 3 kilometros da villa. Nasce no *Rorbolegão*, e apenas com 2 kilometros de curso, morre na praia do Lago. É atravessado por duas pontes, mandadas fazer por Samuel Pidwel, e João de Jesus.

2.º — *Ribeira da Junqueira.* Nasce perto de Valclarinho e do Castanheiro, e, com 3 kilometros de curso, morre na praia de São Torpes, a 6 kilometros da villa.

3.º — *Ribeira do Morgavel.* Nasce para cima do Rombo e Porto de Raiz, e, com 3 ki-

[1] *Sallas*, aqui não significa *salas, salões*, etc., mas é o plural de *sal*, sahimento (portuguez antigo) e significa — Nossa Senhora dos defunctos, ou advogada dos que fallecem. — «*E se se Paay Martinz ante sal, ca eu per morte.*» (E se Payo Martins morrer primeiro do que eu.) Documento do mosteiro d'Alpendurada, de 1292.

Segundo outros, vem do antigo portuguez *salas*, que significa *salvas*, de qualquer metal. Sendo assim, vem a ser — *Nossa Senhora das Salvas.* Talvez seja mais verdadeira a primeira etymologia.

lometros de curso, desagúa tambem na praia de S. Torpes.

4.º — *Ribeira da Jordôa.* É continuação da dos Moinhos.

5.º — *Barranco da Bebêda.* Fica a 3 kilometros da villa. É apenas uma torrente.

6.º — *Corrente de Porto-Côvo.* Desagua no mar.

—

A maior parte dos habitantes de Sines vive da pesca e *artes correlativas.* Como todos os povos do nosso littoral que se empregam n'este mister, quando o mar não consente trabalho, é mais facil deixarem-se morrer de fome, do que dedicarem-se a outras occupações. Tambem quando as pescarias são abundantes, gastam despropositadamente em comer, beber, vestir, romarias, etc., sem se lembrarem nem lhes importar o que hão de comer no inverno e as suas familias. (Vide *Peniche,* no logar competente).

O termo da villa, é abundante de caça. Ha annos em que se matam mais de 2:000 coelhos.

O peixe é em extraordinaria abundancia, perdendo-se muitas vezes bastante por o não saberem seccar nem salgar, como fazem os algarvios.

Cento e vinte braças da ribeira, em 15 ou 20 de profundidade, se lança todos os annos uma armação em maio, que se levanta em setembro. É de uma sociedade ou companhia com o capital de 2:160$000 réis, divididos em 18 acções de 120$000 réis cada uma. A despeza annual, regula por 800$000 réis, e o lucro anda, termo medio, por 500 a 600$000 réis.

—

É abundante de combustivel vegetal.

Na praia chamada *do Norte,* ha turfa, da qual ninguem se utiliza. Nos paizes chamados *do Termo,* ha ainda maior abundancia, e de melhor qualidade, mas tambem, por emquanto, ninguem a aproveita.

Póde calcular-se em 30:000 pinheiros os que povoam as mattas d'este termo, mas todos enfezados, porque os ventos do quadrante do norte os não deixam desenvolver.

Tem alguns montados, quasi exclusivamente povoados de sobreiros, onde se criam mais de 600 porcos, e d'onde se colhe annualmente uns mil quintaes de cortiça.

Ha n'este supprimido concelho, 9 moinhos d'agua, 6 de vento, 3 fornos de cal, 6 de têlha, e dous de pão (na villa, porque no campo, cada casal tem seu forno).

—

Hospital da Misericordia

O edificio do hospital, é soffrivel e em menos màs condições hygienicas, apezar de estar no centro da povoação; mas faltam-lhe muitos dos utensilios necessarios (mesmo os indispensaveis) em taes estabelecimentos.

Tem uma botica, posta por conta da Misericordia, creada em 1850, e póde accommodar 100 doentes, mas nunca teve nem metade.

O seu rendimento annual anda por réis 550$000, incluindo o incerto. A mortalidade regula em 10 %, termo medio.

É de construcção moderna. A sua egreja é na Rua da Praia.

—

A egreja matriz, pelo seu estado, e por muitas circumstancias = pois é apenas uma especie de barracão = está reclamando urgentissima reconstrucção *á fundamentis.*

A egreja de Santa Isabel, é pequena, mas bonita e bem conservada.

No termo da villa, ha oito ermidas, que são — Santa Catharina, S. Pedro, S. Marcos, S. Sebastião, S. Bartholomeu, Senhora de Sallas, Senhora dos Remedios, e a capella de Porto-Côvo.

—

Já disse que a ermida de Nossa Senhora de Sallas foi fundada por D. Vetaça Lascaris. No tombo que existiu no archivo da camara de Sines e que hoje deve estar no de S. Thiago de Cacem, se lê o seguinte, com respeito a esta ermida:

«Achou elle provedor que fôra esta egreja mandada edificar pela rainha D. Batassa, de Grecia, no tempo que desembarcou n'esta Villa, e que era da ordem, [1] pelo Tombo da

[1] Esta ordem era a de S. Thiago da Espada, senhora de muitas rendas por estas terras, como se póde ver em *São Thiago de Cacem.*

visitação da ordem estava mandado que se não edificasse n'outra parte, e que á dita casa estivesse sempre onde ora está : e tinha esta ermida algumas propriedades, as quaes todas diminuiram, como eram hortas e vinhas, e tudo está campo raso, por isso se não lançou n'este Tombo, por tudo estar feito a areal e barroca.»

É uma formosa e elegante ermida, muito aceiada e bem conservada. No seu modesto frontespicio, que olha para O., ha duas tarjas circulares. Na da direita, que é em letra gothica, se lê :

ESTA CASA DE NOSA S.RA DAS SALAS
MANDOU FAZER O M.TO MAGNIFICO
S.OR DÕ BASCO DA GAMA CÕDE DA
VIDIG.RA ALMIRÃTE VYSE REI DAS YNDIAS.
FOY FÊITA NO ANO DO NOSO S.RO
JHU XPÕ DE 1529

Esta inscripção está evidentemente errada. Segundo todos os escriptores de boa nota, e mesmo como acabámos de ver no tombo da visitação da ordem de S. Thiago, esta ermida foi mandada edificar por D. Vetaça Lascaris, que falleceu mais de um seculo antes do nascimento de D. Vasco da Gama. Este heroe legendario, falleceu em Cochim (India) a 25 de dezembro de 1524, e portanto, foi muito antes de 1529 que reconstruiu (e não, *mandou fazer)* esta ermida.

Mais—D. Vasco da Gama, como tambem já vimos, sempre que passava a bordo de algum navio, em frente d'esta ermida, mandava dar uma salva de artilheria em honra da Senhora. Ainda mesmo que se quizesse dizer que podia o templo ser feito em 1529, depois do fallecimento do Gama, e por sua ordem, não se póde acreditar, porque elle então não *salvava* a uma cousa que ainda não existia. É certo pois que elle mandou *reedificar*, e não *fazer*, este templosinho.

Na tarja da direita se vê o escudo das armas dos Gamas (marquezes de Niza e condes da Vidigueira.)

Dentro do templo ha varios quadros, representando naufragios. São *milagres* (ex-votos) commemorando o salvamento de nautas, por intercessão da Senhora das Sallas.

Veem-se tambem dous retratos de Dom Vasco da Gama. O mais moderno e maior, foi offerecido pelo sr. Jacinto Falcão Murzêllo de Mendonça.

Esta Senhora tem actualmente apenas de rendimento 33 alqueires de trigo, e a sua festa, que é a 15 de agosto — e sempre concorridissima — importa em 200$000 réis, pouco mais ou menos. É feita á custa de devotos.

—

Os habitantes da villa, no geral pescadores, são robustos e saudaveis ; não assim os do campo, que são rachiticos e poucos morrem de velhice, em consequencia de varias molestias chronicas e endemicas — principalmente febres intermitentes — procedidas dos varios pantanos que ha por estes sitios. Vide o que a semelhante respeito digo em S. Thiago de Cacem, pois que as molestias e as causas, são identicas.

—

O povo de Sines é no geral pacifico e religioso. Como os algarvios, (cujo dialecto é muito semelhante) gritam muito, rogam pragas medonhas — principalmente os homens do mar — porém muito poucas vezes passam d'isto. Quasi todos usam da competente navalha, mas só para mostrar nos conflictos, e rarissimas vezes a ensaguentam.

Entre os habitantes de Sines e os de São Thiago de Cacem existe uma antiga indisposição, ou *rixa velha,* que augmentou com a suppressão do concelho de Sines, e a união ao de S. Thiago de Cacem ; mas esta rivalidade não tem, até hoje, produzido resultados funestos.

—

Não ha em Sines casa publica de espectaculos, assembleia ou club, ou cousa que mereça tal nome. Tem havido alguma coisa parecida com isto ; mas o demonio da politica tem acabado com tudo ! A vida aqui, principalmente no inverno, é sobremodo monotona e aborrecida.

—

A delegação da alfandega, rende, uns annos por outros, um conto de réis, que não chega para as despezas. Nem a casa é propria, mas arrendada por 20$000 réis annuaes !

—

Pesca-se n'esta costa, grande quantidade e mais de 120 variedades de peixe, e a maior parte dos mariscos conhecidos em Portugal.

Ha tambem uma grande variedade de plantas medicinaes.

—

A dois kilomeiros da villa, existiu um mosteiro de religiosos franciscanos, hoje reduzido a ruinas.

—

S. Torpes e Santa Celerina

S. Torpes (ou Torpez) foi martyrisado na cidade de Piza (Italia) por ordem do imperador Nero. (Vide 8.º vol., pag. 632, col. 1.ª)

Santa Celerina, segundo uns, era natural de Monção, outros porém dizem que nasceu em Evora. Julgo que pelo mesmo tempo houve duas santas do mesmo nome, que a de Monção nunca foi casada, e que a Santa Celerina de que aqui se trata, era natural de Evora. (Vide 3.º vol., pag. 423, col. 1.ª, ultima linha).

Esta de Sines, era bisneta de Lucia Pompea Celerina, patricia romana. Casou (Santa Celerina) com Lucio Venancio — ou Veronio — tribuno militar. Ambos se converteram ao christianismo, no anno 44 de Jesus Christo.

Lucio morreu novo e sua mulher lhe sobreviveu alguns annos, todos empregados em obras de caridade. Era riquissima. (Monfricio diz que ella era senhora da metade da Lusitania, o que não póde deixar de ser exageradissimo.)

Viveu muitos annos em Sines, de que tambem era senhora.

Em 17 de maio de 45 de Jesus Christo, aportou miraculosamente á praia de Sines, e a bordo de um barco desconjuntado, o corpo de S. Torpes (ou Torpez) vindo de Piza (Italia) onde foi martyrisado.

Santa Celerina e S. Mancio, 1.º bispo de Evora (a cuja diocese pertencia então esta villa) foram, por suas proprias mãos, dar sepultura ao cadaver do santo, construindo-lhe logo, no logar onde fôra enterrado, um magestoso templo, que os árabes arrazaram em 716.

D. Theotonio de Bragança, arcebispo de Evora, por especial recommendação do pontifice Sixto V, fez todas as diligencias por descobrir a sepultura de S. Torpes, até que a achou, junto á foz da Junqueira, d'esta villa. Estava o corpo do santo (menos a cabeça — porque o santo foi degolado — a qual ficou no mosteiro de frades minimos de São Francisco de Paula, de Piza) estava o corpo do santo, digo, guardado em um sepulchro de marmore, com uma alampada funebre, de barro, e uma lapide com inscripção latina, declarando o dia do martyrio do santo.

Com auctoridade apostolica, foram estas reliquias collocadas na egreja matriz de Sines, onde tem capella propria.

Vinte annos depois (em 65) e no mesmo dia 17 de maio, ainda por ordem do truculento Nero, foi santa Celerina martyrisada em Sines.

—

Obras publicas

Desde que Sines pertence ao concelho de S. Thiago de Cacem, tem-se feito as seguintes :

Em 1874 se concluiu a estrada de Sines á Ribeira e caes ; á custa do ministerio das obras publicas.

Em novembro de 1871, se collocaram os póstes e arame electrico, entre Sines, e Grandola, passando por S. Thiago de Cacem. O telegrapho principiou a funccionar, em fevereiro de 1872.

Em 1856 foi feito o novo cemiterio de Sines, que importou em 294$360 réis.

Em 1864 abertura do encanamento da nova agua para o chafariz de S. Sebastião. Custou 159$110 réis.

No mesmo anno se fez a obra no sitio do Revelim. Custou 160$040 réis.

Em 1866 se principiou a obra da abertura da agua, no largo do Rocio, de Sines. Custou 349$980 réis.

Em 1867 se concluiu o poço publico do mesmo largo do Rocio, collocando-se uma bomba aspirante e de compressão. Custou tudo 290$000.

No mesmo anno se plantaram amoreiras no mesmo largo, o que importou em 60$000 réis.

—

D. Vasco da Gama

Nasceu em Sines, no anno de 1469. Foi filho de Estevam da Gama e de Lady Bresalina de Brassefortes, senhora ingleza, que em Portugal tomou o nome de Branca (outros dizem Isabel) Sodré [1].

Procedem os Gamas de Alvaro Eannes da Gama, bravo guerreiro do seculo XIII, e que ajudou D. Affonso III e D. Payo Peres Correia, a conquistar o Algarve. Foi ascendente de Estevam da Gama (pae do nosso heroe) natural d'Olivença, alcaide-mór de Sines e Silves, commendador do Seixal, da ordem de S. Thiago, vassallo do infante D. Fernando, pae do rei D. Manoel, e védor do principe D. Affonso, (o que morreu da queda de um cavallo, na ribeira de Santarem) filho de D. João II.

Este monarcha escolheu Estevam da Gama para hir á descoberta da India, pelo Cabo da Bôa-Esperança; porém não se realisou por então esta empreza.

O rei D. Manoel, primo, cunhado e successor de D. João II, tomou a peito o mesmo emprehendimento, mas não achava quem fosse capaz de conseguir bom resultado.

Um dia que estava a uma das janellas dos seus paços da Ribeira, em Lisboa, viu passar pelo terreiro o joven Vasco da Gama, que tinha então 28 annos, e que era conhecido como um intrepido nauta, e grande conhecedor das cousas do mar.

O rei o mandou chamar e lhe disse : — «Atreveis-vos a entrar em uma empreza de grande difficuldade e perigo?» — O Gama lhe respondeu com o rosto alegre : — «Não ha cousa que eu não emprehenda em serviço de Vossa Alteza.» —

O rei lhe declara o objectivo da arriscada viagem, e lhe entrega o roteiro que Bartholomeu Dias havia escripto, quando em 1485 chegára á extremidade da Africa Occidental, a que tinha posto o nome de *Cabo das Tormentas*, e que D. João II mudára para *Cabo da Bôa-Esperança.*

Depois de varias conferencias entre o rei e Vasco da Gama, e de obtidos todos os possiveis esclarecimentos, deu o soberano a Gama trez pequenos navios, por nome *S. Gabriel*, *S. Raphael*, e *Berrio*; nomeando para os commandarem, o Gama, seu irmão Paulo, e Nicolau Coelho, que já tinha rodeado a costa d'Africa até ao Cabo da Bôa Esperança.

Com estes foram tambem outros intrepidos capitães, e o chronista Fernão Lopes Castanheda, que escreveu a *Historia do descobrimento da India, pelos portuguezes.*

As viagens (trez) de Vasco da Gama á India, já estão rapidamente descriptas n'esta obra, e, para evitarmos repetições, vide no vol. 8.º, pag. 53, col. 2.ª, e seguintes.

O rei D. Manoel, apezar da sua proverbial ingratidão para a maior parte dos que o serviam, d'esta vez mostrou-se mais generoso. Deu a Vasco da Gama e seus irmãos o prenome de *Dom*, e que ao escudo das suas armas se accrescentasse um escudete com as armas de Portugal, e por timbre um *naire* da cintura para cima, vestido á indiana, e tendo na mão direita o escudo das mesmas armas. Deu a D. Vasco o titulo e officio hereditario, de *almirante dos mares da India*; 300 mil réis de renda e o privilegio de poder em cada anno empregar 200 crusados em mercadorias para negociar com a India. Deu-lhe tambem o titulo de conde da Vidigueira, de juro e herdade (e o condado: e não como se usa hoje, que o condado é só nominal.)

O 5.º conde da Vidigueira, D. Vasco Luiz da Gama, foi feito marquez de Niza, por D. João IV, a 18 de outubro de 1646.

Desde então, os reis de Portugal accrescentaram aos seus antigos titulos, o de *Senhor da Conquista, Navegação e Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e da India.*

Na sua 3.ª viagem á Asia, como vice-rei da India feito por D. João III, morreu este heroe portuguez, e indisputavelmente o maior

[1] Veja-se n'este vol., o artigo *Senhora da Graça*, col. 1.ª de pag. 128. Estevam da Gama, teve de sua mulher trez filhos—Vasco, Paulo, e Ayres.

vulto do seu tempo, na edade de 55 annos, na cidade de Cochim (India) pelas 3 horas do dia 25 de dezembro de 1524.

Na sua primeira viagem, em que gastou dois annos e 21 dias, perdeu dois navios e 115 homens (incluindo seu irmão, Paulo da Gama; pois dos 170 com que sahiu de Lisboa, apenas regressou com 55.)

Foi seu cadaver depositado na egreja de S. Francisco, e d'ahi vieram seus ossos (como determinára em seu testamento) para o mosteiro de Nossa Senhora das Reliquias, de carmelitas calçados, da villa da Vidigueira, em 1538, e foram depositados em um tumulo, na capella mór, do lado da Epistola, com a seguinte inscripção : —

AQUI JAZ O GRANDE ARGONAUTA
D. VASCO DA GAMA,
PRIMEIRO CONDE DA VIDIGUEIRA,
ALMIRANTE DA INDIA
E SEU FAMOSO DESCOBRIDOR.

Trezentos e quarenta e dois annos estiveram as cinzas venerandas d'este grande heroe na egreja da Vidigueira, até que em 1880 foram mandadas para o mosteiro dos Jeronymos, de Belem [1].

No artigo Vidigueira tratarei d'esta trasladação mais detidamente.

—

D. Vasco da Gama, para engrandecer a sua patria, dobrou cinco vezes o Cabo da Bôa Esperança, domando a furia das ondas do Atlantico e do mar das Indias, cortando-os na distancia de mais de 3:000 leguas.

Descobriu a Angra de Santa Helena — a Terra do Natal — as serras de Calecut — o Rio dos Reis — o Rio dos Bons Signaes — a ilha de Moçambique — Melinde e outros muitos paizes.

Fez tributario de Portugal, o rei de Quiloa, em 500 meticaes de ouro (de que se fez a custodia que o rei D. Manoel offereceu a Nossa Senhora do Rastéllo, dos Jeronymos, de Belem) — estabeleceu commercio, celebrou pazes e firmou tratados de amisade com os maiores potentados do Oriente; fazendo tanta prosperidade e riquezas a Portugal, que chegou a estimar-se mais a prata do que o ouro!

[1] Na mesma occasião, vieram para este mosteiro uns ossos que alguem se lembrou de dizer que eram de Luiz de Camões, e que talvez sejam os de algum pobre e obscuro sapateiro. Vieram da egreja das freiras de Santa Anna, de Lisboa.

—

Vasco da Gama, nasceu em Sines, como já disse, porém foi creado em Evora, e morou nas casas a que chamam *pintadas*, por elle as ter mandado pintar depois que veio da India, em 1499; fazendo alli representar as arvores e animaes d'aquellas, para nós, desconhecidas regiões. N'estas casas foi feito conde da Vidigueira e vice-rei da India, e n'ellas casou com D. Catharina de Athaide, filha de Alvaro de Athaide, senhor de Penacova, da qual teve varios filhos, dos quaes procedem muitas das principaes familias portuguezas, e por linha recta, a nobilissima casa dos marquezes de Niza, condes da Vidigueira.

Era este grande homem, de mean estatura, algum tanto nutrido, de genio cavalheiroso e ousado para qualquer grande feito; mas temivel em qualquer paixão. Soffredor de trabalhos e inflexivel no castigo dos culpados, e rigorosissimó em manter a disciplina nos seus subordinados.

Deixou escripto e se imprimiu e publicou o *Roteiro* da sua primeira viagem á India, em 1497.

Diz-se que o sino das horas do relogio da Vidigueira é o da embarcação em que D. Vasco da Gama dobrou pela primeira vez o Cabo da Bôa Esperança.

Na quinta que elle fez no logar da Arrentella, ao S. do Tejo, concelho do Seixal, e que hoje se chama *quinta do Salema*, ainda existem objectos trazidos da India pelo proprio D. Vasco da Gama, e cedros plantados em sua *vida*.

—

Conde de Porto Covo da Bandeira

Joaquim da Costa Bandeira, nasceu a 11 de dezembro de 1786 e falleceu em 23 de dezembro de 1853.

Era filho de João da Costa, proprietario na villa (hoje cidade) de Vianna do Minho,

fallecido em 1807, e de D. Maria Josefa Christina Bandeira, fallecida em 1796 [1].

Foi 1.º visconde de Porto-Côvo, feito por D. João VI, em 19 de janeiro de 1825. Era 2.º barão e 3.º senhor de Porto-Côvo — par do reino, desde 1835, commendador da ordem de Christo, deputado da junta dos juros dos reaes emprestimos, membro da commissão do thesouro publico nacional, feito em 26 de julho de 1833 e presidente da direcção do Banco de Lisboa desde o seu estabelecimento.

Succedeu na casa de seu irmão, a 3 de dezembro de 1818, e no titulo de barão, a seu tio Jacintho Fernandes Bandeira (o da nota) em 30 de maio de 1806.

Foi feito 1.º conde de Porto-Côvo, em 15 de setembro de 1843.

Foram seus irmãos (por ordem de edades.)

1.º — *Jacintho Fernandes*, 2.º senhor de Porto-Côvo, alcaide-mór de Villa Nova de Mil Fontes, commendador da ordem de Christo. Morreu sem descendentes, a 3 de dezembro de 1818.

2.º — *Frei João Fernandes*, religioso dominico, já fallecido.

3.º — *Soror Maria Clara*, religiosa do convento de freiras bentas de Vianna, fallecida em 1808.

4.º — *Joaquim da Costa Bandeira*, o 1.º visconde, como fica dito.

5.º — *Paulo da Costa Bandeira*, tenente do regimento de infanteria n.º 7, e prisioneiro dos francezes, na tomada d'Almeida. Morreu em Setubal (quartel do seu regimento) em 1816.

6.º — *Manoel Fernandes Bandeira*, bacharel em leis, tambem já fallecido.

O 1.º conde de Porto-Côvo, morreu sem descendentes. Seu sobrinho, o sr. Felix Bernadino da Costa Lobo de Bandeira, foi feito visconde de Porto-Côvo, em 28 de abril de 1858, e conde do mesmo titulo, com grandeza, em maio de 1878.

[1] Esta senhora era irman de Jacintho Fernandes Bandeira, 1.º senhor de Porto-Côvo, desde 19 de junho de 1796, e 1.º barão do mesmo titulo, desde 17 de agosto de 1805; do conselho de D. Maria I, conselheiro da real fazenda, alcaide-mór de Villa Nova de Mil Fontes, commendador da ordem de S. Thiago, cavalleiro da de Christo, etc., fallecido a 30 de maio de 1806.

—

Tendo relatado todos os factos de que pude obter esclarecimentos, que nobilitam esta antiquissima villa de Sines, não devo occultar um acontecimento que teve logar n'esta villa, e que cobre de oprobrio eterno os cobardes que o praticaram. Eil-o. —

Em consequencia da convenção d'Evora-Monte, de 27 de maio de 1834, que expatriava o sr. D. Miguel I, sahiu este senhor da cidade de Evora, na madrugada do dia 30 do referido mez de maio, em direcção á villa de Sines, para d'alli embarcar para o estrangeiro, levando para sua escolta, o regimento de lanceiros da rainha, commandado pelo tenente coronel Simão Infante e pelo capitão D. Carlos Mascarenhas, irmão do marquez d'Alorna e Fronteira, D. José Frazimundo Mascarenhas Barreto, ambos já fallecidos [1]. Fez tambem parte d'esta escolta, uma força de 20 soldados, da cavallaria realista.

No dia 1.º de junho do mesmo anno, pelas cinco horas da tarde, chegou a Sines o sr. D. Miguel.

O tristemente celebre guerrilheiro Batalha, de Portel, com a sua horda de assassinos e ladrões, esperava o infeliz principe, decididos a assassinal-o — depois de lhe terem roubado toda a sua bagagem e a da sr.ª Vadre, sua ama, sem lhe deixarem mais do que a roupa do corpo!

Estes scelerados, teriam levado a effeito os seus intentos, se não fosse o nobre comportamento de D. Carlos Mascarenhas, e ainda mais, a energia do tenente coronel de lanceiros, Simão Infante de Lacerda de Souza Tavares, depois 2.º barão de Sabroso, feito em 24 de janeiro de 1835, e que pouco depois morreu governador da India.

Este bravo militar, fez sahir a toda a brida, um destacamento do seu regimento, á frente do Batalha, obrigando-o a conter-se em respeito.

Em Sines porém, estava um grande nu-

[1] Ficou herdeiro d'estes titulos, o conde da Torre, por decreto de 6 de maio de 1881.

mero de vadios e garotos, mandados de Lisboa (diz-se que, pelo então ministro, Agostinho José Freire)[1] os quaes, reunidos á marinhagem de uma corveta portugueza que estava fundeada na bahia, commandada pelo capitão Limpo, e com alguns — poucos — habitantes de Sines, fizeram uma grande e escandalosa assuada ao sr. D. Miguel, ameaçando com espadas e punhaes, as pessoas que acompanhavam o rei, e atirando-lhe pedras, uma das quaes feriu o dito D. Carlos Mascarenhas.

O sr. D. Miguel, depois de descançar poucos momentos, embarcou na fragata de guerra ingleza, *Stag*, onde foi recebido com uma salva real, dada pela fragata e por a corveta de guerra Nemrod, tambem ingleza, cujas guarnições se esmeraram em obsequiar o seu real hospede e a sua comitiva; mas a assuada em terra, continuou com geral admiração e profundo desgosto dos inglezes.

O capitão Limpo, não só se recusou a corresponder á salva, mas até tinha mandado os seus marinheiros juntar-se com a relé e ajudar á assuada!

Quando já tudo estava a bordo, Simão Infante recebeu ordem do governo de Lisboa, para reclamar algumas das pessoas que estavam embarcadas, porém os inglezes se recusaram a tão insolita exigencia. Tambem exigiu certas declarações, mas teve o mesmo resultado.

No dia seguinte (2 de junho) a fragata Stag e a corveta Nemrod, levantaram ferro, e foram fundear a Cascaes. O commandante da esquadra ingleza, Parker, foi a bordo da fragata, visitar o sr. D. Miguel, com o qual conversou longo tempo, e quiz ver o general realista, José Antonio d'Azevedo e Lemos, a quem dirigiu palavras affectuosas.

A 3 de junho, sahiu a nau ingleza Donegal para Inglaterra, levando D. Carlos V, e a sua familia e sequito.

A Stag e a Nemrod só sahiram a 5, estando estes trez dias a receber mantimentos.

As pessoas do sequito do sr. D. Miguel, escreveram ás suas familias, e o rei recebeu noticias de sua irman, a infanta D. Isabel Maria, que estava (ou fingia estar...) doente, em Elvas.

[1] Este homem foi assassinado pelo povo amotinado, na Pampulha, em Lisboa, a 4 de novembro de 1836. Vide Lisboa, no logar competente.

—

Em fevereiro de 1876, foi publicada a carta de lei que approva o contracto celebrado pelo governo com Alonso Gomes, para o serviço de navegação a vapor entre Lisboa, Sines e os portos do Algarve, bem como entre Mertola e Villa Real, no rio Guadiana; e auctorisa o governo a contractar com o referido Alonso Gomes, que o vapor da carreira do Algarve faça tambem escala pelo porto de Albufeira.

Em julho de 1880, foi ordenado, por portaria ao director das obras publicas do districto de Lisboa:

1.º Que na construcção do molhe de Sines, mandada executar em portaria de 8 d'outubro de 1878, se siga o projecto reformado datado de 1 de setembro de 1879, com as modificações constantes da parte do referido parecer, que por copia se remette ao director das obras publicas do districto de Lisboa;

2.º Que se auctorise o mesmo engenheiro a dispender n'esse serviço a quantia de 17:870$000 réis, importancia do orçamento relativo ao mencionado projecto reformado.

SINFÃES — villa, Beira Alta, cabeça do concelho e comarca do seu nome (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Resende) 25 kilometros ao O. de Lamego, 6 ao S. do Douro, 325 ao N. de Lisboa, 800 fogos.

Em 1768, tinha 145.

Orago, S. João Baptista.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O papa e a mitra, apresentavam alternativamente o vigario, que tinha de rendimento annual 200$000 réis.

Foi commenda da ordem de Christo, do conde meirinho-mór. (Conde de Sabugal, Obidos, e Palma.)

Tem as 17 capellas seguintes: — Passos (com capella-mór e sachristia — Santa Barbara (a 3 kilometros da aldeia de Contança.) — Santa Christina — Nossa Senhora dos Re-

medios — Nossa Senhora da Penha de França — Nossa Senhora da Encarnação — Nossa Senhora da Conceição (em Ventozéllo) — Nossa Senhora de Todo o Remedio e Afflicção — Nossa Senhora da Guia — Nossa Senhora da Luz — Nossa Senhora do Desterro — S. Francisco das Chagas — S. Gonçalo, das Pias — Santo Antonio — Menino Deus — Santa Quiteria — e Santa Luzia.

Esta freguezia tem 37 aldeias, alem de muitas quintas.

O concelho de Sinfães, é composto de 17 freguezias, todas do bispado de Lamego, são — Alhões, Burtéllo, Espadanêdo, Ferreiros, Fornéllos, Gralheira, Moimenta, Nespereira, Nògueira, Oliveira, Piães, Ramires, Sinfães, Souzéllo, Tarouquella, Tendaes, e Travanca, tódas com 6;000 fogos.

A comarca (de 2.ª classe) é composta unicamente do seu concelho. Pertence ao districto judicial da Relação do Porto, e á 2.ª divisão militar.

Pela nova divisão judicial, tem quatro julgados — Ferreiros, Fornéllos, Sinfães, e Tarouquella.

O rei D. Manoel lhe deu foral, em Lisboa, no 1.º de maio de 1513. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 138 v., col. 2.ª)

Esta comarca foi creada pelo decreto de 24 de outubro de 1855, com as freguezias do seu concelho e com as do concelho de S. Fins do Douro, que foi então supprimido.

A egreja matriz, é um templo vasto e magestoso, e a residencia parochial o melhor edificio da povoação.

Sinfães, não merece o nome de villa, pois ha grande numero de aldeias em Portugal, muito maiores e mais bonitas. Não tem uma unica rua que mereça tal nome. A praça ou terreiro, que é vasta, mas irregular, não é calçada, de maneira que, em tempo de chuva, é uma incommoda pateira ou marnel.

É ao N.E. e n'este terreiro, que está a egreja, e ao S.O. a chamada *casa da camara*, que só serve de tribunal das audiencias do juiz de direito. É composta apenas de uma pequena sala, e um quarto immediato, onde se recolhem as testemunhas (que ouvem tudo quanto se diz na sala!)

Esta casa é construida em uma costeira, de modo que o 1.º andar fica ao nivel do terreno superior, e o pavimento terreo, fica debaixo do chão por tres lados. É aqui a cadeia.

Admira que sendo esta comarca tão rica, e tendo tantos cavalheiros illustrados e varios fidalgos e doutores, não se tenham resolvido a fazer uma casa para tribunal de justiça e para as sessões da camara, que mereça tal nome, arrazando a que existe, que é talvez a mais pobre e insignificante do paiz.

As casas particulares da povoação, estão occupadas pelos seus proprietarios, de maneira que os magistrados e empregados que não são d'aqui, teem de arrendar casas fóra da povoação, ou viver em cubiculos acanhados e incommodos.

Estradas, é cousa que tambem se não conhece n'esta terra. Aquillo a que — por escarneo — se dá tal nome, são uns atalhos, pantanos e barrancos, e o cavalleiro que tem de andar por elles, vae em constante risco de quebrar os ossos.

A maior parte d'esta comarca, fica sobre a margem esquerda do Douro, que a divide pelo N., da provincia do Douro, assim como o rio Paiva a divide pelo O., do concelho de Paiva, na comarca de Arouca, na mesma provincia do Douro.

Sinfães é o ultimo concelho do districto administrativo de Viseu, do lado do oeste, assim como a ultima terra da provincia da Beira-Alta, por este lado.

Apezar da antiguidade de Sinfães, como concelho, não existe um unico livro (que eu saiba) onde se encontrem esclarecimentos com que eu podesse escrever este artigo.

Em 1862, escrevi ao respectivo presidente da camara municipal e ao parocho de Sinfães, pedindo informações, mas nenhum d'elles se dignou responder-me.

Tive pois de alli hir de proposito, ver e examinar esta terra.

O terreno d'este concelho, é muito acci-

dentado, porém, como é abundantissimo de aguas, os seus valles são fertilissimos em todos os generos agricolas; e os seus montes, povoados, quasi todos, de frondoso arvoredo, fazem a terra abundante de madeiras, que exporta em grande escala para a cidade do Porto, pelo rio Douro, assim como cereaes e fructas.

Cria muito gado, de toda a qualidade, e nos seus montes ha bastante caça. O Douro fornece o concelho de optimo peixe.

O vinho d'aqui, posto ser verde, é de optima qualidade.

É n'este concelho, mas na freguezia de S. Christovam de Nogueira, a nobre e antiquissima *Quinta da Granja*, do sr. D. Pedro da Silva Cerveira Montenegro de Bourbon. (Para evitarmos repetições, vide *Granja* — quinta da — no 3.º vol., pag. 319, col. 2.ª)

Tambem na freguezia de Espadanêdo, d'este concelho, está a antiga casa da *Villa*, da qual é actual proprietario o sr. Rodrigo Maria Cortez Machado.

Em frente d'esta casa, e ao O. d'ella, fica a casa e quinta do *Valladò*. O sr. Raymundo Correia Pinto Tameirão, foi feito barão do Vallado (d'este) em 17 de setembro de 1851 Seu filho, o sr. Augusto Correia Pinto Tameirão, foi feito barão do mesmo titulo, em 9 d'agosto de 1855.

Tanto a quinta da Villa, como a do Vallado, ficam sobranceiras ao Douro, muito proximas d'este rio, e em frente do mosteiro de S. João d'Alpendurada, que lhe fica ao N.O., sobre a margem direita.

Na freguezia de Travanca, sobre a margem direita do Paiva, está a casa e quinta que foi do coronel do exercito francez, José Soares de Albergaria, pae do sr. Manoel Soares d'Albergaria (actual possuidor) de D. Maria Soares d'Albergaria, casada com o actor italiano, conde de Monte-Merli — de D. Bertha Soares d'Albergaria, casada com Antonio Peixoto Pereira Coelho da Silva Padilha Seixas Harcourt (que, depois de dar cabo de uma grande casa que herdou de seu irmão Pedro, foi para o Brasil, onde se fez cocheiro, e hoje está em Montevideu, feito medico raspaillista, deixando em Portugal, ao desamparo, sua mulher e trez filhos!) — Teve José d'Albergaria mais duas filhas, D. Amancia, casada, e D. Thomazia, que morreu solteira, deixando duas filhas naturaes, que vivem na miseria.

Todos os filhos de José Soares, nasceram em França, de mãe franceza, mas vieram para Portugal de tenra edade.

Ha ainda n'este concelho outras casas nobres e antigas, como a do sr. Jeronymo Leite Cabral Tavares Castello-Branco, da Vista-Alegre (hoje residente em Eiriz, proximo á villa d'Arouca) os srs. Leites, de Nogueira, e outras familias distinctas, de que não tenho conhecimento.

Quinta da Fervença

Fica junto á egreja matriz de Sinfães. Tem casas nobres e um magnifico portão com o brazão d'armas dos Vasconcellos. (Vide *Castello-Melhor*.)

Foi vinculada em 11 de julho de 1613, pelo doutor, Miguel de Vasconcellos de Mello, e tinha capella propria na egreja dos frades *grillos*, do Porto (hoje seminario episcopal) onde os mórgados tinham seu carneiro.

O primeiro administrador d'este morgado, foi o seu instituidor, o dito Miguel de Vasconcellos de Mello, fidalgo da casa real, capitão-mór de Sinfães, casado com D. Margarida de Miranda, da nobre casa da Bôa-Vista, junto á villa de Sobrado de Paiva.

O administrador do mórgado, apresentava a egreja de Lazarim, da qual era padroeiro. Vide *Lazarim*, *Porto* (nos Correias da Rua Chan) *Bôa-Vista*, *Real* (do concelho de Paiva) *Thuias*, ou *Villa Nova de Thuias* e *Torre de Alvarenga*.

Foi primeiro filho dos instituidores — *Manuel de Vasconcellos de Mello*, fidalgo da casa real, casado com D. Antonia Luiza Felgueira Gajo, filha do cavalleiro de Christo, João Felgueira Gajo, governador de infanteria na provincia do Minho, e sobrinha do bailio de Leça, da ordem de Malta, Gaspar Felgueira Gajo. Tiveram:

Belchior Antonio de Vasconcellos de Mello, fidalgo da casa real, que casou com D. Anna de Menezes, da casa dos viscondes de Veiros. Tiveram:

José de Vasconcellos de Mello, fidalgo da casa real, que morreu sem successão, pelo que a casa da Fervença, passou para os descendentes de D. Isabel da Silva de Vasconcellos, irman de Manoel de Vasconcellos de Mello, e casada em Thuias, com João Correia de Souza Montenegro, dos quaes foi representante, Bernardo José Pinto de Vasconcellos de Miranda Montenegro, da referida casa da Bôa-Vista, hoje representado por seus filhos, os senhores, doutor Albino (vide *Sete-Capellas*) e seu irmão Martinho, que até ha poucos dias foi governador civil d'Aveiro.

A quinta da Fervença andou alguns annos usurpada ao seu legitimo dono, e foi precizo uma grande demanda, para a reivindicar.

Serpa Pinto

Com razão se ufana Sinfães, de ser patria do sr. *Alexandre Alberto da Rocha Serpa Pinto*, major do exercito portuguez.

Nasceu na *quinta das Poldras*, freguezia de Tendaes, d'este concelho, a 20 de abril de 1846. Na edade de dous annos e meio, acompanhou seus paes, para o Brasil, e na Bahia estudou instrucção primaria. Voltou a Portugal em 1855, continuando a sua educação litteraria, no *collegio Ortigão* (Lyceu da Lapa) na cidade do Porto, até aos 12 annos, sentando então praça, e seguindo os estudos no collegio militar, onde sempre se distinguiu pela sua dedicação ao estudo, obtendo porisso os primeiros premios. Foi despachado alferes, em 1865 e tenente em 1869. N'este anno, foi um dos officiaes que se offereceu para a malfadada expedição da Zambezia, contra o Bonga, onde prestou relevantes serviços e mostrou uma admiravel coragem e sangue-frio. Regressou a Portugal, e foi collocado no regimento de infanteria n.º 9. Em 1875, passou para o batalhão de caçadores n.º 12, em cujo corpo serviu dous annos, na Ilha da Madeira. Em 1876, foi despachado capitão, e em 1877 se offereceu ao governo portuguez, para hir á expedição scientica da travessia da Africa. Foi a Paris e a Londres, comprar, por ordem do governo, todos os utensilios necessarios para aquella arrojada expedição, o que realisou com approvação do mesmo governo. N'este mesmo anno de 1877, foi despachado major, e a 7 de julho, ainda d'esse anno, embarcou para a Africa, como chefe d'aquella expedição.

Todos sabem como este bravo militar cumpriu corajosamente a sua difficil missão e arrojado emprehendimento, e, regressando a Portugal, escreveu e publicou um interessantissimo livro, descrevendo a sua viagem. Nem cabe no acanhado espaço de um diccionario, a descripção — por mais rapida que fosse — d'esta perigosa travessia, pelo que remetto o leitor para o livro do sr. Serpa Pinto.

Chegou o illustre viajante a Lisboa, no vapor *Oronoque*, des *Messageries*, em abril de 1879, sendo recebido pelos ministros da marinha e fazenda e pela Sociedade de geographia.

Foi sollicitado pelas Sociedades de geographia de Marselha e Bordeus para narrar perante ellas, os episodios da sua viagem. A sociedade de Anvers, conferiu-lhe o diploma de socio honorario.

É filho do sr. doutor, José da Rocha Miranda de Figueiredo, nascido no logar da *Villa de Mouros*, freguezia de Tendaes, a 17 de abril de 1798, e que reside actualmente na aldeia de *Porto-Antigo*, situada na margem esquerda do Douro, e na freguezia de S. Miguel de Oliveira do Douro, d'este concelho. Formou-se em medicina, na universidade de Coimbra, em 1830, tendo sido habilitado na mesma faculdade, em Hespanha, em 1828, e na Bahia em 1851. É casado, desde 1845, com a sr.ª D. Carlota Cacilda de Serpa Pinto, natural da aldeia de Vimieiro, freguezia de S. Martinho de Sande, concelho e comarca de Marco de Canavezes, filha do tenente general Alexandre Alberto de Serpa Pinto.

O sr. doutor José da Rocha Miranda de Figueiredo, pae do nosso intrepido viajante, é filho de Luiz da Rocha Figueiredo, facultativo medico-cirurgico.

Se houver mais alguma cousa para o futuro, digna de nota, publical-a-hei em *Tendaes*.

SINGA — cidade romana. Vide *Ferreira*, do Alemtejo.

SINGEL ou **CINGEL** — portuguez antigo — uma junta de bois. Ainda hoje, nas provincias do norte, quando um carro ou charrua é tirado só por uma junta de bois, se diz — *puchado a singêllo.*

SINHEL — Vide a 2.ª *Róda.*

SINOS — A origem d'estas linguas de metal não deixa de ter interesse. Em varias chrónicas vemos que o seu uso era conhecido dos antigos e que os applicavam indistinctamente aos usos sagrados e profanos.

Strabão nos diz que com elles se annunciava a abertura do mercado; Plinio falla do sepulchro d'um rei antigo da Toscana, que estava adornado com campainhas; em Roma determinava-se a hora do banho, ao toque do sino; e os *serenos* usavam campainhas.

Nas casas abastadas serviam as campainhas para chamar os creados e convocar para as horas de comer. Usavam-se finalmente ao pescoço das bestas, em guisa de amuleto para espantar os lobos; e este costume, que ainda heje vemos, recorda, sem duvida, a sua origem romana.

Attribue-se aos Egypcios a invenção dos sinos; mas de tudo quanto se allega em favor d'esta opinião, o que ha de certo, é que com elles se annunciavam as festas de Ósiris.

Entre os Hebreus, o grande sacerdote, vestia, nas ceremonias religiosas, uma tunica guarnecida de campainhas d'ouro.

Em Athenas, os sacerdotes de Proserpina e Cybele empregavam-as durante os sacrificios, e faziam parte dos seus mysterios. Julga-se que quem primeiro introduziu o uso dos sinos no serviço do culto divino, foi Paulino, bispo de Nola, pelo anno de 400. Um antigo historiador refere que em 610 se apoderou tal terror do exercito de Clotaira, que sitiava Sens, por causa do ruido dos sinos, que Lobo, bispo de Orleans, mandou tocar a rebate, pelo que fugiram todos, dispersando-se assim as tropas sitiadoras.

Beda data o uso dos sinos na Gran-Bretanha desde 680, servindo, antes d'esta epocha, uma matraca para convocar os fieis.

É muito provavel que as campainhas fossem logo empregadas nas procissões religiosas, e que depois as aproveitassem os musicos para annunciar os regosijos publicos; mas nem sempre as agitavam com as mãos; pois que muitas vezes estavam suspensas de uma especie de campanario, e eram tocadas com martello. D'isto nos offerece un exemplo muito curioso a gravura de um manuscripto do seculo XIV, representando o rei David tocando com dous martellinhos varias campainhas.

A chegada dos reis e grandes dignitarios, era annunciada com repiques de sinos, e este costume ainda se observa hoje em muitos paizes, e no nosso tambem.

O costume de tocal-os pelos mortos indica dous fins: primeiro, o de advertir os christãos para que rezassem por alma d'um de seus irmãos que hia abandonar a terra; o segundo, o de apartar do leito mortuario os espiritos malignos, que uma crença superstíciosa suppunha que vagavam em torno do morto. A preoccupação erronea de que o toque dos sinos concorria para apartar as tormentas tem custado cara a muitos sineiros, e já o conhecimento de que, se algum influxo exerce, é precisamente inverso, faz que se vá desterrando esse costume, não ha muito universal.

Os Musulmanos não empregam os sinos para adornar os seus minaretes; mas em compensação, os Chinas usam-os com profusão nas suas torres e templos; com a circumstancia de que os que ha em Nankin e Pekin, são em geral de maiores dimensões, que os da Europa; se bem que não tem um som tão agradavel.

Diz-se que os sinos appareceram pela primeira vez na China, no anno 2601, antes de Jesus Christo.

—

Foi no reinado de Constantino Magno que a Egreja começou a servir-se d'elles, e no pontificado de Sabiniano (604-606) que as basilicas romanas os possuiram pela primeira vez.

Os maiores sinos do mundo encontram-se na Russia. O sino chamado *Kremlin* peza 201:266 kilogrammas; Troitzkoi 175:000; Saint Ivan 57:976.

Tocam á *elevação* desde o seculo XII — durante as processões, desde o seculo XIII —

ao sahir o *Viatico*, desde o seculo xv — e ao *Angelus*, desde o anno de 789.

—

A torre mais elevada depois da grande Pyramide do Egypto, é o campanario da cathedral de Strasbourg; tem 142 metros de altura, só inferior á Pyramide em 4 metros. Esta torre collossal foi concluida no anno de 1439.

O campanario de Santo Estevão, em Vienna d'Austria, tem 138 metros d'altura; o de S. Miguel, em Hamburgo, 130; o da egreja d'Anvers 120; o de S. Pedro, em Hamburgo, 119.

—

Em Portugal é notavel a famosa *Torre dos Clerigos*, da cidade do Porto, com os seus 337 e meio palmos d'altura.

Para evitarmos repetições, vide no 7.º vol., pag. 307, col. 2.ª

SIRGUDE — antiga e nobre casa do Minho, na freguezia de Felgueiras, concelho de Fafe.

Foi fundada por D. Payo Mogudo de Sandim, cavalleiro gallego, que veio para Portugal com o conde D. Henrique pelos annos de 1093, no reinado de D. Affonso VI, de Castella e Leão (que deu este nosso reino a sua filha, D. Thereza, mulher do referido conde) e estabeleceu o seu solar n'esta Felgueiras.

Foi seu filho, D. Mendo Payo Mogudo de Sandim, rico-homem de D. Affonso Henriques e de seu filho, D. Sancho I, e um dos mais bravos cavalleiros do seu tempo. Teve longa descendencia, que, *crusando-se* com outras familias, deixou os appellidos de Mogudo e de Sandim, que hoje já não ha; como tambem já não existe a casa de Sirgude.

SISMEIRO — Vide *Aguiar da Beira.*

SISMEIRO — Vide *Pinheiro* (Santa Maria do).

SISTELLO — freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, 40 kilometros ao O. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 261.

Orago, S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto Administrativo de Vianna.

O abbade da freguezia de Cabreiro, apresentava o vigario, collado, que tinha 150$000 réis de rendimento annual.

É terra fertil.

SITIMOS — freguezia, Extremadura (ao S. do Tejo) comarca e concelho d'Alcacer do Sal, 45 kilometros ao O. d'Evora, 75 ao S.E. de Lisboa, 125 fogos.

Em 1768, tinha 150.

Orago, Santa Catharina, virgem e martyr.

Arcebispado d'Evora, districto administrativo de Lisboa.

Foi commenda da ordem de S. Thiago, e o rei, como grão-mestre, pelo tribunal da mesa da consciencia e ordens, apresentava o capellão, curado (que só podia ser um freire da mesma ordem) que tinha 180 alqueires de trigo, 90 de cevada, e 10$000 réis em dinheiro.

É terra muito fertil em cereaes, porém doentia, em razão dos pantanos que ha por estas terras, e que são origem de varias doenças, principalmente febres intermitentes. É porisso que a população tem diminuido, em vez de augmentar.

SIZANDRO — pequeno rio, Extremadura, que passando por Torres-Vedras, Runa e outras povoações, junto com outros rios, morre no Oceano, onde desemboca pela *Foz do Rendide.*

No verão leva muito pouca agua e muitas vezes secca completamente. Eu estive em Torres-Vedras no mez d'agosto de 1875, e d'este rio apenas existia o leito. Com as grandes chuvas, porém, torna-se caudaloso e arrebatado. Ainda com os temporaes do inverno de 1876, cresceu tanto, que causou graves prejuizos nas terras das suas margens. Em 30 de dezembro d'esse anno, se viu passar pelos sitios da *Ponte do Rol*, uma cavalgadura morta, arrastando, preso por um pé ao estribo, um homem tambem morto.

SOÁJO ou **SUAJO**—villa, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, 50 kilometros ao N.O. de Braga, 415 ao N. de Lisboa, 400 fogos.

Em 1768, tinha 441.

Orago, S. Martinho, bispo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento annual.

Esta freguezia está situada em paiz summamente aspero e desabrido, na serra da *Gabiarra*, ou *Gavieira*, tambem denominada *Serra de Soájo*, perto de Castro-Laboreiro, e um dos ramos da Serra do Marão. (Vide *Gabiarra*, *Gavieira* e *Penéda*.)

Foi couto do rei, que se supprimiu ha muitos annos.

É clima excessivo, havendo no verão um calor de mais de 40 gráus, no inverno conserva-se a neve, por espaço de 6 mezes, e ás vezes mais!

É na raia, e dividida da Galliza pelo rio da Penêda.

Teve grandes privilegios, entre elles, não darem alojamento ás tropas, nem soldados, em tempo de guerra, e só hiam a ella no seu couto, ou quando fosse o rei em pessoa.

Os povos d'aqui vestem de burel, feito alli mesmo, da lan das suas ovelhas; andam descalços, e, se a civilisação não poude ainda penetrar em suas montanhas, tambem ainda alli não entrou a descrença ou indifferença religiosa; porisso são verdadeiros catholicos, ainda que algum tanto supersticiosos.

A maior parte dos habitantes d'estas terras, occupam-se em guardar os seus gados, por entre as brenhas e matagaes da serra, onde muitas vezes os lobos lhes atacam os rebanhos, mas nem sempre são bem succedidos, porque os pastores teem optimos e valentes cães, que disputam o gado ás feras, e não poucos despedaçam estas.

Na guerra da independencia, fizeram relevantes serviços em prol de D. João IV e de seus filhos, accommettendo os castelhanos com o maior encarniçamento, e matando muitos d'elles.

O rei D. Diniz aqui esteve no principio do seculo XIV, augmentando por essa occasião os privilegios d'estes povos, sendo um d'elles, que nenhum fidalgo se demorasse aqui, *mais tempo do que o necessario para se esfriar um pão quente, posto ao ar, na ponta de uma lança.* (!)

D. João I, ordenou aos monteiros que prohibissem a residencia de cavalleiros, por estas terras; privilegio que foi confirmado pelos reis seus successores.

Apezar do seu clima, ha por aqui grande abundancia de gado, principalmente lanigero, que produz muita lan, e bons queijos. Ha abundancia de centeio, algum milho, vinho (muito temporão) cêra e mel.

Na serra ha abundancia de lobos, rapozas, marthas, ginetas, tourões, corças, alguns javalis, e muitos coelhos, lebres e perdizes. Antigamente tambem houve ursos.

Ainda em junho de 1877, se fez aqui uma montaria, apparecendo dous lobos, que fugiram, e foi morto um javali, de enormes dimensões.

No rio, pescam-se salmões, lampreias, grandes trutas, rêlhas, bogas, escallos e outros peixes, todos muito saborosos.

Faz-se tambem n'esta freguezia muito carvão, que se exporta.

Quando era couto, tinha juiz ordinario, dous vereadores, procurador, dous escrivães e uma companhia de ordenanças, da qual o juiz ordinario era capitão.

Em tempos antigos, foi esta freguezia annexa ao mosteiro de Ermêllo; mas, extincto este, e erecta a collegiada de Ponte de Lima, pelo arcebispo de Braga, D. frei Bartholomeu dos Martyres, lhe applicou o rei D. Sebastião a terça parte do rendimento d'esta egreja, e da sua filial, o Salvador da Gavieira.

O rei D. Manoel, deu foral a Soajo, em Lisboa, a 7 de outubro de 1514. (*L.º de foraes novos do Minho*, fl. 106, col. 2.ª)

SOALHÃES—villa, Douro, comarca e concelho do Marco de Canavezes (era cabeça de concelho e de comarca, que foi supprimido) 54 kilometros ao N.E. do Porto, 355 ao N. de Lisboa, 580 fogos.

Em 1768, tinha 401.

Orago, S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Os viscondes de Villa Nova da Cerveira (depois marquezes de Ponte de Lima) apresentavam o abbade, que tinha de rendimento annual perto de dous contos de reis.

Este abbade, era prelado da egreja e districto de Santa Cruz do Douro, *nullius dioe-*

cesis, na qual tinha jurisdicção quasi episcopal, *pleno jure*, no clero e no povo, sem conhecer das causas das pessoas d'aquella egreja mais do que elle, e o metropolitano por appellação. Dava ordens menores.

O rei D. Manoel deu foral a esta villa, em 15 de julho de 1514. (*L.º de foraes novos da Beira*, fl. 143, col. 2.ª)

O famoso bispo de Lisboa (o 19.º) *D. João Martins de Soalhães*, depois arcebispo de Braga, era natural d'esta villa e aqui instituiu um morgado. (Para evitarmos repetições, vide no 4.º vol., a pag. 269, col. 2.ª, a ultima linha, e o principio da pag. seguinte.)

É n'esta freguezia a nobre e antiga casa da *Quintan*, pertencente á familia Vieira da Motta.

Segundo o *Catalogo dos bispos do Porto*, (pag. 425, col. 1.ª, no fim) tem esta freguezia as ermidas de *S. Sebastião*, *S. João*, *S. Thiago*, *S. Clemente*, e *S. Miguel, o anjo*.

Foi mosteiro de Templarios. Fica a 6 kilometros ao S. do rio Tâmega.

Na era de 1340 (1302 de Jesus Christo) trocou o 29.º bispo do Porto, D. Geraldo Domingues, a egreja de S. Martinho de Soalhães, pelas egrejas de S. Nicolau, da Feira, e Santa Maria d'Alvarêlhos, com o referido bispo de Lisboa, D. João Martins de Soalhães; ficando o bispo do Porto com estas duas ultimas freguezias, e o de Lisboa com a primeira.

Houve n'esta freguezia um mosteiro duplex, da ordem benedictina, fundado em 865, por D. Sancho Ortiz (ou Ortiga.)

Em 1029, reinando D. Fernando III (o Magno) se lhe queixaram os monges, por Garcia Moniz, *o Gasco*, lhe ter usurpado certas propriedades.

Em 1245, D. Sancho II, de Portugal, porque o mosteiro era muito pobre e estava quasi deshabitado, o reduziu a abbadia secular, dando o seu padroado ao 25.º bispo do Porto, D. Pedro Salvador, assim como lhe deu o padroado de Soalhães e S. Thiago de Bedoido, em recompensa de varias rendas que tinha usurpado ao bispo e cabido do Porto, que assim se deram por satisfeitos; e esta concordata foi confirmada pelo pontifice Innocencio IV. — Depois, a 16 d'abril de 1245, lhe deu mais a villa de *Marachil, junto á serra do Algarve; (?) com seus termos*, novos e antigos, e todos os direitos reaes, confirmando-lhe os padroados das egrejas de Soalhães e Bedoido. (*Catalogo dos bispos do Porto*, pag. 72, col. 2.ª e seguintes.)

Estes padroados eram de D. Gonçalo Viegas Porto-Carreiro (ascendente de D. João Martins de Soalhães) e que vivia no seu paço de Villa-Pouca, d'esta mesma freguezia, e ao qual — Gonçalo Viegas — D. Sancho II o havia tirado.

Como D. João Martins de Soalhães era grande valido do rei D. Diniz, conseguiu que este lhe desse o que tinha sido de seu avô, Gonçalo Viegas Porto-Carreiro, e, em 13 de maio de 1304, quando já era arcebispo de Braga, instituiu de tudo um bom mórgado, que passou aos seus descendentes.

Teve o arcebispo varios filhos, que casaram em differentes casas nobres d'esta provincia, mas herdou o mórgado seu filho mais velho, Vasco Martins de Soalhães, do qual procedem — um ramo da familia Ribeiro Tavares — outro da familia Mendes de Vasconcellos. — Foi 4.ª neta do arcebispo, D. Joanna Mendes de Vasconcellos, mãe de D. Maria de Vasconcellos, que casou com D. Affonso de Cascaes, filho do infante D. João, filho de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro.

Foram ainda descendentes do arcebispo, os condes de Vianna, e de Penella, e os viscondes de Villa Nova da Cerveira, depois marquezes de Ponte do Lima, que herdaram o vinculo e os padroados que haviam sido do arcebispo.

Os marquezes de Ponte do Lima, ainda possuem aqui a torre de *Cadimes*, antigo solar dos Soalhães.

—

A egreja matriz é sagrada, e está n'ella a sepultura dos seus antigos padroeiros.

No monte de Monforte, ha pedreiras de pedras de amolar, tão bôas como as da Biscaia.

O terreno d'esta freguezia, é fertil em todos os generos agricolas do paiz, cria muito gado, de toda a qualidade, e os seus montes são abundantes de madeiras, lenhas e caça.

—

Aqui nasceu, em 2 de fevereiro de 1808, Antonio Lino Leão de Vasconcellos, distincto poeta, cujos versos são muito estimados. Falleceu a 3 de março de 1863.

—

Foi aqui abbade, D. Manoel d'Aguiar, nascido em Evora, a 8 de dezembro de 1751. Sendo nomeado abbade de Santa Cruz do Douro, em 1779, em 1786 foi transferido para esta de Soalhães. Foi eleito bispo de Leiria, por avizo regio de 1790.

Antes de abandonar Soalhães, vendeu todo o seu expolio, repartindo o seu producto pelos pobres da freguezia.

SOALHEIRA — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Fundão (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho d'Alpedrinha) 60 kilometros da Guarda, 240 ao E. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1768, tinha 187.

Orago, S. Lourenço.

Bispado e districto administrativo de Castello-Branco. (Foi do bispado da Guarda.)

O rei, pelo tribunal da mesa da consciencia e ordens, apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia é situada em terreno muito accidentado e de um clima excessivo; apezar d'isso, os seus valles são bastante ferteis. Cria muito gado e é abundante de caça.

É no termo da antiga villa de Castello-Novo.

Perto da aldeia da Soalheira, no sitio chamado Valle da Nogueira, está a ermida de Nossa Senhora das Necessidades, que foi objecto de grande devoção dos povos d'estas redondezas, que lhe faziam varias romarias no decurso do anno.

É templo muito antigo, mas não se sabe quando nem por quem foi fundado. Teve eremitão, que cuidava do aceio e conservação da ermida, e os capellães da Misericordia, da villa, eram tambem capellães d'esta ermida.

SOALHEIRA DA PORTELLA DO BRÊJO — logar, Algarve, na freguezia e concelho d'Alcoutim, comarca de Tavira. Ha n'este logar, uma boa mina de manganez e outros metaes.

Ha em Portugal varias aldeiàs e sitios com o nome de *Soalheira*, mas não teem cousa digna de nota.

SOAM — portuguez antigo — Este — Vide *Ociente.*

SOAR — portuguez antigo — significa *solar.* Não paço, torre ou castello de alguma familia nobre, porém territorio, conto ou concelho. Na composição que o rei D. Diniz fez com o bispo de Viseu, D. Egas, em 1292, além de outras mercês, lhe deu o *conto do Soar*, que estava devassado.

Na cidade de Viseu ha a *rua do Soar.*

SOAZ — Vide *Ribeira de Soaz.*

SOB-ARRIFANA ou **SUB-ARRIFANA DO SOUZA** — Vide *Arrifana do Souza*, e *Penafiel.*

SOBRADÊLLO DA GOMA — freguezia, Minho, comarca e concelho da Póvoa de Lanhoso, 20 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 260 fogos.

Orago, Santa Maria.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O arcediago de Sobradêllo, da collegiada de Guimarães, apresentava o vigario, que tinha 12$000 réis de congrua e o pé d'altar.

O vulgo, dá á padroeira d'esta freguezia a denominação de *Nossa Senhora da Goma*, e o antigo nome d'esta freguezia, era *Souto do Sobradêllo da Goma.*

É terra fertil, e cria muito gado, de toda a qualidade.

SOBRADINHO DO PAIVA — freguezia, Beira Alta, no bispado de Lamego, de cuja cidade dista 24 kilometros.

Orago, Santa Maria Maior (Nossa Senhora da Assumpção). Dista de Lisbôa, 300 kilometros ao N.

Em 1768, tinha 106 *moradores.*

O padroado real apresentava o reitor, que tinha 200$000 réis de rendimento annual.

Esta freguezia não appareceu em nenhum livro ou mappa moderno, apenas a achei no *Portugal Sacro e Profano.*

Nem mesmo a achei na *Historia ecclesiastica da cidade e bispado de Lamego*, manuscripto do 1.º quartel do seculo XVIII, publicado em 1878.

SOBRADO — freguezia, Douro, concelho

de Vallongo, comarca, bispado, districto administrativo e 15 kilometros a NE. do Porto, 315 ao N. de Lisboa, 400 fogos.

Em 1768, tinha 158.

Orago, Santo André, apostolo.

No ultimo quartel do seculo passado, quem apresentava este beneficio, era D. Maria Clara Baldaia de Tovar, com assistencia de seu marido, João Alves Pamplona Carneiro Rangel. Depois, passou o direito de apresentação aos viscondes de Beire, descendentes d'aquelles padroeiros e como elles, Pamplonas Carneiros Rangeis. Hoje o representante d'esta nobre familia é o sr. conde de Rezende.

O abbade tinha um conto de réis de rendimento annual.

É terra fertilissima e faz grande negocio com a cidade do Porto. Cria e engorda grande cópia de gado bovino, que exporta para a Inglaterra.

Os passaes d'esta egreja, foram vendidos, em julho de 1877, por 14:300$000 réis.

SOBRADO — freguezia. Minho, comarca e concelho de Barcellos, 24 kilometros ao O. de Braga, 350 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1768, tinha 33.

Orago, Santo André, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O prior do mosteiro dos conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios) de Landim, apresentava o cura, que tinha 30$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra fertil.

SOBRADO DE PAIVA — villa, Douro, cabeça do concelho do Castello de Paiva, comarca e 20 kilometros ao NO. d'Arouca, 3 kilometros ao S. do rio Douro, 36 a E. do Porto, 84 ao ENE. d'Aveiro, 48 ao O. de Lamego, 310 ao N. de Lisboa, 280 fogos.

Em 1768, tinha 44 fogos. [1]

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção).

Bispado de Lamego, districto administrativo d'Aveiro. (!)

[1] É certamente engano do *Portugal Sacro.* Esta freguezia devia ter em 1768, mais de 200 fogos; tanto que a *Historia ecclesiastica da cidade e bispado de Lamego,* escripta pelos annos de 1724, lhe dá 228 fogos.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 450$000 réis de rendimento annual.

O concelho de Paiva, é composto de nove freguezias, todas do bispado de Lamego, são — Bairros, Fornos, Paraizo, Pédorido, Raiva, Real, Sardoura (Santa Maria) Sardoura (S. Martinho) e Sobrado; todas com 2:000 fogos.

A freguezia da Epiunca, que ha muitos annos pertence ao concelho d'Arouca, foi antigamente d'este concelho.

—

Capellas particulares

1.ª — *Santo Antonio,* na quinta de Santa Cruz das Serradas, dos fidalgos de Boa-Vista.

2.ª — *Nossa Senhora do Carmo,* na quinta do Catapeixe.

3.ª — *Nossa Senhora da Piedade,* na quinta de Vigide, tambem dos srs. Montenegros. Foi mesquita árabe, e antes d'isso templo romano.

4.ª — *São Luiz,* na quinta de Gondim.

—

Capellas publicas

5.ª — *S. Sebastião,* que serviu de matriz emquanto se reedificou a egreja parochial.

6.ª — *S. Pedro, apostolo,* que é metade d'esta freguezia e metade de Bairros.

Na quinta de Santa Cruz das Serradas houve mais duas ermidas, que já não existem.

Em Fundões, houve um templo romano, de que ainda ha vestigios. Era muito pequeno.

—

O que se não achar aqui, com respeito ao concelho, vide *Castello de Paiva,* no 2.º volume, pagina 184, columna 1.ª e seguintes.

—

Com razão se ufana esta villa de ser patria de D. Soeiro de Azevedo, que aqui viveu e falleceu. A uns 150 metros a ONO. da egreja matriz, e do lado da retaguarda d'ella, em um matto, se vê um montão de entulho, e tenues vestigios de alicerces, que, segundo a tradição, são restos do paço em que viveu e falleceu D. Soeiro. De D. Soeiro e de

sua mulher, nasceu Maria Soares d'Azevedo, que casou em S. Vicente da Calçada, acima d'Entre os Rios (na margem direita do Douro) e d'este casamento nasceu D. Thereza d'Azevedo, que casou em Lisboa com Martim (ou Martinho) de Bulhões, e foram paes do nosso popular Santo Antonio de Lisboa.

Este D. Soeiro d'Azevedo, é o progenitor dos Soares d'Azevedo. (Todos sabem que *Soares*, é patronimico de *Soeiro*).

Para evitarmos repetições no que diz respeito a Santo Antonio, e seus ascendentes, vide 4.º vol., pag. 225, col. 1.ª, e pag. 319, col. 1.ª

—

A egreja matriz, é um templo vasto, claro, alegre, elegante, muito aceiado, e em formosa situação, na extremidade ONO. de um planalto em que assenta a villa e junto a ella.

Foi restaurado no principio do seculo XVIII e está optimamente conservado.

A villa, que é antiquissima, está tambem optimamente situada, em logar elevado, com extensas vistas, mas, a dizer a verdade, não merece muito o nome de villa, pois ha muitissimas aldeias em Portugal, mais bonitas, maiores e mais bem arruadas.

Tem só uma viella (a que dão o pomposo nome de *rua*) tortuosissima e pessimamente calçada — e isto ha poucos annos; porque d'antes, era um barranco que no inverno se transformava em um ribeiro de lodo.

Não tem um unico edificio digno de menção, além dos paços do concelho, que são melhores do que muitos de cabeças de comarca. Foram construidos no principio do seculo passado, pela casa de Bragança, cujas armas adornam a fachada do edificio. Esta casa era senhoria donataria de grande parte d'este concelho, que ainda lhe paga muitos fóros.

O seu tosco pelourinho, está na rectaguarda da casa da camara, e quasi escondido a um recanto.

Em frente da casa da camara, ha uma praça pequena e muito irregular, onde se fazem dous mercados, um a 2, outro a 16, de cada mez.

—

Fóra da villa, mas a pouca distancia d'ella, está a vasta e magnifica propriedade da Bôa-Vista, de que adiante trato.

—

A villa de Sobrado, teve antigamente uma divisão disparatada, das muito vulgares nos primeiros tempos da nossa monarchia. A parte SE. da povoação, era *honra*, dos senhores, depois condes de Penaguião, e por fim marquezes de Fontes, dos quaes foram herdeiros os marquezes de Abrantes. Esta honra ainda existia no reinado de D. Manoel, como consta da minuta que se acha no archivo da Torre do Tombo, gaveta 20, maço 11, n.º 19. Tinha (a honra) foral velho, concedido a 28 de setembro de 1251. *(Livro 2.º de doações de D. Affonso III,* fl. 32, v., *in medio;* e *Livro de foraes antigos de leitura nova,* fl. 111, col. 1.ª)

Na parte da villa, que foi honra, houve um antiquissimo mosteiro benedictino, que ainda existia em 1191, pois que n'esse anno, mandou o senhor de Penaguião «*catar* (inquirir, examinar attentamente, investigar, etc.) *ao Mosteiro de Sobrado, o Padre, que nello* (nisso) *era mais sabudo*» (sabido) etc. *(Fundação de Penaguião,* documento existente na Torre do Tombo.) D'este mosteiro não existe hoje o minimo vestigio, nem sequer tradição, na villa.

—

A parte NO. de Sobrado, era couto da casa de Bragança, e foi a esta parte que, sob a denominação de *Terra de Paiva*, o rei Dom Manoel deu foral, como fica dito no artigo *Castello de Paiva.*

Nunca teve foral velho.

N'esta parte da villa é que está a egreja matriz, a casa da camara e a maior parte da povoação.

—

O concelho do Castello de Paiva, é um dos mais bem arredondados de Portugal. Pelo N., serve-lhe de termo, o rio Douro. Pelo S., é separado do concelho d'Arouca, por uma cordilheira de montanhas. Pelo E., o rio Paiva o divide do concelho de Sinfães, servindo este mesmo rio de divisão entre o districto administrativo de Aveiro, e o de

Viseu, servindo tambem de dividir a provincia a do Douro da da Beira-Alta. Pelo O., quasi sempre o rio Arda o divide do extincto concelho de Fermedo, hoje d'Arouca; e perto do angulo ONO., o ribeiro de Areja o divide da freguezia da Lomba, que, apezar de estar ao S. do rio Douro, pertence ao concelho de Gondomar, comarca do Porto.

O Arda e o Areja, dividem tambem o bispado do Porto do de Lamego: de maneira que o territorio do concelho de Paiva, fórma um quadrado, quasi regular.

—

Nos limites d'este concelho, e na margem esquerda do Douro, ha trez *arinhos* (areiaes) onde, desde janeiro até junho, se pesca grande quantidade de lampreias e saveis, além de outros peixes miudos. Já no foral da *Terra de Paiva*, se diz: — «*Paga-se mais n'esta Terra, outro direito no rio Douro, a saber — nos tres arrinhos de Boyro, de Midõens, e de Douride* (Pédorido) *e de todos estes casaes, levão o quarto dos saveis, e das lampreas, soomente que se matão com Vargas.*»

—

Com razão se dá á Terra de Paiva a denominação de *Suissa portugueza.* Os valles, os ribeiros, as devezas, às montanhas, os alcantis, as collinas e os picos abruptos, se alternam de um modo surprehendente! Suas aguas, todas potaveis, são abundantissimas e excellentes, e seu clima é saluberrimo.

Tambem n'este concelho abundam com espantosa prodigalidade, minas de cobre, ferro, estanho, chumbo, arsenico, enxofre, e outros metaes e metaloides. [1] Ha uma mina de graphite (plombagina) e uma extensa pedreira de calcedonia: muita variedade de quartzo e de schisto; e bom granito prophiroide, nas *Pedras da Rua* e nas *Pedras de Linhares.* Ha uma grande pedreira de schisto laminoso, de tão boa qualidade como o de Vallongo, e junto d'esta pedreira, uma abundante *veia* de argilla carbonifera, tenacissima, e uma extensa zona de carvão fossil. Tambem ha por aqui grande quantidade de aguas ferreas e sulfureas.

—

Em archeologia não é menos rica esta região do que em geologia.

Ha um grande dolmen, na margem do Douro, logo abaixo da povoação do Castello. —Varias antas, sendo a maior a do *Valle da Rua*, na freguezia e uns 300 metros ao SO. da villa de Sobrado. Pouco mais ao SO., ha bastantes d'estes monumentos megalithicos, ainda nos limites do Valle da Rua.—No logar de Fundões, tambem d'esta freguezia, ha os restos de um pequeno templo romano, em cujo pavimento ainda se divisam fragmentos de mosaico, de varias côres.—Em Felgueiras, proximo e a SE. da villa, appareceu em 1861 uma grande peça de mosaico, de côres, que se conserva na quinta da Boa-Vista.—Em Vigide, ha uma ermida que foi templo romano, e depois mesquita mourisca.—No monte de Corvite, ha evidentes vestigios de um *almocabar* (cemiterio) dos musulmanos.—No Monte-Grande, proximo á aldeia de Serradêllo, ha 6 ou 7 mâmoas. —Na serra da Cruz d'Ancía, ha uma grande mâmoa e varias menores.—Em Paraduça, ha duas mâmoas.

Não é precizo dizer que todas estas mâmoas estão arrombadas, pelos buscadores de *thesouros encantados.*

As antas, estão profuzamente espalhadas, pela parte E. NE. do concelho.

Tudo isto vae descripto mais circumstanciadamente nos logares onde existem as minas, e os monumentos pré-celtas, romanos, ou arabes.

Todo o terreno cultivado d'este concelho, é fertilissimo em todos os generos agricolas do nosso paiz, que exporta em grande quantidade para a cidade do Porto, pelo Douro. O vinho de Paiva, ainda que verde, é optimo e tambem se exporta. Cria-se muito gado de toda a qualidade, nos seus montes e mattas ha bastante caça, produz e exporta algumas madeiras, e os rios Douro, Paiva e Arda, o fornecem de excellente peixe.

Estando este concelho, como vimos, 36 ki-

[1] Em muitas partes d'este concelho ha claros vestigios de vasta lavra de minas, de temposos antiquissimos; e por muitas vezes se teem achado varias mós, com que os mouros trituravam o seixo, para lhe extrahir as particulas metalicas que continha.

lometros distante do Porto (as freguezias do E., porque as do O. ainda ficam mais proximas) e tendo o povo d'aqui, todos os seus negocios com a cidade do Porto, fica a 84 de Aveiro, onde não tem — e nunca teve — outro negocio que não seja a dependencia á cabeça do districto administrativo. É esta uma das muitas *divisões territoriaes* disparatadas que se veem em Portugal!

—

Casa da Boa-Vista

Para evitarmos repetições, vide vol. 1.º, pag. 404, col. 2.ª e 7.º vol., pag. 529, col. 1.ª — Por fallecimento do sr. Bernardo Pinto de Miranda Montenegro, reside n'esta bella quinta, o sr. Martinho Pinto de Miranda Montenegro, até ha poucos dias governador civil d'Aveiro.

—

Quinta de Santa Cruz das Serradas

É tambem na freguezia de Sobrado.

É o solar dos Pereiras de Bulhões (da mesma familia de que procede Santo Antonio, de Lisboa.) Tem umas casas antiquissimas, com brazão d'armas, e uma capella, da invocação de Santo Antonio.

Os seus possuidores, foram:

1.º — *Vasco Lourenço de Bulhões,* fidalgo cavalleiro da casa real, casado com D. Maria Varella. Era parente das principaes familias do reino. Tiveram:

2.º — *Lourenço Vasques de Bulhões,* fidalgo da casa real, e casou com D. Maria Soares d'Albergaria. Tiveram:

3.º — *Pedro de Bulhões,* fidalgo da casa real, casado com D. Philippa Gomes d'Abreu, da casa dos condes de Sortêlha. Tiveram:

4.º — *D. Joanna Silveira de Bulhões,* irman de Ignacio de Bulhões, ao qual D. João III deu carta de brazão d'armas, a 20 de dezembro de 1532. Esta carta existe no cartorio da casa da Boa-Vista. N'este documento se prova a sua descendencia da geração dos Bulhões, por parte de seu pae, e da dos Soares d'Albergaria e Varellas, por parte de sua mãe e avós, pois que era bisneta de Lourenço Vasques de Bulhões. Casou D. Joanna com Antonio Alvares Pereira Forjaz, irmão do conde da Feira Tiveram:

5.º — *Balthazar Alvares de Bulhões,* fidalgo da casa real, e foi armado cavalleiro em Ceuta (Africa) a 20 de agosto de 1415; [1] e por D. Sebastião I lhe foi confirmado o seu brazão d'armas, a 16 d'abril de 1559. [2] Casou com D. Guiomar Godinho, e teve:

6.ª — *D. Antonia de Bulhões,* irman de Balthazar e Antonio de Bulhões, que ambos morreram nas guerras de Malaca (India.) Casou com Fernão Ribeiro Soares, e tiveram:

7.º — *Fernão Ribeiro Soares de Bulhões,* fidalgo da casa real, casado com D. Margarida Leite Pereira, filha do commendador de Alegrete, Alvaro Leite Pereira... Tiveram:

8.º — *Antonio Ribeiro Pereira Soares de Bulhões,* fidalgo da casa real; que casou com D. Luiza Catharina Carneiro Coutinho, senhora do vinculo de Cabeção, na freguezia de Santa Cruz do Douro, instituido por seu pae, Jeronymo de Carvalho Coutinho, em 6 de junho de 1649. Tem este vinculo casas nobres com sua capella. Tiveram:

9.º — *Caetano Manoel Pereira Ribeiro Soares de Bulhões,* casado com D. Maria Emilia de Magalhães, da casa dos Castros, do Covo, junto á villa d'Oliveira d'Azemeis. Tiveram:

10.º — *D. Antonia Mathilde Pereira Soares de Bulhões,* casada com Bernardo José Pinto de Vasconcellos de Miranda Montenegro, senhor da casa da Boa-Vista, d'esta villa de Sobrado.

Como esta familia hoje é a mesma dos Correias, da Rua-Chan, da cidade do Porto,

[1] D. João I havia conquistado esta cidade aos mouros, seis dias antes (14) de ser armado cavalleiro este Balthazar Alvares de Bulhões, um dos que mais se distinguiram n'esta conquista, pela sua bravura e sangue frio.

[2] A carta de confirmação foi passada em nome do rei D. Sebastião, que então apenas tinha cinco annos e 3 mezes, pois nascêra a 20 de janeiro de 1554, e era regente sua avó, a rainha D. Catharina, viuva de Dom João III.

para evitarmos repetições, vide no 7.º vol., pag. 527, col. 2.ª, o 18.º herdeiro dos Correias, que é o referido Bernardo José Pinto de Vasconcellos de Miranda Montenegro.

Estou persuadido que esta casa e quinta das Serradas, foi de D. Soeiro d'Azevedo, bisavô de Santo Antonio, e que os Bulhões de Lisboa a vieram a possuir por herança.

Leva-me a esta supposição, a antiguidade que o edificio revela, a invocação de Santo Antonio, dada á capella existente, e saber-se que n'esta quinta houve mais duas ermidas antiquissimas, das quaes nem vestigios ha hoje.

SOBRAL—aldeia, da Extremadura, na freguezia, proximo á povoação de Subserra, concelho de Villa Franca de Xira, no Riba-Tejo.

Houve aqui um mosteiro de frades antoninhos, fundado em 1590, por D. Francisco de Souza, filho de D. Maria Jaques e de seu 2.º marido, D. Antonio de Castello-Branco.

Esta senhora, ficando viuva do seu segundo marido, se retirou para o logar do Sobral, onde possuia muitas propriedades, e ahi pediu ao dito seu filho que fundasse o mosteiro de Nossa Senhora dos Anjos, para frades da ordem de Santo Antonio.

D. Francisco de Souza só cumpriu a vontade de sua mãe, depois da morte d'esta, e em execução de uma clausula do seu testamento.

Construiu-se o mosteiro em umas casas e quinta que D. Maria para este fim havia comprado a um estrangeiro, chamado Sibaldo Lins.

Esta propriedade, a que se dava o nome de *quinta da Capacharica*, ficava no mais alto sitio d'aquelles montes, pelo que os frades, com auctorisação do padroeiro, mudaram o mosteiro para a encôsta do monte, mas ainda em sitio bastante elevado.

Em 14 de setembro de 1838, foi feito 1.º visconde do Sobral, com grandeza, o 2.º barão do mesmo titulo (o 1.º fôra seu pae, feito em 14 de maio de 1813) e 4.º senhor do Sobral—senhorio que data de 10 de maio de 1771—Hermano José Braamcamp d'Almeida Castello Branco, descendente do referido D. Antonio de Castello-Branco.

Foi o 1.º visconde do Sobral: par do reino, desde 1835, ministro e conselheiro de estado honorario, commendador da ordem de Christo, bacharel em leis, capitão do regimento de cavallaria do Caes, membro do governo em 1820, ministro da fazenda em 1826.

Succedeu a seu pae, no titulo de barão, em 6 de julho de 1828, e no senhorio do mórgado do Sobral, a sua mãe, que lh'o cedeu em 1806.

Nasceu a 16 de setembro de 1775. Casou a 17 de fevereiro de 1806, com D. Luiza Amable Rion de Narbone e Lara, sobrinha do duque de Narbone, e 1.ª filha do conde de Narbone Lara, official da legião de honra, em França, grão-cruz da ordem de Santo Huberto de Baviera, ministro da guerra de Luiz XVI, rei de França, ajudante de campo de Napoleão Bonaparte, e tenente general do exercito francez; casado com Adelaide Maria de Montholon.

Era (este 1.º visconde do Sobral) filho de Geraldo Wenceslau Braamcamp de Almeida Castello-Branco, 1.º barão e 4.º senhor do Sobral, e administrador do mórgado da Luz.

O 1.º visconde do Sobral, foi feito 1.º conde do mesmo titulo, em 31 de dezembro de 1844.

Sua filha, D. Adelaide Braamcamp d'Almeida Castello-Branco, foi feita 2.ª condessa do Sobral, em 14 de fevereiro de 1846; e na mesma data obteve egual titulo, seu marido, Luiz de Mello Breyner.

Em 30 de setembro de 1862, foi feito 3.º conde do Sobral, Hermano Braamcamp Sobral de Mello Breyner, filho de Luiz de Mello Breyner, 2.º conde do Sobral.

—

Luiz de Mello Breyner, 2.º conde do Sobral, nasceu a 26 de outubro de 1807, e falleceu no 1.º de setembro de 1876.

Era filho dos segundos condes de Ficalho.

Sentou praça a 29 de novembro de 1826, foi promovido a alferes em 11 de outubro de 1831; a tenente em 25 de julho de 1833;

e a capitão em 5 de setembro de 1837; graduado em major, em 29 de abril de 1851; e reformado com a effectividade d'este posto, em 5 de setembro de 1864.

Em seguida a alistar-se, fez parte das forças que operaram ao Alemtejo, pugnando pelo governo constitucional.

Em março de 1828, emigrou, e foi ter á Ilha Terceira.

Desembarcou nas praias de Arenosa de Pampellido, com o exercito liberal, a 8 de julho de 1832.

Desde 1843, em que passou á inactividade temporaria sem vencimento, pelo requerer, até que se reformou, esteve quasi sempre afastado do serviço da fileira. Fazendo parte do partido setembrista, foi por differentes vezes alvo de perseguições do partido contrario, durante o periodo em que as paixões politicas estavam mais sobrexcitadas.

Em 29 de janeiro de 1836, sendo tenente, foi nomeado ajudante de campo do sr. Dom Fernando.

Em 17 de julho de 1846, foi nomeado commandante do 6.º batalhão da guarda nacional de Lisboa, commissão que não chegou á exercer. Desde 17 de maio de 1851 a 24 de agosto de 1852, e de 28 de agosto de 1856 a 2 de agosto de 1858, exerceu as funcções de governador civil de Lisboa.

Era par do reino, grão-cruz da ordem de Christo, e de S. Gregorio Magno, de Roma, commendador da de Torre-Espada, e cavalleiro da de Aviz.

Em 6 de outubro de 1834, casou com a sr.ª D. Adelaide Braamcamp d'Almeida Castello-Branco, como já fica dito.

D'este matrimonio nasceram um filho, que é o 3.º conde do Sobral (conde do Sobral, Hermano) e duas filhas — a sr.ª marqueza de Souza Holstein (viuva de D. Francisco de Souza Holstein, 1.º marquez d'este titulo, que falleceu a 30 de setembro de 1878, e era filho do 1.º duque de Palmella) e a sr.ª viscondessa de Mossamedes.

Deixou mais um filho, que é o sr. Luiz de Mello Breyner, director do jardim botanico da Ajuda.

O 2.º conde do Sobral, era irmão do actual marquez de Ficalho e do conde de Mafra.

SOBRAL — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Covilhan.

Esta freguezia já fica descripta sob a denominação de *Cazégas*, por que tambem se chama *Sobral de Cazégas*.

SOBRAL — freguezia, Beira Baixa, concelho e 12 kilometros ao NO. de Oleiros, comarca da Certan, 105 do Crato, 204 ao SE. de Lisboa.

Orágo, S. João Baptista. É do grão-priorado do Crato, annexo ao patriarchado.

Districto administrativo de Castello-Branco.

Sobral era uma aldeia da freguezia d'Alvaro, e foi creada esta freguezia independente, por provisão de 9 de julho de 1803. A egreja matriz foi construida em 1806.

Tem 16 povoações, que são — Casalinho, Córga-Céga, Delvira, Faval, Leiria de Cima, Leiria do Meio, Pecilgal, Pelauzins, Póvoa do Sabugal, Róda de Baixo, Róda de Cima, Sabugal, Seixo, Sobral de Baixo, Sobral de Cima, Valle da Carreira — todas com 108 fogos.

É terra pobre, produzindo apenas milho, castanhas, algum azeite, e poucos mais generos agricolas.

SOBRAL — freguezia, Beira Alta, concelho do Carregal, comarca de Santa Combadão, 20 kilometros ao S. de Viseu, 260 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1768, tinha 59.

Orago, Nossa Senhora das Bôas Novas.

Bispado e districto de Viseu.

O abbade de Papizios apresentava o cura, que tinha 8$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil.

O Sobral, era uma aldeia da freguezia de Papizios (e por isso, ainda alguns lhe dão o nome de *Sobral de Papizios*) e foi erecta em freguezia independente, em 1695, pelo cabido, em *Sede vacante*, pela morte do bispo D. Ricardo Russel, que já no seu tempo tinha decretado esta desmembração; mas só em 1697, sendo já bispo D. Jeronymo Soares, é que se mudou o Santissimo para uma ermida que já existia, da invocação de Nossa Senhora das Boas Novas, objecto de grande devoção dos povos d'estes logares. Depois, a antiga ermida se converteu em capella-

mór, accrescentando-se-lhe o corpo da egreja.

A imagem da padroeira, é de pedra, com um metro de altura, e bem esculpida. Faz-se-lhe a festa principal, no dia 21 de novembro, dia da sua apresentação no templo.

Segundo a tradição, foi a ermida fundada pelos annos de 1600, sendo seus fundadores, uns padres jesuitas, naturaes da aldeia do Sobral.

SOBRAL (casa do) — Aqui nasceu D. frei Leonardo, 4.º e ultimo bispo de Pinhel. Era frade varatojano. Vide *Varzea*, freguezia do concelho d'Arouca.

SOBRAL — freguezia, Extremadura, no patriarchado, tem por orago, o Espirito Santo. O parocho é cura, da apresentação do povo, confirmado pelo prior da freguezia de S. Martinho, de Lisboa. Rende 50$000 réis. Dista de Lisboa quatro leguas, tem 101 *moradores*.

Copiei litteralmente o que achei no *Portugal Sacro*, tomo 2.º, pag. 226; mas esta freguezia já não existe.

SOBRAL — freguezia, Beira Alta, concelho de Mórtágua, comarca de Santa Comba-Dão, 40 kilometros de Coimbra, 245 ao N. de Lisboa, 375 fogos.

Em 1768, tinha 236.

Orago, o archanjo S. Miguel.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Viseu.

Os duques do Cadaval, apresentavam o prior, que tinha 450$000 réis de rendimento annual.

É terra muito fertil.

SOBRAL — aldeia, Alemtejo, termo, freguezia e concelho de Vianna do Alemtejo.

A principal companhia mineira de Portugal, depois da de S. Domingos, é a *Companhia de mineração transtagana*. O seu capital, é de 300 contos de réis, divididos em 6:000 acções de 50$000 réis cada uma.

Foi fundada em 1863, e nos primeiros tres annos, gastou mais de 50 contos de réis em pesquizas, nos sitios de Portel, e Monte do Trigo.

Em 1867, principiou a lavra junto a esta povoação de Sobral, dando os mais auspiciosos resultados, pela grande quantidade e boa qualidade do minerio de cobre que se extrahia.

Já aqui tem casas para as differentes officinas, armazens, escriptorio, habitação de capatazes, 25 alojamentos para operarios, casas para habitação do engenheiro, e aposentadoria para a direcção, quando alli vae examinar os trabalhos.

O serviço da extração e esgôto, é feito por quatro *malacates*.

O estabelecimento de lavagem, já tem uma locomovel, de Banseme, Simes, e Head, para as funcções do motor geral; depois de 1869, vieram da Allemanha, aparelhos de Sivers e companhia, Kalk, Colonia.

A mina do Sobral, produz annualmente, termo medio, 140 toneladas, que dão 54$000 réis cada uma, havendo classe de pyrite de cobre, que dá 90$000 réis, e *cascaras*, que dão 45 libras sterlinas por tonelada.

A direcção technica das minas de Sobral, foi entregue ao engenheiro portuguez, Neves Cabral, que tem risidido n'este logar.

SOBRAL DA ABILHEIRA — freguesia, Extremadura, comarca e concelho de Mafra (foi do extincto concelho da Azueira, comarca de Torres-Vedras) 35 kilometros ao N.E. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1768, tinha 139.

Orago, Nossa Senhora da Oliveira.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O prior de S. Pedro de Torres-Vedras, apresentava o cura, que tinha 60 alqueires de trigo, 30 almudes de vinho e 60$000 réis em dinheiro.

É terra fertil.

Na aldeia do Codeçal, d'esta freguezia, ha a ermida de Nossa Senhora da Piedade, á qual se faz uma grande festa, no dia destinado pelos mordomos.

SOBRAL DA ADIÇA — freguezia, Alemtejo, comarca, concelho e 20 kilometros ao N.E. de Moura, 73 ao O. d'Evora, 155 ao S.E. de Lisboa, 325 fogos.

Em 1768, tinha 124.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Beja.

O bispo apresentava o cura, que tinha 195 alqueires de trigo, e 60 de cevada.

O nome antigo d'esta freguezia, é *Adiça*, e sob esta denominação está descripta a pag. 26, col. 1.ª do 1.º vol.; porém o nome official, é *Sobral da Adiça*. No 1.º volume, disse por mal informado, que era no bispado e districto administrativo de Portalegre, quando é no de Beja.

Foi do arcebispado d'Evora.

É terra fertil.

O sobrenome d'esta freguezia, deve-o a uma grande mina d'ouro, que houve na serra, e da qual ainda hoje existem evidentes provas, nas suas galerias subterraneas. É provavel que os primeiros exploradores d'esta mina fossem phenicios, depois os romanos, e, por fim, os árabes. Não consta ter aqui havido trabalhos de mineração desde o tempo dos godos.

É importante vêr *Adiça*, serra, e *Almada*.

SOBRAL DA EGREJA-NOVA—Vide *Egreja Nova do Sobral*.

SOBRAL DA LAGOA — freguezia, Extremadura, concelho d'Obidos, comarca das Caldas da Rainha, 70 kilometros ao N.O. de Lisboa, 191 fogos.

Orago, S. Sebastião, martyr.

É no patriarchado, districto administrativo de Leiria.

É parochia de creação moderna, como vamos ver.[1]

Corria o anno de 1583: appareceu na villa de Obidos um homem desconhecido, e que, pelo seu trato fino, indicava ser pessoa de sciencia, e respeito; vivendo algum tempo na referida villa se alongou em passeio até ao elevado monte então denominado, *matta do Sobreiral*, pela aproximação da grande lagôa de Obidos, offerecendo uma soberba vista para o mar. Este sitio mereceu tanto a attenção d'aquelle desconhecido, que depois se assignava Domingos dos Santos Ferreira Neto, que mandou alli construir uma pequena casa para sua habitação, e mais tarde mandou edificar outra com maiores accommodações, que foi habitada tambem por uma outra familia desconhecida, que pela amizade com o primeiro habitador mostrava pertencer lhe. Mandaram, em seguida, arrotear parte das mattas que cultivaram para terras de pão e arvores de fructos.

Em 1617 já se contava n'aquelle local um logarejo de 23 fogos, pertencendo á freguezia de Nossa Senhora do Monte do Carmo, *extra muros* da villa de Obidos; pelo seu zelo religioso, mandaram n'esta epocha construir uma capella com a invocação de Nossa Senhora da Conceição, com um altar privilegiado, e posto que a sua fabrica fosse pobre, podia pelo seu tamanho accommodar quasi 300 pessoas.

Em 1621, ordenou-se o primeiro padre filho d'alli, José Bravo de Serveira; em 1627, o segundo, o padre Ignacio da Horta; estes, por sua morte, legaram seus bens para suffragar as almas do Purgatorio. De 1627 a 1779, já contava aquella povoação 83 fogos, tendo ordenado mais 8 ecclesiasticos filhos d'alli: padre José Luiz, padre Manuel Luiz, padre José Gomes, dr. em theologia, padre Custodio dos Santos Lopes, padre Antonio do Rego, beneficiado, e frei Luiz Gomes Conde, vedor-mór do reino. N'esta data, este religioso povo, vendo o augmento da população, e levado pelos sentimentos religiosos em que tanto timbrava, mandou construir um templo, grande e decente, com a invocação do martyr S. Sebastião, para o qual muito concorreram com avultadas esmollas os frades do Varatojo, alcançando logo terem na sua egreja o Santissimo e dois jubileus no anno, um no segundo domingo de maio, em que se faz uma das mais lindas festas do concelho de Obidos; tem altar privilegiado duas vezes na semana.

Em 1837 este religioso povo alcançou ser desanexado da freguezia de S. João Baptista de Obidos e elevado á cathegoria de freguezia, contando já então 106 fogos, e na actualidade, pela riqueza do seu solo, conta 191. A sua irmandade do Santissimo conta acima de 300 irmãos, a de Nossa Senhora do Rosario conta mais de 200, contando mais ecclesiasticos seus filhos, padre Joaquim Gomes Conde, Antonio Clemente do Rego, Caetano Martinho Henriques e o actual parocho o

[1] Ao sr. Miguel Pereira Prata, da aldeia da Amoreira, d'esta freguezia, devo as informações que se seguem, datadas de 30 de março, d'este anno de 1881.

ex.[mo] sr. Joaquim Jeronymo de Horta, dignissimo vigario da vara de Obidos, e desembargador da relação e curia patriarchal. Tendo honrado outros dos seus filhos, como Nicolau Maria Salvo, tenente-coronel de engenharia, Manuel Antonio de Horta, major de cavallaria, João Carlos Gonsaga, e José Carlos Marques, cantores da patriarchal, muito queridos d'el-rei, pelas boas vozes; fizeram grandes presentes para a sua egreja, entre outros uma casula tecida a ouro e matiz no valor de 400$000 réis.

É este religioso povo muito dedicado ás cousas da Egreja, pois desde remotos tempos todos os dias ao anoitecer faz terço na egreja, e aos domingos de tarde, antes do terço, ha visita dos altares e via-sacra.

Em todos os dias da quaresma, álem do terço quotidiano, sahe já de noite da antiga capella, um terço cantado por homens, percorrendo as ruas, levando uma cruz alçada, recolhendo a mesma, onde termina depois de devotas rezas e ensino de doutrina ás creanças, aproveitando-se tambem os adultos.

Faz-se alli tambem o mez de Maria com a maior pompa e decencia como talvez em poucas partes; pois o seu templo é muito alegre e tem uma nova armação de damasco, feita de esmolas do povo. Merece louvor o seu digno sachristão, o sr. Joaquim Ignacio, que muito se esmera no aceio, decencia e bom gosto, com que prepara a egreja nos dias solemnes e a torna deslumbrante.

—

A 13 de fevereiro de 1881, o reverendo parocho mandou vir um rico quadro do Sagrado Coração de Jesus e a 20 do mesmo, se formou ao pé do arco cruzeiro um altar portatil, elevando-se um throno ricamente decorado e illuminado, onde foi collocado o rico quadro, procedendo s. ex.ª á sua benção solemne.

Durante a commovente ceremonia, tocava no côro o orgão, acompanhando as ex.[mas] manas de s. ex.ª e a ex.[ma] sr.ª D. Maria do Patrocinio e o ill.[mo] sr. Marques e outros, cantando apropriados hymnos, em honra do Sagrado Coração de Jesus. O templo estava cheio de fieis, em seguida s. ex.ª deu o Sagrado Coração a beijar, o que todos gostosamente fizeram, por terem entre si tão precioso penhor. Já está destinado formar-se um novo altar, onde será collocado o lindo quadro.

Honra pois ao digno parocho e seus antecessores, que tem sabido conduzir este abençoado rebanho pelo verdadeiro caminho da virtude e caridade christan, mostrando-se incansavel no zeloso cumprimento dos seus deveres, não faltando com as suas praticas, tão cheias de unção, á missa conventual, que prende sem enjoar a attenção dos seus ouvintes, explicando sempre no fim da missa a doutrina ás creanças e outras muitas cousas a que gostosamente se dedica, a bem da sua egreja e do seu povo, que seria longo ennumerar; permitta-me s. ex.ª que diga, sem por isso desejar offender a sua proverbial modestia, que se muitos parochos tomassem o exemplo de tão digno pastor e esclarecido vigario, as cousas da Egreja marchariam mais na vanguarda do bem, e os povos confiados á sua guarda, não seriam tão facilmente estramalhados do seu rebanho.

—

Em fevereiro de 1879 foi annexada a esta freguezia, a do Vau, do mesmo concelho, *por esta não possuir elementos de administração parochial.*

Vide *Lagôa d'Obidos*, e *Senhora do Bom-Successo.*

SOBRAL DO CAMPO — freguezia, Beira Baixa, concelho de S. Vicente da Beira, 70 kilometros da Guarda, 215 ao E. de Lisboa, 165 fogos.

Em 1768, tinha 114.

Orago, S. Sebastião, martyr.

Bispado, districto administrativo, e comarca de Castello-Branco.

Foi do bispado da Guarda.

O vigario de S. Vicente da Beira, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra pobre.

SOBRAL DA SERRA — freguezia, Beira Baixa, 9 kilometros da Guarda, 360 ao E. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1768, tinha 172.

Orago, Nossa Senhora da Graça.

Bispado, districto administrativo, comarca, e concelho da Guarda.

Os religiosos de S. Jeronymo, do mosteiro de S. Marcos, extramuros de Coimbra, apresentavam o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé de altar.

É terra pobre. Cria muito gado caprino e lanigero, e nos seus montes ha abundancia de caça grossa e miuda. Ha tambem algum mel e céra.

SOBRAL DO MONTE AGRAÇO — villa, Extremadura, comarca de Villa Franca de Xira, concelho da Arruda, 35 kilometros ao N.E. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1768, tinha 120.

Orago, o Salvador.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

A mitra apresentava o prior, que tinha 500$000 réis de rendimento annual.

Era um antiquissimo concelho, pertencente á comarca d'Alemquer.

Foi supprimido pelo decreto de 24 de outubro de 1855.

Tinha 850 fogos.

O seu antigo nome era *Monte-Agraço*, e é este que lhe dá o seu foral, concedido pelo rei D. Manoel, em Evora, aos 20 de outubro de 1519. (*L.º de Foraes Novos da Extremadura*, fl. 245, col. 1.ª)

Era o centro das famosas *Linhas de Lisboa*, em 1810. Tinha no seu districto (que era o 2.º) 11 reductos, com 54 peças de artilheria e 3 obuzes. Está tudo desmantelado. Vide Torres-Vedras.

No dia 28 de junho de 1875, se inaugurou a nova estrada, que d'Alemquer se dirige a esta villa, principiando á ponte da Espiçandeira, de Méca, passando por Asedia, Carneiros, Aldeia-Gavinha, e outros pontos importantes.

É terra fertil, cria muito gado, e nos seus montes ha abundancia de caça.

A 1:500 metros ao N. d'esta villa está a famosa ermida de *Nossa Senhora dos Milagres, da Fonte Santa.*

Vide *Ribaldeira.*

Sobral, é tambem um appellido nobre d'este reino, dado pelo rei D. José I, a Joaquim Ignacio da Cruz Sobral, com o senhorio da villa de Sobral de Monte Agraço, e o fôro de fidalgo (pelos serviços que lhe fez no conselho da fazenda, e como thesoureiro do real erario) por alvará de 30 de outubro de 1776, assignado pela rainha e registado no livro dos alvarás, da secretaria de estado; dándo-lhe por brazão d'armas, as mesmas que já tinha dado a seu irmão, José Francisco da Cruz Alagôa.

SOBRAL PICHORRO — freguezia, Beira Baixa, concelho de Fornos d'Algodres, comarca de Celorico da Beira, 35 kilometros de Viseu, 320 ao E. de Lisboa, 125 fogos.

Em 1768, tinha 106 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Graça.

Bispado de Viseu, districto administrativo da Guarda.

O vigario de Santa Maria, d'Algodres, apresentava o cura, que tinha 6$500 de congrua e o pé d'altar.

É terra pobre, apenas produz castanhas, batatas, alguns cereaes, e do mais pouco.

SOBRÃO — Vide *Meïxomil.*

SOBRE-TAMEGA — freguezia, Douro, comarca e concelho de Marco de Canavezes, 50 kilometros ao N.E. do Porto, 350 ao N. Lisboa, 200 fogos.

Orago, Santa Maria (*Santa Maria de Sobretamega.*)

Bispado e districto administrativo do Porto.

É n'esta freguezia a antiquissima villa de Canavezes.

Para evitarmos repetições, vide o 1.º *Canavezes*, no 2.º vol., pag. 79, col. 2.ª — Vide tambem 5.º vol., pag. 62, col. 2.ª

SOBREIRA — freguezia, Douro, comarca e concelho de Paredes (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Penafiel) 24 kilometros ao N.E. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1768, tinha 246 (incluindo a actual freguezia de Recarei, que tem 230 fogos. Vê-se pois, se ainda estivessem unidas, teriam hoje 550 — isto é — o duplo da população.)

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O deão da Sé, do Porto, apresentava o

reitor, que tinha 150$000 réis de renda annual.[1]

A actual freguezia de Recarei, no mesmo concelho, formava parte d'esta freguezia, e d'ella foi desmembrada, para formar freguezia independente, em 1856.

A 4.ª estação do caminho de ferro do Douro, tem, erradamente, a demominação de *estação de Recarei*, quando devia ser *de Sobreira*, pois está em terreno d'esta freguezia.

Ha n'esta freguezia, a ermida de Santa Comba.

—

Segundo a tradição, e varios historiadores, quando o bispo do Porto, D. Nonego (vide 7.º vol., pag. 281, col. 2.ª e seguintes) pelos fins do seculo x, se occupava em fazer crua guerra aos mouros, acamparam os cavalleiros gallegos e peões livres, em um logar que porisso se ficou chamando, *Salvador de Gallegos*. (Vide n'este vol., pag. 19, col. 1.ª)

Pela mesma occasião, o referido D. Nonego, occupou-se em construir a fortaleza de Vandome, na serra de Baltar, acampando o resto das suas tropas por differentes terras, a que deram o nome.

Os gascões, fizeram o seu arraial a que deram o nome de Gasconha (hoje Casconha) sobranceiro á margem direita do Douro, em frente da povoação de Carvoeiro da freguezia de Canedo, no concelho da Feira, que fica na margem esquerda.

Esta povoação da Gasconha (ou Gascunha) é hoje uma aldeia da freguezia de Sobreira.

Um filho de D. Moninho Viegas (irmão do bispo do Porto, D. Sisnando Viegas)[2] por nome Egas Moniz, avô de outro Egas Moniz, o famoso *aio* de D. Affonso Henriques (vide *Paço de Sousa*) assentou o seu acampamento n'esta freguezia de Sobreira, com os seus soldados, que eram francos (francezes) e ainda aqui ha uma propriedade chamada *quinta dos Francos*, que foi dos monges benedictinos, de Paço de Sousa, doação que lhe fez D. Egas Moniz — neto do outro de egual nome — e que hoje é dos srs. Ferreiras Pintos Bastos, do Porto.

—

Foi natural d'esta freguezia, Seraphim da Costa Moreira, residente no Brasil, que no seu testamento deixou quatro contos de réis, para reparos da egreja matriz da sua naturalidade. Com esta quantia e com esmolas dos fieis, se construiu uma nova e bôa egreja, que é a actual.

É terra muito fertil em todos os generos agricolas do nosso paiz, cria muito gado de toda a qualidade, e nos seus montes ha bastante caça.

Faz grande negocio com o Porto, pelo rio Douro, que a limita pelo sul; e este mesmo rio, e o mar — que lhe fica a 20 kilometros de distancia — fornecem a freguezia de excellente peixe, de varias qualidades.

SOBREIRA — freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Murça, comarca d'Alijó, 130 kilometros ao N.E. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 45 fogos.

Em 1768, tinha 26.

Orago, S. Braz.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O cabido de Guimarães e o commendador de Poiares, apresentavam alternativamente o cura annual, que tinha 6$600 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra pouco fertil e muito pobre.

Poucos cereaes produz, e do mais ainda menos.

Cria algum gado miudo, e nos seus montes ha bastante caça.

SOBREIRA FORMOSA — villa, Beira Baixa, concelho de Proença Nova, comarca da Certan, 105 kilometros da Guarda, 190 ao E. de Lisboa, 1:100 fogos.

Em 1768, tinha 344.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

O mestre escola e o thesoureiro-mór da

[1] Isto diz o *Portugal Sacro e Profano*, que costuma (não sei porque, nem para que) diminuir muito o rendimento dos todos os parochos; mas no *Catalogo dos bispos do Porto* (pag. 420, col. 1.ª) se affirma que o rendimento do reitor da Sobreira, é de 400$000 réis.

[2] Vide no 7.º vol., pag. 281, col.ª, e a nota 2.ª da mesma columna.

Sé, apresentavam simultaneamente o vigario, que tinha de rendimento annual — 30 alqueires de trigo, 14 almudes de vinho cru, 41 arrateis de cêra, 7 alqueires d'azeite e 35$600 réis em dinheiro. Alem d'isto, tinha o pé d'altar.

É povoação muito antiga. D. Constança Sanches,[1] filha bastarda de D. Sancho I, lhe deu foral, em fevereiro de 1222. (*Maço 8 de foraes antigos*, n.º 17.)

O rei D. Manoel, lhe deu foral novo, em Santarem, no 1.º de junho de 1510. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 18 v., col. 1.ª)

Fica esta villa 18 kilometros ao O. de Sarzedas e eram senhores donatarios de Sobreira Formosa, os condes de Sarzedas. (Vide no artigo *Sarzedas*, o §, *Condado de Sarzedas.*)

Esta parte da Beira-Baixa é uma vasta charneca; porém, no meio d'ella estão as povoações de Sobreira-Formosa, S. Simão, Amendoa, Cardigos e Proença Nova, que formam como que um oasis n'aquelle ingrato deserto.

Sobreira-Formosa é uma villa muito bonita, e, posto se não encontre aqui nenhum vestigio da sua antiguidade, nem porisso deixa de ser uma povoação muito agradavel.

O seu termo é muito fertil em todos os fructos do nosso paiz, e produz grande abundancia de optimo azeite. Nos seus montados ha muita caça, grossa e miuda.

Junto á villa, passa um ribeiro do seu nome, que quasi sempre sécca no verão.

SOBREIRO — aldeia, Extremadura, freguezia, concelho e 2 kilometros de Mafra, na estrada da Ericeira.

Ha aqui a ermida de Santo Antonio, ao qual se faz uma explendida festa, no primeiro domingo depois do dia 13 de junho; mas, quando o dia 13 *cáe* ao domingo, a festa é no proprio dia do santo.

É a maior povoação da freguezia, e os seus numerosos habitantes, vivem, na sua maxima parte, do producto da lenha e do barro. Ha aqui muitos pinhaes, e fabrica-se muita louça ordinaria, que se exporta em grande quantidade.

N'esta aldeia, não ha mendigos, nem pessoa alguma d'ella costuma emigrar.

SOBREIRO — (serra) — Vide *Cabeço de Sobreiro.*

SOBREIRO DE BAIXO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Bragança) 80 kilometros de Miranda, 500 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1768, tinha 41.

Orago, S. Matheus, evangelista.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O papa e a mitra, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 400$000 réis de rendimento annual.

Ainda que de clima excessivo, é terra fertil.

Cria muito gado, de toda a qualidade, e ha muita caça grossa e miuda.

Para evitarmos repetições, vide *Castro*, aldeia, no 2.º vol., pag. 200, col. 2.ª

SOBREPOSTA—freguezia, Minho, no concelho, comarca, districto administrativo, bispado e 6 kilometros de Braga.

Orago, Santa Maria.

Tem 110 fogos.

Em 1768, tinha 91.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 340$000 réis de rendimento annual.

Fertil, gado, caça, cêra e mel.

SABROSA — Vide *Trapa* (Santa Cruz da).

SABROSA — freguezia, Douro, concelho e comarca de Paredes (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Penafiel) 30 kilometros a N.E. do Porto, 340 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1768, tinha 192.

Orago, Santa Eulalia.

Bispado e districto administrativo do Porto.

A mitra apresentava o vigario, collado, que tinha 60$000 réis de congrua e o pé de altar.

É povoação muito antiga, foi villa, e cabeça de concelho.

[1] O padre Carvalho, diz que foi seu irmão, Gil Sanches, filho tambem bastardo de D. Sancho I, e data o foral de 1213. Franklin (que é mais digno de credito) diz o que se lê no texto.

D. Sancho I lhe deu foral, no 1.º de maio de 1196. D. Affonso III lhe deu outro foral, confirmando e ampliando o antigo, em Lisboa, a 5 de julho de 1273. (*Livro 1.º de doações de D. Affonso III*, fl. 123, col. 2.ª)

O rei D. Manoel lhe deu foral novo, em Evora, a 15 de outubro de 1519. (*Livro de foraes novos do Minho*, fl, 12 v, col. 2 ª) — Este foral serve tambem para *Carvalhosa, Figueiró, Freamunde, Gondezeende, Ires, Meixomil, Sanfins de Ferreira, Sanjoaneiras*, e *Souzella*.

Nos foraes se lhe dá o nome de *Soverosa*.

Fertil gado e caça.

SOCCORRO — grande propriedade, Extremadura, freguezia de Camarate, concelho dos Olivaes.

Eis a historia d'esta propriedade.

Entre os grandes e rendosos senhorios e riquissimas fazendas que D. João I deu ao seu condestavel, D. Nuno Alvares Pereira, em premio dos relevantissimos serviços que este fidelissimo e valorosissimo portuguez obrou em defeza da nossa patria, lhe deu tambem a quinta do Soccôrro, em Camarate, *para que a possuisse em sua vida, e que, depois da sua morte a podesse deixar a quem quizesse, ainda que fosse a alguma egreja ou convento, sem embargo das leis e ordenações em contrario.*

Para evitarmos repetições, vide *Camarate*, no paragrapho que se refere ao mosteiro, que foi construido n'esta quinta.

SOCCORRO (Senhor do) — famoso santuario, Minho, proximo á villa de Ponte do Lima.

Costuma fazer-se a sua festa no primeiro domingo de julho, e o juiz d'ella é sempre uma pessoa da familia dos condes de Bretiandos, o que é causa de ser sempre uma festa explendida e concorridissima.

Com o producto das esmolas dos fieis, se teem feito aqui grandes e sumptuosas obras, que se vão desenvolvendo á medida que se vão recebendo donativos para custear as suas despezas, de maneira que em poucos annos se tornará de tanta magnificencia como o sanctuario do Bom Jesus do Monte, em Braga.

SOEIMA—freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Alfandega da Fé, comarca de Moncorvo (foi da extincta comarca e concelho de Chacim) 150 kilometros ao N.E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1768, tinha 93.

Orago, S. Pelagio.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O reitor de Sambade apresentava o vigario, que tinha 16$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra pobre e pouco fertil. Gado e caça, grossa e miuda.

SOEIRA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Bragança) 90 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Esta freguezia não vem no *Portugal Sacro e Profano*.

Terra muito fria e pouco fertil.

Gado e caça.

—

Soeira, é palavra árabe : significa cousa bem edificada e pintada. (Frei João de Sousa, *Vestigios da lingua arabica.*)

No antigo portuguez, porém — significa, uso, costume, etc. — deriva-se do latim *soleo-es*, e do portuguez *sóe*, *sohia*, etc.

Em algumas partes, *soeira*, era uma cabaça de vinho e um pão de trigo, ou fogaça. Estas soeiras, acompanhavam sempre o fôro de leitões ou carneiros, e cada um d'estes, tinha a sua respectiva soeira.

SOEIRO — No 2 º vol., a pag. 229 do *Portugal Sacro e Profano*, se lê — Soeira, freguezia no bispado da Guarda, tem por orago, S. Martinho, o parocho é reitor, da apresentação da mitra, rende 50$000 réis. Dista de Lisboa, 48 leguas, e da Guarda 11. Tem 81 visinhos.»

Frei João de Sousa (*Vestigios da lingua arabica*) na definição da palavra *Soeira*, diz tambem que no bispado da Guarda ha uma freguezia chamada *Soeira*.

Em nenhum livro moderno encontro esta

freguezia. Ou foi supprimida, ou tem hoje outro nome.

SOENGAS — freguezia, Minho, concelho de Vieira, comarca da Póvoa de Lanhoso. Vide *Caniçada e Soengas.*

Ha em Portugal tantos logares, sitios e propriedades com o nome de *Soenga* e *Soengas*, que isto me induz a acreditar, que soenga é palavra do antigo portuguez, cuja significação hoje se ignora. Virá de *Soedade*, substantivo obsoleto, que significa *solidão*, *êrmo*, *deserto?*

SOFRAGAYA — portuguez antigo — Egreja dependente, annexa. Hoje diz-se — *suffraganea.*

SOIDOS, ou **SOYDOS** — grande propriedade, Douro, na freguezia e concelho da Mealhada.

Foi marquezado, e é actualmente representante d'esta nobilissima familia, o sr. D. Antonio Luiz Pereira Coutinho, que não tem querido acceitar o titulo do governo liberal.

SOIEIRA e **SOJEIRA** — portuguez antigo — Officio, lavor, trabalho, occupação do caçador de coelhos.

Antigamente, o que fazia modo de vida da caça de coelhos, precisava ter um grande numero de utencilios para exercer o seu mister; taes como rêdes, fios, laços, armadilhas, cães, furões, carcazes, dardos, reclamos, apitos, etc. — e a tudo isto se dava o nome de *apeiro*, como quem diz — *trem de caça.*

As grandes brenhas e vastos mattagaes que havia em Portugal, no principio da nossa monarchia — principalmente em Traz-os-Montes e nas duas Beiras, davam occasião a que muitos homens vivessem de colher mel e cêra, e de matar coelhos; porisso se lhes dava o nome de *melleiros* e de *coelheiros.*

Posto que o mel, a cêra e a caça, se vendessem então por pouco dinheiro, os melleiros e coelheiros, ganhavam o bastante para occorrerem ás suas necessidades; porque, nos foraes antigos, vemos muitas pensões de cêra, mel, coelhos e pelles d'estes.

Era principalmente de noite, que os coelheiros faziam as suas caçadas, que eram *de espera* (e é a isto que se dava o nome de *soieira.*)

Os que faziam a sua exclusiva occupação na caça de coelhos, pagavam um pequeno fôro ao senhor da terra.

Em 1111, o conde D. Henrique e sua mulher, a rainha D. Thereza, deram foral á villa de Soure, e n'elle se lê — «De montaria non dent ulla Condaría ad Alcaide, neque de caro, neque de pelle, neque de melle vel cêra.»

No foral que D. Affonso Henriques deu á cidade de Lisboa, em 1179, se lê — «Conilarius, qui fuerit ad *sojeiram*, et illuc manserit, det follem unum conilii.»

Vide *Villa Franca de Xira*, e *Villa-Rei.*

SOLAIRO — portuguez antigo — sallario.

SOLAR — portuguez antigo — ainda usado — *Solar grande*, ou *Solar conhecido*, é casa onde teve origem alguma familia nobre. Tambem se dava o nome de solar, a uma quinta, fazenda, granja, casal, herdade; e até ao territorio, concelho, couto, etc.

SOLARENGO — portuguez antigo — ainda usado — o que vive no solar de outro, como caseiro, colono, lavrador, serviçal, etc.

SOLHAS — portuguez antigo — armadura defensiva, especie de cóta, guarnecida com laminas (*escamas*) de aço ou ferro, do feitio do peixe chamado sôlha.

SOLAROSO ou **SOLAZ** — portuguez antigo — o que favorece e ajuda o seu proximo; o que se empenha em lhe dar consolação e allivio. Vem do latino *solor* ou *solator.*

SOLDADA — portuguez antigo — uma porção de soldos (moeda) como quem diz — *dinheirada.*

SOLDO — portuguez antigo — certa moeda, tão antiga, que já existia e tinha curso no tempo dos romanos.

Ainda existe na França com o nome de *sou*, e vale 8 réis da nossa moeda. Um *franco*, tem 20 *sous.*

SOLIA — portuguez antigo — Certo panno, ou droga, de que, nos seculos 13.º e 14.º, se vestiam as senhoras portuguezas da alta aristocracia.

SOLIDÃO — logar, Beira Alta, freguezia

de Ferreirim, concelho de Cernancelhe, comarca de Moimenta da Beira.

A uns 3 kilometros da villa de Fonte-Arcada, está uma formosa planicie, chamada *Valle d'Agua*, e perto d'ella está ermida de *Nossa Senhora da Solidão*, em um sitio solitario. É templo muito antigo, e não se sabe quando nem por quem foi fundado.

Pelos annos de 1650, o padre Francisco da Silva, conego da Sé de Tanger, e outros clerigos de bôa vida, fundaram junto á ermida, um oratorio (hospicio) da congregação de S. Philippe Nery, restaurando o antigo templosinho. Por fallecimento do padre Francisco, e por o sitio ser pouco saudavel, foi abandonado pelos outros padres.

Tomou conta da ermida, o capitão-mór Matheus Correia de Seixas, de Ferreirim, que, em quanto viveu, cuidou do aceio e reparos da capella, e lhe nomeou um eremitão.

N'esta ermida, ha uma reliquia de S. Lourenço, que da Africa trouxe o mesmo padre Francisco.

A Solidão, fica a 30 kilometros da cidade de Lamego.

SOLLIS — freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Almodóvar (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Mertola) 120 kilometros ao O. d'Evora, 180 ao S. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1768, tinha 183.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Beja. Foi do arcebispado d'Evora.

A mitra apresentava o cura, que tinha 50 alqueires de trigo e o pé d'altar.

É terra pobre e pouco fertil.

Suppõe-se ser natural d'esta freguezia, o infeliz Simão Pires de Sollis, que injustamente accusado de perpetrar o desacato da egreja de Santa Engracia, de Lisboa, a 15 de janeiro de 1630, foi queimado vivo, logo a 13 de fevereiro.

Vide 4.º vol., pag. 112, col. 2.ª, anno 1630.

SOLORGIÃO — portuguez antigo — cirurgião.

SOLTEIRAMENTE — portuguez antigo — livre, ligeiro, sem empecilho, carga ou peso.

SOLVEIRA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e 8 kilometros a E. de Montalegre, 80 ao N.E. de Braga, 370 ao N. de Lisboa.

Tem 100 fogos.

Orago, Santa Eufemia.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

Desde 1841 até 1853, foi do concelho de Ervedêdo (hoje supprimido) comarca de Chaves.

Esta freguezia não vem no *Portugal Sacro e Profano*, porque foi creada em 1796 (vigariaria, collada) desmembrando-se da freguezia de S. Miguel de Villar de Perdizes.

A egreja matriz foi construida no mesmo anno de 1796.

A aldeia da Solveira, pertencia á *honra* de Villar de Perdizes, e era *casal cerrado*. Pagava, junctamente com Santo André, réis 10$560.

Está situada na margem direita de uma das origens do rio Tâmega, em terreno levemente accidentado. Produz centeio, batatas, castanhas, linho, hortaliça, algum milho, muita pêra e mais alguma fructa.

Cria bastante gado caprino e vacum, de boa qualidade.

Segundo a tradição, a Solveira e outras povoações d'estes sitios, foram saqueadas e incendiadas pelos gallegos, em 1643, em represalia dos damnos que D. João de Souza, general do Minho, lhes causou em 40 povoações do valle de Salles.

Corre por esta freguezia uma estrada do antigo systema, que de Montalegre se dirige a Chaves, pela raia da Galliza.

SOMBRA — praia do mar, Extremadura, junto á *Foz do Arêlho*, 18 kilometros ao N. de Peniche.

SONIM — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Valle-Paços (foi do extincto concelho de Monforte do Rio Livre, comarca de Chaves) 54 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 125 fogos.

Em 1768, tinha 103.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Bragança, districto administrativo de Villa-Real.

O real padroado, apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis de rendimento annual.

Fica perto da raia da Galliza.

Terra fertil, gado e caça.

SOPO ou **SOPPO** — freguezia, Minho, concelho e 4 kilometros ao S.E. de Villa Nova da Cerveira, comarca e 18 kilometros ao O de Vallença do Minho, 54 kilometros ao N.O. de Braga, 400 ao N. de Lisboa, 240 fogos.

Em 1768, tinha 223.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna, d'onde dista 33 kilometros, ao N.O.

A casa do infantado, apresentava o abbade, que tinha 600$000 réis de rendimento annual.

Foram donatarios d'esta freguezia os marquezes de Villa-Real, e por fim o primeiro (e unico) duque de Caminha, filho do ultimo marquez de Villa-Real. Em 1641, o arcebispo de Braga, o inquisidor geral, o marquez de Villa Real, seu filho duque de Caminha, o conde d'Armamar, D. Agostinho Manuel de Vasconcellos e outros, projectam assassinar o rei D. João IV, e entregar nos a Philippe IV e aos castelhanos. Descoberta a conspiração, foram todos presos. O arcebispo de Braga, morreu na prisão (vide Palmella) o inquisidor geral, depois de estar preso muitos annos, foi perdoado : todos os mais morreram degolados por traidores ao rei e á patria, na praça do Rocio de Lisboa, no dia 29 de agosto de 1641.

Tinham sido presos a 28 de julho.

Os bens d'estes traidores, foram sequestrados, e com elles se instituiu a casa do infantado, a favor do infante D. Pedro, filho 3.º de D. João IV, e que depois foi D. Pedro II. [1] Assim passou o senhorio de Sôpo a ser apanagio da casa do infantado.

Apezar de uma grande parte dos individuos d'esta freguezia serem pedreiros e trolhas, é uma terra bastante rica pela sua fertilidade.

Cria muito gado bovino, tem bastante caça e o rio Minho (que lhe fica 3 kilometros ao N.) e o mar (que lhe fica 14 kilometros ao O.) a fornecem de optimo peixe.

Em tempos antigos, foram padroeiros d'esta egreja, os Soeiros que não eram fidalgos. Dous irmãos d'esta familia, tiveram uma grande rixa, ficando um assassinado : o que sobreviveu, para se livrar do crime de fratricidio, deu o padroado da egreja ao marquez de Villa-Real, que o cedeu a seu filho, o duque de Caminha.

Foi esta freguezia povoada por familias de Lanhellas, e de Reborêda, e era uma aldeia da freguezia de Lanhellas, onde os de Sôpo vinham á missa.

Pelos annos de 1720, como a egreja de Lanhellas lhes ficasse muito longe, requereram ao arcebispo para se constituirem em parochia independente, o que lhes foi concedido.

Construiram logo uma egreja para matriz. A torre dos sinos, foi feita em 1735, e o frontespicio da egreja, em 1769.

—

No portuguez antigo, escrevia-se *Çôpo*, que significa *coxo*. Talvez que algum coxo fosse o primeiro habitante d'esta terra.

Vide n'este vol., pag. 84, col. 2.ª

—

O dialeto do povo d'esta freguezia, como de muitas outras da margem esquerda do Minho, é mais gallego do que portuguez. Os proprios padres — que foram quasi todos alumnos do seminario dioceno, de Tuy (que lhes fica proximo) fallam gallego.

—

Julgo digno de nota o seguinte :

Pelos annos de 1810, nasceu em Sôpo, João Antonio da Rocha Pereira, que, na edade de 10 ou 11 annos, sendo moço de trôlha, foi para o Brasil, onde residiu uns 20 annos, regressando a Portugal com uma *fortuna* avaliada em mais de 600 contos de réis, apezar de ser quasi analphabeto!

Transformou a humilde casita em que nasceu — que era no meio de uns rochedos — em um explendido palacio, com seus jardins, pomares, quinta, etc. Para isto, comprou aos visinhos, a peso d'ouro, suas casas e hortas.

[1] O filho primogenito de D. João IV, foi o principe D. Theodozio que morreu solteiro e sem filhos, a 15 de maio de 1653 pelo que succedeu depois na corôa, D. Affonso, 6.º do nome, irmão de D. Theodosio e de D. Pedro II.

Comprou, por 16 contos de réis, uma quinta sobre a margem esquerda do Minho, em um sitio delicioso.

Tinha sido dos jesuitas e passou a pertencer á universidade, depois de 1759.

Gastou em melhoramentos e embellezamentos, mais de 20 contos de réis.

Proximo e ao O. d'esta quinta, existe o forte da Vereia, que tambem comprou e aformoseou.

Morreu solteiro, em junho de 1879, deixando quanto tinha a dous filhos... incestuosos!

A freguezia de Sôpo, é situada em um monte, mas abundante de aguas, e por isso muito fertil. Tem muitos moinhos e trez azenhas, a que servem de motor as aguas do rio Coura, que passa pela extremidade da freguezia.

A egreja matriz é das melhores d'estes sitios, está conservada com o maior aceio, tem magnificos altares de talha dourada, e é magestosa pela sua muita altura.

Ha na freguezia duas capellas publicas — o Senhor da Agonia, e S. João Baptista.

SOPO ou **SOPPO** — aldeia, Extremadura, na freguezia e concelho d'Alemquer.

Com os medonhos temporaes do inverno de 1876 pára 1877, houve varios desabamentos de terra, e um d'elles destruiu e arrazou completamente esta aldeia, no dia 7 de janeiro de 1877. Os seus aterrados habitantes, poderam salvar-se a tempo, fugindo para a villa.

Não houve desgraças pessoaes.

A mesma etymologia do 1.º Sôpo.

SOR—rio, Alemtejo, na comarca da Fronteira. Nasce em Toloza, concelho de Niza, e morre na direita do Zetas, com 60 kilometros de curso.

Passa a E. da villa de *Ponte de Sor*, e é aqui atravessado por uma grande ponte, de construcção romana. Esta ponte e este rio, deram o nome á villa.

O caminho de ferro de Leste, tambem aqui atravessa este rio por uma magestosa ponte, de pedra e ferro, que é das obras mais importantes d'esta via accelerada.

Em alguns livros dá-se a este rio o nome de *Sôro.* Os romanos lhe chamavam *Subur.*

Diz-se que os phenicios lhe pozeram o nome de *Sour,* em memoria da sua cidade de Tyro. Vide 6.º vol., pag. 152, na palavra *Tyro.*

—

Na Hespanha tambem ha o rio *Sôr,* confluente do Douro.

Na vertente E. da serra de Grêdos (Hespanha) a 11 kilometros da pequena cidade de *Boboyo,* existem as monumentaes ruinas de um vastissimo mosteiro de religiosos franciscanos, e os restos de um castello proximo ás ruinas [1]

Logo abaixo d'estas ruinas, ha um extenso pantano, que, no tempo em que os frades habitavam o mosteiro, foi por elles cercado de um sólido paredão, transformando-o em bonita, grande e piscosa lagôa, que foi, em 1809, destruida pelas tropas hespanholas, para inundarem o acampamento dos francezes, e nunca mais se reedificou, tornando-se um insalubre marnel. É n'elle que o rio *Sôr* (castelhano) tem a sua origem.

Este rio, pouco a baixo do marnel, lança-se no Tormes, e este, depois de um curso de 240 kilometros, e de ter passado pela cidade de Salamanca e outras povoações, deságua no Douro.

O seu nome, como o de Sôr portuguez, foi-lhe imposto pelos phenicios, que lhe chamaram *Sour,* nome que se conserva com pouca corrupção. [2]

SOROIA — Esta freguezia já fica descripta na columna 1.ª de pag. 171 d'este volume, sob o nome de *Serôa,* que é o actual. Digo alli que não vem no *Portugal Sacro e Pro-*

[1] Os frades, achando este sitio pouco saudavel, pediram a Carlos III, que lhe mandasse fazer novo mosteiro no alto da serra, o que o rei lhes concedeu. O antigo mosteiro foi abandonado, mas os frades vinham, nos primeiros tempos, celebrar as missas do Natal, na velha egreja gothica.

Os povos das immediações teem destruido o mosteiro, para empregarem os seus materiaes na construcção de cabanas e paredes. Lá como cá...

[2] Os castelhanos, e os portuguezes do sul do reino, não pronunciam *ou* — dizem *ô* — ouro, *ôro* — mouro, *môro* — pelouro, *pelôro* — touro, *tôro* — couto, *côto,* etc.) assim, facilmente de *Sour* fizeram *Sôr*

fano, porque a não achei com o seu ultimo nome. Alli, dá-se-lhe o de *Soróia*.

O reitor de S. Martinho de Frazão, apresentava o cura, que tinha 80$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Em 1768, tinha 102 fogos.

É terra fertil.

SORO-PIRES — Vide *Souro-Pires*.

SORRAIA — rio, Alemtejo. — Nasce proximo a Lamarosa, e entra na esquerda do Tejo, acima de Salvaterra de Magos.

No dia 1.º de novembro de 1875, se inaugurou a bella ponte do Sorraia, em frente de Benavente. Assistiu a camara d'esta villa (de Benavente) administrador do concelho e varios cavalheiros, além de grande concurso de povo. Houve muitos foguetes e tocou a philarmonica da terra.

SORREIÇOM — portuguez antigo — subrepção. Acção de procurar, ou querer obter qualquer cousa com narrações ou exposições falsas. (É dos seculos XIV e XV.)

SORTÊLHA—villa, Beira Baixa, comarca, concelho e 12 kilometros do Sabugal, 24 da Guarda, 275 ao E. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1768, tinha 211.

Orago, Nossa Senhora das Neves.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O real padroado, apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé de altar.

É povoação antiquissima.

D. Sancho II lhe deu foral sem data. (O padre Carvalho, diz que foi em 1238.) *Livro 1.º de Doações do rei D. Diniz*, fl. 39 v. col. 2.ª — e na Gaveta 15, maço 3.º, n.º 7.

O rei D. Manoel, lhe deu foral novo, em Santarem, no 1.º de junho de 1510 (*Livro de foraes novos da Beira*. fl. 5 v., col. 2.ª)

Serve tambem para *Fatella* e *Santo Antonio*.

Foi cabeça de concelho do seu nome, com 1:300 fogos. Foi supprimido depois de 1834.

A villa, está situada sobre um alto penhasco, e perto da origem do rio Côa.

Foram seus alcaides-móres, os barões de Quintella, depois, condes de Farrôbo. (Vide a 1.ª *Quintella*.)

—

Sortêlha, é corrupção de *sortija*, palavra castelhana, que significa annel. Nós tambem antigamente diziamos *Sortêlla*.

Deu-se lhe este nome, porque as suas armas, são um castello com um annel. Antigamente, era uma meia lua.

O 1.º conde de Sortelha, foi D. Luiz da Silveira, casado com D. Brites Coutinho, filha de D. Fernando Coutinho, marechal do reino [1]

A posição d'esta villa, que é forte por natureza, o foi tambem por arte, cercada de muros, com um fortissimo castello. Hoje está tudo desmantelado.

Estando abandonada, D. Sancho I a mandou povoar, em 1187, reedificando as fortalezas, que eram obra dos mouros (e talvez dos romanos.)

No reinado de D. Manoel I, era alcaide-mór e senhor de Sortêlha, Manoel Sardinha. Succedeu-lhe Pedro Zuzarte, e a este, seu filho, Garcia Zuzarte, que, com licença de D. João 3.º, vendeu este senhorio, em 1522, a D. Luiz da Silveira, ao qual o mesmo soberano fez conde de Sortêlha. O rei D. Sebastião, reformou este titulo em Diogo da Silveira, filho do 1.º conde; e Philippe III, a D. Luiz da Silveira. Por casamento de D. Branca da Silveira, com seu tio, D. Gregorio de Castello-Branco, conde de Villa Nova de Portimão, se uniram os dous condados.

O 1.º conde de Sortêlha, era tambem alcaide mór d'Alemquer, e guarda-mór de D. João III.

—

Foi filho do 1.º conde de Sortêlha e de sua mulher, o padre Gonçalo da Silveira, da Companhia de Jesus. Foi o ultimo dos dez filhos que teve a condessa, morrendo d'este parto.

Foi para a India, e pediu a missão da Ethiopia, onde converteu grande numero de infieis, soffrendo porisso intoleraveis fomes, sêdes e calmas, além dos continuos perigos de vida.

[1] D. Luiz da Silveira, era guarda-mór do rei D. Manoel, do seu conselho e veador-mór das obras, terços, residuos, hospitaes e capellas, d'estes reinos e senhorios.

Converteu e baptizou o imperador de Monomotapa, e sua mãe; mas, apostatando este monarcha, mandou tirar-lhe a vida, no dia 16 de março de 1561, com 36 annos de edade e 18 de religião.

O territorio d'esta freguezia é fertil em todos os generos agricolas do paiz, cria muito gado, e ha abundancia de caça.

SORTES—freguezia, Traz os Montes, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e proximo de Bragança, 45 kilometros de Miranda do Douro, 480 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1768, tinha 49.

Orago, S. Mamede.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

Tem annexa, a freguezia de *Paço de Sortes*, que era um curato da freguezia de Sortes, por ter sido d'ella desmembrada em tempos antigos.

É terra fertil.

SORVAL — freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho e 3 kilometros a O. de Pinhel (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Trancoso) 65 kilometros de Viseu, 330 ao E. de Lisboa, 85 fogos.

Em 1768, tinha 39.

Orago, Nossa Senhora da Graça.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O vigario de S. Pedro, da cidade de Pinhel, apresentava o cura, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Pouco fertil. Muito gado miudo e caça.

O sanctuario de Nossa Senhora das Fontes

É dos mais notaveis de Portugal e o primeiro da provincia. Está situado sobre a antiga estrada militar d'Almeida a Lamego, um kilometro a E. da freguezia de Santa Eufemia, mas na freguezia do Sorval.

Quando a actual freguezia de Santa Eufemia, d'este concelho, era um curato, annexo á parochia de Souropires, era matriz d'aquella, a antiquissima ermida de Nossa Senhora das Fontes.

Creada Santa Eufemia parochia independente, construiu egreja propria, e a ermida ficou nos limites da freguezia do Sorval.

O terreno onde está construido este sanctuario, e os mais em circumferencia, eram dos monges bernardos de Salzêdas, e os emprazaram aos *fidalgos de Santa Eufemia*, hoje representados pelos Albuquerques, de Viseu, e Carvalhos, de Moncorvo.

Foram os taes fidalgos de Santa Eufemia, que construiram o magestoso palacete que está no centro da aldeia do Sorval.

Segundo a tradição, o primeiro assento da aldeia do Sorval foi em redor do Sanctuario. Este foi antigamente administrado por aquelles fidalgos, alguns dos quaes, n'elle foram sepultados: hoje é considerado como propriedade dos eremitães que residem aqui, e que cuidam do seu aceio e conservação, não só com rendas proprias, mas, e principalmente, com as esmolas dos fieis; porque os eremitães andam dispersos esmolando, desde Foz-Côa e Trancoso, até á Barca d'Alva e Sabugal.

—

Seguindo a velha estrada militar de Lamego para Almeida, e passando a povoação de Santa Eufemia, se encontra a um kilometro de distancia, uma grande cruz de pedra, em seguida uma aléa de cedros na extensão de cem metros approximadamente, e no topo d'esta aléa o sanctuario e eremiterio de Nossa Senhora das Fontes, em sitio deserto, mas pittoresco. Exceptuando alguns cedros gigantes, tudo alli é humilde, tanto o templo, como as capellas lateraes, as fontes, as casas de habitação e hospedagem, e officinas annexas, a cerca, o jardim, etc.; mas tudo aquillo parece um mundo á parte, tudo nos prende e encanta, tudo insensivelmente nos transporta aos primeiros seculos, os seculos dourados do Christianismo,—julgamo-nos n'essas estancias dos sancto-monges d'outr'ora, de que nos fallam as chronicas—; o tempo alli corre leve e suas

ve, e ao despedirmo-nos aperta-nos logo a saudade o desejo de repetir a visita.

Entra-se por um portão singello para um largo um pouco ingreme, d'este sobe-se para outro menos espaçoso, e d'este para um terceiro, todos arborisados por cedros e outras arvores d'ornato, sendo alguns cedros já de grande porte; e em seguida a estes trez largos ha um pequeno jardim. No terceiro largo subindo, á esquerda, está a capella de Nossa Senhora das Fontes, e contiguas ficam as casas para vivenda dos ermitães e hospedagem dos romeiros, visitantes e transeuntes, pois é este eremiterio albergaria e hospedaria franca para ricos e pobres, que necessitem de descançar e mesmo de pernoutar. A todos offerecem os ermitães comida, e muitos pobres e transeuntes a aceitam. E logo no primeiro largo, entrando á esquerda, ha lojas e manjadouras espaçosas, onde commoda e francamente recebem bois e cavalgaduras, o que em semelhantes paragens, e em uma estrada de tanto movimento, é de grande utilidade e commodidade para o publico, e é este tambem um dos motivos porque os ermitães são tão sympathicos aos povos, e em toda a parte encontram agazalho e protecção.

O templo de Nossa Senhora é no gosto da egreja do extincto convento da Serra do Pilar, no Porto, mas de muito menores dimensões. O corpo da capellinha é exagono interiormente, e exteriormente circular. Na capella-mór está a imagem de Nossa Senhora das Fontes, imagem das mais perfeitas que temos visto, em um throno de obra de talha dourada e pintada; e no mesmo throno mais quatro imagens de boa esculptura, representando as do lado direito Nossa Senhora das Dôres, e Sant'Anna, e as do lado esquerdo S. José e S. João Baptista; e decoram ainda todo o throno grande numero de reliquias.

Vé-se no corpo da capella, debaixo do pulpito, um custoso presepio; o côro é elegante e bem pintado, e na face inferior tem a seguinte inscripção:

«*Esta capella de Nossa Senhora das Fontes, foi feita de tudo com esmolas dos bemfeitores, e se deu finda no anno de 1777. pelo grande zelo e diligencia do irmão Manoel de S. José, Irmitão actual d'esta mesma capella desde o anno de 1740 até o presente de 1777.*

«*Pede-se um Padre Nosso e uma Ave Maria pelo amor de Deus.*»

No centro do corpo da capella ha um bom lustre de vidro, e na capella-mór seis mais pequenos.

O tecto do corpo principal é bem pintado a oleo com varios emblemas religiosos, tendo no centro a imagem de Nossa Senhora da Assumpção, e as seis faces, correspondentes ás seis das paredes, representam a de sobre o arco da abertura para a capella-mór — o nascimento de S. João Baptista, e as outras S. Francisco de Paula—a Coroação de Nossa Senhora — S. Jeronymo — S. Francisco de Assis — e um penitente.

Na sacristia, que é soalhada de cortiça, vimos bastantes paramentos, muito decentes, as imagens do Senhor da Boa Morte, do Senhor Ecce Homo e de Nossa Senhora do Carmo, e uma pequena cruz de madeira sobre peanha de jaspe com a inscripção — Africa, parecendo querer dizer que foi donativo vindo da Africa.

Tem mais duas cruzes de madeira sobre um pedestal de mato petrificado. Vimos tambem uma cruz de madeira, obra curiosa e de muito merecimento artistico, em uma das capellas lateraes. É de salgueiro, formada de peças pequenas eguaes sem cola nem prégos, mas combinadas de modo tão engenhoso, que se não comprehende, formando um todo muito symetrico e elegante. Foi feita por um pastor do Jarmello, que a deu para o sanctuario, e que custuma vir aos grandes arraiaes de Nossa Senhora das Fontes com muitas das taes cruzinhas, que vende pela bagatella de 500 réis cada uma.

Obtivemos por este preço uma que conservamos, e que já puderamos ter vendido por 4$500 réis. — Tão engenhosa é, que tendo-a mostrado a artistas de merecimento nenhum até hoje se atreveu a desmanchal-a sem a quebrar, nem descobrir o segredo da construcção. E são feitas com uma navalha por um rude pastor!

Outra cruz muito notavel vimos n'este

sanctuario, no topo da frente da capella de Nossa Senhora.

É de granito, toda cercada de rendilhados vasados, no gosto da cruz que se nota em Vizeu sobre o portão de um pateo juncto á entrada da grande avenida dos paços de Fontello ; e já vimos outras duas no mesmo estylo, uma na egreja matriz da freguezia de Sendim, concelho de Taboaço, e outra na frente do sanctuario dos Sanctos Martyres, em Paredes da Beira, no bispado de Lamego ; mas na nossa humilde opinião, a do sanctuario de Nossa Senhora das Fontes é muito superior, e não nos recordamos de ter visto em Portugal uma cruz de granito de tanto merecimento.

A velha capellinha de Nossa Senhora das Fontes era muito humilde e singella, e estava no mesmo largo em que hoje se vê a nova capella, quasi em frente d'esta, onde se vê uma cruz de pedra, posta alli para memoria do local que a velha capella occupou.

No segundo terreiro ha duas capellinhas com seus altares, uma com a invocação de Santa Maria Magdalena (a do lado direito, subindo) e outra em frente d'esta com a invocação de S. Francisco das Chagas, cuja imagem é bastante regular, e foi feita por um pastor das proximidades de Vizeu, hoje esculptor de merecimento.

Ha na capella de Santa Maria Magdalena uma reliquia com a qual costumam benzer as pessoas e animaes mordidos por cães hydrophobos, não havendo memoria de caso algum de hydrophobia perigosa, em animal ou individuo assim benzido. E teem grande devoção com a imagem de S. Francisco das Chagas, os devotos que padecem sesões, costumando offertar-lhe sal, mais de quarenta alqueires, alguns annos.

Juncto á capella de Nossa Senhora, estão as casas de habitação, muito irregulares e de fórmas mesquinhas, mas com trez salas, sendo a melhor destinada para os romeiros e visitantes, e 10 quartos, dos quaes o mais proximo da capella se denomina *o quarto do Bispo*, quarto egualmente singello e humilde, mas assim denominado por costumar dormir n'elle o bispo de Pinhel D. Bernardo Beltrão, que sympathisava muito com este sanctuario e aqui passava muito tempo. Era descendente dos primitivos padroeiros —os fidalgos de Santa Eufemia—e preferia a humilde cella dos bons ermitães á grandiosidade do seu palacete que estava a um kilometro de distancia.

Na rectaguarda da capella de Nossa Senhora, ha uma pequena cêrca, e contigua a esta outra mais espaçosa, divididas pela estrada militar d'Almeida a Lamego, mas ligadas por uma communicação subterranea de abobada. Esta cerca tem uma boa eira e um bom campo, ramadas, vinha baixa, muitantas arvores fructiferas, agua de bica e um que, e uma carreira em seguida ao tanque, atravessando quasi a meio toda a cêrca, e terminando em um nicho com uma tosca imagem, tudo coberto por uma especie de caramanchão formado de cedros ; e esta carreira é guarnecida quasi exclusivamente por duas alêas de pereiras e cerdeiras.

No portão do adro da capella de Nossa Senhora, ou do terreiro superior se lê a data 1790 ; no alto de uma porta que dá para o largo inferior 1800 ; nas capellas do segundo largo vê-se a data 1809 ; e em um chafariz que ha no primeiro largo se vê a data 1825, e nas portas das cercas 1828.

É costume sepultarem-se os ermitães administradores d'este sanctuario, na capella de Nossa Senhora, e tambem já alli se sepultou um criado d'elles, mas no adro ; junto á porta principal.

Duas são as funcções principaes que se fazem n'este sanctuario, uma em maio, quinta feira da Ascenção, e outra no dia 8 de setembro ; e constam estas funcções de sermão, missa solemne, fogo solto e preso na vespera, e grande arraial e feira nos dous dias, sendo verdadeiramente extraordinario o numero de romeiros que concorrem das comarcas de Foscôa, Meda, Trancoso, Pinhel, Guarda, Almeida, Sabugal, Figueira de Castello Rodrigo e mesmo de maiores distancias, como de Traz-os-Montes e d'além da raia. Costumam os ermitães por essa occasião dar aos romeiros estampas e medalhas com a effigie de Nossa Senhora das Fontes, e orçam por 600 as medalhas que assim distribuem annualmente.

É este sanctuario alvo de grande devoção, e se as ordens religiosas não fossem extinctas no nosso paiz, ha muito estaria transformado em um convento regular, como tentaram, já nos principios d'este seculo, os religiosos reformados da Provincia da Conceição, o que se deduz claramente de um documento que em publica forma existe no archivo d'este sanctuario. É uma carta régia d'el rei D. João VI, cujo theor é o seguinte :

«D. João por graça de Deus Rei do Reino Unido de Portugal, Brazil e Algarve d'aquem e d'além mar em Africa Senhor de Guiné, etc.

«Mando a vós corregedor da comarca de Pinhel que examinando-se o terreno em que se acha erecta a ermida de Nossa Senhora das Fontes, limite do logar do Surval, termo da cidade de Pinhel, e se as casas e cerca a ella annexas são proprias dos Irmãos Domingos de S. José e de S. Paulo, que se diz ahi habitarem, ou se lhes foram doadas e por quem e se resultará utilidade áquelle districto erigir-se n'elle hospicio em que habitem religiosos reformados da Provincia da Conceição, que auxiliem os parochos circumvisinhos nos ministerios do confissionario, predica e assistencia aos moribundos, ou se d'essa creação poderá resultar algun inconveniente, e qual ; e me informareis do que achardes a esse respeito, remettendo-me por copia, pela minha junta do exame do estado actual e melhoramento temporal das Ordens regulares ; os titulos que houverem sobre a propriedade d'esses terrenos, e a licença do senhorio directo, no caso de serem foreiros. Cumpri-o assim, etc. Lisboa 9 de março de 1805.»

—

O irmão Domingos de S. José, eremitão d'este Sanctuario, fez um inventario, de todos os bens e alfaias pertencentes á Senhora, e, em 7 de fevereiro de 1833, o mandou ao governador da diocese de Pinhel, M. Farinha Beirão, com a seguinte carta :

«Ill.^{mo} e Rev.^{mo} sr. governador.

«Se V. S.ª não tivesse dado a conhecer em todas as occasiões um zelo e uma paixão tão particular por esta ermida de Nossa Senhora das Fontes, e pela conservação e augmento do culto da Mãe de Deus em este logar, não me atreveria eu agora a incommodar a V. S.ª rogando-lhe o obsequio de permittir-me licença de depositar nas mãos de V. S.ª afim de a guardar, até que *necessaria seja*, a cópia que esta acompanha, do inventario de todas as alfaias e bens pertencentes a esta ermida, o qual fiz, ha pouco tempo, por me persuadir *poderá ainda algum dia vir-lhe a ser util* e *necessario (?)*

«Bem quizera eu ir pessoalmente fazer esta entrega a V. S.ª, mas os meus longos dias, cobertos de enfermidades, me inhibem de tanto prazer e honra, restando-me apenas um coração summamente agradecido a V. S.ª por tantos beneficios, que só podem ser remunerados por Deus Nosso Senhor, á quem me não esqueço de rogar conserve por muitos e dilatados annos a tão preciosa vida de V. S.ª para amparo nosso e da Santa Religião.

Sou de V. S.ª
servo inutil e humilde criado
Domingos de S. José.

«7 de fevereiro de 1833.»

Revela esta carta bastante cultura, e confirma o que sempre se disse, e ainda hoje pessoas que o conheceram repetem, — que o irmão Domingos pertencia a uma familia importante, e fôra esmeradamente educado, posto que nunca revelou o seu nascimento a ninguem.

Confirma tambem esta carta a opinião de sanctidade em que foi tido. Como que prophetisou o que aconteceu passados annos, pois que em 1834 as auctoridades de Pinhel, interpretando a seu modo o decreto que extinguiu as ordens religiosas, vieram a este sanctuario e confiscaram tudo !. . . Tão auctorisado porém, e tão respeitado por todos era o veneravel irmão Domingos, e tanto pediu, rogou, instou e clamou, que tudo, absolutamente tudo quanto levaram do seu querido sanctuario, lhe foi por ordem superior restituido ! . . .

Porto e Miragaya, 2 de septembro de 1876.

O Abbade, *Pedro A. Ferreira.*

—

Peço perdão ao meu esclarecido collaborador e velho amigo, o sr. dr. Ferreira, por os cortes que me vi obrigado a fazer no seu bello artigo; mas fui obrigado a isso, por circumstancias imperiosas.

SOSANO — portuguez antigo — desembaraço, r solução, etc.

SOSPEITA — portuguez antigo — surpreza. Ainda se usa nas provincias do norte.— *De suspeita*, de surpresa, de sobresalto.

SOSQUINAR-SE — portuguez antigo — inclinar se a favor d'alguem.

SOTO — portuguez antigo — debaixo — «*O que todo* n'esta guisa le mandava em pena de seu peccado, *e* soto *sua bençam.*» (Fundação da egreja de S. Miguel de Lobrigos, de 1191. Documento da Torre do Tombo.)

SOTTAM — Vão entre o telhado e o ultimo andar, com janellas. Especie de agua furtada. É corrupção do arabe *sotubo.*

SOURE — villa, Douro, cabeça do concelho e da comarca do seu nome, 18 kilometros ao N.O. do Pombal, 35 ao N.O. de Leiria, 12 ao S.O. de Condeixa, 24 ao S O. de Coimbra, 180 ao N. de Lisboa, 1:500 fogos.

Em 1768 tinha 1:125.

Orago, S Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O rei, pelo tribunal da mesa da consciencia, apresentava o vigario, que tinha 120$000 réis e o pé d'altar.

Era commenda da ordem do Templo até 1311, e, desde 1319, da ordem de Christo.

O concelho de Soure, é composto de 9 freguezias, todas no bispado de Coimbra, são — Brunhos, Degracias, Figueiró do Campo, Gésteira, Pombalinho, Samuel, Soure, Villa Nova d'Anços, e Vinha da Rainha. Todas com 3:800 fogos.

Ainda ha poucos annos tinha 14 freguezias; porém — a freguezia d'Alfarellos e Granja do Ulmeiro, passaram, por carta de lei, de 2 de julho de 1879, para o concelho de Monte-Mór-Velho — Alvorge, passou em 1855, para o concelho de Ancião — Rabaçal, passou para o concelho de Penella — e o Zambujal, para o de Condeixa-Nova.

A comarca de Soure é composta sómente do seu concelho.

—

É comarca de 2.ª classe, do districto judicial da relação do Porto.

Situada sobre uma collina, banhada pelos rios *Anços* (ou Danços) que vem da Redinha, e *Orãos* e *Carbuncos*, que vem do Pombal, e todos trez unidos, desagúam na esquerda do Mondego, que fica 15 kilometros ao S. da villa, 18 a E. do mar, e 24 a O.N.O. da Figueira da Foz.

É povoação antiquissima, e o seu primeiro nome foi *Saurium.* O conde D. Henrique, achando-a abandonada, a mandou povoar em 1111, concedendo grandes privilegios aos seus povoadores, no foral que lhes deu em junho d'esse anno, e que D. Affonso II confirmou, em Santarem, em dezembro de 1217, e D. Affonso IV, em Coimbra, no 1.º de agosto de 1347.

O rei D. Manoel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 13 de fevereiro de 1513. (*Livro de foraes novos da Extremadura,* fl. 65 v., col. 1.ª)

—

Quando, em 1037, D. Fernando Magno, rei de Castella e Leão, tomou Coimbra aos mouros, o miramolim de Marrocos, que vinha ajudar os defensores da cidade, vendo que ella estava perdida, teve de retirar para *Gib-al-Tarik* (Gibraltar) e d'alli passar á Africa.

Na sua retirada, saqueou, arrazou e incendiou todas as povoações portuguezas por onde passava. Soure foi uma das primeiras onde os mouros sevaram o seu odio, e a raiva de não poderem salvar a sua formosa Coimbra, e a villa ficou reduzida a um montão de ruinas.

Parece que o povo a reedificou, porque, em 1118, Ali Ben-Tesim, commandante de uma horda de mouros africanos a tornou a destruir. (Alexandre Herculano, diz que foi em 1116, depois de arrazarem o famoso castello de Santa Eulalia, de que fallei em Monte-Mór-Velho, pag. 513, col. 1.ª, do 5.º volume.)

Em 1125 a povoou de novo, a rainha D. Thereza, mãe do nosso primeiro rei, quando já estava viuva do conde D. Henrique, que tinha fallecido em 1112.

Consta que foi esta senhora que mandou reconstruir o castello, dando-o ao famoso capitão, Gonçalo Gonçalves; mas, pouco tempo depois (em 15 de março de 1128) annullou esta doação, e deu o castello aos templarios; o que D. Affonso Henriques confirmou, em 1129.

D. Thereza, deu então aos templarios, não só o castello e a povoação de Soure e seu termo, como tambem todas as terras que estão entre Coimbra e Leiria, e que n'esse tempo estavam abandonadas, mas ainda em poder dos mouros. As principaes povoações d'esta doação, eram — Soure, Éga, Pombal, e Redinha.

Perdeu-se o instrumento original d'esta doação, mas existem ás bullas de confirmação d'ella, dos papas Honorio III, Celestino IV, Alexandre IV, e Urbano IV.

Em 1144, os mouros tornaram a tomar esta villa, levando captivos para Santarem, todos os seus moradores que poderam haver ás mãos, incluindo os cavalleiros do Templo que a defendiam, e o vigario, padre Martinho, do qual adiante trato.

Todos foram resgatados em 8 de maio de 1147, quando D. Affonso I, tomou Santarem aos mouros, menos o padre Martinho, que foi morrer a Córdova.

—

Em 1807, foi aqui achada uma ára romana, que está na bibliotheca publica de Lisboa. Tem esta inscripção.

B. M. F. R.
VASECO
MARINIANV
SANIN
OLIBE
S. PONO
M. E. R.
MA. IIII.

Não sei o que quer dizer.

—

Ainda existem as ruinas do castello d'esta villa, cuja fundação attribuem uns, aos celtiberos; outros, aos romanos; e outros, a D. Affonso III (o Magno) de Castella e Leão, em 1037, mas julga-se mais provavel que o castello primittivo seja obra dos romanos, e que as ruinas que hoje se veem, sejam os restos do castello dos templarios.

Diz-se que os primeiros christãos que povoaram esta villa, eram naturaes de *Saurum*, na Galliza, e que deram á povoação, o nome da sua patria. Seria.

—

O sr. José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello-Branco, nos seus *Apontamentos á cêrca da villa de Soure*, diz que, junto á villa, no sitio da *quinta da Magdalena*, houve outr'ora uma povoação romana, construida pelos *herminios* (da serra da Estrella) alliados dos romanos. Suppõe-se que esta povoação fosse destruida pelos barbaros do norte, ou pelos romanos.[1]

—

Confina este concelho — pelo S. com o do Pombal — pelo S.O., com o extincto do Louriçal, hoje tambem do Pombal — pelo O., com o extincto de Verride, hoje concelho de Monte-Mór-Velho — pelo N.E., com o de Monte-Mór-Velho — pelo N., com o extincto de Santo Varão, hoje Monte Mór-Velho — e pelo E., com o de Condeixa Nova.

—

O supprimido concelho de Villa Nova de Anços, está hoje unido a este de Soure.

—

A industria agricola d'este concelho (e não tem outra) consiste principalmente na cul-

[1] Diz-se tambem que Saurium era uma povoação importante, no tempo dos romanos, que a cercaram de muralhas e lhe construiram uma soberba torre. Outros dizem que a torre foi obra dos celtiberos. Dos muros não ha vestigios, e da torre apenas restam os alicerces. Os mouros não deixaram pedra sobre pedra, de modo que D. Affonso Henriques, teve de fundar uma nova povoação, no sitio da antiga, reconstruindo-lhe as fortificações, das quaes apenas existem tenues vestigios.

tura de trigo, milho, vinho e azeite; derivando a sua principal fertilidade, dos campos banhados pelo rio Soure, e cahem perpendicularmente sobre os de Coimbra, e o rio desagúa no Mondego.

O rio Soure, é formado pelos ribeiros, de Anços (ou Arunce) que nasce junto á povoação do seu nome e proximo á villa, se junta ao de Carbuncas, que nasce perto da villa do Pombal, e traz já comsigo, a ribeira de Alitem (ou Litem) e a do Orão, que nasce na quinta d'este nome, atravessa parte da villa de Soure, e se junta aos outros, perto da ponte romana da mesma villa. É navegavel até perto de Soure, abastecendo-a de peixe, e facilitando-lhe o commercio com Monte-Mór-Velho e mais povoações da margem do Mondego, com a Figueira da Foz e o mar.

Se houvesse mais attenção com as cousas verdadeiramente importantes d'esta terra, a navegação do rio Soure podia, sem grandes difficuldades, subir ainda alem da villa, pelo Anços, até Palião, e pelo Carbuncas, até á villa do Pombal.

Condes de Soure

Esta casa tem por tronco D. João da Costa, 3.º filho de D. Gil Eannes da Costa, que teve varios filhos, entre outros — D. Alvaro da Costa, que continuou a baronia e casa de seu pae — D. Antonio da Costa, cuja herdeira, D. Marianna de Castro da Costa, casou com D. João Mascarenhas, senhor do morgado da Palma. — O 3.º foi D. João da Costa, fidalgo da corte de D. João III, e companheiro de seu neto, o rei D. Sebastião, e que ficou captivo, na batalha d'Alcacer-Kibir.

O primogenito, D. Alváro da Costa, foi armeiro-mór e camareiro-mór do rei D. Manoel, embaixador em Castella, e valido d'este monarcha.

Continuaram successivamente, de pae a filho, D. Gil Eannes da Costa, D. João da Costa, outro D. Gil Eannes da Costa, que foi pae de D. João da Costa, primeiro conde de Soure.

Antes da separação d'estes trez ramos, havia já tomado D. Alvaro da Costa, primeiro filho de Martim Rodrigues de Lemos, o appellido de *Costa*, por parte de sua mãe; de sorte que a baronia d'esta casa, é a mesma dos Lemos, senhores da Trófa, esta hoje representada pelo sr. Ruy Lopes de Souza Alvim e Lemos de Carvalho e Vasconcellos, (Vide *Santos*) e Gaspar Maria de Castro e Lemos Magalhães e Menezes, da casa do Côvo, junto a Oliveira d'Azemeis. Esta casa, ainda hoje possue a da Trófa e Eiról, que herdou de seus maiores.

Tratemos agora do primeiro conde de Soure.

D. João IV, fez conde de Soure, em 15 de outubro de 1652, a D. João da Costa, que, como fica dito, era filho de D. Gil Eannes da Costa.

D. João da Costa, primeiro conde de Soure, foi um dos 40 fidalgos que acclamaram D. João IV, no 1.º de dezembro de 1640. Foi conselheiro de guerra d'este monarcha, general de artilheria, mestre de campo-general, da provincia do Alemtejo e governador das armas da mesma provincia; embaixador de D. Affonso VI, á côrte de França, em 1659, presidente do conselho ultramarino, e gentil-homem da camara do infante D. Pedro, depois rei, segundo de nome. Foi tambem commendador de Soure e Castro-Marim.

Foi filho do 1.º conde de Soure, D. Gil Eannes da Costa, 2.º conde do mesmo titulo, commendador de Beselga, Soure e Castro-Marim, e vereador do senado de Lisboa, no tempo em que este cargo andava em pessoas de primeira nobreza.

Seguiu-se seu filho, D. João José da Costa e Sousa, 3.º conde de Soure, general de batalha, na guerra que terminou com a paz de Utrecht, celebrada em 1713. Falleceu em Denia (Valencia — Hespanha) em 1706, antes do fim da guera.

Este 3.º conde de Soure, estava de posse da casa de Henrique de Carvalho, e do mór-

gado de Patalim, e outras rendas. Era provedor das obras do paço, por sua mulher D. Luiza Francisca de Távora, filha e herdeira do dito Henrique de Carvalho.

D'este matrimonio, nasceu D. Henrique José Francisco Joaquim Lamberto da Costa Souza Carvalho Patalim, capitão de cavallos, na provincia do Alemtejo, e 4.º conde de Soure. Casou duas vezes, a primeira, com D. Thereza Ignacia de Moscoso, filha de Vasco Fernandes Cesar, depois, conde de Subugosa, da qual não teve filhos — a segunda, com D. Antonia de Rohan, filha do 2.º conde da Ribeira, dos quaes nasceu D. João da Costa, 4.º conde de Soure.

—

Quando o 1.º conde de Soure, esteve por nosso embaixador em França, conseguiu trazer para o nosso exercito muitos officiaes e soldados francezes, e o famoso general, conde Frederico de Schomberg, que tantos e tão relevantes serviços prestou a Portugal, nos ultimos nove annos da guerra da acclamação.

Teve o 1.º conde de Soure, por seu secretario de embaixada, o sabio Duarte Ribeiro de Macedo, que muito o auxiliou nos seus trabalhos, em França.

Regressando D. João da Costa a Lisboa, soffreu bastante com as discordias entre D. Affonso VI e seu irmão, o infante D. Pedro, depois 2.º do nome. O conde de Castello-Melhor, valido do rei, o desterrou para a villa de Loulé, no Algarve, sendo-lhe levantado o desterro, em 1664; mas, chegando a Lisboa, falleceu logo a 23 de janeiro d'esse mesmo anno, com 57 annos de edade, pois havia nascido em 1607.

Foi D. João de Souza um dos fidalgos mais importantes e benemeritos do seu tempo. Comprou, á custa do seu proprio sangue, a liberdade da patria, na famosa batalha e victoria do Montijo (26 de maio de 1644) pois foi um dos maiores heroes portuguezes d'esse dia glorioso.

D. João IV fiava tanto do valor, prudencia e fidelidade do 1.º conde de Soure, que nas ultimas horas da sua vida, lhe encommendou a defeza do reino.

Alem do seu provado valor e reconhecida habilidade em todos os negocios de que o incumbiram, era um fidalgo modesto, lhano, liberal, generoso e compassivo, pelo que foi estimado e respeitado de quantos o conheciam.

—

Foi 5.º conde de Soure, D. João da Costa, que morreu sem filhos.

—

Foi 6.º conde de Soure, D. José Antonio Francisco Balthazar Domingos da Costa, védor da casa real, provedor das obras do paço, grão-cruz da ordem de S. Bento d'Aviz, tenente-general governador das armas do Alemtejo, e que succedeu a seu irmão, D. João, a 27 de abril de 1796. Tinha nascido em 23 de maio de 1726, e falleceu a 24 de janeiro de 1806. Foi casado com D. Marianna Delfina José de Mello, 5.ª filha dos primeiros marquezes de Sabugosa, nascida a 26 de novembro de 1777 e fallecida a 19 de setembro de 1833.

—

Foi 7.º conde de Soure, D. Henrique José da Costa Carvalho Palatim Souza e Lafetá, par do reino em 1826, vedor da casa real, commendador da ordem de Christo, tenente-coronel de cavallaria, nascido a 6 de dezembro de 1798.

Foram suas irmans, D. Maria Luiza, condessa do Redondo, e D. Maria José (filha natural legitimada) que casou com D. Alexandre Macdonald de Lockgary, tenente-general, e commendador da ordem de S. Thiago.

Este 7.º (e até agora ultimo conde de Soure) foi companheiro fiel e ajudante de campo do sr. D. Miguel I, e convencionado em Evora-Monte, fallecendo pouco depois.

O padre Martinho Arias, prior de Soure

Foi educado no convento de Santa Cruz, de Coimbra, e feito presbytero, foi nomeado prior de Soure, e aqui se dedicou a reedificar a egreja matriz, que os mouros haviam destruido.

Em 1144, ficando captivo dos mouros, como vimos no principio d'este artigo, foi

por elles levado a Santarem, depois a Evora, d'ahi a Sevilha e finalmente a Córdova. Em todas estas terras animava os seus companheiros captivos, e n'este emprego falleceu com opinião de santo, no dia 31 de janeiro de 1150.

O bispo de Coimbra, D. Gonçalo, é que tinha escolhido o presbytero Martinho Arias, e seu irmão, Mendo Arias, conegos da sua Sé, para a reconstrucção da egreja de Sourre, á qual deram por padroeira Santa Maria do Castello; mas depois, quando tornou a ser resgatada pelos christãos, teve por orago, o apostolo S. Thiago, que ainda é o actual.[1]

Os templarios quando tomaram posse d'esta villa, em 1128, deram logo principio á fundação do seu mosteiro, dentro do castello, que reedificaram e augmentaram. O santo padre Martinho foi o confessor dos cavalleiros do Templo, que muito o respeitavam e lhe obedeciam. Martinho os acompanhava nas entradas que faziam em terras de mouros, e tendo estes cercado a povoação, lhe sahiram os cavalleiros a dar batalha e foi então captivo o santo padre Martinho, muitos templarios e povo da villa.

Sobre a porta principal da egreja matriz, em uma lápide muito antiga, estão gravados uns versos latinos, hoje ilegiveis, que em vulgar dizem:

Esta casa do Senhor, foi reconstruida pelos reverendos, Martinho e seu irmão dilecto, o padre Mendo, a qual (egreja) *foi destruida pelos ismaelitas, na era de 1176* (1138 de J. C.) *no decimo anno do reinado de D. Affonso, filho do conde D. Henrique.*

Vê-se que ha aqui um anachronismo de seis annos — pois que os mouros destruiram a egreja em 1144, e não em 1138. Talvez isto proceda de êrro de cópia, por estarem as letras, já no principio do seculo XVIII, em parte apagadas.

Ha ainda, junto da antecedente, outra lápide, com uma inscripção latina, cuja traducção é:

«Aqui descança o corpo de Mendo Arias, presbytero da egreja, que, depois de seu irmão, o padre Martinho, de bôa memoria, bem administrou por seis annos esta egreja. Sua alma descance em paz. Amen. Morreu a 7 dos idos de novembro da era de 1188.»

(Vem a ser, no dia 28 de outubro de 1150.)

Os que desejarem ler as inscripções de que aqui trato, vejam o 4.° volume do *Sanctuário Marianno*, a pag. 439.

—

É em Soure a 24.ª estação do caminho de ferro do Norte.

Na noite de 25 para 26 de novembro de 1876, descarregou sobre a quinta de S. Thomé, do sr. Fortunato da Costa Cabral Vasconcellos Coutinho (feito visconde de S. Thomé — d'esta quinta — em 13 de março de 1878) e cuja propriedade é perto de Soure, uma enorme tromba d'agua. A chuva causou prejuizos consideraveis, derrubando muros, e na torrente arrastando para as terras enormes massas de areia e pedras.

Junto da quinta e abaixo da passagem do nivel do caminho de ferro, a cheia destruiu a linha, arrancando o balastro, e deixando os carris no ar. Pelas 10 horas da noite approximou-se o comboyo do Norte, e, embora ao pé do sitio arruinado, haja uma casa de guarda, não se fez signal nenhum para o comboyo parar, nem appareceu rondista nenhum. O comboyo desprevenido arrojou-se ao sitio em que a linha estava destruida e coberta pela cheia.

A machina ficou enterrada, as carruagens na maxima parte feitas pedaços, e os passageiros mais ou menos maltratados, cheios de susto e abandonados. Houve ferimentos de mais ou menos gravidade. O deputado Luiz de Lencastre e a sua familia recolheram-se na casa da quinta de S. Thomé, e alli pediram guia para a estação de Soure. Os feridos foram mais tarde removidos para o hospital de Coimbra.

Os prejuizos para a empreza, foram superiores a 30 contos de réis.

A companhia tem grande culpa do desastre, tanto pelo mau estado da linha como pelo fraco pessoal de guardas e rondistas. Se ella tivesse o pessoal preciso para vigiar

[1] Tambem se dava á padroeira, o titulo de Santa Maria de Finis Terrae.

a linha, não aconteceria este descarrilamento, porque se houvesse guarda na casa proxima ou pelo menos ronda nos sitios perigosos, teria sido facil avisar o comboyo.

O doutor Adolpho Manoel Victorio da Costa

Nasceu este illustre portuguez, na villa de Soure, em 1808, e falleceu na cidade do Rio de Janeiro, a 17 de maio de 1878, com uma apoplexia fulminante, quando pela manhan fazia a chamada aos seus discipulos. Morreu no seu posto d'honra!

Formou-se em direito, na universidade de Coimbra, em 1833. Logo depois, foi para o Rio de Janeiro, em 1839, onde no anno seguinte fundou o *collegio Victorio*, que ainda existe, e é um dos mais acreditados da côrte brasileira.

No decurso de 38 annos de existencia, este collegio foi frequentado por *mais de treze mil alumnos*, entrando n'este numero cêrca de 1:500 a quem o digno e generoso director forneceu com o pão do espirito, alimentos e vestuario.

O conselheiro Victorio era um homem verdadeiramente notavel.

Deixa a memoria d'uma existencia, digna, votada ao trabalho e ao cumprimento de todos os deveres sociaes.

Probo, recto, generoso, dedicado, cheio de abnegação e de patriotismo — foi um util instructor da mocidade, um bom chefe de familia e um cidadão que soube merecer o respeito e a sympathia de quantos o conheceram.

Prestou notaveis serviços ás associações portuguezas fundadas n'esta côrte.

Foi presidente do Gabinete Portuguez de Leitura, presidente honorario da Caixa de Soccorros D. Pedro V, socio benemerito da Sociedade de Beneficencia, e de muitas outras associações litterarias e beneficentes.

O seu funeral, deu a medida das sympathias que soube atrahir, no Brasil.

Muito povo da côrte tomou parte no sahimento, com o fundo respeito que costuma tributar aos cidadãos uteis á humanidade.

O seu cadaver foi conduzido á mão, entre álas de povo, descoberto, até ao largo de S. Francisco de Paula, seguindo d'alli em côche, acompanhado de 200 carros.

Todas as classes da sociedade se achavam representadas n'este acto, não faltando o seu antigo discipulo, o conselheiro Silveira Martins, então ministro da fazenda do imperio.

—

Proximo da villa, tem apparecido grande numero de dendrites, algumas de grande belleza.

—

Vide *Paceiro-mór*, e *Soieira*.

—

O sr. I. de Vilhena Barbosa, não traz o brazão d'armas de Soure; mas é certo que a villa o tem, e muito antigo. Em um livro que possuo, com as armas de todas as cidades e villas de Portugal e seus dominios, se veem as armas d'esta villa assim construidas — Em campo branco, aguia da sua côr, com corôa de rei, tendo no peito as armas de Portugal — á direita, uma esphera armilar, d'ouro (emblema do rei D. Manoel) com uma estrella de prata, de cinco pontas, no cimo — á esquerda, uma cruz de Christo, com um crescente, de prata, por cima, tendo as pontas para baixo. Em volta tem a legenda — AQUILLA REGALIS SIGILUM SAURI.

Suppõe-se, com bons fundamentos, que o rei D. Manoel lhe deu — ou, pelo menos, reformou estas armas, pois que o seu emblema (a esphera) n'ellas figura — A cruz de Christo, é prova de que esta villa foi dos templarios, dos quaes foram herdeiros os cavalleiros de Christo — o crescente, indica ter sido povoação mourisca, como a aguia significa ter sido romana.

SOURO-PIRES ou **SORO PIRES** — freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho e 6 kilometros ao SO. de Pinhel (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Trancoso) 65 kilometros ao SE. de Viseu, 360 ao E. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1768, tinha 110.

Orago, S. Lourenço.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 250$000 réis de rendimento annual.

Já se vê que é povoação antiga, mas ignora-se a data da sua fundação e o nome do seu fundador.

Quasi ao fundo da povoação, e em frente da egreja matriz (que é antiga) existe um edificio que denota grande antiguidade, todo de excellente cantaria, tendo nos dous angulos da frente, duas altas torres, com grandes janellas quadradas, uma em cada um dos seus dous andares. Estas janellas estão cercadas de florões e ornatos, tendo no centro da janella, e para sustentar a verga, uma delgada columna de marmore branco, com bazes e capiteis de marmore preto. No corpo do centro, ha outra janella, em tudo egual. Contigua ao edificio, está a pequena capella da casa.

Pertence isto, ao sr. Mendonça Falcão, residente em Freches, concelho de Trancoso, descendente da nobilissima familia dos Tavoras.

Segundo a tradição, o fundador d'esta casa, foi Soeiro Pires de Távora (do qual a freguezia tomou o nome) que veio do castello dos Cabris, antigo solar dos Tavoras.

Dizem outros, que foi senhor d'esta freguezia e lhe impoz o seu nome, *D. Soeiro Pires Escacha da Silva,* casado com D. Froila Viegas. (Vide 8.º volume, pag. 145, col. 1.ª)

Pelo correr dos annos, veio esta casa a pertencer a Pedro Lourenço de Tavóra, senhor do Minhocal e Mogadouro, ascendente dos marquezes de Távora, que a deu em dote a sua filha, D. Izabel de Távora, para casar com Domingos Annes do Campo, fidalgo hespanhol, senhor de Tañame, dos quaes procede o actual senhor d'esta casa.

Pertence tambem a esta familia, o antigo couto do Ervilhão, 2 kilometros ao S. de Souro-Pires, e que fôra do infante D. Fernando (filho de D. Manoel I) que o herdára de sua mulher, a condessa de Marialva e Loulé, e comprado, no meiado do seculo XVI, por um ascendente do actual possuidor, que o encorporou no vinculo. Este couto, como todos os que ainda restavam, foi extincto em 1820.

É ramo d'esta familia, a dos Mendonças Falcões, de Girabôlhos, no concelho de Cea, e da qual fiz menção no artigo Pinhanços. (Vide *Vella)*

—

Esta freguezia está situada em uma planicie bastante aprazivel, e com bonitas vistas, sendo atravessada pela estrada de Pinhel a Celorico da Beira. O seu territorio, porém, é pouco fertil, produzindo cereaes, muitos prados (lameiros ou ferragiaes) e bastante vinho, mas ordinario.

Ha aqui vastas pedreiras de granito, de bôa qualidade.

Ha tambem n'esta freguezia, a optima casa que foi de José Francisco Manoel da Fonseca, tenente coronel de infanteria, pae do doutor José da Fonseca Abreu Castello-Branco, conego da Sé d'Angra, cavalheiro de vastos talentos, e que tem sido algumas vezes deputado ás côrtes.

SOUSA — rio, Douro. Nasce na Bairrada, passa pela villa de Sóza, e desagua no rio d'Aveiro, junto á Gafanha.

SOUSA — Vide **SOZA**.

SOUSA — rio, Douro. Nasce junto á egreja de Moure, na raiz do monte de Santa Quiteria, entre Pombeiro (de Felgueiras) e Caramôz, e passando por varias terras a que dá o sobrenome, sendo uma d'ellas a cidade de Penafiel (Arrifana do Souza) morre na Foz do Souza, na margem direita do Douro, a 12 kilometros ao E. do Porto, depois de um curso de 50 kilometros.

Vide *Aguiar de Sousa, Arrifana do Sousa,* e principalmente *Foz de Sousa,* e tambem *Paço de Sousa.*

No monte de S. Roque, passando a ponte que está sobre este rio, e junto á planicie da Avellêda (onde o sr. Manoel Pedro Guedes, filho da sr.ª condessa de Pangim, tem uma grande e formosa quinta) está o tumulo de um frade que morreu de peste, no dia 15 de fevereiro de 1579, quando andava accudindo aos empestados. Os povos d'este sitios lhe levantaram um singello monumento, em testemunho de gratidão. A inscripção — hoje ilegivel — gravada sobre a campa, dizia;

COBRE ESTA PEDRA OS OSSOS
DO VENERAVEL PADRE, FREI
MANUEL DA RESSURREIÇÃO,
FRADE DE SÃO FRANCISCO,
QUE MORREU COM RE-
PUTAÇÃO DE SANTO, NO
ANNO DE 1579.

O Sousa passa á ponte de pedra de Cepêda, entre Penafiel e Paredes, e ha aqui uma catarata, e no poço onde cáe a agua, se pescam grandes peixes, de differentes qualidades. Esta ponte fica um kilometro abaixo de Penafiel.

Ha nas margens d'este pequeno rio, e suas immediações, varios *monumentos cyclopicos*.

O *monte do Castello*, é digno de toda a attenção do investigador curioso. Conhece-se evidentemente, que não é natural a penha assim chamada (monte do Castello) mas formada pelo trabalho dos homens. Em seguida, para o lado do norte, estão os montes de Perafita (*Petra fixa*, dos romanos) como contraforte da elevada serra da Lagôa, que parece ser um vulcão extincto. As vertentes d'estes montes, descem até aos rios Tâmega e Sousa, e por alli passa a estrada de Guimarães a Entre-os-Rios, ainda em construcção.

Conhece-se que este contraforte, foi separado da serra, pelos lados do norte e do sul, para assim formarem a *penha cyclope*, quebrando grandes penedos, para lhe darem a fórma conica que tem. Terá esta penha, cincoenta e tantos metros de circumferencia e 30 a 40 de alto. Do lado da nascente, ha um despenhadeiro abrupto, de alguns 200 metros, e para o qual rolou certamente a grande quantidade de pedra que cortaram no cimo. Pela parte de baixo, existem tombadas, algumas pedras compridas e toscas, (hoje poucas, porque a maior parte d'ellas foram empregadas em o nobre edificio que se construiu no Reguengo.)

É provavel que estas pedras fossem aqui collocadas ao alto, como as de algumas cidades cyclopes, da Italia.

A penha tem em redondo um circulo irregular, por onde poderá andar um homem, em roda, observando para todos os lados.

Proximo a esta penha, ha um grande penedo, quasi oblongo, equilibrado sobre outro penedo. Uma alavanca, apoiada n'uma pedra que está ao pé, faz mover o penedo superior, não obstante o seu enorme pezo. É um verdadeiro *penedo oscillante*, como ha mais alguns (poucos) ainda hoje em Portugal.

Perto d'ali estão umas pias fundas, cavadas em penedos. São as a que os nossos archeologos chamam *pedras gamellas*.

Estes objectos, devem excitar em alto grau o interesse dos archeologos, em assumpto tão novo no nosso paiz, e importantissimo para os estudos prehistoricos.

A existencia dos pelasgos, aos quaes vulgarmente são attribuidas as construcções cyclopeenses, pelas ilhas e margens do Mediterraneo e pela Italia, é cousa hoje geralmente acreditada; e como os pelasgos eram dados a navegações, não é difficil acreditar que elles invadissem a antiga Lusitania.

Alguns archeologos, chegam mesmo a sustentar que effectivamente a Lusitania foi, em épocas remotissimas, invadida por *um povo de gigantes* (os pelasgos) quando já cá existiam os iberos, os ligures e outros. Aquelles combateram os aborigenes e os venceram.

Outros creem que muito antes dos iberos e dos pelasgos, tinham existido os *cyclopes*, ou *homens das cavernas*, que se suppõe serem os *kuclopes*, de Homero, ou os *troglodytas*, dos archeologos. [1]

—

Os iberos, procedentes da Atlantide, ou da America — ou, com mais probabilidade, da região africana do Atlas (vide 6.º vol., pag. 111) *talvez* estivessem estabelecidos

[1] Nem sempre a mythologia consta de coussas e pessoas que nunca existiram, como geralmente se acredita. Muitas vezes — ou quasi sempre — nos relata factos verdadeiros, no estylo figurado; ou hyeroglifico dos orientaes.

Segundo a fábula, pois—os cyclopes eram filhos de Neptuno e de Amphitrite, isto é— eximios navegadores. Vulcano se servia d'elles para forjar os raios de Jupiter, no monte Etna. Isto quer dizer que os cyclopes eram dados á metalurgia. (Todos sabem que o monte Etna, é o actual Mongibello, ou

pelo O. e S da Europa, alguns seculos antes dos pelasgos.

Sendo assim, estes homens nada teem de commum, com as emigrações orientaes, nem com as invasões indo-europeas, que tiveram logar uns 2:000 annos antes de Jesus Christo —isto é—na *edade da pedra.*

É certo, que por muitas ilhas, e por algumas margens do Mediterraneo, e pela parte mais occidental da Europa, apparecem construcções prehistoricas, a que se dá a denominação de *preceltas*, e que talvez não sejam mais do que monumentos cyclopicos, distinctos das construcções pelasgianas, e estranhas ás raças indo-européas.

—

Custa-me bastante a acreditar na existencia de cyclopes, ou *homens gigantes*, que ninguem sabe que caminho levaram. Apparecem com frequencia, e em differentes latitudes, fosseis de masthodontes, mamouthes, ictiosauros, megaterios, etc., etc., e ainda não appareceu, até hoje, nenhum cyclope fossil!

Mas, a não podermos acreditar na existencia d'estes homens, como explicaremos a existencia d'essas moles gigantescas, do peso de muitos centenares de toneladas, a que demos o nome de *antas*, e que são vulgarissimos em varios sitios de Portugal, e com uma pasmosa abundancia nos concelhos de Arouca e Paiva? [1] Como foi que essas monstruosidades se elevaram do sólo, na edade de pedra, por uma geração cujo nome (e procedencia hoje ignoramos, e que sem os mais leves conhecimentos em dynamica, e—provavelmente—só á força de braços, poderam dar a esses monstruosos penedos a posição perpendicular ou horisontal que os seus constructores julgaram convenientes?

N'estes ultimos tempos, tem-se investigado muito e muito estudado com respeito a estes monumentos megalithicos, mas ainda estamos muito longe de obter sobre o assumpto, um resultado satisfatorio. Tudo são hypotheses mais ou menos plausiveis, e talvez nunca passemos d'isto!

—

Supponho que *Sousa* significa *successão*, porque (segundo Viterbo) *sousador*, significa *successor;* segundo um documento de 1305.

Monte Gibel, célebre vulcão da Sicilia, na Italia.)

O que é verdade, é, serem os cyclopes, uma raça de homens de estatura agigantada, que habitavam ao O da Sicilia. Alguns d'elles, sob o nome de *lestrygões*, foram estabelecer-se na Campania, hoje *Terra de Labor*, na Italia.

Habitando elles em uma ilha, e no litoral da peninsula italiana, não custa a acreditar que atravessando o Mediterraneo, e passando áquem do Estreito de Gibraltar, aportassem ás costas da Lusitania.

[1] N'estes dous concelhos, não ha *fragas* nem *pedreiras* propriamente ditas; mas a espantosa profuzão de *penedos errantes*, affectando uma fórma mais ou menos espherica, que se encontram por toda a parte, e teem dado—e darão ainda por muitos seculos—abundancia de pedra para toda a qualidade de edificios. As *Pedras da Rua*, a uns 4 ou 5 kilometros mais abaixo, as tristemente célebres *Pedras de Linhares* (vide *Pontos no Douro)* são todos *penedos errantes*. Á mesma especie pertence uma agglomeração de penedos que se veem no mesmo rio Douro, logo abaixo da povoação da Aforada, na margem esquerda, e a muito pouca distancia da foz. Parece que estes não soffreram por tantos seculos os attritos de outros penedos arrastados pelas ondas, porque, posto tenham todas as suas arestas arredondadas, não chegaram, pela maior parte, a adquirir uma fórma espheroidal tão pronunciada como as da *Rua* e *Linhares*, e os mais de Arouca e Paiva

Cumpre notar, que as Pedras da Rua e as de Linhares, são no districto do concelho de Paiva: as primeiras, em frente da freguezia de Fórnos; e as segundas, em frente da de Sardoura

Todas as *antas* são penedos errantes, mas nem todos os penedos errantes são antas. Na sua maior parte, jazem nos logares onde as aguas os deixaram. As antas conhecem-se por estarem todas sobre 3, 4 ou mais penedos menores, que lhes servem de base; porém muitas d'ellas, foram juntando em redor, terra e vegetação, de modo que hoje, só por meio de escavações se póde conhecer se são os monumentos a que os archeologos dão o nome de preceltas, á falta de conhecimentos sobre as suas edades.

O almocabar existente na freguezia de Sobrado de Paiva, é exclusivamente cavado em penedos errantes. Vide *Corv.te.*

SOUSA—freguezia, Douro, na comarca e concelho de Felgueiras, 32 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1768, tinha 85.

Orago, S. Vicente, martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Os condes de Villa Nova de Portimão, apresentavam o abbade, que tinha 660$000 réis de rendimento annual.

É terra fertil; gado e caça.

Nasceu n'esta freguezia *D. Pedro Arteiro*, o qual pela victoria que alcançou contra um cavalleiro d'Orense, em um desafio, teve o cognome de *Torrichão*, e ração perpetua, como os conegos d'Orense. (Faria, *Europa Portugueza*, parte 3.ª, pag. 4.)

Arteiro significa homem destro, sagaz, manhoso, etc.

Foi esta freguezia que deu o nome ao rio Sousa, que passa junto a ella.

SOUTELLINHO DA RAIA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho d'Ervedêdo) 70 kilometros a NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 125 fogos.

Em 1768, tinha 62.

Orago, Santo Antonio de Lisboa.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O reitor de S. Miguel de Villar de Perdizes, apresentava o vigario, collado, que tinha 60$000 réis de congrua e o pé d'altar

Como indica o seu nome, é na raia da Galliza.

Fertil, gado e caça, grossa e miuda.

SOUTELLO—villa, Beira Alta, comarca, concelho, e 6 kilometros de S. João da Pesqueira, 43 kilometros ao N. de Lamego, 6 d'Ervedosa, 2 da margem esquerda do Douro, e 355 ao N. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1768, tinha 70. [1]

Orago, Nossa Senhora das Neves (o *Portugal Sacro e Profano*, diz que é Santa Maria Maior, e o mesmo diz a *Historia ecclesiastica da cidade e bispado de Lamego.*) Districto administrativo de Viseu, bispado de Lamego.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento annual.

Em 30 de março de 1525, o padre Francisco Marcos, vigario geral do bispo de Lamego, D. Fernando de Menezes, julgou ao cabido, o padroado d'esta egreja, contra os povos da freguezia, que pretendiam ter direito á apresentação do seu abbade.

Era da coroa, e quando concelho, estava sujeita ao juiz de fóra, da Pesqueira.

Esta villa, foi cabeça de um antigo concelho, com jurisdicção propria, casa da camara, cadeia, pelourinho, etc.

Está a freguezia situada em uma ladeira alta, cercada de vinhas, que produzem optimo vinho de embarque. É tambem abundante em castanhas, figos, e varias qualidades de excellente fructa, e bom azeite. Tudo isto a faz uma das mais ricas povoações das margens do Douro.

Por excepção, a agua d'esta freguezia é de optima qualidade (o que é raro por aquelles sitios). Nasce em uma serra que domina á povoação, e que está coberta de castanheiros e pinheiros, o que torna a terra saudavel, e fresca no verão.

A egreja matriz, é um bom templo, e esta abbadia, foi uma das mais rendosas do bispado, até 1834, por que recebia os dizimos.

É povoação muito antiga, mas o documento mais velho que encontro, é uma sentença do anno de 1295, pela qual os moradores d'esta freguezia, foram condemnados a pagar a *jugada*, ao mosteiro de Salzêdas, pela *teiga direita*. Vide *Teiga*.

Era aqui o solar dos viscondes da Bahia, porém, tudo o que d'elles restava foi comprado pela sr.ª D. Antonia Adelaide Ferreira, da Régua, viuva do rico proprietario Antonio Bernardo Ferreira, e hoje viuva de seu 2.º marido, o conselheiro Torres.

[1] Julgo ser engano do *Portugal Sacro e Profano*. A população d'esta freguezia não é provavel que augmentasse tanto em 113 annos. Decerto tinha então mais fogos. Na *Historia ecclesiastica da cidade e bispado de Lamego*, escripta pelos annos de 1724, lhe dá 217 fogos, o que é mais verosimil. N'este mesmo livro, se diz que o abbade tinha então de rendimento 800$000 réis, o que é mais exacto.

É n'esta freguezia, a casa vinculada, dos viscondes de S. João da Pesqueira.

—

Viscondes de S. João da Pesqueira

Luiz Maria de Souza Vahia Rebello, foi feito 1.º (e unico) visconde de S. João da Pesqueira, em 3 de julho de 1823.

Depois de fazer relevantes serviços ao partido legitimista desde 1828, deshonrou-se no fim da sua carreira militar, atraiçoando o seu rei, pois, sendo general do exercito realista, e governador da praça de Abrantes, a entregou aos liberaes.

No 2.º officio que dirigiu ao ministro da guerra do sr. Dom Pedro, depois de chamar *usurpador* ao sr. D. Miguel, terminava dizendo: — «Não se torna precizo que outros corpos venham occupar Abrantes, e se distraiam do principal fim, A PERSEGUIÇÃO DOS INIMIGOS, E O SEU TOTAL EXTERMINIO E DESTRUIÇÃO. (!!!)

Mas *acceita-se a traição e despreza-se o traidor*, pelo que o visconde de S. João da Pesqueira, ficou desde então com o credito perdido, tanto entre os realistas como entre os liberaes.

Morreu em 14 de outubro de 1841, e foi sepultado na capella de Santa Barbara, da sua quinta das Fontainhas, junto a Soutéllo. S. T. T. L.

Vide *S. João da Pesqueira*.

Seu filho e herdeiro, Luiz de Souza Rebello Vahia de Moraes, casou com uma filha do fallecido negociante de vinhos, do Porto, Gaspar José Borges de Castro, neta do 1.º visconde d'Alpendurada.

O filho do visconde, morreu em 1880, sem deixar descendencia.

—

Ha n'esta freguezia bastantes proprietarios ricos, que *vivem á lei da nobreza*, habitando bons edificios, entre elles, os srs. Seixas, Leaes, Maximos, Sobraes, etc.

—

Ha um antigo rifão, que diz — *No Douro, tudo é bom, menos o que falla*. Isto tem honrosas excepções, e uma d'ellas, é pelo que respeita a esta freguezia, cujos habitantes são, no geral, bons, trataveis e trabalhadores, vivendo em paz com os seus visinhos.

Soutéllo, significa — *pequeno souto*.

SOUTELLO — freguezia, Minho, concelho de Vieira, comarca da Póvoa de Lanhoso, 18 kilometros ao N.E. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1768, tinha 40.

Orago, Santo Adrião.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 170$000 réis de rendimento annual, além do pé d'altar.

É terra fertil. Gado e caça.

SOUTELLO — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde (foi do extincto concelho de Villa-Chan, e da supprimida comarca de Pico de Regalados) 10 kilometros ao N. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1768, tinha 140.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 600$000 réis de rendimento annual.

É uma freguezia rica e fertil.

Ha n'esta freguezia a antiga e nobre casa da *Torre de Soutêllo*, da qual é actual possuidor, o sr. João Feio de Magalhães Coutinho, fidalgo da casa real, coronel de caçadores, feito 1.º barão da Torre (d'esta) em 13 de agosto de 1847, e 1.º visconde do mesmo titulo, em 3 de agosto de 1870. É irmão do sr. Antonio Feio de Magalhães Coutinho, feito 1.º barão de Soutéllo, em 18 de janeiro de 1872.

—

Soutêllo, é tambem um appellido nobre em Portugal, procedente da Galliza. Não se sabe quem o trouxe a Portugal. Suas armas, são — em campo azul, cruz d'ouro, floreada e vazia do campo, entre quatro abrolhos de ouro. Orla do mesmo, carregada de oito escudinhos azues, cada um com sua banda de prata. Elmo de aço aberto, e por timbre, um dos abrolhos do escudo.

—

É natural d'esta freguezia, o sr. commendador Faria, que no Pará adquiriu uma fortuna, que se calcúla em mais de 1:200 contos de réis.

—

A egreja matriz, é uma das melhores da comarca. Tem sobre o muro do adro, varias figuras de pedra, de boa esculptura. Tem um grande cruzeiro, com as estatuas dos quatro evangelistas, feitas de optimo granito.

É n'esta freguezia, o sanctuario de Nossa Senhora do Alivio, á qual se fazem duas grandes romarias em cada anno.

—

Tenho quatro paginas, em quarto, de letra muito miuda, com apontamentos relativos a esta parochia, mas são uns *gatafunhos* dos quaes apenas se póde lêr... (adivinhar) uma palavra entre dez; porisso, de nada me serviram. Nem o nome do signatario me foi possivel entender!

Peço aos cavalheiros que me mandarem apontamentos para esta obra o façam, senão em boa calligraphia, pelo menos intelligivel, sobretudo nos nomes proprios, aliás, de nada me servem.

SOUTELLO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mogadouro, 175 kilometros ao N.E. de Braga, 415 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1768, tinha 44.

Orago, Santa Engracia.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O real padroado apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra pobre e pouco fertil, cria algum gado, e é abundante de caça.

SOUTELLO — freguezia, Minho, comarca e concelho de Vianna do Minho, 48 kilometros ao O. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 55 fogos.

Em 1768, tinha 25.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 70$000 réis e o pé d'altar, que era de pouca valia.

É terra pobre e pouco fertil.

SOUTELLO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves, 80 kilometros ao N.E. de Braga, 455 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1768, tinha 60.

Orago, Santa Maria.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

O reitor de S. Miguel de Bobadella, apresentava o vigario, collado, que tinha 14$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Dá-se a esta freguezia a denominação de *Soutêllo de Baixo*, para a distinguir da seguinte.

É terra fertil em cereaes; do mais pouco.

SOUTELLO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Pouca de Aguiar, 80 kilometros ao N.E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 350 fogos.

Em 1768, tinha 180.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra fertil.

Dá-se geralmente a esta freguezia a denominação de *Soutêllo d'Aguiar*.

SOUTELLO DA GAMOÊDA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 60 kilometros de Miranda do Douro, 480 ao N. de Lisboa.

Em 1768, tinha 50 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Carregosa, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé de altar.

Esta freguezia foi supprimida no fim do seculo passado.

SOUTELLO DE PENA MOURISCA — freguezia, Traz-os-Montes, no mesmo concelho, comarca, districto administrativo, bispado, e guardando as mesmas distancias.

Tinha por orago, S. Miguel, archanjo, e em 1768, tinha 36 fogos.

A mesa capitular da Sé de Braga, apresentava o cura, que tinha 12$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Tambem foi supprimida esta freguezia, quando o foi a antecedente, que é contigua.

SOUTO — freguezia, Douro, comarca e proximo da Feira, 25 kilometros ao S. do Porto, 280 ao N. de Lisboa, 450 fogos.

Em 1768, tinha 202.

Orago, o archanjo S. Miguel.

Bispado do Porto, districto administrativo d'Aveiro.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 170$000 réis de rendimento, além do pé de altar.

É terra fertil em todos os generos agricolas do paiz, e cria muito gado de toda a qualidade.

Ha n'esta freguezia, a ermida de Nossa Senhora da Guia, fundada em 1540, pelo padre Jorge Pires de Figueirôa, parocho da freguezia.

SOUTO — casa nobre do Minho, no concelho dos Arcos de Valle de Vez. Era seu proprietario, Antonio Pereira de Sá Sotto-Maior, feito visconde de Melhendos, em 26 de janeiro de 1871. Falleceu em setembro de 1877.

SOUTO — aldeia, Minho, na freguezia de Monsul, concelho da Póvoa de Lanhoso. Ha aqui a ermida de Santa Luzia, á qual se faz uma grande romaria, a 25 de julho de cada anno (dia de S. Thiago, apostolo) havendo no mesmo dia uma grande feira n'este logar, que é sempre concorridissima.

SOUTO — casa nobre e antiquissima, Minho, na freguezia de S. Clemente de Basto, comarca e concelho de Celorico de Basto.

É actual representante e possuidor d'esta casa, o sr. Justiniano d'Abreu Araujo Azevedo Bacellar, descendente, por varonia, dos Araujos da Galliza, e de Rodrigo Annes de Araujo, fundador do castello d'Araujo, n'aquella provincia.

Eis a genealogia d'esta familia:

Araujos, copiados d'umas certidões, e d'uma que passou o Cardeal de Alemcastro a Antonio de Araujo de Azevedo, da Barca, firmada com o seu nome e sello das suas armas.

1 Rodrigo Annes d'Araujo, 1.º do nome, fundou a fortaleza d'Araujo, no reino de Galliza, e n'elle casou com a filha da casa dos Vellozos, etc., segue-se

2 Froyllos d'Araujo, succedeu na mesma casa e senhorio e casou com a filha do conde Rodrigues Velloso, etc., segue-se

3 Tristam d'Araujo, succedeu na mesma casa, etc., segue-se

4 Rodrigo Annes d'Araujo, 2.º do nome, succedeu na mesma casa, etc., segue-se

5 Payo Rodrigues d'Araujo, 1.º do nome, viveu no tempo d'el-rei D. Diniz, e foi guarda da sua casa, casou com uma irman do mestre de S. Thiago de Castella, e foi tambem senhor da casa de Araujo, etc., segue-se.

6 Vasco Rodrigues d'Araujo, succedeu na mesma casa e foi commendador 13.º na ordem de S. Thiago da Castanheira, etc., segue-se

7 Pedro Annes d'Araujo, succedeu na mesma casa, e foi fronteiro em Galliza, no tempo d'el-rei D. Fernando, e casou com D. Rita Belleza, filha do senhor de Pedrozo, etc., segue-se

8 Gonçalo Rodrigues d'Araujo, succedeu na mesma casa, e casou com uma filha do senhor da Ribeira, em Galliza, etc., segue-se

9 Pedro Annes d'Araujo, 2.º do nome, succedeu n'esta casa, teve de sua mulher a

10 Payo Rodrigues d'Araujo, 2.º de nome, succedeu n'esta casa, e foi embaixador a Castella por el-rei D. João, o 1.º, de Portugal, e foi fidalgo da casa real; casou com D. Leonor Pereira de Barbudo, filha de Bernardino de Barbudo, etc. Vide *Barbudo*, segue-se

11 Fernão Velho d'Araujo, 2.º do nome, senhor d'esta casa, casou com D, Izabel

de Barros, filha de Jeronymo de Barros, etc., segue-se

12 Tristam d'Araujo, 2.º do nome, senhor d'esta casa, casou com D. Izabel Coelho, filha de Gonçalo Pinto Coelho, senhor de Felgueiras, capitão-general e alcaide-mór de Tanger, etc., segue-se

13 Fernão Velho d'Araujo, 2.º de nome, o qual perdeu a casa e senhorio d'Araujo, casou com D. Leonor d'Azevedo, filha de Diogo de Azevedo, senhor de S. João de Rey, etc., segue-se

14 Tristam d'Araujo Azevedo, casou com D. Anna de Sá, etc., segue-se

15 Gaspar d'Araujo Azevedo, fidalgo cavalleiro com 15 tostões de moradia, e um alqueire de cevada por dia. Casou com D. Constança Soares de Abreu, filha de João Rodrigues de Abreu, da casa do Sopegal, etc. segue-se

16 Tristam d'Araujo de Azevedo, 4.º de nome, casou com D. Izabel de Abreu Bacellar, filha de Domingos de Abreu Bacellar, senhor da Torre de Abreu, em Valença do Minho, e de D. Garcia de Brito, etc., segue-se

17 Gaspar d'Araujo d'Azevedo, casou com D. Maria de Abreu Bacellar, etc., segue-se

18 Domingos de Abreu Bacellar d'Araujo, casou com D. Fabiana Luiza de Sá Sotto-Mayor de Brito, filha de Bernardo de Sá Sotto-Mayor Amorim Calheiros e de sua mulher D. Barbora de Brito Brandão, etc., segue-se

19 Custodio de Araujo Azevedo Bacellar, casou com D. Quiteria Joaquina Cabral de Noronha e Menezes, filha de Thomé Luiz de Araujo Castello Branco, e de sua mulher D. Maria Joaquina Eufrazia de Noronha e Almeida, senhor da casa de Ceidoens, etc., segue-se

20 Antonio de Abreu Araujo Azevedo Bacellar, casou com D. Anna Emilia Teixeira da Motta, filha de Manoel Carlos Teixeira da Motta e Cunha, e de sua mulher D. Luiza Teixeira Alvares de Andrada, cavalleiro da ordem de Christo, capitão-mór que foi de Basto e senhor da casa das Cerdeirinhas, na freguezia de S. Thiago d'Ourilhe. Foi seu filho

21 Justiniano de Abreu Araujo Azevedo Bacellar, [1] actual representante da casa do Souto, na freguezia de S. Clemente de Basto, concelho de Celorico de Basto.

—

«Estes Araujos, trazem por armas — em campo de prata, uma banda azul, e em cima o sol, por baixo da lua, e trez estrellas no meio — e *no campo* da parte de cima, cinco aguias *a par* — e da parte de baixo, um castello com uma dama em cima, e as chaves na mão. Timbre, um meio mouro, vestido d'azul.» [2]

> «Veja-se a *Arvores de costados, das familias nobres dos reinos de Portugal*, por José Barbosa Cascaes de Figueiredo Castello-Branco, tomo 2.º, pag. 40.»

«São estas as armas que se veem na casa do Souto, unidas ás dos Azevedos, no mesmo escudo.»

«Este brazão, foi concedido a Belchior d'Abreu Bacellar, natural da villa de Caminha, com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descender da geração e linhagem dos Abreus e Bacellares. Dado em Lisboa, por Philippe II, a 14 de julho de 1586.»

SOUTO ou **ALDEIA DO SOUTO** — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Covilhan (foi do extincto concelho de Valhêlhas, comarca da Guarda) 24 kilometros da Guarda, 300 ao E. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757, tinha 52.

Orago, S. João Baptista.

[1] Casou com a sr.ª D. Rita Felizarda da Conceição Magalhães, filha do commerciante e capitalista Manoel José da Cruz Magalhães, da cidade do Porto, e tiveram d'este casamento Abilio e Alfredo, que ainda se conservam solteiros.

[2] Copiei fielmente a descripção d'estas armas, dos apontamentos que me foram dados, por pessoa competente; mas declaro que semelhante brazão não podia ser construido pelo rei d'armas d'esse tempo, visto estar, como vimos, fóra de todas as regras de armaria.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello-Branco.

O vigario de Santa Anna, da Aldeia do Matto, apresentava o cura, que tinha 18$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Ha n'esta freguezia, uma ermida dedicada a *Nossa Senhora do Carneiro*, (!) que fica mesmo junto á povoação.

Segundo a tradição, havia antigamente, distante d'esta aldeia, uma ermida, dedicada a Nossa Senhora, cuja invocação se ignora; e que estava em abandono. Junto a esta ermida havia (e ha) um ribeiro, no qual, em certa occasião, estava uma mulher lavando a sua roupa, e tinha ao pé d'ella um filho de tenra edade. Veio de improviso um lôbo (ou urso) que agarrou a creança. A mãe, aterrada, invoca o patrocinio da Senhora, e esta apparece logo, com um carneiro, que lança á féra, e esta, deixando o menino, se foi com o carneiro. A mulher veio contar este milagre ao povo, que logo tratou de reedificar a capella, mudando-a para junto da aldeia.

É a esta ermida que vae a Via Sacra da freguezia, e a sua padroeira é objecto de muita devoção, dos povos d'estes sitios.

Junto á ermida, ha uma fonte, da qual bebem os romeiros, na crença de que esta agua é remedio efficaz para a cura de varias doenças. Os remanescentes, correm para uma pequena horta pertencente ao eremitão da capella.

SOUTO — freguezia, Minho, na comarca e concelho de Guimarães, 12 kilometros ao NE. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 95 fogos.

Em 1768, tinha 80.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Expectação).

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 200$000 réis de rendimento annual.

Houve aqui um mosteiro de freiras, conegas regrantes de Santo Agostinho, fundado por D. Gomes de Maceira, em 1200. É por esta razão, que vulgarmente se dá a esta freguezia a denominação de *Souto do Mosteiro*.

Fertil, gado e caça.

A esta freguezia e á seguinte, dá-se vulgarmente a denominação de *Souto de Sobradêllo*.

SOUTO — freguezia, Minho, na mesma comarca, concelho, bispado, districto, e distancia, 145 fogos. (Não vem no *Portugal Sacro e Profano.)*

Orago, o Salvador.

Fertil, gado e caça.

—

Houve aqui um mosteiro de frades cruzios, fundado por D. Payo Guterres da Cunha, pelos annos do 1080. Em 1552, o arcebispo de Braga, D. Balthazar Limpo, o reduziu a abbadia secular, apresentando por prior, Martim Rebello de Macêdo, o qual obteve licença do papa Pio IV, para dar este mosteiro, em commenda, a seu sobrinho, Ruy Drago, que era cavalleiro da ordem de Christo.

Com isto, ficou o mosteiro mettido nas commendas d'esta ordem, e assim deixou de existir.

SOUTO — freguezia, Minho, concelho de Terras de Bouro, comarca de Villa-Verde (foi do mesmo concelho, mas da extincta comarca de Pico de Regalados) 18 kilometros ao N. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1768, tinha 118.

Orago, o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O abbade de S. Payo de Sequeiros, apresentava o vigario, que tinha 120$000 réis de rendimento annual.

Foi couto, de jurisdicção real, que D. Affonso III deu a João Soares Coelho, da casa de S. João de Rei, pelos annos de 1256.

Depois, um dos senhores d'esta casa insultou e espancou o juiz do couto, pelo que lhe foi tirado o senhorio, passando outra vez para a corôa.

O antigo nome d'esta freguezia era *Couto do Souto*, e assim a denomina o *Portugal Sacro e Profano*.

É terra fertil: muito gado e caça, grossa e miuda.

SOUTO — freguezia, Beira Baixa, conce-

lho d'Aguiar da Beira, comarca de Trancoso, 35 kilometros ao E. de Viseu, 315 ao N. de Lisboa, 145 fogos.

Em 1768, tinha 130.

Orago, S. Sebastião, martyr.

Bispado de Viseu, districto administrativo da Guarda.

O vigario de Coruche (da Beira Baixa) apresentava o cura, que tinha 20$000 réis de congrua, e o pé d'altar.

A 1:500 metros da aldeia do Santo, está a ermida de Nossa Senhora do Pranto (ou da Piedade, que é o mesmo) situada em um valle, no meio de uma fazenda denominada *quinta das Lezirias*. Este valle é cercado pela altissima serra d'Aguiar, e o rio Távora a cerca pelo outro lado.

Esta ermida foi fundada em 1597, por Francisco Sebastião, proprietario e morador da mesma quinta; para que elle, sua familia, e os moradores do Souto alli podessem ouvir missa, por lhes ficar a egreja matriz a 4 kilometros de distancia, pelo que, muitos ficavam sem missa, principalmente no inverno.

Para distinguir esta freguezia de outras de egual nome, se denomina *Souto d'Aguiar* ou do *Valle d'Aguiar*.

Fertil, gado e caça.

Houve aqui uma grande batalha, dada pelos christãos contra os mouros, commandados pelo truculento Almançor, kalifa de Cordova, e na qual os portuguezes foram derrotados. Foi isto em 981. Para evitarmos repetições, vide no 7.° vol., pag. 49, col. 2.ª, e a 1.ª da pagina seguinte.

SOUTO — aldeia, Beira Baixa, na freguezia de Fernão Joannes, concelho, comarca, districto administrativo e bispado da Guarda.

A 3 kilometros da aldeia do Souto, e no districto d'esta freguezia, está, em um frondoso souto, a ermida por isso denominada de *Nossa Senhora do Souto*, ou da *Annunciação.*

Segundo a lenda, a imagem da Senhora appareceu em uma fonte que está proxima á ermida, em anno que se ignora, mas, com certeza, antes do seculo XVI, porque, pelos annos de 1500, foi inquerido pelo visitador um velho da freguezia, chamado Manoel Antunes, o Velho, de 115 annos de edade, e disse que não havia memoria da data da fundação da ermida, e só ouvira dizer a pessoas muito mais velhas do que elle, que, emquanto duraram as obras, a fonte da Senhora deitou vinho em logar d'agua.

Antigamente vinham aqui muitas procissões e ladainhas, não só da freguezia, como das dos Trinta, dós Meios e outras, e até da cidade da Guarda, no dia da festa principal que é a 25 de março, dia da Annunciação da Senhora.

N'estas procissões hiam muitas danças e outras *invenções* do tempo. Levavam á padroeira muitas e valiosas offertas, cujo producto era empregado em reparos do templo e despezas do culto.

São padroeiros da ermida, os moradores do logar da Póvoa, que fica a distancia de um kilometro. Eram elles que apresentavam o capellão e o eremitão.

Antigamente tambem se fazia á Senhora, uma explendida e concorridissima festa, na 2.ª oitava da Paschoa.

SOUTO — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Sabugal, 120 kilometros de Lamego, 300 ao E. de Lisboa, 320 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Não acho esta freguezia no *Portugal Sacro*, nem d'ella me foi possivel obter outros esclarecimentos.

SOUTO — freguezia, Extremadura, comarca, concelho e 12 kilometros ao N. de Abrantes, 180 kilometros da Guarda, 165 ao E. de Lisboa, 560 fogos.

Em 1768, tinha 312.

Orago, S. Silvestre, papa.

Bispado de Castello-Branco, districto administrativo de Santarem.

O vigario de S. João, da villa de Abrantes, apresentava o cura, que tinha 12$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É uma das mais ricas e populosas freguezias da comarca.

Em um pinhal que fica proximo á aldeia do Souto, está a ermida de *Nossa Senhora do Tojo*, assim chamada, porque, segundo a

lenda, appareceu em um tojal. É antiquissima, e não se sabe quando ou por quem foi fundada.

É um templo pequeno, mas bonito, com alpendres aos lados, e casas para acolheita dos romeiros.

Teve capellão, pago pelos mórdomos da Senhora, para dizer missa em todos os domingos e dias santificados; e tambem tinha um eremitão, com residencia propria, junto á ermida.

A sua festa principal, é no 2.º domingo de outubro.

SOUTO — freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, 30 kilometros ao O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 155 fogos.

Em 1768, tinha 142.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna do Castello.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 350$000 réis de rendimento annual.

Tinha sido originariamente apresentada por varios individuos d'esta freguezia, o que era causa de constantes desintelligencias entre os padroeiros, pelo que os arcebispos a tomaram para si *in solidum*.

O abbade d'esta freguezia apresentava antigamente o cura de Tabaçô; mas o arcebispo de Braga, D. frei Bartholomeu dos Martyres, tirou este direito de apresentação, em 1581, revertendo para a mitra.

No logar dos Queimados, existem duas sepulturas, onde foram enterrados dous ladrões. Havia por estes sitios densas mattas que serviam de valhacouto aos salteadores. O povo, para lhes tirar este abrigo, deitou fogo ás mattas, e, depois de extincto, se acharam dous ladrões carbonisados, aos quaes aqui mesmo deram sepultura. Foi por isto que ao logar se ficou desde então chamando *os Queimados*.

No alto do monte de S. Sebastião, d'esta freguezia, ha restos de antigas fortificações, que ainda foram reedificadas pelo povo, em 1662, durante a guerra da acclamação.

É n'esta freguezia a torre de Fonte-Arcada, pertencente aos antigos senhores da Barca, que ainda aqui recebem alguns fóros.

N'esta freguezia, uma porca pariu um filho, metade porco, metade cão. Esta vae por conta de José Avelino d'Almeida, auctor de um Diccionario geographico.

É terra fertilissima em todos os generos agricolas do paiz, e cria grande quantidade de gado de differentes qualidades.

SOUTO — freguezia, Beira Alta, concelho de Oliveira de Frades, comarca de Vouzella, 24 kilometros ao N. de Viseu, 275 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1768, tinha 196.

Orago, S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento annual.

Foi villa, e eram seus donatarios, os Paes, da Pesqueira. É chefe actual d'esta familia, o sr. Manoel Paes de Sande e Castro, que em 1823, casou com sua prima, a sr.ª Dona Leonor Correia de Sá, irman do 6.º visconde da Asseca.

SOUTO — villa, Beira Alta, concelho de Penodôno, comarca de S. João da Pesqueira, 42 kilometros ao E. de Lamego, 340 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 145.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 300$000 rs. de rendimento annual [1].

É povoação mais antiga do que a monarchia portugueza, e foi concelho.

D. Affonso Henriques lhe deu foral, sem data, que seu filho, D. Sancho I, confirmou em 1196, mandando então povoar a villa. D. Affonso II confirmou estes foraes, em Santarem, a 3 de fevereiro de 1218. D. Affonso III, estando em Guimarães, lhe deu outro foral, em 27 de maio de 1258. Este mesmo soberano lhe deu ainda mais dois foraes — um em Leiria, a 8 de março de 1268, e outro em Lis-

[1] A *Historia ecclesiastica da cidade e bispado de Lamego*, diz que o rendimento do abbade, é de 400$000 réis — o que é mais provavel. Diz tambem que esta freguezia em 1724 tinha 220 fogos.

bôa, a 16 de setembro de 1270, (*Livro 1.º de Doações de D. Affonso III*, fl. 103, v. col 2.ª) Por falta de foraes é que esta villa se não perde!

Não teve foral novo.

É n'esta freguezia a ermida de *Nossa Senhora da Lapa*, a um kilometro da povoação. Consta que teve principio do modo seguinte:—

Uma bôa mulher da villa, chamada Maria Freire, fazia santos de barro. No sitio onde hoje está a ermida, havia outra desmantelada, dentro de uma lapa. A mulher fez uma imagem da Senhora, de barro cosido, e depois de a pintar, como poude, a foi pôr na tal lapa. O povo principiou logo a a ter grande devoção com a Senhora, e lhe construiu, mesmo dentro da gruta, uma capella, e depois fez casas para abrigo dos romeiros.

Muitos devotos se vinham aqui pesar a trigo ou a centeio, em cumprimento de votos que haviam feito á Senhora.

A abundancia de esmolas e offertas, deu causa a uma renhida demanda entre o parocho da freguezia e o capellão da ermida, porque ambos se queriam aproveitar *in solidum* de tudo quanto os devotos davam á Senhora: por fim, venceu o abbade; mas o povo, vendo o caminho que levavam os seus donativos, deixou de os offerecer, e a ermida se foi pouco a pouco abandonando, até que, estando em imminente ruina, um outro abbade a restaurou.

Tinha ermitão, apresentado pelos parochos da freguezia, com residencia propria.

A festa da padroeira se faz no dia da sua assumpção, a 15 de agosto, e é sempre muito concorrida.

Ha mais na freguezia, as seguintes ermidas:—

2.ª—*S. Sebastião, martyr.*

3.ª—*Senhora das Mercés*, ou *da Piedade*, dos herdeiros de João Osorio da Veiga Cabral.

4.ª—*Espirito Santo*, no logar das Arcas.

5.ª—*Santa Barbara*, no sitio dos Mósinhos.

6.ª—*Nossa Senhora da Piedade*, no logar de Trancozan.

—

Fica esta villa entre Penedôno e Sedavim, em um alto, sitio bastante frio, e com uma ingreme ladeira que desce até ao Rio Torto, que separa, em parte, o termo da villa, do de Sedavim, ficando do outro lado do rio, a aldeia de Trancozan.

E' terra muito fria, mas de clima saudavel. Muito abundante d'aguas, que a tornam fertil.

Teve um hospital, do qual apenas resta a memoria da sua existencia.

E' abundante em cereaes, linho, bom vinho verde (ainda que pouco) castanhas, batatas (a que aqui chamam *castanholas*) grandes nabos, legumes e hortaliças.

No sitio da Risca, ha varias quintas; e moinhos no Rio Torto, e no Rio-Bom, seu confluente.

Teve juiz ordinario, vereadores e mais empregados respectivos a este concelho, que foi ha muitos annos supprimido.

Ha aqui ricos lavradores e proprietarios.

Em alguns livros antigos se dá a esta freguezia a denominação de *Souto da Lapa*, em razão da ermida d'esta Senhora, mas vulgarmente chama-se *Souto de Penedôno*, e é este o nome que lhe dá o *Portugal sacro*.

SOUTO—Vide *Villa de Souto.*

SOUTO—*(S. João do)*—Vide Braga, a cuja cidade pertence esta freguezia.

SOUTO DA CARPALHOSA—freguezia, Extremadura, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e 12 kilometros de Leiria, 130 ao N. de Lisboa, 800 fogos.

Em 1768, tinha 586.

Orago, o Salvador.

A mitra apresentava o vigario, que tinha 150$000 réis—isto, segundo o *Portugal sacro.*

O *Couseiro* (pag. 158) diz que tem de ordinaria 30 alqueires de trigo, uma pipa de vinho, em môsto, de 25 almudes; e 5$000 réis em dinheiro, pago tudo pelo prelado.

Além d'isto, tem residencia e passaes, a 4.ª parte do que rende a fabrica da egreja, as falhas e offertas da matriz, e de todas as ermidas da freguezia.

E' a parochia rural mais populosa de todo o bispado.

Não se sabe quando esta freguezia, foi creada, mas em 1218 Pedro Mendes, Pedro Vieira e outros moradores d'esta parochia, fizeram doação ao mosteiro de St.ª Cruz de Coimbra, de umas propriedades, para n'ellas se fazer a egreja e cemiterio; o que consta da copia da escriptura de doação, que existe no archivo episcopal.

Construiu-se logo a egreja, porém muito pequena. Pelos annos de 1600, estando muito arruinada, se demoliu para construir a actual, cujas obras terminaram 1602, assim como o seu alpendre. Sendo bispo D. Pedro de Castilho, deu este prelado licença para se dizer missa na nova egreja, o que teve logar, em 1603. A capella-mór, foi feita á custa da fabrica da Sé.

Foi curato até 1638, sendo então vigararia, pelo bispo D. Pedro Barbosa d'Eça, e foi seu primeiro vigario, o padre João de Castro Massoules, que a obteve por concurso synodal.

Estando a egreja matriz bastante arruinada, se restaurou, principiando as obras a 17 fevereiro de 1862, e concluindo-se em abril de 1864. As madeiras foram do *Pinhal d'El-Rei,* e dadas pelo estado: a mais obra de restauração, importou em 1:160$170 réis.

Ermidas d'esta freguezia

1.ª—*Santo Antonio,* que foi primeiramente de Nossa Senhora da Portella.—Está por cima do logar do Souto. N'esta ermida se disse missa e se administravam os sacramentos, em quanto duravam as obras da nova egreja.

—

2.ª—*S. Martinho*—no logar das Varzeas, construida em 1596.

—

3.ª—*Santo Amaro*—no logar da Ortigosa, feita em 1610. Faz-se-lhe uma bôa festa e romaria, no dia do padroeiro (15 de janeiro) havendo aqui por essa occasião uma pequena feira.

Tem capella-mór, adro murado, cemiterio, trez sachristias, etc., que tudo importou em 1:510$857 réis.

—

4.ª—*Nossa Senhora da Victoria,* no logar de Riba d'Aves, construida sendo bispo, D. José Antonio de St.ª Maria.

—

5.ª—*St.º Ildefonso,* no logar dos Conqueiros. Tanto esta como as duas antecedentes, fôram feitas pelo visitador, pelo mesmo tempo. Os moradores dos respectivos logares são obrigados á fabrica das suas ermidas.

Esta ermida foi accrescentada com o corpo da egreja, ficando a ermida a servir de capella-mór, em 1800. Em 1851 foi pintado o altar-mór, e foi toda forrada de novo, em 1863.

—

6.ª—*Santo Antonio*—na Chan da Laranjeira, na quinta que foi de Lourenço Mendes d'Abreu.

E' cabeça de um vinculo.

—

7.ª—*S. Bento*—no Casal (no sitio chamado Porto de St.º Ildefonso) fundada por um devoto, em 1618.

—

Ao O. da egreja matriz, ha o *Outeiro de S. Martinho.* É tradição que foi no alto d'este monte o primittivo assento da ermida d'este santo, que depois se mudou para o logar das Varzeas.

A ermida antiga, pertencia a uma gafaria, que existiu um pouco mais a baixo, no sitio ainda hoje chamado *Gafaría.*

SOUTO DA CASA—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Fundão, 54 kilometros da Guarda, 250 ao E. de Lisbôa, 300 fogos.

Em 1768, tinha 203.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado da Guarda, districto administrativo e 3 kilometros ao N. O. de Castello-Branco.

O real padroado apresentava o prior, que tinha 150$000 réis de rendimento annual.

Ao O. da freguezia, fica a grande serra da Gardunha, braço da Estrella, que lhe fica a 30 kilometros de distancia.

Ha n'esta serra varias povoações, sendo as principaes—S. Vicente da Beira, Castello-Novo, Alpedrinha, Covilhan, Castellejo, Al-

caide, Alcongosta, esta do Souto da Casa, e outras.

Da Gardunha, diz frei Agostinho de St.ª Maria, *Santuario Mariano*, tomo 3.º, pag 58 —«Esta serra, que melhor lhe convinha o nome de um agregado de jardins, pelo vistoso de suas arvores, e delicias de suas fontes e regatos; adornada de muitas hervas cheirosas, e arvores, que tendo o nome de silvestres por serem nascidas espontaneamente, ou plantadas pelo Soberano Agricultor, são domesticas, pelas excellentes fructas que produzem; outras plantadas e cultivadas pela industria dos homens, de tão diversos e regulados fructos, e de tão suaves e extraordinarios gostos, que servem de admiração, como são os verdeaes, os camoezes, as capanduas, repinaldos, ginjas garrafaes, e outras muitas fructas, em tanta quantidade, que, não só proveem muita parte d'este reino, mas o de Castella.»

N'esta serra construiram os templarios, um mosteiro acastellado, e consta que, sendo a Idanha Velha (então Egitania) devastada pelos mouros, aqui se recolheram os christãos que poderam fugir d'aquella famosa cidade, que fica a 40 kilometros do Souto da Casa; e aqui foram defendidos pelos templarios que habitavam o mosteiro, até que D. Sancho I edificou a cidade da Guarda, para onde os egitanenses se recolheram.

Quando os egitanenses vieram para a Gardunha, trouxeram uma imagem de Nossa Senhora, que estava na egreja da cidade, e com a qual o povo tinha particular devoção, e a esconderam em uma gruta.

Segundo a lenda, uma mulher de Alcongosta, foi á serra buscar lenha, levando em sua companhia uma filha de tenra idade, que se perdeu por entre o mato. Os paes a procuraram inutilmente, até que no fim de nove dias, quando a julgavam ha muito devorada por algum lobo, foram dar com ella de perfeita saude, dentro de uma lapa ou gruta; e perguntando-lhe quem a sustentava, a menina respondeu—« Foi uma *senhora tia* que móra n'esta casa, e que me dá sôpas de leite e agua, *por uma campainha.*» A mãe viu então a santa imagem, e foi dar parte ao parocho d'Alcongosta, que a foi buscar e collocar na sua egreja, até se fazer a gruta-ermida.

Fallemos agora da gruta em que appareceu a Senhora.—

Sobre o mais alto da serra da Gardunha, a 6 kilometros de Castello Novo, e—com pouca differença—a egual distancia do Souto da Casa, Alcongosta, Alcaide e Castellejo, se levanta um monte de fórma pyramidal, que não é mais do que um acervo de penedos monstruosos, com a circumferencia de 2 kilometros.

No meio d'este ambito, e para o lado do O., ha um planalto, que mais parece obra da arte, do que da natureza. D'este lado se vê a bôcca de uma caverna, tão alta na entrada, que por ella passavam os guiões, nos dias das romagens. D. Luiz da Silva, bispo da Guarda, hindo em visita a esta gruta, lhe mandou fazer uma porta, de formosa cantaria lavrada.

Dentro, o pavimento é natural e perfeitamente nivelado, e a gruta é muito clara e alegre, e tão ampla, que n'ella cabe todo o povo nos dias da festa da Senhora. Na extremidade da gruta ha dois braços colateraes, e em um d'elles, chamado hoje *altar de fóra*, se diz missa.

Depois estreita a gruta, formando como que uma capella-mór, dividida do résto, por uma grade de ferro, e é ahi que está a imagem da padroeira.

Em volta da gruta, e no planalto de que já fallei, se construiram algumas ermidinhas, muito bem ornadas, e algumas cellas, construidas por um devoto eremitão, para sua residencia, o qual fez tambem um pôço, para se fornecer da agua que lhe fosse necessaria. Vê-se tambem aqui uma cova, onde consta que viveu alguns annos em rigorosa penitencia um eremitão clerigo.

A esta Senhora denominam mesmo *Nossa Senhora da Gardunha*, e é objecto de muita devoção para os povos destes sitios.

SOUTO DA VELHA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Moncorvo, 155 kilometros ao N.E. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1768, tinha 71.

Orago, St.º Ildefonso.

Arcebispado de Braga, districto administractivo de Bragança.

O abbade de St.ª Maria de Mós, apresentava o vigario, que tinha 20$000 de congrua e o pé d'altar

Pouco fertil. Gado e caça.

SOUTO DE EL-REI—Vide *Villa Nova do Souto d'Elrei.*

SOUTO DE REBORDÃOS—Vide *Rebordãos* (Souto de.)

SOUTO MAIOR—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 45 kilometros de Viseu, 355 ao N. de Lisboa, 125 fogos.

Em 1768, tinha 115.

Orago St.ª Barbara.

(Antigamente foi S. Thomé, apostolo.)

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 200$000 réis de rendimento annual. (Vide *Pinhanços,* no fim.)

Fertil, gado e caça. Para o appellido Souto Maior, vide *Monção.*

Esta freguezia é composta de duas aldeias — *Ribeira do Freixo* e *Porcas.*

As suas principaes producções são cereaes, castanhas e excellentes fructas.

Ha aqui uma boa casa, com sua capella, pertencente á familia do fallecido general e engenheiro, Belchior José Garcez.

E um outro bom edificio, do qual é proprietaria a sr.ª D. Thereza de Mendonça Falcão, da freguezia de Frechas, viuva do doutor José Cortez de Mendonça Falcão.

A alguns metros ao E. da aldeia de Porcas, estão as ruinas de um antigo edificio, brazonado, que foi prêsa das chammas, em 1860. Pertence actualmente á sr.ª D. Maria do Ó, da *Quinta das lagrimas,* de Coimbra, viuva de Bartholomeu da Costa.

Na Ribeira do Freixo estão as ruinas de um edificio, denominado *Casa do dezembargador,* tambem brazonado.

Passa por esta aldeia a *Ribeira de Carrigas,* aqui chamada *Ribeira do Freixo,* cujas aguas servem de motor a 18 moinhos, que constituem uma das principaes fontes de receita d'esta freguezia.

SOUTO MAIOR—freguezia, Traz os Montes, concelho de Sabrosa, comarca e districto administractivo de Villa-Real (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Alijó.) 95 killometros ao N.E. de Braga, 480 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1768, tinha 115.

Orago, St.ª Comba.

Arcebispado de Braga.

O reitor de S. Lourenço de Riba Penhão apresentava o vigario, collado, que tinha 80$000 réis de rendimento annual.

O primeiro nome d'esta freguezia, era *Souto de Panoyas,* e é este o que lhe dá o foral de D. Sancho I, dado a esta freguezia, em 1196. (*Livro de foraes antigos de leitura nova,* fl. 116 v., col. 2.ª.)

Fertil, gado e caça.

SOUTO DE NESPEREIRA — aldeia, Beira Alta, na freguezia de Nespereira, comarca e concelho de Sinfães, bispado de Lamego, districto administractivo de Viseu.

Quando Nespereira foi concelho, era n'esta aldeia a séde d'elle, e ainda aqui existe o pelourinho. (Vide *Nespereira,* do concelho de Sinfães.)

—

Souto, é um appellido nobre em Portugal, mas não se sabe quem foi o primeiro que d'elle usou. Os Soutos trazem por armas —em campo asul, aguia d'ouro, com um escudinho de púrpura no peito, carregado de tres coticas d'ouro, em palla.

Orla do mesmo, carregada de 8 cadeados, de negro, abertos. Elmo d'aço, aberto, e por timbre meia aguia do escudo.

SOUTO REDONDO—E AIRAS—é uma povoação da provincia do Douro, dividida pela antiga estrada real de Lisboa ao Porto (a nova estrada, fica mais ao O.) Souto Redondo, pertence á freguezia de S. João de Ver, e Airas á de S. Jorge das Caldas, ambas na comarca e concelho da Feira.

Entre estas duas aldeias, ha um souto de carvalhos e sobreiros, que deu o nome á povoação, e é n'este souto que se faz uma bôa feira, em todos os dias 17 de cada mez.

Airas é corrupção do nome proprio d'homem — *Arias.*

Esta povoação, fica 280 kilometros ao N.

de Lisbôa, 78 ao N. de Coimbra, 50 ao N.E. de Aveiro, 7 a E. da Feira; 30 ao S. do Porto, 12 a E. do Atlantico.

Fica no centro da região antigamente denominada *Terra de Santa Maria*, e hoje, *Terra da Feira*.

Apezar da sua insignificancia, é povoação antiquissima, e pertenceu outr'ora á freguezia de Lourosa, do mesmo concelho, e que fica uns 5 kilometros a ONO., e foi villa. Em agosto de 1155, se vendeu uma propriedade á ordem dos templarios, sendo mestre, Dom Hugo. O vendedor, foi Egas Soares. Esta propriedade era na villa de *Laurosa, in loco noncupato Baocho, subtus mons* SAUTO ROTUNDO, *discorrente Rivulo Maior, castello Santae Mariae* (castello da villa da Feira). *Territorio de Portugal*. O preço da venda, foram 33 maravidis d'ouro.

—

Nasceu na casa das Airas, o capitão-mór d'ordenanças, Bernardo Francisco Pinheiro, um dos infelizes que morreram enforcados por liberaes, no patibulo da Praça Nova, do Porto, em 7 de maio de 1829. Vide 7.º vol., pag. 328, col. 2.ª

A filha unica d'este desgraçado, a sr.ª D. Bernardina Leonor Eulalia Pereira da Silva, é viuva de José Correia Leite Barbosa, fallecido em maio de 1881, e reside com suas duas filhas solteiras, na sua casa das Airas. Duas estão casadas, uma na Bairrada, e outra em Arouca.

Tem tambem dous filhos, os srs. dr. Bernardo Correia Leite Barbosa e José Correia Leite Barbosa, residentes na cidade do Porto.

José Correia Leite Barbosa (pae) foi por varias vezes administrador do concelho da Feira, logar que desempenhou com honra, pois era um cavalheiro muito intelligente, honesto e energico.

—

Por este logar passa a nova estrada districtal em construcção, d'Ovar á praia de Carvoeiro, na margem esquerda do Douro, e freguezia de Canêdo, concelho da Feira.

—

É tristemente celebre esta povoação, pela grande batalha que teve aqui logar, entre realistas e liberaes, no dia 7 de agosto de 1832, e que fica descripta no 7.º vol., pag. 349, col. 2.ª e seguintes. Aqui só accrescentarei mais:

O então marquez de Loulé, que assistiu á batalha, foi o primeiro que deu parte do seu triste resultado, ao sr. D. Pedro, para o que marchou a toda a brida, de Souto Redondo para o Porto. O sr. D. Pedro estava a uma das janellas do *palacio dos Carrancas* (hoje palacio real) impaciente por saber noticias da divisão do conde de Villa-Flor, e junto a elle, estava Bernardo de Sá Nogueira (depois, marquez de Sá da Bandeira) ministro da marinha e governador militar do Porto.

De repente, viram ao longe o marquez de Loulé, que corria a todo o galope, e que dentro em pouco se apeiava coberto de pó, á porta do palacio.

O marquez trepou as escadas a quatro e quatro, e mal podendo fallar, disse que estava tudo perdido, que o exercito mal podia cobrir a retirada, e que era necessario que o imperador se mettesse n'um navio inglez, que alli estava ancorado, sempre ás ordens, pelo gabinete de S. James.

O sr. D. Pedro, em vista de tão aterradora noticia, ficou desesperado, arrancando punhados de cabello da cabeça e da barba.

Sá Nogueira, offereceu-se para ficar no Porto, com alguma gente, cobrindo a retirada dos liberaes, dizendo que se deixaria fazer em pedaços, até que o sr. D. Pedro embarcasse com os restos das suas tropas, para se reorganisarem nos Açores; mas, vendo os liberaes que o general Póvoas se não soube aproveitar da victoria, nem do terror e desanimo que ella infundiu nos contrarios, e que, quando esperavam ver os realistas entrar no Porto, de envolta com os restos da divisão de Villa-Flor, elles ficavam muito descançados na povoação dos Carvalhos, 10 kilometros ao S. do Porto, animaram-se a ficar, decidindo fortificar a cidade, o melhor que lhes fosse possivel.

Se Povoas tivesse querido, mui differente seria o resultado do emprehendimento dos liberaes na sua invasão a Portugal, em julho de 1832.

Altos juizos de Deus!

SOUTO DE SOBRADELLO — Vide *Sobradêllo da Goma.*

SOUTOSA — pequena villa, Beira Allta, na freguezia de *Pera-Velha,* comarca e concelho de Moimenta da Beira. Foi cabeça do antigo concelho de *Pêra e Pêva,* extincto ha muitos annos. Vide *Péra e Péva, Pêra-Welha,* e *Pêva.*

SOUSA — Vide *Foz do Souza, Sousa* e *Soza.*

SOUZAS — aldeia da Galliza, em frente da freguezia portugueza de Lama d'Arcos, comarca, concelho e 8 kilometros a NO. de Chaves.

São n'esta aldeia as famosas aguas medicinaes vulgarmente denominadas de *Verim,* por ficarem proximas da villa d'este nome, e cuja applicação therapeutica tem dado optimos resultados nas doenças da bexiga. A fonte situada pouco mais ou menos a um kilometro ao nascente da villa, está em communicação com ella por uma extensa e magnifica alameda de mais de 12 metros de largura, ornada de frondosas arvores, que tornam elegante e pittoresco o sitio. Junto á fonte ha um pequeno jardim de copado arvoredo e flôres, sitio aprazivel e adequado para passear as aguas. A fonte foi mandada construir pelo nosso 1.º conde d'Amarante, e n'ella se lêem as inscripções seguintes: na fachada que olha ao poente: — *A expensas del general português premier conde d'Amarante—Anno de 1815—Fuente de Souzas.*

Na fachada ao nascente: — *T.º communal d'Abedes.*—Ao Norte: — *Aguas acidulo-alcalinas, analisadas por el dr. Cazeres, aiño de 1854.* — Ao sul: — *Restaurada por la villa de Verim—año de 1875.*

Este monumento attesta que os portuguezes, onde quer que se encontrem, não esquecem o que devem á patria e á humanidade.

—

Talvez que os meus leitores extranhem incluir n'este diccionario uma povoação estrangeira. Faço-o por duas razões — primeira, por serem estas aguas muito procuradas pelos portuguezes que precisam da sua applicação para os padecimentos de bexiga — segunda, para recordar a memoria do bravo e fidelissimo Francisco da Silveira Pinto da Fonseca Teixeira, 1.º conde d'Amarante, e pae do não menos bravo e fidelissimo Manoel da Silveira Pinto da Fonseca Teixeira, 2.º conde d'Amarante e 1.º marquez de Chaves. Vide *Villa-Real,* de Traz-os-Montes, *Villarelho da Raia,* e *Verim.*

SOUZEL e RIBEIRA — Villa, Alemtejo, cabeça do concelho do seu nome, comarca da Fronteira, 40 kilometros d'Evora, 120 ao SE. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1768, tinha 386.

Orago, Nossa Senhora da Graça.

Arcebispado d'Evora, districto administrativo de Portalegre.

O tribunal da mesa da consciencia e ordens, apresentava o prior, que tinha de rendimento annual — 180 alqueires de trigo, 150 de cevada e 20$000 réis em dinheiro.

O concelho de Souzel, é composto de trez freguezias — Cano, Casa-Branca e Souzel, todas no arcebispado d'Evora, e com 1:200 fogos.

É povoação antiga, mas não teve foral novo nem velho. Foi commenda da ordem d'Aviz.

> Ha um foral dado a *Souze*, por D. Affonso III, em Guimarães, a 13 de junho de 1258, mas este Souzel, é um casal em Terras de Barroso, provincia de Traz-os-Montes.

Ha aqui uma bôa feira a 29 de setembro.

Fica esta villa 12 kilometros ao N. de Estremoz, 24 ao NO. de Villa Viçosa, e junto a uma serra.

Foi fundada por o famoso condestavel, D. Nuno Alvares Pereira, em 1387. Consta que foi este mesmo D. Nuno que lhe poz o nome, porque, estando para dar aqui uma batalha aos castelhanos, lhe vieram dizer (quando elle estava orando) que o inimigo se aproximava — ao que elle, apromptando-se para a peleja, respondeu — «*Ora, sus a el*» fraze commum n'aquelle tempo, e como quem diz—*Eia! vamos a elle.*

Como os portuguezes ficaram victoriosos, mandou o condestavel construir alli uma ermida, dedicada a Nossa Senhora da Orada, edificando junto a ella uma povoação, a que

deu o nome de *Suzael*, que facilmente se corrompeu em *Souzel*.

Elevada esta povoação a freguezia, e como a ermida, além de ser pequena, estava bastante arruinada, por causa da sua antiguidade, foi demolida pelo meiado do seculo XVI, construindo-se no mesmo local a egreja matriz da freguezia.

A imagem da Senhora, é de madeira, e consta que foi mandada fazer pelo mesmo condestavel.[1] Passados muitos annos, d'esta imagem apenas a cabeça se achava em bom estado, tudo o mais estava corrompido pelo caruncho, pelo que o visitador a mandou enterrar. Oppoz-se o povo, e lhe mandou fazer um corpo de *rôca*, e umas mãos novas, e pôz a Senhora de vestidos, e ainda existe; mas fez-se outra imagem nova, de esculptura em madeira, que se collocou no altar-mór, dando-se-lhe o titulo de *Senhora Nova*.

Foi objecto de grande devoção para os povos d'estes sitios.

A imagem primitiva está em um dos altares lateraes, do corpo da egreja, e dão-lhe a denominação de *Senhora Velha*.

—

Tem Misericordia e hospital, e teve um mosteiro de frades paulistas.

A distancia de 7 kilometros ao N. d'esta villa, 18 a E. d'Aviz e 6 ao N. da villa do Câno, está a *Fonte da Lagem*, no principio de um valle. Junto a uma rocha de schisto, nasce um regato, ou arroio (proximo da estrada que vae para o Ervedal) tendo á nascente um pôço de 1m, 30 de profundidade, coberto com uma abobada, tambem de schisto.

Esta agua, é clara em tempo sêcco, mas torna-se côr de leite, quando chove. Não tem cheiro, e o seu sabôr é levemente acidulado, semelhante a uma tenuissima dissolução de vitriolo, em agua commum. Não deixa sedimento ou lodo no pôço, ou no regato, nem tão pouco nas garrafas onde se guarda, senão, ás vezes, um levissimo precipitado calcario. Experimentada por meio de reagentes, não indica existencia de ferro.

O doutor F. da Fonseca Henriques, a pagina 212 do seu *Aquilegio*, diz que esta agua é efficaz contra as lombrigas; e os moradores d'estes sitios lhe attribuem a mesma virtude.

—

D. João VI, sendo ainda principe regente, e estando no Rio de Janeiro, fez 1.º visconde de Souzel, em 17 de dezembro de 1811, a Antonio José de Miranda Henriques da Silva e Albuquerque Mexia Leitão Pina e Mello, que era senhor de Carapito e Codeceiro, alcaide-mór de Villar-Maior e de Panoyas, do concelho de D. Maria I, grão cruz da ordem da Torre Espada, commendador da de Christo, conselheiro de guerra, tenente general (desde 10 de janeiro de 1809) e na guerra peninsular, commandante de uma divisão de 6:000 homens, que devia hir em auxilio dos haspanhoes: general em chefe do exercito entre o Tejo e o Mondêgo, commandante da 2.ª linha da defeza de Lisboa, e duas vezes governador das armas do Alemtejo.

Pertenceu ao exercito realista convencionado em Evora-Monte, e não tornou para o serviço militar.

Nasceu a 16 de dezembro de 1761, e falleceu no 1.º de dezembro de 1835.

Foi casado com D. Joanna Maria do Resgate de Saldanha, sua prima, 1.ª filha de Manoel de Saldanha da Gama e de D. Francisca Joanna Josefa da Camara. Este Manoel de Saldanha da Gama, era irmão de Luiz de Saldanha da Gama e Torres, 4.º conde da Ponte e 4.º senhor d'Assequins. Foi o mesmo Manoel de Saldanha da Gama, 1.º conde de Porto Santo, par do reino, em 1829, veador da rainha D. Carlota Joaquina (mulher de D. João VI) depois, com exercicio no quarto da infanta D. Isabel Maria, filha d'aquella senhora. Em 1833, foi presidente da camara municipal de Lisboa.

—

O 1.º (e até hoje unico) visconde de Souzel, teve quatro filhas, que foram, por ordem das edades:

[1] Diz-se que ao mesmo tempo D. Nuno mandou fazer quatro imagens da Senhora da Orada: esta, uma para a villa de Monçaraz (para a egreja que depois foi de frades agostinhos descalços), outra para a villa de Ourem, e a quarta para Villa Velha do Rodam.

1.ª — *D. Anna Joaquina,* condessa de Bobadella.

2.ª — *D. Francisca Rita,* que casou com José Leite de Souza Tavares de Oliveira Pereira de Foyos, da casa do 1.º (e unico) visconde de Veiros.

3.ª — *D. Maria Leonor.*

E uma bastarda, que foi a

4.ª — *D. Anna Francisca.*

Todas quatro são fallecidas.

—

Era filho de José Joaquim de Miranda Henriques, moço fidalgo, senhor de Carapito e Codeceiro, alcaide-mór de Villar Maior e de Panoyas, commendador da ordem de Christo, governador das armas da provincia do Minho, e tenente general do exercito. Falleceu a 6 de dezembro de 1782.

Casou tres vezes — a 1.ª, com D. Anna de Lima, condessa da Ilha do Principe, dama da rainha D. Marianna d'Austria. Era (a condessa) viuva do 4.º conde da Ilha do Principe, Francisco Luiz Carneiro e Sousa—2.ª, com D. Maria Barbara de Lencastre — (Não teve filhos d'estes dous matrimonios) — 3.ª, com D. Anna Joaquina de Lencastre, condessa da Ponte (viuva do 3.º conde da Ponte, Antonio José de Mello Torres.)

As duas ultimas, eram irmans, filhas de João de Saldanha da Gama, 3.º senhor d'Assequins, gentil-homem da camara do infante D. Antonio, do conselho do rei D. João V, commendador da ordem de Christo, mestre de campo de infanteria, na guerra da restauração, governador e capitão-general da ilha da Madeira, e vice-rei da India. Falleceu a 29 de março de 1747.

Da 3.ª esposa, teve um unico filho, que foi o 1.º visconde de Souzel.

—

O terreno d'este concelho, é fertil em cereaes e azeite; produz bastante e bom vinho, fructas, hortaliças e legumes, e cria muito gado de toda a qualidade.

SOUZELLA—freguezia, na comarca e concelho de Lousada, 30 kilometros a NE. de Braga, 350 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1768, tinha 116.

Orago, Nossa Senhora da Expectação.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 500$000 réis de rendimento annual.

É terra fertilissima em todos os generos agricolas do paiz, e cria e exporta muito gado bovino.

N'esta freguezia e junto á ermida de São Christovam, rebentou, em 1642, uma fonte, a cuja agua o povo attribue grandes virtudes medicinaes, pelo que lhe chama *fonte milagrosa.*

SOUZELLAS — freguezia, Douro, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e 9 kilometros de Coimbra, 210 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1768, tinha 186.

Orago, S. Thiago, apostolo.

A abbadessa cisterciense do convento de Lorvão, apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É povoação muito antiga. Em 937, Justa, viuva, e seus filhos, doaram ao mosteiro de Lorvão (que então era benedictino, e de frades e freiras) tudo quanto tinham em Souzellas, menos a egreja de S. Thiago, com todos os seus ornatos, na qual seriam parochos, seus sobrinhos e netos, e não os havendo, ficaria a egreja para o dito mosteiro.

Para estes seus descendentes, lhes consignaram os doadores, *sesaginta passalles in giro,* o que constituia uma boa quinta.

—

É a 27.ª estação do caminho de ferro do norte, contando de Lisboa; e a 12.ª, contando desde o entroncamento.

Pelo caminho de ferro, d'aqui a Lisboa, são 225 kilometros — mais 15 do que pela estrada ordinaria.

É terra fertil.

SOUZELLO ou **SÓZELLO**—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Sinfães (foi do extincto concelho de S. Fins, e da comarca de Rézende) 40 kilometros a O. de Lamego, 310 ao N. de Lisbôa, 480 fogos.

Em 1768, tinha 164. [1]

Orago, Santo André. (O *Portugal Sacro*, diz que é S. Pedro, apostolo.)

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O papa e o bispo, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha de rendimento annual 450$000 réis. Os monges bentos de Alpendurada, fundando-se em que a egreja de Souzéllo fôra de um mosteiro da sua ordem, tambem pretenderam — mas não conseguiram — o padroado d'esta egreja.

Esta freguezia — que é muito fertil — é limitada ao N. pelo rio Douro, e ao O., pelo rio Paiva, atravessado por uma barca de passagem, no sitio da Pateira, abaixo de Vilella. Por esta razão, é abundante de optimo peixe, fornecido por ambos os rios.

Foi villa e couto, em tempos antigos, e ainda ao logar principal da freguezia se dá o nome de *Couto*.

Na aldeia de Vilella, nasceu e falleceu, em julho de 1875), João Pinto de Souza Menezes Montenegro, que foi coronel da guarda municipal do Porto. Era um homem honrado e foi um militar valente. Pertenceu ao exercito liberal.

—

Esta freguezia é a ultima que o districto administrativo de Viseu tem para o O., terminando tambem no rio Paiva, a provincia da Beira Alta. O bispado de Lamego porém, ainda continúa para este lado, comprehendendo todo o concelho de Paiva, que é o 1.º (do E.) do districto administrativo d'Aveiro, e da provincia do Douro. Principia este districtoe esta provincia, na margem esquerda do dito rio Paiva.

—

É Souzéllo uma povoação antiquissima. Teve um mosteiro duplex, da ordem de São Bento, fundado em 870, e dedicado a Santo André. O truculento Almançor, kalifa de Córdova, o destruiu, em 996. Depois, só a egreja foi reconstruida, por ser a matriz da freguezia.

[1] Aqui ha infalivelmente engano do *Portugal Sacro*; porque a *Historia ecclesiastica da cidade e bispado de Lamego*, escripta em 1724, lhe dá 460 fogos.

O mosteiro tinha sido fundado por *Castimiro* e sua mulher *Asarilli*, e seus filhos, á sua custa, em uma herdade que seus antepassados haviam tomado aos mouros. Foram os fundadores que para aqui trouxeram os monges, logo em 870, e, além do mosteiro, doaram varias fazendas a esta *egreja monachal*, em beneficio de seus herdeiros, declarando que doavam a egreja, com todos os seus ornatos. (Documento do mosteiro de Alpendorada, que lhe fica em frente, ao N., do outro lado do Douro.) [1]

Em 874, os filhos dos doadores fizeram um *compromisso* com os monges (foi escripto no mesmo pergaminho da doação, e ao través d'ella, confirmando-a.)

—

Na aldeia do *Escamarão*, d'esta freguezia, ha uma grande feira, no dia 29 de setembro de cada anno.

O Escamarão e Villa-Mean, é que formavam o couto de Souzéllo, que já tinha esta cathegoria, em 1132, o que se prova por varios documentos que existiram no cartorio do mosteiro d'Alpendorada.

Em Villa-Mean (tambem d'esta freguezia) e que fica proximo á margem direita do Paiva, tambem houve um mosteiro de freiras benedictinas, que no seculo XV se uniu ás religiosas da mesma ordem, da cidade do Porto.

Este mosteiro e a sua cêrca, foram vendidos, ha mais de 200 annos, e hoje está transformado em uma boa quinta, pertencente a uma senhora do Porto, da familia do fallecido marquez de Terena.

—

N'esta freguezia ha quatro ermidas e um oratorio — as ermidas são — *Menino Deus* — S. Sebastião — Santo Antonio — e Nossa Senhora das Dores — o oratorio, é tambem dedicado a Nossa Senhora das Dores, e está nas casas da quinta de Villa-Verde.

—

O terreno d'esta freguezia é muito accidentado, mas fertilissimo em todos os gene-

[1] Na doação que os fundadores fizeram ao mosteiro, a palavra Christo, está assim escripta — XPS.

ros agricolas do nosso paiz, e o seu vinho, posto que *verde*, é de optima qualidade. É abundante de boas madeiras, que exporta, pelo Douro, para a cidade do Porto, que lhe fica 38 kilometros a O. Faz tambem grande negocio com aquella cidade, para qual exporta os cereaes e fructas que sobram do seu consummo, pelo que, é uma das maiores e mais ricas freguezias da comarca.

SÓZA ou **SOUZA** — villa, Douro, concelho e 2 kilometros a ESE. de Vagos, comarca d'Aveiro (foi do mesmo concelho mas da comarca da Anadia) 15 kilometros ao S. d'Aveiro, 240 ao N. de Lisboa, 830 fogos.

Em 1768, tinha 171.

Orago, o archanjo S. Miguel.

Bispado e districto administrativo d'Aveiro.

Os duques de Lafões apresentavam o reitor, collado, que tinha 250$000 réis de rendimento annual.

Está situada a E. da ribeira do Bóco, ou Rio Tinto, que nasce a E. de Mira, e, com 24 kilometros de curso, vae entrar, junto a Ilhavo, na parte S. da ria d'Aveiro.

Foi cabeça do concelho do seu nome, supprimido por decreto de 31 de dezembro de 1853.

Eram senhores donatarios de Sóza, os marquezes d'Arronches, depois, duques de Lafões, que, como vimos, tambem eram padroeiros da egreja.

O rei D. Manoel lhe deu foral, em Lisboa, a 17 de fevereiro de 1514. *(Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 86, col. 2.ª—Veja-se o documento n.º 57, da parte 2.ª, maço 26, do *Corpo Chronologico).*

Foi muitos annos parocho d'esta freguezia, José Luiz Rangel Pimentel de Quadros. Tinha as honras de conego da Sé de Leiria, e foi um sacerdote illustrado e virtuosissimo.

E n'esta freguezia a quinta da Ouca, que foi de D. Beatriz Leitão, fundadora do mosteiro de Jesus, d'Aveiro, e a este mosteiro a doou a sua possuidora, em 1458.

Os campos tambem chamados da Ouca, n'esta freguezia, teem 6 kilometros de comprido por um de largo. Antigamente, foram verdadeiros matagaes, que no inverno estavam quasi totalmente alagados. Hoje estão convertidos em um vasto e fertil arrozal.

É terra fertil em todos os generos agricolas, e abundante de peixe, da ria, e do mar, que a limita pelo O.

É povoação muito antiga, e anterior á fundação da nossa monarchia, mas não se sabe por quem nem quando foi fundada. Tambem se não sabe qual foi o seu primeiro nome, posto que o actual tem mais de 700 annos.

Suppõe-se que o nome de *Souza* lhe foi dado pelos Souzas, condes de Miranda do Corvo, depois marquezes de Arronches, e, por fim, duques de Lafões, senhores d'esta terra.

—

Souza, é um appellido nobre d'este reino, e d'ella originario. Procede de D. Faião Soares, fundador da villa de Arrifana do Souza, hoje Penafiel, onde foi o solar primitivo d'esta nobilissima familia.

De Faião Soares, foi filho D. Soeiro Bemfeitor, que viveu no reinado de D. Affonso II de Leão (que subiu ao throno, em 791.)

O primeiro que tomou o appellido Souza, foi D. Egas Gomes de Souza, filho de Dom Gomes Echigas e D. Gontrode Moniz. Foi rico-homem do rei D. Affonso. Casou com D. Flamula Gontinha, filha de D. Gonçalo Trastamires, da Maia, bisneto de D. Ramiro II, de Leão, e, entre outros, foi seu filho, D. Mendo Viegas de Souza, rico homem do conde D. Henrique (pae de D. Affonso Henriques) o qual lhe deu a *Terra de Santa Cruz*, para governar, e defender dos mouros.

D. Mendo Viegas de Souza, casou com D. Thereza Fernandes, e foram paes de Dom Gonçalo de Souza, celebre batalhador e companheiro no nosso 1.º soberano, e seu logar tenente.

Usava das armas de Aragão — que são — em campo d'ouro, 4 coticas de purpura, em palla, mas, na batalha de Axarafe, ou Ajarafe (Andaluzia) dada aos mouros por Dom Sancho I, em 1188, tomou aos mouros, pelas suas proprias mãos, quatro bandeiras vermelhas, com os crescentes de prata, e por isto, se lhe accrescentou o escudo com a ca-

derna de crescentes, ficando assim construido o seu brazão—escudo esquartelado, no 1.º e 4.º, as armas d'Aragão—no 2.º e 3.º, de púrpura, a caderna de crescentes. Não quiz outro despojo da batalha, senão as quatro bandeiras, que depositou em Pombeiro. Foi veador de D. Affonso Henriques.

Casou tres vezes, tendo grande descendencia.

D. Maria Paes Ribeira de Souza, sua filha, e herdeira da casa de seu pae, casou com D. Affonso Diniz de Portugal, e então alterou as suas armas, ficando assim construidas—escudo esquartelado—no 1.º e 4.º, as armas de Portugal—o 2.º e 3.º, tambem esquartelados, tendo no 1.º e 4.º quartel, as armas de Portugal, e no 2.º e 3.º, a caderna dos crescentes, de prata, em campo de púrpura. São ainda as actuaes armas da casa ducal de Lafões.

Ha ainda outras familias de appellido Souza (verdadeiros Souzas, se entende, porque hoje ha uma multidão de *Souzas apocrifos)* procedentes do mesmo tronco, e que vão mencionadas nas terras dos seus solares.

Finalmente, Souza, é um dos appellidos mais nobres de Portugal.

Sóza está ligada á villa de Vagos por uma estrada municipal, na qual uma ponte atravessa o *rio Salgado*, que divide Sóza de Vagos.

O mesmo *rio Salgado* (a ria) atravessa a *ria d'Aveiro*, passando aos portos do Bóco, e Quintan (concelho de Vagos) e communica pela ria com a villa de Ovar, que fica 40 kilometros ao N. O.

Na margem direita d'esta ria (de Vagos) está a rica e vasta quinta de Vista-Alegre, e a sua bella fabrica de vidros e porcellanas, da qual tratarei no logar competente.

É esta ria (á qual por aqui dão vulgarmente a denominação de *rio Salgado*) frequentada por grande numero de barcos, que transportam cal, arrôz (da terra) feijão, vinho, barro para as olarias de Ovar e Porto, e outros objectos.

Tambem uma grande quantidade de barcos, se empregam aqui na apanha do moliço. (Vide *Ria d'Aveiro.*)

Esta industria constitue um bom ramo de commercio, pois sendo um optimo adubo para fecundar as terras, vae para differentes povoações do concelho, e para os de Mira e Cantanhede.

A egreja parochial, se não é magnifica, pelo menos está com muita decencia e muito bem conservada, devido ao zêlo do seu actual parocho.

As egrejas parochiaes de *Mamarrosa* e *Palhaça* foram antigamente curatos de Sóza, e era o parocho d'esta villa que os apresentava.

O logar de Ouca, que é muito importante pela sua população e fertilidade, foi couto, cujos empregados judiciaes eram confirmados pela prioreza do mosteiro de Jesus, de Aveiro, como donatarios, em vista de uma doação feita a este convento, pela sua fundadora, a dita D. Brites Leitão.

—

O verdadeiro nome d'esta freguezia e da seguinte, é *Souza* e não *Sóza*, como vulgarmente se lhe chama.

Em geral, a gente do sul do reino, não pronuncia o diptongo *ou*, como deve ser pronunciado, mas dizem *ô* ou *ó*—v. gr.—ouro, *ôro*—mouro, *môro*—ourives, *órives*—Ourique, *Órique*, etc., e eis a razão, porque de Souza fizeram *Sóza* e *Sôza.*

SÓZA ou **SOUZA** — freguezia, Douro, concelho d'Aveiro, immediata á antecedente. Era padroeiro, São Romão. Foi villa e couto, do que D. Sancho I doou a D. João Fernandes e a D. Fernando João, filho d'este.

O mar subverteu, ou cobriu de areia, a maior parte d'esta freguezia, ficando só a aldeia e egreja de S. Romão, que veio a pertencer ao mosteiro de cruzios, de Grijó, até 1834.

Em 1193, D. Sancho I deu esta villa á ordem, ou instituto de *Roca Amador*, que estabeleceu aqui a sua capital, e d'aqui se difundiu pelos hospitaes de Lisboa, Porto, Coimbra, Santarem, Leiria, Torres-Vedras, Guimarães, Braga, Chaves, Lamego e outras terras. (Vide *Róca Amador.)*

Os crusados que ajudaram D. Sancho I a conquistar Silves, em 1188, é que trouxeram a Portugal o instituto de Roca-Ama-

dor, bem como a imagem da sua padroeira (Nossa Senhora de Roca-Amador) que ainda se conserva na egreja parochial.

—

D. Sancho I, não só doou aos frades de Roca-Amador esta villa de Souza, como tambem lhe fundou o seu hospital, como consta da doação, que diz — *Ecclesiae Sanctae Mariae de Rupe Amatoris, de villa quae vocatur Socia, et fratribus ibidem Deo servientibus.*

Deu-lhes tambem tudo o mais que tinha n'este couto, como a egreja e seus passaes, novos e velhos, marinhas e direitos reaes.

Esta doação confirmaram muitos prelados e outras pessoas principaes da côrte do doador.

D. Affonso III, confirmou ao prior, frei Hugo, aquella doação (tanto do mosteiro, como do hospital) e o rei D. Diniz, fez a mesma confirmação, ao prior, frei Guilhem Morsel, não só do mosteiro e hospital de Souza, como do couto, declarando que os moradores d'esta villa reconheceriam por senhorios, os frades do mosteiro. O rei Dom Fernando confirmou estas doações.

D. Sancho II, deu á egreja de Nossa Senhora da Conceição, de Vagos, as terras de S. Romão, chamadas *Couto de S. Romão*, que D. Fernando João, filho de D. João Fernandes, com auctoridade do mesmo monarcha lhe havia dado — isto, em 1202.

N'esta villa se conservaram sempre os priores de Santa Maria de Roca-Amador, até ao tempo de D. Affonso V, no qual se supprimiu esta ordem e se fez a commenda da ordem de S. Thiago, que o rei deu a D. João de Souza, e cuja doação foi confirmada pelo papa Pio II — Foi assim, que em Portugal terminou a ordem de Roca-Amador.

Vimos que a egreja de S. Romão foi dada á da Senhora da Conceição, de Vagos, e esta aos conegos regrantes de Santo Agostinho, de Grijó, e é por isso que a egreja de São Romão de Souza ficou sendo padroado d'este mosteiro. Notemos tambem que os frades de Roca-Amador, eram conegos regrantes de Santo Agostinho.

—

O mar, foi pouco a pouco sepultando esta freguezia sob as suas areias, mas não pude saber quando principiou esta catastrophe; com certeza, foi depois do reinado de D. Affonso V, pois que até 1481, não ha noticia d'ella.

Muitos annos depois da supressão da ordem dos hospitalarios de Roca-Amador, se achou enterrado um sino, no sitio ainda hoje chamado *Viella do Sino.* (Pertenceu á antiga egreja d'esta Sóza.) Logo abaixo d'este sitio, está um terreno, hoje cultivado, chamado *Campo d'Almedina* (Campo da cidade). A aldeia de S. Romão, está junto d'este campo.

Em vista do nome d'*Almedina*, é provavel que em tempos remotos houvesse aqui uma povoação de mais ou menos importancia (talvez a antiga Sóza) e que o mar subverteu em parte, e a areia acabou de subverter.

SÓZELLO — Vide *Souzéllo.*

SPADALEIRO — portuguez antigo — remeiro, remador.

STAUROTIDOS — Vide *Borralhoso.*

STEVAINHA ou **STEVEINHA**—nome proprio de mulher, corrupção do latino *Stephania.* Hoje diz-se *Estefania.*

SUAJO—Vide *Gabiarra, Gavieira,* e *Soajo.*

SUB-ARRIFANA — Vide *Penafiel.*

SUB COLLINA — villa, Minho, na freguezia de S. Pedro de Maximinos, de Braga, e pouco distante de S. Fructuoso, segundo consta da doação do rei D. Affonso, *o Casto.*

No anno de 1062, houve contenda, entre o bispo de Lugo e o de São Thiago de Compostella (ambos gallegos) sobre os termos d'esta villa e da de *Tornarios.* Fez-se exame judicial dos taes termos e se determinaram por ordem real.

Não se sabe hoje exactamente, o sitio onde estiveram estas villas (que me parece serem casas de campo) por ha muitos seculos terem mudado de nome.

SUB-FEIRA — Vide *Sanfins da Feira.*

SUB-FEIRA — freguezia, Douro, na comarca e concelho da Feira, 30 kilometros ao S. do Porto, 280 ao N. de Lisboa.

Em 1768, tinha 84 fogos.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Bispado do Porto, districto administrativo d'Aveiro.

O abbade de Espargo, apresentava o cura, que tinha 60$000 réis de congrua.

Ha aqui forçosamente engano do *Portugal Sacro*, repetindo esta freguezia, mudando-lhe o padroeiro e o orago.

Na palavra *S. Pedro Fins*, diz que o padroeiro é o mosteiro de religiosas de S. Bento, do Porto, e que o orago é S. Pedro, apostolo; e na palavra *Sub-Feira*, diz que o padroeiro é o abbade de Espargo, que o orago, é S. Thiago, apostolo, e que o cura tem sessenta mil réis, quando em São Pedro Fins, lhe dá só o pé d'altar.

O *Catalogo dos bispos do Porto* (pag. 386) dá a esta freguezia a denominação de *São Perofins*, e diz que é abbadia, que rende 40$000 réis!

No *Mappa Estatistico das Congruas*, se lhe dá por padroeiro *São Fins*, e diz que o parocho tem de rendimento annual 132$330 réis.

Toda esta barafunda procede da palavra *Pero-fins*, que cada um escreve como lhe parece, e que só se devia escrever *S. Felix*.

O que é certo, é que as duas freguezias (de *Sanfins e Sub-feira*) são uma e a mesma coisa, e é a parochia que está contigua á villa da Feira, e ao ENE. d'ella.

Não ha em Portugal outra *Sub-Feira*.

SUB-PORTELLA — freguezia, Minho, comarca, concêlho e districto administrativo de Vianna, 24 kilometros ao O. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 175 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga.

Esta freguezia não vem no *Portugal Sacro*, ou vem com outro nome.

É terra muito fertil, gado, e caça (no monte da Portella, que lhe fica sobranceiro.)

SUB-RIPAS — A pag. 322, columna 1.ª e seguintes do 2.º volume, fallando do assassinato de D. Maria Telles de Menezes, por seu marido, o infante D. João, filho de Dom Pedro I e de D. Ignez de Castro, e perpetrado no dia 28 de novembro de 1377, disse que este acontecimento teve logar no vasto edificio de *Sub-Ripas*, de Coimbra, e é esta a constante tradição entre o povo da cidade que ainda denomina esta casa, *palacio de D. Maria Telles*.

Segundo as modernas averiguações, está hoje provado que nem aquelle edificio foi de D. Maria Telles de Menezes, nem foi assassinada n'elle, nem tinha sido mosteiro ou hospicio de templarios, pois não ha memoria de que estes cavalleiros tivessem, em tempo algum, casa propria em Coimbra, todavia, as muitas cruzes da ordem de Christo que se veem incrustadas na parede d'esta casa célebre., faz-me suppor que, antes de construir-se, em 1550, o *Collegio de Thomar*, d'esta ordem, houve em Coimbra um edificio pertencente a estes cavalleiros, e que talvez tivesse sido dos templarios, dos quaes aquelles foram herdeiros, em 1319,

O palacio ficava dentro dos muros, cujas portas só estavam abertas de dia, e é provavel que lhas não abrissem (a D. João) *fóra d'horas*, jámais vindo elle acompanhado de uma escolta de gente armada.

A chronica de Fernão Lopes, narra o caso circumstanciadamente, e diz que teve logar *no arrabalde da cidade*, perto da egreja de S. Bartholomeu.

O licenceado João Vaz, dono de uns pardieiros, situados defronte de uma torre que hoje faz parte do edificio de Sub-Ripas, requereu á camara, em 1514, que lhe ratificasse o contracto de doação que lhe haviam feito Bastião Gonçalves e sua mãe Catharina Annes, e sua mulher Catharina Fernandes, d'aquella torre *sob a riba* da cidade, [1] com seu lanço de muralha, *tudo em frente dos seus pardieiros*. Requereu mais que a camara lhe desse licença para construir um balcão ou passadiço, que, *atravessando a rua, ligasse os taes pardieiros com a propriedade novamente adquirida*. Ambas as cousas lhe foram concedidas.

Ainda hoje se vê no cimo da rua de Sub-Ripas, a casa, com a torre que foi de Bastião Gonçalves, ligada pelo passadiço, á casa em que se transformaram os pardieiros do tal licenciado.

Na referida escriptura de doação, se diz que a torre partia do norte, com a torre do prior do Ameal, que ainda existe, transfor-

[1] Aqui temos a etymologia da palavra *Sub Ripas*. Vide *Riba*, *Rriba*, e *Ribada*.

mada em casa de habitação, junto á porta do Collegio Novo — do sul, com casas de D. Philippe — do poente, com a barbacan da cidade — e do nascente, com a rua publica, e com os pardieiros do tal licenciado.

Sub-Ripas, é corrupção de *Sob-a Riba*, que era o primeiro nome d'esta rua.

Depois de 1514, construiu-se na torre que fôra de Bastião Gonçalves, e sobre a muralha e terrenos adjacentes, a casa apalaçada que hoje alli vemos.

Tanto a porta, como as janellas do 1.º andar, são de pedra graciosamente lavrada, no estylo manoelino. As do 2.º andar, são mais simples. Parece que os dous andares foram construidos em épocas diversas, e até a côr da parede do andar superior, é differente da inferior. Em uma das janellas se veem as datas de 1542 e 1547.

Em todas estas construcções, tanto nas paredes exteriores, como nas interiores, estão embutidos muitos medalhões, representando figuras de damas e guerreiros, e diversos bustos de santos, em baixo-relêvo.

No pateo da casa onde foram os pardieiros, ha tambem dos taes medalhões — N'um d'elles, está o rei David, tocando harpa — outro, representa a rainha Dido — outro uma mulher que tem o nome de Martha.

Servem de ante-peitos a algumas das janellas, pedras lavradas, com emblemas, parecendo que as janellas foram accommodadas ás taes pedras, e não estas ás janellas; o que faz acreditar que os medalhões e outros fragmentos de esculptura, pertenceram a algum edificio antigo, que o dono d'este aproveitou, embutindo-os irregular e extravagantemente nas paredes do passadiço e das duas casas a que elle serve de communicação.

Alternam com os medalhões, varias cruzes de Christo e differentes misulas, que parece terem tambem pertencido a outro edificio.

O palacio de Sub-Ripas, veio depois a pertencer aos senhores Perestrellos, que são os seus actuaes proprietarios.

—

Conclúo pois dizendo que se não sabe com certeza a casa em que foi assassinada a infeliz D. Maria Telles de Menezes; mas o que é innegavel, é que a tradição antiquissima, e ainda hoje geral, é que foi no palacio de Sub-Ripas. Que deu origem a esta tradição? — Mysterio!

SUB-SERRA — logar, Extremadura, na freguezia da Castanheira, concelho de Villa Franca de Xira. (Vol. 2.º, pag. 159, col. 2.ª e seguintes).

Ha aqui um mosteiro de freiras de Santa Clara (franciscanas) da invocação de Nossa Senhora da Annunciada, vulgarmente denominado de *Sub-Serra*, pela sua situação na baixa da serra da Castanheira, e proximo ao sumptuoso templo de *Nossa Senhora da Barroca*, ou da *Barroquinha*, fundado pelos annos de 1665. Fica tambem a pouca distancia, o mosteiro de Nossa Senhora dos Anjos, de religiosos franciscanos, de que ja tratei no *Sobral*.

—

Condes de Sub-Serra

Manoel Ignacio Martins Pamplona Corte-Real, nasceu em Angra (Ilha Terceira) a 3 de junho de 1760, e morreu na prisão do forte da Graça, em Elvas, a 16 de outubro de 1832.

Era filho de André Diogo Martins Pamplona Corte-Real, senhor do mórgado das Salgas, na Ilha Terceira, e de D. Josefa Jacinta Merens e Távora.

Manoel Ignacio Martins Pamplona Corte-Real, foi bacharel formado em mathematica. Sentou praça — de cadête — no regimento de cavallaria de Santarem, onde foi despachado alferes. Passou como voluntario á Russia, servindo este imperio contra a Turquia, em 1788 — esteve no exercito alliado, commandado pelo duque de York, assistindo ao cêrco de Valencienes — foi ajudante-general da divisão auxiliar portugueza, na guerra do Rousillon, e depois, tenente coronel e segundo commandante da legião de tropas ligeiras, em 1797, e coronel do regimento de cavallaria n.º 9, em 1801 — brigadeiro, em 1806.

Invadindo Portugal, em 1807, o general francez Junot, á frente de uma horda de assassinos, ladrões e incendiarios, Pamplona tomou o seu partido, e fez, *voluntariamente*,

parte da chamada *divisão auxiliar portugueza*, que o malvado Junot mandou para França, ao serviço de Buonaparte, ao qual serviu sempre, com mais lealdade do que teve para com a sua patria.

Em 1810, fez parte do exercito francez de Massena, que n'esse anno invadiu Portugal, fazendo-nos guerra cruel e sanguinaria; pelo que foi pelo governo portuguez condemnado á morte, como traidor á patria.

Fez a campanha da Russia, em 1812. a favor de Buonaparte, que o fez marechal de campo, e chefe do estado-maior-general, commandante de uma legião de cavallaria, composta de portuguezes e francezes.

Buonaparte o fez grão-cruz da legião de honra, que o corso havia fundado.

Expulso Buonaparte da França, pelo tratado de Fontainebleau, de 3 d'abril de 1814, tomou Pamplona o partido de Luiz XVIII, que o fez governador militar do departamento do Loire e Cher, e depois, da Cotte d'Or, em 1815.

Não podia voltar a este reino, em vista da sentença de morte, decretada pela regencia contra todos os traidores, que, fazendo causa commum com os inimigos de Portugal, invadindo-o com mão armada, tinham perdido todos os direitos de cidadãos portuguezes.

A constituição de 1820, porém, abriu as portas a todos os traidores expatriados, enchendo-os de honras e titulos!

Pamplona, regressou a Portugal, em 1821, sendo, *logo n'esse mesmo anno*, feito ministro da guerra e deputado ás côrtes!

Em 23 de julho de 1823, foi feito 1.º conde de Sub-Serra, e em 1825, foi por embaixador á Hespanha, regressando a este reino, em abril de 1827.

O sr. Dom Miguel I, nunca poude perdoar aos portuguezes que nos exercitos de Buonaparte invadiram Portugal, fazendo-lhe crua guerra como a paiz inimigo, pelo que, por sua ordem expressa, foi preso Pamplona, e guardado incommunicavel na fortaleza de S. Vicente de Belem, sendo depois transferido para o castello de S. Julião da Barra, d'ahi para o forte de S. Lourenço *(Bugio)* e por fim, para uma das casamatas do forte da Graça, em Elvas, onde morreu.

Tinha casado a 19 de maio de 1806, com D. Isabel de Roxas e Lemos Carvalho e Menezes, dama da ordem de Maria Luiza, em Hespanha, e viuva de seu primo, Manoel de Roxas e Lemos, [1] do qual havia tido uma filha, que Pamplona adoptou, e que veio a ser a

2.ª condessa de Sub-Serra e Bemposta

D. Maria Mancia de Lemos Roxas Carvalho e Menezes Pequeno Chaves Teixeira Vahia, nascida a 5 de maio de 1805.

Foi 2.ª condessa de Sub-Serra, e 15.ª senhora da casa da Trófa — condessa da Bemposta, pelo seu casamento, e dama da rainha D. Carlota Joaquina.

Casou, em 8 de maio de 1822, com Fradique Lopes de Souza Alvim e Lemos, seu primo, conde de Sub-Serra, 16.º senhor da casa de Bordonhos (na comarca de Viseu— Vide *Bordonhos*, *Santar*, *Torre d'Alvim e Trófa*, do Douro) commendador da ordem de Christo, cavalleiro da legião de honra, em França, tenente coronel, e em 1823, ajudante de ordens do sr. D. Miguel I (quando, ainda infante, era commandante em chefe do exercito.)

Tinha nascido a 17 de janeiro de 1800, e morreu, em Paris, a 4 de outubro de 1826. Era filho de Ruy Lopes de Souza Alvim e Lemos, 15.º senhor da casa de Bordonhos, moço fidalgo, e de D. Antonia Adelaide Teixeira de Lira e Menezes. — Fallecendo seu 1.º marido, passou a 2.as nupcias (em 25 de agosto dô 1834) como Theodoro Estevam de Larue, conde de Saint Leger e 2.º conde da Bemposta, e marquez do mesmo titulo (ou da Bemposta Sub-Serra) em trez vidas, a 11 de julho de 1835. — Foi feito mestre-sala da casa-real, em 19 de fevereiro de 1836. Era commendador da ordem de S. Bento d'Aviz, cavalleiro das de S. Luiz e da legião d'honra, em França, e da de S. Fernando, em Hespanha — e brigadeiro do exercito liberal. Foi ajudante de campo, do sr. D. Pedro,

[1] Esta senhora, que foi um exemplo de constancia e fidelidade a seu infeliz esposo, acompanhando-o sempre na prizão d'Elvas, falleceu em maio de 1856.

depois, do principe D. Augusto, 1.º marido da sr.ª D. Maria II, e, por fim, do sr. Dom Fernando. Em França, tinha sido chefe de batalhão no *corp royal*, e, em 1830, pertenceu ao estado-maior do marechal duque de Raguza.

A 2.ª condessa de Sub-Serra, D. Maria Mancia, era filha de Manoel de Roxas e Lemos Pequeno Chaves Teixeira Vahia, senhor dos mórgados de Busiéllo e Adães, 14.ª senhor da casa da Trófa (do concelho d'Agueda) na qual succedeu a seu tio, Bernardo de Lemos de Carvalho e Vasconcellos, 13.º senhor da Trofa, moço fidalgo, e coronel de um dos regimentos de milicias de Lisboa, fallecido em novembro de 1805, e que fôra 1.º marido da 1.ª condessa de Sub-Serra, como já disse, e da qual teve a 2.ª condessa.

SUCÇÃES ou **SUZÃES** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella (foi da mesma comarca, mas do supprimido concelho de Lamas de Orelhão) 120 kilometros ao NE. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1768, tinha 136.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O collegio de S. Jeronymo, de Coimbra, apresentava o vigario, que tinha 80$000 réis de rendimento e o pé de altar.

Terra pouco fertil, de clima excessivo, mas saudavel. Cria bastante gado e é terra abundante de caça.

SUDRÕES — antiga villa (hoje extincta) em Traz-os-Montes, termo de Barroso. Dom Affonso III lhe deu foral, em Coimbra, a 20 de novembro de 1264. *(Livro I de doações de D. Affonso III,* fl. 72, v., col. 2.ª, no principio.)

SUEIRAS ou **SUEYRAS** — portuguez antigo — certas pedras preciosas (talvez saphiras).— *Os milhores pannos, apostados com muito aljofar, pedras ricas, penas que vivendo com El-Rei seu marido vestira: e havia huma mui formosa, e de gram valia, cuberta das mais ricas sueiras.* (Vida antiga da rainha Santa Isabel).

No testamento de D. Ermengonça, feito em 1294, se lê — *E a mha selha* (sella) *das sueiras.* (Documento d'Alpendurada).

SUEVOS — povos septentrionaes, que com os visigodos, wandalos, alanos, selingos e outros povos do Norte da Europa, depois de invadirem as Gallias. onde deixaram os ostrogodos, passaram os Pyreneus, e invadiram e saquearam a nossa Peninsula, desde 405 até 409.

Fazendo crua guerra aos romanos, os expulsaram das Hespanhas; porém, turbulentos e indisciplinados, desavieram-se nas partilhas, guerreando-se encarniçadamente, e destruindo muitas povoações da Lusitania, depois do que, Ataces, successor de Resplandiano, rei dos alanos, regulou com os outros chefes barbaros a demarcação dos reinos, ficando elle com a maior parte da Lusitania, e parte da provincia de Carthagena, tendo por capital Merida.

Alguns dos wandalos e selingos, occuparam a Betica, a que deram o nome de Wandaluzia (hoje Andaluzia) e outros, com os suevos, dividiram entre si a Galliza, ficando estes com a região que se estende desde Lisboa até ao rio Minho, fazendo Braga sua capital.

Em 585, Leovegildo, rei dos gôdos, tutor de Eburico, ultimo rei dos suevos, lhe usurpou o throno, acclamando-se senhor dos dous reinos. Assim terminou o reinado dos suevos na Lusitania.

Os monarchas suevos que reinaram na Lusitania, foram—*Hermenerico, Rechila, Reciario, Masdra, Franta, Frumario, Remismundo, Theobaldo, Veremundo, Miro, Pharaneiro, Rechila II, Ricario II, Theodomiro, Ariamiro,* e *Eburico.*

O reino dos suevos, durou uns 160 annos. (Vide *Braga).*

SUL — villa, Beira Alta, concelho de São Pedro do Sul, comarca de Vousella (foi da mesma comarca, mas do concelho do seu nome) 32 kilometros ao NO. de Viseu, 300 ao N. de Lisboa, 575 fogos.

Em 1768, tinha 224.

Orago, Santo Adrião.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O conde almirante (conde de Rézende)

apresentava o abbade, que tinha 600$000 réis de rendimento annual.

É povoação antiga. O rei D. Manoel lhe deu foral, em Lisboa, a 4 de abril de 1514. *(Livro de foraes novos da Beira*, fl. 72, columna 2.ª)

Foi cabeça do concelho do Sul, que tinha 1:300 fogos, e foi supprimido em 1853.

Antigamente eram annexas a esta egreja, as freguezias de São Martinho das Moutas, Cóvas do Rio, e Covéllo de Paivô; mas, sendo depois a egreja de S. Martinho das Moutas elevada a beneficio collativo, da appresentação da mitra, tornou-se assim independente da matriz do sul, ficando d'ahi por diante as outras duas, annexas á de S. Martinho.

O extincto concelho do Sul, comprehendia 7 freguezias, todas no bispado de Viseu, eram — Sul, São Martinho das Moutas, Cóvas do Rio, e Covêllo de Paivó, que passaram para o concelho de S. Pedro do Sul — Gafanhão, Rériz, e Pepim, que foram para o concelho de Castro d'Aire.

Ainda existe a casa da camara ameaçando ruina imminente, menos a parte que está occupada pela casa da escola de instrucção primaria. Tambem ainda existe a cadeia e o pelourinho.

Pela nova divisão judicial, ficou a villa do Sul constituida séde de um julgado, com seis freguezias.

Tem delegação do correio, e um bom mercado mensal, onde se compra e vende muito gado vaccum.

Esta freguezia, além de muito populosa, comprehende uma extensa área, e está situada em um bonito valle, regado pelos arrôios que descem das montanhas que o circumdam, e pelo rio Sul, que entra na direita do Vouga, junto á villa de S. Pedro do Sul, á qual dá o nome. Todas estas aguas, regam e fertilizam a freguezia, que produz abundancia de milho, trigo, feijão, vinho (verde, mas optimo) laranjas (de excellente qualidade) hortaliças, e legumes.

Nos seus montes se criam coelhos, lebres, perdizes e gallinhollas.

D'aqui se vê, ao N., a montanha ou serra de S. Macario, assim chamada, por existirem alli duas ermidas, ambas dedicadas a este santo; e é o ponto mais elevado d'uma cordilheira que se prolonga a O., d'onde se descobre um vasto horizonte, e que serviu de abrigo áquelle solitario anachorêta, que julgou estar alli mais proximo do céu. Vivia em uma gruta, que ainda existe.

Em memoria do venerando asceta, erigiram uma ermida que se acha situada no cume do monte, limite da freguezia de São Martinho das Moutas.

Ignora-se porém a data da fundação d'esta ermida, e o nome do seu fundador.

Quando a parochia das Moutas era filial da antiga matriz do Sul, corria a administração das esmolas e offertas da ermida, por conta do parocho de S. Martinho, que era apresentado pelo abbade do Sul; mas depois que S. Martinho passou a beneficio collativo e se emancipou da tutella do abbade do Sul, houve desavenças, por muitos annos, entre os dous parochos, movendo o do Sul uma demanda ao das Moutas, no respectivo juizo ecclesiastico (porque o abbade do Sul, emquanto apresentou o outro, recebia d'elle, parte das taes esmolas e offertas.)

Decidiu-se a favor do parocho das Moutas, como era de justiça, ficando apenas o do Sul, com o direito de hir á ermida, de cruz alçada, com uma procissão de ladainha, no dia da romaria.

Depois d'isto, o licenciado João de Mello Abreu Falcão, abbade do Sul, mandou edificar a segunda ermida, no sitio da gruta, que ficou fazendo parte da mesma ermida, mandando tambem construir junto d'ella, uma casa para o eremitão, comprando ao concelho do Sul, o terreno baldio necessario para tudo isto.

O fundador dotou a ermida, dando-lhe para patrimonio, um praso, que instituiu em propriedades suas, e que ainda hoje existe, e do qual a ermida é senhora directa. É administrado este praso — que comprehende bôas propriedades — pelo parocho do Sul, em cujo limite está a ermida, e porque o instituidor deixou isto aos parochos seus successores.

As duas ermidas, estão na distancia de 200 metros (pouco mais ou menos) uma da outra.

Celebra-se a festa commum, no ultimo domingo de julho, sempre concorridissima de romeiros, por espaço de trez dias. (Vide *Banho* e *S. Pedro do Sul*).

Devo a maior parte d'estes esclarecimentos, ao sr. Antonio de Figueiredo Rocha do Sul, pelo que lhe dou os meus cordiaes agradecimentos,

SUMMARIO — portuguez antigo — macho, mulla, azemola, ou qualquer outra bêsta de carga. — *Et XV* (15) *summarios oneratos auro, et XX* (20) *dextrarios.* (Documento de Santa Cruz de Coimbra.)

Deriva-se do grego *sagma* ou *sagmarium*, peso ou carga. *Summar* era synonimo de carregar. (Vide *Passaes*).

SUPPLICAÇÃO (casa ou tribunal da) — Era o maior e principal d'este reino, tanto no civel como no crime. Tinha o seu assento em Lisboa, no edificio que tinha servido de paços reaes, em quanto se não construiram os de Aleaçova, no reinado de D. Diniz.

Era o palacio de S. Bartholomeu, contiguo ás muralhas do castello de S. Jorge. (Para evitarmos repetições, vide no 4.º vol., pag. 123, col. 1.ª—*Palacio de S. Bartholomeu.*)

Foi instituido este tribunal, no reinado de D. João I, o qual lhe deu para *regedor*, seu sobrinho, D. Fernando da Guerra (depois bispo do Porto e, por fim, arcebispo de Braga) neto do infante D. João, filho de Dom Pedro I e de D. Ignez de Castro. Foi regedor da supplicação, até á sua morte.

Na sua primeira origem se chamou *presidente da casa da supplicação*, e depois, *regedor das justiças*. O primeiro que teve esta denominação, foi Rodrigo Gomes d'Alvarenga, pae do famoso Lopo Soares d'Albergaria, vice-rei da India.

A casa da supplicação, esteve em differentes localidades, depois de ter estado em Lisboa. No reinado de D. João II, passou da capital, para a villa de Torres-Novas, mas d'aqui fez o soberano passar os juizes para a cidade d'Evora, para o julgamento do duque de Bragança, em 1483. (Vide *Evora*).

A jurisdicção ordinaria d'este tribunal, comprehendia as provincias da Extremadura, Alemtejo e Algarve, e a comarca de Castello-Branco.

Além d'esta jurisdicção particular, tinha a casa da supplicação, o grande privilegio de conhecer dos aggravos e appellações da casa do civel do Porto, nas causas que excediam a sua alçada, pois que a supplicação a tinha toda; mas havia *revista*, nas sentenças sobre bens de raiz, que excediam o valor de 300$000 réis — e nas dadas sobre bens moveis, que excedessem o valor de 400$000 réis. Isto, por uma lei de Dom Pedro II, datada de 26 de junho de 1696.

Compunha se este tribunal de 40 ministros, os quaes *apontavam as Ordenações*, pela ordem seguinte: — um *chanceller*; dez *desembargadores* dos aggravos e appellações; dous *corregedores* do crime, da corte; dous *corregedores* do civel, tambem da côrte; dous *juizes dos feitos da corôa e fazenda;* quatro *ouvidores* das appellações de causas crimes; um *procurador dos feitos da coroa;* um *procurador dos feitos da fazenda;* um *juiz da chancelleria;* um *promotor da justiça;* e 15 *desembargadores extravagantes.*

Depois se alterou o numero d'estes ministros, que chegaram a 42. Tiraram-se dois ouvidores das appellações crimes (que eram quatro) e accrescentaram-se trez desembargadores extravagantes.

Juntavam-se estes ministros, na grande sala da relação, onde se repartiam por sete mezas, na fórma seguinte — *meza grande*, a que presidia o regedor da justiça, sentado em cadeira de espaldas, debaixo de um docél, e aos lados, em bancos estofados, os 10 desembargadores de aggravos. Á direita da meza grande, estava a meza dos corregedores do crime, da corte.

Seguia-se outra meza, do mesmo lado, que era a dos dois juizes da corôa e fazenda, e na qual tambem assistiam os dous procuradores regios, e na qual despachava tambem o juiz das capellas.

Seguia-se outra meza, ainda do mesmo lado direito, que era a dos desembargadores extravagantes. Do lado esquerdo da meza grande, ficava a meza dos desembargadores dos aggravos. A esta meza se seguia a dos ouvidores do crime, na qual tambem despachava o juiz da chancellaria.

Finalmente, a esta meza, se seguia outra,

chamada dos *hospedes*, na qual despachava o juiz dos contos; o juiz do fisco; e o juiz conservador da junta do commercio, antes da suppressão d'esta junta. N'esta meza, tinham tambem assento os dous corregedores do civel da côrte, quando hiam á relação.

—

Este tribunal, foi supprimido em 1834; ou, para fallar com mais propriedade, foi chrismado em *supremo tribunal de justiça.*

SÚRIO — portuguez antigo — sem rabo, derrabado. Ainda se uza nas provincias do norte.

SUSÃA ou **JUSÃA** — portuguez antigo — de cima — v. gr., *Caria Susãa*, Caria de Cima. É o contrario de *jussãa*, que significa *debaixo*, v. gr., *Caria Jussãa*, Cariá de Baixo.

Antigamente dizia-se — *de juso*, abaixo — *de suso*, acima.

Ainda hoje se diz *juzante*, da maré que vasa (vazante) ou da cousa que fica inferior — e *montante*, a maré que sóbe.

—

Esta preposição já existia no tempo dos gôdos, como se vê na poesia attribuida a D. Rodrigo, ultimo rei gôdo das Hespanhas, na qual se lê:

Di juso da sina do Miramolino.

(Vide o 1.º vol., pag. 238 H. H., columna 1.ª)

É pois gallicismo antiquissimo em Portugal, provavelmente trazido pelos galloceltas. Os francezes ainda dizem, *sous*, debaixo — *sus*, de cima.

SUXAR — portuguez antigo — dispensar, abrandar, remittir, etc. (Documento de Tarouca, do seculo XIV.)

SUZANA — Vide *Santa Suzana.*

T

TABAÇÔ ou **TABASSÔ**—freguezia, Minho comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, 30 kilometros ao O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 45 fogos.

Em 1768, tinha 24.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 230$000 réis de rendimento annual.

É terra fertil.

É povoação muito antiga, pois já era parochia, em 1239, com o nome de S. Christovam. Era então do bispado de Tuy.

TÁBOA ou **TÁBUA** — villa, Douro, cabeça do concelho e da comarca (de 3.ª classe) do seu nome (foi do mesmo concelho, mas da supprimida comarca de Midões). Pertence ao districto judicial da relação do Porto, e á 2.ª divisão militar. 48 kilometros a E. de Coimbra; 6 de Midões, e de S. João d'Areias; 12 de Côja, Farinha Podre, e Oliveira do Hospital; 18 da villa d'Avô; e 240 ao N. de Lisboa.

Tem 700 fogos.

Em 1768, tinha 323.

Orago, Santa Maria Maior, ou Nossa Senhora das Neves.

Bispádo e districto admnistrativo de Coimbra.

O conde da Cunha apresentava o prior, que tinha 400$000 réis de rendimento annual.

Nunca teve foral velho ou novo.

O concelho de Táboa, é composto de 16 freguezias, todas do bispado de Coimbra, são — Azere, Caudosa, Carapinha, Cóvas, Covêllos, Espariz, Meda de Mouros, Midões, Mouronho, Oliveira de Fazemão, Oliveirinha, Pinhero de Côja, Póvoa de Midões, Farinha

Pôdre (S. Paio) Sinde, e Táboa, todas com 4:300 fogos.

A comarca da Táboa, comprehende o concelho de Oliveira do Hospital, com 2:100 fogos, e o da Táboa, com 4:300 — total, 6:400.

Pela nova divisão, comprehende 3 julgados — Midões, Mouronho e Táboa.

Tem estação telegraphica.

As terras de Taboa, são uma aggregação de diversas povoações, que todas em commum teem este nome; mas nenhuma em particular, porisso que cada uma d'ellas é designada pelo seu nome proprio: Alvarelhos, porém, *Villa Antiga*, é como o centro e a principal de todas ellas.

O nome de Táboa, provem de uma ponte de madeira que aqui havia sobre o Mondêgo.

Hoje está substituida por uma ponte de cantaria lavrada, com cinco arcos.

Consta que n'outro tempo, houve no antigo concelho de Táboa, alguns mosteiros de freiras, mas não existe d'elles o minimo vestigio.

Foi outr'ora da provedoria da Guarda e correição de Viseu; depois foi, até 1834, da correição d'Arganil.

O actual concelho de Táboa, comprehende os antigos concelhos, supprimidos, de Azere e Sinde.

A superficie d'este concelho, é montuosa, mas aprasivel, pelos valles que o cortam e águas que o fertilizam, pois que, além de diversas fontes, nascem dentro dos seus limites, as ribeiras seguintes:

Ribeira de Táboa, que nasce junto a Sergudo, e desagúa no Mondêgo.

Ribeira do Remouco, que depois toma o nome de *Ribeira d'Azere*. Nasce junto á povoação das Ollas, e morre no Mondego.

Ribeira das Barras, que desagúa no rio Cavallos, que divide este concelho do de Midões.

Ribeiro de S. Facundo. Nasce junto á povoação do seu nome, e se junta á Ribeira de Táboa.

Ribeiro da Cabrieira. Nasce junto a Mancellos, e morre no Mondêgo.

—

É terra fertil em milho, centeio, azeite, bom vinho, legumes, castanhas e algum trigo.

Cria bastante gado e ha por aqui muita caça miuda.

—

Em fevereiro e março de 1876, grassou aqui uma epidemia de typhos, que matou muita gente. Houve casas em que morreu toda a familia!

A egreja matriz de Táboa, foi restaurada em 1876, á custa do povo, dando o governo um conto de réis para ajuda das obras, tirado do cofre das bullas.

Os Cunhas, eram senhores donatarios d'esta freguezia, e tinham aqui os seus paços. Principiou esta familia em um bisneto de Guterres da Cunha, por nome Vasco Lourenço da Cunha.

D. Antonio Alvares da Cunha, senhor de Táboa, foi pae do famoso D. Luiz da Cunha (Vide 4.º vol. pag. 328, col. 1.ª)

Estes Cunhas eram tambem senhores do extincto concelho de Gestaçô. (Vide 3.º vol., pag- 277. col. 1.ª)

Havia n'esta freguezia quatro casas vinculadas, todas de bons rendimentos.

Táboa era um concelho da comarca de Midões, e, por causa das atrocidades do tristemente celebre facinora, João Brandão (João Victor da Silva Brandão) foi a comarca de Midões transferida para a Táboa, em 1855. (Vide 5.º vol., pag. 211, col. 1.ª e seguintes.) Consta que João Brandão morreu no Bihé (Africa) em 1880.

—

D. Raymundo, conde de Coimbra, casado com a rainha D. Urraca, filha de D. Affonso VI, de Leão e Castêlla (que havia tomado o titulo de *imperador das Hespanhas*) deu em janeiro da era de Çesar 1095 (1057 de J. C.) no sitio da *Varzea da Táboa*, uma grande batalha aos *reis* mouros de Lisbôa e Leiria, desbaratando-os. Chamava-se o *rei* de Lisbôa, *Iben-Rasis*, e o de Leiria, *Turfon*.

Os que desejarem saber circumstanciadamente este facto historico, vejam a *Fundação, antiguidades e grandezas de Lisboa*, por Luiz Marinho d'Azevedo, pag. 222 e seguintes.

Nasceu na Tábóa, o 5.º arcebispo de Braga,

TABOAÇAS ou **TABUAÇAS** — freguezia, Minho, concelho de Vieira, comarca da Póvoa de Lanhoso, 18 kilometros ao N. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1768, tinha 138.

Orago, S. Julião.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis de rendimento annual.

É terra fertil. Gado e caça.

Ha aqui uma fabrica de louça grossa, de bôa qualidade.

TABOAÇO ou **TABUAÇO**—villa. Beira Alta, cabeça do concelho do seu nome, na comarca d'Armamar (foi do mesmo concelho e da comarca do seu nome, supprimida) 24 kilometros a E. de Lamego, 360 ao N. de Lisbôa, 355 fogos.

Em 1768 tinha 184.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu. [1]

O reitor de Barcos, apresentava o cura, que tinha 80$000 réis de rendimento. Depois, passou a apresentação para as freiras do Coração de Jesus (Estrella) de Lisboa.

O concelho, é composto de 13 freguezias, todas no bispado de Lamego, são — Adorigo, Arcos, Barcos, Chavães, Granja do Tédo, Longa, Paradella, Pinheiro, Santa Leocadia, Sendim, Taboaço, Távora e Valle de Figueira. — Todas com 2:300 fogos.

Pela nova divisão, é cabeça de julgado.

Pertence á 2.ª divisão militar.

Está situada a 8 kilometros da margem esquerda do Douro, e 2 ao S. O. da esquerda do Távora.

São n'este concelho as famosas minas de chumbo, denominadas de Adorigo, da *Companhia de mineração plombifera d'Adorigo*, cujos estatutos foram approvados, pela repartição competente, e publicados no *Diario do Governo*, de 18 d'agosto de 1875.

[1] Foi séde de comarca, até 1855, mas a capital era a villa de Barcos: n'este anno, foi supprimida a comarca, ficando o concelho pertencendo, até hoje (1881) á comarca de Armamar.

Estas minas são nos seguintes logares — *Abergan, Lambugal, Santa Leocadia, Adorigo* e *Portella dos Córvos*.

Está em lavra activa, e tem dado bons resultados á empreza.

—

Taboaço, fica 120 kilometros a E. do Porto, 24 a E. de Lamégo, 20 a NO. de Moimenta da Beira, e 24 ao SO. de S. João da Pesqueira.

Teve antigamente, juiz de fóra, officiaes de justiça competentes, capitão mór e dous capitães de ordenanças, com as suas respectivas companhias.

Nunca teve foral, novo nem velho.

Houve n'esta frequezia as ermidas de S. Vicente, S. Payo, Santa Barbara — e os oratorios dos herdeiros de Pedro Guedes de Vasconcellos, e dos de Antonio da Motta.

Adiante vão mencionadas as actuaes.

Está situada em terreno levemente accidentado, a meia encosta da serra de Chavães, descendo para o rio Távora. O seu clima é ameno, temperado e salubre.

Consta que em tempos antigos, esta egreja pertenceu aos templarios.

As freiras da Estrella, receberam, até 1834, os dizimos, e pagavam a congrua ao parocho.

Hoje, é abbadia, sendo seu actual abbade, o reverendo Antonio Soares Martinho, natural d'esta villa, e collado em novembro de 1853.

É terra fertil, em optimo vinho, azeite, cereaes, fructa, baga de sabugueiro (para *confecção* — ou *corrupção*... — do vinho, chegando ás vezes a dar a 4$000 réis o alqueire) [1] batatas, legumes, etc, tudo de superior qualidade. Antes da invasão do *oidium tukeri*, produzia esta parochia, termo medio, 1:500 pipas de vinho, de mesa e de embarque, que produzia de 40 a 50 contos

[1] O préço da baga de sabugueiro, é muito incerto: ás vezes, no mesmo anno, desce a 400 réis o alqueire, e sóbe a 4$000 réis.) A producção d'este genero, anda por 3:000 alqueires, e ha annos em que esta freguezia tem apurado, de 6 a 8 contos de réis, só em baga; muito mais do que hoje faz em vinho e azeite.

de réis. A producção d'azeite, anda por 120 a 130 pipas por anno.

Os vinhos superiores (denominados *do Porto*) são produsidos pelas vinhas das margens do Douro e do Távora.

Toda a fructa é excellente, e secca-se muita para exportação.

—

Ainda no principio d'este seculo, por aqui appareciam com frequencia, javalís e lobos: hoje não ha. É verdade que, em dezembro de 1880, um lôbo, levado pela fóme, desceu á villa, e entrou em uma casa cuja porta achou aberta, e poz-se a comer figos seccos. Chegou o dono da casa, e fechando immediatamente a porta, matou o lobo com um tiro. Isto causou grande admiração ao povo da villa, por ser um facto rarissimo.

—

A egreja matriz, de architectura toscana, está no centro da villa, é de construcção sólida, toda de cantaria, mas sem reboco, o que lhe dá uma apparencia sobremaneira triste. É de uma só nave. A capella-mór, foi construida no seculo XII, e o corpo da egreja, é reconstrucção do seculo XVI.

Tinha uma irmandade das almas, muito antiga, que, em 1866, foi transformada em associação de soccorros mutuos, com o titulo de *Associação fraternal taboacense*, e com o fundo de 6:000$000 réis.

Ha n'esta egreja, uma capella particular, dedicada a Santo André, que foi da casa do Fontão, e hoje é da familia dos Pintos Guedes, representada pelo marechal de campo, o sr. Pedro Maria Pinto Guedes, residente n'esta villa.

—

Ermidas d'esta freguezia

1.ª, *S. Vicente* — a uns 200 metros a NE. da villa.

2.ª, *Santa Barbara* — a O. da villa, e quasi contigua a ella. Serve hoje de capella do cemiterio municipal.

3.ª, *S. Placido* — a uns 900 metros a O. da villa.

Estão todas bem conservadas e n'ellas se celebram os officios divinos.

—

Junto á ermida de S. Vicente, tem apparecido vestigios de antiquissimas construcções, talvez romanas — como tijolos, grandes pedaços de cimento, uma especie de punhaes, grandes pregos de cobre, e moedas romanas de cobre e prata.

Ha um bom e vasto cemiterio municipal, principiado em 1838. Foi notavelmente embellezado pela camara, desde 1858 a 1862, sendo presidente o sr. Joaquim Ferreira de Macedo Pinto; a cuja iniciativa deve Taboaço, este e muitos outros melhoramentos publicos, como estradas, novos paços do concelho; do que tudo foi elle mesmo o engenheiro, e por muitas vezes, adiantando dinheiros seus, para estas obras.

Á familia Macedo Pinto, dêve este concelho muitos e avultados beneficios, pelos grandes melhoramentos que lhe tem proporcionado.

—

Está villa, tem progredido consideravelmente, ha uns 30 annos. Alargaram-se algumas ruas, ábriu-se um bairro novo, a SO., com cinco extensas ruas, bem alinhadas, ás quaes se poz as seguintes denominações — *Central, da Alegria, do Conde de Ferreira, do Hospital,* e *da Bôa Vista.* Já n'ellas ha excellentes edificios particulares, e mais haveria, se o philoxera não fizesse perder grande parte dos rendimentos, aos proprietarios de vinhas.

É n'este bairro, a escola do conde de Ferreira, na rua do seu nome.

—

Os paços do concelho, de architectura normando-gothica, é um dos melhores edificios da villa, assente sobre arcos de cantaria, sob os quaes ha mercado, tres vezes por semana. Está ao nascente da praça, e no centro da povoação.

—

Entre os edificios particulares, são dignos de nota, a casa do marechal de campo, de que já se fallou — o do Fontão, da familia Cunha, de Sernancêlhe; parentes do marquez de Pombal, e que hoje pertence ao sr. Antonio Joaquim d'Oliveira Guimarães, que a comprou e restaurou — as casas da fami-

lia Macedo Pinto, uma na rua do Arrabalde e outra na Praça-Nova, sendo esta o melhor edificio particular da villa. Foi construida de 1850 a 1852. Comprehende, casa de habitação, capella, armazem, cocheira, um lindo parque, dous lagares de azeite, de systema aperfeiçoado, e outras officinas. A casa da bibliotheca, tem uns 3:500 volumes.

Todo o interior do edificio, está explendidamente adornado e mobilado.

Tambem pertence a esta esclarecida familia, a grande e bella *quinta do Hospital*, com vastos campos, grande pomar, de fruta variadissima; optimas ramadas, de videiras escolhidas; um espaçoso lago, com seu cahique; uma matta, com cêrca de 6 kilometros de circumferencia, toda murada, tendo no centro varias e formozas ruas, bem assombradas por differentes qualidades de arvores, como eucalyptos, acacias, araucarias, varias especies de pinheiros, cedros, criptomérias, grafileas, castanheiros, carvalhos, sobreiros, etc.

A maior parte d'esta matta, foi feita em 1840, semeando-se-lhe 1:200 alqueires de semente de *pinus maritima*. O resto da matta, é muito antigo.

É, sem contestação, uma das mais bellas e amplas mattas de Portugal.

Alem d'esta quinta e de varios predios na villa, tem esta familia, a pouca distancia d'ella, as quintas de *Espinho*, *Panascal*, *Fornéllos*, e *Rio-Bom*, todas com casas de habitação. Todas davam excellente vinho de embarque, mas o philoxera tem destruido a maior parte das vinhas.

Teem bons pomares de fructa, olivaes e cearas.

Produzem optimas laranjas. A quinta de Rio-Bom, tem produzido, em alguns annos, 15 pipas de azeite.

A melhor quinta para vinho, pertencente a esta familia, era a de Fontéllo, a 2 kilometros a NO. da villa, e contigua á estrada do Douro. Foi replantada como typo, desde 1860 a 1865, comprehendendo cêrca de 70:000 videiras, de qualidades escolhidas. A plantação de cada milheiro de cêpas, custou 300$000 réis — total, *vinte e um contos de réis!* Era a melhor e mais extensa vinha de Portugal, e poucas no estrangeiro se lhe avantajariam. Podia produzir dezenas e dezenas de pipas do famoso *Port-wine*, mas hoje apenas produz tres (!) porque está toda philoxerada.

Horroriza ver tão vasta e bella propriedade, que tanto dinheiro custou a seus donos, hoje reduzida quasi toda a monte, como estão quasi todas do Alto-Douro.

A pequena distancia d'esta quinta, estão as do Panascal, da mesma familia, tambem muito vastas e que foram umas bellas propriedades, com 80:000 videiras, as quaes, devendo hoje produzir 80 pipas de vinho superlativo, estão egualmente philoxeradas e reduzidas a monte!

—

Ha n'esta villa, desde 1875, uma bibliotheca publica, annexa á escola de instrucção primaria do sexo masculino, contando já uns mil volumes, muitos d'elles offerecidos pelo fallecido visconde de Macedo Pinto (do qual se tratou em Sendim, d'este concelho) e os restantes, comprados pela camara, ou offerecidos por particulares.

Está em construcção o edificio para a nova escola complementar, e para a bibliotheca Macedo Pinto.

Os senhores Macedos Pintos, offereceram-se para pagar metade do custo d'este edificio, que segundo o orçamento prévio, anda por 1:921$000 réis, devendo o resto, egual quantia, ser paga pelo governo.

O sr. doutor, José Ferreira de Macedo Pinto, offereceu já, para esta bibliotheca, perto de 2:000 volumes, quasi todos de sciencias naturaes.

Segundo aquella proposta e generosas offertas, a creação d'este estabelecimento de instrucção publica, brevemente será convertida em lei.

Ensinar-se-ha n'esta escola, um curso de dous annos, comprehendendo noções de arithmetica, algebra, geometria e trigonometria; desenho linear e de paizagem; principios de economia e administração publica, principios de physica e chimica; historia natural; construcções ruraes; e agricultura pratica, apropriada ás condições do sólo e clima d'este concelho.

—

Houve em Taboaço, familias distinctas, de appellido Cunha (da casa do Fontão) Pintos Guedes, Sás Rebellos, Mottas, Rebellos, Silvas, Costas, Soares, Ribeiros, etc. — Hoje as principaes são — a do marechal de que já se fallou, casado e com successão — a do senhor Antonio Joaquim de Oliveira Guimarães, actual presidente da camara, tambem casado, e com successão — a dos Sás Rebellos — e a dos irmãos Macedos Pintos, uma das mais notaveis da provincia, pela sua illustração, nobreza de caracter, e avultada fortuna.

Já no artigo *Miragaia* (Porto) se fallou d'esta familia, aqui accrescento —.

Ê conhecida a familia Macedo Pinto, desde os primeiros annos do seculo XVII, pelos seus haveres e eminentes qualidades. Procede de ricos lavradores da villa de Barcos, e descende de Simão de Mattos Leitão e de sua mulher, Domingas de Macedo Pinto. Seu filho, João de Macedo Pinto, casou em Taboaço, com Jeronyma Ferreira. D'elles procedem homens conspicuos pela sua virtude, intelligencia, probidade, e amor ao trabalho.

Foram d'esta familia —.

D. Maria Thereza de Macedo Pinto, regente do recolhimento do Freixinho, e alli fallecida, em 25 de agosto de 1794, em cheiro de Santidade.

Dr. Bernardo Antonio Ferreira de Macedo Pinto, juiz de fóra de Sortélha, e Belmonte, corregedor de Ourem, nomeado juiz da relação do Porto, fallecido pouco depois da sua nomeação.

Padre José de Deus Rodrigues, freire d'Aviz, doutor em canones, prior de Carregozella, sacerdote de muita sciencia e virtudes.

—

Manoel Ferreira de Macedo Pinto, pae dos actuaes representantes d'esta esclarecida familia, casou com D. Maria de Deus, senhora virtuosissima e esmeradamente educada, herdeira de avultados bens de fortuna, natural de Guidieiros, freguezia de Sendim, d'este concelho. Foram seus filhos —.

1.° *Bernardino de Senna Macedo Pinto*, bacharel em direito. Seguiu por algum tempo a carreira da magistratura; mas retirou-se a sua casa, para não tomar parte nas luctas partidarias que ha tantos annos teem enlutado Portugal. Tem sido varias vezes procurador á junta geral do districto de Vizeu, presidente da camara e administrador do concelho de Taboaço. Está ainda solteiro.

2.°, *Vicente Ferreira de Macedo Pinto*. Casou com D. Maria Duarte Costa, d'esta villa, e reside na cidade do Porto. Está viuvo e sem filhos.

3.°, *Antonio Ferreira de Macedo Pinto* — visconde de Macedo Pinto, vide *Sendim*, d'este concelho, e *Miragaia*, do Porto. Era casado com a sr.ª D. Anna Clementina Peres Moreira, viscondessa, hoje viuva e sem filhos.

4.°, *D. Maria da Piedade Macedo Pinto*, senhora virtuosissima, que falleceu solteira.

5.°, *Manuel Ferreira de Macedo Pinto*. Exerceu, com grande credito e por muitos annos, a profissão de negociante de vinhos, no Porto, legando á sua familia, um nome sem mancha, e alguns centos de contos de réis. Era solteiro.

6.°, *José Ferreira de Macedo Pinto*, do qual adiante se trata especialmente.

7.°, *Antonio Thomaz Ferreira de Macedo Pinto*, — Casou n'esta villa, com D. Guilhermina Duarte e Costa, da qual teve trez filhos e trez filhas. Dos trez filhos, um seguiu a carreira militar, e é official do regimento de infanteria n.° 9, de quartel em Lamego — Os outros dous, exercem a profissão do commercio no Brazil.

As trez filhas (D. Camilla, D. Ermelinda, e D. Maria do Carmo) ainda estão solteiras.

Possuem uma educação esmeradissima, sendo adornadas de todas as prendas que podem enobrecer uma senhora da mais alta cathegoria. Poucas senhoras haverá em Portugal, de tanta illustração e prendas.

—

8.° *Joaquim Ferreira de Macedo Pinto* — ainda solteiro, e do qual por varias vezes temos fallado n'este artigo.

É um cavalheiro muito illustrado, activo, tratavel, e administrando a sua grande casa, que é um modelo de bom governo.

—

José Ferreira de Macedo Pinto, 6.º filho, nasceu em Guedieiros, freguezia de Sendim, em 15 de junho de 1814. Matriculou-se (contra sua vontade) no 1.º anno de philosophia e mathematica, na universidade de Coimbra, em 1835, e tendo cursado dous annos de mathematica e trez de philosophia, como preparatorios para o curso de medicina, matriculou-se no 1.º anno d'esta sciencia, em 1838.

Frequentou o 4.º anno philosophico, no anno lectivo de 1841 a 1842, na qualidade de ordinario, e o 5.º, no anno seguinte.

Formou-se em philosophia, em 26 de maio de 1843, e em medicina, a 31 de julho do mesmo anno. Frequentou o 6.º anno medico, de 1843 a 1844, tomando grau de *licenciado* em medicina, a 14 de novembro de 1844, e doutorando-se no 1.º de dezembro do mesmo anno.

Foi premiado, no 4.º e no 5.º anno de philosophia, com o 1.º partido de 50$000 réis, e não obteve premios nos outros annos d'esta faculdade, porque a universidade os não concede á classe de *obrigados*.

Em medicina, foi lhe dado, no 2.º anno, o 1.º premio de 40:000 réis, e o 1.º partido de 50$000 réis. No 3.º, 4.º e 5.º annos. obteve o partido de 50$000 réis.

Fez um curso de 30 lições, em phisiologia experimental, para ser admittido á classe de oppositor, para a qual se habilitou com o respectivo auto, a 23 de maio de 1845.

Foi nomeado substituto extraordinario da 1.ª cadeira de clinica, em congregação de 18 de dezembro de 1845, e principiou a reger a dita cadeira, em março de 1846.

Em 1845, recitou a oração *de sapientia*, que foi impressa.

Exerceu o cargo de secretario da sua faculdade, desde 8 de novembro de 1845, até 10 de novembro de 1849, e em seguida, trez annos, o de fiscal da mesma faculdade.

Foi nomeado demonstrador do theatro anatomico da universidade, por decreto de 4 de agosto de 1846, tomando posse a 24 d'esse mez.

Ainda em 1846, foi pelo reitor da universidade, nomeado membro de uma commissão, encarregada de fazer ensaios sobre o *magnetismo animal*, e publicou um folheto d'estes ensaios.

Foi nomeado *substituto ordinario*, da faculdade, por decreto de 9 de agosto de 1851, e n'esta qualidade, regeu com distincção varias cadeiras. Por decreto de 14 de março de 1855, foi nomeado lente cathedratico, com exercicio na cadeira de medicina legal, hygiene publica, policia medica, e historia geral de medicina.

Regeu esta cadeira, com a maior distincção, até novembro de 1866, e creou um gabinete de chymica medica, que dirigiu: gabinete que prestou importantes serviços ao estudo da toxicologia e politica medica, á physiologia, á anatomia, e a outras cadeiras da faculdade, e á administração da justiça.

Desde 1842 até 1856, tambem exerceu a clinica, com bons creditos.

Na qualidade de substituto extraordinario, do conselho superior de instrucção publica, foi addido á 1.ª secção d'este conselho, em 31 de janeiro de 1845, e nomeado secretario da 3.ª secção, em janeiro de 1848, e alli elaborou o *Regulamento geral para as escolas* medico-cirurgicas insulares.

Foi nomeado vogal effectivo do conselho superior de instrucção publica (em Coimbra.)

Por occasião do colera-morbus, foi nomeado, por portaria de 31 de agosto de 1855, director do hospital dos colericos, cargo que acceitou sem reluctancia, apezar do seu grande perigo. Organizou e dirigiu o dito hospital, com zelo, dedicação e energia, fazendo um regulamento, que foi approvado pelo governo civil. Estes relevantissimos serviços foram prestados gratuitamente.

Exerceu ainda varias outras commissões, sempre com a sollicitude e inteireza propria do seu honrado caracter.

Foi eleito deputado ás cortes, pelo circulo de Lamego, na legislatura de 1856 a 1857, sendo então a causa da construcção da estrada marginal da Regua á villa da Pesqueira.

Obteve a sua jubilação, com o ordenado por inteiro e sem ficar sujeito a cabimento, por decreto de 21 de novembro de 1866.

Ainda depois, exerceu importantissimas commissões de serviço publico, concernentes á sua faculdade, sempre com geral louvor, pelos seus resultados.

Publicou as seguintes obras—*Compendio de veterinaria*, impresso na typographia da Universidade, em 1852. É um volume em 8.º

2.ª edição — *Compendio de veterinaria, ou curso completo de zoointrica domestica*, publicado pela mesma typographia, em 1854. São dous volumes, em 8.º

3.ª *edição da mesma obra*, na mesma typographia. São trez volumes, em 8.º grande.

Guia do alveitar — um volume em 12, publicado em 1852. Teve 2.ª edição, em 1854, e 3.ª em 1870.

Tratado elementar de medicina legal, ordenado segundo a legislação portugueza, por J. P. Furtado Galvão. A 1.ª parte d'esta obra, foi impressa no Porto, em 1855 — a 2.ª parte, por José Ferreira de Macedo Pinto. Typographia da universidade, 1858, dous volumes, em 8.º grande.

Toxicologia judicial e legislativa. Typographia da universidade, 1860. É um grosso volume em 8.º grande.

Medicina administrativa e legislativa. Typographia da universidade, o 1.º volume em 1862, o 2.º, em 1863. São dous grossos volumes em 8.º grande.

—

Por decreto de 3 de outubro de 1866, foi agraciado com a carta de conselho, *pelos valiosos serviços prestados ás sciencias e ás lettras*, etc. etc.

É socio correspondente da Academia real das sciencias de Lisbôa — socio correspondente da Associação industrial portuense — socio correspondente da sociedade das sciencias medicas, de Lisboa — socio effectivo do Instituto de Coimbra, do qual foi um dos fundadores — socio correspondente do Instituto medico valenciano — socio correspondente da sociedade de medicina de Leão —e, finalmente, socio correspondente da sociedade de anthropologia de Pariz, etc. etc.

—

Ha na villa uma philarmonica, creada em 1856, e um bom theatro, situado no alto da povoação, junto à capella de Santa Barbara. Foi construido por uma sociedade de curiosos, em 1844, em um grande armazem, propriedade das freiras do Coração de Jesus (Estrella) de Lisboa, e que era a sua tulha dos dizimos. Em 1856, afrouxou o zelo dos associados, e o theatro estava em completo abandono e prestes a ser demolido pelo dono do armazem, por lhe deverem a renda de alguns annos. Então, o sr. Joaquim Ferreira de Macedo Pinto, comprou n'aquelle anno o edificio, e não só conservou o theatro, mas o restaurou e ampliou, á sua custa, fazendo avultadas despezas.

Tem este theatro um palco espaçoso e bons camarins — duas ordens de camarotes, com 20 em cada ordem; plateia, com 102 logares; espaço sufficiente para a orchestra; bom scenario, e casa para arrecadação. Tudo isto, á custa do sr. José Ferreira de Macedo Pinto.

—

Em 1874, foi creada n'esta villa uma *Companhia edificadora*, com o capital de 24 contos de reis, e que já construiu 16 predios, por conta propria e de particulares, sendo estes pagos em annuidades, de um até 20 annos, á vontade dos devedores.

Proseguem as construcções (julho de 1881.)

—

Esta villa, é fornecida de bom peixe, do Douro e do Távora, e tambem recebe peixe do mar, pelo caminho de ferro do Douro, que lhe passa a 8 kilometros ao norte.

A sua agua potavel é excellente e em abundancia. Nasce a meia encosta da serra de Chavães, por entre uma penedia de granito, a ultima pedra d'esta especie que ha d'aqui para o N, pois que até á margem esquerda do Douro, todo o terreno é de schisto, secco e ardente, e é por essa razão que produz vinho de optima qualidade, superior ao que se cria nas immediações da villa, onde o terreno é granitico. Perde porem em qualidade, o que ganha em quantidade. Aqui, mil pés de vide, produzem regularmente, 3 e 4 pipas de vinho; em quanto que no terreno schistoso, egual porção de vides, apenas produzem uma pipa, e ás vezes metade.

—

A viação publica d'este concelho, é a mesma do principio da nossa monarchia: apenas tem alguns kilometres de estrada nova, á mac-adam, na margem do Douro, paralella á linha ferrea que segue pela margem opposta.

Anda agora em construcção uma estrada districtal, de Viseu por Moimenta da Beira, ao Douro, que ha-de atravessar o concelho de Táboa, e passar pela margem esquerda do Távora, a pouca distancia d'esta villa: porém ainda tem construidos só dous kilometros, nas proximidades de Moimenta da Beira, apezar de se ter principiado em 1875!

—

Este concelho, é hoje uma terra de gente pacifica e ordeira, laboriosa e tratavel: não era assim, durante as luctas politicas, desde 1820 até 1836, e ainda algum tempo depois. O povo d'aqui — na sua maxima parte — era temido em todo o Alto-Douro, pela sua turbulencia e excessos de toda a casta, não trepidando ante o roubo e os assassinatos que praticava com frequencia e impunemente, sendo o terror da gente pacifica. Ainda em 1846 e 1847, por occasião da guerra da *Patuleia*, se renovaram as terriveis scenas de outro tempo; mas, felizmente, esta guerra pouco durou. Contribuiram muito para a pacificação d'estes desordeiros, dous magistrados de *rija tempera* — o juiz de direito, Joaquim da Cunha Freire Pignatelli da Gama Souto-Maior, depois de 1836, e, depois de 1858, o juiz de direito Guilherme Germano Pinto da Fonseca Telles, efficazmente secundado pelo seu primeiro substituto, o doutor Germano Lopes Freire de Gouveia, da villa de Goujoim, ambos já fallecidos.

Foram estes dous energicos e corajosos magistrados, que fizeram metter na cadeia e degredaram para as costas da Africa, grande numero de criminosos; e assim fizeram conter em respeito os turbulentos e os de maus instintos.

Lancemos porem um veu sobre tão escura pagina da historia de Taboaço, cujo veu, por um pouco me vi obrigado a levantar, pelo dever de historiador.

—

Em 1863, deu-se n'esta villa um facto digno de nota.

Veio aqui o juiz de direito de Armamar, julgar os reus d'este concelho No dia do julgamento de uns valentões de Porto-Manso (margem do Douro) arraes e marinheiros de um barco rabêllo, que por causa de *dés réis*, (!) tinham assaltado a quinta do Espinho, dos senhores Macedos Pintos, ferindo gravemente o caseiro, se encheu completamente o tribunal de espectadores (e eu fui um d'elles) pelo desejo de ouvir os dous advogados da defeza, que foram, o doutor Antonio Julio, de S. João da Pesqueira, que, com rasão, gosava de grande prestigio no Alto-Douro, e o doutor João Maria Mergulhão Neves Cabral, de S. Romão de Armamar, tantas vezes citado n'esta obra, e um dos primeiros jurisconsultos do paiz.

Ambos se houveram brilhantemente, sendo os reus absolvidos.

Foi sahindo a multidão da casa da audiencia, e, quando apenas alli estavam umas cincoenta e tantas pessoas, abateu a maior parte do pavimento, precipitando nas lojas todos quantos estavam sobre elle; mas, cahindo o soalho sem se desconjunctar, os cahidos apenas soffreram o susto e algumas leves arranhaduras. A parte da sala onde estava o juiz, delegado, advogados e eu, esperando que sahisse a turba multa, ficou firme.

Um dos jurados, que tambem tinha cahido, quando lhe dei os parabens, por escapar incolume, respondeu-me — «Esta hade lembrar-me sempre!... É a 2.ª vez que abate o tribunal, sendo eu jurado, e de ambas as vezes se disse que o jury foi iniquo!»

—

Na tarde do dia 30 de junho, d'este anno de 1881, um pavoroso incendio reduziu a cinzas a vasta e bella casa da residencia da sr.ª D. Leopoldina de Jesus Maria, de Santa Leocadia, d'este concelho.

Quazi toda a gente d'estes sitios accudiu immediatamente, mas não foi possivel salvar cousa alguma, pela espantosa rapidez com que o incendio se propagou a todo o edificio.

A proprietaria, querida e estimada de todos, pelas suas excellentes qualidades, e pela caridade que foi sempre uma das suas principaes virtudes, perdeu a sua sumptuosa casa, solar de seus maiores, toda a explendida mobilia, roupas e tudo quanto estava no edificio, e grande quantidade de vinho, azeite, cereaes e outros generos que estavam nos armazens.

Nada estava seguro.

Felizmente não houve victimas, nem mesmo ferimentos; mas todo o povo ficou sinceramente consternado por tão grande desgraça, e por, em poucos momentos, vêr destruido o celleiro dos pobres — e até dos que o não eram — da freguezia e immediatas.

Dr. Pedro Augusto Ferreira.
Abbade de Miragaia.

—

Peço perdão ao meu esclarecido amigo e generoso colaborador, o sr. dr. Ferreira, pelos cortes que me vi obrigado a fazer no seu curiossissimo artigo que acaba de lêr-se, e que fiz bem contra minha vontade, obrigado por circumstancias imperiosissimas, que o meu illustre amigo não ignora.

O seu artigo merece ser publicado em um folheto especial, por isso lhe guardo o original, que fica á sua disposição.

TABOADÊLLO, ou **TABUADÊLLO** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 20 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1768, tinha 33.

Orago, S. Cypriano.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O abbade de S. Faustino de Visella, apresentava o cura, que tinha 30$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É povoação muito antiga. D. Sancho I lhe deu foral, em agosto de 1202, confirmado por D. Affonso II, em Coimbra, no mez de julho de 1218. (*Maço 12 de foraes antigos*, n.º 3, fl., 35 col. 1.ª)

Teem apparecido n'esta freguezia, sepulturas antiquissimas, cavadas na rocha. Ficam perto da freguezia da Polvoreira, onde ha um dolmen, o que nos leva a acreditar que estes sitios já eram habitados no tempo dos celtas, ou dos povos que os precederam.

É terra fertil; gado e caça.

No dia 29 de agosto de 1877, falleceu na cidade do Porto, Antonio Joaquim Vaz de Miranda, negociante que foi em Pernambuco, natural de Taboadêllo, deixando 200$000 réis para concerto da egreja d'esta freguezia, e 40$000 réis para esmolas aos pobres da mesma. Isto, além de muitos outros legados valiosos, a estabelecimentos de beneficencia, de Portugal e do Brazil.

TABOADO, ou **TABUADO**—freguezia, Douro, comarca e concelho do Marco de Canavezes (foi da extincta comarca e concelho de Soalhães) 54 kilometros ao NE. do Porto, 360 ao N. de Lisbôa 160 fogos.

Em 1768, tinha 109.

Orago, o Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Os herdeiros de Antonio Gonçalo, apresentavam o abbade, que tinha 400$000 réis de rendimento annual. [1]

Foi villa e couto. O abbade d'esta freguezia era ouvidor, privilegio que lhe provinha de ter aqui havido um mosteiro de conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios).

Foi antigamente, da comarca de Sobre-Tamega.

O mosteiro dos cruzios, foi fundado no seculo XIII, mas ignora-se o nome do seu fundador. Passou a abbadia secular, sendo bispo do Porto, D. João d'Azevedo, por bulla do papa Sixto IV, em 1475.

D'este mosteiro não ha vestigios. Diz-se porem que a actual egreja matriz, era a do mosteiro, assim como a residencia parochial. Consta que fôra primeiro de templarios.

No 5.º vol., pag. 64, col. 2.ª, vem mais noticias d'esta freguezia, e dos Montenegros, seus ultimos padroeiros.

Em 14 de agosto de 1877, foram á praça

[1] Nota — Os primeiros padroeiros d'esta egreja, eram os Farias, depois, foi o dito Antonio Gonçalo; e, por fim, eram os Correias Montenegros, senhores da torre de Novões.

os passaes d'esta freguezia, avaliados em 3:480$000 réis.

TABOEIRA ou **TABUEIRA** — Vide *Marcos da Ataboeira* (*São*).

TABOÊLLO — Vide *Távora*, villa.

TABOLADO — Em varias povoações de Portugal, ha praças assim denominadas. Eram os *tabolados* uma especie de amphitheatros, onde antigamente havia justas, torneios, corridas de touros e outros jogos e exercicios publicos. Chamavam-se tabolados, porque eram construidos de tábuas.

TABOSA — freguezia, Beira Alta, concelho de Sernacelhe, comarca de Moimenta da Beira, 40 kilometros de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, 55 fogos.

Em 1768, tinha 50.

Orago, Santo Antonio de Lisboa.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O commendador de Malta, de Sernancêlhe, apresentava o cura, que tinha 20$000 réis. (A *Historia ecclesiastica da cidade e bispado de Lamego*, diz que o cura tinha 50$000 réis. O *Portugal Sacro* — não sei porque, nem para que — dá sempre aos parochos, um rendimento muito menor do que na verdade era.

Tem duas ermidas — a de S. Sebastião, martyr; e a de Santo Estevam, proto-martyr.

Para a distinguir da seguinte, dá-se a esta freguezia a denominação de *Tabosa das Arnas*.

TABOSA ou **TEBOSA** — freguezia, Minho, concelho e comarca, districto administrativo, arcebispado e 9 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 155 fogos.

Em 1768, tinha 89.

Orago, o Salvador.

O deão do Sé de Braga, apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Houve aqui um antiquissimo mosteiro, duplex, da ordem benedictina, que no seculo XV passou a vigariaria do deão da Sé de Braga, que ficou sendo padroeiro da egreja até 1834, recebendo as rendas da freguezia.

Fertil, gado e caça.

TADIM E FRADÉLLOS — freguezia, Minho, concelho e comarca, districto administrativo, arcebispado e 9 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa. Vide *Fradéllos e Tadim*, onde já fica descripta esta freguezia.

Em Tadim, é a 7.ª estação do caminho de ferro do Minho (não contando a principal.)

TAGANTE — portuguez antigo — ainda usado — Açoite ou azorrague, que corta e retalha a carne — talhante — *Aquelle que a seu confrade der punhal, ou lhe messar a barvha, entre sôffra em camiza a V* (5) *tagantes*. (documento de Thomar, de 1388) De tagante se diz *tagantadas*, aos seus golpes.

TAGARRO — aldeia, Extremadura, na freguezia a 3 kilometros d'Alcoentre, concelho da Azambuja, comarca d'Alemquer.

Districto administrativo e patriarchado de Lisboa, d'onde dista 70 kilometros a NE.

Fica esta aldeia, que é grande, proximo da serra de Monte-Junto (o *Monte Tagro* dos antigos.)

É povoação muito antiga, pois já existia em 1280, e n'este anno deu o rei D. Diniz, Alcoentro, Alcoentrinho e Tagarro, aos conegos d'Alcáçovas, de Santarem, recebendo em troca a egreja de Santa Iria, na ribeira de Santarem.

Ha toda a probabilidade para julgar que já existia no tempo dos mouros, pois *Tagaron*, é palavra árabe, que significa *fenda*; ou bôcca no monte; caverna, concavidade, gruta, etc. — Tambem póde significar desfiladeiro.

Ha aqui uma grande ermida, da invocação de S. Pedro, apostolo, construida no tempo que D. Henrique, depois cardeal rei, era arcebispo de Lisboa, pelos annos de 1560. Depois foi ampliada e é um vasto templo. Foi feito pelo povo, para alli ouvirem missa, visto a egreja lhe ficar longe e terem de passar um rio, que no inverno se torna caudaloso.

Em 1596, o arcebispo D. Miguel de Castro, permittiu aos povos de Tagarro terem um capellão privativo, apresentado por elles, para lhes dizer missa em todos os domingos e dias sanctificados.

TAGILDE — freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 24 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1768, tinha 120.

Orago, o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 680$000 réis de rendimento annual.

Fica proximo das famosas *Caldas de Visella.*

Abundante d'aguas, que tornam fertilissimo o seu terreno.

É povoação antiquissima, fundada por Atanagildo, rei dos gôdos, em 560, pondo-lhe o seu nome, que se corrompeu em *Tagilde.*

No *casal do Paço,* aldeia de Arriconha, d'esta freguezia, nasceu, pelos annos de 1200, o famoso *S. Gonçalo d'Amarante,* fallecido em 10 de janeiro de 1262.

(Para evitarmos repetições, vide 1.º vol., pag. 188, col. 2.ª e seguintes.)

Ha em Tagilde, uma cruz de prata, que, segundo a tradição, serviu no baptismo do santo. É gothica, e muito interessante, archeologica e artisticamente fallando. É ornada de varios lavores, e no centro e nas extremidades dos braços, tem pequenos medalhões, sobrepostos, representando em relevo, uns, varios animaes fabulosos, e outros, figuras de sanctos.

Vide *Arriconha.*

TAIAS — freguezia, Minho, comarca e concelho de Monção. Está ha muitos annos annexa á freguezia de Barroças, ou Borroças. Vide *Borroças.*

TAIDE ou TAHIDE — Vide *Thaide.*

TAIPA — A casa da Taipa, em Cabeceiras de Basto (Minho) é uma das mais antigas e nobres da provincia. Hoje acha-se incorporada á de Vallada e Caparica.

D. Luiz Gonçalves da Camara Coutinho Pereira de Sande, chefe da familia Camara, foi 11.º senhor das Ilhas Desertas (archipelago da Madeira) 5.º senhor de Regalados, 12.º morgado da Taipa, alcaide mór de Torres-Vedras, commendador da ordem de Christo, capitão de cavallaria e ajudante de ordens do duque de Lafões. Nasceu a 9 de março de 1758. Casou a 2 de julho de 1791, com D. Maria de Noronha, nascida a 3 de abril de 1767, e 2.ª filha dos 7.ºˢ condes dos Arcos, D. Manuel de Menezes e Noronha e D. Juliana Xavier de Noronha.

Teve 6 filhos, que, por ordem das edades, são:

1.º — *D. Juliana,* que foi marqueza d'Angeja.

2.º — *D. Gastão,* do qual adiante trato.

3.º — *D. Manoel,* gentil-homem da camara de D. João VI, capitão de infanteria. Falleceu em 21 de maio de 1869.

4.º — *D. Anna José,* casada com D. Nuno Balthazar da Silveira, da casa dos condes de Sarzêdas. Ficou viuva e morreu em 3 de abril de 1869.

5.º — *José,* foi bacharel em leis e governador civil de Beja.

6.º — *D. Maria Constança,* que foi marqueza de Fronteira, e morreu a 11 de setembro de 1860.

Conde da Taipa

D. Gastão da Camara Coutinho Pereira de Sande, 2.º filho de D. Luiz, nasceu a 2 de julho de 1794. Foi feito 1.º conde da Taipa, a 3 de julho de 1823 — par do reino, em 1827 — deputado ás cortes, em 1827 — coronel de cavallaria. Fez a guerra da Peninsula e a do Rio da Prata.

Morreu a 27 de março de 1866.

Como par e como deputado, tornou-se notavel pelas suas chocarrices, fazendo rir os seus collegas. Deve porém confessar-se, que as suas graças e os seus *ápartes,* tinham, quasi sempre, muito espirito.

Sendo em 1823 um decidido realista e amigo do sr. D. Miguel, *reconsiderou* em 1826, e fez-se liberal, pelo que teve de emigrar em 1828. Feita a revolução liberal de 16 de maio d'esse anno, no Porto, veio de Inglaterra com Palmella, Villa-Flor, Saldanha, Rendufe e outros, pôr-se á frente dos revoltosos; porém como estes foram derrotados, todos os chefes principaes fugiram para bordo do vapor inglez Belfast, em que tinham vindo, e voltaram á Inglaterra a 3 de julho, deixando ao abandono aquelles que, confiados nas suas promessas, se tinham revolucionado.

O conde da Taipa, veio para Portugal em 1832, e fez a campanha da guerra civil, até 1834.

Era um homem de bem e um perfeito fidalgo.

—

Em um de junho de 1866, foi feito 2.º conde da Taipa, D. Manoel Jeronymo da Camara — e em 26 de maio de 1869, foi feito 3.º conde do mesmo titulo, D. José Felix da Camara.

—

TAIPAS ou **TAYPAS** — povoação, Minho, na freguezia de S. Thomé de Caldellas, comarca, concelho e 9 kilometros ao O. de Guimarães, e a mesma distancia a E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Alem do que disse das aguas thermaes das Taipas, no artigo *Caldellas* (S. Thomé de) remetti o leitor para a palavra *Taipas*, por ter mais a dizer o seguinte:

Estas aguas mineraes, já foram conhecidas dos romanos, que construiram aqui umas *thermas*, o que, alem de outras muitas circumstancias, se prova por duas inscripções latinas aqui encontradas, no principio do seculo passado, e são as seguintes:

1.ª

DEDICAVIT T. FLAVIUS
ARCHELAVS CLAVDIANUS
LEG. AVG.

(Dedicada (esta obra) *por Tito Flavio Archelau Cladiano, legado de Augusto.)*

Esta inscripção está incompleta, pois não declara a quem dedicou a obra, e quando a construiu.

2.ª

I. O. M.
FLAVIVS AVEN-
TINVS ENCRATI
VXORI V. S.

Flavio Aventino, dedicou (esta memoria) *a Jupiter Optimo, Maximo, por voto que sua mulher, Engracia, havia feito.)*

Acha-se tambem n'esta povoação, a famosa ARA DE TRAJANO. É talhada em um penedo de granito porphiroide. É cortada de icão grosso, á esquadria, sobre trez lados verticaes (sul, éste e norte) não se chegou a concluir do lado do oeste.

Teve do lado do E. esta inscripção:

IMP, CAES. NERVAE F.
TRAIANVS AVG. GER. DAC.
PONT. MAX. TRIB. POT. VII.
IMP. IIII. CŌS V. P. P.

A camara municipal de Guimarães, mandou, em 1818, pintar de preto e dourar esta inscripção, mas ainda d'ella existem vestigios. Occupa meia altura da ára, e a outra metade, assim como a do lado do sul, foi então pintada de roxo-terra, e n'ella gravada a seguinte traducção:

> Quer dizer — aquella obra mandou fazer o imperador Trajano Augusto, filho de Cesar Nerva, vencedor dos allemães e dacos, pontifice maximo, sendo tribuno do povo a septima vez, imperador e consul, a quarta, e tendo titulo de pae da patria.

Esta traducção está errada. Na 2.ª linha, a palavra *ger.* deve traduzir-se *germanico*, porque então, e muitos seculos depois, a Allemanha, só se denominava Germania — (Os *dacos* ou *dacios*, eram povos da Dacia. Vide 6.º vol., pag. 115.)

Tambem está errada na 4.ª linha — a inscripção diz — *imp. IIII — cōs V* — isto é — *quatro vezes imperador*, e *cinco consul* — e não *imperador e consul a quarta*.

Tambem não é costume traduzir — *teve o titulo de pae da patria*; mas simplesmente — *pae da patria*, como está no original, e é a fórmula em todas as inscripções.

Do lado do sul, a camara mandou gravar esta inscripção —

Para alivio da humanidade e remedio de rebeldes doenças herpeticas, foram renovados e augmentados estes banhos thermaes, por ordem do Senado da camara, da villa de Guimarães, sendo seu presidente, o Dr. Juiz de Fóra, Estevam Pereira da Cruz, e vereadores, Francisco Cardozo de Menezes Athaide, e Antonio do Couto Ribeiro — secretario, José Leite Duarte, procurador, Manoel Luiz de Souza — em testemunho do zêlo

e actividade, e para emulação dos vindouros, elles mesmos mandaram gravar esta inscripção que desafia e venera o tempo e a antiguidade, em 1818. (!)

Ao menos, não deixavam o seu credito por mãos alheias.

Esta ára esteve por muitos annos escondida em parte, por entre denso silvado, na extremidade de uma bouça de matto; mas, em 1844 a camara expropriou parte d'essa bouça, e a vedou e aformoseou, plantando-lhe arvores que mandou vir do Geréz.

Dá-se a este monumento a denominação de *Ára de Nerva*, mas estou convencido que foi *aperfeiçoada* em um penedo, que era uma *anta* druidica, ou pre-celta, e portanto, monumento muitos seculos anterior ao dominio dos romanos na Lusitania.

Das famosas thermas romanas das Taipas, apenas restava a tradição; mas, em 1753, frei Christovam dos Reis, carmelita, de Braga, descobriu parte d'ellas, em um campo lavradio, onde filtravam.

A camara de Guimarães, principiou pouco depois as escavações, dando em resultado, o apparecimento de varias piscinas, solidamente construidas, que foram restauradas, e ainda hoje se chamam *banhos velhos*. Em 1818, continuaram as obras de restauração, e em 1844, principiaram as escavações para a construcção dos banhos modernos. Em 1867, a camara mandou proceder a outras escavações, para aproveitar parte das aguas thermaes dos banhos romanos, para o estabelecimento moderno.

Foi em 1818, que a camara expropriou o terreno para os novos banhos; porque, desde 1753 até então, os banhos tomavam-se em poços cavados na terra, cobertos de ramos de carvalho ou de esteiras d'Ovar. Depois, fizeram-se algumas barracas de madeira, que se desfizeram em 1818, para em seu logar se edificarem as cinco primeiras piscinas, e o quarto do banheiro.

Para construcção dos *banhos novos*, demoliram parte das thermas romanas.

No tempo proprio, tomam-se aqui mais de 300 banhos por dia.

No 1.º de junho de 1878, foi aqui inaugurada, com demonstrações de grande regosijo publico, a estação telegraphica, que deve funccionar desde julho até outubro de cada anno.

A camara municipal de Guimarães, que tem um bello projecto approvado para melhoramentos e embellezamentos das Taipas, já deu principio a elles e parece, como é de inteira justiça, disposta a realisar tudo quanto seja digno para tornar aquella terra em quartel de hospedes, que annualmente a visitam, mas em quartel que reuna o util ao agradavel, a circumstancia das thermas, a umas commodidades e bellezas, que dêem á estação balnear d'aquella bonita terra, o encanto que todo o frequentador deseja encontrar.

As thermas das Taipas, pela sua especialidade, pela sua posição, pela indole dos seus habitantes, pelas commodidades dos seus hoteis, e das casas particulares, pela vida bonançosa que alli se desfructa, sem os excessos do luxo, toda agrados, toda convivencia, toda simplicidade, toda intimidade doce e quasi familiar, hão de ser sempre frequentadas, e a camara de Guimarães cumprirá o seu dever, se attender, como é de justiça, á riqueza que alli possue.

—

Supponho que o nome de Taipas, lhe provém das barracas de madeira em que, como fica dito, por muitos annos se tomavam os banhos.

Esta povoação fica 300 metros ao N. da estrada de Braga a Guimarães, e a 100 do rio Ave.

TALABRIGA — cidade. Vide *Aveiro*.

TALENTO — moeda grega. Um *talento* valia 1:028$570 réis da nossa actual moeda.

O famoso orador atheniense, Demosthenes, nascido em Peonia, no anno 385 antes de Jesus Christo, teve com sua irman, 14 talentos de dote, o que hoje fazia a somma de 14:400$000 réis.

TALHA — freguezia, Extremadura, concelho dos Olivaes, comarca, districto administrativo, patriarchado, e 15 kilometros a E. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1768, tinha 108.

Orago, S. João Baptista.

A mesa da fasenda, da universidade de

Coimbra, apresentava o cura, que tinha 64 alqueires de trigo, um tonel de vinho, 4 cantaros d'azeite, 16$000 réis em dinheiro e o pé d'altar.

É uma parochia antiquissima, pois, segundo um epitaphio que existe na capella-mór, já era parochia em 1145 (dous annos antes da conquista de Lisboa por D. Affonso Henriques, o que me parece muita antiguidade.)

Era filial de Sacavem, cujo parocho apresentava o vigario; mas desde 1388, ficou independente, e foi, até 1834, apresentada pela universidade.

Tem duas ermidas publicas — Nossa Senhora dos Remedios, e Santa Catharina. N'esta ermida se veem as ruinas de uma antiga torre.

Por baixo da capella-mór da egreja matriz, ha um carneiro, pertencente á familia de D. Fernando d'Almeida.

A freguezia é composta das aldeiás seguintes — Bobadel, Coreiceira, S. João da Talha, Talha pequena, e Valle de Figueira.

Ha aqui a *marinha do Monteiro-mór*. Vide *Talha* seguinte.

TALHA — portuguez antigo — contribuição, collecta, exacção, que se lançava por cabeça, segundo os haveres de cada um.

TALHADAS — freguezia, Douro, concelho e 11 kilometros a S.E. de Sevêr do Vouga, comarca e 15 kilometros a E. d'Agueda, 30 kilometros a N. E. de Aveiro, 54 ao N. de Coimbra, 256 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 40.

Orago, S. Mamede.

Bispado, e districto administrativo d'Aveiro.

O real padroado apresentava o prior, que tinha 400$000 réis de rendimento annual.

Está situada no sopé de uma serra granitica, pelo que alguns dão a esta freguezia a denominação de *Pedras Talhadas*. (Vide *Talhadas, serra*.)

Pertenceu ao extincto concelho do Vouga, passando depois para o de Sevêr.

Fica no crusamento das estradas, de Sevêr a S. João do Monte, e de Agueda a São Pedro do Sul e Viseu. Está 5 kilometros a S. E. da margem esquerda do Vouga.

Fertil. Gado de toda a qualidade, muita caça e algum peixe do Vouga.

O sr. João Chrisostomo da Veiga, que foi parocho da freguezia da Aguada de Baixo e é actual prior d'esta freguezia das Talhadas, nasceu a 2 de outubro de 1796. Em 1857, publicou uma sua excellente obra, em dous volumes, intitulada *Historia universal, sagrada e profana, politica e ecclesiastica*, reputada geralmente uma das melhores no seu genero.

TALHADAS — (serra das) — fica ao N. da freguezia antecedente, e a O. de Reigoso, na direcção de N. N. E. a S. S. O.

Tem 5 kilometros de comprido, 2 de largura e 681 de elevação sobre o nivel do mar.

A serra das Talhadas, é celebre por os seus trez assombrosos penedos, aos quaes se dá o nome de *Irmãos dos Talhadas*. O maior d'elles, chamado *Penedo dos Cucos*, está no cume do monte do *Rangêllo*; tem de altura (sómente fóra da terra) 15 metros, e 100 de circumferencia. A pequena distancia, quasi no cume do *Cabeço do Gralheiro*, está o mais alto de todos, tão perpendicular que parece uma torre. Tem 27 metros de altura e 60 de circumferencia. Chama-se *Penêdo do Trigo* — O 3.º, chamado *Lapa da Fazenda*, está logo abaixo do 2.º, no mesmo cabeço, e é o mais pequeno. Está quasi deitado. Tem 27 metros de comprido e 19 de grossura. A face d'este, confrontada com a do Penedo do Trigo, que lhe fica em frente, mostram claramente, que, em remotas eras, formavam um só penêdo, que talvez fosse partido por algum raio.

Diz o povo d'estes sitios, que no penedo da Lapa da Fazenda, estão *grandes thezouros encantados*. Pertencem evidentemente á classe dos *penedos errantes*.

TALHAS — freguezia, Traz-os-Montes comarca e concelho de Macedo de Cavalleiros (pertenceu ao couto de Isêda, comarca de Chacim, extinctos) 35 kilometros de Miranda, 455 ao norte de Lisboa, 150 fogos.

Em 1768, tinha 116.

Orago, o archanjo S. Miguel.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de Sarapícos, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Fertil, gado e caça.

TALHINHAS — freguezia, Traz-os-Montes, na mesma comarca e concelho da antecedente, 35 kilometros de Miranda, 450 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1768, tinha 47.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto de Bragança.

A casa de Bragança apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento.

Como a de Talhas, que lhe fica contigua, ao N., tambem pertenceu ao extincto couto de Isêda, e supprimida comarca de Chacim. (Verdadeiramente, a comarca de Chacim, não foi supprimida, mudou-se a séde para Macêdo de Cavalleiros.)

Muito fertil. Gado e caça.

TALHO DE PEIXE — o cêpo em que se vendia o peixe. Dava-se o mesmo nome á barraca onde estava o cêpo ou meza. — No foral que D. Wilhelmo de Cornes, deu aos francezes e gallegos que povoaram Atouguia (da Baleia) no tempo de D. Affonso Henriques, manda que dos peixes do mar, se pague — *de unoquoque* talio, *unum modium de XXXII alqueiris; exceptis illis que vocautur tuphis.* — O *tuphis* (atum) não se vendia nos *talhos*, porque era reservado para o fisco real.

TAMANHOS E FALACHOS — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 54 kilometros a S. E. de Viseu, 320 ao O. de Lisboa, 60 fogos.

Orago, Santo Antonio, de Lisboa.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Esta freguezia (a de Tamanhos) não vem no *Portugal Sacro*, porque já então (1767) estava unida á de Falachos. (É preciso ver a palavra *Falachos.*)

Eram duas pequenas freguezias, que se uniram no principio do seculo XVIII.

O orago de Falachos, era o Espirito Santo.

A parte que foi parochia de Tamanhos, é pobre, e apenas produz centeio, castanhas e pouco mais.

A parte que era parochia de Falachos, porém, é muito abundante d'aguas, e fertil, principalmente em milho, centeio, batatas, castanhas, e saborosas fructas.

Há aqui um palacete brazonado, que foi dos Pinas e é hoje dos herdeiros do doutor Antonio Maria Homem da Silveira de Sampaio e Mello, do Rabaçal.

O desembargador Bernardo de Lemos Teixeira de Aguilar, tambem aqui tem um bom edificio, com o brazão d'armas da sua familia.

TAMACANA VIA — estrada romana. Vide *Canavezes.*

TAMACANOS ou **TAMAGANOS** — povos que nos tempos dos romanos, habitavam nas margens do *Tâmaca* (hoje Tâmega) e ajudaram a construir a ponte de Chaves. (Vide *Chaves.*)

TAMARAES — (Santa Maria dos) — Mosteiro de monges bernardos, fundado por D. Gonçalo Hermigues. O padre Carvalho, na sua *Chorographia*, diz que não foi Gonçalo Hermigues — a que elle erradamente dá o nome de Gonçalo Henriques — mas a sua viuva — a famosa moura Fatima, depois Ouriana, que fundou este mosteiro, e n'elle professou. Isto está em contradicção com todos os escriptores, os quaes dizem que Fatima morreu antes de seu marido. (Vide *Fatima, Ourem* e *Santo Antonio de Fatima.*)

TAMARMA — Vide *Atamarma.*

TAMBEIRA — portuguez antigo — madrinha do casamento.

TAMBO — portuguez antigo — mêsa baixa, banco, escabello.

TÂMEGA — rio de Traz-os-Montes e Douro — Nasce ao N. de Monte-Rei (Galliza) rega o fertil e delicioso valle de Chaves, passando n'esta villa, sob uma ponte romana; atravessa o Marão, passa á villa de Amarante (que divide em duas, *Amarante* e *Covêllo)* onde tem uma bella ponte, e morre na margem direita do Douro, entre o Torrão, ao E., e Entre os Rios ao O. O seu curso em Portugal, é de 95 kilometros, e

desde o seu nascimento até Portugal, 129; ao todo 224.

Entre as varias freguezias que o Tâmega rega e fertiliza, se comprehende a freguezia de Cavêz, ou Ponte de Cavêz, na provincia do Minho, concelho de Cabeceiras de Basto. O rio, é aqui atravessado por uma soberba ponte de cantaria, mandada construir por frei Lourenço, no seculo XIII, e reconstruida pelo rei D. Manoel. No meio d'esta ponte, está um marco de pedra, com uma inscripção, dizendo que este marco serve de divisão das provincias de Traz-os-Montes e Minho.

Na margem direita, e junto á ponte, está a capella de S. Bartholomeu, e em frente d'ella, na esquerda do rio, ha uma fonte de agua sulphurea, que antigamente alimentou póços, (ou pôças) onde se tomavam banhos. Ainda ha vestigios d'estes póços. Diz-se que, houve aqui um hospital, do que não ha vestigios. (Vide *Cavez.*)

Os romanos chamavam a este rio *Tâmaca.*

É notavel, por haver nas suas margens muitas nascentes de aguas mineraes (alcalino-gazozas) sendo as principaes — as famosas de *Verim*, na Galliza — *Villarinho da Raia* (ou Verim portuguez) freguezia do concelho de Chaves — *Vidágo, Chaves, Pedras Salgadas, Lagares* (concelho de Penafiel) *Portella* (tambem do concelho de Penafiel) [1] e outras mais, todas da mesma natureza.

No seu dilatado curso, recebe por ambas as margens, grande numero de ribeiros e regatos. Cria varias qualidades de optimo peixe.

TÁMÉL — monte, Minho, eminente ao edificio que foi mosteiro de Palme, entre Barcellos e Vianna do Lima. Ignora-se qual foi o seu primeiro nome — o actual, é antiquissimo, pois já o tinha na era de 1028 (990 de Jesus Christo) o que se prova de uma escriptura d'esse anno. (*Benedict Lus.*, parte 4.ª, cap. 1.º)

Tamél é mesmo a palavra árabe *Thamel.* Significa — *descuido, negligencia, desprezo,* etc. — Aqui, entende se por logar de que se faz pouco caso, ou que se tem em pouco.

TÁMÉL — freguezia, Minho, na comarca e concelho de Barcellos, 18 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 75 fogos.

Em 1768, tinha 67.

Orago, Santa Leocadia.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

As freiras benedictinas de Vianna do Lima, apresentavam o vigario, collado, que tinha 60$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Muito fertil. Cria e exporta muito gado bovino.

Na egreja matriz d'esta freguezia, jazem os restos mortaes de S. Vamba, abbade benedictino, do mosteiro de Moure. Estas reliquias são muito veneradas pelo povo d'esta freguezia e immediatas.

TÁMÉL — freguezia, Minho — Vide *São Verissimo de Tamel.*

TÁMÉL — freguezia, Minho, — Vide *Fins (S.) de Támél.*

É n'esta freguezia a 13.ª estação do caminho de ferro do Minho.

Desde esta freguezia até Darque (na margem esquerda do Lima em frente de Vianna) é o lanço mais importante d'esta via ferrea, pois comprehende os tunneis de Támél e Santa Lucrecia, o viaducto de Durrães, e as pontes sobre os rios Neiva, e Lima.

O famoso *tunnel de Támél,* é no districto d'esta freguezia. Tem 950 metros de comprido, e 52 na sua maxima profundidade. Foi concluido, em 9 de novembro de 1876.

Todas estas trez freguezias de Támél, estão no bello e fertilissimo *Valle de Támél.*

TAMENGOS — freguezia, Douro, comarca e concelho da Anadia (foi até 31 de dezembro de 1853, da comarca de Cantanhede, concelho da Mealhada) 24 kilometros a N. O. de Coimbra, 215 ao N. de Lisboa, 330 fogos.

Em 1768, tinha 205.

[1] Ás aguas medicinaes d'esta freguezia da Portella, é que vulgarmente se dá o nome de *Aguas d'Entre os Rios,* e sob esta denominação se exportam, em grande quantidade, para toda a parte de Portugal e para o estrangeiro. Com estas aguas acontece como com o vinho do Alto-Douro, que se exporta para toda a parte, com o nome de *vinho do Porto.*

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado de Coimbra, districto administrativo d'Aveiro.

O cabido da Sé de Coimbra, apresentava o prior, que tinha 400$000 réis de rendimento annual.

Foi couto dos bispos de Coimbra.

Está situada 5 kilometros ao S. da estação do caminho de ferro do Norte (Mogofôres.) É na região chamada *Bairrada.*

É povoação muito antiga, pois no inventario do mosteiro da Vaccariça, feito em 1064, já se menciona esta freguezia.

—

Em 27 de agosto de 1880, no logar de Alpalhão, d'esta freguezia, falleceu Joaquim Ferreira, que tinha nascido a 7 de maio de 1775. Até á edade de 104 annos, conservou todas as suas faculdades moraes e physicas, e só, cousa de um anno antes da sua morte, é que perdeu a memoria.

Era um lavrador abastado.

É n'esta freguezia a antiquissima povoação de Aguim, que foi couto, com camara, juiz ordinario e mais beleguins judiciaes, todos nomeados pelo bispo de Coimbra, seu donatario.

D. Manoel I deu foral a este couto, em Lisboa, no 1.º de julho de 1514. (*Livro de foraes novos da Extremadura,* fl. 175, columna 1.ª)

Já tinha foral velho, dado no claustro da Sé de Coimbra, pelo deão e cabido, a 24 de setembro de 1258, (1220 antes de Jesus Christo) no livro chamado das *Kalendas.*

Aguim, pertenceu tambem ao mosteiro da Vaccariça (Mealhada) até 1094, e n'este anno o doou o conde D. Raymundo, ao cabido da Sé de Coimbra.

Este couto foi creado por D. Affonso Henriques, em 1178, a trôco de sessenta maravidis de ouro.

Em Aguim está a casa chamada dos *Castilhos,* onde Antonio Feliciano de Castilho, (depois 1.º visconde de Castilho) e seus irmãos costumavam vir passar as *ferias grandes.* Vide *Castanheira do Vouga.*

D. Fernando Magno, rei de Leão, tomando Coimbra aos mouros, em 1064, doou á Sé de S. Thiago de Compostella (Galliza) varias povoações, nas cercanias de Coimbra, o que D. Affonso III, seu filho, confirmou, na era de 1103 (1065 de Jesus Christo.) Estas povoações, eram — a aldeia, sobre *Viastes* (hoje Viadores) — a aldeia de *Creixomir* — a aldeia e egreja de *S. Lourenço* (S. Lourenço do Bairro) — o terço da aldeia de *Travazolo* (Travaçô, entre o Agueda e Vouga.)

Por essa occasião, o mosteiro da Vaccariça, allegou que, antes da conquista d'estas terras, pelos mouros, lhe pertenciam varias terras, que agora lhe deviam ser restituidas. Eram *Monçarros,* com a sua egreja — *Villar de Coreixe,* com a sua egreja — *Sangalhos* — *Barrô,* com a sua egreja — *Morangaus* (Morangal) — *Tamengos* — *Horta* — *Ventosa* — *Cepins,* e outras povoações e herdades.

Tornado Portugal reino independente, D. Affonso Henriques deu á Sé de Coimbra o que tinha pertencido á de S. Thiago de Compostella.

O cabido da Sé de Coimbra, foi pouco a pouco e abusivamente, apropriando-se dos direitos reaes e da jurisdicção temporal d'estas povoações, o que deu causa a uma demanda, promovida pela corôa, no reinado de D. João III, na qual demanda foi dada sentença a favor da corôa, em 14 de janeiro de 1540. (*Livro das sentenças a favor da corôa,* fl. 4 v., col. 2.ª)

Tamengos, é uma freguezia fertilissima em todos os generos agricolas, e o seu vinho (denominado da *Bairrada*) é de superior qualidade.

TANARÍA — portuguez antigo — fábrica de curtir e preparar couros — pellâme. D'aqui se diz *atanar,* preparar o couro, e *atanado,* ao couro já preparado. Os antigos, chamavam *tan,* á casca do carvalho com que se curte o cabedal, e é d'esta circumstancia que procede *tanaria* e *atanado.*

TANCOS — villa, Extremadura, concelho de Villa Nova da Barquinha, comarca de Torres Novas, 120 kilometros a N. E. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1768, tinha 280.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

Patriarchado de Lisboa.

Districto administrativo de Santarem.

O marquez de Tancos, apresentava o prior, que tinha 100$000 réis de rendimento.

Situada sobre a margem direita do Tejo, e proximo á estação da Praia, no caminho de ferro de Leste, é em frente da antiga villa de Punhéte, hoje Villa Nova de Constançia. Tambem lhe fica proximo, o legendario *castello de Almourol.* Vide esta ultima palavra.

Faz-se aqui uma boa feira, a 13 de junho de cada anno.

Nunca teve foral novo nem velho.

Segundo Viterbo, esta povoação foi fundada por cavalleiros francezes, dos que vieram ajudar D. Affonso Henriques á conquista de Lisboa, em 1147.

Temos visto em varias partes d'esta obra, que o nosso primeiro rei, deu aos militares (crusados) estrangeiros, por aquella época, muitas terras nas duas margens do Tejo, não só como premio dos seus serviços, como com o interesse de povoar este vasto territorio. Entre as terras que deu aos francezes, foi esta villa uma d'ellas, pelo que os seus povoadores lhe poseram o nome de *Francos*, ou *Villa de Francos*, que se corrompeu em *Tancos.*

E o que se collige do Elucidario. Talvez porém o seu erudito auctor se enganasse n'esta etymologia (o que rarissimas vezes lhe acontece) e que o nome d'esta villa lhe provenha de tempos muito mais antigos — isto é — que os seus fundadores fossem os *tancos*, ou *tabuccos*, povos que habitavam o territorio da actual villa d'Abrantes, que fica a uns 16 kilometros ao E. de Tancos. (*Annaes de Hespanha e Portugal*; Colmenares, e outros escriptores.)

Os *tancos* eram antigos lusitanos (celtas) que se fundiram com os povos vindos d'alem dos Pyreneus, e que, depois d'esta juncção, se ficaram denominando *gallosceltas.* Se isto é verdade (e não ha motivo plausivel para o contestar) a villa de Tancos foi fundada uns 400 ou 500 annos antes da era christan. Provavelmente era uma aldeola de pouca importancia — talvez cabanas de pescadores — porque nenhum vestigio existe de semelhante povoação.

Esta opinião parece-me mais segura, porque, se D. Affonso I désse aos taes francezes este territorio, em 1147, não lh'o tirava para o dar, d'ahi a 22 annos, aos templarios, porquanto — estando este soberano com sua familia, em Lafões, fazendo uso das aguas thermaes do Banho, entre outras muitas doações que alli fez, em setembro de 1169, foi uma d'ellas á ordem do Templo (da qual era então mestre, o famosissimo D. Gualdino Paes.)

Deu então o rei a esta ordem, *a terça parte de tudo quanto conquistasse no Alemtejo.*

Em outubro do mesmo anno, e estando o rei ainda em Lefões, com seu filho e successor, D. Sancho, e suas filhas, D. Urraca e D. Thereza, todos quatro doarem aos templarios — os castellos da *Cardiga, Thomar* e *Zêzere,* com as seguintes demarcações —*In primis, perfozem* Bezelga; *et inde per ipsam statam, quae vocatur de* Penella, *usque ad* Alfeijedoe; *et ind per medium cacumen de monte* TANCOS, *quomodo vertuntur aquae contra* Ozezar; *et inde quomodo ferit in pelogo de* Almeirol; *et inde per medium* Tagum, *usque ad fozem* de *Ozezar*, etc. — Confirmaram esta doação, D. João, arcebispo de Braga; D. Pedro, bispo do Porto; e D. Gonçalves, bispo de Viseu.

D. Gualdino Paes, deu foral ao castello de *Ozezar*, mencionado n'esta doação, em 1174.

Ficava este castello, proximo a Tancos, tambem na margem direita do Tejo, em frente da antinga Punhete. Era na freguezia de *Pay Pelle*, hoje, a villa de *Paio de Pelle.*

Já não existem vestigios d'este castello, que estava na margem direita do rio Zêzere (ao oeste.)

—

Esta povoação tornou-se célebre em nossos dias, pelo facto seguinte:

O senhor Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello, sendo major de engenheiros e ministro da guerra, querendo immortalizar o seu nome, concebeu e realisou o plano de mandar construir na charneca de Tancos, um CAMPO DE INSTRUCÇÃO E MANOBRAS,

principiando as obras em 1865, e recebendo a sua actual denominação, por portaria de 9 de julho de 1866. N'este mesmo anno se erigiu o famoso *Monumento Mamelão.*

As monstruosas despezas feitas com isto, *e que ainda estão por approvar, porque ninguem apresentou até hoje a sua conta,* sãs julgadas pelos entendedores, por mal empregadas, porque este campo de manobras, está muito longe de preencher o fim a que foi destinado. Serve mais de divertimento ás tropas, do que para sua instrucção. Até ás vezes terminam os exercicios por uma explendida cavalhada (que não custa barata á nação) como aconteceu em 1867.

Durante o periodo das manobras, tornase a ex-charneca, em logar interessante e concorridissimo de curiosos de todas as cathegorias.

—

Julgo a proposito mencionar n'este artigo, os *campos de manobras* que tem havido em Portugal, até este de Tancos. Note-se porém que não eram permanentes, como o actual, e terminavam com os exercicios militares.

1.º — *Campo da Ajuda,* (Belem) em 1763. Foram dirigidas pelo marechal, conde de Lippe.

Estas manobras tiveram logar nos dias 3, 4, 5 e 6 de junho. D. José I assistiu a todas ellas.

2.º — *Campo do Monte Branco,* proximo á villa de Estremoz. Tiveram logar no mesmo anno e foram dirigidas pelo mesmo general.

Duraram desde 22 de novembro, até 5 de dezembro.

3.º — *Campo dos Olhos d'Agua,* entre as villas da Moita e Palmella.

Foram em 1767, e dirigidas pelo mesmo general.

4.º — *Campo da Porcalhota,* em Bemfica. Teve logar em 1790, e foram dirigidas pelo marechal, conde de Oeynhausen. Duraram desde 22 de setembro, até 22 de outubro.

5.º — *Campo da Charneca,* de Cintra.

Teve logar em 1793. Foram dirigidas pelo general portuguez, marquez das Minas; o marechal de campo, D. Francisco Xavier de Noronha; e o general de cavallaria, João Forbes Skelater.

Pouco tempo depois d'estas manobras, partiu a divisão auxiliar para o Roussillon.

6.º — *Campo do Quadro,* proximo á villa de Azambuja. Teve logar em 1798. Durou, desde 17 de outubro, até aos primeiros dias de dezembro. Era marechal general, o duque de Lafões.

—

A 15 kilometros ao S. do Porto, ha tambem uma *escola de tiro.* Vide *Silvalde.*

Ha tambem o *Polygono* das *Vendas Novas.*

—

Houve na villa de Tancos, um mosteiro de religiosos capuchos, da invocação de Nossa Senhora do Lorêto, fundado por Dom Alvaro Coutinho, senhor do Castello d'Almourol, neto de D. Vasco Coutinho, 1.º conde do Redondo.

Era D. Alvaro, senhor do termo de Almourol (Tancos) e residia no seu famoso castello, fundado sobre um ilheu de penhascos, no meio do Tejo. (Vide *Almourol.*)

Lançou-se a primeira pedra no edificio do mosteiro, a 13 de março de 1572. Fica este mosteiro, entre as villas de Tancos e Paio de Pelle. Andaram as obras com tanta rapidez, que logo no dia 25 do mesmo mez e anno, se disse a primeira missa na respectiva egreja. Note-se porém que o edificio era construido de taipa e adobes, e muito pequeno.

Assistiu a esta ceremonia, o fundador: e todos os seus successores na casa do Redondo e morgado d'Almourol, foram desvelados protectores d'este mosteiro.

Em breve a primitiva egreja se destruiu (mais propriamente — *desfez*) e os frades fizeram, em 1575, outra de pedra e barro, muito pequena e pobre. Estando esta tambem muito arruinada, se construiu terceira; esta porém, de pedra e cal, com abobada de tijolo. Disse-se n'ella a primeira missa, em 29 de julho de 1685.

Tudo isto é hoje um montão de ruinas.

—

Os condes da Atalaya, marquezes de Tancos, foram senhores donatarios d'esta villa e seu termo.

—

Em novembro de 1876, foi concedido á camara da Barquinha, o subsidio de réis 1:733$000, para a construcção do lanço da estrada municipal da Barquinha a Tancos, entre a *Praça da Madeira,* na Barquinha, e a *Quebrada de Santo Antonio.*

Condes da Atalaya, marquezes de Tancos.

O 1.º conde da Atalaya, foi D. Francisco Manuel, feito por D. Philippe II, em 17 de julho de 1583.

O 1.º marquez de Tancos, foi D. João Manoel de Noronha, 6.º conde da Atalaya, feito por D. José I, em 22 de outubro de 1751.

As armas d'esta familia, são — escudo esquartelado — no 1.º e 4.º, em campo de púrpura, um côto d'aguia, d'ouro, empunhando (com uma mão d'homem) uma espada guarnecida d'ouro — no 2.º e 3.º, de prata, um leão de púrpura, armado d'azul. Timbre, o côto d'aguia do escudo.

D. Maria I, fez *duqueza de Tancos*, a sua camareira-mór, D. Constança Manoel, 2.ª marqueza de Tancos, e 7.ª condessa da Atalaya, viuva de D. Duarte Antonio da Camara, 5.º conde d'Aveiros, gentil-homem da camara, do infante D. Francisco, do rei D. José I, e de sua filha, D. Maria I. Era veador da casa real, general e governador das armas da côrte e provincia da Extremadura, etc. etc. Falleceu em 1793.

A 1.ª (e unica) duqueza de Tancos, era de uma das mais nobres familias d'este reino, descendente, por varonia, de D. João Manoel, filho bastardo do rei D. Duarte, e, por parte da mãe d'este monarcha (D. Joanna Manoel) descendente do infante D. Manoel, filho de S. Fernando, rei de Castella.

D. Constança Manoel, falleceu em 1794 (um anno depois de seu marido) ficando então extincto o ducado de Tancos, continuando nos seus descendentes os titulos de marquezes de Tancos, e condes da Atalaya.

D. Duarte Manoel de Noronha (neto da dita D. Constança) foi 4.º e ultimo marquez de Tancos, 9.º conde da Atalaya, par do reino, em 1826, commendador das ordens de Christo e Torre Espada, marechal de campo, inspector e 1.º membro da junta de saude publica, ministro e secretario d'estado do sr. D. Miguel I — Succedeu a sua mãe, 3.ª marqueza de Tancos, 8.ª condessa da Atalaya, que falleceu em 27 de março de 1827.

Nasceu em Lisboa, no seu palacio da Costa do Castello (ao cimo da calçada do marquez de Tancos, onde ha muitos annos está um collegio) a 8 de setembro de 1775. Falleceu de colera morbus, em Coimbra, a 18 de agosto de 1833, e foi enterrado na egreja de S. Pedro.

Tinha casado a 11 d'agosto de 1802, com D. Leonor da Silva Tello, 4.ª filha dos 2.ºs marquezes de Vagos, fallecida a 18 de agosto de 1815 (18 annos, dia por dia, antes do fallecimento de seu marido.)

Tiveram trez filhos :

1.º *D. Antonio*, seu successar no condado.

2.º *D. Nuno*, nascido a 15 de dezembro de 1804, casado com D. Joanna Isabel Freire d'Andrade, filha e herdeira dos 3.ºs condes de Bobadella, Gomes Freire de Andrade e Castro, e de sua mulher, D. Anna Joaquina Maria do Resgate Miranda Henriques, filha dos 1.ºs visconde de Souzél.

3.º *D. José*, nascido a 27 de agosto de 1811.

—

D. Antonio Manoel de Noronha 10.º conde da Atalaya, nasceu a 17 de julho de 1803. Casou, em 11 de janeiro de 1826, com D. Margarida de Souza Coutinho, sua prima, dama da rainha D. Maria I, e filha dos 2.ºs marquezes de Borba. (Vide *Redondo.*) Nasceram d'este casamento:

1.º *D. Duarte*, herdeiro presumptivo, nascido a 10 de fevereiro de 1827.

2.º *D. Eugenia*, nascida a 7 d'agosto de 1828.

3.º *D. Margarida*, que nasceu a 24 de junho de 1831.

4.º *D. Fernando*, nascido a 20 d'agosto de 1833.

TANCOS — aldeia, Beira Baixa, freguezia d'Alpedrinha, concelho de Fundão.

O ultimo senhor donatario de Alpedrinha e Tancos (este) foi D. Christovam Manoel de

Vilhena, descendente e representante do conde de Villa-Flor, D. Sancho Manoel de Vilhena (Vide *Villa-Flor*) e do famosissimo grão-mestre de Malta, D. Antonio de Vilhena.

D. Christóvam Manuel de Vilhena, foi feito alferes, em 22 de junho de 1814; tenente, em 22 de junho de 1821; capitão, em 3 de fevereiro de 1831; major, a 26 de dezembro de 1833; tenente coronel, em 14 de janeiro de 1834.

Foi ajudante de campo do sr. D. Miguel I, e convencionou em Evora-Monte.

Falleceu em Lisboa, a 29 de agosto de 1876, e sepultou-se no dia seguinte, no seu jazigo, do cemiterio do Alto de S. João.

Eis o que com respeito ao fallecimento d'este nobilissimo cavalheiro, diz o *Jornal da Noite* (periodico liberal) n.º 1715, de 30 de agosto de 1876.

«Era fidalgo da mais illustre linhagem; dotado de um nobre caracter, muito afavel no tracto; não obstante conservar-se fiel ao partido legitimista, recebia em sua casa com a mesma amabilidade os homens de todos os partidos, com quem estava relacionado e que o estimavam muito pela excellencia das suas qualidades e illustração.

Respeitava tanto as convicções alheias que nem tratou de influir com seu filho para que não acceitasse o foro de moço fidalgo e a commenda da Conceição com que foi honrado pelo governo liberal, nem o aconselhou a que deixasse de seguir sob o novo regimen, a carreira da magistratura.

Era um nobre e honrado cidadão digno de todo o acatamento e cuja perda lastimam profundamente todos que o conheceram de perto.

Descance em paz e receba a sua extremoza familia os nossos sentidos pezames».

TANGA — moeda da India portugueza. Vale 32 réis fortes.

TANGIL — freguezia, Minho, comarca e concelho de Monsão, (era da mesma comarca, mas do concelho de Valladares, supprimido em 24 de outubro de 1855) 54 kilometros ao N. de Braga, 415 ao N. de Lisboa, 375 fogos.

Em 1768, tinha 454.

Orago, o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A casa do infantado, apresentava o prior, que tinha 120$000 réis de rendimento, e o pé d'altar.

É terra fertil. Gado e caça.

Na aldeia da Costa, d'esta freguezia, ha a casa da *Torre*, solar dos Soares Tangis, dos quaes procedem muitas familias nobres d'este reino e da Galliza. Segundo o padre Carvalho, procedem de D. Soeiro Mendes da Maia.

D. Aldonia Soares de Tangil, filha de Dom Lourenço Soares de Tangil, foi mãe do famoso conde D. Alvaro Pires de Castro, e de D. Thereza Soares, mãe de Martim Affonso Soares, pae da tristemente célebre D. Leonor Telles de Menezes, mulher do rei Dom Fernando, de Portugal.

Foi ainda filha de D. Thereza, D. Joanna Soares, mãe dos condes de Vianna.

Tambem d'esta D. Thereza procede Dona Mecia Pereira, condessa da Feira; o famoso condestavel D. Nuno Alvares Pereira, e, portanto, a casa de Bragança e os reis de Portugal.

Ainda n'esta freguezia de Tangil, existem as ruinas de outra torre, que foi solar dos Neivas, passando este senhorio aos Abreus de Merufe, e pertence hoje, por herança, ao marquez de Tenorio.

TANHA — pequeno rio, Traz-os-Montes. Nasce ao N. da freguezia de Valongueiras, passa sob a *Ponte Pedrinha* e perto d'Abaças e entra na margem esquerda do Córgo, no sitio de Fervíde. Ambos morrem na margem direita do Douro, na *Foz do Córgo*, junto e a E. da villa da Régua.

TANGOMÃO — portuguez antigo — o que foge da sua patria, e morre fóra d'ella, por suas culpas, ou por interesse.

TANJUDA e **TANJUGA** — portuguez antigo — tangida, tocada. *Ao som de campa tanjuda — ao toque do sino.*

TAPADA — nobilissima e antiquissima casa, Minho, na freguezia de Fiscal, concelho d'Amares. É seu actual proprietario e representante d'esta familia, o sr. D. Rodri-

go d'Azevedo de Sá Coutinho, 16.° senhor de S. João de Rei.

Foi seu irmão, *D. João d'Azevedo de Sá Coutinho*, vulgarmente conhecido por *D. João da Tapada*, nascido na cidade de Vianna, a 15 de outubro de 1811. Formou-se em canones, na universidade de Coimbra, em 1831 — Foi deputado ás côrtes, em 1842 — Falleceu em Lisboa, a 18 de dezembro de 1854. Escreveu e publicou algumas obras de merecimento. (Vide adiante.)

Note-se que o solar do ramo primogenito d'estes Azevedos, é na freguezia da Lama concelho de Barcellos (4.° vol., pag. 28, col. 2.ª). Na *quinta de Pairos*, d'ésta freguezia, ainda existem as ruinas de um venerando edificio que foi solar dos Azevedos, senhores d'este couto.

Tanto estes Azevedos como os da Tapada, que é a mesma familia, descendem de D. Godinho Viegas (fundador do mosteiro de Villar de Frades) filho 2.° de Egas Gozendes, senhor de Riba-Douro e Bayão, que viveu no tempo de D. Affonso VI, de Castella e Leão. D. Egas, era filho de D. Gozendo Arnaldes, filho 2.° do famoso D. Arnaldo de Bayão. (Vide *Azevedo; Bayão; Carrazedo de Bouro; Fiscal; Lama*, do concelho de Barcellos; *Oliveira do Douro ou dos Conegos; S. João de Rei; o 1.° Rendufe;* e *Ucha.*)

O fundador da casa dos Azevedos, da Lama, foi D. Pedro d'Azevedo, do qual foi 23.° neto, por varonia, Francisco Lopes de Azevedo Velho da Fonseca, 1.° visconde de Azevedo, feito em 19 de agosto de 1846, e conde do mesmo titulo, em 23 de novembro de 1876; mas pouco tempo foi conde, porque morreu logo em dezembro do mesmo anno.

Foi escriptor publico distinctissimo, bom poeta, e, sobretudo, um verdadeiro homem de bem, e um brioso fidalgo.

—

Tornemos á casa da Tapada.

É famosa esta casa, por n'ella casar, viver e morrer o celebre poeta Francisco de Sá de Miranda. Era filho bastardo do conego Gonçalo Mendes de Sá, natural de Coimbra, e este, filho de João Gonçalves de Miranda e D. Philippa de Sá.

Francisco de Sá de Miranda, nasceu em Coimbra, a 27 de outubro de 1495. [1] Estudou jurisprudencia na universidade, onde se distinguiu, pela sua grande intelligencia, e na mesma universidade *leu* varias cadeiras. Por fallecimento de seu pae, abandonou o seu logar, e não quiz acceitar varios logares de lettras que lhe offereceu D. João III. Decidido a viajar, sahiu de Portugal, percorrendo varias cidades, como Milão, Veneza e Roma, na Italia; e outras da Europa.

No seu regresso a Portugal, foi muito estimado por D. João III, e por seu filho, o principe D. João, pae do rei D. Sebastião. O mesmo D. João III, deu a Sá de Miranda a commenda da Tapada, que era da ordem de Christo.

O poeta não era cortezão, e, como tinha um genio alguma cousa melancolico, e desprendido das intrigas e sumptuosidades da côrte, retirou-se para a sua quinta da Tapada, onde cultivava as lettras, *jogava o taboleiro*, tocava rebeca, hia á caça, e banqueteava lautamente os seus amigos.

D. João III continuou a ser amigo do poeta, e lhe arranjou o casamento com D. Briolanja de Azevedo, irman de Manuel Machado, nobre e riquissimo fidalgo, senhor de Entre Homem e Cavado, no alto Minho, [2] e de outras terras.

Segundo varios escriptores, D. Briolanja era tão velha, quando se tratou d'este casamento, que andava encostada a um bordão, pelo que Sá de Miranda lhe disse, quando pela primeira vez a viu, em casa do irmão d'ella — «*Castigae-me, Senhora, com esse bordão, porque vim tão tarde.*»

O sr. Camillo Castello-Branco, porém, o mais assiduo e sollicito esmerilhador de curiosidades historicas e genealogicas do nosso paiz, como o tenho provado em varios logares d'esta obra, diz que a *lenda do pau* se formou de um erro typographico, na *vida*

[1] No mesmo dia em que foi acclamado rei de Portugal, D. Manuel, duque de Beja, filho do infante D. Fernando e neto do rei D. Duarte — e primo e cunhado do seu antecessor, D. João II.

[2] É actuálmente representante d'esta familia, o sr. conde da Figueira.

de Sá de Miranda, contada por Gonçalo Coutinho. Que o poeta tendo então mais de 40 annos de idade, dissera á sua futura noiva — *Castigae-me, senhora, com este bordão, porque vim tão tarde.*

O que é certo, é que D. Briolanja, qualquer que fosse a sua edade, tève de seu marido dous filhos — um chamado Gonçalo Mendes de Sá, que morreu em Ceuta (Africa) em uma batalha contra os mouros — e o outro — Jeronymo de Sá e Azevedo — que herdou a casa, e foi um excellente musico, tocando varios instrumentos. Casou e teve successão.

Sá de Miranda, falleceu na sua casa da Tapada, a 15 de Março de 1558, com 63 annos de edade. Sua mulher já tinha fallecido em 1556.

A maior parte das suas obras, foram escriptas na Tapada. Algumas correm impressas, mas a maior parte dos seus manuscriptos, perderam-se. Os seus contemporaneos o cognominavam *o Plauto portuguez.*

Ha varias edições das obras d'este escriptor. Os que desejarem mais amplas informações sobre ellas, vejam o *Manual bibliographico portuguez, do sr. Ricardo Pinto de Mattos, revisto e prefaciado pelo sr. Camillo Castello-Branco,* pag. 504.

—

Os Azevedos, tinham em Portugal dous ramos principaes — o da casa de Azevedo, que era o tronco da familia — e o da Tapada. D'esta casa era D. João d'Azevedo de Sá Coutinho, magistrado, poeta, membro do parlamento em varias legislaturas, e redactor de diversos jornaes, na provincia e em Lisboa, e do qual já fallei no principio d'este artigo,

Tambem nasceu na casa da Tapada, D. Maria Amelia d'Azevedo, casada com seu primo, Rodrigo Vaz de Carvalho (irmão de Gonçalo José Vaz de Carvalho, alcaide-mór e visconde de Monção). D. Maria Amelia, foi mãe de José Vaz de Carvalho — fallecido em 1878 — e pae da sr.ª D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, que assigna parte dos seus escriptos com o pseudonymo de *Valentina de Lucena.* (Na *Moda illustrada,* assigna-se *Miss Arabella.*)

É uma escriptora elegante e infatigavel. É casada com o sr. Gonçalves Crespo, um dos nossos actuaes bons poetas.

—

No dia 8 de fevereiro de 1877, falleceu em Braga, a viscondessa da Torre, D. Marqueza de Azevedo de Sá Coutinho, da casa da Tapada, e irman do celebre D. João d'Azevedo de Sá Coutinho, da Tapada, e do qual já por duas vezes fallei n'este artigo.

Era casada com o sr. João Feio de Magalhães Coutinho, feito 1.º visconde da Torre, em 3 de agosto de 1870. Ja era barão do mesmo titulo, desde 13 d'agosto de 1847.

—

Tambem descende da casa da Tapada, o sr. João de Sá Coutinho, da nobre casa da Aurora, em Ponte do Lima, e que foi feito visconde da Aurora, em 28 de Setembro de 1878. (Vide *Ponte do Lima*).

Muitas outras familias distinctas, da provincia do Minho, procedem de Francisco de Sá de Miranda.

TAPADA DO ERVIDEIRO — Vide o penultimo *Sabroso.*

TAPADA DOS OLHEIROS — sitio do Alemtejo, no termo e ao N. de Castello de Vide. Ha aqui os restos de um grande dolmen.

TAPADA DE PEDRO ALVARO — Alemtejo — no sitio de Sobreira Formosa do Alemtejo, termo e ao N. E. de Castello de Vide, e perto da ribeira de S. João. Tambem aqui ha os restos de um dolmen. Fica a uns 40 metros do antecedente.

Ha por estes sitios um grande numero d'estes monumentos pré-historicos, que não menciono, para não enfadar o leitor.

Esta circumstancia prova que a villa de Castello de Vide, e seu territorio, são habitados desde tempos remotissimos.

TAPÉUS — freguezia, Douro, na Comarca e concelho de Soure, (até 1864, foi do concelho de Pombal) 24 kilometros ao S. O. de Coimbra, 190 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1768, tinha 21.

Orago, o Espirito Santo.

Bispado e districto administractivo de Coimbra.

O rei, pelo tribunal da meza da conscien-

cia e ordens, apresentava o vigario, collado, que tinha 130$000 réis de rendimento.

Pertenceu a esta comarca o antigo concelho do Rabaçal, mas quando o decreto de 6 de março de 1852 extinguiu este concelho, passaram as freguezias que o constituiam, a formar parte do concelho de Penella, comarca da Louzan.

Fertil, gado e caça.

TARDINHADE — aldeia, Minho, na freguezia de Ganfei, comarca, concelho e proximo (ao E. N. E.) da praça de Vallença do Minho. (Vide 3.º vol., pag. 258, col. 2.ª) [1].

No sitio onde hoje se vê uma ermida, dedicada a S. Theotonio, existiu a casa onde em 1082 nasceu o illustre varão S. Theotonio, 1.º prior de Santa Cruz de Coimbra. Junto a esta ermida, ha a *fonte do Forninho*, da qual a agua é reputada por milagrosa pelo povo d'estas terras, porque d'ella bebia o santo emquanto aqui residiu.

O pae de S. Theotonio chamava-se *Oveco*, e a mãe, Eugenia. Eram ambos de nobre geração.

Quando nasceu S. Theotonio, já em Ganfei havia o mosreiro de monges benedictinos, onde o santo aprendeu as primeiras lettras.

Tendo dez annos de edade, o chamou para Coimbra, seu tio materno o bispo D. Cresconio, que lhe deu por mestre em theologia, humanidade e canto, o arcebispo D. Tello.

Quando tinha 16 annos, falleceu seu tio, e S. Theotonio foi para Viseu, onde era prior outro seu tio, por nome D. Theodorico.

Em Viseu tomou as ordens, até que, aos 30 annos, por morte d'este seu tio, foi feito prior (1112). Ampliou e ornou muito a egreja do seu mosteiro, e lhe adquiriu muitas rendas.

D. Gonçalo, bispo de Coimbra e successor de D. Cresconio, que governava a diocese de Viseu—e que esteve, por muito tempo, sem bispo — é que constrangeu o santo a acceitar o emprego de parocho da egreja matriz de Viseu, que então não tinha outra parochia.

Foi visitar os logares santos de Jerusalem, deixando em seu logar, Honorio. Na sua volta, não quiz tornar a ser prior, nem mesmo bispo, para o que muito o instaram, sujeitando-se a coadjuvar Honorio, como seu cura.

Tornou ainda á Palestina, e no seu regresso a Portugal, juntamente com seu mestre, D. Tello, fundou o mosteiro de conegos regrantes de Santo Agostinho, cujas obras principiaram em 28 de junho de 1132, e a 24 de fevereiro de 1133, já havia 72 religiosos, tendo principiado com 12.

Foi elle eleito, 1.º prior d'este mosteiro, ao qual tinha dado a invocação de *Santa Cruz*, que sempre conservou.

Fundou o mosteiro de S. Romão, de Céa, e o de Santa Maria da Pena, em Leiria.

Foi confessor e amigo dedicado de D. Affonso Henriques.

No seu mosteiro, de Santa Cruz, fundou um hospital para homens pobres; e fez erigir outro, para mulheres, no mosteiro das conegas de S. João das Donas.

Aos 70 annos de edade, renunciou o priorado. Morreu a 18 de fevereiro de 1162, com 80 annos de edade, e foi sepultado em Santa Cruz de Coimbra, em um magnifico tumulo de jaspe, em 1630. [1]

Foi canonisado, logo a 18 de fevereiro de 1163, pelo papa Alexandre III.

O dia de S. Theotonio (18 de fevereiro) era, antes de 1844, de guarda, nos bispados de Viseu e Pinhel.

O povo de Ganfei faz todos os annos uma explendida festa a S. Theotonio; e uma reliquia sua é aqui conservada com grande respeito e devoção.

Sendo parocho em Viseu, com suas doutrinas e santos exemplos converteu muitos mouros, que ainda por allí abundavam n'aquelle tempo. Gastava todas as suas rendas em obras de caridade, pelo que á sua casa (que era onde hoje está a casa do cabido,

[1] Talvez que o nome d'esta aldeia, provenha de *Tardinheiro*, portuguez antigo, que significa — o que chega tarde, vagaroso, remisso, descuidado, etc.

[1] Até então, tinha estado na casa do capitulo, do mosteiro, debaixo do altar.

com tribuna para a Sé) se dava o nome de *Seio d'Abrahão.*

TAREJA — antiquissima freguezia, Minho, no actual concelho de Felgueiras, supprimida ha uns poucos de seculos. Vide *Aufragia, Pombeiro, e Sadim* (o 2.º).

TAROUCA — Vide *João de Tarouca (São).*

TAROUCA — villa, cabeça do concelho do seu nome, na comarca, bispado e 12 kilometros ao S. de Lamego, 324 ao N. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1768, tinha 101.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Districto administrativo e 40 kilometros de Viseu.

O dom abbade do convento de Bernardos, de Salzedas, apresentava o reitor, que tinha 40$000 réis, segundo o *Portugal Sacro;* mas, segundo a *Historia ecclesiastica do bispado de Lamego*, tinha 200$000 réis, o que é mais exacto.

É no districto da 4.ª divisão militar.

Este concelho é composto de 8 freguezias, todas no bispado de Lamego, e com 1:550 fogos — São : Dalvares, Ferreirim, Gouvães, Lalim, Lazarim, Meiginhos, Tarouca. e Varzea da Serra.

O rei D. Manoel lhe deu foral, em Lisbôa, a 27 de fevereiro de 1514 (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 78, v., col. 2.ª)

É povoação antiga e foi sempre cabeça de concelho[1].

Segundo a tradição, a egreja matriz da villa, é a 7.ª egreja parochial que houve n'este reino. É de architectura normando-gothica.

Foi collegiada, com oito beneficiados, que rezavam em côro. O reitor apresentava os curas de Dalvares, e Gouveães.

Ao sul da villa, está a grande e alcantilada serra de Santa Helena, em cujo alto está a capella da santa que lhe dá o nome, e que é festejada no 2.º domingo de julho de cada anno. Do adro da ermida, se veem — ao S.' a serra da Estrella — a E., serras de Hespanha, o castello de Penedôno, e outras terras — ao N., a serra do Marão e outras montanhas — e ao O., se vê a serra de Monte-Muro.

A um kilometro de villa, corre o rio Barosa (ou Varosa) que vae desaguar na esquerda do Douro, em frente da villa da Régua, e que, depois de ter passado á povoação de Mazes, desce a Lazarim, passa abaixo de Lalim, e a Almofála, Villarinho, S. João de Tarouca, Mondim das Meias, até perto da ponte nova d'Alvares. É seu confluente o rio Balsemão. Ambos regam e fertilizam bellissimas veigas, hortas e pomares.

A este concelho pertenciam varios coutos e freguezias, que hoje são de outros concelhos.

Teve juiz de fóra, desde 1804 até 1834.

No archivo da camara existe um livro antiquissimo, escripto em caracteres desconhecidos (para os que o teem visto) e que deve conter bastantes curiosidades.

O concelho é cortado pela nova estrada, á mac-adam, de 2.ª ordem, que de Lamego se dirige a Trancoso. Onde se divide a estrada que vae para Viseu, está o famoso *Castanheiro d'ouro,* bem conhecido por estas redondezas. É hoje esta arvore secular, propriedade do sr. José Alves Pereira da Silva, que construiu á sua sombra, uma casa para hospedaria. Segundo a lenda, o nome de castanheiro d'ouro, provem-lhe de estar sobre um riquissimo *thesouro encantado*, que alguns mouros estão guardando. É certo que, quando o dito sr. José Alves mandou abrir os alicerces para a hospedaria, se acharam, a pouca profundidade, uma amphora de barro preto, duas pias de pedra, cada uma com dois palmos e meio de comprido, e seis pollegadas de largo; e alguns carvões. Tambem, quando se abriu a estrada, se achou no meio d'ella um grande buraco, que hia ter a uma galeria subterranea. Os engenheiros o mandaram entupir.

—

Na aldeia de Arguedeira, d'esta freguezia, ha um formôso palacete, pertencente ao

[1] No mosteiro de Salzêdas, existia a escriptura de troca de uma vinha, feita em 1273, que dizia — *Outorgo a vós davandito Conzelo, essa viña de susodita*, para aqui se fundar a villa de Tarouca. É pois mais que provavel, que a fundação de Tarouca, data do ultimo quartel do seculo XIII.

sr. José Alves Pereira da Fonseca, e por elle mesmo mandado construir. O sr. Fonseca, é um rico proprietario, e geralmante estimado, pelas bellas qualidades que o adornam.

—

O territorio d'este concelho, é fertil em cereaes, fructas, hortaliças, e, sobre tudo, em vinho e castanhas.

Condes de Tarouca.

Procediam do 1.º senhor de Tarouca, Dom João Affonso Telles de Menezes, irmão de Martins Affonso Telles de Menezes, pae da rainha, D. Leonor Telles de Menezes, mulher de D. Fernando I — Eram estes tambem irmãos de D. Gonçalo Telles de Menezes, conde de Neiva e Faria, de quem procedem as casas de Marialva, Cantanhede, e Ericeira.

D. João Affonso Telles de Menezes, era conde de Barcellos e de Ourem, grande valido de D. Pedro I, e de seu filho D. Fernando I, do qual foi mordomo-mór, e alferes-mór. Morreu em 1381.

Tinha casado com D. Guiomar Lopes de Villa-Lôbos, filha de Lopo Fernandès de Villa-Lôbos, senhor de Ferreira d'Aves.

Foi séu filho, *D. João Affonso Tello de Menezes,* 1.º conde de Vianna, casado com D. Maior Porto-Carreiro- Tiveram:

D. Pedro de Menezes, 2.º conde de Vianna, e 1.º conde de Villa-Real (de Traz-os-Montes) — De Isabel Domingues Pecegueira, mulher solteira, teve o famoso *D. Duarte de Menezes* (*vide Santarem*) legitimado em 15 de março de 1414, e foi 3.º conde de Vianna, alferes-mór do rei D. Duarte e de D. Affonso 5.º, com o qual passou á Africa, onde deixou memoria eterna, pelas acções heroicas alli praticadas na guerra, em que foi morto, a 20 de janeiro de 1564. De sua segunda mulher, D. Isabel de Castro, filha de D. Fernando de Castro, entre outros filhos teve : —

D. João de Menezes, 1.º conde de Tarouca, feito pelo rei D. Manuel, em 24 de abril de 1499. Foi um dos maiores capitães do seu tempo, sendo o terror dos mouros, na Africa. Foi mórdomo-mór de D. João II e do rei D. Manuel. que, alem de o fazer conde de Tarouca, o fez grão-prior do Crato.

Casou com D. Joanna de Vilhena, filha de Fernão Telles de Menezes, senhor de Unhão. Entre outros filhos, tiveram —

D. Duarte de Menezes, senhor da casa de Tarouca, 5.º governador da India, e 16.º da praça de Tanger, que o rei D. Manuel lhe deu em propriedade, para elle e successores.

Casou com D. Maria de Noronha, filha de Simão Gonçalves da Camara, 3.º capitão e senhor donatario do Funchal (Ilha da Madeira.) Tiveram —

D. João de Menezes, senhor da casa de Tarouca, 17.º governador e capitão de Tanger, commendador d'Albufeira (da ordem de S. Thiago.)

Casou com D. Luiza de Castro, filha de D. Pedro de Castro, 3.º conde de Monsanto. Tiveram —

D. Duarte de Menezes, que nasceu em Tangere, a 6 de dezembro de 1537, e foi 30.º senhor da casa de Tarouca, 18.º capitão e governador de Tangere, commendador de Cezimbra, mestre de campo-general do exercito.

Foi com o rei D. Sebastião para Africa, e ficou captivo na batalha d'Alcacer Kibir. voltando ao reino depois de resgatado. D. Philippe II, o fez governador do Algarve e 15.º vice-rei da India, onde morreu, em 1588.

Casou com D. Leonor da Silva, filha de Diogo da Silva, herdeiro da casa de Vagos, regedor das justiças, e embaixador ao concilio de Trento. Entre outros filhos, tiveram

2.º conde

D. Luiz de Menezes, 2.º conde de Tarouca, feito por D. Philippe III. Foi 19.º governador de Tangere e commendador d'Albufeira.

Morreu em Tangere, em outubro de 1614.

Casou duas vezes — a 1.ª, com D. Joanna Henriques, filha de Sebastião de Sá e Menezes, capitão de Sofala (India), da qual teve uma filha unica, que foi D. Julianna de Menezes, que casou com D. Luiz de Noronha e

Menezes, marquez de Villa-Real, de quem teve successão [1].

O 2.º conde de Tarouca, casou segunda vez com D. Lourença Henriques, filha de Vasco Martins Moniz, 4.º senhor d'Angeja, e d'este matrimonio nasceu o

3.º conde

D. Duarte Luiz de Menezes, 3.º conde de Tarouca. Casou com D. Luiza de Castro, 1.ª filha de D. Estevam de Fáro, 1.º conde de Fáro.

Em 1640, tomou o partido de Castella, e D. Philippe 4.º o fez marquez de Penalva, em compensação de haver perdido tudo o que possuia em Portugal, bem como todas as suas honras e privilegios, pelo crime de traição. O rei Castelhano, fazendo-o marquez de uma terra em Portugal, foi o mesmo que fazel-o marquez *in partibus.* [2]

D. Luiz de Menezes, filho do 3.º conde, passou com seu pae para Castella, e lá se intitulou conde de Tarouca e marquez de Penalva. Na guerra da restauração, serviu contra Portugal, e foi general de cavallaria na Galliza. Casou em Hespanha duas vezes, mas de nenhum dos matrimonios teve filhos.

Tambem foi filho do 3.º conde de Tarouca

4.º conde

D. Estevam de Menezes, o qual, sendo ainda creança, foi com seu pae e irmão para Castella, e devia herdar a casa de Tarouca, visto o primogenito não ter descendencia.

Em 1644, fugiu da Galliza para Portugal, e, depois de publicar um manifesto da sua adhesão á causa de D. João IV, se apresentou a este soberano, que lhe restituiu o condado de Tarouca e o fez deputado da junta dos trez estados. (Mesmo assim, nunca se fiou muito n'elle, pelo que não lhe deu emprego algum no exercito.) Morreu a 20 de novembro de 1677 e jaz em Santarem.

Casou com D. Helena de Noronha, filha dos 3.os condes dos Arcos, a qual, ficando viuva, casou com Fernão Telles da Silva, 3.º conde de Villa-Maior e 2.º marquez de Alegrete. Foi sua filha, a

4.ª condessa

D. Joanna Rosa de Menezes, 4.ª condessa de Tarouca, senhora de Penalva, Golfar, Lalim e Lazarim, e administradora da alcaidaria-mór e commenda d'Albufeira, fallecida a 23 de agosto de 1734.

Casou com João Gomes da Silva, irmão do 2.º marquez d'Alegrete, que obteve pelo seu casamento, o titulo de conde de Tarouca, e foi senhor de toda a casa de sua mulher. Era commendador de Villa-Cóva, da ordem de Christo, e capitão das guardas de D. Pedro II, e deputado da junta dos trez estados.

Ainda alcançou os ultimos annos da guerra da restauração, durante a qual fez relevantes serviços á patria, na qualidade de general de batalha, e mestre de campo-general. Depois, foi embaixador extraordinario e ministro plenipotenciario, na paz de Utrecht. Depois foi nosso embaixador em Vienna d'Austria. Regressou a Portugal, sendo feito mórdomo-mór da rainha D. Marianna d'Austria, filha do imperador Leopoldo I, e mulher do nosso D. João V, que o nomeou governador das armas, em 1735, e, ultimamente, embaixador extraordinario á côrte de Madrid.

Foi tambem director da academia real de historia. Falleceu em Vienna d'Austria, a 29 de novembro de 1738. Foi um fidalgo de vastos conhecimentos e um distincto poeta.

Entre outros, foi filho dos 4.os condes de Tarouca, o

[1] Melhor a não tivesse; porque foram seus filhos os traidores, — ultimo marquez de Villa-Real, que morreu degolado no Rocio de Lisboa, em 1641 — o arcebispo de Braga, D. Sebastião de Mattos e Noronha, que morreu na prisão — e foi seu neto, o 1.º (e unico) duque de Caminha, feito por D. Philippe 4.º, filho do ultimo marquez de Villa-Real, e que morreu degolado por traidor, como seu pae. (Vide, 1.º vol., pag. 445, — 4.º vol., pag. 103 — e *Setubal,* no anno 1641.

[2] Os que desejarem saber quaes os fidalgos portuguezes que acceitaram titulos dos Philipes, e que foram annulados por D. João IV, vejam no 6.º vol., pag 590., col. 1.ª e 2.ª.

5.º conde de Tarouca e 1.º marquez de Penalva.

D. Estevão de Menezes, 5.º conde de Tarouca, nascido a 19 de maio de 1695. Foi senhor de Penalva, Lazarim, e toda a casa e commenda de sua mãe, deputado da junta dos trez estados, e presidente do conselho ultramarino.

Casou, em 1725, com D. Margarida de Lorêna, filha de seu tio, Manoel Telles da Silva, 3.º marquez d'Alegrete, da qual teve descendencia.

D. João V, fez marquez de Penalva este 5.º conde de Tarouca, em 7 de fevereiro de 1750.

Para evitarmos repetições, termina aqui a serie dos condes de Tarouca, cuja continuação vem no 6.º vol., pag. 586, col. 2.ª, no artigo *marquezes de Penalva.*

—

As armas d'esta familia, são — escudo dividido em seis partes — na 1.ª em campo d'ouro, um estoque — na 2.ª, tambem em campo d'ouro, 4 barras de púrpura — na 3.ª, ainda em campo d'ouro, dous lobos — depois, por baixo, lobos e barras, e no meio, o escudo dos Menezes, que é — em campo d'ouro, um annel. Timbre, um dos lobos do escudo.

—

No dia 10 de maio de 1881, falleceu em Bertiandos a sr.ª condessa d'este titulo, D. Theresa Telles da Silva Caminha e Menezes, mãe da sr.ª condessa do mesmo titulo D. Joanna Maria do Rosario Francisca de Salles Pereira da Silva de Souza e Menezes, e avó do sr. conde de Bertiandos, Gonçalo Pereira da Silva de Souza de Menezes, par do reino.

A finada, senhora de elevadas virtudes, que lhe captaram o respeito geral, contava 78 annos de edade, pois nascera em 21 de fevereiro de 1803, sendo 13.ª filha dos 3.ºs marquezes de Penalva, 7.ºs condes de Tarouca.

Em 30 de maio de 1825 casára com Gonçalo Pereira da Silva de Souza e Menezes, 1.º conde de Bertiandos, 1.º visconde de Bertiandos, grande do reino, par do reino, do conselho da rainha D. Maria II, etc., do qual viuvou em 5 de setembro de 1856.

Teve duas filhas, ainda hoje vivas, a sr.ª D. Joanna Maria, a que acima nos referimos, e a sr.ª D. Maria Angelina, viuva de João Pacheco Pereira, da casa de Villar, no Porto.

—

TAROUQUELLA — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Sinfães (foi da comarca de Rezende, e do concelho de Sanfins, supprimido por decreto de 24 de outubro de 1855) 40 kilometros a O. de Lamego, 310 ao N. de Lisboa, 210 fogos.

Em 1768, tinha 144.

Orago, Santa Maria Maior.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

As religiosas do mosteiro de S. Bento da Ave-Maria, da cidade do Porto, apresentavam o reitor, collado, que, segundo o *Portugal Sacro*, tinha 320$000 réis de rendimento.

Tem quatro ermidas publicas — N. S.ª do Ó — Jesus Maria José — S. João Baptista — e S. Sebastião.

Está situada esta freguezia sobre a margem esquerda do Douro, e o seu territorio, posto ser bastante accidentado, é de clima saudavel e ameno, e muito fertil em todos os generos agricolas do nosso paiz. Produz bastante vinho, que apezar de ser verde, é de superior qualidade.

O rio Douro a fornece de optimo peixe, e pelo mesmo rio, faz grande negocio com a cidade do Porto, que lhe fica 40 kilometros a O. Cria muito gado de toda a qualidade, e nos seus montes ha abundancia de caça miuda.

É povoação que, com o nome de *Taroukela*, já existia no tempo dos godos; mas o documento mais antigo que encontro d'esta freguezia, é uma venda, feita em 1134, por Egas Moniz e sua mulher Thereza Affonso, da sua herdade em *Taroukela* (que lhes tinha sido dada pelo infante *D. Affonso Anrics*) ao mosteiro de Salzedas. Esta venda foi feita por um *kavalo* de 250 *módios* e uma mulla de 300. (Parece que aqui, *módio* é o mesmo que *sôldo.*)

Em 1230, D. Pelagio, bispo de Lamego, doou ao mosteiro de freiras benedictinas de Tarouquella, tres moios de pão, que ellas pagavam de censo á mitra.

Em 1337, Martim Fernandes da *Coynha*, renunciou a *natura* (direito de successor de padroeiro) *comedoria*, *casamento*, *cavallaria*, e outro qualquer direito que podesse ter no mosteiro de freiras de Tarouquella.

(Documento das benedictinas do Porto.)

—

Vê-se pois, que houve aqui um antiquissimo mosteiro de freiras benedictinas, que primeiramente foi de agostinhas.

Em 1171, D. Mendo, bispo de Lamego, e o seu cabido, cederam á egreja do mosteiro de Tarouquella, matriz da freguezia, todos os direitos que n'ella tinham, reservando sómente trez *aureos*, que seriam pagos annualmente, por dia da *Cadeira de S. Pedro*, e o *donativo dos generosos*.

Em 1187, os *herdeiros* d'esta egreja, a doaram a D. Urraca Viegas e ás suas *sorores*; mas, parece que se não verificou esta doação, porque, em agosto de 1194, a mesma D. Urraca, contratou com os filhos e netos de Ramiro Gonçalves, e D. Auroana — «*que estes lhe doassem a egreja de Tarouquella, para alli professar a regra de S. Bento.*» (Até então seguiam a regra de Santo Agostinho.)

Em 1198, já a tal D. Urraca se intitulava abbadessa, na carta de venda que lhe fez o convento da *Hermida*, do casal da *Lavandeira*, juncto ao mosteiro de Tarouquella.

Parece que D. Urraca, ou não chegou a professar, ou deixou relaxar bastante a regra; porque, em 1201, os *herdeiros* da egreja de Tarouquella, allegando que se não observava rigorosamente o instituto, sustentaram que podiam dar a egreja a outra qualquer ordem, que bem lhes parecesse. O que é certo, é que D. Urraca sahiu d'este mosteiro, e foi estabelecer-se no de Thuyas, da ordem de S. Bernardo, pondo fôra d'elle os frades (conegos de Santo Agostinho) aos quaes D. Thereza Affonso, mãe de D. Urraca, o tinha dado, em 1165.

Não se sabe o tempo que D. Urraca esteve em Thuyas, mas sabe-se que, em 1220, recebeu o veu, da mão de D. Pelagio, bispo de Lamego, sendo outra vez abbadessa de Tarouquella. Ainda era abbadessa em 1231: depois não ha mais noticias d'ella.

D. Thereza Affonso, mãe de D. Urraca, era filha do conde D. Affonso, das Asturias, e foi 2.ª mulher do famoso Dom Egas Moniz (aio de D. Affonso Henriques) pae de D. Urraca. É por esta razão que ella fazia o que queria, pois que D. Sancho I e D. Affonso II a trataram sempre com a maior consideração.

Este mosteiro era duplex.

—

Como os mosteiros de Moreira da Maia, Retorta, Rio-Tinto, Sardoura (S. Miguel de) Tarouquella, Tuyas, Torrão (Santa Clara) Villa-Cóva, e outros — todos benedictinos — eram pequenos e pobres, D. João III, por bulla do papa Paulo III, os encorporou no de S. Bento da Ave-Maria, do Porto, em 1535, vindo para elle as freiras dos mosteiros supprimidos, com todas as suas propriedades e rendas.

A egreja do mosteiro de Tarouquella, continuou porém a ser a matriz da freguezia.

O mosteiro estava contiguo á egreja matriz, e d'elle não ha vestigios. Suppõe-se que a residencia do parocho era parte do edificio do mosteiro.

TAVARÊDE — freguezia, Douro, comarca e concelho da Figueira da Foz, e contigua á villa d'este nome, 40 kilometros ao O. de Coimbra, 198 ao N. de Lisboa, 240 fogos.

Em 1768, tinha 138.

Orago, S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O cabido da Sé de Coimbra, apresentava o cura, que tinha 16$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É povoação muito antiga.

O mais antigo documento que encontro de Tavarede, é uma doação que Marinha Affonso — com auctoridade de seu marido — fez, em 1406, ao mosteiro de Ceiça, de

todos os seus bens moveis e de raiz, que tinha n'esta freguezia e em outras partes, *sob condição dos frades a receberem por familiaira, e a façam participante de todas as boas obras que no mosteiro se fizerem, e seja sepultada com honra pelos monges, se no seu mosteiro eleger sepultura.*

O rei D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, em 1517 (o dia e mez, estão illegiveis.) (*Livro de foraes novos da Extremadura, fl. 255, col. 2.ª*)

Em tempos remotos, houve aqui alfandega. Havia aqui um esteiro por onde os barcos vinham carregar e descarregar.

Ainda ha 30 annos havia n'esta freguezia trez ermidas — *Senhor da Arceira, Santo Aleixo* (da universidade) e *Senhor da Chan*, todas com muitas rendas, *procedidas de doações particulares*. Havia tambem um mosteiro de freiras, de N. S.ª da Esperança. Tudo hoje está desmantelado e as rendas......

É vasto, formoso e salubre, com boas vistas de mar e terra, o territorio da freguezia, e fertil, principalmente em milho, trigo, batatas, feijões, e grande quantidade de hortaliças, com que fornece abundantemente a praça da Figueira da Foz. O mar e o Mondego abastecem de peixe esta freguezia.

Tinha aqui o seu solar, o benemerito D. Francisco d'Almeida e Mendonça (vide 5.º vol., pag. 300, col. 2.ª — 6.º vol., pag. 249, no fim) que, quando aqui residia, era a providencia dos pobres d'estes sitios. As senhoras da sua familia deram muitos ornamentos para a egreja matriz, alguns dos quaes ainda existem, assim como a sua casa e quinta, hoje dos condes de Tavarêde, residentes em Trancoso, onde teem o seu mórgado. Esta casa ainda tem em Tavarêde e proximidades, muitos fóros.

Tambem aqui houve a casa de Manoel José Soares, fidalgo da casa real.

A estrada districtal da Figueira a Coimbra, passa por esta freguezia, e ha uma outra estrada, concluida em 1876, d'aqui á Figueira. Tambem por aqui passa o caminho de ferro (em construcção) de Coimbra á Figueira.

Ao meu illustrado amigo, o rv.^mo^ sr. Joaquim José de Figueiredo, actual abbade de Tavarêde, agradeço os esclarecimentos que se dignou dar-me.

—

Foi couto, do districto de Monte-Mór-Velho. Creada a comarca da Figueira, por D. José I, em 12 de março de 1771, ficou sendo couto d'este concelho. Extinctos os coutos, ficou pertencendo ao concelho da Figueira.

Houve aqui um mosteiro de religiosas da ordem seraphica de Santo Antonio, fundado em 1527, por frei Antonio de Buarcos. D. João III tambem concorreu com algumas esmolas para esta fundação. (Vide *Figueira da Foz.*)

Ha aqui um theatrito, mas eram tantas as desordens, que havia sempre em noites de espectaculo, que o governador civil de Coimbra o mandou fechar, em outubro de 1877.

Condes de Tavarêde

D. Antonia Magdalena de Quadros e Souza, foi 10.ª senhora de Tavarêde. Era filha de D. Joanna Magdalena de Quadros, 9.ª senhora das Lezirias de Buarcos e Tavarêde, e de José Juzarte de Quadros Cardozo Maldonado, senhor dos casaes das Eiras, fidalgo da casa real, procurador da comarca de Moncorvo, correio-mór de Coimbra.

D. Antonia, succedeu a seu pae, n'estes senhorios, e a sua prima, D. Maria Magdalena de Souza Leite, viscondessa de Condeixa, nos mórgados da casa dos Leites.

Casou, em 26 de dezembro de 1791, com o grande D. Francisco d'Almada e Mendonça, moço fidalgo, do conselho de D. Maria I, senhor da villa da Ponte da Barca, 1.º alcaide-mór de Marialva, commendador da ordem de Christo, desembargador do paço, intendente geral e inspector das obras publicas das trez provincias do norte, superintendente do tabaco e saboarias do Porto, intendente da marinha da mesma cidade, corregedor perpétuo da sua comarca, juiz geral das coutadas do reino — nascido a 30 de fevereiro de 1757, e fallecido em 1804.

Sua mulher, nasceu a 3 de junho de 1774, e morreu a 25 de fevereiro de 1835.

Tinham casado, a 26 de dezembro de 1791.[1]

D. Francisco d'Almada e Mendonça, era 2.º filho de João d'Almada e Mello, 9.º senhor de Villa Nova do Souto d'El-Rei, 7.º senhor do mórgado dos Olivaes (junto de Lisboa) 11.º senhor da Albergaria de Magdalena, moço fidalgo, conselheiro de estado, 9.º alcaide-mór de Palmella, commendador da ordem de Christo, governador das armas de Traz os-Montes, inspector da mesa do subsidio militar, e do cofre dos direitos das ditas trez provincias, e tenente general. Foi coronel do regimento de Cascaes, e, em 1755, foi com este corpo encarregado de fazer a guarda a D. José I, por occasião do terramoto do 1.º de novembro d'esse anno.

Do muito que lhe deve a cidade do Porto, serão padrões, as ruas do Almada, as praças da Ribeira, de S. Roque e da Victoria, alem de outras obras publicas importantes.

Era casado com D. Anna Joaquina de Lencastre.

—

D. Anna Magdalena de Quadros e Souza, e seu marido, Francisco d'Almada e Mendonça, tiveram dous filhos:

João, que foi o 1.º barão de Tavarede, pelo principe regente (depois D. João VI) em 7 de setembro de 1804.

D. Anna Felicia, que casou com D. Thomaz da Cunha Manoel Henriques de Mello e Castro, 11.º senhor do mórgado da Roliça, moço fidalgo, condecorado com a medalha da campanha da guerra peninsular, tenente coronel do regimento de milicias da Figueira, e que falleceu a 21 de junho de 1813.

1.º barão e 1.º conde de Tavarede

João d'Almada Quadros Souza de Lencastre, 1º barão de Tavarêde desde 7 de setembro de 1804 e 1.º conde do mesmo titulo, em 18 de março de 1848. Foi 2.º senhor da villa da Ponte da Barca, 2.º alcaide-mór de Marialva, e commendador da ordem de Christo. Nasceu a 28 de fevereiro de 1794. Casou, em 4 de março de 1810, com D. Maria Emilia da Fonseca Pinto d'Albuquerque Araujo e Menezes, filha e herdeira de Caetano Alexandre da Fonseca Pinto d'Albuquerque, senhor do mórgado de Longroiva, fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de Christo — e de D. Maria de Menezes Araujo Cardozo Cabral, senhora do mórgado da Lageosa.[1]

D'este casamento houve um filho unico, que foi:

Francisco d'Almada Quadros Souza Mendonça de Lencastre da Fonseca e Albuquerque, nascido a 6 de março de 1818, e fallecido a 25 de novembro de 1853.

Tinha sido feito 2.º barão de Tavarêde, em 23 de setembro de 1846, e 2.º conde do mesmo titulo, em 23 de março do 1848. Casou, em 25 de maio de 1848, com D. Eugenia de Saldanha d'Oliveira Daun, 3.ª filha do duque de Saldanha,[2] e pelo seu 2.º casamento, condessa de Farrobo. Falleceu em Lisboa, de uma tysica polmonar, a 25 de março de 1876, com 44 annos de edade. Tinha nascido a 25 de maio de 1831. (Nasceu a 25, casou a 25, ficou viuva do seu 1.º marido a 25, e morreu a 25!)

Teve um filho do seu 1.º matrimonio, que foi:

João Carlos Emilio Vicente Francisco de Almada Quadros Souza Lencastre Fonseca Saldanha e Albuquerque (!) feito 3.º conde de Tavarêde, em 26 de novembro de 1853, no dia immediato á morte de seu pae!

Era tambem filho de D. Eugenia de Saldanha e do seu 1.º marido — D. Maria Thereza Emilia de Almada e Saldanha, condessa do Prado e Selva, nascida em 1853, e morreu tysica (como sua mãe) em Tavira, a 22 de setembro de 1876, tendo apenas 23

[1] O solar d'estes Almadas, é no sitio do *Grillo*, freguezia de S. Bartholomeu do Beato, concelho dos Olivaes.

[1] Esta D. Maria Emilia, mulher do 1.º conde de Tavarêde, morreu em Trancoso, a 25 de julho de 1876, com quasi 88 annos de edade, pois nascera a 16 de dezembro de 1788.

[2] Esta senhora, depois de viuva, casou em 16 de maio de 1855, com Joaquim Pedro Quintella de Farrobo Junior, 2.º conde de Farrobo.

annos de edade. Tinha casado, em 1870, com Pedro de Souza, filho do fallecido Manoel Joaquim Tavares Paes de Souza e Andrade, 1.º barão da Capellinha, feito em 20 de outubro de 1852, e 1.º visconde do mesmo titulo, em 22 de setembro de 1870. Deixou (a condessa) uma filha unica, de 4 annos de edade.

—

O 3.º conde de Taravêde, é casado, em segundas nupcias, com a filha de um escrivão de Trancoso.

—

Vide 5.º vol. pag. 300, col. 2.ª, — 6.º vol. pag. 58, col. 1.ª, e 249, col. 1.ª.

TAVARES, ou **CHANS DE TAVARES**, ou **VILLA DAS CHANS** — villa, Beira Alta, comarca e concelho de Mangualde, 24 kilometros a E. de Viseu, 255 ao N. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1768, tinha 252.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção).

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha um conto de réis de rendimento annual.

É povoação antiquissima, e foi por muitos seculos cabeça de um concelho do seu nome, hoje extincto.

A rainha D. Thereza, mãe de D. Affonso Henriques, e regente do reino na menoridade de seu filho (que tinha então apenas 4 annos) lhe deu foral em Guimarães, a 27 de fevereiro de 1114. (*Maço 6, n.º 5, e na gaveta 15, maço 13, n º 9.*)

O rei D. Manuel, lhe deu foral novo, em Lisboa, a 10 de fevereiro de 1514. (*Livro de foraes novos da Beira, fl. 51 v. col. 1.ª.*)

Tem tambem uma sentença de foral, contra os moradores do logar da Abrunhosa, sobre os maninhos, dada em 30 de março de 1533. (*Livro das sentenças a favor da corôa*, fl. 8, col. 1.ª.)

Em 1349, Gonçalo Esteves de Tavares, e sua mulher, Leonor Rodrigues de Vasconcellos, fizeram um testamento, de *mão commum*, e n'elle instituiram o mórgado da Bouça, em *Terra de Tavares*, com certas capellas de missas, na egreja que fizeram edificar, na sua herdade da Córga, proximo a Viseu, e um hospital contiguo á dita egreja, para 24 *pobres honrados, ou envergonhados, ou inválidos, de honesta vida e bons costumes.* E aos homens e mulheres honrados, deu-lhe *senhos almadraques de lãa, e senhos colchas, e senhos cabeçaes, tamanhos, em que cabham com suas molheres, os que casados forem: aos outros pobres, deu-lhes duas almocellas, e senhos cabeçaes,* etc.[1] — Esta instituição foi confirmada por D. Fernando I, em 1350. (Documento de Viseu.)

—

Este mórgado da Bouça (ou quinta da Bouça) é um dos primeiros instituidos em Portugal. Este vinculo passou depois, por herança, para os Abreus, senhores de Regalados. (Vid 7.º vol., pag. 17, col. 2.ª)

—

Ha n'esta freguezia a aldeia de *Guimarantinhos*, tambem muito antiga. Em 3 de julho de 1309, Estevam Mendes Cavalleiro, o *Pichel*, vendeu aos bispos de Viseu, a sua quinta de Guimarantinhos, por 5 *forles de ouro.*[2]

É n'esta freguezia o sanctuario de Nossa Senhora do Bom-Successo, templo antiquissimo, e que, segundo a tradição, já existia no tempo dos romanos. É certo que no monte onde está construida a ermida, teem apparecido sepulturas inteiras, feitas de pedra, o grande alicerce de uma muralha, que ainda existe, e vestigios de alguns edificios.

Consta tambem que a actual ermida, era

[1] *Almadraque*, portuguez antigo, — era o cochim, estrado, ou alcatifa, que servia de genuflexorio. — Significava tambem enxerga, colchão, (cheio de lan, palha ou herva) manta grossa, ou alcatifa dobrada, que servia de colchão. — *Almocella* ou *almucella* ou *almozalla* — portuguez antigo — cobertor, coberta, ou manta de sêda, lan ou linho, mais ou menos fina e preciosa, que servia tanto nas camas dos ricos como nas dos pobres, e sempre com o mesmo nome.

[2] *Forles, frolices, frolees, e florenças,* o mesmo que *florius.* Moeda d'ouro, do peso de uma onça, e valiam hoje (se as houvesse) 14$600 réis. Mas antigamente o seu valor não era o mesmo em toda a parte.

a capella-mór da egreja parochial da freguezia, que, por ser em sitio desabrido, se mudara para o logar das Chans, onde agora está.

Na verdade, o sitio onde existe a capella, a um kilometro da villa, é um altissimo monte, d'onde se avista a serra da Estrella, e grande parte das duas Beiras.

No cume d'este monte, está a ermida de S. Caetano, ha mais de 100 annos desmantelada.

A ermida da Senhora do Bom-Successo, foi reconstruida e ampliada, pelos annos de 1706, mudando-se-lhe então a porta para o nascente.

No terreiro que está em frente da ermida, fez-se muitos annos uma feira, no dia da festa da Senhora, que é no dia da sua natividade.

Tinha ermitão, e casa de residencia para elle.

Abaixo da ermida, está uma fonte de optima agua. A sua fabrica denota muita antiguidade.

O territorio d'esta freguezia, é fertil em todos os generos agricolas, cria muito gado e é abundante de caça.

—

Tavares, é um appellido nobre em Portugal. Procede de D. Pedro Viegas de Tavares, que foi senhor da cidade da Guarda, no tempo de D. Sancho I. Albergaria, porém, a pag. 176, diz que esta famila procede de D. Estevam Peres de Tavares, 1.º alcaide-mór da cidade de Fáro, mas suppõe-se que este D. Estevam era descendente de D. Pedro Viegas.

Os Tavares, foram por muitos annos alcaides-móres de Portalegre, Assumar e Alegrete, senhores da villa de Mira.

Tomaram o appellido, da villa de Tavares.

Os Tavares, trazem por armas — em campo d'ouro, 5 estrellas de púrpura, de seis pontas — élmo d'aço, aberto — e por timbre, meio cavallo de púrpura, sellado, com peitoral, cascaveis, e freio d'ouro. No *Livro da armaria*, a fl. 15 (existente na Torre do Tombo) se diz — «julga-se que estas armas foram ganhadas polo dito D. Estevam Peres de Tavares, quando se achou na tomada de Sevilha, e que d'este descende Estevam de Tavares, alcaide-mór de Portalegre, pae de Martim Gonçalves de Tavares.

Foi em 1411, que D. João I deu a alcaidaria-mor de Portalegre a Gonçalo Esteves de Tavares. (Para evitarmos repetições, vide no 7.º vol., pag. 226, col. 1.ª e 2.ª)

Outro ramo dos Tavares, traz por armas — em campo azul, banda de ouro, sahindo da bocca de dous tragantes, de verde, lampassados de púrpura — Timbre, meio leão azul — élmo de aço aberto, como os outros Tavares.

TÁVEIRO — freguezia, Douro, comarca concelho, districto administrativo e bispado e 6 kilometros ao S. de Coimbra, 195 ao N. de Lisboa, [1] 250 fogos.

Em 1768, tinha 74.

Orago, S. Lourenço.

A mitra, apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É a 27.ª estação do caminho de ferro do Norte, contando de Lisboa, a 10.ª se se contar do entroncamento.

É povoação antiquissima.

O documento mais antigo que acho d'esta povoação, é uma doação, feita pelos *famulos de Deus, Bahri e Tranquilli*, ao convento de Lorvão, no anno de 980, de uma *herdade em Taveiro*, e duas egrejas — uma de S. Miguel e S. Pedro, em Tentugal — outra de Santa Eulalia, na villa de *Arquanio*, hoje *Arcos*, capital do concelho e da comarca da Anadia.

Em 26 de fevereiro de 1851, foi feita 1.ª viscondessa de Táveiro, em duas vidas, a sr.ª D. Maria Roza de Figueiredo da Cunha e Mello Lacerda e Lemos — e visconde do mesmo titulo, e na mesma data, seu marido, o sr. José de Mello Paes do Amaral Souza Pereira de Vasconcellos e Menezes.

Em 11 de julho de 1878, foi feito visconde do mesmo titulo (em 2.ª vida) o sr. José Pedro Paulo de Mello da Cunha Souza de Menezes e Vasconcellos, filho dos 1.ºs viscondes de Taveiro.

[1] Mas pelo caminho de ferro, são 212.

TAVÍRA — cidade, Algarve, cabeça do concelho e da comarca do seu nome, 24 kilometros ao N. do Guadiana, 24 ao O. de Castro-Marim e de Villa Real de Santo Antonio, 30 de Faro, e 240 ao S. de Lisboa.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

Tem duas freguezias, Santa Maria e São Thiago.

Bispado do Algarve, districto administrativo e 5 kilometros de Faro.

O rei, pelo tribunal da mesa da consciencia e ordens, apresentava o prior de Santa Maria, que tinha 144 alqueires de trigo, 90 de cevada e dez mil réis em dinheiro. Tem 1:650 fogos.

Em 1768, tinha 1:318.

O papa e o bispo, apresentavam o prior de S. Thiago, que tinha 144 alqueires de trigo, 72 almudes de vinho môsto e 2$000 réis em dinheiro. Tem mil fogos.

Em 1768, tinha 663.

Ambas as freguezias, teem actualmente 2:650 fogos — 10:600 almas, aproximadamente.

É comarca de 1.ª classe, do districto judicial da relação de Lisboa — e da 4.ª divisão militar. — É quartel do batalhão de caçadores n.º 4. (desde 1814 até 1834, foi quartel do regimento de infanteria n.º 14, convencionado em Evora-Monte.)

A correição de Tavira, comprehendia — esta cidade, as villas de Castro-Marim, Cacella, e Loulé; e as aldeias de Alte, Alvor, Benafim, Boliqueime, Giões, Moncarapacho, Pereiro, Ameixial, Azinhal, Bensafim de Cima, Cachopo, Martim-Longo, Odeleite, Selir, e Vaqueiros.

Tem estação telegraphica, e delegação, de 1.ª classe, da alfandega maritima de Faro. [1] É ainda hoje (não sei para que...) considerada praça de guerra de 2.ª ordem, e é uma das 18 capitanias dos portos, no departamento maritimo do sul. — Lat. N., 37,º07′ — lg. Or., 54′.

O seu concelho comprehende 7 freguezias, todas do bispado do Algarve e são — Cachôpo, Conceição, Fonte do Bispo, Luz, Santo Estevam, e as duas da cidade. Todas com 5:600 fogos, e 22:000 almas, aproximadamente [1].

A sua comarca é composta de 4 concelhos — *Alcoutim*, com 1:800 fogos; *Castro-Marim*, com 1:860; *Tavira*, com 5:600; *Villa Real de Santo Antonio*, com 1:300; Total, 10:560 fogos.

Pela nova divisão judicial, tem 6 julgados, que são: *Alcoutim, Castro-Marim, Martim Longo, Santo Estevam, Tavira, e Villa-Real de Santo Antonio.*

D. Affonso III, lhe deu foral, e o titulo de villa, em Lisboa, no mez d'agosto de 1266. (*Livro 1.º de doações de D. Affonso III,* fl. 84, col. 1.ª)

O mesmo soberano, deu foral aos *mouros fôrros* de Tavira, em Lisboa, a 12 de julho de 1269. (*Livro 1.º de doações de D. Affonso III,* fl. 97 v., col. 1.ª)

O rei D. Manoel, lhe deu foral novo, em Lisboa, a 20 d'agosto de 1504. (*Livro de foraes novos do Alemtejo,* fl. 23 v., col. 1.ª)

Tem por brazão d'armas — uma ponte, entre duas torres, sobre o mar, onde navega um navio á véla.

—

Tinha voto em côrtes, com assento no 2.º banco.

—

Antiga, bonita e famosa cidade. Pretendem alguns que seja a *Balsa*, dos romanos [2]; mas, segundo o itinerario de Antonio Pio, *Balsa*, era na costa do Algarve, em 37.º de lat. e 10,º 36′ de long. — 30 kilometros de Ayamonte (ou Esuri, Andaluzia, sobre a esquerda do Guadiana) e 24 kilometros da

[1] Em quanto o seu porto deu ingresso a navios de todas as lotações, era a alfandega de Tavira a primeira e mais rendosa do Algarve.

[1] A freguezia da Fuzêta, que era d'este concelho, passou para o de Olhão, em março de 1876.

[2] A palavra *balsa* ou *balça*, tem varias significações — póde ser: *silvado basto* com que se veda uma propriedade rural — *ramal de coral*, que a força das ondas arranca do fundo do mar — *logar apaulado*, coberto de matagaes, charcos, ou lagôas — *dórna*, em que se pizam uvas — *jangada*, feita de madeira, para andar sobre a agua — e finalmente, chamava-se *balsa* a bandeira dos templarios, que era branca e preta (por isso se lhe dava o nome de *bipartida*) tendo no

capital do Algarve. (*Ossonobo* ou *Cunistergis*) ficando Balsa no centro d'estas duas cidades. Os *mouros*, depois, lhe chamaram *Tabíra*.

—

Foi um bom porto de mar, dando ingresso a navios *d'alto-bordo*; e o commercio era frorescentissimo, chegando a haver 70 navios proprios d'esta cidade; e aqui vinham navios bretões, allemães, biscainhos, inglezes, gallegos e de outras procedencias, carregar sal, peixe sêcco, vinho, e toda a qualidade de fructas. Era tal o movimento commercial, que D. João II, em 1491, concedeu a esta cidade, um feira de 49 dias, a começar no 1.º de setembro, terminando a 19 de outubro, com todos os privilegios da feira de março, d'Aveiro: o que foi confirmado por D. João III, em 10 de março de 1550. O cardeal-rei, ampliou esta feira, pelos trez mezes de setembro, outubro e novembro, por carta de lei, de 10 de julho de 1579, e assim existiu, até que, por carta de lei de 8 de maio de 1647, D. João IV confirmou a continuação d'ella, por mais quatro annos, em attenção aos damnos que soffreram os povos, com a peste que principiou em 1645, e durou 13 mezes, morrendo, aproximadamente, 40.000 pessoas.

Hoje tem trez feiras — a 6 d'agosto, trez dias — a 8 de setembro — e a 4 de outubro.

Teve grandes pescarias de atuns, sardinhas e grande variedade de outros peixes. Hoje o peixe vem da Fuzêta, para o consumo do povo da cidade e arredores; pois o rio apenas hoje tem dous metros de agua, na baixa-mar. (Vide *Fuzêta*.)

centro, a cruz vermelha, da ordem. As côres eram divididas perpendicularmente, a metade branca, do lado da aste, e a preta, do lado de fóra. Em volta, tinha a legenda — NON NOBIS DOMINE SED NOMINI TUO DA GLORIAM.

Talvez porém que *balsa*, como nome de Tavira, venha da 2.ª significação (ramo de coral) se não provém de outra palavra cuja significação hoje se ignora.

Balsão, era a bandeira, pendão ou estandarte, atravessado na aste, terminando inferiormente por dous triangulos, como hoje se vê nas procissões.

—

A barra de Tavira, é de areia, e sujeita a muitas variações. Actualmente, está a uns 2 kilometros a O. de Cacella, no sitio chamado *Juncal*, e apenas dá entrada a barcos de 18 toneladas. Desde 1833, porém, tem profundado outra barra chamada *Boquêta*, a uns 20 metros mais para O., pela qual entram, na praia-mar, embarcações da tonelagem de 6000 arrobas, que vão carregar quasi á porta dos armazens.

Tanto esta barra como a outra, vão diariamente areiando para o O., e abrindo para E. Na embocadura, tinha o *Compromisso* (no sitio da *Barróca*) dous pharoes de luz fixa, construidos e sustentados por elle, para evitar sinistros nos seus barcos.

Entrada a barra, toma-se a O., na direcção da *Ponta do Atalho*, fronteira á fortaleza de Santo Antonio — d'ahi ao N., para a ponte, que fica proxima.

Na bocca da barra que hoje está entulhada, foi construido o forte de S. João Baptista, ou da Conceição, ao O. do qual se lança a armação do *Médo das Cascas*.

—

A cidade é cercada de muros, com um castello, do tempo dos romanos, ampliado e reparado pelo rei D. Diniz, em 1292, como se prova pelas inscripções que ali foram gravadas. Foi destruida com as frequentes guerras do principio da nossa monarchia, e reedificada por D. Affonso III, em 1266, dando-lhe então foral, com grandes privilegios.

Está situada sobre as duas margens do *Rio Sêcco*, que se communicam por uma optima ponte de pedra, de sete arcos, que une a antiga á moderna povoação.

A cidade assenta em uma pequena elevação, amena e deliciosa. Tem boas ruas, com edificios nobres e uma bella praça (na margem direita do rio) onde estão os paços do concelho, cuja fachada assenta sobre uma arcada, sob a qual se faz, diariamente, um bom mercado de fructas, pão, hortaliças, legumes, peixe e outros generos.

O seu territorio é abundante, em vinho, (o melhor do Algarve) azeite, (só no concelho 27 lagares) figo, alfarroba, laranjas,

romans, amendoa, *kermes*, [1] cêra, resinas, lenha, aguardente de figo, e outros generos agricolas, que exporta em grande quantidade, para diversos portos d'este reino, Gibraltar, Catalunha, Sardenha, Brasil, e outros paizes.

Exporta tambem grande quantidade de excellente canna, para a Inglaterra, Hollanda, Belgica, etc. e tambem para differentes partes de Portugal.

A gran de carrasco (kermes) vae, na sua maxima parte, para Gibraltar, Marselha e Genova. Em 1835, só um negociante comprou no concelho de Tavira, mais de doze contos de réis de gran de carrasco.

As varzeas de *Peões*, na esquerda do rio, tem optimas cearas e excellentes quintas e pomares.

—

Como acontece com todas as povoações antigas, não se sabe com certeza, quando ou por quem foi fundada. Segundo uns, foi uma colonia de gregos, pelos annos do mundo 3615 (384 antes de Jesus Christo.) Outros porém lhe dão muito maior antiguidade, dizendo que o seu fundador foi *Briga*, 4.º rei das Hespanhas, pelos annos do mundo 2114 (ou 1890 antes de Jesus Christo) dando-lhe o nome de *Talabriga*, que os arabes corromperam em *Tabíra*. (É a eterna historia de *Briga*, rei — ou *Briga*, povoação, como temos visto em muitos logares d'esta obra.)

—

Foi cidade importante no tempo dos phenicios e dos cartaginezes, e a sua importancia cresceu ainda, durante o dominio dos romanos. Nada de positivo se sabe, do que foi esta povoação, nos 300 annos que os *barbaros do norte* dominaram as Hespanhas.

—

Em 1242, era senhor de Tavira, *Aben-Fabúla*. [1] Estava-se no mez de junho (outros dizem — e é mais possivel — em julho) e havia treguas entre mouros e christãos, por ser tempo das colheitas de uns e outros [2].

A 11 de junho (ou julho) estava o famoso D. Payo Peres Correia, com os seus cavalleiros de S. Thiago e outra gente, na villa de Cacella; e *D. Pedro Paes*, commendador-mór de S. Thiago, (outros dizem, *Pedro Rodrigues*) *Mem do Valle, Damião Vaz, Garcia Estevam* (outros dizem, *Alvaro Garcia*) *Estevam Vasques, e Valerio da Hora* (outros dizem, *Valerio d'Ossa)* lhe pediram licença param hirem caçar ao sitio das *Antas*, proximo, mas do outro lado de Tavira. Atravessaram a ponte; mas, apenas chegaram ao tal sitio das Antas, uma multidão de mouros, bem armados, os cercou e investio. Os cavalleiros, vendo-se atacados por tão grande numero de mouros, resolveram que um d'elles fosse dar parte d'esta traição, a D. Payo. A sorte cahiu em *Garcia Estevam*, que a toda a brida, por entre os mouros, foi dar parte a D. Payo, que jurou cruel vingança de tão cobarde traição, e voou em soccorro dos seus cavalleiros, que eram todos jovens e a flor dos seus batalhadores. Os companheiros de D. Payo, hiam tambem ardendo em desejos de vingar os seus camaradas. Como vertiginoso furacão, passaram a ponte e a cidade, mas já dos cinco cavalleiros e do bravo mercador *Gar-*

[1] Kermes, é um insecto que se cria nos carrascos e produz a formosissima côr carmezim, vulgarmente conhecida pela denominação de *gran de carrasco*, tão apreciada desde o tempo dos phenicios e dos romanos, que a exportavam em grande quantidade. (Vide *Algarve*.)

[1] Este facto já fica relatado no 8.º volume, a pag. 483, col. 2.ª — Aqui só digo o nome dos cavalleiros portuguezes que com a sua imprudencia deram causa á conquista de Tavira, por haver divergencia nos nomes d'elles: no mais, remetto o leitor para o logar citado do 8.º volume.

[2] Lê-se em um documento, do seculo XIV existente no archivo da camara de Tavira, que os mouros ainda senhores da cidade, disseram — «*Sômos já ácerca do mez de julho, em que avemos apanhar nossos pains, e mais vence chegando a tempo do pellacill*, (pellacil ou abacil, quer dizer, tempo das colheitas do vinho e azeite). *E pois que asi çomos maltratados do Mestre* (D. Payo) *façamos com elle tregoas athé S. Miguel de Setembro, que vem, e apanharemos então nossas novidades, e depois guerrearemos com elles, athé que os deitemos fóra da terra.*»

cia Rodrigues, [1] nenhum vivia, depois de terem combatido por muitas horas, e deixado o chão coberto de mouros, ou mortos, ou mortalmente feridos.

Os christãos, não perdoaram a sexo nem edade, fazendo nos mouros um horrivel destroço, e ficando senhores da cidade.

D. Payo, mandou logo purificar e benzer a mesquita maior dos mouros, e alli mandou erigir um mausoleu aos seis portuguezes que tão caras haviam vendido as suas vidas, e cujos cadaveres para alli foram conduzidos em solemne procissão. Ainda hoje, uma lapide singela, confirma e commemora esta façanha.

É tradição constante em Tavira, que, por muitos annos, existiram no sitio das Antas, innumeraveis ossadas dos mouros que alli morreram n'este dia memoravel.

Vide o logar citado, do 8.º volume.

A *Monarchia Lusitana*; Ruy de Pina, *chronista de D. Affonso IV*; Duarte Nunes de Leão, *chronista de D. Affonso III*, Pedro de Mariz, Luiz Coelho de Barbuda, e outros escriptores, dizem que, quando D. Affonso XI de Castella, veio pôr cêrco a Tavira, em 1337, lhe appareceram os cavalleiros do monte das Antas; o que aterrou de tal sorte o rei castelhano que, vendo que tinha contra si, não só os vivos, mas os que tinham morrido, havia 95 annos, levantou o cêrco, sem dar batalha.

Archeologia

Em uma propriedade do sr. Cunha, que fica proxima a esta cidade, appareceu em 1868, uma lapide de marmore, com uma inscripção romana, do anno 4.º de Cesar (34 antes de Jesus Christo.) Dizia—

INLIAE TIB F. MAR
CIAE GEMINAE
AMICAE OPTIMAE
L. QVINTIVS PRISCION
CUM CALLAEA. T. F. SEVERINA
ET QVINTIA AVITA FIL. D. D.

[1] Garcia Rodrigues, era um rico mercador portuguez. Vinha de Faro, com muitas cargas de fazenda, e vendo o perigo dos cavalleiros, entregou as cargas aos creados, e correu, em reforço dos cavalleiros, decidido a combater a seu lado e a morrer matando.

O nome inteiro de Priscionio, pae de Quincia Avita, devia ser, *Lucio Quincio Avito Priscionio*, que era por adopção da familia *Avito*, e por geração, da *Priscionio*.

Teem-se achado aqui trez esqueletos de homem e um de creança, de 0,m50 de comprido. Este, estava tapado com trez bandejas de barro cosido, sobrepostas, e a cabeça descançava sobre duas pedras. Tinha ao lado, um bonito vaso lacrimatorio, de barro.

No mesmo sitio, foram encontrados, a pouca profundidade, trez amphoras e dés vasos, lacrimatorios, uns de barro cosido, outros de vidro; diversas ferramentas, dous anneis d'ouro, e muitos outros objectos, evidentemente romanos.

Contiuuaram as escavações, que deram em resultado o descobrimento de umas 300 sepulturas.

Era pois n'este sitio a *necropole* dos romanos, quando dominaram estas terras. Fica a 2 kilometros de Tavira, junto ao logar das *Andas* (outr'ora, povoação romana) na margem do rio, hindo da cidade para a Fozêta.

—

Em um cabeço, que é o ponto mais alto da cidade, existem as ruinas de um castello antiquissimo, que se julga obra dos romanos. Pretendem alguns, que era aqui a antiga Balsa.

—

Já em fevereiro de 1840, se tinha achado na serra de Tavira, uma porção de medalhas de prata, do tamanho dos nossos antigos tostões, com bustos, em relevo, de varios imperadores romanos, da 1.ª época do imperio. Estavam todas muito bem conservadas, e as legendas muito legiveis. Quasi todas foram vendidas em Tavira e em Fáro.

—

Na *Quinta da Trindade*, freguezia da Luz, d'este concelho, a 6 kilometros de Tavira, e proximo á egreja matriz, teem apparecido differentes antiguidades, o que induz a suppôr que fosse por estes sitios a antiga Balsa. Tambem aqui foram achadas, uma ára, com inscripção grega; sepulturas, com inscripções latinas; alicerces de varios edificios, e outros objectos.

—

Ainda na mesma freguezia, no sitio das *Antas* (onde muitos asseveram ter tido o seu assento, a Balsa, dos romanos) se fizeram em abril e maio de 1877, importantissimas descobertas archeologicas, na propriedade do sr. João Luiz de Mendonça e Mello, taes como, lapides, columnas, bases, capiteis, vestigios de porticos, ladrilhos de uma perfeição admiravel, mosaicos de figuras hexagonas e uma galeria ainda obstruida; tudo leva a acreditar que se depara ali com o circo da antiga Balsa.

As duas inscripções lapidares alli encontradas, são a prova d'esta verdade. A primeira tem a seguinte inscripção:

L. CASSIVS CELER
PODIVM IRCI
PEDES C.
SVA IMPRENSA
D. D.

A inscripção significa que Lucio Cassio Celer construiu á sua custa cem pés de podio do Circo da Balsa.

A familia Cassia, a quem esta cidade pertencia, era uma familia patricia muito importante em Roma; muitos dos membros d'ella figuraram nos mais altos cargos da Republica, tornando-se entre esses notaveis Lucio Cassio Ceciliano, Lucio Cassio, filho de Quinto, e Caio Cassio Celer, triumviro monetario.

A segunda inscripção reza assim:

C. LVCINIVS BADIVS
PODIVM CIRCI P. C.
SVA IMPRENSA D. D.

E significa que Caio Lucinio Badio construiu á sua custa cem pés do podio do circo de Balsa.

O fragmento de um cippo alli encontrado, de fino marmore, tem ainda legivel uma parte da inscripção.

CVMANT....
L. E. STAV....

Na quinta do sr. Francisco Simões da Cunha, que demora a leste das Antas, notavel pelos muitos objectos archeologicos alli encontrados e especialmente um cemiterio romano, tambem ha pouco foi alli encontrada uma lapide tumular com a seguinte inscripção:

D. M. S.
ALBIA NEREIS
ANN. L. X.
H. S. E. S. T. T. L.

Indica que é consagrada aos Deuses Manes, — *Diis Manibus Sacrum*, — e que Albia Nereida, de sessenta annos de edade, está alli sepultada: — *hic sepultus est* — terminando pelo voto de que a terra lhe seja leve: — *Sit tibi terra levis.*

Tambem alli se observam: uma amphora, dois vasos cinerarios, dois vasos dos chamados lacrymatorios, uma agulha de prender o cabello, e alguns medianos e pequenos bronzes do baixo imperio.

—

Na *Torre d'Ares*, no *Paúl*, e em *Marnis*, tambem teem sido achadas preciosas antiguidades romanas e arabes.

—

Em 1878, o sr. Francisco Raphael da Cruz Furtado, offereceu á *Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, varios objectos romanos, achados em escavações feitas em Tavira, sendo — duas inscripções pertencentes ao circo da antiga Balsa — um tijolo romano, de fórma triangular, com a marca do oleiro — um fragmento de mosaico de diversas côres, achado na margem direita do Guadiana — e, finalmente, duas facas de silex, de extraordinaria grandeza e notavel execução.

—

Resgatada Tavira, para sempre, do poder dos mouros, em 1242, logo a 9 de janeiro de 1244, deu D. Sancho II, o senhorio d'esta cidade, e o padroado da sua egreja, á ordem de S. Thiago, em premio de ter sido tomada pelos cavalleiros d'esta ordem.

—

Quando o rei de Castella, D. Affonso, o *Sabio*, invadiu Portugal em 1252, entrando por Alcoutim, pôz cêrco a Tavira, e se apossou de algumas terras do Algarve.

(Para evitarmos repetições vide no 1.º vol., pag. 122, col 2.ª e seguintes.)

Cedendo o monarcha castelhano das pretenções que tinha sobre o Algarve, fez entregar a D. Affonso III o castello de Tavira e os mais d'esta provincia, por carta de 16 de fevereiro de 1267.

—

Estando o rei D. Diniz n'esta cidade, deu carta de privilegio aos seus moradores, em 15 de abril de 1303, para que os seus herdamentos não podessem ser penhorados, nem vendidos, por dividas, excepto sendo ao rei. Este privilegio foi confirmado e ampliado aos bôis (não excedendo a quatro) pelo rei D. Manoel, em carta, escripta mesmo em Tavira, a 17 d'abril de 1509. Dom João III, confirmou este privilegio, em 1525.

—

Foi o rei D. Diniz, que mandou reparar e ampliar as muralhas mouriscas que cercavam a cidade.

Os habitantes de Tavira fizeram grandes serviços á patria, tanto na expulsão dos mouros, do Algarve, como nas conquistas da Africa, soccorrendo as praças d'Arzilla, cercadas pelos mouros, em 1516, Mazagão, em 1576, e varias outras.

—

O rei D. Manoel, por carta de 22 de fevereiro de 1509, fez Tavira *couto de homisiados*, que de Castella, ou de qualquer parte do reino, aqui quizessem vir recolher-se, dentro em 6 mezes depois da data da carta de couto.

—

Por carta de 10 de março de 1458, concedeu D. Affonso V, que os mareantes de Tavira podessem hir vender peixe onde quizessem, sem pagamento de portagem.

—

Tinha esta cidade outros muitos privilegios, que seria longo enumerar, sendo os principaes — não poderem (mesmo os peões) ser jámais açoitados, degredados com pregão, nem receberem penas publicas, por seus delictos. Isto, em attenção a terem os reis recebido continuados serviços nas armadas, e soccorros de alem-mar, dos habitantes de Tavira, no que expunham as suas vidas e gastavam as suas fazendas. Dom João III, confirmou estes privilegios, por carta regia de 10 de novembro de 1525.

Por estes mesmos serviços, o rei D. Manoel a fez cidade, por carta de 17 de março de 1520.

—

O terramoto do 1.º de novembro de 1755, causou grandes prejuizos a esta cidade. A *Rua Nova Pequena*, a Corredoura e Ribeira, ficaram inhabitaveis. O mosteiro de S. Francisco, soffreu grandes ruinas. Ficou arrazado o hospital que se estava acabando de reedificar. Felizmente, n'este horrivel cataclysmo só morreu uma rapariga.

Já tinha soffrido outra igual, ou maior, catastrophe, com o terramoto de 27 de dezembro de 1722, pelas 6 horas da tarde.

—

Foi quartel-general do governador das armas do Algarve — quartel do governador da praça — residencia do corregedor — do provedor das comarcas do Algarve — e do juiz de fóra.

—

O rio *Sêcco*, ou, *Asseca*, que divide em duas partes esta formosa cidade, chamava-se antigamente *Gilaon*, e depois, *Sêqua* (Sêcca).

—

Os arrabaldes de Tavira comprehendem bellas fazendas e terras muito ferteis. As margens do rio são bonitas, e veem-se bastos e frondosos arvoredos, silvestres e fructiferos.

Tem marinhas de sal.

—

A egreja matriz, de Santa Maria, era a mesquita-maior dos mouros, que, como vimos, D. Payo Peres Correia fez benzer, para n'ella serem enterrados os seis bravos cavalleiros. Tambem elle quiz ser aqui enterrado, e assim o dispôz no seu testamento. Morrendo no mosteiro de *Vellez* (outros dizem que foi em Uclés) em Hespanha, cabeça do mestrado da sua ordem (S. Thiago) da qual era grão-mestre, a 10 de fevereiro de 1275 (vide 8.º vol., pag. 483, col. 1.ª) foram seus ossos conduzidos para esta egreja, de Santa Maria, de Tavira. Estão em um caixão de pedra, no altar-mór, do lado do

Evangelho. Do lado da Epistola, está uma lapide, embutida na parede, com 6 cruzes vermelhas, indicando o logar em que Dom Payo mandou sepultar os cinco cavalleiros, mortos á traição pelos mouros, e o bravo mercador, Garcia Rodrigues, que se lhes reunira, não para os defender, mas para morrer com elles, no sitio das Antas.

No archivo da camara d'esta cidade, ha uma *Chronica* que dá aos 6 cavalleiros os nomes seguintes — *D. Pedro Paes — Mem do Valle — Damião Vaz — Estevam Vasques Valerio d'Ossa — e Alvaro Garcia.* A *Monarchia Lusitana* (livro 14, cap. 20) difere alguma cousa nos nomes dos seis cavalleiros, como vimos quando tratei da tomada de Tavira. No que não ha divergencia é no nome do volorosissimo mercador, *Garcia Rodrigues.*

Á entrada da capella-mór, está um carneiro, contendo os ossos do alcaide-mór, José Felix da Cunha.

O terramoto de 1755, apenas deixou de pé a capella-mór d'esta egreja, que ainda hoje, em sua gothica architectura, denota a sua antiguidade, e nos leva a acreditar (em vista da sua ordem architectonica) que, antes de ser mesquita dos mouros, havia sido templo christão.

O benemerito bispo do Algarve, Francisco Gomes d'Avellar, a mandou reedificar com a maior magnificencia.

É um magestoso templo de trez naves, muito claro.

A ordem de S. Thiago, apresentava o prior, e dous beneficiados, curados, e quatro simples -- dous d'estes, nomeados pelo bispo e pagos pelos dizimos da *massa grossa* — e os outros, pela commenda, que recebia metade dos dizimos. A outra metade era do cabido.

Esta freguezia, estende-se 18 kilometros para a serra.

—

A egreja matriz de S. Thiago, é um bom templo de uma só nave, e muito espaçoso. O rei D. Affonso III, deu (estando em Evora) este priorado, a D. frei Bartholomeu, seu capellão e medico. Tinha trez beneficiados.

Ambas estas egrejas matrizes estão proximas e na direcção do rio.

—

A capella dos Terceiros do Carmo, é um templo moderno, bellissimo e elegante.

A egreja dos mareantes (S. Pedro Gonçalves, ou Santelmo) é rica e bonita.

—

No espaçoso rocio da Atalaya, onde está o mosteiro das freiras bernardas, podem manobrar facilmente 3:000 homens.

É um lindo passeio, com vistas do mar e do rio, frondosos arvoredos e cercado de casas de bonita apparencia, quintas e hortas, quasi todas regadas com a agua da fonte de *Santo Antoninho*, que nasce do alto do rocio, rebentando de uma rocha, entre a *Horta do Tiro* e a das *Cannas.* É perenne e salina-gazoza.

Hospital do Espirito Santo

Este hospital, foi fundado em 1442, pela confraria de Santa Maria, com a invocação do Espirito Santo. Teve grandes privilegios, concedidos por D. Affonso V, em 16 de fevereiro de 1450, confirmados e ampliados pelo mesmo soberano, em 3 de janeiro de 1480, e por D. João II, em 10 de fevereiro de 1487. A camara lhe deu meia legua de mattos, na *malhada da serra*, por escriptura de 13 de janeiro de 1499.

Vinham a este hospital tratar-se muitos doentes das nossas possessões africanas, pelo que, o rei D. Manoel deu ao hospital um por cento de todo o rendimento do almoxarifado da alfandega d'esta cidade, por alvará de 29 de março, de 1508; por cujo rendimento se lhe deu 25$300 réis, por provisão de 22 de agosto de 1511 — e Dom João III, lhe confirmou ainda varios privilegios, por alvará de 28 de agosto de 1530.

Algumas pessoas caritativas, augmentaram as rendas d'este hospital, com varios legados.

Aqui concorriam muitos doentes, de varias partes do Algarve.

Por escriptura de 28 d'agosto de 1727, lhe addiccionou João de Mendonça Corte-Real, sendo governador d'esta praçá, uma capella que instituiu, de todos os seus bens alodiaes, com a renda de 297$750 réis, em fôros, e 329$950 réis em juros, para que aqui fossem admittidos todos os annos, no mez de maio, quaesquer enfermos de molestias venereas: e que fossem alli creados e mantidos dez expostos, pelo menos, até á edade de sete annos; a 1$000 réis por mez, e 3$000 por anno, para vestidos — que se déssem em cada anno, quatro dotes de réis 30$000, cada um, a quatro raparigas, sendo preferidas as naturaes de Tavira, e entre estas as mais bonitas (pelo perigo) e que fossem expostas; e não as havendo, seria o dote dado a orphans. Por seu testamento, ainda juntou ao que já tinha dado ao hospital, os remanescentes do que sobejasse do seu funeral.

Jazem os ossos d'este caridoso varão, na capella do Lorêto, sita na praça, a qual tinha fundado, nas casas onde morava.

Hoje é geralmente conhecido este estabelecimento, sob a denominação de *Hospital de S. José.*

Tem de rendimento annual, mais de 3:000$000 réis, e são aqui tratados, mais de 40 doentes effectivos.

No 11.º volume do *Archivo Pittoresco*, correspondente ao anno de 1868, a paginas 292, 310, 342, e 392, vem uma magnifica descripção, feita pelo nosso esclarecido archeologo, o sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, que por extensa não copio. Os que desejarem saber minuciosamente a historia d'este hospital, consultem os logares indicados.

—

Casa da Mizericordia

Teve principio em uma capella do convento de S. Francisco. Passou depois, para o logar onde hoje está a egreja, que se principiou a construir em 1511, dando-lhe o rei D. Manoel, compromisso, á maneira da Misericordia de Lisbôa, em 15 de novembro de 1516, tendo já então de rendimento 560$050 réis.

Manoel Nobre Canellas, lhe deixou varias rendas, em 1679, com a pensão de uma missa, nos domingos e dias santos, e quatro dotes de 30$000 réis a parentas suas e orphãos, separando a terça parte dos fóros do trigo, para se dar aos pobres, em pão cosido.

Hoje tem de rendimento, um conto de réis, aproximadamente.

—

Aguas

A parte da cidade que está sobre a margem direita do rio, (a O.) é abundante de excellente agua potavel, em um chafariz, chamado a *Fonte*, que fica proximo da ponte, com cinco bicas, para o serviço publico, e um bom tanque para gado.

Quatro bicas, são providas d'agua, por um antigo aqueducto, que vem de uma nascente da *serra de Santa Maria*, juncto á egreja: a da outra bica, nasce mesmo no logar onde está o chafariz.

Alem do chafariz referido, ha n'esta parte da cidade — que é a principal — varias nascentes e poços, de água de bôa qualidade. Junto ao chafariz, ha aguas mineraes, das quaes adiante trato, em § especial.

Do alto do *Malfôro*, no sitio do *Paiol*, desce outro antigo aqueducto, que passa junto aos arcos da praça, com bastante agua, que, na sua maior parte se perde no rio.

Na parte da cidade que fica sobre a esquerda do rio (E.) só ha poços d'agua salobra.

—

Aguas mineraes

Junto á cidade, no rocio da Atalaya, em que já fallei, e cujo solo é de rocha, coberto de terra marnosa, na sua parte mais alta, entre a *Horta do Tiro* e a das *Cannas*, nascem, em abundancia, uns olhos d'agua, que, até ao principio d'este seculo, só eram empregadas na irrigação das hortas e quintas circumferentes.

Pelos annos de 1806, o medico João Nu-

nes Gago, principiou a applicar estas aguas, com bom resultado, nas molestias em que julgou deverem ser empregadas.

Nasce esta agua mansamente, por entre fendas de uma rocha calcarea, e, em qualquer das trez principaes fendas, é abundante; sendo a chamada *Fontinha de Santo Antonio*, de quasi uma telha d'agua.

É constante a quantidade d'agua, em todas, mesmo na estiagem.

Esta agua é muito crystalina, e é da mesma qualidade, em todos os *olhos*, pois está provado que nascem de um só e mesmo reservatorio. O seu sabor é agradavel, e levissimamente picante.

Em qualquer estação, a sua temperatura, é de 78 gr. F., ou 2¹/₂ R.

A analyse pelos reagentes e pela evaporação, nada mostra de enxofre, mas grande abundancia de gaz carbonico, muriatos de sóda e calcareo.

D'estas aguas trata o doutor Fonceca Henriques, no seu *Aquilegio*, p. 71 — e depois d'elle, o doutor Francisco Tavares, medico de D. Maria I, nas duas *Instrucções e cautelas praticas* (publicadas em 1810) a pag. 175.

Apresentadas na exposição de Paris, de 1867, e devidamente analysadas, eis o que decidiram os chymicos francezes — traducção —.

A agua d'estas nascentes, é limpida, não apresentando gôsto ou cheiro apreciaveis, nem revela a existencia de acido sulphydrico. A sua temperatura, constante em todo o anno, é de 26.° cent., contendo por kilogramma, 0. gr. 490 de principios fixos — isto é — sulfatos e chlorétos alcalinos; carbonatos de cal e de magnezia; silica, e uma diminuta quantidade d'alumina e de oxydo de ferro.

—

Doação de direitos reaes

Do reguengo a muitos direitos reaes d'esta terra, fez D. João I doação, de *juro e herdade*, a Fernando Alvares Pereira, irmão do famozo condestavel, D. Nuno Alvares Pereira; doação que continuou até á ultima donataria, que foi, D. Catharina Constança de Barrêdo, que morreu sem descendentes, deixando vaga para a corôa, a doação das propriedades d'este reguengo; o qual D. Maria I, deu ás freiras do Coração de Jesus (Estrella) de Lisboa, por carta de 13 de janeiro de 1781; mandando proceder ao tombo, dando-lhe depois foral proprio, por alvará do 1.° de junho, de 1787, com o qual se fez grande vexame aos moradores da cidade e freguezias visinhas, e do qual os libertou o decreto de 14 de agosto de 1832.

Este grande reguengo, comprehendia as melhores terras d'estes sitios, na ribeira do Assêca, com o fôro de quotas de fructos, 8.ºˢ 5.ºˢ e 4.ºˢ, nos das *Pedras d'El-Rei*, *Arroyo*, e Santa Luzia — metade do rendimento dos moinhos da ribeira, e o fôro de 100 libras (a cada um) no *Tôjo*, em 10 divisões, por 10 *homens bons* (louvados) que vinham a ser 1:000 libras de fôro annual. [1] Mais os direitos de duas hortas, uma na Atalaya e outra em Bellafria; e do *relêgo*, com seus direitos, etc.

—

Serra de Tavira

D. João I, querendo reduzir a cultura esta serra, occupada por mattos e silvas, a concedeu em *sesmaria*, aos povos visinhos, para que a arroteassem, cultivassem e povoassem; mas não acceitando isto os póvos, a mandou devassar, para todos que a quizessem reduzir á cultura e povoar. Esta mesma providencia, foi inutil, até que o rei D. Manoel a fez julgar propriedade da camara de Tavira, por sentença de 1502. A camara então foi aforando isto, com o encargo de um alqueire, por cada 15 de trigo, milho e centeio que se colhese.

Assim foi crescendo o numero dos povoa-

[1] Note-se porém que eram *libras portuguezas*, e não *sterlinas*. As libras portuguezas, tiveram differentes valores, segundo os reinados, e até segundo as terras, pois o seu valor não era geralmente egual. As libras de que se trata no texto, eram provavelmente das que valiam 700 réis. Mesmo assim, importava este fôro, annualmente, em 700$000 réis, o que era uma grande quantia, para aquelles tempos.

dores, na extensão de muitas leguas quadradas de serra, de módo que foi precizo dividir em oito freguezias, de mais de 1:200 fogos, a parte cultivada e povoada.

A camara, fez uma amplissima doação de toda a serra ao capitão-mór Manoel Godinho de Castello-Branco, em 1645, apenas com o encargo de pagar annualmente 200 réis á camara. Esta doação, apezar de iniqua, foi confirmada por D. João IV!

A requerimento d'estes povos, atormentados pelos vexames e extorções do novo donatario, Manoel Vaz Velho, annullou D. José I, por alvará de 13 de março de 1772, aquella absurda e illegal doação, mandando que, a cada um dos moradores da serra, ficasse pertencendo, d'alli em diante, o pleno dominio e posse dos predios por elles cultivados e habitados, como proprios, e sem pensão ou encargo algum.

Esta sábia providencia, deu nova vida a esta gente, e fez desenvolver muito a cultura da serra.

—

Pedra

É o territorio d'esta cidade, abundantissimo de varias qualidades de pedra. Tem optimo *carbonato de cal* (pedra calcaria) e varios fornos para a sua calcinação. Ha, em differentes partes, formoza *cantaria*. No *Sêrro do Cavaco*, proximo ao Asseca, e no sitio dos Fortes, ha bellos *marmores pretos*. Ha aqui uma especie de *marmore*, que, depois de polido, é de um lado côr d'ouro, e do outro, parece madreperola. Acham-se com abundancia, *marmores cinzentos*, outros *manchados de encarnado, com veias de outras côres*, no sitio de Santa Margarida.

No sitio da *Senhora da Saude*, 3 kilometros ao N. da cidade, ha *pedras de amolar* de boa qualidade; e perto da *Ribeira do Almargem*, nos mattos do Espirito-Santo, ha excellente *pedra preta*, para mós de moinhos, a qual se exporta em grande quantidade.

—

Dentro do rio, e 1:500 metros abaixo da cidade, ao O., está a povoação de *Santa Luzia*, composta de umas 50 cabanas de junco, occupadas por pescadores e apanhadores de *murraça*. Arderam todas, em maio de 1876, deixando os seus moradores em extrema miseria. Já se reconstruiram.

—

Fabricas

Por alvará de 31 de maio de 1776, mandou D. José I, estabelecer aqui uma fabrica de tapeçarias, de lan e séda, para a qual deu quatro contos de réis, a Pedro Leonardo Mergous, e a Theotonio Pedro Heitor que executaram primorosas obras, mas (cousas nossas...) este bello estabelecimento pouco tempo durou.

—

Minas

Em fevereiro de 1875, foram manifestadas na camara de Tavira, trez minas de cobre e outros metaes.

Em junho do mesmo anno, foi aqui manifestada uma mina de ferro, e outros metaes.

Em novembro do mesmo anno, outra mina de cobre.

Em janeiro de 1877, outra de ferro e manganez.

—

Diversos factos e noticias

O anno de 1834 (desde junho em diante) foi uma verdadeira época de terror, para os habitantes pacificos de Tavira. Em nenhùma outra povoação de Portugal se perpetraram tantos assassinatos de realistas, como aqui.

Mencionarei só, os de que tive noticia:

1.° *O doutor João Evangelista Machado* juiz dos orphãos de Tavira. Foi assassinado em sua propria casa, e o seu cadaver arrastado pelas ruas.

2.° *Ludovico José da Rosa*, coronel, e governador que fôra, da praça de Tavira. Foi assassinado pela escolta, que (apezar da convenção d'Evora-Monte) o levava preso para Olhão. Perguntando alguem ao commandante da escolta, porque consentira que se perpetrasse tão cobarde assassinato, respondeu — *Cumpri as ordens dos meus superiores.*

3.º *Manoel José Evora Rosa.* Foi preso em Tavira, e assassinado pela escolta no sitio do Calvario.

4.º *Francisco de Paula Oliveira Pontes,* de Tavira. Foi assassinado, *á vista das auctoridades,* quando recolhia a sua casa.

5.º *Manoel José de Figueiredo,* de Alcoutim. Hindo preso para Tavira, foi assassinado, pela escolta, e mais um creado que o acompanhava, e os seus cadaveres queimados em uma fogueira.

6.º *Sebastião Martins Mestre,* coronel e governador da praça de Villa Real de Santo Antonio, onde o conservaram tres dias sem comer nem beber, sendo ao 4.º arrancado da prisão e assassinado ás punhaladas e bayonetadas; sendo o mais encarniçado assassino, o provedor do concelho!

7.º 8.º e 9.º *Frei Joaquim de Moncarapacho — José Pereira Ramos,* capitão de veteranos — e *José Mourão.* Foram presos em Tavira e mettidos a bordo de uma embarcação, com destino a Lisboa. O escrivão e mais guardas que os acompanhavam, assassinaram-os, e cortaram-lhes as orelhas, que, orgulhosos da sua *façanha,* vieram mostrar para Tavira.

10.º *Thomaz Antonio da Guarda Cabreira,* marechal do exercito realista. Foi preso em Tavira, sua patria, e levado para a cadeia de Faro, e n'ella assassinado, por consentimento das auctoridades e da guarda da cadeia.

Alem d'estes, ha outros muitos assassinatos de que não pude obter noticias circumstanciadas.

—

O orgam novo da egreja de Nossa Senhora do Monte do Carmo, assente em dezembro de 1875, foi construido no Porto, por José Joaquim da Fonseca.

—

Em julho de 1876, Pedro Tello, proprietario em Lagos, pediu ao governo, licença para explorar as ostreiras naturaes, existentes entre o cabo de Santa Maria, e a barra de Tavira, incluindo a foz do rio.

—

Pelas 8 horas e 15 minutos da manhan de 21 de novembro de 1876, uma nuvem compacta de gafanhotos passou sobre esta cidade, em direcção ao norte.

Pernoitaram nos arredores de Castro-Marim e Villa Real de Santo Antonio, milhares de milhões d'elles, cobrindo as arvores, occultando completamente as folhas, que devoraram. Felizmente, no concelho de Tavira, como hiam de passagem, não causaram prejuizos, e apenas susto.

—

Em julho de 1877, foi tão espantosa a quantidade de atuns, colhidos nas armações de Tavira, que não havia pessoas sufficientes para os preparar, chegando a vender-se a 1$300 réis a duzia!

—

Em 30 d'agosto de 1877, falleceu n'esta cidade, João Pereira Maia. Foi secretario de divisão, no reinado de D. João VI, e, seguindo a causa legitimista, convencionou em Evora-Monte.

Regressando a casa, rarissimas vezes sahia.

Apesar de viver sempre n'esta terra, não ha uma duzia de pessoas em Tavira que o conhecessem de vista.

Para ir á fazenda que tinha fóra da cidade, vestia-se de mulher e ia para lá á noite, e no mesmo traje recolhia á cidade.

Em quanto estava na fazenda, vigiava os trabalhadores por uma pequena abertura da janella, sem que o vissem.

Até quasi dois annos antes da sua morte, nem o medico o via. Quando estava doente, o medico era chamado, mas o filho, ou alguem da familia, é que descrevia a doença.

Que original!

—

No dia 9 d'agosto de 1880, foi o povo de Tavira sobresaltado por um acontecimento, que aterrou toda a cidade. Foi o seguinte.

Um negociante de atum, tinha encarregado dous homens de removerem uma porção de espinhas d'aquelle peixe, contidas n'uma pilheta em um armazem situado, como muitos outros utilisados para o mesmo fim, dentro da cidade.

Como os dous homens se demorassem, foi o negociante pessoalmente verificar se tinham sido cumpridas as suas ordens; não voltou porem. Um afilhado d'este, estranhan-

do a demora dos trez, dirigiu-se ao armazem, mas tambem lá ficou. Mais tarde foram os quatro infelizes encontrados mortos dentro da pilheta ; haviam succumbido á acção mortifera dos miasmas desenvolvidos pelas espinhas do atum, que sendo destinadas para guano, tinham sido preparadas com sal de resalga, que na maior parte das vezes já está aruinado.

Consta que alguns homens encarregados de effectuar a remoção dos quatro cadaveres, adoeceram, não obstante as providencias que antecipadamente tinham sido adoptadas.

Em Tavira foi geral o panico, e todos á porfia estão dispostos a auxiliar a authoridade nas medidas energicas de que deve necessariamente lançar mão, a fim de evitar a propagação do mal que só deve attribuir-se ao criminoso abuso de ser consentido similhante genero de industria dentro da cidade.

As medidas até agora adoptadas pela authoridade não são sufficientes, para prevenir os males que d'este e outros factos identicos podem advir a esta povoação.

—

No dia 31 de março de 1881, pela meia hora da manhan, no meio de um horrivel temporal, ouviu-se um medonho trovão, que fez tremer a cidade. A sentinella de caçadores n.º 4, postada proximo á egreja da ordem 3.ª de S. Francisco, no rocio da Atalaia, viu cahir um raio no zimborio da egreja, e cahiu sem sentidos.

Outra sentinella, que estava ao paiol da polvora, distante 50 metros da dita egreja, vendo sahir linguas de fogo pelas frestas do zimborio da egreja, gritou ás armas. Todas as torres tocaram a rebate, e acudiu muito povo da cidade e arredores, mas todos os seus inauditos esforços foram inuteis; porque, em poucos momentos, tudo ficou reduzido a cinzas, podendo apenas salvar-se as capellas da Senhora da Boa-Morte e a denominada o *Sanctuario*; algumas imagens, o archivo e alguns paramentos que estavam na casa do despacho, por ter serenado o vento: a não ser isto, o fogo ter-se-hia communicado ao hospital, que fica em frente da egreja, ao quartel, e talvez ao paiol, o que seria o cumulo das desgraças.

Felizmente, não houve desgraças pessoaes.

A egreja era muito rica de obra de talha, de quadros, imagens, pratas e paramentos. A perda foi calculada em 80 contos de réis.

A cidade ficou consternada, e abriu-se logo uma subscripção para se reedificar a egreja, que era uma das mais sumptuosas de Tavira.

—

Egreja de Nossa Senhora da Luz

Fica a 6 kilometros de Tavira, entre esta cidade e a povoação de Moncarapacho. Foi principiado este magestoso templo, em um sitio chamado *Fonte-Santa*, no principio do XIV seculo ; mas, vendo-se que o terreno era acanhado para tão grande fabrica, se mudou para o sitio actual. Apenas concluido, foi erecto em egreja matriz, da freguezia da Luz. (4.º vol. pag. 503, col. 1.ª)

A nascente chamada Fonte Santa, é de agua medicinal, e efficaz para a cura de molestias cutaneas.

—

Ermida de Nossa Senhora das Angustias

Fica a 1 kilometro da cidade, no caminho que vae para Moncarapacho. Dá-se-lhe vulgarmente a denominação de *Capella do Calvario*, porque antigamente aqui terminava a procissão dos Passos. É muito antiga, e não pude saber quando ou por quem foi fundada.

—

Ha ainda varias ermidas na cidade e arrabaldes, das quaes não pude obter informoções.

—

Fortificações

Já disse que a cidade é cercada de muralhas, com seu castello, e não é precizo dizer, que está tudo desartilhado e desmantelado.

São porêm dependentes de Tavira, as seguintes fortificações—

1.ª *Bateria de Fozêla* — 2.ª Fonte de

S. João—3.ª, Bateria de Santo Antonio—Estas duas ultimas estão na margem do *Gilaon* (sêcca, Assêca, ou Sêcco.)

—

O porto de Tavira, é defendido pela *Fortaleza Velha*, construida dentro do rio, perto da sua foz — e pelo forte do Conceição, que foi o melhor; mas estão ambos muito arruinados.

—

Mosteiros

1.º—*Frades franciscanos*, da provincia da Piedade. Foi fundado em 1606, sendo bispo do Algarve, D. Fernando Martins Mascarenhas, natural d'esta cidade, e alcaide-mór d'ella Henrique Correia da Silva.

Foi fundado a requerimento do povo, que deu aos religiosos, para o seu mosteiro, umas casas álem da ponte, onde elles construiram uma ermida, e ahi residiram cinco annos, provisoriamente. Em 1611, tomaram posse da ermida de Nossa Senhora da Esperança (tambem denominada do Espinheiro) no rocio da Atalaya.

O povo d'álem da ponte, não queria deixar d'alli sahir os frades, por não haver d'aquelle lado outro convento, ao que os frades annuiram, tratando de haver a ermida de S. Braz, que Philippe II lhes deu (porque a ermida era da ordem de S. Thiago.)

Vendo porém que o sitio era de rocha viva, não havendo onde se podesse fazer uma horta, nem plantar uma arvore, e, demais a mais, não havendo d'aquelle lado agua potavel, tornaram a resolver mudar-se para a Atalaya, dando principio ao mosteiro, em 1612, dando-lhe a invocação de Nossa Senhora da Esperança, que era a da antiga ermida.

Este mosteiro foi demolido pelos liberaes, e parte do terreno que occupou é cemiterio publico da cidade.

—

2.º — *Frades paulistas*, (eremitas de S. Paulo) do mosteiro de Nossa Senhora da Ajuda — É o mais antigo de Tavira. Foi fundado junto de uma antiquissima ermida, dedicada a Nossa Senhora da Ajuda, que ficou sendo a padroeira do mosteiro.

Foi vendido pelos liberaes e demolido: hoje é propriedade particular.

3.º — *Frades franciscanos*, da provincia do Algarve. Foi fundado em um edificio que tinha sido celleiro dos mouros. Foi feito á custa do povo da cidade, lançando-se-lhe a primeira pedra, a 12 de dezembro de 1612.

Foi vendido pelos liberaes a um proprietario de Tavira, e é hoje propriedade particular.

—

4.º — *Frades cruzios* (agostinhos calçados, vulgarmente gracianos) da invocação de N. Senhora da Graça.

É actualmente quartel do batalhão de caçadores n.º 4.

—

5.º — *Frades carmelitas descalços.*

Está aqui estabelecido o asylo districtal da infancia desvalida, de Nossa Senhora do Carmo.

—

6.º *Freiras Bernardas*, extramuros, fundado em um edificio que primeiramente havia sido mosteiro de templarios.

Foi vendido pelos liberaes, mas o comprador não tem curado da sua conservação, pelo que está em ruinas.

Havia tambem o recolhimento de S. João Baptista, para mulheres pobres, que está hoje em ruinas.

—

Gafaria

Na parte E. da cidade, álem da ponte, no sitio do *Sapal*, e junto á margem do rio, está a ermida de São Lazaro, junto á qual houve um hospital de leprosos. Está n'esta ermida, uma imagem de Nossa Senhora do Livramento, objecto de grande devoção dos povos da cidade e arrabaldes. Teve uma irmandade, erecta em 1698.

—

Tavirenses illustres

Alvaro Dias da França.
Balthazar Gonçalves Lobato.
Belchior de Moraes.

Já ficam mencionados a pag. 385 d'este volume.

—

Antonio de Pádua da Costa e Almeida, visconde de Tavira—Vide *Passos da Serra*.

Este individuo vae aqui incluido, não porque elle seja natural de Tavira, mas sómente por ser d'aqui visconde, o que poderia fazer acreditar que era d'esta cidade.

—

Frei Joaquim de Santo Agostinho de Brito França Galvão. Vide no 4.º volume, pag. 501, col. 1.ª

—

Diogo de Mendonça Côrte-Real — Nasceu n'esta cidade, a 17 de junho de 1658. Era filho de Diogo de Mendonça Corte-Real, e de D. Jeronyma de Lacerda. Formou-se em direito, na universidade de Coimbra, e foi logo feito corregedor da comarca do Porto.

Em 1691, D. Pedro II o nomeou embaixador extraordinario á Hollanda — e, em 1693, á Hespanha, onde esteve até 1703, anno em que rompeu a *Guerra da Successão*, entre Philippe V, e o archiduque Carlos da Austria. (Vide 4.º vol. pag. 369, col. 1.ª)

Regressando então a Lisbôa, D. Pedro II o nomeou seu secretario das mercês; e secretario de guerra, em 1704.

D. João V, o conservou no ministerio, onde sempre se portou com summa habilidade, salvando Portugal de grandes embaraços.

Sendo secretario de estado de D. João V, concluiu o tratado de paz com Castella, o que deu logar á entrevista e conferencia dos reis de Portugal e Hespanha, sobre o rio Caia, em 19 de janeiro de 1728.

Foi um dos primeiros instituidores da Academia Real da Historia Portugueza, e um dos seus mais esclarecidos membros.

Fallava perfeitamente varias linguas; tinha uma memoria prodigiosa, e era assiduo no trabalho.

Foi simultaneamente secretario da casa de Bragança e do Santo Officio; mórdomo-mór, monteiro-mór, e provedor das obras do paço.

D. João V — que muito o estimava — lhe deu (alem de muitas honras) as commendas de Santa Luzia, em Trancoso; e de Santa Maria, das Vidigueiras.

Falleceu, chorado por todo o reino, na sua quinta de Bemfica, a 9 de maio de 1736.

Tinha casado, em 19 de outubro de 1718, com D. Thereza de Bourbon, da qual teve dous filhos — D. Joaquina de Bourbon, nascida a 16 de janeiro de 1722 — e João de Mendonça Corte-Real, nascido a 3 de fevereiro de 1723.

Teve trez filhos bastardos—Diogo de Mendonça Corte-Real, que foi ministro de Estado — Pedro de Mendonça Corte-Real, que foi prior de Miranda do Côrvo e oppositor ás cadeiras da universidade—e Antonio de Mendonça Corte-Real, que embarcou para a India, em 1732, e lá casou e falleceu, com descendencia.

—

João Rodigues Andreinos — célebre pintor, pae e mestre de *Theodora Maria*, que foi tão insigne pintora como seu pae.

Este nasceu pelos annos de 1660, e não se sabe quando falleceu.

—

Maria do Rosario, de côr prêta — sabia com perfeição, latim, hespanhol, francez e italiano, fallando estas linguas com muita facilidade e elegancia. Era tambem elegante poetisa. Nasceu pelos annos de 1700, e ignora-se quando falleceu.

—

Theodora Maria — era filha de João Rodrigues Andreinos (como vimos) e de Bernarda da Ascenção. Famosa pintora. Casou com Antonio de Mendonça, de Fáro, onde falleceu a 10 de agosto de 1716, com pouco mais de 24 annos de edade. Foi sepultada na egreja de S. Pedro.

—

Antonio Mendes Arouca — excellente jurisconsulto, como mostrou nas doutissimas obras que escrevêu e se publicaram em trez tomos. Era um varão ornado de todas as virtudes christans. Desenganado das vaidades do mundo, deixou a côrte, e se retirou para a ilha de S. Miguel, nos Açôres, a viver em uma solidão, onde, por espaço de 15 annos, se deu aos exercicios da oração e penitencia.

Na sua Thebaida, escrêveu alguns livros espirituaes, que deixou aos padres jesuitas, do collegio de Ponta Delgada. Nos ultimos annos da sua vida, se dedicou a servir os enfêrmos pobres, do hospital da cidade d'Angra (Ilha Terceira) onde morreu santamente, a 23 de agosto de 1680, com 70 annos de edade, pois nascêra em 1610.

—

D. Pedro Tenorio — Nasceu pelos annos de 1335. Peregrinou muitos annos pela Italia e França, estudando nas suas mais famosas universidades. Foi bispo de Coimbra, e depois, arcebispo de Tolêdo. Foi valído dos reis de Castella, D. Henrique II, D. João I e D. Henrique III.

Esquecido de que era portuguez, se declarou acerrimo partidario de Castella, em 1379, nas guerras entre D. Fernando I de Portugal e D. Henrique II, de Hespanha, entrando á frente de numerosas tropas, pagas á sua custa, em Portugal, roubando e incendiando varias povoações.

Introduziu na Hespanha o uso de se contar pelos annos do nascimento de Jesus Christo, e não pela era de Cesar.

Enobreceu a cathedral de Toledo com grandes fabricas, e fez-lhe um magnifico claustro, e n'elle uma sumptuosa capella dedicada a S. Braz, que destinou para sua sepultura, dotando-a com grossas rendas para 16 capellães perpetuos.

Erigiu em Talavéra, um grandioso mosteiro de frades jeronymos, da invocação de Santa Catharina; dando aos mesmos frades o famoso mosteiro de Guadalupe.

Mandou construir uma magestosa ponte sobre o Tejo, em Toledo, e no meio d'ella, duas altas torres.

Junto a esta ponte, se construiu uma villa, á qual ainda hoje se dá o nome de *Villa Franca da Ponte* do Arcebispo.

Depois de ser arcebispo de Toledo 23 annos, morreu a 22 de novembro de 1399.

TÁVORA—rio, Beira Alta e Beira Baixa —Nasce da *Fonte de João Durão*, junto á villa de Trancoso (B. B.) e, com 54 kilometros de curso, entra na margem esquerda do Douro, 7 kilometros abaixo da villa de Távora e 5 abaixo de Tabuaço, na povoação *do Espinho* (vide *Pontos no Douro*) deixando á sua direita, as freguezias de—Vallença do Douro — Balsa — Desejosa — Castanheiro — Pereiro — Paredes da Beira — Riodades — Escurquella — Fonte Arcada — Freixinho — Villa da Ponte — Sernancêlhe — Tabosa das Arnas — Arnas — Cunha, etc. — e á esquerda — Adorigo — Barcos — Santo Aleixo — Tabuaço — Távora — Granjinha — Paradella — Sendim — Cabaços — Villar — Rua — Faia—Penso—Granjal — Sequeiros, etc.

Cria lampreias, bógas, barbos, enguias, escallos, tructas e outros peixes miudos.

É atravessado por muitas pontes de cantaria, sendo as principaes, as de Espinho, Fumo, Riodades, Pontigo, Villa da Fonte, e Villar. (Esta é de quatro arcos.)

As margens do Távora, são quasi sempre alcantiladas, e o seu leito, em quasi toda a parte, é de rocha núa; pelo que as suas margens (ribas) são agrestes e erriçadas de medonhos penhascos, principalmente desde a ponte do Fumo, até á de Riodades. D'ahi para cima, são mais aprazíveis, e n'ellas se veem bons campos; e da ponte do Fumo até ao Douro, magnificos vinhedos, sendo os principaes — as *Quintas de Rio Bom — do Panascal — do Sêrro — e do Espinho*, pertencentes á opulenta casa dos senhores Macedos Pintos, de Tabuaço.

A quinta do Sêrro, na esquerda do Távora, é uma das vinhas mais luxuosas do Alto-Douro. Foi mandada plantar entre 1862 e 1864. Tem mais de 50:000 videiras, sendo 30:000 de *bastardo*. Custou a plantação de cada milheiro 200 a 250$000 réis — ao todo, mais de 12 contos de réis! Infelizmente, está horrivelmente philoxerada; e, podendo produzir mais de 50 pipas de superlativo vinho de embarque, não produz hoje a quinta parte!

O *Espinho*, é um vistoso grupo d'armazens, e casas de quintas, de diversos proprietarios do Douro.

Na foz do Távora, mesmo em frente do Espinho, se fórma no Douro o temivel ponto da *Cachucha* que, no inverno, é o mais perigoso que se encontra desde a raia de

Hespanha até á Régua, e tem sido um sorvedouro de barcos e vidas. É o unico que faz parar a navegação, da Barca d'Alva para a Régua, como o *ponto da Bulla* a faz parar, entre a Régua, e o Porto apenas o rio chega a certas marcas.

Nas duas margens do Távora, e esquerda do Douro, no Espinho, estão as minas de chumbo argentifero, que foram do distincto engenheiro polaco, Ladislau Zarzechi, fallecido em 1874, e que deixou sinceras saudades a quantos o conheceram e trataram. Havia tomado parte na ultima guerra tentada pela infeliz Polonia, contra o despotismo e escravidão dos russos, e poude imigrar para Portugal.

Em frente d'estas minas, na margem direita do Douro, ha outra mina do mesmo metal, e que foi do mesmo Zarzechi. Fica perto do tal ponto da Cachucha, e no districto da freguezia de Covas do Douro, concelho de Sabrosa.

Todas estas minas, são, provavelmente, parte da Zôna metalifera das de Adorigo.

A foz do Távora, fica uns 18 kilometros acima da Régua — ao E. N. E.

—

Em 1037, no reinado de D. Bermudo III, D. Rausêndo, neto de Albuazar Ramires, e progenitor dos Távoras, derrotou os mouros, em uma renhida batalha, dada nas margens d'este rio. Foi por essa victoria, que este heroe portuguez tomou o appellido de Távora, um dos mais nobres (e infelizes) de Portugal. Vide *Chão Salgado.*

—

Era tambem nas margens do Távora, o mosteiro de freiras franciscanas, de *Nossa Senhora da Ribeira do Távora.* (Vide 2.º vol., pag. 250, col. 2.ª, e *Paredes da Beira.*)

TÁVORA — Villa, Beira Alta, concelho de Tabuaço, comarca d'Armamar, 28 kilometros ao N.E. de Lamego, 20 ao N. de Trancoso, 140 a E. do Porto, 240 ao N. de Lisboa, 190 fogos. Em 1768, tinha 108.

Orago, S. João Baptista.

Bispo de Lamego.

Districto administrativo de Viseu.

O real padroado apresentava o abbade, que, segundo o *Port. Sacro,* tinha 350$000 réis de rendimento; mas, segundo o *Historia ecclesiastica do bispado de Lamego* (que n'isto é mais exacta) tinha 450$000 réis.[1]

—

D. Manoel lhe deu foral, em Lisboa, a 8 de julho de 1514. (*Livro de foraes novos da Beira,* fl. 68 v., col. 1.ª — e fl. 106, col. 2.ª)

Foi antigamente cabeça de concelho, da comarca de Pinhel, depois da de Trancoso (mas sujeita ao juiz de fóra de Tabuaço, e ultimamente da comarca d'Armamar.)

Consta de trez principaes povoações — a villa, Quintan, e Casal-Tello.

Foram seus donatarios, até 1759, os marquezes de Távora, e desde então, passou este senhorio para a corôa. Ainda existem as ruinas do palacio dos Távoras.

Ha n'esta freguezia as ermidas de — S. Miguel, archanjo — Nossa Senhora do Rosario — Santo Isidoro — e Nossa Senhora do Calfão.

—

Foi abbade d'esta freguezia, o sr. doutor Pedro Augusto Ferreira, hoje abbade de S. Pedro de Miragaia, no Porto, que tantos e tão importantes esclarecimentos tem dado para esta obra, incluindo os que se leram com respeito ao rio Távora, e os d'esta villa.

—

O magnifico edificio que foi paços do concelho, cadeia e tribunal das audiencias do juiz ordinario, foi incendiado, pouco depois de 1836. Ainda existe o pelourinho.

No sitio de Cimo de Villa, ha um môrro, e no seu plató, existiu uma forca, pelo que ainda a este môrro se dá o nome de *Cabeço da forca.*

Na mesma direcção e a uns 2 kilometros da villa, se admira um grande penedo espheroide, collocado sobre outro de menor

[1] Até 1834, era este um dos mais rendosos beneficios do bispado, porque os dizimos eram todos para o abbade, dando apenas de *reconhecimento,* 240 réis, á mitra. Tinha um vasto passal, dadiva dos Távoras, e, apezar de se *perderem* muitas propriedades, por *desmazélo* dos abbades, o que ficou, ainda vale 5 ou 6 contos de réis. Os campos contiguos á residencia parochial, são os mais ferteis da freguezia. A residencia é vasta, mas está muito arruinada.

vulto — é provavelmente, uma monstruosa *anta*.

A villa está assente na margem esquerda do rio que lhe dá o nome, e que n'este sitio, como em quasi todo o seu curso, é bastante ingreme e alcantilado; mas, apezar d'isso, a freguezia é aprazivelmente situada, muito salubre e a mais fertil d'estes sitios, desde Lamego até á raia de Hespanha.

As suas principaes producções, são, vinho, azeite, cereaes, e deliciosa fructa, em tanta quantidade, que se exporta em grande escala, para Marialva, Torre de D. Chama, e outras localidades. O seu vinho (de pasto ou de meza) é de superior qualidade, e o azeite, o melhor do paiz.

Tem grande plantação de amoreiras pretas, do tempo do marquez de Pombal, e ha aqui oliveiras que são as maiores da provincia.

—

A primittiva egreja matriz, construida no meiado do seculo 11.º, era pouco distante da actual. Depois de varias reconstrucções e reparos, foi demolida, pelo meado do seculo XVIII, construindo-se então a que hoje existe. É um templo regular, mas sem luxos de architectura, construido de bellissimo granito.

—

O mosteiro de S. Pedro das Aguias (vide *Cabris* e *Salzêdas*) fica nos limites da freguezia. É hoje propriedade do sr. José Constantino Pereira de Barros, de Donéllo.[1] A cêrca é vasta e fertil, tendo annexa uma bôa matta de castanheiros e um pinhal. O edificio, foi incendiado pelos liberaes, em 1833, e ainda se conserva em ruinas, apenas a egreja escapou do incendio, mas está profanada. É um bom templo, elegante e de construcção moderna, assim como todo o mosteiro,[2] porque o primitivo — fundado no seculo XI, ficava a um kilometro de distancia, mesmo junto do Távora, limites da freguezia de Paradella,[1] em logar summamente agreste, encostado a um monstruoso penhasco. Ainda alli se vê parte das paredes do antigo templo — que era pequeno — algumas cruzes, prova da sua sagração; restos de casas (cubiculos) e algumas grutas em que habitaram os monges, emquanto observaram a humilde regra de S. Bento, que era rigorosa. Depois que adoptaram a reforma de S. Bernardo, é que, escolhendo sitio mais aprazivel, fundaram o novo e vasto mosteiro e bonita egreja.

Entre este mosteiro e a villa, na margem esquerda do rio, está a *Quinta da Avelleira*, a melhor da freguezia. Foi dos marquezes de Távora, e sendo-lhes confiscada, como tudo o mais que possuiam, ficou sendo da corôa e depois propriedade particular. Hoje é dos herdeiros de Joaquim Machado Ferreira Brandão, que foi juiz da relação, do Porto.

Os seus proprietarios teem cuidado pouco (ou nada) d'esta grande propriedade; que, podendo produzir 300 pipas de vinho, apenas chegou a produzir 80, e, desde a invasão do philoxera, apenas dá *quatro*! Devendo dar 20 a 30 pipas de azeite, só dá umas 5 ou 6. A sua maior producção, actualmente, é milho, batatas, muita fructa, especialmente laranjas. Tem contigua uma extensa matta de castanheiros, e um bom pinhal.

As casas e a capella d'esta quinta, estão em misero estado: só os armazens e lagares — que são magestosos — ainda se conservam bem reparados.

É na antiga demarcação da companhia dos vinhos do Alto Douro.

No portão da quinta, ainda se vê o escudo que teve esculpidas as armas dos Távoras, e que foram picadas por ordem do marquez do Pombal.

Entre esta quinta e o mosteiro, é o Tá-

[1] Donéllo, é uma aldeia, da freguezia de Covas do Douro, Traz-os-Montes, sobre a margem direita do Douro, no concelho de Sabrosa.

[2] A egreja, é construida de finissimo granito, com as arestas tão finas como se fossem de madeira, e do mesmo são umas escadas bellissimas, que dão entrada para o mosteiro, á direita da egreja. Os altares são riquissimos.

[1] Vide *Paradella*, no 6.º vol., pag. 466, col. 1.ª e seguintes.

vora atravessado pela antiquissima *ponte do Fumo*, de um só arco, mas muito solida.

—

A pouca distancia da aldeia de Casal-Tello, vê-se no leito do Tavora, um grupo de *penedos errantes*, de varios tamanhos.

—

Entre as povoações de Cimo de Villa, e Quintan, ha um sitio, chamado *o Paço*, onde se veem ainda os restos venerandos da casa onde viveram os progenitores dos Távoras. Em frente d'estas ruinas, ha uma pequena planicie—hoje vinha e campo—chamada *o Rosal*, que foi jardim do velho paço. Está isto a meia encosta de um monte, no alto do qual existem as ruinas do *Castello do Calfão*.

Junto a estas ruinas, está a velha ermida de *Nossa Senhora do Calfão*, da qual adiante trato.

—

Ha n'esta freguezia, dous casaes importantes, de proprietarios estranhos — os srs. Alexandre d'Azevedo Menezes Pimentel Batalha, de Riodades — e José Guedes Sarmento, de Moimenta da Beira.

—

Fica esta freguezia encostada a uma cordilheira penhascosa, onde se vê um acervo de penedos, ao qual se dá o nome de *Penha Amarella*, onde as aguias vão fazer os seus ninhos. Só é accessivel pelo sul, e com difficuldade.

Do seu cume se descobre um vasto horisonte, e um medonho despenhadeiro até á margem esquerda do Távora.

—

Os habitantes d'esta freguezia, são intelligentes e industriosos, mas bastante turbulentos e demandistas, e dados á embriaguez, e ao *jogo do pacau*, o mais estupido e aladroado de todos. Não é preciso dizer, que ha muitas e honrosas excepções, e a maxima parte do povo, é pacifico, trabalhador e morigerado.

Nossa Senhora do Calfão[1]

É uma antiquissima capella, construida proximo ás ruinas do castello do mesmo nome, em que já fallei. Segundo a tradição, foi fundada pelos annos 1040, por os irmãos D. Thedon e D. Rauzendo, mas tem sido varias vezes reparada, de maneira que pouco resta da sua primittiva architectura.

A sua verdadeira invocação, é *Nossa Senhora dos Prazeres*.

Antigamente, fazia-se a sua festa principal, na segunda feira depois das oitavas da Paschoa da Ressurreição; depois se fazia a 17 d'abril, dia de Nossa Senhora dos Prazeres.

Vinham então aqui, em romaria, 18 freguezias d'estes sitios, com os respectivos parochos e cruzes, em cumprimento de um antigo voto (diz-se que, por a Senhora os livrar de uma horrorosa praga de formigas e lagartas, que lhes destruiram as sementeiras.)

Havia por essa accasião, uma grande feira em volta da ermida; mas já ha muitos annos se não faz.

Os descendentes dos fundadores, tiveram sempre grande devoção com esta Senhora, e ornavam-lhe a sua capella com ricas alfaias.

Concorriam a esta romaria os valentões das serras do Alto-Douro, de proposito para se baterem uns com os outros por andarem em *rixa velha*, umas com outras freguezias.

Havia pancadas, pedradas, facadas e tiros, e, em resultado, ferimentos e mortes. Era horrivel ver uma multidão d'estes desalmados, debatendo-se sobre aquelles alcantis medonhos, d'onde muitos eram arrojados.

—

No principio d'este seculo, os ladrões arrombando o tecto da ermida, roubaram quanto lhes fez conta, e sahiram deixando a porta aberta. Ninguem cuidou em concertar o tecto e fechar a porta, e os visinhos,

[1] O *Sanctuario Marianno*, tomo 7.°, pag. 377, lhe dá o dome de *Falção*, que era o de um mouro assim chamado, a quem a Senhora appareceu, no seculo XI. — Appareceria.

foram roubando as telhas, a armação, as portas e janellas, deixando apenas as paredes nuas; e é o que hoje existe, desafiando os vendavaes, porque foram feitas com a maior solidez.

Um filho de Távora, ascendente do sr. doutor Manoel de Barros Nobre, tendo embarcado para o Brasil, lá arranjou bastante riqueza, e, lembrando-se da abandonada ermidinha da sua terra, de lá mesmo a mandou reconstruir, á sua custa; mas os parentes a quem confiou esta obra, considerando que a ermida estava em sitio deshabitado, e sujeita a roubos e profanações, construiram uma nova ermida na baixa, ao O. e proximo á villa, sobre a estrada que vae para Taboaço. É local menos deserto e escabroso, mas, apezar disso, a transferencia da Padroeira para a nova ermida, arrefeceu a devoção dos povos, e actualmente, apenas alli vae o parocho e o povo da villa, em procissão com os clamores de maio. Está limpa e bem conservada.

Távora — appellido

Távora é um antigo e nobilissimo appellido d'este reino, tomado do rio do seu nome. O primeiro que se assignou com este appellido, foi D. João Esteves de Távora, filho de D. Estevam Peres, senhor de Távora, Castanheiro e outras terras, que viveu no reinado de D. Affonso II, de Portugal—nos principios do seculo XIII. — Usou o mesmo appellido, seu filho, D. Pedro Annes de Távora e todos os seus descendentes.

D. Estevam Peres, era 3.º neto de D. Thedon, o fundador de Távora e de outras muitas terras d'estes sitios.

O brazão dos Távoras genuinos, é — em campo de prata, 5 coticas de ondas d'azul e prata, em faxa — êlmo d'aço, aberto; e por timbre um golfinho.

As antigas armas d'esta familia, alludiam á batalha que deu D. Rausendo aos mouros, derrotando-os, nas margens do Távora, em 1037, como disse no artigo antecedente — eram — em campo de prata, tres coticas de ondas d'azul e prata, em faxa, e nadando no meio d'ellas, um golfinho, e na orla, em letras d'ouro, a legenda — QUASCUMQUE FINDIT AQUAS — e por timbre, o golfinho do escudo.

—

Fundou D. Rauzendo, o castello e a povoação de Távora, e aqui viveu. Casou com D. Urraca Pinhones, filha do conde de Pinhão (Castella) e da condessa D. Aldonça. Foi seu filho, D. Pinhão Rauzendo, senhor do dito castello e mais terras de seu pae. Teve numerosa descendencia, que são os Távoras, das diversas terras de Portugal.

Por sentença de 12 de janeiro de 1759, foi prohibido o uso do appellido Távora; mas, fallecido D. José I, e reinando sua filha D. Maria I, os Távoras que escaparam ás crueldades do primeiro marquez de Pombal, tornaram a usar o seu appellido.

O marquezado de Távora, tambem acabou pela mesma sentença. Vide *Chão Salgado.*

Barros Nobres

É a principal familia da villa de Távora, hoje representada pelo sr. doutor, e delegado do procurador regio, Manoel de Barros Nobre. Foi o rapaz mais turbulento d'estes sitios, apezar dos rigorosos castigos infligidos por seus paes e mestres. Tinha continuas desavenças com os outros rapazes, ficando muitas vezes victorioso, porém não poucas seriamente ferido. (Só na cabeça, conserva ainda, nada menos de 13 cicatrizes, como recordação dos seus tempos de rapaz.)

Qui viget in foliis venita radicibus humor, pois muitos dos seus ascendentes deram, pelo seu genio turbulento, que fazer aos povos d'estes sitios.

Seu pae, Joaquim Antonio de Barros, foi um homem valente, e os maiores pimpões de Távora o temiam e respeitavam.

Sua mãe, a sr.ª D. Barbara de Sequeira Nobre, que ainda vive, é um anjo de bondade, modelo de esposas e mães, e christãmente caritativa.

Um tio d'esta senhora, frei Antonio Nobre, religioso dominico, foi um homem de forças herculeas, e de grande coragem. Era porém tão incorrigivelmente turbulento que, foi expulso do seu convento, passando por isso muitos trabalhos.

Vindo a Távora, soube que um visinho era amante de uma sua cunhada (do frade) e apanhando-o em casa d'ella, o arremeçou com tal força, abaixo de uma janella, que o desgraçado esmagou o craneo contra uma parede, morrendo instantaneamente. Prevalecendo-se do seu *fôro ecclesiastico*, teve apenas por castigo, hir missionar para as costas da Africa. Na viagem, foi o seu navio assaltado e tomado de abordagem por um barco de piratas. Rendida a guarnição, e tratando os piratas de a pôr a ferros, o nosso frade lançou mão de uma espada, e, cahindo de subito, como um furioso leão, sobre os inimigos, e matando logo o capitão, tal carnagem fez nos outros, que, reanimando se os portuguezes, deram cabo dos piratas, e lhes tomaram o barco, carregado de valiosas mercadorias.

Este combate, teve logar a poucas leguas de Lisboa, pelo que o capitão do navio resolveu tornar á capital e entregar a presa a D. José I, ao qual contou todo o acontecido. O rei quiz ver o frade, e depois de o elogiar pela sua coragem, o fez restituir á ordem e foi perdoado.

Frei Antonio, secularizou-se, e foi para Távora, onde se occupava no amanho das suas terras, dizer missa, e prégar.

N'este tempo (fins do seculo XVIII) havia uma grande animosidade entre o povo de Távora e o do Castanheiro do Sul, que lhe fica em frente, na margem direita do Távora. Um dos principaes valentões do Castanheiro, veio a Távora, e arrancou um meloal do frade, hindo para a sua terra gabar-se d'esta façanha, e dizendo que tivera pena de não encontrar o padre Antonio, por que o teria esbofeteado.

Foi a maior afronta que o padre, recebeu na sua vida, e em desfórra, foi-se a uma vinha que o provocador tinha nas margens do *Rio Torto*, e onde tinha tambem um grande colmeal, e juntando todos os cortiços, que eram uns 150, os cobriu com molhos de vides sêccas, que alli achou, e queimou tudo; vindo para Tavora dizer publicamente o que tinha feito.

Foi preso por este crime, que era então julgado gravissimo, pelas nossas Ordenações, e remettido a Lisboa. Alli poude conseguir a protecção do marquez do Pombal, que, contando a D. José I o facto criminoso, a seu modo, e dizendo ao rei que o reu era aquelle frade que tinha dado cabo dos piratas, o rei o quiz ver, e dando-lhe uma leve reprehenção, lhe perdoou, vindo frei Antonio para Távora, onde residiu até á sua morte.

D. Sancha Dias

Na era de 1274 de Cesar (1236 de Jesus Christo) D. Sancha Dias, doou a D. Gil, bispo de Viseu, *tudo quanto tinha em Távora termo de Trancoso*. «*Facta Carta sub E* MCCLXXIIII. *Domno Sancio Rege secundo, Barone terrae Gundisalvo Menendi, Praetore Sancio Gundisalvi.*» (Doc. da Cathedral de Viseu.

Marquezes de Távora

O 1.º marquez de Távora, foi Luiz Alvares de Távora, conde de S. João da Pesqueira, feito por D. Pedro II, a 18 de agosto de 1669. Falleceu de morte repentina, em uma sua quinta, nos arrabaldes de Lisboa (*Campo Pequeno*) a 26 de novembro de 1672. Foi cabeça d'esta nobilissima familia, que por mais de 700 annos gozou a singularidade de conservar no filho primogenito a sua descencia, que procede de D. Ramiro II, de Leão, e da moura Zahara (vide *Ancora*, rio — e *Cále*.)

Apezar de ter apenas 23 annos, e ser casado de poucos dias, em 1657, apresentou-se ao general do Alemtejo, e de simples paizano, em poucos dias se tornou um bravo e experimentado guerreiro, prestando relevantissimos serviços á patria, com o que gastou tanto da sua fazenda, que chegou a ficar pobre.

Subiu aos maiores postos no exercito, e fez tão crua guerra aos castelhanos, que bastava ouvirem dizer — «*Ahi vem o conde de S. João!*» para fugirem aterrados, ou se entregavam.

Tomou grande numero de povoações castelhanas e gallegas, sendo admiravel a rapidez com que executava os seus ataques, onde era menos esperado.

Fez a guerra no Alemtejo, Minho, Beira e Traz-os-Montes, sempre com intrepidez e felicidade, até que o tratado de paz de 13 de fevereiro de 1668, terminou esta desastrosa campanha, que durou 27 annos; mas que deu em resultado a nossa authonomia e independencia, livrando-nos da horrivel escravidão que nos desgraçara por espaço de 60 annos.

Na corte, exerceu altos empregos publicos, com tanta distincção como fôra general intrepido e disciplinador.

Foi sepultado junto á porta principal da egreja da Penha de França, em Lisboa.

Tinha nascido em 1634, fallecendo na flor da edade, pois só tinha 38 annos.

—

Eram da mesma familia, Francisco de Távora, feito conde d'Alvôr, por o infante regente (depois, D. Pedro II) em 4 de fevereiro de 1683.

Eram tambem Távoras — os condes de S. Vicente da Beira, os viscondes de Azurára, e outras muitas das principaes familias d'este reino e do Brasil.

—

Os ultimos marquezes de Távora, foram — Francisco d'Assis de Távora, tenente-general, e vice-rei da India—e seu filho, Luiz Bernardo de Távora.

Estes infelizes, e a mulher do primeiro e mãe do segundo, D. Leonor de Távora, e seu segundo filho, o joven e formoso José Maria de Távora, capitão dos *dragões de Chaves* e ajudante d'ordens de seu pae — estes infelizes, digo, com D. José Mascarenhas, ultimo duque d'Aveiro—Jeronymo de Athaide, ultimo conde d'Atouguia e genro dos marquezes velhos de Távora—e os seus creados—Manoel Alves Ferreira—Braz José Romeiro — João Miguel — e Antonio Alves, morreram, depois de soffrerem horriveis supplicios, no caes de Belem, a 13 de janeiro de 1759.

Os que desejarem saber circumstanciadamente os promenores d'este horrivel drama de sangue, vejam no 2.º vol., a pag. 271, col. 1.ª, verso, *Chão Salgado*, até ao meio da 2.ª col. de pag. 279.

TÁVORA — freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, 30 kilometros ao O. de Braga, 330 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 137.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Purificação, ou das Candeias.)

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Os viscondes de Villa Nova da Cerveira (marquezes de Ponte de Lima) apresentavam o abbade, que tinha 500$000 réis de rendimento annual.

Fertil — gado, caça e peixe do rio Lima, do Vez e do mar.

Metade d'esta freguezia, com a sua annexa, S. Vicente, era dos viscondes de Villa Nova da Cerveira; e a outra metade, dos frades dominicanos de Vianna do Minho, que lh'a deu o arcebispo de Braga, D. frei Bartholomeu dos Martyres, fundador d'este mosteiro.

A aldeia dos *Calvos*, d'esta freguezia, foi couto, e havia aqui um paço, em que viveu Francisco Brandão Coelho. Junto a este paço, estava a casa da audiencia. O padroado da egreja era d'estes Coelhos, e depois é que passou para os viscondes.

—

Os frades dominicos de Vianna, tinham obrigação de prégar aqui, meia quaresma, e pelo anno adiante, mais tres sermões.

Ha n'esta freguezia a *Fonte das Virtudes*, e junto ao rio, a *dos Caldas*.

Era cabeça da commenda de Távora, que comprehendia, álem d'esta Távora e da seguinte, Santar, Portella do Extremo, e couto d'Aboim de Nóbrega.

A egreja matriz é muito antiga, e n'ella foram sepultados os seus antigos senhores, (os taes Coelhos.)

Junto a esta egreja houve um antiquissimo castello.

—

Consta que é aqui o verdadeiro solar dos Távoras, e que os famosos irmãos, D. Thedon e D. Rausendo, progenitores dos Távoras, e dos quaes tanto se tem fallado em varios logares d'esta obra, aqui nasceram e foram creados.

D. Thedon, morreu em uma batalha contra os mouros, sem deixar filhos legitimos.

D. Raausendo, casou com D. Urraca Affonso, e d'estes procederam os condes de S. João da Pesqueira, os marquezes de Távora, e outras muitas nobilissimas familias d'estes reinos.

Os Távoras chegaram a possuir 15 villas e 300 aldeias![1]

Na freguezia seguinte (S. Vicente de Távora) existiu a nobre casa do *Picouço*, com sua torre antiquissima, solar de um ramo dos Araujos, descendentes do commendador de Rio-Frio, Alvaro Rodrigues d'Araujo.

TÁVORA — freguezia, Minho, na mesma comarca, districto administrativo e arcebispado, e nas mesmas distancias.

Orago, S. Vicente, martyr.

Tem 90 fogos.

Em 1768, tinha 85.

Fertil — gado, caça, peixe do rio Lima, do Vez e do mar.

TAYÃO — Vide *Taião.*

TÁZEM — aldeia, Beira Baixa — Vide *Villa Nova de Tázem.*

TÁZEM — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Valle Paços (foi da comarca de Chaves, extincto concelho de Carrazêdo de Monte-Négro) — 80 kilometros ao N. E. de Braga, 510 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1768, tinha 27.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

O commendador maltez, de S. João da Corveira, apresentava o vigario, que tinha 60$000 réis e o pé d'altar.

Fertil, muito gado, e caça, grossa e miuda.

TEBOSA — Já está em *Tabosa.*

TÉDO — portuguez antigo — teúdo, obrigado.

TÊDO — rio, Beira Alta — Tem a sua origem em um sitio chamado *as Porquinhas,* districto da freguezia de Caría, concelho de Sernancêlhe, comarca de Moimenta da Beira. Logo abaixo d'esta nascente, se lhe junta um pequeno ribeiro, chamado Tédinho, que nasce na *Fonte da Granja de Oleiros,* junto á villa da Rua. Recebe as aguas do *ribeiro do Toitão,* que nasce no Castinçal — Depois, as do *Córgo do Guizo,* que tem a sua origem no Seixo de Villar, e na quinta da Janeira, freguezia de Baldos (tudo comarca de Moimenta da Beira.)

Passa as freguezias de Paradinha, Castello, Nagosa, e Longa. Aqui recebe um regato que vem da aldeia dos Arcos, correndo depois até á Granja do Tédo. Até aqui, é atravessado pelas pontes — dos Arcos, Janeira e Arruda.

Outro ramo do Tédo, principia na serra da Gamella, freguezia de Leomil, e tem mesmo o nome de *ribeiro da Gamella.* A este se reune um, chamado Varge, que vem de Paraduça, e outro que desce d'Aldeia Nacomba, juntando-se ambos, logo abaixo de Beira-Valente; confluindo todos, na Granja do Tédo.

No ribeiro da Gamella, ha uma boa ponte, na estrada nova de Trancoso para Lamego, e outra, um pouco mais acima. O ribeiro de Paraduça, tem duas pontes — o de Aldeia Naçomba, uma — e em Beira Valente, ha outra.

Na Granja do Tédo, em que todos estes ribeiros constituem um só rio, ha duas pontes, uma das quaes divide em duas partes esta importante povoação.

Segue por entre as freguezias de Goujoim, Santo Adrião, Villa Sêcca, Santa Leocadia, Barcos, e Adorígo.

Da Granja do Tédo para baixo, tem este rio só duas pontes — a de Santo Adrião (que liga o concelho de Tabuaço ao de Armamar) e a da estrada marginal do Douro, na foz do Tédo.

Pouco acima d'esta foz, na margem esquerda do Tédo, está a casa e valiosa quinta de *Castello-Borges,* do sr. José Borges Pinto de Carvalho d'Affonseca, feito visconde de Castello-Borges (nome da quinta) em 17 de junho de 1869.

[1] José Avellino d'Almeida, no seu *Diccionario abreviado,* diz que os Távoras eram senhores de QUINZE MIL VILLAS!!! Mais villas do que ha em toda a Europa. Isto provavelmente, foi *brincadeira* do typographo.

Dá-se-lhe o nome de Castello-Borges, porque o sr. Felix Manoel Borges Pinto de Carvalho, pae do actual visconde, mandou aqui construir um castello, para n'elle estar ao abrigo dos assassinos e salteadores que em 1834, 1835 e 1836, roubavam e matavam por estes sitios muitas pessoas, principalmente realistas, a cujo numero pertencia o sr. Felix.

Tambem na foz do Tédo, está a quinta dos herdeiros de Ayres Pinto de Souza, no districto da freguezia de Villa Secca d'Armamar.

Nas margens d'este rio, são as minas de chumbo, de Santo Adrião, que se exploram.

Da Granja do Tédo, até desaguar na esquerda do Douro entre o Varosa e o Távora — é que é o verdadeiro Tédo (porque até alli, toma os nomes dos logares por onde passa) e tem 10 kilometros de curso, correndo sempre por territorio da comarca de Armamar, e desde as suas varias nascentes até á Granja tem 20 kilometros.

Tanto o Tédo como os seus confluentes, são pobrissimos d'agua durante a estiagem; mas, no inverno, se tornam caudalosos e temiveis. Ainda 1870, em consequencia de uma grande trovoada que houve em Arcozêllo e Moimenta da Beira, os valles do Tédinho e do Tédo, foram destruidos pela cheia d'estes dous rios, que levaram grande numero de arvores, moinhos, e outros objectos; as cearas ficaram completamente perdidas, sendo os prejuizos de muitos contos de réis. As aguas arrastaram na sua impetuosa corrente, penedos enormes (um dos quaes servia d'eira, em que malhavam quatro homens!) Formava tal altura o montão d'arvores e penedias que a corrente levava diante de si, que destruiu uma grande ponte, recentemente construida sobre o Tédo, com sólidos pilares de cantaria e taboleiro de ferro e madeira, e que ligava a villa de Goujoim, com a povoação da Ribeira.

TEIA — portuguez antigo — muro, parede, tapume, vallado, cova, etc, que divide uma de outra propriedade. Tambem o frontal, reparo ou grade que véda o terreiro em que havia torneio ou touradas. (Vide o 3.º vol., pag. 197, col. 2.ª)

TEIGA — antiga medida de capacidade, muito variada, segundo as terras — Havia *teiga de Abrahão* — *teiga requenga* — *teiga sexta* — *teiga direita* — *teiga de celleiro* — *teiga do jagundo* — *teiga jugadeira* — *teiga coimbran* — *teiga de ponte* — *teiga da terra de Lamego* — *teiga de escrivão* — e ainda outras de diversas denominações. Umas eram mais pequenas do que os actuaes alqueires — outras tinham um alqueire (que variava de tamanho segundo as localidades) — outras tinham dous alqueires, 2 $^{1}/_{2}$, 3, 4, e 5.

No foral que D. Sancho II, deu em setembro de 1223 aos dés casaes que constituiam a villa de Barqueiros, diz — «*Habete teigam et quartam qualem semper habuistis.*» (Vide *Alemquer*).

TEIXEIRÀ — rio, Douro e Traz-os-Montes — Nasce de umas fontes, no sitio d'Escabriz, proximo á aldeia de Mafomes, e no antigo e extincto concelho de Teixeira, hoje freguezia de Teixeira, concelho de Bayão. Passa por esta freguezia (da qual toma o nome, ou lh'o dá) e pelas de Villar-Maior, Varga, Anguião, Mezãofrio, Trezouras, Loivos, e Ervedal. É de corrente arrebatada, e divide, em parte, as provincias de Traz-os-Montes e Douro — É atravessado pela pequena ponte de Frende, e pelas grandes de Teixeira, Carrapatêllo, e Loivos. As suas aguas, servem de motor a mais de 40 azenhas. Com 20 kilometros de curso, morre na margem direita do Douro, no sitio da Riboura, entre Frende, e a aldeia da Ermida.

Tem a nova ponte do caminho de ferro do Douro (que mede 12 metros de vão.) Passando-se o rio Zêzere (de Traz-os-Montes) por um *pontão obliquo*, de 11 metros de comprido, entra-se no *tunnel da Riboura*, que tem 120 metros de comprido, atravessando-se em seguida o rio Teixeira, pela nova ponte acima referida.

TEIXEIRA — freguezia, Douro, comarca e concelho de Bayão (foi do mesmo concelho, mas da extincta comarca de Soalhães) 75 kilometros a E. do Porto, 360 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1768, tinha 140.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto do Porto.

Os condes de Unhão, apresentavam o abbade, que tinha 800$000 réis de rendimento annual.

Foi villa e cabeça da honra do seu nome, ha muitos annos supprimida.

O rei D. Manoel lhe deu foral, em Lisboa, a 17 de julho de 1514. (*Livro de foraes novos de Traz-os-Montes*, fl. 25, col. 1.ª)

Segundo o *Catalogo dos bispos do Porto* (pag. 426, col. 2.ª) tem as ermidas de *Nossa Senhora do Marão — Nossa Senhora da Lembrança, Nossa Senhora da Guia*, e *São Sebastião*.

Ha n'esta freguezia, vastos e optimos terrenos baldios e improductivos, que podiam, e deviam, dar todos os fructos do paiz. Parte d'elles, são logradouro commum, e parte, da casa dos Peixotos, mas d'estes, o povo se tem aproveitado como dos outros.

N'esta freguezia, ha um palacete, em ruinas, e um grande casal, do sr. Luiz Guedes, da quinta de Moçul, na freguezia de Cambres, em frente da Régua.

Na quinta de Villa-Maior, da honra de Teixeira, Branca da Rocha teve de um só parto QUATORZE crianças vivas e que todas foram baptisadas. (Esta vae por conta do doutor, frei Bento da Ascenção, digno abbade do real mosteiro benedictino, de Santa Maria de Pombeiro — *Vida e martyrio de Santa Quiteria*, pag. 9.)

Teixeira, appellido.

Teixeira, é um appellido nobre de Portugal. Procede de Hespanha, mas não se sabe quem o trouxe para este reino — O primeiro fidalgo portuguez que se encontra com este appellido, é D. Hermigio Mendes de Teixeira, filho de D. Fafes Luz, alferes-mór do conde D. Henrique (pae de D. Affonso Henriques) e seu rico-homem. Tirou o seu appellido, d'esta freguezia (ou lh'o deu) e aqui teve o seu solar.

Tambem foi filho de D. Fafes Luz, Dom Egas Fafes, casado com D. Urraca Mendes de Souza, sua prima, e tiveram, entre outros filhos, o famoso capitão, D. Gonçalo Viegas (*o Espadeiro*) mestre da ordem de Aviz, e um dos mais bravos guerreiros de D. Affonso Henriques.

As armas dos Teixeiras, são — em campo azul, cruz d'ouro, potentea, e vazia do campo. Timbre, meio unicornio, de prata, armado d'ouro.

A João Teixeira de Macedo, que teve capella em Villa Real de Traz-os-Montes, no mórgado de Macêdo, é que foram dadas as armas referidas, por D. Affonso V, em 1472.

Outros Teixeiras, trazem por armas — escudo fachado e contrafachado de prata e púrpura, de 4 peças, e o mesmo timbre.

Actualmente, é chefe dos legitimos Teixeiras, de Portugal, o sr. José Antonio Teixeira Coelho, de Villa-Real de Traz-os-Montes, descendente, por varonia, de D. Fafes Luz. É senhor donatario de Teixeira, commendador nato de S. Salvador de Tellões, senhor da quinta de Sergude (onde, segundo a tradição, viveu o seu ascendente, Dom Egas Moniz — vide Paço de Souza —) e uma das mais antigas e nobres familias d'este reino.

Ermida de Nossa Senhora do Marão

Em um dos cabeços da serra do Marão, sitio desabrido e inhabitavel no inverno, por estar sempre, n'essa quadra, coberto de neve, mas fresco e deleitoso no verão, por causa das suas extensas e variadissimas vistas, está fundada esta ermida.

Era um templosinho antiquissimo, mas não se sabe quando nem por quem foi fundado. O seu primitivo assento, foi no mesmo sitio onde hoje está, mas, pelos annos de 1700, um pseudo-propheta, do logar de Mafômes (ou Mafômedes) d'esta freguezia, disse que em tal dia, appareceria uma fonte em um sitio, 8 ou 9 metros distante da ermida, e que para alli se devia ella mudar. O povo acreditou a prophecia, e mudou a capella; mas a fonte não appareceu, pelo que a tornaram a mudar para o seu antigo local! — O propheta, foi condemnado na multa de 12$000 réis, no juizo ecclesiastico do Porto.

Tem capella-mór e corpo da egreja. mas só o altar-mór.

Antigamente, vinham aqui pelo decurso

do anno, varias procissões, das freguezias de Teixeira, Fornéllos, Fontes e outras, e no dia de S. João Baptista, havia uma grande romaria.

Teve eremitão, nomeado pelo abbade de Teixeira, com residencia propria.

Esta ermida fica a 12 kilometros da egreja parochial, e por caminhos escabrosos.

TEIXEIRA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e 30 kilometros de Miranda, e 480 ao N. de Lisboa.

Tinha em 1768, 35 fogos.

Orago, S. Bartholomeu.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de Travanca, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia, está, desde o principio d'este seculo, unida á de *Atenôr*, ou *Athenôr*, do mesmo concelho.

TEIXEIRA — freguezia, Douro, comarca e concelho d'Arganil, 45 kilometros ao E. N. E. de Coimbra, 240 ao E. de Lisboa. 190 fogos.

Em 1768, tinha 67.

Orago, Santa Isabel.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O vigario da villa de Côja, apresentava o cura, que tinha 14$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É povoação muito antiga. O rei D. Manoel lhe deu foral, em Lisboa, a 16 de março de 1514. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 131, col. 2.ª pr.)

É terra de clima excessivo, mas saudavel e fertil. Gado e caça.

TEIXEIRAS — freguezia, Beira Beixa, comarca e concelho de Céa (foi da comarca de Gouveia, extincto concelho de Loríga) 82 kilometros a E. de Coimbra, 260 ao N. E. de Lisboa, 70 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

Bispado de Coimbra.

Districto administrativo da Guarda.

O *Portugal Sacro*, não traz esta freguezia.

Terra fria e pouco fertil. Gado, caça e colmeias.

TEIXEIRÓ — freguezia, Douro, comarca e concelho de Bayão (foi do mesmo concelho, mas da extincta comarca de Soalhães) 70 kilometros a E. N. E. do Porto, 355 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1768, tinha 63.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção).

Bispado e districto administrativo do Porto.

O reitor de Villa-Marim, apresentava o vigario, que tinha 11$200 réis de congrua e o pé d'altar.

Fertil — gado, caça e peixe do Douro, que lhe fica proximo — ao sul.

TEIXOSO — freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho, e 5 kilometros da Covilhan, 30 kilometros da Guarda, 260 ao E. de Lisboa, 600 fogos.

Em 1768, tinha 519.

Orago, Nossa Senhora dos Córos (Nossa Senhora da Espectação).

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello-Branco.

O padroado real, apresentava o prior, que tinha 120$000 réis de rendimento.

Ha aqui, a 15 d'agosto, uma grande festa a Nossa Senhora do Carmo, concorrida por habitantes da freguezia e dos arredores. Ao arraial e fogo preso e do ar, que costuma haver na vespera, vae muita gente, da Covilhan, e de todas as povoações d'estes sitios.

A ermida da Senhora, é em um bonito sitio, a 2 kilometros da aldeia de Teixoso.

É terra fertil — muito gado e caça.

TEJA — grande ribeira, Beira Baixa. — Desce das visinhanças de Sedavim, e entra na esquerda do Douro, pouco acima de Numão. Junto á sua foz, está a grande *quinta das Figueiras*, dos herdeiros de Antonio Bernardo Ferreira (*o Ferreirinha da Régua*) que antes do oidium, produzia, de 800 a 1:000 pipas de optimo vinho de embarque, muito azeite, amendoas, etc.

N'ella trabalham, ás vezes, 500 pessoas. Nos domingos e dias sanctificados, ha alli um grande mercado.

Estão espalhadas por esta quinta, nove boas moradas de casas.

O philoxera tem destruido muitas videiras d'esta quinta, talvez a maior de Portugal depois da do Paúl, na Gollegan.

TEJO — grande rio (o maior de Portugal) na Estremadura e Alemtejo. Era o *Tagus* dos romanos. Nasce de duas fontes nas montanhas de Albarazim.

A sua nascente denominada *Pé esquerdo*, é situada na *Moela de S. João* [1], monte ao N. d'Albarazim, e que faz parte da grande cordilheira que desde as fontes do Ebro, abraça a Hespanha, de N. a S., por *Oca, Urbion, Moncayo, Molina de Aragão, Albarazim, e Cuenca*. A estas montanhas chamavam os antigos *as Idubadas*, e hoje se denominam *Ibericas*. Serviam de raia a antiga Celtiberia.

Em *Ojos negros* (parte d'estas montanhas) ha grandes minas de ferro: e na *Serra Mineira*, outras de diversos metaes.

O Guadalaviar, tambem tem a sua nascente proximo da do Tejo.

Na Hespanha, passa por Tolêdo, Aranjuez e outras muitas povoações, e por baixo das famosas pontes de *Almaraz* e *Alcantara*.

No Aragão, 15 kilometros abaixo d'Alcantara, na foz do Elgas, principia a servir de raia a Portugal e Hespanha, e de todo entra em Portugal, na foz do *Sevêr*, junto ao forte de Montalvão. (Aqui, divide o Alemtejo da Beira Baixa).

Em Portugal, recebe — á direita, o Elgas, Pousel, Laca, Zêzere, Rio-Maior, e grande numero de ribeiros e regatos — á esquerda, Sevêr, Alpearça, Zetas, e Canha (ou Almançor) alem de varios ribeiros.

Em Hespanha, recebe os rios Oseca, Cabrilla, Gallo, Cifuentes, Guadiela, Escabos, e outros mais pequenos.

Tem na Hespanha varios *saltos* ou cataratas, até correr mansamente nos campos de Zurita, e banhar os esplendidos jardins de Aranjuez. Depois recebe o Jarama (já unido ao Tajuna e ao Henares) e depois de cercar os muros de Tolêdo, passa por Talavera de la Reina, e pela Ponte do Arcebispo, etc.

O seu curso total, é de 800 kilometros, sendo 180 em Portugal. Já foi navegavel até Toledo, onde a *Plazuela de las barcas*, era o caes da amarração.

Em Villa Velha do Rodam, principia a ser navegavel. Proximo a Salvaterra, divide-se em muitas ilhotas. Depois de ter regado as villas d'Abrantes, Roíco, Constancia, Tancos, Santarem, Villa Franca, e todas as mais villas e aldeias do Riba-Tejo, fórma em Lisboa uma especie de bahia, de 6 a 18 kilometros de largura, capaz de conter muitos milhares de navios de todas as lotações.

As suas margens — quasi sempre bellas, de Villa Velha para Baixo — são povoadas de formosas casas de campo, optimas quintas, cearas, vinhas, pomares, etc.

Desagúa no mar, 18 kilometros a O. de Lisboa; tendo na sua foz — á direita, a fortaleza de S. Julião da Barra, e no centro, a de S. Lourenço; ambas são portos semaphoricos.

A fortaleza de S. Lourenço, vulgarmente chamada *Torre do Bugio*, divide a barra em duas — a do S., que é um extenso cabedêllo de areia, tem uns 8 a 9 kilometros de largura — a do N., com fundo para toda a qualidade de navios, tem só 3 kilometros de largo.

Cria innumeraveis especies de peixes, e entre estes, o saboroso sôlho, ou esturjão, que ás vezes attinge um volume e peso enormes. (Vide *Mugem*).

Nas suas areias se tem encontrado palhetas de ouro, como temos visto em varios artigos d'esta obra. No antigo thesouro da casa real, havia um grande sceptro e

[1] *Moela*, é palavra valenciana — significa propriamente dente *molar*. Os hespanhoes, dão este nome aos montes que, reunidos, offerecem no seu cume, uma planicie, plató, ou planalto.

uma coroa magnifica, mandados fazer pelo rei D. Diniz, com o ouro que se recolhia na lavagem das areias do Tejo, entre Almada e a Trafaria. Outro septro de egual procedencia, se fez no reinado de D. João III.

Perto da villa de Constancia (antiga Punhête) e quasi contigua á estação da Praia, na confluencia do Zêzere com o Tejo, está a magnifica ponte do caminho de ferro de Leste. (Vide *Constancia*). Tem outra optima ponte do mesmo caminho de ferro, no Rocio d'Abrantes.

A ponte que atravessa este rio, na Ribeira de Santarem (mas não é do caminho de ferro) communicando a Extremadura com o Alemtejo, tambem é obra sumptuosa. (Vide *Santarem*) [1].

Tem-se estudado n'estes ultimos tempos, os terrenos marginaes do Tejo, nas immediações de Lisboa, entre Xabregas e Sacavem, para se construir uma ponte — que seria a primeira em comprimento e importancia do nosso paiz; mas, por emquanto (e talvez que para sempre) não tem passado de palavriado. Portugal não é os Estados Unidos da America!

Navegação do Tejo

Em 1580, Filippe II encarregou ao architecto hydraulico que então se chamava João Antonelli, italiano de nação, o projecto de tornar navegavel o Tejo desde Madrid.

Não se sabe se tambem encommendou o projecto que andou sempre associado áquelle de communicar o Tejo com o Salado por meio de um canal.

É hoje navegavel o Tejo até Villa Velha desde Lisboa, isto é, 50 kilometros áquem da linda cidade de Abrantes. Até áquelle ponto chegam sem difficuldade os barcos; mas d'alli para cima torna-se quasi impossivel a navegação, não tanto pela accumulação de areias que obstruem a passagem em muitos sitios, quanto pela natureza do terreno e abrupto das margens. Por isto e á falta de um trabalho de canalisação, a navegação se foi apoucando na extensão que teve em outros tempos.

Na epoca antes citada, Antonelli navegou as 24 leguas que ha de Abrantes a Alcantara sem novidade, e em 1582 o mesmo Antonelli subiu desde Alcantara até Toledo em uma chalupa de quatro remos: «coisa que encheu de assombro os habitantes da imperial cidade, que corriam apressados a ver aquella novidade,» como diz um escriptor portuguez.

Não contente Antonelli com aquella tentativa, mandou transportar a chalupa em um carro para evitar algumas pesqueiras e continuou rio acima até Aranjuez; entrou no Jarama e pelo canal aproximou-se de Madrid. D'aqui regressou a Toledo e pelo mesmo caminho desceu a Lisboa, onde chegou são e salvo.

É portanto um facto que Antonelli realisou a navegação do Tejo. O mesmo Filippe II navegou desde Madrid até Aranjuez, e desde Toledo onde se construiam para isso barcos chatos ou de pouca quilha, desceu até Lisboa o sobrinho de Antonelli, Christobal de Rodas, gastando no transito treze dias.

De 1588 a 1589 repetiu-se a navegação, conduzindo-se por agua, grãos e outras mercadorias para Lisboa e subindo do mesmo modo as que vinham de fora até Talavera, Toledo e Madrid, onde tinham grande consumo.

Que deu causa ao abandono de tão util empresa? Não consta. Em tempo de Filippe II já era grande o abandono, mas em Toledo continuou a chamar-se *Plazuela de las Barcas* o sitio do caes e embarque.

Mais tarde intentou-se de novo pôr em pratica a navegação. Filippe IV quiz em 1641 transportar por aquelle meio munições de guerra para Portugal, mas não o levou a effeito; como tão pouco Carlos II, que teve o mesmo proposito. O mesmo resultado teve em 1810 a tentativa do ministro Carvajal, tentativa que se repetiu em 1828 a 1829, debaixo da direcção do architecto Marcoartú, que verificou um reconhecimento desde Aranjuez a Lisboa e de Lisboa a Aranjuez,

[1] Esta ponte foi aberta á viação publica, com grande magnificencia, a 17 de setembro de 1881.

em um barco construido n'aquella capital, a que se deu o nome de *Tejo*.

Não obstante isto, o rio continuou innavegavel na sua maior extensão. Mas as vantagens que da expedita navegação resultariam ao commercio e industria para os dois paizes, são tão grandes e estão de tal modo reconhecidos por todos, que não ha quem não deseje ardentemente que chegue o dia da realisação de tão antigo como importante projecto.

Aos respectivos governos já foram presentes os planos, projectos e bases para obter a auctorisação necessaria conforme as leis dos dois paizes.

—

Vimos a pag. 362, col. 2.ª do IV volume, o engano que os santarenos fizeram aos lisboetas, com o *homem das botas*, de comica recordação. Agora vemos — mesmo sem *botas de cortiça*, alguns portuguezes atravessarem o Tejo a nado, em frente de Lisboa.

O sr. Pedro Gastão Mesnier, apostou com alguns amigos, em como era capaz de atravessar o Tejo, a nado, desde o Terreiro do Paço até ao pontal de Cacilhas; e ganhou a aposta, no dia 12 de agosto de 1875. O sr. Alfredo Ansur, que se propunha a acompanhal'o, desanimou a menos de metade do rio, e retrocedeu. O sr. Mesnier, gastou 70 minutos no viagem.

Em setembro de 1881, por differentes vezes, varios individuos de Lisboa teem atravessado o Tejo, a nado; já da Trafaria á torre de Belem; já do Pontal de Cacilhas ao Aterro da Boa-Vista.

—

Em 1879, o capitão norte-americano Boyton, veio de Hespanha a nado até Lisboa.

TELEGRAPHOS — Vimos na col. 1.ª. pag. 150, do vol. I, quaes eram os telegraphos dos antigos lusitanos — as *almenáras*.

Com o decorrer dos annos, se inventaram os *fachos*, que eram *almenáras* aperfeiçoadas. (vol. 3.°, pag. 131, col. 1.ª).

Depois, inventaram-se os telegraphos por meio de táboas, com um alphabeto especial para intelligencia dos telegrammas, até que, finalmente, se fez a famosa descoberta dos

Telegraphos electricos

Desde a applicação da electricidade á telegraphia, tem sido inventados duzentos e cincoenta systemas de telegraphos, todos dignos de menção, e que podem ser divididos em nove grupos a saber: telegraphos de agulha, de mostrador, escreventes, impressos, autographicos, submarinos, de translacção, de transmissão multipla, de campainhas de aviso, e os cryptographicos.

Os telegraphos automaticos, de Wheatstone transmittem 90 a 100 despachos por hora em linhas de grande extensão, e podem expedir 200 applicando-lhe a transmissão simultanea. Tão notaveis progressos se tem realisado n'um periodo de 25 annos; a principio julgavam-se irrialisaveis os telegraphos de transmissão simultanea, os impressores, os autographicos e os submarinos; hoje já não surprehendem ninguem.

Desde 1850, data da immersão do 1.° cabo submarino, até 1874, teem sido lançados 206 cabos, que representam uma extensão de 50:716 milhas. D'aquelles, 165 estão em serviço, e os outros deixaram de funccionar.

O cabo mais comprido tem 2:584 milhas, e está situado entre *Brest* e *Saint Pierre*. A maior profundidade a que teem sido submersos é de 2:760 braças.

Estão projectados mais 11 cabos.

Sáo 16 as companhias de cabos telegraphicos submarinos, e o seu capital eleva-se a 20:208:000 libras esterlinas. A primeira é a *Anglo american company*, com um capital de 7:000:000 libras.

As estações telegraphicas do reino estão classificadas do seguinte modo:

Serviço permanente (dia e noite). Ajuda, Bom Successo, Lisboa (principal), Necessidades, e Porto.

Serviço de dia até ás 9 horas da noite: Abrantes, alfandega de Lisboa e alfandega do Porto, Aveiro, Barreiro, Belem, Bemposta, cáes dos Soldados, Caldas da Rainha, Castello Branco, correio geral, côrtes, Covilhã, Estremoz, Evora, Faro, Figueira, Fontainhas, Foscôa, Funchal, Guarda, Guimarães, Lagos, Leiria, Olhão, Peso da Regua,

Pombal, Portimão, Santa Isabel, Santarem, Cabo Verde, Setubal, Silves, Tavira, Valença, Villa Franca de Xira, Villa Real de Santo Antonio, Villa Real de Traz-os-Montes e Vizeu.

Serviço de dia até á meia noite: Braga e Coimbra.

Serviço até ao pôr do sol: Agueda, Albergaria a Velha, Albufeira, Alcacer do Sal, Alcobaça, Aldeia Gallega, Alemquer, Alfandega da Fé, Alijó, Amarante, Arcos de Val de Vez, Arganil, Azeitão, Barca d'Alva, Barcellos, Barquinha, Beja, Borba, Bragança, S. Thiago do Cacem, Caminha, Campo Maior, Cantareira, Carrazeda d'Anciães, Carregal do Sal, Cartaxo, Cêa, Celorico, Chaves, Devezas, Ericeira, Espozende, Famalicão, Figueiró dos Vinhos, Freixo de Espada á Cinta, Fundão, Gouvêa, Grandola, Lagoa, Lamego, Lazareto, Loulé, Macedo de Cavalleiros, Machico, Mafra, Mangualde, Marinha Grande, Mattosinhos, Mealhada, Melgaço, Mertola, Miranda do Douro, Mirandella, Mogadouro, Monção, Moncorvo, Montalegre, Montemor-o-Novo, Oliveira d'Azemeis, Oliveira do Hospital, Ovar, Paço d'Arcos, Paredes, Penafiel, Peniche, Pesqueira, Pinta, Pinhel, Pomarão, Porta do Sol, (Porto) Ponte de Lima, Portalegre, Porto de S. Martinho, Porto Moniz, Povoa de Varzim, Sines, Thomar, Torres Novas, Torres Vedras, Val de Passos, Vendas Novas, Villa do Conde, Villa Flor, Villa Pouca de Aguiar, Villa Viçosa, Vimioso, Vinhaes.

(As estações de servico limitado abrem ás 8 horas da manhã nos mezes de outubro a março, e ás 7 nos mezes de abril a setembro).

Serviço durante o tempo dos banhos: Bussaco, Caldas de Monchique, e Vidago.

Serviço durante a estada da côrte: Queluz.

TÊLHA — freguezia, Extremadura, a 18 kilometros de Lisboa, no patriarchado.

Tinha por orago, Santo André, apostolo.

O povo apresentava o vigario, collado, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé d'altar, que era insignificante.

Tinha em 1768, 23 fogos.

Foi supprimida no principio d'este seculo.

TÊLHA — Vide *Villa Nova da Têlha*.

TELHADA — Egreja antiquissima do Douro, junto á villa de Côja, no concelho d'Arganil.

Em 1121, *Suario* e sua mulher Eva, doaram ao mosteiro de Lorvão, uma vinha em *Telhada* «*Cum sua Ecclesia, quae jacet in medio de illa Vinea, et cum suo pomare, et cum suo proprio lagare.*» (Doc. de Lorvão).

TELHADELLA — Vide *Braçal*, e *Ribeira de Fráguas*.

TELHADO — (cachoeira e pesqueira do) — Vide *Arco de Baúlhe*.

TELHADO — freguezia, minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 12 kilometros ao O. de Braga, 324 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 113.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Expectação).

Arcebispado, e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 600$000 réis de rendimento annual.

Muito fertil. Muito gado bovino, que exporta para Inglaterra — gado miudo, e caça.

TELHADO E FREIXIAL — freguezia, I, Beira Baixa, comarca e concelho de Fundão. 45 kilometros da Guarda, 240 ao E. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1768, tinha 94.

Orago, Santo André, apostolo.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello-Branco.

O cabido da sé da Guarda, apresentava o prior, que tinha 150$000 réis de rendimento annual.

Fertil — gado, colmeias, e caça.

TELHADO, ou VILLAR DO TELHADO — villa antiquissima do Douro, no Campo de Coimbra, e que hoje não existe, nem se sabe exactamente onde era situada.

Consta que existiu, porque no anno de 976, o presbytero Juliano, fez doação de quanto tinha na villa de *Aranodiz* (?) e na villa da Figueira, *exceptuando a egreja de S. Romão, na villa de Villar do Telhado*, ao mosteiro de Lorvão. E a dita egreja de São Romão — *Cum sua córte, et cum suas* admenas *in giro, et suas* mazanárias, *et alias*

mazàrárias in Valle Côvo, *et duos cupos, te duas* cupas, uma de XXX (30) quinales, *et alia de XX modios, cum tota sua* perfia, *pro adunus de genere, si fuerit Clericus, qui in vita sua illa Ecclesia obtineat.* (Livro de testemantos, de Lorvão, n.º 31.) [1]

TELHAL — logar, Extremadura, contiguo ao Poço do Bispo, freguezia e concelho dos Olivaes, 4 kilometros a N. E. de Lisboa. Possue importantes depositos de vinhos, sobresahindo os do opulento negociante, sr. visconde da Abrigada.

O sr. Agostinho Ferreira da Silva, tinha aqui uma excellente fabrica de sabão, que foi redusida a cinzas por um incendio, na noite de 10 d'agosto de 1879, causando um prejuizo de 80 contos de réis; mas estava segura em diversas companhias no valor de 72 contos.

O incendio communicou-se aos armazens de vinho do sr. Francisco de Paula Rapozo de Souza Alte, causando um prejuizo superior a 17 contos. Estavam (os vinhos, cascos, utensilios, etc.) seguros em 12 contos. O predio, que é dos duques de Palmella, estava seguro em 6 contos.

Como na occasião d'estes incendios, não estava ninguem nos edificios, não houve desgraças pessoaes.

Tratou-se logo da reconstrucção da fabrica de sabão, ampliando-se convenientemente, e fez-se a sua inauguração, no dia 15 de março de 1880.

Tanto na fabrica incendiada, como na actual, o motór é o vapor.

É a 1.ª fabrica de sabão de Portugal.

TELHEIRAS — aldeia, Extremadura, com 36 fogos, na freguezia do Lumiar, concelho dos Olivaes, comarca, districto cdministrativo e patriarchado de Lisboa, d'onde dista 5 kilometros ao Noroeste.

É composta de muitas quintas, algumas com excellentes casas de habitação.

Tem o edificio arruinado, que foi mosteiro de religiosos fransciscanos, da provincia de Portugal, dedicado a Nossa Senhora das Portas do Ceu, fundado em 1633, por Dom João, principe asiatico (denominado o *Principe Negro*) senhor de Candio, na ilha de Ceylão, d'onde veio para Lisboa, e aqui morreu, em 1642, depois de larga residencia em Portugal. Jaz na egreja d'este mosteiro, em um tumulo de marmore. (Perto de Telheiras, fica a formosa povoação de Nossa Senhora da Luz, que já fica descripta no logar competente.)

O Principe Negro, tinha grande amisade aos franciscanos, porque foram elles que o instruiram na fé.

A egreja é magestosa, e construida de excellente pedraria e elegante architectura, com quatro capellas muito bem ornadas, com boas pinturas, feitas ainda em vida do fundador, o qual, tendo noticia de que nas *Indias de Castella* (America hespanhola) havia um primoroso esculptor, lhe encommendou a imagem da padroeira (Nossa Senhora das Portas do Ceu) que tem 1m,10 de alto e é bellissima.

Ha tambem n'esta egreja a imagem de Nossa Senhora do Governo!

Barão das Telheiras

Em 11 de fevereiro de 1836, foi feito 1.º *barão das Telheiras*, José Balbino de Barbosa e Araujo, do conselho da sr.ª D. Maria II, seu guarda-roupa, porteiro da real camara, commendador das ordens de Christo e Conceição — e no estrangeiro — commendador de Carlos III, em Hespanha — e da de Ernesto Pio, de Saxonia — official da legião d'honra, na França — e da de Leopoldo I, da Belgica — secretario-geral do ministerio do reino. Casou com D. Maria Luiza Verquain, filha de João Baptista Verquain, governador de Solôr e Timôr, e capitão de mar e guerra, da armada real da India.

Ambos são fallecidos.

[1] *Admenas* — portuguez antigo — significa, alamêda, passeio, aléa ou rua de arvoredo, em qualquer propriedade.
Mazanária, pomar de macieiras — *macieiral.*
Cupas — Cubas — *Cupos* — toneis?
Quinal — antiga medida de capacidade — Um quinal continha 25 *puçaes*, hoje 25 almudes.
Perfia — tudo o que podia ser de prestimo, utilidade, ou proveito d'alguem. Aqui (n'esta doação) queria dizer — todos os utensilios e alfaias que se achassem na egreja, e residencia.

Tiveram uma unica filha, a sr.ª *D. Isabel Maria*, que nasceu a 9 de março de 1819.

O 1.º barão das Telheiras, era filho de José Antonio de Barbosa Araujo, fidalgo da casa real, dezembargador e promotor da Relação Ecclesiastica de Lisboa e da Nunciatura, fallecido em julho de 1833—e de D. Maria Engracia Pereira da Rocha, filha de Diogo Pereira Soares, fallecida em 15 de dezembro de 1809.

Teve dous filhos—

1.º *José*, 1.º barão das Telheiras, e 1.º visconde do mesmo titulo, a 17 de fevereiro de 1845.

2.º *D. Maria Antonia*, casada com Antonio Pedro Simões, dezembargador da casa da Supplicação. Não tiveram successão, e ambos são fallecidos.

TELHÔ—Antiga e nobre casa, Minho, na freguezia de S. João d'Arnoia, comarca e concelho de Celorico de Basto; cuja familia descende do famoso Alvaro Gonçalves Coutinho. (Vide 6.º vol., pag. 606, col. 1.ª e seguintes.)

No dia 16 de outubro de 1874, falleceu n'esta casa do Telhó (ou *Telhô*) D. Antonia de Moura Coutinho, ultima vergontea d'esta nobilissima e antiga familia, sem deixar herdeiros, ascendentes ou descendentes.

Era sobrinha do bispo de Lamego, Dom José de Moura Coutinho, antecessor do actual.

As noticias mais antigas que se acham d'esta casa são as seguintes:

Em 1309 era o Telhô uma povoação em que as Inquirições d'el-rei D. Diniz feitas no dito anno na freguezia d'Arnoia, por Apparicio Gonçalves, contava nove proprietarios, os quaes todos pretendiam que as suas herdades fossem *honradas*, como consta do archivo da camara de Basto. Um d'estes nove moradores era João Pires, que tambem possuia bens em Codeçoso, como dizem as Inquirições d'el-rei D. Affonso III, feitas no anno de 1258, e que casou com Maior Anna Coelho, que possuia terras no logar do Souto, da mesma freguezia d'Arnoia. D'estes nasceu João Annes,—d'este nasceu outro João Annes,—d'este Estevam Annes, d'este João Estevam, que foi juiz em Celorico de Basto em 1367,—e d'este Pedro Annes, senhor da casa do Telhô, e que d'ella exercia o cargo de ouvidor de Entre-Douro e Minho em 1368, como consta d'um documento pertencente ao cartorio do antigo convento de Bostéllo.

D'este ultimo nasceu João Pires do Telhô,—d'este Clara Annes,—e d'esta Rodrigo Annes, a quem D. João I fez doação da honra de Freixieiro no anno de 1432.

Casou, Rodrigo Annes com Senhorinha Affonso, e d'estes nasceu Branca Diniz, que casou com Ruy Vaz de Carvalho, cavalleiro fidalgo da casa real. D'estes nasceu João Rodrigues de Carvalho, senhor da dita casa do Telhô, que casou com D. Beatriz da Cunha, filha de Nuno Alexandre da Cunha de Porto-Carreiro, senhor da casa solar de Porto-Carreiro (da qual é hoje ainda senhor e representante o sr. João Pinto Pizzarro da Cunha Porto-Carrero, morador no seu palacio das Sereias, ou da Bandeirinha, no Porto) como diz nas suas memorias genealogicas fr. Manoel do Amor Divino.

Para não fatigar o leitor, passarei em silencio muitas gerações, até D. Claudia Angelina de Vasconcellos, mãe do referido bispo de Lamego, D. José de Moura Coutinho, e de Antonio de Moura Coutinho e Vasconcellos, senhor da casa de Telhô, o qual casou com D. Florinda Rita Teixeira de Queiroz, (sua parente em quarto grau), filha unica e herdeira de Joaquim Manoel Teixeira Pereira de Mesquita e de sua mulher D. Maria Engracia de Queiroz, senhora da casa da Portelinha, na Veiga da Cumieira.

Todos os irmãos e irmans do dito Antonio de Moura, falleceram sem successão, e do consorcio de Antonio de Moura com D. Florinda houveram os filhos seguintes:

Francisco de Moura Coutinho e Vasconcellos, bacharel formado em direito e tenente coronel de milicias.

D. Maria Maxima de Moura Coutinho.

D. Joaquina Julia de Moura Coutinho.

D. Emilia de Moura Coutinho.

Rodrigo de Moura Coutinho, conselheiro, fidalgo da casa real e bacharel formado em canones.

D. Antonia de Moura Coutinho (ultima senhora da casa do Telhô) os quaes todos falleceram sem successão e sem disposições testamentarias, e assim terminou a esclarecida familia d'esta casa.

—

D. José de Moura Coutinho, ultimo bispo de Lamego, nasceu n'esta casa do Telhô, a 8 de fevereiro de 1779.

Era filho de Francisco de Moura Teixeira da Cunha e Castro, capitão-mór de Basto, e de sua mulher D. Claudia Angelina de Vasconcellos.

Em 10 de setembro de 1797, tomou habito de noviço, no mosteiro de conegos regulares de S. João Evangelista (Loyos) do Beato, de Lisboa, e professou a 11 de setembro de 1798.

Matriculou se em theologia, na universidade de Coimbra, em outubro de 1804, e tomou grau de bacharel, em 1808. Fez a sua formatura, em 30 de maio de 1810, obtendo n'esse anno o 5.º premio, tendo sido todos os annos condecorado com este testemunho do seu aproveitamento.

Frequentou o 6.º anno, em 1811, e tomou o grau de licenciado, em 19 de junho de 1812, hindo n'esse mesmo anno para deão da Sé cathedral de Lamego, na qualidade de coadjuctor e futuro successor do deão Dom Manoel Freire Gameiro de Souza; entrando na propriedade d'esta cadeira, a 18 de setembro de 1836.

Em 3 de agosto de 1843, foi nomeado bispo de Lamego, sendo confirmado pelo papa Pio VIII, em 22 de janeiro de 1844.

Foi sagrado em S. Vicente de Fóra (Lisboa) a 11 de março de 1845, pelo cardeal patriarcha, D. frei Francisco de S. Luiz Saraiva. (4.ª vol. pag. 279, col. 2.ª) sendo seus assistentes, os bispos de Leiria e Cabo Verde.

Em 30 de março de 1845, fez a sua entrada solemne, em Lamego, e tomou posse do governo do bispado.

Falleceu no seu paço episcopal de Lamego, a 3 de outubro de 1861, chorado por todos os seus diocesanos.

Foi um prelado sabio, virtuosissimo e caritativo, gastando os seus rendimentos em obras de beneficencia.

Reconstruiu o seminario, que tinha sido incendiado em 1834, concorrendo com grande parte das despezas d'esta obra.

—

Era irmão d'este esclaracido bispo —

Frei Francisco de S. João Baptista (no seculo, Francisco de Moura Coutinho) por antonomazia, *Mestre Arnoia*.

Nasceu na casa do Telhô, a 12 de fevereiro de 1773.

Tomou o habito de S. Bento, no mosteiro de Tibães, em 25 d'abril de 1788, professando a 26 de fevereiro de 1789.

Em 27 de setembro de 1795, foi mandado para Coimbra frequentar as aulas da universidade.

Em 20 de julho de 1799, entrou em opposição para as cadeiras de philosophia, sendo approvado para mestre.

Em 18 d'abril de 1801, foi obrigado a deixar a universidade, por causa de uma grave molestia, e foi para o collegio de Basto, como substituto de philosophia; sendo mudado em outubro do mesmo anno, e com o mesmo emprego, para o mosteiro de Rendufe.

Em 4 de outubro de 1806, foi nomeado leitor do collegio que se abriu no mosteiro de Basto.

Em outubro de 1810, tornou no mesmo emprego para Rendufe.

Em 21 de maio de 1812, foi eleito procurador geral da congregação, na corte do Rio de Janeiro, e commissario geral da provincia do Brasil, chegando ao Rio de Janeiro, a 30 de outubro do mesmo anno de 1812.

Pediu e obteve, em fevereiro de 1817, licença para regressar a Portugal, chegando ao Porto, a 17 de maio, e a Tibães, a 14 de junho, d'esse anno.

Foi mandado para o mosteiro de Basto, e d'ahi foi para 1.º leitor do collegio de philosophia, de Rendufe.

Em maio de 1819, foi eleito geral da sua congregação, sendo reeleito, em 1822.

Foi (já jubilado) para o mosteiro d'Alpendurada, em março de 1828, residindo alli, até que, em 1834, foi (como os mais religiosos de todas as ordens) expulso do seu

mosteiro, hindo residir para a sua casa do Telhô.

Em 10 de junho de 1844, partiu para a Cumieira (concelho de Penaguião) e no dia 12 para Lamego, na intenção de fazer companhia, ao bispo seu irmão, mas falleceu de uma apoplexia, logo no dia 15 do mesmo mez.

Fr. Francisco de S. João Baptista — o mestre Arnoia — foi de tal modo eminente nas sciencias mathematicas que se conta terem-lhe sido enviadas de França varias questões e problemas para elle resolver, chegando a tanto o seu credito, que se dizia de alguma questão intrincada d'altas especulações mathematicas:—«isto só o geral dos Bentos de Portugal pode decidir.»

Fr. Francisco tinha merecido a amisade e sympathia de D. João VI, quando a corte estava no Rio de Janeiro, a ponto de perguntar el-rei por elle a seu irmão D. José, quando foi como deputado ás camaras de 1820, e em occasião que el-rei teve de hir á camara.

El-rei já lhe havia manifestado quanto tinha em consideração as suas virtudes e merito scientifico, consultando-o para o propor para bispo do Maranhão, mas o respeitavel benedictino logo lhe supplicou para o dispensar de similhante nomeação.

—

O conselheiro Rodrigo de Moura Coutinho (sobrinho dos dois esclarecidos varões que ficam mencionados) foi bacharel, formado em canones, pela universidade de Coimbra, commendador da ordem de Christo, fidalgo e cavalleiro da casa real.

Era filho legitimo de Antonio Moura Coutinho de Castro e Vasconcellos, senhor da casa de Telhô, e de D. Florinda Rita Teixeira de Queiroz, senhora de uma grande casa, nos concelhos de Penaguião e Villa-Real.

Rodrigo de Moura era ainda bisneto paterno de Antonio de Moura Teixeira de Carvalho, capitão-mór de Basto, — 3.º neto de Pedro de Moura Teixeira de Carvalho — 4.º neto de Pedro de Moura Coutinho — 5.º neto de Francisco Jorge de Carvalho e Dona Anna de Moura Coutinho, filha de Gonçalo Gonçalves de Moura Coutinho, sendo este, filho de Gonçalo Vaz Coutinho, e este de Pedro Vaz, filho legitimo de Alvaro Gonçalves Coutinho, — o celebre *Magriço* — cavalleiro legendario pelas suas façanhas e aventuras em Flandres e Inglaterra, de que faz menção Damião de Goes no titulo *Coutinho*, e que o nosso Camões immortalisou nos seus *Luziadas*, canto 6.º, estancia 43, e seguintes. (Vide 6.º vol., pag. 606, col. 1.ª).

Era portanto o celebre Magriço, 9.º avó de Rodrigo de Moura Coutinho, fallecido na sua casa do Telhô, onde nascera em 5 de maio de 1804, succedendo na casa de seus paes em 20 de março de 1851, por fallecimento de seu irmão mais velho Francisco de Moura Coutinho e Vasconcellos, bacharel formado em direito, commendador da ordem militar de Nosso Senhor Jesus Christo, fidalgo cavalleiro da casa real e tenente coronel das milicias de Basto.

O conselheiro Rodrigo de Moura Coutinho foi juiz de fóra em Mafra por decreto de 18 de novembro de 1832

A integridade do seu caracter, a sua affabilidade para com todos, e a imparcialidade com que se houve no exercicio das suas funcções, grangearam-lhe universaes sympathias entre os legitimistas e os proprios liberaes, e tanto que em 1834, vencendo estes ultimos, lhe pediram que continuasse a exercer a magistratura, ao que não annuiu, recolhendo-se á vida privada, em que passou o resto de seus dias, sempre respeitado e estimado por todos os partidos, como cavalheiro dignissimo que era, sempre generoso para com os pobres e desvalidos.

Falleceu em 18 de maio de 1874, na sua casa do Telhô, sendo sepultado no cemiterio de Arnoia, no dia seguinte.

Fizeram-se-lhe sumptuosas exequias, assistindo grande numero de ecclesiasticos, todas as auctoridades do concelho, muitos empregados publicos, e todos os homens distinctos da comarca, assim como grande concurso de povo, que chorava a perda do seu amigo e bemfeitor.

Ficando herdeiro de seu tio, o bispo de Lamego pagou todas as despezas do funeral d'este — que deviam ser por conta da mitra — perdoou as dividas que se deviam

a seu tio, e distribuiu pelos creados do mesmo e por varios pobres TUDO quanto se achou no paço episcopal, e que era propriedade do prelado.

—

Devo todos os esclarecimentos com respeito á casa do Telhô ao meu esclarecido amigo, o sr. doutor Pedro Augusto Ferreira, abbade de Miragaia, ao qual peço humildemente desculpa dos grandes cortes que me vi na triste necessidade de fazer nos seus trez bellissimos e curiosissimos artigos, referentes a esta casa, por motivos que S. Ex.ª não ignora.

TELLÕES ou **TOLLÕES** — freguezia, Douro, comarca e concelho d'Amarante, 40 kilometros ao E. N. E. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 465 fogos.

Em 1768, tinha 396.

Orago, Santo André, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O cabido da collegiada de Guimarães, apresentava o reitor, que tinha 250$000 rs. de rendimento annual.

Teve um mosteiro duplex, de monges benedictinos, fundado pelo famoso conde Dom Rodrigo Forjaz (ascendente dos condes da Feira), em 887.

D. Affonso Henriques e sua mulher, a rainha D. Mafalda, mudaram d'aqui as freiras e os frades para outros mosteiros da mesma ordem, e deram este aos conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios) em 1173. Aqui se conservaram estes religiosos até 1475, anno em que o mosteiro passou para a collegiada de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães, por ordem do seu prior, o conego frei João de Barros, que no mesmo anno annexou tambem á collegiada, o mosteiro de S. Torcato, que fôra egualmente fundado em 887, pelo dito D. Rodrigo Forjaz. Foi esta doação auctorisada por breve do papa Sixto IV, e confirmada pelo arcebispo de Braga, D. Luiz, no mesmo anno de 1475.

Em 930, quando ainda era da ordem benedictina, foram alguns monges d'aqui, povoar o mosteiro da Senhora da Oliveira, de Guimarães. (Vide *Oliveira — Nossa Senhora da.*)

Antigamente, pertencia esta freguezia ao concelho de Celorico de Basto.

É n'esta freguezia, a aldeia de Laboriz, onde os descendentes de Francisco Pinto da Cunha Coelho, da casa dos senhores de Felgueiras, tinham um vinculo, e cabeça d'elle, uma ermida dedicada a Nossa Senhora do Rozario, objecto de muita devoção dos povos da freguezia.

TELLÕES. ou **TOLLÕES** — freguezia, comarca e concelho de Bayão (foi do mesmo concelho e da extincta comarca de Soalhães) 60 kilometros ao N. E. do Porto, 330 ao N. de Lisboa.

Em 1768, tinha 31 fogos.

Orago, S. João Baptista (o seu primeiro orago, foi Santa Comba.)

Bispado e districto administrativo do Porto.

O reitor de S. João de Ouvil, apresentava o vigario, que tinha 6$200 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia está, ha muitos annos, annexa á de *Loivos do Monte* (4.º vol., pag. 434, col. 2.ª)

TELLÕES ou **TOLLÕES** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Pouca d'Aguiar, 75 kilometros ao N. E. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 460 fogos.

Em 1768, tinha 240.

Orago, o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O commendador de Malta, Gonçalo Christovam Teixeira Coelho de Mello Pinto de Mesquita, da nobilissima casa dos Teixeiras Coelhos, de Villa Real de Traz-os-Montes, descendente de D. Fafes Luz (Vide *Teixeira*, do concelho de Bayão) e depois, seus descendentes, apresentavam (até 1834) o reitor, que tinha 150$000 réis de rendimento annual.

Fertil em todos os generos agricolas — muito gado, de toda a qualidade, e abundancia de caça.

TEMI-LOBOS — rio, Beira Alta — Atravessa todo o concelho d'Armamar, de S. a N., desde Lumiares até á margem esquerda do Douro, onde desagúa, no sitio chamado *a Foz.*

Passa pela esquerda das povoações de Lumiares, Goujoim, Travanca, Armamar, e Vaccallar — e pela direita de Villa-Nova, Santa Cruz, S. Thiago, e S. Joanninho.

É atravessado por nove pontes, que são, as de — Goujoim, Malladão, Inveja, Rossafes, Mózes, Fonte d'Álem, Lampaça, São Joanninho, e Foz — esta ultima, na estrada marginal do Douro, e a mais elegante e sólida de todas.

Humilde durante a estiagem, torna-se furioso no inverno: ainda em 1876, destruiu duas das melhores pontes que o atravessam — a de Rossafes e a da Foz.

As suas aguas servem de motor a grande numero de moinhos, que moem cereaes para quasi todo o concelho de Armamar, e fertilizam innumeraveis predios.

O mais notavel d'este rio, é a formosa *cascata do Misarella*, que já fica descripta a pag. 338 do 5.º volume.

No sitio da *Foz*, é rodeado de quintas, que produzem precioso vinho; sendo uma das principaes, a do sr. Victorino Alves da Costa Saavedra, casado com a sr.ª D. Emilia de Mendonça, filha do sr. Ayres Adolfo e Mendonça Fáro Barbosa de Lencastre, que doou a sua filha, esta quinta, quando se effectuou o seu casamento.

O vinho d'estas quintas, é classificado como um dos melhores do Alto-Douro.

TEMPERAR — portuguez antigo — afinar qualquer instrumento musico. Ainda se usa.

TEMPLARIOS, TEMPLEIROS, e, mais antigo, **TEMPREIROS** — antiga e nobilissima ordem de cavallaria.

Foi instituida na cidade de Jerusalem (Syria ou Palestina) em 1118, para conservação e defeza do seu templo, e d'ahi lhes proveio a denominação.

Foi instituida em Portugal, no anno de 1125, e já no anno seguinte tinham varias terras e castellos, que lhes deu a rainha D. Thereza, mãe de D. Affonso Henriques.

Parece que a 1.ª doação que lhes fez esta senhora, foi o *castello d'Alpreada*, na Beira Baixa, hoje comarca e concelho do Fundão. Elles o reedificaram e ampliaram, dando-lhe o nome de *Castello Novo*, hoje villa d'este nome.

Os templarios foram senhores d'esta villa até á extincção da sua ordem; passando o senhorio para a ordem de Christo, de que era uma commenda, que existiu até 1834. Fundaram aqui um mosteiro da sua ordem, do qual ainda ha vestigios.

Dous kilometros a E. da villa, e no centro de uma frondosa e antiquissima matta de castanheiros, está a ermida de *Nossa Senhora do Mosteiro*, ou da Hera, fundação d'estes cavalleiros, no seculo XII (Vide *Castello-Novo.*)

Em poucos annos, chegou esta ordem a ser a mais rica e poderosa de Portugal, senhora donataria de muitas villas, castellos e aldeias. (Vide 1.º, vol., pag. 105, col. 1,ª, e *Mogadouro.*)

Em 1169, estando D. Affonso Henriques nas Caldas de Lafões (vide *Banho*) doou aos templarios — *a terça parte de tudo quanto conquistassem aos mouros, no Alemtejejo, sob a condicção de gastarem em serviço do rei, todos os rendimentos, em quanto durasse a guerra.* (Doc. de Thomar.)

—

É certo que em alguns paizes da Europa, os templarios abusaram das suas riquezas e do seu poder; porem em Portugal, procedendo-se ás mais minuciosas investigações, por ordem do rei D. Diniz, não se provou *nem um unico* dos grandes crimes attribuidos a estes cavalleiros [1].

O que é certo, é que, em 1311, o concilio ecomenico vianense, convocado pelo papa

[1] Na minha opinião, os crimes dos templarios, eram os mesmos dos jesuitas — as suas grandes riquezas e o desejo de lhas usurparem.

Em 15 de abril de 1306, se reuniram em Salamanca, os bispos de Portugal e Hespanha, prezididos pelo arcebispo de Toledo, para inquirirem sobre as *horriveis culpas* attribuidas aos templarios; mas, nem em Portugal nem em Castella os acharam culpados.

Clemente V, extinguiu esta ordem. (Vide vol. 1.º, pag. 104, col. 1.ª).

O pontifice, declarou-se *legitimo e forçado herdeiro* de todos os bens dos templarios. O rei portuguez, sem se indispor com o papa, temendo attrahir as censuras da egreja, tanto fez, que, para evitar que os valiosissimos bens dos templarios passassem a *arvore estranha*, instituiu a ordem de Christo, por carta regia, feita em Santarem, a 26 de novembro da era de Cesar 1357 (15 de novembro de 1319 de J. C.) dando-lhe tudo quanto era dos templarios, e assim ficou bem com Clemente V, e com o seu successor, João XXII.

Os templarios portuguezes, foram julgados tão isentos de culpas, que, posto que D. Diniz, para obedecer ao determinado no concilio viannense, extinguisse esta ordem em Portugal, admittiu na nova ordem de Christo, todos os templarios que n'ella quizeram entrar; de maneira que, verdadeiramente, a ordem do Templo não foi *extincta*, mas *chrismada*. (Vide *Thomar*) [1]

A ordem do Templo, teve em Portugal 28 mestres. Não os menciono, porque isso faria um artigo summamente longo. O leitor curioso que desejar saber isto, bem como outras noticias concernentes a esta ordem, consulte o *Elucidario*, de frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, na palavra TEMPREIROS.

—

Eis como principiou esta ordem, e como terminou em França, onde com effeito, os templarios praticaram varios crimes, segundo affirmam alguns escriptores.

Nove fidalgos dos que acompanharam Godofredo á conquista da Terra Santa chamaram a si grande numero de guerreiros de boa origem e constituiram a milicia, que por façanhas heroicas e inteiro sacrificio ao resgate e á conservação do Santo Sepulchro, adquiriu nome.

Foi a famosa ordem do Templo, ou dos templarios, cognominados tambem *soldados de Christo*, approvada no concilio de Troyes, 1128.

Pelos annos de 1147, fins do reinado de Luiz, o gordo, os templarios fundaram um estabelecimento em Paris, chamado *o Templo*, na casa que em 1793 serviu de carcere ao desditoso Luiz XVI. Era ahi que os cavalleiros de França e Inglaterra faziam capitulo.

A ordem estava dividida em muitos priorados, que dependiam das commendas, e todos reconheciam a auctoridade do grão-mestre.

O poder que tinha esta corporação religiosa e militar fazia-a independente do estado; e ella não conhecia outra auctoridade senão a Santa Sé.

Em 1307, porém, época de maior esplendor dos templarios, estando exhausta a fazenda publica de França, Philippe, o formoso, mandou prender o grão-mestre e muitos cavalleiros, occupou-lhes o palacio e sequestrou-lhes os bens; e o povo de Paris convocado para lhe serem manifestados os motivos que haviam aconselhado similhante procedimento, sanccionou-o.

Foram nomeados inquisidores para formar processo por todo o reino, aos cavalleiros do Templo, mas sem se consultar a curia romana; e esta não se demorou em suspender o poder dos bispos e dos inquisidores.

A firmeza de Philippe, obrigou o papa a desistir da sua opposição; e desde então foi perseguida a Ordem do Templo em toda a christandade.

Extorquida ao pontifice auctorisação para pôr a tratos os templarios, para lhes arrancar confissões que impossibilitavam a sua justificação no processo, muitos cavalleiros expiraram nos tormentos.

O grão mestre Jacob Molay e outros foram queimados vivos, a fogo lento, em 1314.

Houve quem lhes guardasse as cinzas como reliquias de martyres.

TEMPLOS CHRISTÃOS — *e outros apontamentos concernentes ao catholicismo.*

As primeiras egrejas publicas edificaram-se no anno 110 e nas pequenas povoações não as houve até 400.

[1] D. Vasco Fernandes, ultimo mestre dos templarios, morreu commendador de Montalvão, e professo na ordem de Christo, em 1323.

O uso da agua benta data do anno 120.

No anno 200 edificaram-se os primeiros cemiterios.

Os sacerdotes celebraram a missa com seus vestidos ordinarios até ao anno 255.

As egrejas e os vasos sagrados começaram a benzer-se no anno 314.

Até ao anno 315 não se collocaram imagens nos templos.

O casamento dos sacerdotes foi prohibido no anno 387, porém ainda alguns se casavam em 1070.

Em 398 começou a benzer-se o pão nas egrejas.

Os sinos começaram a benzer-se e a baptizar-se em 568.

O primeiro sino, que se usou em Roma, chamava-se Joanna.

O maior sino conhecido é o de Moscow, que peza 14:000 quintaes.

Os orgãos estabeleceram-se nas egrejas no anno 658.

No anno 700 estabeleceu-se o costume de beijar os pés ao Papa.

A primeira canonisação se verificou no anno 803 pelo Papa S. Leão, que canonisou o bispo S. Silvestre.

João 12.º, foi eleito Papa em 955, aos 18 annos d'idade, e Benedicto 9.º aos 12, no anno 1033.

Os rosarios foram inventados por Pedro o Eremita, no anno de 1090.

Os casamentos entre parentes, antes prohibidos, foram limitados ao 4.º gráo em 1098.

Em 1240 instituiu El-Rei D. Fernando 3.º o Santo, o piedoso costume de lavar os pés, dar de cear e servir á meza 12 pobres, em Quinta Feira Maior.

O habito talar dos ecclesiasticos data do anno 1360.

O tribunal da Inquisição instituiu-se no anno 1479.

Em 1509 teve origem a publicação da Bulla.

D'entre os pontifices, que a Egreja catholica tem tido, 40 reinaram menos d'um anno; 23 não completaram 6 mezes; 13 não governaram 1 mez; e 1 morreu no dia seguinte áquelle, em que havia sido eleito Papa.

TEMUDO — Portuguez antigo — temido Temudo, ou Themudo é tambem um appelido nobre em Portugal. Vide 1.º vol., pag. 18, col. 2.ª.

TENALHAS — Vide *Tinalhas*.

TENÇOM — portuguez antigo — contenda, arruido, briga, revolta, etc. — «*qualquer que levantar volta, ou* tençom *por qualquer maneira, em Concelho, ou perante as justiças, ou contra ellas, que as justiças o matem porém, e nom lhe recebam outra razom.*» Cod. Alf., livro V, lit. 104, § 1.º

TENCEIRO — Portuguez antigo — recebedor das rendas do concelho.

TENDAES — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Sinfães (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Rezende) 24 kilometros ao O. de Lamego, 360 ao N. de Lisboa, 555 fogos. Em 1768, tinha 330 — Orago, Santa Christina. Bispado de Lamego, districto Administrativo de Viseu.

O real padroado apresentado o abbade, que tinha 400$000 réis de renda annual[1].

Foi villa e cabeça de concelho; e é uma povoação antiquissima; mas o 1.º documento que encontro d'esta terra, é uma escriptura que existio no mosteiro de Alpendurada, do anno 1109, pela qual se vê que Egas Garcia — «*erat Maiorinus maior* (juiz supremo do rei) *de Egas Gozendiz, qui erat dominator, et princeps terrae illius, et tenebat ipsa terra de Santo Salvatore, et de* TENDALES, *cum alia multa in suo aprestamo, de manu de illo Comite Domno Enrrico.*» (O conde D. Henrique, pae de D. Affonso Henriques.

O rei D. Manoel lhe deu foral, em Lisboa, a 6 de setembro de 1513. (*Livro de foraes novos da Beira*, folhas 75 verso, col 11.ª).

O foral, servia tambem para Aldosso, Macieira, Mazelim, Monte-Muros, e Villa de Muros.

Era da casa de Bragança, e foi solar dos Britos, d'onde procediam os antigos condes dos Arcos. (O 1.º conde dos Arcos, foi

[1] A *Historia ecclesiastica do Bispoado de Lamego* (pag. 139) diz que eram 600$000 réis; e é o mais certo; visto que o *Portugal Sacro*, costuma diminuir sempre o rendimento dos parochos.

D. Luiz de Lima Brito e Nogueira, feito por D. Philippe 3.º, em 8 de fevereiro de 1620.)

Teve um beneficio simples, de 165$000 réis.

A mitra recebia 300$000 réis nos dizimos; a Sé patriarchal 470$000 réis ; e os Perfeitos, de Lamego, 80$000 réis.

Ha na freguezia 14 ermidas — Nossa Senhora do Rosario — São João Baptista — Santa Maria Magdalena — Senhor da Agonia — S. Sebastião, martyr — S. Lourenço — Nossa Senhora dos Remedios — S. Vicente — Senhor de Mattosinhos — São Francisco — S. Pedro do Campo, no Ērmo — S. Pedro no povo — o Salvador, na grande aldeia do Souto, a 3 kilometros da egreja matriz — e Santa Anna, a 6 kilometros.

Foi no extincto concelho de Tendaes, o solar da nobre familia dos Pintos, senhores de Felgueiras e Vieira, cujo senhorio passou depois aos Peixotos—Fernão Pinto, foi commendador de Moimenta da Beira — Diogo Pinto Pereira, foi senhor da honra de Villar Maior — Gonçalo Vaz Pinto, foi senhor de Ferreiros de Tendaes, e 4.º senhor da honra de Villar Maior — Luiz Pinto de Souza da Fonseca, foi senhor do mórgado (depois viscondado) de Balsemão — Luiz Alvares de Souza Pinto ; Luiz Pinto de Souza; Luiz Pinto da Fonseca, seu filho, Alexandre Pinto da Fonseca ; Luiz Pinto de Souza Coutinho, todos foram senhores do dito mórgado de Balsemão — D. Manoel Pinto da Fonseca (nascido em Lamêgo, e irmão de Gonçalo Vaz Pinto, senhor da casa das Olarias, da mesma cidade, e de outros muitos mórgados) foi grão-mestre da ordem de Malta, e o terror dos turcos. As netas d'este grão-mestre, casaram — a primogenita, D. Anna, com Gonçalo Peixoto, senhor de Felgueiras e Fermedo—D. Josefa, com José d'Azevedo Coutinho, senhor donatario de Paredes da Beira, Riodades e Valle de Penella — e D. Maria Felisberta, com Luiz Belleza.

Na *Quinta das Poldras*, d'esta freguezia, nasceu o esclarecido viajante da actualidade, Alexandre Alberto da Rocha Serpa Pinto. (Vide n'este vol., pag. 403, col. 1.ª).

É terra fertil em todos os generos agricolas do nosso paiz, cria muito gado de toda a qualidade, e nos seus montes ha abundancia de caça, grossa e miuda.

Fica a pouca distancia da margem esquerda do Douro, pelo qual faz grande negocio com a cidade do Porto.

TENDER — portuguez antigo—Entender, trabalhar, occupar-se — Tambem estender, alargar, aposar-se de mais terreno do que o que lhe pertence. «*Mandou, que nom se* tendessem *mais, pelo termo da Silva Escura* (da Maia) *do que se* tenderom *até qui.*» (Doc. do mosteiro de Santo Thyrso, de 1316.)

TENDILHOM — portuguez antigo — tenda, barraca, etc.

TENIDA E OUTEIRO MAIOR—Dous dos mais altos picos, da serra de Suajo; talvez mais altos do que o *Chão da Fonte* e *Bogareiro* (ou *Borragueiras*) no Gerez.

TENÕES — freguezia, Minho, concelho, comarca, districto administrativo, Arcebispado, e 2 kilometros a E.N.E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 110 fogos. Em 1768, tinha 57. Orago, Santa Eulalia.

O deão da Sé de Braga, apresentava o vigario, que tinha 60$000 réis de congrua e o pé d'altar.

O famosissimo sanctuario do *Bom Jesus do Monte*, de Braga, fica nos limites d'esta freguezia. (Vide *Monte—Bom Jesus do*—no vol. 5.º, pag. 460, col. 1.ª, no fim.)

Em fevereiro de 1879, morreu n'esta freguezia o seu prior, Manuel d'Araujo Coutinho, natural da freguezia de Mazarefes, no concelho de Vianna do Castello. Tinha nascido em 1807. No seu testamento deixou:

Ao hospital de S. Marcos de Braga, réis 1:000$000, e metade da sua roupa, com obrigação de mandarem dizer dez missas annuaes.

Ao asylo de S. José, de Braga, 500$000 réis com o resto da sua roupa, e obrigação de cinco missas annuaes *in-perpetuum*.

Ao asylo de infancia desvalida de D. Pedro V. de Braga, 100$000 réis.

Ao collegio da Regeneração, da mesma cidade, 100$000 réis.

A cada convento e recolhimento de Braga, 20$000 réis, com a condição das recolhidas ouvirem uma missa annual.

Aos pobres das freguezias de S. Pedro de

Este, Gualtar, Tenões, Nogueiró e S. Victor, desde a egreja até ao sitio dos peões, 20$000 réis a cada uma d'estas freguezias para distribuirem.

Deixou mais aos pobres da freguezia de Tenões, metade do grão, vinho e lenha que existia em sua casa, na occasião do seu fallecimento.

A outra metade do grão, vinho e lenha deixou-a á sua governante, juntamente com alguns moveis e 100$000 réis.

Deixou 20$000 réis mais, a cada uma das outras suas creadas.

Dispondo dos bens que possuia na sua freguezia natal de Mazarefes, nomeou por suas herdeiras suas irmãs Rosa, Anna e Ignez, com as condições seguintes:

Dar 1:000$000 ao hospital de Vianna, ficando este com obrigação de dés missas annuaes *in-perpetuum;* 300$000 á Caridade de Vianna, com obrigação de trez missas; 50$000 réis a cincoenta pobres da mesma cidade; 50$000 réis a outros asylos que haja na mesma cidade; 50$000 réis aos pobres da freguezia de Mazarefes; aos de Darque, 20$000 réis; Villa-Franca, 20$000 rs.; Villa-Fria, 20$000 réis; e para os de Anha 20$000 réis.

50$000 réis para cada uma de suas sobrinhas naturaes, que são quatorze.

Um officio de vinte padres em Mazarefes, sua naturalidade; aos pobres, de 7 annos para cima, 40 réis, e aos menores d'esta edade, 10 réis.

Outro officio de dez padres, e esmola de 10 réis aos pobres.

Deixa aos seus cazeiros, as pensões de um anno, concedendo a um a mobilia que tinha em sua casa.

Perdoa as dividas aos seus parochianos.

Deixa á Senhora do Sameiro 50$000 réis.

Deixa por sua alma mil missas; cem por a do pae e mãe, irmãos, parentes, amigos, inimigos, mestres, prelados que lhe deram as ordens, e por as almas do purgatorio.

Quer um officio, sem numero determinado de padres, sendo a esmola de 1$000 rs.; e missas geraes por espaço de 8 dias a 500 réis.

Todos os seus bens moveis e de raiz serão vendidos publicamente.

TENTUGAL E PÓVOA DE SANTA CHRISTINA — villa, Douro, comarca, concelho de Monte Mór-Velho (foi cabeça do concelho do seu nome, comarca de Coimbra) 12 kilometros ao O. de Coimbra, 215 ao N. de Lisboa, 540 fogos.

Em 1768, tinha 362.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção (vulgo, *do Mourão.*)

Bispado e districto Administrativo de Coimbra.

Os duques do Cadaval, apresentavam o prior, que tinha 300 mil réis de rendimento annual.

É povoação antiquissima, e tem annexa a, tambem muito antiga, freguezia da Póvoa de Santa Christina [1].

A rainha D. Thereza, viuva do conde D. Henrique, lhe deu foral, sem data (pelos annos de 1124) — *Livro preto da Cathedral de Coimbra,* folhas 213 verso)

Feira, no 1.º de novembro.

O rei D. Manoel, lhe deu foral novo, em Lisboa, a 20 de dezembro de 1515. (*Livro de foraes novos da Extremadura,* fl., 165, col. 2.ª)

Este foral servia tambem para *Paúl Entre as Vallas,* e *Póvoa de Santa Chrustina.*

A villa está situada entre Coimbra, que lhe fica a E., e Monte-Mór-Velho, que lhe fica a O, e a quasi egual distancia (12 kilometros) de qualquer das duas, e, como ambas, sobre a margem direita do formoso Mondêgo.

Fica tambem a 12 kilometros da villa de Pereira.

Segundo o padre Carvalho da Costa, foi a villa de Tentugal fundada pelo famoso conde D. Sisnando, em 1080, o qual construiu

[1] A villa da Póvoa de Santa Christina, foi antigamente cabeça de freguezia e de um concelho, supprimido ha muitos annos. Tem apenas 80 fogos, e fica 800 metros ao O. de Tentugal. Teve, até 1834, um mosteiro de frades franciscanos. Chamava-se antigamente *Olastro,* ou *Santa Christina de Olastro.* D. Sancho III lhe deu foral, em Coimbra, a 26 de setembro de 1265. *(Livro 1.º de doações de D. Affonso III,* fl. 80, col. 1.ª*.)*

então aqui um castello, de que não ha o minimo vestigio. O conde D. Henrique o ampliou, em 1108, e, segundo o padre Carvalho, deu n'esse anno foral á villa; mas isto não está em harmonia com o que diz o *Livro prêto*, de Coimbra, como vimos no principio n'este artigo. Só se D. Henrique lhe deu um foral em 1108, e a sua viuva, regente do reino na menoridade de seu filho, D. Affonso 1.º, lhe deu outro, d'ahi a 15 ou 16 annos, o que podia muito bem ser. Diz-se tambem que foi este conde D. Sisnando que lhe deu o seu primeiro foral, com grandes privilegios. (No fim d'este artigo, darei alguns rapidos esclarecimentos, com respeito a este esclarecido musárabe.) [1]

Havendo D. Aymerico, bispo de Coimbra, confirmado ao mosteiro de Ceiça, a doação que o rei D. Diniz lhe havia feito da egreja de Tentugal, em agosto de 1288, dividiu os dizimos d'esta villa, em 3 partes—uma, para a mitra, na fórma do costume—outra para o mosteiro de Ceiça (que era muito pobre) — e a 3.ª, para o reitor, *com obrigação de reparar a egreja, manter a hospitalidade que mandam os sagrados Canones, e de pagar a costumada Procuração ao bispo, em cada anno*, etc.

D. Aymerico, instituiu então em Tentugal um *vigario perpétuo*, logo que fallecesse o reitor que então era.

D. João Romeu, abbade do mosteiro de Ceiça, e os seus monges, em testemunho de gratidão ao bispo, logo no mesmo anno de 1288 lhe offereceram *acolheita*, assim como aos seus conegos, empregados e familiares; mas os successores de D. Aymerico, abuzavam do tal direito de acolheita, o que reduzia os pobres monges á miseria; pelo que elles protestaram, e houve renhida demanda, que terminou por um accordo, feito entre os monges e o cabido de Coimbra, celebrado a 7 de junho de 1335, sendo bispo de Coimbra, D. João — na fórma seguinte — «*Achando-se em Tentugal, Pessoa; Conigo, ou Raçoeiro de Coimbra, tenha á custa do Mosteiro* huma vez no anno, *colheita certa, a saber — a Pessoa, cem soldos — o Conigo, sincoenta soldos — o Raçoeiro, 25 soldos.* — E provando-se *que para ali declinarão, só a fim de arrecadarem esta colheita, o Cabido lha faça restituir, pela fazenda, do que assim dolosamente a procurar.* Doc. do mosteiro de Ceiça.

Esta villa, teve, até 1825, ouvidor e corregedor, que tinha jurisdicção em sete villas; e teve juiz de fóra, até 1834. Desde então ficou apenas sendo cabeça de concelho, e este mesmo foi supprimido em 1853.

A egreja matriz actual, foi fundada pelo infante D. Pedro (o d'Alfarrobeira) pelos annos de 1430. D. Pedro, gostava muito de residir em Tentugal, por ser uma terra de clima agradavel e salutifero.

Ultimamente, eram senhores de Tentugal, os duques do Cadaval (cujos paços ainda aqui existem) e da Póvoa de Santa Christina, que tinha sido dos condes de Odemira.

Dentro dos limites d'este supprimido concelho, havia quatro mosteiros — o de freiras carmelitas, dentro da villa, fundado á custa das rendas de um rico hospital que n'ella existiu, desde 1560 até 1565 [1] o das religiosas *Sandelgas* [2] — o de S. Marcos, 3

[1] O padre Carvalho não é exacto n'este ponto. Tentugal já existia antes do governo de D. Sinsando. No *livro dos testamentos, do mosteiro de Lorvão*, n.º 31, vê-se que os *famulos de Deus*, Babri e Tranquilli, doaram a este mosteiro, no anno de 980, uma herdade em Táveiro, e duas egrejas, *uma de S. Pedro e S. Miguel, em Tentugal*, e outra de Santa Eulalia, na villa de *Arquario*. Mais — pelos annos de 1020, já era *senhor de Tentugal*, o musárabe David, pae de D. Sisnando. É pois incontestavel que esta povoação tem mais antiguidade do que a que lhe dá Carvalho.

[1] Este mosteiro foi instituido a instancias de D. Francisco de Mello, senhor de Tentugal, e progenitor dos duques do Cadaval. Foi principiado a 16 de julho de 1560, e disse-se n'elle a 1.ª missa, a 15 de maio de 1565.

[2] O mosteiro de Sandelgas (ou *Sendelgas*) está no campo, e proximo á margem direita do Mondego. Havia aqui uma antiquissima ermida, á qual se dava a denominação de *Nossa Senhora de Campos*.

D. Isabel de Azevedo, ficando viuva de D. João de Castro, se recolheu a umas casas que estavam proximas a esta ermida, com algumas virtuosas mulheres, e se constituiram em communidade de terceiras fran-

kilometros a E. da villa, de frades jeronymos — e o de frades franciscanos, de Santa Christina de Olastro.

—

Tentugal, como todas as terras situadas no feracissimo *Campo de Coimbra*, é abundante de todos os generos agricolas, e como é tambem abundante de excellentes pastos, cria muito gado, de toda a qualidade, que exporta em grande quantidade.

No termo de Tentugal, nascem trez ribeiros, que trazem a sua origem, — dos *Casaes de Vera Cruz* — da *Fonte Velha* — e dos *Casaes da Murraçan*, e todos desagúam na chamada *Valla Real dos Fornos*, que, formada dos ribeiros do *Botão*, das *Eiras*, e do *Engote*, se juntam, á *ponte d'Alcarraques*, e correndo cingida com os montes da margem direita do Mondêgo, até á *Ladroeira*, vae recebendo no seu curso todas as aguas que descem d'esses montes.

—

É tradição antiga e constante, que, junto á egreja matriz da villa, houve um combate, entre mouros e christãos, pelo que se ficou chamando *Egreja do Mourão;* á sua padroeira, *Nossa Senhora do Mourão;* e aos terrenos que se lhe seguem, *Terras d'Alem do Mourão.*

As Fervenças

Fallei d'este célebre manancial, nas palavras *Cadima*, *Catanhêde*, e *Fervenças*. Aqui accrescentarei mais:

Fica a pouca distancia de Tentugal.

D. João III, ouvindo fallar n'estas aguas, e custando-lhe a crer que ellas engulissem tudo quanto se lhe lançasse, veio aqui de proposito (pelos annos de 1545) com seus irmãos, os infantes—D. Luiz, duque de Beja; D. Fernando, duque da Guarda; D. Affonso, cardeal; e D. Duarte, duque de Guimarães — e fazendo a experiencia repetidas vezes, ficaram admirados de tal singularidade.

Depois, veio ainda aqui o outro seu irmão, D. Henrique (o cardeal-rei) e fez a mesma experiencia, obtendo egual resultado.

—

Perto da villa havia uma antiga ermida, entre oliveiras, dedicada a Nossa Senhora da Encarnação. Foi reedificada em 1550. Dá-se-lhe vulgarmente a denominação de *Nossa Senhora dos Olivaes.*

Tentugal e o numero 4

Têve, como vimos, QUATRO mosteiros — tem QUATRO entradas — QUATRO largos — QUATRO fontes — QUATRO edificios com brazões d'armas — o pelourinho, tem QUATRO degraus — QUATRO passeios (o do Paço, quinta da Lamarosa, Nossa Senhora dos Olivaes, e Alto de Santo Onofre) — a antiga cadeia, tinha QUATRO janellas — QUATRO fornos publicos — QUATRO egrejas — QUATRO ermidas — QUATRO torres — a egreja matriz, tem QUATRO portas — tem QUATRO sachristães — QUATRO irmandades — QUATRO confrarias — fazem se aqui QUATRO procissões — e tem QUATRO pontes.

—

Era de Tentugal o desgraçado *Bento Adjucto Soares Couceiro*, que ajudou a assassinar e roubar os lentes e conegos de Coimbra, em 18 de março de 1828, e que por isso foi enforcado com mais 8 dos seus co-reus, no Caes do Tojo, de Lisboa, a 20 de junho do mesmo anno. (Vide *Cartaxinho*, e no 7.º vol., pag. 506, col. 1.ª. pr.)

—

Condes de Tentugal — marquezes de Ferreira e duques de Cadaval

A paginas 31, col. 1.ª, no fim, e col. 2.ª, do 2.º vol., tratei d'esta familia, a primeira

ciscanas, com auctorisação do cardeal Juliano, penitenciario do papa Alexandre VI, em 1494. A fundadora deu todos os seus bens a este convento, e a antiga ermida ficou sendo a egreja do mosteiro. Para dar principio á regra, e ensinar á fundadora e suas companheiras, os deveres, usos e costumes da ordem, vieram para aqui trez religiosas do convento de Nossa Senhora da Esperança, da cidade de Beja. (Este foi o primeiro da ordem terceira franciscana que houve em Portugal.)

O Mondego, foi subindo, e inundou o mosteiro, pelo que, o bispo de Coimbra, D. João de Mello, o mudou para o logar de Sandelgas, sitio mais distante do Monte-Mór-Velho e do Mondêgo, e mais perto de Tentugal.

e mais nobre d'este reino, depois da familia real. Aqui, só accrescentarei o seguinte:

O 1.º conde de Tentugal, foi D. Rodrigo de Mello, senhor de Tentugal, feito por D. Manoel I, no 1.º de janeiro de 1504. (Vide adiante o §, *D. Alvaro de Portugal.*)

O 1.º marquez de Ferreira, foi D. Nuno Alvares Pereira de Mello, conde e senhor de Tentugal, feito por D. João III, em 13 de junho de 1535.

O 1.º duque de Cadaval, foi D. Nuno Alvares Pereira de Mello, marquez de Ferreira, e conde e senhor de Tentugal, por D. João IV, em 26 d'abril de 1648.

Os primogenitos dos duques de Cadaval, nascem condes de Tentugal.

Esta familia goza das honras de parente, e usa as armas dos duques de Bragança, e as mesmas armas usavam os marquezes de Vallença, e os condes de Ourem e Vimioso, que procediam do mesmo tronco.

—

D. Miguel Caetano Alvares Pereira de Mello, 5.º duque e 13.º senhor do Cadaval, 8.º marquez e 13.º senhor de Ferreira, 10.º conde de Tentugal, grão-cruz das ordens de Christo e da Legião d'Honra (em França) mórdomo-mór de D. Maria I, e marechal de campo — nasceu a 6 de fevereiro de 1765, e morreu, na Bahia, a 14 de março de 1808. Tinha casado a 7 de outubro de 1791, com D. Maria Magdalena Henriqueta Carlota Emilia de Montmorency Luxembourg, dama das ordens de Santa Isabel e S. João de Jerusalem, nascida a 13 de abril de 1778, e fallecida na villa do Pombal, a 30 de agosto de 1833. Era 2.ª filha dos duques de Pinay, Luxembourg e Chatillon, Marianno Carlos Segismundo, presidente da ordem da nobreza, aos estados geraes, em 1789, e da duqueza Magdalena Revata Suzana Adelaide de Voyer de Argenson de Paulmy, dama da rainha Maria Antonietta, mulher de Luiz XVI, de França.

D. Miguel Caetano, e sua mulher, tiveram quatro filhos, que, por ordem das edades, foram:

1.º — *D. Adelaide Caetana*, que nasceu a 15 de janeiro de 1798, e morreu em Alcobaça, no 1.º d'agosto de 1833.

2.º — *D. Nuno Caetano*, do qual adiante trato.

3.º — *D. Segismundo Caetano Alvares Pereira de Mello*, duque de Lafões, que nasceu a 10 de novembro de 1800, e falleceu a 27 de maio de 1867.

4.º — *D. Jayme Caetano Alvares Pereira de Mello*, marquez honorario, par do reino, em 1826, cavalleiro da ordem de S. João de Jerusalem, nascido a 6 de fevereiro de 1805, e fallecido em Pau, na França, em 16 de fevereiro de 1877. Era parente e foi verdadeiro amigo do sr. D. Miguel I.

Foi duque do Cadaval, por casar em 29 de agosto de 1843, com sua sobrinha, a sr.ª D. Maria da Piedade Caetano Alvares Pereira de Mello, 7.ª duqueza e senhora da nobilissima e opulentissima casa do Cadaval, e que vive na cidade de Pau, no departamento dos baixos Pyreneus, em uma magnifica propriedade, com seu filho (unico hoje) o sr. D. Jayme.

A senhora duqueza do Cadaval, marqueza de Ferreira e condessa de Tentugal, é filha do senhor:

D. Nuno Caetano Alvares Pereira de Mello, 6.º duque e 14.º senhor do Cadaval, 9.º marquez e 14.º senhor de Ferreira, e 10.º conde e senhor de Tentugal: grão-cruz da ordem da Torre e Espada, commendador da de Christo, cavalleiro do Tozão d'Ouro e grão-cruz da de Isabel a Catholica, em Hespanha. Conselheiro de estado de D. João VI; membro da regencia do reino, pelo fallecimento d'este monarcha; presidente da camara dos pares, em 1826; ministro assistente ao despacho, do sr. D. Miguel I, tenente-general, feito por este senhor, em 26 de maio de 1828, e marechal do exercito, em 15 de outubro de 1832.

Nasceu a 7 de abril de 1799, e falleceu, em Paris (onde estava voluntariamente emigrado, desde junho de 1834) a 14 de fevereiro de 1837.

Tinha casado no 1.º de agosto de 1820, com D. Maria Domingas de Bragança de Sousa e Ligne, nascida no 1.º de agosto de 1801, e era 2.ª filha dos terceiros duques de Lafões. Foram seus filhos — por ordem das edades.

1.º — *D. Henriqueta Maria Caetano Alvares Pereira de Mello*, 12.ª condessa de Tentugal.

Nasceu a 16 de julho de 1821.

2.º — *D. Maria da Gloria*, nascida a 7 de janeiro de 1823.

3.º — *D. Miguel Caetano*, 11.º conde e senhor de Tentugal, nascido a 22 de maio de 1825, e fallecido a 30 de maio de 1827.

4.º — *D. Maria da Piedade*, actual duqueza do Cadaval, marqueza de Ferreira e condessa de Tentugal, nascida a 29 d'abril de 1827, e da qual já tratei.

5.º — *D. Carlota Caetano*, nascida a 14 de novembro de 1828.

6.º — *D. Isabel Maria*, nascida a 14 de junho de 1830.

—

Os duques do Cadaval (actual duqueza e seu marido) sahiram de Lisboa em 24 de julho de 1833, quando alli entraram os liberaes. Em maio de 1834 sahiram de Portugal para França, onde teem uma opulentissima casa, e só em 1849 vieram a Portugal, e estiveram nas suas quintas de Muge e Cintra. Não foram visitar a familia real, mas foram a Bemfica, visitar a sr.ª infanta, D. Isabel Maria. Quando alli estavam, chegou inesperadamente a sr.ª D. Maria II, e foi dar com os duques do Cadaval e outros titulares legitimistas, que nunca tinha visto (nem elles a ella) e que não tiveram remedio senão deixarem-se apresentar pela sr.ª infanta. A rainha disse-lhe, que sentia muito que tão nobres fidalgos, como os que alli estavam e outros, representantes das mais nobres familias de Portugal, andassem arredados da côrte, voluntariamente, pelas suas opiniões politicas.

—

A senhora duqueza do Cadaval, teve só dous filhos gemeos:

1.º—O sr. *D. Nuno Caetano Alvares Pereira de Mello*, nascido em 22 de dezembro de 1844, em Nice, e fallecido em Pau a 17 de setembro de 1878, contando apenas 34 annos de edade. Estava tratado o seu casamento, com a filha unica de uma das familias mais antigas, nobres e ricas, da França, cuja riqueza é calculada em muitos milhões de francos.

A senhora duqueza do Cadaval, tinha mandado preparar o seu palacio de Cintra, para os noivos virem alli residir algum tempo, o que seria uma grande ventura para os pobres e desvalidos d'aquella localidade, e causa de grande regosijo para o partido realista em geral, e para os seus titulares, em especial; mas Deus tinha determinado o contrario!

2.º — O sr. *D. Jayme Caetano Alvares Pereira de Mello*. Nasceu poucos minutos depois do sr. D. Nuno. É conde de Tentugal, e, por fallecimento de sua mãe, será 8.º duque do Cadaval, 11.º marquez de Ferreira, 13.º conde de Tentugal.

—

O duque do Cadaval, é o chefe da nobreza d'este reino, e a sua casa uma das primeiras em riqueza. O rendimento da sua casa poderia duplicar; porém, esta santa familia tem conservado as rendas, quasi sem augmento, desde 1833 até ao presente. Além d'isso, perderam grande parte dos seus rendimentos com a extincção das commendas.

Parte da riqueza d'esta casa colossal, é em propriedades e em capitaes e fundos estrangeiros.

Uma parte, não pequena, dos rendimentos de Portugal, são empregados em actos de beneficencia. Por occasião das inundações, no inverno de 1876-1877, a senhora duqueza mandou pôr á disposição das pessoas cujas casas estavam inundadas, todos os edificios a que a cheia não tinha chegado (porque alguns tambem estavam inundados) e, apezar dos grandes prejuizos que este temporal lhe causou, os grandes depositos de cereaes, vinho, azeite, etc., que tinha nos seus vastos armazens, em differentes partes do Riba-Tejo, foram distribuidos pelos necessitados.

No palacio da sua rica e grande quinta de Pedroiços (Belem) ainda se conserva a excellente livraria d'estes opulentos fidalgos, e toda a mobilia, roupa, louças, etc., prompto tudo a receber os seus proprietarios, a toda a hora do dia ou da noite, em que alli chegarem inopinadamente.

A frondosa matta, e os magnificos jardins

(hoje muito descurados) são muito concorridos, principalmente no tempo dos banhos.

Os negocios d'esta casa, teem sido perfeitamente dirigidos, pelo seu intelligente e consciencioso administrador.

A escripturação, é como se fosse de uma secretaria, e os seus empregados, teem *aposentação*, quando pela edade ou doença não podem trabalhar.

D. Alvaro de Portugal

D. Alvaro de Portugal, geralmente conhecido pela denominação de *Senhor D. Alvaro*, era filho do duque de Bragança, D. Fernando II, e da duqueza, D. Joanna de Castro. Foi senhor de Tentugal, do Cadaval, e de outras muitas terras; regedor das justiças e chanceller-mór do reino.

No congresso (ou conciliabulo) em que os membros da casa de Bragança se reuniram, para combinarem o modo como haviam de defender os seus privilegios, de que os queria despojar D. João II, propôz o marquez de Monte-Mór, que se levantassem em publica conjuração contra o rei; mas D. Alvaro de Portugal (seu irmão) ainda que, de menos annos, mas de juizo mais seguro, se lhe oppoz tenazmente, concluindo que — *só se podiam armar contra o rei, largando primeiro os estados que possuiam em Portugal e desnaturalisando-se solemnemente do mesmo reino, pois só assim se tirariam da nota de traidores.* Estas nobres razões, fizeram desvanecer (por então) os temerarios projectos d'aquelles fidalgos.

N'esta tentativa de conspiração houve um Judas. O rei soube quanto se havia passado na conferencia, e o que tinha dito D. Alvaro, pelo que lhe concedeu a sollicitada licença de hir viajar, *sob a condição de não parar em Castella.* (Eram ciumes politicos que D. João II sempre teve de D. Fernando e D. Isabel (os *reis catholicos.*) Demais a mais, D. Isabel, era prima co-irman de D. Alvaro de Portugal.

O fim, ou pretexto, com que D. Alvaro sahiu de Portugal, era visitar os logares Santos de Jerusalem, *para divertir ou esquecer* —dizia elle—com aquella peregrinação o sentimento pela morte de seu irmão, o duque de Bragança, D. Fernando, degolado em Evora, a 22 de junho de 1483, e pelo desterro de seus sobrinhos.

Não atravessava D. Alvaro o reino de Castella, com a pressa que D. João II exigira, pelo que lhe mandou dizer que, se não tratasse de sahir logo de Hespanha, perderia todos os bens que tinha em Portugal. D. Alvaro, lhe mandou dizer — «Em quanto Vossa Alteza me mandou sem outra condição alem do cumprimento do seu real preceito, obedeci, e tencionava sahir de Hespanha brevemente; mas como agora me ameaça com a perda da minha fazenda, d'ella não faço caso, e pode Vossa Alteza fazer d'ella o que quizer, que eu farei o mesmo da minha pessoa.» — Marchou logo para a côrte de Castella (e talvez fosse esse o designio com que sahiu de Portugal) e os reis catholicos o receberam com as maiores honras e affabilidade, e o fizeram presidente do conselho real, e seu contador-mór, alcaide-mór, de Sevilha e Andujar, e lhe deram o estado de Gelves. D. João II cumpriu a sua ameaça.

O rei D. Manoel, lhe restituiu todos os cargos e estados que tinha em Portugal, e o nomeou seu embaixador á côrte de Castella, para o ajuste do seu primeiro casamento com a princeza Isabel, filha dos reis castelhanos; e o encarregou de outros negocios de alta importancia, ao que tudo deu pleno e satisfatorio cumprimento.

Casou com D. Philippa de Mello (filha e herdeira de D. Rodrigo de Mello, conde e alcaide-mór de Olivença) e foram seus filhos, *D. Rodrigo de Mello, 1.º conde de Tentugal*, como fica dito no principio d'este paragrapho — *D. Jorge de Portugal*, conde de Gelves, em Castella — *D. Isabel de Castro*, condessa de Belalcasar (Castella) — *D. Beatriz de Vilhena*, duqueza de Coimbra — *D. Joanna de Vilhena*, condessa de Vimioso — e *D. Maria Manoel de Vilhena*, condessa de Portalegre.

D. Alvaro de Portugal, morreu em Toledo, a 4 de março de 1504, e os seus restos mortaes foram trasladados para o mosteiro de conegos de S. João Evangelista (loyos) da cidade d'Evora, que havia fundado seu sogro, o conde de Olivença.

O conde D. Sisnando

No principio do seculo XI, era senhor de Tentugal, e varias terras d'estes sitios, um *musárabe*, chamado David [1].

Foi seu filho e herdeiro, o famoso *conde D. Sisnando*. (Vide no vol. 2.º, pag. 324, col. 2.ª — pag. 339, col. 2.ª — e pag. 350, col. 2.ª no fim.)

Aqui só accrescento o que se segue:

A grande extenção do reino de Leão, obrigou os seus reis a dividil-o em condados.

D. Fernando Magno, rei de Leão e Castella, alargou muito os limites dos seus reinos, tomando aos mouros, Badajoz, Evora, Beja, Cêa, Mérida, Lamego, Viseu, Coimbra e outras povoações, e territorios; pelo que teve de crear um novo condado, do qual fez capital a cidade de Coimbra.

Este condado era vastissimo. — Do E. a O., principiava em Lamego e terminava no Oceano — e do N. ao S., principiava na margem esquerda do Douro, e terminava nas fronteiras mouriscas da actual Extremadura portugueza.

D. Sisnando abandonou o emir de Sevilha, e se juntou com a sua hoste de musárabes, ás tropas de D. Fernando Magno, contribuindo poderosamente para a tomada de Coimbra.

O rei, em premio dos seus assignalados serviços e attendendo á sua intelligencia e energia, lhe entregou a administração do novo condado, com plenissimos poderes.

Nos documentos d'esse tempo, D. Sisnando assigna-se de differentes maneiras — isto é — *alvazir*, *conde*, *consul*, *proconsul*, *senhor*, *duque*, *governador* e *imperador*.

Não só conservou a integridade do seu condado, mas ainda o ampliou, á custa de territorios occupados pelos mouros.

Cuidou com sollicitude no progresso da agricultura; restaurou ou fundou e dotou varias egrejas; reedificou e repovoou muitas terras; reconstruiu, ampliou e fundou varios castellos, sendo os principaes os de Monte-Mór-Velho, Soure, Foz d'Arouce, Penella, Tentugal e Cantanhêde.

[1] Para a difinição da palavra *musárabe*, vide 5.º vol., pag. 434, col. 2.ª

De combinação com o bispo de Coimbra, D. Paterno, instituiu junto á Sé Cathedral, um seminario, onde, sob a regra de Santo Agostinho, viviam em communidade os mancebos destinados ao magisterio, ou ao sacerdocio.

(Vide no 8.º vol. do *Archivo Pittoresco*, a pag. 330, col. 2.ª, o bello artigo do sr. doutor Caetano Rodrigues de Gusmão.)

TERCENA — portuguez antigo — e ainda mais antigo — **TARRACENA**, e **TARAÇUNA** — É corrupção do substantivo persico *tarçana*, palavra adoptada pelos árabes.[1] É nome composto de *tar* ou *tres*, a casa — e *çana*, ou *hane*, navio — significa — casa de navios, ou estaleiro.

Em Portugal, *tercênas*, são armazens onde se guardam os mantimentos para as tripulações dos navios do estado, e todos os utencilios necessarios a estes navios. Tambem significa estaleiro.

As primeiras tercenas que houve em Portugal, foram mandadas construir por D. Fernando I, no sitio da *Ribeira-Velha* — (onde hoje é o Arsenal do Exercito — vulgo *Fundição* — e suas immediações) em Lisboa.

Vide IV vol., pag. 188, col. 1.ª, no principio.

Á villa de Sagres, se deu antigamente a denominação de *Terçanaval*, contracção de *tercena-naval*.

Os Hespanhoes, dizem *atarazana* (ataraçana)—e os italianos, *darcêna;* com a mesma significação.

TERENA — villa, Alemtejo, comarca e 12 kilometros ao O. do Redondo, concelho e 3 kilometros do Alandroal (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Extremoz) 40 kilometros d'Evora, 160 ao S.E. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1768, tinha 271.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

O real padroado, apresentava o prior, que tinha 300$000 réis de rendimento annual.

[1] Outros sustentam que é palavra d'origem árabe, composta de *dar*, casa—e *senaa*, trabalho.—Vindo então a ser—*casa de trabalho*, que tambem se podia entender por estaleiro coberto.

É terra muito fertil em todos os generos agricolas do nosso paiz, e uma das suas povoações mais antigas, como adiante veremos.

Gil Martins e sua mulher Maria João, paes de D. Martim Gil, 1.º conde de Vianna (do Alemtejo) fidalgo da côrte de D. Affonso III, que lhes deu o senhorio de Terêna, lhe deram foral, e povoaram esta terra, em fevereiro de 1262. (*Livro de foraes antigos de leitura nova*, fl. 146 v., col. 1.ª)

O rei D. Manoel, lhe deu foral novo, em Lisboa, a 10 d'outubro de 1514. (*Livro de foraes novos do Alemtejo*, fl. 83 v., col. 1.ª)

—

A primittiva povoação, foi fundada em uma baixa, entre os ribeiros do Alcaide e de Lucefeci (este tambem chamado, de Terêna) ambos affluentes do Guadiana.

Sendo este sitio muito doentio, os moradores o foram despovoando, hindo construir a actual villa, em uma elevação, a pouca distancia, e em melhores condições de salubridade.

É cercada de muros, com o seu castello — tudo desmantelado. — Eram seus alcaides móres, os condes da Ponte[1].

—

Não ha certeza quanto á data da fundação da antiga Terêna. Pretendem uns, que foram os antigos lusitanos, ou celtas. — Outros querem que fossem os gallos-celtas. — E, finalmente, outros sustentam que é fundação dos carthaginezes, o que parece mais provavel. Segundo esta ultima opinião, eis a sua origem:

Pelos annos do mundo 3603 (401 antes de Jesus Christo) Bohodes, capitão carthaginez, desembarcou nas praias de Betica, mas os seus habitantes (actuaes andaluzes) lhe fizeram crua guerra, obrigando-o e á sua gente a reembarcar, e fugir para a Lusitania, onde entraram pelo Algarve — parece que pelo porto que depois se chamou d'Annibal, hoje Villa-Nova de Portimão.

Como não vinham em *som de guerra*, foram bem recebidos pelos lusitanos, que logo lhes principiaram a comprar, vender e trocar mercadorias. Os lusitanos hiam ao litoral fazer o seu negocio, e os carthaginezes faziam o mesmo pelo interior do paiz.

Bohodes, desejando estabelecer uma paz duravel com os lusitanos, convocou os principaes d'elles para uma reunião, na qual se assentaram as bazes de uma sincera alliança.

Para firmeza d'este tratado, se fez um sacrificio de grande numero de rezes de varias especies, ante uma estatua de Marte, divindade carthagineza.

Bohodes, era um homem matreiro, e, para atrahir os lusitanos, que não conheciam o tal deus Marte, e que só adoravam *Endovelico*, lhes disse que um e outro, vinham a ser a mesma cousa; o que os ingenuos lusitanos facilmente acreditaram.

Bohodes, estabeleceu uma feitoria, na costa do paiz dos cuneos (Algarve) uma feitoria, na povoação maritima de *Lacobriga*, que é hoje Lagos, ou Lagôa.

Os proprios cuneos (ou lusitanos algarvios) ajudaram de boa vontade á construcção da feitoria, que se tornou uma feira permanente. Tambem aqui construiram uma fortaleza em que deixaram guarnição.

Bohodes foi substituido por Maharbal, o chefe carthaginez que foi mais querido dos lusitanos, porque sempre se mostrou amigo d'elles, e lhes fez muitas promessas, que cumpriu.

Depois de estar algum tempo no Algarve, para conhecer a lingua e os costumes dos lusitanos, se aventurou a penetrar no centro do paiz.

Chegou á actual Elvas, já então de grande importancia, e assentadas as pazes com os seus moradores, percorreu varias povoações circumferentes.

Antes de Maharbal sahir do Algarve, tinha feito captivos os tripulantes de uma nau

[1] O rei D. Duarte, deu esta alcaidaria a Nuno Martins da Silveira. Foi seu successor, o grande Nuno da Cunha, vice-rei da India, casado com uma filha de Nuno Martins da Silveira. Por morte de Nuno da Cunha, herdou a alcaidaria Gonçalo Vasques da Cunha. Depois passou a Francisco de Mello, marquez de Sande; depois a seu filho, e d'este ao seu filho, o conde da Ponte, e a seus herdeiros.

grêga, da ilha de Chypre, e tomado-lhes as estatuas de Venus e Cupido, que elles traziam a bordo.

Quando Maharbal percorria as terras do Alemtejo, foi accommettido de uma grave doença. Consultados os augures, estes disseram que o deus Cupido estava irado contra elle, pelo desacato feito aos chypriotas, e que só obteria saude, dando liberdade aos captivos, e fundando um templo a Cupido; ao que o doente annuiu, e, recuperando a saude, tratou de cumprir a promessa.

Agradou-lhe um sitio a 12 kilometros a S.E. da actual Villa Viçosa, e tratou de dar principio a um sumptuoso templo, que se concluiu em pouco tempo, porque os lusitanos ajudaram com a maior sollicitude a esta construcção.

No logar principal, foi collocado o idolo do deus Cupido, tomado aos grêgos e que era feito de prata fina, macisso e de estatura natural.

Foi este templo tão frequentado dos lusitanos, que alli concorriam de toda a parte, a offerecer sacrificios e a cumprir votos, ao deus Endovelico, ou Cupido.

Note-se que Endovelico era a divindade superior dos antigos lusitanos, e os carthaginezes, e depois os romanos, lhe conservaram o nome e o culto.

Ignora-se que qualidade de culto os celtas, ou antigos lusitanos, dedicavam a Endovelico; apenas se sabe que nos seus dolmens lhe sacrificavam differentes animaes, e até victimas humanas. (Vide IV vol., pag. 479, col. 2.ª)

É certo que a estatua de Endovelico tem muita semelhança com o cupido da mythologia. Era um joven imberbe, com os olhos vendados, e o coração na bocca. Tinha porem azas nos pés, como Mercurio.

Este templo tinha sacerdotizas, governadas por um sacerdote.

Estas sacerdotizas, cuidavam dos adornos do altar do deus. Eram escolhidas d'entre as mais nobres e formosas, *para exercerem o culto de Venus e Cupido*... O primeiro sacerdote é que as governava, e só elle podia sacrificar. Tinha outros sacerdotes sob as suas ordens, que eram uma especie de sachristães, destinados a cuidarem no aceio, limpeza e conservação do templo.

Consta que uma das ceremonias aqui usadas, era trazer-se um cordeiro branco, até á ára: o sacerdote despia-se completamente, até ficar nú, cubrindo-se depois com uma capa branca, roçagante. Sacrificava o cordeiro, e lançava-lhe o coração na pyra.

—

Pelos annos do mundo 3941 (63 antes de Jesus Christo) veio, pela primeira vez, á Lusitania, o famoso Julio Cesar, na qualidade de questor de Tuberon. Commetteu e deixou commetter as maiores crueldades no nosso paiz.

Chegando ao templo d'Endovelico, os seus soldados roubaram as estatuas de prata d'esta divindade e a de Venus, sua mãe, e todas as preciosidades que alli encontraram, bem como o arco e aljava de ouro puro, que Amiliar Barcino, pae d'Annibal, tinha offerecido ao deus.

Construiu-se depois uma nova estatua de marmore fino.

Diz-se que muitos lusitanos ficaram tão aterrados com este *sacrilegio*, que julgando-se indignos de viverem depois d'elle, se mataram, em *desagravo*.

Julio Cesar, fez algumas diligencias para descobrir os objectos roubados, mas só encontrou em poder de Tuberon, seu chefe, a estatua de Venus, que resgatou á sua custa (provavelmente, com o dinheiro que tinha roubado em outras partes.)

Virgilio, na *Eneida*; e Homero, na *Iliada*, dizem que Julio Cesar descendia de Venus. Foi por isso que o futuro imperador resgatou a estatua da sua *progenitora*.

—

A analyse philologica da palavra *Endovelico*, parece indicar-nos que era a divindade suprema, adorada pelos celtas.

Strabão, diz que elles adoravam *um deus sem nome* (porque elle o não sabia) no tempo da lua cheia.

End, radical de todas as linguas primitivas e ainda hoje das do norte, significa *Ente Supremo*.

A radical *Bel* ou *Vel*, reunida a *End* tambem significa o mesmo, como se dissessemos *Deus dos Deuses*.

(Vide *Alandroal*, *Endovelico*, e *Villa-Viçosa*).

—

Convertida a Lusitania ao christianismo, o povo, levado de um sentimento de religião mal entendido, despedaçou a estatua de Endovelico, e os seus destroços foram empregados como alvenaria nas paredes da egreja de S. Miguel, archanjo, que alguns pretendem estar construida no mesmo logar que occupava o antigo templo, e com os restos dos seus materiaes.

Em volta do antigo templo (que ficava perto da actual villa do Alandroal) se foram construindo varias casas de habitação, que formaram a primittiva villa de Terêna.

—

Ainda existem varias lapides d'esses tempos, que nos recordam o culto de Endovelico, a maior parte das quaes estão em Villa-Viçosa.

Sobre a porta da egreja de Nossa Senhora da Graça de religiosos agostinhos calçados (gracianos) d'esta ultima villa, está uma lapide, das que D. Theodosio I, duque de Bragança, mandou vir de Terêna, e que tem esta inscripção:

C. JVLIVS NOVATVS, VIVENNIAE
SVAE VOTVM SOLVIT.

(Caio Julio Novato, em cumprimento de voto pela sua Vivianna.)

Ainda na mesma egreja da Graça ha duas inscripções, levadas do templo de Terêna, dizem:

1.ª

L.
ENDOVELICO
SACRUM, MARCOS JVLIVS
ANIMO SIBENS
VOTVM SOLVIT.

(Dedicado ao deus Endovelico, em cumprimento de voto.)

2.ª

DEO ENDOVELICO SAC.
JVLIA ELIANA VOTO SUCCEPTO EL-
VIA IBAS MATER
FILIAE SVAE VOTVM SUCCEPTVM
ANIMO LIBENS POSVIT.

(Consagro ao deus Endovelico, por voto de Julia Eliana, cumprido por devoção de sua mãe, Elvia Ibas.)

—

Outras muitas inscripções traz frei Bernardo de Brito, e André de Rézende, que não copio para não fatigar o leitor.

—

Convertidos os lusitanos ao christianismo, não só desprezaram o culto de Endovelico, mas foram-se ao templo, e lhe fizeram o mesmo que as tropas de Julio Cesar lhe tinham feito, e despedaçaram a estatua do deus, como já disse.

—

Ignora-se como foi tratada a povoação de Terêna, pelos barbaros do norte, no principio do seculo V, o que consta, é, que, no principio do seculo VIII, os mouros, invadindo Portugal, destruiram esta povoação, não deixando pedra sobre pedra.

Passados annos, ainda aqui se estabeleceram algumas familias; mas com as continuas guerras da edade media, tornou a despovoar-se, e despovoada estava nos primeiros tempos da nossa monarchia, e deserta a achou Gil Martins, em 1262.

—

Não sei como esta villa tornou para a corôa, o que se sabe, é que o rei D. Diniz deu o senhorio d'ella a seu filho, o infante D. Affonso (depois rei IV do nome) com varios outros senhorios; sob a condição de os não poder doar senão a sua mulher, D. Brites, ou a algum seu filho, a titulo de mórgado.

Depois formou se de Terêna e de outras povoações immediatas, uma commenda da ordem d'Aviz.

—

Pelos annos de 1559, ainda o templo carthaginez estava menos mal conservado; mas o infante D. Henrique (filho do rei D. Ma-

noel) sendo arcebispo d'Evora,[1] *roubou* do templo d'Endovelico, 96 columnas de bello marmore, e de ordem jonica, para com ellas adornar o collegio do Espirito Santo, que, para os jesuitas, andava fundando em Evora. (Vide 3.º vol., pag. 95, col. 2.ª)

—

D. Henrique, não tirou todas as preciosidades d'este magnifico templo porque depois, o duque de Bragança, D. Theodosio I, ainda achou que levar, para enriquecer com os despojos venerandos do templo de Endovelico o mosteiro de Nossa Senhora da Graça (de frades agostinhos, calçados, vulgo *gracianos*) que andava construindo em Villa-Viçosa, para jazigo e da sua familia.

Egreja de Nossa Senhora da Boa-Nova

A infanta D. Maria, filha de D. Affonso IV, de Portugal, foi rainha de Castella, por casar com D. Affonso XI, e foi mãe do tristemente celebre D. Pedro I, de Castella, o cruel, que morreu assassinado por seu irmão bastardo, D. Henrique II.

Em 1340, Ali-al-Boacem, imperador de Marrocos, ameaçou a Peninsula, com uma invazão egual á de 714. (Para evitarmos repetições, vide o que a semelhante respeito fica dito no 3.º vol., pag. 104, col. 1.ª e seguintes.)

Frei Agostinho de Santa Maria (*Sant. Mar.*, tom. 6.º, pag. 228 e seguintes) diz que o nosso rei D. Affonso IV, negára a sua filha, a rainha D. Maria, o soccorro que ella lhe vinha implorar em favor de Castella, voltando esta senhora para o seu reino, muito triste e desanimada. Ao chegar ao sitio da antiga villa de Terena, viu ao longe, correr para ella, um cavalleiro a toda a brida. Era um enviado de seu pae, que lhe trazia a *boa-nova* de que o rei havia reconsiderado e promettia o pedido soccorro.

A rainha, em memoria d'esta tão grata noticia, prometteu fundar n'aquelle mesmo sitio (em frente das ruinas do templo pagão) uma egreja, dedicada a *Nossa Senhora da Boa-Nova*.

Dada a grande batalha e obtido o triumpho glorioso, do Sallado (30 de outubro de 1340) para o que tanto concorreram os portuguezes, commandados pelo seu rei em pessoa, e por seu filho, o infante D. Pedro (depois rei 1.º do nome) tratou immediatamente a rainha de Castella, de cumprir a sua promessa, mandando construir a egreja, e consignando-lhe um bom rendimento para as despezas do culto, e conservação da egreja.

É um templo construido com a maior robustez, em fórma de fortaleza (como o da *Flôr da Rosa*, no concelho do Crato) guarnecido de ameias de cantaria, tendo a fórma de cruz. As paredes interiores, estão revestidas de ricas pinturas, e nos dous lados do altar-mór, se admiram dous magnificos tocheiros, que, apezar do seu estado de ruina causada pelo decurso de cinco seculos, ainda dão ideia da sumptuosidade com que foram construidos.

Esta egreja, que fica a 1:500 metros da villa, e no sitio da antiga Terêna, foi matriz em quanto aqui houve povoação.

Marquezes de Terena

Ao que disse d'esta nobilissima familia, na col. 1.ª de paginas 695, do 6.º volume, só tenho a accrescentar o seguinte:

Sebastião Correia de Sá, foi feito 1.º visconde de S. Gil de Pérre, feito em 30 de outubro de 1824—1.º conde de Terêna, em 28 de setembro de 1835 — e por fim, marquez do mesmo titulo, nasceu a 20 de fevereiro de 1766. Casou, a 3 de agosto de 1791, com D. Francisca Jacome do Lago Bezêrra, filha e herdeira de Balthazar Jácome do Lago Bezêrra, senhor do couto de Paredes e das casas solares de S. Gil de Pérre e da Torre do Paço, na freguezia de Santa Maria do Geraz.

O 1.º marquez de Terêna, morreu a 4 de junho de 1849.

Deixou uma avultada riqueza em propriedades, na provincia do Minho e Douro, da qual foram herdeiros, seus netos — os senhores — conde de Bertiandos, official-mór da casa real, e par do reino—Antonio Emi-

[1] Este padre, que, pela sua pusilanimidade, foi a causa da nossa escravidão de 60 annos, foi arcebispo de Lisboa, d'Evora e de Braga, cardeal, e por fim, rei.

lio Correia de Sá Brandão, juiz da relação de Lisboa — e D. Maria Francisca Brandão —seus bisnetos—o conde de S. Miguel, official-mór da casa real e nosso encarregado de negocios na Suissa — Francisco Brandão de Mello, — José Guedes Brandão de Mello, 1.º tenente de artilheria n.º 1 — e, D. Eugenia Maria Anna Correia de Sa Brandão de Mello, 4.ª viscondessa de S. Gil Pérre, 4.ª condessa é 3.ª marqueza de Terêna, e 1.ª marqueza de Monfalim, dama da sr.ª D. Maria Pia, e hoje representante d'esta esclarecida familia.

TEREZINHA, THEREZINHA, ou **TEREJINHA** — rio, Beira Baixa. É em Bouça-Cova, atravessado por uma bella ponte, do caminho de ferro da Beira. Vide *Bouça-Cóva.*

TERMO — Vide *Orjaes,* concelho da Covilhan.

TERRA — (o nosso planeta) — Acabam de publicar-se os resultados dos calculos feitos por dois sabios para determinar o mais exactamente possivel as dimensões da terra.

Segundo uns calculos, a extensão do eixo polar é de 12.712:136 metros, a do diametro equatorial minimo, que é situado a 103° 44′ a leste do meridiano de Paris, e de 12.752:701 metros, ao passo que o diametro equatorial maximo, situado á 13° 14′ de longitude de leste, mede 12.756:568 metros.

A superficie da terra tem 509 milhões 940:000 kilometros quadrados, o seu volume é de 1.082:860:000 kilometros cubicos. A circumferencia do globo é, no meridiano mais pequeno, de 40.000:998 metros e no meridiano maior de 40.069:903 metros.

Os oceanos e os gelos occupam 375 milhões 157:950 kilometros quadrados.

O numero total dos habitantes da terra é de 1.391:000:000, a saber : 300:530:000 na Europa, 71.800:000 na Asia, 203.300:000 na Africa, 84.542:000 na America, e 4.430:000 na Oceania.

Os sabios geographos que tiraram estes resultados, foram os professores allemães, Behum, e Wagner.

TERRA DA FEIRA—antigamente—**TERRA DE SANTA MARIA**—Deu-se o nome de *Terra de Santa Maria,* á vasta região comprehendida, desde o rio Ave, ao norte até ao rio Caima, ao sul — e, desde o rio Arda ao éste — á esquerda do Douro — e o rio Souza — tambem a éste, á direita do Douro, até ao mar (tanto ao sul, como ao norte d'este ultimo rio.)

Depois, ao territorio que fica ao norte do Douro, se denominou *Terra da Maia,* e comprehendia tudo o que fica entre a margem direita do Douro, e esquerda do Lima, de sul a norte — desde o rio Souza até ao mar, de leste a oeste.

Depois, se cincumscreveu este territorio, ao que está entre o rio Douro e Áve. (Vide *Villa do Conde.*)

Deu-se o nome de *Terra de Santa Maria* ao territorio que foi conquistado aos mouros, nos seculos x, e xi.

A Terra da Feira, comprehende 99 freguezias,[1] a saber — o concelho de Gaia 23, — o da Feira, 36 — o de Estarreja, 9 — o de Ovar, 6 — o de Oliveira d'Azemeis, 20 — e 5 freguezias do supprimido concelho de Fermedo, que passaram para o concelho de Arouca.

Este territorio termina — pelo N., com o rio Douro — pelo S., com o rio Caima — pelo E., com o rio Arda — e pelo O., com o mar.

Os concelhos da Feira, Estarreja, Ovar, e Oliveira d'Azemeis, são tambem comarcas — o de Gaia, pertence á comarca do Porto — e Arouca, é tambem cabeça de comarca.

TERRA CALVA—portuguez antigo—terra bravia, de tão má qualidade, que nem matto, carrascos ou silvas produzia.

TERRA CHAAM — portuguez antigo — aldeia, ou povoação pequena, que não era cabeça de couto ou concelho, nem era fortificada.

As povoações que tinham muros ou castellos, eram sempre fundadas em alguma

[1] Verdadeiramente, tem 107, mas 8 estão actualmente annexas a outras.
Todo este vasto territorio, mais extenso e povoado do que alguns dos nossos bispados, foi senhorio dos Pereiras, conde da Feira, e, em 1641, passou para a casa do infantado.
Vide *Feira* e *Grijó.*

elevação; pelo que, dizendo-se *Terra chaam*, já se sabia que era povoação aberta e sem defeza.

TERRA DOS BRÊDOS — Vide *Barosa*, de Leiria.

TERRA DOS PAGONS — portuguez antigo — a terra que ainda estava occupada por mouros, durante os reinados de D. Affonso Henriques, D. Sancho I, D. Affonso II, Dom Sancho II, até D. Affonso III, que acabou de expulsar os mouros, do seu ultimo abrigo — o Algarve.

Ainda que os mouros já vivessem sujeitos aos reis de Portugal, e gozassem os privilegios que lhes concediam os *foraes de mouros fôrros*, ao territorio que occupavam se dava o nome de *Terra de Pagons*.

TERRA GALLEGA — portuguez antigo — terra de má qualidade, e que por isso, produzia poucos fructos, e pouco desenvolvidos. (Vide *Gallêgo*).

TERRADÓRO — portuguez antigo — Theodoro.

TERRAMOTOS — aldeia, Extremadura, extramuros da cidade de Lisboa, proximo e ao O. dos *Arcos das Aguas livres*, nas margens do ribeiro que vem ter á ponte e caneiro d'Alcantara.

Ha aqui uma ermida, dedicada a Nossa Senhora da Conceição, vulgò — *Nossa Senhora dos Terramotos* — á qual se faz todos os annos, uma concorrida romaria.

Proximo ao logar dos Terramotos, ha uma excellente fabrica de chitas, do sr. Frick.

TERRAMOTOS — É um dos mais perigosos e destruidores flagellos da natureza. É produzido este phenomeno, por torrentes de metaes e outras materias em fusão, que correm subterraneamente. São menos terriveis quando teem *respiradoiros*, a que se dão nome de *volcões*, como os do *Vesuvio* e *Etna*, na Italia; o *Hecla*, na Islandia; os numerosos da America; e os das nossas ilhas dos Açores, cujo sólo é quasi totalmente volcanico.

Em Portugal, tambem houve volcões, e ha vestigios das suas crateras, em Cintra e outras partes, como temos visto pelo decurso d'esta obra. Segundo a tradição, no monte do Castello de S. Jorge, de Lisboa, existiu um grande volcão, em tempos remotissimos; e as aguas thermaes que d'alli proveem, são d'isso uma prova.

As mesmas causas que produzem os tremores de terra, são origem do grande numero de aguas medicinaes, que em tanta quantidade, e de tão variadas composições chymicas, se encontram espalhadas por todo o nosso reino, e pelos estrangeiros.

Hoje, felizmente, são menos destruidores e mais raros os terramotos em Portugal, provavelmente, porque os rios incandecentes, se vão esgotando, e correm a muito maior profundidade.

—

A duração dos terramotos é em geral curta; mas parece averiguado, que tanto mais rapido é o abalo, subterraneo, tanto maior é a sua devastação. No espaço de alguns segundos tem-se reduzido a um montão de ruinas vastas e populosas cidades, e succumbido centenares de victimas. Na Syria, nos tempos de Tiberio e Justiniano, mais de 2:000 pessoas morreram por effeito dos tremores de terra. Na Sicilia, em 1692, houve um terramoto que matou mais de 50:000 pessoas. O da Calabria em 1783, fez perecer mais de 60:000. O de Pirobamba em 1797 fez succumbir mais de 40:000. O de Lisboa em 1 de novembro de 1755, mais de 70:000 victimas, só dentro da capital.

Este terrivel phenomeno é mais frequente nas regiões volcanicas, nas ilhas, na beira mar, e nos paizes tropicaes. Um dos effeitos mais desastrosos dos terramotos é a abertura de fendas e escavações profundas, que umas vezes se conservam e outras se fecham immediatamente. D'estas fendas saem gazes, vapores, fumo, chammas, lama, agua, areia e pedras. No terramoto da Jamaica em 1692 abriu-se a terra em varios sitios de um modo tão insolito, que submergiu e se fechou sobre varias pessoas; mas reabrindo-se logo depois, tornou á lançal-as para fóra, no meio de jorros d'agua, que causaram grandes inundações. Outro effeito de grande destruição é a rapida elevação e descida das aguas do mar, como succedeu no de Lisboa, em que mais de 3:000 pes-

soas morreram afogadas nos caes do Tejo pela repentina elevação das aguas do mar.

Ha certos phenomenos precursores que annunciam os terramotos. Certos animaes, ao approximar-se este phenomeno, saem da terra espavoridos e fogem em todos os sentidos, taes são as cobras, ratos, lagartos, e outros. Os animaes domesticos tambem participam d'este terror, como são os porcos, cabras, e cães, que parece farejarem os tremores de terra. Em algumas cidades da America, os cães fogem aterrados para os campos, apenas presentem os primeiros signaes do movimento da terra.

—

Em Portugal, já ha noticia de um terramoto, no anno do mundo 3634 (370 antes de Christo) e, segundo a tradição, foi terrivel e devastador, em Lisboa, e na maior parte da Extremadura. Houve outro, no anno 377 antes de Jesus Christo; porém os mais conhecidos, tiveram logar nos annos de Jesus Christo — 1009, 1117, 1146, 1183, e 1290.

Em 22 de fevereiro de 1309, pouco antes de amanhecer, houve um espantoso tremor de terra, não só em Portugal, mas em toda a Europa.

Em 24 d'agosto de 1356, tremeu a cidade de Lisboa, por espaço de 15 minutos, sem interrupção. Cahiram muitos edificios e morreu muita gente.

Em quasi todo o anno de 1357, foram frequentes os tremores de terra, porém menos destruidores.

A 7 de janeiro de 1531, se começaram a sentir em Portugal, horriveis tremores de terra, obrigando quasi todos os habitantes das cidades e villas, a fugirem das casas, e hirem viver em barracas, no campo. Lisboa, foi a povoação que mais soffreu.

Para evitarmos repetições, vide no IV vol. pag. 367, col. 1.ª — 369, col. 1.ª — 378, col. 2.ª (em duas partes) 381, col. 1.ª (em duas partes) e pag. 390, col. 1.ª.

Alem d'estes, tem havido um grande numero de terramotos em Portugal, que não menciono, por terem menos duração, e serem pouco, ou nada desastrosos.

TERRANHO ou **TERRÊNHO** — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 58 kilometros de Vizeu, 350 ao N. E. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1768, tinha 96.

Orago, S. Martinho, bispo.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O real padroado, apresentava o abbade, que tinha 200$000 réis de rendimento annual.

Produz milho, feijão, batatas e linho; do mais, pouco. É porém abundante de aguas, tanto do rio Téja, que passa por esta freguezia, como de varias nascentes, pelo que tem muitos prados, que sustentam bastantes gados.

Ha n'esta freguezia, um edificio brazonado, com optima cêrca, pertencente ao sr. Christovam de Sá Menezes, casado com uma filha do desembargador (conselheiro do supremo tribunal de justiça) Bernardo de Lemos Teixeira d'Aguilar, de Sedovim.

É tambem aqui, a importante casa da familia Almeida, da qual é actual representante, o sr. Bernardo d'Almeida, casado com a sr. D. Maria Guilhermina de Sampaio e Mello, da nobre casa de Cidadêlhe.

Os srs. Azevedos, de Mezãofrio, teem tambem aqui, um nobre edificio antigo, brasonado, e uma boa quinta contigua.

—

Viveu alguns annos n'esta freguezia, e aqui foi assassinado, o famoso ladrão *José Chuço*, natural da proxima freguezia, da *Torre do Terranho* (vulgo *Torrinha*) e irmão de *Antonio Chuço*, outro ladrão ainda mais famoso. Eram filhos de outro *Chuço*, natural de Trancoso, um dos homens mais valentes d'estas terras, e tambem ladrão, pelo que, por duas vezes, foi degredado para as costas da Africa.

José Chuço, foi o terror d'esta freguezia, porque era um homem de forças herculeas, e estatura agigantada. Era ladrão tão descarado, que roubava mesmo de dia, casas, campos e viandantes; não se atrevendo ninguem — nem mesmo as auctoridades — a fazer-lhe a minima observação.

Foi aqui mandada, para o prender, uma escolta, do batalhão de melicias de Tranco-

so, que apenas viu o Chuço (á porta de uma amante) o fuzilou! (Diz-se que trazia ordem de assim proceder).

Ainda depois de morto, matou um homem! — Foi assim:

Conduzido em um carro de bois, para a egreja de Penedôno, que fica a 10 kilometros do Terranho, foi alli depositado. O sachristão, entrando na egreja, já de noite, tropeçou no cadaver, e teve tão grande susto, que morreu tres dias depois!

Passa aqui a antiga estrada militar, d'Almeida para Lamego e Porto. Está intransitavel.

TERRAS D'ALQUEIDÃO — Vastos terrenos, da Extremadura, no Riba Tejo, concelho de Azambuja, e que eram propriedade da camara municipal de Lisboa, que d'elles auferia valiosas rendas. Eram terras lavradias, e olivaes.

O governo, mandou vender tudo isto, em hasta publica, nos mezes de junho e julho, de 1877.

Para se fazer ideia do valor d'estas propriedades, dou uma relação dos compradores, e do preço porque as compraram — isto, só das arrematações de que pude obter esclarecimentos: talvez ainda hajam mais.

Compradores

1.º *Antonio José Marques Leal*, de Lisboa, quatro empostas	12:911$000
2.º *José Vicente da Costa*, de Salvaterra de Magos, quatro empostas	12:960$000
3.º *João Augusto Seabra*, a emposta n.º 2	2:767$500
4.º *Francisco José Teixeira Franco*, a emposta n.º 3	2:737$500
5.º *Pedro Gaspar*, a emposta n.º 4	2:793$000
6.º *Angelo Antonio Alves*, emposta n.º 5	2:790$500
7.º *Antonio José da Silva*, emposta n.º 6	3:256$000
8.º *O mesmo*, emposta n.º 7	3:269$000
9.º *O mesmo* emposta n.º 8	3:253$000
Somma	46:737$500
Transporte	46:736$500
10.º *O mesmo*, emposta n.º 9	3:248$000
11.º *Antonio José Marques Leal* emposta n.º 13	3:232$000
As empostas n.ºs 10, 11, e 12, foram arrematadas por	9:718$500
Somma	62:946$000

Note-se que tudo isto foi á praça em 3.ª *fórma* — isto é — com abatimento de *duas quintas partes, do preço da avaliação*, que foi de 104:910$000 réis!

—

Alqueidão, é a palavra arabe, *alquidam* — significa *passos*, ou *passadas*. D'aqui vem o nome de *Alqueidão*, que se dá a 29 logares — quasi todos na Extremadura.

Significa propriamente — *terra medida a passos.*

Alquiar, portuguez antigo — e que depois, se disse *alquilar* — era synonimo de *ateigar, dar de renda qualquer propriedade, movel* ou *immovel*, e *alugar animaes*. D'aqui, *alquilé* (hoje *alquilador*) o que aluga bestas.

Alquidar, significava — *dar de renda uma terra, medida*; por isso se dava o nome de *alquidão*, á propriedade que seu dono não cultivava, mas trazia sempre de renda.

Emposta é o mesmo que *leira* — tira de terra que fica entre outras.

TERRAS DE BARROSO — Era o antigo nome do actual concelho de Montalegre, em Traz os Montes.

Ao que disse no 5.º vol., pag. 439, col. 1.ª e seguintes, com respeito a este territorio, só accrescento o seguinte —

Pelo N., confina com a Galliza — pello E., com o concelho de Chaves — e pelo S. e O. com a provincia do Minho.

A sua maior largura, principiando de E. para O., ao meio da serra do Pindo, é de 40 kilometros — e de comprimento, principiando da serra da Toninha, de N. a S., 45 kilometros.

É atravessado todo este paiz, pelas altas montanhas de *S. Domingos de Mórgade*, e pela das *Alturas*, que, formando successivos escalões, vão descendo, pelo lado do O., até Ruivães e faldas da serra do Gerez — e

pelo E., até aos ferteis campos de Chaves, e até ao concelho da Ribeira de Pena.

Nascem aqui varias ribeiras, que regam e fertilisam muitas terras, e dão origem a alguns rios, sendo o principal, o *Cávado*, e depois o *Béça*, e o *Térva*.

Para tudo mais que diz respeito ás *Terras de Barroso*, vide *Montalegre*.

TERRAS DE BOURO — Minho, denominação legal de um concelho, pertencente á comarca de Villa-Verde, no arcebispado e districto administrativo de Braga.

É composto de 17 freguezias, todas no arcebispado de Braga, são — Balança, Brufe, Campo do Gerez, Carvalheira, Cibões, Chamoim, Cevide, Chorence, Gondoriz, Moimenta, Monte, Ribeira, Rio-Caldo, Souto, Valdozende, Villar (Santa Marinha) Villar (Santo Antonio). Todas com 1:800 fogos.

A séde d'este concelho, é na povoação de Chamoim.

Hoje, pela nova divisão judicial, é cabeça de um julgado.

Este concelho, é limitado ao N. e N. E., pela Galliza (provincia d'Orense) ficando de permeio a serra do Gerez — a E. e S. E., pelo concelho de Vieira, correndo entre ambos os concelhos o rio Cávado — a S. e S. O., pelos concelhos de Amares, e Villa-Verde — a O. e N. O., pelo concelho da Barca, separado d'este pela cordilheira da Serra Amarella.

É cortado, em todo o seu comprimento, pelo rio Homem, na direcção de N. E. a S. O.

Este concelho, era antigamente mais pequeno — As freguezias da margem direita do Homem, constituiam o pequeno concelho de Villa Garcia — e as da margem do Cávado, pertenciam ao extincto concelho de Santa Martha de Bouro.

O territorio d'este concelho, é fertil em cereaes, e vinho verde (sendo de excellente qualidade o de Rio-Caldo) muita e optima laranja, e fructas de varias qualidades. Cria muito gado de differentes especies; e nos seus montes ha abundancia de caça, grossa e miuda.

Tem mercado em Covas, duas vezes no mez (a 7 e 23).

Pertencem a este concelho (na freguezia de Villar de Veiga) as afamadas aguas thermaes do Gerez (hoje pouco concorridas, por falta de vias de communicação, e porque não ha alli as necessarias commodidades).

Fica de 15 a 20 kilometros ao N. de Braga.

Ha aqui uma falta absoluta de estradas do systema moderno. Existem apenas caminhos cheios de pedragulhos, barrancos e precipicios; pelo que as Terras de Bouro não são frequentadas por individuos de outras paragens, de modo que em Portugal, só se sabe da existencia d'este concelho — pelos mappas.

Entra n'este concelho, pela freguezia da Balança, a famosa estrada romana da *Geira* (vide essa palavra) e passa para a Galliza pela freguezia do Campo do Gerez. Ainda ao longo do sitio que foi leito d'esta estrada, e n'outros logares, existem muitos marcos milliares — apezar da guerra estupida que se tem feito a estes padrões venerandos. Tambem ainda existem alguns lanços de calçada, e restos de pontes, como temos visto no decurso d'esta obra. Ha aqui um logar — a que o povo chama *cidade de Calcedonia*, onde hoje apenas se veem os restos de uma pequena fortaleza, obra dos romanos, ou dos antigos lusitanos.

O povo d'estas terras, é muito dedicado á independencia da sua patria, e nas innumeras guerras que temos tido com Castella, sempre esta gente — como a de Suajo — tem prestado relevantes serviços a Portugal, e combatido corajosamente contra os gallegos, apezar de visinhos [1].

A egreja matriz da freguezia da Balança é a melhor do concelho. Está em um sitio pittoresco, dominando as margens do Homem, e sobranceira ás formosas varzeas do Vau. Foi construida por um abbade d'ella, filho da nobre casa de Matheus, de Villa Real de Traz os Montes.

Ha aqui povoações muito antigas — citarei apenas as que pelos seus nomes provam mais antiguidade —

[1] Tenho notado que o odio aos castelhanos, é ainda mais pronunciado nos portuguezes da raia, do que nos do interior do paiz. Conhecem os melhor.

Gondoriz — é nome patronimico de Gondorico — e todos sabem que Gondorik, foi rei dos suevos, e um dos que invadiu a Lusitania em 409. Foi provavelmente algum filho ou descendente d'este soberano, o fundador de Gondoriz. Todos sabem tambem que o reino dos suevos comprehendia quasi toda a actual provincia do Minho, tendo Braga por capital.

N'esta mesma freguezia de Gondoriz, e sobre a margem do Homem, ha a aldeia de *Gardinhe*, corrupção de *gardingo*, e é muito provavel que um *Gondoriz*, que occupasse o alto emprego de *gardingo*, fosse o seu fundador, ou lhe desse o nome. (Vide *Gardingo*).

É certo que houve aqui, em tempos antigos, uma torre, solar de uma nobre familia. Hoje é um casal, ainda chamado *Torre de Gardinhe.*

—

A pouca distancia da povoação do Campo de Gerez, sobre o caminho publico, está a *Quinta do Abbade*, que pertence ao parocho. Foi outr'ora uma formosa vivenda, mas hoje está muito descurada. Apenas produz milho, centeio, muita fructa — sobre tudo, ginjas e cerejas.

Dá entrada para esta quinta, um antigo portão de cantaria, encimado por um escudo d'armas, coberto por um chapeu cardinalicio, e ladeado de pyramides e outros adornos de pedra.

Diz-se que esta quinta pertenceu ao arcebispo de Braga, D. Sebastião de Mattos e Noronha, um dos conspiradores contra a vida de D. João IV, e contra a nossa independencia. (Vide *Lisboa*, no anno de 1641). O que é certo, e dá probabilidade a esta tradição, é que o brazão foi picado, e ainda assim está.

Dentro do portão e no fim de uma alameda, ergue-se um edificio acastellado, de boa cantaria. Sobre a padieira ou verga de uma das portas, tem a seguinte inscripção:

SILVA FUI, LABOR ME POMARIUM FECIT.

(*Fui selva, e o trabalho me fez pomar*)

O sitio d'esta quinta, é um dos mais bellos d'estes contornos.

Todas estas antigas grandezas, hoje apenas teem valor archeologico; porque o seu rendimento é insignificante.

—

Consta que a primittiva egreja matriz d'esta freguezia do Campo do Gerez, foi dos templarios, cujas insignias estavam gravadas nas paredes. Debaixo da terra — quando se demoliu a egreja velha, pelos annos de 1700 — se acharam varias pedras lavradas e tumulos magnificos, onde jaziam os cadaveres dos cavalleiros do Templo. Eram todos adornados de primorosos lavores.

Tambem, perto da egreja velha, se tem achado pedaços de columnas e cippos romanos e pavimentos, de grandes e durissimos tijolos.

Na casa de um lavrador d'aqui, existiu em uma pedra, o resto de uma inscripção latina. Só se podia ler isto:

O....................
P. C..............T. Q.
VAL................O
CONSTANT............
R..................F
INV................TO

—

Tudo o mais que ha digno de nota, n'este concelho, vae nas respectivas freguezias.

TERRAS DO SEABRA ou **ENTRE-MUROS**, Extremadura, extra-muros e ao N. de Lisboa, proximo a Campolide, freguezia de S. Sebastião da Pedreira, e tambem perto do aqueducto das Aguas Livres. É um sitio saudavel e donde se goza um formosissimo panorama.

É n'este sitio a famosissima *Penitemciaria*, de Lisboa, que tanto tem dado que fallar.

(Vide vol. 4.º, pag. 407, col. 1.ª)

TERREIRO — Vide *Sanguêdo* ou *Terreiro*.

TERREIROS — (Serra dos — Vide 6.º vol., pag. 517, col. 2.ª.

TERROSO ou **TARROSO** — freguezia, Douro, concelho e comarca da Povoa de Varzim (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Villa do Conde) 30 kilometros ao O. de Braga, 36 ao N. do Porto, 345 ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1768, tinha 150.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Purificação, ou das Candeias). Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O real padroado apresentava o reitor, que tinha 250$000 réis de rendimento annual.

É povoação muito antiga. D. Affonso IV lhe deu foral, em Estremoz, a 29 de julho de 1325. (*Livro de foraes antigos de leitura nóva*, fl. 153, col. 2.ª)

No foral se dá a esta freguezia o nome de *Tarroso.*

Deu o nome a esta freguezia, o *monte de Terroso*, que fica proximo á praia do mar.

Supponho que o antigo nome d'esta freguezia era *Maurgatanes*, pelo menos, nas faldas do monte de Terroso. havia uma *villa* assim chamada; o que consta por um documento existente no archivo da real collegiada de Guimarães. É o titulo de venda de uma propriedade, que *sob o monte Terroso, e na villa de Maurgatanes, junto á praia do mar*, possuia um individuo chamado *Aloito*, e a vendeu ao arcediago *Guido*, na era 1110, de Cesar (1072 de Jesus Christo).

Segundo a tradição, foi cidade, em tempos remotissimos, mas não se diz que nome tinha. Em vista de tal carta de venda, é que eu entendo que era *Maurgatanes.*

Esta cidade ainda existia (mas com o nome de *Terroso*) no tempo do conde D. Henrique; pois, a 20 de julho de 1106, D. Guterres Soares fez uma doação á sé de Braga — sendo arcebispo S. Geraldo — *da sua quinta, no logar de Martaganes* (corrupção de *Maurgatanes*) *proximo á cidade de Terroso.*

Sobre a origem da palavra *Maurgatanes* ou *Martaganes*, ha varias opiniões — Dizem uns, que vem de *Mauregato Annes*, nome proprio d'homem, talvez senhor d'este logar — outros, porém, suppõem que seja derivado de *Martha Agnez*. É melhor.

Na doação de D. Guterres Soares, dá-se-lhe o nome de *Martaganes* — mas na venda que fez o tal *Aloito*, 34 annos antes, se chama *Maurgatanes.*

A doação acha-se no archivo da Sé de Braga.

Foi commenda da ordem de Christo.

É terra fertil — sobre tudo em alhos e cebolas — e abundante de peixe do mar.

TERROSO — freguezia, Traz os Montes, na comarca, concelho, bispado e districto administrativo de Bragança, 54 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa.

Em 1768, tinha 37 fogos.

Orago, S. Thomé, apostolo.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 200$000 réis de rendimento annual.

Não acho esta freguezia nos mappas modernos.

TERRUGEM — freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Cintra, 24 kilometros ao N. O. de Lisboa, 330 fogos.

Em 1768, tinha 250.

Orago, S. João Degolado.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

As rainhas apresentavam o prior, que tinha 350$000 réis de rendimento annual.

É terra fertil.

TERRUGEM — freguezia, Alemtejo, comarca, concelho, bispado e 12 kilometros d'Elvas, 150 ao E. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 106.

Orago, Santo Antonio, de Lisboa.

Districto administrativo de Portalegre.

A mitra apresentava o cura, que tinha 250 alqueires de trigo, e 70 de cevada, de renda por anno.

É terra fertilissima, principalmente em cereaes e azeite.

TERRUGEM — aldeia, Extremadura, freguezia, concelho e proximo a Oeiras, sobre a direita do Tejo, e em frente da Trafaria, e da Torre do Bugio.

Fica tambem proximo ás bonitas povoações de Paço d'Arcos, e Pragal, e do forte de Geribita.

—

No dia 25 de junho de 1738, morreu em Terrugem, Maria da Silva, natural da freguezia de Barcarena, concelho d'Oeiras (antigo concelho de Bellas). Tinha nascido em 1618, e, portanto, viveu nada menos de 120 annos!

Foi casada duas vezes, e deixou 6 filhos

(já muito velhos) e varios netos, bisnetos e terceiros netos.

Conheceu sete reinados — os dos Philippes, II, III e IV — o de D. João IV — o de D. Affonso VI — o de D. Pedro II — e o de D. João V.

TÉRVA — rio — Vide *Terras de Barroso.*

TESO ou **TEZO** — aldeia, Douro, freguezia do Couto de Cucujães, comarca e concelho d'Oliveira d'Azemeis.

Aqui nasceu, pelos annos de 1840, *Antonio Soares da Silva*, filho de lavradores pouco remediados. Foi muito novo para o Rio de Janeiro, onde se dedicou ao commercio. Regressando a Portugal, para ver se com os ares patrios dava alivio aos seus padecimentos, morreu em casa de seus paes, no mez d'abril de 1878.

Os seus haveres montavam a 300 contos. Como tinha seus paes ainda vivos (e ainda não morreram até agora — agosto de 1881) só dispoz do seu terço, na fórma seguinte:

10:000$000 réis, para melhoramentos da sua freguezia.

5:000$000 réis, para obras e alfaias da mesma.

2:000$000 réis, para escolas publicas, da mesma.

3:000$000 réis, para serem distribuidos pelos pobres, de Cucujães.

4:000$000 réis, á sociedade portugueza de beneficencia, do Rio de Janeiro.

6:000$000 réis, a cada uma das suas quatro irmãs, Maria, Margarida e Miquelina (casadas) e Anna, solteira.

Deixou ainda outros legados de menos importancia.

Alem dos 6 contos de réis que deixou a cada uma das suas irmans, já lhes havia dado bons dotes, para o seu casamento.

TESTEMOIO — portuguez antigo — publica-forma.

TEUDIL-ANNES — vide *Turiz*, concelho de Villa Verde.

TEÚDO — portuguez antigo — obrigado, constrangido.

TEYO ou **TEIO** — portuguez antigo — tio. Ainda hoje em algumas terras do norte (mesmo pessoas instruidas) em logar de *io*, pronunciam *êio* — e *íu*, dizem *êu* — v. gr. *tio, têio — rio, rêio — Josésinho, Josésênho — viu, vêu — fugiu, fugéu, etc.*

THAIDE ou **TAHIDE** — freguezia, Minho, comarca e concelho da Póvoa de Lanhoso, 18 kilometros a N. E. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O *Portugal Sacro e Profano*, não traz esta parochia.

É n'esta freguezia o famoso sanctuario da *Senhora do Porto d'Ave.* (7.° vol. pag. 555, col. 1.ª).

É terra muito fertil em todos os generos agricolas, e cria muito gado. Caça e pesca, do rio Ave, que passa n'esta freguezia.

THEATROS — O primeiro theatro de pedra, foi construido por Pompeo no anno 699 de Roma, 50 annos antes do nascimento de Christo.

Havia 200 annos que as comedias eram conhecidas, mas não se representavam em edificios feitos expressamente para esse fim, porém n'um logar em que o palco do theatro era franco aos admiradores; gerallmente praças publicas.

Plauto, o creador da comedia latina, já escrevia trez seculos antes da era christã, e Terencio, cujas comedias não eram menos estimadas, ainda que carecessem do estylo e elegancia das d'aquelle, nasceu 192 annos antes de Jesus Christo.

Augusto Marcello mandou edificar o segundo theatro no anno 743 de Roma, cuja inauguração teve logar no mesmo anno que a do terceiro edificado por Balbo.

O theatro de Pompeo podia conter 40:000 pessoas, sentadas commodamente.

Os de Marcello e de Balbo só tinham logar pára 30:000; porém todos trez eram da maior magnificencia.

A affeição ao theatro entre os romanos chegou a ser tamanha, que em pouco tempo eram insufficientes os trez referridos, e foi indispensavel levantar grandes edificios de madeira para receber os *dilletanti* romanos.

Augusto era muito affeiçoado ao theatro, chegando até a escrever pantomimas. Foi

elle, segundo affirmam escriptos d'aquellas epochas, o inventor dos *jogos augustos*, e escreveu regulamentos para o theatro, fazendo-os rigorosamente cumprir. Entre os seus decretos merecem citar-se os seguintes:

«O publico poderá assobiar aos actores».

«Os actores não teem direito a mostrarem-se offendidos por este genero de demonstração».

Um actor que ameaçou com um dedo um espectador que o pateava, foi desterrado da Italia.

Em 1815, publicou Luiz Antonio d'Azevedo, um livro, intitulado — *Dissertação critico-philologico-historica, sobre o verdadeiro anno, manifestas causas e attendiveis circumstancias, da erecção do tablado e orchestra, do antigo theatro romano, descoberto na escavação da rua de S. Mamede, perto do castello d'esta cidade (Lisboa) com a intelligencia da sua inscripção em honra de Nero, e noticia instructiva de outras memorias ali achadas.*

Este theatro — o primeiro de que ha noticicia na Lusitania, tinha sido destruido e soterrado por um antiquissimo terramoto, e o de 1.º de Novembro de 1755 acabou de o destruir totalmente, sem d'elle deixar o minimo vestigio. Existiu no logar onde hoje são as escadinhas de S. Crispim, na rua Nova de S. Mamede, proximo e acima do palacio do *Correio-mór*, hoje dos marquezes de Penafiel.

Para os theatros antigos e modernos de Lisboa, vide IV vol., pag. 195 e seguintes.

THÉCLA ou **TÉCLA** — (Santa) — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 24 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Em 1768, tinha 24 fogos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O abbade de Santo Estevam de Bastuço, apresentava o vigario, que tinha 6$000 réis de congrua, e o pé d'altar.

Esta freguezia e a de Santo Estevam de Bastuço (a que está annexa) estiveram muitos annos annexas á do Vimieiro — depois, foram annexadas á de S. João de Bastuço, — passado pouco tempo, tornaram a formar parochia independente (Santo Estevam e Santa Thécla) — Em 23 de maio de 1879 tornaram a annexar-se á de S. João — Em 30 de junho de 1881, tornaram a desannexar-se. Que contradança!...

É terra fertil. Gado e caça.

THÉCLA ou **TÉCLA** — (Santa) — (Vide *Basto — Santa Tecla*).

THEODO — nome proprio de homem — gôdo — *Theodoro, Theodorico, Theodomiro, Theodosio, Theofilo, Theodorêdo*, etc. são compostos do radical *Theodo.* (Vide 5.º vol., pag. 338, col. 1.ª)

THEOTONIO — (São) — (Vide *S. Theotonio*).

THERMAS — Therma, é uma palavra grega, que, ao pé da letra, significa — *agua quente* — quer o calor seja natural, quer artificial. Depois, deu-se o mesmo nome aos estabelecimentos em que se tomam toda a qualidade de banhos — quentes, frios, de chuva, de vapor, etc.

A mais explendida therma dos romanos, foi a que mandou construir o imperador Aggripa. A uma parte d'esta therma, e que ainda existe, se dá hoje o nome de *Pantheon.*

Durante o imperio de Augusto, e nos de seus successores, os romanos (á custa dos roubos que fizeram nos reinos conquistados) construiram sumptuosas thermas, não só em Roma, como nos paizes que dominavam.

Em Portugal construiram muitas thermas, em differentes povoações, como temos visto em muitos logares d'esta obra.

Os árabes destruiram muitas d'estas thermas, reconstruiram outras, que os vandalos, suevos e godos haviam destruido, e construiram outras de novo, porque mesmo o *Al-Koran* os obrigava a frequentes abluções.

Os leitores que desejarem saber circumstanciadamente tudo o que diz respeito a thermas, veja o — *Diccionaire des antiquités romaines et grecs,* por Antony Rich, traduzido do inglez, por mr. de M. Chéruel, inspector da academia imperial de Paris.

Edição de 1873, pag. 639.

—

Em Portugal, ha um grande numero de nascentes de aguas mineraes, muitas das quaes ainda estão por analysar devidamente. Vão todas descriptas nas localidades onde nascem, ou teem edificios proprios para o seu uso. Aqui darei das examinadas um rapido resumo.

Ha n'este reino, 108 nascentes d'aguas mineraes, sendo 72 sulphurosas, 8 salinas, 4 salinas muriaticas, 2 salinas cupriferas e arsenicaes, 3 alcalinas gazozas, 10 gazozas e 8 indeterminadas. Ficam estas nascentes, 17 no Minho, 13 em Traz-os Montes, 35 na Beira, 26 na Extremadura, 16 no Alemtejo, 2 no Algarve.

As aguas de temperatura mais elevada são as de S. Pedro do Sul 69°, de Vizella 66°, do Gerez 63°, de Aregos 60°, de Chaves 56°.

A lista é a seguinte:

Minho: Aguas Santas, S. Miguel de Ave, Barreiro (ao N. de Santo Thyrso), Braga (Crespos), Caldas, Caldellas, Canavezes, Entre Rios, Gerez, Guimarães, Lijó (Mosqueiro) Monsão, Padreiro, Taipas, Torre (S. Pedro), e Vizella (Mourisco, Loureira, Medico).

Traz-os-Montes: Carlão, Chaves, Favaios, Laguaça, Loureiro, Murça, Pedras Salgadas, Pombal de Anciães, Ponte do Cavez, Rêde, Vidago, e Villarelho.

Beira: Alcafache, Aldeia Nova, Almeida, Almofalla, Alpedrinha, Aregos, Bicanho, Bussaco, Carvalhal, Condeixa, Felgueiras, Freixialinho, Grajal, Lagiosa, Linhares, Longreiva, Luso, Manteigas, Monfortinho, Penamacor, Pinhel, Pranto, Ranhados, Rapoula, Ribeira de Boi, Santa Combadão, S. Gemil, S. Jorge, S. Pedro do Sul, S. Romão, Treixedo, Unhaes da Serra, Verride, Villa da Rainha, Zebras.

Extremadura: Alhandra, Arrabida, Belver, Brancas, Caldas da Rainha, Idem Aguas Santas, Cascaes, (Estoril, Poça, Santo Antonio do Estoril) Cucos, Gayeiras, Leiria, Lisboa, (Arsenal da Marinha, Alcaçarias do Duque, Alcaçarias de D. Clara, Chafariz d'El-Rei, Banhos do Doutor, Chafariz de Andaluz), Maiorca, Monte Real, Obidos, Rio Real, São Mamede, Torres Vedras, Valle de Flores, Vimeiro.

Alemtejo: Aljustrel (Interior da ermida de S. João do Deserto, e Exterior), Arez, Cabeço de Vide, Fedegoza, Gafete, Gavião, Maria Viegas, Mertola, Monte de Pedra, Ouguella, Portalegre, Ribeira de Vide, Souzel, Toloza e Vimieiro.

Algarve: Monchique, Tavira.

—

Podem calcular-se em outras tantas — pelo menos — as aguas medicinaes que não vão n'este resumo, por não estarem competentemente examinadas, e ignora-se a sua applicação therapeutica.

THO ou **TO** — freguezia, Traz os Montes, comarca e concelho do Mogadouro, 300 kilometros de Miranda do Douro, 480 ao N. de Lisboa, 125 fogos.

Em 1768, tinha 90.

Orago, Santa Maria Magdalena.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O padroado real apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra pobre e pouco fertil. Gado e caça.

THOMAR — A freguezia de *Santa Maria do Olival* — ou *dos Olivaes* — hoje a unica da cidade de Thomar — já fica descripta sob o nome de *Olival*, no 6.° vol., a pag. 249, col. 2.ª, e para lá remetto o leitor.

THOMAR — cidade, Extremadura, cabeça do concelho e da comarca (de 3.ª classe) do seu nome, 115 kilometros ao N. de Lisboa, (mas pelo caminho de ferro, 121). Districto judicial da Relação de Lisboa, e da 1.ª divisão militar. Tem uma só freguezia — *Santa Maria do Olival*, que é a antecedente curada por dois parochos, 1:100 fogos.

Em 1768, tinha 953.

Pertenceu á prelazia de Thomar, *nullius dioecesis*, desde 1834, annexa ao patriarchado.

Districto administrativo de Santarem.

O tribunal da mesa da consciencia e ordens, apresentava o vigario da parochia de Nossa Senhora da Assumpção (vulgo, *Nossa Senhora do Olival*, ou dos *Olivaes*) que tinha de rendimento annual, 200$000 réis —

Pertencem a esta egreja os habitantes dos suburbios da cidade, e os que residem espalhados pelos *montes* (casaes).

A outra secção d'esta freguezia, tem a egreja de S. João Baptista, e um cura, com 200$000 réis de rendimento, e da mesma apresentação, pois tudo era commenda da ordem do Christo.

—

O concelho de Thomar, é composto de 13 freguezias — sendo 11 da prelazia — Alviobeira, Beberriqueira, Bezelga, Carregueiros, Casaes, Cem Soldos, Junceira, Olalhas, Sabacheira, Serra, e Thomar — e mesmo do patriarchado, duas — Asseiceira, e Payalvo. Todas com 5:980 fogos.

A sua comarca é composta dos concelhos de Ferreira do Zêzere, Thomar, e Villa Nova de Ourem, todos com 12:930 fogos.

Segundo a nova divisão judicial, tem quatro julgados — *Asseiceira, Ferreira do Zêzere, Olalhas, e Thomar.*

A estação do caminho de ferro do norte, chamada de Thomar, é na povoação de Payalvo, que fica a 3 kilometros da cidade. É a 18.ª desde Lisboa, e a 1.ª desde o *Entroncamento.*

Tem estação telegraphica.

O seu primeiro foral lhe foi dado pelos templarios, e o seu original se encontra no *Livro de foraes velhos de leitura nova,* fl. 89, vs, col. 2.ª [1].

O rei D. Manuel, lhe deu foral novo, em Santarem, no 1.º de maio de 1510. (*Livro de foraes novos da Extremadura,* ff. 38, col. 2.ª).

Foi elevada á cathegoria de cidade, em 1843.

Tinha assento em côrtes, no banco 4.º.

O seu brazão d'armas, é — escudo coroado, e, em campo de prata, a cruz, de púrpura, da ordem de Christo; mas as suas antigas armas (até 1319, e que é ainda o sinete da camara) eram — escudo redondo, dividido por uma cruz, em quatro quarteis — no 1.º, á direita, Britaldo, com vestido roçagante, e uma insignia na mão (como bastão ou septro) — no 2.º, Banão (o soldado que degolou Santa Irene) com o braço direito levantado, e a mão armada de um punhal, em acção de ferir, e proximo a uma arvore — no 3.º quartel, uma torre, ou castello, da sua côr — e no 4.º, a santa virgem degolada, e cahindo no rio Nabão. Na orla do escudo, tem uma legenda, em letra gothica, que diz:

SIGILIUM CONCILY TOMERY ORDINIS MILITIAE CHRISTI

(A orthographia não é lá das mais escorreitas, mas torna-se digna do nosso respeito, pela sua antiguidade.)

Em 19 de abril de 1581, o usurpador Philippe II, de Castella, mandou convocar côrtes em Lisboa, para n'ellas ser reconhecido rei de Portugal; mas, como então na capital grassava uma terrivel peste, foram transferidas para Thomar. N'ellas jurou D. Philippe, por si e seus descendentes, cumprir e guardar todos os nossos antigos foros, honras e regalias; mas, tanto elle, como seu filho e neto (os trez Philippes, de ascorosa memoria) faltaram cynicamente aos seus juramentos. (Vide vol. 2.º, pag. 397, col. 2.ª).

—

Philippe II, veio assistir a estas côrtes, com os principaes fidalgos de Castella, e com muitos dos fidalgos traidores de Portugal; e aqui se demorou bastantes dias, depois da sua acclamação, tratando dos negocios da ordem, de que se intitulou grão-mestre.

Tambem D. Philippe III, seu filho, em 1619, aqui esteve, e presidiu a um capitulo geral da ordem. Foi este soberano que mandou construir no mosteiro de Christo o sumptuoso claustro, chamado *dos Philippes,* e o aqueducto que traz a agua para o mesmo edificio.

—

D. João IV, tambem mandou convocar côrtes em Thomar, no anno de 1653; mas depois, decidiu fazerem-se em Lisboa. Foram as nonagesimas segundas de Portugal.

[1] D. Gualdim Paes, mestre dos templarios, lhe deu foral por trez vezes — o 1.º, em 1147 — 2.º, em 1162 — o 3.º, em 1174.

—

A antiga estrada de Lisboa para o Porto, por Santarem, passava a Thomar, e fazia desenvolver a sua industria e commercio; porém, a estrada (chamada *nova*) mandada fazer com grande luxo, por D. Maria I, seguiu uma direcção differente, hindo mais ao oeste, e passando por Leiria, o que prejudicou muito o desenvolvimento de Thomar.

—

Os *barbaros do norte*, e depois d'elles os mouros, causaram grandes desgraças a esta povoação; mas as hordas truculentas que o monstro corso vomitou na nossa Peninsula, tambem concorreram poderosamente para a decadencia de Thomar; principalmente os salteadores de Massena, que entraram aqui em outubro de 1810; e, tanto na sua marcha para as famosas *Linhas de Lisboa*, como na sua retirada d'ellas, commetteram grandes devastações nos edificios, principalmente no convento de Christo, onde destruiram muitas preciosidades artisticas, e importantissimos documentos historicos.

—

O systema protector das pautas, decretado em 1836, deu notavel impulso á industria fabril d'esta terra, que ampliou e estabeleceu de novo, fábricas de seda, de chapeus, de papel, de cortumes, de fiação e tecidos d'algodão e outras.

O caminho de ferro do norte e leste, ainda que não tem dado tão prosperos resultados a Thomar, como todos aqui esperavam, mesmo assim, tem influido bastante para o seu desenvolvimento e prosperidade.

—

A egreja de Santa Maria do Olival, de que já tratei na palavra *Olival*, é de trez naves, e um bom templo, mas está muito mais baixo do que o sólo, de maneira que é preciso descer 17 degraus, para chegar ao seu pavimento.

—

Nas palavras *Nabancia* e *Olival* (*Nossa Senhora do*) já tratei de muita cousa pertencente a esta cidade — aqui só tenho a accrescentar:

Está formosamente situada, perto das ruinas da antiga Nabancia, e nas margens do rio Nabão (sobre o qual tem duas boas pontes, para serviço dos transeuntes) em fertil e deliciosa planicie, 15 kilometros ao N. do Tejo. É uma das mais lindas e historicas cidades de Portugal; mas tambem uma das mais pequenas.

Tem alguns edificios de nobre architectura, sendo os mais notaveis, a egreja de São João Baptista, da qual adiante trato, e o magestoso mosteiro de freires de Christo, fundado sobre uma eminencia, ao O. N. O. da cidade.

Os seus arrabaldes são muito aprazíveis, e ferteis em cereaes, castanhas, azeite, vinho, fructas e outros generos. As margens do rio, são orladas de hortas e pomares; as collinas, sempre verdes, são povoadas de aldeias, ermidas, e frondosos arvoredos.

Thomar, está sendo actualmente uma das povoações de mais vida e movimento commercial d'este reino, e servindo de escala ao commercio da Beira-Baixa, Extremadura e Alemtejo.

O rio Nabão corre ao E., e ao O. N. O. se ergue o monte do castello, estendendo-se do sul para o norte, mais ou menos ondulado, descrevendo um semicirculo em volta da cidade, terminando ambas as suas extremidades junto ao rio, ondem deixam uma passagem estreita, para a estrada real, de Lisboa ao Porto e provincias do norte.

—

A fundação de Thomar, data do principio da nossa monarchia.

Quando D. Affonso Henriques sahiu de Coimbra, resolvido, em maio de 1147, a tirar Santarem do poder dos mouros, ou morrer na empreza, fez voto ao Omnipotente, de dar todos os direitos ecclesiasticos d'esta praça (se a resgatasse) aos cavalleiros do Templo, em premio dos seus serviços ao christianismo, na Europa e na Asia. Tomada Santarem, o rei cumpriu a promessa, dando logo o dito senhorio, ao famoso Dom Gualdim Paes e aos seus cavalleiros, que muito haviam concorrido para esta brilhante victoria.

D. Gilberto, 1.º bispo de Lisboa, oppoz-se a esta doação, o que deu causa a uma demanda, que durou 11 annos, até que, em 1158, os templarios desistiram da doação, e o rei lhes deu em troca, o castello e territorio de Céra, que comprehendia o assento e ruinas da antiga Nabancia. (Para evitarmos repetições, vide *Céras, Nabancia*, e no 8.º vol., a 1.ª col. de pag. 473).

D. Gualdim Paes, e os seus freires, residiam no castello de Céra, que haviam reedificado e ampliado; mas, sendo pouco defensivel, pela sua posição topographica, construiram outro sobre um monte, ao O. do Nabão, principiando as obras, no 1.º de março de 1198 (da era de Cesar, que vinha a ser—17 de fevereiro do anno de Jesus Christo, 1160). Concluidas as obras, os seus fundadores abandonaram o antigo castello, vindo habitar para o novo.

Junto á aldeia, antigamente chamada *Céra* e hoje *Céras*, 12 kilometros ao N. de Thomar, ainda existem vestigios da velha fortaleza dos templarios.

O monte onde construiram o novo castello, está sobre a margem direita do rio, e domina uma vasta planicie. Dentro da fortaleza, e embutida na muralha, estava uma lapide, que agora se vê ao lado da porta principal do convento de Christo, e tem esta inscripção—

ERA 1198. REGNANTE ALFONSO
ILLUSTRISSIMO REGE PORTUGALIS,
MAGISTER GALDINUS PORTUGALEN=
SIUM MILITUM TEMPLI, CUM
FRATRIBUS SUIS, PRIMO DIE MAR=
CI CEPIT EDIFICARE HOC CASTELLUM
NOMINE THOMAR. QUOD PREFATUS
REX OBTULIT DEO ET MILITIBUS
TEMPLI.

Perto d'este castello, mas do outro lado do rio, existiam as ruinas de um mosteiro, que fôra de monges benedictinos, e que os mouros destruiram, quando em 715 arrazaram a velha cidade de Nabancia. D. Gualdim Paes reconstruiu a egreja d'este mosteiro (Santa Maria do Olival), e a fez cabeça da ordem do Templo. (6.º vol., pag. 250, col. 1.ª e seguintes).

—

Foi o mesme D. Gualdim, que deu principio á povoação, na baixa do monte, dando-lhe o nome que os árabes tinham imposto ao rio Nabão — *Tamarmá* — mas que os portuguezes escreveram e pronunciaram *Thomar* [1].

Ao abrigo do forte castello dos templarios, em vista dos muitos privilegios que elles concederam a quem viesse habitar este logar, e da sua fertil e formosa situação, em breve se tornou a aldeia de Thomar uma florescente villa; de maneira que, em 1190, já era muito rica e populosa.

N'esse anno, o imperador de Marrocos, Aben-Joseph, 3.º rei dos almuhades, e filho de Abd-el-Rahman, querendo vingar-se da derrota que os mouros tinham soffrido em Santarem, seis annos antes, e da morte de seu irmão, Juseph-Ben-Jacoub, n'esta frustrada empreza (vide n'este vol., pag. 374, col. 1.ª. e nota) reuniu um formidavel exercito, e entrando em Portugal, assolou o Algarve, Alemtejo e Extremadura, e veio pôr cerco ao castello de Thomar, a 25 de julho d'esse anno de 1190.

Os habitantes da povoação fugiram para o castello, com o que poderam salvar de valor.

Os mouros, depois de saquearem a villa, a arrazaram.

Depois de seis dias de vigorosos ataques ao castello, sendo sempre repellidos com grandes perdas, e desenganados de que o não podiam conquistar, retiraram-se, saqueando e arrazando todas as povoações por onde passaram, e levando para a Africa 13:000 captivos, de ambos os sexos. (No castello, ha uma inscripção, memorando este cêrco).

D. Gualdim, tratou logo de reparar o castello, tornando-o ainda mais forte, e de reconstruir a povoação, que nunca mais foi atacada pelos inimigos da Cruz.

—

Na palavra *Templarios*, vimos a maneira

[1] *Tamarmá*, é palavra àrabe — significa *água-tamara*, isto é — agua que tem o gosto de tamara — agua doce. (Vide *Atamarma.*)

porque esta ordem foi supprimida em Portugal, e substituida pela de Christo. Esta, estabeleceu a sua capital na villa algarvia de Castro-Marim, que ficava mais proxima dos mouros andaluzes e granadinos; porém, em 1356, D. Pedro I, mudou a séde da nova ordem para Thomar, occupando o mosteiro que fôra dos Templarios, e que já o rei D. Diniz lhe havia dado (como tudo o mais da supprimida ordem) em 1319.

Os serviços dos cavalleiros de Christo, não foram inferiores aos dos templarios: aquelles, tendo por seu mestre o inclito infante D. Henrique (o de Sagres) filho de D. João I, não tendo que defender dos mouros em Portugal, os foram combater e vencer na Africa, tomando-lhes castellos, cidades, aldeias e campos; e em seguida, percorrendo os mares, nos deram as ilhas da Madeira e Porto Santo, e os archipelagos dos Açores e Cabo Verde; e, por fim, a costa oriental da Africa, e as vastissimas possessões que tivemos na Asia, do que ainda conservamos alguns restos.

D. Affonso V, D. João II e D. Manuel I, deram á ordem de Christo varios senhorios nas terras conquistadas ou descobertas, o que augmentou prodigiosamente a riqueza e poderio da ordem, que chegou a ser a mais opulenta da Europa.

A villa de Thomar participava, em grande parte, d'estas riquezas, o que muito a augmentou e fez prosperar.

O referido infante D. Henrique, muito gostava d'esta povoação, e n'ella residiu alguns annos. Desde então, a ordem, tendo por mestres filhos dos nossos reis, deu hospedagem a muitos dos soberanos portuguezes.

Succedeu no mestrado de Christo, ao infante D. Henrique, seu sobrinho, o infante D. Fernando, duque de Viseu, e filho do rei D. Duarte — a este, seu filho primogenito, o infeliz e ambicioso D. Diogo, tambem duque de Viseu, assassinado por seu primo e cunhado, D. João II. (Vide n'este vol., pag. 220, col. 1.ª e seguintes, até pag. 228) — A D. Diogo, succedeu seu irmão, D. Manuel, duque de Beja, e depois, rei. No seu tempo, as esquadras que sahiram de Portugal para todos os mares do globo, foram armadas e equipadas, quasi exclusivamente, á custa dos rendimentos da ordem de Christo.

D. Manuel, foi 27 annos rei de Portugal, e 37 mestre da ordem. Por muitas vezes esteve em Thomar, onde celebrou varios capitulos geraes, e mandou construir diversos edificios, muitos dos quaes ainda existem.

A D. Manuel, succedeu — na corôa e no mestrado da ordem — seu filho, D. João III.

Este soberano, estando em Thomar, no anno de 1523, fez muitas reformas nas constituições dos freires de Christo, sendo a principal — transformal-os em *religiosos* de cogulla, e assim permaneceram até 1834. Esta reforma foi confirmada pelo papa Clemente VII.

Por essa occasião, mandou o rei fazer sumptuosas obras no edificio do mosteiro da ordem.

Foi tambem D. João III, que em 1551 solicitou e obteve, do papa Julio III, que os mestrados das trez ordens militares portuguezas (Christo, S. Thiago e Aviz) ficassem para sempre encorporadas na corôa.

—

As reformas de D. João III, despojaram o convento de Christo da sua antiga importancia e explendor de 204 annos; porque, não vivendo aqui os grão-mestres, e a *sua côrte* (porque, na verdade, os grão-mestres eram uns soberanos em ponto pequeno) a povoação foi em decadencia, que augmentou durante os 60 annos do ominoso dominio dos trez Philippes.

—

Em 1704, esteve aqui D. Pedro II, e o archiduque d'Austria, pretendente do throno hespanhol, depois imperador da Allemanha, sob o nome de Carlos VI.

Em 1714, tambem esteve em Thomar o rei D. João V, com seus irmãos, os infantes D. Antonio e D. Manuel, e grande numero de fidalgos da sua côrte.

—

Em cada extremidade da povoação ha um vasto campo ou planicie — o do sul, onde desemboca a estrada real de Lisboa, chama se *Varzea grande*, e o do norte, tem o

nome de *Varzea pequena*, e por ella se prolonga a estrada real, que vae para Coimbra, Porto, e provincia do Minho.

A *Varzea grande*, tem uns 2 kilometros de circumferencia, e é, na sua maior parte, cultivada, e o resto, tapetado de relva, sempre verde, e é sombreada por uma fresca alameda de frondoso arvoredo. É tambem adornada com um elegante cruseiro, de primorosa esculptura. É um monolitho, sobre degraus, com as armas de Portugal, e no seu fastigio, uma cruz sobre a esphera armilar, *empreza* (emblema) do rei D. Manuel, que mandou construir este bello monumento.

A *Varzea pequena*, é tambem muito aprasivel, e adornada com uma bella fonte.

Ambas estas varzeas, ficam na margem do rio.

—

Tem a cidade, duas ruas principaes, ambas de bastante comprimento, e cortadas por varias travessas — a melhor — *rua da Corredoura* — é larga, bem alinhada e guarnecida de bons predios; tendo de um lado, por horisonte, o castello — e pelo outro, o Nabão e a sua ponte magestosa.

A praça, posto não ser muito ampla, é bonita, e n'ella estão, a egreja de S. João Baptista, e os paços do concelho — dous edificios dos melhores da cidade, e ambos mandados construir pelo rei D. Manoel, grão-mestre da ordem de Christo.

Na fachada dos paços do concelho, estão as armas de Portugal, tendo de um lado a cruz de Christo; e do outro, esphera armilar.

A egreja de S. João Baptista, é um primor de architectura gothica — florida, como todas as obras que mandou fazer o *Rei venturoso.* Foi reparada em 1875, sendo a capella-mór completamente restaurada.

Está em frente da casa da camara, e como ella, tem no frontespicio as armas de Portugal, tendo de um lado a cruz da ordem de Christo, e do outro, a esphera armilar, emblema do rei D. Manoél. Foi elle que a mandou fazer, e elevou a collegiada, em 1520. Já alli havia uma ermida, dedicada a S. João Baptista, que se demoliu, para se construir a egreja actual.

Da egreja matriz de Santa Maria do Olival, já tratei no 6.º vol., a pag. 250, col. 1.ª — aqui só direi mais — É de trez naves, mas da sua fundação pelos templarios, apenas resta a fachada principal, tudo o mais foi substituido pelas reparações feitas pelos reis D. Manoel e seu filho D. João III.

—

A egreja e hospital da Misericordia, foram fundados pelo rei D. Manoel, em 1501, sob a invocação de Nossa Senhora da Graça. Além d'estas egrejas, ha em Thomar e seus arrabaldes, mais 15 egrejas e ermidas, que não menciono por nada terem de notaveis.

—

É Thomar muito abundante d'agua, do rio e de varias fontes, o que a faz saudavel, fresca e abundantissima em cereaes, vinho, azeite, muita e excellente fructa de todas as qualidades, hortaliças, legumes, etc.

O rio Nabão a fornece de algum peixe, e da costa da Nazareth lhe vem peixe do mar, em abundancia, apezar de ficar a 80 kilometros de distancia, ao O.

—

Na margem opposta do Nabão, está o *Arrabalde de Santa Iria,* que é tambem um sitio delicioso.

A historica e veneranda egreja do extincto mosteiro de Santa Iria (6.º vol., pag. 7, col. 1.ª) foi vendida pelo governo portuguez, em junho de 1877, pela ridicula quantia de 305$000 réis, ao sr. José Maria Nepomuceno. O comprador é um distincto architecto. Deus queira que elle, conhecedor do valor historico e archeologico d'este monumento, o conserve, já que os nossos *illustrados e patrioticos* governos, teem declarado guerra de exterminio, a tantos monumentos venerandos, levantados pela fé e devoção dos nossos passados!

—

De *Santa Syla*, já fiz mensão, no 8.º vol., pag. 631, col. 1.ª

Minas

No concelho de Thomar, ha varias minas de differentes metaes e metaloides — Das

minas d' ouro, em *Bezelga,* já tratei a pag. 398, col. 1.ª, do 1.º volume.

Das famosas *sete minas d'ouro*, de Olalhas, já fallei no 6.º vol., pag. 219, col. 1.ª, no principio.

Em março de 1876, foram manifestadas na camara de Thomar, duas minas de ferro: e em junho de 1877, uma de cobre, e outra de manganez.

Ha no concelho varias minas de ferro e de outros metaes, que ainda não foram manifestadas.

Nenhuma d'ellas está em lavra.

Feiras

Ha em Thomar feiras annuaes, a 3 e a 17 de junho e a 20 de outubro. Esta, é a mais concorrida e interessante de todas. Faz-se na Varzea Grande, e chama-se a *feira de Santa Iria.* Principia a 19, e já n'este dia se faz grande commercio, em compras e vendas de fructas seccas, de varias qualidades. Costuma durar até ao dia 23. Ha n'esta feira, theatros-barracas, cosmoramas, panoramas, e saltimbancos de varias especies, etc.

Macrobios

Luiz Manuel Dias, soldado da 5.ª companhia de reformados, sentou praça no heroico regimento de infanteria n.º 11 (o que convencionou em Evora-Monte) em 1801, tendo 29 de edade, pois havia nascido em 1772. Foi ferido no assalto á praça de Badajoz, em 6 de abril de 1812. Tem hoje, (outubro de 1881) nada menos de 109 annos. Está em pleno uso das suas faculdades intellectuaes.

Francisca, é da aldeia de Valdônas: nasceu em 1765. Ainda em 1876 estava em seu perfeito juizo e tratava da sua vida. Se ainda fôr viva, tem a bagatella de 116 annos!

Viveu em sete reinados — os de — Dom José I, D. Maria I, D. João VI, D. Miguel I, D. Maria II, D. Pedro V, e D. Luiz I.

Theatro

Tem esta cidade um bom theatro, que foi elegantemente restaurado, em março de 1876. Foi a 25 d'este mez a recita de inauguração, por artistas de Lisboa.

Festa dos taboleiros

Faz-se em junho, e é concorridissima, não só pelos habitantes da cidade, mas tambem de varias terras circumferentes. O seu principal fim, é a caridade. Na procissão são levados por cento e tantas meninas, outros tantos *taboleiros*, cheios de pão, que é distribuido pelos pobres que se apresentam. Os taboleiros vão adornados com formosas toalhas de renda, flores e brilhantes laços de fitas de varias cores.

Temporaes, terramotos e enchentes.

Tem havido n'esta cidade e seu concelho, varios tremores de terra, como em todo o reino de Portugal, o que se poderá vêr na palavra *Terramotos.*

Tambem tem havido muitos temporaes, causando graves prejuizos aos proprietarios.

O rio Nabão tem crescido desmedidamente em muitas occasiões, causando tambem grandes perdas nos predios das suas margens. Para não fatigar o leitor com a extensa relação d'estas enchentes, apenas mencionarei as do inverno de 1876 para 1877, que foram as mais desastrosas de todas.

As continuadas chuvas torrenciaes, principiaram em novembro, e só findaram em janeiro, o que causou repetidas cheias do Nabão, cujas aguas, em sua furiosa corrente, destruiram casas e campos das suas margens. Na Asseiceira, Curvoseiras Grandes, Santa Syla, e Valle Florido, ficaram arruinadas a maior parte das casas, e muitos campos arrazados. As estradas soffreram mais ou menos, em todo o concelho, cujos prejuizos foram orçados em mais de 120 contos de réis.

Fabrica de papel, do Prado

Foi fundada por o sr. Henrique de Roure Pietra, de Thomar, que a vendeu, e terrenos adjacentes, em abril de 1875, por 140 contos de réis, a uns capitalistas da cidade do Porto.

Os seus novos proprietarios, teem dado a este estabelecimento industrial, um grande desenvolvimento, e é um dos principaes, do seu genero, em Portugal.

É movida a sua engrenagem pelas aguas do Nabão, mas nas estiagens é auxiliada por uma machina a vapor, e tem outra para córte do trapo.

O vendedor continuou a ser o director technico da fabrica, cujo emprego exerceu com sollicitude e intelligencia, até que, a seu pedido, foi substituido, em março de 1876, pelo sr. José Joaquim de Paula.

Produz 24 a 25 mil kilos de papel por anno, que, ainda assim, não chega para as requisições. As acções d'esta fabrica teem produzido 10 e 11 por cento de juro.

Os seus productos teem sido premiados em varias exposições industriaes.

Real fabrica de fiação, de Thomar

Esta fabrica deve a sua origem a Jacome Ratton, francez de origem. Foi no anno de 1788, sendo presidente do erario, o primeiro ministro o marquez de Ponte de Lima, que elle levou ao conhecimento do governo a idéa da edificação e pediu que este a realisasse por sua conta, afim de dar á nação tão proveitoso melhoramento, tirando á Inglaterra o exclusivo dos algodões, e ao contrabando os seus perniciosos resultados.

Os poderes do estado acolheram de bom grado a proposta, e o marquez auctorisou Ratton, em nome da rainha, para dar impulso rapido e proficuo á fabrica. O governo porém esqueceu-se da promessa. Jacome Ratton, tendo gasto já sommas consideraveis, associou se a Timotheo Lecussan Verdier. Ambos metteram hombros a esta gigantesca empreza e a realisaram conjunctamente.

A fabrica levou annos a fazer-se, mas Jacome Ratton, antes de começarem os trabalhos de fiação, separou-se de Verdier, que ficou na posse de todo o material, havendo os dois a esse tempo gasto muito acima de duzentos mil cruzados. Véem-se ainda hoje o forno e o telheiro onde tiveram principio as obras.

Ratton era um homem votado de coração aos interesses de Portugal, e estava entre nós quando teve logar o terramoto, de que escapou e toda a sua familia milagrosamente.

É digna de ser lida a descripção que a tal respeito elle faz, nas suas memorias, e são importantes os detalhes que se encontram escriptos de seu proprio punho.

Jacome Ratton, naturalisou-se portuguez, e deu sempre sobejas provas de bom patriota; comtudo, foi preso e desterrado por jacobino! Triste desengano para quem se fia demasiadamente na popularidade [1].

Foi reconstruida em 1873, sendo seu principal fundador, o sr. Henrique Pereira Táveira, que instalou a companhia, para a compra da antiga fabrica que já aqui existia desde o fim do seculo XVIII, e que foi realisada, a 17 de julho, do dito anno de 1873.

Foi nomeado engenheiro, o sr. Charles Hargreaves, que procedeu logo aos respectivos alçados do antigo edificio da fabrica e ao levantamento da planta definitiva do novo.

A nova empreza, tomou conta da antiga fabrica, e de todos os seus utensilios e dependencias, logo a 20 do referido mez de julho, sendo nomeado administrador fabril, o accionista o sr. Simão José Pereira. Compraram-se novas machinas, a John Hetherrington & Sons, de Manchester.

Conheceu-se que era de grande vantagem substituir o systema de rodas hydraulicas, por uma turbina de força correspondente; comprou uma, de força de 150 cavallos, a Mac-Adam-Broters & C.º, de Belfast, com a condição de ser posta em Liverpool.

Em 20 de setembro de 1873, principiaram as obras de restauração, desmontando-se o velho machinismo, para ser vendido.

O novo edificio foi feito com a maior solidez e elegancia.

Para os *batedores* e *abridores* do algodão, foi construida uma casa especial, inteiramente nova, com todas as condições de iso-

[1] Os leitores que desejarem saber mais circumstanciadamente quem foi o distincto e emprehendedor industrial, Jacome Ratton, vejam no 1.º vol., pag. 343, col. 1.ª e 2.ª

lamento, e á prova de incendio, coberta de abobada de ferro e tijolo, apoiada em solidas columnas de ferro. Fórma parte da entrada geral da fabrica, o que lhe dá muita elegancia, e a abobada fórma um terraço que dá passagem para o armazem dos productos fabricados.

O escriptorio, e repartição fiscal da fabrica, fica ao *rez-de-chaussée.*

O mestre fiandeiro, foi o inglez Robert Hauk, que chegou á fabrica a 6 de agosto de 1874. Achando-se porém em terra de tão bom e tão barato vinho, logo n'esse dia tomou tal bebedeira, que foi preciso leval-o em braços para o quartel. (Era inglez!...) Nos dias seguintes, continuou a embebedar-se com a maxima regularidade, e a fazer toda a casta de desatinos. A direcção viu-se obrigada a reenvial-o para a Inglaterra.

Foi substituido por mr. John Mac-Queen, moço laborioso, de excellentes qualidades e muita experiencia.

Este estabelecimento fabril, está montado com a maxima solidez, e dirigido com a maior regularidade e intelligencia, empregando um grande numero de operarios, e sendo um elemento de prosperidade para a companhia, e para a cidade de Thomar.

Castello

Como vimos, o castello de Thomar foi construido pelo commendador e depois mestre da ordem do Templo, D. Gualdim Paes, em 1160, sobre o monte que está ao O. da cidade, e no mesmo logar onde houvéra um mosteiro de monges benedictinos, no qual viveu o abbade Celio, tio de Santa Iria, e que os vandalos do 5.º seculo tinham destruido.

O castello ainda está de pé, e menos mal conservado, apezar dos seus 721 annos de existencia, com os seus torreões e baluartes, e com as suas duas cêrcas de muralhas, e encostado ao mosteiro, que foi cabeça da ordem do Templo, até 1311, e da de Christo, desde 1319, até 1834. O logar em que está a fortaleza, é um rochedo escarpado.

Dentro do castello, existem as ruinas de uma ermida, que primeiro foi de Santa Maria do Castello, e depois, de Santa Catharina.

Entre o 1.º e 2.º cêrco de muralhas, que é um largo espaço, estão plantadas vinhas, hortas e pomares, regados abundantemente pelas aguas do aqueducto do mosteiro. Dos baluartes se desfructa um panorama vasto e encantador.

Os temporaes do inverno de 1876 a 1877, abalaram uma grande parte das muralhas, e fenderam outras.

Mosteiros

1.º —*Freires de Christo,* a O., junto ao castello. Era o bailiado da ordem do Templo, e depois, da de Christo. D. Gualdim Paes, construiu a capella-mór (vulgarmente denominada *charóla*) ao mesmo tempo que edificou o castello. O rei D. Manoel, sendo mestre da ordem, lhe mandou fazer o corpo da egreja e o côro, em 1506 — O *claustro novo,* e mais officinas, foram mandadas fazer por D. João III, principiando as obras em 1560, e continuando nos reinados de D. Sebastião, do Cardeal-rei, e dos Philippes II e III. Foi este ultimo que mandou fazer a fonte que está no centro do claustro.

Todos estes soberanos deram ao convento muitas rendas, honras e privilegios [1].

Desde que D. João III reduziu os freires a regulares, o seu prelado se intitulou *Dom Prior do convento de Thomar, e geral da ordem de Christo.* Era do conselho do rei, e tinha assento em côrtes como os bispos.

O seu 1.º prelado regular, foi D. frei Matheus, bispo de Cochim, em 1577.

No espiritual, a prelazia de Thomar era independente, com jurisdicção *nullius dioecesis.*

A ordem de Christo, foi instituida pelo papa João XXII, a pedido do rei D. Diniz, em 14 de março de 1319.

Para este mosteiro veiu a agua por um aqueducto de excellente pedra, obra dispen-

[1] A ordem de Christo, em 1834, tinha 454 commendas, que rendiam 250:000 ducados. CEM CONTOS DE RÉIS!

diosissima, feita em 1584. Vem da freguezia de S. Miguel da Pedreira (hoje supprimida) passando junto á ermida de Santo Antonio dos Pégões. (Para evitarmos repetições, vide no 5.º vol. col. 2.ª, de pag. 219). Nasce esta agua a 5 kilometros de distancia, na freguezia de Carregueiros. (Vide no 2.º vol., pag. 125, col. 2.ª, e seguinte).

O edificio é vasto, contendo oito bons claustros e mais dependencias, e uma optima cérca.

A egreja — dedicada a Nosso Senhor Jesus Christo — dormitorios, claustros e mais officinas, são de estupenda grandeza; mas, em rasão das differentes épocas em que este agglomerado de edificios foi construido, mostra diversos typos de architectura. A capella-mór da egreja, é a parte mais antiga e tambem a mais rica. Exteriormente, é de fórma octogona, acastellada e coroada de ameias: interiormente, tem em volta do altar-mór uma *charola*, com capellinhas, no gosto oriental; é obra de um grande primor artistico, ornada de excellentes esculpturas, em relevo, pinturas e dourados. Diz-se que esta capella-mór é ainda a mesma construida por D. Gualdim Paes

No côro, havia umas primorosas cadeiras de madeira da India, mandadas fazer pelo rei D. Manoel, com grande numero de esculpturas delicadas, feitas segundo os desenhos de Miguel Angelo Buonarotti, que os salteadores e incendiarios de Massena queimaram em 1810.

Os livros de cantochão, em pergaminho, adornados de preciosissimos desenhos coloridos, foram roubados em 1834. Eram obra do famoso Francisco de Hollanda.

O rei D. Manuel, deu a esta egreja uma cruz d'ouro, feita do primeiro ouro que veio da India. Tinha uma peanha de filagrana, tambem d'ouro, guarnecida de pedras preciosas. As pratas d'esta egreja e sachristia, estavam avaliadas em 40:000$000 réis. Quasi tudo foi roubado em 1834, porque o inventario que então se fez, das pratas que entraram no thesouro publico, só era do valor de 1:066$993 réis! Philippe II, tambem deu a esta egreja uma pequena cruz d'ouro esmaltado, muito preciosa. Esta escapou, por milagre, e está no thesouro da Sé patriarchal.

A fachada da egreja, é uma obra admiravel, pela delicadesa e gosto das suas variadissimas esculpturas.

Em 1845, o sr. Antonio Bernardo da Costa Cabral, sendo presidente do conselho de ministros..... *comprou* a sua cêrca e parte do edificio, por uma problematica quantia.

Já se vê que, apropriando-se de um dos mais venerandos e historicos monumentos de Portugal, prestou á patria um relevantissimo serviço, pelo que, a sr.ª D. Maria II o fez *conde de Thomar*, em 8 de setembro de 1845. Mas isto não era premio condigno a tão assignalado serviço, pelo que, o sr. D. Luiz I, o fez *marquez de Thomar*, em 11 de julho de 1878. Seu filho, e do seu mesmo nome, tambem é *conde de Thomar*, desde 2 d'abril de 1851 [1].

Já se vê que o sr. marquez de Thomar, adquirindo esta riquissima propriedade, prestou mais e muito maiores serviços a Portugal, do que os cavalleiros do Templo e de Christo, seus fundadores e legitimos possuidores, visto que nenhum d'elles foi feito conde ou marquez.

A parte do mosteiro que não foi vendida, ainda pertence ao Estado, e em uma divisão d'essa parte, está actualmente o hospital. A egreja está patente ao culto divino; mas tanto esta como o mosteiro, estão reclamando urgentes reparos.

—

2.º — *Frades franciscanos* (denominado *mosteiro de S. Francisco da cidade*) ao S. da povoação. Fundado em 1635.

Hoje é propriedade da camara municipal e está servindo de quartel do regimento de infanteria n.º 11. A egreja dos frades,

[1] Tambem por esta occasião, tratou com o governo (isto é — com elle mesmo) a compra da rica e formosa quinta do Alfeite, por 13 contos de réis imaginarios (ainda que fossem reaes, não pagavam nem o custo dos magnificos tanques) mas os jornaes tanto gritaram, que a.... *compra* não se levou a effeito. Se se realisasse, tinhamos tambem, provavelmente, um conde, ou marquez do Alfeite.

está bem conservada, e n'ella se fazem ainda os serviços do culto divino.

3.º — *Frades capuchinos* (de Santo Antonio) fundado ao N. da cidade, no alto de um monte, sobranceiro á Varzea Pequena, fundado em 1645. Era da provincia da Piedade, e da invocação de Nossa Senhora da Annunciada.

Fica a 3 kilometros ao N. da cidade, no sitio antigamente chamado *Carzêdo*, onde havia uma grande quinta, com uma velha ermida, dedicada á Annunciação da Santissima Virgem (Nossa Senhora da Annunciada.)

A quinta, tinha grandes e bôas casas de residencia, pomar, vinhas, hortas, olivaes, muitas terras de pão, uma grande matta de sobreiros, pinheiros e outras arvores silvestres.

Era propriedade de uma nobre dama, chamada D. Isabel Teixeira, viuva de Antão de Figueiredo, fidalgo da casa real.

Sendo provincial dos religiosos franciscanos, da provincia da Piedade, frei João d'Albuquerque — que morreu na India, arcebispo de Gôa — lhe doou D. Isabel, em 1526, a sua *quinta de Carzêdo*, com todas as suas dependencias, para a fundação de um mosteiro da sua ordem; mas, para que esta doação fosse mais segura, a fez a Dom João III, sob a condição do rei alli fundar o tal mosteiro.

A ordem tomou posse da quinta, a 4 de outubro de 1528, e aqui estiveram alguns 117 annos; mas como de verão fosse pouco saudavel, em razão das aguas estagnadas que alli havia, e estivesse em sitio deserto, foram construir um novo mosteiro, no chão que lhes deram os freires de Christo, em troca do de Carzêdo, que foi uma boa quinta d'estes cavalleiros, até 1834.

Este mosteiro é em sitio saudavel e pittoresco, ao N. de Thomar, como já disse, com bôa cerca, e duas copiosas fontes de boa agua potavel.

Os frades vieram para aqui, em 1645.

Foi vendido pelos liberaes, e é hoje uma bella e rendosa propriedade particular. A egreja está profanada, mas não canonicamente.

4.º — *Freiras franciscanas*, ao E. da cidade, da invocação de Santa Iria, fundado em 1476, no mesmo sitio onde estava o de freiras *benedictinas* (?) da cidade de Nabancia, onde viveu e foi martyrisada Santa Iria.

Foi sua fundadora D. Mecia de Queiroz, a qual aqui se recolheu com trez filhas. Morrendo a fundadora e duas de suas filhas, a que sobreviveu, Soror Martha de Christo, adoptou e fez adoptar ás outras religiosas a regra de Santa Clara.

D. Mecia de Queiroz, fundadora d'este mosteiro, era viuva de Pedro Vaz d'Almeida, veador da fazenda, do infante D. Henrique, duque de Viseu, filho de D. João I. (Vide *Sagres*). As trez filhas que levou para este mosteiro, tinham sido damas da infanta D. Brites, mãe do rei D. Manoel.

Segundo affirma (com bons fundamentos) frei Agostinho de Santa Maria (*Santuario Mariano*, tomo 3.º, pag. 507 e seguintes) este mosteiro foi primeiramente de freiras agostinhas, e não foi fundado mas reedificado *á fundamentis*, por D. Mecia; por quanto — ao tempo do nascimento de Santa Iria (ou Irêne) pelos annos de 480, já em Nabancia havia o mosteiro de freiras agostinianas, que os árabes destruiram, em 717, e do qual havia sido fundador, o famoso Paulo Orosio, discipulo de Santo Agostinho, muitos annos antes de ser introduzida em Portugal a ordem de S. Bento.

D. Mecia, comprou o sitio onde existira o antiquissimo mosteiro e suas dependencias, para a fundação do novo mosteiro, que no seu principio era um recolhimento de beatas, e só depois da morte da fundadora (que falleceu da edade de 70 annos) é que sua filha, soror Martha de Christo, adoptou, e fez adoptar ás suas companheiras, a regra franciscana de Santa Clara, em 1520.

Então vieram tomar o habito, varias meninas, que com seus dotes, augmentaram as rendas do mosteiro. e os reis D. Manuel e D. João III, tambem lhes deram varias propriedades e foros.

A egreja era muito linda e de boa architectura, e tinha, alem da capella-mór, mais

quatro — duas lateraes, e duas no corpo da egreja. Fundou a de Nossa Senhora da Encarnação, Lourenço do Valle. A da Santissima Cruz, fundada por Miguel do Valle, descendente de Lourenço do Valle, era primorosa. Tinha uma imagem de Jesus Christo crucificado, tendo á sua direita Nossa Senhora da Soledade, e á esquerda, S. João Evangelista; e tendo mais as imagens das trez Marias, Nicodemos e José de Arimathea, tudo em bella pedra *d'Ançan*.

Era obra de grande valor artistico.

Estava situado o mosteiro, junto ao Nabão, e ainda aqui se mostra o pégo onde foi lançado o corpo de Santa Iria, depois de degolada. (Vol. 8.º, pag. 466 a 553).

Este edificio foi vendido depois de 1834, e o comprador o mandou demolir, para edificar varios predios.

Está aqui estabelecida uma fabrica. A egreja, porém, está bem conservada e decente, fazendo-se ainda n'ella os officios divinos.

—

Santa Sita (ou Zita) virgem e martyr, foi a piedosa donzella que occultou, livrando-as da morte, e educou na religião christan, as famosas NOVE IRMANS bracharenses. (Vide Braga).

Foi martyrisada (sendo imperador Adriano) junto a Thomar, no 1.º de novembro de 155. No logar do seu martyrio, que fica a seis kilometros da cidade, se fundou depois, e sob a sua invocação, um mosteiro de freiras franciscanas, onde consta serem guardados os ossos d'esta santa; mas não se sabe d'elles.

Este mosteiro e suas dependencias, foi tambem vendido, e é hoje propriedade particular.

Uma grande doação aos templarios

Em 1145, Fernão Mendes de Bragança, e sua mulher, a *rainha* D. Sancha, filha legitima do conde D. Henrique, e irman de Dom Affonso I, doaram á ordem do Templo — o seu castello de Longroiva; e o rei doou á mesma ordem, os castellos do Pombal (que os templarios tinham fundado em *Terra deserta*, na *Marca dos serracenos*) — Thomar — Ozezar (Ferreira do Zêzere) Almourol — Cardiga — Pinheira — a casa de Cintra — a casa de Lisboa — a casa de Leiria — a casa de Rodrigo — a casa de Santarem — a terra deserta da Pena — Soure — a casa da Ega — Mogadouro — a casa de Braga — e varias rendas em outras partes.

A ordem do Templo, para annexar á sua casa de Braga, comprou, em 1153, na ribeira d'Aliste (Éste ou Déste) uma grande herdade, chamada Villar.

Factos historicos

No dia 9 de setembro de 1438, falleceu, nos paços do mosteiro, em Thomar, o rei D. Duarte, na edade de 47 annos menos cincoenta e dous dias, pois havia nascido em Viseu, a 31 de outubro de 1391.

Diz a tradição, que, ao dar o ultimo suspiro, o dia se transformou em noite escura, por causa de um eclipse total.

Diz-se que foi envenenado por uma carta, no acto de a abrir e ler; mas é mais provavel (e quasi certo) ter morrido da grande peste que n'esse anno assolou o reino, e quando o rei o andava percorrendo, para dar todas as providencias a favor dos empestados e dos orphãos e viuvas que deixavam os que morriam.

Todo o reino lamentou sinceramente a morte d'este bom rei.

Como homem, era formoso, elegante, amavel, de grandes forças, destreza e arte, e um dos melhores cavalleiros do seu tempo. Foi grande caçador, mas sempre preferiu o cumprimento dos seus deveres, aos divertimentos. Era mais inclinado á piedade do que ao rigor.

Nunca mentiu, nem faltou á sua palavra, e consta que por esta razão se inventou o proverbio — *palavra de rei*.

Deu grande protecção aos sabios, e gostava de conviver com elles. Elle mesmo, era um sabio, e um bom poeta. Compoz alguns livros, entre elles, o *Regimento da justiça* — outro, que dedicou á rainha sua mulher (D. Leonor, filha de D. Fernando I de Aragão) intitulado *O leal conselheiro* — ou-

trô da arte de cavallaria, com o titulo de *Liuro da ensenança de bem cavalgar toda cella.* Ha d'elles uma 1.ª edição portugueza e outra de Paris. Ha uma nova edição lisbonense, de 1843, ambas as obras em um só livro, que é muito estimado.

D. Duarte, teve nove filhos legitimos e um bastardo — Os legitimos foram (por ordem das edades — *D. João* e *D. Philippa*, que morreram creanças — *D. Affonso*, seu successor — *D. Maria*, que morreu creança — *D. Fernando*, duque de Viseu — *D. Leonor*, imperatriz da Austria, mulher de Frederico III — *D. Duarte*, que morreu de pouca edade — *D. Catharina*, que morreu solteira — e *D. Joanna*, rainha de Castella, mulher de Henrique IV.

O filho bastardo, foi D. João Manoel, bispo da Guarda e progenitor dos condes da Atalaia e marquezes de Tancos.

—

No dia 10 de setembro de 1438, foi acclamado e coroado rei de Portugal, n'esta cidade (então villa) D. Affonso V, filho de D. Duarte, que, como acabámos de ver, tinha morrido na vespera. O novo rei tinha apenas cinco annos e oito mezes incompletos, pois nascera a 15 de janeiro de 1432.

Para esta solemnidade se construiu um magestoso *theatro*, em frente dos paços dos grão-mestres de Christo, no mosteiro da ordem.

Sahiu o real menino, do paço, com vestiduras reaes, e sentando-se no throno, lhe beijou a mão, posto de joelhos, seu tio, o infante D. Pedro, [1] dando-lhe o juramento de fidelidade e obediencia, seguindo-se-lhe depois os outros infantes e todos os senhores da côrte que se achavam em Thomar; e muitos dos quaes ainda derramavam lagrimas pela morte de D. Duarte.

—

Nos documentos do mosteiro de Christo, se acha a doação de *Cabeça de Touro* e seus termos, feita em 1221, á ordem do Templo, pelo concelho da Guarda, que todo assignou com o seu pretor e Alvazis.

No mesmo documento se acha a doação que D. Sancho II fez aos templarios, em 1244, dos direitos reaes, de Salvaterra do Extremo, e Idanha a Velha.

—

No foral de Thomar, de 1174, traduzido no principio do seculo XIV, se diz — «*Se Mouro d'alguem fôr solto e fezer coonha* (crime grave) *o Senhor del* (d'elle) *responda por el, segundo a coonha que fezer, ou o leyxe na maão do Moordomo. O Moordomo non filhe* (prenda) *Mouro de alguem, que traga prisom, ou Moura solta, por qualquer coonha que faça. Mas se o Senhor da terra e o Concelho vir, que tal cousa fez, por que deva seer apedrada,* (apedrejada) *ou quejmada, apedrena* (apedrejem-a) *ou a queimem. Se tal cousa fez, per que deva ser asoutada, asoutena; e depois que for asoutada, tambem o Mouro, come a Moura, denos* (deem-os) *a seu dono.*

—

O rei D. Diniz, a rainha Santa Isabel, e seus filhos, os infantes D. Affonso (depois IV) e D. Constança, doaram aos templarios, o padroado das egrejas de S. Mamede do Mogadouro, e Santa Maria de Penas-Royas, com todas as suas capellas e ermidas, direitos e pertences; alcançando, para isto, consentimento de D. Martinho, arcebispo de Braga. A carta de doação, foi feita em Coimbra, a 25 de maio de 1297.

—

Em 1228, Dona Fruilla (ou Fruilhe) Hermigues, doou aos templarios, os senhorios de Villa Franca *de Cira* (hoje de Xira) e todos os seus muitos bens, *havidos e por haver*, nos trez reinos, de Portugal, Leão e Castella. Isto pelos muitos beneficios que tinha recebido e esperava receber dos doados.

O senhorio de Villa Franca de Cira, tinha sido dado a Dona Fruilla, por Dom Sancho I, em 1202, pelos *muitos serviços* que lhe tinha feito.

—

Nos estatutos da confraria de Santa Maria do Castello (Nossa Senhora do Olival)

[1] O infante D. Pedro, era tio do rei Dom Duarte. Foi duque de Coimbra, regente do reino na menoridade de D. Affonso V, e por fim, seu sogro. (Vide *Alfarrobeira*).

de Thomar, feitos em 1388, se diz — *Se alguum Confrade ferir outro Confrade, com spada, ou com coytello, entre* (leve) *em camisa em XXX tagantes.* (30 golpes de açoite ou azurrague). *Aquel, que a seu Confrade der punhada, ou lhe messar a barvha* [1], *entre em camisa a sinco tagantes. E se o Confrade disser a outro Confrade — Villam: on tredor: ou gafo: ou ladrom: ou falso: ou chamar á Confrada: hervoeyra:* (meretriz) *ou aleivosa: ou ladra: pague sinco soldos á Confraria; he entre em sinco tagantes.*

D. Affonso Henriques e sua mulher a rainha D. Mafalda e seus filhos, em 1158, isentaram os cavalleiros do Hospital de Jerusalem, e os templarios de Thomar, de todos os encargos, direitos e portagens, tanto dos bens presentes como dos futuros; e a todas as pessoas que morassem nas suas herdades, coutos, egrejas, etc., pois a todos absolveram de todos os direitos reaes. Porém, se algum d'estes commettesse *Furto, Homicidio, vel Rapina mulierum* (*quae Rausum dicitur*) perdia o direito a estas isenções.

—

Na egreja de Santa Maria do Olival, foram collocadas as bandeiras de differentes chefes indianos e o estandarte do Soldão do Egypto, ganhados na gloriosa batalha, dada pelo vice-rei da India, D. Francisco d'Almeida, na barra de Dio, em 3 de fevereiro de 1509, contra 200 navios de Mir-Hocém, general do Soldão, de Melique-Ás e do *Çamori.* Estes inimigos eram em grande numero, estavam munidos de grossa artilheria, e protegidos por muitos fortes da praça; mas nada lhes valeu, porque a maior parte dos seus navios, foram tomados, ou mettidos a pique, ou incendiados.

O combate durou 15 horas (desde as 11 da manhan até ás duas horas depois da meia noite). Morreram trinta e tantos portuguezes e mais de 1:500 mouros, incluindo 440 mamelucos da armada de Mir-Hocém, que ficou inteiramente destruida e elle gravemente ferido, podendo fugir milagrosamente.

[1] Puchar pelas barbas, erà uma das maiores injurias que os antigos portuguezes podiam sentir, e um crime punido rigorosamente.

—

Ao bairro d'*Além da Ponte,* onde existiu o mosteiro de Santa Iria, cujos alicerces eram banhados pelo Nabão, deram os moradores da cidade, o nome de *Hespanha.* É proximo d'este logar que se vê a magnifica fabrica de fiação, de que já tratei, e cuja levada, ou canal, tem dous kilometros de comprido, podendo passeiar-se a pé ou a cavallo, por ambos os lados, e por agua, em barco, até á sua extremidade.

Ermidas de Thomar e seu termo

Nossa Senhora do Pilar — a 1:500 metros da cidade, sobre a estrada de Lisboa, a poucos metros do Nabão, e contigua ás casas da quinta que foi do seu fundador, em sitio alegre e vistoso, ficando-lhe ao N. o castello e a cidade.

Foi fundada por José Alvares da Silva, cavalleiro de Christo, e um dos principaes habitantes de Thomar. A ermida é pequena, porém magnifica e ornada de bellas pinturas. Foi principiada a 12 de junho de 1711.

—

Nossa Senhora da Conceição — está tambem fundada em um monte, de vastas e alegres vistas. É um magnifico templo de trez naves, fundado pelos freires de Christo, que cuidaram da sua conservação, aceio e culto, até 1834.

—

Nossa Senhora do Monte ou *da Piedade* — fica egualmente em um monte, proximo a Thomar.

Foi seu fundador, Martin Vasques Vilella, alcaide-mór da villa d'Obidos, que a dotou com boas rendas.

Teve uma irmandade, e eremitão permanente.

—

Nossa Senhora dos Anjos — construida em outro monte, e em sitio agradavel e vistoso como o antecedente. Tem uns alpendres de boa architectura, sobre columnas de pedra, e casas para acolheita dos romei-

ros e para residencia do eremitão. Teve uma boa irmandade.

Foi construida pelos freires de Christo, que foram seus padroeiros até 1834.

—

Nossa Senhora do Ó ou *da Expectação* — Está edificada junto ao Nabão, mas já no districto da freguezia da Beberriqueira. Foram seus fundadores, João Gomes da Costa e sua mulher, D. Antonia da Costa (sua prima, fidalgos da, então — villa de Thomar) para cabeça de um vinculo que instituiram em uma sua grande quinta, onde construiram a ermida.

Consta que a imagem da padroeira, foi achada debaixo da pia da agua benta, da egreja do Sobral (onde estava enterrada) a 16 de outubro de 1626, construindo-se a ermida, logo em 1628.

No principio do seculo passado, era administrador d'este vinculo, Rodrigo Jacome Raymundo de Noronha, fidalgo da casa real, e descendente dos fundadores.

Thomarenses illustres

Frei João de Santa Maria, conego de São João Evangelista (Loyo) foi, com mais quatro companheiros, em 1491, prégar o Evangelho ao reino de Congo, por ordem de D. João II. Converteu frei João, o rei, a rainha, o principe seu successor e outros individuos dos principaes da Ethiopia, e alli fundou a 1.ª egreja catholica do Congo, onde falleceu a 10 de maio de 1518.

—

Simão Gomes — (*o sapateiro santo*) — Nasceu na aldeia do Marmelleiro, termo de Thomar, pelos annos de 1510. Foi sapateiro de profissão, porém muito instruido em tudo quanto diz respeito á Religião, e era um varão virtuosissimo. Segundo a tradição, fez muitas prophecias que se realisaram.

O rei D. Sebastião, o infante D. Luiz, o cardeal infante D. Henrique (depois rei) e todos os grandes da côrte o tratavam com respeito e lhe davam grandes provas de estima, ao que elle fugia, sempre que lhe era possivel. O rei D. Sebastião, hindo á egreja de S. Roque, em dia de grande solemnidade, o metteu comsigo dentro da cortina, logar que só competia aos filhos e irmãos dos reis.

Podendo mudar de fortuna e de estado, quiz ficar sempre o que nasceu, e foi sempre um exemplo vivo das mais acrisoladas virtudes.

Falleceu a 18 de outubro de 1576, e foi sepultado na egreja de S. Roque.

—

D. João Annes — 1.º arcebispo de Lisboa. (4.º vol., pag. 271, col. 2.ª) — Foi um dos mais illustres filhos de Thomar.

Foi o primeiro arcebispo de Lisboa. Depois do fallecimento do bispo D. Martinho, foi eleito por Urbano VI bispo de Lisboa, e mais tarde elevado á dignidade de arcebispo. Desempenhou sempre a contento de todos e com todo o zelo e religião, o seu officio de prelado.

Era em 1390, e o reino, inquieto sempre, socegou um pouco. O virtuoso prelado aproveitou esta quietação, e dedicou-se á reforma do seu clero, augmentando as egrejas, as quaes visitou com proveito de todos, recuperando para ellas muitas fazendas, que lhes andavam allienadas.

D. João I, querendo corresponder á generosidade dos moradores de Lisboa, que tinham contribuido para a sua exaltação ao throno, determinou enchel-os de honras ecclesiasticas, por cujo motivo constituiu a sua egreja cathedral em metropolitana, sendo a principio suffraganea da de Merida, e mais tarde da de Compostella. Para tal fim, recorreu El-Rei ao papa Bonifacio IX, e este annuindo ás supplicas d'elle, passou a bulla da nova erecção, a 10 de novembro de 1394, dando-lhe por suffraganeos os bispos de Lamego, Guarda, Silves e Evora.

Ha, porém, discordancia entre alguns escriptores, ácerca do anno da erecção da egreja de Lisboa em metropolitana. D. Rodrigo da Cunha, no catalogo dos bispos do Porto, o padre Carvalho, na sua *Chorographia*, o padre Antonio Pereira, no seu *Compendio das Epochas*, assignam a data de 1390. Damião Antonio, porém, na sua *Politica moral*, diz que foi em 1388, por Bonifacio IX, sendo ainda vivo Urbano VI. En-

tretanto. a bulla, pela qual o papa Bonifacio erigiu esta egreja em metropolitana, a qual principia: «*Bonifacius Episcopus,*» e que se acha inserta no archivo do cabido d'esta diocese, — bem como em outros documentos, a dá erecta em 1394. É o que se deprehende das seguintes palavras: «*Datuns Romae apud sanctum Petreum quarto idus novembris pontificatus nostri anno quinto.*

D. João Annes continuou no governo com todo o zelo e prudencia, apezar das contradicções que teve com o bispo de Evora, D. Martinho, sobre a sua isenção, e com o do Porto, D. João Esteves, sobre a fundação da egreja do Salvador.

Falleceu a 3 de maio de 1402 com dezoito annos e dez mezes de arcebispo.

Foi sepultado na sua sé, na capella de S. Sebastião, por ser parente do arcebispo de Braga, D. João Martins de Soalhães, que foi seu fundador. A sua sepultura, n'outra epocha collocada sobre quatro grandes leões de pedra, foi mandada demolir em consequencia de obstruir a capella, e os seus ossos foram transferidos para uma catacumba, dentro do mesmo recinto.

—

D. Lopo Dias de Souza — filho de Gonçalo Dias de Souza, da nobilissima familia d'este appellido, e de sua mulher, D. Maria Telles de Menezes, irman da rainha D. Leonor Telles de Menezes.

Tendo sua mãe casado em segundas nupcias com o infante D. João, filho de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro, este, por infundadas suspeitas de adulterio, assassinou sua mulher. (2.º vol., pag. 322, col. 1.ª).

D. Lopo, decidido a vingar a morte de sua mãe, percorreu grande parte do reino, em busca do assassino que lhe fugia sempre, até que D. João foi para Castella e nunca mais cá tornou, senão como inimigo, e á frente de uma divisão castelhana.

D. Lopo, foi o 8.º mestre da ordem de Christo e um dos mais insignes cavalleiros do tempo do nosso D. João I, do qual foi um decidido e fidelissimo partidario, em defeza da independencia da patria.

Á frente de uma formosa legião de cavalleiros da sua ordem, cinco vezes entrou por Castella, derrotando o inimigo em differentes combates, e devastando as suas povoações.

Achou se na tomada de Ceuta (Africa) onde obrou acções dignas de memoria perduravel.

Teve de D. Maria Ribeira, numerosa successão, da qual procedem muitas familias nobilissimas de Portugal.

Falleceu no seu mosteiro de Thomar, a 9 de fevereiro de 1435, e foi sepultado em um nobre mausoleu, na egreja do mesmo mosteiro.

—

Antonio de Castilho — filho do celebre architecto João de Castilho, que fez o risco e dirigiu as obras que se fizeram no mosteiro de Christo, no tempo do rei Dom Manoel.

Antonio de Castilho, foi lente da universidade de Coimbra, desembargador da casa da Supplicação, embaixador á Inglaterra, guarda-mór da Torre do Tombo, e chronista-mór do reino.

—

D. frei Duarte d'Araujo. — foi Dom prior geral da ordem de Christo.

—

D. frei Lourenço Garro — D. prior geral da ordem de Christo, e depois, bispo de Cabo Verde, onde falleceu, em 1646.

Escreveu e publicou a *Isagoge moral em materia dos sacramentos*, que teve NOVE edições.

—

Gaspar Leitão da Fonseca — Socio da Academia real de historia, e escriptor distincto.

—

Pedro Vaz Quintanilha — poeta comico, auctor de muitas poesias e *autos* muito estimados no seu tempo.

—

Mendo de Foyos Pereira — embaixador a Madrid, e secretario de estado do rei Dom Pedro II.

—

O artigo de Thomar não fica completo, e em sitios, é alguma cousa obscuro, se o lei-

tor não recorrer ás *chamadas*, onde as marquei; sendo as principaes — 2.ª, 3.ª e 4.ª *Bezelga; Nabancia; Nabão*; e *Olival*, ou *Santa Maria do Olival*, a pag. 249, col. 2.ª, do 6.º volume.

THUÍAS — TUHÍAS, ou **VILLA NOVA DE THUÍAS** — freguezia, Douro, comarca e concelho de Marco de Canavezes (foi da extincta comarca e supprimido concelho de Soalhães) 46 kilometros a E. N. E. do Porto, 360 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 130.

Orago, o Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto,

O mosteiro de freiras bernardas, de Thuias, e, desde 1535, as religiosas benedictinas, do Porto, apresentavam o reitor, que tinha 260$000 réis de rendimento annual.

Thuya, é uma arvore, da familia das coniferas. A *thuya gigantea*, eleva-se bastante, e assemelha-se, vista de longe, a uma chaminé, de fábrica de vapor. A *thuya-nana*, é um arbusto em fórma de bóla, mas muito desengraçado.

Thuías,* foi villa e couto, sob o nome de *Couto de Villa Nova de Thuías*.

É povoação antiquissima e anterior á dominação dos romanos.

Era o paiz dos *cerenécos* ou *cerenaicos*. (Vide vol. 1.º, pag. 464, col 1.ª) e foi habitado por uma colonia ou legião romana.

A famosa *Tamacana-Via*, estrada romana, que do Porto se dirigia ás thermas de Canavezes, foi construida, assim como a monumental ponte de Canavezes, por ordem do imperador Trajano, pelos annos 110 de Jesus Christo. (Para evitarmos repetições, vide no 2.º vol., pag. 80, col. 1.ª e seguintes.)

Esta estrada, sahia de *Calle* (ou, talvez, de *Portu-Cale* — povoação que existiu proximo á Serra do Pilar, em frente e ao S. do Porto, sobre a esquerda do Douro — (Vide *Portugal*, villa) e passando pelas actuaes freguezias de Oliveira e Avintes, hia atravessar o Douro, em *Crastomire* (hoje *Crestuma*) e, passando ao *Castello de Penafiel*, ou *Aguiar do Souza*, hoje *Foz do Souza*, na margem direita do Douro, e paralello ao rio Souza, passava proximo á actual villa de Paredes; seguia pela Portella de S. Thomé de Cannas, Duas egrejas, Santo Adrião de Cannas, Castro de Villa Boa de Quires, actual aldeia de *Caniva* (corrupção de *Canavía*, que era contracção de *Tamacana-Via*) e, finalmente, ás thermas. Vide 2.º vol., pag. 80, col. 1.ª e seguintes.

Esta estrada, era a continuação da via militar romana, que de Lisboa conduzia a Braga, e é a que vae mencionada no principio da pagina 403, do 3.º volume, e devia passar por Thuías, ou suas proximidades.

Serviu de pedestal á pia baptismal da egreja de Thuías, a base de uma ára romana, cuja inscripção e sua traducção, dei na 1.ª columna de pag. 464, do 1.º volume.

O meu esclarecido amigo e mestre, o sr. Doutor José Joaquim da Silva Pereira Caldas, lente do lyceu de Braga, dá a mesma inscripção e a sua traducção, com algumas variantes. Segundo este distinctissimo archeologo, a inscripção é —

LARIBUS
CERENA-
ECIS. NIG-
ER. PROC.
V. L. I. F. V. L. S.

(*Laribus Cerenaecis, Niger, Proculi filius, votum libens solvit.* — Isto é — Nigro, filho de Proculo, cumpriu gostoso, o voto aos Deuses Lares Cerenécos).

—

Os *cerenécos*, eram visinhos dos *tamacanos*, povos que estanciavam entre a actual villa d'*Amarante* e *Entre Ambos os Rios*, na foz do Tâmega, d'onde tiraram o seu nome; porque os romanos chamavam *Tâmaca*, a este rio, em cujas margens tambem habitavam os cerenécos.

Houve n'esta freguezia, um antiquissimo mosteiro de conegos regrantes de Santo Agostinho (outros dizem que de eremitas do mesmo santo, e é mais provavel). Segundo alguns escriptores, foi fundado no tempo dos gôdos, e parece que os mouros deixaram aqui viver os frades, durante o seu dominio, mediante algum tributo — ou então, o mosteiro foi fundado já no tempo

do conde D. Henrique, ou no de seu filho D. Affonso Henriques.

O que é certo, e consta de documentos authenticos, é que, em 1165, D. Thereza Affonso, filha do conde D. Affonso, das Asturias, e segunda mulher, e viuva do famoso D. Egas Moniz (6.º vol., pag. 387, col. 1.ª) doou a este mosteiro, uma herdade que tinha em Thuías [1].

A condessa D. Urraca Viegas, filha de D. Thereza Affonso e de D. Egas Moniz, foi casada duas vezes — a 1.ª, com o conde D. Vasco Sanches de Barbosa, e a 2.ª, com Gonçalo Rodrigues Palmeira. Ficando segunda vez viuva, recolheu-se ao mosteiro benedictino de Tarouquella (actual concelho de Sinfães) onde se conservou até 1201. N'este anno, annullou a doação que sua mãe havia feito aos agostinianos, de Thuías, e, expulsando os frades, veio aqui fundar um mosteiro de freiras cistercienses, que era uma reforma da ordem benedictina. (Vide *Tarouquella*).

Na era de Cesar 1294 (1256 de Jesus Christo) a rainha Santa Mafalda, filha de D. Sancho I (vide *Arouca*) fez doação ao mosteiro de Thuías, de certos bens que alli possuia—diz a doação — «*Item mando Monasterio de Thuys quantam haereditatem habeo in Fornos, et in Canaveses, et in Casale de agro pleno*» [2].

[1] Não me foi possivel saber com exactidão, a data da fundação d'este mosteiro — até, pelo que se vae lêr no texto. D. Thereza Affonso, antes de dar, em 1165, esta herdade, aos agostinianos, já lhes tinha dado outra, para elles fundarem o mosteiro, aliás, não teria D. Urraca o direito de expulsar d'elle os religiosos. A ser assim — o que me parece mais provavel — a fundação do mosteiro, data do reinado de D. Affonso Henriques, ou, quando muito, do tempo do conde D. Henrique.

D. Urraca, era uma senhora riquissima, pois vemos d'ella muitas e valiosas doações a varios mosteiros, sendo a maior, a que fez ao mosteiro de Salzedas, em 1198.

Ficando viuva do seu 2.º marido, entregou-se à vida espiritual, e a obras de caridade, e morreu com fama de santa.

[2] *Agro pleno*, é a actual freguezia de Agro-Chão, no concelho de Vinhaes, em Traz os Montes.

Este mosteiro era sujeito aos bispos do Porto, pois que, de um documento existente no archivo do seu cabido, consta que, em 1297, o bispo D. Vicente, deu licença a *D. Berengueira* (ou Berengaria) *de Cardona*, para entrar no mosteiro de Thuías, como sua padroeira, por descender de D. Urraca Viegas.

D Flamula (ou Chamoa) Gomes, mulher de D. Rodrigo Forjaz, e bisneta de D. Urraca Viegas, deu o padroado d'este mosteiro, e do de Santa Clara do Torrão, aos bispos do Porto.

Em 1518, D. João III, fundou o mosteiro de freiras benedictinas da Ave Maria, da cidade do Porto, e querendo dotal-o de boas rendas, sem desfalcar o thesouro publico, requereu e obteve do papa Paulo III, licença para supprimir, em 1535, os mosteiros de freiras do Rio Tinto (Gondomar) Villa Cova, e Tarouquella, hindo as freiras que os habitavam, para o de S. Bento, do Porto, com todas as suas propriedades e rendas.

—

N'esta freguezia, teem os filhos do fallecido sr. Bernardo Pinto de Miranda Montenegro, da Boa-Vista, de Paiva, uma rica e grande quinta, tendo no centro um lindo palacete (dos mais antigos da provincia) com espaçosos salões, tectos de magnifica talha, adornado com o brazão d'armas dos Correias, de Farellães, familia antiga e nobilissima, como vimos no artigo Porto, quando tratei dos *Correias, da Rua-Chan*.

Contigua ao palacio, está uma bonita capella, da invocação de S. João Baptista.

A quinta é vastissima, não só em terras cultivadas, como em *bravios*. Tem alguns cedros seculares e frondosos carvalhos.

Os seus possuidores, foram os referidos Correias, da Rua-Chan, pelo casamento de Luiz Correia de Souza Montenegro, com D. Violante da Silva Góes, irman do padre Belchior de Góes, instituidor do vinculo d'esta quinta e sua capella, em 20 de julho de 1644.

Os ascendentes dos actuaes possuidores, foram —

1.º — *Miguel Correia Pinto Montenegro*,

filho de Miguel Correia Montenegro, da Rua-Chan, do Porto. Casou na quinta da Granja, em Sinfães, com D. Antonia d'Almeida, filha de Fernão Pereira, e de sua mulher, D. Antonia d'Almeida [1].

2.º — *Sebastião Correia Pereira*, fidalgo da casa real, casado com a filha e herdeira da casa de Novões, D. Maria de Barros e Souza, filha de Pedro de Souza e de sua mulher, D. Angela de Mesquita, senhor do morgado da Cunha.

3.º — *Luiz Correia de Souza Montenegro*, que casou com D. Violante da Silva Góes, e foram, como vimos, os primeiros administradores do vinculo da casa de Thuías, que para esta senhora instituira o padre Belchior de Góes.

Foram seus filhos —

João Correia de Souza Montenegro, como seus antepassados, fidalgo da casa real. Casou com D. Isabel da Silva Pereira de Vasconcellos, senhora da casa d'Alvarenga (vide *Torre d'Alvarenga*) que lh'a deu em dote, seu tio, Francisco Pereira de Vasconcellos, fidalgo da casa real, e capitão-mór d'Alvarenga e Cabril.

Antonio Gonçalo Correia de Souza Montenegro, que casou em Lisboa, com D. Victoria de Noronha e Napoles, irman de Dom Thomaz de Noronha e Napoles, o qual morreu sem descendencia legitima; passando os prazos e bens livres, para Ignacio Correia de Souza Montenegro, da casa do Taboado (Marco de Canavezes) e os vinculos, para D. Maria Isabel Pereira de Castro.

D. Luiza Josefa de Souza, que casou com Bento Pereira de Sotto-Maior e Menezes, da casa da Barbeita, e d'elles foi filha, D. Maria Isabel Pereira de Castro, que casou com Martinho José Pinto da Silva e Miranda, da casa da Boa-Vista, em Sobrado de Paiva.

Vide n'este volume, a pag. 412, col. 1.ª — *Casa da Boa-Vista*.

—

N'esta freguezia, ha uma nascente de aguas ferruginosas, que se applicam, com bons resultados, em algumas molestias.

—

D. João II, por carta regia, de 1491, confirma a seu filho bastardo, D. Jorge, duque de Coimbra, e tronco dos duques d'Aveiro, uma carta de *aceitamento* por elle feito, na qual se continha a *eleição e tomamento* que d'elle fizeram, para seu senhor, a villa e *beatria* [1] de Canavezes, o *couto de Thuyas*, as honras de Lourêdo, e Gallegos, Paços de Gaiôlo, Gontinge, e Santo Isidro. (Tudo em Canavezes, que foi da comarca de Soalhães). *Livro 2.º dos Misticos*, da Torre do Tombo, fl. 88.

TIARA — É o nome que se dá ao barrete de fórma oval que o papa leva nas occasiões mais solemnes. É rodeado de trez coroas adornadas de pedras preciosas, e termina n'um globo que serve de pedestal a uma cruz. Em lithurgia a tiara chama-se commumente *regnum*, ou melhor diadema, (triplice diadema). Ao principio não levava senão uma coroa; Bonifacio VIII fez collocar outra em 1294: Bento XII, e, segundo alguns authores, Urbano V, accrescentou a terceira. Para as funcções de ordem, o papa serve-se da mitra como os simples bispos. As chaves symbolisam o poder do summo pontifice, segundo aquellas palavras do Salvador: «Dar-te-hei as chaves do reino dos céos, etc.» Ordinariamente representam-nas cruzadas debaixo da tiara, e servem de sustentaculo do papa. Quando o papa fallece representam-se as suas armas com a tiara; porém, sem as chaves, symbolo principal da sua jurisdicção. O papa é doutor, pontifice e rei. Estas trez prerogativas estão symbolisadas pelas trez coroas.

TIBÃES — famoso mosteiro de monges benedictinos, Minho, na freguezia de *Mire de Tibães*, concelho e 6 kilometros ao N. de Braga.

[1] É hoje senhor da casa da Granja, o sr. D. Pedro da Silva Cerveira Montenegro de Bourbon. (Vol. 3.º, pag. 319, col. 2.ª)

[1] *Beatria, Beetria*, ou *Behetria*, significa povo livre, que podia escolher senhor, todas as vezes que quizesse.

As beetrias datam do tempo do conde D. Henrique, e talvez do tempo dos godos. (Vide a *Memoria*, de José Anastacio de Figueiredo, nas *Memorias da Academia Real das Sciencias*, tomo 1.º, fl. 98.)

No tempo em que a cidade de Braga era côrte dos reis suevos, e reinava Theodomiro (562) o qual tinha por seu capellão, São Martinho de Dume, lhe pediu este licença para fundar em Tibães, um mosteiro de monges benedictinos, ao pé da serra de São Gens (nome que tomou, d'uma ermida d'este santo, que está no alto da serra). O rei, gostosamente lhe concedeu a licença pedida, e logo se principiou a fundação [1].

Entre os logares de *Sobrado* e *Mire*, visinhos do rio Cávado, tinha Theodomiro uma *villa* ou casa de campo, com um palacio, do qual ainda restam tenues vestigios.

Perto d'este palacio, havia então um monte sobranceiro ao Cávado, sitio retirado e solitario, que o santo escolheu para a fundação.

O rei tratou logo de dar principio às obras, e quiz que o mosteiro fosse dedicado a S. Martinho Turonense, o que se cumpriu.

Morto Theodomiro (570) lhe succedeu seu filho, Adriano, que doou a este mosteiro, logo no 1.º anno do seu reinado, varias propriedades, e entre ellas «*uma matta ou deveza, de arvores que vieram do Alemtejo e nunca perdem a folha.*» Provavelmente sobreiros.

Ignora-se se os mouros destruiram este mosteiro, em 716, ou se o deixaram continuar, mediante algum tributo, como praticaram com outros muitos da Peninsula. Esta ultima hypothese é mais provavel.

O que é certo, é que o primittivo mosteiro era pequeno, e que, ou por ter sido destruido pelos mouros, ou por estar velho — pois tinha 518 annos de edade — Dom Payo Guterres da Silva, o reedificou e ampliou, em 1080.

Em 1110, o conde D. Henrique, e sua mulher, a rainha D. Thereza, coutaram o mosteiro e a sua cêrca.

Em 1135, o principe (depois rei) Dom Affonso Henriques, confirmou o *encoutamento*, reunindo-lhe o logar de *Donim*, junto ao rio Ave. (Hoje a freguezia do Salvador de Donim, no concelho de Guimarães).

Em S. Payo de Merelim (a 4 kilometros de distancia) tambem houve um mosteiro de monges benedictinos, que se annexou ao de Tibães, no seculo XI ou XII.

—

Entre os annos 1534 e 1550, foi abbade d'este mosteiro, frei Antonio de Sá, que lhe fez grandes reparações, e construiu um dormitorio novo, e varias officinas; mas, no decurso de 454 annos (entre 1080 e 1534) tinha soffrido o mosteiro varias reparações.

Pelos annos de 1640, tambem se fizeram algumas obras n'este mosteiro.

Foram monges de Tibães, alguns martyres, arcebispos de Braga, e muitos religiosos de grande sabedoria e virtudes, principiando pelo seu fundador, que foi o 1.º (e unico) bispo de Dume, Vide *Dume*.

Foram abbades de Tibães, homens de grande representação; entre elles, D. Jorge da Costa, o famoso *cardeal d'Alpedrinha*; Fernão Lopes; e Ruy de Pina — ambos chronistas-móres do reino.

Ainda que o convento não fosse muito rico, tinha rendas sufficientes para as despezas do culto divino, vestidos e sustento dos monges e seus numerosos familiares.

Os abbades de Tibães, eram senhores do couto (que tinha 10 ou 11 kilometros de circumferencia) e seus capitães-móres, coudeis-móres, ouvidores, e repartidores das armas. Nomeavam os juizes ordinarios tanto do civel como do crime; decidiam as appellações nas causas civeis; e nomeavam o capitão das ordenanças, bem como todas as mais auctoridades e empregados do couto.

Tinha o privilegio de ser casa capitular, e cabeça da sua ordem, em Portugal, isto,

[1] Alguns escriptores dizem que o fundador d'este mosteiro, foi D. Paio Guterres da Silva, governador (*adiantado*) de Braga, por D. Affonso VI, de Leão e Castella, e avô de D. Affonso Henriques. É erro. Dom Payo não foi o fundador, mas o restaurador do mosteiro de Tibães, pelos annos de 1080.

No texto, sigo a opinião de frei Leão de S. Thomaz, chronista da ordem S. Bento, e auctor da *Benedictina Lusitana*, obra digna de todo o credito.

Na parede do claustro da egreja velha, estava uma lapide, que dizia — ERA D C. (600) — isto é — anno 562 de Jesus Christo.

desde a regencia do cardeal D. Henrique, na menoridade do rei D. Sebastião, por bulla do papa Pio V, de 22 de julho de 1569, em cumprimento do qual, foi a ordem de S. Bento reformada, e todos os seus mosteiros, em Portugal, unidos em congregação, sob o governo de um prelado, com honras episcopaes, intitulado *dom abbade geral.*

—

O rei D. Manoel, deu forál ao couto de Tibães, em Lisboa, a 4 de setembro de 1517. (*Livro de foraes novos do Minho,* fim, 143 col. 1.ª)

O edificio do mosteiro, foi vendido pelos liberaes a Antonio de Moura Monteiro. A cêrca, foi tambem vendida pelos mesmos, a Antonio José Antunes Reis, e é hoje dos seus herdeiros — e a outros compradores.

A capella de S. Bento, que estava na cêrca, foi vendida a Sebastião d'Almeida, da cidade de Lisbôa, em junho de 1875. Pouco antes, tinha sido vendida a capella do coristado, do mesmo mosteiro.

—

A cêrca do mosteiro de Tibães divide-se em duas partes distinctas — duas grandes propriedades, a maior parte bravío.

Da primeira cêrca, em frente do mosteiro, isolada do que circumda o convento e para o lado do sul, foi seu primeiro possuidor, depois dos frades, o dr. Antonio Vieira de Araujo, e é hoje propriedade de uma sua filha casada com o commendador Manoel Joaquim Marques Murta, actualmente secretario geral do governo civil de Braga.

Consta-nos que esta parte foi vendida por uns dois contos de réis, pouco depois de expulsos os frades.

O terreno d'esta cêrca, é frio e barrento, mas produz muito azeite e bastante vinho.

Alem do terreno lavradio tem uma grande matta, e toda esta propriedade é circumdada por altos muros, que mais custaram que ao primeiro possuidor o terreno.

O seu valor actual póde calcular-se de 8 a 10 contos de réis.

A outra cêrca, de quasi egual grandeza, foi comprada, menos alguns ares de terreno, pelo fallecido Antonio Ignacio Marques, que foi 1.º official do governo civil de Braga.

Esta propriedade foi ainda comprada por menos que a primeira.

Resta o grande convento que está a cahir em ruinas.

Uma pequena parte com um campo que contém alguns áres de terreno, foi concedido pelo governo para residencia e quintal do abbade e o mosteiro ficou para egreja da freguezia. O interior do templo está muito bem conservado, mas o exterior parece-me que ainda não foi caiado depois da expulsão dos frades.

O resto do convento, com uma grande porção de terreno, foi vendido haverá 5 annos por pouco mais de um conto de réis ao filho do fallecido Antonio Ignacio Marques, que é hoje o actual pussuidor d'esta parte e da que já possuia seu pae. [1]

A quinta da Clausúra, na qual está o edificio do mosteiro, foi vendida pelos liberaes — pouco depois de expulsos os frades — a José Antonio da Silva Reis, de Braga, e tem sido possuida successivamente, pelos mesmos individuos acima mencionados.

A *quinta da Eira,* é hoje de Justino Marques Murta, bem como outra mais pequena, chamada *da Almieira.*

A quinta do Assento, é hoje de D. Julia Vieira.

Estas trez quintas, foram compradas pouco depois de 1834, pelo doutor Vieira Araujo.

O Monte de S. Gens, que é na rectaguarda da quinta da Clausura, e era pertença do convento, foi vendido em lotes, a varios individuos.

Fóra d'estas cêrcas ha grandes montados a ellas pertencentes, como o é quasi todo o monte de S. Gens.

O interior do convento está a cahir em ruinas. Aquelles vastos corredores desertos, infundem pavor. Ha apenas algumas cellas que teem sido reparadas, para servirem d'aposento ao seu proprietario actual, o com-

[1] A maior parte do edificio do mosteiro, foi vendido pelos liberaes, a Antonio de Moura Monteiro, de Braga, e passou depois, por herança, ao dito Antonio Ignacio Marques, e é hoje de seu filho, José Antonio Vieira Marques.

mendador José Antonio Marques e sua familia.

Este senhor tem excellentes qualidades moraes. Possue uma boa fortuna e é elle quem no proprio albergue procura os pobres para os soccorrer. Casou com uma menina extremamente pobre, mas de subidas virtudes.

Da venda do convento e cêrca de Tibães o governo não chegou a receber a 6.ª parte do seu valor, porquanto aquellas propriedades, hoje mais mal cultivadas que no tempo dos frades ainda assim poderão valer uns 20 contos de reis.

Ainda existe uma outra quinta, pertencente aos frades, na proxima freguezia de Parada, propriedade importante que pertence hoje a Francisco Ferreira Carmo, e assim um campo com uma casa de recreio, especie de mirante, na freguezia da Graça, propriedade situada á margem do Cávado.

Eram muitos os fóros que os lavradores das freguezias circumvizinhas pagavam ao convento, porque o Couto de Tibães estendia-se n uma grande área.

Esses fóros têem sido ultimamente mandados arrematar pelo governo, mas ainda o não foram todos.

—

Alguns lavradores teem sido ultimamente obrigados a pagar fóros em atrazo desde o tempo dos frades, e maldizem o governo.

Julgavam ter tambem o seu quinhão e que com a expulsão dos frades nem pagariam fóros nem disimos.

Mas o leão recebe os quatro quinhões e manda por cima esfolar o lobo, que é o povo, para se aquecer com a pelle.

Tinham mais os frades de Tibães dois hospicios em Braga.

O 1.º é um magnifico palacete no Campo da Vinha—hoje chamado, de D. Luiz 1.º

Este palacete faz esquina para a rua do Carmo. Foi vendido tambem ao dr. Antonio Correia de Araujo, por um conto de réis. Mais que esta quantia vale o tecto da sala de visitas, todo de pau preto, com primorosos rendilhados. Esta casa, com um bom quintal, vale actualmente 10 a 12 contos de réis e é propriedade de D. Julia Correia d'Araujo.

O outro hospicio, em uma casa mais acanhada, sita no campo das Carvalheiras, esquina da rua de S. Miguel o Anjo, é onde actualmente está um hotel.

Tem um grande campo, e extensas latadas que produzem bastante vinho.

Esta propriedade foi vendida por 600$000 réis e vale hoje o decuplo.

Não sei quem foi o 1.º comprador; hoje pertence a Francisco José Ferreira, dono do hotel e marchante.

Fôra da cêrca, ainda os frades possuiam muitas terras lavradias, que tudo foi vendido (mais dado que vendido.) Uma d'estas propriedades, é uma grande quinta, proxima do mosteiro, que não sei quem hoje está possuindo.

Agradeço ao meu esclarecido amigo, o sr. João Marques Soares de Azevedo, as curiosas informações que me deu, com respeito ao destino que levou o mosteiro de Tibães, e suas dependencias.

TIBÁU — Antes do terramoto do 1.º de novembro de 1755, existiu em Lisboa, um bêcco com este nome, proximo ao convento dos Gracianos. Deu-lh'o Gaspar Theobaldo (por contracção — *Tibáu)* o qual em umas casas n'este bêcco, instituiu, em 1563, um vinculo. Era fidalgo da casa real. Os Tibaus, trazem por armas — em campo de púrpura, uma arvore verde, perfilada d'ouro, com raizes de prata, entre dous leões, d'ouro, trepantes. Timbre, um dos leões do escudo, com um ramo da arvore na garra direita.

No corpo da egreja da Graça, está a sepultura de Antonio Tibau — O brazão d'armas d'este Tibau, é differente — no escudo, uma banda, carregada de trez estrellas de 8 pontas, entre duas letras YY, nos cantos do escudo.

Na capella de Santa Anna e S. Joaquim, do referido mosteiro da Graça, estava a sepultura de Affonso Martins Tibau, fidalgo da casa real, e dos seus descendentes.

TIMBRE — É uma figura de homem, mulher, leão, aguía, serpente etc., que assenta sobre o êlmo, ou sobre o escudo das armas.

Diz-se que o uso do timbre, foi introduzi-

do por Protheu, rei do Egypto, que o usou nos êlmós, morriões, escudos, etc.

Timbre, deriva-se do latim *à timore*, ou *à tremore* — temor, ou tremor — porque com as horrendas figuras dos timbres, julgavam causar mêdo aos inimigos.

O timbre, é de maior excellencia, e denota maior nobreza do que o brazão d'armas. Ao escudo sem timbre, se chama *escudo razo.*

O timbre dos egypcios, era um crocodilo; o dos athenienses uma coruja; dos thracios a figura de um morto; dos celtas uma espada; dos sicambros uma cabeça de boi; dos cartaginezes uma cabeça de cavallo; dos primeiros francos um leão; dos godos um urso; dos druidas umas chaves. As insignias romanas variaram muito, representando successivamente, uma aguia, uma loba, um dragão, um touro e um javali. Estas insignias eram pela maior parte, uma figura em relevo, no alto de uma lança, e isto substituia o verdadeiro estandarte nacional.

O timbre das armas de Portugal, é uma sérpe alada, ou dragão.

TINALHAS — freguezia, Beira Baixa, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e 18 kilometros de Castello-Branco (era da mesma comarca, mas do concelho de S. Vicente da Beira, e, em março de 1877, passou para o concelho de Castello-Branco.) 70 kilometros da Guarda, 18 d'Alpedrinha, 240 ao E. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1768, tinha 169.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

O armeiro-mór, e o vigario de S. Vicente da Beira, apresentavam alternativamente o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

A freguezia de Ninho do Açor, esteve muitos annos annexa a esta.

É terra pobre, por causa da sua pouca fertilidade. Gado e caça.

—

Em 23 de fevereiro de 1734, nasceu em Tinalhas, Estevão Dias Cabral, filho legitimo, de Theodoro Faustino Dias, e de D. Maria Cabral de Pina.

Na sua aldeia estudou primeiras lettras e elementos de grammatica latina.

No edade de 14 annos, foi para Coimbra, estudar com os jesuitas, o curso de Humanidades, no *Collegio das Artes.* Entrando para a Companhia de Jesus, em 1751. Mas deu-se com afinco ao estudo das mathematicas.

Principiára o marquez do Pombal com a obra da extincção da Companhia de Jesus, para deitar as garras ás suas grandes riquezas. Successivamente expulsos do Paço, prohibidos de confessar e prégar, foram afinal desnaturalisados, proscriptos e exterminados pela absurda, impia e despotica lei, de 3 de setembro de 1759.

Permittiu-se porém a residencia em Portugal, aos que ainda não tivessem ordens de presbytero. Seu pae veio a Coimbra, e instou o padre Estevam, para voltar a casa, a gozar das suas avultadas riquezas; ao que o novél jesuita se recusou, preferindo hir para Roma, na companhia dos que poderam escapar á morte. Em Roma, continuou com o estudo das mathematicas, seu emprego predilecto.

Depois, foi nomeado pelo papa Clemente XIV (o famoso Ganganelli) mestre do *Collegio Romano*, e n'esta qualidade, publicou compendios de algebra e geometria, extrahidos, em grande parte, das obras de Euclides. Foram compendios justamente estimados, e que tiveram varias edições.

Depois de se ter distinguido em Roma, pela sua sciencia, regressou, ao cabo de 30 annos de desterro, a Portugal, aportando a Lisbôa, em agosto de 1788, correndo logo a Tinalhas, para abraçar seus tios, primos e sobrinhos. Seu páe tinha fallecido havia 4 mezes. [1]

Em março de 1789, foi chamado a Lisboa, por ordem de D. Maria 1.ª, e o viscon-

[1] Seu pae, ficando viuvo, antes do filho hir para Roma, se tinha ordenado de presbytero. Em uma lapide, embutida na parede da capella do Santissimo Sacramento da egreja matriz de Tinalhas, se lê — JAZ N'ESTA CAPELLA, THEODORO FAUSTINO DIAS, FALLECIDO A 25 DE MARÇO DE 1788, VIUVO, PRESBYTERO, O QUAL, EXCEPTO AS PAREDES NUAS, ERIGIDAS PELOS SEUS MAIORES, EM 1576, TUDO O MAIS, EDIFICOU, RESTAUROU E ORNOU, EM 1783.

de de Villa Nova da Cerveira, o encarregou do estudo das margens do Tejo, e do modo porque se podiam evitar os damnos que ellas soffriam com as enchentes do rio.

O padre Estevam, havia estudado a fundo a hydraulica, em Roma, e feito aturados estudos sobre a *Cascata de Velino*, nos pantanos de Rieti e nas *Lagôas Pontinas*, e dado o seu parecer sobre o saneamento d'estes marneis, em uma *Memoria*, que mereceu a approvação geral dos sabios de Roma.

Percorreu mais de 15 leguas, e apresentou o competente relatorio (tanto sobre os estudos que havia feito no Tejo, como no *Paúl d'Olta*) na Academia Real das Sciencias de Lisboa, da qual foi um dos primeiros socios. O seu relatorio, ou *Memoria*, como então se dizia, foi devidamente apreciado, dando muita honra ao seu auctor.

Por avizo do secretario d'estado, José de Seabra da Silva, de 14 de junho de 1790, foi ordenado ao padre Estevam, que fosse fazer no Mondego os mesmos estudos que havia feito no Tejo.

Estes estudos já tinham sido feitos pelo tenente general, *Guilherme Luiz Antonio Valleré*, em 1781; e por *Domingos Vandelli*. Antes d'estes engenheiros hydraulicos, já (estando prezo nos carceres da Junqueira, por ordem do marquez de Pombal) o famoso *Bento de Moura Portugal*, se tinha occupado d'este importantissimo assumpto; mas nenhum dos planos d'estes trez individuos, tinha sido approvado.

O padre Estevam, cumpriu esta ordem, e na sessão da Academia, de 14 de dezembro de 1790, leu a sua *Memoria sobre os damnos do Mondego, no Campo de Coimbra, e seu remedio.*

O seu plano foi approvado, e mandado executar, por alvará de 22 de março de 1791; mas, no fim de nove annos de trabalhos e de gastarem muitas dezenas de contos de réis, suspenderam-se as obras, e perdeu-se o tempo e o dinheiro empregado. As aguas estagnadas, continuam a produzir enfermidades gravissimas, que vão despovoando parte das margens do Mondego, que a areia invade e esteriliza.

Ainda em 1790, foi encarregado de examinar o projecto de *Reynaldo Oudinot*, sobre a barra do Porto. Em 1791, examinou a barra d'Aveiro. Em 1795, examinou as aguas da Barroca d'Alva, Rilvas, etc.

De tudo deu satisfatoria conta; mas, infelizmente, tudo ficou como estava.

Por ordem do ministro das obras publicas, escreveu um *Tratado de Agrimensura*, que foi impresso.

Finalmente, este sabio tão notavel, como injustamente desconhecido, depois de gastar os 77 annos da sua vida em serviço da sua patria, falleceu na villa de S. Vicente da Beira, no 1.º de fevereiro de 1811, sendo o seu cadaver levado para Tinalhas, e sepultado no jazigo dos seus maiores.

Em 10 de outubro de 1870, foi feito visconde de Tinalhas, o sr. José Coutinho Barriga da Silveira Castro e Camara.

TINHELLA — pequeno rio, Traz-os-Montes, que passa proximo, ao N., d'Alfarella de Jalles, e entra na direita do Tua, proximo a Carlão. (Vide o 2.º *Cidadêlhe*, e, sobre tudo, *Penêdo d'Alfarella.*)

TINHELLA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Valle Paços (foi da comarca de Chaves, extincto concelho de Monforte do Rio Livre) 80 kilometros de Miranda, 455 ao N. de Lisboa, 175 fogos.

Em 1768, tinha 35.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Bragança, districto administrativo de Villa Real.

A mitra apresentava o vigario, que tinha 20$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Passa por esta freguezia, o rio do seu nome. É povoação antiquissima, e já existia no tempo dos romanos. Entre a povoação de Tinhella e a de Agrodella, se achou no principio do seculo passado, uma fonte, de abobada, com seus corredores de pedra la-

vrada, obra evidentemente romana, com a seguinte inscripção (que não entendo).

Ↄ SERMACELES. B. F. D.

D. Affonso 3.º lhe deu foral, em dezembro de 1257. N'elle lhe dá o nome de *Tinela*. *(Livro 2.º de Doações de D. Affonso 3.º folhas 20, verso)*.

É terra de clima excessivo, e pouco fertil, mas saudavel. Produz cereaes, vinho, linho, legumes e algumas fructas. Cria bastante gado de toda a qualidade, e é abundante de caça.

Fica perto da raia.

Em 27 de junho de 1877, pelas 3 horas da tarde, pairou sobre esta freguezia, uma horrorosa trovoada, que em menos de uma hora reduziu á mais atroz miseria os seus habitantes, exclusivamente lavradores.

A pedra (saraiva) era de tamanho nunca visto aqui, destruindo completamente a vegetação. Uvas, centeios, trigos, milhos, linhos, tudo desappareceu!

Os telhados e mesmo algumas casas, soffreram horrivelmente, e as poucas vidraças que havia aqui, desappareceram em um instante.

As pessoas mais velhas da freguezia, não se lembram de uma trovoada tão desastrosa.

TINTINOLHO — Vide *Guarda, cidade*.

TIOZÊLLO — Vide *Tuizêllo*.

TÓ — Vide *Thó*.

TOCHA — Vide *Quintan e Tocha*.

TÕES — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho d'Armamar (foi do concelho d'Armamar, comarca de Lamego — d'onde dista 15 kilometros) 335 kilometros ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1724, tinha 52.

Orago, Santa Senhorinha, virgem e martyr.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O reitor d'Armamar apresentava o cura, que tinha 50$000 réis de rendimento annual.

(Não acho esta freguezia no *Portugal Sacro*.)

Tem trez ermidas — Nossa Senhora da Guia, e Santo Antonio, que são publicas — e Nossa Senhora da Graça, que é particular.

É povoação muito antiga.

Em 1399, confirma D. João 1.º o *«instrumento de Permudaçom* (troca) *pelo qual o Mosteiro de S. João de Tarouca, dava a Gonçalo Vasques Coutinho, e a sua mulher, Leonor Gonçalvez, todas as Granjas, casaes, casas, vinhas, conchosos, exidos, logares, fóros, direitos, direituras,*[1] *medições, serviços, trabutos, colheitas* (aposentadorias) *que tinha em Trancoso e seu termo; recebendo todos os Direitos Reaes, que o dito Gonçalo Vasquez, tinha, e recebia do Mosteiro, em* TERRA DE HERMANAR, e TOENS. (Doc. de Tarouca.)

—

A esta freguezia se retirou, em 1834, depois *de ter entregado aos liberaes, antes do fim da guerra civil*, o tenente general reformado, Gaspar Teixeira de Magalhães e Lacerda, 1.º visconde do Peso da Regua. (vol. 6.º, pag. 700, col. 1.ª) Esquecido — e mesmo desprezado — por liberaes e realistas, pois que para ambos os partidos tinha perdido a confiança, aqui falleceu, sendo enterrado na egreja d'esta freguezia.

Gaspar Teixeira, era tenente general, feito pelo governo liberal (durante a regencia da infanta D. Isabel Maria, *e sendo ministro da guerra, o general Saldanha)* em 28 de dezembro de 1826. Foi do conselho de S. M., 5.º senhor do mórgado de Celleirós e da casa da Calçada, em Villa Real, de Traz-os-Montes; commendador das ordens de Christo e Torre Espada; condecorado com a cruz da guerra peninsular.

Tinha nascido a 21 de julho de 1763, e casado, a 3 de julho de 1795, com D. Maria Antonia de Souza e Silva Alcoforado e Lencastre, filha e herdeira dos primeiros barões de Villa-Pouca, e fallecida a 15 de março de 1807.

Este titulo não foi renovado.

Gaspar Teixeira, teve 5 filhas e dous filhos — foram — D. Maria do Carmo, D. Emilia Delfina, D. Marianna, D. Maria Izabel, e D.

[1] *Direituras*, eram pensões miudas, a que hoje se dá o nome de *foragens*, ou *miunças*.

Guilhermina — Rodrigo, que foi barão de Villa Pouca, e Antonio, que foi official de cavallaria, e coronel das milicias de Lamego. Todos já fallecidos.

O ultimo — Antonio — nasceu a 15 de março de 1807, e falleceu ha poucos mezes. Casou, em 14 de outubro de 1829, com D. Maria dos Prazeres de Carvalho Rebello de Menezes, sua sobrinha, nascida a 5 de janeiro de 1816, e ainda vive. Era filha unica e herdeira, de Manoel de Carvalho Rebello de Menezes, e de D. Maria do Carmo de Souza e Lencastre. Foi senhora do mórgado e casa do Pôço, de Lamego.

Antonio Teixeira de Carvalho (*o fidalgo do Pôço*) e sua mulher, a dita D. Maria dos Prazeres, tiveram trez filhos :

1.º *D. Maria*, nascida a 22 de setembro de 1830.

2.º *Manoel*, nascido a 22 de março de 1833.

3.º *Antonio*, nascido a 26 de julho de 1836.

São ambos bachareis em direito — o 1.º advogado no Porto ; e o 2.º em Lisboa.

—

É n'esta freguezia a boa quinta da *Lama Redonda*, do sr. dr. Antonio Carlos de Magalhães Mendonça Pimentel, actual recebedor da comarca de S. João da Pesqueira, e um dos cavalheiros mais respeitaveis d'estas terras, pela sua inteligencia e optimas qualidades.

TOJADOS — logar, Minho, junto á *Ponte do Prado.* Passava por aqui a via militar mandanda construir pelo imperador Vespasiano (*a Geira.*) De *Tojados* seguia por Freiriz, Portella e outras povoações, até Ponte do Lima, Coura (concelho) Chaves, etc.

No seculo passado se acharam em Tojadas, dous marcos milliares dos romanos, com estas inscripções :

1.ª

D. N.
MAGNO
MACENTIO
... IR. IMPERATORI
AUG.
P. T. C.
B. N. R. P. N.
XXXI.

(A nosso senhor Magno Macencio, irmão do imperador Augusto, nascido para beneficio da republica.)

2.º

MAG.
FILIO.
THEC....
NEPOS.

Não sei o que quer dizer.

TOJAL — freguezia, Extremadura, concelho dos Olivaes, comarca, districto administrativo, patriarchado, e 17 kilometros a NE. de Lisboa.

Orago, Santo Antão.[1] 230 fogos.

Em 1768, tinha 300.

Foi, até 1834, um priorado unido á mitra, e rendia para esta 1:600$000 réis.

Apresentava o parocho (que primeiro foi vigario e depois prior) o qual tinha, dos dizimos e miunças, 150$000 réis, tendo outro tanto rendimento dous beneficiados, fóra o pé d'altar.

A mitra lhe dava de congrua, 120 alqueires de trigo, 60 de cevada, uma pipa de vinho, 6 cantaros d'azeite, 120 alqueires de sal e 50$000 réis em dinheiro. Era, pois, um dos mais rendosos beneficios ruraes, do patriarchado.

Era collegiada, com 18 empregados — 9 sacerdotes, incluindo o parocho e os dous beneficiados — os outros 9, eram, sachristão, musicos, sineiro, etc.

—

É povoação muito antiga, e não se sabe quando foi fundada.

Situada em uma planicie, mas cercada de montes pouco elevados, que lhe limitam o horisonte, e os bastos olivaes que abundam aqui, dão-lhe um aspecto monotono e triste ; todavia, dá-lhe bastante animação o rio de Sacavem, que recebendo as marés do Tejo, tem aqui um porto, frequentado outróra por grandes *fragatas*, e até hiates de mais de 120 toneladas.

[1] Na sua origem — e ainda em 1729, se denominava esta freguezia, *Santo Antão do logar de Santo Antonio.* O povo d'aqui ainda dá á parochia a denominação de *Santo Antonio do Tojal.*

Actualmente, por estar o rio obstruido com lodo, apenas é percorrido por bateis, e barcos de fundo chato, e isto, sómente com marés cheias.

A egreja matriz, é antiquissima, mas não se sabe quando ou por quem foi construida: o que se sabe é que já existia no reinado de D. Diniz (1279-1325) e que n'este tempo já era parochia do padroado da mitra de Lisboa, que tinha uma quinta ao pé da egreja[1].

Esta, é um templo regular e magnifico, e dos melhores dos arrabaldes de Lisboa. Se não foram os prelados de Lisboa que o construiram, certamente o reedificaram, porque as armas dos differentes arcebispos e patriarchas, se veem esculpidas em varias partes. É porem mais que provavel, que fossem elles que o fundaram.

Em 1554, D. Fernando de Vasconcellos e Menezes, 11.º arcebispo de Lisboa (4.º vol., pag. 274, col. 1.ª) estando a antiga egreja matriz bastante arruinada, por velha, e sendo pequena a reedificou. Pelo mesmo tempo, na velha *quinta de Pero Viegas*, construiu o palacio e jardim que ainda existem para residencia de verão dos prelados lisbonenses.

Em 1730, D. Thomaz d'Almeida, primeiro patriarcha de Lisboa (vol. 4.º, pag. 276, col. 1.ª) reconstruiu a egreja, ampliando-a, e adornando-lhe o frontespicio com trez estatuas de santos, feitas em Italia, de bello marmore de Carrara; enriquecendo os altares de primorosa talha dourada, e dando á egreja custosos paramentos e alfaias.

Por essa occasião é que mudou o titulo do parocho, que era vigario, no de prior, e instituiu a collegiada, com dous beneficiados e 14 capellães cantores; ficando, alem disso, esta egreja com 4 irmandades, e 4 confrarias.

O palacio foi tambem muito augmentado e enobrecido, ornando-o interiormente com ricos paineis a oleo, damascos, pannos de Arraz, porcellanas da China e do Japão, etc. — O jardim foi tambem augmentado e adornado com estatuas de marmore e dous viveiros para aves.

Sendo a povoação falta d'agua potavel, o mesmo D. Thomaz d'Almeida, e pelo mesmo tempo, a abasteceu d'agua mandando construir para isso um grande aqueducto, sobre arcaria, e mandando fazer alguns chafarizes. A agua vem de Fanhões.

Ermidas publicas

Espirito Santo — é muito antiga e foi albergaria. Sendo uma grande parte dos seus rendimentos... *desencaminhados*, esteve abandonada. Hoje está entregue á junta de parochia, que administra os poucos rendimentos que escaparam.

S. Roque — fundada em 1568. É muito visitada dos devotos, porque, segundo a lenda, a imagem do santo appareceu aqui milagrosamente. É templo acceiado, muito bem conservado, e n'elle se admiram excellentes quadros a oleo. Está edificada sobre a estrada que vae para Via-Longa, e junto á ponte do *ribeiro das Gallinhas*.

Alem d'estas ermidas, ha as de *Nossa Senhora do Monte do Carmo* e *Nossa Senhora da Apresentação*, em quintas particulares.

Quintas

Ha n'esta freguezia muitas e boas quintas, sendo as principaes — *a da Mitra*, em que já fallei — *a da Alamêda* — *a De-Baixo* (ou *Guarda-resposta*) — *a da Farinheira* — *a de Carrapoches* — *a do Pinto* — *a da Bôcca* — *a da Conceição* — *a do Paço da Horta* — *a Quinta Nova* — *a Quinta Velha* — e *a do Rocio*.

Rios, ou ribeiras

Rio de Pintéus, ou *das Caniceiras*; que nasce em Fanhões. Atravessa toda a freguezia, e vae entrar no rio de Sacavem. As suas enchentes causam grandes prejuizos nas margens.

O *ribeiro das Gallinhas*.

A *ribeira do Lago*, povoada de lindos arvoredos, traz bastante peixe, e a sua agua serve de motor a varias azenhas e lagares.

[1] O bispo de Lisboa, D. Domingos Jardo, no testamento que fez em 19 de dezembro de 1291, falla já d'esta propriedade, denominando-a *Quinta de Pero Viegas*; provavelmente era este o nome do seu fundador ou antigo possuidor. (Vide 4.º vol., pag. 269, col. 2.ª)

—

Perto da povoação do Tojal, está a excellente fabrica de papel, fundada pelo fallecido conde do Tojal. Vide *Abelheira*.

Condes do Tojal

João Gualberto d'Oliveira, nasceu em 12 de julho de 1788, e falleceu em 10 de fevereiro de 1852. Era do conselho de sua magestado, secretario d'estado honorario, deputado ás cortes em 1836 e 1837, e ministro da fazenda n'este ultimo anno. Foi feito 1.° barão do Tojal, em 4 de abril de 1838, e conde do mesmo titulo, a 14 de setembro de 1844.

Era filho do doutor João Francisco d'Oliveira, fidalgo da casa real, commendador da ordem de Christo, medico da real camara, physico-mór do exercito e deputado ás cortes de 1822 — e de sua mulher, D. Maria Joaquina Farto, filha de João Dias Farto.

Felix d'Avellar Brotero

Nasceu este famoso naturalista, na freguezia de Santo Antão do Tojal, a 25 de novembro de 1744. Adoptou o estado ecclesiastico, e foi nomeado, por concurso, capellão-cantor, da Sé patriarchal.

Perseguido pela Inquisição, fugiu para a França, na companhia do celebre Francisco Manoel do Nascimento (o *Felinto Elysio* da Arcadia) abandonando ambos a patria, em 4 de julho de 1778.

No exilio, entregou-se ao estudo das sciencias naturaes, e graduou-se em medicina, na Universidade de Reims. Dedicando-se á botanica, escreveu um compendio que lhe deu grande fama, tornando-o conhecido em toda a Europa.

O governo portuguez, attendendo á grande fama que Brotero gozava no estrangeiro, o convidou para lente de botanica na Universidade de Coimbra, logar que acceitou, sendo jubilado em 1811, e nomeado director do museu e jardim botanico da Ajuda.

Falleceu em Lisboa, a 5 d'agosto de 1828.

As suas principaes obras são — *Compendio de botanica*, e *Flora Lusitana*.

Foi um dos mais illustres botanicos do seculo XIX, e os seus livros gozam de geral estimação entre os naturalistas.

TOJAL (ou **TOJALINHO**) — freguezia, Extremadura, concelho dos Olivaes, comarca, districto administrativo, patriarchado e 18 kilometros ao N. de Lisboa, 320 fogos.

Em 1768, tinha 173.

Orago, S. Julião.

O prior do mosteiro de S. Vicente de Fôra, de Lisboa, apresentava o cura, que tinha 60 alqueires de trigo, uma pipa de vinho, 5 cantaros d'azeite, e 10$000 réis em dinheiro.

Situada em um valle, entre as serras de Unhos e a de Fanhões, é regada pelo rio Trancão, cuja agua serve de motor a muitas azenhas e lagares.

Segundo a tradição, esta aldeia foi fundada por um mouro cognominado *Monte Florido*.

D. Affonso Henriques, deu esta freguezia aos frades de S. Vicente de Fóra, em 1148.

Está esta freguezia sobre a estrada de Loures a Via-Longa, e a egual distancia d'estas duas povoações.

Os seus habitantes — como os da freguezia antecedente — pertencem á raça *salôia*. (Vide *Salô:o.*)

A egreja matriz, em fórma de cruz, é de architectura simples, mas está muito bem conservada. Foi mandada construir pelos religiosos do mosteiro de S. Vicente de Fóra, que, por isso, ficaram sendo seus padroeiros, até 1834. Não se sabe a data da fundação, mas suppõe-se, com bons fundamentos, que foi pelos fins do seculo XII, ou principio do XIII.

No centro do pavimento da capella-mór, está uma campa, com esta inscripção:

SEPULTURA DE MARTIM GUEDES
E VILHEGAS FIDALGO DA CASA DE
SUA MAGESTADE, E SEUS HERDEIROS,
POR CONTRATO COM O MOSTEIRO
DE SÃO VIGENTE, CELEBRADO NO
ANNO DE 1750.

Na parede da capella lateral, do lado do Evangelho, está uma lápide com esta inscripção:

ESTA CAPELLA É DE JOÃO ALVARES
SOARES, FIDALGO DA CASA D'EL-REI
NOSSO SENHOR : QUE FOI ESCRIVÃO
DA SUA REAL FAZENDA. QUE A
MANDOU FAZER Á SUA CUSTA,
PARA ELLE E SUA MULHER, E
SEUS DESCENDENTES. NA QUAL
CAPELLA ESTÁ SEPULTADO.
FALLECEU EM 28 DE JUNHO DE
1609.
E INSTITUIU DUAS MISSAS
CADA SEMANA, PERPÉTUAS.

Os religiosos de S. Vicente de Fóra (conegos regrantes de Santo Agostinho — cruzios) tinham tambem n'esta freguezia a grande *quinta da Abelheira*, que os liberaes venderam ao 1.º Barão e 1.º conde do Tojal, que fundou aqui uma fabrica de papel. Fica esta quinta, sobre a margem direita do rio *Trancão*, ou de *Sacavem*. Vide *Abelheira*.

Tinham tambem os frades, dentro d'esta quinta, um hospicio, e capella dedicada a Nossa Senhora da Conceição; o que tambem foi incluido na venda.

A quinta da Abelheira, é um dos sitios mais aprazıveis e pittorescos, dos arrabaldes de Lisboa, com amplas vistas, e enriquecida com formosos jardins e um magnifico lago (tudo obra dos cruzios) collocado na parte mais alta da quinta, e no centro de uma alamêda de frondosas arvores seculares, orlada de canteiros com flores e arbustos, no sitio onde a agua entra em jôrros no lago; e com uma bonita casa de cortiça, com assentos da mesma, cuja varanda olha para o lago.

Diz a tradição, que no sitio onde se vê hoje o lago, existiu antigamente uma ermida, dedicada a Nossa Senhora do Monte do Carmo, onde o povo do Zambujal, que fica proximo, e ao norte, mandava celebrar missa nos domingos e dias santos; porém, desejando os frades ampliar os limites da sua quinta e cercal-a de muros, depois de feito um accôrdo com os do Zambujal, demoliram a ermida, mandando levantar á sua custa outra nova, de maiores dimensões, no centro do logar do Zambujal, e com a mesma invocação da antiga, a qual (a nova) ainda existe. No local onde estava a velha ermida, construiram o lago, para o qual procuraram agua e a encaminharam para elle. É um abundante manancial, que faz a riqueza da quinta.

TOJAL — aldeia, Traz-os-Montes, freguezia de Limãos, concelho de Ribeira de Pena. (4.º vol., pag. 95, col. 2.ª)

Aqui nasceu, a 23 de março de 1781, o famoso sinologo, padre *Joaquim Affonso Gonçalves*.

Em 17 de maio de 1799, entrou para a *Congregação das Missões* de S. Vicente de Paulo, á qual deu origem, em Portugal, o padre *José Gomes da Costa*, natural da villa de Moncorvo, fallecido em 1725; que instituiu esta congregação, em 1713, por breve do papa Clemente XI, dirigido ao nosso D. João V.

O padre Gonçalves, sahiu de Lisboa para Macau (China) em 1812. Era muito versado em theologia, e mathematica, e nos estudos geraes das linguas europeas e asiaticas. Tambem foi um dos melhores musicos do seu tempo.

Residiu no seu collegio, de S. José, de Macau, os ultimos 30 annos da sua vida, entregue, com a maior applicação, ao estudo da lingua chineza, chegando a ser um consummado sinologo.

Foi membro da *Sociedade Asiatica de Londres*, e da *Academia Real das Sciencias de Lisboa*, desde 18 de novembro de 1840: e cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa [1].

Falleceu no dito collegio de S. José, a 3 de outubro de 1841, não chegando a receber os diplomas da Academia, nem da ordem da Conceição.

Escreveu e publicou varias obras, sendo as principaes:

Grammatica latina, ad usum Senensium Juvenum. Em 8.º, impressa em 1828.

Arte China, constante d'alphabeto e grammatica, comprehendendo modelos das differentes composições. Em 4.º, impressa em 1829.

[1] A ordem de Nossa Senhora da Conceição, foi creada por decreto de D. João VI, de 6 de fevereiro de 1818, e foram-lhe dados Estatutos, em alvará de 10 de setembro de 1819.

Diccionario portuguez china, no estylo vulgar mandarim e classico geral. Em 4.º, impresso em 1831.

Alem d'estas, ainda escreveu e se imprimiram varias obras do *Padre Gonçalves*, todas para o estudo da lingua chineza, e que gozam da geral acceitação, tanto de nacionaes, como de estrangeiros.

TOJAL — Aldeia, Beira Alta, freguezia de Villa d'Egreja, concelho de Sattam. (Vide *Villa d'Egreja.*)

Houve aqui um antiquissimo mosteiro, duplex, da ordem benedictina, fundado provavelmente no XI ou XII seculo. Depois, passou a ser só de freiras.

O fundador d'este mosteiro, determinou que as religiosas d'elle, *ainda que tivessem perfeita saude, fossem sangradas de 6 em 6 mezes!*

(Elle lá sabia a causa d'esta providencia...)

Esta praxe estava adoptada em muitos outros mosteiros, tanto de freiras, como de frades. Em 1155, o abbade benedictino de Pedroso (Gaia) fez doação aos seus monges, de todas as herdades que tinha em Viseu, Alafões, Valle de Cambra e Vouga, *pera Vestiaria, Conduturia, Infirmaria, Sanguilexia* (sangria) *e Pitança.* (Doc. de Pedroso.)

Nas *constituições antigas*, do mosteiro de Pombeiro, se determinava que os frades *fossem sangrados de 2 em 2 mezes!*

—

No dia 27 de junho de 1877, ás 4 horas da tarde, presenceou-se n'este logar do Tojal, e povoações circumvisinhas d'esta freguezia de Villa d'Egreja, e da de Mioma, afflictivamente, a maior e a mais medonha das tempestades (chuva, saraiva e vento) de que ha memoria, causando gravissimos e incalculaveis prejuizos!

Muitas propriedades, e a maior parte dos baixos, ficaram sem terra, cheios ou juncados de pedras; em circumstancias taes de nunca mais poderem voltar ao antigo estado.

Todas as paredes, pontes e pontões aonde chegou a tormenta e corrente das agoas foram por terra, derribadas e impellidas por aquella. Consta que no rio Sattam não escapára nenhuma das pontes e pontões. As vinhas, searas, batataes e outros legumes foram destruidos.

A maior parte dos lavradores e proprietarios ficam arruinados para sempre.

Só a muito custo, com grandes sacrificios, e em muito tempo é que poderão compor alguns de seus predios; outros nunca!

Muitas pessoas e crianças estiveram em risco de morrer afogadas. Para se salvarem estas foi mister arrancar-se soalhos de casas e abrir portas.

N'uma palavra, foi tal e tão lugubre a desgraça d'estes povos, ricos e pobres, que as suas privações serão inevitaveis e irremediaveis.

Só á vista é que bem se póde fazer idéa das desgraças, destruições, que aquella tempestade e trovoada trouxe a estes povos.

Parece que toda a ira de Deus veio sobre elles.

Muitas vidraças foram tambem quebradas pela força da saraiva, pedras.

É uma pena, um quadro medonho para quem estava acostumado a vêr seus fructos e campos tão viçosos e mimosos, e ainda no dia 27 até ás 4 horas da tarde, e depois ver n'um instante tudo destruido!

TOJALINHO — Vide o 2.º *Tojal.*

TOJEIRA — Casa muito nobre e antiga, Minho, na freguezia de Santa Senhorinha de Basto, concelho de Cabeceiras de Basto. É hoje representante d'esta esclarecida familia, o sr. Lourenço Pereira de Castro.

TOLLÕES — Vide *Tellões.*

TOLOSA — villa, Alemtejo, comarca e concelho de Niza (foi da mesma comarca, mas do supprimido concelho de Alpalhão) 15 kilometros do Crato, 180 ao S.E. de Lisbôa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 109.

Orago, Nossa Senhora da Encarnação.

É do grão-priorado do Crato, hoje annexo ao patriarchado, districto administrativo de Portalegre.

O grão-prior do Crato, apresentava o cura, que tinha 120 alqueires de trigo, uma pipa de vinho, e 2$000 réis em dinheiro, de rendimento annual.

É terra muito fertil em todos os generos agricolas, e cria muito gado de toda a qualidade, colmeias e caça.

Fica esta villa, 12 kilometros ao S. da Amieira, e 3 ao N. de Villa Nova de S. João de Gafete. É povoação muito antiga.

Toloza, é tambem um appellido nobre d'este reino. Veio da cidade de Tolosa, capital do Languedoc. Trazem por armas — em campo d'ouro, cruz de púrpura floreada, e vazia do campo — élmo d'aço, aberto, e por timbre a cruz do escudo.

O seu 1.° foral, lhe foi dado pelo grão-prior do Crato em 1262. (*Gaveta 15.ª maço 9, n.° 18.*) Este foral, tinha todos os privilegios do de Evora. Deram-lhe outro foral, os cavalleiros de Malta, em 1281.

No 1.° foral, deram os *hospitalarios* (maltezes) aos povoadores de Tolosa, álem d'outras, uma herdade, na ribeira do Sôr, com o foro de duas dizimas; porém no 2.°, dizem os senhorios — «E dêdes a nós de todo o froyto, que Deus dér, a dizima spiritual, de hum alqueire de trigo, por fogaça, e hum capom, por Sam Miguel, cada huum d'aquelles, que y fordes herdados.» (Doc. da Torre do Tombo.)

Os habitantes de Tolosa, gozavam os grandes privilegios de *caseiros de Malta*, que já se acham referidos em outros logares d'esta obra, e por isso os não repito.

O rei D. Manoel, lhe deu foral novo (confirmando, em tudo, o antigo) em Lisboa, a 20 de outubro de 1517. (*Livro de foraes novos do Alemtejo*, folhas 107, col. 2.ª e folhas 110, col. 1.ª)

Para as aguas mineraes da *Fedegosa*, vide *Gavião, villa.*

TOMARÃES — Vide *Thomarães.*

TOMBELLES — o mesmo que *Mâmoas.*

TOMINA — Vide no 1.° vol., pag. 91, ultima linha da 2.ª col. — e 8.° vol., pag, 596, col. 1.ª

TONDA — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Tondella, 18 kilometros de Viseu, 280 ao N. de Lisboa, 325 fogos.

Em 1768, tinha 170.

Orago, o Salvador.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 270$000 réis de rendimento annual.

Fertil — gado e caça.

Para a etymologia, vide *Tondella.*

TONDÉLLA — Villa, Beira Alta, cabeça do concelho e da comarca (de 2.ª classe) do seu nome (ou de Bésteiros) pertencente ao districto judicial da Relação do Porto, e ao da 2.ª divisão militar. 18 kilometros ao S.O. de Vizeu, 265 kilometros ao N. de Lisboa, 450 fogos.

Em 1768, tinha 201.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção.)

Bispado e districto administrativo de Viseu.

A mitra, apresentava o vigario, que tinha 60$000 réis e o pé d'altar.

O seu foral, é o de Bésteiros. (1.° vol. pag. 395, col. 1.ª)

O concelho de Tondella, tem 23 freguezias, todas no bispado de Viseu. São — Barreiro, Cannas, Caparrosa, Castellões, Dardavaz, Ferreiroz, Guardão, Lageosa, Lobão, Moléllos, S. João do Monte, Mosteiro, Mosteirinho, Mouraz, Nandufe, Sabugosa, Santa Eulalia, S. Miguel do Outeiro, S. Thiago, Silvares, Tonda, Tondella, e Villar — Todas com 6:000 fogos.

A freguezia de Bôa-Aldeia, d'este concelho, passou a fazer parte do de Viseu, em setembro de 1876.

Pela nova divisão judicial, tem trez julgados — *Castellões, S. Miguel do Outeiro*, e *Tondella.*

Tem estação telegraphica.

A comarca, comprehende unicamente o seu concelho.

—

Antigamente, dizia-se *Atondella*, e era mais etymologico. Vem de *Atondo*, portuguez antigo, que significa — direito de arrotear, agricultar, ou romper algum terreno inculto, e utilisar-se dos seus fructos, mas sem o poder dar, doar, trocar, ou vender; sendo um méro usufructuario, e não senhorio directo. Vem pois Tondella a significar, *pequeno Atondo*, o que me faz suppor que Tondella, é mais moderna do que

Tonda. Mesmo porque no foral de Bésteiros, fallando-se de Tonda, não falla em Tondella.

Segundo alguns sonhadores de etymologias, o nome d'esta villa procede de que — no tempo dos romanos (outros dizem dos mouros) para se reunirem os povos do *Valle de Bésteiros*, contra o inimigo, certo figurão tocou uma corneta, e ao **tom d'ella** todos os homens válidos se juntaram em um só corpo, e saltando no inimigo, o destruiram.

Isto não passa de um conto da caroxinha.

O verdadeiro nome d'este concelho, é *Bésteiros*, mas, como hoje a sua capital é esta villa, diz-se *Concelho de Tondella.*

Esta freguezia e a maior parte do seu concelho, estão no formoso e feracissimo *Valle de Besteiros;* e para evitarmos repetições, vide todos os logares que no 1.º volume vão sob o nome de *Bésteiros*. Vide tambem *Guardão* e *Monte Lafão.*

—

Junto á villa, passa o rio *Inha*, ou *Dinha*, aqui atravessado por uma formosa e antiga ponte. O Dinha, abaixo de Ferreiros, se junta ao Dão, e ambos desaguam no Mondêgo.

O clima d'esta freguezia, como o de todo o concelho, é saluberrimo, e a sua situação não póde ser mais bella: é no *Valle de Bésteiros*, e basta.

A sua egreja matriz, que é um bom templo, foi construida fóra da villa, em um sitio, ainda chamado *Adro Velho*, onde são os passaes do parocho. Era velha, pequena, distante da povoação, e em sitio humido, pelo que, pelos annos de 1570, se mudou para o centro da villa, onde existe. Não se sabe quando foi construida a primittiva egreja, só se sabe que era muito antiga, e quando provavelmente a villa ainda não existia, pois a freguezia se denominava *Santa Maria de Bésteiros.*

A imagem da padroeira, é de pedra, e de bôa esculptura, apezar da sua muita antiguidade.

Teve a padroeira uma irmandade, composta de sacerdotes, erecta por bulla do papa Clemente X, de 12 de junho de 1671, e approvados os seus estatutos, em *sede vacante*, pelo provisor do bispado, Francisco d'Almeida Castello-Branco. Esta, e outras bullas subsequentes, concediam muitas indulgencias aos irmãos. Depois, foram tambem admittidos muitos seculares, chegando a irmandade a ter mais de 70 clerigos e 300 seculares.

A villa está assente nas ábas de uma montanha, banhada pelo rio (ribeiro) Dinha.

Algumas das suas ruas, são longas, mas todas mal calçadas, e as casas, pela maior parte, são pequenas e irregulares; apenas a que se distingue das outras, é a do senhor Telles.

Tem um aqueducto de muitos arcos de cantaria.

Seus arrabaldes, são muito bem cultivados e abundantes de milho, vinho, azeite e frutas, como todo o feracissimo Valle de Bésteiros.

—

Barões de Tondélla

Antonio Marcelino da Victoria (*o Olho Verde*) foi feito 1.º barão de Tondella, a 3 de julho de 1823. Nasceu a 2 de junho de 1750, e morreu a 22 d'agosto de 1825. Casou com D. Catharina Vicencia do Couto, que morreu a 13 d'abril de 1819.

Foi do conselho de D. João VI, commendador das ordens de Christo e Torre Espada, cavalleiro d'Aviz, conselheiro de guerra, e tenente general; governador das armas das duas Beiras e do Alemtejo.

Teve um filho e cinco filhas, d'este casamento.

1.º — *Candido Basilio*, que, sendo tenente coronel do regimento de infanteria n.º 10, morreu na batalha dos Pyreneus, em 30 de Julho de 1813.

2.ª — *D. Maria Joanna*, que foi 2.ª baroneza.

3.ª — *D. Francisca Joaquina*, que casou com Estevam Cesar Portugal da Silveira Correia de Lacerda.

4.ª — *Jeronima Angelica*, que casou com João Maria Portugal da Silveira Correia de Lacerda (irmão do antecedente) que, sendo cadete de infanteria n.º 4, morreu fusilado, no Campo d'Ourique (Lisboa) em 10 de se-

tembro de 1831, por ter tomado parte na revolta do seu regimento, contra o sr. D. Miguel 1.º, em 21 de agosto do mesmo anno.

5.ª — *D. Marianna Izabel,* fallecida em 1833.

6.ª — *D. Eustaquia Maxima,* fallecida em 1833.

—

D. Maria Joanna Roêda da Victoria, 2.ª baroneza de Tondella, nasceu a 24 de junho de 1782. Casou a 17 de outubro de 1817, com Bartholomeu d'Aragão da Costa Tavares e Sá, que foi feito tambem 2.º barão de Tondella, pelo seu casamento. Foi commendador da ordem de Christo, e coronel de milicias.

Este titulo não se renovou.

Hoje é representante d'esta casa, o sr. Bartholomeu d'Aragão da Costa Tavares e Sá, neto do 1.º barão, e residente na sua casa de Aldeia Nova do Cabo, freguezia do concelho do Fundão.

—

Em 3 de julho de 1878, morreu em Lisboa, José Bernardo da Silva, vice-almirante reformado, nascido em Tondella, em 1802.

—

Em setembro de 1880, falleceu n'esta villa, o dr. Antonio Dias Telles Villáfanha Falcão de Mendonça, — era moço fidalgo com exercicio e pertencia a uma das familias mais illustres da Beira.

Tinha 38 annos d'idade. Cursou com distincção o curso de Philosophia da Universidade de Coimbra.

Senhor d'uma grande fortuna, havia ha pouco tempo escolhido por esposa uma senhora, tambem distincta por nascimento, dotada de bellos dotes moraes, educada com a maxima vigilancia, e que devia realisar completamente a alta missão de esposa. Era tambem senhora de uma grande fortuna.

O sr. Villafanha estabeleceu a rezidencia na sua casa de Tondella.

Foi eleito, por algumas vezes, presidente da municipalidade de Tondella, procurador á Junta Geral, e nas ultimas eleições deputado por esse circulo. Já então a doença, que o matou, estava em terrivel periodo de adiantamento.

Era dotado de notavel talento e cultivava-o por uma leitura assidua e bem escolhida. Um conversador delicado, attrahente e instructivo.

Póde dizer-se que não se lhe encontrava um senão. Recebêra de sua ex.ma e bôa mãe, que ficara viuva muito nova, uma educação apuradissima. Sabia ser amigo e parente como os melhores.

Provou nas discussões da Junta Geral e nas da vereação o seu patriotismo e o seu talento e estudo.

A doença não lhe permittiu mostrar, na camara dos deputados, quanto valia.

—

Aguas thermaes de S. Gemil

Na ultima *Lageosa* (4.º vol., pag. 17, col. 1.ª) fallei d'estas aguas: aqui darei d'ellas mais amplas informações.

Ficam 12 kilometros a S. O. de Viseu, mesmo no leito do rio Dão, e na sua margem do norte, perto da aldeia de S. Gemil, e a 1:500 metros da Lageosa, que foi antigamente da comarca de Viseu, e hoje é da de Tondella, como já vimos.

Nascem puras e diaphanas. Junto da sua origem, sente-se um cheiro de *figado de enxofre,* que motiva um ligeiro atordoamento.

São muitas as nascentes, porém são trez as principaes — uma que rebenta do centro de uma penha, e é potavel — as duas outras, nascem encostadas á mesma penha, rebentando em borbotões, de baixo para cima, em muitos pontos; mas, em tão diminuta quantidade, que ao todo, apenas dará meia *telha* d'agua.

O seu cheiro, é proprio das *aguas sulphureas hepatisadas,* e o sabôr, em quanto quentes, é analogo ao cheiro: expostas porém ao ar, em vasos de boca larga, por 10 ou 12 horas, perdem de tal maneira o sabôr e o cheiro, que se tornam insipidas e inodóras, e muito agradaveis para beber.

O thermometro de F., marca quasi constantemente 120 graus, que correspondem a 39 R.

Transportadas em pipas, ou outros quaes-

quer vasos fechados, para 12 e mais kilometros, conservam ainda tão alta temperatura, que é preciso deixal-as esfriar algum tempo, para se poderem tomar os banhos.

Nas nascentes, e mesmo nos banhos, vêem-se estalar á superficie, muitas *bôlhas* de gaz hydrogenio sulphurado.

Pelo exame dos reagentes, conclue-se que, alem de alguns contheudos mineraes, são estas aguas mineralisadas pelo gaz hydrogenio sulphurado, e uma levissima porção de carbonato, de base alcalina, em virtude do qual, fazem verdenegro o xarope de violetas roxo.

Não foram analysadas na exposição de Paris, de 1857, porque não foram ali apresentadas.

Têem um soffrivel estabelecimeeto de banhos, e casas e quartos, que se alugam aos banhistas.

Ha aqui uma ermida, pertencente ao sr. José de Figueiredo Pereira, do Vinhal, onde se diz missa nos domingos e dias santificados.

—

TORCATO—Vide *São Torcato*.

—

TORGUÊDA — freguezia, Traz os Montes, concelho, comarca e districto administrativo de Villa Real, 70 kilometros ao N. E., de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 400 fogos.

Em 1768, tinha 225.

Orago, o Salvador. Arcebispado de Braga.

Os monges de S. Jeronymo, do mostéiro de Belem, apresentavam o reitor, que tinha 25$000 réis e o pé d'altar.

Ha n'esta freguezia o *Casal de Menezes*, notavel pelo que d'elle conta Damião de Goes, no seu rarissimo *Nobiliario*, manuscripto, e, segundo o qual, tem a familia *Menezes* e *Telles*, uma origem muito romantica [1].

«Os Telles e Menezes, ha-se por certeza, descenderem de el-rei D. Ordonho II [2], de Leão, pela infanta D. Ximena; a qual, enamorada de um cavalleiro da côrte de seu pae, determinou fugir com elle, e, tomando de suas joias e vestidos, o que poude, certa noite executára este intento, tomando-a elle nas ancas do seu cavallo, e, como as terras não eram tão povoadas como agora, e havia grandes mattas, elles se embrenharam n'ellas, por fugir de quem os buscava. O cavalleiro, reconhecendo o mal que tinha feito, ou por temor, ou por força do fado, com o pretexto de ir buscar mantimento, se foi, e nunca mais voltou.

Vendo a dita infanta a sua tardança, e conhecendo a sua fugida, com muitas lagrimas, começou a caminhar por aquellas mattas, com grande risco e trabalho, e no cabo de alguns dias, foi ter a um casal, que se chamava Menezes, onde morava um lavrador, que se chamava Tello, com sua mulher; os quaes, espantados d'esta novidade, por este seu casal estar mettido em uma grande montanha, compadecidos das lagrimas da hospeda; e agradados da sua grande formosura, a recolheram em sua casa, na qual a infanta, despindo os seus ricos saios, se vestiu de saial, e, occultando quem era, os ficou servindo, como creada, até que morrendo a mulher d'este lavrador, este casou com ella, pensando fazer-lhe n'isso esmola.

E d'este matrimonio tiveram filhos.

D'alli a muitos annos, andando el-rei D. Ordonho, correndo a sua terra, já esquecido de sua filha, foi ter áquelle casal, onde Tello com sua filha morava, e onde o lavrador o agazalhou como poude.

A infanta, vendo alli seu pae, a toda a pressa fez dos brocados dos seus vestidos, que ainda guardava, dous pellotes a dous filhos que de seu marido tinha, que, parecendo-se com ella, eram muito louros e formosos, e logo guizou umas *mal passadas*, que era a maneira de comer de que seu pae se pagava, e n'ellas deitou um annel que o dito seu pae lhe déra; e feito isto assim, mandou este guizado pelos filhinhos, que, com muita graça, apresentaram na mesa d'el-rei, os pratos; o qual, vendo esta novidade, perguntou a Tello, que mulher era a que tinha;

[1] O que se segue, é copiado do bellissimo romance do meu velho amigo e fecundissimo escriptor, o sr. Camillo Castello Branco. (*Novellas do Minho — Maria Moysés*, parte 1.ª, pag. 45.)

[2] D. Ordonho II, reinou desde 910 até 923.

Pinho Leal.

e, contando-lhe elle o successo passado, e como alli tinha vindo aquella mulher, o dito rei se levantou da mesa logo, e se foi onde ella estava, que, prostrada em joelhos com muitas lagrimas, foi recebida de seu pae, com grande piedade e contentamento, e, trazendo comsigo para a côrte, a filha, marido e meninos, fez ao genro muitas mercês, e dos dous meninos se affirma procederem os Telles e Menezes, tomando os ditos appellidos, do lavrador do casal.»

Segundo o sr. Camillo Castello Branco, isto não passa de puro romance, pois diz:

«Convem saber que o rico-homem, Tello Peres, oriundo das Asturias, e 5.º neto de D. Fruella II,[1] foi senhor de *Menezes*, na Navarra, por troca de Malagan, que fez com D. Affonso VIII, na era de 1217 (anno de Christo 1179)».

Menezes, era na Navarra, e não em Torgueda, nas faldas do Marão. D'este Tello, descende D. Affonso Telles, que casou, em segundas nupcias, com D. Thereza Sanches, filha illegitima de D. Sancho I, e de D. Maria Paes, *a Ribeirinha*» (vide *Grijó*).

—

O que diz o sr. Camillo Castello-Branco, concorda com os manuscriptos da casa Palmella, segundo os quaes — *D. Tel Peres*, foi senhor de Menezes e rico-homem de D. Affonso IX, de Castella e Leão. (Vide no 2.º vol., pag. 95, col. 1.ª Vide Tambem *Vagos*).

—

Supponho que o que deu origem á fabula de Damião de Góes (se é fabula) foi o timbre das armas dos Menezes, que é o busto de uma donzella, vestida de brocado e com os cabellos soltos.

Finalmente, qualquer que seja a ascendencia dos Telles e Menezes, o que é certissimo é ser uma familia nobre e antiquissima, e procederem d'ella, muitas das mais nobres casas d'este reino, como póde ver-se, em *Cantanhêde, Ericeira, Louriçal, Lumiares, Palha-Van*, e outros logares d'esta obra.

[1] D. Fruella II, era irmão de D. Ordonho II, e por morte d'este, usurpou a coroa a seu sobrinho, que depois foi rei, sob o titulo de Ramiro II. — O povo depoz D. Fruella, passado apenas um anno de usurpação; mas houve uma encarniçada guerra civil, porque D. Affonso, *o monge*, irmão de D. Ramiro, lhe disputou a coroa, porem foi vencido.

Pinho Leal.

TORNADA — freguezia, Extremadura, comarca e concelho das Caldas da Rainha, 90 kilometros ao N.E. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1768, tinha 175.

Orago, Nossa Senhora da Annunciação.

É no patriarchado.

Districto administrativo de Leiria.

O prior do mosteiro de monges jeronymos, de Valle Bem-Feito, apresentava o cura, que tinha 130$000 réis de rendimento annual.

Note-se que o prior dos monges, apresentava o cura, com o voto dos beneficiados de S. Thiago, da villa d'Obidos, sem o qual, não podia curar.

A egreja matriz, está no mais deploravel e vergonhoso abandono. Nem ha toalha para dar a communhão, nem Crucifixo para o santo sacrificio da missa, nem os principaes objectos do culto divino. Tudo se pede emprestado em occasiões urgentes!...

É terra muito fertil.

TORNARIOS ou **TORNEIROS**—*villa*, Douro, da qual apenas resta a memoria. Pertencia á freguezia de Santo Thyrso. Faz-se menção d'esta *villa* (provavelmente casa de campo, ou quinta) em uma doação de D. Affonso, *o Casto*, que foi acclamado rei de Leão, em 824, e reinou até 848, succedendo-lhe D. Ramiro I, filho de D. Bermudo I.

Em 1062, houve contenda, sobre os limites d'esta villa, e da do Subcollina, entre o bispo de Lugo e o de Compostella, marcando-se judicialmente os seus termos.

Nas *Inquirições* do nosso rei D. Diniz, se menciona a *quinta de Torneiros*, da freguezia de S. Vicente de Penso (hoje, do concelho de Braga).

Tambem n'esta villa de *Tornarios*, ou *Torneiros*, emprazou o bispo de Braga, D. Pedro, uma fazenda, a João e Miguel Germondes (irmãos) em 1076.

Hoje até se ignora o local d'esta villa, provavelmente por ter mudado de nome ha muitos seculos.

TORNO — freguezia, Douro, comarca e

concelho de Lousada, 35 kilometros ao N.E. de Braga, 355 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1768, tinha 142.

Orago, S. Pedro Fins (verdadeiramente, *S. Felix*, e é a denominação que lhe dá o *Portugal Sacro e Profano*).

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O D. Abbade, benedictino, do convento de Pombeiro, apresentava o abbade, que tinha 150$000 réis, e o pé d'altar.

Ha n'esta freguezia a ermida de *Nossa Senhora da Terra*, ou *Apparecida*, á qual se faz uma grande romaria a 15 de agosto de cada anno.

Ha tambem a ermida da Senhora da Conceição, festejada a 8 de dezembro, com grande magnificencia.

É terra fertil.

TORPORIZ ou **TROPORIZ** — freguezia, Minho, na comarca e concelho de Monsão, 60 kilometros ao N. de Braga, 430 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1768, tinha 70.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção).

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O real padroado, apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis e o pé d'altar. Depois, passou a apresentação aos jesuitas de Coimbra, e, desde 1759, ficou pertencendo á Misericordia.

É terra fertil.

TORRADOS — freguezia, Douro, comarca e concelho de Felgueiras, (foi do concelho de Felgueiras, comarca de Lousada) 32 kilometros ao N.E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 155 fogos.

Em 1768, tinha 146.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 130$000 réis e o pé d'altar.

É n'esta freguezia a nobre e antiga casa vinculada, pertencente á familia do Costeado, em Guimarães.

D. Anna de Faria, senhora d'esta casa, casou com Antonio de Napoles Vaz Vieira de Mello, então governador civil de Braga, que por este casamento foi feito primeiro barão do Costeado, em 7 de dezembro de 1848.

Os senhores de Torrados, eram padroeiros do mosteiro de Santa Clara de Guimarães.

É terra fertil. Gado e caça.

TORRÃO — Praia (margem) na esquerda do Douro, ao fundo da Serra do Pilar, em Villa Nova de Gaia. Ha aqui no tempo proprio, um abarracamento para banhos do rio.

Aqui, como em outros pontos d'este rio, se tem distinguido, por actos de heroica dedicação e arrojo, salvando a vida a muitas pessoas em perigo de morrerem afogadas, o benemerito banheiro, Simão da Costa Neves (*o Joaquim Lopes, do Norte*. — Vide *Olhão* e *Paço d'Arcos*).

Simão da Costa Neves, tem (muitas vezes com risco imminente de vida) salvado mais de 40 individuos, proximo afogarem-se n'este furioso rio.

Tem sido premiado mais de 20 vezes — possue a medalha de prata, de Salvação, a da Real Sociedade Humanitaria, e ainda a de bom comportamento militar.

A praia do Torrão fica proxima da ermida do *Senhor d'Alem*.

TORRÃO — logar da Extremadura (mas ao sul do Tejo) na freguezia de Caparica, concelho d'Almada.

O Torrão fica a uns 800 metros a O. da Trafaria, no areal que se estende até perto da Torre de S. Lourenço (*Bugio*) sobre a esquerda do Tejo, e proximo da *Costa de Caparica*, que lhe fica ao sul.

A este areal se dá o nome de *Ponta da Gollada*;

Comprehende só duas propriedades — a casa e quinta do sr. Miranda, e ao E.N.E. d'ella, a

Fabrica de dynamite

Foi aqui estabelecida em 1874 pelo engenheiro francez, o sr. Frederico Combemale, por conta de uma companhia que tem o privilegio d'esta fabricação.

Para evitar os perigos de uma grande explosão, a fabrica foi construida em pequenas barracas, isoladas umas das outras, por

grandes reductos de areia, misturada com terra vegetal, adubada convenientemente, para sustentar plantas adhesivas, e acham-se actualmente cobertas de verdura.

Quando o sr. Combemale veio para Portugal, tinha, havia poucos dias, casado com uma joven e formosa alsaciana, que o acompanhou.

Foi esta senhora, que delineou, junto da fabrica, uma horta e um jardim, n'aquella areia esteril e movediça, o que ao principio fez rir a gente d'aquelles sitios, que se acautelava do par francez, como de dous doudos. O que lhes vendera o terreno, era o que mais se ria.

Segundo os processos mais aperfeiçoados de agricultura, em pouco tempo, e com geral admiração, se viram alli crescer e prosperar, os eucalyptos, as figueiras e outras arvores, assim como rosas, jasmins, cravos, balsaminas, dhalias, etc. — Tambem aqui se viu em breve, nascerem, crescerem e produzirem feijões, repolhos, nabos, beterravas, rabanetes, cebôlas, uvas, morangos, melões, espargos, cenouras amarellas de Hollanda, etc., etc.

O antigo proprietario d'este areal, é hoje guarda-portão da fabrica, ganhando 300 réis diarios !

Apezar de ser uma planicie, d'aqui se goza um vasto e formoso panorama. Para E. e N.E., vê-se a Trafaria, o Lazareto, parte do Tejo, a Torre de Belem, Boa-Viagem, e Pedrouços. Para o N., Ponte d'Algés, Riba-Mar, Dá-Fundo, Cruz-Quebrada, Paço d'Arcos, Oeiras, S. Julião da Barra. Para o O., uma vasta extensão do Oceano Atlantico.

TORRÃO — freguezia, Douro, na comarca, concelho e 12 kilometros ao S.O. do Marco de Canavezes, 35 N.E. do Porto, 350 ao N. de Lisboa, 510 fogos (comprehendendo Entre Ambos os Rios.)

Em 1768, tinha — só o Torrão — 215.

Orago, Santa Clara.

Bispado e districto administrativo do Porto.

As freiras de Santa Clara (franciscanas) do Porto, apresentavam o cura, que tinha 30$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia, está situada em terreno bastante accidentado, na margem esquerda (E.) do rio Tamega, que entra aqui na direita do Douro.

Fica em frente de Entre Ambos os Rios, que sendo na margem opposta do Tamega, e pertencendo á camara e concelho de Penafiel, é da freguezia do Torrão !

Não se póde fazer iddeia do que é esta estapafurdia divisão parochial, municipal, administrativa e judicial, sem se lêr o artigo *Entre Ambos os Rios.*

Entre Ambos os Rios, era uma freguezia do mesmo bispado do Porto, que tinha por orago, S. Miguel, archanjo. O papa, o bispo, e os monges benedictinos de Paço de Souza, apresentavam simultaneamente o abbade, que tinha 150$000 réis de rendimento annual.

Em 1768, tinha 30 fogos ; hoje tem 121.

Foi villa e cabeça de concelho, com justiças proprias, á qual o rei D. Manoel deu foral, em Evora, a 20 de outubro de 1519. (*Livro de foraes novos do Minho*, fl. 24 col. 2.ª)

O Torrão, tambem foi villa, e couto do seu mosteiro (do qual adiante trato) notando porém que — *Entre Ambos os Rios* e *Torrão*, se se podessem unir (que não podem, porque os separa o Tamega) ainda não faziam uma villa, mesmo insignificante.

A villita e freguezia do Torrão (a parte a E. do Tamega) foi antigamente da comarca de Soalhães, concelho de Bemviver, (ambos extinctos).

Mosteiro de Santa Clara do Torrão

Era de freiras franciscanas — vulgo — *Claristas.* Fundado por uma rica e virtuosa senhora, chamada D. Châma (ou Flamula) Gomes, viuva de D. Rodrigo Frosio, o qual, por sua morte, instituira sua mulher por universal herdeira de todas as suas immensas riquezas.

Vendo-se D. Châma, viuva, riquissima, e sem filhos, resolveu fundar um mosteiro de freiras franciscanas, escolhendo para isso a pequena villa do Torrão, por ser um sitio agradavel e pittoresco, na confluente do Tamega com o Douro, ficando portanto sobre

a margem d'estes dous rios, e de clima salutifero, e abundante de boas aguas.

Alem de todas estas vantagens, já havia uma egreja, dedicada ao Salvador do Mundo, que D. Châma pretendia que fosse a egreja do mosteiro.

D. Vicente Mendes, 27.º bispo do Porto, e o seu cabido, se oppozeram tenazmente a esta fundação, e D. Châma só pôde conseguir a desejada licença, dando ao bispo, o padroado que tinha no mosteiro de Thuyas, que então era de monjas benedictinas, e outras mais propriedades.

Lavrou-se a competente escriptura de doação e licença, na qual o bispo se obrigou a lançar a primeira pedra no alicerce do mosteiro, e alli levantar altar. Esta escriptura foi feita na era de Cesar 1302 (anno 1264 de Jesus Christo). Assistiram a este contrato, D. Fernando Silvestre, abbade do mosteiro de Alpendurada, *Fernão Mendes, corregedor dEntre Ambos os Rios*, e outras pessoas notaveis.

Alem do que D. Châma deu logo á mitra do Porto, se obrigou, pela mesma escriptura, a deixar-lhe *todos os seus bens* (!) por sua morte.

Tratou-se logo da fundação, no mesmo anno de 1264, lançando-lhe o bispo a primeira pedra, como havia promettido; e em poucos annos se concluiram as obras, porque o mosteiro era pequeno e de fabrica modesta.

Consagrada a egreja a Santa Clara, foi o mosteiro entregue ás religiosas franciscanas.

Em 1383, principiaram as guerras contra Castella, que já então (e de muito tempo antes) queria lançar as garras a Portugal.

As freiras do Torrão, temendo os desacatos dos castelhanos, por estarem ellas em uma povoação aberta, requereram a D. João I, a sua remoção para o mosteiro de Santa Clara, do Porto; porém o rei, envolvido em uma guerra encarniçada, não as attendeu, apezar de lhe pedir a rainha D. Philippa, que elle tanto amava, e tão digna era de ser amada.

Finalmente, morrendo D. João I, de Castella, seu filho e herdeiro, D. Henrique III, assignou um tratado de paz com Portugal, em 1393, depois de dez annos de guerras e desgraças para ambas as nações.

Passados 23 annos de paz e prosperidades, e estando D. João I e sua mulher, na cidade do Porto, resolveram fundar um mosteiro de religiosas franciscanas, no sitio dos *Carvalhos do Monte*, para n'elle recolher as freiras do Torrão, o que se realisou em 1416, vindo logo habital-o as freiras da Foz do Tamega[1].

Tudo o mais que diz respeito a este mosteiro, se acha amplamente declarado no 7.º vol., pag. 292, col. 2.ª, anno 1416, para onde remetto o leitor.

—

A egreja de Santa Clara, que foi das freiras, é actualmente — e ha mais de 400 annos — matriz da freguezia do Torrão, e a cêrca foi emprasada pelas freiras franciscanas, do Porto, e transformada em uma boa quinta particular.

—

TORRÃO — Villa, Extremadura (mas ao sul do Tejo) comarca e concelho de Alcacer do Sal (foi da comarca de Cuba, concelho de Alvito) 40 kilometros ao O. d'Evora, 90 ao S. E. de Lisboa, 540 fogos.

Em 1768, tinha 415.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Beja, districto administrativo de Lisboa.

O tribunal da mesa de consciencia e ordens, apresentava o prior, que tinha 180 alqueires de trigo, 120 de cevada e 20$000 réis em dinheiro.

O rei D. Manoel, lhe deu foral, em Lisboa, a 20 de novembro de 1512. (*Livro de foraes novos do Alemtejo;* fol. 49, col. 2.ª)

O mestre da ordem de S. Thiago, a que esta villa pertencia, lhe tinha dado foral, pelos annos de 1260, com grandes privilegios,

[1] Como a villa d'Entre Ambos os Rios era então mais conhecida, todos os historiadores que fallam, d'este mosteiro, dizem *convento d'Entre Ambos os Rios*. Como vimos, é êrro—porque o mosteiro é na outra margem do rio, e até, n'esse tempo, e ao 1.º quartel d'este seculo, de differente freguezia.

que o rei confirmou no foral novo que lhe deu.

Situado em planicie regada do lado do norte, pela ribeira de Xarrama (que tem a sua origem nas vinhas de Evora, e desagúa no Sado.) (Vide *Charrama.*)

Brites Pinto, fundou, em 1560, n'umas casas suas, n'esta villa, um recolhimento para beatas. Em 1599, a infanta D. Maria, senhora de Viseu e Torres Vedras, filha do rei D. Manuel, e de sua terceira mulher, D. Leonor (filha de Filippe I, de Castella) transformou o recolhimento, em mosteiro de freiras franciscanas, dando-lhe muitas rendas.

Tem feira annual de 3 dias, e que principia no 1.º de agosto.

É povoação antiquissima, e já existia no tempo dos romanos, que na margem do Xarrama, construiram um sumptuoso templo, dedicado a Jupiter Olympio. (Vide 2.º vol., pag. 280, col. 2.ª)

É terra fertil em todos os generos agricolas do nosso clima, cria muito gado e colmeias, e o rio lhe fornece algum peixe miudo; mas, pelo Sado lhe vem peixe de Setubal.

Os temporaes de dezembro de 1876, causaram grandes prejuizos n'estas terras, deitando por terra muitas paredes e arruinando muitas casas. As sementeiras ficaram perdidas, e grande quantidade de azeitona foi levada pela cheia.

Em Porto de Rei, e Porto de S. Bento, a 15 kilometros d'esta villa, os prejuizos ainda foram maiores, destruindo grandes armazens de cereaes. Na aldeia de Odivellas, tambem a 15 kilometros do Torrão, a cheia levou seis moinhos, e todo o trigo que lá estava.

—

Pato, é um appellido nobre em Portugal, que procede de alcunha. O primeiro individuo que se assignou *Pato*, foi D. Egas Pato, no reinado de D. Affonso V, como consta do livro das *Inquirições* d'este rei.

A familia dos Patos progrediu nos reinados seguintes. Ha Patos, em Lisboa, na comarca de Torres Vedras, em Alcochete, no Torrão (este) e em outras povoações.

Trazem por armas — em campo de prata, nove lozanjas veiradas de azul, e contraveiradas de púrpura, em trez pallas: timbre, um pato de prata membrado de púrpura.

Pedro Rodrigues Pato, alterou as suas armas, do modo seguinte — em campo de prata, 9 lozanjas, 5 de purpura, em aspa, e 4 azues, em cruz, todas pegadas no vertice. O mesmo timbre do brazão antecedente.

—

O sr. Jeronymo de Magalhães Brazão de Sande Lança Mexia Salema, foi feito visconde do Torrão (d'este) em 14 de setembro de 1855. Possue por estes sitios bastas e vastas propriedades, e é senhor de varios morgados, na villa de Louzan e outras terras.

Casou, em 1844, com a sr.ª D. Maria do Carmo Guedes Portugal e Menezes, fallecida em 12 de novembro de 1873. Era filha dos 1.ºˢ viscondes da Costa, e tinha nascido, a 21 de maio de 1825 [1].

O pae do 1.º visconde do Torrão, foi o desembargador Joaquim de Magalhães Mexia de Macedo, fidalgo da casa real, e senhor da casa da Louzan. Era pae da sr.ª D. Thomazia, condessa das Alcáçovas.

—

Esta villa, foi solar da familia *Galvão*.

Foi d'esta nobre familia, frei Antonio Galvão, nascido n'esta villa, no meiado do seculo XVI. Foi um frade virtuosissimo, e varão de grande sciencia. Era perito nas linguas latina, grega e hebraica. Foi doutor em theologia, e lente da Sagrada Escriptura, na universidade de Coimbra.

Deixou manuscriptos, excellentes *Commentarios aos prophetas menores*, e um tomo de sermões.

[1] O 1.º visconde da Costa, feito por D. João VI, em 6 de fevereiro de 1826, foi Francisco Guedes de Carvalho e Menezes, do conselho de D. Maria I, commendador de Christo, governador e capitão-general de Moçambique, e coronel da cavallaria de Chaves.
Sua mulher, era D. Anna José de Portugal e Menezes, da casa da Torre da Marca, do Porto. O 2.º visconde da Costa, feito em 21 de agosto de 1846, foi Rodrigo Guedes de Carvalho e Menezes. Ambos estes viscondes são fallecidos. O 3.º visconde da Costa, José Guedes de Carvalho e Menezes da Costa, general de brigada, foi feito conde do mesmo titulo, com grandeza, em maio de 1878.

Falleceu em Santarem, a 20 de setembro de 1609.

Bernardim Ribeiro

Ha uma grande contenda entre os nossos escriptores contemporaneos, com respeito a este mimoso poeta do seculo XVI.

A causa d'estas duvidas, é terem existido n'aquelle seculo, nada menos de trez individuos com o nome de Bernardim Ribeiro, parece que procedentes da mesma familia, e portanto, parentes, mais ou menos proximos uns dos outros; e os escriptores attribuem só a um (ao poeta) as acções e empregos de todos trez.

O fallecido bibliophilo, Innocencio Francisco da Silva, o sr. Manoel Pinheiro Chagas, e outros, só fallam da existencia do Bernardim Ribeiro, auctor da *Menina e Moça*, que dão perdido de amores pela infanta D. Beatriz, filha do rei D. Manuel, e que casou com o duque de Saboya, e dizem ter sido capitão da fortaleza de S. Jorge da Mina, e commendador da ordem de Christo.

O sr. Camillo Castello Branco, o mais assiduo e tenaz investigador de cousas e pessoas da nossa terra, desenvencilha esta meada, pela fórma seguinte:

Bernardim, (ou *Bernaldim*, ou *Bernardim Beinardino*) *Ribeiro*, nasceu n'esta villa do Torrão (d'isto ninguem duvida) em 1500, ou 1501 [1], e era filho de paes nobres.

No principio do seculo XVIII, ventilava se uma questão de vinculos, entre familias do Torrão, que se assignavam *Ribeiros* e *Mascarenhas*.

Appenso aos autos, andava um instrumento antigo, no qual João Ribeiro, filho de Gonçalo Ribeiro, senhor de Aguiar de Neiva e Couto de Carvoeiro, no almoxarifado de Ponte de Lima, provava *ser primo co-irmão de Bernardim Ribeiro, fidalgo principal e muito conhecido pelos seus versos, intitulados Menina e Moça*. Este instrumento, era datado de 1552, sendo já fallecido o poeta.

Os Mascarenhas, que venceram o pleito, procediam de Manuel da Silva Mascarenhas, que serviu em Tanger e nas armadas de Castella, com o general hespanhol D. Fradique de Toledo.

Voltando a Portugal em 1640, foi um dos denunciantes da conjuração de 1641, (vide 1.º vol., pag. 446, col. 1.ª, no fim — *Caminha* e *Villa Real*, de Traz-os-Montes. — Vide tambem *Setubal*, no anno 1641.)

D. João IV, em premio da denuncia, o fez alcaide-mór da Torre do Outão, em Setubal, e, ao mesmo tempo, foi guarda-mór da alfandega de Lisboa.

Este Manuel da Silva Mascarenhas, editou, em 1645, as poesias do seu parente, mudando o titulo de *Menina e Moça*, para *Saudades de Bernardim Ribeiro*.

Este Mascarenhas, casou com D Garcia Pereira, filha de João Sodré, de Ourem, mas não teve filhos legitimos. Teve dois bastardos, um, foi assassinado em Setubal, e não se sabe o fim do outro.

—

Outro Bernardim Ribeiro, que Diogo Barbosa Machado (4.º vol., pag. 327, col. 2.ª) e outros, fazem capitão-mór das armadas da India, commendador de Villa Cova — tambem, não é o poeta.

Este commendador de Villa Cova, era filho de *Estevianes* (Estevam Annes) Ribeiro, creado e thesoureiro do infante D. Fernando (filho do rei D. Manuel) e fidalgo da sua casa.

Não nasceu no Torrão, mas em Lisboa, junto á ponte d'Alcantara, na *quinta da Rôla*, que D. João I tinha dado a um de seus avós.

Casou com D. Maria de Vilhena, filha de D. Manuel de Menezes. Assistiu á batalha de Alcacer-Kibir, onde ficou captivo. Voltando ao reino, foi despachado capitão-mór das naus da India, em 1589, como paga de ter votado em Almeirim, a favor de Filippe II

[1] O sr. Camillo Castello Branco, é o unico escriptor que traz a data do nascimento do poeta. Ignora-se quando falleceu, e qual foi a causa da sua morte.

Segundo as *Memorias ineditas*, de Diogo de Paiva de Andrade, foi assassinado na *Rua Nova de Lisboa* (hoje *Rua Nova d'Elrei* — vulgo *Capellistas* — vide 4.º vol., pag. 179, col. 2.ª) pelos moços do monte do rei D. Manoel, por causa do seu namoro com a infanta. (Se fosse assim teria morrido de 20 annos de idade, pouco mais ou menos.)

O visconde d'Almeida Garrett, Costa e Silva, e muitos outros, sustentam que elle morreu commendador, e de avançada idade!

que no mesmo anno o fez commendador de Villa Cova.

Era portanto muito mais novo do que o poeta.

Bernardim Ribeiro, poeta, consta que deixou uma filha — Bernardim Ribeiro, commendador, deixou dois filhos e uma filha — Luiz, Manuel, e D. Maria de Menezes. O mais velho, *Luiz Ribeiro Pacheco*, herdou a commenda de Villa Cova, e serviu-a em Ceuta. Casou com D. Catharina de Athayde, filha de Francisco de Portugal, e já viuva de Fernão Gomes Dragão.

Manuel, foi commendador de Tanger, e morreu solteiro.

D. Maria de Menezes, casou com Luiz da Cunha (o *Pequenino*.)

—

Finalmente — um 3.º *Bernardim Ribeiro*, foi governador de S. Jorge da Mina, e ficou abrazado, no cêrco de Mazagão, em 1526, por uma explosão de polvora. Não consta onde nasceu.

—

O Bernardim Ribeiro, poeta, e natural do Torrão, é que é o auctor da *Menina e Moça*. D'elle diz o sr. M. Pinheiro Chagas (*Portuguezes Illustres*, pag. 47.)

«Restam-nos d'elle: um livro, meio romance de cavallaria, meio romance pastoril, que marca, talvez, a transição entre esses dois generos. Algumas eglogas suavissimas; e alguns romances, perfumados de mimo e melancholia.»

«Quando a escola classica desponta, encontram-se na lyra de Bernardim, os ultimos eccos da poesia dos trovadores provençaes, confundidos com umas doces toadas da musa nacional e popular.»

«Se accrescentarmos a isto, que muito lhe deve, em flexibilidade e riqueza a nossa lingua, antes d'elle, ainda rude; e que, segundo affirma Garrett, não houve poeta portuguez, que escrevesse com mais sangue no coração, teremos assignalado os titulos de Bernardim Ribeiro, á estimada posteridade.

—

Ha diversas edições das poesias de Bernardim Ribeiro — a 1.ª foi impressa em Evora, em 1558 — 2.ª, em Lisboa, no anno de 1559 — 3.ª, em Lisboa, no anno de 1645 — 4.ª, em Lisboa, no anno de 1785. Esta é augmentada com um raro opusculo do mesmo auctor, intitulado *Trovas de dois pastores*, 1536.

Todas estas edições são hoje raras, e a de 1559 rarissima.

TORRÃO. — Vide *Poiares*, o 1.º

TORRE. — Aldeia, Beira Alta, freguezia de Pinajoia, concelho, comarca e bispado de Lamego, (Vide *Pinajoia*.)

Não se sabe porque deram a esta povoação o nome de Torre, talvez houvesse aqui alguma em tempos remotos, sem que hoje d'ella existam vestigios ou tradição.

É uma bonita povoação, vistosamente situada, e descobrindo-se d'aqui um vasto horisonte, desde Quintella (na estrada do Porto) até ás alturas de Villa Real, de Traz-os-Montes; S. Domingos da Queimada, e muitas povoações, nos valles e encostas do rio Douro, como *Teixeira, Mezãofrio, Villa Marim, Cidadelhe, Oliveira, Fontellas, Poiares*, etc.

TORRE. — Freguezia, Minho, concelho de Amares, comarca de Villa Verde (foi do mesmo concelho e da extincta comarca de Pico de Regalados) 12 kilometros ao N. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1768, tinha 61.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção.)

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor de S. João, de Concieiro, apresentava o vigario, que tinha 30$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Fertil, gado e caça.

TORRE. — Vide *São Pedro da Torre*.

TORRE. — Aldeia, Douro, na freguezia de São Vicente de Pereira. (Vide n'este vol. pag. 46, col. 2.ª no fim.)

Já depois de escripto e publicado o artigo de *São Vicente de Pereira*, foi no dia 17 de outubro de 1880, benzido o accrescentamento da capella d'este logar da Torre, a qual pertence ao sr. padre José Francisco da Silva Pereira.

Como a capacidade do antigo templo não fosse sufficiente para recolher o grande nu

mero de fieis, que a ella concorrem para assistir aos actos religiosos, principalmente aos domingos e dias sanctificados, em que seu visinho e intimo amigo, o sr. Antonio Gomes d'Oliveira Santos ali manda a expensas suas celebrar uma missa acompanhada de boas praticas religiosas, concordou por isso, s. rev.ma com o mesmo seu amigo sr. Santos, darem á referida capella comprimento bastante e proporcionado ha grande afluencia dos fieis.

Esta nova parte, que hoje constitue a capella-mór e onde se acha actualmente o SS. Sacramento, foi objecto de benção.

Eram dez horas da manhan, quando o sr. D. prior de Cedofeita, acompanhado, em grande parte de varios ecclesiasticos, que o seguiram do Porto, deu principio á ceremonia religiosa.

Como requisito indispensavel para a restante celebração do culto divino, occupou o primeiro logar no programma da festa, a benção do templo.

Apoz este acto, simples, mas commovente, seguiu-se immediatamente a missa, sendo celebrante, o sr. D. prior e acolytos os e rv.mos srs. Nicolau José Ferreira, e Olimpio d'Oliveira Santos.

Ao Evangelho subiu á tribuna sagrada o sr. Ribeiro, conego da Sé d'Elvas que, embora de passagem no collegio do convento do Couto de Cucujães, não tardou, que se patenteasse a todos como distincto orador sagrado.

O auditorio era bastante numeroso, formando grande aperto, não só no templo, no côro e sacristia como tambem ás quatro entradas do mesmo; e para se fazer uma idéa da afluencia e devoção, hoje, a este santuario, basta dizer-se que á missa da festa e outra anterior, commungaram mais de duzentas pessoas, tendo hido para alli de manhan cedo confessar os rev.mos srs. directores do muito acreditado collegio no antigo convento do Couto de Cucujães, fr. João de Santa Gertrudes e F. José de Santa Escholastica.

Sabemos que tem concorrido muito para esta devoção e algumas reformas de maus costumes, a referida missa, Cathecheses e outros bons exercicios religiosos e muito instructivos, que alli tem promovido o referido sr. Antonio Gomes de Oliveira Santos, um dos brasileiros, ou melhor portuguezes, que teem ido ganhar fortuna ao Brasil; que muito honra e acredita a sua classe, pelos seus sinceros e intimos sentimentos religiosos e humanitarios, estando por isso alli ajudando a prestar bons serviços á religião e á sociedade, motivo da sua intima amizade e boa união com o rev.mo sr. Silva Pereira; coadjuvando-se mutuamente n'esta muito util e louvavel tarefa religiosa e civilisadora.

TORRE — (quinta da) — Douro, na freguezia de Salvador de Gallegos, comarca e concelho de Penafiel — Pertence actualmente esta quinta, ao sr. Manuel de Sà. É uma vasta e boa propriedade, com uma excellente matta. Junto ás casas, ha uma *carvalheira,* que tem 7m,50 de circumferencia. Ha tambem aqui um penedo com uma sepultura cavada n'elle, que revella grande antiguidade. Ha ainda outro grande penedo, chamado *da Varanda*, que se julga ser um dolmen.

Vê-se pois que estes sitios foram habitados desde tempos remotissimos.

TORRE — logar, Traz-os-Montes, na freguezia de Covas do Douro, concelho de Sabrosa. Veem-se n'este logar, as ruinas de dois castellos, onde tem apparecido muitas moedas romanas.

TORRE — freguezia, Minho, concelho, comarca e districto administrativo de Vianna, 35 kilometros ao O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1608, tinha 51.

Orago, o Salvador.

Arcebispado de Braga.

O prior dominicano do mosteiro de Santa Cruz, de Vianna do Minho, apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé de altar.

Fertil, gado e caça.

Houve n'esta freguezia, um mosteiro de monges benedictinos, fundado por S. Martinho de Dume, pelos annos de 570.

Em 716, foi destruido pelos mouros, que com os seus materiaes (do mosteiro) construiram, no mesmo logar, uma torre. D. Payo Bermudes, conde de Tuy, tomou de assalto esta torre, e reconstruiu o mostei-

ro, povoando-o com monges da mesma ordem dos antigos; porém os mouros, commandados por *Almançor*, califa de Cordova, o tornaram a demolir, em 998.

Em 1068, sendo o conde D. Nuno Mendes, governador da provincia do Minho, por D. Affonso VI, de Leão e Castella, lhe pediu frei Ordonho, parente de D. Payo Bermudes, licença para reconstruir o mosteiro, no que facilmente annuiu D. Nuno, que tambem concorreu para a reconstrucção.

A egreja do mosteiro, foi sagrada em 1508, por D. Jorge, bispo de Tuy.

Passou a commendatarios seculares, que comiam quasi todos os rendimentos do mosteiro, deixando os monges quasi a morrer de fome, pelo que se foi despovoando e poucos frades tinha em 1656, anno em que morreu D. Christovam de Almeida, seu commendador, sem deixar descendentes. D. frei Bartholomeu dos Martyres, arcebispo de Braga, uniu em 1560 o mosteiro e suas dependencias, assim como uma grande quinta, propriedade dos frades, ao mosteiro de S. Domingos, de Vianna do Minho, que o mesmo arcebispo havia fundado. Desde então, até 1834, ficaram os frades dominicanos, de Vianna, padroeiros d'esta egreja.

No sitio da *Veiga*, d'esta freguezia, ha uma especie de argilla, combinada com areia, de tal tenacidade, que com ella se fazem eiras, e pavimentos de casas terreas, que duram muitos annos.

Barões, viscondes e condes da Torre

Em 13 de agosto de 1847, foi feito *barão da Torre*, João Feio de Magalhães Coutinho.

Em 12 de março de 1856, foi feita *condessa da Torre*, D. Maria Mascarenhas Barreto.

Em 3 de agosto de 1870, foi feito *visconde da Torre*, o barão do mesmo titulo, João Feio de Magalhães Coutinho.

Fallecendo em abril d'este anno de 1881, D. José Trazimundo Mascarenhas Barreto, marquez de Alorna e da Fronteira (desde 22 de outubro de 1839) foi feita marqueza de Alorna e da Fronteira, em 6 de maio d'este anno, a condessa da Torre, D. Maria Mascarenhas Barreto. (Vide, 3.º vol. pag. 240, col. 2.ª)

TORRE-ALTINHA — povoação do litoral, Algarve, só habitada no tempo da pescaria do atum. Fica em frente da cidade de Lagos, a cuja freguezia pertence.

É de tempos remotissimos a pescaria dos atuns n'esta costa (vide *Algarve.*) (Consta que, no reinado de D. Fernando I, aqui estabeleceram uma armação d'esta pesca, uns sujeitos da Sicilia, e desde então, teem esta industria continuado sem interrupção até aos nossos dias.

Os atuns, fugindo dos *roazes*, seus temiveis inimigos e, que, sendo pouco mais corpulentos, os perseguem e devoram, veem cahir nas armações das costas algarvias.

Até ao principio d'este seculo, rendia esta pesca, só em *Torre Altinha*, 2:3560$000 réis por anno. Hoje apenas rende uns réis 500$000.

Tambem aqui se pescam roazes, quando se aproximam da costa, em perseguição dos atuns, e, ás vezes, em grande numero; mas a sua pesca é difficilima; por causa da força e rapidez da sua carreira. Não servem para comer, porém dão grande quantidade de azeite.

O atum, é um peixe saboroso, e que se conserva por muito tempo, salgado, escallado, ou de calda; mas, como de mistura com os atuns se pescam muitas *alvacoras*, os algarvios as preparam como os atuns, e as vendem sob o mesmo nome, o que muito tem desacreditado o atum; porquanto, só pouca gente sabe differençar um do outro peixe, depois de preparado. Todavia, de ambos estes peixes se faz grande exportação, para differentes pontos do reino, para fornecimento dos navios, e para o estrangeiro.

TORRE CAPITOLINA — Minho — Existiu este antiquissimo monumento romano, proximo á actual egreja matriz da freguezia de São Martinho de Dume, arrabaldes de Braga. (Vide *Dume.*)

Quando pelos annos de 1730, se reedificou esta egreja, se acharam a pouca profundidade do terreno, os restos de um sumptuo-

so edificio romano — provavelmente a *villa*, de algum patricio.

Acharam-se alli quatro lápides com inscripções, que diziam —

1.ª

LUCRET
L: F. QUIR.
SATURNIN
NUS. ET Q.
EX.

(Saturnino e seus coherdeiros, dedicaram esta memoria, a Lucrecia Quirina, filha de Lucio.)

2.ª

...APIL,...
...ARQU...
...MUN...
...PERTEV
...PEN. D...
D. ACRIP...
H. S. EST.

Como estão apagadas muitas letras, não se póde traduzir. Parece que trata de um tal Arquio Viriato, e seu coliberto, Acrisio. A ultima linha lê-se bem — diz — *Aqui está sepultado.*

3.ª

N. X. V.
H. S. EST.

(Névio, viveu 15 annos e aqui está sepultado.)

4.ª

IOVI
EPUELSORI
RMIA
USSINA
X. VOTO
OSUIT.

Esta pedra estava partida de um lado, faltando-lhe um letra em cada linha. Quer dizer — *Armia Lussina, por voto, dedicou esta memoria, a Jupiter* (ou Jóve) *expulsor.*

Tambem por essa occasião, se achou aqui um tumulo de marmore branco, com 2m,66 de comprido, por 0m,66 d'alto, tendo na tampa esculpida uma corôa. Dentro estavam ossos humanos e a cabeça, incorrupta. Este tumulo, estava enterrado uns 3 palmos abaixo do sólo, e a 3m,50 da egreja.

Das *Actas de S. Victor*, consta que perto de Braga havia um templo, dedicado a Céres e Silvano. Tambem pretendem muitos antiquarios, que a actual egreja de S. Fructuoso, tambem junto a Braga, foi um templo romano dedicado a Esculapio; o que parece provar-se pela sua perfeição architectonica.

Pouco distante do templo de Esculapio e, como disse, junto á egreja de Dume, existia uma torre ou fortaleza, magnifica, e que, pela sua sumptuosidade, se denominava *Torre Capitulina.* Ainda existia no tempo do rei D. Affonso, das Asturias, como elle mesmo testifica em uma doação. É provavel que fosse destruida pelos mouros em algumas das suas frequentes invasões na Lusitania.

TORRE DA CUNHA — antiga e nobilissima casa, Minho, na freguezia da Cunha, concelho de Coura. Foram senhores d'esta casa (além de outros mais antigos, de que não pude obter noticias):

Antonio Pereira da Cunha, cavalleiro da ordem de Christo, governador da praça de Caminha, mestre de campo dos Auxiliares e fidalgo da casa real.

Sebastião Pereira da Cunha e Castro, capitão de cavallos e fidalgo da casa real. Foi seu filho

Antonio Pereira da Cunha e Castro, fidalgo da casa real, e capitão-mór de Coura. Foi seu neto — o senhor —

Antonio Pereira da Cunha, elegantissimo prosador e inspirado poeta, que reside com a sua familia, em Lisboa, e é pae do mavioso poeta, o sr. Sebastião Pereira da Cunha. (Vide *Portozello.*)

TORRE DA MARCA — Vide 7.º vol., pag. 296, anno 1530.

TORRE DA PASSAGEM — antiga e muito nobre casa, do Minho, na freguezia de Victorino das Donas, concelho de Ponte do Lima.

É actual representante d'esta casa, o sr. Joaquim d'Azevedo d'Araujo e Gama, feito 1.º visconde da Torre das Donas, em 8 de agosto de 1872.

Ha n'esta casa, o foro de fidalgo da casa real, e é uma das mais nobres familias, das margens do Lima.

TORRE DA SILVEIRA — antiga e nobre casa, Alemtejo, na freguezia de Assumar, concelho d'Elvas. (Vide *Assumar.*)

É o principal solar da familia dos Silveiras. Não se sabe quem foi o primeiro fidalgo que usou do appellido Silveira. O primeiro que com elle se acha, é D. João Fernandes da Silveira, filho de Martins Affonso de Sousa, do conselho de estado de D. João I, e de D. Constança Teixeira, camareira-mór da infanta D. Isabel, filha do mesmo monarcha, e que depois casou com Philippe III, o Bom, duque de Borgonha.

João Fernandes da Silveira, foi o 1.º barão de Alvito.

Para evitarmos repetições, vide no 1.º vol. pag. 183, col. 2.ª e seguintes.

TORRE DAS DONAS — Vide *Torre da Passagem.*

TORRE DAS VARGENS OU DAS VARZEAS — freguezia, Alemtejo, concelho da Ponte de Sôr, comarca da Fronteira (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Niza) 40 kilometros de Portalegre, 150 ao S. E. de Lisboa, 45 fogos.

Em 1768, tinha 33.

Orago, Nossa Senhora da Graça.

Bispado e districto administrativo de Portalegre.

Os marquezes da Fronteira, apresentavam o prior, que tinha 140$000 réis de rendimento annual.

Esta freguezia está, desde 1834, unida á de S. Francisco da Ponte de Sôr.

TORRE DE ABREU. — Vide no 5.º vol. pa. 194, col. 1.ª

TORRE DE AGUIÃO — casa antiga do Minho, no concelho dos Arcos de Valle de Vez.

Pertence a uma das familias mais nobres da provincia do Minho. Foram modernos senhores d'esta casa, da *Torre de Aguião* —

Jacome de Brito da Rocha, cavalleiro da Ordem de Christo, capitão-mór dos Arcos de Valle de Vez, e fidalgo da casa real.

Simão Antonio da Rocha e Brito, cavalleiro da Ordem de Christo, alcaide-mór do castello da Nóbrega, caudel-mór de Vianna do Lima, e fidalgo da casa real.

É hoje representante d'esta esclarecida familia, o sr. Simão da Rocha e Brito.

TORRE DE AGUIAR — Beira Baixa, na freguezia, e 1:500 metros ao E. da villa de Castello Rodrigo, concelho da Figueira de Castello Rodrigo. Antigo mosteiro de monges cistercienses. Vide no 2.º vol. pag. 186, col. 2.ª

TORRE DE ALVARENGA OU QUINTA DO PAÇO DA TORRE D'ALVARENGA — Douro — na freguezia d'Alvarenga, concelho de Arouca. (1.º vol. pag. 174, col. 2.ª)

A quinta da Torre de Alvarenga, é uma grande e rendosa propriedade, com casas de habitação, antiquissimas, com sua capella, da invocação de Senhora do Soccôrro. Ainda existem as ruinas de um grande palacio, com suas torres (que deu o nome á quinta.)

Os seus primeiros possuidores eram donatarios do concelho de Alvarenga (hoje extincto) senhorio que foi confirmado pelo rei D. Fernando I, em 29 de julho de 1381, a João Mendes de Vasconcellos, casado com D. Isabel Pereira. Era pae de Mem Rodrigues de Vasconcellos [1] do qual descendem os genuinos Vasconcellos d'este reino, e entre elles, os marquezes de Castello-Melhor, os condes de Figueiró, Penella, e outros.

Em 17 de agosto de 1648, Francisco Pereira de Vasconcellos, capitão-mór d'Alvarenga e Cabril, vinculou esta quinta, e a deu em dote, a sua sobrinha, D. Isabel da Silva e Vasconcellos, para casar (como casou) com João Correia de Sousa Montenegro, da casa dos Correias Montenegros (vide *Thuias*) —

Esta quinta é hoje dos srs. drs. Albino Pinto de Miranda Montenegro, e Martinho

[1] Este heroe portuguez do XIV seculo, foi immortalisado por Luiz de Camões, no canto 6.º, estancia 24.ª dos seus *Lusiadas*, tratando da batalha d'Aljubarrota, dada a 14 de agosto de 1385 — diz o poeta —

«Dom Nuno Alvares, digo, verdadeiro
Açoite de soberbos castelhanos,
Como já o forte Hunno o foi primeiro
Para francezes, para italianos.
Outro, tambem famoso cavalleiro
Que a ala direita tem dos Lusitanos,
Apto para mandal os, e regel-os,
Mem Rodrigues, se diz, de Vasconcellos

Pinto de Miranda Montenegro (que foi até ha poucos dias, governador civil d'Aveiro) filhos do sr. Bernardo Pinto de Miranda Montenegro, e descendentes da referida D. Isabel.

Ha noticia dos antigos possuidores d'esta quinta — são —

Jacome Rodrigues de Vasconcellos, casado com D. Philippa Maldonado. Tiveram —

D. Izabel Pereira de Vasconcellos, casada com Bento Rodrigues Malafaia. Tiveram —

Jacome Rodrigues de Vasconcellos, casado com D. Izabel da Silva Cardoso. Tiveram —

Francisco Pereira de Vasconcellos, que não teve successão, e era irmão de Miguel de Mello de Vasconcellos, senhor da quinta da Fervença, em Sinfães, e capitão-mór do concelho d'este nome. Foi pae de

D. Isabel da Silva e Vasconcellos, em quem seu tio, o dito Francisco Pereira de Vasconcellos, vinculou a quinta da Torre de Alvarenga, como fica dito.

Vide *Boa Vista*, e *Real*, de Paiva — *Sete Capellas, Sinfães, Sobrado de Paiva*, e *Thuias*.

Vide tambem no artigo *Porto, Correias, da Rua-Chan.*

TORRE DE ALVITO — Minho, casa antiga e nobre, em Cabeceiras de Basto. Está actualmente unida á de Alvação.

TORRE DE BARBOSA — Douro, antiquissima e nobre casa, que foi honra e concelho, supprimido ha muitos annos. Era o solar dos legitimos Barbosas, e hoje pertence aos filhos da fallecido D. Miguel Vaz Guedes de Athaide Azevedo Brito Malafaia.

Vide *Barbosa, e Canas Rans.*

As armas dos Barbosas, são — em campo de prata, uma banda azul, com trez crescentes d'ouro, entre dois leões, de púrpura, batalhantes, armados de prata — êlmo de prata, aberto; e por timbre, um dos leões das armas, com um crescente de prata, na espadua.

—

Para maior esclarecimento do que disse na 1.ª col. de pag. 323 do 1.º volume — accrescento aqui o seguinte —

Pedro Fernandes de Barbosa, era partidario do infante D. Pedro (o d'Alfarrobeira) e com elle morreu na batalha d'esta aldeia, em 20 de março de 1449.

Como a todos os que tomaram o partido de D. Pedro, foram confiscados todos os bens de Pedro Fernandes de Barbosa, que ficaram pertencendo á corôa.

D. João de Azevedo, 46.º bispo do Porto, filho de Luiz Gonçalves Malafaia (embaixador a Castella, por D. João 2.º, e védor da fazenda do rei D. Duarte) e de D. Philippa d'Azevedo, filha de Lopo Dias d'Azevedo, senhor de Bouro e S. João de Rei — era um dos validos (o bispo) de D. João 2.º, e companheiro de seu filho natural, D. Jorge, progenitor dos duques d'Aveiro.

Este soberano [1] vendeu (provavelmente ao desbarato) ao dito bispo do Porto, a casa de Barbosa, com todas as suas dependencias, e o bispo a deixou a um dos seus filhos, que era commandatario do mosteiro de S. João d'Alpendurada.

Assim passou o nobre solar dos Barbosas, para a familia Malafaia.

—

Da casa de Barbosa (quando era ainda d'esta familia) foi um filho varão, casar na casa vinculada de Aborim, freguezia, do concelho de Barcellos (vide *S. João de Rei*) e outro no mórgado de Marrancos, concelho de Villa Verde, que ambas estas familias (de Aborim e Marrancos) ficaram sendo ramos legitimos dos Barbosas.

Foi senhora da casa vinculada de Marrancos, a mulher de D. Antonio de Vasconcellos Abreu Lima, da casa do Tanque, em Braga, mas não houve filhos d'este casamento, pelo que succedeu no mórgado, o fallecido conde d'Azevedo, e pertence hoje aos seus herdeiros.

—

A casa da *Avellêda*, de que fallo na col. 2.ª da pag. 580, do 6.º vol., foi tambem de um ramo dos antigos Barbosas, até que veio alli casar um dos Guedes, de Gradiz, que lhe deu varonia.

D. Joanna de Meirelles Guedes de Carva-

[1] Por êrro typographico, se lê no artigo *Barbosa*, que foi D. João 1.º, que deu isto aos Malafaias, quando foi D. João 2.º

lho, herdeira da casa da Avellêda, casou com José Anastacio da Silva da Fonseca, da casa de Alcobaça, e não tiveram successão. A varonia dos Meirelles Guedes, extinguiu-se em Antonio de Meirelles, que não teve successão masculina.

Herdou a casa, Manuel Guedes da Fonseca, casado com a sr.ª condessa de Pangim (hoje viuva) dos quaes é filho, o actual representante d'esta familia, o sr. Manuel Pedro Guedes. — (Vide o logar indicado do 6.º volume.)

Note-se que esta *Avellêda* não é nenhuma das mencionadas no 1.º volume.

TORRE DE COREIXAS. — Douro, na freguezia de Irivo e Coreixas, comarca e concelho de Penafiel. A *Torre de Coreixas*, é solar de uma nobre familia, de origem britannica, e de appellido Brandão. Pertence hoje á familia Balsemão, porque D. Maria Rosa Alvo Brandão, senhora d'esta casa, casou com o 2.º visconde de Balsemão. Esta senhora, era avó paterna do sr. Luiz Alexandre Alfredo Pinto de Sousa Coutinho, feito, em 10 de janeiro de 1863, visconde de Balsemão, de juro e herdade, e com grandeza, e é o actual representante d'esta casa.

TORRE DE DOM SAPO — Vide *Cardiellos* e *Concieiro.*

TORRE DE DONA CHAMA — Villa, Traz os Montes, comarca e concelho de Mirandella, 80 kilometros ao N. de Miranda do Douro, 480 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1768, tinha 95.

Orago, Nossa Senhora da Encarnação.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade da freguezia de Guide, apresentava o cura, que tinha 6$000 de congrua e pé de altar.

Era um antiquissimo concelho, com 2:000 fogos, supprimido pelo decreto da regencia do sr. D. Fernando, de 24 de outubro de 1855.

O rei D. Diniz lhe deu foral, em Lisboa, a 25 de abril de 1287. (*L.º 1.º de doações do rei D, Diniz,* fl. 198, col. 2.ª)

O mesmo soberano, lhe deu 2.º foral, augmentando-lhe os privilegios do antigo, em Santarem, a 25 de março de 1299. (*L.º 4.º de doações do rei D. Diniz,* fl. 13, col. 1.ª no fim.)

Na gaveta 20, maço 12, n.º 40 (da Torre do Tombo) se acha a minuta para o novo foral d'esta villa, mas não se chegou a concluir [1].

Consta que a origem do nome d'esta povoação, provem de uma antiquissima torre, da qual ainda ha vestigios, em um monte proximo, construida no logar da primittiva villa.

Esta torre foi fundada por uma senhora, chamada *D. Châmoa*, ou *Chama* (em latim, *Flamula*) que deu o seu nome á povoação.

Feira a 5 de novembro.

—

Foi senhorio da familia Leão, e depois passou a sél-o de um ramo dos Guedes.

Leão, é um appellido nobre em Portugal. Veio de Hespanha, tomado da cidade de Leão, capital do reino do mesmo nome.

Passou a este reino, na pessoa de D. Pedro Soares de Leão, no reinado de D. Fernando 1.º, que lhe deu os senhorios da Torre de Dona Chama, e de Villas Bôas, no actual concelho de Villa Flôr, ambos de Traz os Montes.

Os Leões, trazem por armas — em campo de prata, leão de púrpura, e orla do mesmo, carregada de 8 aspas d'ouro — élmo d'aço, aberto; e por timbre, um leão d'ouro.

Os descendentes de João Lopes de Leão, que procedem de D. Gil de Leão, natural da cidade de Burgos, capital da Castella Velha, trazem por armas — em campo de prata, cruz azul, vazia do campo, bolotada de 3 bolotas da sua côr, em cada extremidade, com os cascabulhos d'ouro — élmo de prata, aberto; e por timbre, uma áspa azul, com as mesmas trez bolotas em cada ponta.

TORRE-DEITA — freguezia, Beira Alta, concelho, comarca, districto administrativo,

[1] Isto diz Franklin, a pag. 290 da sua *Memoria sobre foraes*; mas é êrro e contradicção, porque a pag. 97, tinha dito o seguinte — *Châmoa. Dado em Lisboa* (o foral pelo rei D. Manuel) *a 4 de março de 1512. Livro de foraes novos de Traz-os Montes, fl. 10, v., col. 2.ª*

Châmoa e Torre de D. Chama, é uma e a mesma villa; portanto, ella teve foral novo.

bispado e 9 kilometros do O. de Vizeu, 500 fogos.

Em 1768, tinha 307.

Orago, Nossa Senhora da Annunciação.

270 kilometros ao Norte de Lisboa.

O cabido da Sé de Viseu, apresentava o vigario, collado, que tinha 170$000 réis de rendimento annual.

É esta freguezia regada pelo pequeno rio do seu nome, que desagúa na direita do Dão.

Foi commenda da ordem de Christo, que o principe regente (depois D. João VI) por carta regia de 21 de julho de 1796, renovou em mais uma vida, no 1.º visconde da Bahia. Na mesma carta, renova a este visconde, em mais duas vidas, a commenda da quinta de Santa Eufemia, junto a Monte Mór Velho, e que era da mesma ordem.

Na aldeia de Routal, d'esta freguezia, e que fica a 6 kilometros ao N. da freguezia de Farminhão, do mesmo concelho, ambas no áro de Viseu, e a uns 250 metros distante da referida aldeia, ha um sitio baixo, cercado de montes, e deserto, atravessado por um pequeno ribeiro. N'este deserto está a ermida de *Nossa Senhora do Ribeiro*, que foi objecto de muita devoção para os povos d'estas terras, e muito concorrida de romarias, em varias épocas do anno.

Consta por tradição, que, pelos annos de 1600, embarcando para a India um rapaz solteiro, chamado Henrique, da freguezia de Farminhão, de Alvernaz, resolveu voltar a Portugal, passados alguns annos, com bastantes cabedaes. Na viagem, sobreveio um horroroso temporal, que poz em grande perigo a nau em que vinha embarcado. Prometteu Henrique á Santissima Virgem, de lhe construir um templo na sua terra, se lá chegasse a salvamento.

A nau, depois de varios contratempos, fundeou em Lisboa, e Henrique regressou á sua terra.

Tratou logo de cumprir a promessa — e, como durante o temporal que soffrera se não viam senão as vagas furiosas debatendo-se contra o navio, e nada mais, por causa do novoeiro, escolheu, em memoria d'isso, um sitio profundo e sem horisontes.

Mandou fazer o templo com a fórma de um navio, mas de muita perfeição architectonica, e com uma linda capella-mór, adornada com primorosos quadros, pintados pelo famoso *Grão Vasco*, que vivia por este tempo. (Vide *Moinhos do Pintor*.)

Além da ermida, mandou construir o fundador, proximo a ella, as casas para residencia do eremitão, e uma horta, com algumas arvores e muitas flores, para adorno do templo, regada com as aguas de uma fonte perenne e abundante, que fica entre a egreja e as casas. Esta fonte, é coberta e feita de cantaria muito bem lavrada, e á sua agua se attribuem virtudes medicinaes, efficazes para a cura de varias enfermidades.

Tambem o fundador comprou algumas fazendas, visinhas do templo, para com o seu rendimento se occorrer ás despezas do culto divino, reparos e conservação da ermida, e congrua ao eremitão. Annexou estas fazendas, á commenda de Torre Deita, com obrigação aos commendadores de cuidarem no augmento e conservação da casa da Senhora, o que elles cumpriram.

Em 1632, se erigiu uma irmandade, com 111 irmãos leigos e 9 sacerdotes. Em 1691, concedeu o bispo, que a irmandade se augmentasse com mais 20 confrades, e passados annos, lhe concedeu mais 40. Além dos suffragios pelos irmãos fallecidos, tinha a irmandade muitas indulgencias concedidas pelos Summos Pontifices.

—

TORRE DE LANHELAS — nobre e antigo solar, de um dos ramos dos Abreus Sotto-Maiores, na provincia do Minho, freguezia de Lanhellas, concelho e 2 kilometros a N. E. de Caminha. (Vide 4.º vol., pag. 45, col. 1.ª)

Segundo Argote (*De Antiquitatibus Conventus Bracarangustani*, 2.ª edição, pag. 130) parece que Lanhellas foi uma antiquissima cidade, com o nome de *Lais*, ou *Udata Laia*, talvez fundada pelos gregos, visto que *Laia*, é palavra grega, e significa *Esquerda*, e, com effeito, Lanhellas fica na margem esquerda do rio Minho, e em frente das povoações gallegas, de *Solsidos*, *Rosal*, *S. Miguel*, *Ta-*

bagão, e outras, que ficam na margem direita.

Idacio diz que *a cidade de Lais, fica pouco distante do rio Minho, mas não se sabe de que parte lhe ficava*, e que foi municipio romano. Ptolemeu a demarcá no paiz braccarense, e lhe dá o nome de *Udata Laia* [1].

O que é certo, é ser esta freguezia povoada desde tempos immemoriaes.

Nas *Inquirições*, feitas por ordem de elrei D. Diniz, se menciona uma freguezia situada nos julgados de Caminha e Villa Nova da Cerveira, á qual n'aquelle tempo (1284) se dava o nome de *Layellas*, como quem diz — *Pequena Lais*, hoje *Lanhellas*. «*E assim* (diz Argote no logar citado) *me atrevo a affirmar, que alli estava assentada a cidade e municipio de Lais, de que tratamos; pois é certo, que, assim a situação, como o nome, quadram notavelmente á sobredita parochia.*»

Não me consta porém que haja n'esta freguezia, vestigios de tão remota antiguidade; pois, passando eu aqui muitas vezes, e investigando quanto me foi possivel, o monumento mais antigo que achei foi a — *Quinta da Torre de Lanhellas.*

Á delicadeza e benevolencia do sr. Camillo de Sá Pinto d'Abreu Sotto-Maior, actual possuidor d'esta formosissima propriedade, devo as rectificações que faço agora ao artigo *Lanhellas.*

D. Quiteria Josepha de Sá Sotto-Maior, não era filha bastarda de D. João de Sá de Menezes e Silva, como eu disse; mas filha legitima de Francisco Rodrigues de Lemos, e de sua mulher, D. Marianna de Sá Pereira, meia irman do tal D. João de Sá de Menezes e Silva.

Por morte de D. João de Sá, e não deixando filhos legitimos, veio Leonardo Lopes d'Azevedo, pae de Pedro Lopes de Azevedo, apresentar-se como o parente mais proximo do fallecido, e a querer ser seu herdeiro nos vinculos; o que foi impugnado por a referida D. Quiteria: e, depois de uma grande demanda, foi mandado dar posse da herança, a esta senhora, sobrinha de D. João de Sá, por sentença da casa da supplicação, de 24 de março de 1772; por se ter plenamente provado que D. Quiteria era descendente *legitima.*

—

Disse eu no 4.° vol., que *não pude saber como esta casa passou á familia Sá.*

Já o sei, pelas informações do sr. Camillo de Sá.

Eis como se deu esta *transmissão.*

Em 1550, frei Antonio de Sá, D. Abbade commendatario dos mosteiros de *Tibães, Santa Maria de Carvoeiro* e *S. João d'Arnoia*, instituiu uma capella, que nomeiou em seu sobrinho, Ruy de Sá Pereira — e declara em seu testamento, que esta capella, andará sempre na geração dos Sás.

Em 1596, D. Ignez Pereira, irmã de frei Antonio de Sá, e casada com Belchior de Sá, instituiu o morgado de Lanhellas e Vianna, nomeando-o a seu filho primogenito, o dito Ruy de Sá Pereira, que já era administrador da referida capella, que seu tio lhe doára; e desde então até hoje, tem andado sempre esta casa na familia Sá, sem nunca ter passado a estranhos, como se póde provar por varios documentos d'esta familia, julgados por sentença, em differentes epochas.

Estes vinculos, foram herdados por D. João de Sá de Menezes e Silva, vindo-lhe por parte de seu pae. Os que herdou de sua mãe, seguiram a sua linha, que era a dos viscondes de Barbacena.

Tambem só pertence a esta casa, a capella de Santo Antonio — a de Nossa Senhora da Graça, é de diversos lavradores da freguezia, e não da casa da Torre, como eu disse no 4.° volume.

O sr. Camillo de Sá Pinto d'Abreu Sotto-Maior, teve um irmão primogenito, chamado Camillo Antonio, que morreu adolescente — e são suas irmãs as sr.as:

D. Maria do Carmo Felicidade, viuva do capitão de infanteria, Manuel Joaquim dos

[1] Alguns escriptores pretendem que *Lais* fosse onde hoje é a extincta villa de Lanhezes, freguezia do concelho de Vianna do Lima, o que é erro, porque esta freguezia fica a mais de 12 kilometros ao S. do Minho, e muito mais proxima do Lima. Vide *Lanhezes.*

Santos, que tinha casado em primeiras nupcias, com D. Thereza Malheiro Reymão.

D. Maria do Patrocinio, casada com o sr. Ventura Malheiro Reymão.

D. Maria dos Prazeres, ainda solteira.

Foram seus paes — João de Sá Pinto Sotto-Maior, e D. Carlota Joaquina Augusta de Mendonça Machado e Araujo.

—

O sr. Camillo, é casado com a sr.ª D. Maria da Natividade da Silva do Amaral, filha do capitão-mór do concelho de Castello de Paiva, Francisco d'Assis da Silva Amaral.

—

Foram avós do sr. Camillo, Camillo Antonio de Sá Pinto d'Abreu, e D. Maria Clara de Azevedo e Araujo.

Foram seus bisavós paternos, Antonio Soeiro da Silva e D. Quiteria Josepha de Sá Sotto-Maior, senhora da Torre de Lanhellas e do mórgado da Graciosa -- e maternos, Antonio Fernandes de Lima, e D. Joanna Angelica de Azevedo e Fonseca.

A mãe do sr. Camillo, era filha de José Joaquim de Mendonça Machado e Araujo, capitão-mór de Valladares (do concelho de Monsão) e de D. Maria Thereza da Rocha Cabral e Quadros, filha de Ignacio da Rocha Cabral e Quadros, guarda-roupa de el-rei D. Pedro III, o qual (Ignacio) ficando viuvo, casou com D. Marianna Felix de Valois e Moraes.

O capitão-mór de Valladares, era filho de Bento Mannel Machado d'Araujo, coronel de milicias, e de D. Maria Cardoso de Menezes — e neto paterno, de Manuel Machado de Araujo, senhor da casa de Miosa, governador de Castro Laboreiro, e de D. Francisca Julianna de Machila e Ribadenera, senhora nobre da Galliza.

—

O sr. Camillo, vendo que na sua freguezia não havia escola publica, de instrucção pri maria, e que as das freguezias visinhas ficavam muito distantes, offereceu, em outubro de 1876, á junta de parochia de Lanhellas, uma casa, para escola publica, com a competente mobilia.

TORRE DE MAGALHÃES. — Vide *Paço Vedro de Magalhães.*

TORRE DE MONCORVO. — Vide *Moncorvo.*

Aqui só accrescentarei, o que não foi no 5.º volume.

Viscondes da Torre de Moncorvo

Christovam Pedro de Moraes Sarmento, do conselho de S. M., commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição, de Villa Viçosa, cavalleiro da de Christo, condecorado com a cruz de prata n.º 2, da companha da guerra peninsular; grão-cruz da ordem de Isabel a Catholica, em Hespanha; e da de Ernesto Pio, da Saxonia; grande official da Legião d'Honra, em França; superintendente das alfandegas e do tabaco, em Traz os Montes; encarregado de negocios em Londres e Copenhague; enviado extraordinario e ministro plenipotenciario em Londres, em 1833. Serviu como voluntario durante a guerra da Peninsula, e na magistratura e diplomacia, desde 17 de janeiro de 1814, até 15 de dezembro de 1836, sem interrupção, e, como plenipotenciario portuguez, assignou o *tratado da quadrupla alliança.* Nasceu na Bahia de Todos os Santos (Brasil) a 13 de maio de 1788. Casou em Dinamarca, no 1.º de dezembro de 1828, com D. Carlota Amalia Jordão, nascida a 15 de agosto de 1806, e fallecida a 7 de abril de 1869.

Foi feito barão da Torre de Moncorvo, a 23 de maio de 1835, e falleceu em 11 de janeiro de 1851.

Era filho de Thomaz Ignacio de Moraes Sarmento, desembargador dos aggravos, da casa da supplicação, natural da Torre de Moncorvo, onde nasceu, a 13 de dezembro de 1750, e morreu em Lisboa, a 22 d'abril, de 1820.

Não teve filhos legitimos, mas dous bastardos, que legitimou — o 1.º, foi Alexandre Thomaz de Moraes Sarmento, feito 1.º visconde do Banho, em 21 de julho de 1835, e pae do actual 2.º visconde do Banho, Thomaz Ignacio Girão de Moraes Sarmento, que obteve o titulo, em 5 de agosto de 1840 — o 2.º filho do dito desembargador foi o 1.º ba-

rão da Torre de Moncorvo. Este, teve quatro filhos, que, por ordem das idades, são:

1.º — *Pedro João de Moraes Sarmento*, feito barão do mesmo titulo, em 20 de novembro de 1848. Tinha nascido em Copenhague, a 27 de dezembro de 1829.

2.º — *D. Maria Carlota*, nascida em Copenhague, a 15 de abril de 1834.

3.º — *Alexandre Thomaz de Moraes Sarmento*, nascido em Londres, a 15 de novembro de 1835, e foi feito visconde da Torre de Moncorvo, a 30 de julho de 1874.

TORRE DE PENAGATE. — Vide 3.º vol., pag. 301, col. 1.ª

TORRE DE PENHÃO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Villa Real, concelho de Sabrosa, (foi da mesma comarca, mas do concelho de Villar de Maçada, extincto), 95 kilometros ao N. E. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 290 fogos.

Em 1768, tinha 160.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

A mitra, apresentava o vigario, collado, que tinha 100$000 réis de rendimento annual, além do pé d'altar.

É terra fertil. Optimo vinho de embarque.

TORRE DO REAL. — Casa antiga e nobre, em Braga.

Estevam Falcão Cotta, fidalgo da casa real, bisneto de João Falcão (fidalgo inglez, que veio a Portugal com o duque de Lencastre, pae da rainha D. Philippa, mulher do rei D. João I) tronco dos fidalgos d'este appellido, em Portugal; veio estabelecer-se em Braga, no anno de 1460.

Manoel Falcão, filho de Estevam Falcão Cotta, instituiu o morgado de Nossa Senhora da Graça, no convento dos Remedios, primitivo vinculo d'esta familia, em Braga.

Seu neto, Manoel Falcão Cotta, fidalgo cavalleiro, foi o 1.º senhor do mórgado da *Torre do Real*.

Estes dous mórgados, e o da casa da Madre de Deus, formam a casa vulgarmente conhecida pelo nome de *Casa dos Falcões, de Braga*, da qual é actual representante, o sr. Francisco Falcão Cotta Azevedo e Menezes.

—

TORRE DERRUBADA. — Aldeia, Extremadura, na freguezia de Triana, da villa de Alemquer. Hoje, diz-se simplesmente *Torre*. Vide *Alemquer*.

TORRE DE QUINTELLA. — Casa antiga e nobre, Minho, na freguezia de Nogueira. (Vide a 1.ª *Nogueira*, da 2.ª col., de pag. 104, do 6.º volume.)

TORRE DE SÃO VICENTE. — Vide Belem.

TORRE DE SOUTÊLLO. — Casa antiga e nobre, Minho, na freguezia de Soutêllo, no concelho e proximo a Villa Verde. Vide n'este vol., a col, 2.ª, de pag. 441. (O 2.º *Soutêllo* d'esta columna.)

TORRE DE VALLE DE TODOS. — Freguezia, Extremadura, concelho de Ancião, comarca do Pombal, 30 kilometros ao S. de Coimbra, 144 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 19 [1].

Orago, Nossa Senhora da Graça.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Leiria.

O cabido da Sé de Coimbra, apresentava o cura, que tinha 50$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra muito fertil em todos os generos agricolas do nosso clima.

TORRE DE VILELLA. — Freguezia, Douro, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e 8 kilometros de Coimbra, 210 ao N. de Lisboa.

Em 1768, tinha 60 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

As freiras bernardas, do mosteiro de Lorvão, apresentavam o cura, annual, que tinha 30$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia e a de Brafemes (ou *Braz-femeas*) formam, ha muitos annos, uma unica parochia, mais conhecida pela denominação de *Torre de Vilella*, do que pela de *Brafemes*. Vide esta ultima palavra.

Maria de Jesus, mulher de Joaquim de Figueiredo, d'esta freguezia, *deu á luz, em menos de um anno, cinco filhos!* Nos fins de

[1] Aqui ha forçosamente engano — e grande — do *Port. Sacro e Profano*.

dezembro de 1873, teve trez filhos, e em 13 de dezembro de 1874, teve mais dous.

—

José de Seabra da Silva

Este famoso estadista, nasceu em Villela, a 31 de outubro de 1732, sendo baptisado a 17 de novembro do mesmo anno, na ermida de São Domingos, da Torre de Villela.

Foi filho primogenito de Lucas de Seabra da Silva, nascido em Lobão, concelho de Bésteiros (Tondella) a 6 de outubro de 1694, e foi lente de prima, de leis, na Universidade de Coimbra, cavalleiro da ordem de Christo (por alvará de 6 de junho de 1730) fidalgo da casa real (por alvará de 30 de abril de 1745) agraciado com a carta de conselho, no mesmo anno de 1745, no qual tambem foi nomeádo conselheiro da real fazenda, e, mais tarde, desembargador do paço, alem de outros muitos logares que exerceu com honra.

Foi senhor dos mórgados de Lobão e Faíl, e 7.º do de Figueiró dos Vinhos, pelo seu casamento com D. Josefa Thereza de Moraes Ferraz, fallecida em Coimbra, a 5 de junho de 1750, e seu marido morreu em Lisboa, no mez de dezembro de 1756.

—

José de Seabra da Silva, concluidos os seus preparatorios, matriculou-se na faculdade de direito, da Universidade do Coimbra, no 1.º de outubro de 1744, e, depois de um curso em que sempre se distinguiu, pela sua applicação, tomou o grau de doutor na sua faculdade, em 24 de abril de 1751.

No 1.º de março de 1752, fez *exame vago*, ou de *jure aperto*, em uma das salas do paço, causando admiração os seus grandes talentos.

A este acto, assistiu Sebastião José de Carvalho e Mello, 1.º ministro de D. José I, e futuro conde de Oeiras e marquez do Pombal, e que desde este exame ficou sendo amigo de José de Seabra.

Foi feito desembargador da Relação do Porto, por alvará do 1.º de janeiro de 1753, e pouco depois nomeado ajudante da secretaria de estado, para coadjuvar o 1.º ministro.

Em 25 de abril de 1765, foi nomeado procurador da corôa, e a 20 de Abril de 1766, guarda-mór da Torre do Tombo. Em 1757, tinha sido nomeado fiscal da companhia do Grão-Pará e Maranhão — e por carta da rainha, D. Maria Anna Victoria (infanta de Hespanha, e mulher de D. José I) foi nomeado executor da sua real fazenda, em 10 de maio de 1760.

Em 25 de janeiro de 1770, foi feito desembargador do paço, e, finalmente, em 6 de junho de 1771, ministro e secretario de estado de D. José I, adjunto a Sebastião José de Carvalho (que já era conde de Oeiras, desde 6 de junho de 1759, e marquez de Pombal, desde 18 de setembro de 1769.)

Por decreto de 17 de janeiro de 1774, foi exautorado de todos os empregos, proscripto, e mandado sahir da côrte, *no prazo de 48 horas*, para o Valle de Bésteiros, onde devia apresentar-se de 15 em 15 dias; e alli esteve até 30 de abril do mesmo anno, dia em que o corregedor d'Evora e juiz de fóra e officiaes de justiça de Tondella, lhe intimaram a ordem de prisão. Foi escoltado por uma força de cavallaria, até á cidade do Porto, dando entrada na prisão do castello de S. João da Foz, a 4 de maio, e d'ahi, embarcou a 4 de outubro, em um navio que fazia viagem para o Rio de Janeiro. Esteve preso na ilha das Cobras, d'onde sahiu para Angola, aportando em Loanda, no 1.º de março de 1775. D'ahi seguiu viagem para o presidio de Pungo Adongo (*Pedras Negras*) onde permaneceu até 1778.

Para tão severo castigo, não houve casta alguma de processo, não foi ouvido José de Seabra, nem houve, ao menos, uma apparencia de sentença. Houve a vontade despotica do marquez de Pombal, e mais nada.

Ainda hoje se não sabe com certeza, a causa de tão barbaro procedimento; apenas correu, com alguns visos de verdade, que Seabra revelára certo segredo de estado á rainha [1]. Dizem outros que Seabra tinha

[1] Diz-se que o marquez do Pombal projectára obter, por surpreza, a desistencia do principe do Brasil (depois de D. Maria I) dos seus direitos á corôa, a favor de seu filho, D. José, principe da Beira, que falleceu

permittido aos bispos — contra a expressa ordem do 1.º ministro — confirmarem ordens sacras, sem beneplacito regio. Outros finalmente, davam por causa ao castigo, haver Seabra desobedecido ás ordens do rei, obrigando a entrar, por força, em um convento, um mórgado, para fazer succeder no vinculo, um colateral. (Esta opinião é bastante inverosimil.)

Seabra, attribuiu sempre a sua desgraça, ao cardeal da Cunha. Isto mesmo foi confirmado pelo marquez de Pombal no depoimento judicial que prestou depois da sua queda, por ordem do governo de D. Maria I.

—

Tendo adoecido o rei D. José, no principio de dezembro de 1776, nomeou sua mulher, a rainha D. Maria Victoria, regente do reino, durante a sua doença, d'elle; e logo a 15 d'esse mez, a rainha mandou expedir um decreto, dirigido a D. Antonio de Lencastre, governador d'Angola, e referendado por Martinho de Mello e Castro, para que, sem perda de tempo, fosse buscar José de Seabra da Silva, a Pungo Adongo, e o trouxesse para sua residencia (do governador) o tratasse com a decencia que merecia um ministro do seu caracter e estimação; e d'alli, fazel-o conduzir ao reino, com todas as commodidades.

D. José, falleceu a 22 de fevereiro de 1777, e logo a 4 de março, foi demittido o marquez do Pombal, por um decreto de D. Maria I, ficando, em quanto vivesse, recebendo os ordenados de ministro de estado, e, alem d'isso, lhe deu a rainha, pelo mesmo decreto, a commenda de S. Thiago, de Lanhoso, no arcebispado de Braga. Este decreto é datado do palacio da Ajuda

Vê-se pois que José de Seabra, foi chamado ao reino, e restituido a todas as suas honras, ainda no reinado de D. José I, e sendo ministro (e ainda o foi 4 mezes) o marquez do Pombal, o que nos faz acreditar que em tudo isto, ha um mysterio historico, que, provavelmente, já mais se desvellará.

em 1788. O plano, só era sabido do marquez do Pombal e de José de Seabra, e este o foi denunciar á rainha, para acautelar sua filha, evitando que ella cahisse no laço.

Talvez alguem note que o decreto que mandou chamar José de Seabra não fosse referendado pelo marquez do Pombal, ministro do reino. Foi referendado por quem devia ser: uma vez que era dirigido ao governador de Angola, competia isso a Martinho de Mello e Castro, que era ministro da marinha e ultramar.

Eis a cópia de um decreto de D. Maria I (copio-o por ser pequeno.)

«Não constando na minha presença, culpa alguma de José de Seabra da Silva; e, *entendendo que os procedimentos que com elle se praticaram, se originaram de falsas ou affectadas informações*; e não sendo da minha real intenção prival-o das honras de que gosava, pelos empregos que exercia — Hei por bem que se risque em todos os livros, qualquer ordem que n'elles se ache registada, e fosse contra elle expedida; averbando-se á marguem do dito registo. E para que a todos possa constar, lhe concedemos licença para o fazer imprimir. O visconde de Villa Nova da Cerveira, meu ministro e secretario de estado dos negocios do reino, o tenha assim entendido e faça executar. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda, 21 de outubro de 1778. Com a rubrica de Sua Magestade.»

Quando José de Seabra chegou a Lisboa, de volta do seu degredo, foi enthusiasticamente recebido, vindo acompanhado até sua casa de S. Sebastião da Pedreira, por uma grande multidão de gente, de todas as classes, incluindo grande numero de pessoas da primeira nobreza da côrte.

Em 15 de maio de 1779, foi agraciado com a commenda de Christo, de Oliveira de Azemeis.

Em 12 de janeiro de 1784, foi nomeado presidente da junta do codigo, em substituição do 1.º marquez de Ponte de Lima. Em 15 de dezembro de 1788, foi feito ministro do reino.

O principe D. João e os do seu partido,

sustentaram que D. Maria I, estava atacada de uma doença mental, incuravel, e que, portanto, devia aquelle seu filho proclamar-se *principe regente*. Oppoz-se José de Seabra, dizendo que essa resolução, só podia ser discutida e tomada em côrtes, o que era legalissimo; porém D. João, tinha pressa de reinar, e abusando do seu poder e influencia, proclamou-se a si mesmo, e contra as leis do reino, *regente do reino, em nome da rainha, D. Maria I*, e por um seu decreto, de 15 de julho de 1799, se declarou *principe regente de Portugal e dos Algarves, etc* [1].

D. João, apezar da sua bonhomia, nunca perdoou a José de Seabra, a sua opinião com respeito a esta regencia illegal e extemporanea, e por isso, apenas se viu com as rédeas do governo seguras em suas mãos, logo a 5 de agosto d'esse mesmo anno de 1799, demittiu o ministro José de Seabra da Silva, e o mandou desterrado para a sua quinta do Canal (d'elle Seabra) e só em 30 de março de 1804, por um aviso regio, referendado pelo ministro do reino, conde de Villa Verde, lhe foi permittido regressar á sua casa, de S. Sebastião da Pedreira, em Lisboa, em razão da continua e grave molestia do ex-ministro, e do pouco sádio sitio do Canal.

—

Em 1807, Junot, sabendo que José de Seabra estava no desagrado da côrte (ou, pelo menos, do principe regente) o convidou para ministro do interior, ao que Seabra — já então octogenario — se recusou, como bom portuguez.

A 5 de fevereiro de 1808, se instaurou, em Lisboa, a *sociedade restauradora*, por diligencias de Seabra, sendo dos primeiros que a formaram, os seus dois filhos — unicos — o primogenito, que era visconde da Bahia, desde 13 de maio de 1796; e seu irmão, Antonio Coutinho de Seabra.

Estes dois filhos, sentaram praça no exercito portuguez, combatendo sempre, e com distincção, em defeza da sua patria, e como seu pae, em razão da sua provecta edade e padecimentos, não podia fazer parte do exercito libertador, offereceu ao estado, em quanto durasse a guerra contra os francezes, os rendimentos das commendas da casa da Bahia (3:000$000 réis annuaes) e elle e seus filhos, deram ao exercito real muitos fardamentos, e por varias vezes, cavallos para a cavallaria, e muares para a artilheria (só de uma vez lhe deram 30 e tantos) além de outros valiosos donativos [1].

Seu filho Antonio, já senhor de varios prasos, forneceu, á sua custa, e abundantemente, a nau *Martim de Freitas*. Depois, marchou para Traz os Montes a unir-se ás tropas leaes, do benemerito general Silveira (depois 1.º conde d'Amarante, e pae do intrepido e fidelissimo general, 2.º conde de Amarante, e 1.º marquez de Chaves.) Antonio Coutinho de Seabra, obrou n'esta gloriosa campanha, prodigios de valor, e serviu de ajudante general de Silveira, havendo assistido ás homericas batalhas da Roliça e do Vimeiro. Sendo capitão do bravissimo regimento de infanteria n.º 8, morreu gloriosamente, na batalha do Bussaco, a 27 de setembro de 1810.

O tenente coronel Douglas, commandante de infanteria n.º 8, dando parte da morte d'este bravo portuguez, faz os devidos elogios ao seu valor, e diz que elle morreu á frente da sua companhia.

Synopse da casa da Bahia

1.º — *Francisco Pereira Coutinho*, quarto filho de Affonso Pereira, caçador-mór de el-rei D. Affonso V, do seu conselho, e alcaide-mór de Santarem, e de sua segunda esposa, D. Catharina Coutinho, filha dos segundos condes de Marialva. Era moço fidalgo, por

[1] Ha muito quem affirme que D. Maria I, nunca esteve demente, senão depois de lhe tirarem o governo do reino; e alguns até sustentam que ella nunca esteve demente.

[1] José de Seabra, além dos rendimentos dos morgados do Canal, no concelho da Figueira, deu depois, para as despezas da guerra, todos os rendimentos da sua grande casa, nas duas Beiras, Extremadura e Alemtejo.

alvará de 26 de março de 1498[1], e serviu no reino, na Africa, na India, e na America: foi capitão de Goa a 27 de janeiro de 1521, cavalleiro do conselho de el-rei D. João III, em 1534, e teve, em galardão de serviços, a 5 d'abril d'este mesmo anno, a capitania da Bahia de Todos os Santos, no Brasil, de juro e herdade. Succumbiu a uma revolta dos indigenas, em 1549. Havia casado com D. Margarida Pereira de Lacerda, fallecida a 10 de setembro de 1566, filha de Reimão Pereira de Lacerda, da casa de Baleirão, e de D. Izabel Pereira, e tiveram um filho unico :

2.º—*Manuel Coutinho Pereira*, moço fidalgo, em 18 de fevereiro de 1534, feito segundo capitão donatario da Bahia, e preparando-se para ir para a sua capitania lh'o impediram por parte da corôa : oppoz-se a isto, mas tendo el-rei mandado para lá governador, cedeu do direito áquella capitania por escriptura de 7 de setembro de 1553, e se lhe passou depois um padrão de quatrocentos mil réis de juro e herdade, a 16 de agosto de 1566, pelo qual se vinculou a referida quantia em mórgado, com as mesmas clausulas extraordinarias da primordial doação feita a seu pae, e entre ellas a obrigação imposta a todos os seus successores do uso do appellido de Coutinho, e das suas armas, primeiro que outro qualquer appellido, e de outras quaesquer armas, sob pena de perderem o direito ao vinculo. Morreu em 1608, e foi o primeiro administrador do mórgado do juro da Redizimà da Bahia, que teve apostilla no padrão em 1576. De sua primeira esposa, D. Filippa de Brito, filha de Fernão de Brito, e de Genebra de Brito — teve a :

3.º — *D. Catharina Coutinho*, casou com Simão Rodrigues Cardoso, natural de Villa Nova d'Anços, filho de Mendo Affonso Cerveira, e de D. Ignez de Azambuja, que foi (Simão Rodrigues) ouvidor geral, provedor da Fazendâ, e capitão e governador de Pernambuco, por carta do 1.º de outubro de 1578, por estar prisioneiro o capitão donatario, Duarte Coelho de Albuquerque. Prestou grandes e extremados serviços, na America, na paz e durante a guerra, desde 1580 até 1595, concorrendo com largas despezas em beneficio do Estado, e tiveram :

4.º — *Francisco Pereira Coutinho*, moço fidalgo, terceiro administrador do mórgado do juro real da Redizima da Bahia, de que teve apostilla no padrão a 3 de novembro de 1635, succedendo n'este vinculo a seu primo coirmão Bernardo Coutinho. Morreu em 1651, deixando de sua segunda esposa, D. Ignez de Brito, filha de Antão Lopes, fidalgo da casa real, e vereador da camara de Soure, e de D. Ignez Pinto, a :

5.º—*D. Philippa Coutinho*, sexta administradora do mórgado do juro real da Redizima da Bahia, de que teve apostilla no padrão, a 28 de junho de 1651. Casou a 12 de agosto de 1632, com seu primo Alvaro Cerveira de Azambuja, filho de Dionisio Cerveira de Azambuja, e de D. Ignez Alvares Lobo, que depois de ter prestado serviços ao Estado, falleceu em 12 de outubro de 1645, e tiveram :

6.º — *Manoel Pereira Coutinho*, moço fidalgo, por alvará de 16 de outubro de 1670, setimo administrador do mórgado do juro real da Redizima da Bahia, de que teve apostilla no padrão, a 4 de março de 1670. Serviu com grande valor na guerra da restauração desde 1661 a 1667 ; foi mestre de campo de auxilíares, e recebeu em 20 de julho de 1679, uma carta de el-rei D. Pedro II, em que lhe agradece e relata todos os seus serviços. Teve de sua segunda esposa, D. Marianna da Cerveira, viuva de Manoel Arraes de Mendonça, moço fidalgo, filha de Manoel Correia da Maia, e de D. Benta Simões Pereira.

7.º — *Manoel Coutinho Pereira*, moço fidalgo, por alvará de 15 de novembro de 1691, mestre de campo de auxiliares, foi o oitavo administrador do mórgado do juro real da Redizima da Bahia, de que teve apostilla no padrão, a 4 de março de 1700. Foi frade depois de viuvo, com o nome de frei Manoel da Conceição, havia casado a 28 de agosto de 1700, com D. Isabel Maria da

[1] Todos os alvarás e outros documentos que cito se conservam os proprios originaes no archivo da casa da Bahia, onde existe uma grande porção de documentos, pelos quaes se vêem os grandes serviços prestados, ao Estado, pelos senhores d'esta casa.

Horta, herdeira da casa de seus paes, Bernardo Amado Pereira, moço fidalgo, e D. Josepha Maria da Horta, e tiveram :

8.º — *Manoel José Coutinho*, moço fidalgo, por alvará de 18 de agosto de 1718, e nono administrador do mórgado do juro real da Redizima da Bahia, de que teve apostilla no padrão, a 27 de fevereiro de 1741. Casou em 15 de junho de 1719, com D. Dorothea Maria de Sousa e Menezes, filha e herdeira de Manoel de Sousa e Menezes, moço fidalgo, senhor da antiga casa de Soutello, e de D. Joanna Francisca de Sousa e tiveram :

9.º — *Nicolau Pereira Coutinho de Sousa e Menezes*, moço fidalgo, por alvará de 4 de outubro de 1738, decimo administrador do mórgado do juro real da Redizima da Bahia, de que teve apostilla no padrão, a 13 de julho de 1762. Casou a 13 de fevereiro de 1736, com D. Francisca Maria de Távora e Sousa, filha de Alexandre de Sousa Freire, governador e capitão-general de Pernambuco, em 1737, e depois do Maranhão—e de D. Leonor de Brito e Castro, e tiveram filha unica, a :

10.º—*D. Anna Felicia Coutinho Pereira de Sousa Tavares da Horta Amado e Cerveira*, 11.º administrador do mórgado do juro real da Redizima da Bahia, de que teve apostilla no padrão, no 1.º de outubro de 1791, casou a 8 de janeiro de 1764, com o dito José de Seabra da Silva, filho primogenito de Lucas de Seabra da Silva, moço fidalgo, por alvará de 30 de abril de 1745, senhor dos mórgados de Lobão e Fail, e de D. Josepha Theresa de Moraes Ferraz, e foi ministro e secretario de estado de el-rei D. José, e da rainha D. Maria I, e tiveram :

11.º — *Manoel Maria Coutinho Pereira de Seabra e Sousa Tavares de Horta Amado e Cerveira*, 12.º administrador do mórgado do juro real da Redizima da Bahia, de que teve apostilla no padrão, a 4 de abril de 1815, foi o 1.º visconde da Bahia, de juro e herdade, por carta de 16 de maio de 1796. Serviu com grande distincção na guerra Peninsular, para o que deu grandes donativos ; e na guerra de 1832 a 1834, foi ajudante de ordens do senhor D. Miguel 1.º, que o elevou a conde do mesmo titulo, em setembro de 1833. Casou a 8 de setembro de 1803, com D. Anna Isabel de Saldanha, filha dos primeiros condes de Rio maior, e tiveram :

12.º — *João Maria Coutinho Pereira de Seabra e Sousa Tavares de Horta Amado e Cerveira*, 13.º administrador do morgado do juro real da Redizima da Bahia, de que teve apostilla no padrão, a 15 de outubro de 1835, vigessimo primeiro do de Cerveira de Santarem, duodecimo do de Horta, no Alemtejo, decimo do de Amado Pereira, de Coimbra, e dos de Lobão, Fail, e Canal, padroeiro do Mosteiro de Nossa Senhora do Campo de Sendelgas. Servio briozamente no antigo exercito como official de cavallaria, e foi ajudante de campo do Senhor Dom Miguel 1.º, que lhe fez mercê do titulo de conde da Bahia, no mesmo dia da morte de seu pae, a 24 de outubro de 1833. Conserva-se solteiro, e é o actual senhor d'esta casa.

TORRE DO TERRANHO ou **TORRINHA** — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 54 kilometros de Viseu, 365 ao N. E. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1768, tinha 83.

Orago, Nossa Senhora do Pranto.

Bispado de Pinhel, Districto Administrativo da Guarda.

O real padroado, apresentava o abbade, que tinha 270$000 reis de rendimento annual.

Terra fria e pouco fertil. Muito gado, colmeias e caça, grossa e miuda.

Vide *Terranho*, e *Torrinha*.

TORRE DO TOMBO — A creação de archivos onde se depositassem os documentos importantes de uma nação, é muito antiga ; e não se sabe qual foi o primeiro paiz que estabeleceu taes archivos. Sabe-se que na Grecia, estavam em certos templos, guardados, todos os manuscriptos que interessavam ás familias, ás povoações, e ao estado.

Os romanos, tambem escolheram templos para a guarda de taes documentos. Os mais importantes documentos d'este povo, guardavam-se no templo de Saturno, sobre o monte Tarpeio.

Os barbaros, invadindo Roma, destruiram este archivo.

Em 813, o imperador Carlos Magno, de-

terminou que os authographos dos Concilios, fossem archivados em uma das salas do seu palacio.

Os mosteiros, tambem tinham os seus archivos, em que guardavam preciosos manuscriptos, que muito concorreram para se conhecerem os factos mais importantes da antiguidade.

Depois, os bispos instituiram tambem estes archivos.

Na nossa Peninsula, por causa das constantes guerras com os mouros, os soberanos guardavam em torres albarrans, tanto os seus thesouros, como os documentos que julgavam mais importantes.

O imperador Carlos V, e seu filho o herdeiro, Filippe II, estabeleceram o primeiro archivo de verdadeira importancia, na Hespanha, escolhendo para isso o famoso *castello de Simancas*, a 12 kilometros da cidade de Valhadolid. E' um copioso e riquissimo deposito de documentos de grande importancia, não só relativos á Hespanha, mas tambem á Belgica, Hollanda, Italia e Portugal; mas, em 1808, foram roubados pelos francezes, os mais preciosos documentos de Simancas; os quaes, depois de 1814, foram reclamados ao rei legitimo de França; porém só regressaram os que os francezes julgaram de menos interesse.

—

Em Portugal, D. Fernando I, pelos annos de 1375, fundou tambem um *archivo nacional*, em uma das torres da cêrca de muralhas de Lisboa, obra d'este soberano.

Esta torre estava no logar em que, depois, o rei D. Manuel fundou os paços reaes da Ribeira, no Terreiro do Paço.

Denominou-se *Torre do Tombo*, porque tombo, no portuguez antigo, ainda usado, significa inventario de quaesquer documentos.

Todos os reis que se seguiram a D. Fernando, foram enriquecendo este archivo, de maneira que elle adquiriu uma fama europêa, e muitos titulares e prelados estrangeiros, pediram e obtiveram que na Torre do Tombo se lhes guardassem os seus documentos de mais importancia.

O rei D. Manuel, augmentou muito este edificio, e mandou copiar em livros de pergaminho, com boa letra e bellos desenhos, varios documentos de letra antiga, que se hiam tornando ilegiveis, exemplo que foi seguido por alguns dos seus successores.

Todos os nossos chronistas basearam as suas chronicas em documentos existentes na Torre do Tombo.

Durante o reinado de D. João III, houve um grande incendio n'este archivo; e, apezar de ter acudido muita gente para extinguir o fogo, e que poude salvar uma grande parte dos papeis alli existentes, mesmo assim perderam-se bastantes.

Do edificio, só ficaram as quatro paredes da torre.

Mandou el-rei D. João III fazer grandes obras para accommodação do archivo, na torre do castello de S. Jorge, para esse fim escolhida. Esta torre fazia parte, não da cêrca exterior do mesmo castello, mas sim do interior, que constituia a antiga cidadella mourisca, cuja maior parte ainda existe de pé com algumas das torres que a flanqueavam, apenas despojadas da sua corôa de Ameias. A torre do Tombo erguia-se no lanço de muros do lado do oeste, a pouca distancia do paço das Alcáçovas, que ficava encostada ao mesmo lanço, tendo sobre elle janellas o andar nobre [1]. Por cima da porta que communicava da primeira casa da torre para a segunda, chamada então dos *armarios*, e depois, *da corôa*, foi collocada uma inscripção em latim, commemorando aquella reforma do edificio e do archivo, declarando, ter sido feita em 1540, anno em que el-rei D. João III contava 38 de edade e 18 de reinado. Alguns escriptores do seculo passado, entenderam que esta obra da torre fôra começada por el-rei D. Manuel. Firmava-os n'este juizo a seguinte clausula do testamento d'este soberano: « Item eu tenho mandado entender no corrigimento da Torre do Tombo, e concerto das escripturas d'el-

[1] Esta parede do paço das Alcáçovas, com as janellas gothicas que deitam para a cidadella mourisca, ainda se conserva de pé, em bom estado, e é tudo quanto resta d'aquella antiga habitação dos nossos reis.

la, no que já agora é começado, e se faz por me parecer, que será cousa mui proveitosa, e ainda no modo em que está ordenado, a mais honrada cousa de similhante qualidade que em parte alguma do mundo se possa ver; porém muito encommendo e mando, que se acabe tudo de fazer, assim a obra da mesma torre, como o concerto e treslado das escripturas d'ella, no modo em que o tenho ordenado, segundo o tenho praticado e fallado com os officiaes, que d'isso encarreguei.» A *obra da mesma torre* a que el-rei D. Manuel se refere, é a que este monarcha mandou fazer, quando intentou a reforma do archivo na primeira torre, em que o estabeleceu el-rei D. Fernando; obra que D. João III concluiu, em observancia das recommendações de seu pae, e que o fogo destruiu pouco tempo depois. A obra a que allude a inscripção de el-rei D. João III, acima citada, quando diz: «*Bibliothecam hanc in communem reipublicœ utilitatum ac perpetuum maiorum suorum regum, œternique nominus sui monumentum fieri, ordinarique curavit...*» é a da reconstrucção interior da torre do castello de S. Jorge» apropriando-a ao seu novo destino, e a collocação e organisação do archivo em a nova casa, o que tudo se acabou no anno de 1540, quasi dezenove annos depois da morte de el-rei D. Manuel. Quanto á outra parte da recommendação d'este soberano, relativa ao *concerto e treslado das escripturas*, cumpriu-a el-rei D. João III, proseguindo nos trabalhos principiados por seu pae, mas não fez mais que adiantal-os alguma cousa, deixando aos seus successores muito para fazer n'estas obras.

Na primeira casa da torre, via-se um quadro, de pintura muito antiga, em que estava representado um solho, de tamanho natural, com um letreiro que dizia: «No anno de MCCCXXI, junto a Montalvão, no Tejo, se tomou um solho da grandeza, que representá esta pintura, e pesou pelos pesos de Santarem, XVII arrobas e meia, de que ha justificação n'este archivo, que n'elle mandou lavrar D. Diniz, á quem se presenteou, como consta na mesma justificação.» A data do letteiro, é a era de Cesar, que corresponde ao anno de Christo de 1283. Como se deprehende da linguagem, o letreiro, era muito posterior á pintura. Segundo refere frei Francisco Brandão na «Monarchia Lusitana», o tal solho tinha de comprido dezesete palmos e sete de grosso.

El-rei D. João V encarregou da nova reforma do archivo, o mestre de campo general e engenheiro-mór do reino, Manuel da Maia. Porém havia pouco tempo que este laborioso funccionario tinha conseguido pôr em boa ordem este cartorio, quando succedeu a terrivel catastrophe do terramoto do 1.º de novembro de 1755. O castello de S. Jorge foi um dos logares da cidade que mais padeceram com o cataclismo. O paço das Alcáçovas, habitação real até ao fim do seculo XV; a torre Albarran ou Alvarran, onde outr'ora se guardava o thesouro real; a torre do Tombo; a egreja de Santa Cruz e todas as ruas e casas d'esta parochia, dentro dos muros do castello, e toda esta fortaleza, exceptuando uma parte da cidadella mourisca, ficaram reduzidas a um montão de ruinas. Foi n'estas circumstancias afflictivas que Manuel da Maia deu prova cabal do seu zelo e actividade, não menos que da sua intelligencia. Graças ao seu incansavel esforço, foram salvos todos os livros e documentos do archivo. Depois de se tirarem, com muito trabalho e difficuldade, de entre as pedras do edificio derrocado, foram conduzidos para uma casa de madeira, construida á pressa, com os destroços da propria torre, na praça d'armas do castello, onde se deu pela falta de dezenove livros da chancellaria de el-rei D. Affonso V. Por muitos dias se procuraram baldadamente, removendo-se os entulhos, não só da torre, mas tambem os de outros edificios visinhos, e julgava-se já irreparavel esta grande perda, quando, quasi dois mezes depois do terramoto, no dia 28 de dezembro de 1755, se descobriram em um logar a muita distancia, onde a toda a gente pareceu incrivel que os arremessasse o impulso do terramoto, e d'onde foram tirados com muito custo e perigo de vida dos individuos encarregados d'essa diligencia. Quasi dois annos permaneceu o archivo n'esta barraca, apenas

capaz para o conter confusamente e abrigar da chuva. Tal era o estado em que o terramoto deixou Lisboa, sendo escassos os edificios, poupados pelo cataclismo, para receber e dar abrigo ás parochias, que perderam os seus templos, aos frades e freiras, cujos mosteiros se alluiram, aos enfermos e orphãos, que viram desmoronarem-se os seus asylos, aos presos, cujas cadeias abateram; tal era o triste estado da cidade, repetimos, que, apesar das assiduas diligencias de Manoel da Maia, só em fins d'agosto de 1757 é que lhe foi possivel arranjar accommodação conveniente. Nos ultimos dias, pois, d'aquelle mez, fez-se a mudança de todo o cartorio para o convento de S. Bento da Saude, pertencente aos monges benedictinos. Ahi foi collocado em dous pavimentos inferiores ao andar nobre, no angulo do convento, do lado do sul, com entrada pela calçada da Estrella. Estes quartos eram chamados as *casas do bispo*, por ter alli vivido um bispo da ordem benedictina, depois de ter renunciado o bispado. Nas salas, pois, d'esses dous pavimentos, que são abobadas, arrecadou e dispoz o archivo em boa ordem o seu guarda-mór Manoel da Maia.

Em julho de 1833, muitos cartorios de justiça, foram abandonados, pela fuga de seus escrivães; pelo que todos os processos d'esses cartorios, foram recolhidos na Torre do Tombo, onde existem.

Por decreto de 2 de outubro de 1862, se determinou que fossem guardados na Torre do Tombo, todos os cartorios dos conventos supprimidos, assim como os das Sés, das parochias, e dos mosteiros das freiras.

A esse tempo, já os documentos de mais valia, que tinham sido dos frades, estavam em poder dos ladrões, que d'elles se tinham apossado, ou no dos que lh'os tinham comprado; de maneira que só (com rarissimas excepções) escapou o refugo.

Os Philippes, roubaram d'aqui, muitos e valiosos documentos, para com elles enriquecerem a sua bibliotheca, do Escurial. No principio d'este seculo, tambem os francezes nos roubaram muitos papeis importantes, que não foram restituidos.

Pelo mesmo decreto, e attendendo a que as salas onde estava o archivo eram muito baixas e humidas, o que não só estragava os papeis, como a saude das pessoas empregadas na sua guarda, se mandou mudar todo o archivo para a outra extremidade, norte e leste, do mesmo extincto convento, presentemente palacio das côrtes. Ficou o archivo accommodado com muita largueza n'esta parte do edificio, onde tem grandes salas, extensos e largos corredores, outr'ora dormitorios, tudo de abobada, bem ventilado e com excellente exposição. Fizeram-se as obras necessarias para a conveniente collocação e conservação do archivo, taes como sobrados, onde o pavimento era de tijolo, estantes com que se guarneceram os corredores e grande quantidade de caixas de folha de Flandres, pintadas por dentro com um oleo preservativo, nas quaes se guardam os documentos de mais valia.

Contém este archivo as doações régias, privilegios, leis, testamentos dos nossos monarchas, contractos matrimoniaes, tractados com as potencias estrangeiras; bullas apostolicas, correspondencias dos reis, principes, pontifices e embaixadores; decretos e mercês, etc; e, alem d'estes documentos, muitos livros curiosos e de merecimento artistico. D'estes mencionaremos os seguintes: os quarenta e nove volumes da «Reforma de el-rei D. Manoel»; os «Livros mysticos» d'este soberano; o livro chamado «Mestre das Sentenças»; o «Livro das Armarias», mandado fazer pelo mesmo rei, com grandes estampas, das fortalezas do reino, feito á penna com admiravel perfeição por Duarte de Armas e illuminado por frei Simão de S. José, religioso paulista da congregação da serra de Ossa; os livros de reza de el-rei D. Duarte e da rainha Dona Christina; a celebre «Biblia dos Jeronymos» e outros em que se admiram excellentes miniaturas.

TORRE DO ZÊZERE — Extremadura. Sobre um alto penhasco, chamado *Serra Vermelha*, na freguezia de Dórnes, estão as ruinas d'esta torre, tão antiga, que alguns escriptores attribuem a sua fundação a Sertorio. Vide *Dórnes*.

TORRE DOS BERTIANDOS — Vide no 1.ª vol., pag. 392, col. 1.ª

TORRE DOS COELHEIROS — freguezia, Alemtejo, concelho, comarca, districto administrativo, arcebispado e 18 kilometros d'Evora, e 120 ao S. E. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1768, tinha 50.

Orago, Nossa Senhora do Rosario.

A casa dos Cogominhos, apresentava o prior, que tinha 200$000 réis de rendimento annual.

Fertil em cereaes. Muito gado, de toda a qualidade, e caça.

TORRE VELHA — Vide 1.º vol., pag. 140, col. 1.ª — e 7.º vol., pag. 561, col. 1.ª, § *Lazareto.*

TORREIRA — aldeia, Douro, na freguezia de Murtosa, concelho de Estarreja, 10 kilometros ao N. d'Aveiro e 7 ao N. da *Costa de S. Jacintho.*

É uma povoação com mais de 500 fogos, sendo todas as casas construidas de madeira, e situada no vasto areal que se estende desde Ovar até á barra d'Aveiro, entre a *ria* d'Ovar, a E., e a costa do Atlantico, a O.

O povo da Torreira occupa-se exclusivamente da pesca; e, desde julho até outubro, é esta povoação concorridissima de familias que, de muitas leguas de distancia, aqui veem fazer uso dos banhos de mar, por ser uma praia limpa de pedras, e por demandar menos luxo do que a do Espinho e outras d'estes sitios.

Ha aqui uma ermida dedicada a S. Payo, ao qual se faz uma famosa romaria em setembro, sempre concorridissima. É advogado contra as *maleitas*, e os que não querem ser atacados d'esta molestia, não teem mais do que dar ao santo um banho de vinho, sendo este depois bebido como efficaz preservativo; pelo que o pobre santo leva innumeraveis banhos d'este liquido, na vespera e no dia da festa, ao som d'esta cantiga —

> Oh, são Payo da Torreira,
> Meu milagroso santinho,
> Hei de cá vir para o anno,
> Mergulhar-te bem em vinho. (!)

—

No dia 26 de setembro de 1874, em pleno dia, teve logar n'esta povoação um acontecimento digno de nota.

Dois pequenos irmãos estavam proximos de um poço. Um tinha 5 e o outro 2 annos. O mais novo caiu dentro d'elle e a agua cobria-o. O mais velho, de 5 annos apenas, conhecendo a urgencia de salvar o irmão, lança-se ao poço, ergue-o nos braços e grita depois para que lhe acudam. Appareceu gente que salvou a ambos. Os poços alli são baixos, mas não tanto que não tenham alguns metros de profundidade; a agua não cobria o pequeno salvador de seu irmão, mas dava-lhe pelo peito.

Admira-se em tão verdes annos, a coragem e a dedicação do resoluto mocinho.

—

No tempo dos banhos, costuma haver musica na praia, em todos os domingos e dias santificados.

Em setembro de 1875, andando a passeiar na praia, Joaquim Maria Ala, boticario, da villa d'Agueda, achou um brilhante do tamanho de uma avelan, que o mar alli arrojára.

—

Um dos melhores divertimentos dos banhistas da Torreira, são as pescarias. Estas estão sujeitas a um regulamento, approvado por decreto de 5 de novembro de 1852.

—

Desde a Torreira até á Costa Nova do Prado, costuma arribar uma grande quantidade de *lavancos*, *nêgras*, e outras aves de arribação, que são objecto de grandes, faceis e divertidas caçadas.

—

Ha aqui seis *companhas* para a pesca — denominam-se — *de S. João, de S. Pedro, de S. Lourenço, da Senhora do Carmo, de S. Payo*, e *da Boa Viagem.* O valor do peixe aqui pescado, regula, termo medio, por 80 contos de réis annuaes.

—

No dia 21 de junho de 1877, arrojou o mar á esta costa, entre a Torreira e o Furadouro, 10 monstruosos peixes, medindo cada um, 12 metros de comprimento e 7

de grossura! Eram *cachalotes* — 8 machos e duas femeas.

Os empregados da alfandega julgaram que deviam constituil-os boa preza, impedindo que os pescadores lhes aproveitassem a carne para reduzirem a azeite. Communicaram o occorrido para o Porto, e na impossibilidade de fazer a remoção por outra fórma, depois de varias tentativas, mandaram d'alli no sabbado um vapor de reboque, o *Veloz*, que, segundo consta, veio ganhar 100$000 réis por hora.

Mas não foi possivel mover sequer aquellas montanhas. Quantos cabos, amarras, e correntes lhes lançaram, tantas rebentaram. Não chegaram mesmo a movel-as, não só pela enormidade do volume e peso, mas tambem pela situação em que se achavam sobre a areia.

A sua exposição á *torreira* do sol, corrompeu estes monstros marinhos, que exhalavam um fétido insupportavel. Tentaram queimal-os, porém a empreza era difficil, e, alem d'isso, o azeite que podiam produzir, estava avaliado em 4:500$000 réis, e com effeito, esta quantia offereceram por elles, uns inglezes, residentes no Porto; porém, entre perguntas e respostas da alfandega, perdeu-se muito tempo, de maneira que por fim, já ninguem queria chegar ao pé dos monstros: só dois individuos se atreveram a isto, e fazendo uma grande fogueira na bôcca de um dos peixes, resultou uma distillação perenne, por espaço de algumas horas. Por fim, a alfandega, deu os peixes gratuitamente aos taes inglezes, que foram para o sitio (junto ao Furadouro) acompanhados de trabalhadores, com a cara coberta com capacetes, mas, apezar d'isso, o fétido era tão grande, que desistiram da tentativa, depois de terem colhido 13 pipas do azeite.

Estava imminente uma furiosa epidemia. Felizmente, sobrevieram as marés vivas, que arrastaram para o mar, dés d'estes monstros.

Dias antes, os pescadores d'Aveiro, tinham visto passar, a 6 kilometros da costa, uns 60 e tantos volumes negros de grandes porporções, na direcção do norte, e como que fugindo á perseguição de outros monstros.

Os dés, deram em secco, no sitio referido, ainda vivos, dando urros e movendo-se, por algumas horas, até exhalarem o ultimo suspiro. Diz-se que os seus hurros se ouviam a 3 kilometros de distancia!

Foi grande numero de pessoas, do Porto, Ovar, Aveiro e outras partes, ver estas monstruosidades.

O cachalote é um cetaceo, que habita o mar nas regiões intertropicaes, e tem de comprimento entre 5 e 30 metros. Pertence á classe dos mamiferos. Não se segue que o cachalote não venha visitar tambem as aguas de Portugal e não tome para o norte, seguindo pelas de Hespanha. São immensamente vorazes, e batem-se com vantagem com a baleia. São terrivelmente armados, e juntam-se ás vezes aos duzentos para perseguirem os inimigos, que só abandonam quando vencidos, porque são d'uma ferocidade inimitavel.

—

Em outubro de 1877, se inaugurou na Torreira, um *rail road*, de systema americano, que communica a povoação com a ria. Foi uma boa providencia, porque ás vezes, em occasião de grande *safra*, não podia o peixe ser transportado da praia, por falta de meios de conducção, subindo então os carretos a preços exageradissimos.

—

No dia 31 de julho do anno de 1881, um pavorosissimo incendio reduziu a cinzas, em poucos momentos, 320 casas (de madeira) da povoação de Furadouro, a uns 9 kilometros ao N. da Torreira, causando prejuizos avaliados em mais de 90 contos de réis, e deixando grande numero de familias de pescadores, sem abrigo, e na maior miseria, pois, alem das casas, ardeu tudo quanto tinham, incluindo os utencilios da pesca. Felizmente, não morreu pessoa alguma.

Poucas casas estavam no seguro.

A povoação da Torreira, está separada do resto da freguezia, pela *calle d'Ovar*, que é a parte septentrional da famosa *Ria d'Aveiro.*

Antigamente, esta povoação, e toda a costa até á Vagueira (10 kilometros ao S. da barra d'Aveiro) pertencia á freguezia de Ovar, sendo, até 1827, a dizima do pescado, d'este vasto tracto de areal, para o cabido da Sé do Porto, do qual se apropriou, sob pretexto de lhe pertencer o padroado de S. Christovam de Cabanões (hoje Ovar). Vide *Ovar*.

Em setembro de 1855, a junta geral do districto d'Aveiro, representou ao governo a necessidade de se dividir e demarcar devidamente toda a costa, desde Ovar, até ás proximidades de Mira, que até então, por uma mal entendida divisão, pertencia ao concelho e freguezia d'Ovar.

Foi de parecer, a referida junta, que esta divisão se realisasse de maneira que a costa que fica ao S. da barra, fosse repartida pelos concelhos de Ilhavo e Vagos, e a que fica ao N., pelos de Aveiro, Estarrêja, Ovar e Feira.

Em virtude d'este *parecer*, ordenou-se, por decreto de 24 de outubro de 1855 (sendo regente o sr. D. Fernando) que se realisasse a divisão, na fórma indicada, o que se levou logo a effeito; ficando a costa da Torreira — para todos os effeitos administrativos e judiciaes — pertencendo ao concelho de Estarreja; e para os parochiaes, á freguezia da Murtosa, do mesmo concelho, em virtude da portaria do ministerio dos negocios ecclesiasticos e de justiça, de 10 de setembro de 1856.

No dia 23 de outubro de 1880, naufragou ao N. da Torreira, a uns 2 kilometros da povoação, o vapor francez *Nattalie*, que trazia do Havre para Lisboa um importantissimo carregamento de varios objectos.

A tripulação, composta de 15 pessoas, e uma senhora, foi heroicamente salva, pela gente da companha de um barco de pesca, pertencente ao sr. Manoel Firmino d'Almeida Maia, proprietario e esclarecido 1.º redactor do jornal aveirense «O Campeão das Provincias».

O salvamento d'aquelles 16 infelizes, deve se, não só á coragem da referida companha, mas, e sobre tudo, á iniciativa e energia do sr. Maia, que n'esta conjunctura se portou com a maior dedicação e caridade; pelo que, o governo da republica franceza o honrou com a cruz da *Legião d'honra*.

TORRES — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 54 kilometros de Viseu, 245 ao N. E. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1768, tinha 35.

Orago, Santa Agueda.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O vigario de S. Pedro, de Trancoso, apresentava o cura, que tinha 9$000 réis de congrua, e o pé d'altar.

A esta freguezia está unida, desde o principio d'este seculo, a de Santo Amaro do Freichão, que em 1768 tinha 45 fogos, e cujo cura era apresentado pelo commendador maltez, de Trancoso. O cura tinha réis 20$000 de congrua e o pé d'altar.

Dá-se vulgarmente a estas duas freguezias, assim unidas, a denominação de *Torres e Freichão*; e são estas as unicas aldeias d'esta freguezia.

Na povoação de Torres, ha um bom edificio brazonado, do qual são hoje proprietarios os herdeiros do doutor Antonio Villafanha Falcão, residentes em Tondella.

É terra fertil em milho, centeio, castanhas, legumes e algum vinho; do mais pouco.

TORRES NOVAS — villa, Estremadura, cabeça do concelho e da comarca (de 1.ª classe) 5 kilometros ao N. O. da Gollegan, 30 ao N. E. de Santarem, 6 ao N. do Tejo, 100 ao N. E. de Lisboa (pelo caminho de ferro, 103).

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Santarem.

Tem quatro freguezias:

Santa Maria, do Castello, 320 fogos.

Em 1768, tinha 385.

O prior, tinha 800$000 réis de rendimento annual.

O Salvador, 200 fogos.

Em 1768, tinha 30.

O prior tinha 500$000 réis de rendimento.

S. Pedro, 310 fogos.

Em 1768, tinha 241.

O prior, tinha um conto de réis de rendimento.

S. Thiago, 510 fogos.

Em 1768, tinha 540.

O prior, tinha 600$000 réis de rendimento.

A esta freguezia, está hoje unida a da Egreja Nova, que foi filial d'esta. Vide 3.º vol., pag. 7, col. 2.ª

Todas estas quatro freguezias eram da apresentação do real padroado e todas eram collegiadas. A do Salvador, tinha 10 beneficiados — a de S. Pedro, 4 — a de Santa Maria, 6 — e a de S. Thiago, 5.

Vê-se pois que esta villa tem actualmente 1:340 fogos — mais 144 do que tinha em 1768.

Pertence ao districto da Relação de Lisboa.

Tem estação telegraphica municipal. É quartel de duas baterias de campanha, do regimento d'artilheria n.º 2.

É a 15.ª estação do caminho de ferro do Norte e Leste.

O concelho de Torres Novas, é composto de 18 freguezias, todas no patriarchado, e com 4:600 fogos. São — Alcanena, Alcorochel, Alqueidão da Serra, Assentiz, Brogueira, Bugalhos, Chancellaria, Lapas, Monsanto, Olaia, Paço, Parceiros, Ribeira Branca, Zibreira, e as quatro da villa.

A sua comarca, comprehende trez concelhos — o de Torres Novas, o da Barquinha, com 820 fogos, e o da Gollegan, que tem 900 fogos, e é composto apenas da freguezia da villa; total, 6320 fogos.

Pela nova divisão judicial, o concelho de Torres Novas, é composto de trez julgados — *Alcanena*, *Chancellaria* e *Torres Novas* — e o da Gollegan, de outros trez — *Barquinha*, *Chamusca* e *Gollegan*.

Feira a 12 de março.

D. Sancho I lhe deu foral, em outubro de 1190 (*Maço 3, de foraes antigos, n.º 10 — Livro 2.º dos bens proprios das rainhas*, fl. 27).

O rei D. Manoel lhe deu foral novo, em Santarem, no 1.º de maio de 1510. *Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 40 vs. col. 2.ª) Este foral confirma os privilegios do antigo, que eram eguaes aos de Thomar.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 6.º

As armas d'esta villa, são — em campo de púrpura, uma torre de prata, sobre terreno verde, tendo sobre as ameias, um braço vestido de ferro, empunhando uma clava do mesmo metal.

Está situada em uma planicie, cercada de muros, com castello, guarnecido de onze torres.

Pretendem alguns que esta povoação teve principio pelos annos do mundo 2:640 (nada menos de 1:364 annos antes de Jesus Christo — isto é — tem hoje a bagatella de 3:245 annos). Segundo estes escavadores de antiguidades — muitas vezes fabulosas — os seus fundadores foram os gregos com que Ulysses aportou a Lisboa [1].

Como o rio que alli corre tem alguma semelhança com o Mondego (então chamado *Monda* ou *Munda*) lhe deram o nome de *Aliomonda* (Outro Monda) que facilmente se corrompeu no nome actual — *Almonda*. (Vide esta palavra).

Proximo a este rio, fundaram os grêgos uma torre, cercada de muralhas, á qual deram o nome de *Neupergama* (que na sua lingua, queria dizer — *Nova Torre*).

Por espaço de 550 annos esteve esta fortaleza em poder dos varios povos que habitaram a Lusitania n'esse tempo (gregos, celtas e phenicios) até que, pelos annos do mundo 3:453 (551 antes de Jesus Christo) passou ao poder dos carthaginezes, até que no anno do mundo 3:795 (209 antes de Jesus Christo) o consul romano Publio Cornelio Scipião, invadindo a Lusitania, incendiou a fortaleza de Neupergama. Reedificada pelos carthaginezes, estes lhe deram o

[1] No texto, vou seguindo a opinião de varios antiquarios; mas não affirmo que a fundação d'esta villa remonte a tempos tão remotos, dos quaes não ha memoria escripta. O que se pode arffimar porém, é ser esta villa uma povoação antiquissima, e que já existia no tempo dos carthaginezes. O mais certo é ser fundação dos gallos-celtas, 308 annos antes de Jesus Christo.

nome de *Kais pirgama* (Torre queimada) conservando esta denominação até que no anno do mundo 3:940 (64 antes de Jesus Christo) achando-se os romanos senhores de toda a Lusitania, reconstruiram esta fortaleza, ampliando-a, cercando-a de novas muralhas, guarnecendo-a de varias torres, e dando-lhe o nome de *Nova Augusta.*

Expulsos os romanos, pelos gôdos, vandalos, suevos, alanos, etc., estes restituiram á fortaleza o seu antigo nome; mas como, em vez de uma, tinha varias torres, lhe deram o nome de *Torres Novas.*

Os romanos, quando ampliaram as fortificações, construiram no seu ambito varios edificios para residencia dos seus soldados e familias d'estes; e assim principiou a povoar-se a villa.

Invadida a Lusitania pelos árabes, em 716, conservaram esta fortaleza, reedificando-a, e estando senhores d'ella por espaço de 432 annos, até que, em 1148, D. Affonso Henriques a resgatou.

Em 1185, Joseph-Aben-Jacob, miramolim de Marrocos, vindo da Africa em soccorro de Al-Bojaque, rei mouro de Sevilha, na intenção de retomarem Santarem (Vide 8.º vol., pag. 476, col. 1.ª no principio) poz cêrco a Torres Novas, com o seu poderoso exercito e a tomou de assalto, a 24 de junho, arrazando a fortaleza e a povoação [1].

D. Affonso Henriques mandou logo reconstruir as fortificações e a villa, mas, em 1191, o irmão do miramolim fallecido, e seu successor, sabendo que Portugal estava devastado pela fome e peste, invade o reino, pelo sul, e toma varias praças, incluindo Torres Novas (que se entregou por capitulação) e novamente a destruiu.

Foi logo resgatada pelo infante D. Affonso (depois segundo do nome) filho de Dom Sancho I, e o rei mandou restaurar todas as fortificações e povoar a villa.

O rei D. Diniz, deu o senhorio d'esta villa, a sua mulher, a rainha Santa Isabel; depois, passou ao poder de alguns infantes, até que D. João II, a deu a seu filho legitimado D. Jorge de Lencastre [1], duque de Coimbra, progenitor dos duques d'Aveiro, que foram senhores de Torres Novas, até 1759 (vide *Chão-Salgado*) passando então para a corôa, como tudo o mais da opulenta casa d'Aveiro.

—

Por duas vezes aqui tiveram logar côrtes dos *Trez estados*, umas em 1438, outras em 1525. (Para evitarmos repetições, vide no 2.º volume, pag. 394, col. 2.ª, e pag. 397, col. 1.ª)

D. João II, mudou para aqui o tribunal da *Casa da Supplicação*, que D. João I havia instituido. Vide *Supplicação.*

Duques, marquezes e condes de Torres Novas

O rei D. Manoel, fez 1.º marquez de Torres Novas, a D. João de Lencastre (o 1.º que tomou este appellido) filho de D. Jorge, duque de Coimbra, de quem já fallei — e Dom João III, fez o mesmo D. João de Lencastre, 1.º duque d'Aveiro, em 1547. (Vide *Reguengo d'Alcalá*).

O usurpador Philippe III, fez duques de Torres Novas, os filhos primogenitos dos duques d'Aveiro, em 26 de setembro de 1619. O primeiro duque de Torres Novas, foi D. Jorge de Lencastre, filho dos 3.ºs duques d'Aveiro. O 2.º — e ultimo — foi Dom Raymundo de Lencastre, filho do 1.º duque de Torres Novas. Este negando-se a reconhecer D. João IV, como rei de Portugal, fugiu para Madrid, e lá morreu.

(Vide 8.º vol., pag. 381, col. 2.ª)

O principe regente (depois, D. João VI) fez marquez de Torres Novas, em 13 de maio de 1807, a D. Alvaro Antonio de Noronha Abranches Castello-Branco, 7.º conde de Valladares e par do reino, em 1826; gentil-homem da camara e mórdomo-mór de D. João VI, e de seu filho, o sr. D. Pedro, duque de Bragança. Tenente-general,

[1] Caro pagou o miramolim esta victoria, porque logo no dia 16 de julho seguinte, foi morto em frente de Santarem, pelo nosso infante D. Sancho (depois rei, 1.º do nome) e o seu exercito completamente aniquilado, (8.º vol., pag. 477, col. 1.ª)

[1] D. Jorge de Lencastre era filho natural de D. Anna de Mendonça.

commendador da ordem de Christo, grão-cruz das da Conceição e Torre Espada; presidente da extincta *Junta do Commercio*. Nasceu a 31 de Agosto de 1776. Casou duas vezes — a 1.ª, com D. Maria de Noronha, sua prima, filha dos 4.os marquezes de Angeja — e a 2.ª, com D. Ignez José da Cunha, filha dos 3.os condes de Povolide.

Este marquez (já fallecido, assim como sua 2.ª mulher) era filho de D. José Luiz de Menezes de Castello-Branco Abranches, 6.º conde de Valladares, gentil-homem da camara de D. Maria I, governador e capitão-general de Minas Geraes, no Brasil; embaixador a Castella, em 1785; deputado da *Junta dos Trez Estados*, inspector geral do Terreiro publico e das estradas — e de sua mulher, D, Luiza Josepha Maria Rita Antonia Fausta de Noronha, filha dos 3.os marquezes d'Angeja, 4os. condes de Villa-Verde.

Foram seus filhos (dos condes de Valladares) —

1.º — *D. Alvaro*, o dito marquez de Torres Novas.

2.º — *D. Pedro Antonio*, 8.º conde de Valladares. (Vide esta palavra).

3.º — *D. Maria do Resgate*, dama da rainha D. Carlota Joaquina, com exercicio no quarto da infanta D. Isabel Maria. Era dama, da ordem de Santa Isabel, e da de Maria Luiza, de Hespanha. Já falleceu.

4.º — *D. Miguel Antonio*, conde de Paratí, no Brasil [1].

5.º — *D. Antonio*, fallecido a 21 de fevereiro de 1822.

O ultimo marquez de Torres Novas, era o chefe da familia Noronha, na Peninsula, por ser o 8.º neto, legitimo, de D. Antonio de Noronha, 1.º conde de Linhares, 2.º filho de D. Pedro de Menezes, 3.º conde e 1.º marquez de Villa Real, 3.º conde d'Ourem, 3.º capitão-governador de Ceuta (Africa) neto de D. Affonso, conde de Gijon e Noronha, filho natural de D. Henrique II, de Castella — e de D. Isabel, filha bastarda de D. Fernando I, de Portugal.

—

Em 12 de dezembro de 1855, foi feito 1.º visconde de Torres Novas, Antonio Cesar de Vasconcellos Correia; o qual, em 21 de maio de 1862, foi feito 1.º conde do mesmo titulo.

—

Em julho de 1877, foi feito conde de Torres Novas, o sr. José de Vasconcellos Correia, general de divisão, e irmão do antecedente.

Antonio Cesar de Vasconcellos Correia, 1.º conde de Torres Novas, era filho de Antonio Narcizo de Vasconcellos Correia, e de D. Joanna Barbara da Costa Caría.

O 1.º conde, seguiu a carreira das armas, e falleceu em 11 de novembro de 1865, no posto de general de divisão, sendo ministro da guerra. Foi governador do Estado da India, nove annos, e ahi casou com D. Maria Luiza Helena, filha do conde de Sarzêdas. Morreu sem descendencia.

Teve quatro irmãos e duas irmans, legitimos, filhos tambem de Antonio Narcizo de Vasconcellos Correia e de D. Joanna Barbara da Costa Caría — foram:

1.º — *Joaquim de Vasconcellos Correia*,

[1] Como *Paratí* não entra n'este diccionario, por ser povoação de uma nação estrangeira, julgo dever fazer aqui menção d'estes condes.

D. João VI, sendo ainda principe regente, fez 1.º conde De Paratí (ou Paraty) em 4 de dezembro de 1813, a D. Miguel Antonio de Noronha; par do reino, em 1826; gentil-homem da camara de D. Affonso VI, grão-cruz da ordem de Torre Espada; commendador das de Aviz e Conceição; coronel de cavallaria; conselheiro da fazenda; deputado da junta do tabaco. Nasceu a 24 de outubro de 1784. Casou a 13 de janeiro de 1818, com D. Francisca Quintina de Menezes, dama de D. Maria I, e da ordem de Santa Isabel, e que era viuva de Manoel José do Souza, 1.º conde do Barreiro e 3.ª filha dos 1.os marquezes de Vallada. Tiveram dous filhos —

1.º — *D. João Antonio de Noronha*, 2.º conde de Paratí e que é grão-mestre da maçonaria, em Portugal. (Consta que quer resignar esta... dignidade). Nasceu a 31 de julho de 1820.

2.º — *D. Rita*, nascida a 11 de julho de 1824.

O 1.º conde de Paratí, morreu a 24 de julho de 1849.

morreu, solteiro, preso na cadeia do Limoeiro, em Lisboa, em 1833, onde estava preso por liberal, desde 1828.

2.° — *Guilherme de Vasconcellos Correia*. seguiu a vida militar, e falleceu no posto de general de brigada, reformado, em 1863. Casara com D. Antonia Emilia de Vasconcellos, da qual teve quatro filhos, dos quaes hoje apenas existem duas filhas, e um filho, o sr. Guilherme de Vasconcellos, alferes ajudante do batalhão do Ultramar.

3.° — *João de Vasconcellos Correia*, que, seguindo, como seus irmãos, a vida militar, e sendo tenente de cavallaria liberal, morreu, solteiro, na batalha de 29 de setembro de 1832, durante o cerco do Porto.

4.° — *D. Albana*, já fallecida, e que foi casada com Francisco de Salles da Silveira, major do exercito, de cujo casamento apenas existe uma filha.

5.° — *D. Maria do Carmo*, fallecida sem successão. Tinha casado com o capitão-mór, José Pereira d'Amorim, tambem já fallecido.

6.° — *O sr. José de Vasconcellos Correia*, 2.° conde de Torres Novas, general de divisão; do conselho de sua magestade; ajudante de campo do sr. D. Luiz I; par do reino, grão-cruz das ordens de Torre-Espada e S. Bento d'Aviz, commendador das ordens de Torre Espada, Christo, e Aviz; cavalleiro da da Conceição; condecorado com as medalhas d'ouro do valor militar, bons serviços, e comportamento militar. É tambem grão-cruz da ordem de Isabel, a Catholica, de Hespanha.

Nasceu n'esta villa, a 31 de agosto de 1804. Casou com D. Gertrudes Carlota de Vasconcellos, nascida na cidade de Angra, na Ilha Terceira, da qual teve um unico filho, chamado Julio Cesar de Vasconcellos Correia, fallecido em 1879, no posto de capitão de cavallaria.

Casou, em segundas nupcias, com a sr.ª D. Helena Margarida Mackonelt, natural de Lisboa, da qual teve uma filha, por nome Palmyra da Conceição, fallecida em 1867.

Vê-se pois, que, tanto o 2.° conde de Torres Novas, como todos os seus irmãos, pertenceram sempre ao partido liberal, pelo qual, dous d'elles, como vimos, perderam a sua vida.

O sr. conde actual, sentou praça de cadete, em 6 de setembro de 1820, e foi nomeado alferes, a 14 de dezembro de 1826—tenente, a 6 de agosto de 1832—capitão, a 25 de julho de 1833—major, a 1 de julho de 1844—tenente coronel, em 19 d'abril de 1847—coronel, em 29 d'abril de 1851—general de brigada, em 21 de janeiro de 1876.

Portou-se sempre com extremado valor, em todas as batalhas em que entrou, defendendo o partido a que pertence.

Costuma hir passar algumas temporadas á sua bella quinta do Marmello, em Torres Vedras.

—

O rio Almonda, é aqui atravessado por trez boas pontes — *do Ral, da Levada* e *Ponte-Nova* — das quaes, a mais celebre é a do *Ral*, pela sua antiguidade, pois é coeva da villa primittiva. Os gregos lhe chamaram *Ral*, de *ram* — mortandade — pela grande perda de vidas que os romanos tiveram n'esta ponte, quando atacaram a villa e o castello (antes de o incendiarem).

Ainda se conserva o nome de *Balbalháu*, dado pelos gregos a um monte ou outeiro, que fica em frente do edificio que foi mosteiro de freiras. Quer dizer — *jogo com algazarra*, porque alli se reuniam os rapazes, jogando diversos jogos e fazendo grande gritaria.

—

Tem Misericordia, com um bom hospital.

Teve trez mosteiros —

1.° — *O de S. Gregorio*, de frades carmelitas calçados, fundado por D. Jayme de Alencastro, bispo de Ceuta, filho do infante D. Jorge de Alencastro, duque de Coimbra, no anno de 1558, em uma eminencia que fica a cavalleiro do Rocio da villa.

O fundador, collocou na egreja d'este mosteiro, a cabeça de S. Gregorio, martyr, que ficou sendo padroeiro do convento.

D'este mosteiro, apenas existe a egreja, que é a maior e mais elegante que ha na villa. Está muito bem conservada, porque está alli estabelecida a irmandade de Nossa Senhora do Carmo.

No local que occupou o edificio do mosteiro, se construiu o hospital novo da villa, que ainda anda em obras, mas estão quasi concluidas. O sitio foi optimamente escolhido, para o fim a que vae ser applicado.

A cêrca foi vendida pelos liberaes, a Augusto Pereira Brotes, d'esta villa, menos uma pequena parte, que ficou para logradouro do hospital.

2.º — *De Santo Antonio*, de frades arrabidos, fundado por D. João de Lencastro, 1.º duque d'Aveiro, em 1562, em um sitio solitario, chamado *Liteiros*, a 4 kilometros da villa; mas, como os frades achassem o sitio doentio, se queixaram a D. Alvaro de Lencastro, duque d'Aveiro, que lhes fez novo mosteiro, no sitio de *Berlé*, ao N. do Rocio do Carmo, e um kilometro ao sul da villa, perto da quinta dos Atouguias; lançando-lhe a 1.ª pedra, a 16 de fevereiro de 1591.

A 1.ª invocação d'este mosteiro, foi de *Nossa Senhora do Egypto* — a de Santo Antonio, só lhe foi dada, depois da mudança.

Todo o povo da villa, desejava que este mosteiro estivesse, não só em sitio saudavel, mas tambem mais perto da povoação.

Antão Mogo de Mello, e sua mulher, a famosa D. Angela Sigéa de Vellasco, dama da infanta D. Maria, filha do rei D. Manoel, [1] possuiam uma herdade no sitio de Berlé, que voluntariamente doaram aos frades, por escriptura de 3 de janeiro de 1589.

Outro fidalgo d'esta villa, chamado Diogo Figueira, e sua mulher, D. Maria de Reborêdo, tambem compraram em Berlé uma fazenda, que constava de casas, terra lavradia, pomar, e olival, com uma fonte d'agua nativa, que egualmente doaram aos frades, por escriptura de 3 de março de 1590.

Tudo isto formava uma vasta propriedade, porém, frei Fabião da Columna, que n'esse tempo era guardião do convento, querendo ampliar ainda mais o logar, pediu a Paulo Gonçalves e sua mulher, Anna de Paiva, que lhe vendessem um olival que tinham, contiguo áquellas duas fazendas; mas os seus possuidores o deram por esmola aos frades.

D. Alvaro de Castro, duque d'Aveiro e Torres Novas, sobrinho e herdeiro do duque D. João de Lencastro, fundador do mosteiro de Liteiros, era (D. Alvaro) padroeiro do convento, e queria sel-o tambem do novo; pelo que, deu ordem ao seu almoxarife, para que, com toda a brevidade possivel, tratasse da remoção, de modo que o novo mosteiro fosse mais vasto e sumptuoso do que o antigo.

Dous annos apenas se gastaram n'esta construcção, pois, tendo principiado a obra em 16 de fevereiro de 1591 (como vimos) logo em 1593 veiu a communidade habitar o seu mosteiro de Berlé.

Apezar das ordens terminantes do duque, os frades, que não eram ambiciosos, e queriam viver segundo a humildade da sua regra, contentaram-se com um edificio de modesta apparencia. Alem d'isto, como a obra foi feita com tanta pressa, ficou com pouca solidez, de maneira que, passados apenas 46 annos depois de concluida — isto é — em 1639, já ameaçava imminente ruina, pelo que o então guardião, frei Antonio de Moura, o mandou reedificar, mudando-lhe então o côro, que estava nas costas da capella-mór, para cima da porta principal. O claustro, que era forrado de madeira, o mandou fazer de abobada; renovando tambem os dormitorios e mais officinas.

Para estas novas obras, concoreu com avultadas esmolas a duqueza de Torres Novas, D. Anna Maria, e mais algumas pessoas devotas, da villa.

—

Este convento, era um dos 25 da provincia de Santa Maria da Arrabida.

Expulsos os religiosos, em 1834, foi o mosteiro fechado.

Luiz Átouguia comprou este mosteiro ao governo, e por sua morte deixou-o á Santa Casa da Misericordia d'esta villa, e em gratidão ao sr. Luiz Átouguia, tendo em vista a devoção d'estes povos para com Santo Antonio, e o respeito devido ás cinzas dos maiores, a Misericordia pediu ao governo, e ás auctoridades ecclesiasticas, a aucto-

[1] Adiante tracto d'esta senhora, e de sua irman, D. Luiza.

risação para reedificar e renovar a egreja; e depois de obtidas as licenças devidas determinaram o dia em que havia de ser trasladada a imagem de Santo Antonio para o convento, ceremonia que se verificou no dia 4 de junho.

Foi um magestoso espectaculo!

Uma numerosa procissão se dirige ao convento, e leva em triumpho a imagem de Santo Antonio. As confrarias de todo o concelho, com seus anjos, uma philarmonica uma guarda de honra do regimento n.º 11, de Abrantes, tudo formava um vistoso quadro. Chegando a procissão ao convento, subiu ao pulpito o rev.º padre Augusto Pereira, natural d'esta villa, que prégou conforme o seu costume, isto é, perfeitamente.

Foi uma funcção muito devota a todos os respeitos, e digna do fervor das crenças do povo torrejano.

—

Ainda ao sitio onde existiu este mosteiro, se dá o nome de *Santo Antonio.*

A egreja está muito bem conservada; porém o edificio do mosteiro, está em completa ruina. Pertence actualmente a Antonio de Oliveira Fortes, que o comprou e a cêrca, a qual ainda é cultivada pelo comprador.

3.º — *Do Espirito Santo,* de religiosas terceiras franciscanas, na rua ainda chamada *das Freiras,* fundado por D. Branca, tia do arcebispo de Braga, D. frei Aleixo de Menezes. Esta senhora, era freira dominicana, mas veio para este convento, que havia fundado, e aqui tomou a regra de São Francisco. Falleceu abbadessa n'este mosteiro, em cheiro de santidade.

D. Branca, quando veio para este mosteiro, trouxe quatro nobres donzellas, chamadas — Maria de Jesus, Violante da Conceição, Jeronima da Costa, e Catharina de Santa Clara, que todas aqui professaram.

Foi vendido pelos liberaes, e d'elle não ha o minimo vestigio, porque, no chão que occupou, se fizeram casas particulares e o resto se reduziu a hortas.

Todos estes mosteiros foram vendidos pelos liberaes, e são actualmente propriedade particular.

—

A 3 kilometros d'esta villa, está a formosa aldeia e freguezia das *Lapas,* cercada de verdejantes collinas, pomares, cearas, vinhedos, etc., banhado tudo por um ribeiro, confluente do Almonda.

O sólo em que está fundada a povoação, em sitio eminente, é todo minado por uma longa serie de galerias e cavernas (que dão o nome á aldeia) em fórma de labyrinto, que não é possivel percorrer sem guia e sem luz.

A um dos lados, ha uma caverna, com 200 metros de circumferencia, perfurada pela parte superior, e que contém um grande nicho, onde foi encontrada a imagem de Nossa Senhora da Victoria, que hoje está na egreja de Nossa Senhora da Conceição, matriz da aldeia.

Estas escavações, de grande e perigoso trabalho, são attribuidas aos mouros, para alli se acolherem, durante as continuadas guerras que tinham com os christãos.

Dizem outros, que os mouros abriram estas galerias e cavernas, para d'aqui exthahirem pedra, para a construcção do castello e da villa. É todavia mais provavel serem minas metalicas de phenicios ou romanos, o que parece provar esta opinião, o apparecimento da imagem da Santissima Virgem, talvez aqui escondida pelos christãos, quando os mouros invadiram a Lusitania. Tambem não falta quem diga que estas vastas galerias, são obra da natureza. Duvido.

Em occasiões de tempestades, abrigam-se aqui os pastores, com os seus rebanhos, e tambem outras pessoas, accommettidas pelo temporal. Isto deu causa a dizer-se vulgarmente — «Na freguezia das Lapas, andam os vivos por baixo dos mortos.» — porque, effectivamente, a egreja matriz da freguezia, está exactamente por cima d'estas cavernas.

Qualquer que seja a origem d'estas escavações, são ellas uma das curiosidades geologicas, ou archeologicas mais notaveis de Portugal. Não me consta porém que aqui tenham apparecido vestigios de instrumentos da edade de pedra, nem ossadas de ani-

maes, de qualquer natureza, o que prova serem estas escavações posteriores aos tempos pre-historicos.

—

Na estrada que vae da villa para a estação do caminho de ferro, e proximo ao Almonda, está uma oliveira, denominada *Oliveira rainha*, que é, provavelmente, a oliveira mais corpolenta d'este reino. Tem 20 metros de altura e 12 de circumferencia, na base. É antiquissima.

—

O cemiterio da villa, é bello e muito bem situado. Estende-se pela esplanada do castello, e está cercado de torres e muralhas antigas, em logar alto, olhando para o rio que lhe corre ao sopé.

—

Os habitantes de Torres Novas, foram sempre muito industriosos, o que se prova pelas suas antigas fabricas de papel e de tecidos d'algodão. Ha poucos annos fundou tambem aqui o sr. Romão da Silva Salles, uma optima fabrica de pannos de linho, com motor hydraulico, e cujo machinismo é todo de ferro, de simples, mas primoroso trabalho. Tem cem fuzos, que fiam por dia 80 kilos de linho. Fabrica *grossarias*, *triz*, *lonas* e *meias lonas*, superiores em qualidade ás inglezas, e eguaes ás de Hamburgo. Emprega perto de 300 pessoas, de ambos os sexos. No seu genero, é a melhor de Portugal.

Alem do motor hydraulico, tem mais dous — uma turbina e uma machina de vapor, cuja casa se acha no maior aceio e boa ordem, assim como todas as mais officinas e armazens de arrecadação. São dignos dos maiores elogios, o socego e disciplina guardados por todo o pessoal d'esta notavel fabrica, que tanto honra e engrandece a villa. Pertence a uma companhia, cujo capital é de 199:800$000 réis.

A villa está situada em uma bella planicie, e os seus arrabaldes são bonitos, ferteis e bem cultivados, principalmente nas margens do Almonda, onde ha sitios de muita belleza e amenidade, assombreados por denso e vetusto arvoredo, e orlado de hortas e pomares, que rega e fertiliza. Tem muitos assudes, madrias, mottas ou levadas, que reprezam as suas aguas, para que as *quedas* sirvam de motor a varias fabricas e grande numero de azenhas e lagares de azeite. A sua agua é potavel, e de tão boa qualidade, que os habitantes da villa bebem d'ella, preferindo-a á das fontes da povoação.

O concelho de Torres Novas, exporta em grande quantidade, optimo vinho, e azeite, fructas séccas e aguardente.

—

Quatro kilometros ao O. d'esta villa, está o sanctuario de *Nossa Senhora da Barreira Alva*, fundado pela rainha D. Leonor, mulher de D. João II, pelos annos de 1480. Fica sobre a estrada que vae para Minde, Porto de Mós, Alcobaça e outras povoações. Ficam perto d'este sanctuario, os logares da Ribeira Branca, Zibreira, e Lapas.

Deve o titulo da sua invocação, a uma barreira de cré em que está a egreja, e proximo a ella, ha alguns olivaes e grandes vinhas.

Em volta do templo, nasce e prospéra sem cultura, alfazema, pimenteira, lyrios silvestres, e outras plantas.

É uma egreja que, pela sua grandeza, podia ser matriz de uma freguezia. Tanto a capella-mór, como o corpo da egreja, tem as paredes interiores revestidas de bellos azulejos, obra feita á custa do doutor em medicina, João Baptista Rodrigues, natural de Torres Novas.

Está no districto da freguezia de Santa Maria do Castello (ou Nossa Senhora do O). A imagem da padroeira, é de pedra, muito antiga, mas de boa esculptura. A sua festa é a 5 d'agosto, dia de Nossa Senhora das Neves.

—

No termo de Torres Novas, e distante da villa 6 kilometros ao O., é a freguezia dos Bugalhos. No logar do Prado, d'esta freguezia, está a ermida de *Nossa Senhora do Pilar*, fundada por Manoel Pereira, do dito logar do Prado, ajudado por outros seus visinhos, em 1679. A festa da padroeira, faz-se a 8 de setembro, dia da sua Natividade.

—

Ha em Torres Novas, nove ermidas — Nossa Senhora da Luz — Santa Iria — Nossa Senhora do Valle — Santo André — Nossa Senhora dos Anjos — S. João Baptista — Nossa Senhora de Nazareth — S. Domingos — e Santo Amaro.

—

Torres Novas, pertenceu ao arcebispado de *Lisboa Oriental*, e no secular, á provedoria de Santarem, supposto não ser das do numero da comarca. N'ella entrava em correição o ouvidor de Monte Mór Velho.

Teve, até 1834, um juiz de fóra; trez vereadores; um procurador do concelho; um escrivão da camara; um juiz dos orphãos, com seu escrivão; um alcaide, e mais officiaes de justiça; e no seu termo, CINCOENTA E SETE juizes da Vintena!

Tinha um sargento-mór, com 11 companhias de ordenanças.

—

Foi esta villa solar de muitos fidalgos, com opulentos mórgados, dos appellidos de Vasconcellos, Pimenteis, Mesquitas, Pimentas, Avellezes, Gouveias, Barretos, Mellos, Mogos, Carrilhos, Vellascos, Castanhedas, Freires, Gameiros, Carneiros, Cottas, Pintos, Galvões, e outros; dos quaes ainda alguns aqui residem.

—

Na camara municipal d'este concelho, foi manifestada uma mina de carvão de pedra, em dezembro de 1875.

Em 21 de setembro de 1881, falleceu no recolhimento do Amparo, a S. Christovam, em Lisboa, a madre Anna Delfina de Jesus, nascida em Torres Novas, em 1787. Foi a ultima freira e ultima abbadessa do mosteiro de freiras franciscanas, de Sacavem. (Vide 8.º vol., pag. 317, col. 2.ª).

Tem um elegante theatro, construido em 1876.

Bastantes melhoramentos se teem levado a effeito n'esta villa, ha uns 30 annos a esta parte. Teem reconstruido bastantes edificios arruinados, e edificado novos. A camara municipal, tem sido sollicita em promover os melhoramentos de Torres Novas, fazendo alargar algumas ruas; mandou demolir (1877) o antigo arco da praça e as casas contiguas, formando um bonito largo arborisado, e mandando plantar varias arvores, no largo do Carmo, e em ambos estes largos mandou collocar alguns bancos. Construiu um bom tribunal de justiça e cadeia civil. Emquanto duraram estas obras, estiveram os presos, no calabouço militar, e foram para aqui removidos, em agosto de 1877. Esta cadeia, alem de ser muito segura, tem todas as condições hygienicas, requeridas em taes edificios. Reparou a calçada de *Bueno-Amor*, e a estrada e *ponte de Finados*; alem de outras obras de reconhecida utilidade publica.

Pessoas illustres d'esta villa

1.º — *Antão Mogo de Mello e Carrilho*, fidalgo da casa real, foi casado com a famosissima *D. Angela Sigéa de Velasco*, filha de D. Diogo Sigéu, de Toledo, e de D. Francisca de Vellasco, nobres fidalgos, elle francez e ella castelhana.

D. Angela, veio para Portugal na comitiva da rainha D. Maria, filha dos reis catholicos, e que foi 2.ª mulher do nosso rei D. Manoel, e mãe de D. João III, de D. Isabel mulher do imperador Carlos V, de D. Brites, duqueza de Saboya, de D. Luiz, duque de Beja, (e pae de D. Antonio, prior do Crato;) de D. Fernando, duque da Guarda; dos cardeaes D. Affonso e D. Henrique o cardeal-rei); de D. Duarte, duque de Guimarães; e de D. Maria e D. Antonia que morreram de pouca edade.

Foi D. Angela Sigéa de Vellasco, dama muito querida da infanta D. Maria, filha do dito rei D. Manoel, e de sua 3.ª mulher, a rainha D. Leonor, filha de D. Philippe I, de Castella: assim como foi muito estimada da infanta D. Catharina, duqueza de Bragança.

Falleceu D. Angela Sigéa, n'esta villa, e foi sepultada na capella do Bom Jesus Crucificado, da egreja parochial do Salvador, (chamada antigamente, *capella dos lavradores*) no jazigo dos Mogos, naturaes de Torres Novas. Esta illustre dama, vem mencionada em differentes nobiliarios.

Seu pae, Diogo Sigéu, oi mestre do principe D. João, depois rei, 3.º do nome; do infante D. Henrique, depois cardeal-rei; do duque de Bragança, D. Theodozio; da referida D. Catharina, duqueza de Bragança, e da infanta D. Maria, que depois casou com Alexandre Farnezio, principe de Parma; finalmente teve a seu cargo, a educação de todos os filhos e netos do nosso rei D. Manoel.

Teve Diogo Sigéu outra filha, chamada Luiza Sigéa de Vellasco, dama de uma rara illustração, versada nas linguas latina, grega, hebraica, caldaica e syriaca, castelhana e portugueza.

Muitos principes e sabios da Europa lhe escreveram, só com o fim de obterem autographos seus. O papa Paulo III, lhe escrevia, para admirar as suas respostas e a elegancia do seu estylo.

Veio de Toledo para Portugal, com seu pae, quando ainda contava poucos annos de edade, sendo pouco depois nomeada dama da infanta D. Maria, sua condiscipula. Casou com um fidalgo de Burgos, e d'este casamento procede o visconde de Villar, gentil-homem da camara do rei D. Philippe II de Castella, e 3.º neto de D. Luiza Sigéa; foi tambem elegante poeta (para aquelle tempo) e distincta escriptora, publicando uma *Descripção de Cintra*, em versos latinos, que foi muito elogiada. Tambem escreveu e publicou um livro, em forma de dialogo, em que fallam as damas da côrte, elogiando umas os explendores do paço, outras a vida pacifica do campo.

Foi uma das melhores professoras de musica do seu tempo. Em Torres Novas ainda existem alguns retratos seus, e em casa do seu 3.º neto, João de Mello Carrilho Vellasco, se guardavam, com todo o respeito, varios livros que ella compôz; assim como uma honrosissima carta que lhe dirigiu o pontifice Paulo III, datada de Roma, a 8 de janeiro de 1547; em resposta a outra que ella lhe tinha dirigido, escripta em latim, grego, hebreu, syriaco, caldaico e arabico. (A mulher tinha seu tanto ou quanto de pedante).

Por fallecimento da infanta Dona Maria, regressou a Castella, e casou em Burgos, com D. Francisco Lacoeva, fallecendo na mesma cidade, a 13 de outubro de 1560, isto, segundo o *Anno Historico*; mas na *Historia de Santarem* (tomo 2.º, pag. 329, se diz que ella falleceu em 1569, e foi sepultada na egreja dos frades carmelitas de Torres Novas, no jazigo de seus paes.

O nosso André de Rezende, apenas teve noticia da sua morte, escreveu um poema, intitulado *Ludovicae Sigeae Tumulus*, que se imprimiu em Lisboa, no anno de 1561.

Sua irman Angela foi de uma illustração egual a sua irman Luiza, nas sciencias e linguas, e a excedeu na musica.

D'estas duas famosissimas irmans, fazem menção varios escriptores, e entre elles, Antonio de Sousa de Macedo, nas suas *Flores de Hespanha e excellencias de Portugal*, cap. 8.º, pag. 69, excellencia 2.ª—Vazeu, tomo 1.º, cap. 9.º — Francisco Soares Toscano, nos *Parallelos de Varões Illustres* — Duarte Nunes de Leão, na *Descripção de Portugal* — Ignacio da Piedade e Vasconcellos, na *Historia de Santarem edificada*, tomo 2.º, pag. 325, no fim, e seguintes — Frei Francisco de Santa Maria, *Anno Historico*, tomo 3.º, pag. 165 e 166 — alem de outros varios escriptores. [1]

—

2.º *D. frei Bernardino de Sena.* Nasceu n'esta villa (alguns pretendem que foi em Lisboa, mas é erro) no anno de 1571.

Professou a religião de S. Francisco, e foi varão de grandes virtudes e notavel talento. Foi insigne professor nas cadeiras de philosophia e theologia, em varios mosteiros da sua ordem; sendo guardião nos de Ferreirim, Santarem e Lisboa. Foi provincial da provincia de Portugal; secretario-geral; commissario-geral cismontano; e ministro geral de toda a ordem seraphica, eleito em Roma, no capitulo geral, de 1625, e o 3.º

[1] Estas duas mulheres celebres, e seu pae, não são naturaes de Torres Novas, mas vieram (ellas) para aqui de tenra edade; aqui casaram, falleceram e foram sepultadas; pelo que, são mais portuguezas do que hespanholas, e dignissimas de honrosa menção n'esta obra.

portuguez que exerceu esta dignidade; pelo que era estimado e respeitado em toda a ordem, e nas côrtes de Portugal, Castella, França e Italia. Apezar de occupar tão altas dignidades, viveu sempre na maior pobreza e humildade, e fazendo observar estas duas virtudes a todos os seus subditos.

Vivendo sob o dominio e usurpação phililipica, foi sempre um verdadeiro portuguez; e, ainda que estimado por Filippe III e seu filho e herdeiro, os ministros castelhanos o olharam sempre com aversão, pelo seu patriotismo.

Para terminar os seus dias em Portugal, acceitou o bispado de Vizeu, onde, com pouco tempo de governo, falleceu, a 5 de outubro de 1632.

—

3.º *Manuel de Brito d'Almeida*. Nasceu pelos annos de 1550, e foi um dos mais leaes portuguezes do ultimo quartel do seculo XVI.

D. Antonio, prior do Crato, á frente do povo portuguez e de mui poucos fidalgos e prelados, tendo por si o decidido nas côrtes de Lamego, de 1143, e nas de Coimbra de 1385, se proclama rei legitimo de Portugal. O nosso leal torrejano, se une immediatamente ao prior do Crato, e foi sempre seu companheiro inseparavel, tanto em Portugal, como na Inglaterra e França, e só a morte de D. Antonio o poude fazer abandonar aquelle que sempre considerára como seu rei natural.

N'uma época em que ha a monomania dos monumentos (alguns bem mal empregados...) custa a acreditar como o povo de Torres Novas ainda se não lembrasse de erigir um padrão, ainda que singelo, a este inclito varão, que tanto honrou a terra que lhe oi berço!

—

4.º *O doutor padre Antonio Pimenta* — um dos mais celebres mathematicos do seculo XVII; lente de humanidades e de mathematica, na Universidade de Coimbra. Nasceu em 1620, e falleceu em 1700, sendo vigario da freguezia de S. Paulo, de Lisboa.

Escreveu as seguintes obras:

Sciographia da nova Prostimancia celeste, e portentoso cometa do anno de 1664. Offerecida a Luiz de Vasconcellos e Sousa, e impressa em 1665.

Noticias astrologicas, e natural influencia das estrellas. Impressa em Lisboa, no anno de 1659.

Brachiologia do Sol, Lua e mais planetas, com todos os aspectos entre si, e mais constellações celestes; eclypses e prognosticos dos seus effeitos. Impressa em Coimbra, no anno de 1670.

Prognostico e lunario do anno de 1662, com breve descripção de Portugal. Impresso em Lisboa, no anno de 1661.

Pretendem alguns que estes tres ultimos livros, são obra de Manuel Gonçalves da Costa; mas é mais provavel que sejam do padre Antonio Pimenta. Todavia, não dão grande honra ao seu auctor, qualquer que elle seja.

—

5.º *Frei Antonio da Ascenção* — doutor em direito e theologia, frade dominicano, e provincial da sua ordem, em Roma; prégador de Fernando II, grão-duque de Florença, e seu conselheiro. Foi o medianeiro, na composição entre este principe e o pontifice Urbano VIII, e fundador do mosteiro de Santo Agostinho, de religiosos dominicanos, em Florença, no anno de 1636.

Ignora-se a data do seu nascimento e da sua morte; mas póde calcular-se ter vivido entre os annos de 1570 e 1640.

—

5.º *Frei Manuel das Chagas*, prior do convento de carmelitas calçados, d'esta villa. Foi um escriptor distincto. Foram impressas varias das suas obras, sendo as principaes — *Thereza militante*, poema heroico: publicado em Lisboa, em 1630.

Festas que o real convento do Carmo de Lisboa fez, pela canonisação de Santo André Cordeiro: impresso em Lisboa, em 1632.

Além de varias outras obras e grande numero de sermões, publicados desde 1629 até 1662.

—

6.º *José Ferreira de Moura* — Nasceu em fevereiro de 1671. Foi cirurgião em Lisboa e no Rio de Janeiro.

Escreveu e imprimiu-se em Lisboa, no anno de 1743 — *Syntagma cirurgico theorico de João de Vigo, traduzido do latim em portuguez, e acrescentado com um tratado de feridas, e um catalogo dos remedios para muitas e varias enfermidades.*

—

7.º *Doutor Manuel de Figueiredo* — grande mathematico e cosmographo-mór do reino. Escreveu. — *Chronographia. Reportorio dos tempos*, no qual se contam 10 partes.

Dos tempos: Esphera, Cosmographia e arte de navegação; astrologia rustica e dos tempos; prognosticação dos eclipses e sementeiras. O calendario romano, com os eclipses até 630. E no fim, o uso da fabrica da Balhestilha e quadrante geometrico; com um tratado dos relogios. Impresso em Lisboa, no anno de 1603.

É livro raro.

Roteiro e navegação das Indias Occidentaes, ilhas Antilhas e mar Oceano Occidental, com suas derrotas, sondas, fundas, e conhecenças, etc. — Impresso em Lisboa, no anno de 1609.

Hydrographia, exame de pilotos, no qual se contém as regras que todo o piloto deve guardar em suas navegações, etc. etc. — Com os roteiros de Portugal para o Brasil, Rio da Prata, Guiné, S. Thomé, Angola e Indias de Portugal e Castella. (Americas). Impresso em Lisboa, em 1614, e reimpresso em 1625.

É obra rara e muito estimada.

Prognostico do cometa que appareceu em 15 de setembro de 1604. Impresso em Lisboa no anno de 1605.

Tratado da pratica de arimetica, etc. A 2.ª edição foi publicada em Lisboa, no anno de 1607 — e a 3.ª, na mesma cidade, em 1716 (Não sei quando foi publicada a 1.ª edição, e julgo que houve 4.ª). É obra rarissima, apezar das varias edições.

—

8.º *Frei Simão Bôa-Ventura* (*Simão Machado*, antes de professar). Nasceu pelos annos de 1557, e ainda vivia em 1632. Professou no convento de S. Francisco, de Barcelona, na Catalunha.

Escreveu, antes de professar, varias comedias, em portuguez, que offereceu a Dom Francisco de Sá e Menezes, conde de Penaguião, camareiro-mór do rei, alcaide-mór e capitão-mór da cidade do Porto, etc. — Impressas em Lisboa, em 1601, tendo 2.ª edição em 1631; e 3.ª em 1706. Escreveu tambêm algumas obras em castelhano, que foram impressas em Barcelona, em 1632; e sete novellas, tambem publicadas em Barcelona, e escriptas em castelhano.

TORRES VEDRAS — villa, Extremadura, cabeça de concelho e de comarca (de 1.ª classe) do seu nome, 35 kilometros a S. E. de Peniche, 32 ao S. O. de Obidos, 30 ao O. N. O, do Tejo (Villa Franca de Xira) 18 ao N. de Mafra, 37 ao N. de Cintra, 12 a E. do mar, 21 ao N. E. da Ericeira, 43 ao N. de Lisboa (pelo caminho de ferro Larmanjat, 54)

Tem quatro freguezias.

Pertence ao patriarchado e districto administrativo de Lisboa; ao judicial, da relação da mesma cidade, e á 1.ª divisão militar.

As quatro freguezias são:

1.ª *S. Miguel* — extramuros[1] Tem 190 fogos.

Em 1768, tinha 110.

O abbade geral do convento cisterciense, d'Alcobaça, apresentava o prior, que tinha 600$000 réis de rendimento annual.

2.ª *S. Pedro*, com 420 fogos.

Em 1768, tinha 331.

A rainha apresentava o prior, que tinha de rendimento annual 400$000 réis.

3.ª *S. Thiago*, com 250 fogos.

Em 1768, tinha 331.

[1] A egreja matriz d'esta freguezia, estando em ruinas, foi dada á camara, em abril de 1867, e a parochia supprimida ecclesiasticamente, e annexada á de Santa Maria do Castello; mas administrativamente ficou ainda subsistindo até hoje, com regedor, livro da matriz, recenseamentos, *politico* e militar, em separado, etc. — É uma *freguezia sem egreja e sem parocho!*
Os seus paramentos e alfaias foram divididos pelas outras egrejas; e a pedraria do templo tem sido empregada em obras publicas. Hoje apenas alli se vêem algumas paredes e alguma cantaria espalhada pelo chão.

A mitra apresentava o prior, que tinha 700$000 réis de rendimento annual.

4.ª *Santa Maria do Castello* (Nossa Senhora da Assumpção), com 260 fogos.

Em 1768 tinha 141.

O real padroado apresentava o prior, collado, que tinha 500$000 réis de rendimento annual[1].

—

A villa é pequena, porém o districto das suas freguezias (sobre tudo o da de S. Pedro) abrange uma extensa área de terreno, fóra da povoação, estando alguns logares a mais de 5 kilometros de distancia.

—

Tem estação telegraphica municipal.

Feira a 22 de agosto.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 7.º

A villa está em 39° e 10′ de latitude e 9° 3′ de latitude.

Tem por armas, em campo verde, um castello d'ouro, com 3 torres do mesmo. Estas são as de que usa actualmente a camara.

O seu antigo brazão d'armas, era, em campo verde, um castello d'ouro, ameiado, com duas torres do mesmo, uma á esquerda, outra á direita, ambas circulares e em forma de corucheu, ameiadas, e cada uma com sua janella, e na sua cúpula, pyramidal, uma flamula de púrpura, e sobre a haste (mas solta) uma estrella de prata, de 6 pontas. — Entre as duas torres, o escudo das cinco quinas.

Estando D. João III n'esta villa, em 1625, a elevou á cathegoria de comarca.

O concelho de Torres Vedras, comprehende 18 freguezias, todas do patriarchado e com 6:300 fogos — são — Carmões, Carvoeira, Cunhados (ou *A dos Cunhados*) Freiria, Mata-Cães, Machial, Monte-Redondo, Ponte do Rol, Ramalhal, Ribaldeira (ou Dois Portos) Runa, S. Pedro da Cadeira, Turcifal, Ventosa, e as 4 de Torres-Vedras.

Pela nova divisão judicial é este concelho dividido em 4 julgados.

Lourinhan, Runa, S. Mamede, e Torres Vedras.

A sua comarca é composta do seu concelho e do da Lourinhan, ambos com 8:100 fogos.

—

Está a villa situada em uma formosa planicie, bem cultivada, e cercam-a cinco montes, prolongando-se a povoação pela encosta de um d'elles.

Junto e ao N. da villa, corre o rio Sizandro, aqui atravessado por cinco pontes — a *d'El-Rei*, a *da Mentira*, a *de S. Miguel* (junto á qual está o notavel *Chafariz dos Canos*, do qual adiante trato) a do *Alpilhão* e a da *Senhora do Amial*. (As duas ultimas são no rio Alpilhão.)

Este rio (Sizandro) que nas grandes estiagens fica completamente sêcco, foi muito celebrado pelos nossos antigos poetas. Suas margens são em quasi toda a parte formosas e bem cultivadas. A dois kilometros da villa, é este rio cortado por uma ponte de pedra, chamada da *Madeira*, porque a primitiva era feita d'esta materia. (Vide *Sizandro*). Quatro kilometros ao O. da villa, e no districto da freguezia de S. Pedro, da mesma, está o famoso mosteiro do Varatojo, fundado em 1470, por D. Affonso V (Vide *Varatojo*)

Seis kilometros ao S. da villa, está a *Serra do Soccorro*, no tôpo da qual está a ermida de *Nossa Senhora do Soccorro*, á qual se faz uma concorridissima romaria a 5 de agosto. Segundo a tradição, houve n'este sitio uma grande batalha, entre christãos e mouros, sendo tão grande a mortandade, que as aguas do Sizandro — que corre ao sopé d'esta serra — se tingiram de sangue, principalmente proximo á aldeia de Mata-Cães, junto ao ribeiro *Golez*, que por isto tomou o nome de *Rio de Sangue*, e a uma azenha a que suas aguas servem de motôr, se ficou chamando *Azenha de Sangue*. (Vide *Mata-Cães.*)

[1] A egreja parochial de Santa Maria do Castello, está quasi no mesmo estado da de S. Miguel (antes de ser demolida) pelo que já não tem parocho, e está annexada ecclesiasticamente á de S. Pedro: mas, tambem como a de S. Miguel, ainda é freguezia, quanto ao administrativo!

Era melhor acabar com estas anomalias, e dizer que a villa só tem hoje duas parochias.

Ainda que as nossas chronicas não fallam d'esta batalha, talvez que a tradição eja verdadeira; porque muitas e grandes batalhas não foram mencionadas pelos antigos historiadores; o que é desculpavel, em vista do grande numero d'ellas que houve em Portugal, desde a invasão, até a expulsão dos mouros, no longo periodo de 500 annos.

Consta que esta ermida, foi originariamente mesquita mourisca, e é certo que a sua architectura árabe, denota muita antiguidade. É vasta e toda de abobada, cercada em volta por um alpendre.

A imagem da padroeira revela tambem muita antiguidade. É de pedra, e tem 1m,10 de altura.

Fica esta ermida proxima á aldeia de S. Sebastião, da freguezia de Enxára do Bispo, no concelho de Mafra.

Antigamente fazia-se n'este logar uma grande feira, no dia da romaria, denominada *Feira de Montachique*, e depois, *Feira do Soccorro.*

Teve eremitão, com residencia propria, e fica a 6 kilometros de distancia do famoso sanctuario de *Nossa Senhora da Guia*, do logar da Serreira, freguezia da Sapataria.

Do sitio onde está esta ermida, se desfructa um vasto e formoso panorama. Vê-se Torres Vedras, Turcifal, Cabeço de Montachique, a Serra do Olmeiro, Mafra, Peniche, e uma vasta extensão de Oceano.

A um kilometro ao N. da villa, está a egreja de *Nossa Senhora do Amial*, ou do Ó. É templo antiquissimo, e consta que foi matriz de uma freguezia, composta de varias aldeias circumvisinhas, que, com o tempo, se foram constituindo em freguezias independentes; ficando a antiga egreja com as suas rendas, pertencendo á Misericordia da villa.

A egreja foi edificada em um têso, cercado de terrenos baixos e apaúlados.

Consta que o primeiro titulo da padroeira, foi *Nossa Senhora do Pinheiro* (derivado de um grande pinheiro que estava junto á egreja, da parte do norte, no sitio onde hoje se vê um cruseiro). Nos breves que vieram Roma, com privilegios e indulgencias para esta egreja, se dizia sempre — *Santa Maria do Pinheiro.*

É um templo vasto, e foi sagrado.

Embebida na parede, está uma pedra com uma inscripção em letra gothica, declarando as obrigações da casa; termina com as letras:

M. I. L, B. B. I.

que se julga ser a era.

Na janella do alpendre, está outra lapide com uma inscripção, dizendo que fôra feito (o alpendre) em 1556. É provavel que tambem então fosse reedificada a egreja.

Consta que n'esta egreja houve em tempos antigos, uma irmandade, composta exclusivamente de alfaiates, que fundaram, ou reedificaram, o templo.

No adro se vêem ainda muitas sepulturas, que, segundo a tradição, pertencem a individuos que morreram de peste. Segundo a mesma tradição, as pessoas atacadas d'esta epidemia, tinham sido removidas para uma enfermaria construida em um monte visinho, juncto á ermida de S. Vicente, e alli falleceram.

Fundação da villa

Oliveira Freire, e outros antiquarios, dizem que esta povoação foi fundada pelos turdulos e gallos-celtas, no anno 3:966 do mundo (38 antes de Jesus Christo) — isto é — no 1.º anno da era de Cesar; mas ignora-se o nome que lhe deram.

Baudran e Ortelio, dizem que os romanos lhe chamavam *Arandis*; porém outros escriptores sustentam que Arandis era no Alemtejo. (Vide 1.º vol., pag. 62, col. 2.ª — e *Arandis*).

O que é certo, é ser Torres Vedras uma povoação antiquissima, e que, com toda a certeza, já existia no tempo dos romanos [1], o que se prova por quatro lapides com inscripções latinas, achadas nas suas visinhanças, e das quaes ainda existem trez — duas

[1] Não sei a razão porque a esta villa, sendo muito mais moderna do que *Torres Novas*, se lhe dê o nome de *Torres Vedras* (Torres Velhas).

na *Quinta da Rainha*, freguezia da Carvoeira — e uma, embebida na parede exterior da egreja matriz de Mata-Cães.

É provavel que fossem os romanos que lhe dessem o nome de *Turres Veteres*, que os godos e árabes lhe conservaram, e que ainda tem, traduzido em portuguez.

Suppõe-se, com bons fundamentos, que as suas primitivas fortificações foram construidas pelos gôdos ou alanos, e que os mouros as reedificaram e ampliaram. O que é certo, é que, D. Affonso Henriques, quando em 1148 atacou esta villa, estava ella bem fortificada, e os seus defensores — os mouros — fizeram uma tenaz resistencia, sendo necessario aos portuguezes destruirem grande parte das obras de defeza, pelo que ficou a povoação muito arruinada, e quasi todos os seus moradores morreram no combate. Não tornou a cahir em poder dos mouros, como toda a provincia da Extremadura, que ficou para sempre do dominio dos reis de Portugal.

D. Affonso Henriques, mandou logo reconstruir as fortificações e alguns edificios da villa; e, para atrahir para aqui habitantes christãos, lhe deu uma *carta de privilegios*, que lhe serviu de foral, até que, em 15 de agosto de 1250 [1], D. Affonso III, estando na cidade d'Evora, deu foral a Torres Vedras. (*Livro 2.º dos bens proprios da rainha*, fl. 23).

O rei D. Manuel lhe deu foral novo, em Santarem, no 1.º de junho de 1510. (*Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 43, col. 1.ª).

Em 1185, os mouros escapados á derrota de Santarem (8.º vol., pag. 475, col. 2.ª) vingaram-se em roubar e incendiar as terras por onde passavam. Quizeram fazer o mesmo a esta villa (cuja fortaleza já então estava reparada) porém os seus habitantes se defenderam com o maior denodo, obrigando os mouros a desistirem da empreza.

—

Foi por muitas vezes côrte dos nossos reis, que tiveram aqui dous paços reaes — primeiro, os chamados *paços velhos*, foram mandados construir, em 1275, pela rainha D. Brites (ou Beatriz) mulher de D. Affonso III. — Eram no bairro de Carcavellos, proximo e ao sul do castello. Ainda existiam no principio do seculo XVI, mas hoje não ha d'elles o minimo vestigio. Dos *paços novos*, ainda restam parte das ruinas, no logar em que agora existe o açougue publico.

Esta rainha e seu marido, gostavam muito de Torres Vedras, e aqui residiram por varias vezes. Foram elles, os primeiros soberanos que aqui fizeram a sua côrte. Antes da rainha mandar construir os paços reaes, residiam no castello, no palacio dos alcaides-móres.

D. Affonso III, pouco tempo habitou nos paços da rainha, porque falleceu em Lisboa, a 16 de fevereiro de 1279; mas a sua viuva, ainda aqui veio residir por algumas vezes, fundando n'estes paços uma capella real, que no principio do XVI seculo, o rei D. Manuel transferiu para o mosteiro da Graça, d'esta villa, por o velho palacio ameaçar imminente ruina. (É provavel que os paços fossem mandados demolir por D. Manuel, depois da mudança da capella real).

Foi tambem o rei D. Manuel que mandou construir os *paços novos*.

Nos paços velhos, residiram tambem os reis D. Diniz, D. Affonso IV, D. Fernando, e D. João I. Este convocou aqui um conselho, em 1413, para o consultar sobre o projecto da conquista da praça de Ceuta, abrigo dos piratas africanos, que, com frequencia, invadiam as nossas costas, saqueando e incendiando as povoações e levando captivos os seus moradores que podiam haver ás mãos.

O conselho — como era de esperar — foi favoravel á empreza; em vista do que, o rei, com seus dous filhos mais velhos, os infantes D. Duarte e D. Pedro, e com um

[1] O sr. Vilhena Barbosa (*Cidades e villas*, pag. 99) diz que foi em 1228. É certamente erro typographico, pois este illustre archeologo bem sabe que em 1228, reinava Dom Affonso II, pae de D. Affonso III — Este mesmo anachronismo se lê no 8.º volume do «Archivo Pittoresco» pag. 361 — artigo do mesmo auctor.

brilhante exercito, em que hiam muitos dos principaes fidalgos portuguezes, passou á Africa, e, depois de varios e profiados assaltos, tomou a praça africana, a 14 de agosto de 1415.

O infante D. Pedro, regente do reino, na menoridade de seu sobrinho, D. Affonso V, aqui convocou cortes, em 1441. (Vol. 2.º, pag. 395, col. 1.ª).

Aqui residia D. João II, quando, em 1493, recebeu n'esta villa o embaixador do rei de Napoles, que mandou magnificos presentes ao rei portuguez.

Em 1496, o rei D. Manoel, fez aqui celebrar sumptuosissimas exequias, pelo primeiro anniversario da morte de D. João II, seu antecessor, primo e cunhado.

No mesmo anno, aqui fez a sua entrada solemne, sendo recebido pelo rei D. Manoel, com a maior pompa e magnificencia, o embaixador da então poderosissima republica de Veneza, ao qual o rei conferiu muitas honras e mercês, e, pelas suas proprias mãos, o armou cavalleiro, em acto publico, com assistencia de toda a côrte.

O mesmo rei D. Manuel esteve n'esta villa, em 1497, e em 1518.

Em 1525, D. João III, tambem aqui residiu por algum tempo, dando-lhe então (como já vimos) a cathegoria de comarca [1].

Acclamado D. João IV, em Lisboa, no glorioso dia 1.º de dezembro de 1640, foi Torres Vedras uma das primeiras povoações que annuiu a tão patriotica revolução (apezar de ser acerrimo partidario de Castella, o seu alcaide-mór D. João Soares de Alarcão) e que com o maior brio e generosidade se prestou a sacrificios de toda a qualidade, para ajudar a libertar a patria da usurpação castelhana.

Quando D. João IV regressou da praça de Peniche, foi aqui recebido com o maior enthusiasmo, e sumptuosissimas festas. O rei esteve aqui trez dias, hospedado na residencia do prior de S. Pedro, contigua a esta egreja; porque já então os paços novos estavam muito arruinados.

Tambem visitaram esta villa, D. João V, D. José I, D. Maria I e seu marido D. Pedro III, com toda a familia real; o principe regente — depois, D. João VI, em 1797 e em 1806; o sr. D. Miguel I, e suas irmãs, as infantas D. Izabel Maria e D. Maria da Assumpção, em 1832; a sr.ª D. Maria II e seu 2.º marido, o sr. D. Fernando; o sr. D. Pedro V, e sua sempre chorada esposa a virtuosa raïnha D. Estephania; o principe, duque de Cambridge, Jorge de Inglaterra; e outras muitas pessoas notaveis.

Derrotadas as hordas de Laborde, por sir Arthur Wellesley, na Roliça a 17 de agosto de 1808, vieram em seu soccoro, Junot, de Lisboa, e Loison, de Abrantes, que todos foram derrotados, logo a 21 do dito mez de agosto, na gloriosa batalha do Vimeiró. Os jacobinos retiraram para Torres Vedras, e aqui foi ratificada a desastrosa convenção de Cintra, a 31 d'agosto d'esse anno, e que tinha sido feita na vespera, entre Junot e o general inglez Dalrymple; em resultado da qual, os francezes são expulsos de Portugal. (Vide *Obidos*, *Peniche*, *Roliça*, *Seteaes*, *Tavarêde*, e *Vimeiro*).

Em 7 de outubro de 1810, o general francez Massena (que os jacobinos cognominavam *o anjo da victoria*) chega proximo das famosas *linhas de Torres Vedras*, e estaca, á vista de suas baterias, e alli esteve 38 dias, sem se atrever a atacal-as, retirando a 14 de novembro seguinte, para Santarem, d'onde foi expulso a 6 de março de 1811, apezar de ter recebido um reforço de 30:000 homens. Durante a sua retirada, foi atacado no Pombal, na Redinha, na Foz d'Arouce e no Sabugal, sendo obrigado a entrar em Hespanha, a 4 de abril do dito anno de 1811.

—

É tambem celebre esta villa, pela batalha dada aqui, pelas tropas cabralinas, commandadas pelo marechal Saldanha, contra as forças populares, commandadas pelo te-

[1] Teve até 1834, um corregedor e um juiz de fóra, ambos com os seus escrivães e quadrilheiros; juiz dos orphãos, com seu escrivão; procurador do concelho; camara com 3 vereadores e seu escrivão e official de diligencias. A sua correição foi para aqui transferida, da villa de Alemquer. Comprehendia vinte e duas villas no seu districto.

nente-general conde de Bom-Fim, no dia 22 de dezembro de 1846.

As tropas populares, forram derrotadas, ficando prisioneiro o conde de Bom-Fim, e a maior parte da sua gente. De parte a parte, houve grandes perdas em mortos e feridos (todos portuguezes e liberaes!) sendo um dos mortos, o famoso e illustre ex-ministro, o tenente coronel de engenheiros, Luiz da Silva Mousinho d'Albuquerque, que pertencia ao partido popular. Foi enterrado na egreja de S. Pedro, onde jaz [1].

Foi em 1846, a primeira vez que, depois de 1810, tornaram a ser occupados por tropas portuguezas, os fortes de *S. Vicente*, *do Castello* e *da Forca*. Estes fortes, foram occupados pelas tropas populares, do conde de Bom-Fim, atrahidas aqui (segundo é fama) por individuos d'esta villa, inimigos dos cabralinos. Chegaram a 19 e 20 de dezembro, em força de trez mil e tantos homens de todas as armas; mas d'estas só 200 cavallos e de artilheria só duas boccas de fogo — uma peça e um obuz — Uma boa parte d'esta gente, eram guerrilhas, angariadas em Alcobaça, Caldas da Rainha, e do termo de Torres Vedras.

Já aqui estava nomeada uma *junta*, e um novo administrador do concelho, que foi o cirurgião *Mauricio José da Silva*, o qual formou uma guerrilha com que se uniu aos populares.

Na noite de 21 para 22, cahiu tanta chuva, que o rio Sizandro, por onde deviam passar as tropas do Saldanha, alagou as suas margens. Na manhã de 22 continuou a cahir uma chuva miuda, com uma cerração muito espessa até quasi á tarde; mas como o Bomfim soubesse com certeza que os cabralistas tinham acampado n'essa mesma noite nas aldeias do Ramalhal e Amial, a 6 kilometros da villa, começou logo n'esse dia 22 a collocar as suas forças nos referidos fortes, e a artilheria, no castello, onde elle e Mousinho d'Albuquerque se metteram e alli estiveram até ao fim da lucta.

As forças populares consistiam em varios batalhões de linha, entre elles o 5 e 6 de caçadores e o bravo batalhão de voluntarios de Viseu, commandado pelo intrepido D. Jayme. O resto eram guerrilhas vindas de Alcobaça, das Caldas da Rainha, do termo d'esta villa e d'outras partes.

Do lado de S. João e Fontainhas, collocou o Bomfim o 5 de caçadores, procurando assim defender a entrada da villa, pelas trez pontes do Sizandro (de S. Miguel, da Mentira, e do Rei.) Não mandou fazer obra alguma de defeza.

Pelas 11 horas da manhan se disparou o primeiro tiro de artilheria, do castello, enfiando a estrada real das Caldas da Rainha, por onde marchava a cavallaria cabralista, que logo recuou e se foi postar por detraz do forte de S. Vicente. Assim se começou uma horrorosa e sanguinolenta batalha entre portuguezes liberaes!

As forças cabralistas constavam de 6 a 7 mil homens, comprehendendo 700 cavallos e 16 peças de artilheria, que Saldanha mandou collocar (as peças) na serra de Almofalla, sobre as quintas das Fontainhas e estrada da ponte do Rei; mas por causa do estado dos caminhos que de Sarges para lá conduziam, só o pôde conseguir pelas trez horas da tarde, hindo tambem por aquelle lado uma brigada de infanteria.

A artilheria inimiga vomitou os seus projectís, não só sobre os populares, mas tambem sobre os edificios da villa, em grande quantidade, assim como grande numero de foguetes á Conggreve. Felizmente nem prejudicaram as casas nem feriram os seus habitantes.

O batalhão de caçadores numero 5, defendeu o seu ponto com a maiór coragem

[1] Póde dizer-se que (*por emquanto*) é um *mysterio historico*, a causa d'esta derrota, que podia, e devia, ser soffrida pelos cabralistas, se o general, conde das Antas, que estava com a sua divisão em Santarem, acudisse a Bom-Fim, o que lhe era facilimo; mas elle, ouviu impassivel e indifferente, troar a artilheria, e depois de perdida a batalha, retirou, pacifica e vagarosamente para o Porto, *sem que Saldanha* lhe perturbasse a marcha, e quizesse derrotal-o; o que tambem lhe era facil, em vista do desanimo das tropas populares. Este facto e a entrega de 4:000 homens e da esquadra, a 30 de maio de 1847, não são muito honrosos para o conde das Antas...

até quasi á noite, causando grandes estragos ao inimigo; mas, apezar d'isso, o Saldanha tomou o forte de S. Vicente, que, depois de occupado pelos cabraes, foi combatido pela artilheria do castello, que matou e feriu muitos dos dos occupantes.

Ao mesmo tempo, atacaram os cabralistas as referidas pontes, sendo por varias vezes rechaçados, com grandes perdas, até que, quasi á noite, poude uma força, sobre montões de cadaveres, entrar na villa, onde ainda soffreu descargas, dadas por caçadores n.º 5, no largo da Graça. Só uma pequena força de cavallaria cabralista se bateu com alguma da Junta, no adro da Ermida da Senhora do Amial.

Já de noite, entraram os cabraes no forte da Forca, que os seus defensores tinham abandonado, retirando para o Cadaval, onde lhe haviam dito que estava o conde das Antas.

O conde do Bom-Fim, deixou se ficar no castello, com a cavallaria e o resto das suas tropas, sem recurso algum, quando podia retirar a salvo—protegido pela noite—pela estrada da ponte do Alpilhão, que estava livre.

Desde as 9 horas da noite até á madrugada, entrou na villa o resto da divisão do Saldanha, que se aquartellou na quinta do Hilarião, onde tinha formado o seu hospital de sangue.

Se o dia tinha sido de horror para o povo da villa, pelo troar da artilheria e fuzilaria, e pelos projectís que tinham cahido nos seus telhados, e entrado em suas casas, a noite não foi menos horrorosa, pois que os vencedores, batiam a todas as horas, ás portas das habitações, arrombando muitas d'ellas, como em paiz conquistado, nem que os pacificos habitantes da villa tivessem culpa dos populares aqui tomarem posições.

Segundo o *louvavel* costume de quasi todos os cabralistas, em todas as terras em que entravam, grande numero de casas foram saqueadas, e seus donos maltratados.

Por alguns dias não se abriu uma unica loja de comestiveis, o que causou fome aos habitantes e ás tropas.

Então o Saldanha as fez abrir á força, pondo sentinellas ás portas, para evitar os roubos, e a fome cessou.

Os cabraes, na sua entrada na villa, assassinaram quatro dos seus habitantes, inermes e pacificos, que no dia seguinte appareceram estendidos na rua.

Soffreu tambem o povo, o aboletamento por muitos dias, até que o Saldanha fez sahir varios corpos, para differentes povoações do termo.

A parte official do Saldanha, diz que teve 386 mortos, feridos e extraviados; mas julga-se, com bons fundamentos, que os mortos foram uns cem, e os feridos andaram por 500. O que é certo, é encher-se o hospital da Misericordia, de feridos, a maior parte cabralistas.

No dia 23 pela manhan, mandou Saldanha collocar 4 bocas de fogo, em um moinho, por cima do nicho de Santo Antonio do Varatojo, para ameaçar o Bom-Fim, e os que ainda estavam no castello, mas não chegaram a fazer fogo, porque se renderam, sahindo prisioneiros, mas com as honras militares, ficando os officiaes com as suas bagagens; e os soldados, com as suas moxillas, e assim foram conduzidos prisioneiros para Lisboa, guardados por uma forte escolta; apezar do que, muitos fugiram, durante a jornada, indo a maior parte d'elles apresentar-se á Junta do Porto, a qual ordenou que a estes apresentados se désse por distinctivo, uma aspa de panno amarello no braço direito.

—

Senhores de Torres Vedras

Teve esta villa varios senhores, em differentes épocas.

D. Affonso III deu este senhorio a sua mulher, a rainha D. Beatriz.

O rei D. Diniz, a sua mulher, Santa Isabel.

D. Fernando I, a sua mulher, D. Leonor Telles de Menezes [1].

[1] D. Fernando tinha dado este senhorio a um fidalgo castelhano, chamado D. João Affonso da Moxica; mas, quando casou, annullou esta doação, para dar o senhorio a sua mulher.

D. João I, á sua mulher, a rainha D. Philippa de Lencastre [1].

O rei D. Duarte, a sua mulher, a rainha D. Leonor [2].

D. João II, a sua mulher, a santa rainha, D. Leonor.

O rei D. Manoel, ás suas duas primeiras mulheres, D. Isabel e D. Maria (ambas irmãs, e filhas dos réis catholicos.) Por morte d'estas duas rainhas, D. Manoel deu o senhorio de Torres Vedras, a sua filha, a infanta D. Isabel, que teve do seu segundo matrimonio com a rainha D. Maria. Casando D. Isabel com o imperador Carlos V, passou este senhorio para outra sua filha, do terceiro matrimonio (com a rainha D. Leonor, filha de D. Philippe I, de Castella) a infanta D. Maria, á qual deu tambem o senhorio de Viseu.

D. João IV, deu este senhorio (de Torres Vedras) á infanta D. Maria, sua filha bastarda, legitimada, que viveu e morreu recolhida, no convento das freiras [3] de Carnide, que havia reedificado, e onde foi sepultada. D. João IV, teve sempre um extremoso amor por esta filha.

—

Alcaides-móres de Torres Vedras

O emprego de alcaide-mór, foi creado por D. Affonso Henriques, logo no principio do seu reinado; e é provavel que o castello de Torres Vedras, sendo ainda n'esse tempo de tanta importancia, como ponto militar, tivesse alcaides-móres.

Este soberano, dando, como deu, o senhorio d'esta villa ao famoso D. Fuas Roupinho, é de suppôr que lhe désse tambem a sua alcaidaria-mór: mas não achei documento que o prove [1].

[1] Foi tambem senhora d'esta villa, a infanta D. Isabel, duqueza de Borgonha, e filha de D. João I.

[2] D. Affonso V, deu este senhorio (mas sómente durante a vida do doado) a D. Fernando, arcebispo de Braga.

[3] Os que desejarem saber quem era a mãe d'esta senhora, e a sua interessante vida, vejam os tres esplendidos romances do sr. Camillo Castello Branco, *O Regicida*, *A Filha do Regicida*, a *Caveira da Martyr*.

Talvez que no archivo da camara houvesse apontamentos com respeito a esse objecto, mas sendo elle, em grande parte, destruido com o incendio de 1744, e durante a guerra peninsular (como vimos) perderam-se esses apontamentos, e outros muitos, de certo, importantissimos, e que hoje fazem uma grande falta, para averiguação de muitos factos historicos, relativos a esta villa e seu termo.

Ignora-se, pois, quem foram os alcaides-móres d'este castello — e se os teve — até ao ultimo quartel do seculo XIV. É provavel que andando a alcaidaria em senhoras, fosse o logar servido por *alcaides pequenos*.

D. Fernando I, pretendeu ser rei de Castella, pela morte de D. Pedro I — o *Cruel* — e disputou o throno a D. Henrique II, irmão bastardo, assassino e successor de D. Pedro; mas, apezar de ter por alliados os reis de Aragão e Granada (mouros) não se effectuaram os seus desejos, e fez as pazes, com o rei castelhano, pelo tratado de Evora, de 31 de março de 1369.

Algumas cidades e villas castelhanas, tinham acclamado como seu rei ao nosso D. Fernando; e muitos fidalgos, partidarios de

[1] Estou persuadido que esta alcaidaria-mór, andou até ao reinado de D. João I, unida ao senhorio da villa, que era das rainhas, porque, em 1279, a rainha D. Brites (ou Beatriz) segunda mulher de D. Affonso III, tinha não só o senhorio da villa, mas tambem a sua alcaidaria-mór, como veremos no § *Mais quintas*, quando fallo da *quinta da Ribaldeira*.

Santa Isabel, mulher do rei D. Diniz, e outras rainhas e infantas, foram senhoras de Torres Vedras e da sua alcaidaria-mór. É de suppôr, que durante o dominio d'esta alcaidaria, em senhoras, fosse o logar exercido por *alcaides menores*, ou *pequenos*, que serviam na ausencia dos alcaides-móres, e eram por estes nomeados.

Os alcaides móres, quando não eram membros da familia real, só podiam ser *fidalgos de linhagem*; mas os *alcaides menores*, podiam ser quaesquer simples cavalleiros ou escudeiros; porém os alcaides-móres eram responsaveis pelos seus actos.

D. Pedro Cruel, temendo a vingança do irascivel D. Henrique II, fugiram para Portugal, e ficaram ao serviço d'este reino.

Um d'estes, foi D. João Affonso Moxica, ao qual D. Fernando I deu, n'esse mesmo anno de 1369, o senhorio de Torres Vedras, e parece que tambem a sua alcaidaria-mór; mas, casando, o rei, poucos dias depois, com D. Leonor Telles de Menezes, filha de Martim Affonso Tello de Menezes, e mulher de João Lourenço da Cunha, senhor de Pombeiro (de Felgueiras) com o qual se *descasou*, tirou este senhorio ao tal *Moxica*, e o deu a sua mulher.

D. Fernando I, morre em Lisboa, a 22 de outubro de 1383, na florescente edade de 38 annos, e o mestre d'Aviz, D. João, filho bastardo de Pedro I, é feito (ou se fez) *regente do reino, em nome da nação.*

D. João I de Castella, casado com D. Beatriz, *filha* (?) do nosso D. Fernando, pretende ter direito á corôa lusitana; mas o povo portuguez e alguns (poucos) fidalgos, oppõem-se ás pretenções do castelhano, tomam o partido do *Mestre* — isto é — da nossa independencia e autonomia.

D. João I, invade o reino, em 1384, chegando até Lisboa, onde o Mestre o bate, obrigando-o a retirar para Santarem, mas reunindo o castelhano um grande exercito, e uma numerosa esquadra, vem pôr cêrco a Lisboa, no mesmo anno, por mar e terra; porém, no fim de cinco mezes d'assedio, e depois de ter perdido uma grande parte da sua esquadra, derrotada pela portugueza, no Tejo, e muitos mortos, ou a ferro, ou com a peste que se desenvolveu no seu acampamento, retirou para Torres Vedras (1385) e d'aqui para Castella.

Quando estava n'esta villa, fez d'ella alcaide-mór um fidalgo castelhano, por nome *João Duque*, que a 14 de agosto do mesmo anno de 1385, morreu na gloriosa batalha d'Aljubarrota, onde combatia pelos castelhanos.

O mestre d'Aviz, já rei de Portugal, sob o nome de D. João I, toma o castello de Torres Vedras á guarnição castelhana, tambem no anno de 1385, e nomeia alcaide-mór d'elle, *Antão Vasques Cavalleiro*, ao qual tambem já havia dado a alcaidaria-mór de Lisboa.

A Antão Vasques Cavalleiro, succedeu — na alcaidaria-mór — *Ruy Gomes d'Alvarenga*, filho de Gomes Martins de Vasconcellos Alvarenga, natural de Torres Vedras, do conselho de D. João I, juiz da corôa e chanceller-mór do reino; e de sua mulher, D. Catharina Teixeira, tambem natural d'esta villa, e que, depois de viuva, tornou a casar com D. Fernando Affonso, pae de João Fernandes da Silveira, 1.º barão d'Alvito. (Vid. 1.º vol., pag. 180, col. 2.ª, e pag. 183, col. 2.ª)

Esta D. Catharina Teixeira, foi camareira-mór da infanta D. Isabel (filha de D. João I, e que casou com Philippe III, o *Bom*, duque de Borgonha) e era filha de Estevam Peres, de Torres Vedras.

De Ruy Gomes d'Alvarenga e D. Catharina Teixeira, nasceu *Gomes Soares de Albergaria e Mello*, herdeiro da casa de seus paes, mas não lhe succedeu immediatamente na alcaidaria-mór, porque em 1451, reinando D. Affonso V, era alcaide-mór d'esta villa e seu castello, *Affonso de Miranda*, seu porteiro-mór; mas hindo este acompanhar a infanta D. Leonor, filha do rei D. Duarte e irman de D. Affonso V, para Vienna d'Austria, quando casou com o imperador Frederico III, o rei nomeou alcaide-mór a *Gomes Soares de Albergaria e Mello*, seu reposteiro-mór, e conselheiro.

Este Gomes Soares de Albergaria e Mello, por escriptura feita n'esta villa, a 23 de dezembro de 1502, renovou — ou *reinstituiu* — na egreja matriz de S. Pedro, a *capella de missas de Aldonça Martins*, que jazia na dita egreja, na capella de S. Thomé, fazendo cabeça da mesma capella, a quinta da Ribaldeira, cujos fructos se dariam aos padres d'esta egreja, por missas que deviam dizer por alma da fundadora (a tal Aldonça) como determinava a instituição d'esta capella, feita pela mesma.

A quinta da Ribaldeira fazia parte do morgado dos Alarcões, e é hoje da casa dos condes de Avintes, marquezes do Lavradio, que, por isso, ainda pagam 131 alqueires de trigo e 48 de cevada, para a dita capella, que é de 155 missas annuaes.

Aldonça Martins, era mulher de João Ayres, *hychão* (uchão, despenseiro, que administrava a *ucharia*) de D. Pedro I.

Era (a instituidora da capella) natural da Ribaldeira, e falleceu em 1382, deixando mais, á referida egreja de S. Pedro, uma *almuinha*, (propriedade rural, tapada sobre si, perto do povoado, com agua de rega, comprehendendo hortas, pomar, e terras de pão) *áquem de Santa Maria do Amial, com a obrigação de 12 anniversarios.*

Supponho que esta Aldonça Martins, era ascendente de Gomes Soares de Albergaria e Mello, que casou com D. Philippa de Castro, filha de D. Garcia de Castro, da casa dos condes de Monsanto.

D'este casamento é que nasceu D. Margarida Soares de Castro, herdeira da casa e honras de seus paes.

Gomes Soares, além de ser reposteiro-mór e conselheiro de D. Affonso V, de seu filho, D. João II, e do primo, cunhado e successor d'este, o rei D. Manoel, foi um militar valente, entrando em muitas batalhas, ficando prisioneiro, na batalha de Toro, em maio de 1476 (6.º vol,, pag. 309, col. 2.ª) sendo restituido á patria, pelo tratado de paz, de 4 de setembro de 1479.

Alonso Lopes d'Haro, no seu *Nobiliario genealogico de Hespanha*, diz que Gomes Soares de Albergaria fez parte dos *bandos* armados contra D. Pedro de Noronha, senhor do Cadaval e mordomo-mór de D. João II, e que em um dos combates que houve, por causa d'esses bandos, morreu D. Henrique de Noronha, irmão de D. Pedro.

D. Antonio Soares d'Alarcão (*Relação genealogica da casa d'Alarcão*) diz que D. João II, mandou chamar á côrte, a Gomes Soares, e que este respondeu ao que lhe trouxe o aviso — «Dizei a sua alteza, que, se me chama para me fazer mercês, eu as não mereço, nem pretendo; e se é para me mandar cortar a cabeça, em Torres Vedras ha pelourinho.»

No reinado de D. Manoel, o famoso 3.º vice rei da India, *Lopo Soares de Albergaria*, irmão de Gomes Soares, mandou ao rei uma resposta semelhante, como vimos em outro logar d'este artigo. (Ou farão os historiadores algum embroglio n'isto? Talvez.)

Gomes Soares de Albergaria e Mello, não teve filhos varões, pelo que lhe succedeu na casa, sua filha, D. Margarida Soares de Castro, nascida nas *casas do Patim*, d'esta villa, que casou com D. João de Alarcão, fidalgo castelhano, que veio para Portugal em 1501, com sua mãe, camareira-mór da rainha D. Maria, segunda mulher e cunhada do nosso rei D. Manoel, filha dos reis catholicos, e irman da rainha D. Isabel, 1.ª mulher de D. Manoel, e que era viuva do infante D. Affonso, filho do nosso D. João II. (Este infante, foi o que morreu da quéda de um cavallo, na margem direita do Tejo, em Santarem, a 12 de julho de 1491.)

O rei D. Manoel deu a D. João de Alarcão, *para elle e seus herdeiros e successores*, a alcaidaria-mór de Torres Vedras, por morte de seu sogro, que tinha fallecido nas mesmas casas de Patim, a 12 de janeiro de 1514.

D. João de Alarcão residia com sua mulher nas taes *casas do Patim* (tambem chamadas *dos Soares*) situadas na baixa da villa, e que tinham sido paço do marquez de Monte-Mór, irmão de D. Fernando II, duque de Bragança, e depois, do filho d'este, o duque D. Jayme, que as deu a Gomes Soares de Albergaria e Mello, e d'este passaram para os Alarcões.

D. João de Alarcão, não gostando de residir nas casas do Patim, mandou construir no castello, o paço dos alcaides-móres (do qual existem as ruinas) e para elle foi morar com sua familia, e lá morreu, em 1546, sendo sepultado na capella que seu sogro mandára construir, como fica dito.

Em 1580, era alcaide-mór, D. Martim Soares d'Alarcão, que não quiz entregar o castello ao prior do Crato, e lhe resistiu com a sua guarnição, obrigando o pretendente a retirar, pelo que este lhe confiscou todos os bens, dando-os ao seu fiel companheiro, Manoel da Silva Coutinho, com o titulo de conde de Torres Novas.

Em 1589, o prior do Crato desembarca em Peniche e na Ericeira, com o exercito inglez, de 12:000 homens, que a rainha Isa-

bel lhe tinha dado; passa pela Lourinhan, e vem segunda vez atacar o castello de Torres Vedras; porém D. Martim Soares Alarcão, o recebe como da primeira vez, pelo que D. Antonio deu á villa o titulo de *Torres Traidoras*, que *não pegou*. (*Relacion genealogica de la casa dos marquezes de Turcifal*, pag. 114.)

D. Philippe II, faz por isto, 1.º conde de Torres Vedras, a D. Martim Soares Alarcão.

A D. Martim, seguiu-se na alcaidaria-mór, seu filho, *D. João Soares d'Alarcão*, 2.º conde de Torres Vedras, e *poeta quinhentista*, e do qual se imprimiram alguns versos.

Morreu na florescente edade de 38 annos.

Succedeu-lhe seu filho, tambem chamado *D. João Soares d'Alarcão*, 3.º conde de Torres Vedras, e seu alcaide-mór (o ultimo de esta familia.) [1]

Seguindo, antes e depois da restauração, o partido de Philippe IV, teve de fugir para Castella, cujo rei o fez *marquez do Turcifal*.

D. João IV, lhe annullou todos os titulos, confiscou-lhe todos os bens, mandou picar-lhe o seu brazão d'armas, onde quer que se achasse, desnaturalisando-o.

Assim terminou n'esta familia a alcaidaria-mór de Torres Vedras, que durou por espaço de 126 annos.

D. João Soares de Alarcão, que, como acabamos de ver, foi o ultimo alcaide-mór d'esta villa, teve uma filha, chamada D. Jeronyma de Castro, que casou com D. João d'Almeida — o *Sabio* — commendador da ordem de Christo, e do conselho de D. Philippe III, e depois de seu filho, D. Philippe IV.

De D. João d'Almeida e de sua mulher, foi filha e herdeira, D. Isabel de Castro, que casou com D. Luiz d'Almeida, que foi governador e capitão-general de Tangere, e depois, com o mesmo posto, passou a governar o Algarve, sendo um portuguez fiel á sua patria, á qual fez grandes serviços, durante a guerra da restauração, pelo que D.

[1] Todos estes Alarcões — menos o primeiro — eram naturaes de Torres Vedras, portuguezes por nascimento, mas castelhanos por devoção.

Affonso VI, o fez 1.º conde de Avintes, a 17 de fevereiro de 1664, restituindo-lhe todos os bens (menos os titulos) que tinham sido dos Alarcões, ascendentes de sua mulher, e pertencem hoje, por herança, á filha unica do ultimo conde de Avintes e marquez do Lavradio.

Estes bens constituem ainda hoje um riquissimo morgado.

Parece que por espaço de quatro annos esteve Torres Vedras sem alcaide-mór, pois só por carta regia de D. João IV, datada de Lisboa, a 5 de janeiro de 1645, é que foi dado este emprego, *de juro e herdade*, a *Gastão José da Camara Coutinho*, em premio da sua lealdade e dos relevantes serviços feitos á patria, durante a guerra da restauração, e n'esta familia se conservou o titulo até 1834, sendo seu ultimo alcaide-mór, *D. Gastão da Camara Coutinho Pereira de Sande*, 1.º conde da Taipa. (9.º vol., pag. 477, col. 2.ª)

Mercearias

Houve em Torres Vedras dois d'estes estabelecimentos de caridade.

1.º — A rainha D. Leonor, filha do rei D. Fernando I, de Aragão, e mulher do nosso rei D. Duarte, fundou n'esta villa, uma *mercearia*, para sete viuvas ou donzellas, pobres e de boa vida e costumes, e que fossem d'aqui naturaes, com a obrigação de ouvirem todos os dias uma missa (cada uma das mercieiras) por alma da instituidora, na capella dos paços reaes velhos (a que depois se mudou para a egreja do mosteiro da Graça, como vimos).

Estabeleceu a esta mercearia, a renda annual de 64 alqueires de trigo, para todas, e 240 réis em dinheiro, para cada uma, o que lhes era satisfeito pelo almoxarifado, recebendo o trigo, do recebedor das jugadas, e o dinheiro, do geral das sizas.

Quando vagava o logar de uma das mercieiras, era provido por trez vogaes (o prior da Graça, o juiz de fóra, e o provedor da comarca). Depois, em logar do provedor, foi o guardião do convento do Varatojo.

A nomeação da mercieira, era confirmada, em nome do soberano, pela mesa da

consciencia e ordens, e, algumas vezes, era o logar dado, sem previa nomeação, directamente, por *graça especial* do soberano, por um decreto ou aviso regio.

—

2.º — Na egreja de S. Pedro, d'esta villa, deixou instituida uma capella, o padre Domingos Pires Travassos, beneficiado da mesma egreja, por testamento de 14 de julho de 1355, e n'elle, entre outras importantes disposições, mandou instituir o estabelecimento de oito mercieiras, pobres, destinando para habitação d'ellas, umas casas que o testador possuia, junto ao adro posterior d'esta egreja, onde elle havia escolhido a sua sepultura.

Ainda existem estas casas e o seu respectivo celleiro (tudo de um só pavimento) no largo do Sul, e em roda do adro posterior da egreja.

No meio d'estas casas, estava o tumulo do instituidor, que era um caixão de pedra, lizo, defendido por um arco, e assente em uns pilares baixos.

Já não existe este tumulo, que depois da extincção da mercearia, foi demolido, e os ossos do caritativo padre, foram para o cemiterio da Misericordia, e depois (a requerimento da collegiada) removidos para a egreja de S. Pedro.

Tinham estas mercieiras obrigação de rezarem pela alma do instituidor, recebendo annualmente, cada uma d'ellas, um quinhão incerto, dos fructos e pensões de diversas propriedades, designadas no testamento, e em dinheiro, cada uma, 25$000 réis annuaes.

Acabou este estabelecimento, desde que a capella a que era annexo, se incorporou na corôa, por denuncia, que foi julgada a favor de D. Maria Clara de Sousa, á qual se passou carta para posse, em 30 de abril de 1777.

Por morte de D. Maria Clara de Sousa, fez D. Maria I mercê d'esta capella ao general Rosa, que aforou as propriedades que lhe pertenciam, a varios individuos, e as casas das mercieiras, a José Pedro Pereira, d'esta villa, e foi este que demoliu o tumulo do instituidor.

Recolhimento

Junto á ermida de S. João Baptista, construida sobre uma collina ao S. E. da villa, houve um recolhimento, cuja fundação se deveu ao zelo do padre Ignacio Ferreira, d'esta villa, o qual, á sua custa e com ajuda de algumas esmolas, fez construir, antes do terramoto de 1755, o edificio destinado a este recolhimento, e suas officinas. Para sua sustentação, destinou um *padrão de juro real*, estabelecido no Conselho Ultramarino, com o vencimento annual de 96 mil e tantos réis.

Impoz porém o fundador a condição de que, se dentro em 30 annos contados do dia da escriptura de doação, não estivesse feito o recolhimento, seria transferido para o das recolhidas de Olhalvo, concelho de Alemquer.

Construiu se o recolhimento, e as recolhidas entraram para elle em novembro de 1750; mas, a ordem terceira de S. Francisco, que o ficou administrando, recebia as rendas, e não dava nada ás recolhidas, que passavam toda a qualidade de privações, e o estabelecimento acabou.

Quando se construiram as *Linhas de Torres Vedras*, se levantou n'este sitio um reducto, e todas as paredes do recolhimento foram cortadas por séteiras.

Por fallecimento da ultima recolhida, passou a sua ermida para a egreja de S. Pedro, em cujos limites estava situada.

A pequena cerca d'este recolhimento, serviu em 1807 a 1808, de cemiterio dos militares francezes, que falleciam no hospital. Tambem aqui foi enterrado, em janeiro de 1811, o coronel inglez, *Campbel*, que morreu no Turcifal.

Marquezes e condes de Torres Vedras

Houve em 1580, simultaneamente, dois condes de Torres Vedras. Dou o primeiro

logar ao 1.º conde, por ser um leal portuguez, e dedicado defensor da nossa independencia.

D. Antonio, prior do Crato, filho natural do infante D. Luiz, duque de Beja (filho do rei D. Manuel, e de sua segunda mulher, a rainha D. Maria) e de Violante Gomes, *a Pelicana* (2.º vol., pag. 442, col. 1.ª) julgando-se com direito á corôa, apresentou-se como um dos principaes pretendentes a ella, com o mesmo direito que tivera D. João I.

O povo portuguez, que sempre teve horror ao dominio castelhano, declarou-se partidario decidido de D. Antonio; e alguns (poucos) fidalgos, padres e frades, seguiram a mesma bandeira.

Manoel da Silva Coutinho, era um nobre e leal fidalgo, natural de Santarem, onde nascera, em 1541. Era filho de Braz da Silva, commendador de Castellejo, e um bravo guerreiro (*Chronica do rei D. Manoel*, por Damião de Goes, parte IV, cap. XLIV) e neto do famoso Ruy Dias de Sousa, o *Cid*, valente alcaide, que morreu nas guerras de Africa. O irmão mais velho de Manoel da Silva, por nome *Ayres da Silva*, tinha morrido ao lado do rei D. Sebastião, na desastrosa batalha de Alcacer Kibir, dada a 4 de agosto de 1578.

Vê-se pois, que Manoel da Silva Coutinho, era irmão, filho e neto, de bravos e leaes portuguezes.

Nas côrtes que o cardeal-rei — a requerimento dos povos — fez reunir em Lisboa, no anno de 1579, para se decidir sobre a questão da successão á corôa; e nas de 1580, reunidas em Almeirim, para o mesmo objecto; foi Manoel da Silva Coutinho um dos mais sollicitos defensores dos direitos do prior do Crato.

O cardeal-rei, falleceu em Almeirim, a 31 de janeiro de 1580, e D. Antonio, á frente de um bom numero de populares, chega a Santarem, a 19 de junho d'esse anno, e é pelo povo da villa acclamado rei legitimo de Portugal (8.º vol., pag. 507, col. 1.ª) sendo Manoel da Silva um dos seus mais decididos partidarios, e reunindo grande numero de homens da sua terra, em defeza da causa popular.

Abandonando a sua casa, mulher e filhos, foi dedicado companheiro do prior do Crato, e como seu general, tomou parte na infeliz batalha da ponte de Alcantara (Lisboa) perdida a 25 de agosto d'esse mesmo anno de 1580.

Apezar de ferido, poude fugir para o Minho com D. Antonio.

O feroz duque d'Alba, fez prender, na freguezia da Azinhaga, concelho de Santarem, D. Maria de Vilhena, mulher de Manoel da Silva, e seus trez filhos menores [1].

Foram todos conduzidos para Ciudad-Real, e alli conservados em rigorosa prisão.

Ao mesmo tempo, foi preso em Lisboa, D. frei Simpliciano da Silva, conego regular de Santo Agostinho (cruzio) irmão de Manoel da Silva.

Do Minho, passou á Inglaterra e de lá á França, o prior do Crato, acompanhado por Manoel da Silva Coutinho (já feito conde de Torres Vedras) o conde de Vimioso, Diogo Botelho, e mais alguns portuguezes leaes.

D. Antonio, nomeou Manoel da Silva Coutinho, regedor das armas e da justiça, das ilhas dos Açores, chegando á cidade de Angra, na ilha Terceira, em fevereiro de 1582.

O rei de França, que reconhecêra D. Antonio como rei de Portugal, lhe manda reforços para os Açores, mas a esquadra castelhana aprisiona os navios francezes, e D. Alvaro de Basan, almirante hespanhol, manda enforcar 50 francezes, nas vergas dos seus navios, como se fossem piratas.

A 3 de junho de 1583, D. Alvaro de Basan, apparece á vista dos Açores com uma

[1] Apenas o sanguinario genera castelhano entrou em Lisboa, fez prender todas as senhoras das familias de D. Francisco de Portugal, e de Diogo Botelho. Em Aldeia Gavinha (termo de Alemquer) foi presa a condessa de Vimioso, com as suas sete filhas, trez filhos, e 16 creadas. Na villa de Alemquer, foi presa D. Anna da Silveira, mulher de Diogo Botelho, e duas irmãs do amigo e testamenteiro do prior do Crato. Todas estas prisões, foram feitas por Jeronymo de Mendonça, portuguez degenerado, acompanhado por 50 arcabuzeiros, 6 cavallos e tres carroças. (Camillo Castello-Branco, *Historia e sentimentalismo*, pag. 37.)

grande armada. O general castelhano, marquez de Santa Cruz, desembarca no Porto das Mós (Terceira) com um exercito de 16:000 homens, em 28 de agosto d'esse anno de 1583.

Manoel da Silva, vae ao seu encontro, com 8:000 homens, quasi todos bisonhos e mal disciplinados; pelo que facil foi aos castelhanos pôl-os em completa derrota e debandada.

Antonio da Silva, sobrinho de Manoel da Silva, depois de ter combatido com a maior intrepidez, é morto n'esta batalha.

Mil e duzentos francezes do partido de D. Antonio, entregam-se aos castelhanos.

O marquez de Santa Cruz, manda enforcar os principaes chefes portuguezes.

Manoel da Silva poude fugir; e, depois de andar escondido por espaço de 13 dias, pelos matagaes da ilha, foi agarrado pelos castelhanos, e, depois de estar trez dias preso no porão de uma galera, foi degolado em publico cadafalso — diz-se que com a sua propria espada — por um tudesco, da guarda castelhana.

Os que desejarem saber mais circumstanciadamente a vida e feitos d'este valoroso e leal portuguez, vejam o livro do sr. Camillo Castello-Branco, intitulado *Historia e Sentimentalismo*, pag. 35 e seguintes.

—

D. Martim Soares d'Alarcão, era em 1580 alcaide-mór de Torres Vedras, defendendo o seu castello contra D. Antonio, e a favor de D. Philippe II, pelo que, este usurpador o fez 1.º conde de Torres Vedras, e depois, a seu filho primeiro, marquez de Turcifal.

Estes titulos apenas duraram 60 annos, porque, continuando os taes Alarcões a seguir o partido de Castella, em 1640, D. João IV os annullou (os titulos) apenas foi acclamado rei de Portugal.

—

O prior do Crato, consegue da rainha Isabel, de Inglaterra, um exercito de 12:000 homens, com que desembarca na Ericeira e em Peniche (1589) dirige-se á Lourinhan — 18 kil. ao E. de Peniche e 18 ao O. N. O. de Torres Vedras, e d'alli a esta villa; mas D. Martim Soares d'Alarcão, seu alcaide-mór, continuando a ser partidario de Castella, lhe fecha as portas. D. Antonio, deu á villa o nome de *Torres Traidoras* (como se o povo da villa tivesse culpa do castelhanismo do seu alcaide-mór) e, tirando o titulo e toda a casa ao traidor Alarcão, deu isto ao seu amigo Manoel da Silva Coutinho, que foi pois, o 2.º conde de Torres Vedras (mas ficou tão rico com o titulo, como com a casa do alcaide-mór).

Em 1589, todo o Portugal sabia do vergonhoso tratado que D. Antonio tinha feito com a rainha Isabel, pelo que o pretendente já não achou partidarios em Portugal. O povo entendeu (e entendeu bem) que, se havia de ser escravo dos inglezes, mais valia sel-o de D. Philippe II, que tão lisonjeiras promessas nos havia feito, e tão sagrados juramentos tinha prestado a nosso favor, nas côrtes de Thomar.

—

O principe regente (depois D. João VI) por decreto de 13 de maio de 1811, fez conde do Vimieiro, Sir Arthur Wellesley, marechal-general, e commandante em chefe do exercito alliado. Em 17 de dezembro do mesmo anno, o dito principe, o fez marquez de Torres Vedras. E, por decreto de 17 de novembro de 1812, lhe deu o titulo de duque de Victoria.

Pelos seus triumphos na Asia e na Europa, obteve mais este illustre general, em Inglaterra, os titulos de marquez de Wellington, marquez do Douro, e par do reino. O rei de Hespanha o fez duque de Ciudad Rodrigo, e grande de Hespanha, de 1.ª classe — Nos Paizes-Baixos, obteve o titulo de principe de Waterloo [1].

[1] Lord Wellington descendia de uma antiga e muito nobre familia da Grã-Bretanha e era filho de Sir Garrett Wellesley, 1.º conde de Mornington, 1.º visconde de Wellesley do castello de Dengan, e 2.º barão de Mornington.

Hoje, é 2.º duque de Victoria, 2.º marquez de Torres Vedras, e 2.º conde do Vimieiro, Arthur Ricardo Wellesley, duque de Wellington, filho d'aquelle heroe.

O primeiro regente, lhe deu o titulo de duque de Victoria, em premio da grande derrota que fez soffrer ao rei (de comedia) José Buonaparte e ao seu exercito, a 24 de junho de 1813, em frente de Victoria. Os francezes, perderam esta cidade, 6:000 homens, toda a sua artilheria; e o thesouro e bagagens, que tinham roubado em Portugal e Castella. Este Bounaparte, escapou, fugindo para a França, em um ligeiro cavallo [1]. Napoleão manda Soult com 150:000 homens de reforço aos jacobinos que ficaram ainda occupando algumas praças de Castella, mas é derrotado, a 30 de julho, na famosa batalha dos Pyreneus, onde os francezes perderam 15:000 homens, e são obrigados a fugir para territorio francez. Os alliados tambem perderam 6:000 homens n'esta sanguinolenta batalha.

Os alliados, tomam a forte praça de S. Sebastião da Biscaia, em 31 de agosto, e a cidadella a 8 de setembro.

Wellington, passa o Bidassoa a 7 de outubro, e em 10 de novembro, dá a memoravel batalha de Nivelle, tomando as linhas francezas. A 9 de dezembro, são derrotados os inimigos, em frente de Bayona. A 13 de dezembro, tornam a ser derrotados, na batalha de Nive. A 27 de fevereiro de 1814, é novamente derrotado Soult, na batalha de Orthez, onde perde 5:000 homens. Fortificase, entre o canal de Languedoc e o rio Garona, nas alturas que dominam Tolosa; Wellington, ahi os ataca e derrota, a 10 de abril, e a 12, entra com o seu exercito victorioso, na cidade de Tolosa.

Pelo tratado de Fontainebleau, de 13 de abril de 1814, é expulso Buonaparte do territorio francez, e obrigado a hir terminar os seus dias na ilha d'Elba, na Italia, que lhe é dada em plena soberania, com dois milhões de francos (320:000$000 réis) de renda annual; concedendo-se-lhe que levasse para Elba, uma guarda de 400 homens, á sua escolha.

[1] Os francezes perderam 150 peças de artilheria, 400 caixões de munições, todo o material do exercito, e as bagagens de José Buonaparte e de todo o seu estado-maior e improvisada côrte.

Buonaparte desembarca em Porto-Ferrajo, capital da ilha, a 3 de maio, e toma posse do seu microscopico reino.

Porém o monstro corso, ainda não estava satisfeito com as torrentes de sangue humano que havia feito derramar, e com tantos milhões d'orphãos e viuvas que tinha feito; e, a 26 de fevereiro de 1815, a bordo do brigue *Inconstante,* de 26 peças, embarca, com 400 granadeiros da sua guarda; e com mais 200 granadeiros, 200 caçadores corsos, 200 soldados de infanteria e 100 soldados, polacos, de cavallaria, em seis navios ligeiros, e se faz á véla, desembarcando em França (no Golfo Juan) no 1.º de março.

Não cabe nos limites de um diccionario — apezar de historico — a narração das novas calamidades que este implacavel destruidor do genero humano causou com esta sua nova tentativa, a que se deu a denominação de *Campanha dos cem dias;* basta dizer que em resultado da horrorosa batalha de Waterloo (18 de junho de 1815) em que os francezes tiveram 17:000 mortos, e 8:000 prisioneiros, perdendo além d'isso a maior parte da sua artilheria, muitas *aguias* (bandeiras) e quasi todas as suas bagagens e material de guerra [1], Buonaparte retira sobre Paris, com os restos das suas tropas, e alli *abdica* em seu filho — a que elle tinha alcunhado *rei de Roma,* e agora denominava Napoleão II; mas os alliados não tomaram a sério esta abdicação, assim como despresaram o offerecimento que elle lhes fez, de ficar ao serviço da França, como simples general. O imperador da Allemanha, levou sua filha, Maria Luiza, e o tal *rei de Roma,* para Vienna d'Austria (onde este morreu na flor da idade, com o posto de coronel austriaco) e assim terminou esta desastrosa guerra, na qual o truculento Buonaparte, causou ainda a perda de muitos milhares de vidas, e tão grandes desgraças para a França.

Luiz XVIII, rei legitimo dos francezes, torna a entrar em Paris, onde é acclamado pelo

[1] Esta victoria tambem custou cara aos alliados, que tiveram 7 a 8 mil homens fóra do combate.

povo, já farto de tantas guerras, com que o mais sanguinario monstro dos tempos modernos o tinha infelicitado.

Muitos dos generaes que, tendo jurado fidelidade ao rei legitimo, o tinham atraiçoado, foram fuzilados; e a mesma sorte teve em Italia, Joaquim Murat, cunhado do corso, e que este tinha feito *rei de Italia*, e que, depois de o ter atraiçoado, unindo-se aos alliados, teve de fugir do *seu reino*, pela restauração do rei legitimo. Foi para França, por onde andou homisiado, primeiro, receiando a vingança de seu digno cunhado, e depois, o justo castigo que provavelmente lhe infligiriam os alliados ou Luiz XVIII. Finalmente, poude arranjar um barco, e acompanhado apenas de 18 amigos, se dirige á Italia, com a esperança de a revolucionar, e, expulsando o rei Fernando, usurpar-lhe a corôa. Desembarca no porto de Pizzo, a 8 de outubro de 1815, onde é preso pelo povo; e por um decreto do rei, datado de Napoles, em 9 do mesmo mez, é nomeada uma commissão militar, que condemna Murat a ser fuzilado, *concedendo-se-lhe apenas meia hora para receber os soccorros da religião!* Com effeito, foi fuzilado no pateo da prisão de Pizzo, no dia 13.

De todos os reis que Buonaparte havia improvisado, só Bernardote morreu soberano da Suecia e Noruega, porque o throno se achava vago; e elle, fazendo causa commum com os alliados, foi um bom rei, e seu filho é actualmente ainda rei, e amado dos seus subditos.

Assim terminaram as sanguinolentas guerras que durante 23 annos enlutaram a Europa.

—

Em 15 de julho de 1815, Buonaparte, embarca em Rochefort, na fragata de guerra britannica *Bellorophonte*, que se dirigiu a Plymouth. A 30 se dirigiu Lord Keit a bordo da fragata, e entregou a Napoleão um *ultimatum* do ministerio inglez, no qual se lia — « Não póde convir, nem aos nossos deveres para com o nosso paiz, nem aos nossos alliados, que *o general Buonaparte*, conserve meio algum de tornar a perturbar a paz do Continente. A ilha de Santa Helena foi escolhida para sua futura residencia. *O clima é saudavel* [1], e a sua situação permittirá que ahi seja tratado com mais indulgencia, do que o poderia ser em outra parte, visto as precauções indispensaveis que seria preciso empregar, afim de estar em segurança », etc.

Buonaparte gritou e protestou contra esta determinação, mas não teve remedio senão sujeitar-se a ella.

A 7 de agosto passou para bordo da nau *Northumberland*, em frente da bahia de Starpaint, e cuja nau se achava escoltada por duas fragatas, cheias de tropas, destinadas a formar a guarnição de Santa Helena. Esta esquadrilha era commandada pelo almirante Cockburn.

Buonaparte e a sua comitiva, foram desarmados, sob pena de, se Buonaparte procurasse evadir-se, ser mettido em uma prisão.

Permittiu-se aos generaes Bertrand, Montholon, e Gourgaud, e ao camarista Las-Casas, seguirem Napoleão. Foram excluidos d'esta permissão, os generaes Savary, e Lal-

[1] A ilha de Santa Helena, é no Oceano Atlantico, a 900 leguas da Costa da Africa, e a 300 do Brasil, para o 16° de lat., além do Equador. Tem 28 milhas inglezas de circumferencia. O solo da ilha é de um vulcão extincto ha muitos seculos, e a unica pedra que alli ha, são restos de lava, porosa, e tão friavel, que se desfaz com os dedos, porisso as casas são todas de madeira. Os montes são povoados de arvoredo, mas os valles são aridos e nús de vegetação, salvo os sitios a que os inglezes tem levado terra vegetal. É muito falta de agua.

A sua população é apenas de 600 almas — incluindo a guarnição — e os colonos são, na maxima parte, antigos empregados subalternos, da Companhia das Indias.

O seu clima é tão insalubre, que raros dos seus habitantes chegam á edade de 60 annos.

As suas variações athmosphericas, são consideraveis, frequentes e subitas, e a estação das chuvas é ainda mais doentia.

Sobre tudo isto, é espantosamente infestada de grandes ratos, que devoram tudo a quanto podem chegar. (Diz-se que, quando morreu Buonaparte, e quando, em virtude do seu testamento, se lhe tirou o coração, que legou á França, ficando uma noite mal guardado, foi devorado pelos ratos, e que

lemand, por estarem condemnados á morte

No dia 10 de agosto se fez de véla a esquadrilha, na direcção da Madeira. A 17, passou á vista do Cabo d'Hoga; o dia 24 foi passado em frente da Madeira, continuando a viagem a 25, chegando a Santa Helena a 15 de outubro, desembarcando no dia seguinte; e depois de estar quasi dois mezes em uma casa de campo chamada Briars (a *Garça)* foi para a casa que lhe tinha sido destinada, em Longwood, a trez leguas da cidade, e confiado á guarda de Sir Hudson-Low, governador da ilha, que tratou sempre o seu prisioneiro com o maior rigor.

No fim de quasi seis annos de desterro, morre n'este rochedo africano, a 4 de maio de 1821, este monstro, que por muitos foi classificado de Anti-Christo.

—

Todas as honras e avultadissimos premios dados a Lord Wellington, foram mais que muito bem merecidos, pois que a este heroe, mais que a ninguem, se deve a salvação da Peninsula, e o socego de toda a Europa [1].

os medicos, vendo-se em tal apuro, mataram um carneiro, e lhe mandaram o coração para Paris. É pois o coração de um pacifico carneiro — e não o d'aquelle tigre, insaciavel de sangue humano — que os francezes (os buonapartistas, se entende) guardam com tanto respeito em S. Diniz.

Foi pois n'esta desgraçada ilha, sujeita trez quartas partes do anno aos ventos, tempestades e chuvas torrenciaes, e trez mezes á acção do sol calcinador dos tropicos, que o monstro terminou a sua negregada vida.

Foi bem leve castigo para tantos e tão horrorosos crimes!

A ilha de Santa Helena, foi descoberta por João da Nova, famoso guerreiro e navegador portuguez, em 1501, descobrindo tambem n'esse anno, a ilha da Ascenção, e, depois de ter derrotado a armada de Calicut, e deixado *feitorias* em Cochim e Cananor, na volta para Portugal, é que descobriu esta ilha, então deserta.

[1] Todos sabem que este illustre vencedor de Buonaparte, foi commandante em chefe do exercito alliado, desde 1808 até 1815, e que as maiores victorias coroaram a sua coragem e sangue frio, em Portugal, Hespanha, França e Belgica; tendo antes d'isso distinguido-se nas guerras da India.

Um conde de Torres Vedras, feito auctoritate qua fungor, e o rei da Ericeira

Tendo tratado dos titulares que tem havido n'esta villa, julgo a proposito mencionar aqui, um pobre diabo que se fez a si mesmo, *conde de Torres Vedras*, senhor de Cascaes, e alcaide-mór de Lisboa. Eis a sua triste historia.

Todos sabem que depois da desastrosa derrota de Alcacer-Kibir, onde morreu, ou ficou captiva a flor da nobreza de Portugal, e tão grande numero de populares, appareceram em differentes partes d'este reino — e até em Hespanha — varios impostores declarando serem o rei D. Sebastião, o qual, todos os portuguezes julgaram, com bons fundamentos, ter escapado com vida [1].

Estes impostores acabavam na forca ou nas galés; mas era o mesmo que nada: outros iam apparecendo, sem lhes servir de escarmento a triste sorte dos seus *antecessores*.

—

Em um eremiterio que havia nos fins do seculo XVI, junto á villa da Ericeira, se mettêra um rapaz, fingindo-se um penitente, arrependído de passadas culpas.

Quando presentia alguem aproximar-se da ermida, flagelava-se com umas *disciplinas*, e em sentidas palavras, dizia — *Ai de ti, Sebastião, que perdeste Portugal! Sujeita-te agora ás mais duras penitencias, para desconto dos teus grandes peccados!* Com estas e outras semelhantes lamentações, hia dispondo o povo para a execução do seu plano.

Em breve se espalhou por aquellas terras, a noticia d'este facto, e Pedro Affonso, rico lavrador de uma aldeia proxima, se declarou partidario decidido do improvisado rei. Reuniu e armou — em 1585 — uma guerrilha de mais de 800 homens, e tomando o

[1] Não tenho por impostor, mas pelo proprio D. Sebastião, o que foi preso em Veneza, e que o truculento conde de Lemos, governador castelhano da Italia, fez assassinar, por ordem de seu amo, o usurpador Philippe II (*o Diabo do Meio-Dia*, como lhe chamavam os francezes).

nome de *D. Pedro de Menezes* [1], se deu a si mesmo o posto de general, e os titulos de *conde de Torres Vedras, senhor de Cascaes, e alcaide-mór de Lisboa!* Achando tudo isto ainda pouco, decidiu casar uma de suas filhas com o tal rei D. Sebastião.

José Pereira Bayam, no seu *Portugal cuidadoso e lastimado,* diz que o alcunhado *rei da Ericeira,* era natural da ilha Terceira, de officio pedreiro, e se chamava *Matheus Alvares.*

Veio para o Continente, e se metteu frade, no mosteiro de Obidos, mas depois se fez anachoreta, vivendo em uma gruta entre os rochedos da costa, proximo á villa da Ericeira.

Com os supplicios que fingia impôr-se, e com as suas lamentações, illudiu os visinhos d'aquelles sitios.

Não tardou a correr entre o povo que o eremita era D. Sebastião, e que alli se achava, quem viria quebrar as algemas que roxeavam os pulsos da patria. Acercaram-se do solitario os curiosos e os patriotas, e entre estes um homem de grandes animos chamado Pedro Affonso. Para este homem pouco importava que o eremita fosse ou não fosse o rei, que fôra batalhar em Africa; o que lhe despertava os brios era encontrar um meio de quebrar o jugo de Castella.

Pelos esforços de Pedro Affonso e pelos meios artisticos, de que Matheus Alvares se serviu, dentro em pouco, foi este reconhecido como rei de Portugal pelo povo da Ericeira, reunindo em volta de si um pequeno exercito de camponezes e pescadores, agregados sobre o prestigio do nome, que o impostor assumira.

O governo de Lisboa mandou uma força contra a Ericeira, acompanhada de um magistrado, que viram dispersar-se repentinamente todo o sequito do rei da Ericeira. Pensando que tudo estava acabado, regressou o magistrado a Lisboa, mas, logo que deu costas, reorganisou-se o governo do fingido D. Sebastião, e d'esta vez com aspecto de tomar assento.

[1] Adoptou o appellido Menezes, que era o dos condes da Ericeira.

O *rei* tomou por esposa uma filha de Pedro Affonso e fel-a coroar rainha, aproveitando-se para isto de uma corôa que pousava sobre a cabeça de uma imagem da Virgem; fez despachos, e entre estes agraciou seu sogro Pedro Affonso, com o titulo de marquez de Torres Vedras, conde de Monsanto, senhor da Ericeira, e governador de Lisboa.

O soberano foi prodigo em mercês e favores, e adoptou na sua casa e proceder todo o rigor e etiqueta real, sendo pouco accessivel a quem o procurava. — Diz o auctor do *Portugal cuidadoso* que o improvisado soberano mandára um emissario ao almirante D. Diogo de Sousa, que regressára d'Africa com a esquadra que conduzira a expedição, e como o almirante interrogasse o enviado sobre o signal que o seu committente lhe havia dado, tirou-se d'aqui a illação de que o principe effectivamente não havia succumbido em Alcacer, logrando alcançar a sua esquadra, e ser abrigado pelo seu fiel almirante.

O tal *rei,* proclamou ao povo de todo o reino, e chegou a parlamentar com o archiduque Alberto, que em nome de Philippe II governava o reino em Lisboa.

Este principe, propenso para os meios da brandura e pensando na insignificancia da farça que se estava representando na Ericeira, entregou ao despreso a mensagem e as proclamações do estouvado, que se apresentava como o verdadeiro D. Sebastião.

Todavia, como o facto produzia agitação nas cercanias, mandou o archiduque, que o corregedor de Torres Vedras fosse á Ericeira syndicar dos acontecimentos. O magistrado partiu acompanhado apenas do seu escrivão e chegados á Ericeira foram ambos presos, e logo depois atirados ao mar, sendo egualmente massacrados outros individuos, que não queríam reconhecer o rei, e deram vivas a Philippe II, rei de Hespanha e Portugal.

O corregedor de Torres Vedras, Gaspar Pereira do Lago (vide *Unhos*) por não querer dar cumprimento ás ordens do falso D. Sebastião, foi por este sentenciado á morte, e enforcado!

Em presença d'estes factos e do caracter que hia tomando a rebellião, o governo de Lisboa mandou forças contra os insurgidos, cujo centro era a Ericeira, mas além d'este ponto occupavam tambem Torres Vedras.

A sorte das batalhas, que se hiam ferir contra o exercito do rei da Ericeira, não podia ser duvidosa. Os primeiros batidos e dispersos, foram os insurgentes da Ericeira, que ainda assim offereceram resistencia tenaz; e em seguida foram cortados os destacamentos rebellados que occupavam Torres Vedras e eram capitaneados pelo sogro do *rei*, Pedro Affonso.

Tanto este como seu genro se pozeram em precipitada fuga, mas como a fidelidade dos amigos não tem escoras no infortunio, o improvisado soberano não encontrou quem o escondesse, mas sim quem o denunciasse, e lá foi conduzido para Lisboa, onde entrou com as mãos atadas atraz das costas, e logo entregue a um tribunal que o julgou summariamente, baseando sua sentença na confissão explicita e franca do accusado, que declarou não ter acceitado o papel de representar o rei D. Sebastião, senão com o fim de libertar a sua patria do dominio dos castelhanos, mas que se houvera logrado o seu intento, deporia o disfarce e entregaria aos seus compatriotas a escolha do futuro rei.

O desventurado pedreiro, eremita e rei, foi executado no dia 14 de junho de 1585, cortando-lhe o algoz primeiro a mão direita, enforcando-o em seguida, e depois retalhando-o para expôr estes restos sangrentos ás portas da cidade.

Pedro Affonso, marquez de Torres Vedras, não foi mais feliz na sua evasão.

Posta a preço sua cabeça, foi apanhado e conduzido a Lisboa, onde subiu ao cadafalso.

Era então corregedor de Lisboa Diogo da Fonseca, que servia o governo hespanhol com o zelo, com que costumam os ambiciosos captar a benevolencia d'aquelles que são depositarios do poder.

Assim revestido de poderes extraordinarios e auctorisado para todas as devassas, o corregedor organisou volumoso rol de inconfidentes, que foram julgados e condemnados na maior parte á morte, e o resto a penas infamantes e dolorosas.

Não só em Lisboa, mas na Ericeira e de ahi a Torres Vedras, se levantaram as forcas, que symbolisavam o furor do conquistador, e o patriotismo mal entendido e nada esclarecido dos conquistados.

O *Portugal cuidadoso* nada nos conta do que succedera á simulada rainha, esposa de Matheus Alvares.

Haveria mais commiseração para esta soberana de alguns dias? Compadecer-se-hia d'ella o coração do archiduque? Não é possivel hoje averiguar-se. É de crêr que se contentassem em açoital-a publicamente, como se usava n'aquelles bons tempos.

Ao norte da villa da Ericeira, ha uma collina a que o povo dá o nome de *Alto da Forca*, na qual, segundo a tradição, foi justiçado o infeliz *rei da Ericeira;* mas se aqui houve forca em algum tempo, n'ella não foi enforcado Mathens Alvares, porque, segundo o dito Bayam, o seu supplicio, como o de seu *sôgro*, teve logar em Lisboa.

—

José Pereira Bayam, era natural da villa de Penacova, comarca de Coimbra. Foi presbytero secular, e morreu em Lisboa, no mez de maio de 1743.

É auctor de varios livros, entre elles — *Historia das prodigiosas vidas dos gloriosos santos, Antonio e Benedicto — Portugal glorioso e illustrado, com a vida e virtudes das bemaventuradas rainhas, santas Sancha, Thereza, Mafalda, Isabel e Joanna, etc. — Chronica del-rey D. Pedro I* — e outras mais obras, todas hoje raras e de muito merecimento.

A villa

Torres Vedras está construida em um formoso valle, muito bem cultivado e fertil, e é atravessada pela nova estrada á Macadam, de Lisboa a Peniche, mas que, por em quanto, apenas chega até á villa da Lourinhã, estando pois por fazer o resto, que são 18 kilometros.

Quando nos aproximâmos da villa, suppomos ir entrar em uma formosa povoação;

porém alli chegados, a decepção é completa! As ruas são tortuosas, estreitas, immundas, e pessimamente calçadas. Apenas a *das Olarias* é quasi direita, e mais limpa, principiando, ao sul, pelo *largo da Graça*, o melhor da villa.

Tem ainda mais algumas pequenas praças, a todos os respeitos insignificantes. Mesmo a chamada do *Pelourinho*, onde estão os paços do concelho, é bastante acanhada e mal guarnecida de edificios: nem em toda a villa ha um unico que se torne notavel por qualquer circumstancia. Mesmo as egrejas parochiaes apenas teem o merecimento da sua incontestavel antiguidade.

A egreja e o hospital da Misericordia, foram fundados em 1520. O templo está em bom estado de conservação e aceio, e tem uma bella e ampla sacristia, e o hospital tem trez contos de réis de rendimento; enfermarias aceiadas, e excellente botica.

Tem trez facultativos, um capellão, um enfermeiro, um advogado, um procurador, um tabellião, um secretario, um boticario, creados, etc.

Havia aqui um hospital muito antigo, da invocação do Espirito Santo, que se transformou em hospital da Misericordia; mas, passados tempos, como o edificio era muito pequeno, a irmandade comprou umas grandes casas, na rua da Misericordia, contiguas á egreja d'esta denominação, e para lá mandou o hospital que hoje existe.

Tambem houve n'esta villa uma mercearia, instituida pela rainha D. Leonor, mulher de D. Duarte I, para sete donzellas, ou viuvas, pobres e de *boa vida* e costumes.

—

No local onde em 1544 se fundou o mosteiro da Graça, havia uma antiquissima *gafaria*, que foi então demolida, para alli se fazer a nova construcção, passando para o mosteiro as rendas da gafaria.

Tambem n'esta villa houve um antigo hospital, da invocação de *S. Gião*, que foi supprimido, e as suas rendas, e as da *confraria das Ovelhas*, ficaram pertencendo á Misericordia; assim como o hospital de Roca Amador, fundado pela rainha Santa Isabel, pelos annos de 1310.

O chafariz dos Canos

É um dos monumentos mais curiosos de Torres Vedras, pela sua architectura gothica, e pelo primor da sua construcção.

Consta de um pavilhão semi-circular, com cinco faces, nas quaes se abrem outros tantos arcos ogivaes, cada um sustentado por seis columnas, trez de cada lado. Sobre elles se levanta o entablamento, coroado de ameias adornadas de esculpturas, tendo em cada um dos cinco angulos umas bonitas pyramides conicas, com o dobro da altura das ameias.

Debaixo da abobada, de pedra, artezoada, do pavilhão, se ergue a fonte, com duas bicas, que lançam a agua para um pequeno tanque, d'onde passa para outro muito amplo, inferior ao primeiro, e tomando toda a frente do pavilhão, e que foi construido modernamente, para n'elle beberem os animaes.

Toda esta obra é de optima cantaria, muito bem lavrada; e foi mandada construir em 1561, pela infanta D. Maria, senhora de Vizeu e Torres Vedras, e filha do rei D. Manoel e de sua 3.ª mulher, a rainha D. Leonor, filha de D. Philippe I, de Castella.

—

Ha na villa mais algumas fontes publicas, pouco dignas de nota.

Ao sul da villa, sobre a estrada de Lisboa, está outra, com as armas de Portugal e as de Torres Vedras, com a data de 1529.

Ao norte, fóra da villa, e a uns 150 metros ao S. O. da estrada da Lourinhan, está outra fonte, com as armas da villa, tendo por baixo d'ellas esta inscripção:

DOMINE
DA MIHI BIBERE.
1613

—

Fortificações antigas

Foi esta villa cercada de muralhas, com trez portas — a *de Santa Anna*, a *da Varzea*, e a *da Corredoura*. Está tudo em ruinas.

A porta de Santa Anna foi demolida em 1641, para ampliar o largo da Graça. A *da*

Varzea, foi demolida em 1734, para dar passagem á estrada nova, que d'esta villa se dirige a Mafra.

A da Corredoura já tinha tambem sido demolida: pelo que, d'estas portas só restam os nomes, dados ainda aos logares onde ellas existiram.

Sobre uma collina ao O. N. O. da villa, estão os restos do seu nobre e vetusto castello, do qual se ignora a sua primitiva fundação.

É muito provavel que seja obra dos romanos, ou, pelo menos, dos godos, reedificado, (e talvez, ampliado) pelos mouros em 920.

D. Affonso Henriques o reparou em 1148 — Foi ampliado pelo rei D. Diniz, em 1288 — Reconstruido em 1382, por D. Fernando I, — Em 1516, pelo rei D. Manoel, que lhe mandou esculpir as suas armas, sobre o portal da primeira cêrca, e o qual dá entrada para a egreja de Santa Maria do Castello.— O seu 9.º alcaide, D. João Soares de Alarcão e Mello (do qual já fallei n'este artigo) lhe fez varios reparos, pelos annos de 1638.

Além da torre de menagem, no centro do castello, tinha mais cinco menores, nos seus angulos. Tinha duas cêrcas de muralhas, de pouca altura, parte das quaes ainda existem.

Na primeira cêrca está um portal que era a entrada para a fortaleza, e agora (como já disse) dá ingresso para o adro da egreja. A segunda cêrca cingia toda a corôa da collina.

O terramoto do 1.º de novembro de 1755, arruinou todas estas fortificações, e hoje só alli existem as ruinas do palacio dos alcaides-móres, enorme casarão quadrilongo, que teve dois pavimentos, e cujas paredes das divisões interiores já não existem. As quatro exteriores ainda se conservam de pé, com uma altura de 9 ou 10 metros.

Fóra da porta que dá entrada para estas ruinas, e á direita de quem entra, estão os restos de uma construcção, que me pareceu ter servido de paiol da polvora.

Dentro da fortaleza, havia trez cisternas, e uma galeria subterranea (hoje obstruida) que hia até á margem do Sizandro.

Fortificações modernas

(*As famosas Linhas de Lisboa*)

Na guerra da Peninsula, formava esta villa o centro das grandes *Linhas de Lisboa*, por isso chamadas tambem *Linhas de Torres Vedras*, mandadas construir, em 1810, por Sir Arthur Wellesley, general em chefe do exercito alliado, quando Massena invadiu Portugal.

Eram trez ordens de reductos, fortins e trincheiras, que, desde a direita do Tejo, se estendiam sobre o espinhaço das serras e outeiros, até á costa do Oceano.

A primeira linha, principiava no *alto do Calhandriz*, proximo (ao O. N. O.) e sobranceiro á villa da Alhandra — no sitio onde em 1877 foi collocado um monumento, com a estatua d'Hercules, commemorando este facto, sendo director d'esta memoria, o general Joaquim da Costa Cascaes, escriptor e poeta bem conhecido, e que tambem construiu a monumento do Bussaco.

Era este o primeiro districto e a direita das linhas. Havia n'elle 30 reductos, com 86 bôccas de fogo — Corria por junto da villa de Arruda dos Vinhos, até ao *Moinho do Ceu*, e d'aqui seguia para Sobral de Monte Agraço, que era o segundo districto, e d'onde se descobria toda a linha. Tinha este districto 11 reductos, com 72 peças de artilheria e 3 obuzes. D'aqui seguia pelo monte do Furadouro, e serra da Mugideira, até ao terceiro districto — Torres Vedras — e ao forte de S. Vicente, a fechar no Sizandro. N'este districto havia 32 reductos — incluindo o forte e o castello — com 273 bôccas de fogo, sendo 3 obuzes.

O forte de S. Vicente está ao norte da villa, no tôpo de um dos mais altos montes que cercam o valle de Torres Vedras. Conserva-se em bom estado, porque se reparou ha poucos annos. Consta de trez reductos, e era defendido por 65 peças, tendo — o forte — sufficiente capacidade para conter 4:000 homens.

É, demais a mais, um formosissimo ponto de vista.

Este forte e o do Sobral de Monte Agraço, eram os principaes de toda a linha.

Havia em todos estes trez districtos, 73 reductos, guarnecidos com 435 bôccas de fogo, quasi todas de grosso calibre.

Eis a designação e numero dos reductos, e da sua artilheria.

1.º DISTRICTO — (ALHANDRA)

Numero dos reductos	Localidade ou denominação	Bôccas de fogo
»	Bateria do Tejo	4
1	Dita da Estrada	8
2	Dita do Conde	4
3	Boa-Vista	2
4	S. Fernando	2
114	1.º de Subserra	3
»	Novo de Subserra	2
115	2.º de Subserra	2
116	3.º de Subserra	2
117	4.º de Subserra	3
–	Reducto da Freira	»
–	Casal da Entrega	»
118	Moinho Branco	8
119	Dois Moinhos	7
6	Bateria do Merlo	3
5	Serra do Formoso	3
»	Subida da Serra	2
8	Trancoso	3
120	Novo do Formoso	3
121	1.º da Calhandriz	3
122	2.º da Calhandriz	3
123	3.º da Calhandriz	3
124	4.º da Calhandriz	4
»	5.º da Calhandriz	2
»	Bateria das Antas	2
»	Dita do Alfarge	3
»	1.ª do Bulhaco	1
»	2.ª do Bulhaco	2
»	1.ª do Pinheiro	2
»	2.ª do Pinheiro	1
	Somma	87

2.º DISTRICTO — (SOBRAL DE MONTE AGRAÇO)

Numero dos reductos	Localidade ou denominação	Bôccas de fogo
9	S. Sebastião	4
10	Carvalha	2
11	Moinho do Ceu	2
		8
	Transporte	8
12	Paço	2
13	Caneira	2
14	Monte Agraço	27
15	Da Frente	9
16	Da Direita	5
17	Da Esquerda	6
»	Do Sobral	8
»	Da Patameira	8
	Somma	75

3.º DISTRICTO — (TORRES VEDRAS)

Numero dos reductos	Localidade ou denominação	Bôccas de fogo
20, 21, 22	S. Vicente	39
23	Olheiros	11
24	Forca	10
25	S. João	2
26	Ordasqueira	9
27	Castello da Villa	11
30	Grillo	6
31	Alqueiteira	6
32	Formigal	4
111	Paço	11
112	Genetia	8
113	Foz	–
128	Cheira	–
129	Feiteira	14
130	Moinho	15
131	Cruz	6
132	Palheiros	6
133	Pedrulhos	6
134	Outeiro da Prata	5
135	Carrasqueira	7
136	Milharosa	6
137	Outeiro da Franca	7
138	Pombal	3
139	Bordinheira	6
140	Outeiro do Monte	6
141	Mógo	8
142	Banabal	7
143	Carregueira	7
144	Mouguellas	7
		233

Numero dos reductos	Localidade ou denominação	Bôcas de fogo
	Transporte	233
145	— Belmonte	13
146	— Bessecaria	12
149	— Novo da Ordasqueira	15
	Somma	273

1.º Districto	87
2.º Districto	75
3.º Districto	273
Total	435

A 2.ª *linha*, que era a principal defeza de Lisboa, pela sua posição, quasi inexpugnavel, levanta-se no *Alto do Quintella*, á retaguarda de Alverca, passa á cabeça de Montachique, segue até aos altos do Gradil e da Murgueira, em frente de Mafra, e vae terminar na *Foz de S. Lourenço*, proximo á villa da Ericeira.

A 3.ª linha — foi formada em Paço d'Arcos, era destinada a defender a barra do Tejo.

Apezar de serem feitas á pressa todas estas obras de defeza, ainda uma parte d'ellas se acham menos mal conservadas, e, mesmo as que estão em peor estado, seriam de pouco difficil e dispendioso reparo, em caso de necessidade.

Foi em frente d'estas posições, parte formadas pela natureza, parte pelos homens, subindo serras, montes e outeiros, descendo valles e quebradas, sempre erriçadas de bôccas de fogo, e defendidas por verdadeiros portuguezes, promptos a darem a vida pela liberdade da patria, que Massena, um dos mais famosos generaes de Buonaparte, empallideceu, e recuou, fugindo com os seus 80:000 homens (14 de novembro de 1810) para Leiria e Santarem ; e, apezar de receber, em fevereiro de 1811, um reforço de 30:000 homens, nem assim se atreve a atacar as formidaveis *Linhas de Torres Vedras*, e a 5 de março principia a sua retirada para Hespanha, onde entra a 4 de abril.

Foi o primeiro passo dado n'essa longa retirada, que nos livrou das hordas napoleonicas, e que, apezar de torrentes de sangue derramado por tantos briosos portuguezes, castelhanos e inglezes, em mortiferas batalhas, assaltos e combates, arrojámos os jacobinos até Paris, obrigando a sahir de França o monstro corso, como fica dito n'este artigo.

Mr. Joh T. Jones, no seu livro intitulado *Memoire sur les lignes de Torres Vedras*, tratando d'estas linhas e das de Almada, ao sul do Tejo, diz —

« No momento em que as linhas se julgaram tão perfeitas quanto era possivel, consistiam ao norte do Tejo em cento e cincoenta e duas obras distinctas, fechadas, palissadas, e armadas de seiscentos e trinta e um canhões e obuzes, e de trinta e nove a quarenta mil bayonetas para as defender.

« Ao sul do Tejo, ellas consistiam em sessenta obras armadas de cento e noventa e sete canhões com quatorze a quinze mil bayonetas para sua defeza.

« Custaram as mencionadas obras, comprehendendo as indemnisações de terrenos, etc, quatrocentos contos de réis.

« Foram encarregados do seu traçado e execução, dezoito engenheiros, e levaram um anno a pôl-as em estado de defeza, e dois ao de perfeição.

« Os mencionados engenheiros, espalhados isoladamente sobre um espaço de mais de cento e cincoenta milhas quadradas, e alojados nas casas mais commodas para os seus trabalhos, foram por toda a parte tratados pelos habitantes da Extremadura com tanta civilidade, como benevolencia.

« Tinha-se recommendado o

segredo sobre a extensão, e o genero dos trabalhos em execução, e é honroso para a nação Portugueza o conhecer-se, que elle não foi violado, e que apezar da immensidade das obras, os francezes ignoravam a natureza da barreira, que se alevantava contra elles, até ao momento em que sem o esperar acharam o exercito formado em batalha para tornar vãos os seus esforços.»

O aqueducto

O aqueducto que fornece a agua para esta villa, foi principiado em 1657. Tem quasi dois kilometros de comprimento, correndo subterraneamente em metade d'esta distancia, e no resto, ora sobre uma ordem de arcos, ora sobre duas ordens. É uma obra magnifica, assemelhando-se bastante ao aqueducto da Amoreira, em Elvas.

Mosteiros

Houve em Torres Vedras e suas dependencias, os mosteiros seguintes —

1.º — *Nossa Senhora da Graça*, de frades eremitas calçados de Santo Agostinho — vulgò, *gracianos* — Foi fundado em 1266, pelo segundo provincial d'esta ordem, em Portugal, frei Felix de Santa Maria.

Este douto e virtuoso sacerdote, era muito estimado de D. Affonso III, e lhe pediu licença para fundar trez mosteiros da sua ordem; o que o rei lhe concedeu facilmente, attendendo a que na Extremadura ainda havia poucos mosteiros de Santo Agostinho.

O primeiro mosteiro que este provincial fundou, foi o de Torres Vedras, no sitio que se chamava então *Varzea Grande*, lançando-se-lhe a primeira pedra, a 29 de dezembro do dito anno de 1266.

Este sitio era pouco saudavel, e os religiosos soffriam muito por isso; mas alli se conservaram por mais de 270 annos, apezar de estar o mosteiro em um brejo, e encher-se d'agua no inverno, a ponto dos frades não poderem sahir d'elle.

Em 1544, o provincial que então era, expôz estes inconvenientes a D. João III, que deu aos frades o hospital de Santo André, que era uma gafaria, e ficava em sitio alto e bem arejado, para onde os frades se mudaram, apenas adaptaram o edificio ao fim a que era destinado.

O rei tambem deu aos frades as rendas da antiga gafaria, que estava então deshabitada, por já não haver aqui lazaros.

Até 1340, foi este mosteiro dedicado a Santo Agostinho; mas n'esse anno, frei Francisco de Monte-Rubiano, geral da ordem, decretou que todos os conventos agostinianos que d'alli em diante se fundassem, tomassem a invocação de Nossa Senhora da Graça. Não comprehendia este decreto o mosteiro da Varzea Grande, que já estava fundado; mas os seus frades quizeram logo collocal-o debaixo da protecção da Santissima Virgem, pelo que tomou a invocação de Nossa Senhora da Graça.

Está este mosteiro no largo por isso chamado da Graça, á entrada da villa, do lado do sul, e sobre a estrada de Lisboa.

Foram prelados d'este mosteiro, *S. Gonçalo de Lagos*, que a camara tomou para padroeiro da villa — e D. frei Aleixo de Menezes, que depois foi arcebispo de Gôa, e por fim de Braga.

Os liberaes venderam o edificio do mosteiro e a sua cêrca, que é hoje propriedade particular, e a egreja foi dada á irmandade do Senhor dos Passos, que a tem conservado com muita decencia e n'ella celebra os officios divinos.

S. Gonçalo de Lagos, nasceu na cidade algarvia do seu cognome, pelos annos de 1378, professou em 1398, e morreu n'este mosteiro, a 15 de outubro de 1422.

Era um dos melhores oradores sagrados do seu tempo, de grande intelligencia e de summa virtude. O papa Pio VI o canonisou em 1780. Jaz n'este mosteiro.

D. frei Aleixo de Menezes, nasceu em Lisboa, no anno de 1559. Era filho legitimo de D. Aleixo de Menezes (aio do rei D. Sebastião) e de D. Luiza de Noronha, ambos da primeira nobreza d'este reino. Creou-se no paço, e foi muito estimado pelo joven monarcha; mas, desprezando as grandezas do

mundo, se fez eremita de Santo Agostinho, sendo um religioso sapientissimo e virtuoso.

D'este mosteiro foi para arcebispo de Gôa, primaz do Oriente, e d'ahi passou a arcebispo de Braga, primaz das Hespanhas. Na India fez grandes serviços á religião, reduzindo á fé os christãos scismaticos do Malabar; e em Braga deu exuberantes provas de prudencia e piedade.

Foi tambem governador da India, vice-rei de Portugal, presidente do conselho supremo d'este reino, na côrte de Madrid, e capellão-mór de D. Philippe III. Falleceu em Madrid, a 3 de maio de 1617.

O pae d'este arcebispo, era filho de D. Pedro de Menezes, 1.º conde de Cantanhede. Militou, desde joven, em Africa e na India, onde se distinguiu pelo seu valor e prudencia.

Voltando a Portugal, D. João III o mandou inspeccionar as nossas praças d'Africa, commissão que desempenhou com grande intelligencia e inteireza.

Foi nomeado, em conselho, vice-rei da India, mas D. João III o impediu, nomeando-o embaixador ao imperador Carlos V, para tratar o casamento da infanta D. Maria, filha do rei, com o principe D. Philippe (depois Philippe II.)

Ajustado este casamento, foi nomeado mordomo-mór d'esta senhora, e depois foi padrinho de baptismo, do principe D. Carlos, seu filho, e testamenteiro da dita princeza.

Voltando a Portugal, foi mordomo-mór da rainha D. Catharina, mulher de D. João III, e este, por seu testamento, o nomeou aio de seu neto, o rei D. Sebastião, emprego que exerceu com a maior dignidade, pelo que este soberano muito o respeitou.

Por conselho ou suggestões de alguns grandes, D. Sebastiao dava pouca, ou nenhuma attenção á gente do povo, pelo que D. Aleixo o reprehendeu, com boas palavras, fazendo-o mudar de procedimento.

Foi de grande modestia, como provou, não querendo acceitar o titulo de conde de Villa de Rei, que D. João III lhe offerecia, dizendo que *era pobre para sustentar com dignidade o titulo de conde.*

Casou duas vezes — a primeira, com D. Joanna de Menezes, filha de D. Henrique de Noronha, irmã do 1.º marquez de Villa Real, da qual não teve successão.

Casou segunda vez, por ordem do rei, tendo já 75 annos, com D. Luiza de Noronha, da qual ainda teve trez filhos e duas filhas — sendo um d'elles, o referido arcebispo, D. Aleixo de Menezes.

Falleceu a 7 de fevereiro de 1569.

—

2.º — *Santo Antonio*, de frades da congregação dos missionarios apostolicos.

E' no districto da freguezia de S. Pedro, mas fica 3 kilometros ao O. da villa.

D'elle trato em artigo especial. Vide *Varatojo.*

—

3.º — *Nossa Senhora dos Anjos*, de frades arrabidos.

Está a 3 kilometros ao Sul da villa, junto e a Oeste da pequena aldeia do *Barro*, e por isso se chama vulgarmente, *convento do Barro.*

Foi fundado em 1570, pela infanta Dona Maria, senhora de Viseu e Torres Vedras, e filha do rei D. Manoel, da qual já fallei n'este artigo.

O seu primeiro assento, foi em uma baixa, junto á ribeira de Mata Cães, ao Este, do sitio actual, mas como o logar era pantanoso, os frades padeciam muitas doenças, e em 1579, houve aqui tal epidemia, que os frades morreram quasi todos, pelo que, os que escaparam, resolveram mudar de sitio, o que levaram a effeito em 1595, transferindo o mosteiro para a encosta do monte que fica ao Oeste, e a pouca distancia do primitivo assento, aonde hoje está. [1]

[1] Os eruditos editores da *Memoria historica de Torres Vedras*, alludindo em uma nota (pag. 209) á duvida do auctor do livro, sobre a existencia de um mosteiro de frades eremitas, de Santo Agostinho, em Mata-cães, são de opinião que effectivamente alli existiu um mosteiro, *fosse de que ordem fosse*, visto que o antigo nome da freguezia de Mata-cães era *Mosteiro de Mata-cães.* É verdade que á tal freguezia se dava o nome de *Nossa Senhora do Mosteiro*, ou *Santa Maria do Mosteiro de Mata-cães*, mas pela razão que digo no 5.º vol. pag. 125, col. 1.ª e 2.ª.

Tem uma boa cêrca, e contigua a ella, uma frondosa matta.

Fica uns dous kilometros a Oeste da estrada de Lisboa, em sitio alegre, apezar de estar entre montes, e vê-se perfeitamente da referida estrada.

Foi vendido pelos liberaes, e é hoje propriedade particular, dos padres lazaristas, que fundaram aqui um seminario.

O famoso orador sagrado, padre *Radmaker*, foi o fundador d'este seminario.

O mosteiro e aldeia do Bárro, é nos limites da freguezia de S. Miguel, da villa.

—

Perto da villa e junto ao *rio Alpilhão* (que apenas merece o nome de ribeiro) e na Varzea Grande, diz-se que existiu um antiquissimo mosteiro de frades franciscanos. (*Historia Seraphica*, por frei Fernando da Soledade, tomo 3.º, livro 3.º, cap. 13.º, n.º 510.) Segundo este escriptor, estava o tal mosteiro contiguo á calçada que vae para o Varatojo. Frei Manoel da Esperança, na sua *Historia Seraphica* (tomo 1.º, livro 5.º, cap. 44) refere até um *caso notavel*, acontecido n'este pequeno mosteiro.

O que é certo, é que no sitio junto á muralha da villa, onde se diz ter existido este mosteiro, tinha a egreja de S. Thiago, uma propriedade, chamada *Terra de São Francisco*, a entestar na Varzea Grande, e que n'esta propriedade existia, no seculo XVI, uma antiga ermida do mesmo santo. N'esse tempo, trazia esta propriedade emprazada, o padre Antonio Lopes, beneficiado das egrejas de S. Pedro e S. Miguel, d'esta villa.

Esta propriedade ainda é da egreja de S. Thiago, e a traz actualmente aforada, Francisco Tavares de Medeiros, d'esta villa.

Esta ermida era tão antiga, que, não existindo em 1505, já n'ella se fallava, só por tradição.

—

Em 1675, a camara, com o *clero, nobreza e povo* d'esta villa — recordando uma petição que no mesmo sentido havia feito, em tempo, a irmandade da Misericordia — requereu ao infante regente (depois D. Pedro II) que as freiras recoletas capuchas mendicantes, da ordem de S. Bernardo, que viviam no convento de Nossa Senhora da Nazareth, em Lisboa, podessem fundar um mosteiro da sua ordem, em Torres Vedras, por *ser uma das villas principaes do reino*, pela nobreza e numero de visinhos; por ser cabeça de comarca; e muito *fertil e abundante* de fructos; por não haver n'ella convento algum de freiras; ser muito util á terra e sua comarca; e terem aquellas religiosas, por missão dos seus prelados, para fundar alguns conventos da sua reforma, onde lhes dessem licença.»

Este requerimento veio a informar ao provedor da comarca, e, ouvindo este o senado e os *trez estados*, todos concordaram unanimemente no pedido. Apezar d'isto, nada se decidiu.

Em 1749, tornaram os mesmos supplicantes a requerer licença para na ermida de S. João se instituir uma irmandade da ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo, obrigando-se a tirar o competente *breve* pontificio, e *ficando salvos os direitos parochiaes*.

Tambem esta petição ficou sem deferimento; mas, ao menos, os habitantes d'esta villa, mostraram evidentemente a sua piedade, e o amor que consagravam á Religião.

Aguas mineraes dos Cucos

Ficam estas thermas 2 kilometros a E. N. E. de Torres Vedras, e 3 a O. de Runa, nas faldas da *serra da Macheira*, no sitio chamado *os Cucos*.

Nascem de dez mananciaes diversos, todos da mesma natureza, mas de differente temperatura.

Estão proximas ao rio Sizandro, cujas aguas, nas enchentes, cobrem os mananciaes das thermas.

Da sua composição chimica e temperatura, já tratei no 2.º volume, pag. 456, col 2.ª, no fim.

Tem uma soffrivel casa de banhos, e junto a ella ha boas casas para habitação dos doentes.

Estas aguas são applicadas com bom re-

sultado, para a cura de rheumatismos chronicos e outras doenças [1].

—

Caminho de ferro Larmanjat de Lisboa a Torres Vedras

Foi uma triste especulação do marechal Saldanha, em consequencia da qual, quebrou a *Companhia tramway a vapor.*

Este caminho de ferro, foi aberto á circulação, no dia 6 de setembro de 1873.

Além da estação principal, em Lisboa, tinha 14 intermediarias — *Campo Pequeno, Campo Grande, Lumiar, Nova Cintra, Santo Adrião, Loures, Pinheiro de Loures, Louza, Venda do Pinheiro, Malveira, Villa Franca do Rosario, Barras, Freixofreira, Turcifal,* e a estação terminus, *Torres Vedras.*

O preço das passagens (de Lisboa a Torres Vedras) era 900 reis na 1.ª classe, e 700 na 3.ª.

Não tinha 2.ª classe.

Poucos mezes durou este caminho; por que o tal systema Larmanjat deu pessimos resultados.

Os descarrillamentos eram tão continuos, e tantos os tombos, que os viajantes preferiam, com razão, as *diligencias,* e a companhia, não tendo passageiros, perdeu muito dinheiro e falliu.

—

Minas

Foi descoberta em novembro de 1874, no termo d'esta villa, uma mina de petroleo, outra de petroleo e alcatrão mineral, e duas de ferro, manifestadas por Silverio Candido Moniz.

No sitio do *Cabaço,* d'este concelho, ha uma mina de *calcareo Bituminoso,* ou *asphalto natural,* pertencente á *Sociedade geral dos asphaltos de Portugal,* que gira sob a firma de *João Antonio Pinto & C.ª*.

E' de egual, se não superior qualidade ao asphalto estrangeiro, *tendo a vantagem de resistir á temperatura de 70 graus centigrados.*

[1] Ha tambem uma fonte d'aguas ferreas, na quinta das Lapas, dos srs. marquezes de Penalva.

Quintas

Ha nos arrabaldes e no termo de Torres-Vedras, muitas, bellas e rendosas quintas, de differentes proprietarios, com formosas casas de habitação.

A *quinta da Conceição,* que foi dos antigos alcaides-móres, e é hoje da sr.ª marqueza do Lavradio, a da *Bugalheira* e outras, vão adiante em artigos especiaes.

Uma d'estas quintas, era da familia Soares d'Albergaria, e n'ella nasceram muitos dos senhores d'este appellido. Um d'elles foi o famoso Lopo Soares de Albergaria, 3.º vice-rei da India.

Regressando da Asia, vivia n'esta sua quinta em 1518, e n'esse anno o mandou chamar á côrte, o rei D. Manoel.

Foi n'esta occasião que Lopo Soares deu aquella notavel resposta, que todos os nossos historiadores transcreveram: foi a seguinte, dada ao portador da ordem — *Dizei a sua alteza, que, se me manda chamar para me cortar a cabeça, tambem n'esta villa ha pelourinho — se para me tomar a fazenda, lá a tem na casa da India — se para me fazer mercês, eu as recuso.* (J. L. Domingos de Mendonça, *Historia de Portugal,* tomo 7.º, pag. 628.)

Lopo Soares d'Albergaria, era da familia dos alcaides-móres, e irmão de Gomes Soares d'Albergaria e Mello, ao qual alguns escriptores attribuem a resposta que outros dizem dada por seu irmão Lopo.

Este benemerito portuguez, tinha feito relevantissimos serviços á sua patria; mas, como acontece a todos os homens de merecimento, foi victima das intrigas dos invejosos.

Além d'isso, D. Manoel, foi um rei ingrato para com os seus servidores, cujas acções facilmente esquecia (quando os não castigava pelos serviços prestados!)

Teve servidores dedicados, como poucos soberanos, e que lhe deram como vassallos, 34 reis do Oriente, e immensas riquezas; porém muito poucos d'esses portuguezes foram premiados, e esses parcamente.

Lopo Soares d'Albergaria, como vice-rei da India, tinha feito os seguintes serviços:

Em dezembro de 1504, toma a cidade de Congranor e destroe a grande esquadra de Calicut. Logo a 30 d'esse mez, chega a Panane (cidade de Malabar, no reino de Calicut) em cujo porto estavam fundeadas 17 náus grossas, postas em batalha, defendidas por muitas peças de artilheria e 4:000 combatentes, mouros e turcos. O vice-rei os investe, com 360 portuguezes, em 15 bateis e duas caravellas. Depois de 8 horas de terrivel combate, foram rendidas e queimadas as 17 naus, e mortos quasi todos os seus defensores. Dos nossos, morreram 23, e ficaram feridos 170.

Em 8 de fevereiro de 1516, sahiu a barra de Gôa, com 137 vellas, guarnecidas por 1:200 portuguezes e 800 malabares, na direcção do Mar-Rôxo, ao encontro da esquadra do sultão do Egypto, da qual era almirante, Raes-Soleymão, e lhe tomou e queimou trez vasos de guerra.

Na volta, tomou e incendiou Zeyla, cidade africana, situáda ás portas do Estreito.

Em 30 de setembro de 1518, chega á formosissima ilha de Ceylão, a mais fertil da Asia, e que era então dominada por nove reis, ou regulos, dos quaes o mais poderoso era o de Columbo.

Lopo Soares, levava uma esquadra de 17 vellas, e com a gente da sua guarnição e com alguns naturaes da ilha, construe a fortaleza de Columbo, fazendo o seu rei tributario do de Portugal, em 300 *bahares* de canella (4:800 arrobas portuguezas) 12 anneis de rubins e saphiras, e 6 elephantes — isto annualmente.

Depois d'estes e outros muitos serviços, morreu na sua quinta de Torres-Vedras, esquecido do ingrato monarcha.

—

Quinta das Lapas — a 3 kilometros ao Este da villa, no districto da freguezia de Monte-Redondo, d'este concelho.

Pertence ao vinculo da casa de Alegrete.

Foi comprada por Dona Marianna de Menezes, condessa de Villar-Maior, mulher do conde do mesmo titulo, Fernando Telles (um dos 40 fidalgos que acclamaram D. João IV, no 1.º de dezembro de 1640.)

A condessa empregou o seu dote, na compra d'esta quinta, que se compõe — extra-muros — de vinhas, olivaes, pinhaes e terras de pão; e intra-muros, de um magnifico palacio (tendo sobre o portão, de ferro, da entrada, dous grandes leões de marmore fino, dadiva de D. João V, ao marquez d'Alegrete, ascendente dos marquezes de Penalva, actuaes possuidores d'esta rica propriedade.)

A quinta compõe-se de formosos e extensos jardins, hortas, pomares, e uma bella matta, povoada de sobreiros, notaveis pela sua altura e grossura, e talvez mais antigos do que a monarchia portugueza.

Entre elles, torna-se admiravel o chamado *Quatro Irmãos*. E' um só individuo, dividido em quatro hastes, ou troncos, todos de enorme grossura.

E' esta quinta abundantissima d'aguas, tendo cinco fontes, uma d'ellas, férrea.

Ha n'esta propriedade trez capellas:

1.ª — *Nossa Senhora do Rosario* — extra-muros, de simples mas elegante architectura.

2.ª — *Santo Antonio* — imagem de grande devoção, não só dos seus proprietarios, mas tambem do povo da villa e de Monte-Redondo.

3.ª — *Santa Maria Magdalena* — no centro da matta e no sitio mais pittoresco d'ella. A capella é muito linda, e a imagem da padroeira, foi feita pela actual senhora marqueza de Penalva, que é uma excellente esculptora, em substituição da antiga imagem que os francezes quebraram.

Esta quinta foi muitas vezes visitada pela princeza Dona Maria Francisca Benedicta, viuva do principe D. José (8.º vol., pag. 262, col. 1.ª) benemerita fundadora do asylo militar de Runa.

Tambem aqui esteve por duas vezes, a sr.ª infanta Dona Isabel Maria, filha do rei D. João VI, e da rainha Dona Carlota Joaquina, e irman do Senhor D. Miguel 1.º

Nicolau Tolentino tambem visitou esta quinta, e a cantou nos seus versos.

Os senhores marquezes de Penalva, recebem com a franqueza e agrado de verdadeiros fidalgos portuguezes, os visitadores da quinta das Lapas, quando aqui residem;

e mesmo na sua ausencia, a sua entrada está franca aos visitantes, que são em grande numero.

N'esta quinta nasceu, a 22 de setembro de 1790, Antonio Telles da Silva Caminha e Menezes, marquez de Rezende (do Brasil) fallecido em Lisboa, a 8 de abril de 1875 — Vid. 6.º vol., pag. 588, col. 1.ª. — Para os marquezes de Penalva, vide no mesmo volume, pag. 586, col. 2.ª.

O 1.º marquez d'Alegrete, a cujo vinculo pertencia esta quinta, e que mandou construir o seu palacio, foi Manuel Telles da Silva, conde de Villar-Maior, e feito marquez por D. Pedro 2.º, em 19 de agosto de 1687.

—

Diversos factos e noticias

Apezar da riqueza de uma grande parte dos habitantes d'esta villa, pois quasi todos colhem uma boa porção de optimo vinho de embarque (havendo annos que se exportam d'aqui 5:000 pipas d'esse *vinho de Torres*, tão apreciado em Lisboa) bem poucos são os melhoramentos materiaes que se teem feito. Até a maior parte das casas são por caiar! Apenas trez ou quatro predios são construidos ao gosto moderno.

—

O rendimento annual da camara, anda por sete contos de reis.

—

Ha um club soffrivel, mas pouco concorrido.

—

Poucas e pouco commodas hospedarias.

—

Ha um theatro, antigo, pequeno, em pessimas condições e pouco frequentado.

—

A casa da camara, tribunal de justiça e cadeia fórma tudo um só edificio, nada digno de nota. Está ao norte da chamada *praça de Riveres*, é um pequeno quadrilongo, de uns 25 metros de comprido por 10 de largo!

—

Os habitantes da villa, são, em geral, intelligentes, pacificos, industriosos e trabalhadores: os sertanejos porem, são, pela maior parte, turbulentos e desordeiros, o que dá causa a frequentes policias correccionaes e não poucas querellas.

—

No dia 10 de julho de 1880, falleceu, na sua quinta de *Valle de Gallegos*, em Torres-Vedras, o padre José Luiz de Barros e Cunha, prior de S. Miguel da Ventosa, e irmão do sr. João Gualberto de Barros e Cunha, que foi deputado e ministro dasobras publicas [1].

O prior, deixou a sua referida quinta (que vale vinte contos de reis) ao hospital da Misericordia d'esta villa, por morte da sua governante (do prior) que é usufructuaria.

Este benemerito sacerdote e o sr. Augusto Raphael de Miranda, então vereador, projectaram estabelecer um *asylo de mendicidade e da infancia desvalida*, com uma quinta ou granja modelo, para instrucção agricola da juventude. Secundados pelo sr. Manoel Antonio da Costa, então administrador do concelho, fizeram um *bazar*, que rendeu reis 1:800$000; porém, como as despezas da fundação e conservação do asylo, foram orçadas em oito contos de reis, ainda se não levou a effeito tão util e humanitario estabelecimento.

—

Em 18 de setembro de 1434, nasceu n'esta villa, a infanta Dona Leonor, filha do rei D. Duarte e da rainha Dona Leonor, neta de D. Fernando 1.º, de Aragão. Casou (a infanta) com Frederico 3.º, imperador da Allemanha.

—

Torres, é um antigo e nobre appelido d'este reino. Vide *Villar-Maior*.

—

Esta villa foi solar de um ramo da familia dos Patos. Vide *Alcochête* e *Torrão*.

—

Ha na villa dous *passeios publicos*. O chamado *Bosque do Jardim*, com uma fonte. E' nas margens do Sizandro, entre o monte do castello, e o do forte de S. Vicente. Teve um

[1] Falleceu repentinamente na sua casa de Runa, a 10 de Janeiro de 1882.

frondoso arvoredo, que foi cortado em 1810, para serviço das *Linhas de Torres Vedras*. Em 1821, se tornaram aqui a plantar varias arvores, que uma *illustrada* vereação moderna, teve a *feliz* lembrança de mandar destruir, ninguem sabe para que. E' n'este passeio que se fazem as feiras.

Tornaram-se a plantar as arvores, em 1823, e está menos mal conservado.

O *passeio da Varzea*, na outra extremidade da villa, está em sitio desafogado, e é de construcção moderna.

Nenhum dos dous é notavel por qualquer circumstancia.

—

Ao longo das suas sahidas, tinha a villa lindos passeios, bordados de arvores silvestres, plantadas com simetria (álamos, faias e freixos.) Todas estas arvores foram cortadas em 1810, por causa das fortificações.

Em seguimento ao *Bosque do Jardim*, caminhando para o Este, no resto do campo, até á ermida da Senhora do Amial, mandou a camara plantar, em 1852, arvoredo, em simetria, que está já muito bonito.

A camara de 1789, para evitar a destruição das arvores, nomeou um *guarda* (que era official de justiça) com a gratificação de 14$400 reis annuaes. Poucos annos houve este emprego.

—

Sahindo da villa, pela estrada de Runa, e depois de passar o logar dos *Cucos* (onde estão as thermas de que já fallei) e a cousa de um kilometro do asylo militar de Runa (ou Alcobaça) está a pittoresca *Gruta da Princeza*. E' uma caverna, aberta na rocha, e toucada de arvoredo silvestre e varias trepadeiras, tendo na frente, um pequeno bosque, encostado a rochedos alcantilados.

E' um sitio summamente aprasivel, e a santa fundadora do referido asylo (Vide *Runa*) quando alli residia, gostava muito de vir passar aqui muitas horas de pacifica meditação, e fazer merendas, na companhia das suas damas.

—

Ha n'esta villa, um sitio chamado *Monte da Forca*, onde em tempos, de que não ha memoria, exisiiu um d'estes instrumentos de supplicio, e onde em 1810 se construiu o forte por isso chamado *da Forca*.

—

No dia 15 de setembro de 1874, falleceu, na sua *quinta da Conceição*, (que foi dos antigos alcaides-móres de Torres-Vedras) d'este concelho, o marquez de Lavradio, D. Antonio d'Almeida Portugal Soares Alarcão Mello Castro Athayde Eça Mascarenhas Silva e Lencastre, 5.° marquez de Lavradio, 8.° conde de Avintes, senhor de Lavradio e de Avintes, commendador da Torre Espada e cavalleiro de Malta e do Santo Sepulchro, nascido em 11 de fevereiro de 1794: filho do marquez de Lavradio D. Antonio Maximo d'Almeida e da marqueza do mesmo titulo D. Anna Telles, da caza dos marquezes de Penalva. Passando ao Braisl com a familia real, casou alli em 1814 com a sr.ª D. Maria Roza de Menezes, da casa dos marquezes de Vallada. Veador da princeza D. Maria Benedicta, foi nomeado, quando regressou ao reino, ajudante de Campo do sr. D. Miguel de Bragança. Em 1828 foi nomeado como embaixador para Roma, logar que exerceu até á convenção de Evora Monte.

Era ajudante de campo do Sr. D. Miguel 1.°, com as honras de capitão, desde 8 de fevereiro de 1832.

O actual sr. marquez de Penalva, era sobrinho do fallecido marquez do Lavradio, e por occasião da morte d'este seu virtuoso parente, publicou o artigo seguinte.

Cum dederit dilectis suis somnum, ecce haereditas.

Ps. de David.

Hoje, pelas 11 horas da manhan, falleceu o sr. marquez de Lavradio, na sua quinta da Conceição. A sua morte roubou ao partido legitimista um dos seus melhores soldados, e á Christandade um dos mais exemplares christãos. Não nos incumbe escrever a biographia do sr. marquez de Lavradio; a qualidade de sobrinho e afilhado (que nos tornaria suspeitos) prohibe-nos de fazer o seu elogio. Limitamo-nos portanto a pedir

os sufragios dos fieis por a alma do sr. marquez de Lavradio.

Requiescat in pace.

Quinta das Lapas, 18 de setembro de 1874.

Marquez de Penalva.

O 5.º marquez de Lavradio, teve trez filhas legitimas.

1.ª — *Dona Anna*, nascida no Rio de Janeiro, a 23 de abril de 1815, e fallecida em Lisboa, em 1840.

2.ª — *Dona Francisca*, nascida no 1.º de março de 1822, e fallecida em Roma, a 29 de julho de 1837.

3.ª — *Dona Eugenia*, actual marqueza. Nasceu em 27 de maio de 1828. Está casada com o sr. José Correia de Sá e Benevides, da casa dos viscondes de Asséca, e teem descendencia.

O 5.º marquez do Lavradio, era 7.º filho de D. Antonio Maximo de Almeida Portugal Soares Alarcão Mello Castro Athaide Eça Mascarenhas Silva e Lencastre, 3.º marquez do Lavradio; 6.º conde de Avintes; par do reino, em 1826; estribeiro mór da princeza Dona Maria Benedicta; mórdomo-mór da rainha Dona Maria 1.ª; grão-cruz da ordem de Christo; commendador da Conceição; deputado á *junta dos trez estados*; tenente coronel commandante do regimento de Lippe. Nasceu no 1.º de outubro de 1756, e falleceu em Paris, a 4 de maio de 1833. Tinha casado a 16 de junho de 1783, com Dona Anna Telles, dama de Dona Maria 1.ª, e da ordem de Santa Isabel, nascida no 1.º de outubro de 1762, e fallecida a 4 de dezembro de 1821. Era 4.ª filha de Manuel Telles da Silva, 2.º marquez de Penalva e 6.º conde de Villar-Maior, e de Dona Eugenia Marianna Josepha Joaquina de Menezes Caminha, 6.ª condessa de Tarouca.

Houve do casamento do 3.º marquez do Lavradio, 10 filhos.

1.º — *Dona Eugenia*, que foi duqueza de Ficalho.

2.º — *Dona Marianna*, que foi condessa da Ribeira Grande.

3.º — *Dona Maria*, dama da princeza Dona Maria Benedicta.

4.º — *D. Luiz*, que foi 4.º marquez de Lavradio, 5.º conde de Avintes, capitão de cavallaria, ajudante d'ordens do general 1.º conde de Amarante (pae do 1.º marquez de Chaves.) Casou com Dona Rita de Vasconcellos, 2.ª filha dos 2.ºs marquezes de Castello Melhor, e morrendo sem deixar filhos, herdou a sua casa e titulos, o 5.º marquez, seu irmão.

5.º — *Dona Margarida*, que foi marqueza d'Alegréte.

6.º — *Dona Francisca*, marqueza de Vallada.

7.º — *D. Antonio*, o 5.º marquez.

8.º — *D. Francisco de Almeida Portugal*, feito conde de Lavradio, no 1.º de dezembro de 1834, e já fallecido. Foi o unico da familia que seguiu o partido liberal.

9.º — *Dona Joaquina*, já fallecida.

10.º — *D. João*, que foi official de cavallaria e morreu em 1860.

Esta familia, tem as honras de parente.

—

Ha entre Runa e Torres Vedras, proximo da estrada real, o logar de Matacães, o mais formoso d'aquelles sitios, a 5 kilometros ao Sul de Torres Vedras.

Para o lado do poente, entre Matacães e o logar da Ordasqueira, vê-se um lindo monte, ao qual chamam — O Calvario — no cume d'este monte está assente uma pequena, mas linda ermida, na qual é venerada pelo povo da freguezia de Nossa Senhora da Oliveira de Matacães, o Senhor Jesus do Calvario.

Todos os annos, no mez de abril, o povo d'esta freguezia faz uma solemne festa ao Senhor do Calvario.

E' então que se póde, sem se perder tempo, subir a este monte tão lindo, tão pittoresco, tão cheio de encantos, que attrahe a attenção de todas as pessoas que alli vão.

O curioso viajante caminhando pela estrada, que vai da Ribaldeira a Runa, ao avistar o Calvario, julga-se transportado em um momento a uma nova Cintra, porém mais bella, mais encantadora, mais sublime, porque alli não existe arte, alli não trabalharam architectos, alli foi só Deus, Supremo Architecto do universo, quem trabalhou.

Tem o monte do Calvario um lindo ponto

de vista, um grande panorama; para um lado avistam-se as antigas ameias, e os derrocados muros do antigo castello de Torres Vedras, recordação historica de tantas acções; aqui não existe uma pedra que não seja um aggregado de glorias, não ha um palmo de terra que não seja uma testemunha muda de alguma nobre acção militar; além avista-se o asylo de Runa, onde existem, vergando com o peso dos annos, e de muitos trabalhos, corajosos militares, que muitas vezes expozeram as suas vidas a grandes perigos, e não poucas verteram sangue em defeza da nossa patria; mais além extensas cordilheiras cobertas de verdura, olivaes e vinhas e para todos os lados que se olhe avista-se um grande numero de grandes e pequenas povoações.

—

No meio de uma extensa charneca, entre os logares do Meixial (ou Ameixial) e Ramalhal, está o *palacio e quinta da Bugalheira*, hoje quasi sempre deshabitado, mas que em outros tempos, foi por muit as vezes habitado por varios membros da nossa familia real.

Tem uma ermida, dedicada a S. José, ao qual o sr. marquez de Penalva, quando está na sua quinta das Lapas, lhe costuma fazer brilhantes festas, concorridissimas pelos povos d'estes sitios.

São bellissimas as vistas que d'aqui se desfructam; porque, além de uma vasta planicie, se descobrem cordilheiras de montanhas, pinheiraes, e mais ao longe, a *Serra da Neve.*

—

Em abril de 1876, se estabeleceu aqui um bom collegio de educação, sob a direcção do sr. Hippolyto de Mattos Cordeiro, que tinha sido director do *Instituto abrantino.*

—

As chuvas torrenciaes do inverno de 1876 causaram grandes prejuizos n'esta villa.

O Sizandro, que muitas vezes sécca completamente na estiagem, cobriu de agua todas as varzeas das suas margens.

Todas as casas na baixa da villa foram abandonadas. A gente pobre foi recolhida no hospital, onde lhe deram alimento e agasalho. Muitos habitantes foram salvos ás costas por pessoas dedicadas e transportados em carros para sitio seguro. Andaram empregados n'este serviços, sete carros, generosamente emprestados por varios particulares. Os empregados da administração do concelho foram salvos do mesmo modo.

Houve scenas afflictivas. No largo da egreja de S. Miguel, ha umas barraquinhas que serviam de abrigo a uma pobre gente. Quando lhe accudiram dava-lhe já a agua pelos peitos. Imagine-se a sua afflicção.

Os prejuizos foram grandes em vinho, azeite, milho, etc. O campo da Feira Nova, ás portas da Varzea, ficou todo inundado, padecendo immenso os numerosos armazens que alli ha. No lagar do sr. Augusto Miranda, a cheia fez grande destroço; a rua da Olaria, onde elle está estabelecido, parecia um rio de azeite. No armazem do sr. Fivelim, na rua Nova, os cascos e pipas de vinho andaram boiando. A agua n'esta rua chegava á bocca do forno de pão que alli ha.

Ameaçavam ruina varias casas, entre outras a do sr. João dos Reis, edificada recentemente, onde morava o sr. Schiappa, conductor das obras publicas; a do medico, o sr. dr. Mauricio, etc.

Estas inundações teem-se repetido com frequencia, todas as vezes que o Sizandro, de humilde ribeiro, se torna um rio furioso, sahindo do seu leito e alagando as suas margens, é causa de grandes destroços e ruinas.

Em 1876, subiu em alguns pontos á altura de trez metros!

O lençol d'agua estendia-se pelas varzeas do Arial, Ramalhão, Maxial e Ermigeira até Villa Verde, n'uma extensão de cerca de 15 kilometros; proximo d'esta ultima povoação morreu afogado um rapaz que andava apascentando gado.

A importante povoação da Merceana, situada ao sul e nas faldas da serra de S. Matheus, esteve prestes a submergir-se.

Na estrada que vae de Monte Redondo para a Ermigeira, abateu o muro da tapada da quinta das Lapas, n'uma grande extensão, ficando impedido o transito.

Na quinta de Ermigeira, propriedade do sr. visconde de Balsemão, foi completamente

destruido um importante encanamento de agua na extensão de 500 metros.

—

Hoje que, com o rodar dos seculos, as artes como as sciencias, têem progredido, admiramos, por exemplo, a perfeição e o luxo de um livro ricamente encadernado, quando, já ha 300 annos, havia em Portugal quem os possuisse dignos de admiração.

Nas *Obras Inedictas de D. Luiz da Cunha*, livro impresso em 1821, lê-se que o arcebispo de Braga, D. Agostinho de Castro, levou do convento dos frades Agostinhos, da Graça, para o Sanctuario do Populo, onde ainda n'aquelle tempo se conservava, o Breviario por onde resava a sr.ª Infanta D. Maria, filha de el-rei D. Manoel, edificadora do convento do Barro, proximo a Torres Vedras.

«Esta obra, (diz o mencionado livro, em referencia ao Breviario) feita de mão de auctor insigne d'aquelles felizes tempos, escripta em pergaminho fino, com vivissimas vinhetas de differentes côres, encadernado em velludo verde, com brochas e guarnições de prata perfumados.»

Isto era no tempo do *obscurantismo*.

—

Na guerra da restauração, foi esta villa, das primeiras que adheriu á revolução de Lisboa, acclamando officialmente D. João IV, no dia 18 de dezembro de 1640; mas o povo já estava em armas contra Philippe IV, desde o dia 10 d'esse mez.

Por essa occasião, o provedor de Torres Vedras, foi incumbido de hir fazer a acclamação em Alemquer, e declarar extincto o marquezado e senhorio d'esta ultima villa, [1] e annexa a sua comarca, á de Torres Vedras.

—

Do milhão e 700 mil cruzados offerecidos ao rei, pelas côrtes de 1648, coube a Torres Vedras, a quantia de 6:967$140 reis.

Em 1668, por occasião da paz com Castella, deu mais esta villa, 11:984$200 reis, para occorrer a differentes despezas do Estado. Em 1671, deu mais, outra egual quantia de 11:984$200 reis, e em 1674, ainda mais 6:375$974 reis.

—

Antiguidades

Na villa e seu termo, teem apparecido differentes moedas romanas, a maior parte das quaes foram desencaminhadas.

Em 1830, se achou uma moeda de ouro, muito bem conservada, do imperador Trajano, na serra de S. Gião.

Na quinta de *S. Gião d'Entre as Vinhas*, tambem se acharam duas moedas romanas, de cobre, em 1846; mas tão gastas, que apenas se podia lêr em uma — I M P, de um lado, e do outro, o busto de um guerreiro, coroado com um ramo de louro, e as letras T V S — e na outra, se via um busto egual ao da primeira, e só se podia ler — HISPANI.

No *Casal da Broeira*, 3 kilometros ao Oeste da villa, se achou, em 1850, uma moeda de prata, do imperador Augusto, muito bem conservada.

Na *quinta da Ribeira de Maria Affonso*, se achou em 1856, outra de prata, muito bem conservada, do imperador Galba.

Em 1858, se achou, junto ao logar da Ordasqueira, 3 kilometros a Este da villa, outra de Justino, imperador do Oriente, muito bem conservada.

Por estas immediações, appareceram varias outras de cobre, que não menciono, pelo seu pouco valor, e por serem eguaes a um grande numero d'ellas, mencionadas em varias partes d'esta obra.

Na mesma quinta de S. Gião d'Entre as Vinhas, proximo á ermida d'este santo, em uma escavação feita em 1846, se acharam muitas *talhas* grandes, de barro, cosido, tendo as bôccas tapadas com discos de pedra. Tambem alli se acharam, por essa occasião, varios pequenos vasos, de barro, com duas azas, cheios de cinzas de cadaveres queimados, achando-se entre ellas, pequenas fracções de ossos e dentes: e dentro d'estes vasos, uma especie de garrafas, mui-

[1] D. Diogo da Silva Menezes, tinha sido feito 2.º marquez de Alemquer, por D. Philippe 3.º, em 1616. Passou para o serviço de D. Philippe IV, que o fez conde de Salinas (Castella) mas assignou-se sempre *marquez de Alemquer e conde de Salinas*. (Vide 1.º vol., pag. 96, col. 2.ª).

to estreitas e compridas, (*vasos lacrimatorios.*)

Estas talhas, são de extraordinaria grossura, tendo duas pequenas azas, nas quaes não póde caber a mão de um homem. Junto com as cinzas, se acharam dentro das talhas, alguns anneis, com pedras engastadas, e varias moedas de cobre.

São em grande numero os monumentos romanos achados n'esta quinta e suas immediações: mencionarei os principaes:

As ruinas de um antiquissimo edificio, de cantaria lavrada, achado em uma escavação, feita ha poucos annos, no casal do Outeiro, contiguo á dita quinta, e proximo á ermida.

Junto ás casas da mesma quinta, se teem achado, em differentes épocas, muitas sepulturas, algumas das quaes ainda continham ossadas humanas; porém estas sepulturas, pela sua esquisita fórma, parecem de construcção anterior ao dominio dos romanos.

Estas descobertas, provam que por as immediações da ermida de S. Gião, existiu, em tempos remotissimos, uma povoação bastante extensa, habitada por uma raça d'homens cuja denominação, usos e costumes nos são totalmente desconhecidos.

Em uma valla que se abriu, em 1858, ao Sul da estrada que vae para o logar da *Ponte do Rol*, e ainda proximo á mesma quinta, se acharam soterrados, varios fornos de coser pão, e o pavimento de uma casa, feita de pedras de cantaria, quadradas. E logo proximo, no sitio chamado *Barreira da Sapateira*, proximo á *Ponte da Madeira*, sobre o Sizandro, em uma escavação feita ha poucos annos, se acharam grande numero de ossadas humanas.

Varias outras *talhas* com cinzas, e vasos lacrimatorios, de diversas fórmas, foram achados, proximo á aldeia de *Matacães*, em uma terra chamada *Moirinha*, junto á *Cruz da Prata*, por occasião de uma sorriba.

Grande quantidade das mesmas talhas, ou urnas, se acharam no *casal de Bussicólos*, da freguezia de Runa, e proximo á aldeia de Figueiredo, a uns 9 kilometros de Torres Vedras.

Na quinta das *Casas Novas*, perto do logar da Figueira, freguezia da Azoeira, que foi termo de Torres Vedras—tambem se acharam algumas sepulturas romanas, com os seus competentes vasos lacrimatorios, e varias medalhas.

No sitio dos *Bolores*, longe do povoado, se acharam muitas sepulturas, que eram caixões feitos com lageas avulsas, conservando ainda as ossadas. Estavam em uma pequena matta, ao Oeste do Varatojo.

Na *Azenha da Palha*, ao Oeste de Runa, e em *Santa Cruz de Riba-Mar*, tambem teem apparecido d'estas sepulturas.

Na *quinta da Rainha*, freguezia da Carvoeira, existem duas lapides, com inscripções romanas. A 1.ª diz:

D. M.
Q. FABI. F. ESTIVI.
AN. XL. ET.
Q. FABI. EVELPISII. FRATR.
AN. XXX. SIIIS. URBE. ITALI.
Q. FABIVS. ZOZIMUS. PRAE.
F. C.
L, 2.

Quer dizer:

Memoria consagrada aos deuses dos mortos. Quinto Fabio Zozimo, governador, fez construir esta sepultura, a Quinto Fabio, filho de Estivo, de 40 annos de edade, cidadão da cidade de Italia. [1]

A 2.ª, diz;

DIS. MANIBVS.
Q. GAI. C. III. Q. I. GAL. C. III.
AN, I. AEDILIS. AN. XXXX.
M. GAI. C. III. O. I. GAI. AVIII. AN. XVIII.
JVLIA. M. E. MARCILIA. MARIIO.
OPTIMO. . . IIII. Θ. PIISSIMO. DE SVO. FECIT.

Parece dizer:

Memoria consagrada aos deuses dos mortos. Quinto Gaio, consul a 3.ª vez; questor, a 1.ª; filho de Gaio Calpurnio, que foi trez vezes consul, e um anno edil, de edade de 40 annos. Marco Galo, trez vezes consul da 1.ª ordem, filho de Gaio Avito, de edade de

[1] Italia, era uma cidade romana, junto a Sevilha, e patria de alguns imperadores romanos.

18 annos. Julla Marcilia, filha de Mario, a fez pôr (a memoria) á sua custa, a seu piedosissimo e optimo marido, da 4.ª ordem.

Na parede exterior, ao lado da porta travessa da egreja matriz, de Matacães, se vê uma lapide com inscripção latina, da qual ápenas se póde lêr o seguinte:

D. M.
C......... A....... D.
AVITA AN. XVII.
H. S. E.
JVLIA. M. F. C.

Quer dizer:

Consagrada aos deuses dos mortos......
Aqui foi sepultada Avita, de 27 annos. Julia *Marcilia* (?) mandou fazer esta memoria.

Na quinta da Rainha, existe uma lapide com esta inscripção:

Q. CAE. III. Q. I. GAI. CA. C. III. AN. I. AEDILIS.
AN. IXXXX
M. CAICILI. Q. I. CAI. AVITI. AN. XVIII.
IVLIA M. E. MARCILIA. MARIIO. OPTIMO.
FILIO. PIISSIMO. DE SVO. FECIT.

Quer dizer:

Quinto Cecilio, consul pela 3.ª vez, questor a 1.ª, filho de Caio Calpurnio, que foi trez vezes consul, e um anno edil, de 41 annos de edade. Marco Cecilio, questor a 1.ª vez, filho de Caio Avito, de 18 annos de edade. Julia Marcilia, filha de Mario, mandou, á sua custa, fazer esta lapide, dedicada á memoria de seu optimo marido, e do seu piissimo filho.

Na capella-mór da ermida de S. João, junto e ao S. E. da villa, está embebida na parede exterior, servindo-lhe de alicerce, uma lapide, descoberta em 1847 (porque estava mais baixa que o terreno) e com esta inscripção:

M. IVLIO. M. F. CA.
CRESCENTI
L. VALERIVS. . ARCOS. SOCR.
EX. T. C. S. T. T. L.

Parece dizer:

Lucio Valerio, [1] *arcobricense*, seu sogro, por testamento, mandou pôr esta lapide, á memoria de Marco Julio Caio Crescente, filho de Marco. A terra te seja leve.

Tambem em 1847, na antiquissima ermida de *S. Gião d'Entre as Vinhas*, 1:500 metros a Oeste d'esta villa, por occasião de ser reedificada, se achou uma lapide, com esta inscripção:

IVLIA C. F. TON.
CETA . ANN. . XX.
H . S. . E . IVLIA . I .
F . AMOENA . AA.
TER. . F. . C.

Pouco mais ou menos — *A Julia Tonceta, filha de Caio, de 20 annos de edade. Julia Amena, sua mãe; filha de Julio, mandou fazer esta memoria.*

Parece ser uma lapide sepulchral, mas falta-lhe a formula — H. S. E. — S. T. T. L.

O Rev.mo Padre Carlos Rademaker, possue esta lapide, que lh'a deu a proprietaria da quinta de S. Gião.

—

Os montes que cercam a villa, são — ao Norte e a pequena distancia d'ella, o de *S. Vicente*, — ao Sul, o do *Cá-te-fica*, o do *Barro*, e a *Serra da Villa*, sobranceira ao formoso valle da *Varzea Grande* — ao Este, as serras *d'Almofalla*, dos *Cucos*, e do *Carrascal* — ao Oeste, a serra do *Varatojo*.

—

Pestes

Apezar da sulubridade d'esta villa e seus arredores, teem aqui havido varias epidemias, e, se não tão mortiferas como em outras partes, mesmo assim, teem causado bastantes fallecimentos.

Citarei as de que ha mais certas noticias.

1569, a chamada em Torres Vedras — *peste grande.* (Vide 4.º vol. pag. 112, col. 1.ª pr.)

1580, a *peste pequena* — foi menos mortifera.

1597 a 1598 — Vide no citado vol. e pag., col. 2.ª

1810 — morreu tanta gente d'este contagio, que foi precizo benzer-se um vasto terreno, junto á egreja de S. Miguel, para servir de cemiterio.

[1] Lucio Valerio seria natural da povoação de Arcobriga, hoje villa dos Arcos de Valle de Vez? — Vide 1.º vol., pag. 235, col. 1.ª.

1857 — a *febre amarella*. Só morreram duas pessoas, e essas mesmas, porque trouxeram o mal de Lisboa, que felizmente se não communicou a mais ninguem.

E' provavel que as differentes epidemias que grassaram por quasi todo o reino, e principalmente a denominada *Morteidade*, ou *peste grande*, que houve no reino, em 1348, tambem chegassem a esta villa, mas não consta isso de nenhum documento. (Vide 4.º vol., pag. 388, col. 1.ª e 2.ª — e 5.º vol., pag. 551, col 2.ª).

—

O sino actual do relogio da villa, foi fundido em 1739, e a torre em que elle está, foi reedificada em 1763-1764.

—

Visitas reaes

Varios soberanos, e em differentes épocas, teem visitado esta villa, e alguns reis e rainhas aqui teem residido temporariamente. Mencionarei o que consta a este respeito.

Por 36 vezes aqui teem estado os reis de Portugal; vem a ser — em

1148 — D. Affonso Henriques, quando resgatou Torres Vedras, do poder dos mouros.

1287 — A rainha Santa Isabel, mulher do rei D. Diniz, quando foi de Lisboa para Coimbra.

1300 — D. Diniz 1.º — esteve aqui em outubro, demorando-se alguns dias.

1305 — A rainha Santa Isabel, em março e abril.

1318 — A mesma rainha, aqui esteve em maio.

1318 — O mesmo D. Diniz, em junho, datando então d'aqui a sua lei, que foi depois encorporada no *Cod. Aff.*, livro 5.º, tit. 51. Voltou em outubro do mesmo anno, quando mandou edificar a egreja de S. Diniz, em *Porto Novo*, junto a Pena Firme.

1355 — D. Affonso IV — e d'aqui datou a lei de 12 de março d'este anno (era 1393 de Cesar) que se encorporou no *Cod. Affons.*, livro 5.º, tit. 59, §. 11.

1365 — D. Pedro I, em abril, demorando-se trez dias.

1367 — D. Fernando I, passando aqui quasi todo o mez de abril.

1375 — O mesmo D. Fernando, em dezembro, assistindo á festa do Natal.

1384 — 1385 — O Mestre de Aviz, depois rei, D. João I. — Veio pôr cerco a esta villa, sendo seu alcaide-mór, João Duque, castelhano. [1] Durou o sitio, desde 10 de dezembro de 1384, até 15 de fevereiro de 1385. Não podendo tomar Torres Vedras, retirou para Coimbra. Muitos individuos d'esta villa, eram então partidarios de Castella, pelo que o Mestre d'Aviz lhes consfiscou os bens, dando-os a Vasco Martins da Cunha, *o Moço*. (*Monarch. Lus.*, parte 8.ª, pag. 594.) A João Rodrigues, da Ribaldeira, deu tambem então as rendas dos judeus de Torres Vedras. (Pag. 624 da mesma *Monarch. Lus.*)

1385 — D. João I, de Castella. Depois de ter estado cercando Lisboa, por espaço de cinco mezes, sem poder tomar esta cidade, e tendo perdido muita gente, mórta nos combates e da peste, retira no principio d'este anno para Torres Vedras, e d'aqui para Santarem. De lá foi á Hespanha reunir um grande exercito, com que entrou novamente em Portugal, em julho do mesmo anno, dando a batalha e soffrendo a grande derrota de Aljubarrota, que o obrigou a fugir para Castella, a *unhas de cavallo*. (Vide *Aljubarrota*.)

1413 — D. João I, quando aqui fez reunir um conselho, para deliberar sobre a empreza de Africa; e, como teve muitos votos em contrario, deixou esquecer isto, e, em 1415, com os seus dous filhos mais velhos, e um soffrivel exer-

[1] Este João Duque, quando o rei castelhano tornou a Portugal, em 1385, se foi reunir a elle, com a gente que póde tirar de Torres Vedras, e morreu a 14 d'agosto d'esse anno, na batalha de Aljubarrota.

cito, passa a Africa, e conquista Ceuta, a 14 de agosto d'esse anno.

1433 — D. Duarte I — d'aqui datou, em 13 de abril, uma lei, que se encorporou no *Cod. Affons.*

1434 — O mesmo soberano, com sua mulher, a rainha Dona Leonor, que a 18 de setembro d'este anno, aqui teve uma filha, a infanta D. Leonor, como fica dito.

1436 — O mesmo D. Duarte. D'aqui datou a lei de 2 de outubro d'este anno, que tambem se encorporou no *Cod. Affons*.

1441 — O infante D. Pedro, regente do reino, na menoridade de seu sobrinho, D. Afso V — Tendo então logar aqui a convocação das côrtes, para decidirem sobre o casamento de Dona Isabel, filha do regente, com seu primo, o rei — e sobre outros objectos, relativos ao bom governo do reino. (Vide 2.º vol., pag. 395, col. 1.ª)

1493 — D. João 2.º — Chegando aqui logo depois da Paschoa, residiu n'esta villa por mais de trez mezes.

1496 — O rei D. Manoel, aqui esteve durante os mezes de agosto, setembro e outubro, e aqui recebeu a embaixada da então poderosa Republica de Veneza, como fica dito.

1497 — O mesmo monarcha, que d'aqui datou varios diplomas.

1518 — Ainda o mesmo soberano, que de Torres Vedras datou varios documentos.

1525 — D. João 3.º, demorando-se aqui alguns dias, elevando Torres Vedras á cathegoria de comarca.

1652 — D. João IV, demorando-se aqui alguns dias, na sua volta da praça de Peniche. Como o palacio real chamado *novo*, já estava bastante arruinado, habitou na residencia do prior de S. Pedro, contigua á egreja.

1728 — D. João V, em visita ao seu distincto valido, frei Gaspar da Encarnação, quando este era noviço no mosteiro do Varatojo.

1730 — O mesmo D. João V, para assistir ao acto da profissão do dito frei Gaspar da Encarnação, hindo d'aqui para Mafra, assistir á sagração da Basilica d'esta villa, que se realisou a 17 de novembro d'esse anno.

1760 ? — D. José I, quando foi para as Calda Rainha.

1782 — D. Maria I, seu marido e tio, D. Pedro III, e toda a familia real. N'esta jornada, descançaram e jantaram, na quinta da Bugalheira (pertencente á casa dos marquezes d'Alegrête) e que fica sobre a estrada das Caldas da Rainha, e a 9 kil. de Torres Vedras.

1797 — O principe regente, depois, rei, D. João VI, vindo do palacio de Mafra, visitar esta villa de Torres Vedras, e o seminario de Varatojo, no mez de outubro.

1806 — O mesmo principe regente : tanto na sua hida para Peniche, como na volta d'esta praça, em 6 de agosto d'esse anno.

1825 — O mesmo, porém já rei de Portugal, desde 20 de março de 1816. Regressava das Caldas da Rainha, de visitar sua filha, a infanta D. Isabel Maria.

Tinha por aqui passado dias antes, vindo de Mafra, em direcção á villa das Caldas, mas era de noite, pelo que passou sem ser visto senão por muito pouca gente da villa.

1830 — O sr. D. Miguel I, em 12 de agosto, vindo do seu palacio de Mafra, quando foi ver os magestosos conventos de Alcobaça e Batalha.

Foi recebido em Torres Vedras, debaixo de *arcos triumphaes*, tocando, nos trez que se constituiram ao cimo da rua da Olaria, no largo da Graça, a musica d'esta villa ; e subindo ao ar, muitas girandolas de foguetes, e todas as mais demonstrações de regosijo publico, como é de costume em taes occasiões.

A camara, as auctoridades e magistrados da villa, e immensa multidão de povo d'ella e arredores, o estavam esperando junto ao magnifico arco que se tinha feito á Porta da Varzea, e á sua chegada, a multidão rompeu nos

mais espontaneos e enthusiasticos vivas e acclamações.

O sr. D. Miguel I, era adorado, desde creança, por quasi todos os portuguezes; mas, para desgraça d'elles e sua, não se soube aproveitar d'esta circumstancia!

1833 — O mesmo soberano, em setembro, vindo do cêrco do Porto (ou, para melhor dizer, de Braga, que foi a sua *Cápua !*) para o assedio de Lisboa.

Descançou então, algumas horas, nas casas da *quinta do França,* que é logo á sahida da villa, sobre a estrada real de Mafra.

1848 — O sr. D. Fernando de Saxe Coburgo Gotha, esposo da sr.ª D. Maria II.

Vinha acompanhado dos seus ajudantes d'ordens e do marechal Saldanha.

Entrou no hospital da Misericordia, deixando-lhe 10$000 réis de esmola.

Por esta occasião, foi vêr o castello, o forte de S. Vicente e o mosteiro do Varatojo.

1852 — A sr.ª D. Maria II — Passou aqui no 1.º de junho, mas sem parar um unico momento, [1] quando regressava do seu passeio ás provincias do norte, acompanhada por seu marido, e pelos então infantes e depois reis, os srs. D. Pedro e D. Luiz.

Tinham pernoitado no real asylo de Runa, e foram para Mafra.

1859 — O sr. D. Pedro V, e sua esposa, a virtuosa rainha D. Estephania, acompanhados pelo sr. infante D. Luiz, hoje rei, e pelo principe de Galles, herdeiro do throno da Grã-Bretanha.

Foram vêr o forte de S. Vicente, que a camara, prevenida d'esta visita, tinha mandado reparar em parte.

Passou por baixo de varios *arcos* triumphaes, ao som de musica, e ao estrondo de foguetes, estando os vereadores e auctoridades esperando-o ao arco que se havia feito á Porta da Varzea, lendo ahi, o presidente da camara, uma arenga laudatoria, que pouco se ouviu.

Os reaes viajantes se dirigiram á egreja de S. Pedro, onde foram recebidos debaixo do palio. Fizeram oração e assistiram ao hymno *Te-Deum laudamus,* e d'aqui foram para a casa da camara, onde os esperava uma refeição que tinha vindo do real palacio de Mafra.

Visitaram o hospital da Misericordia, e o sr. D. Pedro, com a sua caridade proverbial, foi á cabeceira de todos os doentes, fallando-lhe com o maior carinho.

Foi tambem á egreja da Misericordia, onde orou com devoção e recolhimento (como tinha feito na egreja de Nossa Senhora do Amial, quando regressou do forte de S. Vicente) porque este virtuoso rei, nunca, em parte alguma, se envergonhou de ser catholico.

Deixou de esmolas, para o cofre da Misericordia, 40$000 réis — para os doentes, 20$000 réis — para os presos, 4$500 réis — e para distribuir pelos pobres das quatro freguezias da villa, 90$000 réis.

1860 — O mesmo soberano aqui esteve no 1.º de setembro (um anno e 10 dias antes da sua morte.) Vinha de visitar a praça de Peniche, para onde tinha hido de Mafra, no dia antecedente, pela estrada da beira-mar.

D'esta vez não houve tão grandes demonstrações de regozijo, pela rapidez e imprevisto da chegada e da partida.

Além das visitas que ficam mencionadas, por muitas vezes aqui estiveram differentes rainhas, donatarias da villa, principal-

[1] A rainha não vinha satisfeita com a recepção que lhe tinham feito em varias partes, pelo que passou por muitas povoações em que era esperada com demonstrações de jubilo, sem attender a ellas, e sem se demorar nem um instante. Herdou este *bello* costume, de seu tio! O sr. D. Miguel, era esperado tambem, nas povoações e pelas estradas, pelas camaras e povo, com musicas, arcos, foguetes, etc., e hia sempre correndo a *toda a brida,* sem nada se importar com isto!...

mente D. Beatriz, mulher de D. Affonso III, que gostava muito d'esta villa, e a visitava com frequencia, e aqui residia, ás vezes, muitas semanas, nos paços que mandára construir, e que depois se chamaram *paços velhos*, como já vimos.

—

Factos historicos

No dia 6 de dezembro de 1807, foi esta villa invadida por duas brigadas buonapartistas, commandadas por Charlot, e obrigados os seus habitantes a fornecerem-lhes quarteis e alimentos.

Passados poucos dias, os regimentos 12 e 15, jacobinos, sob as ordens do dito Charlot, aqui vieram estabelecer os seus quarteis. Póde fazer-se idéa do que o povo soffreu com a estada aqui, de semelhantes malvados.

Sahindo para outras localidades, nem por isso a villa ficou livre de francezes, pois eram frequentes as visitas de varios destacamentos.

—

Em 1808, deram estas hordas de ladrões *saque geral* ás pratas das egrejas, ermidas e mosteiros de Portugal.

Do concelho de Torres Vedras, receberam 5:469 marcos e 5 onças de prata; e uma onça, 5 oitavas e 36 grãos de ouro, tudo no valor de 35 contos de réis.

Na chamada *contribuição de guerra*, imposta por essa occasião, á classe commercial, coube a este concelho a quantia de 3:000$000 réis; e á comarca 8 contos.

—

Em 6 de Junho d'este anno de 1808, as tropas hespanholas do general Taranco, que estavam no Porto como alliados dos francezes, sabendo da traiçoeira prisão da sua familia real, por Buonaparte, sáem da cidade em direcção á Hespanha, e de nossos inimigos se tornam fieis alliados.

Em Bragança é acclamado o principe regente (depois D. João VI) e Traz-os-Montes e Minho, com a cidade do Porto, seguem o *movimento* restaurador.

Em breve o resto do reino—onde os francezes não tinham fortes guarnições — proclamava tambem a independencia.

Em Torres Vedras, soube-se que em Leiria se tinha já feito a acclamação, e o povo esperava com impaciencia, o momento de o poder effectuar.

Poucos dias depois, consta que Dalrimple e Wellesley tinham desembarcado com as suas tropas, nas praias da Figueira e outras, o que encheu de alegria os torrejanos.

De repente, na tarde de 17 de agosto, sabe-se que os francezes tinham sido derrotados na *Roliça* — ou mais propriamente, na *Azambujeira dos Carros* — (vide 8.º vol., pag, 224, col. 1.ª).

O general francez Delaborde, com os restos das suas tropas, passa em retirada pela quinta da Bugalheira, em direcção a Runa, onde descançam poucas horas, marchando pelo *caminho da Cabeça;* mas toda a noute passavam por esta villa, soldados francezes dispersos e estropiados.

Quando o povo esperava que no dia seguinte, entrassem os alliados, chega uma ordem do trucolento Junot, para que se apromptassem viveres e forragens para todo o exercito, e, pelas 3 horas da tarde, o mesmo Junot entra na villa, com todo o seu estado-maior, e uma forte escolta de cavallaria, que immediatamente occupou todas as avenidas da povoação, não deixando sahir ninguem sem passaporte do governador da praça.

Os officiaes de estado maior, aquartelaram-se na villa, e as tropas que foram chegando pouco a pouco, acamparam nos arrabaldes.

Por esta occasião muitos *jacobinos portuguezes*, aqui se vieram reunir aos francezes, para se subtrahirem á justa vingança das suas victimas.

O exercito francez contava 20:000 homens, além do grande numero de aggregados. Junot, mandou publicar pela villa, um pregão, para que todos os seus habitantes e os dos arrabaldes apresentassem **todos** os comestiveis e forragens que tivessem, procedendo-se a um rigoroso exame, *impondo a pena de morte e o incendio das casas, àquel-*

les que subtrahissem qualquer genero alimenticio.

No dia 19 de Agosto, sahiu pela estrada da Lourinhan o Junot e outros generaes (entrando n'este numero Delaborde — o derrotado na Roliça — que se lhe havia reunido) com seus repectivos ajudantes d'ordens, para observarem a situação do exercito alliado.

Souberam então pelos seus espiões, que nas aguas de Peniche, Consolação, S. Bernardo, Paymogo, etc. estava o mar coberto de transportes inglezes, e que o exercito alliado estava acampado no Vimieiro e suas immediações.

Regressaram a Torres Vedras, e na tarde seguinte (20) fez reunir os generaes em conselho, e, em resultado da sua decisão, logo pelas 5 horas da tarde d'esse mesmo dia, todo o exercito francez, marchou pela estrada da Lourinhan, na intenção de atacar os alliados, no seu acampamento.

Pelas 9 horas da manhan do dia seguinte (21) principiou-se a ouvir troar a artilheria na direcção do Vimieiro, e pouco depois chegaram á villa alguns jacobinos com a noticia de que os alliados tinham soffrido uma grande derrota; mas em breve alguns soldados feridos e os que os escoltavam, confessaram que o exercito francez tinha sido derrotado.

Na noite d'esse dia 21, principiou a chegar o exercito francez, acampando nos mesmos logares que tinha occupado antes da batalha.

Foi tão grande a derrota d'estes soldados piratas, que algumas companhias chegaram commandadas por cabos de esquadra, por terem morrido, ou ficado prisioneiros, os seus officiaes e sargentos.

O grande trem de artilheria com que tinham sahido d'esta villa, chegou, reduzido a tres bôccas de fogo!

Apesar d'isto, Junot obrigou os habitantes da villa a illuminarem as suas casas, pela grande victoria que — dizia elle — tinha obtido no Vimieiro; e o imprudente *La Garde* (um dos maiores ladrões que tinha o exercito francez) mandava ao juiz ordinario um officio, com o *Boletim do exercito*, dizendo-lhe que só acreditasse o que elle dizia.

Apezar d'estas ridiculas imposturas, logo no dia 22, em resultado do conselho de guerra, presidido por Junot, pediram os jacobinos a capitulação, que lhe foi concedida.

O mais que respeita a este facto historico fica apontado n'este volume, col. 1.ª de pag. 202, e vae mais circumstanciadamente narrado na palavra *Vimieiro*, o 2.º

Nos preliminares da capitulação, foi o Sizandro julgado linha de separação entre os dous exercitos, ficando esta villa neutral.

O exercito alliado chega ás alturas do Amial e do Ramalhal, e muitos dos seus aggregados chegaram á villla, cujos habitantes patentearam o seu jubilo par todas as demonstrações do costume, e as suas auctoridades, foram immediatamente comprimentar os generaes inglezes.

As tropas britannicas vieram occupar as alturas ao N. e ao N.O. da villa, desde o logar de *Sarges*, até á planicie que fica a S. E. da aldeia do Paúl, na baixa do monte do Varatojo, a 2 kilometros da villa.

Ao mesmo tempo, a brilhante divisão portugueza, se adiantou pelo flanco direito, saindo da Lourinhan para o logar da Encarnação, d'onde marchou para Mafra, marchando o exercito inglez escalonado, pelas estradas de Sobral do Monte Agraço, Bucellas, Enxara dos Cavalleiros e d'ahi para Lisboa.

A divisão portugueza, desgostosa com a inqualificavel convenção, chamada de Cintra, queria perseguir os francezes, até ao seu total exterminio, porém o general Bernardim Freire, poude conter as suas tropas e a desastrosa convenção foi levada a effeito.

Vê-se pois, que com pequeno intervallo, tres exercitos, (francez, inglez e portuguez) occuparam esta villa e seus arrabaldes, causando grande destruição nos fructos; mas o anno de 1808 foi tão abundante, que os habitantes d'estas terras não soffreram falta de productos agricolas.

Grandes foram as demonstrações de alegria dadas pelos habitantes d'esta villa, á restauração de Portugal, illuminando por muitas noites successivas as suas casas, fazendo pomposas festas de egreja e outras.

—

A *Junta suprema do governo do reino* mandou aqui o tenente coronel do Real Corpo de Engenheiros, Cypriano José da Silva, acompanhado de um tenente do mesmo corpo, para procederem á reconstrucção das antigas obras de defeza, no que se empregaram alguns mezes, mesmo antes da construcção das famosas *Linhas de Lisboa.*

Por esta occasião, se organisou aqui um corpo de artilheria de 3.ª linha, que veio a fazer grandes serviços á patria, e que mereceram, não só os devidos elogios do povo, mas os do governo, como se póde vêr nas ordens do dia de 3 de maio de 1811 e 16 de abril de 1813.

—

Em 4 de outubro de 1810, se espalhou na villa a noticta de que o exercito alliado retirava para Lisboa, depois das batalhas do Bussaco, o que aterrou os seus habitantes, muitos dos quaes fugiram para a capital, apezar das grandes fortificações que defendiam Torres Vedras.

Felizmente os francezes estacaram a 12 kilometros da villa, e apenas alguns piquetes chegaram, em *reconhecimento,* á distancia de 3 kilometros.

Por este tempo a villa e seus arrabaldes foram cobertos de tropas portuguezas e inglezas.

A chuva torrencial que cahiu nos dias 7 e 8 de outubro d'esse anno de 1810, obrigou as tropas a recolherem-se nas casas da villa (pela maior parte abandonadas.)

Os soldados portuguezes e inglezes, não só devoravam os fructos que ainda estavam pelos campos, principalmente, vinho e azeite, como os que havia nos celleiros publicos e particulares.

Não se limitaram a isto, pois saquearam a maior parte das casas (roubando até a sua mobilia) e destruiram os cartorios publicos e livrarias particulares.

Os soldados inglezes (e mesmo muitos dos portuguezes!) saquearam as egrejas da villa, de modo que, á exepção da da Misericordia, n'ellas se interrompeu o culto divino. Os seus archivos foram destruidos; os templos estavam servindo de quarteis militares, e alguns até reduzidos a açougues.

Quando os francezes retiraram, a 14 de novembro, para Leiria e Santarem, o vigario da vara, obteve do general inglez, governador d'esta praça, que se despejasse a egreja de S. Pedro, por ser mais central, a qual, d'esde 2 de fevereiro de 1811, ficou servindo de parochial de todas as freguezias da villa, d'onde cada parocho administrava os sacramentos aos seus freguezes.

As outras egrejas matrizes, se foram despejando e purificando, tratando-se com solicitude dos seus reparos, de maneira que se abriram ao culto, no domingo de Paschoella.

Foi por esta occasião que teve logar o contagio que fica referido em outro logar, e ao qual deveu origem a miseria causada pela guerra.

Além de outras providencias, tomadas para se extinguir este contagio, a Inglaterra fez aos habitantes d'esta villa e arrrabaldes, varios donativos, que todos attingiram a somma total de 8:200$000 réis, e 300 pares de cobertores.

O cardeal patriarcha, eleito de Lisboa, D. Antonio de S. José de Castro, filho natural do conde de Rézende (4.º vol., pag. 278, col. 2.ª no fim) mandou 180 alqueires de trigo, para serem distribuidos pelos pobres mais necessitados.

A Regencia, mandou ferro para os carros dos lavradores pobres, e no anno seguinte (1812) 240 alqueires de milho para sementes e para os doentes pobres; e pouco depois 600 alqueires de trigo, e outros 600 alqueires de cevada, por emprestimo tambem para sementes.

O donativo dos 8:200$000 réis do governo britannico, foi assim distribuido —

Pelos habitantes pobres do concelho	1:000$000
Para o hospital da Misericordia	400$000
Para o Hospital da Aldeia Gallega da Merceana...	400$000
Para o hospital de Arruda dos Vinhos	600$000
	2:400$000

Transporte....	2:400$000
Para os habitantes da villa d'Arruda............	880$000
Para os habitantes de Pêro Pinheiro, freguezia da Sapataria............	270$000
Para os orphãos desamparados, do concelho de Torres Vedras........	800$000
Para os mesmos, mais [1] ..	1:000$000
Para a roda dos expostos.	200$000
Para os lavradores pobres da comarca [2].........	494$900
Somma...	6:044$900

O resto do donativo (2:155$100 réis, foi repartido pelos pobres mais necessitados do termo do Torres Vedras.

Hospitaes e Albergarias

Houve antigamente n'esta villa um hospital, da invocação do *Espirito Santo.* [3] Ignora-se quando e por quem foi fundado, só se sabe que o foi em eras remotas, e que, além de outros fundos, possuia umas boas casas, sufficientes para n'ellas serem tratados alguns doentes.

Ainda era florescente, quando o rei D. Manoel estabeleceu as irmandades da Misericordia, por todo o reino.

Por uma carta d'este monarcha, datada d'Evora, a 26 de Julho de 1520, se mandou estabelecer nas taes casas do antigo hospital, a nova irmandade da Misericordia, passando para esta, todos os bens e rendas do Espirito Santo—o da *Confraria das ovelhas dos pobres* (instituindo *mistico* com a egreja de Santa Maria do Castello, e tambem antiquissimo)—o de São Gião (instituido pelos sapateiros d'esta villa, em 1359, com seu (*compromisso*) [1] —e o tambem antigo hospital do Machial.

Note-se que, quando o hospital do Espirito Santo se constituiu em Hospital de Misericordia, já a ella estava incorporado outro antiquissimo hospital chamado de *Santa Maria dos Farpados*, que estava no largo de N. Senhora do Rosario, na rectaguarda da egreja de S. Pedro, onde hoje ainda existe a sua ermida.

O hospital do Espirito Santo, tinha de rendimento—347 e meio alqueires de trigo e

---

[1] Este 1:800$000 réis, foi empregado em pensões para ensino de alguns orphãos, a officios mechamicos e para creação e educação de outros.

[2] Esta quantia foi assim distribuida—

Concelho de Torres Vedras..................	109$275
Dito da Ribaldeira (hoje supprimido)..........	51$150
Dito do Cadaval.........	120$125
Dito de Villa Verde dos Francos (hoje supprimido)..................	112$050
Dito do Sobral do Monte Agraço (tambem supprimido)................	102$300
Somma...	494$900

[3] Tenho notado em grande numero de povoações d'este reino, a existencia de antiquissimos hospitaes da invocação do Espirito Santo, que no fim do seculo XV e principio do XVI, se transformaram em *Misericordias*, o que prova que, antes do reinado de D. Manoel, havia em Portugal muitos estabelecimentos de caridade.

[1] O hospital de S. Gião e a sua ermida, que era *mistica*, estavam na chamada *Varzea da Feira* (por aqui se fazer uma feira no dia de S. Pedro) a par de Santa Maria do Amial, da parte direita da rampa por onde se desce para a dita Varzea, depois de passada a *ponte da Mentira.*

Por causa das inundações do Sizandro, foi depois mudado para dentro da villa, na rua hoje chamada dos *Pelomes*, que no tempo d'esta mudança se chamava *Rua de Antão de Oliveira.* A ermida de S. Gião, ainda ficou na Varzea, mas pelo mesmo motivo, a Misericordia a mandou demolir, para com os seus materiaes se fundar a actual, á sahida da villa pela porta da Corredoura, junto á estrada real que vae para Runa e povoações do Riba-Tejo.

Aqui mesmo, por se ter levantado, por vezes, o nivel da calçada, ficou sugeita ás inundações, de modo que, em 1844, estava quasi em completa ruina. A Misericordia a mandou reedificar, sendo entulhada, e a sua porta levantada, para ficar superior á calçada. Em quanto duraram as obras, esteve a imagem do padroeiro, na casa da *Quinta das Covas*, e é proxima.

105 e meio de cevada, 36 almudes de vinho, trez potes de azeite, 2 óvos, 24 gallinhas, 13 frangos, e 11$532 réis em dinheiro.

O da *Confraria das ovelhas dos pobres*, tinha de renda — 101 alqueires de trigo, 42 de cevada, 1 carneiro, 2 gallinhas, 2 frangos, e 710 réis em dinheiro.

Alem d'estas rendas, tem tambem varias esmolas e legados, e os sobejos de todos os outros hospitaes e albergarias do termo, depois de satisfeitos todos o seus encargos pios; mas d'estes *sobejos* ha muitos annos que, por desmazéllo, nada se recebe.

Havia tambem man-posteiros nas differentes fréguezias do arciprestrado, nomeados pela Misericordia, que pediam esmolas para ella.

Mais — em todas as egrejas, mosteiros e ermidas da villa e seu termo, havia *arquêtas* (cofres) em que os fieis lançavam esmolas para a *Santa Casa*; e ainda, pelo tempo das colheitas, se pediam esmolas pelas eiras, aos lavradores.

Em tempos antigos, parte das multas ou côimas, impostas pelas justiças, eram para a Misericordia, e até ainda ha poucos annos os irmãos pediam pela villa, esmolas para os presos.

Com estes rendimentos, a que depois se juntaram os da ermida de Nossa Senhora do Amial, em 1595, se sustentaram os encargos da *Santa Casa*, até 1613, anno em que poz algum capital a juro.

Por morte do usofructuario da quinta de *Valle de Gallêgos*, deixada á Misericordia pelo prior da Ventosa, como vimos atraz, fica a Misericordia em um estado florescentissimo.

Então se collocou na parede exterior do lado direito da porta principal, uma lapide, com esta inscripção —

NOC SACELLUM A SUTORIBUS
HUJUS OPPIDI ERECTUM EMPORIO
DIVI PETRI AERA CAESARIS 1397
DEINDE HUC A MISERICORDIA
TRANSLATUM ANNO CHRISTI 1586
AB IPSA INSTAURATUM EST. M. JUNII
1844

Isto é — Esta capella, foi edificada pelos sapateiros d'esta villa, no campo da feira de S. Pedro, na era de Cesar 1397, e depois, transferida para aqui, pela Misericordia, no anno 1586 de J. C., foi pela mesma reedificado em 1844.

Por baixo d'esta lapide, está outra, que era a da antiga ermida. Tem esta inscripção —

ESTE OSPITAL HE OBRIGADO PERA SEMPRE
TER HU CAPELÃ Q. DIGUA MHISA CADA
DOMINGO AOS CÕFRADES DE SÃ GIÃO HEM
A SUA CAPELA E GIRA Ã CLETA
DE INCLINA DNE E FIDELIUM DEVS.

Em 1734, ainda na parede d'esta ermida, existia um tumulo, que se suppõe ser do instituidor.

Com o aterramento da capella, ficou debaixo da terra, e não ha d'elle outro esclarecimento.

Antigamente, fazia o povo de Torres Vedras uma pomposa festividade a S. Gião, com missa solemne; sermão de manhan e de tarde; ladainha; e, depois, varios leilões, cujo producto era applicado para o culto do padroeiro. Havia tambem então, cavalhadas, jogos (*folias*) e outros divertimentos usados n'esse tempo.

Hoje, nem a Misericordia, nem o povo já fazem semelhante festa; nem até já alli se diz missa aos domingos, ao que era obrigada a Misericordia, segundo as obrigações contrahidas quando tomou pósse da ermida e do hospital.

Os rendimentos do hospital e ermida de S. Gião, eram — 31 alqueires de trigo, 4 gallinhas, um frango, e 1$640 réis em dinheiro.

O hospital do Machial, se chamava tambem de *João Gil*, porque o seu instituidor se chamava *João Gil Cuchifel*, e morava com sua mulher (e cofundadora) na aldeia da Ermigeira, freguezia do Machial.

A data da fundação e compromisso d'este hospital, é de 8 de Junho de 1472.

Apezar do rei D. Manoel o ter annexado á Misericordia em 1520, houve opposição, e só se encorporou, de facto, por ordem do governador civil do districto, em 1859.

Sobre a porta principal d'este hospital, ainda se lê esta inscripção —

NO AN.º DE 1635
SE REEDIFICOV
ESTE HOSPITAL
DE J.º GIL CVCHIFEL.

—

Pelo decursodo tempo, crescendo o numero dos doentes, que já não cabiam nas duas enfermarias (uma para homens e outra para mulheres) do antigo hospital do Espirito Santo, a Misericordia comprou a casa nobre que lhe ficava contigua, ao sul, e logo para as suas salas se transferiram os doentes.

Depois, foi reformada esta nova casa, com quatro enfermarias: a de medicina, a de cirurgia, a das mulheres, e a dos convalescentes — esta, feita em 1854 — nas quaes ha capacidade para 71 camas.

Tem um medico, que recebe de ordenado 120 alqueires de trigo e 36 de cevada — e dous cirurgiões, cada um com 50 alqueires de trigo e 12 de cevada.

Por uma provisão regia, do principe regente (depois D. João VI) se mandou estabelecer a botica da Misericordia, mas só se cumpriu esta provisão em 1814. Custou á Santa Casa, 1:109$650 réis.

O boticario, recebeu a botica provida de todos os remedios e vasos precisos, por um inventario, e assim deve entregar tudo, no fim do seu contracto. Tem obrigação de dar, gratuitamente, todos os medicamentos necessarios, e a casa lhe dá de gratificação, 70$000 réis annuaes, e lenha para a botica; mas com a obrigação de pagar-lhe os remedios que abonar aos doentes pobres que não estão no hospital, e as bixas para os doentes d'elle. Recebe tambem o custo dos remedios para os doentes que pagam no hospital, o seu tratamento, e dos militares n'elle tratados.

Em cumprimento de legados, a casa dá a 8 de setembro de cada anno, o dote de réis 30$000, e em quinta-feira santa, o de réis 24$000, para casamento de duas orphãs pobres.

O dote de 30$000 réis, é em cumprimento do legado do padre Domingos Francez; mas a casa já deve muitos d'estes dotes, e menos dos de 24$000 réis.

Tem mais obrigação de dar outro dote de 24$000 réis, com a mesma applicação, de 6 em 6 annos. É proveniente do legado que deixou Seraphina Henriques, e é um foro imposto em uma morada de casas que a doadora possuia n'esta villa, e que deixou á Misericordia.

O rendimento annual da Misericordia, regula, termo medio, por 4:300$000 réis, e a despeza, por 3:500$000 réis.

Na verba da despeza, entra o cumprimento de muitos legados pios.

A egreja da Misericordia, é um bom templo, e a sua magestosa sochristia, foi mandada construir pelo provedor que serviu em 1751 e 1752, como consta do inscripção que está sobre o arco que divide a sachristia do lavatorio, e diz —

ESTA OBRA E A DO CORREDOR, MANDOU FAZER
O ILL.mo SNR. NUNU DA SILVA TELLES,
SENDO PROVEDOR,
NO ANNO DE 1751, PARA 52.

Esta inscripção está sobre um retabulo de talha dourada, com as armas dos marquezes de Alegrête, que são — escudo esquartellado, no 1.º e 4.º, o annel dos Menezes, e no 2.º e 3.º, o leão dos Silvas.

Este Nuno da Silva Telles, era neto do conde de Villar-Maior, Manoel Telles da Silva, que D. Pedro II fez 1.º marquez de Alegrête, em 19 de Agosto de 1687.

Esta inscripção, não é mais do que um acto de servilismo dos irmãos — A obra nem foi feita á custa do tal provedor, nem foi *feita*, mas simplesmente *concluida* no seu tempo, pois que principiou em 1747.

Estando a antiga egreja do Espirito Santo muito arruinada, foi demolida, construindo-se a actual, lançando-se-lhe a primeira pedra, em 19 de março de 1681, e concluindo-se em 1710.

Tem a porta principal virada para o nascente, e recolhida uns 7 metros da face da rua que se chamava do Espirito Santo, e hoje se chama da Misericordia. O seu adro, hoje lageado de pedra, no qual, antes de se fazer o cemiterio proprio e mistico, se enterravam até 1849, as pessoas que morriam no hospital. N'elle, e em frente da porta da

egreja, está uma campa com a inscripção já ilegivel, mas sabe-se que é de Bernardo Simões da Veiga, bemfeitor da casa.

Sobre a porta da egreja, estão as armas reaes, esculpidas em pedra.

O templo é de abobada, de uma só nave, muito claro e magestoso. No côro ha um orgam, feito no seculo XVIII, que custou 300$000 réis.

As paredes interiores da egreja, desde o pavimento até á altura de uns 3 metros, são revestidas de formosos azulejos, com scenas da vida de N. Senhora.

Do corpo da egreja se sobe, por alguns degraus de marmore para a capella-mór, cujo pavimento é lageado de marmore preto e branco, em xadrez; havendo por baixo d'elle, trez carneiros, que se communicam entre si.

Finalmente, é uma das mais sumptuosas egrejas da Misericordia, do patriarchado.

Sendo prevedor, o principal Silva, tambem da casa de Alegrête, sollicitou e obteve um juiz privativo, para as cobranças das dividas á casa, com privilegio executivo, como a Misericordia de Lisbôa; isto por dous alvarás de D. Maria I, ambos datados de 12 de outubro de 1790, e que estiveram em execução até 1834.

Ha no termo de Torres Vedras, nada menos de 12 albergarias, são nos locaes seguintes — *Aldeia Grande*, na freguezia do Machial — *Fulgarosa*, na freguezia dos Dous Portos — *Ribaldeira*, na mesma freguezia— *Carvoeira* — *Matacães* — *Villa Facaia* — *Ventosa* — *S. Pedro da Cadeira* — *Turcifal* —*Azueira* — *Enxara do Bispo* — e *Torres Vedras*.

Quasi todas estas albergarias teem a sua esmida e casa para o eremitão, que dará agasalho aos transuentes que d'ella se queiram aproveitar, e aos quaes se dará luz, agua, cama e lenha.

Tudo isto acabou com as luzes do seculo, em que ha *associações protectoras de animaes* e se extinguiram estas casas de asylo para homens!

As ermidas d'estas albergarias, estão quasi todas em ruinas, e as casas ou estão desmantelladas, ou se applicaram a outros usos.

O pequeno hospital ou — verdadeiramente *albergaria do Espirito Santo*, do Machial, passou para a Misericordia da villa, juntamente com o hospital, chamado *Grande*, de João Gil Cuchifel.

—

Mais quintas de Torres Vedras e seu termo.

Alem da formosissima *quinta das Lapas*, hoje dos snrs. marquezes de Penalva, e da qual já tratei, ha mais as seguintes —

1.ª — *Quinta da Rainha*. E um praso de vidas, foreira ao real convento de Santa Maria de Cellas, extramuros de Coimbra. Compõe-se de 16 herdades, compradas a differentes possuidores, pelas infantas, santa Sancha, freira em Lorvão, e sua irman, santa Thereza, rainha de Leão, e depois de separada de seu marido, tambem freira em Lorvão; ambas filhas do nosso D. Sancho I (Vide *Lorvão*)

Effectuaram-se estas compras pelas referidas infantas, quando com a abbadessa e mais religiosas d'aquelle convento, residiram na villa de Alemquer, entre os annos 1225 a 1234 (1263 a 1272 da era de Cesar.)

Em uma d'estas 16 herdades, mandou construir a dita santa Thereza, umas casas, que ainda existem, e n'ellas residiu algum tempo, antes de hir para Lorvão. Foi por isso que a esta herdade, que se chamava *Baraçal*, se deu desde então o nome de *A da Rainha*.

A mesma santa Thereza, doou estas herdades ás freiras de Cellas, que as emprazaram todas a João Pedro, Martinho João, e Estevam João, e suas mulheres, sendo abbadessa, D. Elvira Lopes, por *carta de foral*, passada aos 3 antes dos idos de setembro (11) da era de 1312 (31 de agosto de 1274 de J. C.) com a obrigação de pagarem ás religiosas, o quarto de todos os fructos que produzissem as mesmas herdades, menos as favas e as ervilhas.

Por este aforamento, ficou a propriedade dividida em trez casaes.

Os liberaes venderam este fôro, que é hoje do sr. José Guaudencio Ferreira Cró, da cidade de Lisboa, que julgo já fallecido.

N'esta quinta teem apparecido algumas lapides com inscripções romanas, que já ficam mencionadas no logar competente.

2.ª — *Quinta da Ribeira de Maria Affonso.* É uma bôa e antiquissima propriedade, hoje do sr. José Felix d'Almeida Carvalhosa. Tambem aqui se achou uma lapide com inscripção romana, da qual já fallei.

3.ª — *Quinta de S. Gião d'entre as vinhas.* Está junto á ermida d'este santo, e nas faldas da serra do mesmo nome.

Teem tambem aqui apparecido objectos antiquissimos, e medalhas romanas, que já ficam mencionadas no paragrapho *Antiguidades.*

4.ª — *Quinta da Bugalheira.* Fica a 8 kilometros da villa, sobre o caminho das Caldas da Rainha. Foi dos marquezes de Alegrête, e é actualmente dos senhores marquezes de Penalva.

Nas casas d'esta quinta, estava hospedada, em 1782, a rainha D. Maria I, seu tio e marido, D. Pedro III, toda a sua real familia, e o seu numeroso sequito.

Em memoria d'esta visita, se collocou sobre a porta da sala em que suas magestades e altezas jantaram, uma lapide, com esta inscripção —

MIARIAE I., ET PETRO III. LUSITANIAE REGIBUS,
OMNIQUE REGIAE FAMILIAE, CUM IN
OPPIDUM, CUI A THERENIS NOMEN, ITER
FACERENT, INDEQUE REVERTERENTUR, SEMEL
HIC ITERUMQUE HOSPITIO EXCEPTIS MUNIMENTUM HOC MARCHIO DE PENALVA,
ET COMES DE TAROUCA.
POSUERE
OPTIMORUM PRINCIPUM GRATIAM,
DOMUSQUE HUJUS GLORIAM ET
MEMOREM IPSORUM ANIMUM
POSTERIS TESTATURUM ANNO DOMINI
MDLXXXII.

Está quinta e a sua ermida de S. José, são obras de D. Nuno da Silva Telles, thesoureiro-mór da collegiada de Guimarães, sumilher da cortina, de D. João v, reitor da Universidade de Coimbra, deputado do Santo Officio, da Inquisição de Lisboa, e da Mesa da consciencia e ordens, e depois, do conselho do rei e do geral do Santo Officio. Conego da Sé d'Elvas, censor e secretario da Academia real de historia portugueza.

O fundador, annexou toda a fazenda da Bugalheira, ao vinculo de seu sobrinho, D. Fernão Telles da Silva, 5.º conde de Villar-Maior, e 4.º marquez de Alegrête.

5.ª — *Quinta das Fontainhas,* proxima á villa. Pertence á familia de Manoel Agostinho Madeira Torres, auctor da *Descripção historica e economica da villa e termo de Torres Vedras*—impressa em tomo 6.º, parte 1.ª, das *Memorias da Academia real das sciencias de Lisboa,* em 1819.

É um livro curiosissimo, mas sobremaneira confuso e atrapalhado, collocando o mesmo topico em differentes partes da obra; sendo pouco explicito em alguns pontos, e n'outros excessivamente prolixo: todavia, é obra de grande merecimento, e que me serviu de muito para a confecção d'este artigo.

Em 1797, o principe regente — depois D. João VI — sua esposa, a então princeza D. Carlota Joaquina, e seu filho, o infante D. Pedro, descançaram e jantaram n'esta quinta.

Em memoria d'esta honra, Luiz Antonio Madeira, então proprietario da quinta e pae do dito Manoel Agostinho Madeira Torres, mandou gravar em uma lapide de marmore e collocar na casa da quinta, esta inscripção —

SUAS A A. REAES,
O SER.mo PRINCIPE, O SR. D. JOÃO,
E A SR.ma D. CARLOTA JOAQUINA,
E O SR. INFANTE D. PEDRO CARLOS,
JANTARAM N'ESTA QUINTA
NO DIA 16 DE OUTUBRO
DE 1797.

6.ª — *Quinta do Franca.* É logo á sahida da villa, na estrada real que vae para Mafra. Como já ficá dito no § — *Visitas reaes,* aqui esteve em 1833, o sr. D. Miguel I com suas augustas irmans as sr.as infantas, D. Isabel Maria, e D. Maria d'Assumpção.

7.ª — *Quinta da Ribaldeira.* Foi da Rainha D. Brites, filha de Affonso x, de Castella, e 2.ª mulher do nosso D. Affonso III, senhora de Torres Vedras, e fundadora dos *Paços velhos,* e capella real annexa. O rei lhe deu o senhorio de Torres Vedras, e a sua alcaidaria-mór, assim como os padroados das quatro egrejas matrizes, por doação de 22

de Janeiro de 1279, [1] como refere a *Monarchia Lusitana.*

7.ª — *Quinta de Villa Pouca.* É muito antiga. D. Affonso III, deu esta propriedade a seu filho bastardo, D. Affonso Diniz, filho de Maria Pires, da Enxara do Bispo, [2] progenitor dos Souzas, condes de Miranda do Corvo, e outras familias nobres d'este reino. (*Hist. genealogica da casa real*, tomo 6.º, pag. 191.)

Esta quinta foi coutada em 1380, por D. Fernando I, a Affonso Annes Nogueira, filho do *mestre Joanne*, vassallo do mesmo soberano, como o tinha sido a outros fidalgos seus ascendentes, e que procediam do dito D. Affonso Diniz.

A aldeia e quinta da Villa Pouca, são na freguezia da Enxara do Bispo, hoje do concelho de Mafra, mas é no antigo termo de Torres Vedras, por isso a menciono aqui, pois não foi no logar competente.

Esta quinta pertence hoje á casa dos marquezes de Borba, condes do Redondo.

8.ª — *Quinta da Conceição*, e capella annexa, de N. Senhora da Conceição, que lhe dá o nome. Está junto ao logar da Caixaria, freguezia de Dous Portos, ou Ribaldeira, a 9 kil. de Torres Vedras. É uma vasta propriedade, comprehendendo, vinhas, terras de pão, hortas, pomar e uma boa matta. A casa não corresponde á grandeza da quinta, pois é um palacete, ainda por concluir; mas a sua capella é bonita e tem bellos marmores de varias cores. Tem sacrario, no qual está o S. S. Sacramento, quando aqui reside a familia Lavradio, e tem capellão permanente.

Os marquezes do Lavradio, herdaram esta propriedade dos seus ascendentes, Alarcões, antigos alcaides-móres, de Torres-Vedras, como vimos.

Os marquezes do Lavradio, condes de Avintes, aqui costumam vir passar alguns mezes do verão e do outono, e aqui falleceu, como fica referido, sr. D. Antonio d'Almeida Portugal d'Alarcão e Mello, 5.º e ultimo (até hoje) marquez do Lavradio.

9.ª — *Quinta de Santa Margarida.* É á entrada da aldeia do Varatojo, da freguezia de S. Pedro d'esta villa.

Dos palacios que aqui tiveram alguns fidalgos, o da quinta de Santa Margarida é o unico que ainda conserva alguns signaes de sua antiguidade e nobreza. O seu palacio foi dos marquezes do Louriçal, condes da Ericeira, e pertence hoje ao sr. conde de Lumiares. Ainda existe este palacio, posto que em bastante ruina, com a sua cêrca annexa, onde ha vestigios de antigos cannos e tanques d'agua e bem se vê que foi logar de recreio. Hoje é um praso foreiro á casa de Lumiares, do qual é emphiteuta, Antonio Thomaz Nunes, do Varatojo.

Fóra dos muros da quinta, ao N., está a ermida da Santa que lhe dá o nome, e que pertence á mesma quinta.

Desde a invasão franceza de 1810, tem a porta tapada de pedra e cál. Sobre esta porta, ainda se lê uma inscripção que diz —

D. MARGARETAE
SACRO ANO M. D.
LXVII INSTAURATU

(Dedicada a Santa Margarida e reedificada no anno de 1567.)

Esta quinta, tinha sido de Alvaro Peres de Andrade, um dos irmãos do padre e famosissimo doutor em theologia, Diogo de

---

[1] D. Affonso III, só viveu 25 dias depois d'esta doação, pois falleceu em Lisboa a 16 de fevereiro d'esse anno.

[2] D. Affonso III, teve nada menos do que DESESEIS filhos, 7 legitimos e 9 bastardos. Os legitimos foram (por ordem das edades) — *D. Branca*, abbadessa de Lorvão e das freiras Huelgas de Burgos — *D. Fernando*, que morreu de pouca edade — *D. Diniz*, seu successor — *D. Affonso*, que casou com D. Violante, filha do infante D. Manoel e neta de D. Fernando III de Castella — *D. Sancha*, *D. Maria*, e *D. Vicente*, que morreram creanças.

Os bastardos, foram — *D. Fernando*, cavalleiro do Templo — *D. Affonso Diniz*, o do texto — *D. Martim Affonso*, ascendente dos Souzas, condes do Prado — *D. Gil Affonso*, *D. Leonor*, *D. Urraca*, outra *D. Leonor* — *D. Pedro Affonso*, conego de Santa Cruz de Coimbra — *D. Rodrigo Affonso* conego tambem de Santa Cruz, e prior de Santa Maria da Alcáçova, de Santarem.

Paiva de Andrade, [1] e tio de outro Diogo de Paiva de Antrade, filho de seu irmão Francisco d'Andrade, chronista-mór do reino, natural de Lisboa, onde nasceu, em 1576, e ahi falleceu, em dezembro de 1660.

Este Diogo de Paiva de Andrade, sobrinho do theologo, tambem foi um escriptor distincto, sendo a sua principal obra, o *Exame de antiguidades*, publicado em 1616; e depois d'ella, o poema, em latim, intitulado *Chauleidos*, em que descreve o *cêrco de Chaúl*, na India, sustentado por D. Francisco de Mascarenhas, em 1570.

É mais provavel que esta quinta pertencesse ao sobrinho.

O certo, é estarem ainda as armas dos Andrades sobre o portico que dá entrada para o grande pateo que precede o palacio.

10.ª — e 11.ª — Quintas *do Clavel* e *da Gaga* proximas á villa, e na freguezia de Santa Maria do Castello. (A quinta do Calvel tem a ermida de N. Senhora da Saude. Foi dos condes de Farrobo.)

12.ª, 13.ª, 14.ª, e 15.ª — *Quinta das Fontainhas de Cima, das Fontainhas de Baixo, da Rosa* e *Quinta Nova*, todas no districto da freguezia de S. Miguel. Nenhuma d'ellas tem cousa digna de menção.

16.ª — *Quinta da Rega* — á sahida d'esta villa, pela *Corredoura*. Na frente das suas casas, em ruinas, ainda se vê o brasão dos Godinhos. A esta familia pertence hoje a da *Cêrca*, procedente de José Manoel Godinho Machado de Campos — e a dos Cordeiros Torres, do Sanguinhal, descendentes de Antonio Pedro da Silva Torres.

Além d'estas 16 quintas, ha ainda outros n'este termo, das quaes não pude obter noticias.

Casaes

N'esta mesma freguezia de S. Miguel, ha 26 casaes que são — *Casa do Eremitão, Casal de S. Miguel, Azenha dos Cucos, do Trigoso, do Vinagre, da Bôa-Visia, do Macêdo, das Barradas, da Palhoça, Fonte Nabôa, Valle da Ordem, Palheiros, da Cruz, da Torre de Cima, da Torre de Baixo, Zambujal, Parafuja, Vespeira, Azenha das Flores, Covão, Portella da Villa, Repelão, Calcachão, Mauricio, João dos Rios, e Penêdo.*

No districto da freguezia de Santa Maria do Castello, ha 20 casaes, são — o *do Charrino, Pedrulhos, Adegas, Carrasqueira, Regueiros, Outeiro, Serra, Gallegueira, Souto, Alfaiate, Valle-Verde, Roque, Padre Roque, Charneca, Almieira, Láge, do Rijo, Oliveiras, S. Gião das Mattas, e do Rocio.*

No districto das outras duas freguezias, tambem ha varios casaes, que não menciono, por d'elles não obter noticias.

A praça, e os largos, a casa da camara e a cadeia

Tem esta villa, nada menos de seis praças ou *largos* (todos muito *estreitos*) — são —

1.º — *A Praça do Pelourinho*, no centro da povoação. Éra um pequeno terreiro, onde está a casa da camara e a cadeia; e onde esteve o pelourinho, do qual adiante fallo.

2.º — *Largo da Graça*, ao sul da villa. Apezar da sua pouca amplidão, mesmo assim, é o maior. É um antigo souto d'arvores silvestres, que foram arrancadas em 1810, quando se fizeram as fortificações. Hoje tem algumas arvores da mesma especie, plantadas depois da guerra da Peninsula.

3.º — *Largo do Rosario*, na rectaguarda da egreja de S. Pedro, ao E. da villa.

4.º — *Largo dos Canos*, proximo ao antecedente.

5.º e 6.º *Largo do Terreirinho* e *Largo de S. Thiago*, ambos ao O. — Chamo-lhe *largos*, porque é o seu nome official e vulgar, mas

[1] O padre Diogo de Paiva de Andrade, nasceu em Coimbra, a 26 de julho de 1528, e falleceu no 1.º de Dezembro de 1575. Formou-se em theologia, na Universidade de Coimbra, e foi um sabio de fama européa, distinguindo-se pela sua eloquencia e profundo saber, no concilio de Trento, onde foi enviado, (tendo apenas 33 annos) por o rei D. Sebastião. Foi tambem um dos melhores oradores sagrados do seu tempo.

Escreveu grande numero de sermões, que foram publicados em 1603, e 1615, e ainda hoje teem muito merecimento, pela sua elevação e dignidade de pensamentos.

Foi seu irmão, o não menos famoso escriptor mistico, *frei Thomé de Jesus*. (4.º volume, pag. 223, col. 1.ª e seguintes) e o dito Alvaro Peres de Andrade.

não merecem semelhante classificação. Ha ruas muito mais largas em outras povoações.

A *casa da camara* é um bom edificio, de dous andares, tendo no 1.º a *casa das audiencias* e no 2.º, a casa das sessões da camara e seu cartorio, com um grande painel de Nossa Senhora da Conceição, na frente da meza.

É edificio antigo, muitas vezes reconstruido ou ampliado. Já em 1597 foi preciso reedifical-o: e como n'esses *tempos de obscurantismo* ainda não havia *povo soberano*, os vereadores convocaram os habitantes da villa e seu termo, por vintenas, para saber se eram contentes que se tirassem 100$000 réis do cofre das sizas, para se concluirem as obras d'estes paços, que se tinham principiado. O povo consentiu e a obra fez-se.

Em 1634, tambem aqui e na cadeia, se fizeram algumas obras, para as quaes se mandaram tirar 95$000 réis, do deposito dos bens de raiz. Então,como estavamos sob o jugo de ferro de Philippe IV, não foi consultado o povo.

Até 1774, tinha esta casa as armas de Portugal, em pedra, sobre a sua porta principal. N'esse anno, um preso,para se evadir, lançou fogo á cadeia, o qual se communicou a todo o edificio, ardendo o cartorio municipal, e perdendo-se a maior parte de antigos e importantes documentos que alli estavam archivados.

O incendiario era filho de José Francisco da Costa, serventuario do officio do escrivão dos orphãos. Avaliado o prejuiso, se fez sequestro na legitima do preso, (na mão de seu pae) mas nunca se cobrou.

Principiou a reconstrucção em julho de 1752, arrematando-se a obra de pedreiro, por 160$000 réis, e a de carpinteiro, por 274$000 réis. Estas obras concluiram-se em 1776, sendo juiz de fóra, o doutor, Domingos de Gambôa e Liz, e ficaram no estado em que hoje se vêem. Então em logar das armas de Portugal, foram collocadas no frontispicio, por baixo das janellas do 2.º andar, as armas da villa.

Desde 1744, até 1776, fizeram-se as audiencias na residencia do juiz de fóra, e as sessões da camara, em casa do seu presidente.

No fundo da primeira escada, logo á entrada, do lado esquerdo, foi embutida na parede, uma lapide de pedra lioz, com a inscripção que nas portas principaes de quasi todas as fortalezas mandou pôr D. João IV, em 1646. (2.º vol., pag. 398, col. 2.ª) [1] diz —

AETERNIT. SACR.
IMMACVLATISSIMAE CONCEPTIO-
NI MARIAE IOAN. IV. PORTV-
GALL. REX VNA CVM GENE-
RAL COMITIIS. SE ET
REGNA SVA SVB ANNVO CENSV TRIBU-
TARIA PVBLICE VOVIT. ADLQUE DEIPA-
RAM IN IMPERII TVTELAREM ELE-
CTAM A LABE ORIGINALI PRAE-
SERVATĀ PERPETVO DEFENSV-
RV IVRAMENTO FIRMAVIT. VI.
VERET VT PIETAS LVSITAN.
HOC VIVO LAPIDE MEMORIA-
LE PERENE EXARARI IVSSIT.
ANN. CHRISTI MDCXLVI IM-
PERII SVII IV.

(Para perpétua memoria. D. João IV, rei de Portugal e as côrtes geraes, se consagrou publicamente, e aos seus reinos, á Immaculatissima Conceição de Maria, com o tributo de um censo annual. E firmou com juramento, que defenderia sempre, que a Mãe de Deus, escolhida para Padroeira do reino, fôra preservada da culpa original. Para que a piedade dos portuguezes sempre constasse, mandou lavrar em viva pedra, este monumento perenne, no anno de Christo, 1646, sexto do seu reinado.)

Havia na casa das sessões da camara, uma rica escrevaninha de prata e respectiva salva, do mesmo metal, dadiva do juiz de fóra, Domingos de Gamboa e Liz. Foi *liquidada*

---

[1] A collocação d'estas lapides commemmorativas, foi decidida em côrtes, e determinada por decreto de 24 de março de 1646, e cartas regias, de 25 do mesmo mez e anno, e de 30 de junho de 1654.

Esta lapide estava sobre a *Porta da Varzea*, em 1734, mas só em 1765, é que foi collocada na casa da camara. N'este intervalo, esteve guardada em casa de Diogo d'Almeida, morador junto á mesma porta.

ha poucos annos e apesar de se suspeitar quem foi o ladrão, não se fizeram as precisas diligencias para rehaver o roubo, ou o seu valor, que era o de 48$000 réis.

A cadeia fórma uma só frontaria com os paços do concelho. Tem, alem da enxovia, cujas paredes são de cantaria, dous andares, contando o primeiro da *sala livre* e o segundo, de dois quartos que servem de prisão para mulheres, e de outro para *segrêdo*. Tem tambem casa para o carcereiro, do lado da rua do Espirito Santo.

Em frente da casa da camara, e no centro da praça, estava o antigo pelourinho, padrão que attestava a autonomia e cathegoria da villa. Era uma columna de marmore com as armas de Portugal e tendo na extremidade superior, quatro varões de ferro, crusados, cada um com sua argola na extremidade. Já não existe porque *Mauricio José da Silva*, sendo então administrador do concelho, com o pretexto de *obstruir a praça* (o que não era verdade) o mandou derrubar, *ás escondidas*, na noite de 13 de maio de 1852, quando se esperava, a visita da sr.ª D. Maria II, o que só teve logar no 1.º de junho. (Note-se que poucos dias antes, o mesmo *monumentophobo*, ou inconoclasta de nova especie, tinha mandado retocar o pelourinho!)

Portas da circumvalação

Foi esta villa cercada por um antiquissimo cinto de muralhas, que o rei D. Diniz mandou reparar, pelos annos de 1310. Hoje, apenas alguns restos d'ellas existem, servindo de alicerces a predios particulares; e das portas apenas existe a memoria, nos nomes dos bairros em que ellas estavam. Eram quatro —

1.ª — *Porta da Varzea* — tomava o seu nome, de um vasto baldio, ou logradouro do concelho, que lhe estava immediato, ao S. da villa, na sahida pela estrada real de Mafra, e que se chamava *Varzea Grande*, e hoje tem o nome de *Varzea do Curro*, por que algum tempo alli se correram touros.

Segundo a tradição, foi n'esta varzea que acampou o nosso D. João I, quando veio pôr cêrco a esta villa, que então seguia o partido de D. João I de Castella. Consta, tambem por tradição, e o refere a *Monarchia Lusitana*, na vida do Mestre de Aviz, que alguns traidores quizeram assassinar alli este monarcha, mas, sendo descobertos, foram queimados a fôgo lento, junto á entrada do castello.

Suppõe-se que antes d'este cêrco, a *Varzea Grande*, era uma extensa vinha, pertencente ao alcaide-mór. No seculo passado, a camara deu metade da varzea á Santa Casa, que aforou, isto, por quinhões eguaes, a diversos individuos: a outra metade ficou sendo logradouro publico, para pasto de gado e eiras. Hoje, metade d'esta metade, está povoada de arvorêdo, mandado plantar pela camara, em 1851, e é uma bonita alamêda; o que desagradou a muitos, por lhes tirar os seus logradouros.

Já de tempos antigos, alguns homens poderosos tinham cubiçado esta planicie, para a reduzirem á cultura; mas o povo sempre se oppozera a isso tenazmente.

Ainda no seculo passado a camara aforou esta parte a um individuo, mas causou tal motinada este aforamento, que não houve remedio senão annullal-o.

Nos accordãos da camara, se acha, um assento, de 26 de setembro de 1734, para ser demolida a muralha da Porta da Varzea, por occasião de fazer-se a calçada, por ordem de D. João V, empregando-se na nova obra, a pedra das demolições. Esta calçada era o principio da estrada real de Mafra, e foi levantada em 1795.

N'esta porta é que estava a lapide dedicada a Nossa Senhora da Conceição, que agora está na casa da camara.

2.ª — *Porta da Corredoura* — (isto é, *porta da explanada*) — Ainda se acharam vestigios d'esta porta, em agosto de 1859; por que, derrubando José Philippe Capote, uma pequena casa, junto ao *Passo* que ha n'aquelle sitio, se acharam não só restos da muralha, mas tambem do arco ou porta d'elle, tudo de bôa cantaria.

3.ª — *Porta dos Moinhos da Ponte Pedrinha* — Por um auto de posse, dado á egreja de Santa Maria do Castello, a 22 de agosto de 1379 (11 de agosto de 1341 de J. C.) se

vê que então existia esta porta, de que não ha vestigios.

Estes moinhos eram junto á Ponte Pedrinha, que hoje é no fim da rua dos *Pelomes*.

4.ª — *Porta de Santa Anna* — Tomava o seu nome, da ermida d'esta santa, que seguia logo, da parte de fóra, junto ao largo da Graça.

Por alvará de 13 de julho de 1641, se deu licença, para ser demolido o recanto da muralha d'esta porta, que desfigurava o largo da Graça, para alli se fazer uma bôa praça, e trazer-se a ella agua.

Chafariz da Praça do Pelourinho

É sustentado pela agua dos canos. Tem uma só bica, e um tanque, para beberem os animaes, hindo os sobejos por um cano subterraneo, a uma pia da enxovia da cadeia. Tem esta inscripção —

IOSEPH. I. P. P., IMP. AD CARCER.,
POPVL. Q. COMMO. D, FONT.
HVNC., PVBLE. EXP. PRAESES
PROV. ERIG. CVRAVIT AN.
MDCCLXXVI.

(No reinado de D. José I, pae da patria, para commodidade da cadeia, e do povo, o corregedor da comarca, fez construir esta fonte, á custa do publico, no anno de 1776)

Fidalgos, cavalleiros, escudeiros.

Do Cadastro mandado formar por D. João III, e concluido por Jorge Fernandes, a 15 de setembro de 1527, consta que na villa havia — *3 fidalgos, 15 cavalleiros e 23 escudeiros* — e no termo, *3 fidalgos, 19 cavalleiros e 10 escudeiros*. Isto, álem de muitos nobres que residiam temporariamente em diversas quintas.

Houve até uma rua, que descia da costa do castello até á porta da Varzea, denominada, *Rua dos Cavalleiros d'espora dourada*.

Ainda ha na villa, algumas casas com brazões d'armas. Dous d'estes brazões, já não existem — um d'elles esteve na casa da rua dos Balcões, ao pé da praça, onde viveram e morreram as *senhoras Marçallas*, hoje propriedade de José Eloy da Silva. Eram as armas dos Abreus, appellido que já não existe n'esta villa.

— O outro existiu em um magnifico portico, na rua que vae do *Terreirinho* para o *Cano Real*. Julga-se que este brazão era dos Botelhos.

Na aldeia do Varatojo houve muitas casas brasonadas. Vide *Varatojo*.

Pontes

Ha na villa e seu termo, nada menos de 21 pontes — são —

1.ª — *Ponte d'El-Rei* ou *do Rei* — É na villa, sobre o Sizandro. Serve de transito para os logares a E. da villa, e para o Riba-Tejo.

É muito antiga, pois já existia com este nome, em 1336. Como subiu o leito do rio, foi levantada e a calçada contigua em 1777. (Vide a seguinte.)

2.ª — *Ponte da Mentira* — Como a antecedente, é na villa e sobre o Sizandro. Dá serventia para Obidos, Caldas da Rainha, Lourinhan, Peniche, e todas as mais terras que ficam ao N. e N. O. da villa. Fica no fim e ao N. da povoação. É tambem muito antiga, mas não se sabe quando foi construida, nem a causa do seu nome. Foi a ultima vez, reconstruida, em 1788, data que n'ella está gravada. Já tinha o nome actual, em 1597, como consta do livro dos accordãos, d'esse anno. Foi reconstruida em 1788.

Foi tambem levantada, e a calçada ao sahir da villa, desde os *Pelomes* até ás *Faias*, em 1777, com grande atêrro, muros, pégões e cortinas, que foram arrasadas em 1810, para poder jogar a artilheria dos fortes, e só fôram mandadas levantar, pela camara, em 1857.

3.ª — *Ponte de S. Miguel* — Tambem na villa, e sobre o Sizandro. Dá serventia para as povoações do O., e costas do Oceano. É muito antiga, e foi reconstruida em 1609; e os seus muros de supporte, em 1754.

4.ª — *Ponte de Nossa Senhora do Amial* — ao N. da villa, sobre a mesma estrada real da Ponte da Mentira. É sobre a valla da *Estacada* que vem dos *Amiaes*, á qual (valla)

se reune a que vem do *Reguengo*, do lado do nascente.

5.ª — *Ponte do Alpilhão* — Sobre o ribeiro do seu nome. Foi construida em 1799. Este insignificante ribeiro, a que os da villa dão o pomposo nome de RIO, nasce no sitio do *Arrepiado*, junto á estrada real de Lisboa, logo acima da *quinta do Priôr*, e entra no Sizandro, uns 500 metros ao O. da villa. Esta ponte é na estrada do Varatôjo, e a sua calçada e cortinas foram levantadas em 1826.

6.ª — *Ponte da Conquinha* — Sobre o mesmo ribeiro, na estrada de Mafra.

7.ª — *Ponte da Lagartixa* — No mesmo ribeiro, e sobre o caminho da *Portella da Villa.*

8.ª — *Ponte do Repelão* — No mesmo ribeiro, e pouco acima da antecedente.

8.ª — *Ponte da Madeira* — Sobre o Sizandro — É muito antiga, e foi originariamente de madeira, d'onde lhe provem o nome. Está a 2 kil. da villa. Subindo o leito do rio, ficou a ponte enterrada, e não dava despejo ás aguas, pelo que foi demolida, substituindo-se por uma de alvenaria, com grande altura, que se concluiu em setembro de 1860. Têm esta inscripção —

C. M. 1860.

(Camara municipal, 1860.)

Quando se demoliu a ponte velha, se achou um barril de polvora — ja pôdre — que alli tinha sido collocado em 1810, afim de fazer voar a ponte, se os francezes quizessem passar por aqui; para o que estava n'este logar uma sentinella de noite e de dia. Uma d'estas sentinellas, era tão corajosa e decidida, que, por occasião de uma grande enchente, para não dsamparar o seu pôsto, subiu a um choupo, onde se conservou 24 horas!

9.ª — *Ponte de Dous Portos* — No logar d'este nome, e sobre o Sizandro, e a estrada real. E' de cantaria.

10.ª — *Ponta da Caixaria* — Sobre o mesmo rio. E' de alvenaria e dá passagem do logar de *Caxaria* [1] para a quinta da Conceição e aldeias da *Zibreira* e *Carvoeira.*

Foi mandada construir em 1859, com ajuda de um bom donativo, do marquez do Lavradio (hoje fallecido) dono da tal quinta da Conceição, concorrendo tambem os povos visinhos.

A camara só deu 48$000 réis, e os dias de trabalhadores e carreteiros, que lhes permitte a lei.

11.ª — *Ponte de Runa* — Proxima do logar que lhe dá o nome, e sobre o mesmo rio. E' de bôa cantaria, e dá serventia para a *quinta da Granja*, dos herdeiros de Manoel Antonio de Sampaio Albuquerque de Mendonça Furtado Mello e Castro Moniz e Torres de Luziguano (!) feito conde de Sampaio no 1.º de dezembro de 1834, e marquez do mesmo titulo, a 17 de fevereiro de 1866, e que falleceu, em Lisbôa, no seu palacio de S. Vicente de Fóra, em 15 de fevereiro de 1876. (6.º vol., pag. 415, col 2.ª)

12.ª — *Ponte do Penêdo* — Sobre o mesmo rio, e tambem junto ao logar de Runa. E' de alvenaria e dá passagem para a aldeia do *Penêdo.* Foi mandada construir pela camara, em 1856, ajudada com os donativos dos póvos visinhos. Custou 106$000 réis.

Havia aqui perto uma optima ponte de cantaria, que dava passagem para o mesmo logar; mas tendo o rio mudado de leito, foi demolida, para com os seus materiaes se construira actual.

13.ª — *Ponte da Estrada* — sobre o mesmo rio. E' de cantaria, logo á entrada da povoação de Runa, e sobre a estrada real. Foi construida (ou reconstruida) em 1777, quando se fez a mesma estrada.

14.ª — *Ponte da Coutada* — Sobre o mesmo Sizandro. E' no logar que lhe dá o nome. Existiu aqui uma antiquissima ponte de cantaria, que cahiu ha seculos. A camara mandou fazer no mesmo local, uma nova ponte de alvenaria, 1854, que custou uns 110$000 réis, aproveitando os materiaes da antiga, que ainda por allí estavam espalhados.

O povo d'estes sitios, ainda dava ao logar onde esteve a antiga ponte, o nome de *Ponte de Madeira.* Talvez fosse d'esta materia,

[1] Não se confunda com outra aldeia do mesmo nome, que é na freguezia de Ceiça, concelho de Ourem, onde é a 20.ª estação do caminho de ferro do Norte.

antes de ser de cantaria. Não ha outra memoria d'esta antiga ponte.

Disse que a ponte actual foi mandada fazer pela camara, e é certo, mas o povo da freguezia de *S. Pedro da Cadeira*, em cujo districto está esta ponte, tambem concorreu para a sua construcção.

E' a ultima ponte d'este rio do lado do mar. (O.)

15.ª — *Ponte de Dous-Portos* (2.ª d'este nome) — Sobre o mesmo río, e junto ao logar que lhe dá o nome. Dá passagem para o logar do *Siról* e visinhanças.

E' de lagens.

16.ª — *Ponte de Pedrulhos* — Sobre o ribeiro d'este nome. Foi construida pela camara, 1855, ajudada por donativos dos povos visinhos.

Este ribeiro, vem do *Valle da Guarda*, ao pé da *Tapada de Mafra*, e entra n'este concelho de Torres Vedras, perto da aldeia da *Feixofreira*, e entra no Sizandro junto ao logar dos Pedrulhos.

Em 1810, tinham aqui os inglezes construido uma ponte de madeira, para serviço das *Linhas*; mas como precisava de repetidos reparos, e ás vezes era perigosa a sua passagem, resolveu a camara, a requerimento dos povos, construir a actual.

17.ª — *Ponte do Cordeiro* — E' de lagens, e sobre uma das vallas que desagúam no Sizandro.

18.ª — *Ponte do Seixo* — Tambem de lagens. Fica em frente da aldeia do Paúl, sobre uma outra valla, que desagùa no Sizandro.

19.ª — *Ponte Dôce* (!) — Tambem de lagens, junto ao *Casal de Gibaltar*. Ainda sobre outra valla, que desagúa no mesmo rio.

20.ª — *Ponte Pedrinha* — No fim da rua dos Pelomes, construida em fórma de cano, com lagens, por baixo da calçada, para desaguar parte das aguas da villa, para o Sizandro. (A porta da muralha n'este sitio, se chamava *Porta dos Moinhos da Ponte Pedrinha*.)

Esta ponte (ou aqueducto) é antiquissima, pois em um auto de posse, dado a 22 de agosto de 1379, á egreja de Santa Maria do Castello, já se falla n'esta ponte.

21.ª — Entre a *Ponte do Rol* (aldeia) e o logar da *Burdinheira*, existiu uma ponte de cantaria, de dous arcos, que, ou não se chegou a concluir, ou cahiu. Em todo o caso, já estava desmantelada, em 1748, porque n'esse anno o povo requereu a D. João V, para ser levantada á custa das sizas, o que não se effectuou.

Vê-se pois que o rio Sizandro, tem em todo o seu curso onze pontes, que são — 1.ª, 2.ª, 3.ª, 8.ª, 9.ª, 10.ª, 11.ª, 12.ª, 13.ª, 14.ª e 15.ª, nomeadas n'esta relação.

—

N'esta villa esteve desterrado em 1559, por ordem da rainha regente D. Catharina (viuva de D. João III, e avó do rei D. Sebastião) o duque de Bragança, D. Theodosio, por ter casado em segundas nupcias, sem licença da regente, e até contra a sua ordem expressa, com D. Brites de Lencastro, filha de D. Luiz de Lencastro, commendador-mór da ordem d'Aviz.

Teve ordem de não sahir d'aqui, sem licença especial do rei D. Sebastião.

Tinha porem licença de hir ouvir missa e assistir aos officios divinos, na egreja do mosteiro do *Varotôjo*.

Termo

Por alvará de D. João I, de 7 de outubro de 1423, ficou esta villa pertencendo ao termo de Lisbôa, sendo os juizes de Torres Vedras, confirmados pelo senado d'esta cidade, e que fossem seus moradores (da villa) obrigados a acompanhar e defender a bandeira da capital, quando sahisse fóra: tudo em premio da fidelidade e serviços, feitos á nossa independencia, desde 1383, até 1393.

—

O termo de Torres Vedras, comprehendia, até 1834, setenta kilometros quadrados de superficie, sendo a villa o centro, ficando as povoações ou terrenos mais distantes, a 12 kilometros.

A sua provedoria comprehendia 18 villas, que eram — Alhandra — Alverca — Arruda — Bellas — Cadaval — Cascaes — Castanheira (do Riba-Tejo) — Chileiros — Collares — En-

xara dos Cavalleiros —Ericeira—Lourinhan — Mafra — Póvos—Sobral de Monte Agraço—Torres Vedras — Villa Franca de Xira — e Villa Verde.

Depois creou-se a correição do Riba-Tejo, á qual se annexaram Alhandra, Arruda dos Vinhos, e Villa Franca de Xira, porem, n'estas duas ultimas, entrava o corregedor de Torres Vedras, não como corregedor, mas como ouvidor dos mestrados das ordens de Christo e S. Thiago.

Depois de 1834, tem sido o termo de Torres Vedras cerceado varias vezes, pelas repetidas *divisões territoriaes*.

Primeiro, creou-se o pequeno concelho da *Azueira*, com a sua freguezia e as de *Enxara do Bispo, Freiria, Sobral de Abelheira* e *Turcifal*.

Depois, (1856) extinguiu-se este concelho da Azueira, passando para o concelho de Mafra (que n'esse anno foi elevado a comarca) as freguezias da Azueira, Enxara do Bispo, e Sobral da Abelheira — tornando para o concelho de Torres Vedras, as freguezias de Freiria, e Turcifal.

Justiça

Alvazis — Todos sabem que *Alvazil* é corrupção da palavra árabe *Alwacil, Guazil, Wazil*, e *Wazir* — (pois de todos estes módos se encontra em documentos antigos, com a mesma significação.) Este magistrado, entre os arabes, corresponde ao nosso *ministro de estado* ou *conselheiro do rei*, e, segundo outros escriptores, a *meirinho mór*. Na India, dá-se o nome de *Alvazil*, ao governador de uma cidade. Em Portugal, tambem se dava esta denominação ao vereador de uma camara municipal — o *édil* dos romanos. [1]

O famoso conde *D. Sesmando* (vide *Tentugal*) tambem em alguns documentos se assignava *Alvasir*, por ser governador de Coimbra, e do seu (então) vastissimo territorio.

Por uma doação da egreja de Molellos, no Valle de Bésteiros, que é o actual concelho de Tondella, feita ao mosteiro de Lorvão, em 1101, consta que esta egreja foi tomada aos mouros, *In temporibus Rex Affonsi, et Alvasir Domno Sesnandi, imperatore nostro.* (N'esse tempo, D. Sesnando era tambem governador do territorio de Viseu, então sujeito a Coimbra.)

Em outros muitos documentos — como se póde vêr em Viterbo, na palavra *Alvazil*, tomou D. Sesnando este titulo, ou lh'o deram os reis de Leão e Castella.

Desde o tempo do conde D. Henrique, ou de seu filho, D. Affonso Henriques, se deu o nome de alvazil, ao *juiz ordinario*, que decidia as causas em 1.ª instancia. D'estes alvazis, ha innumeraveis documentos, dos seculos XII, XIII e XIV.

Nas côrtes de Lamego (1142-1143) se diz — *Quando aliquis gançaverit* (ganhar, lucrar) *avére alienum; vadat querelosus ad* Alvazir *et ponat querelam, et* Alvazir *restituat illi suum avére.*

Na era de Cesar 1264 (1226 de J. C.) já havia n'esta villa alvazis (vereadores da camara) como se vê de uma doação, feita ao mosteiro de Pena-Firme n'esse anno, onde se lê —«*Noverint universi presentes litteras inspecturi, quod nos Proetor, Alvasiles. et consiliarii de* TURRIBUS VETERIBUS *etc.*» (*Hist. Eccles. Lusit.*, tomo 4.º, pag. 221.)

Até 1834, o vereador mais velho de uma camara, era *Juiz pela Ordenação*, e é por isso que em varios documentos antigos d'esta villa — e nomeadamente nos que existem no cartorio da egreja de Santa Maria do Castello — um da era de 1348 (1310 de J. C.) e outro de 1420 (1382 de J. C.) se prova que os alvazis davam sentenças; e no ultimo

[1] É precizo não confundir *Alvazil* com *Algazil*, ou *Aguazil*. Esta palavra é derivada do hespanhol *Alguacel*, como os castelhanos diziam no seculo VIII, e *Alguazil*, como elles dizem hoje. — Em Portugal dava-se este nome aos beleguins, quadrilheiros, meirinhos da vara, esbirros, agarrantes etc. — Estes individuos são os que assistem sob as ordens do juiz e escrivão, ás penhoras, sequestros e outas diligencias judiciaes, e que prendem os criminosos, conduzindo-os á cadeia e á forca. Hoje diz-se *official de diligencias*. (E' mais bonito, mas a *honra* é a mesma.)

d'estes dous documentos, se falla de um Gonçalo Annes, *Alvazil-geral* d'esta villa.

—

Correição — Já disse que este concelho foi levado á cathegoria de comarca, por D. João III, por carta regia, datada d'Evora, a 18 de julho de 1533, e que se conserva no real archivo, no livro 19 da chancellaria do dito soberano; em cumprimento da promessa que havia feito á villa, quando aqui esteve, em 1525. Na mesma carta se nomeia logo o licenciado André Farinha, para corregedor e provedor das *terças e residuos*, d'esta comarca. Note-se porém que não foi creação nova, porém uma transferencia da comarca d'Alemquer, para Torres Vedras, que ficou sendo a cabeça.

Mas o povo, e auctoridades de Alemquer, oppozeram-se tenazmente a esta mudança, e tanto supplicaram, que a tal carta regia, não teve effeito por então.

Chegou porem o tempo da desastrosissima dominação philippina, e por uma carta regia de D. Philippe III, de 27 de Julho de 1616, se mandou cumprir a de D. João III, o que só se cumpriu em 1617, mas a carta do 1.º corregedor foi passada em 1618.

O districto d'esta correição, até 1834, comprehendia—alem de Torres Vedras—as villas de Mafra e Cascaes (ambas com juizes de fóra) Collares, Bellas, Enxara dos Cavalleiros, Ericeira, Lourinhan, Sobral do Monte Agraço, e Villa Verde dos Francos — o julgado da Ribaldeira, e o Reguengo da Carvoeira, entre Mafra e a Ericeira. N'este districto ficavam encravados os Reguengos do Gradil, e da Fanga da Fé, pertencentes ás *capellas de D. Affonso IV*. N'estes dous reguengos, só entrava o corregedor de Torres Vedras, nos negocios pertencentes á fazenda real.

As villas do Cadaval, Alverca, Castanheira, Póvos, e Chileiros — que eram de grandes donatarios — não pertenciam a esta correição, mas sómente á provedoria.

—

O 1.º corregedor (quando a corregedoria era em Alemquer) foi o licenciado Amador de Queiroz, que servia em 1587 — e o ultimo foi o licenciado Manoel da Silva Cerveira.

O 1.º corregedor de Torres Vedras, foi o bacharel Nuno Vaz Fialho, por carta passada a 16 de dezembro de 1618, tomando posse, a 29 de maio de 1619.

O penultimo corregedor, foi o virtuoso e esclarecido doutor, Francisco Thomé Marques Gomes, natural de Aveiro, e pae do distinctissimo escriptor e antiquario, da actualidade, o sr. João Augusto Marques Gomes, empregado no governo civil de Aveiro, auctor de varias obras, todas de incontestavel merecimento. (Francisco Thomé Marques Gomes, tinha sido juiz de fóra de Amarante, e veio para Torres Vedras no mesmo logar, por carta de 19 de outubro de 1831, e foi depois feito corregedor da mesma comarca.)

O ultimo corregedor, foi o doutor José Ricardo Pereira de Figueiredo, por carta de de 27 de novembro de 1833, tomando posse no 1.º de dezembro d'esse anno.

Houve 50 corregedores.

—

Juizes de fóra — o 1.º juiz de fóra, de Torres Vedras, foi o licenciado Duarte Velho. Não se sabe a data da carta da sua nomeação, mas exercia o emprêgo, em 1561 e 1562.

Houve 78 juizes de fóra d'esta comarca, sendo o ultimo, o doutor Nicolau Baptista de Figueiredo Pacheco, por carta de 7 de dezembro de 1833.

Até 1556, era a justiça administrada por *juizes ordinarios*, ou *juizes pela Ordenação*, que eram os *vereadores mais velhos*.

Os juizes de fóra eram tambem inspectores das calçadas da villa e termo, e do julgado da Ribald-ira.

—

Juizes de direito — O 1.º que exerceu aqui este logar, foi o bacharel Francisco Boto Pimentel de Mendonça, por carta de 14 de agosto de 1835. O actual (1882) é o sr. doutor, Sebastião Frederico Rodrigues Leal.

—

Provedores — O 1.º provedor de Torres Vedras, foi o bacharel Gaspar Pereira, que servia em 1568. Ignora-se a data da sua carta de nomeação.

Houve 68 provedores, sendo o ultimo, o

doutor Antonio de Ornellas da Fonseca Napoles e Silva, por carta de 23 de setembro de 1831.

Os provedores de Torres Vedras, eram tambem superintendentes das vallas, por provisão do conselho de fazenda, de 23 de fevereiro de 1696.

—

Juizes da vintena — Até 1834, havia n'esta comarca, 38 vintenas (reunião de 20 fógos) para o civel, orphãos, e crime; e mais 7 (só no crime e orphãos) do julgado da Ribaldeira.

O juizes de vintena só julgavam até ao valor de 500 réis (!) Já no reinado de D. João I, aqui havia d'estes juizes.

Havia, tambem até 1834, meirinho, ialcade (aguazil) escrivão de alcaidaria (escrivão das armas) carcereiro, e um juiz, com seu escrivão, exclusivamente das vallas.

—

Corpo municipal — Até 1834, era esta camara composta de —juiz de fóra,(presidente nato) 3 vereadores (dous dos quaes, deviam residir na villa e outro no termo.)

O mais velho dos trez, era juiz pela ordenação — procurador do concelho (que era o vereador mais novo, do anno antecedente, e servia tambem de *alferes da camara*, levando o estandarte d'ella, nos actos publicos)—dous almotacés, com seu escrivão privativo; escrivão da camara; avaliadores do concelho; e repartidor dos orphãos.

—

Eram *coudeis-móres* d'esta comarca, os condes de Monsanto.

—

Havia ainda — *Superintendente das caudelarias*; e *guarda-mór de saude*, dos portos d'este termo — *Porto Novo, Santa Cruz, Escada e Assêca* — *juiz conservador do tabaco*, com seu escrivão e meirinho.

A infanta D. Maria, filha do rei D. Manoel, senhora d'esta villa, prohibiu por uma sua provisão, de 19 de fevereiro de 1563, que as *pessoas da governança*, ou *honradas*, fossem aos açougues comprar carne ou peixe, mas que mandassem seus creados ou escravos, *por causa dos inconvenientes que d'isso se seguia, e de que fôra informada.*»

Militar

O governo militar desta villa, até 1834, consistia no seguinte —

Um capitão-mór, governando 16 companhias de ordenanças, cada uma com seu capitão, ajudante, alferes, porta-bandeira, sargentos e cabos. Treze d'estas companhias, pertenciam á villa e termo — uma á villa de Sobral de Monte Agraço—outra a Villa Verde dos Francos—e outra a Enxara dos Cavalleiros.

O ultimo capitão-mór, foi o doutor José Lourenço Peres, da nobre casa da *Quinta da Macheia*, nomeado por patente de 25 de maio de 1810.

Um regimento de melicias, com o respectivo coronel e mais officiaes (o major e ajudante, eram da 1.ª linha.) Este regimento era formado com pessoas da capitania-mór; do Reguengo, do Gradil, Aldeia Gallega da Merceana, Alemquer, Obidos, Caldas da Rainha, Lourinhan, Atouguia da Baleia, Peniche, algumas das villas dos *coutos de Alcobaça* e ultimamente do Cadaval.

Este regimento chegou a ter mais de mil praças, e foi seu ultimo coronel, Francisco d'Assis Bernardes, do logar da Encarnação.

Um batalhão de Voluntarios Realistas — formado em 1828, e que chegou a ter 600 praças. Foi sempre commandado pelo seu tenente coronel (que era major reformado, de 1.ª linha) Francisco Manoel Castellino, do Turcifal.

Mesquita Mourisca

Um dos mais antigos monumentos d'esta villa, e que ainda existia em 1734, era o *relêgo* (vide esta palavra) junto á egreja de S. Thiago, onde o rei D. Diniz mandava recolher o vinho do seu *oitavo*, ou *jugada*, e que hoje (1882) é o quintal e horta de Joaquim Pedro de Moura, e em cuja parede apenas existe, do lado da rua, um portico de architectura gothica, que está tapado. É n'este mesmo relêgo, que existia o celebre poço

de que falla o padre Carvalho na sua *Corographia* (tomo 3.º, pag. 18.) Ainda tambem no dito anno de 1734, existia aqui uma casa de abobada, que, segundo a tradição, fôra mesquita de mouros, na parede da qual existia a *celebre pia* de que tambem falla o dito Carvalho, que «*se enchia d'agua, sem se saber como.*»

Este edificio passou para a casa dos marquezes d'Alegrête, pela compra que fizeram á corôa, dos taes *oitavos*; mas, como a adega era sujeita ás inundações, o comprador edificou outra, no século passado, em frente da porta travessa da egreja de S. Pedro, com uma bella casa de residencia, sobre o chafariz dos Canos.

Alarcões

Os Alarcões, de Torres Vedras, descendiam de D. Fernan Martinez de Zevallos, que mudou o appellido para *Alarcão*, por tomar aos mouros a villa d'este nome, a 30 de novembro de 1177, [1] reinando D. Affonso XII, de Castella e Leão, que a mandou reedificar e povoar de estremenhos, logo depois da conquista.

Este 1.º Alarcão, era rico-homem de Castella, alcaide de Tolêdo, e natural do Valle de Trasmieras, nas Asturias de Santilhana, e descendente do famoso cavalleiro, D. Fernando Martinez de Zevallos, que acompanhou o principe D. Pelayo a Jerusalem, e cujas assignaladas façanhas, são contadas nas chronicas de Hespanha.

D. João de Alarcão, o de Torres Vedras, progenitor dos Alarcões portuguezes, teve uma numerosa descendencia, da qual é representante principal, em linha recta masculina, o filho primogenito da sr.ª D. Eugenia, filha unica do ultimo marquez do Lavradio, e conde de Avintes, D. Antonio d'Almeida Portugal Soares Alarcão Mello Castro Athaíde Eça Mascarenhas Silva e Lencastre.

[1] *Alarcon*, é uma villa hespanhola, sobre o rio *Xucar*, a 60 kilometros de Cuenca; fundada (segundo Florian do Campo) pelos celtiberos, 400 annos antes de J. C. — Foi depois dos romanos, e lh'a tomou um filho do rei gôdo Alarico, que a povoou, e lhe deu o nome de *Alaricon*, em memoria de seu pae. Era então praça de guerra, cercada de muros, guarnecidos de torres, e com cinco portas. Foi occupada pelos árabes, em 714, tornando ao poder dos christãos, como se diz no texto.

Alguns fidalgos portuguezes, descendentes do mesmo tronco, ainda uzam o appellido *Sevallos* (porque os hespanhoes pronunciam o Z, como S).

Quasi todos os descendentes de D. João d'Alarcão, nasceram em Torres Vedras; mas hoje ha fidalgos d'este appellido, em Lisboa, Coruche, do Alemtejo, e outras povoações.

Egrejas matrizes

1.ª — *S. Pedro* — Foi collegiada, composta de prior e nove beneficiados. (Antigamente eram 10, mas um foi encorporado no priorado, *perpetuamente*, a requerimento do prior, Bento José Vicente Matheus Durão, allegando que o priorado rendia muito pouco.) Esta collegiada foi extincta ao mesmo tempo das seguintes.

Esta egreja, tinha quatro dezimarias, uma na villa, duas nas freguezias da Freiría, e do Sobral da Abelheira, e a 4.ª, em toda a freguezia de Carmões, e em parte das de Dous-Portos e Carvoeira.

Tinha cinco filiaes — Freiría, Sobral da Abelheira, Runa, Carmões, e Carvoeira.

Não pude saber a data da fundação d'esta egreja, mas é muito antiga — talvez do principio da monarchia — porque a rainha Dona Brites (ou Beatriz) viuva, havia apenas 30 dias, de D. Affonso III, [1] fez uma doação (em latim) datada de Palmella, em 27 de março da era de Cesar, 1317 (16 de março de 1279 de J. C.) ao mosteiro de Alcobaça, do padroado da egreja de Torres Vedras, de que era donataria.

Apezar da sua antiguidade, é um bom templo, e está bem conservado, graças ás suas frequentes reparações.

—

2.º — *São Miguel Archanjo* — extramuros, entre as faldas do monte do Castello e a margem do Sizandro. Foi originariamente da corôa, e passou a ser padroado dos abbades d'Alcobaça, sendo abbade commendatario

[1] Este soberano, morreu, em Lisboa, a 16 de fevereiro de 1279.

d'este mosteiro, o famoso D. Jorge da Costa, o *cardeal d'Alpedrinha*, (vide esta palavra) por escambo, celebrado em 1457, dando o cardeal á D. Affonso V, em troca, o senhorio da villa de Beringel, no Alemtejo.

Teve uma collegiada, composta de prior e 11 beneficiados, todos *curados*; porque esta egreja tinha a singularidade de, o seu prior, o ser só nas honras e proventos, sem obrigação de parochiar — isto é — era um *beneficio* não só *simples*, mas simplicissimo! Tinha, é verdade, obrigação de officiar, nos dias mais solemnes; mas com a faculdade de nomear substituto para isso.

Muitos priores nem ainda tinham ordens de presbytero; e não poucos, residiam fóra da villa, onde lhes fazia mais conta.

Extinctos os dizimos, em 1834, os beneficiados abandonaram os seus logares, por ficarem quasi sem rendimento, visto que, na sua maior parte, procediam dos dizimos. Estava pois supprimida de facto, quando o foi de *direito*, por decreto do cardeal patriarcha, D. Manoel Bento Rodrigues, de 4 de novembro de 1859, e os seus rendimentos encorporados no seminario patriarchal.

Então o parocho ficou comprehendido, quanto á nomeação, na medida geral, e lhe foi arbitrada a congrua de 200$000 reis.

A partilha dos fructos d'esta egreja, era pelos terços, sendo para as freiras bernardas de Cós, duas partes, e uma para o prior.

O rendimento dos dizimos, regulava por um conto de reis. Eram pagos por esta freguezia, e pelas de Mata-Cães, Monte Redondo, Machial, A dos Cunhados, S. Pedro da Cadeira, e o logar da *Coutada da Rainha*.

Esta egreja é tambem muito antiga, e, com toda a certeza, do principio da monarchia — quando o não seja do tempo dos gôdos [1].

[1] O arcebispo de Lisboa, D. Rodrigo da Cunha, na sua *Hist. Ecc. de Lisboa* (parte 2.ª, cap. 56) diz que foi erecta em parochia, pelo bispo de Lisboa, D. Matheus (4.º vol., pag. 269, col. 2.ª) a 11 d'abril de 1280. Ou é engano do arcebispo, pois não adduz uma unica prova a favor do que escreve, ou — o que é mais provavel — a egreja só então principiou a ser matriz independente, sendo até essa data, filial de S. Pedro.

Teve de certo varias reparações, mas, estando muito arruinada em 1649, e tendo subido de leito o Sizandro (sobre cuja margem esquerda está construida) estava sujeita a frequentes inundações, tratou o povo de a mudar para sitio mais elevado, comprando, com licença regia, um chão para esta construcção; mas não se effectuou a mudança, resolvendo-se reedificar a antiga. Principiaram as obras em 1666 e se concluiram em 1716.

Era de abobada, mas esta cahiu, e a torre dos sinos [1], com o terramoto de 1755, e esteve algum tempo entulhada, até que a collegiada tirou uma quantia a juro, e se tratou logo da sua reconstrucção; mas o tecto, foi então feito de madeira, pintada, tendo no centro as armas de Portugal, e outras de pedra sobre o arco cruzeiro. Mas a torre dos sinos, só se fez em 1822, e o sacrario em 1805.

Foi sempre de uma só nave.

Alem do districto da villa, pertencente a esta freguezia, tem fóra, trez logares — ao E., *Sarges* — ao O., *Ribeira de Pedrulhos* — e ao S., a *Serra da Villa*, povoação muito antiga, que já existia no seculo XIII, com o nome de *Serra de Diogo Espada*.

Pertencem a esta freguezia, quatro quintas — *Fontainhas de Cima*, *Fontainhas de Baixo*, *Quinta da Rosa* e *Quinta Nova*.

Pertencem tambem a esta freguezia, 26 casaes, que ficam mencionados em outro logar.

3.ª — *S. Thiago*, apostolo — Era tambem collegiada, composta de prior e oito beneficiados, simples, apresentados pelo patriarcha. Deixou de existir esta collegiada, de facto, em 1834, e de direito, por um decreto do cardeal patriarcha, Manoel Bento Rodrigues, de 4 de novembro de 1859, passando os seus rendimentos para o seminario patriarchal.

Pertenciam a esta egreja, os dizimos da sua freguezia, da da Encarnação (Fanga da Fé) parte dos da Ventosa; parte do Turci-

[1] Ainda existe parte da escada, em espiral, da antiga torre.

fal; parte da Ribaldeira; e parte de Dous Portos.

Tinha trez curatos annexos — Ponte do Rol; Fanga da Fé (Encarnação)—e Ventosa.

Esta egreja de S. Thiago, é tambem muito antiga, e é provavel que fosse construida durante o reinado de D. Affonso Henriques; pois já em 1248, era considerada antiga. Nos principios do seculo XVIII, se derreteu um seu antigo sino, para a fundição de outro novo, o qual (o antigo) tinha a era de 1318 (1280 de J. C.)

Sujeita, como a antecedente, ás inundações do Sizandro, estava muito arruinada em 1586, sendo então principiada a reconstruir, mas as obras só se concluiram pelos annos de 1615; e a torre só se concluiu no seculo XVIII.

Em 1734, havia no seu ádro (que por vezes tem sido enterrado debaixo da calçada) tumulos, ou caixões, de pedra, que indicavam ser de pessoas nobres, e que tinham sido achados na egreja velha, e, sendo então alevantado o adro, ficaram estas sepulturas mais abaixo do seu nivel, o que era incommodo, pelo que foram entulhadas em 1838.

É de abobada de pedra, e tão bem construida, que não cahiu com o terramoto de 1755, como aconteceu ás da Graça, e S. Miguel: apenas soffreu algumas pequenas fendas; e o mesmo succedeu com o terramoto de 11 de novembro de 1858.

É de uma só nave.

A porta principal, é de architectura gothica, com ornatos em relêvo.

Na capella-mór, tambem de abobada de pedra, ha bonitos azulejos, com scenas da vida do apostolo S. Thiago, e allusivas á ordem militar do mesmo santo.

Além do altar-mór, tem seis altares no corpo da egreja, sendo o de Christo, privilegiado, e n'elle se admira uma *machinêta*, que é um primôr d'arte. Foi dada a esta egreja, no principio d'este seculo, por as *Senhoras Olivenças*, e tinha sido comprada em Granada. Dentro d'esta machinêta, ha varias reliquias.

Ha n'esta egreja muitas sepulturas de pessoas nobres, com ornatos e inscripções, hoje quasi illegiveis.

São nos limites d'esta freguezia, e fóra da villa, os logares — do *Paúl*, ao N. O. (em frente e ao N. do Varatojo) — *Fonte Grada d'Aquem*, ao N. O. — e *Figueirêdo*, ao S. E.

São d'esta freguezia, trez quintas e treze casaes — são — *quinta dos Francos*, proximo á egreja — *quinta da Fonte Grada* — e *quinta do Valle de Lino*, junto á aldeia do Paúl — e os casaes — da Pedreira, dos Cucos, da Alagôa, da Bombarda, do Ouriço, do Monsêbre, do Salgueiral, Broeira Velha, Broeira Nova, de São Gião, da Laranja, do Amaro, da Portella, e o dos Pinhaes.

4.ª — *Santa Maria do Castello* (Nossa Senhora da Assumpção) — É a primeira e mais antiga da villa. Ha mesmo quem diga que as outras trez, foram suas filiaes [1].

Foi tambem collegiada, composta do prior (que sómente era obrigado á frequencia do côro, nos dias solemnes, denominados prioraes) e dez beneficiados, apresentados pelo prior, sem cura, e só responsaveis por si, ou pelos seus *economos*, á frequencia do côro.

Pertenciam a esta egreja quatro dizimarias — a da freguezia, a do Turcifal, a da Azueira, e parte da freguezia de Dous-Portos. (*Ribaldeira.*)

A rainha D. Brites, mulher de D. Affonso III, e senhora de Torres Vedras, deu ao prior d'esta freguezia, os dizimos dos casaes de Fonte Grada, São Gião d'Entre as Vinhas, Outeiro, e Serra Gallegueira. Todos estes casaes se avistam da porta principal da egreja.

Eram suas filiaes, as egrejas — do Turcifal, Azueira, e Dous-Portos.

Ermidas da villa e termo

(Vão por ordem alphabetica, para se acharem mais facilmente.)

---

[1] Os beneficiados d'esta egreja, sustentaram, em 1727, que ella era a matriz de todas. Os priores das outras, oppozeram-se, e houve uma contenda ou pleito ecclesiastico, chegando-se a inquirir testemunhas, na Merceana (Alemquer), mas não houve decizão final — pelo menos, não consta que a houvesse.

1.ª — *Amial* (N. Senhora do) —

—

2.ª — *Amparo* (N. Senhora do) — junto aos logares da *Silveira, Secarias* e *Cêrca,* ao N. da matriz, na freguezia de S. Pedro da Cadeira. Foi feita pelo povo, no seculo XVII, para poderem ter capellão, em vista da distancia da egreja parochial, ficando-lhe, de mais a mais, entre a ermida e a egreja, o Sizandro, sem ponte n'este sitio, e invadiavel no inverno.

É um templo vasto, com capacidade de ser egreja matriz, com bôa sacristia e torre de sinos.

Em 15 de dezembro de 1675, fizeram os moradores dos trez referidos logares, uma escriptura pela qual se obrigaram á fabrica da ermida; e, em 9 de dezembro de 1676, lhe passou provisão, o arcebispo de Lisboa, D. Luiz de Souza (no 1.º anno da sua prelatura) para aqui se poder celebrar. (Vide 4.º vol., pag. 275, col. 2.ª)

—

3.ª — *Anna* (Santa) — na villa, junto á porta da muralha a que deu o nome, no largo da Graça.

É antiquissima, mas ignora-se a data da sua fundação. Está profanada, desde 1810.

—

4.ª — *Cruz de Riba-Mar* (Santa) — na freguezia de São Pedro da Cadeira. Era annexa a uma antiquissima albergaria que houve n'este logar, e que se suppõe fundada pela rainha D. Mafalda, mulher de D. Affonso Henriques.

—

5.ª — *Desterro* (N. Senhora do) — na quinta da *Abelheira,* freguezia de Sobral da Abelheira. Foi fundada em 1622, para cabeça de vinculo, pelo mórgado, Miguel Arnaut, e que hoje pertence ao sr. Joaquim de Mello, senhor d'esta quinta. O fundador, instituiu n'esta ermida uma missa quotidiana, por escriptura de 25 de agosto do mesmo anno, e a dotou (a ermida) com 3$000 réis de renda annual, imposta n'esta quinta, para a fabrica da ermida, e para se levar d'ella o Santissimo aos enfermos, em caso de necessidade. Consta tudo de documentos existentes no cartorio da egreja matriz.

—

6.ª — *Encarnação* (N. Senhora da) — na freguezia da Fanga da Fé; que, por causa d'esta ermida, se chama tambem *freguezia da Encarnação.*

Está a ermida, no logar da Lobagueira (antigamente *Lobagueira dos Lobatos.*)

É um templo muito antigo.

Segundo a tradição, não havia na freguezia uma unica imagem da Santissima Virgem, e um individuo d'este mesmo logar da Lobagueira, foi a Lisboa, em 1590, e pediu a um conego da Sé, que lhe désse uma imagem de N. Senhora, visto haver tantas n'aquella egreja. O conego, foi a um caixão onde se guardavam as imagens velhas, e lhe deu uma de Santa Catharina, de roca, dizendo-lhe que era da Virgem, e como tal foi collocada na egreja, pondo-lhe depois, sobre o braço esquerdo, um Menino Jesus.

Foi tão grande a devoção dos povos d'estes sitios, e tantas e tão valiosas as offertas á Senhora, que passados poucos annos (1597) com ellas se construiu uma nova, ampla e magestosa egreja, dedicada a N. Senhora da Encarnação; tendo proximas, a residencia do eremitão, e bastantes casas para acolheita dos romeiros.

Fazem a esta Senhora duas festas no anno. A 1.ª, a 25 de março (Annunciação) e a 2.ª, a 15 d'agosto (Assumpção.)

Antigamente vinham aqui muitos romeiros, não só d'estes sitios, mas de muitas terras distantes, e até de Lisbôa.

O terramoto do 1.º de novembro de 1755, arruinou a egreja de S. Domingos, matriz da freguezia, e desde então até hoje, tem a grande ermida da Senhora, servido de egreja parochial.

As festas da Senhora, apezar de menos concorridas do que antigamente, ainda se fazem com grande magnificencia.

—

7.ª — *Antonio* (Santo) — na freguezia de Dous-Portos, a cujo padroeiro se faz todos os annos uma brilhante festa, com procissão, fogo de vistas e arraial concorridissimo.

—

8.ª — *Espirito Santo* — no logar do Amial. Hoje é dedicada a Santo Antonio de Lisbôa.

É muito antiga, e pertencia a uma albergaria que estava *mistica*. Não pude saber mais nada com respeito a esta ermida.

—

9.ª — *Espirito Santo* — no logar da Ribaldeira (Dous Portos.) Era pertencente a um antiquissimo hospital ou albergaria. Tem sacrario, com o SS. Sacramento. N'esta ermida se faz todos os annos uma sumptuosa festa a Santa Catharina, virgem e martyr. Vide a 28.ª ermida.

—

10.ª — *Estevam* (Santo) — no logar da *Urgeriça*, freguezia de Dous-Portos. Disse-se n'ella a 1.ª missa, em 1590.

—

11.ª — *Gião* (São) — (São Julião) — vulgarmente chamada *São Gião Entre as Vinhas*, a 1:500 metros ao O. da villa. É antiquissima, e a sua ultima reconstrucção foi em 1846. Está junto da quinta do seu nome.

É muito provavel que esta ermida tivesse sido templo dos romanos, porque houve aqui uma grande povoação, do tempo d'esses conquistadores, do que ha claros vestigios, e em nossos dias se teem por estes sitios achado grande numero de objectos d'aquelles remotos tempos, como fica dito no § *Antiguidades*.

Na sachristia, está uma lápide com a seguinte inscripção, em lettra gothica:

ESTA ERMIDA MANDOU FAZER
JOÃO ALVES, PRIOR DE SANTA
MARIA DO CASTELLO, E FOI
ACABADA NO ANNO DE NOSSO
SENHOR JESUS CHRISTO, DE
MIL, E IIII.ᶜ E TRINTA ANNOS. (*1430.*)

É porém incontestavel que este prior, apenas reconstruiu *à fundamentis*, este templosinho, sobre as ruinas de outro; porque, em um aforamento, feito na era de 1313 (1275 de J. C.) e que existe no cartorio da egreja, já se nomeia esta ermida.

A pedra do remate da porta d'esta ermida, foi de uma sepultura romana, de tamanho regular. Ainda se descobrem, sob a hombreira do lado esquerdo de quem entra, estas letras, —

I V I I
X VII I

Sabe-se, porem, que toda a pedra estava cheia de letras, que foram mandadas picar por algum ignorante. Nas paredes, tambem se acham mettidas outras pedras com inscripções, hoje illegiveis, e provavelmente romanas.

—

12. — *Gião* (São) — (S. Julião) — fundada pelos sapateiros d'esta villa, em 1359, assim como um hospital, ou asylo, contiguo, para os seus confrades.

O seu primeiro assento, foi na *Varzea da Feira* (assim chamada, por se fazer aqui uma feira, no dia de São Pedro) *a par de Santa Maria do Amial*, passada a ponte da Mentira.

Por causa das inundações do Sizandro, a que estava sujeito, foi este estabelecimento de caridade mudado para dentro da villa (1586) para a rua chamada hoje dos *Pelomes* — e chamada então, *rua de Antão le Oliveira*; mas a ermida ainda ficou no sitio primitivo; porem, pelo mesmo motivo, a Misericordia a mandou demolir, e construir outra, em seu logar, no sitio onde hoje se vê, á sahida da villa pela porta da Corredoura, junto á estrada real que vae para Runa e povoações do Riba-Téjo. N'este mesmo sitio, por a ter levantado por varias vezes a calçada, estava a ermida sujeita ás inundações, que a estragavam, e em 1844 estava em quasi total ruina, com descredito da Misericordia, á qual foram dados os rendimentos do hospital dos sapateiros, sob a condição de trazer sempre a ermida bem conservada. N'este anno, (em junho) foi entullado o seu pavimento, até ficar superior á calçada; construindo-se então o campanario, e fazendo-se todos os mais preparos necessarios.

O povo da villa festejou sempre, até ao anno de 1810, com muita pompa, o padroeiro d'esta ermida, no seu dia, havendo missa cantada, sermão de manhan e de tarde, ladainha etc., e depois, varios leilões, cujo rendimento era applicado para o culto do santo.

Havia cavalhadas, jógos (*folias*) e outros divertimentos usados n'esse tempo.

Hoje, nem a Misericordia, nem outros

quaesquer devotos festejam este santo, nem mesmo aqui se diz missa.

Para o mais que diz respeito a esta ermida e seu hospital, vide o paragrapho *Misericordia*.

—

13.ª—*Helena* (Santa)—depois chamada da *Santa Cruz*, [1] por esta santa ter achado a verdadeira, onde J. C. foi crucificado; pelo que as imagens de Santa Helena, teem uma cruz ao lado.

É um templo antiquissimo, e pretendem alguns que foi egreja matriz da freguezia de Atouguia da Baleia. O seu primitivo assento, foi junto ao mar, que a arrazou, pelo que se construiu outra nova que é a actual. Na antiga, existia uma lapide romana, que foi tampa da *sepultura de Caio, filho de Quinto... que falleceu de 25 annos de edade. Foi mandado fazer, á custa de Valerio e Julia...*, tendo na ultima linha, as letras usadas em todos os tumulos romanos—S. T. T. L. (A terra te seja leve.)

O sargento-mór, Felix José da Cunha, do Turcifal, mandando aqui construir uma casa para banhos, fez da tal lapide um assento, que collocou junto á casa, que é hoje do negociante d'esta villa, Manoel Francisco da Veiga.

Perto da actual ermida, teem apparecido grande numero de sepulturas, com ossadas romanas, o que prova que, em tempos remotos, houve aqui uma grande povoação romana, que o mar foi pouco a pouco invadindo.

Hoje apenas aqui ha uns 7 ou 8 fogos, sendo o terreno circumferente, árido, e quasi todo coberto de areias. O que é certo, é que em Atouguia houve um templo romano, dedicado a Neptuno, que no tempo dos alanos se transformou em egreja christan, de um mosteiro de freiras agostinhas descalças, do qual apenas hoje existe a egreja que é a actual matriz da parochia. (Vide 1.º vol., pag. 254, col. 1.ª)

—

14.—*João* (São)—proxima e n'uma collina, e ao S. E. da villa.

Em 1847, se descobriu, debaixo do cunhal da capella-mór d'esta ermida, uma lapide tumular, que já fica descripta no § e antiguidades.

Foi construida (a capella) pelo povo da villa, no seculo XVI, e dedicada a São João Baptista.

A camara lhe fazia todos os annos uma pomposa festividade, no seu dia (24 de junho) que attrahia numerosa e brilhante concorrencia.

Havia então, uma corrida de touros, para a qual havia uma espaçosa *praça*, no *Campo da Porta da Varzea*, cercada de trincheiras de cantaria, obra de grande magnificencia.

Supponho que esta praça de touros, foi destruida pelo terramoto de 1755, pois d'ella ja não ha vestigios.

O juiz e mordomos d'este santo, eram sempre escolhidos de entre as pessoas mais qualificadas da villa; e a ultima festa, foi no anno de 1755.

Junto a esta ermida, houve um recolhimento, do qual já tratei, no logar competente.

—

15.ª — *Livramento* (Nossa Senhora do)—É no logar da Azoeira, termo d'esta villa, mas hoje concelho de Mafra [1].

—

16.—*Marcos, evangelista* (São)—no logar

[1] Santa Helena, que viveu pelos annos 300 de J. C., era mãe de Constantino Magno, o 1.º imperador romano que foi christão, convertido por sua mãe. Esta santa desejou achar a cruz onde o Redemptor fôra crucificado, a qual, e as dos dous ladrões (Gestas e S. Dimas) estavam enterradas no monte do Calvario (Golgotha) e só milagrosamente a pôde differençar das outras. (Isto prova que os dous ladrões não foram atados com cordas, ás suas cruzes, mas tambem presos a ellas por cravos de ferro, como Jesus Christo).

Se fossem só atados, não era preciso um milagre para se saber qual era a Cruz de Christo.

[1] Mafra, foi elevada a comarca em 1856. Então supprimiu-se o pequeno concelho de Azoeira (que apenas existia ha 20 annos) hindo as suas cinco freguezias—*Azoeira*—*Enxara do Bispo*—e *Sobral da Abelheira*, para Mafra — e as freguezias de *Freiria* e

do *Paúl,* 3 kil. ao O. N. O. da villa. É do povo. (Vide 6.º vol., pag. 507, col. 1.ª)

—

17.ª—*Maria do Azambujeiro do Sobral* (Santa)—é a actual matriz da freguezia do Sobral da Abelheira. (Vide n'este vol., pag. 415, col. 2.ª)

—

18.ª—*Marinha* (Santa)—na *Ribeira de Pedrulhos.* Hoje apenas d'ella existem as paredes desmanteladas, tendo a imagem da padroeira, sido levada para a capella do mórgado da Ponte do Rol.

Era a unica ermida d'esta invocação, em toda a comarca.

Suppõe-se que pertencia aos donos de um palacête, cujas ruinas ainda existem junto ás da ermida.

—

19.ª—*Matheus, evangelista* (São)—no logar da *Lobagueira.* Foi annexada ao hospital da Misericordia d'esta villa. Tem tombo dos seus bens, feito em 1506 e reformado em 1540.

—

20.ª—*Nazareth* (N. Senhora de)—no logar de *Fonte-Grada.* Pertencia á parochia de S. Miguel, d'esta villa, mas os seus priores a abandonaram aos curas da freguezia da Ponte do Rol, com parte da aldeia *D'Alem* (que antigamente se chamava *De Cá.*)

É grande esta ermida, e tem uma bôa torre com sinos. É do povo. Consta que foi fundada em 1520, e a sua festa é a 8 de setembro, dia da Natividade de Nossa Senhora. Apezar de se fazer hoje com sumptuosidade esta festa, foi ella ainda de maior magnificencia até ao principio d'este seculo, chegando-se até a alcançar provisão regia para se fazer um mercado n'este logar, no dia da festa; mas que durou poucos annos, acabando por falta de concorrencia.

—

21.ª—*Pena* (N. Senhora da)—no logar da *Serra da Villa,* construida pelos annos de 1611.

É do povo, que a fundou. Fica perto da villa.

—

22.ª—*Pedro da Amoreira* (São)—junto aos logares do *Codeçal* e *Xanca,* freguezia do Sobral da Abelheira. É muito antiga, e tem algumas propriedades. Tinha uma confraria, com seu *compromisso,* tambem antiquissimo. Tem tombo dos seus bens, feito em 1507, e reformado em 1541.

—

23.ª—*Piedade* (N. Senhora da)—no casal de Valle-Verde. É muito antiga: não se sabe por quem ou quando foi fundada. Nada tem digno de nota. O *Sant. Mar.* não traz esta ermida.

—

24.ª—*Piedade* (N. Senhora da)—É muito antiga, e tem tombo das suas propriedades, feito em 1506. Foi egreja do hospital de João Gil Cuchifel (vide o §. *Misericordia*) e é actualmente egreja parochial da freguezia de Santa Suzana, do *Maxial.*

—

25.ª—*Piedade* (N. Senhora da)—no logar do Codeçal, freguezia do Sobral da Abelheira.

Foi fundada em 1625, por André Domingues, e sua mulher, Natalia Duarte, que a dotaram com 3$000 reis de renda annual, para a sua fábrica, por escriptura de 7 de março d'esse mesmo anno. (Vide n'este vol., pag. 415, col. 2.ª)

—

26.ª—*Piedade* (N. Senhora da)—Tambem chamada *N. Senhora da Ribeira,* na bonita aldeia do Paúl. (Vide 6.º vol., pag. 507, col. 1.ª)

—

27.ª—*Prazeres* (N. Senhora dos)—no logar da *Caxaria,* freguezia de Dous-Portos (Ribaldeira.)

Tem sacrario, com SS. Sacramento. Aqui se faz todos os annos uma grande festividade á Padroeira, e outra a Santo Antonio, ambas concorridissimas.

—

28.ª—*Rosario* (N. Senhora do)—no logar de Villa Franca do Rosario, freguezia de

---

Turcifal, para Torres Vedras. Tambem se juntou então ao concelho de Mafra, a freguezia de *Fanga da Fé* (Encarnação) que era do concelho de Torres Vedras.

Para a ermida da *Senhora do Livramento,* vide 5.º vol., pag. 25, col. 1.ª.

Enxara do Bispo. Foi construida pelos annos de 1560, em um sitio a 2 kilometros do logar da Enxara, e a egual distancia da aldeia do Gradil, 10 ao S. da villa. A festa da Padroeira, é no 1.º domingo de outubro. Teve trez irmandades, sendo a principal formada por gente de Lisbôa—a 2.ª, pelos moradores de Via-Longa — e a 3.ª, pelos dos Olivaes. Houve no dia da festa, uma bôa feira franca.

A pouca distancia da ermida, está uma *memoria*, em fórma de nicho, que, segundo a lenda, foi onde a Senhora appareceu a um pastorinho.

É um templo vasto e magnifico, com capacidade de poder servir de egreja parochial. Tem altar mór, e dous no corpo da egreja, sacristia muito bôa, e duas torres de sinos, mas uma ainda está por concluir. Tem algumas propriedades, cujos rendimentos são applicados para a sua fábrica.

—

29.ª—*Salvador do Mundo* — (Hoje é dedicada a *Nossa Senhora dos Anjos*) no logar e freguezia de Dous Portos.

Por escriptura de 14 de novembro de 1595, se obrigaram os moradores d'este logar, á fábrica da egreja e a terem sempre acceza a alampada do Sacrario, porque então estava aqui o SS. Sacramento, que depois se mudou para a ermida do Espirito Santo, da Ribaldeira, na mesma freguezia.

—

30.ª — *Saude* (N. Senhora da)—na *quinta do Clavel*, que foi dos condes do Farrôbo. É templo moderno, com missa de obrigação da casa, em todos os domingos e dias santos (*mesmo nos abolidos em 1844.*)

—

31.ª—*Saúde* (N. Senhora da)—no logar de Figueirêdo, freguezia de S. Miguel d'esta villa. É do povo, e festejada, a Padroeira, todos os annos.

Tem varias propriedades, e tombo d'ellas, que está no archivo da matriz.

—

32.ª—*Sebastião, martyr* (São)—na aldeia do *Barril*, na freguezia da Fanga da Fé. Foi feita á custa do povo, em 1597. Faz-se-lhe uma grande festa annual, muito concorrida.

—

33.ª—*Sebastião, martyr* (São)—no logar do mesmo nome, nas abas da serra do Soccôrro. Foi antigamente de um hospital e confraria, com seus bens, tombados em 1506, e reformado, o tombo, em 1540.

—

34.ª — *Senhora da Cátula* (corrupção de *Cáthedra*)—na freguezia de S. Pedro dá Cadeira, 11 kil. ao N. de Torres Vedras. A verdadeira invocação da Podroeira, é *N. Senhora do Ó*, ou da *Expectação.* É templo antiquissimo, mas não se sabe quando nem por quem foi fundado. A imagem revela grande antiguidade; é de pedra e tem um metro d'alto.

Tem varias propriedades, e tombo d'ellas, feito em 1507.

—

35.ª—*Senhora dos Milagres*, ou *da Fonte Santa*, ou *da Agua Santa* — junto ao logar dos *Milheiros*, freguezia de Dous-Portos. Fazem-se á padroeira duas festas annuaes—a 1.ª, no ultimo domingo d'agosto, pelo povo de *Alfaria*, que ainda conserva o antigo uso de levar á ermida uma dança de 12 meninas, ricamente vestidas — a 2.ª festa, é no 1.º domingo de setembro, havendo então aqui uma bôa feira.

A aldeia dos Milheiros, fica 10 kil. a E. da villa.

Segundo a lenda — no anno de 1578, andava aqui um pastorinho, guardando ovêlhas, e não havendo agua por aquelles sitios, chorava o menino com sêde. Então lhe appareceu a Virgem, e com suas mãos, fez uma pequena cóva em um rochêdo, d'onde immediatamente brotou um manancial de agua purissima e em grande abundancia.

Regressando o menino a casa, contou a seus paes o acontecido, e logo elles e outros visinhos foram ao sitio, admirar o milagre, e em uma pequena collina, alli perto, trataram logo de fazer uma ermida, que dedicaram a N. Senhora, sob a invocação dos *Milagres*; mas em memoria do successo que deu origem a esta ermida, lhe chamam tambem vulgarmente, Senhora *da Fonte Santa*, ou da *Agua Santa.* (Vide 8.º vol., pag. 171, col. 2.ª)

—

36.ª—*Soccôrro* (N. Senhora do) — no alto da serra do mesmo nome. É templo antiquissimo, de architectura gothica, e de abobada, com sua capella-mór, e corpo da egreja. A sua festa é a 5 de agosto (N. Senhora das Neves) e sempre concorridissima de romeiros de muitas leguas de distancia, que trazem á Senhora valiosas offertas.

Tem casas antigas para romeiros, mas n'estes ultimos tempos teem-se feito outras novas, em vista do grande concurso.

No dia da festa ha aqui uma bôa feira, que antigamente se chamava de *Montachique*.

O templo está no mais alto da serra, em sitio summamente alegre e pittoresco, e com um surprehendente ponto de vista, para todos os lados, vendo-se grande numero de povoações, valles ferteis e aprazíveis, varios montes e serras, a praça de Peniche, as Berlengas, o Baleal, a Consolação, e uma vasta extensão do Oceano.

Ao fundo d'esta serra, está a ermida de S. Sebastião, a 33.ª mencionada.

Fica a 6 kil. da villa.

Segundo a tradição, esta ermida foi originariamente mesquita de mouros, e que a imagem da Padroeira appareceu em uma lapa proxima do templo. É de pedra e de 1m,10 de altura.

Tem um ermitão que cuida na limpeza e conservação do templo e suas dependencias.

É no districto da freguezia de Enxara do Bispo, e fica a 8 kilometros de distancia do famoso santuario de *N. Senhora da Guia*, (posto semaphorico) no termo de Cascaes.

—

37.ª—*Vicente* (São)—Fundada no cume do monte do seu nome, onde está o forte tambem assim denominado, e que já mencionei, quando tratei das famosisissimas *Linhas de Lisbôa*.

É templo antiquissimo, e com muita probabilidade, do principio da monarchia, porque, no cartorio da egreja de São Thiago, d'esta villa, existe o emprazamento de um olival, *a São Vicente a par do chafariz de S. Miguel*, feito na era de 1305 (1267 de J. C.)

A festa do padroeiro fazia-se no seu dia proprio—22 de dezembro—mas, exactamente n'esse dia, do anno de 1846, teve logar a batalha entre cabralinos e populares, como já fica referido, e a ermida ficou arruinada e profanada. A imagem do santo, foi então mudada para a ermida de N. Senhora do Amial, que fica em baixo, e ahi, desde então, se tem feito a festa de S. Vicente, no seu dia.

—

Ainda ha mais algumas ermidas, de quintas, que já ficam mencionadas em outros logares.

—

Alem das 37 ermidas aqui descriptas, e das particulares, que o ficam no logar competente, é provavel que haja mais alguma, no termo de Torres Vedras; porem o livro de que tomei os apontamentos para este artigo, está tão confuso e atrapalhado, que, para n'elle se achar qualquer cousa, é *como quem procura agulhas em palheiro*.

Praça de touros

Já vimos que no campo da Porta da Varzea, houve uma vasta praça de touros, feita de cantaría, pela camara, para haverem brilhantes corridas no dia de S. João Baptista, cuja ermida fica proxima.

Destruida esta praça, pelo terramoto de 1755, nunca mais se construiu outra, de pedra, para a substituir.

Em 1758, a camara, para festejar o mesmo santo, fez construir, de madeira, uma nova praça, no mesmo sitio da antiga; mas, terminadas as festas, foi mandada desfazer.

Em 1853, uma *companhia* de curiosos, d'esta villa, mandou fazer outra, tambem de madeira, e excellente, no sitio de *Entre as Hortas*, a Carcavellos, com a esperança de auferirem grandes interesses; mas, tendo aqui havido algumas corridas, em dia de S. Pedro, e não correspondendo o lucro ás suas esperanças, está actualmente abandonada e ameaçando ruina.

Antes porem d'esta praça permanente, se tinham feito algumas de madeira, que se desfaziam, findo o *humanitario divertimento*.

Homens illustres de Torres Vedras

1.º—*Padre Antonio Trigueiros Semêdo*, filho legitimo de Gregorio da Fonceca Semêdo e de D. Brites de Gouveia. Foi doutor em canones, pela universidade de Coimbra, lente de decretaes, na mesma, deputado do Santo Officio, conego doutoral, da Sé de Lamêgo, tomando posse do canonicato, em 19 de maio de 1655.

Foi depois, conego doutoral da Sé do Porto, e por fim, da de Coimbra, onde falleceu, no real collegio de S. Pedro.

—

2.º—*Gomes Martins de Vasconcellos e Alvarenga*, filho de Manoel Rodrigues de Vasconcellos.

Casou com D. Catharina Teixeira—tambem natural d'esta villa (que, depois de viuva, casou com o pae do 1.º barão d'Alvito, como vimos em outro logar.) Foi camareira-mór da infanta D. Isabel, duqueza de Borgonha.

Gomes Martins de Vasconcellos e Alvarenga, seguiu as letras, e foi do conselho de D. João I, juiz da corôa, e chanceller-mór do reino.

—

3.º—*Ruy Gomes Alvarenga*, filho unico dos antecedentes. Casou com D. Milicia Soares de Mello.

Foi do conselho dos reis D. João I, e Dom Duarte, chanceller-mór do reino, no reinado de D. Affonso V, e embaixador a varias côrtes estrangeiras. Foi alcaide-mór de Torres Vedras, e pae de Gomes Soares d'Albergaria e Mello, que lhe succedeu na casa e na alcaidaria.

—

4.º—*Gomes Soares d'Albergaria e Mello*, filho dos antecedentes, e successor de seu pae, foi reposteiro-mór dos reis D. Affonso V, D. João II, e D. Manoel.

Foi um guerreiro intrépido, entrando em muitas batalhas, e ficando prisioneiro na de Tôro (maio de 1476.)

Morreu n'esta villa, a 12 de janeiro de 1514, e foi sepultado no mosteiro do Varatôjo, em uma capella que tinha mandado fazer no claustro.

Foi sua filha e herdeira, D. Margarida Soares de Castro, que, como vimos em outro logar, casou com D. João d'Alarcão, o 1.º dos Alarcões que foram alcaides-móres d'esta villa.

—

5.º—*João Lopes Perestrêllo*, illustre capitão portuguez, companheiro do immortal D. Vasco da Gama, na descoberta do caminho da India, por mar.

Casou com D. Philippa Lourença, tambem d'esta villa, a qual jaz sepultada na capella da SS. Trindade, da egreja de S. Pedro, e tambem seu marido, que, tendo fallecido na Ilha Terceira, foram transferidos os seus ossos para esta sepultura, mandada fazer por seus filhos, Antonio, e Raphael Perestrello, para elles, e seus paes e descendentes, em 1510.

Estes descendentes são os actuaes possuidores da quinta e mórgado *da Ermigeira*, e a quinta e mórgado *do Hespanhol*, vinculada por João Lopes Perestrêllo, filho do dito Antonio Perestrêllo.

João Lopes Perestrêllo, e sua mulher, jazem em uma urna de jaspe, assente sobre leões da mesma pedra, dentro de um arco de architectura gothica, com varios ornatos e figuras, em relêvo, mettido na parede, do lado da Epistola, e ao S. da dita capella da SS. Trindade, com esta inscripção:

NOBILIUM, DÃ, JOANNIS, LOPEZ,
PERESTRELO, ET EJUS, UXORIS
PHILIPA, LAURENTI,
OSSA TUMULATA, CUBANT.

(Aqui estão depositados os ossos dos nobres senhores, João Lopes Perestrello e de sua mulher, Philippa Lourença.)

D'ambos os lados do epitaphio, estão abertas as armas dos illustres defunctos—isto é—as dos Perestrêllos, á direita, e as dos Teixeiras, á esquerda.

Sobre o arco da capella, que defronta com a nave principal da egreja, está tambem o escudo d'armas dos Perestrellos, tendo por baixo a inscripção:

PALASTRELLUS

—

6.º—*Bartholomeu Perestrêllo*, illustre navegador portuguez, e (como seu irmão João Lopes Perestrêllo, o antecedente) companheiro de D. Vasco da Gama. Falleceu em Cochim (India) em 1515.

Instituiu na capella de seus paes (a que acabei de mencionar no § antecedente) uma missa quotidiana, por sua alma, e seis annuaes pela de seu pae, para o que designou os competentes rendimentos, em bens de raiz, *com muitas maldicções aos seus descendentes, que não cumprissem o indicado n'esta instituição.*

Não teve filhos, e, instituindo o mórgado da Ermigeira, nomeou primeiro administrador d'elle, seu irmão Antonio.

Hoje, este mórgado é, por herança, dos srs. viscondes de Balsemão.

Há mais de 200 annos que se não dizem as missas impostas no vinculo pelo seu instituidor: apenas os donos da quinta da Ermigeira, dão annualmente, 6 potes de azeite, para estar constantemente acceza uma alampada, na capella da SS. Trindade, para o que o instituidor designou o azeite do seu olival *do Galhardo*, junto á *Fonte da Santa*, ao pé da villa.

—

7.º—*Antonio Telles da Silva*, filho dos 3.ºs marquezes de Penalva, Fernando Telles da Silva Caminha e Menezes, e sua mulher, D. Joanna d'Almeida.

Foi (Antonio Telles da Silva) gentil-homem da camara de D. João VI, no Rio de Janeiro. Nasceu na Quinta das Lapas, que já fica descripta.

—

8.º — *D. Eugenia Telles da Silva*, irman do antecedente, tambem nascida na Quinta das Lapas, a 9 de setembro de 1791, e falleceu a 28 de dezembro de 1834.

—

9.º—*Dona Leonor*, filha do rei D. Duarte e da rainha D. Leonor, filha de Fernando I, d'Aragão. Nasceu aqui, a 18 de setembro de 1434, casou, em 1451, com o imperador da Allemanha, Frederico III.

Falleceu, em Neustad, a 3 de setembro de 1467.

—

10.º—*Dona Garcia Froyas*, mãe de D. Pedro, conde de Barcellos, filho natural do rei D. Diniz, e auctor do celebre *Nobiliario*, intitulado, *Livro das Linhagens.*

—

11.º—*D. Manoel da Silva Francez*, bispo de Tagaste, provisor e coadjutor do arcebispo de Lisboa, D. João de Sousa, da familia dos senhores de Gouveia (de Riba-Tâmega—4.º vol., pag. 275, col. 2.ª)

—

12.º—*D. frei Eugenio Trigueiros*, bispo de Macau (China) e arcebispo eleito de Gôa, capital da India Portugueza.

—

13.º — *Padre Manoel Agostinho Madeira Torres*, prior da egreja de Santa Maria do Castello, presidente das côrtes de 1821, socio da Academia Real das Sciencias, de Lisbôa, e auctor da *Descripção historica e economica, da villa e termo de Torres-Vedras*, publicada pela mesma Academia, e encorporada nas suas obras. (D'este livro me servi, para extrahir muitas das noticias que se acham n'este artigo.)

—

14.º—*Roque Ferreira Lobo*, administrador do correio do reino, fallecido em Lisbôa, no mez de outubro de 1828.

Escreveu e publicou, a *Historia da feliz acclamação do Senhor D. João quarto, com uma serie chronologica dos senhores reis de Portugal.* Foi impressa em 1803.

—

15.º—*Frei Alvaro de Torres*, monge de S. Jeronymo, um dos melhores prégadores do seu tempo. Escreveu e publicou o *Dialogo espiritual*, e o *Directorio de confessores e penitentes*, impresso em 1556, e reimpresso, em 1558. É livro que ainda hoje goza da geral estimação, e, apezar das suas duas edições, é muito raro.

Errata

Na pagina 631, a nóta que se refere á *parochial de Santa Maria do Castello* diz respeito á egreja de *S. Thiago.*

TORRINHA—nome vulgar da freguezia da *Torre do Terranho. Torrinha, Torre*, e *Torre do Terranho*, é uma e a mesma povoação. Cada um lhe dá qualquer d'estes trez nomes, como lhe apraz. Pertenceu ao extincto concelho de *Moreira de Rei*, e agora pertence ao de Trancoso.

O *Chuço*, pae, natural de Trancoso, casou n'esta freguezia e aqui lhe nasceram os famosos dous filhos, *José* e *Antonio*. (Vide n'este vol., pag. 551, col. 2.ª)

Ha n'esta freguezia abundancia de milho, feijões, batatas, e algum vinho, *verde*: do mais pouco. Muito gado, colmeias, e caça, grossa e miuda.

Ha aqui um bom edificio brazonado, com uma linda capella, pertencente á familia Athaide, de Villa Real, de Traz-os-Montes. E' hoje propriedade da sr.ª D. Maria Bernarda Pimentel de Athaide Montenêgro, solteira, e aqui residente.

Vide *Torre do Terranho*.

TORROZÊLLO—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Cêa (foi da comarca de Gouveia, extincto concelho de Sandomil) 70 kilometros ao E. de Coimbra, 285 ao E. N. E. de Lisbôa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 101.

Orago, N. Senhora do Rosario.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

O prior da Varzea de Merugem, apresentava o cura, que tinha 40$000 reis de rendimento, alem do pé d'altar.

É povoação muito antiga, e foi villa. O rei D. Manoel lhe deu foral, em Lisbôa, a 15 de maio de 1514. (*Livro dos foraes novos da Beira*, fl. 39 vs., col. 1.ª)

TORTICEIRO — portuguez antigo — malvado, injusto, perverso, malfeitor, etc.

TORTO — pequeno rio, Traz-os-Montes, que morre na margem direita do Tua, perto de Seixes.

TORTO — portuguez antigo — injuria, damno, avaria, lesão, injustiça, aggravo, e tambem castigo.

TORTO — pequeno rio, Beira Alta, que desagúa na margem esquerda do Douro.

Nasce na *Fonte do Milho*, estrada de Trancoso. Divide a freguezia da *Torre*, da do *Terranho* — passa em *Sabadêlhe da Serra*. Divide a freguezia das *Antas*, da da *Próva*— passa á de *Ourosinho* — o concelho da *Mêda*, do de *Penedono* — a freguezia dos *Pereiros*, das de *Vallongo* e da *Póvoa* — passa ás de *Trevões, Villarouco*, e *Pesqueira* — divide as de *Vargens, Castanheiro*, e *Vallença do Douro*, da freguezia de *Ervedosa*.

Entra no rio Douro, no sitio das *Bateiras*, um pouco abaixo do *Penhão*, depois de um precurso de 40 kilometros. O seu leito (principalmente ao aproximar-se do Douro) é tão caprichosamente sinuoso, que d'ahi lhe vem o nome de *Tôrto*.

Não tem pontes de pedra, senão a nova das *Bateiras*, na estrada marginal do Douro; mas tem muitas de madeira.

No inverno, é caudaloso e imponente, mas sécca completamente no verão. Póde dizer-se que é uma *torrente* e não um rio.

Poucas quintas dignas de menção se encontram nas suas margens, por serem formadas de penedias e muito ingremes. As melhores, são — a da *Soalheira*, do sr. Francisco Cardozo Valente, do Porto — a de *Seixas* — a de *Cedavim*, do sr. desembargador Bernardo de Lemos Teixeira d'Aguilar — a de *Santa Barbara*, da viuva do doutor Albano Coutinho, de Trevões, todas na margem direita — e na margem esquerda — a de *Canellas*, dos Pimenteis, de Sarzedinho — e a do *Seixo*, de que fallei a pag. 87, col. 2.ª, do 9.º volume (o 1.º Seixo.) [1] Todas estas quintas produzem muito bom vinho de embarque, optimas laranjas e outras varias fructas saborosissimas.

Dr. Pedro Augusto Ferreira,
Abbade de Miragaia.

(Para evitarmos repetições, vide o 1.º *Seixo*, n'este volume, pag. 87, col. 2.ª)

TORTOZENDO — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Covilhan, 40 kilometros da Guarda, 250 ao E. de Lisbôa, 600 fogos.

Em 1768, tinha 335.

[1] Antonio de Almeida Coutinho e Lemos (vide *Trevões*) barão do Seixo, negociante de vinhos, morreu, e esta quinta é hoje do sr. Constantino do Valle Pereira Cabral, do Porto.

Orago, N. Senhora da Oliveira.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello-Branco.

O padroado real, apresentava o prior, que tinha 300$000 reis de rendimento annual.

É terra muito fertil, e tem abundancia de gado, de toda a qualidade — caça, e colmeias. Vide *Tortozes*.

TORTOZES — portuguez antigo — rolas, áves. D'aqui, segundo alguns escriptores, vem *Tortozendo*, como quem diz — *terra das rôlas* — ou, onde ha muitas rôlas. Parece-me porem mais provavel que a palavra Tortozendo seja corrupção de *Tructezendo*, nome proprio de homem, gôdo, cujo patronimico, é *Tructezendes*. Tambem se dizia *Tructezindo* e *Tructezindes*.

Talvez que algum senhor gôdo, fosse o fundador, ou possuidor, d'esta povoação e lhe désse o seu nome.

TOSTE — portuguez antigo — logo — sem demora — diligentemente, etc.

TOUCA — (*Monte da*) Beira Baixa, na freguezia de Alpedrinha, comarca e concelho do Fundão.

O antigo nome d'este monte, é, *da Conceição*; mas dá-se-lhe vulgarmente o nome de *Monte da Touca*, porque, no inverno, a neve que o corôa fórma uma especie de *touca*.

N'elle rebentam uns abundantes mananciaes de aguas sulphuricas, em diversos sitios, perdendo-se a maior parte, que se vão misturar com outras aguas.

E' tradição que, em tempos antigos, appareceu em uma vinha, propriedade de certo medico, uma nascente da mesma qualidade, mas de muito mais alta temperatura. O dono da vinha, porém, que não queria escavações n'ella, *peitou* o operario que descobriu o manancial, para que elle não dissesse onde era o seu logar.

As que actualmente se aproveitam, teem a temperatura de 22 gr., Reaumur, e são recolhidas em um grande tanque ou deposito, de cantaria, coberto com folha de zinco, indo d'elle encanadas para seis tinas de pedra (quatro de granito, e duas de marmore branco.)

São aquecidas pelo vapor, pois que, no mesmo estabelecimento onde estão as tinas, ha uma machina a vapor, da força de 2 ou 3 cavallos, correndo a agua por tubos, para as tinas; e para as mesmas correm tambem por tubos, as aguas do mesmo deposito, na sua temperatura natural, para lhes dar a temperatura desejada.

O estabelecimento thermal, é bom, e offerece sufficientes commodidades para as pessoas que precisam fazer uso d'estes banhos. Foi mandado construir pela camara municipal do Fundão, dando a irmandade do SS. Sacramento da freguezia de Alpedrinha, reis 1:400$000 para ajuda das despezas da construcção.

A camara arrenda annualmente estes banhos, e recebe já uma bôa renda, mas não cura da conservação e augmento do edificio, com grande desgosto do publico em geral, e dos doentes em particular.

São uteis estas thermas, para a cura do rheumatismo, e efficacissimas para extinguir as molestias cutaneas; mas não foram devidamente analysadas.

No local dos banhos, ha ainda apenas duas casas, feitas por particulares, mas em más condições; todavia, servem de bastante utilidade aos doentes, que aqui concorrem de 35 e 40 kilometros, e já em bastante numero; porém a concorrencia seria muito maior, se houvesse outra sorte de commodidades.

A povoação mais proxima das thermas, é a villa de Alpedrinha, que fica a uns 3 ou 4 kilometros.

Devo estas informações ao Rd.^mo sr. *Antonio Maria da Cunha*, parocho actual (1882) da freguezia d'Alpedrinha; ao qual dou os meus sinceros agradecimentos.

TOUÇA — Villa, Beira Baixa, comarca e concelho de Villa Nova de Foz-Côa (foi da comarca de São João da Pesqueira, extincto concelho de Freixo de Numão.) 54 kilometros de Lamego, 355 ao N. de Lisbôa, 100 fogos.

Em 1724, tinha 77.

Orago, Nossa Senhora da Pureza.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

(O *Portugal Sacro* não traz esta parochia, porque ainda não existia quando se publicou esse livro.)

É povoação muito antiga, mas não se sabe quando, nem por quem foi fundada.

Foi em tempos antigos, da comarca de Pinhel; depois, da de Trancoso; depois, da da Pesqueira, e é hoje da de Villa Nova de Foz-Côa.

Está esta freguezia situada em uma dilatada campina, entre os rios Côa e Távora, a 3 kilometros da villa de Freixo de Numão, a cuja freguezia pertenceu antigamente; até que, depois de mais de 14 annos de embaraços e demandas, se separou, tornando-se parochia independente, por trez sentenças, obtidas — a 1.ª, no juizo ecclesiastico de Lamego — a 2.ª, na Curia patriarchal — e a 3.ª, na Nunciatura apostolica.

Elegeu o povo, o seu 1.º cura, em 1793.

Foi cabeça de concelho, com juiz, vereador e camara, independente do juiz de fóra do Freixo de Numão, e só sujeita ao seu capitão-mór.

Nunca teve foral (ao menos Franklin não o traz) mas teve uma antiga *carta de privilegio*, dada pelo rei D. Diniz, que coutou esta villa, isentando-a de toda a qualidade de impostos, pagando só os dizimos, e tambem não era obrigada a dar soldados para o exercito. Estes privilegios, porem, acabaram no reinado de D. José I.

Havia n'esta villa uma antiga ermida, dedicada a N. Senhora da Visitação, ou da Pureza, para a qual dava a casa de Rodrigo Pinto, de Lamego, 30$000 reis cada anno, para aqui haver capellão que dissesse missa ao povo. Dava esta quantia, porque todos os habitantes da Touça, eram seus caseiros, pois todo o termo d'esta villa era um praso fateusim, foreiro ao mosteiro de Tarouca. Este praso passou, por herança, aos Peixotos, senhores de Fermêdo, Vieira e outras terras, que recebiam *os quartos* (!) de todos os fructos; pelo que, muitos dos lavradores d'aqui deixaram de cultivar terras n'este termo, para se eximirem de tão monstruoso onus, e hiam cultivar terras nos termos de Sedavim, e do Freixo, onde só pagavam o dizimo.

Esta grande casa dos Peixotos, acabou em Antonio Peixoto, que vendeu (quasi ao desbarate) tudo quanto havia herdado de seus maiores, e, depois de ser cocheiro, no Brasil, é agora (1881) *medico homeopata* (*auctoritate qua fungor*) em Montevideu, na America Hespanhola!

Sic transeat gloria mundi.

Vide *Fermêdo.*

A ermida de Nossa Senhora da Visitação, foi erecta em egreja matriz, quando se creou esta freguezia, e é ainda a sua parochial.

O padre Carvalho, na sua *Chorographia* (tomo 2.º, capitulo 9.º) érra quando diz que a villa de Touça tem egreja parochial, e duas ermidas. Nem quando elle publicou o seu livro havia aqui *egreja parochial*, nem outra ermida, alem da que hoje, e desde 1793, é matriz da freguezia.

Fabricam-se aqui, panos ordinarios.

Tem bôas hortas, é terra fertil, por ser abundante d'aguas; cria muito gado, de toda a qualidade, e nos seus arredores ha bastante caça.

O documento mais antigo que achei, com respeito a esta villa, é a doação que, em 1242, fez o concelho de Numão, a *Dom Abril*, do *Campo da Touça* (ou *Granja da Touça.*)

Por morte de D. Abril — que falleceu sem descendentes — reverteu isto á corôa, e o rei D. Diniz deu esta propriedade, e outras em Sedavim, Muxagata, e Longroiva, que o mesmo concelho de Numão havia dado ao tal D. Abril, ao mosteiro de Tarouca, pela terça parte da *villa* d'Aveiro (hoje cidade.)

Este mosteiro, emprazou depois a Touça aos ascendentes dos Pintos (depois Peixotos) por a renda annual de 360 alqueires de trigo, ou 36$000 reis. (Então já o trigo estava *a tostão o alqueire.*)

TOUGUES — freguezia, Douro, na *Terra de Faria*, comarca e concelho de Villa do Conde, 30 kilometros ao N. do Porto, 350 ao N. de Lisbôa, 100 fogos.

Em 1768 tinha 49.

Orago, S. Vicente, martyr.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O bispo do Porto, e o bailio da ordem de Malta, de Leça do Bailio, apresentavam alternadamente o abbade, que tinha 320$000 reis de rendimento.

Está situada junto ás margens do rio Áve, e é terra fertilissima, como todas as que estanceiam entre o Douro e o Minho. Cria muito gado bovino, que exporta, e nos seus montes ha bastante caça. O Ave a fornece de algum peixe miudo, mas é abundante de peixe do mar, que lhe fica a 6 ou 7 kilometros de distancia, ao O.

É povoação muito antiga; e ficava dentro da circumscripção da antiga e vastissima comarca da Maia, que comprehendia todo o territorio entre os rios Douro e Lima, e que depois se circumscreveu entre o Douro e Ave. Desde então, ficou pertencendo ao territorio denominado *Terra de Faria*; porém, a sua mais antiga denominação desde o seculo X, é o de *Terra de Santa Maria*. (Vide *Villa do Conde.*)

Não se sabe quando foi fundada a sua egreja matriz, que é tambem antiga, e provavelmente, construida com os materiaes da primitiva (ou d'outro qualquer grande edificio) porque as suas paredes são feitas, em grande parte, com pedras de esquadria lavrada, e tijolos, que já haviam servido em outra construcção.

Houve n'esta freguezia um mosteiro de cruzios, fundado (não se sabe por quem) no seculo XIII. Passou a abbadia secular, sendo bispo do Porto, D. João d'Azevedo, por bulla do papa Sixto IV, em 1475. E' pois de suppor que a pedra de cantaria que se vê na parede da egreja, sejam restos do tal mosteiro, do qual ainda ao pé do templo ha alguns vestigios.

O sr. José de Azevedo Fernandes, deu á egreja de Tougues, dous sinos—um do pêso de 705 kilogrammas — outro, de 236, que aqui chegaram a 8 de outubro de 1875. Foram fabricados em Braga.

Em 21 de abril de 1879, falleceu n'esta freguezia uma virtuosissima dama, que tem jus a ser mencionada n'este repositorio—foi *D. Maria Benedicta de Mesquita Montenegro*. Tendo 16 annos de edade, casou com Manoel Antonio de Mesquita Pimentel. Ficando viuva, quando apenas contava 21 annos, nunca mais cuidou em passar a 2.as nupcias, consagrando-se com maternal desvelo, á educação de seus dous unicos filhos — D. Anna Amalia de Mesquita Montenegro, já fallecida antes de sua mãe — e o sr. doutor Bento Joaquim de Mesquita Pimentel de Carvalho, pae do sr. Antonio Joaquim de Mesquita Pimentel, que foi administrador do jornal braccarense «Commercio do Minho» e está hoje fazendo parte da direcção da «Palavra» jornal do Porto.

No decurso da sua longa vida (pois falleceu de quasi 100 annos) foi o typo perfeitissimo da mulher christan, e da mãe de familia, educando seus filhos, nos principios do mais austero catholicismo.

De seus labios, só se ouviram, até aos seus ultimos instantes, palavras de consolação, doçura e sabedoria, tanto para os seus, como para os estranhos.

Senhora de esmerada educação, foi muito inclinada á poesia, e fez bastantes versos mysticos, repassados de suavidade e de religião.

Falleceu santamente, como tinha vivido, deixando indelevel saudade, não só a seus filhos e netos, como a todas as pessoas que tiveram a ventura de a conhecer e tratar.

Para a etymologia d'esta povoação e da seguinte, vide *Touguinhó*.

TOUGUINHA — freguezia, Douro, na *Terra de Faria*, concelho e comarca de Villa do Conde, 30 kilometros ao N. do Porto, 30 ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisbôa, 98 fogos.

Em 1768, tinha 134 [1].

Orago, N. Senhora da Expectação.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

A camara ecclesiastica de Braga, apresen-

---

[1] Regulo-me sempre pelo *Portugal Sacro*, para a população de 1768, o que não é muito seguro; mas não tenho outro livro por onde me possa regular. N'esta freguezia, acho exagerada a cifra de 134 fogos, porque a população do Minho não tem decrescido. Parece-me que o *Portugal Sacro* poz um cento de fogos a mais.

tava o vigario, collado, que tinha 400$000 reis de rendimento.

Em 26 de novembro de 1238, D. Sancho II, estando em Guimarães, deu ao arcebispo de Braga D. Silvestre, e seus conegos, as egrejas de Ponte do Lima, e Touguinha, livres e isentas de qualquer direito real.

Os arcebispos de Braga, tinham o direito de cunhar moeda, [1] e o rei lho tirou, dando-lhe em troca d'esse direito, as taes duas freguezias, e o padroado das de Pedralva, Gouviães e Adoufe.

Vê-se pois que Touguinha, é uma povoação antiquissima, pois já existia, como parochia, no principio da nossa monarchia.

Como a antecedente, é na antiga circumscripção da comarca da Maia.

E' terra fertil em todos os fructos do paiz, cria muito gado bovino, que exporta para a Inglaterra, e nos seus montes ha bastante caça e algumas colmeias.

O rio Ave, que lhe fica proximo, e o mar, a 8 kilometros de distancia, lhe fornecem peixes, e mariscos.

TOUGUINHÓ — freguezia, Douro, na *Terra de Faria*, comarca e concelho de Villa do Conde, 30 kilometros ao O. de Braga, 30 ao N. do Porto, 360 ao N. de Lisbôa, 195 fogos.

Em 1768, tinha 91.

Orago, O Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

A mitra, apresentava o abbade, que tinha 800$000 reis de rendimento annual.

Já se vê que todas estas trez freguezias são immediatas umas ás outras; e ha entre o povo, o seguinte dictado:

«Em Tougues estou;
Touguinha vejo;
Em Touguinhó me desejo»

Todas estas trez freguezias são antiquissimas, e provavelmente habitadas antes da dominação romana.

E' certo que alguns povos do Oriente (médos, persas, phenicios, etc.) povoaram grande parte do nosso litoral, entre os rios Douro e Minho, do que ha memorias escriptas, e alguns vestigios de monumentos, e em nomes de povoações, montes e valles, como temos visto no decurso d'esta obra. Uma prova d'isto, é o nome d'esta freguezia e das duas antecedentes, que provem do substantivo — *Taquia* — que nós corrompemos em *Tauga*, e por fim, em *Touca*, ornato de mulher, bem conhecido. A *Taquia* persa, porem, era uma especie de turbante, que tanto ornava as cabeças das mulheres, como as dos homens.

Como Tougues e Touguinha, é esta freguezia abundantissima de todos os generos agricolas do nosso paiz; cria muito gado bovino, que exporta; e o Áve e o mar a fornecem de peixe.

TOULÕES — freguezia, Beira Baixa, no bispado da Guarda.

Tinha por orago, Santo Antonio de Lisbôa.

Era um curato, da freguezia de S. Miguel de Monsanto, cujo prior apresentava o cura de Toulões, que tinha 30 mil reis de rendimento.

Ficava a 75 kilometros da cidade da Guarda, e a 270 ao E. de Lisbôa.

Em 1768, tinha 19 fogos.

Foi, no principio d'este seculo, supprimida, por pequena, e está reduzida a aldeia.

TOURÃES — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Céa, 70 kilometros a E. de Coimbra, 264 ao E. N. E. de Lisbôa, 500 fogos.

Em 1768, tinha 252.

Orago, o Salvador.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

O cabido da Sé de Coimbra, apresentava o cura, que tinha 150$000 reis de rendimento, e o pé de altar.

E' terra fertil. Ha aqui abundancia de gado miudo e caça.

TOURAL — portuguez antigo — praça de touros. Ainda muitos logares onde houve

[1] Ou os arcebispos não usaram nunca d'esse direito, ou se com effeito cunharam moeda, foi em muito pequena quantidade, pois nem uma unica moeda dos arcebispos se tem até hoje encontrado em parte alguma.

antigamente corridas de touros, conservam o nome de *Toural*. A melhor praça de Guimarães, assim se denomina.

TOURÉGA — Vide *Ouréga*.

TOUREM— freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Montalegre, 80 kilometros ao N. E. de Braga, 450 ao N. de Lisbôa, 130 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado de Orense (Galliza) [1] districto administrativo de Villa Real.

E' povoação muito antiga, e foi villa e honra, mas nunca teve foral.

E indispensavel, para intelligencia cabal d'este artigo, ver o que disse a paginas 346, col. 1.ª e seguintes, do 5.º volume, na palavra *Mixto, ou Conto mixto*.

Esta parochia comprehende unicamente a povoação que lhe dá o nome, uma das mais importantes do concelho.

Foi sempre e ainda é hoje portugueza. Nunca teve, nem tem a mais leve dependencia da Hespanha, á excepção da sujeição espiritual ao bispo de Orense.

O padroeiro d'esta egreja é o rei de Portugal, mas o parocho portuguez tem de ir receber a investidura canonica do bispo de Orense.

Não me foi possivel averiguar em que tempo ou como, aquella freguezia que, por alguns monumentos archeologicos se conhece que sempre foi portugueza, passou para a diocese de Orense. E' possivel que nos sessenta annos em que Portugal esteve dominado pelos Filippes se fizesse alguma circumscripção diocesana, e Tourem passasse para a diocese de Orense, e que na gloriosa restauração de 1640, seguisse a bandeira da sua independencia: isto é, o que me parece mais razoavel; fosse, porém, assim ou de outra maneira, o que é certo e incontestavel, é que Tourem está, unica e exclusivamente no espiritual, sujeita ao bispo de Orense.

Esta sujeição espiritual, a que os governos não tem prestado attenção, causa graves prejuizos aos habitantes d'aquella freguezia, e que bem digna era que se tractasse n'uma convenção de limites. Infelizmente não aconteceu assim, e os habitantes de Tourem lá continuam sujeitos a um bispo extrangeiro, e aos prejuizos a que uma tal sujeição lhe dá causa, como vou demonstrar.

Estes prejuizos podem, para maior clareza, dividir-se em duas classes — temporaes e espirituaes. — Vamos aos primeiros.

Os habitantes de Tourem não tem com a cidade de Orense relações algumas, e por isso todas as vezes que d'alli dependem de alguma cousa do seu bispo, tem de mandar um portador, o que lhe causa graves prejuizos.

Quem quer que um seu filho siga a vida ecclesiastica, tem de mandal-o para o seminario de Orense, e ainda que alli o tirocinio ecclesiastico seja bom, comtudo o terem os mancebos de sujeitar-se a um idioma extrangeiro causa-lhes prejuizo para o seguimento da sua carreira, e além d'isso os graus scientificos alli obtidos não lhe são admittidos aqui em Portugal.

Para satisfazerem as justificações judiciaes, que precisam para a sua ordenação, dispensas matrimoniaes, ou sobre outro qualquer objecto, precisam ir, partes e testemunhas, a uma povoação hespanhola, porque os empregados hespanhoes não podem funccionar em Tourem, que é portuguez, e tudo isto causa muitas despezas e incommodos.

Mais: o dinheiro portuguez não gira no mercado hespanhol e por isso precisam para todas as despezas, cambiar a moeda portugueza pela hespanhola, e n'este cambio perdem sempre muito dinheiro. Vá um exemplo, um peso hespanhol: o seu valor intrinseco são 850 reis, e legalmente em Portugal foi calculado em 920 reis, e no mercado custa, termo medio, de 960 reis a 1$000 reis!

Além d'estes prejuizos, que de si são já muito grandes, ha ainda outros dignos de consideração, como são, o ter de tirar uma guia da alfandega portugueza, e tirar outra da aduana hespanhola para alli transitar em

---

[1] O sr. E. A. de Bettencourt, na segunda edição do seu *Diccionario chorographico de Portugal*, publicado em 1874, diz que esta freguezia pertence ao arcebispado de Braga. É êrro — pertence ao bispado de Orense.

cavalgadura, ficando estas repartições, a portugueza a 15 kilometros de distancia, e a hespanhola a mais de 30, e além d'isto, como a Hespanha está constantemente em revoluções, e logo em *estado de sitio*, é preciso andar sempre munido do competente passaporte, para não ser prêso pelo primeiro partido volante que encontra.

Ora reunam-se todos estes sacrificios, e calcule-se a somma dos prejuizos temporaes, que soffrem os infelizes habitantes de Tourem, a quem o governo só conhece pará lhes exigir contribuições de sangue e dinheiro.

Se os prejuizos temporaes são graves, como creio demonstrar, não são menores os espirituaes, como se vae vêr.

O almanach ecclesiastico por onde se regula o parocho de Tourem, se satisfaz emquanto á harmonia que o mesmo deve ter com as constituições diocesanas a que Tourem pertence, não satisfaz aos privilegios concedidos ao reino de Portugal, de que Tourem faz parte.

Todos sabem que o maior numero de dispensas matrimoniaes são dos graus mais remotos, e estas em Portugal são dispensadas pela nunciatura em Lisboa. Ora o nuncio de Madrid não está authorisado para conceder estas dispensas, e por isso em Hespanha vão todas a Roma, gastando-se trez e mais mezes na obtenção d'uma dispensa, além de ficar muito mais cara.

A questão de tempo n'este caso é importante, além do tempo ser dinheiro, póde prejudicar em muito as partes interessadas, e só o desconhece quem não tiver pratica d'estes negocios. Vou pôr um exemplo para demonstrar o que digo: Pedro e Maria, parentes no 4.º grau, pedem uma dispensa *com causa honesta*, vae a dispensa para Roma, tem demora d'alguns mezes e n'este tempo a promessa do casamento e familiaridade dos contrahentes causou certos reparos, que dão logar a que as testemunhas não provem a *causa honesta* que se allegou, e d'aqui a necessidade de recorrer novamente a Roma, pedindo um *brinde*, que se demora outro tanto tempo, e custa pouco menos que a primitiva dispensa.

Ora nada d'isto aconteceria, se a dispensa se tirasse em Lisboa, onde a demora não excede de 15 a 20 dias; mas os habitantes de Tourem, ainda que portuguezes, estão privados d'isto, porque o seu prelado não dá cumprimento ás dispensas, que não venham pela chancellaria real de Madrid, e por consequencia de Roma.

De passagem direi que ha aqui outra anomalia. Todas as dispensas de Roma e da nunciatura, para a sua execução precisam do beneplacito regio do respectivo monarcha. Ora o rei de Hespanha está dando o beneplacito regio para os habitantes de Tourem, que não são subditos seus! Não sei se está em uso, mas parece-me isto pouco curial, e ainda menos curial me parece, que o governo portuguez entregue ao abandono actos d'esta natureza.

Os prelados portuguezes estão auctorisados pela nunciatura para dispensar os seus respectivos diocesanos do preceito da abstinencia de carne na quaresma, isto com certas e determinadas restricções. Tourem, como não está sujeito a prelado algum portuguez, fica privado d'esta graça.

É verdade que o antecessor do actual parocho de Tourem recorria directamente á nunciatura, e esta concedia-lhe a graça que o bispo de Orense confirmava, e d'esta maneira remediava-se esta lacuna, mas este actual párocho, ou por ignorancia, ou por um indesculpavel descuido, deixa aquella infeliz freguezia sem esta graça, o que dá logar a um perfeito cháos.

No meu entender muito bem andariam as auctoridades ecclesiasticas e administrativas se levassem ao conhecimento dos seus respectivos superiores estas irregularidades, para estes representarem ao governo de sua magestade, e pelas vias competentes regularem esta desordem.

Em outros pontos da raia, ha eguaes divisões ecclesiasticas!

TOURÍA — antigo nome da actual villa de *Atouguia da Baleia.*

TOURIZ—(talvez mais propriamente *Tourís*) — Vide a 2.ª *Eufemia* (*Santa.*) Disse alli que esta aldeia pertencia á freguezia de Real. E' érro. Pertence á freguezia do *Paraizo*, no mesmo concelho.

A 4 de janeiro de 1875, foi dáda concessão provisoria de uma mina de chumbo, em Touriz, a Daniel Mauricio Ramp.

TOURO — villa, Beira Baixa, comarca e concelho do Sabugal, 12 kilometros de Sortêlha, 18 da Guarda, 285 ao E. de Lisbôa, 280 fogos.

Em 1768, tinha 260.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O rei, pelo tribunal da Mesa da consciencia, apresentava o vigario, que tinha 40$000 reis de congrua e o pé de altar.

E' povoação antiquissima. O seu nome vem do árabe *Tauron*, derivado do chaldeu *Tor — o Touro.*

Está situada em um pequeno outeiro.

Foi *couto do reino* (ou de *homisiados*) com os grandes e absurdos privilegios d'estes coutos.

No 1.º de dezembro de 1220, Pedro Alvites, mestre da ordem do Templo, deu foral a esta villa (*Maço 8 de foraes antigos, n.º 11*) e n'elle a constitue *couto do reino*, pois diz — *Si homo de qualis terra venerit cum inimicitia, aut cum pignore, postquam in termino de Tauro intraverit, si inimicus ejus post ipsum introierit, et ei pignus abstulerit, aut aliquod ei malum fecerit, pectet Domino*, etc. (Se algum homem de qualquer terra, vier com inimisade, ou fugir a ser penhorado, e entrar na villa de Touro, vindo seu inimigo após elle, e lhe tirar o penhor, ou o offender, será multado, pagando a peita (mulcta) ao senhor da terra.)

O rei D. Manoel lhe deu foral novo, em Lisbôa, a 15 de maio de 1514. (*L.º de foraes novos da Beira*, fl. 93 vs., col. 1.ª)

Os moradores do termo d'esta villa, doaram aos templarios, no mesmo dia, mez e anno em que Pedro Alvites lhes deu foral, o padroado de todas as suas egrejas, *e o dizimo de todas as suas herdades* (!) e, por auctoridade de D. Affonso II, e do concelho da Guarda, em reconhecimento d'esta valiosissima doação, é que os templarios lhe deram foral.

Em maio de 1221, quando se andava construindo o castello da Guarda, fez o concelho d'esta cidade, doação aos templarios de uma grande herdade, chamada *Cabeça do Touro*, sob condição de que, na campanha, hiria a bandeira (*balsão*) d'aquelles cavalleiros, junta com a do concelho.

Depois da extincção da ordem do Templo, se fez d'esta villa e seu termo, uma commenda da ordem de Christo, e é por isso, que o rei, como grão-mestre, veio a ter o padroado d'esta egreja.

Sendo bispo eleito da Guarda, D. Christovam de Castro, fez um compromisso (datado da Covilhan, a 11 de junho de 1550) com o mestre da ordem de Christo, no qual se declarou e estipulou a acolheita que os bispos da Guarda (depois de Pinhel) deviam ter, pela visitação das egrejas do *Rodam, Idanha a Velha, Idanha a Nova, Marmelleiro, Salvaterra do Extremo, Segura, Proença a Velha, e Touro.* D'estas terras, levava o bispo, a titulo de *acolheita*, a terça parte de todos os dizimos, *tirando o dizimo das almunhas.*

Tem Misericordia, e teve hospital.

Hoje está completamente decahida da sua antiga importancia, e já nem é parochia independente.

TOURO — freguezia, Beira Alta, concelho de Frâguas, comarca de Castro d'Aire, 24 kilometros ao O. de Lamego, 300 ao N. de Lisbôa, 350 fogos.

Em 1768, tinha 226.

Orago, S. Sebastião, martyr.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O commendador de Malta, apresentava o vigario, que tinha 120$000 reis de rendimento.

Era no antigo termo de Villa Cova a Coelheira.

E' terra fertil. Gado e caça.

TOUTO — freguezia, Beira Baixa, concelho, comarca, districto administrativo da Guarda (foi da mesma comarca, mas do supprimido concelho de Jarmêllo) 18 kilometros da Guarda, 360 ao E. de Lisboa.

Tinha em 1768, 32 moradores.

Orago, Santa Catharina, virgem e martyr.

O prior de Jarmêllo, apresentava o cura,

que tinha 4$000 reis de congrua e o pé de altar.

Esta freguezia está actualmente annexa á de Jarmêllo.

TOUTOSA—freguezia, Douro, comarca, concelho, proximo do Marco de Canavezes (foi da comarca d'Amarante, e do supprimido concelho de Santa Cruz de Riba Tâmega) 9 kilometros de Amarante, 12 de Penafiel, 45 ao N. E. de Braga, 50 ao N. E. do Porto, 345 ao N. de Lisbôa, 75 fogos.

Em 1768, tinha 32.

Orago, Santa Christina.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

A mitra, apresentava o abbade, que tinha 140$000 reis de rendimento.

Pertenceu ao antigo e vasto *couto de Travanca* (hoje concelho de Amarante) que comprehendia 16 freguezias.

Havia aqui uma antiquissima ermida, dedicada ao martyr S. Sebastião, que o tempo e a falta de reparações reduziu a ruinas. No logar d'esta ermida, se vê hoje a bella egreja de *Nossa Senhora da Livração*, objecto de grande devoção para os povos d'estes sitios, e de muitas leguas em redor.

Segundo a tradição, eis a origem d'esta egreja:

Um *christão-novo*, vindo em viagem, de longinquos paizes, soffreu uma espantosa tormenta, e vendo o navio em perigo imminente de submergir-se, recorreu ao patrocinio da SS. Virgem, para que o *livrasse* de tão grande risco e o trouxesse a salvamento. Sua prece foi ouvida, e o navio chegou a Portugal.

O homem, grato a tão grande beneficio, resolveu mandar construir a Nossa Senhora, uma ermida, sob o titulo da Livração.

Entre as villas de Amarante e a de Canavezes, está um formoso valle, atravessado por duas estradas, que se dirigem a diversas povoações, e allí achou as ruinas da antiga ermida.

Foi o sitio escolhido por este devoto, que logo alli mandou demolir o que ainda restava da velha ermida, e no mesmo logar deu principio, com grande perfeição, ao novo santuario, em cujo altar-mór fez collocar a imagem da padroeira.

Principiou logo o povo a ter grande devoção com esta Senhora, fazendo-lhe uma festa magnifica, a 15 de agosto de cada anno (dia de N. Senhora da Assumpção) e foram tantas as esmolas e offertas dos devotos, que o povo resolveu augmentar com ellas o templo, o que levou a effeito, construindo uma bôa egreja, de optima cantaria lavrada, e tão ampla, que póde servir de matriz a uma freguezia regular.

Para estas obras, que foram feitas no principio do seculo XVIII, concorreu com mais de dous mil crusados, Antonio Gonçalo Correia de Souza Monte-Negro, nobre cavalleiro, senhor da grande casa e quinta de Thuyas, e ascendente dos srs. doutor Albino Pinto de Miranda Monte-Negro, e seu irmão, Martinho Pinto de Miranda Monte-Negro, que até ha poucos dias foi governador civil d'Aveiro.

Alem da festa principal, a 15 de agosto, tambem se faz outra á Senhora, a 15 de setembro (Natividade da SS. Virgem) tambem muito concorrida.

Antigamente, vinham aqui muitos clamores, e em todos os sabbados da quaresma havia sempre sermões, e ás vezes missas cantadas, com acompanhamento de orgam.

Alem d'isto, em todo o decurso do anno é este sanctuario visitado por muitos romeiros, de differentes localidades.

Hoje, pela facilidade e rapidez da jornada, é ainda maior do que antigamente a concorrencia dos romeiros, porque ha caminho de ferro (do Douro) com estação em *Cahide*, e d'aqui é perto ao local da romaria, havendo então, tambem em Cahide, trens e cavalgaduras de aluguer, para o logar do sanctuario.

TOUVÊDO—freguezia, Minho, concelho da Ponte da Barca, comarca dos Arcos de Valle de Vez, 30 kilometros ao O. de Braga, 380 ao N. de Lisbôa, 110 fogos.

Em 1768, tinha 92.

Orago, S. Lourenço.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A mitra, apresentava o abbade, que tinha 400$000 reis de rendimento.

E' terra fertil em todos os fructos, cria muito gado, e é abundante de caça miuda.

Existe aqui uma antiga torre, que foi o solar dos *Touvêdos*, e que depois (no fim do seculo XIV) passou para D. Leonor de Alvim, mulher do grande condestavel, Dom Nuno Alvares Pereira, e d'estes, a sua filha, unica, D. Brites Pereira, que casou com D. Affonso, 1.º duque de Bragança, filho bastardo de D. João I (vide *Barcellos*) e tronco da actual casa reinante.

TOUVÊDO — freguezia, Minho, na mesma comarca, concêlho, distancias, arcebispado e districto administrativo.

Orago, o Salvador.

Tem 60 fogos.

Em 1768, tinha 51.

O abbade da freguezia antecedente, apresentava o vigario, que tinha 30$000 reis e o pé d'altar.

E' terra fertil, como o outro Touvêdo. Gado e caça.

TRAFARÍA — grande aldeia, Extremadura (mas ao S. do Tejo) freguezia de Caparica, comarca, concelho, e 8 kilometros (por terra) de Almada, patriarchado e districto administrativo de Lisbôa.

Ha questão sobre a etymologia da palavra *Trafaria*. Frei João de Souza (*Vestigios da lingua arábica*) diz que é corrupção do árabe *Tarifia*, que significa — *cousa extrema, final, ultima*. Outros pretendem que o verdadeiro nome d'esta povoação, é *Tarrafaria* -- logar onde ha muitas *tarrafas* — certa classe de rêdes. O que é certo, é ser bem applicado qualquer d'estes nomes.

A Trafaría, é uma povoação maior do que muitas que teem fôro de villa, e posto não tenha edificios dignos de nota, é todavia muito agradavel e bonita, e a sua posiçao é uma das mais bellas de Portugal, pelas suas extensas e variadas vistas. (Para evitarmos repetições vide *Torrão*, aldeia da freguezia, que, ficando proximo — ao O. — da Trafaría, tem as mesmas vistas que esta.)

D. Pedro II, mandou aqui construir dous fortes, que faziam fogo ao *lume d'agua*. Um, de optima cantaria lavrada, está construido sobre a margem direita do ribeiro da *Iapozeira*, que lhe fica ao O., e á esquerda do Tejo, que lhe fica ao N. D'estes dous lados, está ainda perfeitamente conservado. Neste forte está a ermida de Nossa Senhora da Saude, que ainda tem porta e telhado, mas ameaça proxima ruína. Está transformada em curral de gado!... As suas imagens, foram para a grande ermida de S. Pedro. É particular, posto communicar com o forte, e uma senhora, a quem pertence a capella — não sei com que bullas — tomou conta do forte, e o reduziu a horta e jardim.

Junto a esta ermida, houve uma fábrica de guano, que, por não dar interesse ao seu proprietario, foi fechada ha annos.

Do lado da terra (S.) tem o forte d'*Alfêna*, em ruinas.

No centro da povoação, está a grande e bonita ermida de S. Pedro, com capellão, para dizer as missas dos domingos e dias santificados. Tem altar-mór, e dous lateraes, no corpo da egreja. Esta não está ornada com luxo, mas com muito aceio, e as suas imagens são muito formosa e perfeitamente *encarnadas*, sobre tudo, a imagem de Nossa Senhora da Conceição, que veio da sua capella, e é formosissima.

Ao E., e na extremidade da povoação, está a ermida de Nossa Senhora da Conceição, que foi incendiada em 1835, e só d'ella restam as paredes. É publica, e hoje está transformada em curral de ovelhas!

As suas imagens — que se poderam salvar do incendio, estão na capella de S. Pedro; e ainda aqui se faz annualmente uma brilhante festa a Nossa Senhora da Conceição, e outra a Nossa Senhora da Saude.

A Trafaria, vista do Tejo, ou da sua margem direita, apresenta um aspecto imponente, como se fosse uma grande villa.

Os seus habitantes vivem exclusivamente da pesca, e da fabricação de barcos, e de rêdes.

Quando ha pescaria, tudo é alegria; mas, se o mar a inunda (o que acontece com frequencia) ou se ha falta de pescaria, a fome, com todos os seus horrores, consterna este infeliz povo, reduzindo-o á mendicidade!

No momento em que estou revendo as provas d'este artigo (18 de março de 1882) está aqui occorrendo um facto, dignissimo de ser relatado, para honra de quem o pratica. Os pescadores d'esta costa, estão soffrendo muitas privações, por falta de pescarías, em vista dos grandes temporaes que a teem açoutado, e teriam morrido de fome, se a caridade, verdadeiramente evangelica do sr. **João Ignacio da Costa Alfama** não viesse em soccorro d'estes desgraçados, dando-lhes quatro arrobas de pão diariamente, além de outros generos alimenticios. Estes factos, relatam-se e não se elogiam, porque não ha encomios sufficientes para tão extremado beneficio. Só Deus lhe póde dar na eternidade, o premio condigno a tão sublime acto de caridade.

Tem uns 3 ou 4 moinhos de vento.

Não tem fontes; e a povoação fornece-se d'agua de um poço que ha no centro do logar.

Está sobre a margem esquerda do Tejo, e junto á restinga de areia, chamada *Ponta da Gollada*, e que vae até junto da torre de S. Lourenço (Bugio.)

Ha aqui grande numero de barcos de pesca, de differentes tamanhos, segundo a pesca a que são destinados.

A um kilometro, pouco mais ou menos, ao E. da Trafaria, está (tambem sobre a esquerda do Tejo) o lazareto, no mesmo logar onde foi a torre de *S. Sebastião de Caparica*, ou *Torre Velha*, e pouco mais acima, na mesma margem, a aldeia de *Porto Brandão*. A uns 600 metros ao O., está a pequena aldeia do Torrão, e a quasi egual distancia, porém mais para O. N. O., a *torre do Bugio*. Tudo isto fica já descripto nos logares competentes. A povoação (de pescadores) chamada *Costa de Caparica*, fica a uns 2 kilometros a S. O.

TRAFOGUEIRO, ou **TRAZFOGUEIRO**, — portuguez antigo, ainda usado. Cêpo, pedra, ou cavallête de ferro, que se põe no lar, para sustentar a lenha.

TRAGOSA, ou **TREGOSA** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 27 kilometros ao O. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1768, tinha 62.

Orago, Nossa Senhora da Expectação, ou do Ó.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra, apresentava o abbade, que tinha 280$000 réis de rendimento.

Fertil, gado, e caça.

TRAIDORES — A pag. 344, col. 1.ª do 4.º volume, mencionei os fidalgos portuguezes, que em 1580 se venderam a Philippe II. Esqueceu-me então de pôr na *cabeceira do rol*, a D. Catharina, duqueza de Bragança, o que devia fazer, em vista de varios documentos d'aquelle tempo, e principalmente pelo que se lê na *Historia genealogica da casa real portugueza*, em varios logares, e mais desenvolvidamente, a pag. 117 e seguintes, do tomo 6.º

Faço esta declaração, a pedido de um assignante d'esta obra, e porque é de justiça.

TRAMAGAL — freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Abrantes, 180 kilometros ao O. da Guarda, 130 ao E. de Lisboa, 400 fogos.

Em 1768, tinha 102.

Orago, Santa Maria da Oliveira.

Bispado de Castello-Branco, districto administrativo de Santarem.

O vigario da freguezia de S. Vicente, da villa de Abrantes, apresentava o cura, que tinha quarenta mil réis de congrua e o pé de altar.

É a 4.ª estação do caminho de ferro de leste, contando do *Entroncamento*, e a 19.ª contando do principio da linha, em Lisboa.

Esta estação, fica entre a da Praia e a de Abrantes.

Fertil em cereaes, gado, e peixe do Tejo.

Em maio de 1878, foi feito visconde do Tramagal, o sr. doutor, João Themudo de Oliveira.

TRANCOSELLO — Freguezia antiquissima da Beira Alta, ha mais de 200 annos annexa á do Castello de Penalva, concelho de Penalva do Castello, comarca de Mangualde, bispado, districto administrativo e 24 kilometros a E. de Viseu, 288 ao N. de Lisboa.

N'esta freguezia de Trancosello, e sobre a margem do rio Dão (antigamente *d'Om*) fun-

daram os cavalleiros do Santo Sepulchro (ou de Jerusalem) no principio do seculo XII, um mosteiro da sua ordem, na villa que até então se chamava *Villa Nova de Penalva*, e a que elles pozeram o nome de *Villa Nova do Sepulchro*. Ainda existem vestigios d'este mosteiro, em uma grande quinta, chamada mesmo, *do Mosteiro* (por ter sido a cêrca d'elle) e que depois veio a pertencer á commenda de *Cezures*, do mesmo concelho, e tambem da ordem de Jerusalem.

Em 1123, a rainha D. Thereza, regente do reino, durante a menoridade de seu filho, D. Affonso Henriques, deu a esta ordem militar, as villas de *S. Payo de Gouveia* (hoje *São Payo da Serra*) e que depois, o mesmo D. Affonso fez couto — *Ladairo* (Ladario) que depois tambem D. Sancho I coutou — e *Paços de Penalva*.

A ordem militar e canonica do Santo Sepulchro, tambem chamada de Jerusalem, foi instituida em Portugal, durante a regencia da dita D. Thereza; mas a sua origem foi mesmo em Jerusalem, pelos annos de 1080.

Depois, em Portugal, foi encorporada na ordem de Malta.

Trancosêllo e *Trancosêllos*, é diminutivo de Trancoso, como quem diz — *Pequeno Trancoso*, ou *Trancosinho*.

TRANCOSELLOS — Freguezia, Beira Alta, na mesma comarca e concelho da antecedente, 20 kilometros a E. de Viseu, 300 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1768, tinha 78.

Orago, o Salvador.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O abbade do Castello de Penalva, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua, e o pé de altar.

É terra fertil. Muito gado e grande copia de caça.

Parece-me que esta freguezia e a antecedente, são uma e a mesma cousa.

Na aldeia de *Lisei*, d'esta freguezia, ha a bonita ermida de São Silvestre, na qual se faz uma grande festa e romaria a Santa Eufemia, no seu dia, que é a 16 de setembro.

TRANCOSO — pequeno rio, Minho, nasce pouco acima da freguezia de Fiães, do concelho de Melgaço — Divide Portugal da Galliza, e entra na esquerda do rio Minho, 6 kilometros acima de Melgaço.

TRANCOSO — aldeia, Minho, na freguezia d'Ázere, comarca, concelho e 4 kilometros dos Arcos de Val de Vez. (Vide o primeiro *Ázere*.)

É um sitio plano e agradavel, povoado de bastos arvoredos silvestres e fructiferos, campos e hortas, tudo regado de muitas e copiosas fontes.

N'esta aldeia, viveu (em anno que se ignora) um lavrador, cujo nome tambem se não sabe, que deu á egreja, a devota imagem, denominada *Nossa Senhora do Couto de Ázere*. Eis, segundo a tradição, como esta santa imagem veio para a casa d'este lavrador.

Um doudo, entrando na egreja matriz de *Olelos*, termo da cidade de Tuy (Galliza) furtou de um altar a imagem da Santissima Virgem, cuja primeira invocação se ignora, de uns 35 centimetros de altura (pouco mais de palmo e meio) e passando o rio Minho, chegou a esta aldeia. Andava o tal mentecapto, offerecendo a santa imagem a quem lh'a quizesse comprar, ao que todos se recusavam, por entenderem que era furtada.

O dito lavrador, obteve a imagem, em troca de uma pouca de fructa, e dando parte d'isto ao seu parocho, este foi buscar a Senhora em procissão, e a levou para a egreja, onde principiou a ser objecto de grande devoção do povo, que não sabendo a sua invocação, lhe deu a de *Nossa Senhora do Couto de Ázere*, que era o titulo da freguezia n'esse tempo.

O parocho, temendo que o da freguezia de Olelos viesse reclamar a imagem, mandou fazer outra, em tudo semelhante.

Com effeito, o padre gallégo, chegou a saber onde estava a imagem, e veio reclamal-a; porém, julgando que levava a sua, levou uma perfeita imitação d'ella.

A devoção com esta Senhora foi grande, e em todo o decurso do anno lhe faziam varias romarias.

TRANCOSO — aldeia da Galliza, na freguezia de Santa Eulalia de *Mondariz*, no bispado de Tuy, e que no tempo dos roma-

nos e depois, no dos suevos, pertenceu á chancellaria de Braga.

Mas não é por este ultimo motivo que eu a menciono aqui, é em razão das suas milagrosas aguas medicinaes (no sitio de *Mondariz*) hoje procuradas, não só por individuos de toda a nossa Peninsula, mas até de outras nações da Europa e da America, e sempre com resultados maravilhosos. Pessoas que padeciam desde muitos annos, dores agudas no estomago, vomitos pertinazes, e dyspepsias julgadas incuraveis pelos melhores medicos, com o uso das aguas de Mondariz acham prompto allivio aos seus padecimentos, e quasi sempre cura completa.

Estas aguas foram descobertas em 1850, pelo padre D. Domingos Blanco Lage, parocho d'esta freguezia.

Analysadas por pessoas competentes, deram este resultado — *Acido carbonico livre, 0,9507 — bicarbonato de sóda e de potassa, 2,3702 — bicarbonato de ferro, 0,0480 — sulphato e cloreto de sóda, 0,1486.*

Julgo prestar um bom serviço aos meus leitores, indicando-lhes estas aguas, ainda que em paiz estrangeiro.

O itinerario é hir pelo caminho de ferro até á nossa praça de Valença, ahi, atravessar o rio Minho, para a fronteira cidade de Tuy, que é pequena mas muito bonita, e ahi acha diligencias diarias para Mondariz. É, de mais a mais, uma viagem por terras muito formosas, o que tambem concorre para a cura dos doentes.

No sitio da *Chan da Gandara*, da dita freguezia, ha um manancial de agua da mesma natureza da antecedente, porém menos efficaz.

TRANCOSO — pequena villa, Douro, na freguezia de Alvarenga, comarca, concelho e 12 kilometros ao E. de Arouca, 36 ao O. de Lamego, 60 a E. do Porto, 360 ao N. de Lisboa.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Aveiro, d'onde dista 95 kilometros a N. E.

O orago da freguezia, é Santa Cruz.

Diz o *Portugal Sacro*, que o padroado real apresentava o reitor; mas não é exacto.

Os primeiros padroeiros d'esta egreja, foram os conegos regrantes de Santo Agostinhe (cruzios) do mosteiro de Cárquere; depois, passou este padroado para os jesuitas, e por fim, em 1759, para a Universidade de Coimbra, que até 1834 apresentava os reitores, que tinham 150$000 réis de rendimento.

Alvarenga é uma povoação antiquissima, pois, em um documento, datado de 875, e que existe no cartorio do mosteiro d'Arouca se mencionam uns pomares e algumas vinhas, em Alvarenga.

Diz o padre Carvalho, na sua *Chorographia*, que o rei D. Diniz lhe deu foral, em 1298, mas Franklin não falla em semelhante foral.

O rei D. Manoel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 2 de maio de 1514. (*Livro de foraes novos da Beira, fl. 99, col. 1.ª*)

No principio da nossa monarchia, era couto da comarca de Lamego, e depois foi elevada á cathegoria de concelho, que se supprimiu em 1836, passando a formar parte do de Arouca.

A egreja matriz, que é um templo acanhado e desgracioso, [1] está em uma baixa, proximo (a E.) do logar chamado antiga-

---

[1] Ha mais de 60 annos que o povo tem *pensado* em construir um novo templo, digno d'esta vasta freguezia, mas ainda o não levou a effeito. Avellino Teixeira Martins, d'Alvarenga, offereceu para esta obra *cinco contos de reis*; porém, fallecendo em 31 de outubro de 1876, seus herdeiros não cuidaram mais em semelhante obra, e nunca mais se cuidou n'isso.

Já no fim do seculo passado e principio d'este, a Universidade de Coimbra, combinada com os habitantes d'Alvarenga, resolveram construir um bom templo, perto do antigo, mas em logar mais amplo. Chegaram a abrir-se os alicerces; mas, o parocho da freguezia, que era o director da obra, e depositario dos fundos para ella, morreu, e o dinheiro que havia... *perdeu-se.*

mente *Villa da Egreja*, e hoje, simplesmente *Villa*. Em quanto Alvarenga foi couto, era esta aldeia da *Villa*, a sua capital; mas, desde que foi elevada a concelho, mudou-se a sua capital para *Trancoso*, e aqui se construiu, pelos annos de 1520, a casa da camara e cadeia, que foi reedificada em 1809. D'ella hoje apenas existem as paredes, conservando ainda na fachada, as armas de Portugal.

Em frente das ruinas da casa da camara, ainda existe de pé, o pelourinho, que foi construido em 1590.

Compõe-se esta freguezia, das seguintes povoações — Toural — Gamarão — Mealhada — Pardêlhas — Villarinho — Carvoeiro — Têlhe — Silveiras — Póvoa — Métriz — Sobral — Villar — Sérvos — Cabanas — Longa — Paradinha — Chieiras — Villa da Egreja — Chan — Carvalhaes — Lourida — Bouças — Donim — Nabinha — Bustêllo — Carros — Granja — Villa Nova — Villa Gallega — Varzeas — Mindal — Casaes — Quintella de Baixo — Quintella de Cima — e Trancoso.

Até ao meiado do seculo XVII, era esta freguezia muito mais vasta, mas então foram desmembrados os logares de *Canellas de Baixo* e *Canellas de Cima*, para constituirem a actual freguezia de São Miguel de Canellas — e o logar de *Janarde*, para constituir a actual freguezia de S. Barnabé de Janarde; [1] ambas estas freguezias, do mesmo concelho d'Arouca.

—

Ha n'esta freguezia, 11 ermidas, que são — Nossa Senhora da Soledade — Santa Barbara — S. Francisco — S. João Baptista — Santo Antonio — S. Thiago — a da quinta do Paço — a de S. José, em Varzeas — N. Senhora da Conceição, no Mindal — Nossa Senhora do Monte — e S. Lonrenço, em Bustêllo.

—

Em quanto foi concelho, teve juiz ordinario; juiz dos orfãos, com seus escrivães; vereadores, e mais officiaes de justiça.

Tinha uma companhia de ordenanças com seu capitão, alferes e ajudante, e um capitão-mór. O ultimo que exerceu este cargo, foi Manoel Maria Telles de Vasconcellos, do logar de Bouças, pae do sr. Antonio Telles Pereira de Vasconcellos, bacharel em direito, que tem sido deputado, foi governador civil de Coimbra, e é conselheiro. É casado com a sr.ª D. Josefa Pignately, da Guarda.

—

A freguezia fica a distancia de um kilometro a E. N. E. do rio Paiva, que a fornece de optimo peixe, principalmente de saborosissimas trutas; mas além d'esse rio, é atravessada por differentes ribeiros, sendo os principaes — *Vessada* (ou *Avessada*) ao S. de Trancoso — e *Pellame* ao N. — e o *Senda*. Todos trez se reunem, quasi ao fundo do valle, para formarem o ribeiro que, desde aqui, toma o nome de *Ribeiro da Villa*, ou *Aguieiros*, que por uma extensa rocha, formando uma formosa cachoeira, se despenha no rio Paiva, pouco abaixo do logar da Villa, que é pequeno, porém o mais formoso da freguezia.

Além dos trez ribeiros, ainda a freguezia é cortada por varios arroyos, que regam e fertilisam seus prados, hortas, pomares, campos e bosques, sendo o principal, o *Ardêna*, que desagúa no Paiva, junto ao logar da *Espiúnca*.

O formoso valle de Alvarenga, é por toda a parte cercado de montes, e é d'elles que se desfructa o bello panorama que á vista offerecem as suas numerosas aldeias, situadas entre campos, ou frondosos arvoredos.

É terra abundantissima em todos os fructos do nosso paiz, pelo que exporta muito milho, algum centeio, vinho (verde, mas optimo), azeite, mel, cêra, lan, e outros artigos.

---

[1] Em Janarde havia uma antiga ermida, já dedicada a S. Barnabé, que é a actual egreja matriz. Fica este logar a 6 kilometros de Trancoso, e na outra margem (direita) do rio Paiva.

O antigo nome de Janarde, era *Monte da Rocha*, e pagava, por sentença de 1340, *direito de condado*, ao mosteiro de Alpendurada. (1.º vol, pag. 175, col. 2.ª)

—

Nos montes que cercam a freguezia, ha grande abundancia de caça, do chão e do ar; e, no inverno, não é raro apparecerem n'elles, alguns lobos.

—

O rêgo d'agua de que fallo na col. 1.ª de pag. 175, do 1.º vol. chama-se *Rêgo do Boi*, porque, segundo a tradição, os que o fizeram em uma noite, comeram um boi. No principio, a agua d'este famoso rêgo, servia de motor a 20 moinhos; hoje apenas serve para 16.

—

Teve mercado a 5 de cada mez, que se faz hoje na villa d'Arouca, e uma feira franca annual, que ha muitos annos não se faz. Trata-se agora de estabelecer aqui dous mercados, um a 8, outro a 22 de cada mez.

—

As ruinas da *Torre do Paço*, solar da nobilissima familia dos Alvarengas, por isso chamada *Torre dos Alvarengas*, vem mencinada no tomo 11.º da *Historia genealogica da casa real*, livro 13.º, pag. 658. — Alli se encontra a illustre genealogia dos antigos senhores d'Alvarenga, que foram Joanne Mendes de Vasconcellos, casado com D. Margarida d'Eça, 3.ª neta do infante D. João (filho de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro) e de D. Maria Telles de Menezes, irman da rainha D. Leonor Telles de Menezes, mulher de D. Fernando I (2.º vol., pag. 322, col. 1.ª) e por consequencia 5.ª neta (a tal D. Margarida) da rainha Santa Isabel, mulher do rei D. Diniz.

Esta torre, e o antigo senhorio d'Alvarenga, pertence hoje — por herança de seus maiores — aos srs. Montenégros, da Boa-Vista. Vide *Torre d'Alvarenga*.

—

Na *Casa do Barrôco*, d'esta freguezia, nasceu a 6 de janeiro de 1768, *frei José Raphael Ferreira Coelho*. Era filho de José Affonso Pinheiro e de sua mulher, Luiza Ferreira, lavradores pouco abastados.

Desde tenra edade, mostrou tão grande propensão para as lettras, que o bispo de Lamego, D. João Antonio Binet Pincio, o ordenou á sua custa, assim como ao padre Manoel Affonso Pinheiro (irmão de frei Raphael) que falleceu abbade de Santa Marinha de Nespereira, do concelho de Sinfães, que tambem foi um clerigo de vasta instrucção.

Frei José (mais conhecido pelo cognome de *Padre Mestre Ferreira*) formou-se na sagrada theologia, pela Universidade de Coimbra, á custa do mosteiro de frades agostinhos calçados *(gracianos)* em cuja ordem professára. Foi lente de theologia, na mesma Universidade, examinador synodal, e provincial da sua ordem.

Expulso do seu mosteiro, em 1834, foi professor de varias disciplinas, no collegio da Formiga, [1] e, mais tarde, na sua propria casa do Barrôco, em Alvarenga, onde teve discipulos de varias partes do reino, tanto os que se dedicavam ao estado ecclesiastico, como os que aqui vinham estudar preparatorios, para a Universidade de Coimbra. Entre estes ultimos, se conta o sr. doutor, *Antonio Cardoso Avelino*, que tem sido ministro, e é actualmente administrador da casa de Bragança.

O Padre Mestre Ferreira, falleceu em sua casa, a 30 de setembro de 1843, com 75 annos e 9 mezes (menos 6 dias) de edade, chorado por quantos o conheceram e trataram.

TRANCOSO — villa, Beira Baixa, cabeça de concelho e de comarca (de 1.ª classe) pertencente ao districto da Relação do Porto, e ao da 2.ª divisão militar. 56 kilometros ao E. de Viseu, 20 ao O. de Pinhel, 45 ao S. da Guarda, 20 de Celorico da Beira, 62 a S. E. de Lamego, 39 de Moimenta da Beira.

Bispado e 30 kilometros ao O. de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Tem actualmente só duas freguezias — *Santa Maria*, com 325 fogos. Em 1768, tinha 154. — *S. Pedro*, com 340. Em 1768, tinha 29.

Em 1768, tinha seis freguezias, que eram —

1.ª — *S. Pedro*. O padroado real apresen-

---

[1] O collegio da Formiga, que foi mosteiro de frades, fica a 10 kilometros ao N. do Porto, e proximo á estação de Ermezinde, no caminho de ferro do Minho.

tava o vigario, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé d'altar.

2.ª — *Santa Maria de Guimarães.* Os condes de Povolide, apresentavam o abbade, que tinha 1:200$000 réis de rendimento.

3.ª — *Nossa Senhora da Fresta* (chamada antigamente, *Nossa Senhora do Sepulchro.*) O papa e o bispo, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 80$000 réis de rendimento.

Tinha então, 55 fogos.

4.ª — *S. João Baptista,* intra-muros — O real padroado, apresentava o reitor, que tinha de rendimento annual — 75 alqueires de centeio, 40$000 réis em dinheiro, e o pé d'altar, que rendia uns 30$000 réis.

Tinha então, 93 fogos.

5.ª — *S. Thiago* — Os condes de Polvide, apresentavam o abbade, que tinha 180$000 réis de rendimento.

Tinha 58 fogos.

6.ª — *S. João Baptista,* extra muros — O commendador de Malta, apresentava o cura, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé de altar.

Tinha 44 fogos.

Todas estas freguezias pertenceram ao bispado de Viseu, até ao anno de 1774, em que D. José I, por bulla do papa Clemente XIV, creou o bispado de Pinhel, para onde passou esta villa e as freguezias que pertenciam ao bispado de Viseu.

Vê-se pois, que a população d'esta villa tem augmentado, no espaço de 113 annos (1768-1881) 132 fogos, pois que tendo antigamente 433 fogos, tem hoje 665.

—

O concelho de Trancoso, é composto de 33 freguezias, sendo 29 no bispado de Pinhel, e 4 no de Lamego.

As do bispado de Pinhel, são — Aldeia Nova — Aldeia Velha — Carnicães — Castanheira — Cogulla — Cótimos — Feital — Fiães — Fréches — Granja — Maçal da Ribeira — Moimentinha — Moreira de Rei — Póvoa do Concelho — Póvoa d'El-Rei — Rio de Mel — Souto Maior — Tamanhos — Terranho — Torre do Terranho — Torres — Valdujo — Valle de Mouro — Valle do Seixo — Villa Franca das Naves — Villa Garcia — Villares — e as duas de Trancoso.

As do bispado de Lamego, são — Guiheiro — Palhares — Reboleiro — e Sabadelhe.

Todas com 4:320 fogos.

Tem mais trez freguezias, pertencentes ao bispado de Pinhel — são — *Falachos,* que está unida a Tamanhos — *Freixial,* que está unida a Villa Garcia — e *Moreirinhas,* que está unida a Valdujo.

—

Pela nova divisão judicial, comprehende Trancoso trez julgados — *Aguiar da Beira* — *Terranho* — e *Trancoso.*

A sua comarca comprehende sómente o seu concelho.

—

O seu primeiro foral lhe foi dado por D. Affonso Henriques (sem data) e confirmado, mesmo n'esta villa, por D. Affonso II, em outubro de 1217. O rei D. Manoel lhe deu foral novo, em Santarem, no 1.º de junho de 1510. (*Livro de foraes novos da Beira,* fl. 14 v., col. 2.ª)

Tinha voto em côrtes, com assento no 8.º banco.

Tem estação telegraphica, com serviço de dia, limitado, aberta em agosto de 1875.

Tem por armas, um castello de prata, sobre um outeiro, em campo verde, tendo por cima, uma aguia d'ouro, levantando o vôo — isto é — com as azas abertas. Estas são as armas que estão na *Torre do Tombo;* mas alguns escriptores, lhe juntam uma estrella — outros, accrescentam-lhe as armas de Portugal sobre o castello, ficando-lhe d'um lado a aguia, e do outro, a estrella. Estes dizem que foi o rei D. Diniz, que accrescentou assim o brazão, em memoria de ter aqui recebido por mulher, a infanta D. Isabel, depois santa, filha de D. Pedro III, de Aragão.

—

É incontestavel que Trancoso, é uma povoação antiquissima, e se dermos credito ao padre Carvalho, na sua *Chorographia,* foi fundada por *Tarracon,* rei da Ethiopia e do Egypto, pelos annos 3274 do mundo, ou 730 antes da era christan, dando-lhe o nome de *Tarancon.* Se assim fosse, vinha portanto a

ter hoje (1881) nada menos de 2:611 annos de existencia!

Rodrigo Mendes da Silva, chronista-mór das Hespanhas, por D. Philippe IV, e que era natural da proxima villa de Celorico, na sua *Poblacion general de España*, a pag. 150, verso, diz que foi fundada pelos turdulos, entre os annos 580 a 500, antes de Jesus Christo, com o nome de *Transcudano*, accrescentando — «si no queremos dezir, la cimentasse primero, *Taraco*, o *Tarracon*, etc.» [1]

Todos sabem, e o temos visto em varios logares d'esta obra, quantos rios de sangue, romano e lusitano, custou aos conquistadores do mundo a posse da Peninsula, até que o traidor Perpena, assassinando Sertorio, chefe dos lusitanos, com 21 punhaladas, pelos annos 75 antes de Jesus Christo, se acclamou chefe d'este povo d'heroes; mas poucos dias durou o seu poder, porque em um combate contra os romanos, commandados por Pompeu, foi morto e o seu exercito desbaratado.

Os romanos, julgaram-se então senhores da Lusitania; porém as suas crueldades exacerbaram os povos conquistados.

No anno 63 antes de Jesus Christo, entrou na Lusitania, como questor do consul Tuberon, o sanguinario Julio Cesar, que depois foi imperador. Apezar do grande numero de soldados romanos que estavam espalhados por toda a Lusitania, e das esquadras romanas, que invadiam as nossas costas, os lusitanos insurgiram-se contra as crueldades de Julio Cesar, e os *pesures* (actuaes beirões) que eram os mais ferozes e rudes de todos os lusitanos, alguns dos quaes ainda tinham sido soldados do grande Viriato, o *Herminio* (vide *Póvoa Velha*) fizeram morder a terra a um grande numero de romanos.

Em 58 antes de Jesus Christo, tornaram a revoltar-se os pesures contra o pretor, Quinto Cicilio Dentato, por causa da rapacidade, e para os apasiguar foi preciso tornar á Lusitania o consul Pompeu, com grande numero de tropas escolhidas.

Socegada a Lusitania, era no anno 51 antes de Jesus Christo, governador d'ella, o malvado Cassio Longuinho. Os *herminios* (tambem beirões) se revoltaram contra as suas crueldades, e houve uma guerra tremenda, que durou mais de um anno, e só supplantados pelo grande numero de inimigos, e depois de extraordinario numero de mortos, de uma e outra parte, é que terminou.

Finalmente, a Lusitania quasi despovoada dos seus legitimos habitantes, tornou-se uma provincia romana, e tal se conservou por espaço de 456 annos.

Em 405, foi a Lusitania invadida pelos *barbaros do Norte*, e a Beira coube em partilha aos visigodos, que poucos annos depois, se fundiram com os lusitanos, formando todos uma só nação, que existiu por espaço de 310 annos.

Em 715, o emir árabe, Muça, conquista a Lusitania, quasi sem combates, porque o povo estava aterrado com a grande derrota de Guadalete, no anno antecedente.

Os mouros, julgando Trancoso um ponto importante, e, ao mesmo tempo, fertil o seu territorio, reedificaram a povoação em 930, e chegou a ser no seculo X, uma das villas mais florescentes da Beira [1].

---

[1] Não acredito na tal etymologia de *Transcudano*, porque era generico a todos os povos que habitavam a margem direita do Côa. (Vide *Caliabria, Pinhel, Riba Côa*, e *Sabugal*.) Nem tambem acredito que o nome de esta villa provenha do tal *Taraco*, ou *Taracon*. Este figurão tambem fundaria a villa de *Trancoso, d'Alvarenga*; o *Trancoso* de Galliza; daria o seu nome ao rio *Trancoso?* Historias. O que é certo é em livros antigos se dar a esta villa o nome de *Troncoso*, que é portuguez, e vem de *tronco*. Talvez lhe déssem este nome os antigos, por haver aqui grandes arvores.

Ainda mais — *Troncoso*, é um appellido nobre d'este reino, cuja familia veio da Galliza, no tempo do nosso rei D. Fernando I — na pessoa de *D. Pedro Troncoso*, cujo filho — D. Pedro Troncoso — foi alcaide-mór da villa de Marialva. Traziam os Troncosos por armas — em campo azul, *dous troncos*, d'ouro, em aspa. Timbre, um braço, armado de prata, empunhando um dos troncos do escudo. Já não existe este appellido, por ter tomado outros.

[1] Isto não se combina com o que se lê na *Pobl. gen. de Esp.*, pag. 150 verso. Alli se

Em 1038, D. Fernando, *o Grande*, rei de Castella, resgatou do poder dos mouros, Trancoso, assim como Cêa, Viseu, Evora, Béja e outras povoações da Lusitania, que já então se chamava Portugal.

Não se sabe que nome tinha esta povoação no tempo dos romanos, parece que lhe conservaram o antigo, e julgo que foram os gódos que lhe pozeram o nome de *Troncoso* (como se vê em documentos antigos) que facilmente se corrompeu em Trancoso.

O rei a mandou povoar de christãos, logo depois de resgatada.

Em 1093, formou esta provincia parte do novo reino de Portugal, que D. Affonso VI, imperador das Hespanhas, déra em dote a sua filha, a rainha D. Thereza, e ao marido d'esta, o conde D. Henrique.

Em 1122, segundo Brandão e outros, ou em 1131, segundo a *Monarchia Lusitana*, Al-Bulcazan (ou Al-Bucadam) rei mouro, de Badajoz, com um numeroso exèrcito, lhe põe um apertado cêrco; e tomando-a depois de heroica resistencia, a maior parte dos seus habitantes foram assassinados. Rodrigo Mendes da Silva, na sua *Poblacion general de Hespaña*, diz que a praça não foi conquistada pelos mouros, porque D. Affonso Henriques e seu aio, o grande D. Egas Moniz, acudiram a tempo em soccorro dos sitiados, e atacando os mouros, os desbarataram, e pozeram em debandada, tomando-lhes ricos despojos.

De qualquer dos modos, o que é certo, é que D. Affonso Henriques e D. Egas Moniz, derrotaram então aqui os mouros, e livraram a villa.

(Vide adiante, o § *João Tição.*)

Al-Bucazan, fugiu para o seu reino, e, assim que pôde juntar um novo exercito, veio segunda vez sobre Trancoso, em 1155, e não podendo conquistal-a, destruiu tudo a quanto pôde chegar; mas o rei portuguez em breve reparou o que os mouros haviam arrazado.

(Vide a 1.ª *Fonte Arcada.*)

Desde então, não consta que os mouros tornassem a atacar esta villa.

—

N'esta villa se juntaram os reis, D. Sancho I, de Portugal, e seu genro e sobrinho, D. Affonso IX, de Leão, e aqui se decidiu o divorcio da nossa infanta D. Thereza, com o rei leonez, por serem primos, e terem casado sem dispensa do papa.

O papa tinha excommungado os dous reinos, por causa d'este casamento. O rei de Leão, deu a D. Thereza varias villas de Leão, que todas rendiam 4:000 maravidis d'ouro, por anno, e as arras que lhe havia promettido: ficando á rainha a liberdade de viver no reino que quizesse escolher, e pôr alcaides e justiças nas terras que elle lhe deu. Ella preferiu ficar em Portugal. Seu pae lhe deu ainda, Monte-Mór Velho, Esgueira e outras terras. Ella pediu ao pae o mosteiro de Lorvão e alli se fez freira (4.º vol., pag. 442, col. 1.ª e 2.ª)

—

Os ultimos dias do mez de junho de 1282, foram de regosijo para todo o reino, e ainda maior para esta villa, pois a 22, aqui chegou a infanta d'Aragão, D. Isabel, e D. Diniz lhe deu logo n'esse dia, por prenda de noivado, o senhorio de Trancoso.

Logo no dia 24, e n'esta mesma villa, se celebrou o casamento do rei portuguez, com D. Isabel, que depois a egreja canonisou. (Vide *Coimbra.*)

Foram as festas mais sumptuosas que se têem feito em Trancoso. Os campos dos arrabaldes, pareciam uma grande cidade, cobertos de tendas e de casas de madeira, que os ricos homens e outros muitos fidalgos mandaram levantar, e ornar de riquissimas tellas e bandeiras. As festas duraram muitos dias, havendo justas, torneios, jogos, *invenções*, etc. — O rei fez então muitas mercês aos fidalgos que o acompanharam.

---

diz que D. Flamula, sobrinha da célebre *Muma Dona* (3.º volume, pag. 351, col. 1.ª) sendo senhora d'esta villa, a vendeu em 930, repartindo pelos pobres todo o producto da venda, e fazendo-se religiosa. Ou Trancoso estava então em poder de christãos, ou os mouros deixavam este senhorio áquella senhora, mediante certo tributo, como fizeram em outras muitas partes. Vide (adiante o § *D. Flamula.*

—

Durante a guerra de 10 annos que assolou Portugal e Castella, por D. João I, d'aquelle reino, querer ser tambem rei de Portugal, os castelhanos invadiram este reino e nos tomaram varias povoações, entre ellas a cidade de Viseu, que saquearam.

Ufanos com esta victoria, põem cêrco a Trancoso, que tinha uma pequena guarnição, mas commandada pelo seu intrépido alcaide-mór, Gonçalo Vasques Coutinho, que resistiu heroicamente. João Fernandes Pacheco e Martim Vasques da Cunha, alcaide-mór de Linhares, com alguns fidalgos, cavalleiros, e os lavradores que poderam á pressa reunir, atacam os castelhanos pela rectaguarda, e sahindo ao mesmo tempo Gonçalo Vasques Coutinho com a guarnição, dão sobre os inimigos (25 de abril de 1385) e, apezar do numero d'estes ser incomparavelmente maior do que o dos portuguezes, aquelles são completamente derrotados, deixando no campo grande numero de mortos e feridos, e ainda maior de prisioneiros, além de todas as suas bagagens, e tudo quanto tinham roubado em Viseu e outras terras.

(D'esta batalha não falla Rodrigo Mendes da Silva, na sua *Poblacion general de España*, porque, sendo portuguez, se tinha vendido aos Philippes III e IV.)

Tendo D. João I, de Castella, invadido Portugal, á frente de um numeroso exercito (parte d'elle commandado por D. João e D. Diniz, filhos de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro) muitos fidalgos portuguezes se uniram aos castelhanos, e alguns alcaides lhes entregaram os seus castellos.

Estava a ponto de fazer o mesmo Gonçalo Vasques Coutinho, quando sua mãe, D. Brites do Moura, mulher de grandes virtudes, de alto valor civico, e de coragem superior ao seu sexo, sendo informada do intuito do filho, foi procural-o e fallou-lhe assim: — «Vossos antepassados, meu filho, sempre se distinguiram na lealdade e fidelidade á patria : se intentaes manchar e deslustrar o nome que tendes, embebei-me primeiro um punhal no peito, porque não quero sobreviver á vossa infamia. Escolhei pois: ou a honra, ou a minha morte. Servi a patria, combatei os inimigos, morrei digno de ser meu filho.»

Gonçalo Vasques não poude resistir a tão energicas palavras de sua mãe, e persistiu na lealdade que devia á sua patria.

As mulheres portuguezas deram muitas vezes notaveis exemplos de coragem, valor e patriotismo.

Gonçalo Vasques Coutinho, estava muito indisposto contra Martim Vasques da Cunha, que se declarára fiel partidario do rei portuguez, e por isso queria tomar o partido de Castella! — Não foi só D. Brites que concorreu para que o filho fosse leal á patria, tambem concorreu para isso poderosamente, o bravo e fidelissimo D. João Fernandes Pacheco, senhor de Ferreira, e alcaide-mór de Celorico da Beira, descendente do fidelissimo D. Fernando Rodrigues Pacheco, alcaide-mór de Celorico, nos reinados de D. Sancho II, D. Affonso III (vol. 2.º, pag. 234. col. 1.ª) que pôde congraçar os dous inimigos.

A batalha foi dada a dous kilometros de Trancoso.

Além da guarnição da praça, as forças portuguezas que a vieram soccorrer, reunidas por Cunha, e Pacheco, constava de 300 lanceiros, alguns bésteiros, e bom numero de lavradores.

Os portuguezes, estavam emboscados, á espera dos castelhanos, que vinham muito alegres e descuidados, na força de 400 lanças, 200 ginetes, e grande numero de bésteiros e peões.

Traziam 700 cargas, das cousas de mais valor, que tinham roubado, e muitos homens e mulheres prisioneiros.

Os lavradores portuguezes, mal armados e peor disciplinados, soffreram grande derrota, pois a cavallaria castelhana fez n'elles uma horrorosa carnificina; mas não aconteceu o mesmo com as tropas portuguezas, que, commandadas e animadas pelos trez heroes, mataram castelhanos aos centos. A batalha, que principiára pela manhan, só terminou com o dia.

Além dos lavradores, muito poucos portuguezes morreram, e dos castelhanos, mais

de 400. Os prisioneiros portuguezes, voltados contra os seus guardas, os aprisionavam ou matavam, e as 700 cargas cahiram todas em nosso poder.

N'esta batalha, morreram muitos senhores da alta nobreza castelhana, e que occupavam grandes postos na casa real, entre elles — D. João Rodrigues de Castanhêda — D. Pedro Soares de Tolêdo — D. Alvaro Garcia d'Albernoz — D. Pedro Soares de Quinhones, e D. Affonso de Trujilho.

A batalha de Trancoso, foi uma das mais felizes e gloriosas d'esta guerra.

Adiante trato de D. João Fernandes Pacheco.

—

A villa, está situada em uma formosa planicie, *lavada dos ventos* por toda a parte, e apenas se levanta suavemente, em uma das suas extremidades, formando uma collina, ou outeiro, onde está edificado o castello.

Tem esta villa uma configuração circular, com a sua praça no centro, onde se vê uma torre bastante alta, em que está o relogio.

É abastecida por muita e excellente agua potavel, que lhe fornecem cinco fontes, uma das quaes, que está fóra dos muros, e perto do mosteiro de Santo Antonio, chamada *Fonte de João Durão*, dá origem ao rio Távora, que engrossado por varios ribeiros, atravessa uma grande parte das Beiras, morrendo na esquerda do Douro. (Vide *Távora, rio.*)

Além d'estas fontes, ha varias cisternas [1].

Se Trancoso é uma terra summamente fria no inverno, é tambem muito fresca no verão, e o seu clima é saluberrimo.

Faz-se aqui uma boa feira a 24 de agosto, chamada *de S. Bartholomeu*, que dura 3 dias, e é sempre concorridissima; e outra, a 13 de dezembro, chamada *de Santa Luzia*, tambem muito concorrida.

Além d'estas duas feiras, ha mercado, de 15 em 15 dias.

Os seus arrabaldes são amenos e bem cultivados, sobre tudo nas bellas campinas das margens do Távora. Todo o seu territorio é bastante fertil em productos agricolas, sobre tudo, milho e centeio, por ser abundante de aguas; e cria muito gado de toda a qualidade. Tem peixe miudo, do Távora, e do mar tambem lhe vem algum peixe, mas bastante caro, em razão da distancia.

Nas immediações da villa, ha tambem bastante caça.

A *Fonte do Peião*, junto á Aldeia Nova, d'este concelho, é sulphurea, quente, mas ainda não foi chymicamente analysada. Rebenta em grande abundancia, e é pena que a respectiva camara municipal não tenha construido aqui umas boas thermas, que seria uma optima fonte de receita para o municipio, e origem de bons interesses para o povo de Aldeia Nova.

—

É muito provavel que as primeiras fortificações de Trancoso sejam obra dos romanos, ou, pelo menos, dos árabes: a não ser assim, não teriam aqui cêrcos e batalhas, como vimos; pois que as povoações abertas eram abandonadas por se não poderem defender.

D. Affonso Henriques, com certeza, a achou cingida de muros, mais ou menos fortes, pois os reedificou, achando-os arruinados pelos mouros; mas não são de certo essas obras de defeza, as que hoje existem. Suppõe-se, com bons fundamentos, que tudo quanto existe, e o que se arruinou, era obra do rei D. Diniz, feita pelos annos de 1290, e reparada no reinado de D. João II.

É a villa cingida de muralhas, na circumferencia de um kilometro, ou pouco menos, defendidas por 15 torres, entre as quaes se abriam quatro portas (*d'El-Rei, do Prado, de S. João*, e *do Carvalho*) e trez postigos — (*da Traição, do Olhinho do Sol*, e *do Boeirinho*).

O castello, ou cidadella, tem uns 220 metros de circumferencia, com cinco torres, ligadas por fortes muros ameiados, tendo mo

[1] Note-se que o vasto *Campo da Feira*, é um grande manancial d'agua, com a singularidade de ser salobra toda a que nasce ao sul; e potavel, toda a que nasce do lado do norte.

centro, a torre de menagem, muito mais alta do que as outras.

É tão sólida a construcção d'estas obras, que, apezar dos seus 600 annos — pelo menos — de existencia, os seus muros ainda estão perfeitamente conservados, faltando-lhes apenas as ameias. As torres é que estão desmanteladas.

O camartello destruidor do seculo XIX, tem poupado estas muralhas, porque, como os *canniços*, das vinhas de Peniche; os laranjaes, dos Açores; o pinheiral d'Ovar, etc., servem de abrigo protector á povoação, que, como vimos, está exposta a todos os ventos. Além d'isso, a população não se tem desenvolvido, de maneira que quasi toda cabe muito bem dentro d'esta cinta de durissimo granito.

—

Por vezes se teem aqui achado moedas romanas, e tumulos abertos em rocha, que se suppõe serem árabes.

Proximo á aldeia de Moreira de Rei, ha restos de fortificações antigas.

—

Egrejas matrizes actuaes

Santa Maria de Guimarães. — É um templo elegante, porém a sua torre dos sinos ainda não está concluida.

S. Pedro. — É um bom templo, mas nada tem de notavel, senão ter aqui sido enterrado o famoso *Bandarra*. No seu tumulo se gravou esta inscripção —

AQUI JAZ GONÇALO
ANNES BANDARRA.

Esta inscripção foi mandada picar, por ordem do marquez do Pombal; porque este ministro attribuiu aos jesuitas as chamadas *Profecias do Bandarra*!

A egreja, tem uma só torre, com 5 sinos, sendo um d'elles o do relogio.

A sua capella-mór, é de uma architectura magnifica: infelizmente, o corpo da egreja, pela sua mesquinhez e simplicidade, não lhe corresponde.

Egrejas matrizes supprimidas

ERMIDAS

Ha na villa e suas immediações, as ermidas seguintes —

1.ª — *Santa Luzia*, muito antiga, mas não se sabe quando ou por quem foi fundada.

2.ª — *Santa Eufemia*, idem, idem.

3.ª — *Senhor da Calçada*, tambem muito antiga.

4.ª — *Senhor da Fresta* — ou *do Sepulchro*, que foi matriz. (Verdadeiramente, *Nossa Senhora do Pranto*, ou *da Piedade*.)

Foi um templo vasto e sumptuoso, matriz de freguezia, até ao primeiro quartel d'este seculo.

Segundo a tradição, já existia desde o tempo dos godos, e, quando os mouros invadiram estas terras, os christãos esconderam a imagem da padroeira, em uma *fresta* da capella-mór, que taparam com uma parede de tijolo. Resgatada a villa, do poder dos mouros, foi reparada e benzida a egreja. N'essa occasião, destapando-se a fresta, foi alli achada a santa imagem, que por isso se ficou, d'alli em diante, chamando *Nossa Senhora da Fresta.*

No tempo dos godos, tinha eremitães, que cuidavam do aceio do templo. Em uma occasião em que os mouros aqui entraram, era eremitôa uma santa mulher, chamada *Iberusa Leôa,* que elles levaram captiva. Em memoria d'este facto, se gravou em uma pedra da parede exterior da egreja, ao lado direito da porta principal, esta inscripção —

SI VIS SCIRE TEMPUS QUANDO
FUIT CAPTA IBERUSA LEOA,
ERA MCCXV.

Isto é — Na era de 1215 (1177 de Jesus Christo) captivaram os mouros a Iberusa Leôa. —

Talvez aqui haja um anachronismo de dous annos, e que isto succedesse em 1175, quando o rei mouro de Badajoz invadiu estas terras; por quanto, em 1177, D. Affonso Henriques e seu filho (depois D. Sancho I) tomaram aos mouros o seu mais forte covil, a praça de Badajoz.

Foi então que o nosso primeiro rei, vendo fóra da praça, seu genro, rei de Leão, e vindo esperal-o fóra das portas, quebrou uma perna no ferrolho da porta e ficou prisioneiro do leonez (que então andava em guerra com Portugal) e só obteve a liberdade, entregando ao genro todas as praças que lhe tinha conquistado.

Segundo a tradição, na manhan do dia seguinte, appareceu Iberusa, viva e san, á porta do templo, e captivos os mouros que a guardavam, os quaes se converteram, e baptisaram n'esta mesma egreja, e n'esta terra terminaram os seus dias.

Esta egreja é antiquissima, mesmo como matriz, pois que a sua freguezia foi creada em 1225, como consta de uma inscripção que está sobre a vêrga da porta principal da egreja.

Foi grande a devoção que os povos d'estas terras tinham com a Senhora da Fresta, á qual faziam duas grandes festas em cada anno, a primeira no dia 25 de junho (Pureza de Nossa Senhora) e a segunda, a 15 de agosto, dia da sua Assumpção.

O adro d'esta egreja, serve actualmente de cemiterio publico, até se concluir o novo que se anda construindo no campo.

N'este adro, está sepultada a virtuosissima D. Maria da Piedade, condessa de Tavarêde, e sobre a sua campa se distribuem annualmente muitas esmolas de pão cosido, vindo devotos, alguns de terras distantes, fazer esta distribuição. O povo d'aqui tem esta senhora por santa, e vem buscar terra da sua sepultura, que julgam remedio efficaz para os seus padecimentos. (Vide a ermida seguinte.)

5.ª — *S. Bartholomeu* — Onde hoje se vê esta ermida, existiu um grande templo, pelo menos tão antigo como a monarchia portugueza, e com toda a probabilidade, fundação de D. Affonso Henriques, ou, pelo menos, do seu reinado; e que então, ou pouco depois, se erigiu em egreja matriz de uma freguezia, que foi supprimida ha mais de 300 annos.

No seculo XIII, era o templo mais sumptuoso d'esta villa, e por isso, o rei D. Diniz o escolheu para n'elle celebrar o seu consorcio com a rainha Santa Isabel, a 24 de junho de 1282.

Supprimida esta freguezia — talvez porque a egreja já então estivesse em grande ruina, foi ella desmantelando-se cada vez mais, até que se demoliu, construindo-se no mesmo sitio, e com os seus materiaes, a actual capella.

O padre Escobar, na sua *Vida da Rainha Santa Isabel*, diz que ella se recebeu n'esta egreja, o que é certo. Rodrigo Mendes da Silva, diz o mesmo na sua *Pobl. gen. de Esp.* — Frei Agostinho de Santa Maria, porém, no seu *Sant. Marian.*, tomo 5.º, pag. 202, pretende que este casamento teve logar na egreja de Nossa Senhora da Fresta, fundando-se em que a egreja de S. Bartholomeu, era uma pequena ermida, onde não podia caber o grande numero de pessoas que assistiram a acto de tanta magnificencia.

Isto não passa de supposição do frade, que não sabia que, onde no seu tempo (1716) existia a pequena e arruinada ermida, tinha havido antes, como vimos, uma sumptuosa e vasta egreja.

Noticias e factos diversos

Em 23 de outubro de 1876, se inaugurou n'esta villa a *Escola Popular*, que é nocturna, e gratuita para os pobres. Comprehende — instrucção primaria, portuguez, e francez. É regida por professores muito dignos e habilitados; e foi nomeado presidente, o illustre conde de Tavarêde.

—

Na Torre do Tombo, armario 5.º, masso 7.º, está archivada a sentença do padre Costa, prior de Trancoso, datada do anno de 1478, a qual resa assim:

«O padre Fernando Costa, prior que foi de Trancoso, de edade de 62 annos, será degredado de suas ordens, e arrastado pelas ruas publicas ao rabo de cavallos, esquarte-

jado seu corpo e posto aos quartos, cabeça e mãos em differentes districtos, pelo crime de que foi arguido, e que elle mesmo não contrariou, sendo accusado de ter dormido com vinte e nove afilhadas, tendo d'ellas noventa e sete filhas, e trinta e sete filhos, de cinco irmãs teve dezoito filhos e filhas; de nove comadres, trinta e oito filhos e dezoito filhas; de sete amas, teve vinte e nove filhas e tres filhos; de duas escravas teve vinte e uma filhas e sete filhos; dormiu com uma tia chamada Anna da Cunha, de quem teve treze filhos; total duzentos e noventa e nove filhos, sendo duzentos e quarenta do sexo feminino, e do masculino oitenta e cinco, sendo concebidos de cincoenta e trez mulheres.

«D. João III, perdoou ao criminoso e o mandou pôr em liberdade, a 17 de outubro de 1541; mandando archivar na Torre do Tombo, o volumoso processo.»

Esta noticia, foi extrahida de um jornal que não prima por catholico, pelo que a dou com toda a reserva. Além d'isso, parecem-me muitos filhos juntos.

Tambem custa a acreditar, que D. João III — o rei mais devoto que temos tido, mandasse pôr em liberdade similhante homem, sem lhe impôr o minimo castigo!

—

Os Chuços — Os nomes d'estes famosos salteadores, tornou-se legendario nas provincias da Beira-Baixa, Beira-Alta, e Alemtejo. O nosso povo, sempre inclinado ao fantastico e maravilhoso, fez do *Chuço*, pae, um heroe como os de Schiler. Nunca assassinou pessoa alguma; roubava aos ricos usurarios, ou ambiciosos, para dar aos pobres, honrados e trabalhadores. Vestia-se de padre (mesmo de bispo) de general, de desembargador, d'almocreve, de mendigo, segundo a *partida que queria jogar*. Desfigurava as feições, a ponto de não ser conhecido, nem pelos seus proprios companheiros. A sua quadrilha constava de alguns centos de individuos, com um forte esquadrão de cavallaria, perfeitamente disciplinada. Tinha uma irman, tão matreira e tão intrepida como elle, que o acompanhava muitas vezes nas suas emprezas. Finalmente, o Chuço era um vulto homerico.

Desde creança que eu ouvi contar admiraveis *casos*, d'este ladrão notavel, e queria n'esta obra *biographar* o Chuço, sem faltar á verdade. Para isso, por varias vezes incommodei amigos e conhecidos, que me podessem dar informações; mas que desillusão! — Depois de tanto lidar, achei-me com um ladrão vulgar, e prosaico.

Eis a historia dos trez Chuços.

José Chuço, pae, natural de Trancoso, foi, desde os seus tenros annos, um finissimo ladrão, praticando todos os roubos mais por industria do que por força, apezar de ser um verdadeiro Hercules. Nunca porém assassinou pessoa alguma. Perseguido pelas auctoridades, muitos annos se pôde subtrahir ao castigo, e continuou a roubar, com grande habilidade. Por fim, foi preso, julgado e degredado por 20 annos, para a Costa d'Africa. Em 1829, sendo já muito velho, regressou a Trancoso, e se estabeleceu com uma pequena loja de mercearia, que poucos mezes durou, porque morreu, póbre, sem deixar nada aos seus herdeiros.

José Chuço, filho, foi fuzilado pelos milicianos, em 1822, no acto da prisão, como já fica dito na col. 2.ª da pag. 551 d'este volume.

Antonio Chuço, outro filho, foi o mais celebre de todos os trez Chuços.

Principiou a sua vida por aprendiz de barbeiro, e desde logo deu provas *que de tal pae, tal filho se esperava*. Abandonou o officio, tomando descaradamente a profissão de salteador, valente e matreiro.

Fez-se chefe de uma quadrilha, e em breve se pôz em communicação com outras de Portugal e Hespanha.

A sua maior e mais rendosa industria, era a venda de cavalgaduras roubadas, que lhe vinham ter a casa, e elle levava desaforadamente ás feiras.

Emprestava dinheiro aos lavradores pobres, para hirem ás feiras comprar juntas de bois, e depois, roubava o dinheiro aos vendedores, ou elle em pessoa, ou alguem da sua quadrilha a quem incumbia o *negocio*.

Era destro cavalleiro, e nas feiras onde não era conhecido, montava os cavallos que fingia querer comprar, e o vendedor, via-o desapparecer, sem mais tornar a saber do cavallo nem do *comprador*.

Era um bom cosinheiro, e muitas vezes exerceu este mister nas casas dos maiores figurões d'estas terras, para os quaes se mostrou sempre muito respeitoso e obsequiador.

Se uma pessoa rica queria mandar grandes porções de dinheiro, ou objectos de muito valor, de uma para outra terra, encarregava d'essa commissão o Antonio Chuço, na certeza de que tudo chegava ao seu destino.

Perseguido frequentemente por escoltas de soldados, inventava novos ardís, para lhe escapar, o que conseguia; e com varios disfarces se apresentava descaradamente nas feiras, fazendo o seu negocio de bêstas roubadas, como se fosse a cousa mais licita do mundo.

As pessoas que precisavam viajar, e se se não queriam arriscar a serem roubadas, *compravam* ao Chuço, um *passe*, e nem em Portugal nem na Hespanha, eram roubados, logo que apresentassem aos ladrões o tal *passe.*

A maior façanha que se conta d'este Chuço, é a seguinte (que todavia não affirmo ser de todo o ponto verdadeira.)

Certa tarde, na villa da Covilhan, apresentou-se em casa do juiz de fóra, dando-lhe parte que o Antonio Chuço estava na estalagem da villa, junto com outros muitos contratadores de bêstas, e dando-lhe todos os signaes (mentirosos, já se sabe) do ladrão, e mesmo offerecendo-se para acompanhar a diligencia.

O juiz, fica muito contente, e manda chamar os seus beleguins, para effectuar a prisão.

N'isto anoiteceu, e o juiz mandou accender dous castiçaes de prata, e pôz-se de conversa com o Chuço, em quanto esperava pelos seus officiaes: apenas estes chegaram, sahiu o juiz, mas o Chuço teve a habilidade de apagar as vélas, e safar-se com os castiçaes, sem mais se tornar a saber do denunciante.

Finalmente, depois de frequentissimas e baldadas diligencias, uma força de caçadores n.º 8, que estava então de quartel em Penamacor, conseguiu prender este Chuço, e o levaram para a *principal*, a prisão mais segura, da praça d'Almeida, onde então estava o regimento de infanteria n.º 11, que conservava sempre uma numerosa guarda a esta prisão.

Além d'este regimento, ainda estava de guarnição na praça um esquadrão de cavallaria n.º 8, e um parque d'artilheria n.º 3, além do regimento de milicias. Pois apezar d'isto, uma manhan em que foram levar o almoço ao Chuço, acharam a prisão vasia! Nunca se soube como ou por onde tinha effectuado a evasão.

Fugiu para a Hespanha, e estabeleceu-se em Salamanca, com uma loja de mercearia, e alli morreu, pelos annos de 1850.

Mesmo depois de estar na Hespanha, veio por algumas vezes a Portugal, comprar bêstas nas feiras d'Evora e Viseu; mas só foi conhecido por alguns seus amigos, que os teve sempre, muitos, e alguns pertencendo a familias principaes da provincia.

Deve notar-se que os trez Chuços, nunca foram mais do que ladrões; nunca assaltaram casa nenhuma de noite, e nunca commetteram um unico assassinio.

—

Durante o reinado do sr. D. Miguel I, deu-se em Trancoso um facto que muito honra trez cavalheiros d'esta villa.

Todos sabem que, depois da revolução de 16 de maio de 1828, no Porto, muitos liberaes que tomaram parte n'ella, foram perseguidos, prêsos, e alguns executados, como temos visto em varios logares d'esta obra.

Alguns habitantes de Trancoso, tinham adherido á tal revolução, pelo que veio para aqui um juiz de fóra, escolhido d'entre os mais adeptos aos realistas, e, apezar de toda a sua *boa vontade,* nem um unico liberal ficou culpado!

Isto deveu-se a trez dos mais decididos realistas d'aqui — *Caetano Alexandre,* então dono da casa que é hoje do conde de Tavarêde — *Antonio da Costa Coutinho,* da casa hoje do visconde de Trancoso — e *Padre*

Motta, abbade da freguezia de Nossa Senhora da Fresta. Este sacerdote, que era um orador sagrado muito distincto, prégava sempre a favor do sr. D. Miguel; mas, fóra do pulpito, aconselhava e reprehendia os individuos indicados como testemunhas, para que não jurassem contra os liberaes.

—

Um valentão de Trancoso — Em 10 de setembro de 1540, era capitão de Baçaim, na India, D. Francisco de Menezes. Alguns capitães do Nizamoluco, com 800 cavallos e 9:000 infantes, vieram atacar esta praça, que estava apenas defendida por 160 portuguezes de infanteria, 20 de cavallaria e 1:200 indios. Apezar d'esta enorme desproporção de forças, os nizamolucos foram derrotados, com perda de 500 homens, perdendo nós apenas 20.

Foi n'esta batalha, que um soldado, natural de Trancoso (cujo nome infelizmente se ignora — porque não era fidalgo! —) homem que a uma estatura gigantesca reunia forças herculeas, e animo intrepido, com a mão esquerda agarrou um mouro pela cinta, e servindo-se d'elle como de um escudo, fez nos mouros uma horrivel matança. (*Ann. Hist.* vol., 2.º pag. 48.)

—

Edificios — Os principaes d'esta villa, são — o palecete dos condes de Tavaréde, e sua residencia actual — o do visconde de Trancoso — e algumas casas elegantes, construidas modernamente.

—

Ruas — As melhores, são — *Rua Direita* — e *Rua dos Cavalleiros.* Foi n'esta rua que habitaram n'outro tempo as pessoas mais nobres da villa; e ainda n'ella se veem alguns edificios brazonados, habitados por descendentes de fidalgos que os construiram.

Todas as outras ruas, são estreitas, tortuosas, sujas, e mal calçadas.

—

Estradas — Tem trez modernas (a Mac-Adam) — uma, para Lamégo — outra, para Celorico da Beira — outra, em construcção, para Pinhel.

A que vae de Celorico para o Pocinho, tambem passa proximo á villa.

—

Ha o *theatro de Santa Barbara*, no castello, mandado fazer ha poucos annos, por alguns cavalheiros d'esta villa.

—

Ha tambem uma *assembléa*, ou *club*; mas, por emquanto, está estabelecida em uma casa arrendada.

—

João Tição — Quando os mouros atacaram esta praça, em 1131, tinham estabelecido o seu acampamento, 3 kilometros ao S. da villa, no sitio onde agora está a ermida de S. Marcos.

João Tição, natural de Trancoso, e um dos seus defensores, n'esse tempo, pediu licença ao alcaide-mór, para hir ao campo dos serracenos tomar-lhes a bandeira do crescente. Concedida a licença, montou a cavallo, e a toda a brida, chegou ao acampamento, e agarrando na bandeira, correu sobre a praça, que achou com as portas fechadas, porque os de dentro viram vir grande cópia de mouros atraz do Tição. Este, dando trez voltas em roda das muralhas, e vendo que não podia entrar, disse — *salta cavallo* — e fazendo-o dar um prodigioso salto, atirou com a bandeira para dentro dos muros. O cavallo, morrendo rebentado, fez cahir o cavalleiro; e os mouros, agarrando-o, o fritaram em azeite.

Sobre a *porta do Carvalho*, sitio onde se diz que Tição arremessára a bandeira, se collocou, em memoria d'este facto, a figura de um guerreiro, montado em um cavallo, em attitude de saltar.

—

D. Flamula — Era uma das mais nobres damas do X seculo, e riquissima. Era irman de D. Ramiro II, de Leão, e sobrinha da famosa condessa *Muma Dona*, mulher de D. Hermenegildo Gonçalves Mendes, conde de Tuy e do Porto, e governador d'Entre Douro e Minho.

Falleceu D. Flamula, em 960, *deixando sua alma por herdeira* da sua muita fazenda, que toda mandou, em seu testamento, repartir pelos pobres, e em obras pias.

Foi senhora das villas de *Trancoso*, *Moraria* (Moreira de Rei) *Longroiva*, *Numão*, *Penedôno*, *Caria*, *Sernancêlhe*, *Amendoa;* e outras na provincia da Extremadura hespanhola. Diz no fim do testamento, que deixa isto tudo — «*Omnia vendere, et pro remedio animae meae, captivos, et peregrinos, et monasteria distribuire in ipsa Terra.* (Doc. de Guimarães, de 960.)

—

Mosteiros

1.° — *Santa Clara*, de freiras franciscanas, fundado por Christovam Mendes de Carvalho, em 1539, [1] com a invocação de *Nossa Senhora do Sepulchro*, que depois se mudou para a de Santa Clara, que era a de muitos mosteiros de freiras, da mesma ordem.

Foi suprimido em novembro de 1864.

Em julho de 1870, uma quadrilha de ladrões (mais de 200) armados de machados, e alavancas, foram-se a este mosteiro e lhe arrancaram e roubaram toda a madeira, com que carregaram mais de 700 carros.

Um d'estes malvados, foi logo punido, no acto do vandalismo, pois cahiu sobre elle uma pedra, que o esmagou, morrendo instantaneamente.

Este mosteiro, era na praça, e hoje d'elle apenas restam algumas paredes desmanteladas.

—

2.° — *Santo Antonio*, de frades franciscanos, fundado em 1569, pelo mesmo fundador do mosteiro das freiras. Está em um vasto campo, povoado de frondoso arvorêdo, extramuros da villa.

O edificio do mosteiro, foi demolido pelos liberaes, e d'elle não existe vestigios. (Os frades tinham sido expulsos d'elle, no principio de junho de 1834.)

Ainda existe, em bom estado, a egreja, que foi dada á irmandade dos terceiros franciscanos.

Admiram-se n'esta egreja, soberbas imagens, primorosamente esculpidas, que ainda são do tempo dos frades.

Foi n'este mesmo campo, em que depois se construiu o mosteiro, que em 1282 se construiu um vasto e sumptuosissimo pavilhão, ricamente forrado de soberbas alcatifas e *colgaduras*, que serviu de palacio ao rei D. Diniz, durante as esplendidas festas do seu casamento.

—

Familias nobres de Trancoso — Diz frei F. Brandão, na sua *Monarchia Lusitana*, que esta villa, foi solar de muitos fidalgos, dos appellidos — Cardoso, Fonseca, Pereira, Vasconcellos, Pacheco, Sampaio, Lucêna, Amaral, Borges, Tavares, e Saraiva.

A maior parte d'estes fidalgos, moravam na *Rua dos Cavalleiros.*

Hoje ainda aqui ha descendentes de alguns d'estes nobres.

—

Uma troca — Em 1399, o mosteiro de Tarouca, deu a Gonçalo Vasques Coutinho, alcaide-mór de Trancoso (do qual já fallei) e a sua mulher, D. Leonor Gonçalves, *todas as granjas, casaes, casas, vinhas, conchosos, exidos, logares, fóros, direitos, direituras, medições, serviços, trabutos, e colheitas, que tinham em Trancoso e seu termo: recebendo em permudaçom* (troca) *todos os direitos reaes que o dito Gonçalo Vasques, tinha e recebia do mosteiro, em terra de Hermamar* (Armamar) *e Tões.* (Doc. de Tarouca.)

—

Uma doação — Em junho da era de 1285 (1247 de Jesus Christo) a famosa D. Maria Paes Ribeira — *a Ribeirinha* — que fôra amante de D. Sancho I, deu á ordem do Templo, tudo quanto tinha na villa de Trancoso. (*Livro dos Mestrados*, a fl. 36, na Torre do Tombo.) — Vide *Grijó.*

—

Titulares de Trancoso

D. João III, fez duque de Trancoso a seu irmão mais novo, o infante D. Fernando, que foi tambem duque da Guarda.

---

[1] Segundo o sr. Vilhena Barbosa; mas o padre Carvalho, que lhe dá o mesmo fundador, diz que a sua fundação é do anno de 1660.

—

Philippe IV, fez marquez de Trancoso, em 1653, a D. Luiz de Portugal. (Foi um marquez *in partibus fidelium.*)

—

O principe regente (depois D. João VI) fez conde de Trancoso, o marechal-general, sir G. C. Beresford, commandante em chefe do exercito portuguez, na guerra peninsular. Depois o mesmo principe o fez marquez de Campo Maior.

—

Em 12 de setembro de 1855, foi feita viscondessa de Trancoso, D. Maria do Carmo da Costa Macêdo e Ornellas Sequeira Reimão.

—

Em 15 de dezembro de 1868, foi feito visconde de Trancoso, Bartholomeu da Costa Macêdo Geraldes Barba de Menezes.

—

Trancosanos illustres

Gonçalo Annes Bandarra — Nasceu pelos annos de 1500. Foi sapateiro, poeta popular, e *propheta.* Dizem alguns que os seus *versos propheticos,* são obra dos jesuitas, por quanto Bandarra não sabia ler nem escrever. É êrro. Sabia, e foi o proprio escriptor das suas trovas. Era muito versado na *Sagrada Biblia,* que sabia quasi de cór.

Por causa das suas *prophecias,* foi denunciado ao *Santo Officio,* que o mandou prender e o conservou algum tempo nos seus carceres; mas foi absolvido, por sentença, publicada no cadafalso da Ribeira (Lisboa) a 23 de outubro de 1541, estando elle presente a um auto de fé que houve n'esse dia.

Regressou a Trancoso, e nunca mais fez prophecias.

Falleceu, no anno de 1596, a 18 de outubro, de edade avançada (perto de 100 annos) e foi sepultado, como vimos, na egreja parochial de S. Pedro, lavrando-se na sua campa o epitaphio que lemos quando tratei d'esta egreja.

O marquez de Pombal, interpretando contra elle, algumas das Trovas do Bandarra, que julgou obra dos jesuitas, não podendo vingar-se d'outro modo, de um homem que tinha morrido havia quasi 200 annos, lhe mandou picar o epitaphio!

Por um acaso é que se achou a sepultura do Bandarra, em março de 1871, junto á porta da egreja, do lado da Epistola.

—

Affonso de Lucêna — Nasceu pelo meiado do seculo XVI, e ainda vivia em 1611. Foi cavalleiro da ordem de Christo, commendador da de S. Thiago, e alcaide-mór d'Evora.

Elle e os doutores Luiz Correia, Antonio Vaz Cabaço, e Felix Teixeira, escreveram e publicaram um livro sob o titulo de — *Allegações de direito, que se offerecem ao muito alto, e muito poderoso rei, D. Henrique, nosso senhor, na causa da successão d'estes reinos por parte da senhora D. Catharina, sua sobrinha, filha do infante D. Duarte, seu irmão, a 22 de outubro de 1579.* Foi impresso em Lisboa, no anno de 1580.

É hoje muito pouco vulgar este livro, no qual seus auctores provavam o direito que á corôa portugueza, por morte do cardeal-rei, tinha a tal D. Catharina, duqueza de Bragança.

Esta senhora, foi a primeira a inutilizar esta obra — aliás perfeitamente bem fundamentada — reconhecendo a D. Philippe II como legitimo rei de Portugal!

—

Padre João de Lucêna — jesuita. Nasceu em 1550, e falleceu no seu collegio, de S. Roque, em Lisboa, em 1600.

Era irmão de Affonso de Lucêna.

Escreveu e publicou a — *Historia da vida do padre Francisco Xavier* (tambem jesuita, e depois canonisado) *e do que fizeram na India os mais religiosos da Companhia de Jesus.* Foi impresso em Lisboa, em 1600. Teve 2.ª edição, tambem em Lisboa, no anno de 1788.

É livro raro e muito estimado, pelas interessantes noticias que dá do nosso Estado da India, e de outros paizes da Azia.

—

Padre Francisco Saraiva de Souza — Licenceado em direito e confessor das freiras do convento de Santa Martha, de Lisboa. Nasceu e falleceu no seculo XVII, mas igno-

ra-se a data do seu nascimento e da sua morte.

Escreveu o — *Baculo pastoral, de flores de exemplos, colhidos de varia e authentica historia espiritual, sobre a doutrina christan.* Foi impresso em Lisboa, no anno de 1624. Teve 2.ª edição, em 1628; 3.ª, em 1651; 4.ª, em 1657; 5.ª, em 1671; 6.ª, em 1676; e, finalmente, 7.ª, em 1738.

Já se vê a grande acceitação que teve esta obra: e, apezar das suas sete edições, não, é actualmente, livro muito vulgar.

—

O sr. *Bartholomeu da Costa Macedo Geraldes Barba de Menezes*, filho da 1.ª viscondessa de Trancoso, D. Maria do Carmo da Costa Macedo e Ornellas Sequeira Reimão, foi, como disse, feito visconde de Trancoso, em 15 de dezembro de 1868. Tanto por parte de seu pae, como pela de sua mãe, pertence a uma das principaes familias de Portugal, e parente proximo dos generaes legitimistas, José Cardoso de Carvalho, e seu irmão, Gonçalo Cardoso Barba de Menezes, ambos já fallecidos.

Viuvando de sua primeira esposa, casou o sr. visconde, em segundas nupcias, em Madrid, no dia 14 de outubro de 1876, com a sr.ª D. Maria Christina de Bourbon, duqueza de Posen, Attendorf, condessa de Gurowski, filha do principe-conde, Ignacio Wenceslaus de Gurowski, duque de Posen, conde de Gurowski, senhor de Dtrigma, Wrigina e Attendorf, e principe *herdeiro do throno da Polonia;* e da infanta de Hespanha D. Isabel, tia paterna do actual rei de Hespanha. É pois uma das principaes familias da Europa, pois os Gurowskis, descendem de Maria Lescica, rainha de França, mulher de Luiz XV.

A primeira mulher do sr. visconde de Trancoso, tinha nascido em Lisboa, a 5 de abril de 1847, e falleceu tambem em Lisboa, a 22 de setembro de 1874, na florente edade de 27 annos. Chamava-se — D. Barbara Camilla Vicencia José de Noronha Gonçalo Zarco da Camara. Era filha de D. Nuno José de Noronha e Brito, 10.º conde dos Arcos, (feito em 2 de maio de 1855) e de D. Maria Rita Gonçalves Zarco da Camara, filha dos 7.ºˢ condes da Ribeira Grande.

A viscondessa, descendia, pela linha paterna, dos marquezes de Marialva e pela materna, do famoso João Gonçalves Zarco, que, com Tristão Vaz da Veiga, descobriu a ilha da Madeira, em 1419. Tinha casado (a viscondessa) a 5 de outubro de 1863, pelo que esteve apenas casada 11 annos incompletos.

Deixou filhos.

Foi uma senhora virtuosissima, e em summo grau caritativa, pelo que a sua memoria é ainda respeitada.

—

É n'esta villa a residencia dos actuaes condes de Tavarêde. Vide n'este volume, a col. 2.ª de pag. 496.

TRANDEIRAS — freguezia, Minho, concelho, comarca, districto administrativo, arcebispado, e 6 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1768, tinha 42.

Orago, o Salvador.

A mitra, apresentava o abbade, que tinha 200$000 réis de rendimento.

Fertil — gado e caça.

—

TRANSCUDANOS — Vide *Riba-Côa,* e *Sabugal.*

—

TRAPA (*Santa Cruz da*) — villa, Beira Alta, concelho de S. Pedro do Sul, comarca de Vouzella, em *Terra de Lafões.* 24 kilometros ao N. O. de Viseu, 300 ao N. de Lisboa, 390 fogos.

Em 1768, tinha 157.

Orago, São Mamede. Bispado e districto administrativo de Viseu.

As misericordias de Viseu e Vouzella, e outros padroeiros seculares, apresentavam o abbade, que tinha 600$000 réis de rendimento annual.

A villa, que é pequena e antiquissima, está assente em um dos degraus da *serra de Manhôce* (que principia n'estas proximidades) em sitio aspero e fragoso; e o seu territorio não é muito fertil, mas cria muito gado, de toda a qualidade, bastantes colmeias, e é abundantissima de caça.

Foi, por mais de 600 annos, cabeça de um

concelho, hoje supprimido; tendo camara e justiça, auctoridades e empregados respectivos.

Nunca teve foral, novo nem velho. Pelo menos, Franklin não o menciona.

Trez kilometros ao S. da villa, entre altissimas serras e grandes mattas, está o famoso *mosteiro da Trapa*. Foi primeiro, *duplex*, de monges e monjas benedictinas, fundado em 865 (*Benedictina Lusitana*, trat. 1.º, cap. VII.) Pelos annos de 1120, Christovam João, e sua mulher, Maria Rabaldis (irman do bispo do Porto, D. Pedro Rabaldis, e sobrinha do celebre D. João Peculiar, frade cruzio (vide *Grijó*) depois bispo do Porto, e por fim, arcebispo de Braga) reconstruiram este mosteiro, que estava abandonado, e o deram aos conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios) os quaes, para augmentarem as suas rendas, compraram, em 1126, algumas fazendas, em Paradella e Valladares, em *Terra de Lafões*.

Julga-se que os cruzios se não deram bem n'este sitio inhospito, porque, pelos annos de 1135, passou a ser dos monges benedictinos, como tinha sido no seu principio; mas seguindo a regra de S. Bernardo, que era uma reforma da benedictina. Foi D. Affonso Henriques que ampliou este mosteiro, e obteve do papa Innocencio II, a mudança da ordem; mas, apezar do pouco tempo que aqui estiveram os cruzios, ficou á villa a denominação de *Santa Cruz da Trapa*, que ainda conserva.

Em 717, os mouros occuparam estas terras, obrigando os indigenas a fugir para sitios mais inaccessiveis, menos os que se quizeram sujeitar ao pesado jugo dos vencedores.

Em 865, escolheram os christãos o sitio inhospito e alcantilado da serra de Manhôce, para fundar uma egreja catholica, onde, sem receio de serem surprehendidos pelos mouros, podessem praticar o culto divino. Alguns frades dispersos, benedictinos e agostinhos, vieram residir para junto da nova egreja, construindo para a sua habitação, um pequeno mosteiro [1].

Já n'esse tempo, e havia mais de trinta annos, que a terra de Lafões e quasi todo o territorio de Viseu, estava em poder dos christãos.

Em 862, reinando D. Affonso, o *Magno*, de Leão, occupavam-se os christãos em fortificar Viseu, quando Al-Mansor, kalifa de Córdova, investe inopinadamente a cidade, que, depois de heroica resistencia, cahiu em poder dos mouros; porém o bravo D. Affonso, junta á pressa um bom numero de tropas, invade e conquista o reino de Toledo, quasi sem resistencia, e entrando victorioso em Portugal, recupéra Viseu e o seu territorio, chegando até aos muros de Coimbra.

Pelos annos de 920, Abd-el-Rhaman, kalifa de Cordova, reunindo ao seu exercito grande numero de mouros da Lusitania, e africanos, invadiu este reino, e os monges da Trapa, ou fugiram, ou foram trucidados pelos mouros, ficando o mosteiro e a povoação completamente abandonados.

Na era de 1078 (1040 de Jesus Christo) era senhor de Viseu, um *kaide* mouro, chamado *Alahuen* (Alafum.) D. Fernando Magno, de Leão, toma Viseu de assalto, e Alahun fica captivo; porém, fazendo-se christão, o rei lhe deu a Terra do Lafões, que d'elle tomou o nome. (4.º vol., pag. 11, col. 1.ª)

Quando, passados 80 annos, já por estas terras não havia mouros, senão escravos, ou convertidos, é que, como disse, Christovam João e sua mulher, reedificaram o mosteiro da Trapa.

TRATAMENTO DOS REIS DE PORTUGAL — Os nossos primeiros reis, contentavam se com o modesto tratamento de MERCÊ. Depois se lhe deu o tratamento de SENHORIA, EXCELLENCIA, ALTEZA, e por fim MAGESTADE.

Na Torre do Tombo (maço 2.º do SUPPLEMENTO DE CÔRTES, n.º 14) se lêem as actas dos CAPITULOS das côrtes convocadas em Lisboa, por D. Affonso V, no anno de 1455 (a 24 de junho, e que foram as segundas celebradas n'este anno.)

---

[1] Segundo a *Benedictina Lusitana*, estes frades adoptaram a regra de S. Bento; porém, outros escriptores sustentam que eram eremitas de Santo Agostinho. Dá causa a esta duvida, serem os primeiros frades d'aqui, uns agostinianos, outros benedictinos.

«Das vossas cidades e villas de vossos reynos, fazemos saber a VOSSA MERCÊ, que nas côrtes passadas, que fizestes em Santarem, nos foram por VOSSA ALTEZA outorgados certos capitulos, pelo sentirdes por serviço de Deos e vosso, e bem de toda a vossa republica: a qual determinação que nas ditas côrtes outorgastes, houvemos por ley santa, usando e continuando por ella. VOSSA SENHORIA, a requerimento de algumas pessoas, fizestes sobre ello, algumas inovaçoens, que sam muyto contrairas ao que nós per vós foy outorgado; o que temos por fee que nam passaria, salvo por nam lembrança. E porque, senhor, esto é muyto davorrecer ante VÓSSA REAL MAGESTADE, por ser muyto contrairo a vossos povos; pedimos a VOSSA EXCELLENCIA, que lhe praza, a nos confirmar todolos capitulos que nos outorgados foram, nas ditas côrtes passadas, etc., etc.»

O rei, deferiu a este requerimento.

—

D'este documento, vê-se a variedade de tratamentos que simultaneamente se dava aos reis portuguezes.

Carlos V, rei de Hespanha, da Sicilia, de Napoles, dos Paizes-Baixos, e imperador da Allemanha, foi o primeiro soberano que ordenou se lhe désse o tratamento de MAGESTADE, que em breve foi adoptado pelos outros reis, por mais pequenos que fossem os seus estados.

Antes de Carlos V, quando se fallava com um rei, dizia-se — VOSSA GRAÇA, OU, VOSSA ALTEZA.

O primeiro rei de Portugal que exigiu se lhe désse o tratamento de magestade, foi D. Sebastião; porque, quando se avistou no Tejo com Philippe II, filho de Carlos V, o rei castelhano se apressou a tratar o nosso por magestade, para receber egual tratamento.

—

Os antigos romanos reconheciam a MAGESTADE DO POVO, que, ufanando-se com o titulo de POVO REI, o era tanto, como o nosso POVO SOBERANO.

Sob pretexto de offensa á tal MAGESTADE DO POVO, diz Tacito, que Tiberio introduziu no codigo romano, as leis LESA MAGESTADE, em quanto que o imperador e seus successores eram tratados com m REDONDO e simples TU.

—

Hoje, em Portugal, já todos se desprezam de serem tratados por VOSSA SENHORIA, e qualquer barbeiro, ou tendeiro quer EXCELLENCIA: o que não admira, em um reino onde metade dos subditos, são condes, viscondes, barões, conselheiros, ou commendadores; e hade vir tempo (se isto assim continuar) em que todos seremos titulares, ou, pelo menos, commendadores.

AH! CORYDON, CORIDON! QUAE DEMENTIA CEPIT.!

TRAVAÇÓ, ou **TRAVASSÓ** — freguezia, Douro, comarca e concelho d'Agueda, 500 metros ao N. da margem esquerda do Agueda, 1 kilometro ao S. da esquerda do Vouga, 40 ao O. N. O. d'Agueda, 12 ao E. N. E. d'Aveiro, 250 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Orago, S. Miguel archanjo.

Bispado e districto admnistrativo de Aveiro.

Apezar de ser uma povoação muito antiga, não a traz o *Port. Sacro.*

Ha todas as razões para suppôr que esta freguezia esteve, talvez por muitos seculos, coberta pelas aguas do Oceano; pois que o seu terreno pertence á *época quaternaria*, e até 5 e mais metros de profundidade, se encontra grande profusão de *seixos rolados.*

O seu antigo nome, era *Travaçoulo*, ou *Travazolo*, e já era parochia em 1063, pois que n'esse anno deu D. Fernando II, de Leão (*o Magno*) ao bispo de S. Thiago de Compostella, a *terça parte de Travazolo, entre o Agueda e o Vouga.*

Foi tambem um antigo couto.

É situada esta freguezia em terreno levemente accidentado e muito fertil, entre os rios Agueda e Vouga, e sobranceiro ao *campo de Travaçó.*

Foi isento dos frades cruzios de Grijó [1].

---

[1] Em 3 de novembro de 1093, no acto da sagração da egreja de Grijó, do mosteiro de conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios) D. Elvira Nunes, viuva de Soeiro Formarigues, e seus filhos, doaram a este mos-

Ha aqui a grande festa dos *Santos martyres de Marrocos*, que se faz todos os annos com grande magnificencia, e é notavel pelas exhibições que offerece a sua procissão da vespera e do dia.

Na vespera, sáe da egreja matriz, a procissão das mulheres, sempre muito numerosa, entrando já de noite, na pequena ermida do *logar de Baixo*, junto aos campos. Levam grande numero de vellas e archotes accezos.

As mulheres, vão nuas da cinta para cima, mas honestamente cobertas com alvas toalhas de linho.

No dia seguinte, é a *procissão dos mouros*, tambem numerosissima.

As estradas que conduzem a esta freguezia, veem-se então cheias de romeiros a pé, a cavallo, ou de carruagem.

Depois, sáe da ermida uma grande procissão, com innumeros *penitentes*. Vão tambem nús da cintura para cima, e, como as mulheres, envoltos em alvos lençóes de linho, cheios de bordados, e preciosas rendas. É por esta circumstancia que ainda se lhe chama a *procissão dos nús*.

Antigamente, hiam os homens completamente nús da cinta para cima, o que um bispo prohibiu.

Vae um homem figurando de *rei mouro*, vestido de amarello, com um enorme capacete com plumas de côres vivas.

Finalmente é uma festa que se faz desde tempos immemoriaes, e sempre concorridissima.

—

Ha tambem aqui a bonita ermida de *Nossa Senhora do Amparo*, ou *da Lapa*, nos campos de Travaçô, mas em sitio mais elevado, ao abrigo das enchentes do Agueda.

Tem capella mór e corpo da egreja; e a imagem da padroeira, é de pedra, e de 1.m,10 de alto, denotando grande antiguidade.

Faz-se a esta Senhora, uma grande festa, a 15 de agosto, sempre muito concorrida; havendo na vespera á noite, fogo preso, e do ar, musica, *entremez* e outros divertimentos.

No dia da festa, vae a procissão, da egreja matriz até á ermida.

Antigamente, tambem no fim das colheitas aqui vinha o povo, resando pelo caminho a ladainha de Nossa Senhora, e trazendo-lhe taboleiros muito enfeitados, e cheios de milho: e nos sabbados da quaresma, vinha o parocho dizer missa ao povo n'esta ermida.

É antiquissima mas não se sabe quando ou por quem foi construida.

—

TRAVAÇÓS ou **TRAVASSÓS**—freguezia, Minho, na comarca e concelho de Fafe (foi da comarca e concelho de Guimarães) 18 kilometros a N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 260 fogos.

Em 1768, tinha 200.

Orago, S. Thomé, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o reitor que tinha 150$000 réis de rendimento.

Fertil. Gado e caça.

Travaços, é uma povoação mais antiga do que a monarchia portugueza, e foi solar dos verdadeiros Travaços (ou Travassos) de Portugal, que é um nobre appellido d'este reino, tomado d'esta aldeia, da qual foram senhores. O primeiro que consta ter-se assignado com este appellido, foi D. Pedro de Travaços, que viveu durante o reinado de D. Sancho I e D. Affonso II (1185 a 1223) e teve descendencia.

Os legitimos Travaços, trazem por armas — em campo de púrpura, 5 flores de trêvo, d'ouro, em áspa — êlmo d'aço, aberto, e por timbre, dous troncos, de púrpura, em áspa, com uma flôr de trêvo em cada extremidade superior dos troncos.

—

Em fevereiro ou março de 1874, falleceu, em Lisboa, Antonio Joaquim Vieira Montenegro, natural de Fáfe, e que tinha enriquecido no Rio de Janeiro, onde foi aberto o seu testamento, no qual, além de um grande numero de disposições particulares, lega ao

---

teiro, além de outras rendas, os padroados das egrejas de Argoucilhe, Perosinho e Cerzêdo, na Terra da Feira — as de Travanca e Bemposta, hoje do concelho de Oliveira de Azemeis — e esta de Travaçô. (Vide 3.º vol., pag. 322, col. 2.ª e seguintes).

hospital de Fáfe, 2:000$000 réis fortes; á camara municipal do concelho de Fáfe, 7:000$000, para mandar construir uma casa na freguezia de Travaçôs, para a escola do sexo masculino; 14:000$000 para a mesma camara municipal de Fáfe mandar construir uma casa para asylo de meninas pobres de differentes freguezias d'aquelle concelho, sendo a camara obrigada a dar a casa prompta 2 annos depois de receber o legado; não sendo cumpridas estas disposições dentro do praso marcado, reverterão os legados a favor do hospital de Fáfe; ao hospital de S. Domingos, em Guimarães, 1:000$000 fortes.

Estas acções não se commentam, porque não ha palavras condignas para o seu elogio. Só Deus lhe poderá dar o premio, na eternidade. Vide *Fáfe*.

—

TRAVAÇOS, ou **TRAVASSOS** — aldeia, Minho, na freguezia de Santa Cruz, 30 kilometros ao O. de Braga. Por esta freguezia passava a via militar dos romanos, vulgarmente chamada *Geira* (vide esta palavra.)

No sitio d'esta freguezia chamado *Cantos da Geira*, se acharam no seculo passado, varios pedaços de marcos milliares cujas inscripções estavam apagadas. Só uma se podia lêr, e dizia:

IMP. CAES. M.
AVR. CARO.....
....INVICTO......
P. C. P. M. XTR. P.
....AVG. P. P. X. V.

(Dedicado ao imperador Cesar Marco Aurelio, caro, invicto. Proconsul, pontifice maximo: do poder tribunicio, 10 vezes. D'aqui a Braga, são 15:000 passos.)

—

TRAVAÇOS ou **TRAVASSOS** — freguezia, Minho, comarca e concelho da Povoa de Lanhoso, 18 kilometros ao N. O. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 106.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra, apresentava o abbade, que tinha 280$000 réis de rendimento annual.

Fertil. Gado e caça.

—

TRAVAÇÓS ou **TRAVASSÓS** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde, 15 kilometros ao N. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1768, tinha 40.

Orago, S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O abbade de S. Martinho, de Rio-Máu, apresentava o vigario, que tinha 30$0000 réis de congrua e o pé d'altar.

Pouco fertil. Muito gado e caça, grossa e miuda.

—

TRAVANCA — freguezia, Douro, commarca, concelho e 4 kilometros a O. S. O. da Feira, 25 kilometros ao S. do Porto, 5 ao N. d'Ovar, 44 ao N. d'Aveiro, 285 ao N. de Lisboa.

Orago, S. Mamede.

Bispado do Porto, districto administrativo d'Aveiro.

O reitor do convento de S. João Evangelista (Loyos) da villa da Feira, apresentava o cura, que tinha 40$000 réis de congrua, e o pé d'altar. (O catalogo dos bispos do Porto, diz que o rendimento do cura, é de 120$000 réis.) Esta freguezia tem actualmente 210 fogos.

Em 1768, tinha 124.

Em maio de 1877, foi aqui achado, em uma terra do sr. Antonio Valente de Resende, uma sepultura, de pedra lavrada, forrada de tijolos, assentes em argamassa, com 2 metros de comprido; 0m.6 de largo, e 0m,6 de alto. Parece ser obra romana, e é provavel que por estes sitios ainda haja mais algumas, da mesma época.

Terra muito fertil. Gado de toda a qualidade, e peixe do mar, que lhe fica perto.[1]

—

TRAVANCA — freguezia, Douro, commarca, concelho, e 3 kilometros ao S. d'Oliveira

[1] Por mais que revolvi, não me foi possivel achar a etymologia da palavra *Travanca*. Havendo porém varias freguezias (como veremos) e muitas aldeias d'este nome, é provavel que seja palavra portugueza, cuja significação hoje se ignora.

de Azemeis, 45 kilometros ao S. do Porto, 270 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1750, tinha 90.

Orago, S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo d'Aveiro.

O mosteiro dos frades cruzios, de Grijó, apresentava o prior, que tinha 120$000 réis de rendimento [1].

Esta freguezia, não vem no *Port. Sacr. e Prof.*

Foi até 1855, da comarca de Estarrêja, extincto concelho do Pinheiro da Bemposta.

Fertil, gado e caça.

É atravessada pela estrada real (á Mac-Adam) de Lisboa ao Porto.

TRAVANCA — freguezia, Traz os Montes, comarca e concelho do Mogadouro, 24 kilometros de Miranda, 455 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1768, tinha 80.

Orago N. Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O commendador d'Algôso, da ordem de Malta, apresentava o abbade, nos mezes de março, junho, setembro e dezembro — nos outros mezes, era apresentado pela mitra. (Que embrulhada!) Tinha 200 mil réis de rendimento.

Pouco fertil; porém cria muito gado, de toda a qualidade e é abundante de caça.

TRAVANCA — freguezia, Traz os Montes, comarca e concelho de Vinhaes, 75 kilometros de Miranda do Douro, 480 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1768, tinha 49.

Orago, S. Mamede [2].

Bispado e districto administrativo de Bragança.

(Foi do mesmo concelho, mas da comarca de Bragança.)

O reitor de Paçô, apresentava o cura, que tinha 8$500 réis de congrua e o pé d'altar.

[1] Vide o 1.º *Travaçô.*

[2] O *Port. Sacro,* diz que é *o Salvador*. É engano, porque a confundiu com a freguezia seguinte.

Pouco fertil, muito fria, e cria bastante gado, de toda a qualidade. Nos seus montes ha muita caça, grossa e miuda.

TRAVANCA. — freguezia, Douro, comarca e concelho de Amarante (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Santa Cruz de Riba Tamega) 40 kilometros ao N. E. de Braga, 355 ao N. de Lisboa, 350 fogos.

Em 1768 tinha 125.

Orago, o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O parocho, era vigario regular, monge benedictino da apresentação triennal do D. Abbade do mosteiro d'esta freguezia, e tinha 50$000 rs. de congrua.

Fertil, gado e caça.

É povoação antiquissima, e foi villa e couto do mosteiro, mas nunca teve foral, novo ou velho.

O seu mosteiro, benedictino, foi fundado em 970, tendo hoje (1882) por consequencia, 912 annos.

Foi seu fundador, D. Garcia Moniz, filho do famoso D. Moninho (ou Munio) Viegas — *o Gasco* — [1] e o dedicou ao Salvador do Mundo, ficando elle e seus descendentes, padroeiros do mosteiro. Para isto, lhe deu seu pae, a *Granja de Travanca,* e outras terras circumferentes; o que consta de uma escriptura que existia no cartorio do mesmo mosteiro de Alpendurada, e, entre outras cousas, dizia — «Vobis filio meo, Dom Garcia Moniz, licitum sit ab hac die in perpetuum, et sine partitione cum fratre vestro, Dom Egas Moniz Gascon [2] habere, et possidere meam Villam de Travanca cum terris ad se pertinentibus, ut ibi edificetis monasterium ad vestrum patronatam, etc., etc. Facta carta die sexta Augusti, era milésima octava.»

(26 de julho de 970 de J. C.)

Morrendo D. Garcia Moniz, antes de findarem as obras do mosteiro, seu filho, D. Gascão Moniz, a concluiu em 1002.

[1] Vide no 7.º vol., pag. 281, col. 2.ª e seguintes.

[2] Avô do grande D. Egas Moniz, *aio* de D. Affonso Henriques. (Vide *Paço de Souza.*)

Foi 1.º abbade d'este convento, o virtuoso e illustrado frei Domingos Teixeira.

Estes abbades, eram senhores donatarios de Travanca e capitães-móres do seu couto.

A egreja, é ampla, de trez naves, e as grossas columnas que as dividem, são adornadas com lavores e figuras, em relevo.

É tradição que a torre dos sinos, já existia antes de se construir a egreja, e era a torre de uma *masejad* (mesquita) mourisca.[1] O que é certo, é ser árabe a sua architectura; não assim a egreja, que é do estylo gothico puro.

A capella-mór, tem 9m,70 de comprido, e 14m,10 de largo. O corpo da egreja, é da mesma largura da capella-mór, mas tem 24 metros de comprimento. As suas naves são divididas por 20 arcos de optimo granito, que chegam ao tecto.

Tem altar-mór, e seis lateraes, no corpo da egreja.

A sachristia é tambem obra sumptuosa, e digna do templo a que pertence; e esta conserva ainda os excellentes paramentos e mais utensilios que foram dos frades.

A egreja é, e sempre foi, matriz da freguezia.

Depois da expulsão dos monges, em 1834, os vandalos do seculo XIX invadiram o edificio do mosteiro, roubando-lhe madeiras, telhas, azulejos, mobilia, etc.

O tempo, ajudando á devastação sacrilega dos homens, tem reduzido este magestoso edificio a um triste montão de ruinas, que attestará ás gerações porvir, até onde chegou a illustração do *seculo das luzes*.

—

Foi a rainha D. Thereza — mãe de D. Affonso Henriques — que coutou o mosteiro e instituiu a freguezia, pelos annos de 1120.

Os abbades, apresentavam seis freguezias, além d'esta de Travanca.

—

D. Gastão Moniz, neto de D. Garcia Moniz, casou com D. Munia, da familia real de Castella; e tiveram trez filhos e duas filhas.

D. Froila Gascão, successor de seu pae, e foi seu filho, D. Rosindo Moniz, que foi 41 annos padroeiro d'este convento, e lhe fez muitas e valiosas doações.

A *D. Rosindo Moniz*, succedeu seu filho, D. Payo Rosendes, que se fez monge d'este mosteiro, com o nome de *frei Rosindo*.

Foi abbade d'este mosteiro, D. João de Castro, filho de D. Diogo de Castro, senhor de Lanhoso e Santa Cruz de Riba-Tâmega, alcaide-mór do Sabugal e Alfaiates (no Riba-Côa.)

Estes Castros, descendiam do infante D. João (filho de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro) e de sua mulher, D. Maria Telles de Menezes, irmã da tristemente celebre rainha, D. Leenor Telles de Menezes, mulher de D. Fernando I. (Vide 2.º vol. pag. 322, col. 1.ª)[1].

O ultimo commendatario d'este mosteiro, foi D. Fulgencio, filho de D. Jayme e de D. Joanna de Mendonça, alcaide-mór de Monsão, e 4.º duque de Bragança.

---

[1] *Masejad*, *mesgad*, e, depois, *mesguida*, é substantivo arabe. Significa — *logar da oração*. De mesguida, é que os portuguezes fizeram *mesquita*.

[1] Dona Maria Telles de Menezes, era viuva de *Gonçalo Dias de Souza*, nobilissimo fidalgo portuguez.

Frei Francisco de Santa Maria, no seu *Anno historico* (vol. 1.º, pag. 177) diz que se chamava *Gonçalo Dias de Souza* — e no 3.º vol. da mesma obra, a pag. 548, diz que o seu nome era *Alvaro Dias de Souza*. Não sei quando errou.

Teve do seu 1.º marido, D. Lopo Dias de Souza, um dos mais bravos e leaes companheiros do nosso D. João I. (Vide n'este volume, pag. 573, col. 1.ª).

Casou segunda vez (occultamente) com o infante D. João, primeiro filho de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro, do qual teve um unico filho, que foi *D. Fernando Deça*, o qual, de varias mulheres, teve QUARENTA E DOUS FILHOS! (*Anno hist.*, vol. 1.º, pag. 45).

Depois de assassinar sua mulher (vide 2.º vol., pag. 322, col. 1.ª, e a palavra *Sub-Ripas*) fugiu para Castella, receiando a vingança de seu enteado, e lá casou, em segundas nupcias, com Dona Constança, filha bastarda de D. Henrique II, irmão bastardo, assassino e successor de D. Pedro I (o *Crú*). Teve d'esta Dona Constança, trez filhas, e bastardas outras trez.

TRAVANCA. — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Sinfães (foi, até 1855, da comarca de Rezende, extincto concelho de São Fins) 38 kilometros ao O. de Lamego, 40 ao E. do Porto, 2 ao S. E. do Rio Douro (margem esquerda) 320 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 96.

Orago, Santa Leocadia.

Bispado de Lamego.

Districto administrativo de Viseu.

A mitra apresentava o abbade, que, segundo o *Port. Sacro,* tinha 500$000 réis, e a *Hist. Eccles. da cidade e bispado de Lamego,* diz, serem 600$000 réis, o que é mais certo.

Os monges benedictinos de S. João d'Alpendurada, pretenderam o padroado d'esta egreja, pelo que moveram uma demanda contra a mitra, da qual (demanda) decahiram.

Ha n'esta freguezia 5 ermidas:

1.ª — *Santo Antonio,* na quinta do Loureiro.

2.ª — *Na quinta do Souto.*

3.ª — *Na quinta de Miragaia.*

4.ª — *Na quinta dos Camellos.*

5.ª — *N. Senhora da Visitação,* a maior de todas, com capella-mór e dois altares, no corpo da egreja.

Para se distinguir das outras freguezias do mesmo nome, se chama a esta, vulgarmente, *Travanca do Douro*—ainda que era mais proprio, chamar-se Travanca do Paiva, pois está sobre a margem direita d'este rio, que a abastece de optimo peixe, sobre tudo saborosissimas lampreias e trutas.

N'esta freguezia viveu alguns annos, José Soares d'Albergaria (dos Albergarias, da Rêde) e aqui falleceu, ha pouco tempo. Era coronel de um regimento de cavallaria franceza, e estava reformado, com o soldo por inteiro.

Tinha hido para a França em 1807, quando Junot para lá mandou uma divisão das tropas portuguezas.

Deixou um filho, que é o sr. Manuel Soares d'Albergaria, residente na sua quinta de Travanca, casado com uma filha do coronel João Pinto de Souza Menezes Montenegro, que foi commandante da guarda municipal do Porto; nascido e fallecido na sua quinta de Vilella, tambem sobre a direita do Paiva, da freguezia de Souzêllo, contigua á de Travanca.

Teve tambem o referido José Soares de Albergaria, 4 filhas.

1.ª — *D. Maria Soares d'Albergaria,* que casou com um tenor italiano, intitulado *conde de Monte Merli.* É uma senhora de muita instrucção, e escriptora publica.

2.ª — *D. Bertha Soares d'Albergaria,* casada com Antonio Peixoto Coelho Padilha Seixas Harcourt, senhor de Fermêdo, Felgueiras e outras terras, e que, depois de vender toda a grande casa que herdou dos seus maiores, fugiu para o Brasil, onde se fez cocheiro, e hoje é *medico raspaillista,* em Montevideu!

Teve um filho e duas filhas — estas estão recolhidas em um estabelecimento de caridade, de Lisboa, e o filho é empregado de uma das alfandegas do continente.

(Vide *Villa-Marim*).

....

Assim terminou a antiquissima e nobilissima casa dos Peixotos, de Fermêdo, que descendiam, em linha recta masculina, do famoso Dom Egas Moniz, rico-homem, e aio de D. Affonso Henriques.

3.ª — *D. Amancia Soares d'Albergaria,* que casou com um morgado do Douro.

4.ª — *D. Thomazia Soares d'Albergaria,* que morreu (á fome!) no Porto, no estado de solteira, deixando duas filhas, na mais cruel indigencia!

Todos os cinco filhos de José Soares de Albergaria, nasceram na França, pois o pae casára com uma senhora franceza, que ainda vive.

—

Tambem n'esta freguezia, nasceu e vive, o sr. José Pinto da Silva Tameyrão, que foi tenente coronel e commandante do batalhão de *voluntarios de Sinfães,* ao serviço da *Junta* do Porto, em 1846 e 1847.

É primo dos barões do Vallado.

—

Esta freguezia é a ultima (do lado do occidente) do districto administrativo de Vizeu, e aqui termina tambem a provincia da Beira Alta. Desde a margem esquerda do

Paiva, para O., principia pelo S. do Douro, a provincia d'este nome. O bispado de Lamego ainda, porém, não termina aqui, pois todo o concelho do Castello de Paiva, que fica na margem esquerda do rio d'este nome, ainda é da diocese de Lamego.

TRAVANCA DE FARINHA PODRE — freguezia, Douro, concelho e 12 kilometros de Pena Cóva, comarca da Tábua (antiga comarca de Midões) [1] — 30 kilometros a E. de Coimbra, 24 da Louzan, 18 de Arganil, e de Santa Comba Dão, 12 de Santo André de Poiares, da Tábua, e de Mórtágua, 235 ao N. de Lisboa, 125 fogos.

Em 1768, tinha 65.

Orago, S. Thiago, apostolo. Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Quando pertenceu ao concelho de Farinha Pôdre, era da comarca d'Arganil, depois (em 1855) ficou pertencendo ao concelho da Tábua, e, pela mudança da séde da comarca de Midões, passou para o concelho de Pena-Cóva, e comarca da Tábua.

A Sé apostolica e o bispo, apresentavam alternativamente o prior, que tinha 220$000 réis de rendimento annual.

Chama-se *Travanca de Farinha Pôdre*, porque está proxima á pequena villa de Farinha Pôdre, que foi cabeça de um concelho, creado por decreto de 6 de novembro de 1836, e supprimido a 24 de outubro de 1855.

Este pequeno concelho, era formado de fracções dos concelhos de Coimbra, Pena-Cova — actuaes — e dos extinctos de Ázere, Ovôa, Pombeiro, Sanguinhêda; e da pequena freguezia de Paço Velho, que apenas tinha 27 fogos, e foi, ha muitos annos, supprimida.

Está a 6 kilometros da margem esquerda do Mondego, e 5 do rio Alva.

A egreja matriz de Farinha Pôdre, é vasta e sumptuosa. Consta ter sido fundada pelos templarios.

É terra fertil em quasi todos os fructos do nosso paiz, e os seus habitantes são muito dados ao negocio de aguardente (de que ha aqui 4 fabricas) azeite, vinho, trigo, milho, batatas e vinho, que transportam, pelo Mondego, para varias localidades.

[1] Bettencourt, no seu *Diccionario Chorographico*, diz que é da comarca de Coimbra, mas é erro.

TRAVANCA DE LAGOS — freguezia, Douro, concelho de Oliveira do Hospital, comarca de Táboa, 60 kilometros a E. de Coimbra, 250 ao N. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1768, tinha 309.

Orago, S. Pedro, apóstolo. Bispado e districto administrativo de Coimbra.

A casa do Infantado apresentava o prior, que tinha 400$000 réis de rendimento.

É uma das freguezias mais populosas, ferteis e ricas da comarca, e mesmo das freguezias ruraes do seu districto administrativo.

TRAVANCA DE TAVARES — freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Mangualde (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Tavares) 24 kilometros de Vizeu, 255 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1768, tinha 66.

Orago, o Salvador.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

O abbade de Santa Maria das Chans de Tavares, apresentava o cura, que tinha réis 20$000 de congrua e o pé d'altar.

É uma freguezia mais antiga do que a monarchia portugueza.

Em 1154, D. Affonso Henriques, e sua mulher a rainha D. Mafalda, doaram ao *mestre Soeiro Tedoniz, profesor de medicina*, cinco casaes, em Travanca, como recompensa da cura que tinha feito a *Rodrigo Exemeniz*, por ordem real.

Este Soeiro Tedoniz, veio depois a fazer-se monge, e fundou um pequeno mosteiro na egreja de Santa Maria de Moimenta, que era herdade sua, e que D. Affonso Henriques lhe coutou, em 1161. Chamava-se então a este couto, de *Santa Maria de Moimenta de Zurára* (*Azurára.*)

Mudaram-se d'aqui os frades, em 1173, para Maceiradão, onde tinham edificado

um novo mosteiro. (Vide Maceiradão.)

—

Em 1183, o mesmo D. Affonso Henriques, doou a D. João Pires, bispo de Viseu, uma outra herdade, que tinha em Travanca de Tavares.

TRAVANCAS — freguezia, Traz os Montes, comarca e concelho de Chaves (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Monforte do Rio Livre) 82 kilometros de Miranda do Douro, 435 ao N. de Lisboa, 155 fogos.

Em 1768, tinha 103.

Orago, S. Bartholomeu, apostolo.

Bispado de Bragança, districto administrativo de Villa Real.

O reitor de S. João Baptista, da Castanheira, apresentava o cura, que tinha 45$000 réis de congrua e o pé de altar.

Pouco fertil. Muito gado e caça.

TRAVANCINHA — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Cêa; foi da comarca de Gouveia, extincto concelho do Ervedal. 65 kilometros a E. N. E. de Coimbra, 250 ao N. E. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1768, tinha 100.

Orago, N. Senhora do Rosario.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

O prior de Santa Eulalia, apresentava o cura, annual, que tinha 30$000 réis de congrua e o pé de altar.

Pouco fertil. Muito gado (principalmente miudo) e grande abundancia de caça, grossa e miuda.

TRAVASSO e **TRAVASSOS** — Vide *Travaço* e *Travaços*.

TRAZ-OS-MONTES — Uma das duas provincias mais septentrionaes de Portugal.

Confina ao N., com a Galliza — ao E., com Leão — ao S., [1] com parte d'este reino de Leão, e cŏm a Beira — ao O., com a antiga provincia d'Entre Douro e Minho e hoje com a do Minho e parte da nova provincia do Douro.

Toma o nome de Traz os Montes, por estar situada (com respeito á provincia do Minho) *de traz* da grande serra do Marão, ultimo ramo da extensissima cordilheira dos Pyreneus, para este lado [1].

Tem esta provincia, no seu maior comprimento, de N. a S., 180 kilometros, e 120 de largura, de E. a O.

Ha n'este vasto territorio muitas serras e montes, mas tambem vastas e fertilissimas planicies, sendo as principaes, *os campos de Chaves* e *Ribeira d'Oura* e o *Valle da Villariça.*

No geral, é abundante de todos os generos agricolas do nosso clima, cria grande quantidade de gado, de toda a qualidade, e nos seus montes e florestas se cria muita variedade de caça, bem como lôbos e raposas, e poucos javalís. Antigamente, tambem aqui não eram raros os ursos, que hoje não apparecem.

Varios rios atravessam esta provincia, assim como innumeros ribeiros. Já vimos que o Douro lhe passa ao sul.

Os rios principaes de Traz os Montes, são — *Tâmega, Córgo, Túa, Tuella, Sabôr* e *Penhão.*

As suas principaes montanhas, são — *Marão, Cabreiro, Villarêlho, Roborêdo* e *Barroso,* além de muitas outras menores.

A maior parte da provincia, pertence ao vastissimo e absurdo arcebispado de Braga [2].

---

[1] Pelo S. está naturalmente dividida de Hespanha e Beira, pelo rio Douro. Desde Freixo de Espada á Cinta, para O., toda esta provincia e a de Entre o Douro e Minho, formavam antigamente parte do reino da Galliza, por isso a gente do S., ainda chama *gallegos* aos d'estas duas provincias do norte. Vide *Braga.*

[1] Alguns geographos, pretendem que esta e outras projeções da Estrella e dos Pyreneus, hia até ao nosso archipelago da Madeira e Porto Santo. Outros, pretendem ainda que esta cordilheira chegava até á America, e que um horroroso cataclysmo, que teve logar em eras remotissimas, subverteu todo este territorio. (Vide *Peniche.*)

[2] A diocese de Braga, ainda ficava uma das maiores de Portugal, com o que actualmente lhe pertence, desde o Marão até ao Oceano, e desde o Ave até ao Minho. O bispado de Bragança (antigo de Miranda) que é insignificante, devia comprehender toda a

Em grande parte, é Traz os Montes feudo da casa de Bragança, do infantado (o que foi dos marquezes de Villa Real e de Távora) do arcebispo de Braga, e antigamente, de varias ordens religiosas.

Até 1834, havia aqui grande numero de commendas das diversas ordens militares, principalmente da de Christo.

Tem duas cidades — Bragança e Miranda do Douro; e umas 50 villas, sendo a primeira, villa Real, depois Chaves, Mirandella, Torre de Moncorvo, Villa-Flor, Vinhaes, Montalegre, e Peso da Regua.

É n'esta provincia a maior parte do *paiz vinhateiro,* chamado do *Alto-Douro,* produzindo esse delicioso vinho que se exporta para todo o mundo, sob a denominação de *vinho do Porto.* Antes da invasão do *Oidium Tukeri,* e do *Philoxera Vastatrix,* houve annos que produziu 107:000 pipas.

O caminho de ferro de Mirandella

Em janeiro de 1882, a camara de Mirandella representou a el-rei para que lhe concedesse a graça, que é ao mesmo tempo justiça, de mandar construir no mais breve tempo o caminho de ferro da foz do Tua a Mirandella e Bragança.

Quem conhecer a fecundidade da provincia de Traz-os-Montes, quem estiver ao facto dos excellentes fructos d'aquelle solo agreste e quasi todo inculto, mas feracissimo e ao mesmo tempo souber o abatimento em que se acha a provincia, não póde abafar um grito de admiração e desespero..

Alli produz-se o mais puro e saboroso azeite, o mais fino e sadio vinho, exellentes batatas, melões, hortaliças, etc.

Ha bellissimos gados de todo o genero, suino, lanigero e bovino.

A provincia é abundantissima em tudo isto; tem searas fertilissimas de trigo e centeio e até de milhão e feijão de variadissimas e excellentes especies.

É uma provincia uberrima e os seus productos não teem competidores; lamenta-se que não tenha merecido mais attenções dos governos, pois que só ella constituiria uma fonte inexaurivel de riquezas para a nação.

Punge vel-a apenas arada de longe em longe por fracas estradas a macadam; se as locomotoras a vapor a tivessem percorrido, aquelles povos seriam mais trabalhadores e a nação só tinha a auferir proveitos.

Na maior parte das aldeias da provincia ha uma indolencia incrivel e a razão unica é a carencia de estimulos e garantias ao trabalho, e estes estimulos estão consubstanciados nos preços dos generos; alli o lavrador cultiva escassamente terras que lhe garantam o sustento annual, porque se exercer a sua actividade nas propriedades com o fim de vender os generos, acha-se lezado, porque os preços não compensam as despezas e os trabalhos.

—

As outras producções agricolas e industriaes, vão nas terras competentes.

TREBELHAR — portuguez antigo — trabalhar. Tambem jogar, brincar, dançar, saltar, divertir-se.

TREBÊLHOS — portuguez antigo — peças do jogo do xadrez, das damas, do gamão, etc. — Tambem vaso pequeno. Dava-se ainda o nome de *trebêlho,* ao tributo que pagavam os que vendiam vinho ao quartilho, e que era conduzido em odres.

TREGOSÁ — Já está em *Tragosa.*

TRÉGUA — Antiquissima cidade da Lusitania, na diocese de Braga, cujo assento se ignora hoje; mas suppõe-se ter existido na serra d'Arga, o *Medulio,* dos antigos. No dia 29 de novembro do anno 50 de J. C., aqui padeceu martyrio (imperando Néro) S.S. Nathanael, um dos 72 discipulos de J. C. — Foi sepultado n'esta mesma cidade, mas os suevos lhe destruiram os restos mortaes, no principio do 5.º seculo.

TREIXÊDO — Villa, Beira Alta, commarca e concelho de Santa Comba Dão, 25 kilometros de Vizeu, 25 de Coimbra, 255 ao N. de Lisboa, 370 fogos.

---

provincia de Traz os Montes; porém, na recente divisão diocesana, supprimindo-se quatro bispados, não se attendeu á monstruosa desproporção, dos dois bispados do norte, que ficaram como estavam. São divisões á portugueza, em que só se attende aos interesses dos amigos.

Em 1768, tinha 110.

Orago, N. Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

A abbadessa do mosteiro de Lorvão, apresentava o prior, que tinha 800$000 réis de rendimento.

É povoação muito antiga, pois já existia no tempo dos gôdos.

Em 1253, D. Pedro Gonçalves, bispo de Viseu, fez uma concordata com a abbadessa de Lorvão, sobre o que a egreja de Treixedo devia pagar de *reconhecença* á cathedral, da qual tinha recebido a mercê da isenção da *terça pontifical*.

—

Em 1133, tinha D. Affonso Henriques coutado para o mosteiro de Lorvão, o mosteiro e cêrca de *Sperandei*, com a villa do mesmo nome, *Sabugosa*, *Midões* e *Treixedo*.

O bispo de Coimbra, com auctoridade do conde D. Henrique e sua mulher, a rainha D. Thereza, deram foral a esta villa, em 1102. (*Liv. preto da cathedral de Coimbra*, folhas 33 verso).

O *Sant. Mar.* (tomo 5.º, pag. 214) diz que o rei D. Manuel lhe deu foral dovo, em 1514, mas Franklin não falla em semelhante foral.

Segundo frei Antonio Brandão, na sua *Monarch Lus.*, quando D. Affonso Henriques regressava das côrtes de Lamego, em 1143, para a cidade de Coimbra, tomou aos mouros, as villas de *Nagozellos* e *Treixêdo*. É manifesto engano do erudito escriptor, pois estas terras já estavam em poder dos portuguezes, desde o reinado de D. Affonso VI, de Castella e Leão, sogro do conde D. Henrique.

A sua primitiva egreja matríz, está em um ameno valle, proximo e ao S. da villa. Junto á egreja, está uma copiosa fonte de agua potavel, da qual bebe o povo, e com ella rega excellentes hortas e pomares, que produzem deliciosas fructas. Nasce por baixo da capella-mór da egreja.

O templo é antiquissimo, provavelmente, do tempo dos gôdos; mas tem tido varias reconstrucções; todavia ainda revela grande antiguidade. Á sua Padroeira se dava antigamente (até ao reinado de D. João I) o titulo de *Santa Maria de Treixêdo*.

Sendo prior d'esta freguezia o doutor João Ayres Correia d'Abreu, que foi muitos annos vigario geral do bispado, e algumas vezes, seu governador, se deu principio a uma nova egreja, para matriz da freguezia.

D. Jeronymo Soares, bispo de Viseu, lhe lançou a 1.ª pedra, a 29 de maio de 1712. É o cunhal do lado direito do frontespicio, onde se gravou esta inscripção: —

D, HYERONYMUS SUARES, EPISCOPUS
VISENSES, ME JECIT, ANNO 1712.

Esta pedra era cavada, e n'ella se tinha mettido um *Agnus Dei*, e um pergaminho que dizia:—

SUMMO PONTIFICE CLEMENTE XI.º
REGE JOANNE V.º, EPISCOPO D.
HIERONYMO SOARES, PRIOR JO-
ANME AYRES CORREA DE ABREU.
ANNO 1712, 29 MAY.

Este templo foi construido com grande magnificencia.

—

Das aguas thermaes do logar do *Grajal*, d'esta freguezia, chamadas tambem *Aguas mineraes de Treixêdo*, já tratei no 2.º vol., pag. 364, col. 2.ª (as duas ultimas linhas).

—

No dia 27 de abril de 1801, nasceu n'esta villa, D. Anselmo José Maria de Gouveia Juzarte e Almeida de Figueiredo Carvalho e Souza

Professou na ordem dos conegos regrantes de Santo Agostinho, no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, em 29 de setembro de 1821.

Em 30 de janeiro de 1839, foi nomeado para substituir o doutor José Ernesto de Carvalho Rego, na commissão dos egressos, do districto administrativo de Coimbra.

Por decreto de 31 de agosto de 1842, foi apresentado abbade da freguezia de S. Miguel de Papizios, concelho do Carregal, comarca de Santa Comba Dão, onde falleceu, a 18 de julho de 1876.

Era um clerigo muito illustrado.

TREIXOMIL.— Vide *Trouxemil*.

TREMEZ.— Freguezia, Extremadura, comarca, concelho, e 18 kilometros ao Sul de

Santarem, (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho d'Alcanêde, 100 kilometros ao N. E. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1768, tinha 55.[1]

Orago, S. Thiago, apostolo.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Santarem.

Os condes de Villa Nova (de Portimão) apresentavam o prior, que tinha 300$000 réis de rendimento.

Terra muito fertil. Gado, caça e peixe do Tejo, que lhe fica perto, ao Sul.

TRESMONDE. — Para os Mellos e Alvins, de *Tresmonde*, vide *Guimarães.*

TREVÕES ou **TROVÕES** — villa, Beira-Alta, comarca, concelho, e 6 kilométros de S. João da Pesqueira, (foi cabeça do concelho do seu nome, comarca de Taboaço), 39 kilometros de Lamego, 340 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1768, tinha 192.

Orago, Santa Marinha, virgem.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

A mitra, apresentava o vigario, que, segundo o *Portugal Sacro*, tinha 150$000 réis de rendimento; mas a *Historia Ecclesiastica da cidade e bispado de Lamego,* que n'isto é muito mais exacta, lhe dá de rendimento annual 1:200$000 réis para o bispo e réis 200$000 para o vigario.

Para se entender isto, é precizo que se saiba, que o bispo de Lamego é abbade d'esta freguezia, que, por isso, se intitula *camara episcopal.* Era, pois, o abbade, (o bispo), que apresentava o vigario.

—

Foi cabeça de um antiquissimo concelho, com 1:600 fogos, que foi extincto pelo decreto de 24 de outubro de 1855.

D. Manoel I, lhe deu foral, em Lisboa, a 15 de dezembro de 1512. (*Livro de foraes novos da Beira,* fl. 47 v., col. 2.ª)

[1] E', com toda a certeza, engano do *Portugal Sacro e Profano.* Não podia augmentar a população em mais de quatro quintas partes, em 110 annos : quanto mais, na *Historia de Santarem edificada,* tomo 2.º, pag. 261, já lhe dá 232 *visinhos* (fogos) em 1740, que é quando se publicou esta obra.

Este foral, dá-lhe o nome de *Trovões.*

Diz-se que D. Affonso Henriques lhe tinha dado foral, em 1149; mas Franklin não o menciona.

Em 1770, passou para a comarca de Trancoso, e antes d'isso, pertencêra á de Pinhel.

Tem bôa egreja matriz, e a sua capella-mór está bem ornada, porque a sua fabrica e a da sachristia, pertence ao bispo. O corpo da egreja é do povo, e a sua torre é muito formosa. Além do altar-mór, onde está o Santissimo Sacramento e a imagem da padroeira, tem mais cinco altares, no corpo da egreja.

Junto á matriz, está o palacio dos bispos, residencia do parocho, e a casa da tulha, onde até 1833 se recebiam os dizimos.

Este palacio, foi mandado fazer pelo bispo D. Manoel de Vasconcellos Pereira, em 1777. Tem junto um grande campo, ou quinta, com pomares, hortas, vinhas, lameiros, olival, e terras de pão, tudo muito fertil pela grande abundancia d'agua de rega.

—

Ha n'esta fraguezia 11 ermidas. São :

1.ª *Santa Barbara* — Pequena, mas muito elegante. A' sua padroeira recorre o povo por occasião das medonhas e frequentes trovoadas que ha por estes sitios.

2.ª *Santo André* — E' particular e está profanada.

3.ª *Santo Antonio* — E' uma ermidinha lindissima e muito aceiada.

4.ª *S. Francisco Xavier* — Já não existem senão os alicerces.

5.ª *São Payo* — Trez kilometros ao S. da villa, no alto do serra de São Payo. Foi reedificada em 1875, e festeja-se o padroeiro no ultimo domingo de agosto, havendo então alli uma grande feira. Do adro d'esta ermida se goza um vasto horisonte, vendo-se povoações das Beiras e Traz-os-Montes, e a praça d'Almeida, que fica a mais de 80 kilometros de distancia.

6.ª *S. Sebastião,* martyr — Junto ao mercado, que se faz todos os mezes, e é muito concorrida.[1]

[1] O padre Carvalho, diz que se fazia aqui uma feira franca, que durava trez dias (4,

7.ª *Nossa Senhora da Graça*—Reedificada nos principios do seculo XVIII, pelo desembargador Jeronymo de Lemos Monteiro.

8.ª *Nossa Senhora da Piedade*—Foi reedificada em 1700, por D. Maria Thereza de Figueiredo, irmã do reitor Manoel Soeiro Jordão. E, em 1858, por D. Josepha de Almeida Coutinho e Lemos. E' hoje a capella do cemiterio da freguezia, feito no seu adro, que é amplo.

9.ª *Nossa Senhora da Conceição*—Pertence ao sr. Antonio Manoel de Magalhães, e é no palacête que foi dos Mellos.

10.ª *Nossa Senhora da Conceição*—Particular—da casa de Pedro Caiado.

11.ª *Nossa Senhora das Dôres*—Particular—da sr.ª D. Francisca d'Azevedo Ferrão.

—

Os condes da Vidigueira (marquezes de Niza) eram senhores donatarios d'esta freguezia.

Ainda no seculo passado, havia aqui muitas casas nobres, dos appellidos de *Cayados, Gambôas, Almeidas, Rebellos, Souzas*, e outros.

D'esta villa teem sahido muitos lentes de Coimbra, conegos, abbades, desembargadores, grandes letrados, etc., etc.

Teve Misericordia e hospital, dos quaes apenas hoje existe a tradição.

Tem esta freguezia, lavradores muito ricos; e o seu territorio é muito fertil em cereaes, azeite, vinho, sêda, fructa, legumes, linho, hortaliças, e outros productos agricolas.

Nos mattos do Rio Tôrto, ainda no principio do seculo passado, andavam manadas de porcos montezes: hoje são rarissimos. Cria muito gado, e é abundante de toda a qualidade de caça.

E' tambem abundante de arvores silvestres, que produzem optima madeira para construcções, e os sobreiros e carvalhos dão bolóta e landre para o gado suino.

Na villa, ha duas copiosas fontes de optima agua potavel, e muitas no seu termo, o qual é regado pela ribeira de Gallêgos, que nasce nas grandes lameiras de Paredes da Beira, recebendo varios regatos, pelos limites de Paredes e Penella; passa junto a Trevões, sob uma bôa ponte de cantaria, e junto ás Varzeas, sob outra ponte de pedra e madeira; e morre no Rio Tôrto. Suas aguas servem de motor a grande numero de moinhos.

Esta ribeira, foi muito abundante de optimo peixe, sobre tudo, grandes e excellentes eirozes, o que dava logar a divertidas pescarias. Até os bispos muitas vezes se entregavam a este divertimento. Hoje, traz muito pouco peixe, o que se attribue ás frequentes *trovoadas* a que está sujeito este territorio, e é provavel que a essa circumstancia deva a villa o seu antigo nome de *Trovões*, que os seus habitantes mudaram em *Trevões*.

Vide *Varzeas do Bispo, ou de Trevões.*

—

Pretendem alguns, que o verdadeiro nome d'esta villa é *Trevões*, e procede da grande abundancia de trêvo que por aqui nasce, mesmo sem cultura. Será, mas em todos os livros e documentos antigos se lhe dá o nome de *Trovões*.

Nem (quanto a mim) colhe, o dizer-se que no seu antigo pelourinho, se via um escudo d'armas, com cinco folhas de *trêvo*; porque Trevões ou Trovões, nunca teve brazão. Se no pelourinho estava o tal escudo com as folhas de trêvo, é porque, em algum tempo seria senhor d'esta villa algum fidalgo de appellido Travassos, que mandaria gravar no pelourinho o seu escudo; pois vimos no 1.º *Travaços* que as *cinco folhas* de trêvo são o ornato do brazão d'este appellido.

Muitas terras que não tinham brazão de armas, adoptavam o dos seus donatarios; e esta villa NUNCA TEVE BRAZÃO D'ARMAS.

Os ultimos senhores d'esta villa, foram, como disse, os condes da Vidigueira, depois marquezes de Niza.

Tinha ella (a villa) paços do concelho, cadeia e pelourinho, assim como vereadores e mais auctoridades e empregados, como nos outros concelhos.

---

5 e 6 de agosto), mas ha mais de 150 annos que se não faz semelhante feira. A ermida é vasta e antiga, e tem 3 altares. Segundo a tradição, foi a 1.ª matriz da freguezia.

Eram os senhores donatarios, que nomeavam quasi todas as auctoridades, os escrivães do judicial e notas ; e tinham aqui um ouvidor, que conhecia, por appellação ou aggravo, dos juizes ordinarios da villa, e n'ella fazia correições; mas, desde 1725, deixou d'haver aqui ouvidores, e as correições foram feitas, até 1834, pelo corregedor de Pinhel.

Quando, em 1770, a villa de Trancoso foi elevada á cathegoria de comarca, veio a Trevões, o doutor Caetano Saraiva de Sampaio, fidalgo da casa real, senhor da quinta do Ferro, e corregedor de Pinhel, pôr novas justiças.

—

Ha fortes razões para acreditar que esta povoação já existia no tempo dos romanos, e aqui se teem encontrado por varias vezes differentes moedas do *povo rei*. Só no sitio da *Barra*, se acharam, em 1761, meio alqueire d'essas moedas, todas de cobre, e de varios imperadores.

Quando, em 1775, se demoliu a velha torre da egreja matriz, appareceram pedras, com inscripções gothicas, e outras da mesma época, se teem achado em mais alguns edificios antigos.

Em uma propriedade, que foi do fallecido Albano Coutinho, foram descobertas algumas sepulturas, cavadas na rocha, revelando grande antiguidade.

—

Na ribeira de Gallégos, e termo d'esta villa, está montada uma fabrica de moagem, propriedade de Manoel da Costa Damazo. É de motor hydraulico, 9 mezes do anno ; e, em julho, agosto e setembro, são as suas rodas movidas por uma machina a vapor.

—

A egreja matriz, posto ser antiquissima, é muito elegante, é de architectura gothica, bastante alta, tendo todas as suas portas e janellas em ogiva. Ignora-se a data da sua primittiva construcção.

No altar de S. Miguel, se instituiu em tempos antigos, uma irmandade das almas, a qual, por ... incuria dos confrades, está quasi extincta, apezar de ter ainda 200$000 réis de rendimento.

Em 1778, contava mais de mil irmãos ; hoje, apenas tem uns 60.

A torre dos sinos, foi mandada construir em 1775, pelo bispo de Lamego, D. Manoel de Vasconcellos. E' alta, elegante, com zimborio e varanda de cantaria, bem lavrada, com trez sinos e relogio.

E' notavel a imagem de Nossa Senhora da Conceição, toda em marfim, assim como o globo, em que se enrosca a serpente, da mesma materia. E' um primor de esculptura, e, apezar de ter apenas 0m,4 d'alto, bons entendedores a teem avaliado entre 600 e 1:000 libras! Não está na egreja senão em dia de festividade : fóra d'isso, é cuidadosamente guardada, como joia d'alto preço.

Consta que foi dada a esta egreja, em 1600, por Nuno Cayado de Gambôa, distincto fidalgo, que veio para Portugal, em 1586. D'elle procedem as familias *Almeida*, *Çayado*, e *Mello*, d'esta villa.

Foi tambem o tal Nuno, que mandou fazer, á sua custa, os altares lateraes, e no fundo do de Nossa Senhora do Rosario se conservou por muito tempo um quadro com o retrato d'este insigne bemfeitor. Estava de joelhos e com as mãos postas, em acto de orar.

Tem a egreja bons paramentos e alfaias ; bastantes objectos antigos de prata ; merecendo especial menção, uma custodia do mesmo metal, dourada, de grande merecimento artistico.

Apezar da sua muita antiguidade, são as paredes da egreja tão solidamente construidas, que nunca foi precizo reparal-as. A sachristia, porém, apezar de ser mais moderna, está precizando de urgentes concertos.

—

Poucas villas da provincia da Beira Alta terão tantos palacetes brazonados, como esta pertencentes ás familias dos appellidos mencionados no principio d'este artigo.

De tempos immemoriaes, havia, contiguo á egreja (do lado do norte) um palacio dos bispos, que foi demolido em 1777, para se construir o novo.

O primeiro palacio havia sido destruido por um incendio (não se sabe quando.) E espaçoso, com bello portão de entrada e gran

des cavallariças. O actual, é tambem vasto, tendo na fachada nobre, seis grandes janellas rasgadas. Na face do norte, estão as armas dos Vasconcellos. Tem bôas salas; e em separado, casas para habitação do parocho, ao qual os bispos, até 1834, davam residencia n'este palacio.

Este edificio e a sua formosa e fertilissima quinta, annexa, foram vendidos pelos liberaes, em 1875, ao sr. José Pereira Loureiro (feito visconde de Fragozella, em 25 de maio de 1870) por menos do que tinham custado só as cavallariças e a cosinha. O comprador, vendeu depois isto ao sr. Francisco Xavier de Mello, seu actual proprietario.

—

O palacête dos Almeidas, foi construido em 1605 por Balthazar de Almeida Camêllo. E' um bom edificio, tendo no andar nobre, o brazão d'armas do fundador, que era uma reunião das dos Castros (de 6 aruellas) dos Almeidas, dos Mellos, dos Camêllos e dos Caiados.

E' um bom edificio, e n'elle residiram sempre os primogenitos d'esta nobre familia até ao fallecimento de Antonio de Almeida Coutinho e Lemos, 1.º, e unico, barão do Seixo. (Vide n'este vol., pag. 87, col. 2.ª, a palavra *Seixo.*)

Pela fallencia do barão do Seixo, passou este palacête a ser propriedade do sr. Constantino do Valle Pereiro Cabral, da cidade do Porto, que o vendeu ao sr. doutor Albano d'Almeida Coutinho e Lemos, irmão do tal barão do Seixo.

Assim, voltou para a familia de que fôra solar.

—

Palacête dos Mellos. Este grande edificio, solar da nobre familia dos Mellos, é o mais imponente da villa. Tem na fachada da frente (N.) DEZESETE grandes janellas rasgadas, e no interior, nove grandes salões e grande cópia de salas, quartos e mais officinas.

A capella, dedicada a Nossa Senhora da Conceição, é a mais rica peça do edificio, e edificada ao mesmo tempo que elle; mas foi restaurada com grande magnificencia, em 1771, pelo morgado, Francisco Xavier d'Almeida Caiado Mello e Vasconcellos.

Na tribuna se vê um magnifico retabulo de Nossa Senhora, em grande formato, obra do insigne pintor, Paschoal José Parente. Nas paredes interiores, pintadas a fresco, se admiram as figuras das trez virtudes cardeaes e outras primorosas pinturas; tudo obra do mesmo Parente; o qual tambem pintou o fôrro da sala de visitas, representando as quatro estações do anno; tudo ainda muito bem conservado.

Mandou construir este edificio, o doutor Francisco d'Almeida Caiado, lente de prima em canones, na Universidade de Coimbra, deputado do *Santo Officio,* e desembargador da Meza da Consciencia. Era irmão do desembargador da Relação do Porto, Nicolau de Almeida Mascarenhas.

Em 1835, foi este bello edificio vendido, pelo seu ultimo morgado e possuidor, Francisco Xavier de Mello, ao sr. Antonio Manoel de Magalhães, do Sarzedinho.

Unida ao palacête, estava uma grande cêrca, a melhor propriedade de Trevões.

O edificio conserva ainda o brazão d'armas do seu fundador.

—

Palacête dos Sármentos.—Está hoje reduzido a tristes ruinas, mas ainda conserva o seu antigo brazão d'armas.

E' propriedade do sr. Julião Sármento de Vasconcelles e Castro, feito visconde de Moimenta da Beira, em 17 de fevereiro de 1860.

—

Solar dos Caiados — É uma das maiores casas da villa, e tem na fachada principal, o competente brazão d'armas.

N'ella reside o sr. Pedro Caiado Ferrão, representante da antiga e nobre familia dos Caiados.

—

Casa dos Almeidas de Figueiredo — É muito antiga; mas foi reedificada pelo fallecido Antonio Caiado d'Almeida Figueiredo. N'ella reside a sua viuva, a sr.ª D. Francisca d'Azevedo Ferrão. Tem brazão d'armas, onde se vêem reunidas as dos Figueiredos, Leaes, e Portugaes. O timbre é o dos Silvas.

—

Casa do doutor Manoel d'Almeida Coutinho e Lemos — E' um notavel edificio, pela sua elegancia. Foi construido em 1857, e é, por consequencia, o mais moderno dos brazonados. Mandou-o fazer o dito doutor (irmão do fallecido Barão do Seixo) e lhe pôz as armas dos Almeidas. E' hoje residencia da viuva do seu fundador, a sr.ª D. Maria Candida Guedes, filha de Antonio Joaquim Guedes, de Lamêgo, e sobrinha do 1.º visconde de Valmór, par do reino, e rico capitalista. E' irmã do sr. Fausto de Queiroz Guedes, feito 2.º visconde de Valmór, em 26 de janeiro de 1870.

Mercado

Ao N. da villa, junto ao cemiterio, ha uma planicie, chamada a *Devêza*, onde se faz um bom mercado, em todas as segundas-feiras, depois do 4.º domingo de cada mez. E' muito antigo, e abundante em cereaes, quinquilherias, e gado bovino e suino.

Nos annos de 1834, 1835, e 1836, havia sempre n'este mercado grandes desordens, ferimentos e mortes, o que deu causa a que a auctoridade o mandasse suspender, e não se fez por alguns annos. *Quando os animos serenaram*, tornou a fazer-se.

Familias extinctas, ou que mudaram de domicilio

Alem das familias nobres de Trevões, que ficam mencionadas, houve mais:

Souzas Rebellos. Foi seu ultimo representante, o 1.º (e ultimo) visconde de S. João da Pesqueira, Luiz Maria de Souza Vahia Rebello, que viveu muitos annos n'esta villa, e morreu em Soutêllo, a 14 de outubro de 1841. (Vide n'este volume, a col. 2.ª de pag. 9, e a col. 1.ª de pag. 441.)

Estes Rebellos, tiveram aqui solar vinculado — *o morgado de Santo Antonio* — instituido em 1633, por Lourenço Rebello Esteves de Souza, capitão de fusileiros, e governador de Rios de Senna.

Descendem de Ricardo Rebello, irmão 2.º de Christovam Rebello, que succedeu a seu pae, no senhorio do Castello de Paiva. Casou em Ferreirim de Fonte-Arcada (o tal Ricardo) com D. Catharina de Souza, filha de Manoel de Souza, em 1570; e foi seu filho, Philippe Rebello de Souza, que casou em Trevões, com D. Anna Esteves; nascendo d'estes, Jacintho Rebello Esteves de Souza, cavalleiro da ordem de Christo, e *inspector das coutadas reaes.* Foi seu filho, o dito Lourenço Rebello, instituidor do vinculo de Santo Antonio, em Trevões, e casou em Ervedoza do Douro, com D. Eufemia Clara de Azevedo. D'estes, nasceu Gregorio Rebello Esteves de Souza; e d'este Domingos Rebello Esteves de Souza, desembargador dos aggravos, corregedor de Lamêgo, e commendador de Santa Maria de Loures, da ordem de Christo. Era tambem fidalgo da casa real. D'este, foi filho Manoel Rebello de Souza Esteves, lente de direito, na Universidade de Coimbra, e Joaquim Rebello de Souza, que casou em Varzeas de Trovões, e foi seu filho, Luiz Rebello de Souza, que casou em Paredes da Beira, e foi seu filho, Manoel Rebello de Souza Esteves, fidalgo da casa real. Foi seu filho, José de Azevedo Rebello de Souza, fidalgo da casa real, senhor de Paredes da Beira, e que casou em Trancoso, e foi sua filha, D. Maria José d'Azevedo Rebello da Costa, que casou com Antonio de Lemos Beltrão, fidalgo da casa real e senhor da quinta do Ribeiro. D'este, descende o sr. Marianno de Lemos e Azevedo, residente em Villa Nova d'Ourem, onde possue uma das melhores quintas do districto administrativo de Leiria. E' tambem senhor das quintas do Ribeiro, e da de Azevedo, ou dos Santos Martyres, em Paredes da Beira. E' um cavalheiro, que á nobreza da sua antiga linhagem, reune um caracter elevadissimo, e todas as qualidades que distinguem um verdadeiro homem de bem. Pertence — e sempre pertenceu — ao partido legitimista.

Outro ramo d'esta familia, procedente do dito Manoel Rebello de Sousa Esteves. Foi seu filho, Caetano Rebello, e d'este nasceu Manoel Rebello Esteves de Souza, que casou com sua sobrinha, D. Bernarda Rebello, herdeira da casa de Soutêllo, concelho de S. João da Pesqueira, e assim passou esta familia de Trevões para Soutêllo.

—

Uma grande parte do contheudo n'este artigo, devo-o ás informações que me deram, o meu esclarecido e velho amigo, o sr. doutor Pedro Augusto Ferreira, abbade de Miragaia, no Porto; e ao rev.[mo] Sebastião de Almeida, reitor actual de Trevões. A ambos dou os mais sinceros agradecimentos, pedindo-lhes ao mesmo tempo desculpa dos *córtes* que me vi obrigado a fazer nos seus curiosos apontamentos.

TREVUDO — portuguez antigo — tributo.

TREZ-MINAS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Pouca d'Aguiar (foi da mesma comarca, mas do supprimido concelho de Alfarella de Jalles) 95 kilometros ao N. E. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 270 fogos.

Em 1768, tinha 92.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

A mitra, apresentava o reitor, que tinha 160$000 réis de rendimento.

É, incontestavelmente, uma povoação antiquissima.

Ha n'esta freguezia grandes escavações para extracção de mineral, e d'essa circumstancia lhe provem o nome.

Por cima do logar da Ribeirinha, do lado do O., junto ao caminho que vae para Alfarella, está uma grande concavidade, chamada vulgarmente *o lago*, aberta a picão, em uma rocha de schisto. Tem mais de 3 kilometros de circumferencia, e de profundidade mais de 166 metros (!) De comprimento, de E. a O., 800 metros — e de largo, de N. a S., 466. Segundo a constante tradição, foi uma mina, lavrada em tempos remotissimos. Toda a sua descida para a ribeira de Jalles, está coberta de grandes montes de cascalho e seixos, que se extrahiram da mina, por uma bem feita estrada carreteira, construida na mesma qualidade de pedra, e ao N. O., com mais de 22 metros de altura, e obra dispendiosissima.

Á entrada da serventia principal, na altura de 13 metros, em um baixo, ou penhasco que lhe faz muro, está um buraco redondo, que se affirma ser continuado pelo penhasco dentro, feito a picão. Ainda ninguem se atreveu a hir até ao fim.

Do lado esquerdo da mesma entrada, está outro buraco, feito a picão, no schisto, de tanta largura e tão alto, que facilmente póde por elle entrar qualquer homem, ainda que seja de estatura agigantada. Só tem desentupidos uns 5 metros.

Continuando a concavidade, ou lago, do E., adiante do meio d'ella, á esquerda, está um grande e largo buraco, tambem aberto a picão no schisto, por onde cabem quatro pessoas a par; e diz-se que é uma galeria dilatadissima, que ainda ninguem se atrevêra a percorrer; até que, no principio do seculo XVIII, Antonio de Sousa Pinto, por curiosidade, e para dar certas noticias á Academia Real de Sciencias, animado com a companhia do padre Silvestre de Meirelles, então parocho de Trez Minas, e de outras pessoas, preparados com archotes, entraram n'esta galeria. A distancia de 30 metros, acharam um largo, obrado na mesma pedra, a modo de sala, e tão alta, que com as luzes se lhe não podia ver o tecto: e á esquerda, viram o principio de outra galeria, levantada do pavimento, um metro, pouco mais ou menos, com um largo á direita.

Ainda descobriram outras mais galerias de menos largura e comprimento. No alto da rocha que serve de muro á concavidade, está obrada uma janella quadrada, bem feita, e de bastante largura. Tambem aqui existe uma profunda cisterna, construida na rocha, com agua na altura de uns 30 metros. Proximo a esta, está outra cisterna, tão medonhamente funda, que Antonio de Souza Pinto e seus companheiros, não se atreveram a examinal-a.

—

Em uma vinha, do logar de Filhagosa, d'esta freguezia, está, com a entrada pelo N., um grandissimo buraco, cabendo por elle trez carros a par. Diz-se ser a estrada por onde os mineiros do Campo e Cidadella se communicavam com estas de Ribeirinha.

Continúa esta galeria, sempre larga, com seus frizos, ou banquetas, feitos a picão, á

maneira de assentos, tendo em varias partes, arcos de cantaria, bem lavrada, assentes em columnas, para sustentarem a rocha mais friavel. Em distancia de uns 40 metros, está uma cisterna, tomando quasi toda a largura do pavimento da galeria, com agua da altura d'elle. Hindo pelos lados da cisterna adiante, proseguiu D. Gregorio de Castello Branco, ultimo commendador de S. Miguel de Trez Minas, a examinar esta concavidade, até ver entrar pela parte posterior, uma pequena claridade, a uns 1:500 metros da entrada. Não avançou mais.

Pela perfeição d'estas obras, se julga, com bons fundamentos, serem dos romanos, para extracção de ouro ou prata.

—

Na egreja matriz d'esta freguezia, está, no pavimento junto da porta travessa, uma campa, de 1,m e 22 de comprido, bem lavrada, com uma inscripção romana, mas tão gasta pelo attrito dos pés, que apenas se póde ler, que foi de um membro da familia Reburo.

—

Sobranceiro a este logar da Ribeirinha, no alto do monte que lhe fica a S. E., se veem as ruinas de um pequeno castello, feito de schisto. Ainda se chama o *Castello da Ribeirinha.*

Ainda n'esta freguezia, no ponto mais elevado do monte que está sobranceiro ao logar de Cóvas, do lado do N., está outra grande concavidade, chamada tambem vulgarmente lago; certamente uma das *trez minas* d'esta freguezia. Tem de comprimento de E. a O., mais de 900 metros; de largo, de N. a S., 450; e de alto, na sua maior concavidade, 177. Tem no seu ambito, algumas arvores silvestres. Tem caminho, aberto na rocha, em que toda a concavidade é feita, e o qual ainda dá serventia para esta escavação. Tem na rocha que lhe serve de muro, do lado do N., entrando para ella, com a porta ao S., um buraco, feito a picão, com 2m,20 de alto, e o mesmo de largo, pelo qual, a distancia de 16 metros, está um lago de optima agua potavel, que serve para desalterar os caminhantes da estrada visinha, que vae de Murçá de Panoias para S. M. Martinho de Bornes. No fim, se veem trez filões metalicos, d'onde rebenta a agua. No fundo d'esta concavidade, está em uma pedra, levantada do chão 5m,50, uma especie d'altar, e sobre elle, um arco; e por baixo, uma grande sala, aberta na rocha, onde sempre está manando agua.

—

Ha ainda por estes sitios varias escavações que Argote menciona, e de que não trato, para não fatigar o leitor. Ha tambem muitas vallas, largas e profundas, e grandes montões de entulho, sahido d'estas minas.

—

Ao S. da Ribeirinha, no sitio do *Comanardão*, se diz ser a aldeia onde residiam os mineiros, e alli se veem ainda vestigios de casas, e ahi mesmo, no alto de um valle, estão oito buracos, como cisternas, abertos na rocha, proximos uns dos outros, e communicando-se reciprocamente entre si.

N'este mesmo sitio, se acharam, no seculo passado, trez pedras sepulchraes, de cantaria bem lavrada (vinda de longe, pois aqui, sò ha schisto e quartzo.) Duas foram logo destruidas, e a 3.ª foi para o logar de Villarelho, d'esta freguezia, onde foi empregada em peitoril de uma janella. Tinha esta inscripção: —

C. COVNE.
ANCVS
FUSCEI E. CLV.
N. X L.
. . . .
V. S. C,
XXX. H. S. E.

Parece dizer — Aqui jaz, Cayo Cuneo Anco, filho de Fusco. O mais não se póde entender.

—

Tambem, no dito logar de Villarelho, foi achado, no sitio chamado *Chão dos Asnos*, hindo de Villarelho para Tinhella de Cima, um cippo de cantaria lavrada, com uns frizos, e com esta inscripção: —

I. O. M.

....

VOL. SOI.
MIL LEG.
VII. GECA.
IVLINOE APR.

Parece dizer — Dedicada a Julio *Soio* (?) soldado da legião setima gemina.......... por Julino, soldado da esquadra pretoriana.

N'esta mesma freguezia, em uma serra, sobranceira ao logar de Revel, ha outras concavidades, que foram minas de estanho. Ainda se conhecem os vestigios de um cano, por onde se conduzia a agua de um assude, destinada á lavagem do minerio. Este assude esteve construido no rio Tinhella, junto ao logar de Tinhéllo de Cima, e ficava a distancia de 9 kilometros da mina, em razão das grandes voltas que dava o referido cano, e atravessando um grande monte por uma galeria subterranea, no logar de Filhagosa.

Estas minas ainda foram lavradas no tempo dos Philippes, por Fernando Annes, natural de Madrid, e do qual foi filho, Cosme Machado, ascendente dos Machados d'estes sitios.

Parecem ser originariamente obra dos romanos, pois só elles se atreveriam a fazer um cano tão dispendioso.

(Até aqui resumido de Argote.)

Os romanos podiam fazer grandes construcções com muito menos dispendio do que outra qualquer nação; porque obrigavam os indigenas aos trabalhos, como se fossem seus escravos.

Para complemento d'este artigo, é preciso vêr *Moreira, aldeia, T. M.*, no 5.º vol. pag. 542, col. 1.ª, e no 6.º vol.. pag. 603, col. 2.ª, *Penêdo d'Alfarella.*

—

No alto da serra das *Trez Minas,* limites d'esta freguezia, houve (segundo a tradição) uma grande cidade, romana ou mourisca, e, na verdade, ha alli vestigios de fortes muros. Diz-se que o cano de que fallei anteriormente, fornecia d'agua esta cidade, antes de hir ás minas lavar o minerio. Julgo que esta *grande cidade*, não é outra cousa senão as cazas em que já fallei, habitadas pelos mineiros.

Dizem os crendeiros d'estes sitios, que no alto da serra, mesmo no logar da tal *cidade*, andando um individuo a lavrar, achou uma talha, cheia de objectos d'ouro.

TREZOURAS — freguezia, Douro, comarca e concelho de Baião (foi do mesmo concelho, mas da extincta comarca de Soalhães) 65 kilometros ao N. E. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 145 fogos.

Em 1768, tinha 102.

Orago, S. Miguel, archanjo.

(O *Port. Sacro*, diz que é S. Thiago, apostolo, mas é engano.) Bispado e districto administrativo do Porto.

O reitor de S. Salvador, de Villa Cova da Lixa, apresentava o vigario, collado, que tinha 80$000 réis de rendimento; mas o *Catalogo* dos bispos do Porto (pag. 429) diz que o rendimento do parocho, é de 120$000 réis.

Foi commenda, de Christo, dos marquezes de Niza.

Tem duas ermidas — *N. Senhora de Calvos,* e S. Thiago, da Ponte. (Esta ermida serviu algum tempo de matriz da freguezia, e foi isso a causa do engano do *Port. Sacro.*)

N'esta ultima ermida, apenas hoje se diz uma missa, no dia do padroeiro (25 de julho.)

N'esta freguezia e immediatas, comprou o barão do Calvario (vide *Penafiel*) varios bens do ultimo marquez de Niza, comprehendendo, além das terras lavradias, grandes montados, confinando com os baldios. Em 1873, requereu o comprador, ao juiz de direito de Baião, que, com os louvados da camara, lhe medisse e demarcasse os seus montados, e, feito isto, lhe desse posse judicial.

Apenas aqui appareceu a justiça, tocaram os sinos a rebate, em varias freguezias, e ao toque de tambores, os povos (tanto homens como mulheres) se juntaram, armados, e correram a fogo, o juiz de direito e mais officiaes e louvados, que, se não fogem, seriam infallivelmente assassinados, pois

aquellla gente, até já antecipadamente tinha aberto nos montes varias sepulturas!

Para applacar este tumulto, foi preciso vir uma grande força, do regimento de infanteria n.º 6, de Penafiel, que se conservou aqui por muito tempo.

Muitos dos turbulentos, ficaram culpados e foram presos (para o que, foi preciso empregar toda a tropa) e soffreram varias penas, segundo a gravidade do delicto de cada um.

Ao sr. abbade da Teixeira, se deve o não haverem maiores desgraças a lamentar, pois pôde conseguir accommodar este povo; todavia, o comprador jámais será pacifico possuidor d'estes montados, dos quaes o povo se tinha apossado ha muitos seculos, pelo desleixo dos commendadores. (Vide *Bayão.*)

TREZOY ou **TREZOI** — freguezia, Beira Alta, concelho de Mortágua, comarca de Armamar) foi do mesmo concelho, mas da comarca de Santa Comba Dão) 30 kilometros de Coimbra, 195 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 112.

Orago, S. Thomé, apostolo.

Bispado de Coimbra.

Districto administrativo de Viseu.

O cabido apresentava o cura, que tinha 40$000 réis de rendimento.

Fertil. Gado e caça [1].

TRIANA — Um dos bairros da villa de Alemquer. (Vide esta ultima palavra.)

A freguezia de N. Senhora da Assumpção, de Triana, tinha em 1757, 63 fogos, e a rainha é que apresentava o prior, o qual tinha 350$000 réis de rendimento annual.

A egreja matriz, que é muito antiga, como vimos no artigo *Alemquer*, foi restaurada, pela sollicitude do sr. padre J. J. Mathias, seu prior, e de novo aberta ao culto divino, no dia 2 de maio de 1875, com grande magnificencia, havendo então, missa solemne, e as mais demonstrações de regosijo usadas n'estes actos.

TRIBUNO — Entre os romanos, o emprego de tribuno, era uma dignidade popular, de grande auctoridade, pelo que a arrogaram tambem a si, os imperadores; mas, como era propriamente da gente do povo e não dos *patricios* (nobres) não usavam do nome de tribuno, mas diziam = *de poder tribunicio* — Era com effeito o seu poder, logo immediato ao de *pontifice maximo*. Era emprego annual, mas o tribuno podia ser reeleito: por isso se vê nas inscripções romanas, commummente a formula..... *vezes investido do poder tribunicio.*

Tambem acontecia que os imperadores, investiam do poder tribunicio aquelles que nomeavam *cesares*, e seus herdeiros no imperio.

O *tribuno da plebe*, era uma especie de *advogado do povo*, defendendo os seus interesses, contra as usurpações e prepotencias dos patricios. Tinham edificios proprios, para ouvir as queixas dos offendidos; e d'estes edificios é que provem palavra *tribunal*, que ao pé da letra, significa — *casa da audiencia do povo.*

TRIGOSO — port. ant. — apressado, sollicito, ligeiro, veloz, etc. — É tambem um appellido portuguez, procedente de alcunha.

TRIGUNDO — povoação antiquissimma, de Traz os Montes, 33 kilometros ao O. de Bragança. Ficava sobre uma das cinco vias militares romanas, de Braga para Astorga. A unica memoria que ha d'esta povoação (que se ignora se era cidade ou aldeia) é vir mencionada no *Itinerario de Antonino Pio.*

TRINDADE (campo da) — Vide *Milreu.*

TRINDADE — freguezia, Traz os Montes, comarca de Mirandella, concelho de Villa Flôr, 150 kilometros ao N. E de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1768, tinha 77.

Orago, a Santissima Trindade.

Arcebispado de Braga.

Districto administrativo de Bragança.

O D. abbade cisterciense (bernardo) do mosteiro de Santa Maria de Bouro, apresentava o cura, que tinha 40$000 réis de rendimento.

Tendo-se insurgido contra a constituição de 1820, os habitantes d'esta freguezia, o general Pégo, em cumprimento de uma *lei*

---

[1] Bettencourt (*Dicc. Chor.*) diz que é do bispado de Lamego, mas engana-se.

marcial, incendiou a povoação da Trindade, em 12 de maio de 1823. (*Diorama de Portugal nos 32 mezes constitucionaes.*)

Por ser um monumento digno de memoria, e para que as gerações por vir possam julgar até aonde chegou o rancor partidario d'estes infelizes tempos, transcrevo a tal lei. — É a seguinte: —

— Dom João, *por graça de Deus e da Constituição*, etc.

«As côrtes, attendendo á necessidade de suffocar em seu principio a rebellião declarada em Traz-os-Montes, e considerando que em tal occorrencia convém sómente consultar a segurança publica e preservar a nação dos horrores da guerra civil, decretam o seguinte:

— 1.º — *As povoações que*, sem serem coactas por força militar, *se levantarem contra o systema constitucional, ficam fóra da protecção da lei e serão tratadas militarmente;*

— 2.º — Poderá o governo auctorisar os commandantes das tropas constitucionaes para que, mediando sentença proferida em conselho de guerra, cuja execução depende sómente da approvação d'elles, *castiguem até á pena de morte inclusivamente* os individuos de qualquer classe ou condição, que pegarem em armas contra o systema constitucional;

— 3.º — Poderá tambem o governo auctorisar os referidos commandantes para concederem qualquer amnistia, *excluindo sempre d'ella os cabeças de motim;*

— 4.º — As despezas do exercito de operações contra *os rebeldes*, será paga por seus proprios bens. A liquidação d'esta despeza e a designação dos individuos, que a devem pagar, será commettida a uma commissão militar; [1]

— 5.º — Ficam revogadas quaesquer disposições na parte em que se oppozerem ás da presente lei.

— Paço das côrtes, 20 de março de 1823 — Palacio da Bemposta, 21 de março de 1823. — El-rei com Guarda.

Manuel Gonçalves de Miranda. (Vide collecção de Decr. e Resol. das Côrtes, n.º 297.)

— No mesmo anno, já havia sido referendado por José da Silva Carvalho um outro decreto das côrtes, em 27 de fevereiro, suspendendo as garantias constitucionaes, durante trez mezes, por motivo da rebellião em Villa Real.

—

Quem diria que este mesmo D. João, *por graça de Deus e da constituição*, passados apenas 72 dias (1.º de junho) demittiria todos os ministros liberaes, nomeando realistas (os taes *rebeldes*) annullaria a constituição; mandaria derrubar e despedaçar o monumento do Rocio; e consentiria que os realistas fizessem em hastilhas as cadeiras dos deputados [1] que estavam abandonadas, porque os mesmos deputados se tinham dissolvido a si proprios, apenas D. João VI chegou triumphante a Lisboa, a 6 de junho, regressando da *guerra da poeira !*

Quem tambem poderia prever, que as mesmas tropas do general Pêgo, que tinham

---

[1] Esta lei, foi a *guarda avançada* da ignobil e absurda *lei das indemnisações*, que auctorisou e legalisou os roubos mais escandalosos. Esta ultima lei foi assignada pela Senhora D. Maria II, no palacio do Ramalhão, a 7 de agosto de 1835, e referendada pelo então ministro do reino, Rodrigo da Fonseca Magalhães.

Muitos individuos que estavam presos por crimes civís, e outros que nada soffreram durante o reinado do Sr. D. Miguel, mas, allegando serem parentes, ou adherentes de liberaes que morreram nas cadeias ou no exilio; e até outros sem procurarem o menor pretexto, exigiram dos realistas, e até dos que não tinham *politica*, mas que tinham dinheiro, ou cousa que o valesse, grandes quantias, a titulo de *indemnisações*, e as receberam !

Muitos que se mostraram uns grandes liberaes em 1834, sem que até então o tivessem provado por nenhuma obra, expulsaram de suas casas os legitimos donos, e lá se introduziram, feitos seus proprietarios, sem a minima fórma de processo. Depois, custou muito trabalho e despezas, para expulsar estes usurpadores !

[1] N'esta ultima façanha, distinguiu-se o conde da Taipa, pelo afan com que despedaçava. D'ahi a trez annos, era o nobre fidalgo, um streuuo defensor da *rainha e carta!* Entendam lá estes *segredos da natura...*

reduzido a cinzas a povoação da Trindade, passados apenas dois mezes e 12 dias, acclamariam o *rei absoluto*, insultado atrozmente o seu general, que deveu a vida á velocidade do seu cavallo!

Os homens que, como eu, teem assistido a estas guerras fratricidas, ou já tinham n'esses infelizes tempos uso de razão, teem presenceado, ou lido, cousas bem tristes e desagradaveis, tanto contra os realistas, como contra os liberaes!

Não ha guerras mais desastrosas do que as civis, em que o filho combate contra o pae, e o irmão contra o irmão.

—

Tem annexa, a freguezia de *Val-Bom*.

TRINDADE — freguezia, Alemtejo, concelho, comarca, districto administrativo e bispado de Beja, 75 kilometros a O. d'Evora (a cujo arcebispado pertenceu antigamente) e 135 ao S. E. de Lisboa. Tem 210 fogos.

Em 1768 tinha 91.

Orago, a Santissima Trindade.

A mitra, apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de trigo, e 30 de cevada, de randimento annual.

É terra fertilissima em cereaes, e cria muito gado, principalmente suino.

TRINTA — freguezia, Beira Baixa, concelho, comarca, districto administrativo, bispado, e 6 kilometros da Guarda, 305 a E. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 107.

Orago, S. Pedro, apostolo.

O vigario de Fernão-Joannes, apresentava o cura, que tinha 7$200 réis de congrua e o pé d'altar.

Está sobre a margem do Mondêgo, e é terra fertil. Gado, caça e peixe do rio.

TRINTANAIRO — port. ant. — O outro mundo. D'aqui, *trintanar*, morrer. Ainda hoje se diz — *faz 30 annos á justa*, por — morreu.

TRISTEGA — port. ant. — edificio de trez andares; ou, mais propriamente, a parte superior do edificio, como eirado, mirante, ou aguas furtadas.

TRIVIM ou **ALTAR DO TRIVIM** — Douro — ponto culminante da serra da Louzan, 225 metros sobre o nivel do mar. (Vide e *Bussaco, Louzan* e *Luzo*.)

Para satisfazer aos desejos do meu esclarecido amigo e assignante, o sr. Annibal Fernandes Thomaz, faço n'este logar algumas rectificações e ampliações ao artigo *Louzan*, patria d'aquelle cavalheiro.

A ribeira d'Arouce, passa 1 kilometro ao O. da villa, em direcção de S. a N. A ponte que n'este sitio a atravessa, denomina-se *ponte Guadiz.* [1]

O palacio dos Salazares, é o mesmo da sr.ª viscondessa do Espinhal, D. Maria da Piedade de Mello Sampaio Salazar, viuva do desembargador Antonio Cardozo de Faria Pinto, e unica representante d'esta illustre familia. Não está junto da fabrica de papel, mas no centro da villa. D'este palacio, á fabrica (que é no logar do Penedo) é alguma cousa mais de um kilometro.

A egreja matriz da villa, era muito antiga, e estava arruinada. Foi demolida, em 1873, para dar logar á actual, em construcção.

O hospicio dos frades de Santo Antonio, foi vendido pelos liberaes, e é hoje propriedade do cirurgião, o sr. doutor, Antonio Pinto de Campos, pelo seu casamento com uma sobrinha e herdeira do padre José de Magalhães.

A escola do conde de Ferreira, situada á entrada da villa (ao N.) ao lado da estrada de Coimbra, pela Foz d'Arouce, foi construida com a verba d'aquelle illustre bemfeitor, com 200$000 réis, que deu a dita viscondessa do Espinhal (esta senhora obteve o titulo, a 11 de julho de 1868) e o resto, á custa da camara municipal. O sr. commendador Montenegro, sómente deu a mobilia da escola.

O hospital, foi construido com o donativo de 200$000 réis da mesma benemerita titu-

---

[1] *Wad, hued,* ou *uad*, é um substantivo árabe, que significa *corrente d'agua*, ou rio. Os portuguezes e castelhanos, fizeram de wad, e de hued (que se pronuncia do mesmo modo) *guad* e *ode*, como temos visto n'esta obra, nas palavras que principiam pelas sylabas *guad*, ou *ode*. Guadiz, pois, é o plural de *guad*, e vem a ser — ponte *dos rios*, ou *das correntes*.

lar (além do fôro que esta senhora recebia do terreno em que se fundou este estabelecimento de caridade) e com o producto de uma subscripção, promovida no Brasil, pelos srs., commendador Montenegro, e José Antonio de Carvalho, pharmaceutico da casa imperial, residente no Rio de Janeiro.

Para a construcção da nova egreja, muito tem concorrido o sr. Bispo Conde, coadjuvado por uma commissão, por elle nomeada, e presidida pelo revd.º sr. José Francisco Pinto, parocho da villa. A catholica e beneficente sr.ª viscondessa do Espinhal, deu para esta obra, a valiosa esmola de DOUS CONTOS DE RÉIS. — O sr. Pompeu Augusto da Costa, estabelecido no Rio de Janeiro (natural d'esta villa, e que já tinha feito um bom donativo para a construcção do hospital) deu para as obras da nova egreja, 450$000 réis fortes. Tambem tem concorrido o cofre da bulla; e uma subscripção obtida n'esta freguezia: o sr. doutor Jose Daniel, com o donativo de 100$000 reis; e 300$000 réis fortes, obtidos em uma subscripção aberta na colonia portugueza da *NovaLouzan*, em Mogy — Iurú, provincia de São Paulo do Brasil.

A fábrica de papel, de Casal d'Ermio, é hoje do sr. João Gonçalves de Lemos, d'esta villa. Tinha sido fundada por Antonio Maria de Carvalho, do Sobral d'Ermio, e depois a vendeu ao actual possuidor.

No tympano do hospital, não existe nenhuma estatua da Caridade, não obstante figurar na fachada, que se vê na gravura que traz o « Archivo Pittoresco » — nem o sr. Manuel Pinheiro Chagas, chegou a escrever o romance, cujo producto devia ser applicado a estas obras.

A ermida de N. Senhora da Piedade, que actualmente está no vertice do *Penhasco das Ermidas*, foi mandada construir, ainda pela senhora viscondessa do Espinhal, em substituição da antiga, que era muito pequena. A imagem da Padroeira, é um primor de esculptura. Foi feita em Braga, e custou 200$000 réis. Tudo isto, custou á caritativa fundadora, mais de 500$000 réis.

Tambem a esta esclarecida dama, se deve o ramal de estráda, da Louzan a Foz d'Arouce, entroncando com a estrada da Beira. Finalmente, para todos os melhoramentos que ha annos se teem feito n'esta villa, tem a sr.ª viscondessa contribuido com avultados donativos. Estes actos não se elogiam, porque não ha palavras condignas, para tantos e tão grandes beneficios. Mencionam-se, e é quanto basta.

O visconde da Foz d'Arouce, é o sr. doutor, Francisco Augusto Furtado de Mesquita Paiva Pinto, natural do logar do seu titulo, obtido em 14 de agosto de 1866.

No artigo *Louzan*, disse por engano, que o visconde da Foz d'Arouce, era o *doutor João José de Lencastre de Basto Baharem*. Este porém é o nome do actual conde da Louzan, que não é formado.

O condado da Louzan, foi creado em 27 de março de 1765, por D. José 1.º

O actual conde, o sr. Dom João José de Lencastre Basto Baharem, é o 4.º d'este titulo, e 12.º mórgado da Marinha. Nasceu a 15 de setembro de 1823, e foi feito conde, em 14 de janeiro de 1835.

É filho de D. Luiz Antonio de Lencastre Basto Baharem, 2.º conde da Louzan, senhor de Sernache dos Alhos, alcaide-mór de Celorico da Beira, 11.º senhor do mórgado da Marinha, veador da rainha, Dona Carlota Jaaquina de Bourbon, grão-cruz da ordem da Conceição, commendador da de Christo, e coronel do exercito portuguez — e de sua 2.ª esposa, Dona Francisca de Saldanha da Gama, dama da mesma rainha, e 2.ª filha dos 6.ºs condes da Ponte.

A 3.ª condessa da Louzan, foi Dona Marianna Antonia de Saldanha Côrte Real da Camara e Lencastre, — filha do 1.º matrimonio do 2.º conde, que tinha casado com Dona Maria Rosa de Saldanha Azerêdo Côrte-Real da Camara, filha e herdeira de D. José Pedro da Camara, moço fidalgo, do conselho de D. José I, governador da India, e marechal de campo — e de sua 1.ª mulher, Dona Marianna Victoria de Saldanha e Távora, senhora do mórgado de Cadafaes.

A 3.ª condessa da Louzan, casou com o 3.º conde do mesmo titulo, D. Diogo de Me-

nezes Ferreira d'Eça, 14.º senhor da casa de Cavalleiros; par do reino, em 1826; ministro d'estado honorario; mordomo-mór da princeza real, archiduqueza d'Austria, 1.ª mulher do sr. D. Pedro I, imperador do Brasil; grão-cruz da ordem da Conceição, e da imperial de São Leopoldo, d'Austria; commendador da ordem de Christo; deputado da Junta dos Trez Estados; ministro e secretario de estado dos negocios da fazenda; presidente do real erario, em 1821, no Rio de Janeiro; e teve o mesmo emprego, no reinado do sr. D. Miguel I, que acompanhou sempre fielmente, até á convenção de Evora-Monte. Falleceu em 5 de fevereiro de 1863.

Era filho de D. Rodrigo José de Menezes, 1.º conde de Cavalleiros (feito em 27 de março de 1765) e de Dona Maria José Ferreira d'Eça, 12.ª senhora do mórgado de Cavalleiros, em Villa do Conde, instituido em 13 de novembro de 1515. O 2.º conde de Cavalleiros, tinha o mesmo nome de seu pae.

(Vide o ultimo periodo da col. 2.ª, da pag. 207, do 8.º volume.)

Em 30 de setembro de 1865, foi feito 5.º conde da Louzan, o sr. Luiz Antonio de Lencastre Basto de Baharen, filho do 4.º conde do mesmo titulo.

—

Junto do chamado *Altar do Trivim*, estão os *Poços da Neve*, hoje dos herdeiros de Julião Bartholomeu Rodrigues, e proprietarios do bem conhecido *Café Martinho*, de Lisboa.

A neve, apanha-se em um extenso planalto (de um kilometro de circumferencia) no meio do qual, está a bonita ermida de Santo Antonio de Lisboa — vulgarmente, *Santo Antonio da Neve* — ao qual se faz uma grande festa e concorridissimo arraial, no seu dia proprio — 13 de junho.

A ermida, tem 11 metros de comprido, por 4m,5 de largo, e 6 d'alto. É de uma só nave e de abobada. Na parede exterior da fachada principal, e aos lados da porta, tem estas inscripções: —

A do lado direito —

A ESMOLA QUE OS DEVOTOS DO GLORIOSO
S. ANTONIO DEREM, SERÁ APPLICADA
PARA AS OBRAS DA REEDIFICAÇÃO
E ORNAMENTOS DA SUA CAPELLA.
O MESMO GLORIOSO SANTO GRATIFICARÁ
A SEUS DEVOTOS O BENEFICIO

A do lado direito —

ESTA CAPELLA DO GLORIOSO SANTO ANTONIO DE LISBOA, MANDOU FAZER
JULIÃO PEREIRA DE CASTRO, REPOSTEIRO DE N. R.º, DA CASA DE SUA
MAGESTADE, E NEVEIRO DE SUA
REAL CASA, EM TERRA SUA, NO
ANNO DE 1786.

Esta ermida, dista do *Alto do Trivim*, onde está o marco geodesico, uns 500 metros.

Diz-se que no tempo de Sertorio (70 annos antes de J. C.) se refugiára na Lusitania, *Estella*, augur e triunviro romano, de grande piedade, que ergueu altares e sacrificou aos deuses mythologicos, na serra da Estrella (corrupção de Estella) até então chamada *Herminio*; e n'este cabeço da serra da Louzan, que tomou desde essa época o nome de *Trivim*, corrupção de *Triunviro*. Pois sería.

TROCHEIROS — freguezia, Beira Baixa, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e 18 kilometros da Guarda, 330 a E. de Lisboa.

Em 1768, tinha 31 fogos.

Orago, Nossa Senhora das Luzes.

O prior de S. Pedro de Jarmêllo, apresentava o cura, que tinha 4$000 réis de congrua e o pé de altar.

Esta freguezia, está unida, desde o principio d'este seculo, á de Jarmêllo.

O nome d'esta freguezia, vem de *Trócha*, portuguez antigo, que significa — *atalho*, veréda pouco trilhada, e de poucos conhecida.

TRÓFA — 4.ª estação (não contando a principal) do caminho de ferro do Minho, 23 kilometros ao N. do Porto. (Vide *Ribeirão*.)

Diz-se vulgarmente que esta estação é na freguezia do Ribeirão; mas a verdade é: — A ponte pensil sobre o rio Áve, na estrada real, do Porto a Barcellos, Vianna do Mi-

nho, Caminha, Valença, etc., fica entre as freguezias do Ribeirão e São Martinho de Bougado (aquella do concelho de Villa Nova de Famalicão, e esta no de Santo Thyrso.)

A aldeia que está mais proxima d'esta ponte, chama-se *Trófa Velha.* A *Barca da Trófa* é ao O. d'esta aldeia.

A' estação do caminho de ferro, é que erradamente se dá o nome de *estação da Trófa;* porque está situada junto á egreja de Bougado, a grande distancia da Trófa.

As aldeias, da *Trófa, Trófa-Velha* e *Barca da Trófa,* todas estão distantes do caminho de ferro.

—

Trófa, é corrupção de *tarufa* ou *tarifia,* palavra árabe que significa — *cousa extrema, final, ultima.* (Vide *Trafaria.*) [1]

—

Em sitio sobremaneira aprasivel e cercado de grandes moutas, no kilometro 26, d'esta linha ferrea, e perto da estação chamada da Trófa, está construida a formosa ermidinha, dedicada a Nossa Senhora das Dores, á qual se faz todos os annos uma grande festividade, e concorridissimo arraial, no dia 15 de agosto. Ha então, comboios a preços reduzidos, em todas as estações da linha.

Da estação do Pinheiro (Porto) chegam aqui muitos comboios cheios de romeiros, e o mesmo de outras localidades distantes; além dos trens particulares, cavalgaduras e ranchos que veem de differentes partes. Muitos, levam cestos, malas e trouxas com os competentes *merendeiros;* outros levam violas, rabecas, clarinetes, bombos, etc., que tangem em todo o caminho e no arraial, dançando homens e mulheres, ao som d'estes instrumentos.

No vasto e lindissimo arraial, ha muitas barracas, com vinho e comidas, doces e outros generos. Tudo desapparece, apezar dos *farneis* bem recheados que para aqui são conduzidos.

Depois da festa de egreja, ha procissão de tarde, com 6 andores, quasi todos de uma altura consideravel, que é o luxo d'estas terras. Cada um, é levado por VINTE homens!

São sempre muitos os anjinhos, vestidos com grande magnificencia, e carregados de grossos cordões de ouro, em tanta quantidade, e de tão grande pêso, que as pobres creanças vão ajoujadas.

Finalmente, no Minho, onde ha tantas e tão brilhantes romarias, é esta uma das mais concorridas.

Ha uns poucos d'annos, que o opulento proprietario e capitalista, o sr. commendador Manuel José Ribeiro, é juiz d'esta festa, com a qual dispende em cada anno mais de 500$000 réis!

TRÓFA — pequena villa, Douro, comarca e concelho d'Agueda (foi da mesma comarca, mas do supprimido concelho do Vouga) 1 kilometro a S. E. da esquerda do Vouga, 7 a N. N. O. d'Agueda, 45 ao N. de Coimbra, 250 ao N. de Lisboa, 282 fogos.

Em 1768, tinha 192.

Orago, o Salvador.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Os Lemos, senhores da Trófa, apresentavam o prior, que tinha 300$000 réis de rendimento.

Para etymologia, vide a *Trófa* antecedente.

É povoação muito antiga. O rei D. Manoel lhe deu foral, em Lisboa, a 20 de março de 1517. (*Livro de foraes novos da Extremadura. fl. 254 v.s. col. 1.a*)

No tempo dos reis de Leão, servia o rio Vouga, n'estes sitios, de limite entre os territorios mouros e christãos, por isso os árabes deram a esta villa o nome de *Tarufa.*

Segundo se deduz de uma certidão, que existe no archivo do cabido de Coimbra, e que concorda com a tradição, a primittiva egreja matriz d'esta freguezia, estava na al-

---

[1] Mas temos tambem *trófa,* ou *trufa,* portuguez antigo, que significa, — gracejo, escarneo, zombaria: hoje diz-se *tróça. Trofar* ou *trufar,* era sinonymo de escarnecer, achincalhar, etc. — Descancem porém os das Trófas, que não vem d'este verbo a etymologia do seu nome; mas de *extremidade, termo, fim,* etc.

deia de Covellas, ao N. da villa; e aqui teem apparecido muitos objectos antigos, subterrados, como calumnas ou pilares de pedra, calices, tijolos, etc. — O passal do parocho, é tambem ainda em Covellas. No local onde era a antiga egreja, ainda ha poucos annos se acharam ossos humanos, tijolos, azulejos, e alicerces de paredes.

Na citada certidão diz o tabellião, José Monteiro Soares, que o reverendo conego cartonario do cabido de Coimbra lhe apresentára um caderno de quarto escripto em folhas de pergaminho cosido, mas não encadernado, e que continha o seguinte: = «N.º 110 = Jesus = livro do tombo da Igreja do Salvador da Trófa, e cousas que a elle pertencem e são da dita Igreja — Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil e quinhentos e cincoenta annos, aos desanove dias do mez de Setembro do dito anno, em o logar de Cristovães, termo da villa da Trófa, e ás portas das casas de Dominge Annes, hi morador, Juis Ordinario por Elle-Rei Nosso Senhor, ho presente anno em a dita villa e termo, logo hi presente o dito Juis apareceo Manoel Alvres Crelligo de Missa e Cura da Igreja do Salvador da Trofa, em nome de Antonio de Cabedo Priol da dita Igreja, requeria ao dito Juis que lhe fizesse Tombo das propriedades e cousas, que pertenciam á dita Igreja do Salvador, conforme a constituiçam do Senhor Bispo de Coimbra, e mandase hi vir as pessoas que trasiam os passaes e propriedades ho que pagavam á Igreja do Salvador, e por seu juramento decrarasem o que pagavam.... logo o dito Juis mandou vir hi Pero Vas, da Trofa, e Joam Gonçalves, de Cristovães, e Pero Anes, de Cristovães, e lhes deu o juramento dos Santos Evãgelhos, que elles disesem e decrarasem todas as propriedades que trasiam da dita Igreja do *Salvador de Covellas,* e que a ella pertenciam e asi ho que pagavam etc.» Até aqui o que consta da certidão, que vae copiada com a propria orthographia. Agora sobre os motivos, que determinaram o povo d'esta freguezia a abandonar a egreja de Covellas e a edificar outra no logar da Trófa, consta por tradição que, estando a dita egreja de Covellas em estado de ruina e grassando então ahi uma grande epidemia, muitos dos seus moradores fugiram para um sitio perto do logar da Mourisca, a que hoje se chama *as Choupanas* (das choupanas ou cabanas que construiram para se abrigarem), e outros para o logar de Cristovães; e como por essa occasião já os fidalgos da Trófa aqui existiam, offereceram a sua capella particular, para capella-mór de uma egreja, que alli edificassem, dando o terreno necessario para isso, mas com a condição de elles fidalgos ficarem com o direito de apresentarem o parocho (direito que até então residia no povo d'aquella freguezia de Covellas.) Acceite a proposta dos fidalgos e edificada a nova egreja, ficaram estes com o direito d'apresentação, o qual depois passou para a familia do sr. conde de Mello, Pedro de Mello Breyner, que foi o ultimo senhor donatario da villa da Tròfa. Ignora-se a data da fundação d'esta egreja.

A capella-mór, que fôra a capella dos fidalgos da Trófa, é a parte mais importante da egreja, pelos primorosos ornatos com que estão lavrados os mausoléos dos Lemos, senhores d'este logar. São quatro os mausoléos e acham-se, dois de cada lado, embebidos nas paredes, debaixo de arcos, forrados de pedra de Ançan, com muitos e delicados lavores, tendo no centro as armas reaes, sendo duas tombadas. Sobre o túmulo da parte da Epistola, vê-se de joelhos e com as mãos erguidas, uma estatua da mesma pedra, representando o vulto de um guerreiro, do tamanho natural: ao lado vê-se a viseira, tambem de pedra. O tumulo tem esta inscripção:

AQVI IAZ DVARTE DE LEMOS FILHO QVE FOI
DE IOAM GOMEZ DE LEMOS E NETO DE GOMES
MIZ O QVAL POR SERVIÇO DE DS E POR ONRA
DE SVA LINHAGEM MÃDOV FAZER ESTA CAPELA
PERA SEV PAI E AVOOS PERA SI E PERA
SVA MOLHER E FOI FEITA ESTA GAPELLA NA ERA
DE MIL S84 ANOS O QVAL FALECEV AOS VINTE
E SETE DIAS DE JVNHO ANO DE IS83 (1588.)

Esta inscripção está em parte quasi inintelligivel.

O segundo túmulo da parte da Epistola tem este epitaphio:

AQUI IAZ DONA IOANA DE MELO MOLHER
QVE FOI DE DVARTE DE LEMOS
E QVAL FALECEO AOS DOZE DIAS DO MES
DOTVBRO ANO DE MIL . S . Z . 9

Sobre este tumulo está collocada uma urna de pedra, obra de merecimento artistico pelos muitos ornatos, lavrados com grande perfeição, mas muito mal conservada, como tudo o mais. Não tem inscripção alguma.

Sobre o primeiro tumulo do lado do Evangelho acha-se uma urna com esta inscripção:

ÃQVI IAZ IOAW GVOWEZ DE LEWOS FILHO DE
GVOWEZ WARTIZ DE LEWOS QVE FOI HO
SEGUWDO SNOR DESTE LVGVAR FALECEU
NA HERA DE IS

O tumulo tem o seguinte epitaphio, no centro do qual se acham esculpidas as armas ou brazão de Lemos.

AQVI IAZ GVOMEZ MARTIZ DE LEMOS
QVE FOI FILHO DE GVOMEZ MARTIZ DE LEMOS
O VELHO SENHOR DE GVOES O QVAL FOI
O PRIMEIRO SENHOR DESTE LVGAR FALECEO
NA HERA DE MIL E QVATRO CEMTOS
HE NOVEMTA ANOS

Sobre o segundo tumulo do lado do Evangelho vê-se uma outra urna com a seguinte inscripção:

ÃQVI IAZ DONA VIOLANTE DE SEQVEIRA
WOLHER QVE FOI DE JOAW GVOWEZ DE LEWOS
FALECEO NA HERA DE IS

O tumulo, sobre que assenta esta urna, tem a seguinte inscripção, e no centro d'ella as armas reaes:

AQVI IAZ DONA MARIA DAZEVEDO FILHA QUE FOI
DALVARO DE MEIRA E MOIHER QVE FOI
DE GVOMES MARTIZ DE LEWOS E FALECEO
NA ERA 1483 [1]

—

Dou os meus cordiaes agradecimentos, ao sr. doutor Venancio Dias de Figueiredo Vieira, da villa d'Eixo, pelos curiosissimos apontamentos que acabam de lêr-se, e que teve a bondade de mandar-me, com respeito a esta freguezia.

—

O senhorio de Trófa, era hereditario na familia de Lemos, em que se continuou desde Gomes Martins de Lemos, *o Moço*, que foi 1.º donatario, até Diogo Gomes de Lemos, entrando n'elle a varonia de — Carvalhos e Vasconcellos — pelo casamento de sua filha D. Jeronyma de Lemos com Jeronymo de Carvalho e Vasconcellos. —

Tambem o eram de Jalles e Alfarella, e na villa da Trófa, cujo senhorio comprehendia varios logares, eram senhores do rio Vouga, em que sem sua licença se não podiam armar redes, nem pescar, *na distancia de seis leguas*, até entrar na barra! E todos os barcos que passavam com carregação, a hir e vir da *villa* d'Aveiro, pagavam portagem ao respectivo donatario, conforme o foral d'el-rei D. Manuel.

— *Giral Martins de Lemos*, era terceiro neto de D. Lopo Affonso de Lemos, que passou a Portugal, irmão de D. Diogo Lopes de Lemos, representante da casa dos senhores de Lemos, em Galliza, condes d'Amarante, que são cabeça d'esta famila em Castella, e do Mestre de S. Thiago D. Sancho Fernandes de Lemos. Era fidalgo honrado de Lisboa, em tempo dos reis D. Fernando e D. João I, e foi o progenitor da casa e familia de Lemos em Portugal, de que são cabeça os senhores da Trófa, trazendo por armas em campo vermelho 5 caderuas de crescentes de ouro em aspa, apontadas: e por timbre uma aguia vermelha, armada de prata, assentada sobre um ninho de sua côr com uma caderna das armas nos peitos.

Casou com D. Berengueyra Annes.

— *Gomes Martins de Lemos*, aio do 1.º duque de Bragança, foi senhor d'Oliveira do Conde e achou-se na tomada de Ceuta, na qualidade de capitão de Galés.

Casou com D. Mecia Vasques de Góes, filha de Fernão Vasques, senhor de Góes.

— *Gomes Martins de Lemos*, o *Moço*, 1.º senhor de Trófa, de juro e herdade, com jurisdicção e imperio para elle e seus descendentes varões, por carta passada em Evora a 13 de novembro de 1449. Foi fidalgo da casa d'el-rei D. Affonso V e do conselho do mesmo rei, que lhe deu tambem a Pampi-

[1] Os mm da 1.ª, 3.ª e 4.ª inscripcão d'esta columna, estão voltados como aqui se veem. Não sei a causa d'esta extravagancia!

lhosa com suas jurisdicções, por carta passada em Ceuta aos 12 de novembro de 1458, e a terra d'Alvaro, por carta passada em Coimbra aos 16 d'agosto de 1472.

Casou com D. Maria d'Azevedo e Meira, filha d'Alvaro de Meira, senhor de Jales e dos direitos reaes das terras d'Entre Homem e Cávado, e de D. Maria d'Azevedo.

— *João Gomes de Lemos*, 2.º senhor da villa de Trófa e mais terras de seu pae, que lhe confirmou el-rei D. Manuel, em Evora, aos 7 de novembro de 1497. Foi fidalgo da sua casa.

Casou com D. Violante de Sequeira, filha de Pedro Affonso d'Aguiar.

— *Duarte de Lemos*, 3.º senhor da villa da Trófa e mais terras de seu pae, que lhe confirmou el-rei D. Manuel, por carta de 8 de julho de 1514. Foi fidalgo da sua casa, commendador de Castelejo, na Ordem de Christo e capitão d'uma armada na India, em tempo do vice-rei D. Francisco d'Almeida. Diz o auctor dos — Commentarios do grande Affonso d'Albuquerque, — em cujo tempo foi capitão-maior da Costa de Cambaya, que fôra o maior homem que em seu tempo houvera em Portugal e muito arrogante.

Casou com D. Joanna de Mello, filha de Alvaro Nogueira de Brito.

— *João Gomes de Lemos*, 4.º senhor da villa da Trófa e mais terras de seu pae, fidalgo da casa real, com a moradia de 2$160 réis por mez e um alqueire de cevada por dia (1537).

Casou com D. Leonor Pinheiro, filha de Jorge de Cabedo e de D. Thereza Pinheiro, irmã de D. Gonçalo Pinheiro, bispo de Vizeu.

— *Duarte de Lemos*, 5.º senhor da villa da Trófa e mais terras de seu pae por carta de confirmação de el-rei D. Sebastião de 1 de agosto de 1576, fidalgo da casa real. Seguiu o partido de D. Antonio, prior do Crato, pelo que foi condemnado á morte, que se lhe perdoou a rogos de Maria da Visitação, freira da Annunciada, que diziam era santa. Foi este que se precipitou a cavallo da ponte de Coimbra para não passar por D. Filippe II nem voltar para traz.

Está a sua estatua de relevo inteiro, vestida d'armas brancas, na capella da Trófa, onde estes fidalgos tinham magnificos jazigos.

Casou com D. Maria de Távora, filha de Jorge Garcia Maldonado e de D. Izabel de Tavora.

— *Diogo Gomes de Lemos*, 6.º senhor da villa da Trófa e mais terras de seu pae, cujo senhorio lhe confirmou D. Filippe III, aos 3 de julho de 1617, fidalgo da casa real.

Casou segunda vez com D. Guiomar de Almeida, filha d'Antonio Lopes de Carvalho e de D. Catharina Borges d'Ameida.

— *D. Jeronyma de Lemos*, que casou com Jeronymo de Carvalho e Vasconcellos, fidalgo da casa real, senhor do mórgado da Lamaroza, filho de Pedro de Carvalho e Vasconcellos, fidalgo da casa real, senhor do dito mórgado, e de sua segunda mulher D. Guiomar de Carvalho da Fonseca, neto de Christovão Mendes de Carvalho e Vasconcellos, fidalgo da casa real, desembargador do paço, chanceller mór do reino, fundador do mosteiro das freiras de Trancozo e do hospital de Tentugal, e instituidor do mórgado de Lamaroza, e de sua segunda mulher D. Francisca Couceiro, e bisneto de Ruy Mendes de Vasconcellos, pagem da lança d'el-rei D. João II e contador de Entre Douro e Minho e de sua mulher D. Anna Rodrigues de Carvalho—ella da familia de Carvalho e elle da de Vasconcellos — e descendente por linha masculina do valoroso Martim Moniz, morto heroicamente na porta do castello da cidade de Lisboa quando el-rei D. Affonso Henriques a tomou aos mouros.

— *Bernardo de Carvalho e Lemos*, 8.º senhor da villa da Trófa, Jalles e Alfarella, que lhe confirmou el-rei D. Pedro II, aos 7 de maio de 1699, por successão a seu tio João Gomes de Lemos, irmão de sua mãe D. Jeronyma de Lemos, que fôra 7.º senhor da dita villa e mais terras de seu pae, por carta de confirmação d'el-rei D. João IV, de 22 d'agosto de 1652. Foi fidalgo da casa real, commendador da Ordem de Christo e senhor do Morgado da Lamaroza.

Casou com D. Maria Magdalena de Souza de Menezes, filha de Manuel de Souza de Menezes e D. Margarida Christina de Souza

e Vasconcellos, da antiga casa de Figueiredo das Donas.

Luiz Thomaz de Carvalho Lemos e Vasconcellos, 9.° senhor da villa da Trófa e mais senhorios de Jales e Alfarella, por confirmaçãs d'el-rei D. Pedro II, de 15 de março de 1705, fidalgo da casa real.

Casou com sua prima co-irmã D. Caetana Rita Venancia Felicia Bernardina Margarida de Roxas e Contreiras, filha de Pedro de Roxas d'Azevedo, fidalgo da casa real, alcaide mór de Portalegre e conselheiro da fazenda, e de D. Joanna Michaela de Noronha e Menezes.

— *Bernardo Manuel de Carvalho e Lemos Vasconcellos e Almeida,* 10.° e ultimo senhor da villa da Trófa e mais senhorios por confirmação d'el-rei D. José I de 2 de novembro de 1757, foi fidalgo da casa real e coronel de milicias de Lisboa.

Casou na casa dos condes da Cunha e familia Corrêa de Sá (Asseca) e d'ambos os matrimonios sem successão.

— *D. Joanna de Roxas e Lemos,* sua irmã. Casou com Francisco Luiz Pequeno Teixeira Vahia, senhor dos mórgados de Bustéllo e Adães.

— *Manuel de Roxas e Lemos Peqveno Chaves Teixeira Vahia,* senhor dos mórgados de Bustéllo e Adães e por seu tio materno, Bernardo Manuel de Carválho e Lemos Vasconcellos e Almeida, senhor do mórgado da Lamaroza e mais vinculos da sua casa.

Casou com sua prima co-irmã D. Isabel de Roxas e Lemos Carvalho de Menezes, condessa de Subserra, dama da Ordem de Maria Luiza em Hespanha e filha de seu tio materno Pedro de Roxas e Azevedo de Carvalho e Lemos, fidalgo da casa real, tenente de cavallaria e commendador da Ordem de S. João de Jerusalem (irmão de Bernardo Manuel de Carvalho e Lemos, 10.° senhor do Trofa.)

— *D. Maria Mancia de Lemos Roxas Carvalho e Menezes Pequeno Chaves Teixeira Vahia,* condessa de Subserra, condessa e marqueza da Bemposta, dama da rainha, senhora do morgado da Lamaroza e mais vinculos da casa de seu pae.

Casou duas vezes: 1.ª com seu primo Fradique Lopes de Sousa d'Alvim e Lemos, fidalgo da casa real, 22.° senhor das terras de Bordonhos e seus padroados e mais mórgados da casa de seu pae, conde de Subserra, do conselho d'el-rei D. João VI, commendador da Ordem de Christo, cavalleiro da Legião d'Honra, em França, addido á embaixada portugueza junto á côrte de Madrid e tenente coronel ajudante do Sr. D. Miguel, quando foi nomeado commandante em chefe do exercito, em 1823; 2.ª com Theodoro Estevão de Larue, conde de Saint-Leger, 2.° conde e 2.° marquez da Bemposta, tenente general, de cujo matrimonio nasceu uma unica filha, sr.ª D. Maria Izabel, casada com o actual conde de Rio Maior.

Linha de Bordonhos

Recahindo aquella linha em senhora, por morte do 10.° e ultimo senhor da Trófa, Bernardo Manuel de Carvalho e Lemos Vasconcellos e Almeida, passou a primogenitura da varonia dos senhores da Trófa para os senhores da casa de Bordonhos, em virtude do casamento do immediato varão.

Xavier Francisco de Souza e Lemos, fidalgo da casa real, segundo filho de Bernardo de Carvalho e Lemos, 8.° senhor da Trófa e de sua mulher D. Maria Magdalena de Souza de Menezes.

Casou com D. Thomazia Margarida de Souza, filha unica e herdeira de Diogo Lopes de Souza Alvim fidalgo cavalleiro, com a elevada moradia de 2$500 réis por mez e um alqueire de cevada por dia, e são 900 réis mais além da moradia ordinaria do primeiro fôro, distincção concedida ao fôro d'esta familia por alvará de 20 de dezembro de 1642; cavalleiro da Ordem de Christo, 18.° senhor da casa e terras de Bordonhos e seus padroados e administrador d'este mórgado e dos mais da casa de seu pae, e de sua mulher D. Maria Josepha Luiza d'Almeida Castello-Branco, senhora da casa e mórgado de Santar.

— *Fradique Lopes de Souza e Lemos,* fidalgo da casa real, cavalleiro da Ordem de Christo, 20.° senhor da casa e terras de

Bordonhos e seus padroados e administrador d'este e dos mais morgados da casa de sua mãe.

Casou com sua prima co-irmã D. Anna Rufina de Roxas e Lemos Carvalho e Menezes, filha de seu tio Luiz Thomaz de Carvalho e Lemos, 9.º senhor da Trófa e de sua mulher D. Caetana Rita Venancia Felicia Bernardina Margarida de Roxas e Contreiras.

— *Ruy Lopes de Souza e Lemos*, fidalgo da casa real, cavalleiro das Ordens de Christo e S. Thiago da Espada, 21.º senhor da e terras de Bordonhos e seus padroados casa e administrador d'este e dos mais mórgados da casa de seu pae.

Casou com D. Antonia Adelaide Taveira de Lira e Menezes, filha de Manuel Teixeira Pimentel de Carvalho, fidalgo da casa real e de sua mulher D. Roza Ermelinda de Lira e Menezes.

— *Diogo Lopes de Souza d'Alvim Lemos e Menezes*, moço fidalgo com exercicio no paço, cavalleiro da ordem de S. João de Jerusalem, official de cavallaria, 23.º senhor da casa e terras de Bordonhos e seus padroados, 13.º administrador do mórgado do Pinheiro e 8.º do de Santar, por successão a seu irmão Fradique Lopes de Souza d'Alvim e Lemos, conde de Subserra, de quem já se fallou.

Casou com D. Margarida Augusta de Mello de Souza e Menezes de Figueiredo e Castro, sua prima, filha de José de Souza de Menezes d'Almeida e Vasconcellos e de sua mulher D. Maria Rita de Mello Vilhena e Castro.

— *Ruy Lopes de Souza d'Alvim e Lemos de Carvalho e Vasconcellos*, 24.º senhor da casa de Bordonhos, 14.º e ultimo administrador do mórgado do Pinheiro e 9.º do de Santar; é d'esta familia o actual varão representante.

—

Diz o auctor da *Chorographia Portugueza*, que o sangue dos Lemos toca a muitos grandes senhores d'este reino e do de Castella, porque de D. Mecia de Lemos, filha de Gomes Martins de Lemos, 1.º senhor da Trófa, e dama da rainha D. Joanna de Castella, descendem os condes de Saldanha, duques do Infantado, os condes de Cenete, os principes de Melito, duques de Frãca Villa, Pastrana, Hyjar, Medina Sidonia e os marquezes d'Alemquer; e pelo casamento da mesma senhora com João Alvares da Cunha, senhor de Pombeiro, os condes de Pombeiro, os de S. Thiago, o marquez de Montebello e outros muitos a que abrange este sangue.

E da referida D. Mecia de Lemos, era a 5.ª neta, e 6.ª de seu pae o 1.º da Trófa, a rainha D. Luiza de Gusman, esposa do 8.º duque de Bragança, depois el-rei D. João IV de Portugal.

Os herdeiros de Sebastião de Castro Lemos Magalhães e Menezes, ainda possuem n'esta freguezia, bastantes fóros, que foram dos mais antigos donatarios.

(Vide *Bordonhos, Côvo, Santar e Subserra.*)

—

Os donatarios, tinham o *direito de portagem*, do Vouga, na extensão de 35 KILOMETROS!

Esta familia (dos Lemos) é originaria da Hespanha. O seu appellido, foi tomado da villa de Lemos, na Galliza.

D. Lopo Lopes de Lemos, veio para Portugal, em 1350 (no reinado de D. Affonso IV.)

O brazão d'armas dos Lemos, é incompleto, a saber — em campo de púrpura, 5 cadernas de crescentes, d'ouro, em áspa: êlmo de aço, aberto; e por timbre, uma aguia, de púrpura, bicada d'ouro, assentada sobre um ninho de silvas verdes, com uma das cadernas das armas no peito.

Outros Lemos, trazem por armas — em campo de púrpura, 5 cadernas de crescentes de prata, em áspa, e o mesmo êlmo e timbre dos antecedentes.

Era da familia dos Lemos, da Trófa, o inclito DUARTE DE LEMOS, que (como já disse), sahindo de Coimbra, em 1582, chegando ao meio da pónte, viu entrar por ella, do lado do sul, a Philippe II. Preferindo a morte, a tirar o chapeu ao usurpador, se atirou, com o cavallo em que montava, abaixo da ponte!

Teve tanta fortuna (ou tão milagrosa foi a protecção Divina) que nem elle nem o ca-

vallo morreram, e ficaram quites apenas com léves contuzões.

N'esse tempo, ainda havia alguns verdadeiros portuguezes; e quando a maior parte dos fidalgos se tinham curvado gostosos ao ominoso jugo castelhano, Duarte de Lemos, mostrou que nem toda a nobreza de Portugal queria deshonrar os seus nobres ascendentes.

«Digno feito de ser no mundo eterno,
Grande no tempo antigo e no moderno.»

Ainda para a familia Lemos, veja-se n'este vol., a col. 2.ª de paginas 62, e 1.ª de pag. 63, — e a col. 2.ª de pag. 433. — *Marnel, e Portalegre.*

TROIA — Vide 5.º vol., pag. 407, col. 2.ª.

TROIA — Vide *Cetobriga* e *Setubal.* Depois de tudo quanto da *cidade morta*, de Cetobriga, disse no 2.º vol. e já n'este, teem havido aqui mais escavações, que deram resultados summamente satisfatorios, e que provam a remotissima antiguidade d'esta povoação.

O doutor Schliemann, encontrou subterrados entre cinzas, preciosos objectos, consistindo em armas de bronze; copos com azas; braceletes; agulhas de marfim, de 0m,14 de comprido; joias de ágatha; idolos de marmore; uma *pepita*, d'ouro, (como se teem encontrado nas minas da Australia.) Misturados com estes objectos, achou aquelle illustre archeologo, centenares de martellos de pedra, da classe primitiva; vasilhas de barro, feitas á mão — menos os pratos, que parecem os primeiros ensaios do emprego do torno.

Dentro de uma urna, que continha ossos, cinzas e outros fragmentos, estava um pedaço de *porcellana egypcia, verde lustroso;* sendo esta a primeira que se encontrou n'estas ruinas.

Nove metros abaixo da superficie da collina, achou uma roca de madeira, de 2m,30 de comprido, *carregada* com fios de lan, postos no sentido longitudinal, mas todos negros, como carvão, parecendo terem sido queimados.

—

Na *Costa da Gallé,* ao S. da facha de terra onde jazem as ruinas de Cetobriga, acharam uns pescadores, muitas moedas de prata, algumas do nosso rei D. Sebastião, e a maior parte, do tempo dos Philippes. Parecia terem antes estado soterradas, sob uma camada de argilla, que o mar desfez, por occasião do terramoto de 11 de novembro de 1858, deixando a descoberto o tal *deposito.*

TROLHO — A 16.ª parte de um alqueire, ou uma maquia. Medida usada nas margens do Lima.

TROM — port. ant. — trovão, tiro de artilheria, e tambem a mesma artilheria. (Vide no 1.º vol., pag. 137, col. 2.ª.)

TROMARICO — foi uma *villa* (provavelmente casa de campo) na provincia do Minho. Não existe de tal povoação outra memoria, senão uma escriptura de venda, feita por D. Flamula, ao abbade Gonta, em 1002. (*Livro de Mumadona,* no cartorio da Collegiada de Guimarães.)

TROMBAS — port. ant. — insignias, sceptros, ou maças, usadas nas cathedraes e nas collegiadas mais insignes. Ainda se diz *maças.*

TRONCO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Monforte do Rio Livre) 80 kilometros ao N. O. de Miranda, 435 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1768, tinha 63.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Bispado de Bragança, districto administrativo de Villa-Real.

O reitor da Castanheira, apresentava o cura, que tinha 50$000 réis de rendimento.

Fertil. Gado e muita caça.

Chama-se *Tronco*, ao meio ou parte principal de uma procissão, e tambem á prisão ecclesiastica.

TROPÊÇO — port. ant. — banco tôsco, feito de cortiça. Ainda se uza na Beira Baixa.

TROPÊÇO — freguezia, Douro — Vide *Marinha (Santa) de Tropêço.*

TROPORIZ — Vide *Torporiz.*

TROUXEMIL, ou TREIXOMIL — freguezia, Douro, concelho, comarca, districto ad-

ministrativo, bispado e 6 kilometros ao N. de Coimbra, 220 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1768, tinha 138.

Orago, S. Thiago, apostolo.

A mitra apresentava o prior, que tinha 200$000 réis de rendimento.

Fertil — gado e caça.

TROVELLA, ou **CORNILLA** — pequeno ribeiro, Minho. — Nasce na freguezia da Correlhan, e morre na esquerda do rio Lima.

Já no anno 1061 de J. C., tinha estes nomes.

TROVISCADA — Vide *Reguengos*, ou *Villa Nova de Reguengos.*

TROVISCAL — freguezia, Douro. concelho e 8 kilometros a O. S. O. d'Oliveira do Bairro, comarca da Anadía, 35 kilometros a N. O. de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 320 fogos.

Em 1768, tinha 123.

Orago, S. Bartholomeu, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

O prior de Oliveira do Bairro, apresentava o cura, que tinha 70$000 réis de congrua.

Muito fertil. Gado, caça e peixe do mar, que lhe fica proximo, ao O.

TROVISCAL — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Certan, 12 kilometros do Cráto, 190 ao S. E. de Lisboa, 275 fogos.

Em 1768, tinha 187.

Orago, S. Vicente, martyr.

Patriarchado de Lisboa (por lhe estar annexo o grão-priorado do Cráto.) Districto administrativo de Castello-Branco.

O grão-prior do Cráto, apresentava o *reitor-cura*, que tinha 120 alqueires de trigo, 20 almudes de vinho e 2$000 réis em dinheiro, de rendimento annual.

Terra muito fertil em cereaes, grande abundancia de gado e caça.

TROVISCOSO — freguezia, Minho, comarca e concelho de Monsão, 60 kilometros ao N. O. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1768, tinha 111.

Orago, S. Mamede.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O mórgado de Barbeita, apresentava o reitor, collado, que tinha 70$000 réis de rendimento annual.

O primeiro padroeiro d'esta egreja foi Vasco Marinho, que a deu ao rei D. Manuel, para n'ella fazer a commenda a Lôpo Malheiro, de Ponte do Lima, casado com D. Margarida Marinho, filha do tal Vasco. Depois, os Marinhos, deram este padroado aos mórgados de Barbeita, em troca de certos bens da casa da Agra.

Ha aqui o antigo solar dos Cordeiros, hoje dos Palhares, descendentes da famosa *Deu la Deu Martins.* (Vide *Monsão.*)

É tambem n'esta freguezia, a *Quinta da Pedra*, da nobilissima familia *Almada*, senhora da capella da matriz, onde foi sepultada a tal *Deu la Deu.*

Foi commendador de Troviscoso, o tenente general, Gonçalo Pereira de Caldas — e João da Cunha, casado com D. Francisca, mórgada de Sende.

Muito fertil. Gado, caça e peixe do rio Minho e do mar, que lhe vem pelo mesmo rio.

Na aldeia de *Reiriz*, d'esta freguezia, nasceu, em 1791, D. José Manuel de Lemos. Recebeu ordens de presbytero, em 1816; tomou capêllo, em theologia, em 1824. Foi feito lente da sua faculdade (na Universidade de Coimbra) em 1840 e vice-reitor da mesma, em 1861 — bispo de Bragança, em 1854 — de Viseu, em 1856 — e, finalmente bispo-conde, de Coimbra, em 1858. Morreu n'esta cidade, em março de 1870.

Tudo quanto é, e quanto vale, o actual bispo conde, o sr. D. Manuel Correia de Bastos Pina (da freguezia de Carregosa, concelho de Oliveira de Azemeis) deve-o ao excellente prelado, D. José Manuel de Lemos, que desde o tempo de estudante (o actual bispo-conde) o tomou sob a sua protecção, e foi sempre seu dedicado amigo. Deve porém confessar-se que o sr. D. Manuel Correia, é dignissimo de tal protecção, e um dos bons prelados do continente. Filho de humildes, mas honradissimos lavradores, jámais nos seus sonhos da juventude,

se lhe afigurou vir a chegar ao que chegou; mas é digno da sorte que pelo Altissimo lhe foi destinada.

TRUTE — freguezia, Minho, comarca e concelho de Monsão, 54 kilometros ao N. O. de Braga, 415 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 172.

Orago, Santa Eulalia.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Os Palhares (descendentes de Deu la Deu) da casa e quinta de Trute — *Torre dos Palhares* — apresentavam o abbade, que tinha 230$000 réis de rendimento.

Estes padroeiros, bem como a sua progenitora, a immortal Deu la Deu Martins, procedem de D. Ero, conde de Lugo, e de D. Rodrigo conde de Monterroso (ambos na Galliza) D. Ero, vivia no tempo de D. Affonso Magno.

Foi ultimamente padroeiro d'esta egreja, Manuel Lourenço Palhares Coelho, coronel de milicias, assistente em Guimarães, senhor da casa dos Cordeiros, e da Torre dos Palhares, solar de que fallava o foral velho de Monsão, que se perdeu na ultima entrada dos gallegos, no Minho, em 1659. N'este solar e freguezia, nasceu a heroina Deu la Deu. Vide *Monsão.*

TUA — rio, Traz-os-Montes — Nasce na Galliza, proximo á aldeia de Avioso, com o nome de *Tuano* (vide *Mirandella*) e entra na direita do Douro, abaixo de Anciães, e proximo de S. Mamede de Riba-Tua. Tem na Galliza, 40 kilometros de curso, e em Portugal, 80 — ao todo, 120. Rega grande numero de terras, e as suas aguas servem de motor a muitos moinhos, lagares d'azeite, e pisões. Vide *Mirandella.*

TUDE — nome proprio d'homem. Hoje diz-se *Antidio.*

TUDO — port. ant. — tido, havido.

TUELLA — um dos principaes confluentes do Tua. Nasce tambem na Galliza. Entra em Portugal, pela aldeia de Moimenta, e correndo pelos concelhos de Vinhaes e extincto da Torre de Dona Chama, entra no Tua, depois de um curso de 105 kilometros. Rega e móe.

TUÍDE — aldeia, Minho, da freguezia de Gandara, concelho de Valença. Segundo Argote, na margem esquerda do rio Minho, existiu um antiquissimo castello, no mesmo logar onde está fundada a nossa praça de Valença — ou muito proximo a ella — chamado *Castello de Tuy.* (Vide *Valença.*)

Faria e Souza, diz que existiu na Lusitania, septentrional, uma cidade, muito mais antiga do que a actual cidade gallega, de Tuy, sobre a direita do rio Minho, e em frente de Valença, e que, por isso, se deu áquella o nome de *Tuy Velha, que é hoje a aldeia de Tuide, na freguezia da Gandara.* Será; mas o que é certo, é não haver hoje aqui o minimo vestigio de antiga povoação, ou de um castello qualquer. Vide 3.º vol., pag. 257, col. 1.ª — a 2.ª *Gandara.*

TUIZÊLLO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes (foi da comarca de Bragança, extincto concelho de Santalha.) 80 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1768, tinha 135.

Orago, Santo André, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A mitra, apresentava o reitor, que tinha 42$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Antigamente escrevia-se *Tiozéllo.*

Tem annexa, a supprimida freguezia da Quadra. (8.º vol., pag. 5, col. 1.ª.)

Junto ao ribeiro de *Santa Maria,* d'esta freguezia, está a grande ermida de *Nossa Senhora dos Remedios* (que deu o nome ao ribeiro.)

Foi construida, pelos meiados do seculo XVI, com esmolas dos devotos, sendo o principal dos contribuintes, Gonçalo de Moraes Sarmento, nobre cavalleiro d'esta freguezia.

Tem uma formosa capella-mór, com seu altar, de talha dourada, e duas capellas lateraes, no corpo da egreja, tambem de talha dourada, e é uma das maiores ermidas do bispado.

Foi esta Senhora, objecto de grande devoção, dos povos d'estes sitios, e até da Galliza, pelo que eram aqui frequentes as romarias, em todo o decurso do anno, mas as principaes festas, eram a 15 de março e 8

de setembro, havendo então jubileu, concedido por breve pontificio. Teve uma numerosa irmandade, composta de clerigos.

Dentro da egreja, e junto ao altar de Santo Antonio, está uma fonte, cuja agua é bebida com grande devoção pelo povo, crendo que ella lhe cura os seus padecimentos.

Diz-se que a imagem da padroeira, foi achada junto á aldeia de Nogueira, em frente do sanctuario da Senhora da Serra, no sitio onde hoje se vê uma cruz. Proximo d'este sitio, está outra cruz, junto á *fonte do Peral*, a cuja agua tambem o povo attribue virtudes medicinaes.

TUNTOBRIGA — cidade antiquissima da Lusitania, na provincia do Minho. Suppõe-se ter existido no *monte Medulio* (serra d'Arga) mas ignora-se qual o logar do seu assento. Existia no tempo dos romanos, e Ptolomeu a sitúa em 8°,30 de longitude. Ainda existia no tempo de Theodomiro, rei dos suevos (558-570) pois ainda figura Tuntobriga na repartição que este monarcha fez das egrejas do Minho, para o bispado de Tuy.

TURCIFAL — freguezia, Extremadura, comarca, concelho e 8 kilometros ao S. de Torres Vedras, 45 kilometros ao N. de Lisboa. 590 fogos.

Orago, Santa Maria Magdalena.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

É povoação antiquissima, e foi cabeça de um concelho do seu nome, ha muitos annos supprimido.

Philippe III, fez marquez do Turcifal, a D. João Soares d'Alarcão, 9.º senhor, e alcaide-mór de Torres-Vedras.

O parocho, teve antigamente o titulo de cura, e era apresentado pelo prior da freguezia de Santa Maria do Castello, de Torres Vedras: depois passou a vigariaria perpetua, da apresentação da corôa.

A egreja matriz, de uma só nave, é das mais amplas e magnificas, das freguezias ruraes do patriarchado. É toda de cantaria, até as cimalhas da abobada, e com tribunas d'ambos os lados, com altar-mór, e 12 lateraes, no corpo da egreja. Tem de comprido, 22ᵐ,90 — e de largo, 10 metros. N'ella se veem muitas sepulturas com epitaphios brazonados, o que é uma prova das familias illustres que teem havido n'esta freguezia.

Foi concluida esta egreja, em 1751, e, em 21 de novembro d'esse anno, se fez a trasladação do S. S. Sacramento, para esta nova egreja, com uma solemnissima procissão, que levava mais de 200 padres.

Ignora-se a data da fundação da primitiva egreja; só se sabe que era muito antiga, sendo demolida, para no mesmo logar se fazer a actual. Duraram as obras, 41 annos, pois tinham principiado em 1710. Custaram mais de 408 mil crusados (160:000$000 rrs. !)

Em quanto duraram estas obras, serviu de matriz, a ermida do Espirito Santo, que era a egreja de uma antiquissima albergaria, administrada ultimamente, pela camara de Torres Vedras. (Ainda em setembro de 1876, foi vendido a Feliciano José de Vasconcellos, um fôro, pertencente a esta albergaria, e imposto em uma vinha, no sitio do Bóco.)

Ha n'esta freguezia as ermidas — de *Santo Isidoro*, da aldeia da Freixofreira — e de *Santa Margarida*, em *Majapão*, tinham tombo dos seus muitos bens, feitos em 1506, e 1540. Ambas tinham confraria.

Era n'esta freguezia a 14.ª estação do caminho de ferro Larmanjat, de Lisboa a Torres Vedras.

O sr. doutor Santos, tem aqui a bonita e grande *quinta das Maias*, ao N. da egreja, com uma formosa casa de campo.

O sr. doutor Fernandes, tem, á entrada da povoação, tambem uma boa quinta, com um palacete brazonado, e bonita capella annexa.

A uns 500 metros ao S. da egreja, está a quinta da *Chapoceira*, com optima casa de habitação. É do sr. Maximiano.

Faz-se aqui uma grande feira annual, no ultimo domingo de agosto.

Muitas noticias relativas a esta freguezia, se acham já mencionadas no artigo *Torres Vedras*, para onde remetto o leitor.

TURDETANIA — nome antigo do reino do *Algarve*. Vide esta ultima palavra.

TURDULOS — antigos lusitanos, que habitavam entre os rios Guadiana e Téjo.

Os *turdetanos*, eram os turdulos que habitavam no Algarve actual; mas os que estavam mais ao O., e nas proximidades do *Cabo Cuneo* (Cabo de S. Vicente) eram designados pelo nome de *cuneos* — todavia, todos eram *turdulos*.

Segundo os nossos antigos historiadores, os turdulos e celtas, alliados, accommetteram os povos que estanciavam na Lusitania septentrional (*limicos, ligoros, spacos*, etc.) e chegados ao rio Lima, apenas o passaram para a margem direita (N.) se moveu entre elles tal discordia, e morrendo o general, *esquecidos* da alliança que tinham feito, se espalharam pelo paiz. D'este facto nasceu, chamar-se ao Lima, *Rio do Esquecimento*. (Vide *Lima, rio.*)

Alguns escriptores, teem por fabulosa esta invasão dos povos meridionaes da Lusitania, na sua extremidade septentrional; porém Avieno, copiando de um escriptor contemporaneo d'esta invasão, diz: — «Se alguem, desde as *Ostreminias*, virar a embarcação para o rumo do N., entra na terra dos *ligoros*, falta de moradores, porque, *ha pouco tempo*, os expulsaram d'alli os celtas, com o seu exercito, em muitas batalhas. E os vencidos, vendo-se despojados, vieram para estas terras, cheias de horrorosos silvados, que hoje occupam. Alli, tudo é penedia, rochedos e montes, que se vão ao céu.

E esta gente fugitiva, muitos annos passou a vida entre penhascos, arredada do mar, porque o temia, em razão do antigo infortunio.»

Estes montes, para onde fugiram os habitantes das margens do Lima, são os que ficam sobranceiros e ao N. e N. O. da actual villa de Ponte do Lima, chegando até ao concelho de Coura e margens do rio d'este nome, e esquerda do Minho.

Por toda esta serrania, ainda hoje se veem ruinas de muitas povoações, o que confirma o que diz Avieno. Vide *Arga*, serra — e *Medulio*. (Póde ver-se tambem *Areosa*, *Afife*, *Ancora*, *Goutinhães* e *Molêdo*, freguezias situadas na vertente occidental da serra de Arga.)

TURIZ (ou **TOURIZ**) e **FRADÊLLOS** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde (foi da *transferida* comarca de Pico de Regalados, extincto concelho de Villa Chan) 9 kilometros ao N. de Braga, 368 ao N. de Lisboa, 195 fogos.

Em 1768, tinha, junta com Fradéllos, 122.

Orago, Santa Maria. (Nossa Senhora da Purificação — *Candeias*.)

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

São duas freguezias unidas ha mais de 200 annos. A freguezia de *Turiz*, tinha em 1768, 81 fogos.

A de *Fradéllos*, tinha por orago, S. Martinho, bispo, e 41 fogos em 1768.

São ambas curadas por um só parocho, abbade, que era apresentado por *giro*, por trez padroeiros — a casa da *quinta da Fraga* — a casa da *quinta da Penha de França* — e a famosa *casa da Tapada*. O abbade, tinha 320$000 réis de rendimento.

Foi em tempos remotos, do concelho de Larim, que ha muitos annos não existe, e está reduzido a uma pequena aldeia. (Vide *Larim* e *Villa Chan*.)

É povoação antiquissima, e foi villa, chamada *Tellìannes*, ou *Teudìlannes* (corrupção de *Tello Annes*, ou de *Theudo Annes*.) Segundo Argote, estava esta villa situada *debaixo* do monte Barbudo, aguas vertentes do rio Cávado.

Já no X seculo, aqui possuiam uma fazenda, *Affonso Guterres*, e sua mulher, *Adipia Sentaris*, que a venderam então, ao mosteiro de Santo Antonino.

TURODOS, ou **TUROLICOS**, ou **TUROLICENSES** — antigos povos que habitavam na margem esquerda do Minho, e cuja principal povoação era a cidade de *Aguas Laias*. (Vide *Lanhezes*, *Torre de Lanhellas e Udata Laia*.)

Na villa de Freixo de Numão, existiu um cippo, com esta inscripção: —

CATVENVS D.
OCQVIRINI F.
LARIB. TUROL —
IC. CONSACR.

(Á memoria dos deuses das casas dos turolicenses, dedicou, Catueno, decurião, filho de Ocquirino.)

Os *turodos*, eram um ramo dos *brâccaros*.

TURQUEL — villa, Extremadura, comarca, concelho e 12 kilometros ao S. d'Alcobaça (uma das 13 villas dos *coutos de Alcobaça*) 81 kilometros ao N. de Lisboa, 360 fogos.

Em 1768, tinha 249.

Orago, N. Senhora da Conceição.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Leiria.

O Dom abbade geral do convento de Alcobaça, apresentava o vigario, que tinha 200$000 réis de rendimento.

Fica entre as villas de Rio Maior e Porto de Mós.

O rei D. Mannel lhe deu foral, em Lisboa, a 15 de dezembro de 1512. (*Livro de foraes novos da Extremadura,* fl. 27 v. col. 2.ª) [1]

Foi por muitos annos, cabeça de um antigo concelho, composto d'esta freguezia e parte da freguezia da Benedicta.

Tinha paços do concelho, camara, juiz ordinario e mais empregados.

O seu velho pelourinho, que é uma curiosidade archeologica, foi pedido pelo sr. Joaquim Possidonio Narcizo da Silva, e levado em 1869 para o Museu Archeologico do Carmo, em Lisboa.

Hoje, pela nova divisão judicial, é Turquel um julgado da comarca d'Alcobaça, e séde de um juiz de paz, e de uma assembléa eleitoral.

Em antiquissimos documentos, dão-se a esta villa os nomes de *Turuquel,* e de *Turuquêllo.*

A villa estende-se de N. a S., pelo dorso de uma collina, que se eleva bastante do lado do sul. É talvez d'esta circumstancia que provenha o nome da villa, porque *turúco,* na lingua celtica, significa *monte* — vindo pois *turuquel,* ou *turuquêllo,* a ser diminutivo de *turúco* — isto é — pequeno monte.

Os antigos portuguezes, corromperam *turúco,* em *curúto,* e *turuqêllo,* em *curutêllo.* (O sr. Ribeiro, lhe dá outra etymologia, como adiante se verá.)

[1] O padre Carvalho, diz que D. Affonso Henriques lhe deu foral, em 1162, mas Franklin não menciona semelhante foral.

A povoação é atravessada pela nova estrada, d'Alcobaça a Rio Maior.

Ha nas suas immediações, dois chafarizes, de bôa agua, álem de varias nascentes da mesma.

Conta actualmente tres edificios religiosos: a egreja parochial, erecta e sagrada pelo Cardeal Rei, na qual é especialmente venerada por estes povos uma antiga imagem da Virgem, celebrada no *Santuario Mariànno* sob o titulo de *Senhora de Turuquel,* a egreja do *Senhor Jesus do Hospital,* fundada em 1762 na propria casa do hospital da Misericordia, e reconstruída em 1870; e a ermida de *Santo Antonio.*

Houve tambem n'esta villa uma egreja dedicada ao *Espirito Santo,* por occasião de cuja festividade havia sempre bodo, constante de carne, pão e vinho. Esta egreja foi pelo meiado do seculo XVII convertida em Misericordia, e poucos annos depois foi extincto o bodo.

Foi dada á villa, carta de povoação, pelos frades bernardos, senhorios d'estas serras, na era de 1352 (1314 de J. C.)

Em 1520, por provisão do abbade commendatario de Alcobaça, foi aqui erecta uma ermida, e dedicada a Nossa Senhora da Conceição. Esta ermida foi em 1528 convertida em parochia, com curato amovivel, por alvará do supradito commendatario. O Cardeal Rei finalmente, desmembrou-a em 1565 da matriz de Santa Maria de Aljubarrota, da qual era filial (distando d'ella quasi trez leguas!) e constituia-o em vigariaria perpetua, sujeita ao padroado do mosteiro de Alcobaça.

Foi o mesmo Cardeal-Rei quem mandou alguns annos depois accrescentar a ermida que servia de parochia, tornando-a um mais airoso e vasto templo, ornado de alguns retabulos de boa talha. Estes foram substituidos pelos actuaes, pelo meiado do seculo passado. — A primitiva torre dos sinos foi tambem transformada na que ora se vê, nos principios do seculo corrente.

Esta egreja foi, n'estas visinhanças, uma das mais ricas em vasos sagrados e alfaias preciosas.

A um kilometro a S. O. d'esta villa, e a

meia ladeira, N., d'um monte denominado hoje *Cabeças Ralas* (chamavam-lhe antigamente *Cabeça Rasa*, e ao seu cume *Outeiro da Fôrca*), existiu em tempos remotos uma ermida da invocação de S. Bartholomeu, da qual ainda ha vestigios. N'um documento do anno de 1352 (talvez da era de Cesar) já se faz menção d'esta ermida. É tradição que em antigos tempos foram aqui sepultados muitos dos que succumbiram a uma grande epidemia que grassou por estes sitios. Ossos quasi desfeitos, e diversos objectos encontrados ha poucos annos ao arrotear de uns terrenos circumjacentes, confirmam a tradição.

Proximo d'este sitio brota uma fontainha de excellentes aguas, a que chamam *Fonte Moreira.*

Descobre-se d'esta villa de Turquel um variado panorama. Á parte oriental desenrola-se uma vasta planicie, levemente ondulada, inculta na maior parte, e eriçada de penhascos em quasi toda a sua extensão. Forma lhe horisonte a sombria serra de Albardos.

Em toda esta plaga não brota um só manancial, não corre um unico arroio; durante as grandes invernias é porém atravessada por uma volumosa corrente (*Rio sêcco*), a qual chega muitas vezes a interceptar as communicações. A pouca distancia da villa ha tambem uma lagoa, a que chamam da *Ereira*, a qual nunca sécca.

Estes terrenos, baldios na maior parte, apresentam geralmente um aspecto triste e ingrato. Alguns olivaes; algumas tapadas; brenhas de carvalhos e carrasco; do restante apenas matto curto e rachitico vegeta por entre o pedregal.

Depara-se-nos comtudo em partes, por um capricho da natureza, grande copia de *rosas albardinas*, vicejando pomposamente por entre o fraguedo. Ha bastante analogia entre estas bonitas flores e as dhalias dos nossos jardins. — Encontra-se tambem quantidade de lirios roxos. Na serra e suas faldas ha grande abundancia de alecrim e rosmaninho.

Criam-se por estas charnecas muitos rebanhos de gado lanigero e caprino. Ha fornos de cal, pedreiras de cantaria, e variedade de alabastros gypsosos. Tem-se encontrado algum carvão mineral.

O solo d'esta parte da freguezia, é todo minado de algares e cavernas. Muitas vezes, ao agricultar de um terreno, ou ao arrancar de uma pedra, tem-se descoberto fundas voragens. A maior e mais notavel d'estas concavidades, é a denominada pelos povos d'estes sitios — *Casa da Moura.* É uma famosa gruta, situada n'um outeiro, adjacente á serra de Albardos, ao qual dão o nome de *Cabeço de Turquel.* Dista trez kilometros d'esta villa, para leste.

Dá ingresso para a gruta uma estreita fenda aberta no rochedo. Ao fim de alguns passos por entre apertada penedia, a qual fórma um como corredor, com bastante declive, ha uma espaçosa estancia que apresenta o mais original e curioso aspecto, pela phantastica decoração formada por infinitos stalactites e stalagmites, combinados de mil modos, e exhibindo as mais variadas e caprichosas fórmas, o que dá a este recinto a apparencia de um exquisito templo gothico.

D'aqui parte uma galeria, cujo solo vae gradualmente subindo, e cujas paredes e tecto são ornados tambem de engraçados arabescos, esbeltas columnatas e vistosos pingentes.

No extremo d'esta galeria, houve antigamente uma aberta, que dava communicação para o exterior.

O zeloso archeologo sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva veio em 1869 aqui observar esta gruta, e mandou n'ella proceder a excavações, descobrindo diversas camadas de cinzas e ossos. (Vide Albardos). O sr. Possidonio julga ter servido de necrópole, esta gruta, aos povos primitivos; e classifica de *dolmens* umas grandes pedras que, figurando enormes tumulos, avultam sobranceiras por entre a penedia de que está cravejada a planicie adjacente.

Passa n'este sitio, e a pequena distancia da gruta, a estrada real de Lisboa ao Porto, mandada construir por D. Maria I. Acha-se abandonada e em ruinas. Junto a esta estrada, e nos confins da freguezia, a N. E.,

ha uma paragem a que chamam *Cova da Vinha*, a qual se tornou tristemente celebre pelos roubos e assassinatos que ahi se praticavam.

Fórma perfeito contraste com esta árida região a paisagem que se patenteia a O. da villa, e cujos caracteres predominam em toda a parte occidental do territorio da freguezia. — Terreno muito accidentado, montes successivos separados por valles profundos, vegetação soberba e variada, abundancia de aguas nativas.

Os suburbios da villa a esta parte são lindos, e offerecem uma agradavel perspectiva a quem os observar do alto da collina fronteira. Formam um conjuncto harmonioso e deleitavel, os pomares, soutos, hortas e laranjaes, distribuidos em pequenas propriedades, divididas entre si por cercaduras de viçosos arbustos e copadas arvores, e elevando-se graciosamente dispostos em vasto amphitheatro, desde o regato que tem sua origem no chafariz da villa, e que é ladeado de bem cultivadas hortas, até á longa fieira de casas que se prolonga pelo alto do monte. Esta amena e deliciosa estancia foi com muita propriedade appellidada por um illustre visitante — *Valle dos rouxinoes.*

—

As principaes producções agricolas da freguezia de Turquel são azeite e cereaes. É abundante de caça, tanto rasteira como do ar.

Os frades bernardos, possuiam aqui, além de outras propriedades, as quintas de *Valle de Ventos* e da *Granja.* A primeira, situada nas abas da serra de Albardos, é rica de excellentes olivedos; a ultima recommendava-se pelas excellentes fructas que produzia. (Vide *Albardos,* ou *Alvados*)

—

O nome de *Turquel,* antigamente *Turuquel* ou *Turuquêllo,* parece ser a corrupção de *Turtur querula,* titulo que primitivamente seria dado á imagem da padroeira, cujo menino segura uma rolinha *(turtur)* n'uma das mãos.

Diz-se no *Sanctuario Marianno,* que esta imagem fôra mandada fazer por D. Affonso Henriques; que havia notavel conformidade entre ella e a que se venerava em Alcobaça, na antiga egreja do primeiro convento; e que constava do cartorio do mosteiro de Alcobaça nomear-se *Senhora de Turuquel,* muito antes que aqui houvesse parochia.

Viveu aqui no seculo passado um homem cuja erudição o tornou conhecido e respeitado, e cujo recto proceder tem sido apontado como modelo de virtudes. Foi o padre Pedro Vicente Ribeiro, notario apostolico, commissario do Santo Officio, e vigario d'esta freguezia.

Era natural da Mendiga (termo de Porto de Moz).

Parochiou esta freguezia durunte 57 annos, e n'ella falleceu em 1787, com 83 annos de idade.

Deixou as seguintes obras:

Despertador Pastoral, em dois pequenos tomos. Trata o primeiro das obrigações do ministerio sacerdotal, prégação e catechese; o segundo é destinado ao uso dos parochianos, e trata de mysterios e doutrina. Não chegou a ser impressa esta obra, posto fossem concedidas a seu auctor as necessarias licenças.

Epitome doutrinal, accommodado á capacidade dos pequeninos, por perguntas e respostas, dividido em seis exames.

Memorial das ceremonias que devem observar-se na parochial egreja de Turquel, com varias advertencias aos ecclesiasticos e irmãos do Santissimo, tudo conforme as rubricas e decretos pontificios, e auctores mais seguidos.

Relação exactissima da creação e presente estado da egreja de Nossa Senhora da Conceição da villa de Turquel, dividida em 18 titulos.

Estas duas ultimas obras, existem manuscriptas no cartorio da freguezia.

Álem do padre Pedro Vicente Ribeiro, havia então aqui mais seis ecclesiasticos, todos naturaes d'esta villa, dois dos quaes exerciam o ministerio de educadores da mocidade.

—

Ao sr. José Diogo Ribeiro, de Turquel, devo a curiosissima descripção d'esta villa, a qual hiria muito imperfeita, se não fosse a generosidade d'este distincto cavalheiro; pe-

lo que lhe dou os meus sinceros agradecimentos.

Se em todas as villas houvesse homens tão dedicados ás cousas da sua terra, com certeza esta obra seria mais completa.

Honra pois ao sr. Ribeiro, que tão brilhantemente se desempenhou da tarefa que generosamente se impoz.

TURREGIA — Vide *Regüengos*, ou *Villa Nova de Reguengos*.

TUY ou TYDE — É actualmente uma cidade episcopal da Galliza, na extremidade meridional da provincia (ou reino) d'este nome, situada na margem direita do rio Minho, mesmo em frente da nossa praça de Valença, e cujas povoações (Tuy e Vallença) vão em breve estar em communicação, por uma ponte, na estrada do caminho de ferro em construcção.

No tempo dos suevos, o bispado de Tuy, estendia-se por um vasto territorio da extremidade septentrional da nossa provincia do Minho, comprehendendo as seguintes povoações — *Turedo, Tabulela, Locoparre, Aureas, Longelude, Carisiano, Martiliana, Turonio, Collessantes, Turuea, Auxone, Sacria, Erbilone, Gaudea, Ovinia e Cortese.*

Todos sabem que no tempo dos suevos, e ainda muito depois, toda a região comprehendida entre os rios Minho e Lima, eram do bispado de Tuy.

D'aquellas 16 povoações, com nomes tão exoticos, não ha hoje o minimo vestigio. Umas, não existem, outras, ha muitos seculos mudaram de nome, e ignora-se hoje quaes os actuaes que lhe correspondem.

Consta, porém, de grande numero de documentos antigos, que *Tuy* ou *Tyde* ou *Tuyde*, era um antiquissimo castello da Lusitania, construido sobre um elevado monte, sobranceiro á margem esquerda do rio Minho. Não se sabe porém a situação exacta d'este castello — se é que elle existiu. — Pretendem uns, que fosse na freguezia de Gandara, do concelho e proximo (ao O.) de Valença. (3.º vol., pag. 257, col. 1.ª) Outros querem que fosse na immediata freguezia de S. Pedro da Torre; ao que não acho nenhum fundamento, porque não ha no seu districto, mais do que, do lado do rio, uma collina de mui pouca elevação; o mais é tudo planicie.

Se houve tal castello, o mais provavel é ter sido edificado no alto cabeço onde hoje vemos a nossa praça de Vallença, ou no môrro de *N. Senhora de Faro*; e é esta a opinião mais seguida.

O que é certo, é darem alguns documentos antigos, o nome de *Tuy Velha*, á villa de Valença do Minho.

Muitos auctores attribuem a construcção d'este castello, a Dionedes, rei da Etholia, MIL E OITENTA E UM ANNOS (!) antes do nascimento de Christo. (Vide 7.º vol., pag. 271, col. 2.ª)

Eis a razão porque menciono aqui uma povoação que não pertence a Portugal.

Diz-se que o Tuy portuguez, foi destruido em 985 de J. C., pelo truculento *Mohamet-Ibn-Aben-Hamir*, cognominado *o Almançor*, emir do kalifa de Córdova, *Hiscem*.

—

No dia 25 de julho de 1390, depois de uma tenaz resistencia, tomou o nosso D. João I, aos gallegos, a sua cidade de Tuy. Esta conquista, custou aos portuguezes mais do que valia; porque ao atravessarem o rio, de noite, erraram o váu, morrendo muitos afogados.

D. João I de Castella, para proteger esta praça, tinha mandado seu tio, o infante D. Diniz, filho de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro (que então se intitulou rei de Portugal) com muitos portuguezes traidores, e grande numero de castelhanos, invadir este reino, pela provincia da Beira; entrando ao mesmo tempo, pelo Alemtejo, os mestres das ordens, de S. Thiago, Alcantara, e Calatrava. Sobre Lisboa veio uma grande armada; e pela Galliza entrou um numeroso exercito, commandado por D. Ruy Lopes de Avalos, condestavel de Castella.

O grande condestavel, terror dos castelhanos, sahiu ao encontro do infante D. Diniz, que fugiu a toda a pressa para Castella.

Os trez mestres, mostraram-se mais chefes de ratoneiros, do que cabos de guerra; porque, depois de saquearem algumas povoações abertas, se recolheram a Castella,

mais ricos de despojos, do que de reputação militar.

A armada, não podendo impedir os soccorros que por terra vinham á cidade, e que pelo mar lhe vierám da cidade do Porto, levantou ferro, e foi para Cadix.

Avalos, sabendo que o nosso rei e o seu condestavel o esperavam, para lhe dar batalha, retirou com suas tropas para Castella, sem esperar os portuguezes.

A guarnição gallega de Tuy, confiada na fortaleza da praça e esperando tantos e tão grandes reforços que em seu soccorro marchavam de toda a parte, não só arrojava contra os portuguezes, toda a qualidade de projectis, e materias inflammadas, mas tambem as mais baixas injurias ao nosso rei e aos seus soldados.

Vendo, porém, que os esperados soccorros não chegavam, e que se tinham visto obrigados a fugir, pediram misericordia, e D. João I lhes perdoou, consentindo que sahissem sãos e salvos, mas desarmados.

Morrendo D. João I de Castella, em 1396, seu filho, D. Henrique III, assigna um tratado de paz com Portugal, e Tuy é restituida a Castella.

TUYAS ou **TUHYAS** — Vide *Thuias.*

TYRIOS—Vide *Phenicios*, que é o mesmo.

TYUFADO — port. ant. — O mesmo que *millenario.* O que presidiu a mil cavalleiros.

Estes corpos, de 1·000 homens, se acham no *Codigo Wisigôdo*, designados pela denominação de *Tyufadia;* e no *Fuero Juzgo*, com o nome de *Tyufa.*

Os *tyufados*, eram do numero dos que podiam julgar as causas, como os *duques*, *condes*, *vicarios*, *assertores de paz*, etc.

FIM DO NONO VOLUME